



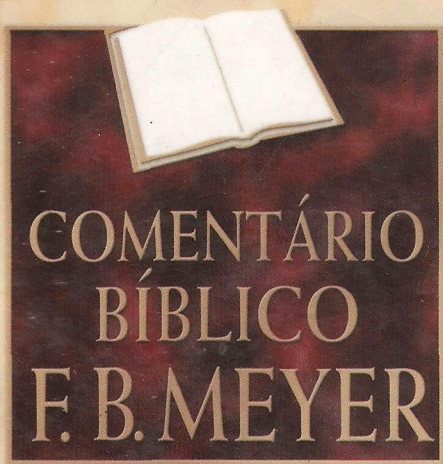
Editora
Betânia

NOVA CAPA



COMENTÁRIO
BÍBLICO
F. B. MEYER

Antigo e Novo
Testamentos



Como auxílio na preparação de mensagens,
apoio no estudo bíblico ou leitura devocional,
o *Comentário Bíblico F. B. Meyer* lhe dará
uma compreensão mais prática e
abrangente da Palavra de Deus.

A Bíblia é um livro para ser lido com o coração, mais do que apenas com a mente. E para que seu conteúdo penetre nossa consciência e toque a realidade daquilo que somos, é preciso estudá-la a cada dia, ainda que apenas uma pequena passagem.

O *Comentário Bíblico F. B. Meyer* tem a rara capacidade de aplicar, com unção e clareza, as verdades bíblicas à vida cotidiana. Segundo seu autor, "não existe apoio que se compare ao das Escrituras; nelas encontramos refrigério, disciplina, socorro, munição e também um antídoto para todos os males que atingem o homem contemporâneo".

A pessoa atarefada, o homem de negócios, a dona-de-casa, o estudante, o obreiro, o professor, o seminarista, o novo convertido, o cristão maduro – todos, enfim – podem encontrar aqui uma palavra do Senhor para aplicar a cada novo dia.

Editora  Betânia

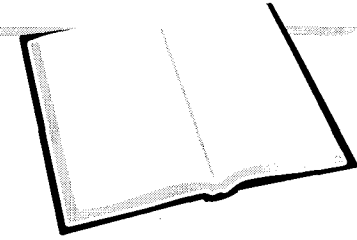
Leitura para uma vida bem-sucedida

Caixa Postal 5010 - 31611-970 Venda Nova, MG
www.editorabetania.com.br

ISBN 85-358-0064-6



9 788535 800647



COMENTÁRIO
BÍBLICO
F. B. MEYER

Velho
Testamento

Editora  Betânia

BELO HORIZONTE
2002

DO ORIGINAL
F. B. Meyer – *Bible Comentary*
© 1979 by Tyndale House
© 2002 by Editora Betânia

PUBLICADO ORIGINALMENTE POR
Tyndale House Publishers, Inc.
Wheaton, Illinois, EUA

TRADUÇÃO
Amantino Adorno Vassão

REVISÃO
Myrian Talitha Lins

CAPA
Inventiva Comunicação

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Editora Betânia

Ficha catalográfica elaborada por Ligiana Clemente do Carmo. CRB 8/6219

Meyer, F. B.

Comentário Bíblico / F. B. Meyer ; tradução de
Amantino Adorno Vassão ; revisão de Myrian Talitha Lins.
– 2. ed. – Belo Horizonte : Betânia, 2002.
776 p. ; 22 cm.

Título original: F. B. Meyer – *Bible Comentary*, c1979.
ISBN 85-358-0064-6

I. Título. 1. Comentário bíblico. 2. Estudo bíblico.

CDD 220.7

1ª EDIÇÃO, 1992

2ª EDIÇÃO, 2002

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435, Venda Nova
31570-000 Belo Horizonte, MG
Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG

PRINTED IN BRAZIL

MAZINHO RODRIGUES

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
PREFÁCIO	9
GÊNESIS	11
ÊXODO	39
LEVÍTICO	61
NÚMEROS	73
DEUTERONÔMIO	89
JOSUÉ	103
JUÍZES	115
RUTE	129
1 SAMUEL	135
2 SAMUEL	159
1 REIS	177
2 REIS	199
1 & 2 CRÔNICAS	221
ESDRAS	231
NEEMIAS	239
ESTER	247
JÓ	253
SALMOS	269
PROVÉRBIOS	333
ECLSIÁSTES	345
ISAÍAS	349
JEREMIAS	375
LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS	383
EZEQUIEL	385
DANIEL	391
OSÉIAS	401

JOEL	409
AMÓS	413
OBADIAS	421
JONAS	425
MIQUÉIAS	429
NAUM	435
HABACUQUE	439
SOFONIAS	443
AGEU	447
ZACARIAS	451
MALAQUIAS	457

INTRODUÇÃO

É muito necessário cultivar-se o hábito de ler *diariamente* uma porção da Palavra de Deus. Tal leitura deveria ser *consecutiva*, porque somente assim podemos manter um interesse contínuo. Ela pode ser ainda mais proveitosa se auxiliada por um intérprete que possa esclarecer o que talvez esteja obscuro, bem como sugerir aplicações da sua mensagem à vida diária.

Para atender a essa necessidade, este comentário bíblico oferece um estudo dos livros da Bíblia em porções curtas, acompanhadas de breves comentários devocionais. Nele estão incluídas todas as porções bíblicas mais indicadas para leitura diária, seja individualmente ou em grupos familiares. Iremos observar que o autor não analisa detalhadamente todos os parágrafos de todos os capítulos. Aliás um livro inteiro, Cantares de Salomão, não está incluído neste volume. Entretanto as passagens analisadas constituem uma boa amostragem dos livros estudados.

Como comentário de natureza devocional, ele é valioso porque omite pontos de interesse meramente erudito e focaliza a mensagem central de cada passagem bem como sua aplicação às necessidades diárias. Em muitos comentários há freqüentes referências a outros textos da Escritura, principalmente no caso de verdades do Antigo Testamento cujo cumprimento e interpretação se dão no Novo.

A experiência obtida por F. B. Meyer em seus longos anos de ensino da Bíblia a leigos, capacitou-o enormemente para escrever este livro — “uma das mais importantes obras de seu ministério mundial, pela voz, ou pela pena”, como declarou o primeiro editor.

Nosso anseio é que esta obra venha a provar-se de alto valor para professores de escola dominical e estudiosos da Bíblia em geral, promovendo também uma proveitosa leitura da Palavra em momentos devocionais familiares e particulares, e, por toda parte, aprofundando o amor por ela bem como uma inteligente compreensão do único Livro que pode proporcionar ao homem uma mensagem benéfica que atenda às necessidades de cada dia.

PREFÁCIO

A BÍBLIA ESTÁ CHEIA DA SABEDORIA DE DEUS. ELA É A PALAVRA DE DEUS. Devemos lê-la não apenas com a cabeça, mas com o coração. Sempre é bom fazer-se uma análise de seu conteúdo, mas, depois de fazê-la, precisamos dar tempo para que a sabedoria, o poder e a graça intrínsecas ao Livro e nele armazenadas impregnem nossa consciência. Portanto, é melhor estudar a cada dia uma porção mais curta de modo a dar-nos tempo para extrair do que lemos toda a sua seiva e essência.

Esse é o método seguido neste livro. Pessoas atarefadas, estudantes, homens de negócio, obreiros da escola dominical e teólogos, soldados e marinheiros, habitantes das montanhas e das planícies, vivendo à margem das grandes correntes da atividade humana, verão que as passagens selecionadas para leitura diária constituem um amplo repositório para proporcionar-lhes uma refeição diária da verdade, e, ainda assim, suficientemente profundas para proporcionar-lhes um estudo e interesse maiores.

Sempre me pareceu que, para se conhecer a Bíblia, a melhor coisa é lê-la de ponta a ponta, do começo ao fim. Somente desse modo podemos acompanhar a revelação do propósito divino, desde a sua aurora, no Gênesis, até o dia perfeito dos escritos de João. Dessa forma, obteremos uma visão cronológica de toda a extensão da revelação. Ler passagens diversas, sem conexão, ora poesia, ora história, ora doutrina, não favorece a que a mente obtenha um correto enfoque da verdade. Por esse método, ficamos sujeitos a concentrar-nos em umas poucas passagens já conhecidas, em vez de ouvir *tudo* o que Deus falou ao coração dos homens. Provavelmente, não há nada mais vital para um conhecimento acurado da Bíblia do que a boa e antiga prática de lê-la ponderada e regularmente e por inteiro, acompanhada de breves notas como as que este volume oferece.

Mas devemos lembrar sempre que o mais profundo conhecimento da Palavra nos vem da graça iluminadora do Espírito Santo. Peça-lhe que abra e desvende aos seus olhos os seus sagrados mistérios. Peça-lhe para revelar-lhe a glória do Senhor em cada capítulo. Peça-lhe para ajudá-lo a ler, a sublinhar, a aprender e a assimilar. Peça-lhe, por fim, para ajudá-lo a não

ser um ouvinte ou leitor esquecido, mas um praticante da Palavra. Atente para que sua leitura seja harmonizada com a fé que cobra de Deus o cumprimento, em sua experiência pessoal, de tudo que ele prometeu. Portanto, ao abrir a Bíblia, dia após dia, a oração mais salutar que podemos fazer é aquela das velhas e conhecidas palavras do salmista: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei”.

F. B. MEYER

O LIVRO DE GÊNESIS

*O Princípio da Raça Humana
e da Nação Escolhida*



1. DEUS E A RAÇA 1.1-11.26.
 - a. O princípio do mundo e do homem 1.1-2.25.
 - b. O princípio do mal e sua propagação 3.1-6.7.
 - c. A condenação e a renovação da terra 6.8-11.26.
2. DEUS E A NAÇÃO ESCOLHIDA 11.27-50.26.
 - a. A história de Abraão e seu filho Isaque 11.27-25.11.
(A descendência de Ismael, filho de Hagar) 25.12-18.
 - b. A história de Isaque e Jacó 25.19-35.29.
(A descendência de Esaú, que vendeu seu direito de primogenitura) 36.1-37.1.
 - c. A história dos filhos de Jacó, de José e seus irmãos 37.2-50.26.
 1. José é vendido para o Egito 37.1-36.
(O pecado de Judá) 38.1-30.
 2. O cativo de José no Egito 39-41.
 3. As viagens dos irmãos de José ao Egito 42-45.
 4. Jacó vai ao Egito. Ele e José morrem ali 46-50.

INTRODUÇÃO

O nome “Gênesis” é um termo grego que significa “princípio”, e foi escolhido por aqueles que traduziram as Escrituras, do hebraico para o grego. Essa versão se tornou conhecida como a “Septuaginta” (freqüentemente representada pelo símbolo LXX), porque consta que o número dos tradutores era setenta. Foi elaborada para atender aos judeus da “Dispersão” que habitavam no Egito e em outros países e que haviam perdido a familiaridade com a língua de seus pais.

A palavra “gerações” indica as sucessivas divisões do livro e o processo gradual pelo qual o propósito divino vai-se concentrando em uma linha especial de genealogia, caminhando para que o conhecimento de Jeová se dê através de Israel. Notemos essa palavra (ou termo semelhante) em 2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10, 27; 25.12, 19; 36.1; 37.2. Cada um desses versículos introduz uma nova seção, na qual são apresentadas as “gerações” ou a descendência da pessoa ali mencionada. As histórias de Ismael e Esaú constituem pequenas digressões que são logo abandonadas, e a narrativa retoma a linhagem da promessa através de Isaque e Jacó.

Gênesis é o primeiro dos cinco livros de Moisés, conhecidos como o Pentateuco e também intitulado “a Lei”. (Ver Lucas 24.44.) Os autores do Novo Testamento unanimemente atribuem a Moisés essa autoria. (Ver Mateus 19.8; Marcos 12.26; Lucas 16.31; João 5.46.) Mas, sem dúvida, ele incorporou à narrativa tradições sagradas, passadas de pai para filho desde os patriarcas, havendo indícios da mão de um editor, possivelmente Esdras.

COMENTÁRIO

GÊNESIS 1.1-5

Princípios. Todos os começos devem principiar com Deus. Ponhamos sempre Deus em primeiro lugar. A primeira pedra de cada construção, nosso primeiro pensamento todos os dias, os objetivos e propósitos principais de toda atividade devem ser dedicados a ele. Começemos o livro do ano com Deus, e assim chegaremos ao final dele com a glória da nova Jerusalém. A princípio, como na criação física, nosso coração e vida podem parecer “sem forma e vazios”. Não desanimemos. O Espírito de Deus está dentro de nós, pairando no meio das trevas e, oportunamente, sua luz brilhará. É a bendita presença do Senhor Jesus que se agita em nosso coração e, dentro em pouco, dirigirá nossa vida (Jo 1.4). A presença dele faz separação entre o bem e o mal. Precisamos distinguir entre Cristo e o ego. Sigamos o clarão e não andaremos em trevas, mas teremos a luz da vida. Os dias de Deus começam ao entardecer, e terminam sempre ao amanhecer.

GÊNESIS 1.6-19

Céu, Terra, Estações. Houve diversos estágios na criação. Os dias, provavelmente, representam longos períodos. Assim ocorre com a nova criação em nosso coração. (Ver 2 Coríntios 5.17.) Na natureza, as nuvens que flutuam acima de nós acham-se separadas das águas que estão a nossos pés; assim, na experiência cristã, devemos procurar saciar a sede não somente com a água que vem da terra, mas, também, com a de cima. (Ver Colossenses 3.1-4.) Nossos poços devem ser enchidos com água do céu. Notemos como na criação há diversas separações, como entre o dia e a noite, os mares e as terras; assim também, quando vivemos no Espírito, somos mais aptos para distinguir, não apenas o branco do preto, mas, também, as diferentes gradações do cinzento. O teste de vitalidade de uma planta é sua capacidade de se reproduzir em outra da própria espécie; nós estamos sempre nos reproduzindo em outros, e semeando trigo ou papoulas. Se Deus pode sustentar os sóis e pla-

netas em seu esplendor e beleza, então pode guardar-nos também (Is 40.26,27).

GÊNESIS 1.20-31

O Homem — A Coroa da Criação. Assim como um quadro revela seu autor, a criação revela a natureza de Deus. Seu poder eterno e sua divindade são visíveis em suas obras. (Ver Romanos 1.20.) E todas as coisas e seres foram feitos por meio de Jesus Cristo (Cl 1.15,16). As mãos do Filho de Deus teceram as cortinas azuis que estão por cima de nós e as encheu de grandes luzeiros. Os mares são seus; ele os fez e os encheu de criaturas vivas. As florestas são produto de sua mente, e ele as encheu de flores e pássaros. Ele os ensinou a viver sem preocupação. Ele encheu o pequenino coração da fêmea do passarinho de amor para com seus filhotes. A ele pertence o gado aos milhares, sobre as montanhas. Ele modelou o barro vermelho à sua própria semelhança e fez o homem. Nós fomos criados para ter domínio. (Ver o Salmo 8.6-8.) Peçamos a Deus para pôr todas as coisas debaixo de nossos pés, principalmente as coisas más de nosso coração. O mundo é bom, e, se formos bons, constataremos que assim é.

GÊNESIS 2.1-17

O Homem no Éden. A Inocência. Os três primeiros versículos pertencem ao capítulo anterior, como comprova o uso do mesmo termo, *Elohim*, para designar Deus. Deus descansou, não por fadiga ou exaustão, mas porque sua obra de criação estava concluída. Ele está sempre em ação; lembremo-nos de João 5.17. Nós entramos no seu descanso quando deixamos de preocupar-nos e, em vez disso, confiamos nele em tudo e por tudo. No quarto versículo, Moisés incorpora mais uma daquelas maravilhosas narrativas dadas por Deus e que foram transmitidas pelos lábios dos patriarcas. Isso é indicado pelo uso de um termo diferente para designar Deus — *Jeová Elohim*. A cada homem é confiado um jardim para zelar. A bondade de Deus não é desculpa para a preguiça. Só depende de nós que nosso coração e vida produzam ervas daninhas ou então flores e frutos.

Ponderemos acerca de Provérbios 4.23; 24.30,31.

GÊNESIS 2.18-3.8

O Homem e a Mulher. A Tentação. O amor é o melhor presente de Deus para o homem. Sem ele, nem mesmo o Éden seria um paraíso. O fato de Adão ser capaz de dar nomes aos animais, designando-lhes nomes sugeridos por alguma peculiaridade ou característica, demonstra sua real supremacia; e, na medida em que vivermos em Deus, essa supremacia é restaurada. (Ver Daniel 6.22; Marcos 1.13.) Mas, o que representa o poder sem amor, ou um trono sem uma consorte? Eva, portanto, foi-lhe dada para completar a felicidade do homem; tendo sido tirada do seu lado, como, depois, a Igreja o foi do lado aberto de Cristo. (Ver João 19.34 e Efésios 5.25.)

A seqüência da tentação é sempre a mesma: o tentador está do lado de fora; dentro de nós, o forte desejo de satisfação sensual, acompanhado da secreta esperança de que, de algum modo, as conseqüências possam ser evitadas. Os olhos estimulam o desejo; o desejo vence a resistência da vontade; o corpo obedece ao seu impulso; o ato de satisfação é seguido imediatamente pelo remorso e pela sensação de culpa. É aí, então, que precisamos do segundo Adão!

GÊNESIS 3.9-21

Adão e Eva Condenados por Deus. Deus não espera que Adão procure o caminho de volta, mas se apressa em procurá-lo. “Onde estás?” é traduzido em outra versão por “Ai de ti”.

Jesus enfrentou o tentador não num jardim, mas no deserto. Ele consentiu em ser tentado, mas, para todos que lhe obedecem, tornou-se espírito vivificante e autor da salvação eterna. (Ler 1 Coríntios 15.45 e Hebreus 5.9.) Não existe mais o castigo, pois ele o levou em seu próprio corpo na cruz. Paulo afirma isso em Romanos 5.14ss. Nossa inclinação para o mal é neutralizada por sua presença em nós por meio do Espírito Santo; assim nos ensina a Bíblia em Romanos 8.1-4. Ele faz com que Satanás seja pisoteado por aqueles que

confiam no Senhor. Essa é a garantia que ele nos dá em Lucas 10.19 e Marcos 16.17,18. Ele modifica todos os outros resultados do pecado. Por causa da dor, a mãe passa a ter grande amor pelo seu filho. O trabalho pesado é educativo e enobrecedor. A morte é a porta da vida. Onde abundou o pecado, superabundou a graça.

GÊNESIS 3.22-4.8

As Ofertas de Caim e Abel. Foi bom que o homem tivesse sido expulso do Éden. A comodidade deprime. O homem sai do Éden da inocência, do lar, da terra do seu nascimento, para transformar desertos em jardins e tornar-se um peregrino em demanda da permanente Cidade de Deus. Os anjos do amor proíbem a nossa volta. O céu está diante de nós; a cidade splende em luz no horizonte longínquo. (Ver outro texto sobre a árvore da vida em Apocalipse 2.7.)

O motivo íntimo do desumano ato de Caim é revelado em 1 João 3.12. Abel, profundamente consciente de pecado, sentia que era necessário um sacrifício; portanto, sua fé o salvou; por ela, ele se acha ligado a todos os que creem. (Ver Hebreus 11.4.) Caim não tinha senso de pecado e pensava que uma oferta de frutos seria o bastante. Mas o tempo todo o pecado estava à porta, de tocaia, esperando oportunidade para entrar. Vigiai e orai, para que não entreis em tentação!

GÊNESIS 4.9-26

A Existência de Caim. A primeira pergunta de Deus é: “Onde estás?” A seguinte é: “Onde está teu irmão?” Nós somos tutores de nosso irmão. Todos os que estão relacionados conosco, acham-se dentro de nosso círculo de conhecidos, ou necessitando de nosso auxílio, têm o direito de esperar algo de nós. Não devemos tirar vantagem deles. O seu bem-estar e o nosso são inseparáveis. Deus mantém um registro de seus santos e os desagrarará. Seu sangue clamará a Deus contra aqueles que lhes fizeram mal. No mundo há apenas um clamor mais forte que o deles: “O sangue de Jesus”. (Ver Hebreus 12.24.)

Nossos primeiros pais geraram uma numerosa família, e como esses descendentes se casaram entre si, uma grande população começou a povoar a primitiva sede da vida humana. Caim fundou uma cidade dedicada a tudo que atendesse ao prazer sensual. Esse foi “o caminho de Caim”, brilhante mas ímpio, longe da presença do Senhor (Jd 11).

GÊNESIS 5.1-24

A Descendência de Adão. Em contraste com a descendência de Caim, vista no capítulo anterior, neste temos a de Sete. Observemos a curiosa semelhança dos nomes nas duas descendências, como se os caimitas professassem tudo que os setitas sustentavam, faltando-lhes, porém, realidade e poder. Sempre existiram essas duas famílias no mundo — o joio e o trigo, os bodes e as ovelhas. Isso é um cemitério de um mundo antigo; nós caminhamos entre as velhas lápides com inscrições gastas pelo tempo. Embora os setistas fossem tementes a Deus, estavam marcados pelo pecado de Adão. Ele fora criado à imagem de Deus, mas esses traziam também a imagem deste último. “O que é nascido da carne, é carne.” Nós precisamos do que está descrito em Colossenses 3.10 e Efésios 4.23.

O nascimento de Metusalém parece ter exercido profunda influência em seu pai. Depois disso ele andou com Deus. A fé nos ajudará a fazer o mesmo, porque faz com que o invisível se torne visível e Deus se torne real. Sigamos no caminho de Deus. Mantenhamos no ritmo dele. Falemos com ele, constantemente, em voz alta, como a um grande Companheiro.

GÊNESIS 5.25-6.8

A Maldade do Homem. Quando nasceu um filho a Lameque, ele lhe deu o nome de Noé, que significa “descanso”. Ele esperava que o menino crescesse para participar do pesado esforço do trabalho diário e, assim, proporcionar-lhe algum alívio. Mas sua esperança foi prematura; ainda não foi dessa vez que veio o descanso. O dilúvio logo levaria de roldão as obras dos homens.

O mundo teria de esperar o verdadeiro doador de descanso que disse: "Vinde a mim".

Foi uma era de intensa impiedade, mas a linguagem com que é descrita é bastante obscura. Alguns entendem que "os filhos de Deus" eram anjos decaídos; outros, que os descendentes de Sete se uniram em casamento com as filhas de Caim. Mas o Espírito de Deus lutou com o homem e, embora fosse colocado um limite aos seus apelos, ele ainda procurou os homens com ansiosa advertência, até que recebeu a negativa final e se foi, decepcionado e triste. Ocorreu, então, uma considerável demora. O Espírito de Deus esperou 120 anos. (Ver 1 Pedro 3.20.) Mas ele não esperará para sempre (Lc 13.9).

GÊNESIS 6.9-22

Noé Constrói a Arca. O pecado humano havia atingido um terrível patamar de maldade. Mais cedo ou mais tarde, com certeza, seus efeitos teriam feito desaparecer a raça humana da terra, como um surto de varíola pode matar todos os nativos em uma ilha. Por meio do dilúvio, Deus apenas acelerou os inevitáveis resultados do pecado. Em meio à corrupção e à violência universais, um homem se destacava como um varão precioso à vista de Deus. Seu nome significava "descanso". Ele era justo para com os homens e "íntegro" ou sem mácula para com Deus; ele andava na companhia de Deus; seu ouvido estava pronto para detectar a vontade divina e sua mão apta para executá-la. "Pela fé Noé..." (Hb 11.7.) Assim é o caráter ao qual Deus revela seus segredos e com o qual ele faz suas alianças. Se vivermos assim, atravessaremos o dilúvio da morte para a vida ressurreta (2 Pe 2.5). Não somente seremos salvos, como salvaremos outros.

GÊNESIS 7.1-24

O Grande Dilúvio. Que angústia! Os homens subiram ao andar mais elevado de suas torres, depois escalaram as montanhas, mas as "gulosas" águas os seguiram, até que o derradeiro alcantil ficou encoberto e todos os seres vivos, com exceção dos que estavam na arca,

pereceram. Igualmente súbitos e inesperados serão os dias do Filho do homem. (Ver Lucas 17.26 e 2 Pedro 3.7.)

Mas, a mesma água que afoga outros homens apenas eleva o filho de Deus para mais perto do seu lar. As águas elevam a arca. Quando os mais altos refúgios de mentiras e orgulho são submersos e o panorama inteiro se mostra coberto de uma monótona extensão de perplexidade, Deus diz à alma: "Entre na arca". É como se ele estivesse dentro, e quisesse que nós entrássemos para gozar de íntima comunhão com ele. (Ver Salmo 27.5.) Quando Deus fecha uma porta atrás de nós, nenhum poder consegue arrombá-la, nenhuma chave é capaz de abri-la, nenhum pé-de-cabra pode arrancá-la.

Quanto à extensão do dilúvio vale a pena considerar Lucas 2.1-3. Tanto no Gênesis como em Lucas, as palavras "toda" e "todos" podem estar sendo usadas mais num sentido geral do que num sentido absoluto.

GÊNESIS 8.1-22

Noé Sai da Arca. Na tradição de todos os países do mundo, existem traços acerca do dilúvio, desde os tabletes da Babilônia até aos grotescos desenhos dos astecas, o que comprova a origem comum do homem. "Lembrou-se Deus de Noé." Ele não podia esquecer, porque fizera uma aliança com ele e com os seus. Embora possa haver muitos dilúvios em nossa vida, Deus não se esqueceu de nós. É mais fácil uma mulher esquecer-se de seu filhinho!

A janela de Noé estava voltada só para o alto. Ele não via as águas; por isso, enviava pássaros. A pomba e o corvo saíram pela mesma janela, assim como um filho de Deus e um filho transviado e teimoso podem provir de uma mesma família. Mas o primeiro não consegue achar satisfação naquilo que satisfaz o outro, e alça seu vôo de volta a Deus. (Ver Salmos 116.7.) Através da graça de Deus, Noé entrou no novo mundo — o mundo da ressurreição. Seu primeiro ato foi a oferta de holocausto de consagração, que foi imediatamente seguida pela promessa. (Ver Romanos 12.1,2.)

GÊNESIS 9.1-17

A Aliança de Deus com Noé. Quando a raça humana reencetou sua carreira, Deus a abençoou como no princípio. Deus está sempre conosco em nossos novos começos. A proibição quanto ao uso do sangue na alimentação é repetida muitas vezes. (Ver Levítico 17.10-12 e Atos 15.29.) Num sentido muito profundo, o sangue é a vida. Quando falamos de ser remido pelo sangue de Jesus, queremos dizer que fomos salvos por sua vida que foi sacrificada. O sangue faz a expiação pela alma. Mas, enquanto a vida animal podia ser usada para alimento ou sacrifício, a vida humana era protegida pelas mais solenes sanções.

Uma aliança é uma promessa ou um compromisso baseado em certas condições, tendo sempre um sinal ou penhor relacionado com ela. O arco-íris na nuvem, a ceia do Senhor, o anel de casamento são sinais e selos de suas respectivas alianças. Sempre que observarmos um arco-íris, lembremo-nos de que Deus prometeu que as águas de Noé jamais cobririam a terra, assim como ele nunca retiraria sua bondade. (Ver Isaías 54.9.)

GÊNESIS 9.18-29

Os Três Filhos de Noé. O pecado de Noé nos lembra como até o melhor dos homens é fraco e está sujeito a cair, mesmo depois das mais maravilhosas libertações. O amor pela bebida pode arrastar ao pó o pregador da justiça. Mas, se nossos irmãos pecarem, não façamos alarde nem mencionemos suas faltas, antes as cubramos com o manto do divino amor. Podemos aborrecer o pecado, mas procuremos restaurar alguém que tenha falhado, com espírito de brandura, recordando que nós também podemos ser tentados. (Ver Gálatas 6.1-4.)

As raças *semíticas* foram a fonte de luz e ensino religioso para o mundo. Deus foi sempre conhecido em suas tendas. Das raças *jaféticas* vieram os grandes colonizadores e povoadores do mundo, alargando suas fronteiras e participando dos privilégios dos semitas. Além disso, as idéias progressistas da

raça de Jafé, a qual, naturalmente, inclui a indo-européia, se espalharam pelo mundo todo. As raças *camitas*, das quais uma foi Canaã, sempre tenderam para baixo.

GÊNESIS 11.1-9

A Confusão das Línguas. Movidos pelo medo de outro dilúvio, embora Deus tivesse dado garantias do contrário, e impelidos pelo desejo de perpetuar seu nome e memória para as gerações vindouras, os descendentes de Noé começaram a edificar cidades na planície de Sinear — um fértil vale banhado pelos rios Eufrates e Tigre. Babel, Babilônia e a grande Babilônia — essa é a linhagem da apostasia que sempre fez oposição à Igreja de Deus, como uma sombra, a mover-se furtivamente ao longo do muro ao nosso lado. Babel contrapõe-se a Abraão; Babilônia, a Jerusalém, a grande Babilônia, à Noiva, a esposa do Cordeiro. "Retirai-vos dela, povo meu", é o grito que ressoa através dos tempos.

Deus desce para ver! Nenhum segredo está escondido dele. Todas as coisas estão descobertas e patentes aos seus olhos. A mesma *linguagem* se refere à pronúncia; a *maneira de falar* pode ser referência ao vocabulário. Deus tocou os *lábios*. Quando prevalece a desunião, segue-se a destruição. Mas o Pentecoste e o céu desfarão a confusão de Babel. (Ver Apocalipse 7.9.)

GÊNESIS 11.10-32

As Gerações até Abrão. A razão para a saída do clã de Terá, de Ur, é explicada em Atos 7.3. Ao que parece o pai de Abrão não estava disposto a deixá-lo ir só em sua longa peregrinação, e assim toda a família se deslocou ao longo do Eufrates até à famosa passagem de Harã. Não existia outro caminho mais fácil por meio do qual os viajantes pudessem encontrar a rota para Canaã. Mas Terá jamais ultrapassou aquele ponto, e foi só depois que o pai morreu que Abrão retomou a marcha (At 7.4). Acautelemo-nos para que os laços de afeições humanas não nos impeçam de dar plena obediência ao chamado de Deus.

A palavra *hebreu* significa "um que

atravessou". Aplicava-se particularmente a Abrão. (Ver Gênesis 14.13.) Pode ser que alguém esteja vivendo do lado do mundo, ainda sem atravessar para o lado de Deus, pela cruz. Atravesse, mesmo que você tenha de romper relacionamentos com pessoas muito queridas. Seja um dos que atravessaram, passando da morte para a ressurreição. (Ver Colossenses 3.1-4.)

GÊNESIS 12.1-9

O Chamado de Deus e a Promessa Feita a Abrão. As ordens divinas são sempre associadas com promessas. Observe os verbos conjugados no futuro do indicativo ("farei", "abençoarei", "engrandecerei", etc.) que aparecem aqui. Ele não apresenta razões, mas é generoso em suas promessas. A tônica da vida de Abrão foi *separação*. Ele foi-se separando, passo a passo, de seu país, dos parentes, de Ló, das alianças mundanas e dos expedientes carnisais, até abandonar tudo e ficar sozinho diante de Deus! Embora não soubesse para onde ia, o pai dos fiéis obedeceu e atravessou os extensos e perigosos desertos. Foi essa obediência absoluta e incondicional que fez com que fosse amado por Deus. Obedeçamos e partamos embora pareça que o que vamos enfrentar seja uma densa névoa. Quando pisarmos firmemente o chão da fé, veremos que ela é sólida. (Ler Romanos 4.16 e Hebreus 11.8.) Observe a combinação da tenda com o altar. Viver em tendas é a existência natural do homem cuja porção é Deus; e, onde ele armar sua tenda, erigirá seu altar.

GÊNESIS 12.10-20

Abrão e Sarai no Egito. É maravilhoso que o Espírito Santo nos permita acompanhar os sucessivos estágios pelos quais passou o pai daqueles que crêem para chegar à maturidade da fé. Nós todos tropeçamos quando iniciamos essa difícil caminhada. Mas Deus é paciente com seus alunos obtusos e os protege. (Ver Salmo 105.15.) Era certo que nenhuma arma forjada contra ele iria prosperar, nem a promessa de Deus podia falhar; mesmo assim, Abrão, com um procedimento indigno,

mesquinamente sacrificou Sarai a fim de se proteger. Esse desagradável incidente não teria ocorrido se o patriarca não tivesse descido ao Egito, comportamento que na Escritura é classificado como confiar na criatura. (Ver Isaías 30.1.) O Deus da glória, que o enviara, era responsável por ele em Canaã, mesmo com a fome prevalecendo. Ele devia ter ficado calmamente na posição para a qual Deus o havia chamado, deixando com o Todo-Poderoso provesse. Vivamos com Deus nas alturas, e jamais *desçamos* ao Egito.

GÊNESIS 13.1-13

Abrão e Ló se Separam. O patriarca, como um apóstata restaurado, regressou ao velho ponto no planalto de Betel, onde antes armara sua tenda e construía seu altar. Durante suas peregrinações tinha surgido um deprimente elemento de mundanismo em seu grupo, por efeito da presença de Ló que, como muitos mais, acompanhava a religião do tio, mas não tinha uma fé própria. Sentindo que a separação era inevitável e que Deus certamente cuidaria dele, Abrão ofereceu a Ló a chance de escolher primeiro. (Ver Salmo 16.5.) O rapaz escolheu de acordo com a vista. No seu modo de ver, ele ganhara o mundo — mas veja 2 Pedro 2.78. O mundo está cheio de Lós — superficiais, impulsivos, destinados a serem revelados por suas escolhas e objetivos. "Não haja contenda!" Bem-aventurados os pacificadores! Onde quer que os interesses da paz possam ser preservados por meio do sacrifício de nossos interesses pessoais, estejamos preparados para levar desvantagem; mas quando a verdade de Deus estiver em jogo fiquemos firmes como uma rocha.

GÊNESIS 13.14-14.12

Abrão em Hebron; Ló Levado Cativo. Ló levantou os olhos, buscando seus próprios interesses. Mas, quando o último dos seguidores dele abandonou o campo, Deus convidou Abrão a erguer os olhos, não para escolher, mas para ver o que Deus escolhera para ele. Primeiro precisa avaliar suas posses para depois, gozá-las. Somemos nossos te-

souros em Cristo e os usemos. Ló tentou agarrar tudo e acabou perdendo o que era seu. Abrão renunciou, e herdou tudo. Observe como é abundante a provisão de Deus. "Toda essa terra... *para sempre... como o pó... no seu cumprimento e na sua largura.*" Havia uma grande diferença entre o vale do Eufrates e Sodoma. Os pequenos reis confederados ousaram rebelar-se contra Quedorlaomer, que então veio contra eles como um furacão, e subiu o vale do Jordão carregado de despojos e levando Ló. Não podemos gozar das doçuras do mundo sem provar também suas amarguras. A separação é o único meio de se obter segurança e paz!

GÊNESIS 14.13-24

Abrão e Melquisedeque. Monumentos recentemente descobertos confirmam a narrativa acerca da confederação dos reis, mas não mencionam sua derrota. Abrão poderia tranquilamente ter deixado Jó colher o que tinha semeado, mas sua alma se compadeceu de seu fraco sobrinho cativo, e se dispôs a libertá-lo. Os homens de fé e oração ainda são os mais capazes de libertar os que são facilmente levados cativos pelo diabo. A fé subjuga reinos. O momento do sucesso é sempre um momento de perigo. O rei de Sodoma traiçoeiramente propôs que repartissem os despojos! Mas, como Abrão poderia depender exclusivamente do cuidado de Deus se enchesse seus bolsos da maculada riqueza de Sodoma?

Abrão tivera antes uma entrevista que o fortalecera. Melquisedeque era rei e sacerdote da tribo que habitava em Jerusalém. (Ler Hebreus 7.) Ele trouxe pão e vinho, e uma nova revelação do caráter do Deus no qual Abrão descansava sua alma. Que tinha ele a ver com Sodoma, ele que era filho de um Pai tão poderoso? Cristo sempre precede Satanás. (Ver Lucas 22.31.)

GÊNESIS 15.1-21

A Visão que Abrão Tem do Futuro. Abrão tinha boas razões para temer a vingança dos reis derrotados; mas a Voz divina o tranquilizou. Todos nós temos necessidade de uma proteção, porque

o mundo nos odeia. Nossa recompensa por todo sacrifício que tivermos feito será o próprio Deus. Recusemo-nos a pegar até as correias das sandálias de Sodoma, e Deus será nosso grandioso galardão. O patriarca se dirigiu a Deus como *Adonai Jeová*, expressão que só ocorre mais duas vezes no Pentateuco. Enquanto ele estava derramando a amargura de sua alma, as estrelas apareceram. "Conta as estrelas", falou-lhe seu Amigo todo-poderoso. "Será assim a tua posteridade." E ele "creu". É a primeira vez que essa poderosa palavra aparece nas Escrituras. O apóstolo Paulo explorou isso bastante em seus escritos. (Ver Romanos 4.9 e Gálatas 3.6.) Era como se tudo já tivesse acontecido.

Daí em diante o patriarca contou com a fidelidade de Deus. Nos tempos antigos as partes ratificavam uma aliança passando entre os elementos do sacrifício. Para proporcionar forte consolação, o Todo-Poderoso confirmou sua palavra com um juramento. (Ver Hebreus 6.17.) Mas Deus precisa esperar até que chegue a hora do cumprimento.

GÊNESIS 16.1-16

Ismael, Filho de Abrão. Pobre Hagar! Sua vida é cheia de contrastes! Comprada num mercado de escravos egípcio, mas destinada a ser a mãe de um grande povo! Ela foi a única que sofreu pelos erros e pecados dos filhos de Deus, mas foi abundantemente recompensada. Abrão fez-lhe um grande mal. A inteligência humana muitas vezes sugere um roteiro que parece correto aos nossos próprios olhos, mas o desfecho é a morte. Como é admirável o conselho do anjo a Hagar: volta e humilha-te! O filho de Deus também não procura muitas vezes esquivar-se da cruz? "Ah, se eu pudesse livrar-me dessa situação intolerável", clamamos. Mas Deus vem ao nosso encontro. Ele conhece nossa tendência para nos desviar do rumo certo. Temos de tomar a cruz e novamente sentar-nos no duro banco. Algum dia teremos permissão para seguir, mas não enquanto não tivermos aprendido perfeitamente a lição. Nesse ínterim, recebemos a garantia de que nossa vida será produ-

tiva, alcançando grandes resultados. Num instante carregado de espanto e alegria a jovem escrava descobrirá que Deus vê e ouve. (Observemos 2 Crônicas 16.9 e 1 Pedro 3.12.)

GÊNESIS 17.1-14

A Aliança de Deus com Abraão. Pelo menos treze anos haviam-se passado desde que Deus prometera um filho a Abrão pela primeira vez; anos de tristeza e correção. Mas Deus não tinha esquecido. Sempre, sob tais circunstâncias, a Voz eterna nos ordena que andemos na sua presença e sejamos perfeitos. Nossa submissão tem que ser completa, nossa obediência absoluta, nossa fé inabalavelmente firme naquele que promete. Só assim Deus pode cumprir sua parte na aliança, que inclui frutificação, a salvação de nossos familiares, a herança e a abundância de nossa reprodutividade espiritual.

Essas promessas foram feitas a Abrão sendo ele ainda incircunciso, quando ainda era gentio, provando que elas não estavam restritas apenas aos hebreus. (Ver Romanos 4.11.) Mas o rito era o sinal e o selo da aliança nacional com a raça hebréia. Espiritualmente, representa a separação do crente e, embora como rito religioso tenha existido somente dentro do judaísmo, seu significado espiritual é permanente. (Ver Colossenses 2.11.)

GÊNESIS 17.15-17

Isaque é Prometido. Há duas alusões ao riso nesses capítulos. O de Sara foi o riso da incredulidade (Gn 18.12). Mas o de Abraão foi o riso da certeza tranqüila daquele que confia em Deus. Ele encarava as dificuldades sem temor e depois se voltava para as promessas de Deus e não duvidava, antes se fortalecia, dando glória a Deus. Meditemos em Romanos 4.20,21. Por isso, obteve promessas para sua esposa, para Ismael e para a criança que ia nascer, e que havia de receber o nome de "riso", em parte por causa daquela hora e também porque ele traria alegria para a vida do velho patriarca.

Seu coração se apegara a Ismael. Observando aquele hábil e talentoso moço, pensava consigo mesmo: "Ele

vai conseguir manter o acampamento unido após minha partida". Mas a aliança divina não podia ser feita com um que tinha sangue escravo em suas veias e não iria habitar na casa dele para sempre. (Ver João 8.35 e Gálatas 4.22.) A aliança é sempre com Isaque.

GÊNESIS 18.1-15

Abraão Recebe Hóspedes Celestiais. Aqui a figura central é o Filho de Deus. Ele gosta de visitar os lares humanos. Foi sempre o seu desejo visitar o lar e o coração dos que o amam. (Ver Provérbios 8.31.) Abraão estava ciente de que o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, tinha vindo estar com ele. Os outros poderiam ver apenas três homens, mas ele reconhecia seu amigo divino, e dirigiu-se a ele como "Senhor Meu". E quando os dois anjos, sozinhos, prosseguiram viagem para executar sua terrível tarefa em Sodoma, ele entabou uma íntima conversa com a maravilhosa figura principal, que ainda permaneceu com ele.

Ele prestou-lhe um serviço pessoal, e Sara também fez o mesmo. Eles lhe deram o melhor que podiam — belo "tenro e bom". E o Senhor achou satisfação e descanso no amor deles. Mas lembremos que ele ainda está à porta e bate. Meditemos em João 14.23 e Apocalipse 3.20. Cristo conta seus segredos àqueles que ama. Seus oferecimentos e promessas são tão grandes que quase chegamos a rir de incredulidade, mas a pergunta do versículo 14 é respondida em Jeremias 32.17. Contemos com a fidelidade de Deus; ele não pode falhar para com os que nele confiam.

GÊNESIS 18.16-33

Abraão Intercede por Sodoma. Cristo tinha visitado a tenda de Abraão, mas fez mais do que isso. Confiou-lhe seus segredos, fazendo com que, quase inconscientemente, ele atingisse um grau de fé e oração muito mais alto do que ele já havia atingido. Parecia que era Abraão que estava guiando o Senhor de um ponto a outro, mas a realidade era que ele estava sendo conduzido para a frente. O amor de Deus e sua disposição de abençoá-lo excedia em muito a fé que Abraão possuía, e, as-

sim que ele achou que tinha ido até onde poderia ir, o amor divino foi mais longe e salvou Ló da catástrofe.

Sempre que penetramos nos domínios do amor e da compaixão encontramos as pegadas do Redentor. (Ver Hebreus 10.22.) No meio de todos os mistérios do governo moral de Deus devemos sempre crer que ele é justo e reto. Seu trono é circundado pelo arco-íris, mas está fundado em irrepreensível integridade! Como Abraão era humilde em sua auto-estima! Os que mais conhecem Deus não se tornam presunçosos por causa desse conhecimento, ao contrário, se consideram os mínimos entre os santos.

GÊNESIS 19.1-11

Os Anjos com Ló em Sodoma. Esse capítulo levanta o véu de sobre o ministério dos anjos. O Senhor dos anjos permaneceu com Abraão nas alturas. Ele também, em épocas futuras, teria de descer às Sodomas humanas para buscar e salvar os perdidos; mas naquela ocasião delegou essa tarefa aos anjos até chegar a plenitude dos tempos. A visita dos anjos foi devida à oração de Abraão. Quantas vezes os anjos se apressam em atender aos nossos queridos pelos quais oramos, àquele navio lutando na tempestade, àquela floresta densa e escura, àquele novo local de residência, às favelas da cidade pecaminosa! Há, nos Evangelhos, duas referências a essa cena, que mostram como o Filho do homem estava com seus olhos puros e santos atentamente fixos nela. Em Mateus 11.23,24, é como se ele conhecesse bem aquelas ruas e tivesse passado por elas alegremente, curando e salvando seu povo. Em Lucas 17.28, ele acrescenta mais alguns pormenores mostrando a descuidada indiferença dos que não levavam em consideração as advertências contidas na história de Gênesis 14.

GÊNESIS 19.12-25

A Destruição de Sodoma e Gomorra. Ló era um homem de personalidade muito fraca que o céu estava ansioso para resgatar. Embora a Bíblia refira-se a ele como um "justo", era um justo muito fraco. Ele fora armando sua tenda cada

vez mais perto de Sodoma, mas evidentemente fora incapaz de resistir às suas atrações e tinha ido morar dentro da cidade. Chega-se a ter a impressão de que ele se tornou um dos seus principais cidadãos. Em vista disso, seu testemunho em favor de Deus tornara-se inútil e sem valor. Até mesmo sua própria família tinha a impressão de que ele estava gracejando.

Como os anjos devem ter gostado dessa missão! Havia quatro pessoas a serem salvas e, eles, nas formas humanas que haviam assumido, sendo dois, contavam com um total de quatro mãos — uma para cada pessoa. Não é essa a tarefa da qual deveríamos todos participar? Apressemos os mais lentos! É fatal olhar para trás. Todo o nosso passado está repleto das lembranças de nossos pecados e falhas. Resta apenas uma esperança. Fugamos para a cruz do Divino Redentor! Abriguemo-nos na Rocha dos Séculos! Corramos para os braços abertos do Pai!

GÊNESIS 19.26-38

Ló e Suas Filhas São Salvos. Deus teve misericórdia de Ló por causa de Abraão. Contou-me um missionário que, numa carta para a mãe, narrou-lhe um episódio em que foi miraculosamente salvo de uma multidão enfurecida! Ao responder, ela citou um registro especial em seu diário, comentando que, exatamente naquelas horas ela estava diante de Deus, em total agonia de intercessão por ele. Ló foi salvo de Sodoma, mas levou Sodoma dentro de si. Foi salvo como que através do fogo, mas sua obra se queimou. (Ver 1 Coríntios 3.15.) Mesmo sua esposa poderia ter sido salva, mas o coração dela estava arraigadamente ligado à cidade.

Nas cidades modernas há indícios dos pecados que causaram a destruição de Sodoma. Testemunhemos contra eles, de modo a impedir a inevitável condenação. Judas nos fala que no destino dessas cidades temos um exemplo do fogo eterno. Tenhamos um lugar onde nos coloquemos na presença de Deus. Somente desse ponto elevado podemos aventurar-nos a ter uma visão do terrível castigo que o homem receberá por sua rebelião.

GÊNESIS 20.1-18

Abraão Nega Sua Esposa Novamente. É incompreensível essa queda de Abraão! Ele já andava com Deus havia tantos anos e fora libertado de tantas situações difíceis que seria de esperar que tivesse alcançado uma posição inexpugnável. Mas mesmo os melhores homens são apenas homens; e Deus, que nos conhece melhor do que nós mesmos nos conhecemos, lembra que nós somos pó. Muitas vezes, em sua providência, ele intervém para impedir as plenas conseqüências de nossos desacertos, desde que nosso coração seja realmente leal a ele.

As palavras “o ter impedido eu de pecares” constituem grande conforto para nós. Deus pode ter de castigar seus filhos por suas apostasias, mas não os deixará à mercê dos seus inimigos, nem permitirá que sua aliança se desfaça. Ele repreende reis por amor de seu povo. (Ver Salmo 105.14.) Algumas pessoas que estão fora dos nossos círculos cristãos exibem uma moral tão elevada, que chega a envergonhar-nos. Ela aparece inesperadamente nos caracteres mais improváveis, como aqui na repreensão de Abimeleque a Abraão. Foi terrível que ele tivesse de falar-lhe o que está registrado no versículo 9. Deus tem comunicação direta com tais homens, mas eles precisam de nossa oração e de nosso auxílio. (Ver os versículos 3 e 17.)

GÊNESIS 21.1-8

O Nascimento de Isaque. Deus é fiel. O céu e a terra podem passar, mas sua palavra não falhará. Talvez tenhamos que esperar até que tenham morrido todas as esperanças humanas, e então, “no tempo determinado” por Deus, nasce a criança. Abraão se riu quando recebera o primeiro aviso desse evento (Gn 17.17). Posteriormente, quando Sara ouviu a conversa entre seu marido e seus misteriosos hóspedes, ela riu por incredulidade (18.12-15). Mas agora, no gozo de tão demorada maternidade, achou que “Deus me deu motivo de riso” e, assim, deu à criança o nome de Isaque (que significa “riso”).

Ânimo! O Senhor preparou o riso

também para nós, e ele nos aguarda, alguns passos à frente, na jornada da vida. A luz é semeada para o justo, e a alegria para o reto. Ó você que está em aflição, ele assentará suas “pedras com argamassa colorida” (Is 54.11)! E, quando sua alegria chegar, goze-a. “Alegrar-te-ás por todo o bem que o Senhor teu Deus te tem dado.” Mas, nessas horas, pense carinhosamente nos outros, e não se esqueça de que, como Hagar, alguns podem estar-se sentindo frustrados pelo que lhe dá alegria!

GÊNESIS 21.9-21

Hagar e Ismael São Expulsos. Pobre Hagar! Ela pensava que havia dado a Abraão um herdeiro, mas, agora, via-se expulsa para a vastidão do deserto com seu filho. A água logo se acabou e ela nem imaginava que houvesse uma fonte ali tão perto. Clamemos a Deus; ele abrirá fontes no meio de nossos desertos. Por trás do doloroso destino de Hagar e seu filho o plano divino estava em execução.

O ensino da Escritura é o seguinte: nossa vida está sendo dirigida e nossos passos, preparados. Nós devemos nos preocupar somente em encontrar o caminho. Peçamos a Deus para abrir nossos olhos para que vejamos as fontes que há junto de nós, bem como o caminho que se abre à nossa frente. E, afinal de contas, para o rapaz o deserto não era um terreno de treinamento melhor do que o relativo luxo da tenda de Abraão? “E se tornou flecheiro.” Teria sido melhor para Isaque se ele tivesse tido algum contato com a vida do deserto. O Espírito Santo, por intermédio de Paulo, dá o significado mais profundo desse incidente, em Gálatas 5.1. (Ver também João 8.36.)

GÊNESIS 21.22-34

Abraão e Abimeleque Fazem Uma Aliança. Abimeleque estava impressionado com a crescente prosperidade de Abraão. Ele sentia que aquilo não podia ser explicado em bases meramente naturais. “Deus é contigo em tudo o que fazes.” Assim procurou garantir seu próprio bem-estar e o de seu reino estabele-

cendo o tratado de amizade. Abraão imediatamente deu a entender que, conquanto disposto a conversar com ele, precisavam ter um entendimento claro acerca de uma certa injustiça que sofrera. Como o Senhor iria ensinar depois, ele mostrou a Abimeleque seu erro numa conversa particular apenas entre os dois (Mt 18.15). A questão foi logo resolvida, pela franca desaprovção do rei à ação dos seus servos. Em lugar de documentos escritos, as sete cordeiras constituiriam um sinal e uma prova perpétuas de que Abraão era dono do poço, daí em diante conhecido como Berseba, “o poço do juramento”. A tamargueira foi o segundo desses comprovantes. Onde quer que o crente habite ele deveria orar, deixando atrás de si sempre árvores e poços.

GÊNESIS 22.1-13

Abraão se Dispõe a Oferecer Isaque em Holocausto. A fé deve ser provada. Somente ante a provação ela revela sua força ou é capaz de realizar o impossível. Satanás nos tenta visando a produzir a impiedade; Deus nos prova para que exercitemos o que temos de mais alto e de melhor. Deus acompanhou seu servo por todo o caminho, e ele alcançou uma íntima comunhão com o Senhor, mais íntima que qualquer outro membro da raça humana. Morirá era uma miniatura do Calvário, onde Deus não poupou seu único Filho.

A obediência de Abraão foi imediata. Ele se levantou cedo, de madrugada. Foi exata. Foi executada em espírito de culto. Foi contagiosa, porque Isaque usou, falando ao pai, a mesma expressão que este usara para com Deus: “Eis-me aqui”. Evidentemente ele não tinha necessidade de informar Sara sobre o objetivo da jornada, já que estava perfeitamente seguro de que a promessa divina não podia falhar. Ele disse aos seus servos: “... voltaremos para junto de vós”. Se chegasse a ser necessário, ele sabia que Deus o ressuscitaria dentre os mortos (Hb 11.19). Isaque perguntou: “Onde está o cordeiro?” João Batista dá a resposta em João 1.29.

GÊNESIS 22.14-24

A Promessa Selada com um Juramento. Foi somente no último instante que o cordeiro foi mostrado e houve a substituição. Só quando chegamos ao monte do sacrifício é que vemos o livramento de Deus. Só quando Faraó já tinha quase alcançado Israel foi que se abriu um caminho através do mar Vermelho. Foi pela madrugada que Jesus veio andando sobre a água. O anjo libertou Pedro pouco antes da hora da execução. Deus nunca chega um instante mais cedo ou um instante mais tarde. Que profusão de bênção!

Quando tivermos obedecido a Deus ao máximo e o glorificado mesmo em meio ao fogo, não haverá limites para nossa frutificação nem para a prosperidade que teremos. Deus põe sua chave nas mãos da fé que confia inteiramente nele, dizendo: “Tire o que quiser”. Não esqueçamos que, como filhos de Abraão pela fé, somos herdeiros dele e podemos, reverentemente, exigir nossa participação nessas gloriosas promessas. (Ver Gálatas 3.9.)

GÊNESIS 23.1-20

Abraão Compra Uma Sepultura. A morte é uma lembrança constante de que este mundo não é nosso lar. Temos de confessar que nada mais somos que estrangeiros e peregrinos na terra. Embora o país inteiro, por um ato e dádiva de Deus, pertencesse a Abraão, não tinha havido ainda a transferência; daí a necessidade dessa compra formal com todas as solenes formalidades dos vagarosos orientais. A insistência de Abraão em comprar esse túmulo, e o cuidado com que as negociações foram encaminhadas mostram que ele estava convencido de que seus descendentes haveriam de vir àquela terra e possuí-la. Era como se sentisse que ele e Sara ficariam ali esperando a volta de seus filhos e dos filhos de seus filhos. (Ver também Gênesis 49.29,30.) Do mesmo modo, os túmulos de mártires e de missionários, que tombaram no cumprimento do dever, constituem os silenciosos postos avançados que mantêm a posse daquelas terras para Cristo, as-

sim como os túmulos dos santos esperam o Segundo Advento.

GÊNESIS 24.1-9

À Procura de Uma Esposa Para Isaque. É por demais importante que os filhos do povo de Deus se casem somente no Senhor. (Ver 1 Coríntios 7.39.) Os que vivem em comunhão com Deus podem, confiantemente, contar com seu auxílio nessa questão. O casamento deveria ser objeto de profunda preocupação e muita oração, tanto da parte dos pais dos noivos como dos próprios noivos. Não admira que tantos casamentos terminem em frustração e maldição quando são entabulados tão leviana e impensadamente!

Nesse pitoresco capítulo podemos achar uma íntima analogia com a obra do Espírito Santo, que veio na era presente procurar uma esposa para o Filho de Deus; a saber, a Igreja que ele está recolhendo no mundo. Há sempre a possibilidade de que a princípio o homem não se mostre disposto, mas ele, com seus irresistíveis argumentos, ainda insiste, como veremos.

GÊNESIS 24.10-17

Rebeca Encontra o Servo de Abraão. Quando iniciamos um novo dia, ou um novo empreendimento, é sempre sábio e correto orar pedindo o auxílio divino. Orar não é perda de tempo. O segador ganha tempo quando pára para afiar sua foice. Eliezer tinha cultivado um sincero respeito para com a fé de seu amo e sentia que seu nome tinha aceitação certa junto a Deus. Quanto mais podemos nós pedir em nome de Jesus (Jo 14.13).

Que concentração de circunstâncias divinamente dirigidas caracteriza esse evento! Abraão planeja; o servo ora e aguarda esperançosamente; o Anjo de Deus guia; os próprios camelos pacientemente se ajoelham junto ao poço, como se já soubessem que os bebedouros seriam cheios; a moça chega na hora exata! É dessa maneira que toda a nossa vida diária podia ter o clarão da presença e auxílio de Deus. Essas coisas acontecem, mas infelizmente nossos olhos estão vendados!

GÊNESIS 24.28-49

O Servo de Abraão Cumpre Sua Missão. Esse digno homem foi quase exagerado nas referências ao seu senhor. Observemos o número de vezes em que ele dá um jeito de introduzir essas duas palavras — “meu senhor”. Ele coloca a missão de que estava encarregado antes mesmo de sua necessidade de alimento, e narrou sua história numa cristalina torrente expositiva da mais alta eloquência. Essa identificação de seu pensamento e palavra com os interesses de seu senhor contém muitos ensinamentos para nós. Ele não conseguia falar de outra coisa, ansioso apenas em não fracassar por causa de Abraão, e viu a resposta favorável como uma bondade mostrada para com aquele que ele representava. Nós também somos chamados a ser embaixadores de Deus, como se ele rogasse aos homens por nosso intermédio. Se estivermos no caminho da vontade de Deus, podemos estar certos de que o Senhor não somente nos conduzirá, mas o fará “por um caminho direito”, e preparará para nós, aonde quer que formos, uma recepção carinhosa.

GÊNESIS 24.50-67

Rebeca se Casa com Isaque. Os parentes de Rebeca reconheceram a mão de Deus no que tinha acontecido e não podiam objetar. A própria moça não foi consultada, pois esse era o costume oriental, mas sua prontidão para partir sem demora, no dia seguinte, deixa claro que seu coração fora conquistado. Essa resposta favorável fez com que Eliezer se prostrasse com ações de graça. Será que estamos sempre tão ansiosos para louvar como estamos para orar? Os preciosos presentes com que a família inteira foi enriquecida nos lembra os dons e graças com que o Espírito Santo, o Cortejador Divino, enriquece a alma daquele que aceita seu convite para render-se ao Divino Mestre, Cristo. Quando seus amigos lhe sugeriram um adiamento para a partida, Rebeca não lhes deu ouvidos. Adornada com suas jóias, a moça desejava muito ver o noivo pessoalmente. Sua decisão, “Trei”, encerrou o assunto. O

antegoço de nossa herança espiritual aumenta nosso anseio de ver e estar com aquele que, não tendo visto, amamos.

GÊNESIS 25.1-18

A Morte e o Sepultamento de Abraão. Abraão foi, durante dezesseis anos, contemporâneo de seus netos Esaú e Jacó; então morreu sem que fosse dono de um só metro de terra, a não ser a caverna pela qual ele havia pago, como faria qualquer forasteiro. Mas tudo era seu. Ele estava certo da fidelidade de Deus e, decididamente, buscava a cidade que tem fundamentos. (Ver Hebreus 11.10.) Morreu em “ditosa velhice”. Os que o haviam conhecido em Ur podiam ter considerado sua vida um tremendo fracasso ou ter dito que ele era um fanático que sacrificara tudo por nada. Mas ele estava satisfeito.

Ele foi “reunido ao seu povo” — essa frase não se refere ao corpo, porque seu povo estava muito longe dali, no outro lado do deserto, mas ao reconhecimento e às boas-vindas que o esperavam no outro lado da morte. Seus filhos, Isaque e Ismael, diferiam bastante um do outro. Um, dedicado à vida pastoral, habitava junto aos poços, enquanto o outro vivia sustentado por sua forte mão na vastidão do deserto. Mas eles se encontraram unidos por um respeito e tristeza comuns aos dois. Nascimento e mortes unem as famílias.

GÊNESIS 25.19-34

Jacó e Esaú, Irmãos Gêmeos. No pensamento daquele tempo, quem tinha o direito de primogenitura detinha também a liderança espiritual da tribo. Ser o sacerdote da família, situar-se entre o Altíssimo e o resto da família, receber as comunicações divinas e executar a vontade dele, e pertencer à linhagem do Messias — esses eram alguns dos privilégios associados a essa posição. Tais privilégios nada eram na opinião de Esaú, e ele se sentia muito satisfeito em desfazer-se de tudo o que implicavam, se somente pudesse obter a satisfação imediata dos apetites. A fumegante fragrância do cozinhado vermelho era agradável às narinas do faminto caçador.

Nós todos já passamos por semelhante experiência. De um lado, nosso respeito próprio, nossa verdadeira vantagem, nosso Deus; do outro, o desejo exaltado gritando: “Dá, dá”. Tenhamos muita cautela em ocasiões como essas. Senão podemos dizer uma palavra ou praticar uma ação que determinarão nosso futuro, e, como Esaú, não acharemos saída para a sorte já lançada. (Ver Hebreus 12.16,17.)

GÊNESIS 26.1-17

Isaque é Abençoado e Enriquece. Não houve mal algum no fato de Isaque ir a Gerar, visto que ele tinha uma ordem definida nesse sentido (vv. 2,3). Mas parece que ele não era suficientemente forte para suportar o teste de residir ali. Ele podia ter recebido em sua alma aquela graça suficiente que está sempre ao alcance dos homens tentados; mas, como muitos de nós, olhou para baixo e não para cima. O que poderia ter sido mais tranqüilizador do que a promessa da presença e da bênção divinas? Mas ele cometeu uma incrível baixa para com a mulher que viera de tão longe para ser sua esposa, e enganou Abimeleque.

Notemos como os pecados dos pais se repetem nos filhos! Foi uma decepção queda, após a gloriosa culminância que alcançara quando se submetera ao chamado divino no monte Moriá! Mas nós já experimentamos os mesmos contrastes dentro de nós mesmos. Num momento, no monte da transfiguração, pedindo para morar nele, e, no momento seguinte, no vale, disputando preeminência. Mas, apesar disso, a benignidade de Deus não falha. (Ver o versículo 12.)

GÊNESIS 26.18-35

Os Poços de Isaque e a Aliança. É interessante observar Isaque nessa atividade — cavar poços. Cavemos, também nós, poços, e façamos brotar ribeiros que serão bênçãos para outros muito depois de termos ido para o céu. O primeiro poço foi Esequé — “contenda”. O segundo, Sitna — “ódio”. O terceiro, Reobote — “espaço”. Muitas vezes a vida humana é assim; até que termina com Seba — “juramento ou aliança”. Mas,

mesmo a tranqüilidade aparente que a vida pode atingir como resultado das lutas de fases anteriores, pode ser interrompida pela ansiedade e provação causadas pelos filhos ou netos. O casamento de Esaú trouxe atrás de si inúmeras perturbações. E a amargura de espírito enche nossa vida de espinhos.

Os filhos devem tomar cuidado para que não cheguem a causar sofrimentos desnecessários àqueles que os amam. Aquele que magoa corações ternos e fiéis, não está apto para receber a bênção de Deus. Assim que uma alma desgarrada volta a Deus, até seus inimigos se reconciliam com ela, e assim pelo menos ela fica a salvo do rancor deles. (Ver Provérbios 16.7.)

GÊNESIS 27.1-17

Rebeca Planeja Enganar Isaque. Esse capítulo narra um triste episódio na história da família escolhida. Esaú é o único caráter que provoca a simpatia geral. Isaque parece ter-se afundado numa senilidade precoce. Chega a ser difícil acreditar que aquele que carregou a lenha para o holocausto no monte Moriá, e se havia submetido de forma tão absoluta à vontade divina, viesse a tornar-se tão forte sensualista. Para ele, agora, só importava a satisfação dos sentidos. Talvez isso fosse devido à sua prosperidade e à vida tranqüila que levava. Afinal de contas, é melhor ter uma vida intensa, com sua difícil escalada, do que descansar na indolência do vale.

O direito de primogenitura já havia sido prometido a Jacó, e ele não precisaria buscá-la por meio de fraude. E Rebeca também agiu erradamente ao enganar o marido, mostrar parcialidade em relação aos filhos e agir indignamente. Quem poderia esperar que de uma família assim Deus iria levantar os líderes religiosos do mundo! Um dia, Faraó iria desejar ser abençoado por aquelas mãos fraudulentas.

GÊNESIS 27.18-29

Jacó Usurpa a Bênção de Esaú. É melhor não tentar justificar Jacó por esse ato de traição. Mas podemos aprender a profunda e proveitosa lição de que se

Deus pôde produzir um santo com tal material, também pode tomar nossa vida com todos os seus pecados e falhas e usá-la para sua glória.

Notemos como uma mentira conduz a outra! São muito poucos os que se enveredam pelo caminho da fraude e que ficam só na primeira mentira; e como é terrível acrescentar à mentira uma blasfêmia, como quando ele disse que Deus mandara a caça ao seu encontro. Lutero se admira de que Jacó tenha tido o descaramento de fazer aquilo, acrescentando: "É muito provável que eu saísse correndo apavorado e deixasse o prato cair".

Rebeca conservava as roupas de seu filho bem perfumadas com as plantas aromáticas da Palestina, e seu odor despertou a poesia adormecida e o calor do velho pai. Ele as comparou a um campo do Paraíso, cheio da doce presença de Deus. Estejamos atentos para que, aonde quer que formos, levemos a fragrância de Cristo. (Ver 2 Coríntios 2.15.)

GÊNESIS 27.30-45

A Tristeza e a Ira de Esaú. Evidentemente, Esaú percebeu o valor da bênção do direito de primogenitura que ele encarrara com tanta leviandade. Seu brado alto e amargo expressava a angústia de alguém que desperta e constata que perdeu o *melhor* em troca duma bagatela. Mas, naturalmente, ele estava sendo obrigado a manter seu trato original com Jacó.

Todos nós temos experiências semelhantes em nossa vida quando, sob o domínio das más paixões, damos um passo irrevogável, e ele afeta todo o nosso futuro. Não há "lugar para arrependimento" — isto é, não há a menor condição de alterar o efeito decisivo daquele ato. (Ver Hebreus 12.17.) Podemos obter alguma bênção menor e inferior, como ocorreu com Esaú, recebendo alguma coisa da riqueza da terra e do orvalho do céu, vivendo da espada e, afinal, depois de longos anos, sacudindo o jugo de nosso pescoço. Mas nunca chegaremos a ser o que poderíamos ter sido! Nunca poderemos desfazer aquele momento em que se meamos na carne. (Ver Gálatas 6.7,8.)



GÊNESIS 27.46-28.9

Jacó é Mandado Embora de Casa. Esaú adiou a execução do seu propósito assassino para depois da morte de seu pai que supunha ele, seria em breve. Mas depois disso Isaque ainda viveu quarenta anos. No entanto, seu propósito secreto chegou ao conhecimento de Rebeca. (Ver Provérbios 29.11.)

A justificativa que Rebeca apresentou a Isaque para a expatriação de Jacó não era legítima. Ele foi enviado a Padã-Arã, mas não primeiramente para arranjar uma esposa, e sim, para fugir de seu irmão. Essa constante duplicidade não seria a razão para Rebeca sentir-se "aborrecida" da vida? Parece provável que ela nunca tivesse voltado a ver de novo seu filho predileto.

Antes de Jacó deixar a tenda de seu pai, este repetiu para ele a bênção dada anteriormente, ampliando-a mais. Embora devesse sentir-se triste ante a inevitável separação, no céu brilhava a estrela da esperança convidando-o a ir em frente. Era necessário que fosse afastado da influência de sua mãe e levado a um mundo mais amplo, onde, através da dor e das frustrações, ele se tornasse um príncipe de Deus. Muitas vezes nosso ninho se rompe para que aprendamos a voar.

GÊNESIS 28.10-22

A Visão de Jacó em Betel. Esse é o "capítulo da escada", no qual vemos um homem pecaminoso e fraco mantendo comunhão com o Deus Eterno que nos ama, apesar da nossa indignidade, e que deseja encaminhar-nos a uma vida de poder e bem-aventurança. Tudo isso é maravilhoso! Observemos o "eis" repetido (vv. 12 e 15).

Pôr-do-sol. A aproximação rápida da noite oriental o alcançou num terreno desabrigado e Jacó não teve outro jeito senão dormir ao ar livre, em céu aberto. Mas dormiu para ver! *Noite.* Existe, entre o céu e a terra, um caminho aberto para cada um de nós. O movimento das marés e a circulação do sangue não são mais regulares do que a comunicação entre o céu e a terra. Jacó pode ter pensado que Deus estava num lugar só; agora constatava ser ele onipre-

sente. Cada lugar aonde fosse era sua casa, cheia de anjos. *Manhã.* O culto, a consagração, os juramentos de Deus. Tomemos posse das promessas de Deus. Ele fará mais do que prometeu. Chegaremos à casa de nosso Pai em paz.

GÊNESIS 29.1-20

Jacó na Casa de Labão. Quando estamos confiantes em Deus, recebemos a força que nos ajuda a correr "com perseverança a carreira que nos está proposta". Os passos de um homem bom são ordenados pelo Senhor, e nós temos uma garantia especial de sua orientação em nossas alianças matrimoniais — o mais solene e importante de todos os passos humanos. Raquel possuía muitas qualidades boas que fariam dela uma boa esposa. Sua humildade e atividade, sua paciência entre os pastores grosseiros, a pressa em partilhar sua alegria com o pai — tudo isso despertou o amor de Jacó.

Que toque de poesia, tanto do velho mundo quando do novo, nas palavras do versículo 20! Quando o amor é soberano, o tempo é curtíssimo, o trabalho nunca é pesado, a distância nunca é longa; não há sacrifício impossível! Ah, se amássemos o Senhor assim de modo que os fardos da vida pudessem parecer leves e durar apenas um instante, tanto para um trabalho missionário que passasse longos anos no campo como para um inválido condenado a uma vida de dor!

GÊNESIS 29.21-35

Jacó se Casa com Lia e com Raquel. A principal lição desse parágrafo é a sua ilustração da terrível punição que acompanha as más ações. Qualquer pessoa que pensa pode observar os acontecimentos da história e da experiência e percebe que já estamos perante o tribunal de Deus, e que as sentenças dele estão em processo de execução. Jacó entrou o pai e, ele mesmo, acabou sendo enganado. "Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também."

Quantas decepções temos na vida! Pensamos que vamos receber Raquel, e, vejam! ela é substituída por Lia. Mas,

no fim de seus dias, Jacó se referiu a Rúben como a sua força (49.3), primícias de sua altivez e excelência. Os nomes dos filhos de Lia lembram as bênçãos que vêm através de profundo sofrimento. Mas há grandes compensações para as Lias deste mundo. Deus se lembra delas e as ouve. Abandonadas e sofridas, elas vivem de novo na vida daqueles que geraram, natural ou espiritualmente.

GÊNESIS 30.1-24

Os Filhos Nascidos a Jacó. Os pormenores desse trecho são apresentados com grandes detalhes porque dizem respeito aos doze filhos de Jacó, os ancestrais do povo de Israel. Afinal de contas, a história é feita nos quartos de criança, e nós somos o que nossas mães fizeram de nós nos anos de formação. Como diz um velho provérbio espanhol: "Cem gramas de mãe valem o mesmo que meio quilo de clérigos". A influência de Lia sobre seus filhos, a julgar pela vida que eles tiveram depois, não foi algo muito positivo. E mais ainda, sendo Jacó como era, as chances de eles realizarem os mais altos ideais eram mínimas.

A angústia de coração que Raquel sentia levou-a a orar com fervor. Compare os versículos 1 e 22. Esperem em Deus, aqueles que estão angustiados; mais tarde, sem dúvida, terão razões para louvá-lo. Não valeu a pena esperar para dar à luz um José, cujos galhos, como bênçãos, iriam estender-se sobre os muros? Há mais compensações na vida do que pensamos. Se Raquel tinha o amor de seu marido, Lia tinha muitos filhos homens. Mesmo nas vidas mais tristes há lampejos de felicidade.

GÊNESIS 30.25-43

Os Rebanhos de Jacó Aumentam. Pouco há nessa história que seja elogioso para Jacó, e entre ele e Labão não há muita diferença. São bem dignos um do outro, com uma ressalva, Jacó superava o outro em astúcia. O herdeiro das promessas (Jacó) age para com o filho deste mundo (Labão) de maneiras que os homens mais honrados se recusariam a adotar. Chegamos a nos sentir inclina-

dos a apiedar-nos de Labão, que nunca vira uma escada com anjos, nem participara das grandes promessas que cercavam a vida do seu sobrinho. Ele confiou nesse homem da tribo escolhida, mas foi lamentavelmente enganado.

Mas não há muitos que professam ser cristãos e que estão representando hoje, o papel de Jacó? Ocupando elevadas posições no mundo religioso, rebaixam-se a práticas das quais os homens do mundo não lançariam mão. Depois disso, não sabemos mais muita coisa acerca de Labão, mas Jacó está destinado a passar através do fogo das provações, por meio do qual a escória será consumida e sua alma ficará branca e pura.

GÊNESIS 31.1-21

Jacó Deixa Labão. Jacó possuía um misto de atitudes que é muito interessante. Tinha uma natureza profundamente religiosa e mantinha íntimo relacionamento com Deus. (Note os versículos 3, 5 e 7.) Mas ao mesmo tempo desvirtuou grosseiramente seu relacionamento com Deus quando apresentou às esposas as razões pelas quais propunha a fuga. (Observe os versículos 9 a 13.) É assim que a carne e o espírito lutam em nós pelo domínio do nosso ser, e só podemos alcançar a supremacia do espiritual e do divino quando a graça de Deus entra em nosso coração (Gl 5.17).

Aquela partida secreta foi um ato muito indigno e desonroso para o herdeiro da promessa. A ordem para voltar viera de Deus, e ele é responsável por aquilo que ordena. Além disso, não tinha o Todo-Poderoso prometido guardá-lo onde quer que fosse? (Ver 28.15.) Quando estamos realizando o plano de Deus, podemos confiar nele de forma absoluta.

GÊNESIS 31.22-42

A Disputa Entre Labão e Jacó. Esses capítulos nos proporcionam uma notável visão da paciência de Deus. Ele sabia o que havia no coração de Jacó, e podia ver toda a sua fraqueza e fraudulência. O Senhor conhecia bem todos os pensamentos do seu coração e palavras de sua língua. Mesmo assim,

Deus lançava o manto de perdão e defesa sobre pessoa tão indigna, ordenando a Labão que não lhe falasse, nem bem nem mal. Aliás em Números 23.21 há o seguinte: "Não viu iniquidade em Jacó, nem contemplou desventura em Israel!". Não que o santo Deus fosse alheio aos maus traços de seu filho, mas ele se recusava a ficar contemplando-os ou a desistir de seus propósitos de graça. Raquel levou consigo secretamente os terafins (as imagens das divindades domésticas), que iriam causar males no lar deles em anos posteriores, como veremos. O "Temor de Isaque" (v. 42) estava nos lábios de Jacó, mas havia muito pouco dele em seu caráter.

GÊNESIS 31.43-55

A Aliança Entre Jacó e Labão. Em nossos dias, os contratos são registrados em papel, de modo que haja uma evidência documental escrita para provar que esses acordos realmente foram feitos. Naquela época (a arte da escrita estava limitada a uns poucos) o mesmo objetivo era alcançado pela edificação de monumentos cuja existência estava associada com o acordo feito entre duas pessoas.

Embora esses dois homens tivessem um caráter muito abaixo do ideal cristão, é evidente que possuíam um conhecimento prático de Deus e reconheciam a eterna sanção de sua presença. O Senhor devia vigiar entre eles. Deus iria ser testemunha e juiz. Eles se lembravam dos dias de Abraão com temor e lealdade reverentes, e celebravam o Deus de Abraão.

GÊNESIS 32.1-12

Jacó Teme Encontrar-se com Esaú. Antes de encontrarmos nossos Esaús, certamente iremos encontrar os anjos de Deus. Se nossos olhos não se mantiverem fechados, nós os perceberemos. O mundo está cheio do ministério dos anjos! Existe mais a nosso favor que contra nós! O Capitão das hostes do Senhor está tão perto de nós como estava de Josué, e seus esquadrões aguardam apenas nosso grito. "Acaso pensas que não posso rogar a meu Pai,

e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?"

Em tempos de provação, podemos correr para Deus e com toda justiça clamar por sua proteção, desde que possamos demonstrar que estamos vivendo segundo o plano dele e fazendo a sua vontade. Foi a notícia trazida por seus mensageiros de que Esaú se aproximava que levou Jacó a fazer essa oração maravilhosa; mas sua oração não o impediu de tomar as providências que podia para a segurança dos seus entes queridos.

GÊNESIS 32.13-32

Jacó Luta e Prevalece. Há uma adulação na mensagem de Jacó e Esaú que não combina muito bem com uma nobre varonilidade e uma fé firme. Por que dizia ele "meu senhor Esaú" e se esforçava para apaziguar a ira do outro com palavras servis e presentes caros? Evidentemente muita coisa ainda tinha de ser modificada no caráter de Jacó para que ele pudesse tornar-se uma das grandes forças espirituais do mundo, e seu aprendizado supremo ocorreu naquela luta à meia-noite.

O Anjo que lutou com ele não podia ter sido outro senão o Filho do homem, que é também o Anjo da Aliança e o Filho de Deus. Não foi Jacó que lutou com o Anjo, mas o Anjo que lutou com ele, como que para descobrir e revelar sua fraqueza, e constrangê-lo a desistir da sua própria força e a aprender a agarrar-se com a disposição de um homem coxo que não ousa largar aquilo em que se segura para não cair. Ah! Não faz mal ficar mutilado se, por meio da coxa aleijada, aprendemos a firmar-nos na força eterna de Deus e tomar conhecimento do seu Nome secreto!

GÊNESIS 33.1-17

Jacó e Esaú se Reconciliam. Há muitas coisas na vida que, como esse encontro com Esaú, são piores na nossa previsão deles do que na realidade. Os irmãos se encontraram com a mesma disposição de antes de Jacó apropriar-se da bênção de Isaque. A santa operação da noite anterior tinha causado essa mudança na atmosfera. Se os nossos ca-

minhos agradam ao Senhor, ele fará com que nossos inimigos se reconciliem conosco. Precisamos obter o poder de Deus, submetendo-nos a ele, para que possamos ter poder frente aos nossos Esaús, e prevalecer.

Quando tivermos medo da ira de alguém, não corramos de lá para cá em busca de defesa; acalmemo-nos e não tenhamos medo. Entreguemos nosso caminho ao Senhor e leiamos o Salmo 37. Quando o inimigo vier como uma corrente de águas, o Senhor arvorará contra ele a sua bandeira. Certamente Jacó não precisava ter medo, nem apresentar desculpas e promessas pouco satisfatórias. Ele não tencionava acompanhar Esaú a Seir. Assim que as últimas fileiras dos homens de seu irmão desapareceram na poeira do deserto, ele se virou e seguiu na direção contrária. Tal duplicidade não era digna do herdeiro das promessas; mas muitos de nós teríamos procedido de igual modo, mesmo no dia seguinte ao da luta no Jaboque.

GÊNESIS 33.18-34.17

Jacó e os Siquemitas. Jacó foi tentado pelas ricas pastagens de Siquém, sem pensar muito nem se preocupar com o caráter do povo dali, e mais tarde deve ter-se arrependido amargamente de sua decisão. Quantos pais crentes cometem engano semelhante! Primeiro, acampam-se perto do mundo, armando suas tendas com as portas naquela direção; a seguir, compram um lote de terreno, e por fim seus filhos contraem alianças que terminam em vergonha e desastre. Aquele que descendia de uma raça peregrina, e a quem a terra inteira havia sido dada por promessa, comprou bens imobiliários bem junto a Siquém, uma das piores cidades da região.

Como Ló, Jacó quis obter riquezas e posição social, e sacrificou o melhor por algo inferior, sendo salvo como que pelo fogo. Pobre Diná! E, no entanto, ela foi mais vítima do pecado do que autora. Com sua atitude egoísta, Jacó a colocara em perigo, e Lia não estava livre de culpa, pois deixara a filha ir desacompanhada e sem orientação para o meio daquela fornalha de provação.

GÊNESIS 34.18-31

Os Filhos de Jacó Saqueiam os Siquemitas. Não é fácil dirigir nossa família entre as rochas e areias movediças do mundanismo atual; mas não obteremos sucesso usando as armas do mundo como o engano e a astúcia. O caminho certo é tornarmos nosso lar tão atraente que nossos filhos não se sintam tentados a desejar as alianças que são oferecidas por aqueles cuja única riqueza está na presente vida. Nossas Rutes não deixarão nossos campos se, de propósito, deixarmos cair mais espigas para elas recolherem.

A traição desses dois irmãos foi totalmente injustificável. No seu leito de morte Jacó foi rebuscar o assunto e previu a dispersão deles em Israel. Embora Levi tivesse desfeito essa maldição por meio de sua obediência e devoção, Simeão não parece ter feito nenhum esforço nesse sentido e logo se tornou como água absorvida pelas areias do deserto. (Mas veja Apocalipse 7.7.) Que coisa terrível quando nossa conduta é tão comprometida que torna nossa fé repulsiva para aqueles que observam nosso comportamento (v. 30).

GÊNESIS 35.1-15

Jacó Abençoado em Betel. Trinta anos antes, Jacó estivera em Betel. Estava, então, em plena mocidade. Possuía apenas seu cajado. O futuro ainda era vago e desconhecido. Fora a primeira noite da sua jornada, e ele fizera muitos votos a Deus. Quanta coisa acontecera desde então! Casamento, prosperidade, filhos! Mas ele se havia deixado arrastar pela corrente que o levava a uma terra distante, longe de Deus. Foi bom ele ter voltado a Betel e meditado na história de sua vida, assim como nós podemos ver todo o curso de um rio, da nascente à foz, olhando-o do alto de uma montanha. A voz divina está sempre nos conclamando a ser puros e a trocar nossas vestes, bem como nos livrar dos ídolos.

Ali Deus deu a Jacó o novo e grande nome de Israel e tomou para si o confortador nome de Todo-Poderoso (El-Shadai, v. 11). Era como se, sendo o Todo-Poderoso, ele se comprometesse

a realizar o melhor e mais alto plano possível. Reanimemo-nos! Deus nos fará frutificar, nos dará a terra, e evitará as conseqüências de nossas más ações (v. 5).

GÊNESIS 35.16-36.8

Os Filhos de Jacó; os Filhos de Esaú; a Morte de Isaque. De Betel a Belém, a distância não é grande. A primeira é a "casa de Deus"; a outra, a "casa do pão". Precisamos de ambas, se pretendemos resistir aos repetidos embates da vida, tais como a morte da velha ama Débora, a morte de nossas amadas Raquéis, os pecados de nossos filhos, a desintegração do velho lar, como quando nosso pai é levado à sepultura. Foi bom para Jacó que ele tivesse acertado sua vida com Deus antes que essas repetidas ondas se abatessem sobre ele.

✠ Isaque não tivera uma grande vida, mas seus longos anos lhe davam o direito às homenagens de seus filhos, que esqueceram seus ciúmes e contendas ao se reunirem junto ao esquife dele. Mas como os homens se enganam a respeito da morte! Ela não é o fim, mas o princípio. No mundo de além, sempre vemos Isaque associado a Abraão e Jacó, dando as boas-vindas aos santos que chegam ao céu. A morte torna grandes os homens bons.

GÊNESIS 37.1-11

José, Amado e Odiado; Seus Sonhos. É um erro dos pais mostrarem predileção por certos filhos; mas não nos surpreende essa parcialidade de Jacó para com o rapaz que lhe recordava tão vividamente a amada Raquel. Além disso, havia em José uma pureza e elevação de espírito que o faziam sobressair, com vantagem, no confronto com a brutalidade e a impureza dos outros. Ele foi distinguido entre seus irmãos (49.26). O casaco de muitas cores era uma túnica longa de delicada tessitura, com mangas, e própria para jovens príncipes ou nobres, que não eram designados para o trabalho subalterno do campo ou da casa.

Os sonhos do jovem são notórios e proféticos. No caso de José teria sido mais sábio que o rapaz tivesse conservado seus segredos trancados em seu

próprio coração, embora a revelação deles fosse um tributo à sua simplicidade e inocência confiantes. A sugestão da grandeza futura suscitou uma inveja terrível por parte de seus irmãos, mas as mãos do Todo-Poderoso o sustentaram (49.23,24).

GÊNESIS 37.12-24

Os Irmãos de José Tramam Sua Morte. Em tudo e por tudo, José foi um tipo muito notável do Senhor. Primeiramente, houve essa missão do filho amado investigar acerca do bem-estar de seus irmãos, o que nos lembra de forma vívida o advento do Filho amado e unigênito de Deus, que nos trouxe as saudações do Pai e veio para ver e saber, por investigação pessoal, como estávamos passando. Dotá ficava na região norte, e a viagem deve ter exigido tempo e esforço; mas ele persistiu até que os achou e chegou onde estavam.

A trama que urdiram contra o irmão indefeso foi como a que Caifás e os outros armaram contra o Senhor. Pilatos sabia que, por inveja, o haviam entregue em suas mãos. A cisterna era uma daquelas fontes cavadas na rocha, abundantes na Palestina, e, como nela não havia água, a vida de José não foi sacrificada. Ali ele esperou algo como uma ressurreição. A cena na boca do poço jamais foi esquecida pelos outros (42.21,22).

GÊNESIS 37.25-36

José Vendido Para o Egito. Não foi o acaso, mas a providência, que encaminhou esses midianitas ao poço naquela hora. Naturalmente, eles tinham fixado a hora da partida de sua terra natal, o ritmo em que os camelos deviam viajar, e o tempo que despenderiam nas feiras e mercados pelo caminho, sem levar em conta quaisquer outras considerações, que não seu próprio interesse e conveniência. Todavia, sem que o soubessem, estavam viajando segundo uma programação divina. Tudo na vida é dirigido, superintendido e controlado pela presciência divina. Reconheçamos isso constantemente!

Podemos estar num poço de negra infelicidade, mas Deus sabe que estamos ali e cronometra os momentos.

Continuemos a confiar e não tenhamos medo! Bem-aventurados os que crêem; para eles haverá precisa providência. Uma caravana já partiu há meses e chegará aqui na hora exata em que a presença dela será mais proveitosa para nós.

GÊNESIS 39.1-18

José na Casa de Potifar. As famílias e patrões incrédulos devem muito à presença de pessoas que amam a Deus, em seus lares e firmas; pois o Senhor vai junto com seus servos. (Ver os versículos 2, 21 e 23 e Atos 7.9.) Mas aqueles que desejarem gozar de sua Presença constante devem resistir e vencer os apelos da carne. Os dias de prosperidade são aqueles em que somos mais tentados. As serpentes mais venenosas encontram-se no calor úmido das florestas tropicais. Quando ocorre a tentação e ao mesmo tempo as circunstâncias são favoráveis ao pecado, então nossa situação fica realmente difícil. Em tais ocasiões só a graça de Deus pode deter-nos.

Como a tentação se apresenta nitidamente, ela nos dá oportunidades para um contínuo crescimento em poder e graça. Provavelmente José já havia elaborado sua bela resposta no interior do seu próprio coração, e bem antes de externá-la já praticava esses preceitos. Na hora crítica, a boca deixa escapar aquilo em que o coração está meditando. Aqueles que conseguem disciplinar-se receberão a missão de governar outros.

GÊNESIS 39.19-40.8

José é Bem-Sucedido na Prisão. Esses dois homens nos lembram os dois ladrões crucificados ao lado do Senhor; para um, ele era o sabor da vida, para o outro, da morte. Jeremy Taylor* diz que aquele que prefere sentar-se sobre um punhado de espinhos quando há muitas causas que reclamam sua atenção deve estar de amores com o mau humor. Em qualquer lugar do mundo em que estejamos, há muitos corações tristes e solitários aos quais poderíamos

dedicar nossa amizade. Como José, disponhamo-nos a ajudar os outros e, assim, acharemos conforto e auxílio para nós mesmos. Devemos movimentar-nos entre os nossos semelhantes mostrando “um rosto sorridente”. Guardemos nossas tristezas para o Senhor e para nós mesmos, mas aprendamos, pelas nossas próprias experiências, a confortar os que sofrem com o mesmo consolo que temos recebido de Deus. Como José foi rápido para detectar a ansiedade estampada nos dois rostos! Isso se deu porque ele passara por experiências semelhantes. (Ver 2 Coríntios 1.4.)

GÊNESIS 40.9-23

José Interpreta Dois Sonhos. Como intérprete, José era excepcional. Seu coração puro estava aberto para Deus, e por isso ele podia decifrar os mistérios da vida humana. Muitas vezes aqueles que andam com Deus podem resolver e explicar os escuros enigmas da vida humana para os mienos esclarecidos. José estava intencionalmente cênscio da presença de Deus. Ela enchia de glória a prisão. Ele sabia que dela devia proceder toda a sua esperança e expectativa; e Deus estava “nas sombras, vigiando o que era seu”. Ele estava planejando e superintendendo o curso dos acontecimentos que haviam de colocar seu jovem servo no trono. Os homens o haviam desprezado e rejeitado, mas Deus já havia preparado para ele uma posição de honra e de utilidade, para a qual a ajuda dada a esses homens era como degraus de uma escada ascendente.

Não negligenciemos pequenos atos de ministério. A fidelidade no pouco nos leva a uma vida de tronos. O esquecimento do mordomo-chefe lembranos de nosso vergonhoso esquecimento do Redentor, que nos tirou do fundo do poço e nos remiu com seu precioso sangue. Mas ele disse: “Fazei isto em memória de mim”.

GÊNESIS 41.1-13

Faraó Sonha com Vacas e Espigas. Esse capítulo nos fala de ascensão e exaltação,

e constitui um inigualável tipo da humilhação e morte do Senhor. Como José, ele foi e pregou aos espíritos em prisão, e depois Deus altamente o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo nome. Rejeitado por seus irmãos, recusado por aqueles aos quais fora enviado, falsamente acusado e condenado, contado entre os transgressores, lançado na prisão, resgatou um de seus infelizes companheiros, chamado para ocupar um trono — em quase todos esses pontos poderíamos substituir o nome de José pelo de Jesus. Isso vem corroborar as magníficas palavras de Asafe: “Porque não é do Oriente, não é do Ocidente, nem do deserto que vem o auxílio. Deus é o juiz”. (Sl 75.6,7.) Como o mundo logo se lembra de um filho de Deus e recorre a ele quando aparece um problema! Os que hoje nos desprezam e esquecem virão procurar-nos qualquer dia desses.

GÊNESIS 41.14-36

José Interpreta os Sonhos de Faraó. Não obstante a grande urgência da convocação real, e a rapidez com que os grandes eventos da vida de José ocorriam um após outro, ele se mantinha em perfeita paz. Ainda achou tempo para barbear-se e trocar seu vestuário. Descansemos em Deus. Aquele que crê não cria uma pressa desnecessária.

Um dos traços mais belos do caráter de José era sua humildade. Ele não era altivo, nem emproado, nem fazia pose como pessoa superior ou ofendida. Ele dizia simplesmente: “Não está isso em mim; mas Deus dará”. Essas palavras poderiam ter sido proferidas pelo Senhor; pois estão em perfeita harmonia com o teor de sua vida. Certamente deveríamos apropriar-nos delas. Na melhor das hipóteses, somos apenas despenseiros de Deus, passando a outros as coisas boas das quais ele nos fez administradores. José estava disposto a usar tudo o que tinha, não em seu benefício, mas no de outros; por isso, tinha mais e mais para dar.

GÊNESIS 41.37-57

José se Torna Governador e Faz Preparativos Para a Fome. Era evidente que o Espírito de Deus estava em José, mas, em

lugar de fazer dele um mero visionário, isso tornou-o eminentemente prático. Tenhamos visões de Deus, mas depois desçamos do telhado para atender àqueles que batem à nossa porta! (Ver Atos 10.) Nesse relato vemos refletidas as glórias do Senhor, que foi elevado ao trono para tornar-se um Príncipe e um Salvador, o Doador do pão da vida às almas famintas dos homens. Mas ele distribui sem dinheiro e sem preço!

O casamento de José com uma jovem egípcia nos lembra a união do Senhor com a Igreja Gentílica, em cuja significação Paulo tanto insiste. Se vivermos para Deus, ele cuidará de nossos interesses. Teremos tantas alegrias que esqueceremos as tristezas (Manassés) e prosperaremos na terra da aflição (Efraim).

GÊNESIS 42.1-17

José Vê Seus Dez Irmãos. A verdadeira interpretação do tratamento que José deu a seus irmãos se baseia na suposição de que ele repetiu para eles, até onde foi possível, o comportamento que eles tinham tido para com ele na boca do poço, e isso sem qualquer idéia de retaliação, mas de despertar a consciência deles, e descobrir se eles agiriam com Benjamim do mesmo modo que haviam agido com ele. Precisava ter certeza do arrependimento deles antes de poder confiar-se a eles outra vez. Seu objetivo, portanto, foi, em parte, alcançado quando os ouviu dizendo um ao outro na velha e amada língua familiar, que estavam longe de pensar que ele entendesse, a conclusão de tudo: “Na verdade somos culpados, no tocante a nosso irmão”.

É assim que Deus faz conosco. O vento leste sopra amargamente em nosso rosto, a fome está atrás, e o severo governador à frente. Todas essas coisas são duras de suportar; mas, por detrás delas há um terno amor, que está segurando as lágrimas, ansioso para nos restaurar e confiar-se a nós.

GÊNESIS 42.18-38

Simeão é Preso; os Outros São Mandados Para Casa. A conduta daquele alto funcionário egípcio — porque assim o consideravam os irmãos — deve ter pare-

* Jeremy Taylor (1613- 1667). Orador sacro inglês. (N. do T.)

cido muito dura e tirânica para aqueles temerosos pastores da longínqua terra de Canaã. Não faziam a menor idéia de que ele compreendia o que falavam, e de que se retirara para chorar. Mas nós podemos compreender suas intenções. Prendeu Simeão para garantir-se de que voltariam. Desejava rever o amado Benjamim, e testar o comportamento deles para com o irmão menor, por isso os ameaçou de não mais verem seu rosto a não ser que o mais moço os acompanhasse. Concedeu-lhes atencioso cuidado fornecendo-lhes as provisões e devolvendo o dinheiro deles. Era natural que o velho pai recebesse o relato dos fatos com o coração desfalecente: “Todas estas cousas me sobrevêm”. Não, em todas essas coisas estava a vida do Espírito, e em todas essas coisas somos mais do que vencedores. (Ver Romanos 8.37.)

Confie sempre na graça do Senhor, e jamais o julgue descuidosamente, pois, por detrás da severa providência, ele esconde um rosto amigo, sorridente.

GÊNESIS 43.1-15

Os Irmãos Voltam com Benjamim. Ao fornecer cereal para salvar da fome seus próprios irmãos e os egípcios, José é um tipo do Senhor, que dá o pão da vida ao judeu e ao gentio — a todos os que vão a ele em desesperadora necessidade. E, essa desvolução total do dinheiro nos sacos, faz-nos lembrar que a salvação é sem dinheiro e sem preço. Seja o que for que ofereçamos a Cristo, ele nos devolve. Seus dons provêm todos de sua graça e favor, que não merecemos.

Muitas vezes avançamos rumo ao desconhecido com medo; mas esse medo é filho da ignorância. Se apenas percebêssemos que o que ali nos espera é o amor, que não pede bálsamo e mel, nem arômatas e mirra, mas nós, apenas nós, então como nos sentiríamos mais felizes! Ergamos nosso coração; um banquete está à nossa espera!

GÊNESIS 43.16-34

José Dá um Banquete a Seus Irmãos. Nosso Salvador, de quem José foi um admirável tipo, sabe tudo a nosso respeito.

Embora possamos temê-lo grandemente, ele está cuidando de nós com solícita ternura para atender a cada necessidade nossa. Há água para os pés cansados da viagem; a bênção da paz para os corações aflitos; um banquete para as almas famintas; lágrimas de amor para Benjamim; e uma atenção em relação à distribuição dos lugares à mesa, o que revela seu perfeito conhecimento de tudo que nos diz respeito. Ele espera para manifestar-se; e isso é algo que não faz em relação ao mundo. A única coisa que pode separar-nos dele é o pecado não confessado. Mas, assim que esse ponto é solucionado, abrem-se as comportas, e seu coração se une ao nosso. Suas misericórdias não nos levam ao arrependimento?

GÊNESIS 44.1-17

O Copo de José no Saco de Benjamim. É terrível descobrir que o copo está em poder de nossos Benjamins! Eles foram tão amados, tão favorecidos, tão protegidos; nunca foram culpados dos excessos de Rúben e Judá; não fizeram nada para que se dessem deles más notícias, como os filhos de Bila e Zilpa (37.2). Agora, quando *eles* são culpados de pecado, a surpresa de seus irmãos só se iguala ao próprio remorso deles. Isso explica a agonia de alma de homens como Cipriano, Agostinho, Bunyan e Spurgeon.

Que transições ocorrem na vida! No final do capítulo anterior os irmãos estavam tão felizes, e aqui se acham imersos na angústia mais profunda. Mas a intensidade de sua dor e tristeza, como o fogo, os enterneceu e purificou, e preparou-os para a grande reconciliação.

GÊNESIS 44.18-34

Judá Defende Benjamim. Nenhuma outra passagem do Gênesis seria mais apropriada para a sexta-feira da paixão do que essa. A proposta de Judá de ficar no lugar de Benjamim nos faz lembrar daquele que livremente se deu a si mesmo por todos nós. Foi com um amor assim, mas de intensidade infinita, que Cristo nos amou. Nas palavras de Judá encontramos o tipo mais

sublime de defesa que um homem já apresentou por outro. É maravilhoso contemplar esse lampejo das fortes e nobres emoções que dormem em corações onde jamais esperaríamos encontrá-las! Mas essas palavras são pobres e frias se comparadas com as que Jesus profere em nosso benefício. José deve ter precisado exercitar um extraordinário autocontrole para fazer seus irmãos sofrerem assim. Mas ele os submeteu a isso porque conhecia a meta da qual se aproximavam. Muitas vezes Cristo vira o rosto para esconder sua tristeza pelo nosso sofrimento pois este é o caminho que nos leva ao lugar onde todas as lágrimas serão enxugadas.

GÊNESIS 45.1-15

José Dá-se a Conhecer aos Seus Irmãos. Pode ser que aqui tenhamos uma representação exata de uma cena que se realizará algum dia, quando o Senhor se fizer conhecido aos seus irmãos, os judeus. O apóstolo Paulo diz que, por fim, todo o Israel será salvo. Será que isso não pode acontecer quando Cristo lhes disser: “Eu sou Jesus, vosso irmão, que entregastes a Pilatos e me negastes na presença dele”? Será que a esposa de José não estava alegre com a alegria dele? E não se sentirá alegre a Igreja dos remidos quando aquela grande reconciliação acontecer?

Que bela interpretação José dá ao ato de traição deles — “Deus me enviou adiante de vós”. Vejamos sempre a mão de Deus na maldade e na oposição dos homens. Eles não poderiam ter qualquer poder a menos que do alto lhes fosse concedido. José supriu todas as necessidades deles — carros para transporte, comida para alimentá-los, roupas para vestirem, e palavras de boas-vindas!

GÊNESIS 45.16-28

José Manda Buscar Seu Pai. Essa lição lembra uma páscoa. Deve ter parecido a Jacó e a seus filhos que José ressuscitara dentre os mortos. Dificilmente as aparições do Senhor ressuscitado foram mais surpreendentes do que a notícia levada a Jacó de que seu filho, perdido havia tanto tempo e tão pranteado,

era o primeiro-ministro do Egito. José não havia esquecido seu pai. Seu único desejo era trazê-lo para participar de sua glória. Por isso, enviou os carros para trazerem toda a família para junto dele. A princípio Jacó se mostrou incrédulo. Era bom demais para ser verdade. Mas, quando viu os carros que o filho mandara, um toque de delicada solicitude, em contraste tão gritante com o triste isolamento e solidão dos últimos anos, sentiu seu envelhecido espírito reviver. Conversamos sobre a glória do Senhor ressurreto que ascendeu ao céu, e, principalmente, do seu desejo de que também estejamos onde ele está. Agora agradeçamos-lhe porque ele não somente está disposto a receber-nos, mas concede a graça e o auxílio do Espírito para transportar-nos para lá.

GÊNESIS 46.1-27

Jacó e Sua Família Vão Para o Egito. Evidentemente o convite de José a seu pai para ir ao encontro dele no Egito, suscitou uma dúvida muito séria na alma de Jacó. Seria um passo acertado que ele ia dar? Talvez se lembrasse do que lemos em Gênesis 15.13 e temesse correr o risco. Em tais circunstâncias, foi a Berseba, “o poço do juramento”, tão intimamente ligado à vida de Abraão e Isaque, e de onde havia ele partido para as peregrinações de sua vida. Ali ofereceu sacrifícios especiais e recebeu orientações e promessas especiais. Não somente ele devia ir ao Egito, mas iria debaixo da direção e proteção divinas.

Quando descemos ao Egito obedecendo a nossos próprios impulsos, acabamos em tentação e fracasso, como aconteceu a Abraão e Isaque; mas quando Deus ordena que vamos, podemos fazer a jornada com absoluta tranqüilidade. Embora andemos pelo vale escuro, não precisamos ter medo, se ele está conosco.

GÊNESIS 46.28-47.12

Faraó Dá as Boas-Vindas aos Parentes de José. Que emocionante encontro esse entre pai e filho! Se aquele homem, já idoso, estivera sentado a um canto do pesado carro, cansado da longa viagem, deve ter-se levantado rapidamente

quando disseram: “José vem vindo!” Como é carregada de emoção a expressão “chorou assim longo tempo”, como se fosse preciso muito tempo para esgotarem-se as lágrimas há tantos anos retidas. Se José fosse menos nobre podia ter-se esquivado de apresentar seus modestos parentes ao poderoso Faraó! Mas tais pensamentos eram sobrepujados pelo grande amor que apresentou aquele homem magro, idoso e coxo como seu pai. Jamais nos envergonhamos de nosso Salvador, que fez mais por nós do que Jacó fez por seus filhos. A confissão de que os dias de sua peregrinação tinham sido poucos e maus está musicada num melancólico acorde em tom menor; e, quem olhasse superficialmente, poderia pensar que Esaú tinha gozado uma carreira muito mais próspera. Mas quando Jacó se levantou diante de Faraó, o poderoso monarca reconheceu sua supremacia moral e se curvou ante sua bênção. Certamente que o menor é abençoado pelo maior. Aqui estava a colheita das lágrimas de Jacó!

GÊNESIS 47.13-26

Os Egípcios Salvos da Fome. Os pequenos depósitos dos egípcios logo se esgotaram, e, se não tivesse sido por José, as ruas se teriam enchido de agonizantes e de mortos. Seu nome egípcio significa “o salvador do mundo”; e a confissão dos egípcios provou como esse nome era verdadeiro: “A vida nos tens dado!”

E o paralelo continua! José saiu do poço e da prisão para salvar seus irmãos, bem como a milhares de seus concidadãos adotivos. Jesus saiu do túmulo para ser Príncipe e Salvador. O pão de José nada lhe custou, enquanto Jesus nos deu algo que lhe custou o Calvário. José vendeu o cereal por dinheiro; o Senhor deu-se sem dinheiro nem preço. Podemos ir a ele sem medo, mesmo que nosso saco esteja vazio e não, tenhamos dinheiro na mão; mas ele nos dará a vida e continuará dando, ilimitadamente.

GÊNESIS 47.27-48.7

José Visita Seu Pai Moribundo. O imperativo da morte é inexorável! A vida de

Jacó havia excedido em muitos anos a duração comum da existência humana, e agora ele devia ser colhido, como o derradeiro fruto da árvore. Durante dezesseis anos ele se havia familiarizado com os esplêndidos templos, obeliscos e pirâmides egípcios. Havia sido cercado de todo o conforto que o amor filial podia imaginar; mas nada poderia fazê-lo esquecer aquela distante caverna na terra de Canaã. Na sua opinião, nem as mais esplêndidas pirâmides do Egito podiam comparar-se àquele humilde sepulcro onde os restos mortais de Abraão e Sara, de Isaque e Rebeca, e da fiel Lia esperavam os seus. Na segunda visita de José ele estava mais fraco, e com um esforço se animou para a entrevista. A escada com anjos e a morte de Raquel estavam distintamente diante de seus olhos mortícios. Quando ele voltou do seu patético delírio voltou-se para os dois meninos que estavam ao seu lado olhando-o cheios de admiração e os adotou, por causa de seu amado pai.

GÊNESIS 48.8-22

Jacó Abençoa os Filhos de José. Por ocasião de dar-lhes a bênção, Jacó inverteu o sistema estabelecido quanto ao direito de nascimento e passou ao mais moço o direito de primogenitura. É provável que houvesse qualidades em Efraim que o colocavam naturalmente em primeiro lugar. A Bíblia está cheia de esperança para os filhos mais moços. Ele falou do Anjo, Jeová, tantas vezes referidos no Antigo Testamento, e que não pode ser nenhum outro que não seja o Filho de Deus. Ele também é o nosso Pastor, Guardião e Amigo. Ele nos alimentará e velará por nós durante toda a nossa vida. Ele nos redimirá do mal e nos conduzirá, em paz, a um fim abençoado. Tenhamos ânimo, irmãos! Ele cuidou de nós na infância indefesa e não fará menos em nossa velhice incapaz. Se alguns moços ouvirem a leitura desta porção, devem eles observar que Jacó orou a Deus pedindo que abençoasse os moços. É evidente, então, que nenhum mocinho é muito pequeno para Deus notar e abençoar!

Embora morram os pais, Deus vive e os trará de volta “à terra de vossos pais”.

GÊNESIS 49.1-12

Jacó Prediz o Futuro de Seus Filhos. Uma vez mais José visitou o pai em seu leito de morte. Essa era a terceira e última vez. Lá estava ele, um daqueles doze homens barbudos reunidos em volta daquela figura envelhecida, cujo rosto estava sombreado pela morte, mas resplandecia pela luz da profecia. Era intenso o reverente silêncio deles ao ouvir seus nomes citados, um a um, na voz trêmula do ancião, falando com dificuldade! Mas ele descreveu o caráter de cada um deles com lucidez e discernimento, mencionando os incidentes destacados de sua vida passada e profetizando sobre seu futuro. A cena constitui uma antevisão do juízo final, onde a vida de todos os homens será lembrada e a sentença será dada. “Siló” (v. 10) significa “Doador da paz”. Que belo nome para o Senhor! Não é de surpreender que ele congregue as nações junto à sua cruz e ao seu trono!

GÊNESIS 49.13-27

José Recebe Bênção Especial. A posição de Zebulom e das tribos seguintes na terra da promessa foi predita com exatidão. Veja-se a divisão citada em Josué 18. Observemos a exclamação do moribundo no versículo 18. Um tal espírito de expectativa nunca se frustrará. (Ver Isaías 26.8,9.) A bênção de José é excepcionalmente bela: “Frutífero!” Isso é mencionado duas vezes, fazendo-nos lembrar João 15.8. Mas a frutificação só é possível onde existe o muro de separação, e o poço de comunhão. Quando esses estão presentes, os galhos se estendem sobre o muro com cachos de bênçãos para um mundo sedento. Busquemos a força divina e peçamos que as poderosas mãos do Deus de Jacó sejam colocadas debaixo de nossas pobres e fracas mãos! (Ver Salmo 144.1.) A vida separada é a vida coroada. No coração do homem agonizante despontou a lembrança de sua terra nativa e de suas montanhas. O que as monta-

nas são para uma nação, Deus é para o seu povo!

GÊNESIS 49.28-50.3

As Últimas Determinações de Jacó e Sua Morte. Jacó deu uma ordem final quanto ao seu sepultamento em Macpela — que pelo menos suas cinzas ali estivessem para dar as boas-vindas aos filhos de seus filhos quando estes fossem para lá no devido tempo, como Deus tinha prometido. Então o cansado peregrino recolheu os pés fatigados que haviam feito sua última viagem e rendeu o espírito a Deus. Quando a Bíblia diz que ele foi reunido ao seu povo, isso não significa apenas que seus restos mortais se misturaram aos deles, no local do sepultamento. Há um grande número de amigos queridos aguardando-nos do outro lado. (Ver Hebreus 11.40.) Na cena da escada em Betel, Deus lhe dissera que não o deixaria enquanto não tivesse feito o que prometera, e certamente nada havia falhado. A vida pode ser dura e penosa, mas Deus a encerrará corretamente. Ânimo, irmãos; confiemos em Deus.

GÊNESIS 50.4-14

Jacó é Pranteado e Sepultado. Faltaram apenas dois dias para que o período de lamentação por Jacó fosse igual em número ao de um rei. Aquele esplêndido cortejo fúnebre no qual estavam incluídos não somente a família de Israel, mas também altas autoridades do Egito, percorreu cerca de quinhentos quilômetros. As palavras “além do Jordão” (v. 10) indicam que esse livro foi concluído na outra margem desse rio, onde Moisés, depois, faleceu.

A evidente tristeza com que os preciosos despojos de Jacó foram colocados ao lado dos outros grandes mortos, nos lembra que, quando Deus quer honrar um servo seu, pode fazer isso de formas notáveis — que são inteiramente diferentes dos métodos e raciocínios humanos. “Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos.” Quando nascemos ele cuidou do nosso corpo indefeso; quando morreremos ele cuidará de nosso sepulcro. Os ossos

dos santos mantêm a terra para o reinado de Cristo, no final.

GÊNESIS 50.15-26

José Ama os Irmãos Até à Sua Morte. O medo dos irmãos de José ilustra a insegurança de um benefício alcançado somente por um capricho do amor, sem que se faça a necessária reparação à justiça. Assim como José perdoara, também podia retirar seu perdão. Os irmãos não tinham feito nenhuma reparação, além das lágrimas, por aquele erro do passado. Podia ser que agora ele o exigisse! Assim também nós teríamos muitas razões para abrigar temor no coração, não tivesse o perdão

divino sido baseado na obra consumada na cruz!

Como é significativa essa expressão "Deus o tornou em bem!" Tudo na vida tem seu *significado*. As coisas não acontecem por acaso, e tudo que nos acontece visa ao nosso bem. Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.

Noventa e três anos haviam-se passado desde que ele fora retirado do poço; sessenta, desde que sepultara o pai. Finalmente chegou o fim de José. Seus ossos não foram sepultados, mas ficaram aguardando a chamada para o êxodo. Aquele esquife parecia ser o fim de tudo. Não! Era a semente da próxima colheita.

O LIVRO DE ÊXODO

A Nação Libertada e Organizada



INTRODUÇÃO 1.1-7.

1. ISRAEL NO EGITO 1.8-12.36.
 - a. A opressão 1.8-22.
 - b. O aparecimento e chamada do libertador 2.1-4.31.
 - c. As pragas e a Páscoa 5.1-12.36.
2. DO EGITO AO SINAI 12.37-18.27.
 - a. A partida 12.37-42.
 - b. As leis da Páscoa e dos primogênitos 12.43-13.22.
 - c. A passagem do mar Vermelho e o cântico de livramento 14.1-15.19.
 - d. Mara, Elim e o maná 15.20-16.36.
 - e. Murmuração; vitória; a visita de Jetro 17.1-18.27.
3. ISRAEL NO SINAI 19.1-40.38.
 - a. A aliança proposta e o povo preparado 19.1-25.
 - b. Os Dez Mandamentos e outras leis 20.1-23.33.
 - c. A ratificação da aliança da lei 24.1-11.
 - d. Moisés no monte; instruções para o Tabernáculo 24.12-31.18.
 - e. O bezerro de ouro; o castigo; a intercessão de Moisés 32.1-33.23.
 - f. Moisés de novo no monte; a aliança é renovada 34.1-35.
 - g. A construção e levantamento do Tabernáculo 35.1-40.38.

INTRODUÇÃO

A palavra *êxodo* significa “saída”, e esse nome foi dado ao livro pelos tradutores gregos, como no caso de Gênesis.

O livro abrange um período de 145 anos, e pode ser dividido em três partes principais: (1) A libertação de Israel do Egito: 1.1-12.36. (2) A jornada até o Sinai: 12.37-18.27. (3) A manifestação da vontade de Deus para com seu povo, principalmente na legislação do Sinai: 19.1-40.38.

O Senhor Jesus confirma claramente que seu autor é Moisés. (Ver Marcos 12.26 e Lucas 20.37.) O paralelo entre a peregrinação das hostes de Israel e as experiências do cristão é claro e instrutivo, e será de proveito para nós se ao ler tivermos esse paralelo em mente; mas o livro é também de grande importância histórica, e o crescente conhecimento dos costumes egípcios bem como das condições de vida na península sinaítica confirmam a exatidão e a precisão da narrativa. O livro só poderia ter sido escrito por alguém como Moisés, que teve um bom conhecimento tanto do Egito como do deserto.

COMENTÁRIO

ÊXODO 1.1-14

Os Filhos de Israel em Aflição. A semente enterrada começou a produzir abundante colheita, apesar dos esforços em contrário, feitos por Faraó e seu povo. Os reis da terra conspiram visando a frustrar o plano divino. Mas isso seria o mesmo que tentar deter a maré montante. Os dias em que a Igreja sofreu perseguição e oposição foram sempre os dias de crescimento.

O novo rei pertencia, provavelmente, a uma grande dinastia, disposta a impedir a volta ao poder dos reis pastores (1650 a 1580 a. C.). O primeiro passo do novo governo foi tornar amarga a existência de Israel por meio de uma escravização cruel. As pinturas nas paredes das pirâmides dão testemunho dos sofrimentos infligidos a escravos com feições hebréias por feitores armados de chicotes. Faraó e seus conselheiros iriam aprender que estavam lidando não apenas com uma nação subjugada, mas com o Deus Eterno.

ÊXODO 1.15-22

Deus Protege as Crianças Hebréias do Decreto de Faraó. O segundo golpe do governo do Egito começou com as crianças. Faraó e Herodes apontam a importância da vida que se inicia ao voltarem sua atenção para ela. Nada afeta tão profunda e prontamente o bem-estar de uma nação como o tratamento dispensado às crianças.

É admirável notar os inesperados instrumentos que Deus usa para derrotar as intenções de seus inimigos. Logo essas duas mulheres, que pareciam ao menos prováveis. Pode ser que elas fossem egípcias que recentemente haviam aprendido a temer a Deus; sendo assim, sua conduta ainda foi mais notável. Deus, que faz da areia fofa uma forte barreira frente às ondas, pode refrear a ira do homem por meio dos mais simples instrumentos. Podemos ser obscuros e fracos, mas, se tememos a Deus, ele nos usará, escreverá nosso nome no livro da vida e multiplicará nossos filhos espirituais.

ÊXODO 2.1-10

Moisés Protegido Pela Filha de Faraó. Quando os fatos chegaram ao ponto mais grave em relação à situação de Israel, Deus preparava um libertador. A criança era de uma beleza fora do comum (At 7.20). Seus pais a esconderam pela fé (Hb 11.23). Talvez tivessem recebido uma revelação especial com respeito ao seu grande futuro, e com base nisso se fortaleceram para desobedecer à ordem real. Eles lançaram o cesto de junco não somente no Nilo, mas na providência de Deus. Ele seria o capitão, o piloto e a proteção do minúsculo batel. Miriã se postou de vigia. Não havia medo de riscos fatais, apenas a tranqüila expectativa de que Deus faria alguma coisa digna de si. Eles descansaram na fidelidade de Deus, e foram amplamente recompensados quando a filha de seu maior inimigo se tornou a protetora do bebê. (Ver Salmo 76.10.)

ÊXODO 2.11-25

Moisés Mata um Egípcio e Foge Para Midiã. Apesar de cercado por todos os encantos da corte de Faraó, o coração de Moisés se mantinha fiel ao seu próprio povo. Nem os tesouros do Egito, nem os prazeres do pecado, nem as atrações do amor humano, nem a sedução do sorriso do mundo podiam afastá-lo do seu próprio povo. Sobre as humildes choças de Gósen, brilhava para ele uma luz diante da qual a dos palácios de Faraó empalidecia. Parece que em sua mente havia um vago conhecimento do Cristo prometido; e ele considerou aquela esperança como uma riqueza maior do que os tesouros do Egito (Hb 11.26).

No entanto, ele ainda tinha muito a aprender. Ninguém pode prevalecer pela força. A batalha não é ganha pelo forte, nem a corrida pelo veloz. Israel seria liberto de seus indizíveis sofrimentos inteiramente graças à mão estendida do seu Protetor todo-poderoso. Daí a falha da primeira tentativa de Moisés. Em lugar de olhar “de uma e de outra banda”, ele devia ter olhado *para cima*.

ÊXODO 3.1-12

A Mensagem de Deus Vinda da Sarça. O aprendizado do Egito não foi suficiente para preparar Moisés para sua missão. É, então, conduzido à solidão do deserto. *Essa é a universalidade de Deus.* Todos os que têm realizado os maiores feitos do mundo se formaram nela — Elias no Horebe, Ezequiel no Quebar, Paulo na Arábia, João em Patmos. Os obreiros de Deus podem fazer cursos superiores nas universidades, mas o verdadeiro curso teológico é só com ele. Muitas vezes, no meio da tarefa diária, nós entramos no esplendor da Presença dele. Estejamos à espera desse momento e tiremos os sapatos.

Essa sarça ardente tem sido adotada pela Igreja como símbolo das chamas da tribulação; mas há um sentido mais profundo. O fogo era o sinal da presença de Deus. A sarça não era consumida porque o amor de Deus é o seu próprio combustível. Observe os passos sucessivos: “vi”; “ouvi”; “conheço”; “desci”; “enviarei”. O “gemido” do capítulo anterior é respondido pelo “desci” desse. (Ver Lucas 18.7.)

ÊXODO 3.13-22

Moisés Enviado Para Libertar Israel. Como esse Moisés era diferente daquele que, quarenta anos antes, agira por um impulso precipitado (At 7.23,24). Ele aprendera muito a partir daquela ocasião, e mais ainda a respeito de si próprio. Mas não deve haver timidez quando Deus diz “Eu sou”. Tomemos esse cheque em branco e preenchamo-lo com o de que precisarmos para a existência ou para a santidade, e Deus fará aquilo e muito mais, com superabundância.

Se alguém nos tivesse desafiado a demonstrar a vida após a morte com base no Antigo Testamento, dificilmente teríamos recorrido a esse capítulo. Mas o Senhor entendeu a profunda significação dessas augustas palavras (Mt 22.31,32). Evidentemente os patriarcas estavam vivos quando Deus assim falou, ou ele não teria apontado para si próprio como sendo ainda Deus deles. Tivessem eles deixado de existir, ele ter-

ria dito não “Eu sou”, mas “Eu era” o Deus dos antepassados.

ÊXODO 4.1-9

Os Sinais de Deus Para Confirmar a Palavra de Moisés. Esse admirável capítulo nos diz como os três receios de Moisés foram terna e satisfatoriamente resolvidos por seu Amigo celestial. Ao seu primeiro receio Deus respondeu dando-lhe três sinais. Aqui encontramos pela primeira vez a *vara* que ele estendeu tantas vezes — sobre o Egito, sobre o mar, e durante a estada no deserto. Moisés era apenas uma vara, mas o que não pode fazer uma vara quando manejada por uma onipotente mão!

A *lepra* era um tipo do pecado, e a mão restaurada lembra o maravilhoso poder de Deus para purificar e assim qualificar para seu serviço todos os que se lhe submetem. O terceiro sinal, a *água tornada em sangue*, era não menos significativo, revelando o poder divino de operar através desse frágil instrumento humano para produzir efeitos maravilhosos no mundo da natureza. Não devemos viver apoiados em sinais, mas no Espírito Santo, embora o sinal exterior sirva para nos confortar e fortalecer.

ÊXODO 4.10-17

Com Suas Promessas, Deus Vence a Relutância de Moisés. Para atender ao segundo receio de Moisés Deus fez uma promessa de extrema beleza, que todos os que falam por ele deviam considerar. Compare o versículo 12 com Jeremias 1.7-9 e 1 Coríntios 2.4. Se atentássemos mais para nossa capacidade natural como Paulo costumava fazer, nós nos gloriariamos em nossa falta de eloquência para dessa forma proporcionarmos a Deus uma melhor base de operação. (Ver 2 Coríntios 12.9,10.)

Em resposta ao terceiro receio, Deus lhe deu como assistente seu próprio irmão. Aliás, ele até já estava indo ao encontro dele; mas era um homem fraco e deu a Moisés muita ansiedade e sofrimento. Afinal de contas, quando quisermos conselho e auxílio imediatos é melhor apoiarmo-nos somente em Deus. Se seguirmos avante com essa aliança suprema, nos livraremos de homens como Arão, que mais estorvam

do que ajudam. Será melhor obtermos tudo o de que precisamos diretamente das mãos de Deus.

ÊXODO 4.18-31

Moisés e Arão Anunciam a Israel o Propósito de Deus. Muitas vezes, as melhores provas da capacidade de um homem para realizar sua missão lhe são proporcionadas por seu comportamento no lar. É possível que anteriormente Zípora tivesse resistido à aplicação do rito inicial da fé judaica em seu filho e agora sua alma orgulhosa tivesse de submeter-se. Depois que alguém põe a mão no arado de Deus, não pode olhar para trás, nem consultar carne e sangue. Custe o que custar, precisamos pôr nossa casa em ordem se quisermos libertar uma nação.

Quando é da vontade de Deus, ele nos leva ao encontro do homem ou homens que hão de auxiliar-nos em nossa missão. Nossos caminhos se encontram no monte de Deus. Quando se abriu o túnel nos Alpes para construir a estrada de ferro, a obra começou em ambos os lados e os trabalhadores se encontraram no meio. O socorro está vindo, para nós de pontos inesperados, e nos encontrará quando estivermos mais necessitados dele.

ÊXODO 5.1-14

O Pedido Para Adorar a Jeová é Respondido com Opressão. A escravidão de Israel no Egito é um tipo perfeito de nossa escravidão ao pecado. (Ver João 8.34-36 e Romanos 7.23-25.) A desgastante tirania de nossos pecados habituais, as exigências imperiosas de Satanás; a ausência de recompensa para nossos inúteis esforços — são notáveis pontos de analogia. Embora choremos e lutemos, só há esperança para nós em Deus.

Não recebiam mais a palha! Não houve redução no número dos tijolos! Vem a acusação de ociosidade! Açoitamentos cruéis! E a libertação evidentemente mais distante do que nunca! Mas a hora mais escura precede a alva.

Quando um prisioneiro está fugindo levanta-se logo um clamor. O tirano, que por tanto tempo reteve sua presa, não está disposto a renunciar sem luta. O diabo, sentindo chegar o momento de

sair do menino, convulsionou-o antes de deixá-lo (Lc 9.42). Além do mais, Israel precisa aprender a olhar, não para Moisés ou Arão, mas para o Eterno Jeová.

ÊXODO 5.15-6.1

Moisés Apela Para Deus. O método de Deus é deixar os homens chegar ao fim de seus recursos para depois levantar-se para socorrê-los. Nossos esforços para libertar-nos só resultam no aumento de nossas dificuldades. A quota de tijolos é dobrada; as cargas aumentam; nossa força de vontade é quebrada; chegamos quase à beira do desespero. Provavelmente essa foi a hora mais sombria da vida do grande líder. Em todas as difamações atiradas contra ele, procurou refúgio em Deus. Não há outro refúgio para um homem acossado do que “tornar ao Senhor” (v. 22). Busquemos ao Senhor relatando-lhe nossos fracassos! Busquemos a ele para que nos dê novas instruções! Voltemos a ele pedindo sua intervenção! Sejamos inteiramente naturais com nosso Pai celestial! Humilhemo-nos debaixo da sua poderosa mão! Ousemos discutir com ele, dizendo: “Por quê, Senhor?” Então o Senhor nos dirá o que disse a Moisés: “Agora verás o que hei de fazer”.

ÊXODO 6.2-9

O Nome de Deus Confirma Suas Promessas. A declaração do versículo 3, à primeira vista, é surpreendente, porque nós recordamos várias passagens do Gênesis onde esse nome sagrado aparece. Mas isso decorre do fato de que grande parte do Gênesis foi composta muito depois desse povo ter superado essas tristes experiências; e era natural aplicar a Deus o nome que aplicavam a ele, agora, na ocasião em que estava sendo escrito. Para os patriarcas, Deus era *El*, o Forte; mas para seus descendentes ele era o imutável *Jeová*, que cumpria promessas feitas séculos antes. (Ver Malaquias 3.6.) Notemos os sete verbos com promessas (“tirarei”, “livrarei”, “resgatarei”, “tomar-vos-ei”, “serei”, “levarei”, “darei”), e os três “Eu sou”. Quantas vezes acontece conosco, como se deus com Israel no versículo 9, que nossa fé e esperança são bloqueadas por cir-

cunstâncias físicas, temporais. Mas nosso Deus conhece a nossa estrutura e pode compadecer-se das nossas fraquezas. Por isso, pode fazer-nos concessões.

ÊXODO 6.10-27

Os Antepassados dos Porta-Vozes de Deus. Eis aqui uma relação das jóias de Deus, no dia em que as contou. Isso nos recorda de Malaquias 3.17. Antes de conduzir o rebanho, o Bom Pastor contava as ovelhas, para que não faltasse nenhuma. Há uma ênfase peculiar na menção de Moisés e Arão no versículo 26: “São estes Moisés e Arão”. Era como se fôssemos levados à abertura do poço de onde tinham sido cavados, aliás um poço muito pobre, porque sua ascensão e condição era muito humilde e simples (Is 51.1). Mas, por meio deles, o Todo-Poderoso operou a libertação do seu povo. Foi através de instrumentos assim frágeis que ele falou ao maior monarca da época, Faraó, cujos despojos mortais permanecem até ao dia de hoje. É seu método escolher as coisas fracas e loucas para envergonhar e reduzir a nada as fortes e os sábios, para que ninguém se vanglorie na sua presença (1 Co 1.28,29).

ÊXODO 6.28-7.13

Faraó Resiste Obstinadamente à Libertação de Israel. Quantas vezes dizemos num tom semelhante: “Eu não sei falar bem; como, pois, me ouvirá Faraó?” Quarenta anos no deserto, em completa solidão, tinham roubado de Moisés a eloqüência que Estêvão afirma que ele possuía numa fase anterior da vida. Como Jeremias, ele se sentia como uma criança e incapaz de falar.

É terrível quando a vontade humana se põe em antagonismo à vontade divina. Se não vergar, terá que ser quebrada. Dessa vez o descendente de uma raça imperial tinha encontrado um que era superior a ele. Seria melhor que o caco de louça enfrentasse os cacos de louça da terra! Mas Deus não é insensível. No princípio ele tentou provar a Faraó quem ele era e o que era. Uma das principais razões das pragas, bem como desses sinais, foi estabelecer o fato

que o Jeová dos hebreus era o grande Ser que está por trás de toda a criação.

ÊXODO 7.14-25

O Sinal das Águas Tornadas em Sangue. Satanás sempre vai imitar a obra de Deus, mas só até um limite. A Bíblia nos revela que Janes e Jambres resistiram a Moisés (2 Tm 3.8); mas, mesmo assim, a vara de Moisés devorou as deles. Eles foram derrotados em seus próprios domínios, para que a fé que Faraó depositava neles fosse abalada. Mas foi na predição do que estava para acontecer que os irmãos hebreus provaram sua superioridade de um modo todo especial. O céu estava cor-de-rosa com o rubor da aurora quando Faraó, acompanhado por sua corte, foi executar as abluções costumeiras ou adorar à margem do Nilo. Moisés veio ao seu encontro com um apelo peremptório: “Deixa ir o meu povo”. De acordo com sua predição o Nilo se tornou como sangue. Mas, como os mágicos, com sua hábil arte mágica, pareciam capazes de fazer coisa igual, o coração de Faraó se endureceu — isto é, “nem ainda isto considerou o seu coração”. Em outras palavras, ele não levou em consideração a mensagem a ele enviada pela mão dos verdadeiros mensageiros de Deus.

ÊXODO 8.1-15

A Praga das Rãs e Sua Remoção. Provavelmente as pragas se seguiram em rápida sucessão, de modo que a impressão deixada por uma ainda não tinha cessado quando vinha a seguinte. É provável que toda a conjuntura tenha durado de nove a dez meses. A rã era um animal sagrado; assim, a praga se tornou mais grave porquanto era proibido destruí-la. Esse golpe fez surgir o primeiro sintoma de rendição. Embora os mágicos imitassem a vinda das rãs, não conseguiram removê-las, e o rei não esperou que eles lhe dessem tal socorro. Implorou a intercessão dos grandes irmãos hebreus que, para tornar o poder de Deus e a eficácia da oração mais manifestos, pediram ao rei que marcasse o dia. Os que conhecem a Deus e lhe obedecem de forma absoluta podem confiar nele com plena certeza e confiança. Nosso Deus se deleita na fé da-

quele que ousa confiar em sua disposição e poder, e ele não falhará para com aquele que confia plenamente em sua total suficiência.

ÊXODO 8.16-32

As Pragas dos Piolhos e das Moscas. O versículo 22 nos dá o objetivo dessas pragas sucessivas — “e saibas”. Os egípcios adoravam o rio de onde tinham vindo as rãs, eram extremamente escrupulosos com sua limpeza, banhando-se constantemente e sacrificavam às divindades que presidiam sobre os enxames de insetos nocivos. Portanto era necessário provar que tais deuses não eram deuses, “o Senhor, porém, fez os céus”. O justo e reto Jeová não podia esperar que Faraó obedecesse à sua voz enquanto ele não se tivesse revelado como o Deus dos deuses e Senhor dos senhores, e que era Senhor “no meio desta terra”. Ele não é um Deus ausente, mas um que está mais perto de nós que a própria respiração.

Observemos a separação no versículo 22! Nós não pertencemos a este mundo, porque, em Cristo, fomos crucificados para o mundo, e em Cristo fomos elevados aos lugares celestiais.

ÊXODO 9.1-12

A Praga da Peste nos Animais e das Úlceras. A praga da peste no gado nos lembra que a criação inteira geme e suporta angústias por causa do pecado humano. (Ver Romanos 8.22.) Mas esses gemidos são os gritos de nascimento, não de morte, e anunciam um dia mais feliz quando a criação será liberta do cativeiro da corrupção para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Há uma indicação disso aqui porque nem uma só cabeça de gado dos filhos de Israel foi atingida pela pestilência. O Senhor sabe libertar os seus, e a nossa fé deveria constituir uma bênção para os seres vivos de nosso lar ou nossa fazenda.

Como o pecado afeta terrivelmente nossa saúde física! Esses tumores e úlceras no homem e nos animais nos lembram os inevitáveis estigmas com que o pecado marca seus escravos. Leiaamos de novo o Salmo 91, à luz dessa passagem. As pessoas que se abrigam debaixo das asas de Deus, contemplan-

sãs e salvas, dali, do círculo encantado de sua presença, a pestilência e a praga.

ÊXODO 9.13-35

Fortes Trovões e Chuva de Pedras. Esse trecho lembra Apocalipse 7.3. Ali, o grande anjo ordenou que nenhum vento soprasse sobre a terra ou sobre o mar, ou sobre qualquer árvore enquanto os servos de Deus não tivessem sido selados na frente. Somente depois que isso foi efetuado, as trombetas deram o sinal para as catástrofes que sobrevieram sucessivamente à terra. (Ver Apocalipse 8.7ss.) O único ponto onde há segurança é dentro das protetoras garantias da aliança. Israel se abrigou nela e ficou seguro, não somente da chuva de pedra como da espada destruidora. Era um ponto tão seguro quanto o é, segundo se diz, o centro de um ciclone. Deus se comprometeu, mediante as mais solenes sanções, a ser um Deus para o seu povo e libertá-lo. Foi no cumprimento desse compromisso que ele se tornou para eles um pavilhão e cobertura, nessa hora terrível, aparando as pedras em suas asas, e evitando que fossem feridos. Quando confiamos em Cristo, ele se torna o nosso abrigo nas tempestades de castigo e condenação.

ÊXODO 10.1-11

Faraó Ainda se Recusa a Ceder. Faraó poderia ter sido um homem nobre e glorioso, através do qual Deus podia ter revelado todo o seu poder e glória (9.16). Mas ele recusou, e a profanação do melhor fez dele o pior. Na vida de toda pessoa, há um ponto crítico até o qual os métodos de Deus podem quebrar seu orgulho; mas, passado esse momento, tais métodos parecem somente endurecê-la. Assim como no inverno o degelo do meio-dia faz com que o gelo se torne mais duro durante a noite, assim também se o amor de Deus não conseguir nos amolecer, endurece-nos. Foi nesse sentido que parecia que Deus estava endurecendo o coração de Faraó. O verdadeiro conflito se estabelece com a obstinada vontade de Faraó, que não se dispunha a ceder (v. 3), embora seus servos o aconselhassem a deixar o povo ir (v.

7). O único resultado foi que o rei chamou os líderes hebreus e fez outro esforço, na base da acomodação: "Ide somente vós os homens". As crianças são sempre o ponto chave da situação.

ÊXODO 10.12-29

As Pragas dos Gafanhotos e das Trevas. O gafanhoto é a praga mais terrível das terras do Oriente. O calor é intenso, o ar parado, o som de uma brisa forte, o sol escurecido por uma nuvem de coisas vivas que cobrem a terra com uma camada de vários centímetros de espessura, a devorar tudo o que é verde (v. 15). Observemos a confissão de pecado que Faraó finalmente faz (v. 16). Muitos corações e vidas são devastados por esses gafanhotos, que devoram todas as folhas de promessa. Contudo, ao primeiro sinal de arrependimento genuíno eles são levados embora.

A palavra hebraica que aqui é traduzida como "trevas" é a mesma de Gênesis 1.2. O sol era uma das principais divindades do Egito; daí o horror que paralisou a população (v. 23). Mas, em Gósen, havia luz. (Ver Salmo 112.4 e João 8.12.) Faraó propôs um último acordo. (Ver o versículo 24.) Moisés deu uma grande resposta. O universo inteiro participará de nossa redenção (Rm 8.20,21). Jesus só ficará satisfeito com toda a possessão adquirida.

ÊXODO 11.1-10

O Aviso da Morte dos Primogênitos. "Ainda mais uma praga". Que palavras ameaçadoras! Esse último castigo arrancaria, para sempre, os grilhões do pescoço de Israel. É inútil o homem entrar em conflito com Deus. Deus não o esmaga de imediato, porque é longânimo e perdoador. (Ver 2 Pedro 3.9.) Mas, se ele persiste, recebe o golpe inevitável. (Ver Salmo 7.12.) No versículo 2 a palavra "peça" indica que não haveria devolução. Seria um justo pagamento pelos longos anos de trabalho não remunerado.

O "grande clamor" (v. 6) lembra o penetrante grito que ecoa em lares orientais quando a morte se faz presente. O mundo ouvirá um outro cla-

mor assim, como nos revela Apocalipse 1.7. No que diz respeito ao pecado não há diferença entre os que pertencem a Deus e os outros. Todos carecem da glória de Deus. Mas também não há diferença na aplicação de sua graça redentora. Toda a diferença está entre os que se protegem com o sangue do Cordeiro e os que se recusam a fazê-lo.

ÊXODO 12.1-14

O Cordeiro Pascal e a Aspersão do Seu Sangue. Doravante, Israel iria observar um novo início de ano. A data de nosso aniversário deveria ser não a do berço, mas a da cruz. O cordeiro pascal foi uma clara prefiguração de Cristo. (Ver 1 Coríntios 5.7.) (1) Era sem defeito. Examinado por amigos e inimigos, nenhuma falta foi achada nele. (2) Estava em pleno vigor quando deu voluntariamente a vida. (3) Separado no início do seu ministério, levou três anos para consumir seu propósito. (4) O derramamento do seu sangue — essa expressão sendo equivalente à sua morte sacrificial — significa que foram cumpridas as justas exigências da lei inviolável, onde sua carne é "verdadeira comida". (5) O ato de assar ao fogo, mais o pão asmo e as ervas amargas denotam a intensidade de seus sofrimentos, e o espírito quebrantado com que devemos chegar-nos a ele. E a atitude do peregrino não é figura da atitude da Igreja, que, a qualquer momento pode ser chamada a partir ao ouvir o toque da trombeta? (Ver 1 Coríntios 15.52.)

ÊXODO 12.15-28

A Festa dos Pães Asmos. Quem estava dentro da casa não via o sangue aspergido na porta. Nem precisava estar sempre indo lá olhá-lo. Está claro que não se tratava de algo que afetava sua emoção ou inteligência. Era um fato consumado e bastava que Deus o visse: "Quando eu vir o sangue, passarei por vós". Permanecemos em Cristo. Não é necessário tentarmos compreender nem sentir; apenas fiquemos calmos e confiemos na obra consumada e no juramento feito por Deus. Ele disse: "Todo o que nele crê não pere-

ça". O Cordeiro morto está no meio do trono; isso basta.

Celebremos a festa, não com o pão fermentado da malícia e da maldade, mas com o pão asmo da sinceridade e da verdade. Lembremo-nos de que temos de remover da casa de nossa vida todo fermento bem como tudo que está contaminado de doença; decomposição ou morte, para que Deus possa permanecer nela e ser nosso companheiro nessa jornada.

ÊXODO 12.29-36

Morrem os Primogênitos do Egito. Era noite, hora de paz, descanso e silêncio. Ninguém pressentia a calamidade, a menos que alguns egípcios tivessem começado a acreditar na palavra de Moisés, o homem de Deus. De repente, sem qualquer aviso prévio, descobriu-se que havia morte por toda parte. A morte pode entrar no palácio, passar pelas sentinelas, atravessar portas trancadas e matar o filho de Faraó. Mas tampouco a humilde e obscura mulher que mói o trigo, ou o preso na cadeia escaparão ao golpe. Não há diferença entre nós no fato de sermos todos pecadores, nem no da inevitabilidade do castigo, a não ser que sejamos remidos, pelo sacrifício como Israel foi.

A redenção de Faraó foi completa. As crianças? *Sim* Os rebanhos e manadas? *Sim!* Houve também uma grande agitação popular, e as pessoas prontamente forneciam aos israelitas tudo que eles pediam — os salários a que tinham direito por uma longa e não remunerada servidão. Eles partiram como um exército triunfante, "mais do que vencedores" por meio daquele que os amou.

ÊXODO 12.37-51

Israel Levado Para Fora do Egito. Os 600.000 aí mencionados eram homens com idade acima de vinte anos (Nm 1.3-46). Isso indica que o total da massa humana não seria inferior a 2.000.000 de pessoas de todas as idades. Sucote foi o primeiro ponto de convergência para o qual os vários grupos se dirigiram. Ficava em campo aberto, pelos quais seus rebanhos e ma-

nadas se espalharam. De fato, a noite em que ocorreu o êxodo foi uma ocasião para ser celebrada, porque, como diz Bunsen, ela foi o princípio da história. E nós, quase podemos acrescentar, que foi a hora em que Israel nasceu como nação. Deus chamou seu filho do Egito. Naquele momento, também, encerrou-se o período acerca do qual Abraão fora notificado. (Ver Gênesis 15.13; Gálatas 3.17 e versículo 40 aqui.)

Observemos a ênfase dada à circuncisão, que era o tipo (símbolo) da eliminação dos pecados da carne. (Ver Colossenses 2.11.) Precisamos estar separados do pecado para que possamos apropriar-nos de nossa porção do Cordeiro Pascal ou de participarmos do êxodo.

ÊXODO 13.1-16

Os Primogênitos São Consagrados a Jeová. Dois costumes hebreus remontavam ao êxodo — primeiro, a dedicação dos primogênitos ao serviço de Deus; e, segundo, a festa dos pães asmos, quando o cordeiro pascal deve ser imolado. (Ver Lucas 22.7.) Os primogênitos tinham sido resgatados de um modo todo especial, e portanto pertenciam a Deus. Em todos eles foi estampada uma pequena palavra: *Meu*. Que bela lição para todos nós que fomos remidos pelo precioso sangue de Cristo! Nós somos seus por direito de compra; também devemos ser seus por uma decisão pessoal. Sempre que tomarmos essa posição em relação a Deus, podemos contar com sua forte mão. Em anos posteriores, os primogênitos, que executavam os ritos sacerdotais, foram substituídos pelos levitas (Nm 3.11-13); mas ainda eram resgatados por um cordeiro imolado. Os primogênitos só estavam vivos porque um cordeiro morria. E nisso ele se achava no mesmo nível de um asno. Que parábola temos aqui! (Ver Romanos 3.22 e 10.12.)

ÊXODO 13.17-14.9

O Povo Sai e é Perseguido. Havia duas estradas para Canaã, a mais curta através da terra dos filisteus, mas se seguissem por ela os hebreus estariam expostos às mesmas cenas que tanto atemo-

rizaram os doze espias. (Ver Números 33.) Eles poderiam ter tido de guerrear a cada quilômetro que avançassem. Isso teria sido uma provação excessiva para sua pequena fé. Por isso Deus, como uma águia-mãe, os carregou em suas asas. O Anjo do Senhor que guiava a marcha no carro de nuvem “fez o povo rodar”. E Deus ainda lida conosco assim, amenizando o vento para a ovelha tosquiada. Nossa paciência e fé ainda são severamente testadas através da estrada tortuosa e difícil, mas, depois, quando compreendemos as razões de Deus, aceitamos os fatos. Aprendemos muitas lições na estrada do deserto. Quantas vezes Deus nos leva a situações que parecem difíceis, para que, chegando ao fim de nossos recursos, possamos dar lugar para ele operar. Tudo é amor. (Ver Salmo 136.)

ÊXODO 14.10-20

O Povo Murmurador é Encorajado. Não devemos nos admirar com a consternação deles. À frente, a arrebentação da praia; atrás, as cerradas fileiras do exército egípcio; e nos dois lados, rochedos intransponíveis. Parecia uma verdadeira armadilha mortal, uma situação altamente perigosa. Mas Moisés está confiando na salvação de Deus. Tudo o que eles tinham a fazer era aquietarem-se e observar o Senhor em ação. É difícil ficar quieto quando a situação se agrava. Se não soubermos o que fazer, é melhor ficar parado até saber; cabe a Deus dirigir e defender o crente. Deixemos Deus enfrentar a batalha (v. 14). Esse Anjo, diz-no Estêvão, era o Senhor Jesus (At 7.38). Ele sempre se coloca entre nós e nossos fortes inimigos. (Observemos o versículo 19.) O homem comum coloca as circunstâncias entre ele e Deus, mas a alma consagrada insere Deus entre ele e as circunstâncias. Quando Deus diz *Marchem!* ele abre o caminho e conduz o seu povo, como um pastor conduz seu rebanho, por um caminho que as ovelhas não conhecem.

ÊXODO 14.21-31

Os Egípcios Perecem no Mar. Assim que as primeiras fileiras israelitas se apro-

ÊXODO 15.22-27

As Águas de Mara se Tornam Doces; o Descanso de Elim. Como são rápidas as transições da vida! Hoje o cântico de vitória, amanhã os poços amargos de Mara, e, a seguir, a sombra das palmeiras de Elim! Num momento estamos cantando o alegre cântico de vitória às margens do mar Vermelho, juncadas dos cadáveres dos inimigos, que, assim cremos, estamos vendo pela última vez; mas logo depois, com uma súbita mudança, nos encontramos colocados juntos às águas da dor e da frustração, em Mara. Entretanto, aprendemos mais sobre Deus em Mara do que em Elim, pois ela nos revela a árvore da cruz. Foi ali que o Senhor submeteu inteiramente sua vontade ao Pai. (Ver Hebreus 10.5-7.) “Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o *madeiro*, os nossos pecados.” (1 Pe 2.24.) Para nós, só há uma maneira de suportar a tristeza e extrair dela sua doçura. Devemos submeter nossa vontade a Deus; devemos aceitar o que ele permite; fazer o que ele ordena. Desse modo aprendemos que as frustrações na verdade são determinação de Deus.

ÊXODO 15.1-21

O Cântico de Moisés em Louvor a Jeová. Esta sublime ode se divide em três partes: primeiro aprendemos o que Deus é. *Força no dia da batalha; cântico na vitória; salvação sempre.* Ele é o Deus de nossos pais, e o nosso próprio Deus; o poderoso defensor do seu povo. Notemos que o Espírito de Inspiração cede apenas uma ou duas linhas para mencionar as murmurações de Israel, mas registra esse cântico de alegria com minucioso cuidado. O louvor é belo!

Em segundo lugar, descobrimos o que Deus é para os seus inimigos. Eles são submersos pelas águas envolventes da destruição. Assim como um espinheiro nunca conseguiria derrotar o fogo, assim o homem não conseguirá ganhar sua luta contra Deus.

Aprendemos, em terceiro lugar, o que Deus faz aos seus amigos. Ele conduz aqueles que resgatou. Com seu poder ele os conduz até seu destino. Ele, que os faz sair, os faz entrar, e os estabelece no lugar que lhes tem preparado. Peçamos-lhe que faça isso por nós. Ele que nos tirou do Egito pode levar-nos a Canaã.

ÊXODO 16.1-12

Deus Repreende a Murmuração por Causa do Alimento. Moisés fizera uma dupla promessa aos israelitas em nome de Deus. À tarde eles iam ter carne para comer, e pela manhã, pão a faltar. Mas, antes que eles recebessem esses presentes era preciso que se fizesse menção da conduta deles para com os dois irmãos cuja autoridade tinham questionado por causa dos acontecimentos da manhã. Daí, a manifestação da glória divina na nuvem (v. 10). Depois disso um enorme bando de codornizes, uma ave de arribação que muitas vezes sobrevoa o mar Vermelho nesse ponto, caiu nos arredores do acampamento hebreu e ali ficou, e como as aves estavam cansadas, facilmente foram caçadas à mão. Como são admiráveis as palavras: “O Senhor ouviu as vossas murmurações”. Deveríamos lembrar-nos delas quando nos sentirmos tentados a duvidar do amor de Deus e a queixar-nos do tratamento que ele nos dispensa.

Que os fiéis servos de Deus se reanimem; ele os desagrarará.

ÊXODO 16.13-26

O Maná no Deserto. O maná foi um tipo de Cristo. (Ver João 6.31-34.) Ele desceu do céu para colocar a vida de Deus ao alcance do homem. Mas o fato de Deus ter feito uma provisão tão rica e abundante para nós por si só não basta; é preciso que nos apropriemos dela por meio da oração diária e da fé. O Senhor intitula-se "o pão da vida", não apenas para ensinar-nos o que ele é em si mesmo em relação à necessidade da nossa alma, mas para lembrar-nos que temos de apropriar-nos dele intimamente, tomá-lo como alimento, tornando-o parte de nós mesmos. Somente assim ele pode comunicar poder e alegria ao nosso coração. Não bastava que o maná, falcando como pérolas à luz do sol matutino, estivesse ao alcance dos israelitas; eles tinham de ir colhê-lo. O orvalho não lembra apenas o Espírito Santo, mas a aurora. Não há hora melhor que de manhã bem cedo para termos comunhão com Jesus! E por mais que colhamos, nunca colheremos demais. Colhamos tudo o que pudermos, não irá sobrar nada; se tivermos de passar por alguma provação, um pouco de Cristo será suficiente para muita coisa; não sentiremos necessidade de nada.

ÊXODO 16.27-36

O Alimento Diário e Seu Memorial. Onde que que pare a nuvem, o maná cai. Se formos fiéis às direções divinas e armarmos nossa tenda obedecendo à nuvem orientadora, podemos confiar plenamente nele, para prover nosso alimento diário. Ele virá "diariamente". Cada homem deve colher, não somente para si, mas para todos os de sua família. Não precisamos guardar provisão para amanhã, porque Deus, que *proveu* hoje, *proverá* amanhã. E não precisamos quebrar o dia de descanso, ou perturbar o repouso de nossa alma, por efeito de preocupações e cuidados permanentes em relação às nossas necessidades físicas. Deus que abre sua mão para satisfazer a fome de todos os seres vivos, não esquecerá seus filhos.

Entreguemo-nos à santa comunhão, lançando sobre ele toda a nossa ansiedade; tomemos o que ele nos dá agora e confiemos nele quanto aos dias futuros. Nosso pão ser-nos-á dado e ainda muito mais do que isso. Lembremo-nos de que ele deu codornizes no deserto, e peixe para os 5.000!

ÊXODO 17.1-16

A Água da Rocha; a Vitória Sobre Amaleque. Da rocha ferida fluiu a água para o povo sedento. Assim também foi ferida a Rocha dos Séculos, e do seu lado ferido fluiu sangue e água para purificar o pecado e saciar a sede do mundo. Aquele que come sua carne e bebe seu sangue, espiritualmente, tem a vida eterna. Tal restauração de forças se constitui numa preparação para a guerra. *Então* veio Amaleque! Quando nossas necessidades físicas são atendidas, há sempre o medo de Amaleque, que, na tipologia das Escrituras, ocupa o lugar da carne. O conflito entre essa tribo do deserto e Israel foi longo e amargo. O velho Adão, disse Lutero, é muito forte para o jovem Melancton. Mas, deixemos que o Senhor lute por nós! Levantemos para ele as mãos abertas; ele não falhará. (Ver Mateus 1.21.) Mas guardemos a retaguarda, e peçamos a Jesus para cercar-nos por detrás e pela frente. (Ver Deuterônimo 25.17,18.)

ÊXODO 18.1-12

Moisés Fala a Jetro da Bondade de Deus. Os nomes que Moisés deu a seus dois filhos revelam o rumo de seus pensamentos durante os quarenta anos de sua vida como pastor de ovelhas. Possamos sempre lembrar que somos forasteiros aqui e nosso único socorro está em Deus. Como Moisés demonstrou humildade ao atribuir a Deus a glória do êxodo! Essa é a cura certa para o orgulho; pois o que somos nós senão o machado que está posto na raiz da árvore, ou a queixada seca de um jumento? Jetro pertencia a outro tipo de vida religiosa. Não pertencia ao povo escolhido, nem seguia os métodos do culto judaico. Mas os crentes reconhecem seus parentes no mundo todo, e num abraço amoroso não levam em conta as pequenas divergências. "A

graça seja com *todos* os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo." (Ef 6.24.)

ÊXODO 18.13-27

Moisés Nomeia Chefes Para Julgar Israel. Foi muito bonito da parte de Jetro seu franco reconhecimento da supremacia e da benignidade de Deus. Oh, se tivéssemos mais sabedoria para discernir e mais humilde reverência para reconhecer a bondade divina assim que a encontrássemos! Seu conselho também foi muito perspicaz. É melhor colocar mil pessoas a trabalhar do que tentar fazer o trabalho de mil pessoas. Os maiores e mais úteis homens são os que sabem delegar tarefas a outros para as quais estes se acham bem qualificados, enquanto eles próprios se concentram em assuntos de importância maior, que os outros não estão em condições de assumir. Assim se cria caráter. O maior serviço de todos é apresentar os pedidos e causas dos homens a Deus, e depois mostrar-lhes o caminho em que deveriam andar e a obra que deveriam realizar. Num sentido mais elevado, é isso que Jesus faz por todos nós.

ÊXODO 19.1-15

Moisés Recebe as Palavras de Jeová no Monte. A planície na baixada do Sinai onde Israel acampou já foi identificada, e o leitor faria bem em estudar os livros que dão informação sobre ela e que nos possibilitam fazer uma imagem mental do cenário. As cores brilhantes, em que predomina o arenito vermelho; os picos irregulares, batidos pelos trovões; o espantoso silêncio; a total ausência de vegetação; a superfície tão plana onde tudo se pode ouvir e ver ao longe — tudo isso merece atenção. A ternura da mensagem divina é muito tocante. E nós não estamos excluídos dessas promessas, se somos os filhos espirituais de Abraão. (Ver Romanos 4.16.) Se Deus podia transportar essa multidão de pessoas, ele é poderoso para cuidar de nós e nossas cargas. Nós também podemos constituir para ele um tesouro peculiar e um reino de sacerdotes.

Mas o solene compromisso de Israel foi um profundo erro. Tivessem eles conhecido melhor, jamais o teriam assu-

mido, e um dos desígnios do Decálogo era mostrar como é absolutamente impossível alguém ser justificado pelas obras da Lei. O Pentecostes ocorreu no aniversário dessa augusta cena.

ÊXODO 19.16-25

O Povo é Advertido a Não se Aproximar do Monte. A santidade de Deus era ensinada por meio de lições objetivas. O povo devia lavar suas vestes, o monte devia ser interditado, nem mesmo um animal podia pastar nos acíves, ninguém podia tocar o santo solo. Moisés teve de descer duas vezes para advertir o povo (vv. 14,21,25). Somente ele e Arão podiam subir. Tudo foi feito para convencer o povo da vasta distância que se interpunha entre eles e Deus. Foi o terror criado por tais determinações e do qual estava impregnada a antiga dispensação, que levou Pedro a exclamar no momento em que a glória divina de Jesus brilhou sobre ele: "Senhor, retire-te de mim, porque sou pecador".

Ousemos acreditar que junto com cada aflição, provação e angústia de alma, encontraremos o caloroso amor de Deus. Nuvens e escuridão podem estar em volta dele, mas fidelidade e verdade, julgamento e misericórdia estão nos fundamentos de seu trono. Ouçamos a voz que nos convida a entrar no pavilhão e lembremo-nos de Hebreus 12.18ss.

ÊXODO 20.1-17

✠ *As "Dez Palavras" Faladas no Sinai.* A lei foi dada pela disposição de anjos, por intermédio de Moisés. (Ver João 1.17 e Atos 7.53.) Ela nos diz, não o que Deus é, pois isso só é mostrado em Jesus Cristo, mas como o homem deveria ser. Ela reúne numa forma concisa o código moral que faz parte da natureza das coisas e está gravado na consciência do homem. (Ver Romanos 2.15.) Até mesmo o Quarto Mandamento está profundamente gravado em nossa natureza física. Essas leis são, na maior parte, negativas, mas seu lado positivo está declarado em Mateus 5. Para fins práticos esse código divino consiste de duas divisões ou tábuas; a primeira apresenta nossos deveres para com Deus; a segunda, para com o homem; mas todos

estão resumidos na grande lei do amor. (Ver Marcos 12.29-31; Romanos 13.8-10 e Gálatas 5.14.) O Senhor Jesus se coloca como nosso fiador no tribunal do Sinai. Por sua justiça que nos é imputada e comunicada, por sua obediência e morte, pela graciosa habitação do seu Espírito em nós, ele vem “não para revogar, mas para cumprir”. (Ver Mateus 5.17 e Romanos 8.4.)

ÊXODO 20.18-26

O Povo se Aterroriza; os Ídolos e os Altares. Quando o Senhor estava na terra, ele era tão atraente e cativante que os publicanos e pecadores aproximavam-se dele para ouvi-lo; pecadores arrependidos choravam a seus pés, as crianças gostavam dele. Mas, mesmo assim ainda havia alguns que desejavam que ele saísse de sua terra. Aqui também, enquanto Moisés se aproximou de Deus, o povo se manteve afastado do Senhor. Procuremos não estar entre os que evitam a presença de Deus, mas entre os que foram aproximados pelo sangue de Cristo. Exerçamos nosso direito de nos aproximar do trono da graça e permanecer na verdadeira presença do nosso Deus Pai, porque temos um grande Sumo Sacerdote que penetrou os céus (Ef 2.13)..

No 22.º versículo começa o Livro da Aliança, que se estende até 23.33 e contém uma série de leis muito proveitosas. A primeira disposição trata do culto ao Altíssimo. Observemos que ele registrará o seu Nome em *todos* os lugares. Podemos adorá-lo em toda parte. O altar tinha de ser de terra, ensinando-nos a lição da humildade, da simplicidade e da humilhação pessoal. (Ver Hebreus 13.10.) Mas o acerto com Deus sempre precede a retidão para com o homem.

ÊXODO 23.1-19

Leis Sobre a Conduta e o Culto. Podemos aplicar esses vários preceitos ao nosso próprio coração. Muitos deles estão impregnados do verdadeiro espírito de Cristo. Devemos vigiar nosso falar, de modo que não maculemos o caráter de ninguém com nossa maledicência ou difamação. Devemos ter a ousadia de defender a verdade, ainda que nos en-

contremos sozinhos em tal posição. Com inteira bondade e boa vontade devemos salvar nosso próximo de dano, mesmo que ele se tenha irado contra nós. Jamais haveremos de nos aproveitar dele; no tempo certo, Deus, à sua maneira, nos vingará. Não nos disponhamos a fazer o mal. O gesto de Davi negando-se a ferir Saul quando seu mais amargo inimigo estava ao seu alcance, é um inspirativo exemplo para nós. Devemos manter um invariável equilíbrio num justo e honroso tratamento com todos os homens, e cultivar no coração a santificação do Dia do Senhor. Cada um de nós também deve ter uma lembrança perpétua do Calvário, da ressurreição e do Pentecostes — as três festas da alma!

ÊXODO 23.20-33

A Promessa da Entrada em Canaã. Esse Anjo deve ter sido o próprio Senhor, porque Estêvão disse expressamente que o Anjo estava com Moisés na sarça ardente, onde Jeová se revelou a ele, e a própria terra era santa. Além disso, aqui diz que o Nome de Deus — isto é, sua natureza — estava nele. O Filho de Deus, portanto, deve ter sido o líder daquela multidão de peregrinos, seguindo à frente deles e atendendo às suas necessidades.

Observemos que Deus ia enviar vespas adiante do seu povo (v. 28). A Presença divina, que para os filhos de Deus é o Anjo, transforma-se numa vespa para os rebeldes e ímpios. Para um tem sabor de vida, para outro, de morte. O sol que branqueia o linho branco, bronzeia as mãos que o expõem; a nuvem que é luz para Israel, é treva pesada para o Egito. Não entristecemos o Espírito Santo, que vencerá nossos inimigos e fartará nossa alma com bondade, se obedecermos à sua voz.

ÊXODO 24.1-11

A Aliança é Feita e Selada com Sangue. Moisés permaneceu em comunhão com Deus enquanto recebia as leis que estão nos capítulos precedentes. Concluída essa tarefa, ele desceu para ratificar a aliança entre Jeová e Israel com toda a solenidade. Se o altar represen-

tava o lado divino no acordo, as doze colunas representavam Israel. Os jovens responderam pelo ofício sacerdotal de acordo com 13.2, até que os levitas fossem nomeados. Deve ter sido um espetáculo sublime quando ele selou a aliança com o sangue aspergido. Mas, deixemos essa primeira aliança, selada com sangue de animais e voltemo-nos para a nova aliança, pela qual todos os que constituem a Igreja dos remidos estão ligados a Deus, e que foi selada pelo derramamento do precioso sangue de Cristo. “Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança”, disse Jesus, quando servia o vinho. (Ver Hebreus 9.18-20 e 13.20.) A Ceia do Senhor é uma perpétua lembrança de nossas obrigações.

ÊXODO 24.12-25.9

Deus Mostra a Moisés Seu Plano Para o Tabernáculo. Pode-se dizer que era como se houvesse quatro círculos concêntricos dispostos ao redor do fogo consumidor da Presença Divina. No círculo exterior, o povo (24.2,17); a seguir, os setenta anciãos (24.9,14); depois, Josué (24.13; 32.17); e, por fim, Moisés (24.18). Eles representam, respectivamente, primeiro aqueles que não conhecem a Deus; segundo, aqueles cuja vida religiosa é afetada por sua excessiva devoção à carne; em terceiro lugar, os poucos cuja comunhão é suscetível de ser interrompida pela trombeta de guerra; e por último aqueles que foram colocados junto a Deus em Jesus Cristo o Senhor, e foram batizados no Espírito Santo.

Em que grupo nos situamos? Somos convidados a chegar perto; façamos jus ao convite. (Ver Hebreus 10.19,20.) Sempre há lugar no topo do monte, e ali podemos permanecer, contemplando, como num espelho, a glória do Senhor. Observemos o que Deus disse: sobe a *mim*. Ele deseja ter nosso amor e fé (Pv 8.31). Ele acha suas delícias com os filhos dos homens; por um alto preço ele nos abriu a porta de acesso (Rm 5.1,2). Nós necessitamos de Deus, e Deus nos quer. Por isso, em seguida, é planejada a construção do tabernáculo, para que ele possa habitar com o homem sobre a terra.

ÊXODO 25.10-22

A Arca e o Propiciatório. O tabernáculo continha muitos ensinamentos simbólicos, cujos significados plenos são dados na Epístola aos Hebreus, onde diz claramente que o Espírito Santo inspirou o planejamento das várias partes. (Ver Hebreus 9.8.) Seria excelente para nós se edificássemos nossa vida como Moisés fez o tabernáculo: de acordo com o plano divino. (Notemos 25.9,40; 26.30; 27.8 e Hebreus 8.5.) A *arca* era o símbolo da aliança entre Jeová e seu povo.

A placa de ouro, conhecida como o propiciatório, era o ponto de encontro entre Deus e o homem. Era ali que o sumo sacerdote aspergia o sangue da expiação uma vez por ano. Os apóstolos Paulo e João fazem alusão à “propiciação”. (Ver Romanos 3.25 e 1 João 2.2.) De cada lado, há uma figura de um anjo inclinado, com o rosto voltado para baixo. (Ver 1 Pedro 1.12.) Abaixo dele foram colocadas as tábuas da lei escrita, porque a justiça divina subjaz a todos os intercursos de Deus com os homens.

ÊXODO 25.23-40

A Mesa dos Pães da Proposição e o Candelabro. A mesa dos pães da proposição, ou pão-presença, tinha doze pães, que representavam as doze tribos de Israel. Media cerca de noventa e nove centímetros de comprimento, quarenta e oito centímetros de largura, e setenta e três e meio centímetros de altura. A moldura ou orla de ouro ao redor do tampo evitava que seu conteúdo caísse. Os pães eram trocados semanalmente e, quando removidos, só poderiam ser comidos pelos sacerdotes. (Ver Marcos 2.26.) Com certeza a simbologia dessa mesa, que era colocada imediatamente antes do véu no lado externo, era para ensinar que a pureza e a devoção de Israel, para Deus eram como o pão. Ele tem prazer naqueles que o temem. Nós também, juntamente com Deus, nos alimentamos da beleza e da glória da obediência de nosso Salvador, até à morte.

O candelabro, com suas sete hás-teas, custa uma tremenda fortuna e é um tipo de Cristo, a Luz do mundo,

e do povo de Deus quando iluminado pelo fogo divino e está brilhando no meio das trevas que o cercam. (Ver Zacarias 4.2; João 8.12 e Apocalipse 1.13.)

ÊXODO 26.1-25

As Cortinas e as Tábuas do Tabernáculo. O tabernáculo era construído com tábuas verticais, sobre as quais foram pendurados quatro conjuntos de cortinas. O conjunto que dava para o interior dele, e que formava o teto, era de tapeçaria, bordado com querubins de diversas cores — azul, escarlate e púrpura — trabalho hábil de tecelão de damasco. Por cima destas estava um segundo conjunto de cortinas, de pêlos de cabra, mais compridas e mais largas, de modo a proteger as primeiras; enquanto o terceiro e o quarto conjuntos de peles de carneiro e de animais marinhos respectivamente, para protegê-las das intempéries.

Podemos ver nessas cortinas, profundos ensinamentos com respeito à natureza humana do Senhor; pois a Bíblia diz que o Verbo de Deus se fez carne e *tabernaculou* entre nós. Essa frase naturalmente sugere que o seu corpo humano foi a tenda ou o tabernáculo em que seu espírito habitou. (Ver João 1.14.) No linho fino retorcido, vemos sua santidade; na cor azul, sua origem celestial; na púrpura, sua majestade; no carmesim, seus sofrimentos.

ÊXODO 26.26-37

O Véu e o Reposteiro. As tábuas que formavam os lados e o fundo do tabernáculo eram de madeira recoberta de ouro, e colocadas sobre bases de prata. Elas eram ligadas por cinco longas barras que passavam através das argolas, paralelas com o chão. O véu tipificava a separação entre o homem e Deus, a terrível barreira produzida pelo pecado, que a todos impede de ter o gozo de Deus, com exceção dos que podem entrar no Santo dos Santos por meio do sangue de Jesus. Os homens tinham estampada em si sua indignidade, e não podiam aproximar-se de Deus. As figuras de querubins bordadas no véu lembravam-lhes o que está registrado em Gênesis 3.24. Ali, eles eram levados a enxergar de antemão a hora em

que um novo e vivo caminho seria aberto.

A divisão do tabernáculo sugere dois graus de proximidade para com Deus, ou dois estágios do viver cristão. Podemos conhecer o grande altar de bronze que é o Calvário, e a mesa dos pães da proposição e o candelabro; mas, para os que já compreenderam o significado do véu rasgado e da cruz, há outra coisa além dessas! (Ver Mateus 27.51 e Gálatas 2.20.)

ÊXODO 27.1-19

O Altar e o Átrio. Bem antes de fazer qualquer menção do altar do incenso, a Bíblia fala do altar de bronze, porque para termos comunhão com Deus e recebermos a resposta de nossas orações precisamos antes acertar nosso relacionamento com ele através da morte do Senhor na cruz. Esses altares foram feitos da mesma espécie de madeira, mas no caso do altar que estamos considerando, e que ficava defronte do tabernáculo, a madeira era recoberta de bronze, e esse metal sugeria a severidade do fogo sacrificial que ardeu na crucificação, quando Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós. Procuremos fazer distinção entre esses altares. Já ultrapassamos o primeiro; somos chamados a ministrar perpetuamente no outro. O átrio media quarenta e seis metros de comprimento por vinte e três de largura, e era formado com cortinas de linho fino retorcido. Deve haver separação entre os sacerdotes de Deus e o mundo. (Ver 1 Pedro 2.5.)

ÊXODO 27.20-28.14

O Azeite Batido; a Estola Sacerdotal. Nas Escrituras, o azeite sempre é um símbolo do Espírito Santo. É a graça do Espírito comunicada ao pavo do nosso caráter e nossa vida, que nos capacita a produzir uma luz brilhante para Deus. Esse azeite era *puro*, porque só os puros de coração e os humildes de espírito têm condições de resplandecer brilhantemente por Deus. Este azeite era *batido*, porque o nosso melhor trabalho muitas vezes resulta de nossos sofrimentos. McCheyne costumava dizer: "Azeite batido para o santuário", referindo-se ao cuidado com que os mi-

nistros e os professores deveriam preparar-se para o trabalho cristão. Obtenhamos nosso azeite diretamente dele! (Ver Zacarias 4.2,3.)

É conveniente que estudemos as vestes sacerdotais. Nós ministramos no interior do átrio, conservamos a lâmpada do testemunho em ordem até o dia raiar, e ficamos perante o altar do incenso. É necessário que nos atavieemos com a beleza da santidade. O Senhor traz nosso nome gravado indelével e eternamente, e nós somos aceitos no Amado.

ÊXODO 28.15-30

O Peitoral e Suas Pedras. No peitoral havia doze pedras preciosas engastadas, tendo gravado em cada uma o nome de uma tribo — tanto a menor como a maior, tanto Benjamim como Judá, tanto Simeão, que se espalhou pelo deserto, como Efraim que ocupou o centro da terra prometida. Fossem quais fossem seus pecados e falhas, suas punições e castigos, nada poderia removê-los desse lugar sagrado. Eles podiam estar até inimizados entre si, mas, mesmo assim, ali estariam em perfeita unidade.

Assim é conosco. Nosso nome está gravado no coração de Jesus e está sempre diante de Deus. Nem a vida nem a morte pode separar-nos do amor dele. Não olhemos para nossas imperfeições e falhas, mas para nossa posição em Cristo Jesus. Deus não pode esquecer-nos. Pode ser que águas escuras inundem nossa alma, ou que a voz do acusador soe áspera em nossos ouvidos, ou que nosso coração e nossa carne falhem, mas nós somos preciosos à vista de Deus e lampejamos com a luz dele, como o jaspe ou a safira.

ÊXODO 28.31-43

As Santas Vestes de Arão. A estola era usada sobre a sobrepele. Esta era azul, a cor do céu, o azul dos lagos profundos, da genciana e do miosótis. Era uma peça inteiriça. (Ver João 19.23.) Na sua barra havia uma orla na qual se alternavam campainhas e romãs. Nós somos como as orlas de suas vestes, e o azeite santo chega até nós ali, como diz o salmista. (Ver Salmo 133.2.) Nós

podemos receber a unção do santo Cristo. O Espírito que foi dado a ele tão ricamente pode ungir-nos também, e se revelará no *fruto* da romã e na *sua-vidade* das campainhas de ouro. A lâmina que Arão levava na testa trazia uma inscrição que, segundo nos diz o profeta, será gravada também em nossas tarefas mais comuns e em nossos serviços mais prosaicos. (Ver Zacarias 14.20,21.) A roupa dos sacerdotes comuns era muito simples. Puro linho branco! Tal é a roupagem que fica bem a todos nós! (Ver Apocalipse 19.8.)

ÊXODO 29.1-18

Os Sacerdotes Preparados Para a Consagração. A consagração dos sacerdotes era uma cerimônia imponente e cheia de minúcias. Observemos como Arão e seus filhos são mencionados juntos, como que para lembrar-nos que Jesus e nós estamos juntos eternamente. Ele é o Sumo Sacerdote fiel, mas nós também fomos feitos sacerdotes para Deus. Primeiro foi a lavagem com água, revelando a necessidade de pureza pessoal. (Ver Hebreus 10.22.) Depois, vestiram as roupas sagradas; porque os sacerdotes de Deus devem estar adornados conforme a beleza da santidade. (Ver Salmo 110.3.)

O óleo da unção é o emblema do Espírito Santo. (Ver Salmo 132 e 1 João 2.27.) Não basta termos o Espírito Santo em nós para formação do caráter cristão; precisamos da sua unção para o serviço. O novilho morto, como sacrifício pelo pecado, lembra-nos do contraste entre o Salvador e nós. Ele não conheceu pecado; nós necessitamos de propiciação para o nosso pecado. O sacrifício queimado lembra-nos de Romanos 12.1,2.

ÊXODO 29.19-30

As Ofertas de Consagração. O sangue do segundo carneiro da cerimônia de consagração era para ser colocado na orelha, na mão e no pé. Dessa forma aprendemos que nossos sentidos, atos e modos de vida devem ser dedicados a Deus. Embora as vestes, que haviam acabado de vestir fossem totalmente novas, precisavam ser aspergidas com sangue e azeite, da cabeça aos pés. Aos

nossos olhos parece uma terrível desfiguração, mas o Espírito Santo quis dar a entender que até mesmo a beleza tem necessidade do perdão e da unção divinos. Sempre que o sacerdote olhasse sua vestimenta ele se lembrava de que era indigno bem como da abundante graça de Deus. O Senhor Jesus, naturalmente, não necessitou desse cerimonial. Ele era santo, imaculado e separado de pecadores.

Parte da carne era movida na direção do céu e depois queimada, como se Deus dela se alimentasse, enquanto outra parte era comida pelos sacerdotes. Era como se Deus tivesse participado, junto com os sacerdotes, de um santo sacramento, o símbolo da união dele com eles.

ÊXODO 29.31-46

Os Contínuos Sacrifícios Diários. A cerimônia da consagração era repetida durante sete dias consecutivos, e deve ter produzido profunda impressão nos que a viram. Assim, era regra sobre regra; e nós podemos glorificar a Deus pela sua paciência, por mostrar-se disposto a conduzir o povo hebreu por meio dessas repetidas ordenanças para que atingisse a mais sublime espiritualidade.

Observemos as ordenanças sobre os sacrifícios diários! Nossa vida espiritual não consegue desenvolver-se sem essas horas e hábitos de devoção, como os que esses sacrifícios sugerem. Em todos os tempos, sempre houve o costume de se fazerem orações matutinas e vespertinas. Nas primeiras, partimos para nosso trabalho até à tarde, pedindo ao nosso Pai que nos dê orientação e proteção. Nas outras suplicamos perdão e misericórdia. (Ver Salmo 55.17 e Daniel 6.10.) O capítulo termina com muitas promessas grandes e preciosas, que nós que cremos em Jesus, podemos pedir e receber.

ÊXODO 30.1-10

O Altar do Incenso. A menção do altar do incenso feita só agora parece estar meio atrasada em relação à descrição do tabernáculo. Mas não está fora de lugar, porque a oração intercessória, que ele representa, é a coroa e o clí-

max da vida espiritual. Quando o Senhor sofreu sua morte sacrificial, entrou no céu para interceder por nós. Em Apocalipse 8.34, o véu é levantado e então podemos contemplá-lo, de pé junto ao altar de ouro e acrescentando muito incenso às orações de todos os santos. Quanta oração está sempre passando pelas suas benditas mãos e seu amoroso coração! João 17 é o altar de ouro da Escritura; cultuemos a Deus nele constantemente. Mas, infelizmente esses altares terrenos ficam logo poluídos, até por nossas orações, e aí necessitam do sangue que fala de paz. Todas as nossas orações requerem o sangue da expiação e união.

ÊXODO 30.11-21

O Dinheiro do Resgate e a Bacia de Bronze. O dinheiro do resgate era pago por todos igualmente, para lembrar-lhes que eram uma raça redimida e que no que dizia respeito ao valor de cada um, nem classe, nem idade, nem dinheiro faziam diferença. (Ver Romanos 3.22-24 e 10.12,13.) O rico não podia dar mais, para que não ficasse orgulhoso; o pobre não podia dar menos, para que pudesse ficar no mesmo nível do rico pela misericórdia de Deus para com ambos.

A bacia de bronze lembra-nos da importância de uma lavagem diária. (Ver João 13.) É muito necessário aproximarmos constantemente de Cristo com confissão e oração para termos paz e poder. (Ver 1 João 1.6,7.) A bacia de bronze foi feita dos espelhos das mulheres. (Ver Êxodo 38.8.) Foi um bom uso para eles, e uma utilização muito apropriada, pois a Palavra de Deus é comparada a um espelho por suas qualidades reveladoras, e à água pela purificação. (Ver Tiago 1.23 e Efésios 5.26.)

ÊXODO 30.22-38

O Óleo da Unção e o Incenso. O óleo da unção era extremamente precioso e caro. Seus ingredientes principais eram mirra pura, cinamomo odoroso (provavelmente importado de Sumatra ou da China), cálcio aromático (produto da Índia ou Mesopotâmia) e cássia (de Java) eram os ingredientes principais. Tal combinação devia produzir uma fragrância deliciosa! O uso desse óleo era restrito ao santo ser-

viço do tabernáculo e lembra-nos “a unção que vem do Santo” — isto é, a unção pelo Espírito Santo. (Ver Levítico 8.10-12 e 1 João 2.20.)

Cristo é o Ungido, e ele derrama o óleo da alegria sobre nossa cabeça quando nos consagramos ao seu serviço. (Ver Atos 2.33.) O óleo não poderia ser usado para ungir “o corpo do homem que não seja sacerdote”. Devemos renegar a carne com suas paixões e concupiscências, para que possamos ser cheios do Espírito. O Calvário vem antes do Pentecoste!

O incenso também era preparado com muitos cuidados e, assim, aprendemos que as orações não devem ser feitas irrefletida ou levemente, mas com reverência, deliberação e reflexão.

ÊXODO 31.1-18

Artífices Hábeis Para o Tabernáculo. Sempre que houver uma obra especial a ser feita, Deus sempre escolherá e capacitará os homens que hão de executá-la. “Eis que chamei... e o enchi... o que tenho ordenado”, etc. Há um lugar para cada um de nós no serviço de Deus; a cada um é confiada uma tarefa especial; e a cada um são entregues talentos adequados e necessários. “Criados em Cristo Jesus para boas obras”, diz o apóstolo “as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). O talento certo para determinada esfera de ação e a esfera de ação adequada ao talento — o chamado de Deus une os dois com fechos de ouro.

Mas em meio a todo o nosso trabalho para Deus deve sempre haver a guarda do sábado — isto é, o descanso interior da alma. Por natureza, estamos sempre ocupados com nossas próprias obras, esquemas e planos; mas quando o espírito do descanso entra em nós, tudo isso é alterado. Então não somos mais agentes, mas instrumentos; não mais trabalhamos para Deus, mas Deus opera através de nós; entramos no seu descanso e descansamos de nós mesmos. (Ver Hebreus 4.10.)

ÊXODO 32.1-14

O Bezerro de Ouro de Arão Desagrada ao Senhor. O povo jamais cogitou em co-

locar Arão no lugar de Moisés, porque, instintivamente, eles reconheciam a fraqueza moral dele. Embora se vestisse da roupagem do sumo sacerdote, no fundo era um homem fraco. Isso se tornou evidente:

(1) *Pela resposta que deu ao povo.* Quando eles pediram o bezerro, ele devia ter recusado firmemente, e até indignado. Mas, em vez disso, para evitar a impopularidade que tal atitude poderia provocar, ele limitou-se a pôr dificuldades ao projeto deles. “Com certeza”, pensou ele, “eles não levarão avante seu louco plano se tiverem que pagá-lo com suas jóias”. Mas o que aconteceu depois não correspondeu às suas expectativas.

(2) *Pela resposta que deu a Moisés.* “E saiu este bezerro.” “Foi a fornalha, não eu, que o fez.” *A culpa é da minha hereditariedade, do meio ambiente, dos meus companheiros,* diz o culpado. O fraco se torna o pecador. Poderoso Filho de Deus, ajuda-nos! Torna-nos fortes! (Ver Jeremias 15.20.)

ÊXODO 32.15-24

Moisés Quebra as Tábuas e Queima o Bezerro. Moisés não mostrou o menor sinal de transigência. Ele arrojou as tábuas de suas mãos como se sentisse que a aliança entre Deus e os hebreus tivesse sido irremediavelmente rompida. Ele repreendeu Arão, destruiu o bezerro e designou a tribo de Levi para a execução da justiça divina. Como é impressionante o ato de obrigar o povo a beber o pó do bezerro de ouro! Os homens sempre têm de beber o pó de suas idolatrias. Sempre que fazemos um ídolo passamos a ser semelhantes a ele, e um dia acabamos nos enjoando dele.

Assim como Israel virou as costas aos esplendores que refulgiram no topo do Sinai para dedicar-se à fabricação do bezerro e aprendeu que o fim daquilo tudo era a infelicidade, assim os que voltam as costas ao Salvador, que é o esplendor da glória do Pai e a imagem expressa de sua Pessoa, passam por muitos sofrimentos e perecem. (Ver Hebreus 12.25.)

ÊXODO 32.25-35

Moisés Pune os Idólatras e Ora Pelo Povo. O coração de Moisés estava cheio daquela nova e maravilhosa palavra — *expiação*. Jeová estivera-lhe falando dela nos últimos dias. Mas nessa ocasião parecia-lhe que o sangue de cabras e novilhões não apagaria a transgressão de seu povo. Então tomou vulto dentro dele a nobre resolução a que ele deu expressão quando subiu o caminho batido que dava para o topo do Sinai.

Sua voz estava alquebrada quando começou a interceder pelo povo. Observemos sua intercessão. Era como se disse: “Se o sangue de animais não tem valor, permite-me ser teu sacrifício expiatório, e risca-me do teu livro”. (Ver Romanos 9.1-3.)

ÊXODO 33.1-17

O Anjo Líder e o Intercessor Humano. Moisés sabia que o povo estava perdoado, mas sentia-se magoado ao pensar que, dali por diante, havia um anjo para guiá-los. (Ver 32.34.) O peso de dois milhões e meio de pessoas era muito para ele, mesmo com o auxílio do anjo. De alguma forma, precisava conseguir que Deus retirasse a sentença “Eu não subirei no meio de ti”. Então falou dela ao povo, que se conscientizou quanto às conseqüências do seu pecado, e deixou de usar jóias. Mas o líder se entregou à oração. Como o Sinai ficava longe, parece que ele armou sua tenda fora do acampamento como um temporário local de encontro com Deus; e, quando ele entrava ali, o povo dizia: “Vejam! ele vai orar por nós”; e ele falava com Deus face a face, como nós podemos fazer hoje, dizendo-lhe tudo que ia em seu coração. (Ver João 16.26,27.)

ÊXODO 33.12-23

Deus Promete Sua Presença e Mostra Sua Glória. Quando Moisés se encontrou a sós com Deus, fez-lhe dois pedidos relevantes:

(1) *A presença de Deus.* “Se não fores comigo, não posso ir; os anjos apenas não bastam. Eles são belos, amáveis e fortes, mas quero a ti. Deixar-me-ás — um homem sozinho — atra-

vessar esses desertos com esse povo? Puseste o fardo sobre mim, e não podes deixar que eu o leve sozinho!” É bom quando um homem entra em luta com Deus. Moisés foi atendido na medida de sua fé. (Ver o versículo 14.)

(2) *Uma visão da glória de Deus.* De novo a resposta veio de acordo com o pedido: “Eu te porei numa fenda da penha”. As encostas das montanhas são acidentadas e penhascosas; mas quem pode contar a angústia daquele que foi “maculado” por nossa causa? Assim também na “fenda” aberta no seu lado há lugar para abrigarmos. “Rocha Eterna, aberta em meu favor!” No alto do Calvário foi escavada uma fenda na qual um mundo de pecadores pode achar abrigo.

ÊXODO 34.1-17

A Renovação da Aliança da Lei. Para que possamos contemplar a visão do Amor Eterno precisamos estar dispostos a cumprir três condições: (1) *Madrugar:* “Prepara-te... para que subas pela manhã”. (2) *Estar só:* “Ninguém suba contigo”. (3) *Ter coração aberto:* “E eu escreverei...” Deus está sempre passando perto e cobrindo-nos com sua mão, e proclamando sua bondade e terna misericórdia. Ele usa de misericórdia para com milhares, e limita as conseqüências do pecado à terceira e quarta geração.

Sempre que nos aproximarmos de Deus devemos começar a pensar nos outros e a orar por eles. Enquanto as últimas notas da passagem divina iamse sumindo Moisés curvou a cabeça e adorou, dizendo: “Senhor... segue em nosso meio... e perdoa”. Era como se dissesse: “Se és um Deus assim, tu és o Deus de que este povo obstinado precisa. Segue conosco, portanto, porque tu pode suportar-nos”. Ainda foi adiante para pedir que fossem perdoados, e que Deus os tomasse por herança. Seu pedido foi mais do que atendido! Deus fez aliança com eles e prometeu expulsar os inimigos deles nas condições que descreve em seguida.

ÊXODO 34.18-35

Moisés Traz as Novas Tábuas da Lei. Durante quarenta dias, Moisés permane-

ceu no monte, sem alimentar-se de pão ou água — absorvido por um forte amor e reverência — sem contar as horas, que se passara como um sonho. E conversou com Deus, como um homem conversa face a face com um amigo; mas estava inteiramente inconsciente da maravilhosa transformação que essa santa comunhão estava operando. Deus ditou e ele escreveu a aliança, como a temos nesse Livro, e, finalmente, Deus lhe entregou as duas tábuas de pedra, nas quais gravara suas leis, com as próprias mãos.

Com essas tábuas na mão Moisés desceu à planície, inconsciente de que seu rosto brilhava. (Veja 2 Coríntios 3.18.) O apóstolo Paulo afirma que nós, cristãos, devemos primeiro contemplar a glória de Jesus e depois refleti-la. Devemos ser espelhos com o propósito de irradiar a luz dele entre nossos semelhantes; e, no esforço de conseguir isso, vamos nos transfigurando em sua gloriosa beleza, passo a passo. A coroa de glória dessa transfiguração será o nosso desconhecimento do fato: “Não sabia Moisés”.

ÊXODO 35-1-19

O Sábado e as Ofertas a Deus. Muito significativamente esse capítulo começa com a reiteração do dia de descanso. Talvez o povo precisasse ser lembrado que, no meio da movimentação provocada pela preparação para o novo tabernáculo, embora o objetivo fosse muito nobre, não deviam permitir nada que implicasse em quebra do sábado no acampamento. Em seguida, Moisés passa a citar os tipos de ofertas necessários. Quem possuísse objetos de valor poderia doá-los; nada era bom demais. E os que só poderiam doar madeira de acácia encontrada no deserto, também poderiam fazê-lo. As mulheres que tinham mãos hábeis podiam tecer o linho ou a lã branca e macia da cabra angorá. Havia uma ampla variedade de tarefas, o que nos faz lembrar de 1 Coríntios 12.4 e seguintes. E Moisés enfatiza que é preciso ter um “coração disposto, voluntariamente”; e o termo em hebraico significa um coração impellido por um santo propósito. Tennyson (poeta inglês) usa a expres-

são: “Cujo coração o compelia, como se fosse um aghilhão”. Não havia o estalo do chicote do feitor. “O amor de Deus constrangia.” “O amor que não me largará nunca!”

ÊXODO 35.20-29

Ofertas Voluntárias Para o Tabernáculo. O povo se retirou para pensar acerca da resposta que daria a Moisés, e, depois, voltou. Quanto tempo se passara? Terá Moisés falado de manhã e eles teriam voltado no frescor da tarde? E como foi rica a profusão de ofertas que eles deram! Aqui, um dos príncipes entrega uma jóia de valor incalculável; ali, também, pessoas do povo traziam preciosos adereços, brincos, argolas de nariz e outras jóias que os orientais apreciam grandemente. Muitas mulheres trouxeram seus espelhos de metal, que depois seriam usados na fabricação da bacia de bronze. Essas coisas foram sendo empilhadas formando montes, e diz a Bíblia que o Espírito impeliu o povo a dar até que os artífices exclamassem que já tinham mais do que o necessário.

Mas de que teriam valido as ofertas sem os artistas indicados por Deus? Nós, também, somos chamados para construir o templo de Deus. Peçamos ao Espírito de Deus que nos mostre nosso lugar e nos prepare para ele. Provavelmente, ele indicará uma área de serviço compatível com nossa aptidão natural; mas precisamos nos certificar de que estamos cheios do Espírito Santo.

ÊXODO 35.30-36.8

Artífices Habilidadeosos Para o Tabernáculo. Quais foram os motivos dessa maravilhosa explosão de generosidade? Eles se lembravam de que Jeová os trouxera do Egito, destruíra seus inimigos e os libertara da escravidão. Ouviram, de novo, o estrépito dos carros de guerra em perseguição e o entrechoque das armas! De novo lembraram da caminhada através do lamacento leito do mar, com as muralhas de água de ambos os lados, refletindo o fulgor da coluna de fogo!

Com o coração cheio de gozo, eles se voltaram para Deus, dizendo: “O

melhor que temos é teu. Tu és digno de receber glória e honra e riquezas e poder e bênção, porque tu nos remiste". E logo em seguida recordaram-se da constante provisão de suas necessidades diárias. Tinham recebido o maná; a água tinha jorrado da dura rocha; Amaleque fugira! Eram essas as fontes que alimentavam os mananciais de generosidade do povo. Mas, não temos nós razões semelhantes? "Rogo-vos, pois, irmãos, *pelas misericórdias de Deus*, que apresenteis os vossos corpos..." (Ver Romanos 12.1,2.)

ÊXODO 39.32-43

O Tabernáculo e Seus Utensílios. A Bíblia diz mais de dez vezes que toda a obra foi feita "segundo o Senhor tinha ordenado a Moisés". (Ver o versículo 43.) A obediência deles havia sido minuciosa e exata; e a bênção do legislador foi a garantia tangível, audível do divino "Muito bem". Isso nos leva a pensar no veredicto que será pronunciado sobre nosso trabalho para o Senhor. Quando ele contempla os nossos feitos, será que pode dizer que foi tudo feito de acordo com seu modelo, segundo a sua determinação? Infelizmente, isso seria esperar muito! Muitas vezes, somos desobedientes e inúteis. Gostaríamos de ouvir o Mestre dizer: "Muito bem! Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras". Mas não teríamos razão para ter medo de que ele possa dizer: "Não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus"? (Ver Apocalipse 2.19 e 3.2.) Arrependamo-nos, busquemos perdão e recomeçemos!

ÊXODO 40.1-16

Diretrizes Para a Edificação do Tabernáculo. No dia de ano novo do segundo ano do êxodo, Moisés recebeu ordens de levantar o tabernáculo e, com suas próprias mãos, colocar cada elemento em sua posição específica. Com que alegria ele deve ter ouvido essas ordens! Lembramo-nos das palavras de Robert

Moffat (missionário escocês), quanto terminava ele a tradução da Bíblia para a língua dos bechuanas (hoje "botsuanas"): "Quando acabei o último versículo, quase não acreditava que estava pisando o chão. Dei vazão às minhas emoções caindo de joelhos e agradecendo a Deus por sua graça e bondade em conceder-me forças para completar minha tarefa". Em circunstâncias semelhantes, o Dr. Paton (John Gibson, missionário escocês) diz que jogou o chapéu para o alto e se pôs a dançar em volta de sua prensa tipográfica. Construamos nossa vida, peça por peça, no mesmo espírito — não com madeira, palha e restolho, mas com ouro, prata e pedras preciosas — de modo que, no final, possamos dizer: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste".

ÊXODO 40.17-38

Moisés Levanta o Tabernáculo e o Consagra. Por ocasião do oferecimento do sacrifício da tarde tudo estava terminado. Moisés tinha colocado a mesa à direita e o candelabro à esquerda do lugar santo; tinha instalado o altar do incenso junto do véu; tinha-se lavado na bacia de bronze, e a tinha ungido e todos os seus utensílios. A arca fora colocada do outro lado do véu, e Arão se vestiu com suas roupas. Então a congregação, profundamente tocada, se retirou para suas tendas e a noite envolveu os montes. Moisés também se retirou do cenário, cheio de gratidão. (Ver Salmo 90.16,17.)

Mal eles haviam saído dali quando a nuvem que guiara a marcha deles cobriu o lugar e a glória do Senhor — "a *Shekinah*" — brilhou dentro do tabernáculo. Moisés voltou depressa, e constatou a Presença de Deus enchendo-o de tal forma que ele não se atreveu a entrar. Eis o tabernáculo de Deus com os homens! Assim também, anos depois, o Verbo Divino habitou no corpo mortal de Jesus. (Ver João 1.14; 2 Coríntios 5.1 e Apocalipse 21.3.) Este é um digno fecho desse grande livro do Êxodo.

O LIVRO DE LEVÍTICO

O Manual de Culto do Tabernáculo



1. DIRETRIZES ACERCA DA OFERTA DE SACRIFÍCIOS 1-7.
 - a. As cinco ofertas 1.1-6.7.
Holocausto 1; manjares 2; pacífica 3; pecado 4; culpa 5.1-6.7
 - b. As leis a respeito da disposição de cada uma dessas ofertas 6.8-7.38.
2. A CONSAGRAÇÃO DE ARÃO E DE SEUS FILHOS AO SACERDÓCIO 8-10.
 - a. A consagração deles efetuada por Moisés 8.
 - b. A oferta de Arão por si mesmo e pelo povo 9.
 - c. O pecado de Nadabe e Abiú e a lei acerca das porções santas 10.
3. AS LEIS A RESPEITO DA PUREZA CERIMONIAL 11-16.
 - a. Animais, peixes e aves limpos e imundos 11.
 - b. A purificação das mulheres e suas ofertas 12.
 - c. A lepra — leis, sinais, sacrifícios 13,14.
 - d. A purificação da imundície corporal 15.
 - e. A grande expiação anual pelo pecado 16.
4. AS LEIS DA SANTIDADE E AS FESTAS SAGRADAS 17-26.
 - a. Várias leis acerca da santidade de vida 17-22,24.
 - b. As festas religiosas anuais 23.
(1) A Páscoa, (2) das primícias, (3) das trombetas, (4) dos tabernáculos.
 - c. O ano sabático e o ano do jubileu 25.
 - d. As bênçãos pela obediência, o castigo pela desobediência 26.
5. APÊNDICE ACERCA DOS VOTOS, DÍZIMOS, E COISAS CONSAGRADAS 27.

INTRODUÇÃO

Esse nome também foi dado pelos tradutores gregos, e é o equivalente da palavra inicial do original hebraico. O livro trata das leis relativas ao ritual, cultos e sacrifícios da religião hebraica, cuja superintendência estava nas mãos do sacerdócio levítico. Trata principalmente dos deveres dos sacerdotes.

Várias passagens indicam claramente que foi escrito no deserto como 19.23; outras dão a entender que já se haviam estabelecido em Canaã (18.27). As primeiras passagens provavelmente estavam no primeiro manuscrito, o de Moisés, enquanto Samuel e outros sem dúvida foram os responsáveis pelo registro dessas outras leis.

COMENTÁRIO

LEVÍTICO 1.1-17

Os Holocaustos do Gado, dos Rebanhos e das Aves. Jeová fala com Moisés, não do alto do Sinai, mas no tabernáculo, porque veio habitar com os homens na terra. (Comparar Êxodo 20.22 e 25.8.) Os primeiros capítulos desse livro contêm a lei das ofertas. Aquele que era para ser adorado prescrevia a maneira pela qual o adorador devia aproximar-se dele. O objetivo desses sacrifícios era, também, tipificar a grande oferta que um dia, na plenitude dos tempos, o Senhor consumaria no Calvário.

Vemos aqui o holocausto representando os aspectos mais gerais da oferta do Senhor, que se deu a si mesmo. Ele simboliza sua total rendição à vontade do Pai. (Ver Hebreus 10.8,9.) A principal característica dessa oferta era que o corpo inteiro da vítima era consumido e subia ao céu na forma de fogo e fumaça. O termo hebraico aí empregado deriva de uma raiz que significa “subir”. Essa oferta poderia ser feita com três tipos de animais — gado, rebanho ou gado miúdo e aves — para que es-

tivesse ao alcance de todos, e tipificasse os diversos níveis nos quais os homens compreendem e apreciam Cristo.

LEVÍTICO 2.1-16

As Ofertas de Manjares com Azeite e Incenso. A oferta de manjares, descrita nesse capítulo, retratava em símbolo o caráter perfeito do Senhor. Ele era como a flor da farinha da melhor qualidade, sem grossura ou encaroçamento. Não havia nele nada de irregular, nada áspero e ríspido, nada indigno ou ameaçador. Ele foi ungido com o óleo do Espírito Santo, sua perfeita obediência era aromática ao Pai, e assim será para nós; não havia fermento de malícia ou hipocrisia em sua constituição. (Ver Efésios 5.2.) Deveríamos alimentar-nos do seu santo caráter por meio da meditação e da busca de nos assemelharmos a ele na vida diária. A intervenção do sacerdote era uma feição essencial do antigo ritual, que nos ensina que nossa oração e submissão são aceitáveis ao Pai por meio do Salvador. O versículo 14 nos lembra de que somos chamados para

ser uma espécie de primícia de suas criaturas para o Criador. (Ver Tiago 1.18.)

LEVÍTICO 3.1-17

Ofertas de Paz do Gado e do Gado Miúdo. No primeiro capítulo, o Senhor Jesus foi apresentado, como o holocausto em relação a Deus, e, no capítulo 2, como a oferta de manjares em relação ao homem. Agora, é necessário que o vejamos como a oferta de paz, para acertar as conturbadas relações entre Deus e o homem. Ela era alimento para Deus na gordura devorada pelo fogo sagrado sobre o altar. Era alimento para os sacerdotes nas porções reservadas especialmente para eles (Lv 7.33,34). Mas o adorador também podia participar (Lv 7.15). Assim, era um banquete que unia Deus, o sacerdote e o povo, e constituía uma bela representação da verdade ensinada em 1 João 1.3: "A nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo".

Antes de assentar-se para participar do banquete sacrificial, o ofertante punha a mão na cabeça da vítima, como se estivesse lhe transferindo os seus pecados. Nós também devemos lembrar que se não tivermos sido perdoados e justificados pela morte de Cristo, não podemos nos banquetear dele, que é a nossa páscoa.

LEVÍTICO 4.1-21

O Sacrifício Pelo Pecado do Sacerdote e da Congregação. Até aqui foram consideradas as ofertas de "aroma agradável". Todas dizem respeito à consagração e à comunhão. Veremos agora os sacrifícios pelo pecado, e em primeiro lugar, pelos pecados de ignorância. Aqui há provisão pelos pecados do sacerdote ungido, de toda a assembléia, de um príncipe, e de qualquer um do povo comum. Será que nós percebemos realmente a pecaminosidade de nossos pecados de omissão — isto é, do fato de que carecemos da glória de Deus? Observemos o alto preço que ele custa! A inocente vítima tinha de sofrer como posteriormente o Senhor sofreu fora da porta, de modo a poder fazer expiação e santificar seu povo com seu próprio sangue. Nós compreendemos o que o apóstolo quis dizer quando se referiu

ao Senhor como tendo sido "feito pecado por nós".

Depois que certas porções haviam sido colocadas sobre o altar, o resto do cadáver era queimado fora do arraial, como se fosse algo imensamente impuro. Notemos que para expiação de pecado do sacerdote era preciso uma oferta mais custosa do que a do homem comum, porque ele tinha mais conhecimento da verdade.



LEVÍTICO 4.22-35

O Sacrifício Pelo Pecado dos Príncipes e das Pessoas Comuns. O caráter do pecado pelo qual a oferta pelo pecado era apresentada é expresso pelas palavras várias vezes repetidas "por ignorância", "por engano" ou "sem querer". São termos usados em relação ao homicida involuntário que, sem premeditação, viesse a matar alguém. (Ver Números 35.) A Palavra de Deus faz distinção entre um pecado deliberado e premeditado, daquele de cujos autores se pode dizer "eles não sabem o que fazem"; ou "eu sei que o fizestes por ignorância". (Ver Lucas 23.34 e Atos 3.17.) Enquanto o sangue da oferta pelo sacerdote e pela congregação era levado ao lugar santo e sete vezes aspergido perante o Senhor, o sangue das ofertas pelo príncipe ou pelo indivíduo era aspergido apenas sobre os chifres do altar. A cor do pecado não era tão escura no último caso como quando havia maior conhecimento da vontade de Deus. Em Lucas 12.47,48, o Senhor faz uma distinção semelhante.

LEVÍTICO 5.1-13

A Oferta Pela Culpa de Vários Pecados. A oferta pelo pecado assemelhava-se muito à oferta pela culpa, mas elas diferiam nisto: que na primeira, o objetivo era firmar o pensamento do pecador mais no mal que havia em seu caráter e ainda no fato de que havia dentro dele uma raiz de amargura e uma fonte venenosa; mas, na outra tratam-se dos atos pecaminosos que esse caráter mau gerava e, mais particularmente, dos males que tal caráter impõe a outros. Precisamos confessar nossas culpas tantas vezes quantas comemos o pão nosso de cada dia; e é muito bom saber que por meio do sangue de Jesus

Deus perdoa todas as nossas culpas. (Ver Colossenses 2.13.)

É muito tocante verificar a concessão feita aos pobres. Maria, a mãe do Senhor, teve de contentar-se em oferecer apenas os pombinhos ou as duas rolas do versículo 11. Mas nenhum de nós está isento. Não podemos chegar ao final de qualquer dia sem nos ajoelharmos para confessar nossos pecados e pedir que possamos ser libertos de uma consciência má.

LEVÍTICO 5.14-6.7

A Oferta Pela Culpa e a Reparação. A idéia básica da palavra hebraica que significa culpa é "falha no cumprimento do dever por negligência". Além do pecado em si mesmo, que é contra Deus como o Augusto Guardião da lei e da ordem no universo, o dano que tal negligência impõe sobre nosso próximo deve ser indenizado com alguma compensação e multa. Qualquer quantia que outro tenha perdido por nossa causa, deverá ser devolvida naturalmente, e mais um quinto do total, se exigido. Mas, provavelmente, a principal lição da oferta pela culpa é que sempre que prejudicamos algum semelhante ofendemos a Deus. Nossa ofensa passa através do fino véu de humanidade, ultrapassa o universo visível e chega ao Santo invisível.

Portanto, com relação a todas as faltas cometidas contra nossos semelhantes, devemos ter em mente três pontos: primeiro, devemos confessar o pecado a Deus. Segundo, devemos ir em busca do irmão e confessar-lhe a falta bem como pedir o seu perdão, para que possamos ganhá-lo como disse o Senhor (Mt 18.15). E, terceiro, devemos fazer a reparação do erro com um acréscimo. Esse era o ensino da lei. Deveríamos fazer menos estando debaixo do evangelho de amor?

LEVÍTICO 6.8-23

A Lei do Holocausto. Notemos bem o ensino desse trecho, que faz referência especial ao fogo que deveria ser conservado aceso sobre o altar. A ordem é três vezes repetida (vv. 9,12,13). Como ele originalmente viera de Deus (9.24), assim era para ser sempre mantido, sob

o cuidado vigilante dos sacerdotes.

É interessante observar que a palavra hebraica empregada para designar o fogo que ardia no grande altar de bronze dentro do recinto sagrado é diferente da usada em referência ao que consumia a oferta pelo pecado fora do acampamento (4.12). Este simbolizava a ira de Deus contra o pecado, enquanto aquele simboliza seu amor e graça que descem para arder no coração dos homens. O apóstolo Paulo se mostrou muito consciente quanto ao último quando escreveu: "O amor de Cristo nos constrange". Sempre que sentirmos o calor desse fogo em nosso coração, tratemos de alimentá-lo. Peçamos que ele possa arder intensamente. (Ver Cantares 8.6.) Ele deve ser alimentado continuamente com o combustível da Palavra de Deus, consumido e absorvido em meditação. Mas lembremo-nos do ensino da última parte desse parágrafo: somente as almas santas podem participar do pão celestial. "Examine-se, pois, o homem a si mesmo!"

LEVÍTICO 6.24-7.10

As Leis da Oferta Pelo Pecado e Pela Culpa. A peculiar santidade da carne da oferta pelo pecado e pela culpa é salientada claramente do princípio ao fim desse parágrafo. Observemos a frase repetida: "Cousa santíssima é". Parece que o objetivo é enfatizar a santidade do Senhor que embora se tenha tornado uma oferta pelo pecado por nós todos, não cometeu pecado, nem dolo algum foi achado em sua boca. Ele foi examinado minuciosamente, mas tanto Pilatos, como Herodes e Judas, todos afirmaram que nele não havia falta. Ele era santo, imaculado e isento de pecado.

O momento em que o Senhor mais foi "o Santo de Deus" foi aquele em que foi contado com os malfeitores e carregou o pecado de muitos. A cruz foi o clímax de sua obediência. Como devemos estar vigilantes contra qualquer coisa que possa macular-nos ao lidarmos com o pecado em suas infinitas ramificações. O fato de os sacerdotes que cuidavam desses sacrifícios terem permissão de comer da carne, não lembra que obtemos o mais rico sustento de nossa vida espiritual por meio de

uma meditação feita de coração humilde, quebrantado e agradecido sobre a obra realizada na cruz?

LEVÍTICO 7.11-21

A Lei das Ofertas Pacíficas. Aqui começa a lei das ofertas pacíficas, contendo orientação adicional para as dadas no capítulo 3. Elas são classificadas como (1) de ações de graça, (2) oferta por voto, e (3) oferta voluntária. Quando uma pessoa está cheia de gratidão, como estava Ana, por exemplo, quando Samuel lhe foi prometido em resposta à oração, o que pode ser mais natural do que oferecer algum reconhecimento palpável àquele de quem vem toda boa dádiva e todo dom perfeito?

Nós estamos sempre dispostos a clamar a Deus nas horas de grandes sofrimentos, mas somos esquecidos de seus benefícios quando as nuvens vão embora e o sol volta a brilhar. Em Israel o reconhecimento tomou a forma de um banquete, no qual o fogo divino e o ofertante pareciam alimentar-se juntos. A cuidadosa proibição em relação à carne que sobrasse provavelmente tinha o objetivo de ensinar que novas misericórdias exigem cânticos novos. Além disso resultava numa obrigatoriedade liberal distribuição de alimento aos pobres. Ver também a conexão desse pensamento com Salmo 16.10.

LEVÍTICO 7.22-38

Coisas Proibidas; a Porção dos Sacerdotes. Era proibido comer a gordura e o sangue; aquela provavelmente durante a peregrinação, esse, perpetuamente. (Ver Levítico 3.17.) Quando se diz que a alma desobediente deve ser eliminada, provavelmente se refere à excomunhão que o sacerdote proclamava até que o ofensor se houvesse arrependido e fosse restaurado aos privilégios da casa de Deus. O mover as partes do animal imolado era um ritual em que o sacerdote colocava as mãos por baixo das do ofertante, que segurava a parte a ser movida, e as movia lentamente para trás e para diante perante o Senhor, aproximando-a e afastando-a do altar. O ato de apresentar a oferta a Deus era realizado por um lento movimento das partes para cima e para baixo (Nm 15.20,21). Esses mo-

vimentos significavam que as partes, embora não queimadas no altar, eram consagradas ao serviço de Deus.

O ombro é o símbolo de governo e poder, sendo o peito o das afeições. Precisamos meditar bastante nesses aspectos do caráter do Senhor. Pode ser que a ação mencionada em Atos 13.3 signifique que a Igreja apresentava os dois missionários como uma oferta votiva a Deus.

LEVÍTICO 8.1-17

A Consagração de Arão e Seus Filhos. Temos aqui, apresentado em miniatura, o sacerdócio eterno do Senhor. Toda a congregação tinha de estar presente, porque todos tinham parte nos serviços de Arão, assim como todos os crentes têm parte nos de Cristo. Cada elemento das vestes de Arão falava de um traço ou característica da qualificação de Jesus para assumir o nosso lugar — o cinto simbolizava o seu zelo; a sobrepeliz e a estola, sua beleza e glória; o peitoral, que nossos nomes estavam escritos sobre o seu coração; o Urim e o Tumim, sua sabedoria para governar; a mitra, sua santidade.

As vestes dos sacerdotes, os filhos de Arão, nos lembram da roupagem imaculada de que deveremos nos revestir, lembrando sempre que, mesmo no ato mais humilde, podemos servir a Deus. Nós, também, devemos ser ungidos como Jesus foi, com o azeite novo do Pentecoste. A identificação do Senhor com seu povo é tipicamente estabelecida pela imposição conjunta das mãos sobre o animal a ser imolado. Jesus não tinha pecados pessoais, seus, mas levou sobre si os nossos pecados e se colocou conosco no lugar do pecador, de modo a poder elevar-nos ao seu trono.

LEVÍTICO 8.18-36

As Ofertas na Consagração dos Sacerdotes. O sangue do carneiro da consagração foi usado de maneira notável para simbolizar verdades profundas. Na orelha de Arão significava a obediência de Cristo até à morte. No polegar da mão direita, significava a disposição de Cristo de fazer o que o Pai exigisse dele. No polegar do pé direito, significava que to-

dos os seus caminhos agradavam¹ a Deus. O Senhor foi lavado em seu batismo, ungido com azeite no monte da transfiguração, e recebeu o batismo final, em sangue, na cruz. Os filhos de Arão foram tratados de maneira semelhante, para mostrar que, em todas as coisas, os cristãos são chamados para ser como Cristo. (Ver Mateus 20.22,23.) Essa observação é dirigida principalmente aos que foram chamados para guiar o rebanho.

Consagração, de acordo com a palavra hebraica, significa “encher a mão”. Muitos de nós supomos que a pessoa consagrada renuncia a tudo — nada disso, ela recebe tudo. As redes estão cheias de peixe; os cestos estão cheios de pedaços partidos; sua alma está cheia de graça e de glória. Obedeçamos à ordenança do Senhor até que raie o dia, e entremos no Santo dos Santos, do outro lado do véu (Êx 26.34)!

LEVÍTICO 9.1-21

A Oferta de Arão por Si Mesmo e Pelo Povo. Nos versículos finais do capítulo oito, vemos Arão e seus filhos alimentando-se da carne do carneiro da consagração durante sete dias nos quais não lhes foi permitido sair do tabernáculo — uma admirável representação do Senhor e dos seus na presente dispensação, encerrados com Deus, esperando a manifestação de sua glória.

Será que esse oitavo dia em que a glória do Senhor apareceu, não é um símbolo daquela brilhante manhã do milênio, quando a congregação de Israel contemplará o verdadeiro Sacerdote saindo do santuário, onde agora está oculto aos olhos dos homens? E quando ele se manifestar, seremos também manifestados com ele, “seus companheiros de isolamento, e os felizes participantes da sua glória”. Oh, que nenhum de nós deixe de participar de sua epifania, e que, agora, nossa vida esteja escondida com Cristo na glória! (Ver Colossenses 3.1-4.)

LEVÍTICO 9.22-10.20

Um Ato que Transformou a Alegria em Tristeza. Houve uma bênção dobrada. Arão abençoou o povo quando se encontrava

frente ao altar (v.22) e depois, quando saiu do tabernáculo (v. 23). Encontramos aqui uma ilustração da dupla bênção que o Senhor dá aos seus. Quando ele retornou após oferecer seu supremo sacrifício no Calvário, que reunia em si o holocausto, a oferta pacífica, a oferta pelo pecado e pela culpa, ele abençoou o seu povo. Diz a Bíblia que, enquanto os abençoava, ele foi sendo elevado para o céu (Lc 24.51). Mas nós esperamos outra bênção dele, quando ele virá do templo celestial e estenderá as mãos para abençoar-nos, usando talvez as mesmas palavras da primeira.

Mas tenhamos o cuidado de jamais introduzir fogo estranho em nosso culto — isto é, o fogo de nossas próprias emoções, entusiasmo e efusão. Ponderemos nas poderosas palavras de Levítico 10.1-3. Não devemos entrar precipitada e descuidadamente na presença divina, embora que, por meio do sangue de Jesus, nós tenhamos sido aproximados (Ef 2.13).

LEVÍTICO 11.1-23, 41-47

A Distinção Entre Limpo e Impuro. Havia boas e suficientes razões para que o povo de Israel excluísse certos animais da sua alimentação. Alguns médicos crentes afirmam que essa legislação sanitária é a mais apurada que existe, e que se ela fosse adotada universalmente muitas das doenças modernas desapareceriam. Deus fez com que essas distinções fossem vinculadas à religião para que o bem-estar de seu povo fosse duplamente assegurado. Essas restrições foram impostas também com o fim de levantar fortes barreiras entre o Povo Escolhido e os pagãos. Obedecendo a elas, era-lhes claramente impossível participar dos festivos pagãos, nos quais muitos desses animais eram servidos.

Atualmente nós não estamos sujeitos a essas proibições. O Senhor tornou limpos todos os alimentos (Mc 7.19). Pedro recebeu ordem para matar e comer toda espécie de seres rastejantes, e seu protesto foi superado pela garantia de que Deus purificara todos. (Ver Atos 10.11-16.) A religião não consiste de ritos exteriores, mas de uma disposição interior. (Ver Hebreus 9.9,10.) Notemos que era proibido até mesmo tocar neles,

porque o menor contato com o mal macula a alma.

LEVÍTICO 12.1-8

A Purificação Depois do Parto. O nascimento de um menino implicava em impureza cerimonial de sete dias; de uma menina, quatorze. A mãe era declarada impura — não a criança — e gozava de um período de isolamento e repouso.

A generosa gradação do valor dos sacrifícios permitia que até mesmo os mais pobres obedecessem, e é digno de nota o fato de que a mãe do Senhor trouxe dois pombinhos ou rolas — símbolos adequados à sua natureza suave — quando apresentou seu bebê no Templo. (Ver Lucas 2.24.) O Senhor se fez pobre para que, com sua pobreza, pudéssemos ser eternamente enriquecidos. À luz deste cerimonial somos levados a pensar no Salmo 51.5, no qual devemos meditar com coração contrito.

O rito inicial da religião hebraica representava separação. Os pais ensinavam aos filhos que pertenciam a uma raça separada. Era impossível para eles casarem-se com pessoas que fossem alheias à comunidade de Israel. Todos nós precisamos submeter-nos à circuncisão de Cristo, que consiste em expulsar os pecados da carne e em deixar de confiar em nossa própria energia. (Ver Colossenses 2.11,12.)

LEVÍTICO 13.1-59

O Teste da Lepra. A lepra era uma espécie de morte viva, em que o doente era excluído do santuário e da comunhão com os vivos. Conseqüentemente, o processo de restauração consistia de dois estágios: readmissão do doente à comunhão dos vivos, após a cura (13.1-59) e, depois, ao arraial e ao santuário através da devida execução dos ritos prescritos (14.1-32). A descrição dos sintomas é muito cuidadosa. O sacerdote tinha que efetuar o exame com o maior cuidado, de modo a evitar que declarasse lepra o que, na realidade, não era.

Como isso é diferente dos arrasadores julgamentos precipitados que fazemos uns dos outros! Nós julgamos apenas pela aparência, e não estamos muito preocupados em julgar com justiça. O pecado, do qual a lepra é tipo, não é uma

doença superficial; ela é “mais profunda do que a pele”. (Ver os versículos 3,4,25,30,31,32,34.) Nem mesmo os que nos conhecem melhor estão cientes das fontes secretas de motivações impuras e poluídas que reinam em nossa alma. Mas o corpo do pecado deve ser destruído na cruz. (Ver Romanos 6.6.)

LEVÍTICO 14.1-20

A Lei do Leproso Curado. Quando se verificava que a lepra se tinha inequivocamente declarado, a lei determinava o afastamento compulsório do arraial, as roupas rasgadas, a cabeça descoberta, o bigode coberto, o grito “imundo” (13.45). O pecado nos isola da comunhão com Deus e com seus santos, e nos transforma em fonte de contaminação para todos que estão em contato conosco, embora eles possam não perceber que os estamos maculando.

Estando curado, o leproso era primeiro restaurado ao arraial (vv. 1-9). As aves são admiráveis tipos da morte e ressurreição. Observemos que o sangue de uma era misturado com água corrente, por causa da perene vida do sangue de Cristo; e que a ascensão da outra, quando liberada, significava a libertação da lei do pecado e da morte que o crente experimenta através do poder do Espírito Santo. (Ver Romanos 8.1-4.)

A seguir, o leproso era restaurado ao santuário (vv. 1-20). No oitavo dia da restauração, o sangue e o azeite eram colocados sobre o polegar da mão direita e no polegar do pé direito e na orelha, porque todos os nossos sentidos foram comprados e consagrados ao serviço de Deus. Reconsagremo-nos a Deus como expressão de gratidão por nossa purificação!

LEVÍTICO 16.1-14

A Oferta Pelo Dia da Expição. Esse capítulo contém a descrição ritual do grande dia da expiação, quando o sumo sacerdote entrava na área que ficava do outro lado do véu. Em virtude do sangue aspergido sobre o propiciatório, e, mais ainda, da fé ali exercitada, Israel era purificado de todo pecado perante o Senhor (16.30). A morte dos dois filhos de Arão serviu como solene advertência para que ele não se desviasse nem um

pouquinho do cerimonial prescrito.

Cada passo dele merece consideração pois cada um ilustra um aspecto do sacrifício do Calvário, cada um é designado pelo Santo Espírito de Deus para significar alguma coisa. (Ver Hebreus 9,8,9.) O primeiro bode era “para o Senhor”, representando a obra de Cristo no aspecto em que ela está voltada para Deus. O segundo, como a segunda ave de Levítico 14.6, significava seu aspecto voltado para o homem. É necessário que nos apropriemos pessoalmente da sua virtude. Nossa fé deve “pôr a mão sobre tua amada cabeça”. Era necessário que Arão, sendo ele próprio um pecador, primeiro oferecesse sacrifício por seus próprios pecados; e sua oferta tinha de ser repetida todos os anos. Ver o triunfante contraste de Hebreus 9.24.

LEVÍTICO 16.15-34

O Bode Emissário. O isolamento do sumo sacerdote (v. 17); a aspersão de sangue dentro do véu sobre o propiciatório (v. 15); o oloroso incenso, símbolo de uma oferta agradável (v. 13); a confissão de pecado e a condução do bode com o pecado para uma terra solitária (v. 22); as vestes de linho de simplicidade e humildade (v. 23); a destruição do cadáver dos animais “fora do arraial” (v. 27); o ato supremo do sumo sacerdote, sua saída para abençoar o povo, trazendo-lhe a certeza de uma obra concluída e aceita (v. 24) (comparar com Hebreus 9.28) — todos esses pontos estão cuidadosamente explicados na Epístola aos Hebreus.

A sorte do bode emissário era muito comovente! Carregando os pecados do povo, ele é conduzido por entre a multidão; embora inocente acha-se estigmatizado por levar em si o pecado. Escapou de morrer pela faca, apenas para ser abandonado para morrer! Assim morreu Jesus, tendo nos lábios o grito “Por que me desamparaste?”

LEVÍTICO 17.1-16

“A Vida da Carne Está no Sangue.” Cada animal que era morto para alimento era considerado como uma espécie de oferta pacífica, e, por isso, era morto à porta do tabernáculo. Essa lei, embora expri-

missem um grande princípio, era apenas provisória. Ela foi observada enquanto Israel esteve no deserto, mas foi revogada quando os israelitas entraram na Terra da Promessa, onde o número deles e sua difusão nela teriam tornado impossível uma estrita observância desse regulamento. (Ver Deuteronômio 12.15-24.)

Uma proibição muito firme, sempre mantida, é a de que o sangue seja utilizado como alimento. (Ver o versículo 10ss.) A razão disso está na repetida advertência de que a vida da carne está no sangue (vv. 11 e 14). Quando se diz que o sangue produz expiação, aprendemos que ele assim opera porque representa a vida do animal imolado. Uma vida dada por outra vida, uma alma por outra.

Assim também, o Senhor deu seu sangue, isto é, a sua vida em resgate por muitos. “Ele derramou sua alma na morte.” (Is 53.12.) Foi seu sangue — não quando estava em suas veias, mas quando ele o derramou — que efetuou a reconciliação. (Ver Efésios 1.7.) É a morte de Cristo, na qual o pecador acha paz. (Comparar Levítico 16.30 com 1 João 1.7.)

LEVÍTICO 23.1-14

O Sábado, a Páscoa e as Primitivas. O ano da vida nacional de Israel era marcado por importantes e sagradas convocações, que preservavam sua unidade, mantinham na lembrança do povo seu grande passado e inspiravam entusiasmo e altos ideais. Portanto, há um precedente divino na observância do Ano Cristão, com seus santos cultos e comemorações. Em seus primeiros estágios, a vida espiritual precisa do auxílio de dias e ocasiões especiais, para que possa firmar-se e obter uma visão da Cidade de Ouro.

É preciso que se faça uma pausa na vida agitada e apressada que levamos para que as famílias tenham oportunidade de reunir-se em cerimônias solenes, em cuja participação as gerações que vêm chegando recebam duradouras recordações. Provavelmente depois de amadurecido, o crente pode deixar tais coisas, e cessar de observar as datas importantes. (Ver Colossenses 2.16.)

Lembre-mos de que o fato de se sair do templo na nova Jerusalém não implica em que não havia culto, mas, sim, em que todo momento era de culto.

LEVÍTICO 23.15-18

Pães Movidos, Trombetas e Expição. As festas hebraicas se dividem em dois grupos, as ligadas à Páscoa e as ligadas ao dia da expiação, respectivamente, e ocorrendo no primeiro e no sétimo mês do ano. Primeiro, vinha a Páscoa, no décimo quarto dia do primeiro mês, seguida bem de perto pela semana dos pães asmos, e, sete semanas depois, pela Festa do Pentecoste. (Pentecoste é uma palavra grega que significa “cinquenta”; ver o versículo 16.)

Essas três constituem o primeiro grupo. Seis meses depois, no décimo dia do sétimo mês, vinha o dia mais solene do ano todo — o dia da expiação. Era precedido pela festa das trombetas, e seguido de perto pela festa dos tabernáculos. Esse era o segundo grupo. Mas cada grupo apresentava um aspecto definido da redenção. Na Páscoa, somos lembrados que fomos remidos *do pecado*. Na expiação, somos remidos *para Deus*. Não nos esqueçamos de ver a ressurreição de Cristo no versículo 11, e as primícias do Espírito no versículo 17.

LEVÍTICO 23.33-44

A Festa dos Tabernáculos. A festa dos tabernáculos, uma celebração anual, era um belo costume, quando o povo todo saía de suas habitações para passar dias e noites em cabanas construídas com ramos verdes apanhados nos bosques e florestas. Como as crianças devem ter-se divertido com a experiência, e que mudança salutar isso representou para todos eles! Naturalmente, a grande lição era lembrar a jornada de seus pais pelo deserto, durante a qual o Todo-Poderoso foi companheiro de peregrinação.

Figuradamente eles confessavam que ainda eram peregrinos e estrangeiros na terra e não tinham cidade permanente, mas buscavam a que estava para vir. Nos últimos anos, tornou-se um costume da festa derramar água do tanque de Siloé no piso do Templo, para lembrar o suprimento de água no deserto — a rocha que os acompanhou. Foi nessa ocasião

que Jesus proclamou seu memorável apelo. (Ver João 7.37.)

LEVÍTICO 24.1-23

A Luz, o Pão e o Nome Santo. As palavras “perante o Senhor” aparecem duas vezes no trecho de abertura do capítulo. A pura luz do candelabro, simbólica da influência de uma vida religiosa, e os pães da proposição, colocados sobre a mesa de ouro, que simbolizavam uma vida de obediência e devoção, que é agradável a Deus, estão, como se registra no texto “perante o Senhor”. Isso nos recorda a ordem dada a Abraão: “*Anda na minha presença e sê perfeito*” e as palavras de Jacó, às portas da morte: “*O Deus, em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaaque*”. Essas expressões falam de uma continuada consciência da presença de Deus. Nós todos possuímos o subconsciente, que se acha abaixo do consciente. Possa ele encher-se de Deus!

Em que condição lamentável se encontrava aquele mestiço (v. 10)! Que nós possamos ser realmente israelitas em quem não há dolo! Como eles reverenciavam o próprio nome de Deus! (Ver 3 João 7.)

LEVÍTICO 25.1-17

O Ano Sabático e o Jubileu. Assim como o sábado semanal tinha por objetivo proporcionar descanso ao homem e ao animal, assim o ano sabático, celebrado após seis anos de colheitas ininterruptas, devia se constituir num descanso para a terra “ao Senhor”. O ano do jubileu, ao fim de sete semanas de anos, dava oportunidade de restauração para o pobre e para os que tinham sido obrigados a alienar suas terras. O ano do jubileu aponta para algo que haverá no futuro, o “resgate de sua propriedade” (Ef 1.14) quando todas as perdas que tenhamos sofrido serão restauradas e teremos de volta toda aquela gloriosa herança que, de acordo com o plano divino, era nossa, mas que nós alienamos por causa de nosso pecado.

Com que alegria milhares de pessoas devem ter ouvido as notas da trombeta soando pela terra! Sim, e a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e seremos transformados. Então

nosso corpo incorruptível herdará o reino de Deus! (Ver 1 Coríntios 15.52.)

LEVÍTICO 25.18-34

Consideração Pelo Pobre. Era bom que a terra ficasse sem cultivo um ano em cada sete; e era uma medida sábia o fato de não poder ser vendida em caráter perpétuo. Essa disposição impedia a eliminação dos pequenos proprietários e a acumulação da terra nas mãos de algumas famílias ricas. Embora um homem pudesse ser compelido, por força das circunstâncias, a vender seu pequeno sítio a um credor rico, quando chegasse o quinquagésimo ano, voltava à posse dele, sem que o credor pudesse fazer mais nenhuma cobrança dele em relação ao imóvel.

Com que alegria os devedores e os escravos devem ter ouvido ressoar as notas da trombeta! Para nós, a lição é que o Senhor proclamou o “ano aceitável do Senhor”. Tudo o que perdemos em Adão nos é restaurado na redenção, isto é, em Cristo Jesus. Mais que isso, nós ganhamos muito mais! Onde abundou o pecado, superabundou a graça. Em lugar da inocência, temos pureza; em lugar de um jardim, uma cidade; em lugar da comunhão vespertina com Deus, o conhecimento de que somos seus filhos e herdeiros.

LEVÍTICO 25.35-55

Liberdade no Ano do Jubileu. Se uma pessoa, por algum revés, fosse forçada a vender-se como escrava para liquidar suas dívidas, não podia, legalmente, continuar como escrava depois que a trombeta tivesse soado, pois estava livre para voltar à sua casa e à sua família. É durante o tempo em que passasse necessidade seu vizinho rico não lhe podia exigir juros sobre nenhum empréstimo que ele fizesse, mas devia dar-lhe alimento, alojamento e auxílio de graça. O homem pobre era para ser tratado, não como escravo, mas como um servo assalariado e como um semelhante cujo contrato de trabalho era de caráter temporário e que poderia ser desfeito a qualquer momento antes do jubileu por meio da intermediação amigável de um parente.

Não há nada na legislação moderna que se iguale ao ano do jubileu nos aspectos da religião, ordem social e liberdade. Será que podemos pensar que, quando nós nos dirigimos ao nosso Pai celestial em nossas várias aflições, seremos tratados de maneira pior que o pobre camponês nas mãos de seu vizinho rico? E, em Jesus, não temos um parente da nossa família que nos resgatará a qualquer preço (v. 49)?

LEVÍTICO 26.1-20

Os Resultados da Obediência e da Desobediência. Há um tremendo contraste entre a vida ideal apresentada nos treze primeiros versículos desse capítulo e o restante, exatamente a distinção que Deus faz entre uma vida de obediência e fé e uma de desobediência e descrença. Em nossa vida interior também temos as benditas chuvas de graça espiritual, a frutificação e a paz, a segurança e a vitória, a colheita armazenada dá até à outra, as nossas trancas se quebram, bem como os timões de nosso jugo.

Se ainda não gozamos esses privilégios, façamos uma revisão em nosso passado para verificar se estamos andando segundo todos os mandamentos de Deus, ou se os estamos transgredindo em alguma coisa. Confessemos os nossos pecados e voltemo-nos para ele, e atrevamo-nos a crer que ele nos trará de volta à feliz condição de antes, se nos arrependermos e crermos. Mas se “não ouvirdes”, “não cumprirdes”, “não vos corrigirdes”, “não andardes” (vv. 14, 18, 21, 23, 27), castigos pesados nos sobrevirão. Deus nos ama demais para permitir que descambemos para a perdição desprevenidos e incontinentes.

LEVÍTICO 26.21-46.

Desolação e Cativo Para os Obstinaos. Não obstante o solene e aterrador quadro colocado diante de Israel no capítulo 26, os israelitas abandonaram o Senhor e serviram a outros deuses. Assim, atraíram para si mesmos os penosos castigos de que estavam ameaçados, que consistiam de derrota na guerra, escassez de alimentos, ataques de feras selvagens, peste e fome, os horrores do cerco, e a desolação seguida da dispersão para os quatro cantos da terra.

O livro dos Juízes mostra o cumprimento da primeira dessas pragas, e a destruição de Jerusalém, contada por Josefo, mostra a última.

E o Povo Escolhido continua sofrendo até hoje a maldição citada nesse capítulo. Disperso, enfraquecido e repellido, constitui-se um monumento da fide-

dade de Deus à sua palavra. Os israelitas ensinam uma lição impressionante, na qual as nações do mundo deveriam refletir. Notemos a admirável expressão acerca de tomarem por bem sua punição como condição indispensável de perdão e restauração. Essa condição está sempre em vigor.

O LIVRO DE NÚMEROS

As Experiências no Deserto



1. O ACAMPAMENTO NO SINAI 1.1-10.10.
 - a. O primeiro censo e localização das tribos 1,2.
 - b. A localização e os deveres dos levitas 3,4.
 - c. Leis acerca dos leprosos, do ciúme marital, e dos nazireus 5,6.
 - d. As ofertas dos príncipes 7.
 - e. As lâmpadas de ouro e a consagração dos levitas 8.
 - f. A Páscoa e a coluna de nuvem 9.1-10.10.
2. DO SINAI AO JORDÃO 10.11-22.1
 - a. A partida, os setenta anciãos, e "os sepulcros de desejo" 10.11-11.35.
 - b. A inveja de Miriã e Arão 12.
 - c. Os espias enviados de Cades; seus relatórios e a sentença de Deus 13-15.
 - d. A rebelião de Coré; a vara de Arão 16,17.
 - e. Os deveres dos sacerdotes e levitas; a água da purificação 18,19.
 - f. De novo em Cades; o pecado de Moisés; a oposição de Edom; a morte de Arão 20.
 - g. Os cananeus; a serpente abrasadora; Israel derrota os amorreus 21-22.1.
3. NAS PLANÍCIES DE MOABE 22.2-36.
 - a. Balaque e Balaão 22-24.
 - b. Baal-Peor e o zelo de Finéias 25.
 - c. O segundo censo; Josué é escolhido 26,27.
 - d. As ofertas para os diversos dias santos e as leis dos votos 28-30.
 - e. A conquista de Midiã 31.
 - f. A divisão da terra; a morte de Arão; as cidades dos levitas; as cidades de refúgio 32-35.
 - g. Leis adicionais acerca de herança 36.

INTRODUÇÃO

No hebraico o título deste livro é “No deserto”. O nome atual pelo qual o conhecemos é derivado dos dois censos (contagens) de Israel, o primeiro (capítulos 1 a 4) realizado no segundo ano após a saída, o segundo (capítulo 26) já na fronteira de Canaã, trinta e oito anos depois.

A parte inicial (capítulos 1 a 10) aparece como um suplemento de Levítico, pois trata da designação das três grandes famílias de Levitas para os seus respectivos departamentos dos sagrados ofícios. A narrativa da marcha através do deserto se estende até 21.20, após o que a narrativa focaliza a conquista da região a leste do Jordão. Os longos anos durante os quais morria no deserto a geração que não revelou a mesma fé demonstrada por Josué e Calebe, situam-se entre os capítulos 19 e 20, terminando com o reajuntamento da congregação em Cades para outra arrancada para a frente. A forma do livro é a de um diário no qual todas as ocorrências de interesse e importância eram registradas.

COMENTÁRIO

NÚMEROS 1.1-4, 16-19, 44-54

Contados Para a Guerra; Separados Para o Culto. Esse livro registra duas contagens da multidão; a primeira no Sinai, e a segunda, trinta e oito anos depois, às portas de Canaã. É também o livro das peregrinações no deserto e contém o relato das viagens, dos trabalhos, dos seus altos e baixos. Trata-se, portanto, de um valioso guia para a Igreja em sua fase atual.

Para nós, também, há um censo. Deus conta suas jóias. Ele está fazendo uma relação do seu povo. Nem um só deles é omitido, ainda que fraco ou indigno. “No teu livro foram escritos todos os meus dias.” Devemos ser capazes de apresentar a nossa linhagem ancestral, isto é, devemos estar certos de que já nascemos na família de Deus. Se tivermos dúvida quanto a sermos filhos de Deus ou não, então não estamos preparados para participar de uma campanha nem para lutar. O segredo da falha está sempre aí. Os levitas não foram incluídos porque, num sentido muito especial, eles pertenciam a Deus.

Era ele, portanto, responsável pelo bem-estar deles, como o é pelo de todos nós que, pela fé, estamos unidos a Cristo — o verdadeiro Arão.

NÚMEROS 3.1-13, 44-51

O Substituto Para o Primogênito. Os levitas foram designados para executarem o serviço do tabernáculo em lugar dos filhos primogênitos de Israel. Havia quase tantos levitas quanto primogênitos, sendo a diferença compensada por meio de pagamento com o dinheiro do resgate (vv. 45-48). Foi desse modo que cada um de nós foi resgatado pelo sangue do Cordeiro, para pertencermos a ele e a ele servirmos. A família de Arão exercia as funções sacerdotais (v. 9,10). O restante da tribo executava as tarefas mais pesadas do ministério e o transporte do tabernáculo.

Os gersonitas, sendo a família do filho mais velho, acampavam a oeste do tabernáculo e cuidavam dos reposteiros e cortinas. Os coatitas, por serem relacionados com Arão, acampavam ao sul e tinham a seu cargo os vasos sagrados. Os meraritas acampavam ao norte e es-

tavam encarregados das tábuas e das bases. Bastava a cada um saber que seu lugar, bem como sua tarefa, tinham sido designados por Deus. Até mesmo carregar um alfinete era uma tarefa honrosa desde que Deus a tivesse confiado a um homem como sua forma de participação.

NÚMEROS 6.1-12

O Voto de Consagração. O voto do nazireu contém muitas lições para nós, porque é um tipo do filho de Deus que é separado do mal, para que possa entregar-se e consagrar-se inteiramente ao serviço divino. Foram estabelecidas três regras. *Não tocar em vinho nem bebida forte.* Se precisarmos de animação e estímulo devemos procurá-los no Espírito Santo, não no divertimento mundano (Ef 5.18,19). *Não cortar o cabelo.* A cabeleira não tosquiada significava a dedicação dos poderes naturais ao serviço de Deus. Tenhamos cuidado com as Dalilas. São muitas as navalhas esperando para privar-nos de nossa coroa (Jz 16.19). *Não tocar os mortos, mesmo que fossem entes queridos.* O reino de Deus deve sobrepor-se a todos os laços terrenos.

Se a nossa consagração for maculada de alguma forma (vv. 9-12), devemos buscar perdão e restauração; mas os dias anteriores não serão contados. Um único pecado pode macular o poder de toda uma vida de santo testemunho.

NÚMEROS 6.13-27

A Oferta do Nazireu; a Bênção Sacerdotal. Preste atenção, ó cristão, que te dedaste a algum propósito elevado, que a lei do nazireu te sirva como advertência! Teu Deus espera de ti um viver mais cuidadoso do que exige dos outros. As taças de alegria que eles bebem não te convêm. No final podem sobrevir-te repreensão e vergonha, das quais eles escaparão. Deves estar atento principalmente à possibilidade de um contato com qualquer um que tenha cheiro de morte — com aqueles que estão mortos em delitos e pecados (2 Co 2.16). Aproxima-te deles apenas para salvá-los, mas nunca para participar de seus caminhos.

Se um nazireu violava seus votos, mesmo por acidente, o tempo já decor-

rado era cancelado. Ah! Quantos de nossos dias nós deixamos vazios! A bela bênção com que se encerra o capítulo tem seu complemento em 2 Coríntios 13.13. O que esses lábios humanos falaram na terra, Deus autenticou nos céus (v. 27). Sejamos conhecidos em honrar o Nome dele! (Ver 3 João 7.)

NÚMEROS 7.1-11, 89

Generosidade Princesca; a Voz de Deus. Esse capítulo e os dois seguintes concluem a narrativa da estada em Sinai. O transporte do mobiliário do tabernáculo foi confiado aos levitas, e os carros aqui descritos tornaram seu trabalho muito mais simples. Dois foram destinados aos cortinados e tapeçarias, e quatro para as partes mais rígidas, mais difíceis de transportar. Os vasos sagrados eram levados aos ombros pelos coatitas.

Em vez de citar essas doze ofertas englobadamente, o Espírito menciona cada uma amorosamente. No livro das recordações de Deus cada vaso de alabastro é conhecido por si mesmo. Notemos que os vasos não somente eram valiosos, mas também estavam cheios! "Ambos cheios." (V. 13ss.)

Meditemos no versículo 89. Ali, que nossos ouvidos possam estar abertos para escutar essa voz que fala do meio dos querubins, orientando-nos em nossos momentos de confusão, revelando-nos as verdades mais profundas acerca de Deus.

NÚMEROS 8.1-13

A Iluminação da Casa de Deus; Trabalhadores Limpos. É estranho encontrar um parágrafo a respeito do candelabro, no meio dos preparativos para deixar o Sinai. Mas, como sempre, sua colocação aqui é muito apropriada porque os que pertencem a Deus são convidados a brilhar como luzes no mundo em sua peregrinação terrena.

A obra de ouro batido simboliza perseguição, e o bloco inteiço de ouro indica a unidade essencial da Igreja. Os levitas eram purificados simbolicamente pela água e pela navalha. Isso era exigido de homens que descendiam de linhagem tão violenta (Gn 49.7).

A seguir foram oferecidos a Deus,

isto é, Israel transferia para eles as tarefas do ministério que, até esse tempo, haviam sido executadas pelos primogênitos. Como o sacerdote estava acostumado a mover uma parte do sacrifício diante de Deus, assim faria Arão (v. 11). O complemento disso está em Atos 13.3. Podemos considerar os missionários, os mestres e outros que executam certas funções em nosso lugar como oferta movida.

NÚMEROS 8.14-26

Consagrados ao Serviço de Deus. Os levitas podem representar a Igreja distintamente do resto da humanidade, ou o pequeno grupo de pastores, mestres e missionários separados para o serviço da Igreja. Em qualquer caso, eles precisam estar sempre lembrando que o pecado podia misturar-se às cerimônias mais santas e era necessário que se fizesse uma perpétua purificação do sacrifício. Mesmo depois de prestarmos os mais santos serviços a Deus devemos lembrar-nos de que somos apenas servos inúteis.

Na fase dos trinta aos cinquenta anos o homem atinge sua maior pujança. Não há contradição entre Números 4.3 e o versículo 24 desse capítulo, porque era exigido um período preparatório de cinco anos. Quando envelhecemos e já não podemos suportar trabalhos pesados da mente e do corpo, ainda podemos conservar o santo encargo de ministrar diante do altar de incenso (vv. 25,26). Assim foi com Zacarias como se vê em Lucas 1.7,9. Enquanto vivermos podemos interceder, e a nossa manutenção somente cessará com a nossa atividade.

NÚMEROS 9.1-14

Celebrando a Páscoa. A Páscoa foi celebrada no Egito (Êx 12); no deserto e na terra de Canaã (Js 5). A lembrança de nossa redenção deve sustentar todos os grandes movimentos de indivíduos e da Igreja. Essa foi uma celebração ainda mais memorável, porque levou à instituição da "pequena páscoa" (vv. 6,7). Moisés não se apressou em dar uma resposta pessoal, mas esperou em Deus. A natureza divina faz concessões

para atender a incapacidades que se acham fora do nosso controle. (Ver 2 Crônicas 30.13-20.)

No acolhimento dado aos estrangeiros, descobrimos a grande dimensão da misericórdia de Deus. Nós, também, éramos estrangeiros e forasteiros (Ef 2.19-21). Minha alma, nunca te esqueças de que já foste um forasteiro em relação à aliança da promessa! Recebias as migalhas do banquete! Mas Deus te fez assentar entre os filhos e te incluiu nas benditas provisões de sua aliança!

NÚMEROS 9.15-23

A Nuvem Sobre o Tabernáculo. Nós não conhecemos a forma dessa nuvem, se era um grande cúmulo, ou se ela se estendia sobre o arraial como um imenso guarda-chuva para proteger o povo do fulgor do sol. Quando a noite caía, o fogo da *Shekinah* que ardia em seu âmago tornava-se visível. Mas protegendo de dia ou iluminando de noite, ela era sempre o símbolo da presença divina. Tudo isso prefigurava a orientação e o abrigo que o Senhor proporciona ao seu povo. (Compare com João 8.12.)

Os amigos podem insistir conosco para fazermos uma mudança. A limitação de nossos recursos e a pressão dos adversários podem surgir para forçar-nos a mudar. Ou podemos sentir um medo indizível a insinuar que jamais nos manteremos firmes. Mas, enquanto a nuvem não se mover, devemos permanecer onde estamos. Onde paira a nuvem, o maná cai. "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa!" Nunca saíamos antes de Deus, nem fiquemos para trás; mas também se ele partir, não hesitemos em levantar acampamento.

NÚMEROS 10.1-16

As Trombetas Anunciam a Marcha. Cada trombeta era feita de uma peça sólida de prata. Elas tinham diversas utilidades: convocar uma assembléia, anunciar a partida, reunir para a batalha. Elas são mencionadas simbolicamente em Mateus 24.31 e 1 Coríntios 15.52. Estamos constantemente sendo chamados para levantar e partir! Será que hoje a

trombeta não está chamando a Igreja adormecida para entrar em ação no sentido da evangelização do mundo? Israel tinha permanecido um ano inteiro nas cercanias do Sinai. Quando haviam deixado o Egito constituíam uma multidão indisciplinada; agora haviam-se transformado numa nação e num exército disciplinado. Cada um conhecia suas credenciais e estandarte; cada tribo tinha sua área demarcada. Todos devem passar pelo Sinai; mas não morar ali. Devem seguir em frente rumo ao Hermon, ao monte das Oliveiras, ao Calvário. A Igreja está em movimento! Encontremos nosso lugar nessa grande marcha e consevemo-lo. Deus está sempre lembrando de nós e nos salvando de nossos inimigos! (Comparar o versículo 9 com Isaías 52.12.)

NÚMEROS 10.17-36

“*Vem Conosco.*” O convite que Moisés fez a Hobabe todos nós podemos fazer aos nossos amigos. “Estamos de viagem para o lugar que o Senhor disse.” Deveríamos estar sempre alerta em relação aos que não se acham formalmente unidos à Igreja, e nós podemos garantir-lhes que lhes faremos bem. Aqueles que dão as costas para o Egito, e voltam o rosto para a cidade celestial vão encontrar somente o que é bom. Deus preparou coisas boas para aqueles que o amam e não existem palavras que possam descrevê-las. (Ver 1 Coríntios 2.9.)

E quantos benefícios podemos obter de tal companheirismo! Provavelmente Hobabe era cunhado de Moisés, e tendo Jetro voltado a Midiã, ele seria muito necessário para guiar Israel às melhores estradas e aos melhores pontos de parada, onde podiam encontrar sombra e água. Um guia assim seria de valor incalculável. Assim são os ministros! (Ver a recompensa de Hobabe em Juízes 1.16 e 4.11.) Quem não segue aonde a arca da aliança o conduz, e não descansa onde paira a nuvem? (Ver João 10.4.)

NÚMEROS 11.1-15

Murmuração por Causa de Carne. Não nos admiramos de o povo haver murmurado. Estavam desacostumados às fa-

digas do deserto, e não tinham se apercebido da extensão da jornada. Estejamos atentos para que não murmuremos. (Ver 1 Coríntios 10.10.) Evitemos também uma excessiva familiaridade com aqueles que jamais conheceram a graça regeneradora de Deus. O “populacho” era constituído, em larga escala, de egípcios cujo mau exemplo contaminara o povo escolhido (Êx 12.38). Quando nossa vida espiritual é fraca, nós nos cansamos do alimento dos anjos e nosso coração retorna ao mundo que havíamos deixado.

É fácil compreender o protesto de Moisés. Ele se achava completamente esgotado pelas pesadas responsabilidades que tinha. Mas não devia ter falado como se o peso total da jornada recaísse sobre ele. Seu Amigo todo-poderoso o estava suportando e carregando durante “todos os dias da antigüidade”. (Ver Isaías 63.9.) Nunca devemos olhar para nossas responsabilidades sem levar em conta aquele que faz abundar toda graça (2 Co 9.8).

NÚMEROS 11.16-25

O Espírito de Deus Sobre os Setenta. A consideração de Deus para com seu servo sobrecarregado foi muito generosa. Ele conhece nossa estrutura e se lembra de que somos pó. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira (Sl 103.9). O problema foi solucionado com a indicação e investidura de setenta anciãos, que se tornaram um embrião do sinédrio.

A depressão de Moisés levou-o à descrença. Parecia impossível supor que Deus pudesse preparar-lhes uma mesa no deserto, e de tal magnitude que todos eles pudessem participar dela. A descrença pergunta: Será que Deus pode? A fé responde: Pode! (Ver Salmo 78.19.) Filho de Deus! A mão de Deus não é curta a ponto de não poder chegar até você. Ainda que não creiamos, ele permanece fiel (2 Tm 2.13). Essa preparação dos anciãos (v. 25) faz-nos lembrar que nós, também precisamos receber o Espírito Santo, primeiro para a nossa santificação de caráter, e, depois, para nosso serviço e o exercício de nossa função. Essa é a característica especial do Pentecoste (At 2.1-4).

NÚMEROS 11.26-35

“*Os Sepulcros de Desejo.*” É interessante observar a prova de nobreza que Moisés deu pela maneira como respondeu às notícias concernentes a Eldade e Medade. Eles podiam não pertencer ao grupo de anciãos, e podiam não ter ido para o tabernáculo, como no versículo 16. Eles nos fazem lembrar os discípulos não ordenados e simples de Atos 11.19ss. Mas não havia inveja no coração de Moisés. Ele se sentiria agradecido se todos tivessem alcançado um grau de graça superior ao que ele próprio alcançara.

Vieram as codornizes. Voavam em bandos imensos que escureciam o ar. Exaustas pelo longo vôo, voejavam à altura de um metro do chão, e, assim, eram facilmente capturadas. Mas a pressa com que os israelitas as devoraram causou seu próprio castigo. A história ficou gravada no próprio nome dado ao seu ponto de parada (Sl 106.15). Minha alma! Toma cuidado para que com teus desejos desgovernados não te precipites nesse sepulcro! (Ver Gálatas 5.17.)

NÚMEROS 12.1-15

Deus Protege Moisés Contra a Crítica. Essa esposa etíope pode ter sido Zípora, ou alguma outra mulher com quem Moisés se casou após a morte da primeira esposa. O fato de Moisés, o grande legislador e líder que conseguia controlar uma multidão turbulenta e enfrentar o grande rei do Egito, receber os insultos de seu irmão e irmã com tanta calma indica como havia sido profunda e extensa a transformação do seu caráter. (Compare com Êxodo 2.12 ss.) “Não te indignes por causa dos malfetores... Descansa no Senhor, e espera nele.” (Sl 37.1.7.)

Quando entregamos nossa causa a Deus, ele desce (v. 5). Ele repreende o inimigo e o vingador. Sejamos fiéis a ele e poderemos contar certo com sua fidelidade para conosco! Esse elogio que Moisés recebeu por sua fidelidade todos nós podemos receber! (Ver Mateus 25.21.)

Pela nossa intercessão podemos obter perdão e cura; mas o pecado deixa

suas marcas (v. 15). O pecador é privado da alegria do arraial, e atrasa o avanço da Igreja. Meditemos sobre Tiago 3.5,6.

NÚMEROS 12.16-13.20

Os Espias São Enviados a Canaã. Comparando os versículos iniciais do capítulo 13 com Deuteronômio 1.19-22, parece que a idéia acerca dos espias partiu do povo, e que Deus misericordiosamente a acatou. Mas lembremos que é um grave erro espionar ou criticar a terra ou situação para a qual estamos sendo conduzidos. É quase certo que veremos as dificuldades isoladas da graça, que assim parecerão insuperáveis.

É melhor esperar com tranqüila confiança os desdobramentos da divina providência. O livro do futuro está nas mãos do Cordeiro que foi morto (Ap 5.78). Não nos preocupemos com o dia de amanhã! Prossigamos firmes! Deus irá adiante de nós, e manterá aberto o nosso caminho! A descrença vê os gigantes e escreve com “G” maiúsculo; a fé vê Deus, e escreve gigantes com “g” minúsculo. Abraão “não duvidou da promessa de Deus” (Rm 4.20).

NÚMEROS 13.21-33

Os Relatórios da Maioria e da Minoria. Era o mês de agosto. Escol fica a sudeste de Hebrom. As encostas de suas montanhas estavam cobertas das melhores videiras, cujos cachos pesavam de cinco a seis quilos. Em comparação com os egípcios que eram menores, e que os israelitas haviam deixado para trás, os altos e musculosos cananeus pareciam imensos. Os espias compararam os cananeus consigo mesmos, em vez de compará-los com o Deus todo-poderoso. Não vejamos Deus pelo prisma das circunstâncias, mas as circunstâncias pela perspectiva de Deus. Qualquer terra digna de ser possuída tem seus gigantes; mas, como Calebe, a fé não olha para os gigantes, mas para o Deus vivo. (Ver 14.8.) Os que duvidavam diziam: Será que Deus pode? Calebe afirmava: Deus pode! Basta tão somente seguir a Deus! Rendamo-nos integralmente a ele. Apresentemo-nos a Deus

como vivos dentre os mortos, e eternamente unidos ao Cristo vivo; então ele esmagará Satã sob nossos pés e nos fará pisar o leão e a áspide. (Ver Salmo 91.13 e Romanos 16.20.)

NÚMEROS 14.1-12

Um Povo Descrente e Rebelde. O temor que em qualquer outra nação poderia ser descrito como um pânico gerado pelo medo, no caso de Israel era um pânico gerado pela descrença, bem merecedora da reprovadora admoestação de Jeová do versículo 11. É muito fácil passar da descrença para a rebelião aberta contra Deus, como está expressa nas palavras: "Levantemos a um para nosso capitão, e voltemos para o Egito". A ligação entre o medroso e o descrente é muito íntima (Ap 21.8). Por outro lado, temos a exortação de 2 Pedro 1.5: "Associai com vossa fé a virtude [ou coragem]", como vemos exemplificado na linguagem de Josué e Calebe. Mas suas palavras de fé e encorajamento só provocaram ódio e intenções homicidas.

Comparemos o versículo 10 com Gênesis 4.4 e Hebreus 11.4. A posição dessas duas valentes testemunhas de Deus não diminuiu a força nem o número dos inimigos, mas ampliou sua visão do grande Poder empenhado em cumprir a antiga aliança com Abraão: "O Senhor é conosco; não os temais". Ele não pode falhar para com aquele que confia nele!

NÚMEROS 14.13-25

Perdão por Meio da Intercessão de Moisés. Moisés não possuía a menor ambição. Seu único pensamento era a glória de Deus. Quando se apresentou à sua mente a sugestão de que sua própria descendência tomaria o lugar daquela raça rebelde, ele a repeliu imediatamente. Não admitiu a idéia nem por um instante que fosse, para que os egípcios não tirassem partido dela. Ele não alimentava o desejo de ser o ancestral de uma grande nação, se isso empanasse a honra divina. Preferia ser deixado no esquecimento do que consentir em que uma jóia da gloriosa galáxia da glória de Deus fosse toldada.

Havia três argumentos em sua inter-

cessão: a reputação de Deus, a coerência de Deus consigo mesmo, e a sua misericórdia. Parece-me ouvir por trás dessas rogativas, a voz do Supremo Mediador! Sua oração foi atendida, mas a geração que não creu não pôde entrar na terra. É possível alguém sair do Egito mas não chegar a Canaã. (Ver Hebreus 3.12-19.)

NÚMEROS 14.26-45

O Castigo da Descrença e da Precipitação. Esse trecho nos ensina que as promessas de Deus estão condicionadas à nossa fé. Ele não pode realizar aquilo que nós não cremos que ele possa fazer.

A chave da fé abre todas as gavetas e armários do tesouro divino, mas é preciso que a usemos. Se não confiarmos totalmente em Deus seremos deixados para perecer no deserto da sequidão, da inquietação e do perigo. A descrença paralisa o braço de Deus. (Ver Mateus 13.58.) E aprendamos pelo parágrafo final que com o poder de nossa própria mão direita não poderemos realizar o que pela nossa descrença impossibilitamos. "Isso não prosperará."

NÚMEROS 15.27-41

Punição Exemplar Para a Quebra do Sábado. Esse capítulo assemelha-se à suave melodia de uma flauta inserida entre dois acordes barulhentos. Ele nos lembra que, no meio da ira, Deus se lembra da misericórdia. O estrangeiro — seja peregrino, emigrante, ou escravo — devia ser incluído nos holocaustos e sacrifícios, uma antecipação do tempo quando todos os santos serão contados na família de Deus (Ef 2.19).

Os pecados por ignorância podem ser perdoados (vv. 22-29). São pecados. Os erros de *omissão* necessitam de perdão tanto quanto os de culpa. Mas, como Paulo ensina, podemos contar confiantemente com o perdão para as faltas cometidas inconscientemente. (Ver 1 Timóteo 1.12-14 e Hebreus 5.2.) Tudo muda, porém, com os *pecados de presunção* (vv. 30-36). Persistir neles conduz à morte. (Ver 1 João 5.16.)

Nós possuímos algo melhor que as borlas usadas para reavivar a memória; temos o ministério do Espírito Santo (Jo 14.26).

NÚMEROS 16.1-19

A Rebelião de Coré. Essa revolta foi muito séria, porque muitos príncipes se associaram com os levitas. O que estava na raiz de todo o movimento era o ciúme. "Toda a congregação é santa", diziam eles. "Por que, pois, vos exaltais sobre a congregação do Senhor?" Não há outra raiz de amargura que exija vigilância mais cuidadosa do que o ciúme! Se ele está em nosso coração, devemos fazer como Samuel, no passado, e como o General Gordon, em nosso tempo: "Despedaçou a Agague perante o Senhor".

O registro da mansidão de Moisés precede esse episódio, um verdadeiro teste onde ela é provada. Tudo o que há de melhor e mais forte em nós deve ser provado como pelo fogo. Até Moisés ficou irritado ante essas grosseiras acusações. (Ver o versículo 15.) Mesmo os melhores dos homens são na melhor das hipóteses apenas homens. Sem falta, somente Jesus.

Que belo pensamento está expresso nos versículos 5,7,9. Existem almas santas e abençoadas que têm especial direito de acesso à presença de Deus. (Ver Zacarias 3.7.)

NÚMEROS 16.20-35

O Castigo Divino Para os Rebeldes. Foi sábio, da parte de Moisés, não procurar desagregar-se, mas deixar sua causa nas mãos de Deus. Ele é sempre pronto em desagregar aqueles que confiam a ele sua reputação. Empunhar a espada é perecer pela espada. "Espera no Senhor, segue o seu caminho, e ele te exaltará para possuíres a terra."

O destino de Coré e seus companheiros conspiradores foi terrível; mas, tivessem eles sido poupados, o acampamento inteiro ficaria contaminado e, dessa forma, ficariam frustrados os propósitos de Deus. Os que sofrem de doenças contagiosas devem ser imediatamente isolados dos outros, para o bem da coletividade! Lembremo-nos da advertência de Judas de que o abismo ainda está tragando (v. 11). Nestes últimos dias da era atual, e à vista dos terríveis registros desse capítulo, bem que podemos ponderar na advertência

de Apocalipse 18.4. A congregação foi salva por causa da compaixão divina da qual Moisés tinha uma concepção verdadeira. A oração deles refletia somente o pensamento divino (v. 22).

NÚMEROS 16.36-50

"Entre os Mortos e os Vivos". Os incensários foram utilizados para fazer lâminas para o altar. Até mesmo os homens maus, bem como as coisas más, serão usadas para servir aos propósitos divinos. (Ver Atos 2.23.) Que maravilhoso prenúncio do sacerdócio eterno e da intercessão do Senhor é proporcionado por essa imagem de Arão movendo seu incensário entre os vivos e os mortos, e detendo a peste! De que lado estamos? Estamos entre os vivos, ou entre os mortos? Cristo tem para nós sabor de vida para vida ou de morte para morte? Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

Coré tinha usurpado o sacerdócio e a oferta de incenso provocando sua destruição; mas exercidos pelo sacerdote designado por Deus esses ritos trouxeram vida. É terrível um homem mortal intrrometer-se nas sagradas prerrogativas de Cristo. (Ver 1 Timóteo 2.5.)

NÚMEROS 17.1-13

O Florescimento da Vara de Arão. A controvérsia acerca do sacerdócio precisava ser resolvida de forma decisiva, e, para afastar todas as bases de discussão operou-se um notável sinal na vara de Arão. "A vara do homem que eu escolher, essa florescerá." Esse princípio é eterno. Há uma indissolúvel conexão entre o fato de Deus nos escolher e nós darmos fruto. "Eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis frutos."

Na Epístola aos Hebreus vemos que o florescimento da vara de Arão simbolizava o imutável sacerdócio do Senhor. (Ver Hebreus 7.24.) Ele parecia uma raiz subindo duma terra seca; mas, no túmulo, a vara de Jessé começou a brotar, a florescer e a frutificar. Podemos parecer simples varas desfolhadas, mas se nos unirmos a

Cristo por uma vida de fé, participaremos de seu poder e beleza. “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada.” “De mim se acha o teu fruto.” (Os 14.8.)

NÚMEROS 18.21-32

Demos a Deus o Melhor. O serviço interno do tabernáculo foi atribuído aos sacerdotes, que deviam ser da casa de Arão. Os levitas estavam associados à casa de Arão para os serviços mais humildes. Nos versículos 5 a 20 vemos a providência acerca do sustento dos sacerdotes; e nos versículos 21 a 32, a do sustento dos levitas. O dízimo dos cereais e das safras de frutas de Israel era passado a eles. A sorte de Levi tinha sido ficar disperso em Israel (Gn 49.7). Mas essa maldição foi transformada em bênção. Eles foram chamados para executar o ofício sacerdotal dos primogênitos, e Deus estava pronto a recompensá-los por seu árduo labor. Ele se fez herança deles.

Mas, embora o sustento dos levitas estivesse assegurado pelas dádivas de Israel, eles não estavam desobrigados do privilégio e dever de contribuir para o serviço de Deus. Também deviam entregar um dízimo para o sustento dos sacerdotes. “Nós somos membros uns dos outros.”

NÚMEROS 19.1-22

A Purificação dos Imundos. Poderíamos pensar que esse capítulo ficaria mais bem situado em Levítico. Não parece deslocado nessa narrativa da peregrinação? Não: este é o lugar mais apropriado, já que é na peregrinação pelo deserto que estamos mais expostos ao toque da poluição, que exige uma purificação diária sem o que nos colocamos fora da comunhão com Deus.

As cinzas da novilha são símbolos da obra do Senhor. (Ver Hebreus 9. 13,14.) Sem defeito; nunca levou jugo; morta fora do acampamento; considerada uma coisa impura! Era muito fácil um judeu tornar-se cerimonialmente imundo. Bastava andar sobre um túmulo. Mas as cinzas da novilha misturadas com água de nascente — ou corrente — restaurava o impuro à comunhão com sua família e ao tabernáculo.

Assim, quando confessamos nossos pecados, somos purificados de uma consciência má, somos restaurados à unidade com Deus e com seu povo, e andamos em novidade de vida.

NÚMEROS 20.1-13

O Pecado de Moisés e Arão. Afinal quando os longos anos de vida no deserto se encaminhavam para o fim, o povo novamente chega a Cades e se acampa, tendo o tabernáculo no centro. De novo explodiu o espírito murmurador, como ocorrera quarenta anos atrás. Até ao fim da vida estaremos sujeitos ao reaparecimento dos velhos pecados; por isso, não podemos relaxar nem embainhar a espada.

Moisés devia *falar* à rocha, não feri-la. (Ver Êxodo 17.6.) A Rocha eterna foi ferida somente uma vez. “Está ordenado aos homens morrerem *uma só vez*”, e “Cristo, tendo-se oferecido *uma vez* para sempre para tirar os pecados de muitos”. Agora, basta-nos, crentes, falar-lhe, mesmo que no tom mais baixo e balbuciante, para obter dela torrente de auxílio e salvação.

Foi a falta de fé que levou Moisés a ferir a rocha duas vezes. Parecia que falar seria um esforço leve demais para a produção de tal maravilha! Ele se esqueceu de que não foi a vara nem a voz que obtiveram o resultado, mas o poder de Deus que operou através dele. (Ver 1 Coríntios 3.4.) A mulher somente “lhe tocou na orla da veste” (Mt 9.20).

NÚMEROS 20.14-29

Edom Recusa Passagem; Arão Morre. Foi um gesto descortês da parte dos edomitas — descendentes de Esaú, o irmão de Jacó — proibir a passagem do povo escolhido através de seu território; e isso nunca foi esquecido. O fato é mencionado diversas vezes nos mais fortes termos pelos profetas e pelo salmista. (Ver Deuteronômio 2.4,8; 23.7; Amós 1.11; Obadias 10.12 e Salmo 137.7.)

A morte de Arão foi planejada de modo a permitir-lhe uma visão panorâmica distante da terra que, por tanto tempo, estivera como que a chamá-lo. Mas não lhe fora permitido prosseguir. Sua morte é citada como evidência da imperfeição do sacerdócio arcaico em

contraste com o sacerdócio indissolúvel do Senhor (Hb 7.16).

Esse capítulo é bem triste! O erro de Moisés, as mortes de Arão e Miriã, a recusa de Edom! Mas o propósito de Deus permaneceu de pé. Ele agiu por sua própria causa, por causa da aliança.

NÚMEROS 21.1-20

A Serpente de Bronze; a Partida Para Pisga. Muitas vezes somos forçados a contornar a terra de Edom! Já é bastante ruim ter de lutar com as tribos do deserto, mas é mais duro ter de fazer a longa rota circundante, o que, com um pouco de bondade da parte de nosso irmão poderia ter sido evitado. Quanto desalento, sofrimento e desânimo causamos uns aos outros!

A história da serpente de bronze foi citada pelo Senhor a Nicodemos (Jo 3.14). Ela exemplifica a lei de que o remédio cura o que lhe é semelhante. O Senhor veio em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado, e como tal foi pregado no madeiro para que o avanço do pecado e a morte pudessem ser detidos. Todo aquele que dirigir o olhar de fé para ele terá a vida eterna.

Junto à base do bordão brotou o poço (vv. 17,18). Somos lembrados da conexão entre a cruz e o Pentecoste. Brota, ó poço do Espírito Santo, em nosso coração, nossas igrejas e escolas! A água viva está dentro; convoca-a!

NÚMEROS 21.21-35

Vitória Sobre os Amorreus. Duas grandes vitórias abriram as terras do leste para que duas tribos e meia tomassem posse delas e a dominassem. Não basta conhecermos nossa herança em Cristo; devemos apropriar-nos de nossas possessões.

Seom, o rei dos amorreus, atacou Israel sem ter sido provocado; e seu ato era menos desculpável pois ele próprio fora um invasor. Como prova disso, é citado um trecho de um de seus cânticos nacionais, em que o poeta amorreu descreve a invasão da terra feita por ele, o incêndio de Hesbom e Ar, e a edificação de novas cidades no lugar dessas (vv. 27-30). (Ver também Juízes 11.13-27.) Seom e Ogue sofreram sorte igual nas

mãos de Israel. O General Gordon, atravessando o Sudão para atacar um traficante de escravos, ouviu muitas vezes em seu coração estas palavras: “Não o temas, porque eu o dei na tua mão”. (Ver Salmo 135.11; 136.19,20.) Por detrás da história inteira está o amor eterno de Deus!

NÚMEROS 22.1-20

Balaão é Procurado Para Amaldiçoar Israel. Esses capítulos apresentam um contraste surpreendente entre o ambicioso profeta e suas sublimes profecias. É claramente possível alguém ser o portavoza da verdade e mesmo assim não ter parte nem sorte nela.

Balaque, como tinha sido predito, estava apavorado. (Comparar o versículo 3 com Êxodo 15.15.) Os anciãos de Midiã eram seus amigos e aliados. Era muito importante para eles conservarem-se unidos. A viagem através do deserto até a Mesopotâmia, onde vivia Balaão, era longa e tediosa, mas ele era um mágico famoso que com seus encantamentos podia dirigir forças invisíveis numa batalha. Ele conhecia o único Deus verdadeiro, mas amava o prêmio da injustiça e praticava erros por dinheiro. (Ver 2 Pedro 2.14-16 e Judas 11.)

Ele estava resolvido a ganhar os presentes prometidos por Balaque, e tentou persuadir Deus a tornar-se seu cúmplice, primeiro, deixando-o ir, e, em segundo lugar, permitindo-lhe dizer o que Balaque desejava que fosse dito. Mas Deus exige que sejamos leais a ele e tenhamos o mesmo pensamento que ele, e de forma alguma se desviará do caminho e da verdade e da justiça para atender a nossos desejos e ambições.

NÚMEROS 22.21-40

Balaão Advertido Quanto ao que Deve Falar. Se Balaão se tivesse mantido firme em sua primeira resposta a Balaque, não teria passado pela desgraça e sofrimento que se seguiram. Mas parece que ele pensava que fosse possível mudar o intento de Deus; daí o seu pedido ao segundo grupo de mensageiros para que lhe dessem tempo de certificar-se da vontade de Deus. Mas ele já conhecia bem essa vontade; que pretendia ele ao

insistir com Deus para lhe dar mais uma resposta?

Quando finalmente recebeu a mensagem de que podia ir, levantou-se cedo, selou sua jumenta e partiu a toda pressa. Estava tentando servir a dois senhores — falar como Deus tinha ordenado, mas agradar a Balaque e embolsar seu ouro.

Quantos meios Deus usa para interromper nossos maus caminhos! Pedro faz uma referência especial a esse incidente (2 Pe 2.16). Quando um bote é apinhado pelas corredeiras próximas das Cataratas do Niágara as pessoas gritam muito para tentar detê-lo; mas é em vão. Assim o caminho dos transgressores é interceptado pelo amor de Deus!

NÚMEROS 22.41-23.12

Bênção em Lugar de Maldição. Observe-mos a posição desses capítulos, que precedem o horrível episódio de Baal-Peor. Dentro em pouco os israelitas estarão cometendo pecados tão terríveis que pareceria impossível que Deus continuasse a reconhecê-los; aqui o Senhor ainda os ampara e restringe o espírito do mal. Quando necessário, ele assume pessoalmente a tarefa de castigá-los.

Balaão se empenhou com todas as suas forças para ganhar os régios presentes. Ah, se eu pudesse sentir que realmente era o instrumento da maldição divina! pensou ele. Mas não conseguia sentir no coração que o Espírito de Deus o estava pressionando na direção desejada por Balaque. A corrente do destino não estava correndo naquele rumo. Ao contrário, ele não conseguiu forjar uma arma contra Israel que prosperasse; e, quando tentou levantar a voz em julgamento contra o povo de Deus, foi condenado. Era como se Deus dissesse: “Não toqueis nos meus ungidos”. (Sl 105.15). (Ver Isaías 54.17 e Romanos 8.31.)

NÚMEROS 23.13-30

Nenhum Encantamento Vale Contra Israel. Balaque ficou surpreso e frustrado. Por isso pensou consigo mesmo em limitar a visão do vidente, de modo que, de uma altura que dominava apenas parte do arraial, pudesse ver somente um Israel reduzido. Quantas vezes nós tentamos ver somente o que queremos ver!

Quantas vezes fechamos os olhos para os méritos reais do nosso rival! Em vez de penetrarmos nos grandes pensamentos de Deus, nós nos trancamos dentro de um mundo diminuto e limitado. Nós não reconhecemos aquilo que o nosso orgulho não quer reconhecer. Somos como crianças construindo castelos de areia e querendo que eles resistam à maré. Seria melhor que procurássemos ajustar nossa mente com os fatos de Deus, em vez de minimizar-lhes a verdade ou fugir deles. Agindo assim estamos nos ferindo, e jamais poderemos alterá-los. Andemos pelo caminho de Deus e gozaremos paz!

Ponderemos sobre o versículo 21 — é como estamos no propósito de Deus; e o versículo 23 — quando confrontados por nossos inimigos; e versículo 24 — quando convencidos ao máximo de nosso desamparo.

NÚMEROS 24.1-14

A Visão de Balaão Sobre a Prosperidade de Israel. Nessas admiráveis palavras, Balaão descreve a condição e as perspectivas do povo de Deus. Elas revelam o pensamento íntimo que mesmo um homem mau e falso tem dos santos. Balaão teve seus momentos de iluminação, quando chegou ao âmago da verdade. Um homem pode conhecer e falar uma verdade a que ele pessoalmente não obedece. Tomara que todos percebêssemos o elevado conceito que os pecadores têm da religião!

O plano de Deus a nosso respeito era que fôssemos como jardins à beira dos rios, árvores de sândalo que o Senhor plantou, cedros regados por correntes perenes. Ah, quem dera que nossa alma tivesse uma realza mais exaltada, uma força invencível, uma vitória que consome os inimigos, e, na realidade, se alimentasse daquilo que ameaça destruí-la! Somente podemos atingir um ideal assim por meio de uma íntima comunhão com o Salvador resuscitado. Vivamos no plano que é nosso nele, e para o qual ele nos dá o Espírito Santo!

NÚMEROS 24.15-25

A “Estrela Procederá de Jacó”. Quando nosso coração estiver abatido por causa

do ódio e da oposição de Satanás, o grande acusador, voltemos a esse capítulo. Se ele nos opõe resistência, o Filho de Deus se levanta em nossa defesa. O eterno Deus está ao nosso lado, não porque sejamos perfeitos, mas porque unimos nossa modesta vida com Jesus Cristo em sua glória e beleza. Em Deuteronômio 23.5 encontramos o bendito segredo que explicou o fracasso de Balaão.

Em brilhante antevisão, Balaão descreve o futuro de Israel, e sua predição é maravilhosamente exata. Está claro que um homem pode falar uma verdade da qual sua alma nada sabe, assim como uma fonte de mármore pode fornecer água cujo gosto ela não sente.

Balaão partiu rumo a sua casa, mas jamais a alcançou. Podemos desejar ter a morte dos justos, mas se não tivermos a vida de um justo isso será apenas um sonho vão. (Comparar Números 23.10 com 31.8.)

NÚMEROS 25.1-18

O Zelo de Finéias Contra a Impureza. Incapaz de amaldiçoar diretamente Israel, Balaão deu a Balaque a idéia de destruir a união entre Israel e seu divino Protetor induzindo o povo ao pecado. Depois que a desordem e a paixão entram em ação e deixamos que as seduções do mal prevaleçam, não há dúvida de que a santidade de Deus o compele a retirar de nós sua proteção! Foi uma sugestão diabólica para ganhar sua recompensa. (Ver Apocalipse 2.14.)

As mulheres da terra, famosas por sua lascívia, seduziram os homens de Israel para participarem dos rituais sensuais de seu culto. Nem todos caíram nesse pecado. (Ver Deuteronômio 4.34.) Mas ele acarretou terrível castigo para os que o praticaram (1 Co 10.8). Devemos sempre amputar um membro gangrenoso.

Saiamos do mundo, purificando-nos de sua imundície (2 Co 6.14). Há crises nas quais o amor pela honra de Deus exige uma ação enérgica, que, como no caso de Finéias, sempre resulta num copioso reconhecimento (v. 12).

NÚMEROS 26.1-4, 51-65

O Censo da Nação. A terrível visitaçao do capítulo anterior eliminou os sobre-

viventes da velha geração. (Ver Salmo 95.11.) Esse novo censo foi muito importante, em parte, porque mostrou os números a que Israel havia chegado no seu crescimento, e em parte porque definiu as famílias e clãs antes de sua entrada em Canaã.

O censo dos levitas foi levantado separadamente, e conduzido de acordo com princípios diferentes. Verificou-se um aumento de 1.000 pessoas em relação ao censo anterior quarenta anos antes (3.39). Se esse número não foi maior, isso se deve, provavelmente à rebelião de Coré.

Deus está sempre registrando seu povo. Será que estamos incluídos na contagem divina e registrados no Livro da vida do Cordeiro? (Comparar com Salmo 87.5,6 e Apocalipse 3.5.) Nós nascemos com direito a uma grande herança, mas temos que reivindicá-la pela fé.

NÚMEROS 27.1-23

Josué é Designado Como Sucessor de Moisés. Até o fim, Moisés foi um servo fiel daquele que o constituíra em toda a sua casa (Hb 3.2). Notemos que ele não tentou legislar para essas moças que pleiteavam uma possessão baseada no direito do pai; mas apresentou a causa delas diante de Deus. Era sempre assim: “como o Senhor ordenou a Moisés” (vv. 11, 22). E quando Deus lhe ordenou que subisse o monte para morrer, sua principal ansiedade foi garantir um sucessor para conduzir o povo.

O grande legislador pode levar o povo às fronteiras da terra de descanso, mas ali precisa deixar seu encargo. A lei, com sua exigência de uma obediência que não podemos dar, não pode levar a alma ao descanso. Isso é prerrogativa de Josué — ou, em grego, Jesus (Hb 4.8).

NÚMEROS 31.1-20

A Destruição dos Midianitas. Lendo um capítulo como esse, devemos lembrar que a Bíblia é o relato do lento progresso de uma nação em direção ao conhecimento de Deus, e sua preparação para tornar-se uma das maiores forças

espirituais do mundo. Esse processo tinha de ser demorado. A pesada carnalidade desse período só poderia ser eliminada a passos muito lentos. O Senhor disse claramente que certas coisas foram permitidas por um pouco de tempo por causa da dureza dos corações deles. (Ver Mateus 19.8.) Muitas vezes ele fez distinção entre o que “os antigos” disseram e o que ele dizia. (Ver Mateus 5.21,27,33,38,43.) Em seus ensinamentos encontramos a maneira *mais elevada* de lidarmos com nossos inimigos.

Os primeiros passos para a purificação tinham a ver com as mulheres que poderiam introduzir vícios pagãos nos lares israelitas, e a maneira demorada de lidar com despojos e cativos, de modo que a paixão pudesse ter tempo de esfriar.

NÚMEROS 31.21-54

A Divisão da Presa de Guerra. Essa lei que determina que os vencedores fiquem uma semana inteira separados e façam uma purificação especial, em vez de uma recepção imediata no arraial, tinha por objetivo desabituar os hebreus da prática da guerra, dando-lhes um padrão superior ao das nações vizinhas. Assim Deus nos educa, colocando diante de nós um padrão cada vez mais alto, sempre que estamos capacitados a obedecer. É fácil fazer duras críticas contra o tratamento dado a Midiã, mas algumas vezes o *extermínio* é o único caminho para se ter segurança.

Para nós a lição é de uma rigorosa separação. Alguns podem ser capazes de enfrentar o fogo examinador de Deus; mas outros não podem suportar essa chama. Todavia, esses não podem passar inteiramente livres. (Ver o versículo 23.) Como estrangeiros e peregrinos nesta terra, devemos abster-nos dos desejos carnis. Deus exige nossa santidade, mas faz distinção no método de produzi-la.

NÚMEROS 32.1-19

Buscando Herança Além do Jordão. As tribos de Rúben e Gade ficavam próximas uma da outra, quando o povo acampava. Portanto, tinham muitas

oportunidades para conversar, e, finalmente, se uniram para pedir permissão para se estabelecerem a leste do Jordão, onde havia vastos campos de pastagens adequados aos seus rebanhos. Eles têm sido apontados como tipos daqueles cujo gado “em muitíssima quantidade” impede que assumam toda a sua herança celestial. Com certeza muitos que se afirmam cristãos vivem do lado do mundo. Não mostram desejo de participar da crucificação do individualismo; querem apenas construir apriscos para o gado e cidades para seus filhos. “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que...”

A princípio Moisés ficou indignado com o pedido, pensando que eles desejavam esquivar-se das dificuldades, mas a explicação dada por eles modificou sua ira. Sejamos prontos para ouvir, tardios para falar!

NÚMEROS 32.20-42

Advertência Contra Abandonar os Irmãos. Essas duas e meia tribos nunca participaram da vida nacional como as que se estabeleceram no outro lado do Jordão. Estavam distantes dos centros da vida religiosa de Israel, primeiro do de Silo e, depois, do de Jerusalém. Foram também os primeiros a ser atingidos pela invasão, sendo arrastados, eles e seu gado, para o cativeiro.

No grande cântico de Débora, ela censura Rúben por ficar “entre os currais para ouvir a flauta”, em vez de vir em socorro do Senhor contra os poderosos. Dizem os brâmanes que o homem santo morre para qualquer outro pecado mais depressa e mais facilmente do que para o amor ao dinheiro. O gado conservou essas tribos na margem errada daquele rio que devia fazer separação entre eles e o mundo! Acautelemo-nos com os cuidados deste mundo se somos pobres, e com a ilusão das riquezas se somos ricos. É preferível perder tudo mas salvar a alma. (Ver Mateus 16.26.)

NÚMEROS 33.1-37

O Itinerário da Peregrinação. Esse registro das marchas inúteis está cheio de

tristes lições e advertências. Se essas paradas ocorressem numa marcha em linha reta rumo à Terra da Promessa, pouco haveria para se lamentar. Mas não foram. Elas relembram jornadas que eles nunca deveriam ter feito. As tribos atravessavam e tornavam a atravessar o deserto, marcando passo, enquanto o corpo dos murmuradores ia caindo por ali, envolvidos nas areias do deserto.

Esse é o destino da incredulidade. Não efetuar nada, perder o descanso de Deus e perecer no limiar da realização — tal é a experiência da alma descrita em Tiago 1.6. Em Cristo, Deus nos deu a promessa de descanso, vitória e satisfação; apossemo-nos de nossa herança!

NÚMEROS 33.38-56

Não Pode Haver Acordo com a Idolatria. A morte de Arão deve ter sido muito sentida por Moisés, seu irmão. Eles haviam estado tão intimamente ligados durante a grande crise da história hebraica que a dor da separação deve ter sido muito forte. Além disso, havia a recordação do pecado que excluía os dois irmãos da entrada em Canaã. Na Epístola aos Hebreus, a morte de Arão está registrada para estabelecer o sacerdócio eterno de Cristo (7.17). Nosso Sumo Sacerdote não tem sucessor; seu ofício não pode ser transferido para outro. Ele é sacerdote não segundo a ordem de Arão, mas de Melquisedeque.

O último parágrafo (vv. 50-56) é bastante impressionante. Não deve haver cumplicidade com o mal; mas, se houver, ele corroerá o próprio cerne do nosso caráter e da nossa felicidade. É muito melhor desarraigar o mal com mão forte, do que tolerá-lo sob qualquer forma, porque, como o bumerangue, as concessões que fizermos ao pecado retornarão a nós.

NÚMEROS 34.1-18

Os Limites da Terra Prometida. Aqui são fixados os limites da Terra Prometida, que jamais foram plenamente atingidos nos dias da ocupação de Israel, a não ser, talvez, durante um breve período no glorioso reinado de Salomão. O ideal de Deus para o seu povo ia

muito além da capacidade desse povo de torná-lo realidade. Mas, não é sempre assim? Sua paz não excede todo o entendimento? Sua alegria não é indizível e cheia de glória? O amor de Cristo não excede todo entendimento? Jesus Cristo é nossa herança, tomemos posse do que é nosso. Perseveremos no conhecimento do Senhor; e lembremos que há um espaço destinado a cada um de nós em Cristo, ao qual ninguém mais tem direito.

É uma grande honra ser escolhido para repartir a terra. Deveríamos estabelecer os direitos do crente em Cristo, todos os anos, para que um divino descontentamento nos pressionasse em busca de alturas maiores e experiências mais profundas.

NÚMEROS 35.1-15

As Cidades de Refúgio Para o Homicida. Esse capítulo é cheio de providências em favor dos levitas, os ministros escolhidos para a casa de Deus. Os que ali servem podem ficar descansados acerca de suas necessidades. Deus não é injusto para esquecer o trabalho de amor que eles realizam.

Essas quarenta e oito cidades devem ter sido centros de influência religiosa por toda a terra. Elas devem ter permanecido na Terra Santa como cidades situadas sobre os montes que não podiam ficar escondidas, como sal que impede a decomposição, como faróis ao longo de uma costa rochosa. Assim deveria ser nosso lar em nossa terra.

Seis das cidades dos levitas foram designadas para ser refúgio para quem cometesse homicídio culposo — isto é, para aqueles que tinham matado alguém involuntariamente. Eram de fácil acesso para todas as partes da terra e serviam de refúgio até que se pudesse realizar uma investigação judicial. Em Jesus nós encontramos esse refúgio (Hb 6.18). Nenhum vingador, seguindo o rastro de um pecado passado, pode ferir a alma que nele se refugia. Mas não devemos jamais arriscar-nos a sair dos limites dessa salvação.

NÚMEROS 35.16-34

O Castigo Para o Homicida. O castigo para o homicídio era a morte (vv. 30,31); mas

quem cometesse homicídio acidentalmente teria liberdade dentro dos limites da cidade até à morte do sumo sacerdote, quando todos esses refugiados podiam regressar a seus lares sem sofrer punição. A instituição do vingador do sangue era quase uma necessidade naquelas terras de população dispersa e sem organização comunitária. Aqui essa prática não foi eliminada, mas foi cercada de cuidadosas limitações. Nós somos o tutor de nossos

irmãos e, em vez de passar adiante uma maledicência infamante, devemos defendê-los contra os que os infamaram injustamente.

Que maravilhosa promessa temos no versículo 34! Pensar que Jeová habitava realmente na Terra Santa! Ele habita também em cada assembléia dos seus santos e em nosso coração. (Ver Ezequiel 48.35; Mateus 18.20; 2 Coríntios 6.16 e Apocalipse 21.3.)

O LIVRO DE DEUTERONÔMIO

A Lei Repetida Para a Nova Geração



1. PRIMEIRO DISCURSO DE MOISÉS 1-4.
 - a. Recapitulação da história de Israel do Sinai ao Jordão 1-3.
 - b. Apelo ao povo para observar fielmente os mandamentos de Deus 4.1-40
 - c. Relato histórico suplementar 4.41-49.
2. O SEGUNDO DISCURSO DE MOISÉS 5-28.
 - a. Repetição do Decálogo e exortação para que se mantenham fiéis a Deus 5-11.
 - b. Leis regulamentando a vida religiosa e social do povo 12-26.
 - c. A lei deve ser escrita em pedras caiadas; as maldições e as bênçãos 27.1-28.6.
 - d. Conseqüências que acompanharão a obediência e a desobediência 28.7-68.
3. O TERCEIRO DISCURSO 29,30.

A aliança renovada e posta em vigor com promessas e ameaças.
4. AS CENAS FINAIS DA CARREIRA DE MOISÉS 31-34.
 - a. Josué recebe o encargo de liderar o povo 31.1-23.
 - b. O livro da lei é entregue aos sacerdotes 31.24-29.
 - c. O cântico de Moisés e a orientação para subir ao Nebo 31.30-32.52.
 - d. A bênção final de Moisés 33.
 - e. A morte de Moisés 34.

INTRODUÇÃO

Esse livro também traz um título grego, que significa “repetição da Lei”. Ele contém os registros de discursos dirigidos por Moisés a Israel, no décimo primeiro mês do quadragésimo ano de suas peregrinações pelo deserto. Como ele se dirigiu ao povo às vésperas de sua partida, teve condições de falar com uma ênfase e veemência extraordinárias. A alusão ao cenário natural em meio ao qual esses discursos foram proferidos, é fiel ao local e ao estilo do autor. Teólogos competentes já demonstraram que o Deuteronômio possui todas as peculiaridades do estilo de Moisés; e as poucas diferenças nas súplicas e apelos exortativos podem ser explicadas como efeito da velhice, que o abrandara.

As referências especiais feitas a esse livro no Novo Testamento são muito significativas. O Senhor citou-o três vezes em sua tentação (Mt 4.4,7,10). (Ver também Romanos 10.19; Atos 3.22; 7.37.) Há indícios de que existem alguns toques de algum escritor posterior, bem como um apêndice — o capítulo 34 — mas a origem da obra como um todo deve ser atribuída ao grande legislador.

COMENTÁRIO

DEUTERONÔMIO 1.1-18

Moisés Relembra a Partida de Horebe. Moisés falou a essa nova geração acerca da santa lei de Deus, já que eles não a tinham ouvido no Sinai. Em vista da próxima partida do grande legislador, era necessário repeti-la. O nome desse livro significa “a segunda entrega da lei”.

Sufe devia ser algum lugar nas proximidades de Pisga. É conveniente para nós por ocasião de algum aniversário, fazer uma recapitulação do modo como o Senhor nos tem conduzido. Ele é o Deus de nossos pais bem como da aliança. Diante de nós se estende a terra de nossa herança. Deus nos chama para nela entrarmos e a possuímos. Ele “nos tem abençoado com toda sorte de bênçãos espirituais... em Cristo”, mas nós precisamos apropriar-nos delas e possuí-las pela fé. É a fé que se apropria depende da obediência que acata a lei divina. (Ver Efésios 1.3 e 2 Pedro 1.3.)

DEUTERONÔMIO 1.19-40

O Castigo Pela Incredulidade. Há muito pouco em Cades-Barnéia que permita distingui-la das dunas de areia do deserto. Estava situada na região onde a terra de Canaã se limita com o deserto meridional. Mas é um lugar notável no mapa espiritual, e são poucos os que não passaram por uma notável experiência ali. Foi ali que Israel achou que os inimigos e as dificuldades eram superiores à dextra do Altíssimo. Quando olhamos para as circunstâncias, e não para Deus; quando consideramos nossas tentações e corrupções inatas fortes demais para serem vencidas; quando os gigantes nos parecem maiores que o Cristo que ascendeu aos céus, também nós damos as costas ao descanso de Deus e vamos em busca das áridas peregrinações do deserto. Deus permite essas dificuldades para que conheçamos seu poder e graça, e para preparar-nos para grandes vitórias.

DEUTERONÔMIO 1.41-2.15

Viajando Pelo Deserto e Morrendo Nele. Não podemos obter pela impetuosidade e insistência algo que Deus oferece à nossa fé como dádiva gratuita. A terra da promessa não pode ser conquistada pela força humana, mas pela alma que vive de acordo com a vontade de Deus. Mesmo quando nos mostramos rebeldes e descrentes, Deus não nos esquece nem nos abandona (2.7). Ele conhece nossa jornada pelo grande deserto que escolhemos. Durante os quarenta anos, ele vai com seu povo, como companheiro de peregrinação. Mesmo em circunstâncias tão duras eles não passam falta de nada do que lhes é necessário para uma vida plena e abençoada.

Eles não poderiam molestar Edom por causa do antigo compromisso (Gn 32.3). O mesmo se aplicava a Moabe. Deus não se arrepende de seus dons nem de sua vocação. Ele se lembra sempre dos seus Abraões e dos seus Lós muito depois de eles haverem deixado esta esfera mortal, e cuidará de seus filhos e dos filhos de seus filhos. (Ver Isaías 59.21.)

DEUTERONÔMIO 2.16-37

A Conquista das Terras Além do Jordão. Nas partes iniciais desse trecho entretemos um lampejo da história antiga da Palestina, com as guerras de conquististas e mudanças de domínio que a assolaram. O todo-poderoso Governador do mundo estava, como disse depois o apóstolo Paulo, fixando os tempos e os limites (At 17.26). As nações enfraquecidas por seus pecados estão continuamente sendo julgadas pelo Príncipe dos reis da terra. (Ver Levítico 18.28; Atos 17.26,27; Apocalipse 1.5 e Mateus 25.32.)

Foi apresentado a Seom um oferecimento pacífico e justo, feito de boa fé, que ele recusou. O coração que já está endurecido pelo pecado se torna mais e mais duro a cada vez que rejeita o amor de Deus. Nesse sentido compreendemos como o Senhor endureceu o coração dele. O gelo mais duro é aquele que congela à noite após um dia de descongelamento. O sol que der-

rete a cera, endurece o barro; mas o defeito não é do sol e, sim, do barro.

DEUTERONÔMIO 3.1-22

A Herança de Rúben, Gade e Manassés. A derrota de Seom, contada no capítulo anterior, obrigou seu aliado Ogue a entrar em ação e resistir ao contínuo avanço de Israel. Ele "nos saiu ao encontro". Talvez, também, José 24.12 ofereça uma pista. Enxames de vespões o atormentaram e a seu povo, e os expulsaram de suas casas de pedra e fortificações; eles preferiram enfrentar a raça escolhida em campo aberto ao flagelo provocado por aqueles terríveis insetos. Quando Deus nos diz "Não temas", ele luta do nosso lado.

Descobertas recentes confirmam essas referências às muitas cidades de pedra de Basã, mencionadas no versículo 4. Na região existem muitas ruínas. Porter diz que se encontraram 500 ruínas que atestam o poder dos amorreus. Acredita-se que o leito real era o atá-ude ou esquife. Seu comprimento de 4 metros e meio permite-nos inferir que a estatura dele devia ser de quase 4 metros.

Essas vitórias lhes conquistaram pastagens férteis e belas, dentre as quais Hermom e Gileade. "Deu-nos o Senhor" e "tomamos".

DEUTERONÔMIO 3.23-4.14

"Guarda-te a Ti Mesmo." Aquelas duas tribos e meia precisariam ter uma fé muito forte para deixarem esposas e filhos enquanto saíam a ajudar seus irmãos. Mas as ordens e as garantias divinas eliminavam todos os argumentos. Sempre que somos chamados a prestar um serviço especial, podemos confiar o cuidado de nossos interesses pessoais a Deus. Busquemos em primeiro lugar o reino, e todas as outras coisas nos serão acrescentadas.

Notemos que Moisés se referiu aos maravilhosos atos do Êxodo como sendo apenas o *começo* das maravilhosas obras de Deus (3.24). É provável que nas incontáveis eras da eternidade sintamos continuamente que estamos sendo testemunhas apenas do princípio da revelação pessoal de Deus.

Moisés, como Paulo depois, tentou

modificar a decisão divina. (Comparar 3.23-25 com 2 Coríntios 12.8,9.) Não oremos contra a vontade de Deus, mas em harmonia com ela (1 Jo 5.14). Quando Deus diz "Não", sempre há ternas compensações, como a visão da terra que ele teve em Pisga.

Para que Israel dominasse Canaã era preciso que obedecessem à vontade de Deus expressa nos *estatutos*, dentre os quais as ordenanças religiosas, e nos *juízos* relativos às questões civis.

DEUTERONÔMIO 4.15-31

Jeová é "Deus zeloso". Observemos quantas vezes Moisés repete "guardai-vos". Nós devemos vigiar, orar e guardar diligentemente nossa alma. Precisamos principalmente guardar-nos dos ídolos — isto é, de qualquer coisa visível que tome o lugar do que é invisível e eterno, ocultando-o de nossa vista. Devemos apoiar-nos no braço eterno.

Como é adequada a figura da fornalha de ferro! A metáfora é tirada do processo de fundir metal. Nós já tivemos nossos Egíptos, onde, por meio de provações, o verdadeiro minério do caráter foi desentranhado de sua massa rochosa. Mas, embora Deus possa arrancar-nos da aflição, ele mesmo é a fornalha da purificação, por meio de seu Espírito e de sua Palavra, que operam no íntimo de nosso coração (v. 24). Mas seu fogo queima nossas amarras, enquanto nossa cabeça nem é chamuscada (Dn 3.25).

Se alguém que lê estas palavras estiver "espalhado" e disperso, busque a Deus de novo, e certamente o achará. Ele é misericordioso; não falhará nem destruirá, nem esquecerá a aliança (vv. 30,31).

DEUTERONÔMIO 4.32-49

Os Privilégios Especiais de Israel. Moisés usou todos os argumentos que o amor e a sabedoria, o grande passado e os milagres do Êxodo puderam inspirar-lhe para sustentar o coração do povo escolhido, fortalecendo-o contra as tentações de recair no erro. Convidou os israelitas a perguntar à história antiga bem como a olhar de um extremo do céu ao outro se alguma daquelas ma-

ravilhas fora conhecida na história das nações. Mas, com tristeza, deve-se reconhecer que a lembrança e as maravilhas presenciadas não são suficientes para fortalecer permanentemente o coração humano contra a insidiosa entrada do mal. Somente o Espírito Santo pode fazê-lo. (Ver Romanos 8.1-4 e Gálatas 5.16.)

O coração divino está tão ansioso que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento, que determina inúmeros marcos indicadores dos refúgios. Aqui também os nomes e posição desses locais são especificados, para o caso de alguém não ter tomado conhecimento das informações anteriores. (Ver Números 35.6,14 e 2 Pedro 3.9.)

DEUTERONÔMIO 5.1-21

A Repetição do Decálogo. A lei de Deus é para "todo o Israel". Ninguém está isento. "Não foi com nossos pais" significa que não foi *somente* com eles; Moisés usa a expressão também porque muitas das referências do decálogo tinham em vista a vida estabelecida em Canaã. "Face a face" significa, não em visões misteriosas, mas clara e lucidamente (Jó 4.12,13). A nossa visão "face a face" ainda está por acontecer. (Ver 1 Coríntios 13.12 e Apocalipse 22.4.) Notemos em Deuterônimo 5.5 o mediador ideal. (Ver Gálatas 3.19 e 1 Timóteo 2.5.)

Todo o crente tem duas ocasiões em que recebe a lei. Na primeira, estamos no sopé do Sinai para ser julgados, condenados e ligados a Cristo como nossa única esperança; depois temos uma segunda vez, quando pedimos que o Espírito Santo a inscreva em nosso coração e nos faça andar em obediência aos seus preceitos. (Ver Gálatas 3.23 e Romanos 8.4.)

Adolphe Monod (pastor francês do século passado e um dos maiores pregadores do seu tempo), em seu leito de morte, disse: "O pecado tem dois aspectos: o mal que cometemos e o bem que deixamos de praticar. Quanto ao primeiro, não há um só mandamento que eu não tenha transgredido na letra ou no espírito; quanto ao se-

gundo, ele me é mais pesado que o primeiro”.

DEUTERONÔMIO 5.22-33

Moisés Entre Deus e o Povo. “E nada acrescentou” — isto é, a lei é perfeita. Está gravada na pedra e, portanto, é permanente. Quando uma pessoa ainda não provou a eficácia do sangue de Jesus, esquiva-se de um contato com a santidade de Deus (vv. 24-26). Mas esse medo não impede que voltemos a fabricar bezerros de ouro e à licenciosidade.

Deixando Moisés, voltemo-nos para nosso bendito Senhor, que entrou no meio de trovões e relâmpagos provocados por nossos pecados. Sobre ele recaiu a força total da tempestade, e nós ficamos livres. Adolphe Monod disse: “Tenho uma firme e tranqüila confiança na redenção de Jesus Cristo, em seu sangue, em seu sacrifício, aceitos perante Deus, tomando o lugar do bem que eu não fiz e reparando o mal que pratiquei”.

Observemos a aspiração do versículo 29. Ela se repete em outros lugares: Isaias 48.18 e Mateus 23.37. (Ver também Ezequiel 36.26.)

DEUTERONÔMIO 6.1-19

Como Tratar as Palavras de Deus. A obediência ainda é a única condição para a verdadeira prosperidade e sucesso. As terras ainda manam leite e mel; e os que vivem bem ainda alcançam idade avançada. Nossa vida ainda é medida pelas batidas do coração, e não pelos números de um mostrador.

O quarto versículo é considerado pelos judeus mais espirituais como um dos mais preciosos textos das Escrituras. Eles o copiam em seus filactérios e o recitam, juntamente com outros versículos, pelo menos duas vezes por dia. Notemos os vários métodos para se manter a atmosfera religiosa: (1) por meio da meditação; (2) por meio da educação religiosa das crianças; (3) por meio de palestras e conversas espirituais; (4) por meio de um perseverante estudo das Escrituras. Quando há escassez de livros, devemos usar quadros com versículos bíblicos; mas nunca devemos substituir o alimento integral das

Escrituras por versos esparsos, ainda que sejam bons.

Não nos esqueçamos de quantos de nossos privilégios e vantagens espirituais do presente devem ser creditados às orações e lágrimas, aos trabalhos e sofrimentos dos que nos legaram preciosas heranças, a nós, seus filhos e herdeiros! Estamos bebendo de cisternas que nunca cavamos!

DEUTERONÔMIO 6.20-7.11

Não Fazer Concessões à Idolatria. O grande legislador estava constantemente atento à geração futura. É bom quando nossos filhos ficam de tal modo impressionados por nossa vida espiritual que vêm pedir-nos as razões dela. Procuramos ter uma vida tão pura e devota e ao mesmo tempo tão atrativa que os jovens que nos cercam se sintam constrangidos a investigar o segredo (Lc 11.1).

Não basta que instruamos nossos filhos; precisamos resguardá-los de formar amizades e contrair aliança matrimonial com pessoas que poderiam afastá-las de Deus. No Novo Testamento, os cristãos são proibidos de se casar a não ser “no Senhor”, e igualmente severas são as proibições contra o relacionamento mundano (1 Co 7.39; 2 Co 6.14).

Deus pode quebrar o sétuplo poder do pecado no coração daqueles que confiam totalmente nele e estão dispostos a abandonar seus maus caminhos. Temos essa garantia por sua fidelidade e amor (7.8,9).

DEUTERONÔMIO 7.12-26

O que o Senhor Faz Pelo Seu Povo. As promessas feitas aos que obedecem são aumentadas com tocante abundância. Amor, bênção, proteção, paz, multiplicação, fruto e saúde estão presentes ao longo do caminho estreito, ao qual se entra pela porta estreita da cruz. Embora a entrada seja difícil, ele “conduz à vida”. Que Cristo cultive em nós essa obediência que ele exige, e ele próprio realiza pelo seu Espírito! (Ver João 14.15.)

Seja qual for a força dos amalequitas e heteus que há em nosso coração, não tenhamos medo. “Fomos reconci-

liados com Deus mediante a morte do seu Filho”, e seremos “salvos por sua vida” (Rm 5.10). “Pouco a pouco” (v. 22) é a lei da santificação progressiva. O Espírito Santo nos mostra o setor a ser tomado a seguir e os inimigos que resistem às nossas orações. Mas, à medida que avançamos, eles se retiram (Is 54.17).

Nós nos tornamos parecidos com aquilo que admiramos. Elevemos o alvo de nossas afeições. Detestar o mal e apegar-se ao bem faz brilhar o nosso rosto. (Ver o versículo 26; Salmo 115.8 e 2 Coríntios 3.18.)

DEUTERONÔMIO 8.1-20

Guarda-te Para que Não Esqueças de Deus. “Recordar-te-ás” (v. 2); “Sabe” (v. 5); “louvarás” (v. 10).

As lições da fome (vv. 1-9). “... e te deixou ter fome.” “Bem-aventurados os que têm fome.” “Não só de pão viverá o homem”; ele tem fome de conhecimento, de oportunidades, da companhia de outros, de amor. Quantos rostos pálidos à nossa volta testemunham a dor da fome em seu estômago. Mas o Pai deixou seu Filho jejuar; e assim faz ele conosco, para provar-nos. Somente por meio da disciplina, somente aprendendo a passar necessidades, é que nos podem ser confiados opulência e poder espirituais. (Ver os versículos 7 a 9.)

Os perigos da prosperidade (vv. 10-20). É mais difícil andar com Deus no calor do sucesso do que na congeladora fria do fracasso. Quando Paulo escreveu “tanto sei estar humilhado, como também ser honrado”, ele citou o mais difícil por último. O único segredo é dar a Deus toda a glória, e olhar sempre para a cruz onde nós fomos crucificados para os orgulhos da carne (Fp 2.5-11; 4.12).

DEUTERONÔMIO 9.1-14

Ofendendo o Deus Justo. Quem consegue ler esse capítulo sem emoção e admiração por sua sublime eloquência? É um dos mais notáveis e emocionantes capítulos desse livro!

Moisés se dispõe a convencer o povo de que não deve supor que sua fácil entrada em Canaã era devida a alguma virtude aparente, mas antes à aliança

de Deus com seus pais, e, também, às práticas pecaminosas dos cananeus. (Comparar o versículo 5 com Gênesis 15.16.) Esses pecados poderiam ter contaminado e envenenado a humanidade toda; tinham, portanto, de ser extirpados. Seja o que for que gozemos, não é devido ao nosso mérito, mas à infinita graça de Deus em Jesus Cristo (1 Co 15.10).

Ah, minha alma, pondera nisto, pois se aplica a ti também! Todo o teu passado se caracterizou por rebeldia e erro. Se ainda estás sendo usada para o serviço de Deus, e gozas o crédito de um bom nome no meio do seu povo, lembra-te de que a razão disso está na soberana graça de Jeová!

A minha única dívida é só, para meu encanto, à doce misericórdia. À misericórdia canto!

DEUTERONÔMIO 9.15-29

A Intercessão de Moisés em Favor de um Povo Rebelde. No restante desse capítulo, Moisés continua a lembrar ao povo as suas rebeliões. Quando somos tentados a fazer um auto-elogio, é bom ouvir essa fiel monitora, a consciência, recordando nossos erros passados. Temos a tendência de esquecer nossas muitas provocações a Deus, principalmente depois que a dor do castigo passa. Mas todo nós temos nossos Horebes, Taberás, Maras, Quibrote-Ataavás e Cades-Barnéias (1 Co 10.11).

O povo teria sido destruído diversas vezes se coubesse à justiça humana decidir seu caso. Mas Moisés, o mediador, conhecia o santo amor do coração de Deus, e manifestava esse amor em sua intercessão por eles. (Ver versículos 18, 20, 25-29.) Isso sempre nos lembra daquele que vive para sempre para interceder por nós, além do véu (Hb 6.19,20; 7.26,27; 9.24.) Imitemos Moisés em sua vida de intercessão, e grave-mos bem os seus argumentos para que possamos usá-los em nosso benefício e no de outros.

DEUTERONÔMIO 10.1-22

O que o Senhor Requer de Nós. O segundo registro da lei lembra a obra ope-

rada em nós pelo Espírito Santo. Quando ouvimos a lei sentimo-nos condenados; mas depois que nos arrependemos e cremos, Deus a escreve nas tábuas de carne do nosso coração (Hb 8.10). Ao experimentarmos esse profundo amor e deleite pela lei de Deus, entramos no equivalente espiritual do chamado dirigido à tribo de Levi, capacitados para ministrar e abençoar outros em nome de Deus.

Cada palavra da magnífica instrução do versículo 12 merece cuidadosa ponderação. Descubramos o que Deus requer de nós e, depois, ordena o que queremos. Mas devemos estar desejosos de entender o sentido mais profundo do rito judaico de iniciação, que é, também, ensinado no batismo (Rm 2.26-29; Cl 2.11,12). A separação ocasionada pela cruz do Calvário leva à plenitude do Pentecoste!

DEUTERONÔMIO 11.1-17

As Recompensas Para a Obediência. Nesse capítulo encerra-se a parte introdutória desse livro, e dois argumentos finais são apresentados ao povo escolhido, para induzi-lo a amar a Deus e a observar suas determinações. Um já tinha sido mencionado: os terríveis castigos com os quais Deus punira a obstinação de Faraó e as rebeliões do povo no deserto. É melhor que aprendamos logo que Deus nos quer santos, e que se não nos rendermos às suas solicitações de amor teremos de sofrer seus severos castigos.

O outro argumento é derivado das bênçãos que herdariam por meio da obediência. No Egito a irrigação da terra era laboriosamente executada por meio de rodas movidas a pedal, com as quais eles puxavam a água do Nilo lá embaixo, para as terras altas. Mas em Canaã, havia duas estações chuvosas anuais — a primeira, em setembro e outubro; a segunda, em março e abril. A regularidade dessas estações dependeria da leal obediência de Israel a Deus. Nós nos lembramos de João 4.14. Podemos perguntar-nos qual desses argumentos tipifica nossa vida religiosa. (Ver Hebreus 4.1.)

DEUTERONÔMIO 11.18-32

A Bênção e a Maldição. Neste mundo nunca alcançamos uma posição da qual seja impossível cair. O orvalho e a chuva da bênção de Deus estão condicionados à obediência; e um dos mais fortes incentivos à obediência é uma profunda meditação na Palavra de Deus. É através da letra que chegamos ao espírito, e, através das palavras escritas, à Palavra Eterna. Devemos armazenar as palavras sagradas de Deus como um agricultor armazena grãos, conservando-as sempre diante de nós, usando-as como tema de conversação em família, e nelas nos exercitando. Meditemos principalmente nos versículos 22, 23, 24, 25, apropriando-nos deles num sentido espiritual e buscando o equivalente dessas prescrições para nossa vida espiritual.

Ao longo de nossa vida estão os Ebals e Gerizins, com seus “Vinde, benditos” e “Apartai-vos de mim, malditos”. Estamos sempre chegando em encruzilhadas, vendo de um lado o sorriso de Deus e do outro seu cenho franzido. Deixemo-nos atrair por um, e ser persuadidos pelo outro, até que subamos a escada espiralada rumo à terra onde o amor não esfria nem a fé vacila.

DEUTERONÔMIO 13.1-18

Elimine o Foco da Praga. Como é importante no mundo moderno exterminar os focos de doenças! Assim também todo crente deve procurar eliminar de sua vida, com a mesma energia, os focos de tentação. Não se poderia ter misericórdia de ninguém que procurasse afastar Israel de Deus; nem se fosse um amigo querido, um profeta, ou toda a comunidade. Ali não haveria lugar para os pontos de vista liberais, tão em voga hoje, que acatam os maiores desvios da fé, e exigem apenas que seus defensores sejam sinceros.

A lição para nós é bastante clara. Devemos desligar-nos de companheiros, ainda que amados, que exerçam um efeito deletério em nosso caráter e nos afastem de Deus. Só existe uma alternativa — que vençamos o mal com o bem e elevemos nossos amigos aos nossos próprios ideais. Se isso for impos-

sível, nossa direção é clara. Nossos olhos não devem apiedar-se, nem nossa mão poupar. Jesus não deixou outra alternativa. (Ver Marcos 9.42,43.)

DEUTERONÔMIO 18.1-22

O Profeta que Havia de Vir. Os que servem no altar podem viver do altar. Não esqueçamos as necessidades dos que nos servem nas coisas santas. É uma bênção desejar-se “o lugar que o Senhor escolheu” (v. 6). Sejam os fiéis aos impulsos interiores, custe o que custar. Seremos plenamente recompensados. Quando Pedro emprestou seu barco a Jesus, ele o devolveu cheio de peixes!

Devemos ser perfeitos “para com o Senhor” (v. 13) — isto é, não devemos, conscientemente, dar lugar a coisas que magoem ou entristeçam seu Espírito Santo. Se houver dúvidas acerca de como podemos conhecer o caminho de Deus, devemos levar nossa pergunta ao verdadeiro Profeta. (Ver Atos 3.22; 7.37.) Ele pode responder a essa difícil pergunta; mas estamos estritamente proibidos de procurar cristalomantes, quiromantes, adivinhos, e todos aqueles que afirmam que lêem o futuro. Como é grave a falta daqueles que o rejeitam! (Comparar o versículo 19 com Hebreus 10.28,29.) Que os nossos Urim e Tumim sejam com o Santo! (Ver 1 Samuel 23.11,12; 30.7,8.)

DEUTERONÔMIO 26.1-19

As Primícias e os Dízimos. Os israelitas eram arrendatários de Deus. A terra inteira e seus produtos eram dele; e eles eram obrigados a reconhecer isso por meio do pagamento das primícias — o que fariam por ocasião da Páscoa e do Pentecoste (Lv 2.14; Nm 28.26) — e dos dízimos.

Tudo o que possuímos e tudo o que ganhamos constituem, igualmente, dádivas de Deus. Reconheçamos isso colocando à parte uma proporção fixa dos resultados de nosso trabalho diário, seja salário, ou colheita, ninhada ou rebanho. As palavras desse velho ofertório, com ligeiras modificações, aplicam-se bem a nós (vv. 5-10). Notemos a ordem do versículo 11. Toda alegria que houver em nossa vida ou em nosso rosto ainda será pouca. Nada recomenda

melhor nossa religião do que a satisfação que o mundo não pode dar nem tirar. À alegria acrescentemos a intercessão (v. 15); e, ao trazer nossas dádivas, jamais nos esqueçamos de renovar nossos votos de consagração (v. 16).

DEUTERONÔMIO 27.1-26

Maldições Contra os Malfeitores. O monte Gerizim e o monte Ebal eram dois maciços de rocha calcárea, atingindo, respectivamente, 890 e 660 metros acima do nível do mar. Entre os dois estendesse um lindo vale, com cerca de 275 metros de largura. No sopé e nas encostas mais baixas do Gerizim estavam os descendentes de Raquel e Lia; em Ebal, os descendentes de Zilpa e Bila, juntos com Zebulom e Rúben, sendo que este último tinha perdido o direito de primogenitura. Os sacerdotes e os levitas agrupados ao lado da arca no vale, proclamaram tanto as bênçãos como as solenes ameaças da lei, e a cada item mencionado ouviam-se os “Améns” responsivos.

Notemos a sensibilidade do Espírito divino! Fazer um cego desviar-se do seu caminho e perverter a justiça do órfão eram considerados atos tão condenáveis como cometer as terríveis violações da lei da pureza. Nada na vida é insignificante ou trivial quando pesado na balança da justiça eterna. Só podemos nos regozijar quando sentimos que somos aceitos no Amado e que ele tomou nosso lugar (Rm 3.20; 5.1-3,9).

DEUTERONÔMIO 28.1-19

Bênçãos Para os Obedientes. Esse admirável capítulo dá um resumo do que Israel poderia ter sido, contrastado com o que acabou sendo! É por causa da transgressão deles que com o passar dos tempos, tem aumentado o montante dos seus sofrimentos. Oh, que nós jamais precisemos lamentar o que poderíamos ter sido!

Esses versículos iniciais contêm as bem-aventuranças do Antigo Testamento. Elas têm suas correlativas no Novo. Lembremo-nos de que Deus se inclina sobre nossa vida alegrando-se em fazer-nos bem e achando prazer em tudo que possa enriquecer nossa vida ou possa enriquecer a outros através

dela. Peçamos principalmente que, com seu grande poder e graça, ele derrote em nossa presença, os nossos inimigos, e nos constitua para si, e abra para nós seu bom tesouro. Se estamos em Cristo, todas as coisas são nossas. Possuamos o que é nosso (1 Co 3.21,22; Ob 17-20).

DEUTERONÔMIO 28.20-46

As Terríveis Consequências da Desobediência. Se compararmos esse capítulo com Êxodo 23.20-23 e Levítico 26, veremos como Moisés repete as promessas e ameaças já estabelecidas nos registros anteriores da lei, e ainda as amplia. As bênçãos são anunciadas em quatorze versículos, enquanto as maldições exigem um número de versos quatro vezes maior. Isso é devido à ansiedade de Deus para que os homens se afastem dos caminhos que os prejudicam, e busquem os que os levam à bem-aventurança. Notemos que a linguagem se eleva ao nível mais sublime, principalmente na parte final. As predições sobre a dispersão e degradação do povo hebreu são impressionantes.

Isso significa não somente que Deus se esforça para recompensar os obedientes e punir os ímpios, mas que essas recompensas e punições fazem parte da natureza das coisas, tal como o fato de que o fogo pode queimarnos quando transgredimos as leis que o regem, mas é uma bênção quando as obedecemos. Se estivermos em harmonia com Deus, através de Jesus Cristo, estaremos em harmonia com o universo. Mas, se não, “as estrelas... desde a sua órbita” lutam contra nós (Jz 5.20).

DEUTERONÔMIO 28.47-68

Os Frutos Amargos da Desobediência a Deus. Essas predições contra o povo hebreu se cumpriram, em parte, em invasões como as de Nabucodonosor e seus generais; mas é na conquista romana da Judéia que vemos o cumprimento completo. Basta comparar essas palavras com a narrativa de Josefo (Flávio Josefo, historiador judeu) para verificar o exato cumprimento que ocorreu durante as guerras de Vespasiano e Tito. Os próprios judeus admitem isso. O versículo 68 foi cumprido literalmente

quando Tito transportou miríades de judeus para o Egito para serem empregados nas obras públicas ou para lutar no anfiteatro.

Mas, se as punições foram tão severamente impostas durante esses penosos séculos, qual não será a alegria quando o Senhor trouxer seu povo de volta à sua própria terra, e todo o Israel for salvo! O que é essa nova estrada de ferro Vale do Eufrates senão a preparação do caminho para a volta daqueles que estão no Oriente! Num futuro próximo, nossos filhos — quem sabe, nós mesmos — veremos o cumprimento de Isaías 60 e 61. (Ver Atos 3.19,20.)

DEUTERONÔMIO 29.1-13

A Aliança que Traz Prosperidade. Em uma grande convocação final, Moisés rememorou a aliança e se esforçou no sentido de levar o povo a assumir as disposições dela. Convém a todos nós, de vez em quando, reexaminar os votos que fizemos para verificar se os temos observado e guardado fielmente. Também precisamos ampliar o escopo deles de acordo com nosso crescimento espiritual. Analisando o grande amor e o cuidado de Deus através dos anos sentimo-nos constrangidos, pelas suas misericórdias, a nos apresentarmos a ele como “um sacrifício vivo” (Rm 12.1,2).

Observemos o duplo aspecto dos versículos 12 e 13. Não basta que estejamos desejosos de entrar numa aliança com Deus e no seu juramento; é preciso que Deus nos “estabeleça” para si mesmo para que possamos tornar-nos o seu povo. Um coração e caráter confirmados são dons especiais do Espírito Santo (1 Ts 3.13; 1 Pe 5.10).

DEUTERONÔMIO 29.14-29

O Castigo Para Quem Servir a Falsos Deuses. O versículo 15 se refere às futuras gerações, que estavam incluídas nesse ato solene. A menção da “erva venenosa” (v. 18), ilustra o caráter venenoso da idolatria. A aplicação dessa passagem a qualquer homem que careça da graça de Deus, mostra que a tendência para a idolatria tem sua raiz na apostasia do coração (Hb 12.15).

Não podemos afirmar que a religião

seja uma questão de menor importância, e quem o afirmar, terá um terrível despertar. Alguém pode dizer: “Terrei paz”, etc. (v. 19), mas não há paz fora da paz de Deus (Is 48.22; Rm 5.1,2).

Com respeito ao versículo 24, Volney, um incrédulo, escreveu acerca da condição atual da Palestina: “Por que a antiga população dessa terra não volta a se desenvolver nela, e não fica ali permanentemente? Sem dúvida, Deus pronunciou uma secreta maldição contra este lugar.” Essa é uma das “cousas encobertas”! (Comparar o versículo 29 com Romanos 11.33.)

DEUTERONÔMIO 30.1-10

Promessas aos Exilados que Retornam. O povo hebreu cita muitas vezes esse capítulo, crendo que breve chegará o dia em que Deus se compadecerá de sua condição desesperadora e os fará voltar da “extremidade dos céus”. Eles não consideram que a promessa se cumpriu na volta do pequeno número que regressou sob a direção de Neemias e Esdras.

A preciosa promessa do versículo 6, onde o rito de iniciação do judaísmo deve ter seu cumprimento espiritual, deveria ser comparada com Isaías 52.1. Chegará o dia quando todo o Israel será libertado do mero símbolo externo de sua prerrogativa nacional, e se converterá à verdadeira fé em Cristo como seu Messias e Salvador. (Ver Romanos 2.28,29 e Colossenses 2.11.) Então Deus exultará neles para lhes fazer bem. E no presente, nós, que somos o verdadeiro Israel de Deus, podemos reivindicar essa exultação para o nosso bem!

DEUTERONÔMIO 30.11-20

A Suprema Escolha. O objetivo imediato dessa passagem é animar o povo lembrando-lhe que todas as coisas necessárias para uma vida santa estão ao seu alcance. Paulo se refere a ela com a mesma finalidade (Rm 10.6).

O amor e a graça de Deus não estão escondidos, como mistérios ocultos poderiam estar. Para obtê-los não há necessidade de empreender uma longa e perigosa viagem como a que fizeram os magos do Oriente para chegar à manjedoura de Belém. O Verbo de Deus,

que é outro nome para o Senhor, está muito perto de todos nós. Bastanos levantar o coração para ele, com simples fé, e confessá-lo como nosso Salvador e Senhor, e já temos a garantia da salvação do castigo e do domínio do pecado.

Amar a Deus e obedecer à sua vontade constituem o único caminho de vida e paz. Escolhamos esse caminho estreito. A porta é estreita, mas o caminho vai ficando cada vez mais fácil. É estreito, mas agradável.

DEUTERONÔMIO 31.1-13

As Instruções Finais do Grande Legislador. Esse capítulo é um elo entre o ocaso e a alvorada. Deus sepulta seus obreiros, mas leva avante sua obra. Ninguém é indispensável. Moisés é sucedido por Josué, Estêvão por Paulo. “Seca-se a erva... a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente.”

O velho legislador transmite ao povo as promessas sobre as quais ele havia se apoiado. Afinal de contas, os homens não passam de chefes nominais de movimentos que são maiores do que eles próprios. Deus vai adiante; é ele quem destrói; ele acompanha e liberta. Sejam fortes e corajosos; mesmo os mais temerosos. Sempre que o Bom Pastor manda que caminhemos, ele nos precede (Jo 10.4). Por ordem dele, portões de ferro se abrem, e grandes pedras rolam da entrada dos sepulcros (At 12.10; Mc 16.34). Ele “não te deixará”, etc., reaparece em Hebreus 13.5 como um direito de todos os crentes. Isso é para mim e para você!

DEUTERONÔMIO 31.14-29

Moisés Passa o Comando ao Seu Sucessor. Moisés já tinha anunciado que Josué o sucederia; mas, em vista das grandes dificuldades com que se defrontaria o novo líder, era conveniente que a coluna guia lhe desse o símbolo e o penhor do endosso divino.

Deus propõe duas outras fontes para lembrar ao povo a sua aliança. Primeiro, um cântico. Os cânticos nacionais ficam guardados na memória e exercem poderoso efeito no despertar das mais profundas emoções. Esse cântico, elaborado sob inspiração divina, continua a

substância das ordenanças e exortações precedentes, e era apropriado para ser ensinado às gerações seguintes. Podemos estar certos de que não há nada que preserve a fé com mais eficiência do que belos hinos! Devemos aprendê-los e ensiná-los. Em segundo lugar, o livro. (Veja-se o versículo 24ss.) Já ouvimos isso antes. (Ver Êxodo 17.14; 24.4-7.) Não há dúvida de que foi pela necessidade de se recordar a lei e narrar a história do êxodo que se originaram os livros sagrados que trazem o nome de Moisés. (Ver João 5.46.)

DEUTERONÔMIO 31.30-32.14

O Cântico de Moisés: a Graça do Senhor Para com Israel. O cântico de Moisés, como o lendário cântico do cisne, foi sua última e a mais melodiosa composição. Ele se constitui, provavelmente, na ode mais nobre de toda a Bíblia, e é a fonte da qual posteriormente outros cantores extraíram sugestões para suas melhores composições.

Ele se destaca nos nomes e designações dadas ao Todo-Poderoso. Ele é a Rocha; versículos 4, 15, 18, 30, 31; Jeová (Senhor); versículo 6; Pai; versículo 6; o Altíssimo; versículo 8; Deus (El, o forte); versículo 15, etc. Que belo estudo proporcionam os nomes de Deus que encontramos por toda a Bíblia! Cada um foi criado para atender a alguma necessidade da alma humana. O que as rochas do deserto são em meio às areias movediças, Deus é no meio das mudanças desta existência mortal.

A primeira parte do cântico é repassada de afeto. Nós somos a porção de Deus; a menina dos seus olhos; como filhotes de águia, aos quais a mãe está cuidadosamente ensinando a voar; os privilegiados receptores das mais ricas dádivas de Deus.

DEUTERONÔMIO 32.15-35

O Cântico de Moisés: o Responso de Israel. "Jesurum"* é um nome carinhoso para Israel, indicando afeição e estima. A metáfora empregada dá idéia de um animal de estimação que, em consequên-

cia de uma alimentação rica e farta se tornou malcomportado e indócil.

Aceitemos a exortação que nos chega por meio dessas denúncias contra a apostasia e o pecado obstinado. A dimensão de nossos privilégios também é a medida da angústia de nossa ruína. Os que têm possibilidade de chegar ao céu serão lançados no hades se recusarem e rejeitarem o amor divino. Até mesmo o amor mais fervente se transforma no fogo mais ardente quando se transmuta em ciúme. Ó minha alma, a ti te convém temer a Deus bem como amá-lo. Lembremos Hebreus 10.26.

Mas que privilégios aguardam aqueles que obedecem! Quando permanecemos em Deus, nenhum inimigo pode resistir-nos. Cinco podem perseguir cem e um cento, dez mil, pois se tornam fortes pela maravilhosa comunhão com ele. (Ver Levítico 26.8; também 1 Samuel 14.) Deus mostra-se "forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele" (2 Cr 16.9).

DEUTERONÔMIO 32.36-52

Moisés Vê o que Outros Possuirão. Algumas vezes Deus nos deixa entregues a nós mesmos para que possamos conhecer a nossa fraqueza e pecaminosidade. Então, quando o nosso poder se esvai e parece que estamos destinados a ser destruídos, começamos a arrepender-nos de nossa idolatria e apostasia e a desejar ardentemente as benditas experiências do passado. Em tais ocasiões Deus, com sua maravilhosa graça, aproxima-se de nós, para nos curar, despertar e libertar. Ele exerce imediata vingança contra os males que nos perturbaram, e se mostra misericordioso com grande compaixão. (Ver o versículo 43.) Nesse versículo notável, citado em Romanos 15.10, é feito um apelo ao mundo inteiro para unir-se com o povo de Deus em alegre reconhecimento por sua salvadora misericórdia.

Esse belo cântico declara para todos os tempos o caminho de vida e paz em contraste com a morte eterna e a infelicidade. Cada uma dessas linhas se cumpriu na história dos judeus. Não

podemos, nós também, ter esperanças de que não esteja distante o dia em que os judeus e os gentios juntos se alegrarão nos laços da comunhão cristã universal? Observemos os versículos 46 e 47. Amar e servir a Deus são vida.

DEUTERONÔMIO 33.1-17

A Bênção do Povo Escolhido. O tema de abertura aqui é a gloriosa natureza de Deus. A referência é à entrega da lei quando, no meio do fogo e com a mediação dos anjos, Deus desceu ao Sinai (Sl 18.7-9; Hc 3.34.) Oh, que nós, também, possamos, como alunos, nos assentar na escola de Deus e receber suas palavras (v. 3).

Embora Rúben não pudesse distinguir-se, não foi esquecido. Simeão é omitido por causa de Números 25.14. Judá havia de alcançar prosperidade na oração, no trabalho e na guerra. Alguns traduzem essa bênção assim: "Traz-o em segurança de suas guerras!" Mas nossa luta é diferente (Ef 6.12).

Levi recebe uma bênção especial. Notemos a tradução alternativa. "Teu Tumim e teu Urim estão com aquele, a quem tu amas." Isso é como o faiscar de um diamante branco, trazendo o "Sim" de Deus, ou como o obscurecer, trazendo o seu "Não" (Ap 2.17). Êxodo 32.26 jamais foi esquecido. Mas Deus esquece os nossos pecados (Hb 8.12). A porção de Benjamim pode ser nossa. Os valores preciosos da herança de José chegam a parecer insignificantes quando contrastados com as riquezas da graça de Deus (Ef 1.18).

DEUTERONÔMIO 33.18-29

A Promessa de um Futuro Feliz a Israel. Zebulom e Issacar, filhos de Lia, eram vizinhos em Canaã, localizados à beiramar, e enriqueceram-se por meio do comércio. O "chamar os povos ao monte" pode ser referência aos prosé-

litos gentios que foram influenciados por essas tribos (1 Rs 5.1-6; Mc 7.26).

A bênção das outras tribos é sugerida por sua posição em Canaã: Gade, o líder do ocidente; Dã, firme na fronteira do sul como um leão acuado; Nafali, possuindo o mar da Galiléia; Aser no noroeste, com barreiras montanhosas contra a invasão. "Ferro e bronze!"

Que o Deus eterno, imutável e inconstável seja nossa habitação! Não há ninguém como ele. Ele cavalgará sobre os céus para ajudar-nos, expulsará os inimigos que resistam ao nosso avanço, será nossa fonte e orvalho, nosso grão e vinho, e colocará por baixo de nós braços ternos e amorosos. Por mais baixo que desçamos seus braços estarão sempre por baixo de nós. Como os nossos dias, assim será nossa paz (33.25)!

DEUTERONÔMIO 34.1-12

O Êxodo do Grande Líder. Que beleza inigualável nessa cena final! Com a imponente retirada do ilustre legislador à vista da nação reunida! Com o panorama que avistaram seus olhos ainda claros! Com o Senhor mostrando a ele a terra! Com o beijo, segundo diz uma antiga tradição, pelo qual seu espírito extasiado recebeu seu prêmio! Com o sepultamento de seu corpo com as justas honras (Jd 9)! Era natural que o povo chorasse!

Há aqui também uma verdade dispensacional. Moisés representava a lei de Deus, a que nunca mostra sinais de envelhecimento; mas que não pode levar-nos ao repouso de Deus, nem dar-nos vitória sobre nossos inimigos espirituais. Para o mundo e para cada indivíduo, Moisés deve dar lugar a Josué — isto é, a Jesus.

Possamos nós também gozar dessa comunhão face a face, fazer a vontade de Deus, ter as credenciais divinas da sua poderosa mão, das obras realizadas em Deus! (Ver Salmo 90.16,17.)

* Esse termo aparece em algumas versões.

O LIVRO DE
JOSUÉ
Entrando na Posse da Terra Prometida



1. ENTRADA EM CANAÃ 1-5.
 - a. As instruções de Deus para Josué; os espias são enviados a Jericó 1,2.
 - b. A travessia do Jordão; as pedras memoriais; a circuncisão e a Páscoa 3-5.
2. A CONQUISTA DE CANAÃ 6-12.
 - a. A queda de Jericó 6.
 - b. Acã e Ai 7-8,29.
 - c. A confirmação da aliança em Ebal e Gerizim 8,30-9,27
 - d. As campanhas do sul e do norte 10,11
 - e. Sumário da conquista 12.
3. A DISTRIBUIÇÃO E A PARTILHA DE CANAÃ 13-21.
 - a. As fronteiras das tribos além do Jordão 13.
 - b. A terra destinada às outras tribos 14-19.
 - c. As cidades de refúgio 20.
 - d. As cidades para os levitas 21.
4. A INSTALAÇÃO E O ESTABELECIMENTO 22-24
 - a. As duas e meia tribos retornam para o outro lado do Jordão; o altar do testemunho 22.
 - b. O discurso de despedida de Josué 23-24,15
 - c. A renovação da aliança em Siquém; a morte de Josué 24,16-33.

INTRODUÇÃO

Embora haja nesse livro sinais evidentes do trabalho de um revisor (provavelmente Esdras), há muitas indicações de que a essência dele foi escrita quando os acontecimentos nele narrados ainda eram recentes. Portanto não há razões para se duvidar de que em sua forma original, ele tenha sido escrito por Josué, como afirma a tradição judaica.

Esse livro é para o Antigo Testamento o que o livro de Atos dos Apóstolos é para o Novo. O nome “Josué” é equivalente a Jesus, e significa “ele salvará” (Hb 4.8). A Jericó da Igreja Primitiva foi Jerusalém, que os cristãos rodearam durante dez dias de oração como Israel rodeou Jericó em sete dias de marcha. No Pentecoste as muralhas do preconceito ruíram. Ananias e Safira foram o Acã dos primeiros dias. As vitórias da Igreja em Samaria, Antioquia e em outros lugares lembram as conquistas de Josué. E o fracasso da Igreja em avançar para a conquista das nações encontra um amargo paralelo na história da apatia de Israel em relação à expulsão dos cananeus.

COMENTÁRIO

JOSUÉ 1.1-9

A Investidura do Novo Líder. Josué era um príncipe da tribo de Efraim, e nascera no Egito. Depois do Êxodo ele se tornou o capitão do exército (Êx 17.9). Juntamente com Calebe, deu um relatório positivo acerca da terra de Canaã (Nm 14.7). Tendo sido achado fiel numa esfera menor, foi promovido a outra maior, mais ampla. Como já vimos, um dos atos finais de Moisés foi entregar-lhe o comando. Ele representa o Senhor Jesus em sua elevada glória, como o Capitão e Líder da Igreja.

A terra de Canaã pertencia a Israel por doação; mas o povo teria que ir lá, tomar posse dela. Semelhantemente, a graça de Deus é nossa, mas nós devemos reivindicá-la colocando os pés de nossa fé nas promessas de Deus. Embora os heteus — nossos velhos maus hábitos — se rebelam, se os enfrentarmos com o poder do Espírito Santo, eles não de render-se. Deus está conosco. O versículo 5 é uma promessa para todos os crentes. (Ver Hebreus 13.5,6.) Mas notemos que a arma do combate vito-

rioso é a Palavra de Deus. Ela é a nossa espada (Ef 6.17). (Ver também Jeremias 15.16.)

JOSUÉ 1.10-18

Aprovisionados e Unidos Para a Conquista. Bastava que Deus tivesse falado e prometido. Nada mais era necessário. Imediatamente Josué tomou as providências, ditadas por um bom senso santificado, para preparar o povo para a grande marcha para a qual Deus os estava chamando. Não devemos desprezar um prudente planejamento, mesmo quando estamos obedecendo a ordens de Deus. A fé não elimina a precaução e a preparação, onde isso é possível, embora não confiemos nelas, mas no Deus vivo.

Quando Josué se dirigiu às duas e meia tribos, não havia hesitação na sua palavra. Estava absolutamente certo de que Deus cumpriria sua promessa (v. 15). Isso inspirou ao povo igual coragem. Foi muito tranquilizador ter a confirmação da parte daqueles homens que talvez pudessem sentir-se menos entusiasmados, visto que a campanha os se-

pararia de suas famílias. Às vezes Deus nos fala através dos lábios de outros. Será que podemos dizer ao Senhor o conteúdo do versículo 16?

JOSUÉ 2.1-14

O Ato de Fé de Uma Mulher Pagã. “Observar a terra” era uma tarefa arriscada. A fisionomia dos hebreus certamente revelaria sua identidade, e revelou. O escritor sagrado não aprova o modo de vida de Raabe, nem suas mentiras. Sua moralidade era bastante deficiente, mas no fundo de seu coração, ardendo em baixa combustão, existia uma centelha de puro amor e fé, que consumiria o refúgio e arderia em chama pura (Hb 11.31).

As canas de linho eram colocadas no eirado, provavelmente, para secar. Ela cria, com base nas maravilhas operadas no Egito, que Jeová era o verdadeiro Deus, e que sua palavra era certa. Sua fé se provou em suas obras — em seu esforço para salvar outros, e na confiança com que ela se sentiu protegida dentro da casa onde havia um cordão de escarlata. É provável que ela tenha sido vítima de zombaria e perseguição, mas perseverou e se tornou uma ancestral de Cristo (Mt 1.5). Como a fé engrandece a alma! (Ver Tiago 2.25.)

JOSUÉ 2.15-24

A Fuga e o Relatório dos Espias. A confiança de Raabe na promessa dos espias e na eficácia do cordão de escarlata atado à sua janela é um admirável tipo da fé que se apóia na promessa de Deus, de que os que estão unidos a Cristo serão salvos neste mundo e no futuro. Sua fé não era o resultado de um impulso, mas de uma cuidadosa análise do relato do Êxodo. Quem quiser ter fé, sature sua alma da realidade e dos ensinamentos de Cristo.

Observemos as rigorosas condições impostas pelos espias quanto à extensão de sua responsabilidade. No meio da destruição geral, somente os que estivessem abrigados no recinto da casa de Raabe escapariam. Para os parentes dela que estivessem fora, o parentesco de nada lhes valeria. Assim, a grande salvação de Jesus só tem valor para os que

forem achados “nele”, que têm em si a justiça divina (Fp 3.9).

DEUTERONÔMIO 3.1-17

A Travessia do Jordão a Salvo. Durante três dias, a multidão ficou diante daquele rio transbordante. Isso bastou para amedrontá-los, a menos que, como Abraão, ousassem enfrentá-lo à luz da promessa divina. Tudo foi feito para incutir neles o fato de que o rio fora cortado por efeito da arca, e para ela. A distância entre o povo e os sacerdotes que seguiam à frente foi intencionalmente aumentada para que não pudesse haver dúvida quanto ao milagre. Sempre que avançamos através de um caminho desconhecido, a arca da aliança, que simboliza Cristo, nos precede (Is 52.12).

As águas que vinham de cima foram detidas e formaram um grande lago. O leito do rio ficou seco numa extensão de vários quilômetros. Os sacerdotes ficaram parados, firmes, até que todo o Israel estivesse em segurança do outro lado — não somente os líderes e sacerdotes, mas o povo todo. Cada um dos comprados com sangue é precioso para Deus. Não entrarão em juízo (Jo 5.24).

JOSUÉ 4.1-24

As Pedras Memoriais. Doze pedras foram tiradas do Jordão, e levadas a Gilgal, onde com elas se erigiu uma coluna. Constituíam um marco pelo qual os pais podiam falar aos seus filhos acerca da miraculosa travessia do rio. Nós também por meio do Senhor atravessamos as águas da morte, para a terra da ressurreição. Que as grandes libertações operadas por Deus em favor de nossa terra natal, bem como as que ele operou por nós pessoalmente, em Cristo, sejam assuntos constantes de conversa em família.

Outras doze pedras foram colocadas no leito do rio e se tornariam visíveis sempre que as águas baixassem. Era uma visível demonstração, portanto, de que Israel estivera, uma vez, naquelas profundezas. Nós não devemos esquecer a Rocha da qual fomos cortados (Is 51.1; 1 Co 6.11). Nunca cessemos de enaltecer a graça de Deus (Sl 40.2).

Somente a presença da arca manti-

na as águas amontoadas. E é assim que Jesus se coloca entre nós e qualquer coisa que possa engolfar-nos, principalmente o pecado e a morte (Hb 2.14). Não aconteça que, rejeitando-o, rejeitemos nossa única proteção.

JOSUÉ 5.1-12

Renovando a Aliança com Deus. Evidentemente o povo de Canaã percebeu que estava entrando em luta com o Deus todo-poderoso. Isso tornou sua amarga resistência menos desculpável. Mas antes que Israel pudesse prosseguir na campanha, devia submeter-se ao rito de iniciação que, desde os dias de Abraão, indicava que eram separados para Deus (Gn 17). A sedição em Cades tinha praticamente anulado esse relacionamento, que agora precisava ser renovado (Nm 14).

Para que possamos servir aos elevados propósitos de Deus no mundo, precisamos estar separados do pecado. Devemos repudiar e expulsar a velha natureza, e assumir a nova natureza, que é santa, imaculada e separada do pecado. Não há nada, a não ser a morte, que possa resolver o caso (Cl 2.11-15; 2 Co 7.1).

Só a alma circuncidada pode comer a páscoa, que é Cristo. Precisamos alimentar-nos dele, celebrando a festa diariamente com alegria (1 Co 5.7,8; Jo 6.51,54).

JOSUÉ 5.13-6.11

O Comandante e Seu Plano de Campanha. Quando o coração é perfeito para com Deus, podemos contar com sua presença e auxílio. É ao servo separado e obediente que é concedida a visão de Cristo como Aliado e Capitão. Ali estavam três exércitos, prontos para a batalha em Jericó: o dos cananeus, o de Israel e o das hostes celestiais pronto a entrar em ação contra os maus espíritos que dominavam as trevas daquela terra (Ef 6.12).

A resposta à pergunta de Josué dependia de Israel estar preparado para aceitar o plano de campanha proposto por Deus, que era muito humilhante para a carne. O Senhor está conosco se estivermos com ele (7.11,12; 2 Cr 15.2). Como Jericó era a chave para Canaã, e

sua queda iria ser o sinal da vitória total, os planos foram cuidadosamente preparados de forma a dar a Deus sua justa posição. Do princípio ao fim, a conquista foi o resultado da intervenção daquele que estava presente na sarça. Por causa disso, a arca foi conduzida ao redor da cidade como símbolo da presença divina (Nm 10.35).

JOSUÉ 6.12-21

Jericó é Tomada e “Consagrada”. “Pela fé ruíram as muralhas de Jericó.” (Hb 11.30.) De quem era a fé? Até certo ponto foi do povo que marchou ao redor delas dia após dia com plena certeza de que Deus não falharia. Mas Josué e Calebe estavam profundamente convencidos daquele maravilhoso resultado final. (Ver Marcos 11.23,24.)

Mas a ação dos invasores israelitas deve ter parecido incompreensível e até mesmo absurda para os moradores da cidade. O que esse povo fraco está fazendo? Mas o povo de Deus estava sendo treinado diariamente na paciência, na obediência e na humildade. Deixemos que Deus execute todas as coisas por nós! Muitas fortalezas do inimigo, que agora permanecem obstinadas, cairão, bastando que a Igreja as rodeie com fé (2 Co 10.4).

A destruição total da cidade e do seu povo estava de acordo com a prática daquela época. Sem dúvida a cidade poderia ter sido uma fonte prolífica de contaminação pecaminosa. Ainda assim, sua sorte foi terrível. Verificamos que Deus pode elevar os ideais humanos por processos muito lentos e demorados.

JOSUÉ 6.22-27

Poupada Quando Outros Pereciam. Não é a quantidade de verdade que conhecemos que nos salva, mas a firmeza com que a retemos. O conhecimento que Raabe tinha era muito superficial e incompleto, mas ela se apegou a ele com toda a tenacidade de sua alma e isso lhe foi atribuído como justiça (Rm 4.5). Por outro lado, suas obras provaram sua fé. Ela se identificou com Israel pelo cordão de escarlata, reuniu sua parentela sob seu teto e ficou na expectativa da libertação (Tg 2.25).

Ela precisava, ainda, ser liberta da

falsidade e da mentira, mas aquela consciência de Deus, que é o primeiro raio do alvorecer, já a tinha atingido, e certamente se transformaria em dia claro. Embora fosse uma pobre infeliz, incorporou-se a Israel e se tornou um tipo dos pecadores gentios aos quais é permitido assentarem-se com Cristo nos lugares celestiais. (Ver Efésios 2.17,18.)

A cidade foi entregue à destruição para que o micróbio da corrupção não viesse a contagiar o mundo por meio de Israel. (Ver 1 Reis 16.34.) Mas lembremos Lucas 19.1-10.

JOSUÉ 7.1-15

A Primeira Derrota e Sua Causa. Israel aprendeu que a vitória só é possível onde há uma obediência exata e uma sincera consagração. Não podemos vencer nossos inimigos a não ser que vivamos em límpida comunhão com Deus. (Ver 2 Crônicas 15.2.) Nossos aliados espirituais dos lugares celestiais não podem cooperar conosco enquanto abrigarmos o pecado. Canaã foi um presente à fé do povo, e era necessária uma forte vida espiritual. O ouro e a prata de Jericó foram consagradas a Deus, por isso Acã além de roubar cometeu sacrilégio.

Ai (ver Gênesis 12.8; 13.3) ficava cerca de três quilômetros ao norte de Jericó e era uma localidade relativamente pequena; mas, sem Deus, até mesmo a menor oposição é demasiado grande para nós. Josué parecia mais preocupado com a desonra que recaiu sobre o Nome divino do que com o revés sofrido por seus homens. Analisemos nossas falhas sempre pela perspectiva de Deus! Não devemos permanecer muito tempo entregues ao desespero, mas pôr-nos de pé para descobrirmos a causa de nossa derrota e eliminá-la (Os 5.15; 6.1.2).

JOSUÉ 7.16-26

O Perturbador é Achado e Eliminado. Quando Deus lida com o pecado, investiga sua genealogia. A lista dos ancestrais de Acã é citada duas vezes (vv. 1,18). Para tratarmos do pecado de forma total precisamos voltar às suas origens. (Ver Tiago 1.14,15.)

A experiência de Acã, ao perceber que os laços da investigação se tornavam cada vez mais apertados, deve ter

sido como a de alguém que está preso numa câmara de torturas, sentindo as paredes se aproximando e apertando. Um por um, nós passamos ante os olhos do Onisciente, como a tripulação de um navio ante o exame do oficial da quarentena. Não podemos esconder-nos atrás de pais, de linhagem ou de ancestrais religiosos. Cada um deve dar contas de si mesmo (2 Co 5.10).

A família de Acã tivera ciência do seu crime. Dificilmente poderia ter sido de outra maneira, já que os bens foram enterrados na tenda deles. Provavelmente, tratava-se de homens e mulheres adultos. As noções de justiça eram mais fortes e mais severas naquele tempo do que ocorre conosco que recebemos os ensinamentos de Cristo. Quando o mal é expulso, a porta da esperança fica escancarada (Os 2.15).

JOSUÉ 8.1-17

Ai é Atacada de Novo. Agora que o mal fora eliminado, o povo tinha garantia de vitória: "Te entreguei", etc. Mas a certeza da fé não é inconsistente com a chamada para a ação: "Dispõe-te, sobe a Ai". Embora estivesse certo da vitória, Josué adotou as medidas que seus conhecimentos militares sugeriam. Observemos o lugar que nosso planejamento deve ocupar. Não é deixar Deus de fora, mas abrir a trilha pela qual seu socorro possa chegar até nós.

As restrições sobre despojos que tinham estado em vigor e haviam levado Acã à morte, já não vigoravam. Deus, muitas vezes, nos testa antes de permitirmos gozar. Certas ordenanças ou proibições podem ser dadas para provar-nos, mas, assim que aprendemos a lição, são removidas (Dt 8.2).

E Israel marchou, subindo ao longo e desolado passo. Ao caminhar podiam ver a tenda de Acã, cenário de seu recente castigo. Agora, seus corações estavam docéis. Com toda a humildade e com fé eles avançaram, e não estavam envergonhados (Jl 2.26).

JOSUÉ 8.18-29

O Inimigo é Completamente Destruído. Os preparativos de Josué foram meticulosamente feitos e, naquele mesmo lugar onde Israel fora tão desastrosamente

derrotado, eles conquistaram uma grande vitória e recolheram grandes despojos, principalmente gado, que conduziram triunfalmente ao acampamento de Gilgal.

Tenhamos ânimo, nós que já fomos tantas vezes vencidos por fortes inimigos! Essas falhas procedem de algum mal emboscado em nossa alma! Expulsemos-lo! Extirpemos-lo como se remove um câncer! E naquilo em que fomos derrotados, seremos mais do que vencedores pela graça de Cristo.

JOSUÉ 8.30-35

A Transcrição da Lei e Sua Leitura. Depois da queda de Ai, a guerra foi suspensa por algum tempo. A mão divina impediu os cananeus de interferirem com a obediência de Israel ao código mosaico. A nação inteira foi conduzida ao vale entre Ebal e Gerizim, para ouvir recitação da lei e responder com seu forte "Amém" (Dt 27.15). Ebal continha em si a maldição. Era apropriado que o altar ali estivesse (Gl 3.13).

Lembremos que, mesmo depois de entrarmos na terra do descanso, através da fé em Jesus, não podemos afastar-nos da santa lei de Deus; não, pois a cumprimos mais perfeitamente quando andamos no Espírito (Rm 8.1-4). Demos um passo à frente e peçamos a Deus que assim como a Lei foi escrita naquelas poderosas pedras, assim também seja gravada na tábua de nosso coração (Hb 8.10).

Na hora do triunfo completo precisamos estar diante do Senhor! Foi nesse local que o incidente de João 4 aconteceu. Jesus o transformou num vale de bênção!

JOSUÉ 9.1-15

Enganados Pelos Gibeonitas. A presença do perigo comum forçou as nações de Canaã a se aliarem para a autopreservação. Ah, se as várias facções da Igreja visível pudessem encontrar o caminho para uma união semelhante, em vista do mal que há no mundo!

Gibeom situava-se oito quilômetros ao norte de Jerusalém. O nome significa "edificada sobre uma montanha". A Igreja tem sido mais vítima das *artimanhas* do diabo do que dos seus ata-

ques. O aspecto do pecado que deve ser mais temido é a dissimulação. É melhor enfrentar Caifás do que Judas.

Quantas vezes agimos sem consultar a Deus! No entanto, desde que fazemos um voto, que não entre em conflito com a moralidade, Deus a ele nos prende (2 Sm 21.1). Por meio desse impressionante exemplo aprendemos que temos de esperar no Senhor antes de tomar decisões, que podem tornar-se irrevogáveis.

JOSUÉ 9.16-27

"Rachadores de Lenha e Tiradores de Água." A fé evidenciada por essas pessoas foi de tal modo recompensada que, embora sua trapaça tenha sido punida com o fato de terem sido condenados a tarefas servis, a vida deles foi preservada; e, até certo ponto, foram incorporados a Israel e associados ao serviço da casa de Deus. Nessa posição seria mais difícil para eles corromper a lealdade de Israel a Jeová.

Posteriormente os gibeonitas foram conhecidos como "netinins" (servidores do templo). (Ver 1 Crônicas 9.2; Esdras 2.43; 8.20.) Quem cometeu nas fases anteriores de sua vida algum grande erro que ameaça limitar sua influência para o bem, não se desespere, mas tire proveito dele. Faça-o rachar lenha e tirar água!

JOSUÉ 10.1-14

"O Senhor Pelejava por Israel." A honra de Israel estava envolvida nesse ataque contra os seus aliados, e Josué saiu em socorro deles. O logro que os gibeonitas tinham praticado contra ele não impediu seu auxílio. Antes de partir, a vitória lhe foi assegurada mas isso não o tornou acomodado. (Ver o versículo 7.) Mas foi por *sua* fé, coragem e obediência que alcançaram essa e outras vitórias. O de que não é capaz um homem quando Deus está com ele! Certa vez, todas as cordas do violino de Paganini rebentaram, menos uma; então, levantando o instrumento, ele exclamou: "Uma corda e Paganini!"

Quando os fugitivos atravessavam o elevado cume de Bete-Horom e fugiam à toda a pressa rumo à planície, sobreveio-lhes uma tremenda tempestade.

tade. Não nos compete explicar o milagre do sol e da lua. O prolongamento da luz do dia foi devido, provavelmente, a alguma causa como aquele arrebol do ocaso e as refrações óticas vistas em altas latitudes.

JOSUÉ 10.15-27, 40-43

As Vitórias de Josué Sobre os Inimigos de Israel. A cova de Maquedá foi uma lembrança perpétua dessa vitória maravilhosa que Deus proporcionou ao seu povo. Os detalhes quanto à colocação dos pés dos príncipes sobre os pescocões de seus inimigos são relatados com essa precisão para indicar a totalidade da conquista. Assim será no fim desta era (ver 1 Coríntios 15.25). Podemos, portanto, aplicar as palavras de Josué aos inimigos da Igreja e de nós mesmos. (Ver o versículo 25.)

A carreira de Josué foi de contínuo sucesso, porque o Senhor ia adiante dele, entregando em suas mãos reis e exércitos, cidades e povos. Era uma guerra de total extermínio; mas a justiça de Deus já esperara demais (Gn 15.16), e esse era o único meio de eliminar a infecção. A lição para nós é que não se pode fazer nenhuma concessão na guerra interior. *Todos* os nossos pensamentos devem ser levados cativos a Deus (2 Co 10.5).

JOSUÉ 11.1-15

A Obediência de Josué às Ordens do Senhor. A cena é transferida para as águas de Merom, perto da nascente do Jordão. Hazor era a capital da região; Jabim, como Faraó, era um título hereditário (Jz 4.2). Todas as nações do norte se aliaram. Bem que o coração de Josué podia ter-se abalado, não fossem as promessas divinas na noite anterior à batalha (v. 6).

Seu ataque, acobertado pela noite, foi como a queda de um raio. O efeito foi imediato. O imenso exército se dispersou. O corte do jarrete dos cavalos os inutilizou, e assim Israel não foi tentado a confiar em carros e cavalos (Dt 17.16; Is 31.1). A vontade de Deus fora integralmente cumprida. Mas que belo registro é apresentado acerca desse soldado de mente simples: "Nem uma só palavra deixou de cumprir" (v. 15)! So-

mente quando obedecemos literalmente é que podemos contar com um sucesso como o dele. (Ver 2 Timóteo 4.7.)

JOSUÉ 11.16-23; 13.1-7

Ficou Muita Terra Ainda Para Ser Possuída. Não sabemos quanto tempo durou a guerra. Provavelmente cerca de sete anos — quarenta e cinco menos trinta e oito — (14.10). Foi somente no reinado de Davi que os cananeus foram, afinal, subjugados. Notemos que Josué tomou a terra e, então, a deu a Israel. Assim também Cristo, como o Depositário dos que crêem; recebeu a plenitude do Espírito e todas as bênçãos espirituais; mas nós devemos reivindicar nossa herança e dela nos apropriarmos. Assim, por fim, haverá descanso (v. 23).

Com 13.1 começa a segunda divisão deste livro, um "cadastro das Terras"! Como é significativa a frase: "Muitíssima terra ficou para se possuir". Isso se aplica a muitas seções da Bíblia, raras vezes lidas pela média dos cristãos; a áreas de experiência, tais como as mencionadas em Colossenses 3.1-4; e a países do mundo que nunca foram pisados pelos pés de um missionário!

Leiamos também 13.13. Quanto há de patético ali! Ou eles não criam nas garantias de Deus, ou eram por demais indolentes para buscá-las.

JOSUÉ 14.1-15

O Homem que Seguiu a Deus Integralmente. O recurso de lançar sortes foi adotado, sem dúvida para evitar ciúmes ou acusações de favoritismo. Ele significava a escolha de Deus (Pv 16.33; 18.18). Só podia ser usado com uma confiança muito clara em Deus, sendo que, em nossos dias, foi substituído pelo envio do Consolador que veio para ensinar-nos todas as coisas (Jo 16.13).

Muito tempo decorrera desde que Calebe cortara o cacho de uvas perto do local que escolhera para si, mas jamais o esquecera; e, agora, Deus, que tomara conhecimento de seu propósito, providenciou para que sua mão pegasse e conservasse aquilo que o seu coração desejava: "Eu o farei entrar a terra que espiei". (Nm 14.24.)

Da total submissão a Deus nasce

uma fé que ousa reivindicar o cumprimento de antiga promessa (v. 12). O fato de os enaquins ocuparem Hebrom não abalou o experiente soldado. Bastava-lhe o fato de que Deus havia prometido! Como são fortes e vigorosos aqueles que andam com Deus (Is 40.31)!

JOSUÉ 15.13-19, 63

Recompensas à Congem. Arba foi o maior entre os enaquins ou gigantes (14.15). Seus três netos eram igualmente homens de grande porte (15.14). Mas Calebe os subjugou por meio de uma fé onipotente (1 Jo 5.4,5). Jesus pode dar-nos a vitória sobre os enaquins do nosso coração; a única condição é a fé.

Essa história de Acsa é contada duas vezes nas Escrituras. (Ver Juízes 1.13.) Com uma generosidade de pai deu-lhe Calebe as fontes superiores e as inferiores. Quando um homem é reto diante de Deus, pode distribuir água viva aos outros. Nunca nos satisfazemos com o inferior, mas aspiremos sempre o mais alto (Jo 3.12), porque é do agrado de nosso Pai dar.

Infelizmente temos o registro do versículo 63! Séculos se passaram até que veio Davi e dominou a cidade (2 Sm 5.6). Mas essa espera não teria ocorrido se Judá tivesse subido no poder de Deus. (Ver Salmo 60.5ss.)

JOSUÉ 17.14-18

Uma Herança Aumentada. A grandeza dos filhos de José não provinha do seu número; porque, de acordo com Números 26, as duas tribos unidas não excediam a tribo de Judá. Além disso, a meia tribo de Manassés já se estabeleceu na outra margem do Jordão. Mas eles baseavam suas reivindicações nas promessas especiais feitas décadas antes a José (Dt 33.13).

Muito acertadamente Josué os convidou a provar sua grandeza por seus atos. É muito ruim quando os filhos vivem apoiados nas realizações de seus pais, em vez de se firmarem em seus próprios pés. Além disso, eles já possuíam muita terra, bastava apenas que expulsassem os cananeus e cortassem os bosques que obstruíam o solo. Tudo que está ao nosso redor são densas florestas! Que preciosa promessa para to-

dos nós no versículo 18. Cortemos o mato!

JOSUÉ 18.1-10; 19.49-51

A Divisão do Território Restante. O tabernáculo permanecera em Gilgal. Deve, agora, ser removido para Silo, um lugar escolhido pelo próprio Deus (Dt 12.11; Sl 78.60). Silo significa "descanso", e comemorava o fim da guerra. A honra de ter dentro de seus limites o lugar da habitação de Deus foi dada a Efraim, provavelmente, por ser a tribo a que Josué pertencia.

Essa última ordem foi um estímulo para ocuparem a terra. Quantos de nós nos mostramos igualmente vagarosos para nos apropriar das bênçãos que o Salvador tem para nós! É muito bom que Deus, através dos tempos, tenha enviado pioneiros para dizer-nos em que estamos falhando e para estimular nosso zelo.

O veterano líder fizera por merecer uma boa recompensa. Sua porção foi chamada "a porção do sol", provavelmente por causa do aspecto dela. Vivamos e andemos na luz.

JOSUÉ 20.1-9

As Cidades de Refúgio. Esses arranjos cumpriam determinações registradas em Números 35.9-34. Lembremos a distinção entre assassinio deliberado e homicídio não intencional. Somente os que tinham cometido este último podiam buscar refúgio nesses locais.

O fugitivo expunha seu caso à porta da cidade, e era admitido provisoriamente (v. 4). Depois, os fatos eram investigados pelos cidadãos ou por delegados deles; e, se seu relato estivesse correto, ele podia permanecer ali até à morte do sumo sacerdote. Este era um tipo do Senhor; e, assim, a morte de cada sumo sacerdote prefigurava a morte dele, por meio da qual as almas cativas são libertas e a lembrança do pecado cessa.

As cidades foram localizadas de modo a serem de fácil acesso para todas as partes do país. (Ver Provérbios 18.10 e Hebreus 6.18.) Eis uma questão importante para nós: estamos dentro da cidade, em cujas muralhas e fortalezas há salvação?

JOSUÉ 21.1-3, 40-45

Cumpriram-se as Promessas do Senhor. Depois que as cidades de refúgio foram indicadas, as localidades a ser estabelecidas a seguir eram as dos sacerdotes e levitas (Nm 35.1-8). Foram designadas mais quarenta e duas além das seis cidades de refúgio. Os sacerdotes e os levitas não eramos únicos possuidores dessas cidades, mas nelas habitavam, recebendo gratuitamente moradia e áreas de pastagens. Os versículos finais apresentam a situação do povo por ocasião da morte de Josué. No que dizia respeito às promessas de Deus, não tinha havido insucesso. O cronista afirma isso repetidamente. É bom fazer distinção, diz Calvino, entre a clara, certa e firme fidelidade de Deus e a fraqueza e indolência do povo, que faziam com que as dádivas de Deus escapassem das mãos deles.

No fim da vida, quando em nossa última parada dermos uma olhada para trás, veremos como é absolutamente verdadeira a conclusão do versículo 45, e muito mais, mas infelizmente nós deixamos de utilizar plenamente as dádivas divinas!

JOSUÉ 22.1-20

Evitando Guerra Entre Irmãos. Quando Josué dispensou os combatentes deulhes um profuso agradecimento pelos serviços por eles prestados. Em suas palavras sentimos algo parecido com "Muito bem, servo bom e fiel". Mas ele faz questão de lembrar-lhes que a manutenção de suas terras vai depender inteiramente de sua obediência. Isso explica a curta e transitória existência das tribos transjordânicas.

Esse altar foi edificado, provavelmente, a leste do Jordão. Estava "defrente" da terra de Canaã, e era, talvez, uma cópia do que havia em Silo. O motivo que inspirou isso foi o desejo de cimentar a união entre eles e as outras tribos. Mas esse objetivo teria sido melhor alcançado se eles tivessem obedecido à ordem divina de se reunirem com eles anualmente. Não é por meio de símbolos externos que podemos conseguir unidade, mas por comunhão e afinidade espiritual.

JOSUÉ 22.21-34

O Altar do Testemunho. Finéias e os dez príncipes fizeram bem o que tinham de fazer. Era prudente e também correto lembrar aos guerreiros dispensados que eles não podiam rebelar-se contra Deus sem envolver a nação inteira. O espírito de amor operou de maneira tão profunda no coração de Finéias e seus homens que eles até propuseram partilhar com os outros as terras da Canaã ocidental, o que era melhor do que se distanciarem eles da lei de Deus. Eles demonstraram uma nobreza, um desejo de conciliação, um enternecimento por seus irmãos, que se aproximavam bastante do espírito de Cristo, e que produziram o efeito desejado demonstrado numa franca repulsa de todos aqueles motivos citados.

É sempre assim. Substituamos a espada pelo ramo de oliveira. Antes de adotarmos medidas mais severas, seja como indivíduos ou como nação, tentemos sempre reconquistar nosso irmão com "espírito de brandura". Consideremos um lucro maior *ganhar* um irmão do que derrotá-lo. Ao envelhecermos, podemos tornar-nos mais brandos! (Ver Mateus 18.15 e Gálatas 6.1-5.)

JOSUÉ 23.1-16

O Discurso de Despedida de Josué. A preocupação de Josué pelo bem-estar do povo após sua morte tem paralelos no Novo Testamento. (Ver Atos 20.29 e 2 Pedro 1.13-15; e principalmente João 13-15.) Como sempre, ele dá realce ao que o Senhor fez (vv. 3,5,9). Não usarpa para si nem uma centelha dessa glória.

Ele apela a que eles perseverem com base em três fatos: as promessas do versículo 5; as ameaças dos versículos 11 a 13; as exortações dos versículos 14 a 16. Se nós não conseguimos expulsar os inimigos do nosso coração é porque não estamos seguindo ao Senhor. A falta de uma entrega total é a raiz de todo fracasso. Apegar-se ao Senhor é o termo do Antigo Testamento que corresponde a "permanecer em Cristo" no Novo (Jo 15).

Em contraste com a inconstância e a infidelidade do homem, notemos

o sublime testemunho da fidelidade de Deus. "Nem uma delas falhou." (V. 14.) Quando, por fim, fizermos uma revisão de nossa vida também poderemos afirmar isso, se, pela sua graça, nos conservarmos fiéis e obedientes. Não podemos guardar a velha aliança, mas a nova permanece para sempre (Jr 31.31-34).

JOSUÉ 24.1-15

A Lição da História de Israel. O capítulo anterior contém as últimas palavras pessoais de Josué, de advertência a Israel; nesse ele é o porta-voz de Deus: "Assim diz o Senhor Deus de Israel". Primeiro, faz uma recapitulação da misericórdia de Deus no passado. De vez em quando deveríamos, de maneira clara, recordar, por amor de nossos filhos, as interferências divinas em nossa vida nacional e doméstica.

É interessante constatar, nas palavras iniciais, que Abraão é proveniente de família idólatra, e foi chamado a sair dela. Era esse o poço do qual ele fora cavado (Is 51.1). Foi gentio antes de tornar-se judeu, e estava familiarizado com todas as seduções de uma religião inferior antes de decidir-se definitivamente pelo Deus único e verdadeiro. Levou muito tempo para que esse mau pendor fosse erradicado de Israel. Durante sua estada no Egito eles haviam-

se rendido ao fascínio da idolatria (v. 14). Josué, pelo menos, fizera sua escolha! Que bênção é para uma família quando os pais fazem o voto do versículo 15! Por que não, de agora em diante?

JOSUÉ 24.16-33

O Último Serviço de Josué ao Seu Povo. Josué fez bem em rechaçar as orgulhosas jactâncias deles, e mostrar que o povo por si só não podia realizar o ideal de Deus (Sl 105.4). O livro de Juízes é uma amarga confirmação dessas grandiosas palavras.

O que a pedra testemunha foi para Israel, as ordenanças da ceia do Senhor e do batismo são para a Igreja e para o mundo. As paredes de nossos quartos têm ouvido nossas orações e visto nossas lágrimas. Deus! Ajuda-nos a ser leais a elas!

Enquanto Josué e os anciãos viveram, exerceram uma forte influência sobre Israel para que este perseverasse. Assim também foi a influência dos apóstolos na Igreja Primitiva. Aprendamos o valor do caráter. Compare-se o versículo 32 com Gênesis 50.25 e Êxodo 13.19. Tenhamos ânimo! O cumprimento da promessa de Deus pode tardar, mas sua palavra é certa como a luz da alva (Os 6.1-3).

O LIVRO DE JUÍZES

As Apostasias e os Livramentos de Israel



1. INTRODUÇÃO 1.1-3.4.
 - a. Os movimentos das tribos 1.1-3.6.
 - b. O anjo da aliança 2.1-5.
 - c. A morte de Josué e de sua geração 2.6-10.
 - d. A história em resumo 2.11-3.4.

2. O GOVERNO DOS JUÍZES 3.5-16.31.
 - a. Libertos do rei da Mesopotâmia por Otniel 3.5-11.
 - b. Libertos do rei de Moabe por Eúde 3.12-30.
(Sangar) 3.31.
 - c. Libertos do rei de Canaã por Débora e Baraque 4-5.
 - d. Libertos do rei de Midiã por Gideão 6-8.
(História dos filhos de Gideão 9.1-57.
(Governo de Tola e Jair) 10.1-5.
 - e. Libertos do rei de Amom por Jefté 10.6-12.7.
(Governo de Ibsã, Elom e Abdom) 12.8-15.
 - f. Libertos dos filisteus por Sansão 13-16.

- APÊNDICES 17-21.
 - A emigração dos danitas e a história de Mica 17-18.
 - O ultraje em Gibeá e a guerra entre Israel e Benjamim 19-21.

INTRODUÇÃO

Este relato da história do povo escolhido cobre o período de 400 ou 450 anos que mediou entre a morte de Josué e os dias de Eli (At 13.20). Não se trata de uma narrativa em seqüência, mas de uma coleção de incidentes importantes que determinaram os destinos do povo escolhido, e constituem ilustrações excepcionais acerca do poder da fé em Deus. A principal lição do livro é a ligação íntima entre a lealdade ou a deslealdade a ele, e as conseqüências de cada: bem-estar ou infelicidade. Isso é afirmado claramente em 2.11-23.

Os juízes eram agentes extraordinários da compaixão e do socorro divinos, que apareciam quando a gravidade dos problemas do povo assim o exigia, para libertar Israel de seus opressores, reformar a religião e ministrar justiça. A administração deles, geralmente, era local, como Baraque entre as tribos do norte, Sansão no extremo sul, e Jefé em Gileade, do outro lado do Jordão.

Não se deve supor que Israel cometesse uma série contínua de apostasias. Embora a maior parte do livro focalize situações assim e livramentos especiais, na verdade havia, evidentemente, longos intervalos de fidelidade e prosperidade. E, nas horas mais negras, provavelmente, havia muitos que, no meio da abominação, suspiravam e choravam por dias melhores.

Há dois apêndices, relatando eventos que ocorreram não muito depois da morte de Josué e, portanto, precedendo a maior parte dessa história. Quase podemos considerar o livro de Rute como um terceiro apêndice. Os sinais de características humanas são muito vívidos e espontâneos, e o livro merece mais atenção do que a que normalmente recebe dos leitores em geral.

COMENTÁRIO

JUÍZES 1.1-15

Renovando a Conquista. A terra tinha sido dada ao povo. Quanto a isso não podia haver dúvida. Na antiga aliança que Jeová havia feito com Abrão, ele disse: "À tua descendência dei esta terra" (Gn 15.18.) Ela também tinha sido conquistada e dividida por sorteio, como verificamos em Josué 14.1-5. A porção de Judá está especificada em Josué 15. Mas, não obstante, cada tribo tinha de apossar-se do que era seu, primeiro pela espada, e, por fim, pelo arado e pela pá.

Não basta estarmos certos de que "nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual... em Cristo". Precisamos apossar-nos de nossas possessões. Por meio da fé, da paciência, e do uso diário deles, devemos apropriar-nos dos recursos que estão depositados em Cristo Jesus. (Ver Obadias 17 e Efésios 1.3.) Não nos contentemos com as fontes inferiores da experiência comum, mas procuremos as fontes superiores que se elevam constantes até junto ao trono de Deus!

*Constrói, minha alma, imponentes mansões,
Enquanto as estações passam voando!
Até livre te sentires das conchas
Que, enfim, no mar da vida irás deixando!*

JUÍZES 1.16-2.5

Esmorecendo na Grande Tarefa. A conquista de Canaã fora apenas parcial. Israel vivia entre os cananeus, os antigos habitantes da terra (assim como os normandos que invadiram a Inglaterra na Idade Média, viveram entre os anglo-saxões que ali encontraram); e a mistura dos dois povos marcou o início da degeneração moral e declínio na raça escolhida. Onde quer que houvesse a velha fé em Deus, como no caso de Calebe, a terra ficara livre do cananeu; mas, no lugar onde Deus estava de fora, o cananeu ficava dentro.

Assim é na vida do crente. O ideal é que ele renda sua personalidade integralmente a Cristo, que nenhuma paixão carnal possa reinar nela, que nenhum vício escravizador possa dominá-la. Mas, quantas vezes os crentes re-

nunciam à luta! Dizem que o velho Adão é muito forte para eles, e aceitam uma ocupação mista. Não nos sujeitemos a um raciocínio como esse! O Leão de Judá pode quebrar todas as correntes. Pela fé nele podemos ser mais do que vencedores! O Espírito Santo luta contra a carne, para que não vivamos como viveríamos se não o tivéssemos. Vamos dar-lhe plena liberdade para atuar em nós! O pecado não deve reinar em nosso corpo mortal!

JUÍZES 2.6-15

Uma Geração que Não Conhecia ao Senhor. Que experiência emocionante deve ter sido ouvir Josué e Calebe falarem do Egito, do mar Vermelho e do Sinai! Os mais moços devem ter ficado boquiabertos ouvindo os veteranos narrar suas experiências com Deus. Abri vossos diários do passado, vós, santos mais velhos, e dizei o que o Senhor tem feito por vós. Isso nos encorajará para a luta (Mt 3.16).

Josué foi sepultado em sua herança — “a porção do sol” — cercado pelo respeito e afeição do povo todo. Como Moisés, ele merecera ser conhecido como “o servo do Senhor”. Os anciãos, que haviam participado da conquista de Canaã, deram seu testemunho e falaram de Jericó e do Vale de Aijalom. Mas também estes foram “congregados a seus pais”, o que implica em mais do que simples sepultamento. Eles se reuniram à grande multidão dos santos que se estão congregando ao redor do Senhor, esperando a hora em que, todos juntos, numa radiante multidão, sairão com ele para tomar posse do reino do mundo. Que enorme ajuntamento será! Podemos perder qualquer outra reunião, mas cuidemos para estar presentes em nossa porção, “ao fim dos dias” (Dn 12.13). (Ver Gênesis 49.33.)

JUÍZES 2.16-23

Um Arrependimento Ineficaz. Esse trecho é um sumário do livro que cobre um período de cerca de 450 anos (At 13.20). A Israel falta unidade e autoridade, e isso nos faz pensar no coração que ainda não se submeteu ao reinado de Jesus. (Ver 17.6 e 18.1.) Os ritos prati-

cados na adoração a Baal e Astarote eram cruéis e desmoralizadores. Um quadro confrangedor é descrito no Salmo 106.34-45, mostrando a condição de Israel nessa fase. Não admira que tais práticas devorassem o coração do povo e o deixassem exposto às nações circunvizinhas! Quando o nosso sangue se torna fino e empobrecido, não podemos repelir a peste que se propaga nas trevas, nem as tentações que nos assolam ao meio-dia!

Notemos a grande paciência e misericórdia de Deus. Ele se punha contra o povo quando este pecava, mas tão logo começavam a lamentar sua miséria, isso o tocava profundamente e ele suscitava um libertador. (Notar o Salmo 18.26,27.) “Muitas vezes os libertou, mas eles o provocaram com os seus conselhos... Olhou-os, contudo, quando estavam angustiados... e lembrou-se, a favor deles, de sua aliança.” (Sl 106.43-45.) Por isso podemos encher-nos de esperança no que nos diz respeito!

JUÍZES 3.1-14

Libertos da Opressão da Mesopotâmia. Nossos pecados e faltas algumas vezes são aniquilados assim de modo a que aprendamos a conhecer melhor a nós mesmos e a Deus. Seria melhor receber essas grandes lições e virtudes por meio do crescimento normal numa vida de obediência e fé. Mas falhando esse método, Deus nos ensina por meio de nossas faltas. A presença do cananeu ensinou Israel a guerrear e a conhecer-se. (Ver os versículos 2 e 4.)

Otniel possuía magnífica propriedade, o que podia levá-lo a ficar indiferente à crise nacional. Mas ele e Acsa se sentiram animados pela decidida coragem de Calebe, o filhote de leão. (Ver Juízes 1.12,13.) Estejamos prontos para sentir o impulso do Espírito do Senhor, e a ele nos submetemos quando ele nos incita a ir à guerra em defesa de alguma causa sagrada. Nada que importe ao nosso conforto ou bem-estar deve deter-nos quando existe um erro a corrigir ou um opressor a derrubar! Confie-mos no Cristo invisível que nos chama e, quando sairmos, o ar será rocha debaixo de nossos pés.

JUÍZES 3.15-31

A “*Palavra de Deus*”. Normalmente, a espada é usada na mão esquerda, e Eúde se livrou de suspeita porque cingiu a sua sob as vestes, do seu lado direito. Eglom se dispôs a ouvi-lo e lhe concedeu uma audiência secreta, considerando que acabara de receber um tributo da mão de Eúde. Foi um terrível ato de vingança, que não devemos julgar por nossos padrões éticos. Mas, será que não podemos compreender como o ódio de uma raça oprimida e nobre haveria de manifestar-se exatamente dessa maneira?

Aquele punhal, enterrado até o cabo, era, na verdade, uma mensagem de Deus, porque acabou com a vida de Eglom e convocou sua alma para comparecer ante o tribunal do julgamento divino. Qualquer tragédia suprema só pode acontecer com permissão divina. Embora essa silenciosa permissão divina não possa ser interpretada como uma aquiescência, todavia ele pode aproveitar as conseqüências de um ato mau no esquema de sua providência, como no caso de Gênesis 50.20, 21 e Atos 2.23. Nós também freqüentemente estamos recebendo estocadas; verifiquemos se não são mensagens de Deus! Não há acasos na vida.

JUÍZES 4.1-13

O Livramento por Meio de Uma Mulher. O cenário se transfere para a parte norte de Canaã. Débora, provavelmente, pertencia à tribo de Issacar (5.15); mas a sede do seu governo foi removida para a região montanhosa de Efraim, provavelmente por razões de segurança. Seu espírito era sensível a Deus, e ela reconheceu que havia chegado a hora da emancipação política de sua pátria sofridora. Na verdade a ordem tinha sido dada (v. 6). Mas o método divino é sempre juntar ordem e promessa, como verificamos no versículo 7. Baraque possuía uma fé verdadeira (Hb 11.32); mas estava sem inspiração e estímulo, como um fogo que está morrendo precisa ser soprado.

Quedes, o ponto de encontro, não ficava longe do lago da Galiléia. Num

plató, no alto do Tabor, essas duas pessoas heróicas observavam o enorme exército de Sísera que se posicionava ao longe, nas encostas do Carmelo, às margens do Quisom, que, logo mais, estaria vermelho de sangue. Que momento aquele em que Débora intima Baraque a levantar-se, porque o Senhor já partira diante dele! Quem de nós precisa ter medo e hesitar em face da dificuldade, se somos simplesmente convocados para seguir nas pisadas do Senhor?

JUÍZES 4.14-24

Uma Mulher Executora. “O Senhor derrotou a Sísera... e a todo o seu exército.” Quando o General Gordon saía sozinho em seu camelo para destruir os acampamentos dos árabes condutores de escravos, atravessava o deserto com o imortal livro de Tomás à Kempis na mão, percebeu que Deus já os estava desbaratando; e, quando correu para o meio deles, constatou que Deus já abrira completamente o caminho. Sim; é como Débora cantou, conforme as palavras depois citadas pelo Senhor: “Os que te amam, brilham como o sol quando se levanta no seu esplendor”. (5.31; Mt 13.43.) A alma que está unida a Cristo é invencível.

O ato de Jael é novamente narrado por extenso em 5.24ss. Foi uma incomum violação da hospitalidade árabe. Será que ela ficara agastada pela maneira como Sísera se referira ao sexo feminino (5.30)? Ou teria sido esse gesto a expressão de sua fé em Jeová bem como de sua identificação com o povo de Deus? Se foi esse o caso, não podemos crer que, como sempre, o Todo-Poderoso compreendeu o impulso de fé que estava por trás de ato tão duro? Quantas vezes expressamos erradamente nossos impulsos bons, que Jesus interpreta fielmente! Ah, como é abençoado ter um Salvador que compreende as intenções do nosso coração!

JUÍZES 5.1-11

O Cântico de Uma “Mãe em Israel”. Eis aqui uma das odes mais belas da literatura! Ela celebra uma notável vitória, através da consagração do povo que se ofereceu como oferta voluntária no al-

altar da libertação de sua pátria (vv. 2, 9). Existe hoje uma causa maior que nos convoca para lutarmos “não contra o sangue e a carne, e, sim... contra os dominadores deste mundo” (Ef 6.12).

A cantora enumera os grandiosos feitos do Êxodo, versículos 4 e 5. Ela sente que a hora presente não está menos cheia do poder de Deus. Sejamos capazes de acreditar que o dia de hoje é tão sublime como qualquer dia do passado, e o vivamos como se fosse. Ela descreve as desolações causadas pelo inimigo: as caravanas despojadas, as estradas desertas, as pessoas desarmadas, sem defesa (vv. 6-8). Ela conta como os homens se ajuntaram nas portas da cidade para participar do grande esforço para o qual ela os chamava (vv. 9-11). Vós, filhas de Débora, que conheceis a Deus, despertai de novo e cantai até que os vossos corações de novo se aqueçam; e vós, irmãos de Baraque, armai-vos para a batalha contra as mentiras, costumes e pecados que amaldiçoam tanto a Igreja como o mundo!

JUÍZES 5.12-23

“As Estrelas (...) Desde a Sua Órbita.” Esse belo salmo contém frases memoráveis. O pensamento relativo a “prisão”, do versículo 12, aparece no Salmo 68.18 e Efésios 4.8, sendo que no último é aplicado à ascensão do Senhor. Ele levou cativos aqueles poderes maus que haviam, por tanto tempo, conservado a humanidade em cativo. Não temamos a morte, nem a sepultura, nem o hades. Eles foram trancados nas rodas do carro do Senhor, e as chaves estão presas ao seu cinto (Ap 1.18).

Guerreiros e reforços lhes chegaram provenientes da região montanhosa de Efraim (área que pertencera aos amalequitas — 12.15), do pequeno Benjamim; e das tribos do norte. Mas a maior parte do impacto dessa guerra de libertação veio de Zebulom e de outros pontos adjacentes à planície de Esdrelon, um dos grandes campos de batalha da história. Megido fica ao sul desse sítio famoso e deu seu nome à derradeira e famosa batalha do Armagedom. Débora faz alusão a uma terrível tempestade que rebentou, talvez

à noite, sobre a planície, resultando numa enchente do ribeiro Quisom, alagando as terras adjacentes, tornando inúteis os carros de Sísera. Ó minha alma! Tu podes pisar sob os pés teus inimigos (v. 21). Mas dispõe-te a jamais recusar atender, como Meroz, quando Deus necessita de teu auxílio (v. 23).

JUÍZES 5.24-6.6

À *Mercê de Midiã*. Que contraste nossa leitura sugere entre os que amam o Senhor e vão de força em força, a vida sempre luminosa, influenciando outros, e o mal que, uma vez mais, trouxe o jugo do tirano sobre o pescoço de Israel! Essas alternâncias ocorrem conosco também. Num momento perseguimos Sísera e seus exércitos como um cão persegue a caça. Mas, então, ocorre uma mudança e a mão de Midiã prevalece contra nós. Por que não somos sempre alegres, fortes, vitoriosos? Não é porque nos entregamos à melancolia, relaxamos em nossa comunhão com Deus, entronizamos as imagens de Baal em nosso coração? Somos então reduzidos à penosa situação descrita aqui e em Ageu 1.6. Por que não há maior número de conversões na Igreja? Por que a diferença entre a Igreja e o mundo é tão pequena? Por que tanto do ensino de nossa escola dominical é ineficaz? Ah! O midianita está em nosso meio e nós o aceitamos! A necessidade urgente, primordial, dos dias atuais é que a Igreja tenha consciência de sua verdadeira condição e clame veementemente pelo socorro divino. (Note o versículo 6 e Joel 1.14.)

JUÍZES 6.7-18

Um Agricultor é Chamado Para Ser o Libertador. Deus não se limita apenas a mandar um profeta para condenar nossos pecados; ele comissiona um anjo para trazer-nos socorro. Certamente é verdadeira a antiga crença de que o Anjo do Senhor, aqui mencionado, era o Senhor, que achava suas delícias com os filhos dos homens. (Comparar Isaías 63.9 e Atos 7.30 com Êxodo 3.2.6.) Ele continua vindo a nós, não de forma visível ao nosso olhar, mas de forma

sensível ao coração. Sente-se um ardor peculiar no coração que aqueles que o amam reconhecem, quando ele se manifesta a eles, como não faz ao mundo. (Ver Lucas 24.32 e João 14.21.)

Gideão era o filho mais novo de uma família pobre, que tinha sofrido bastante nas mãos de Midiã. (Compare isso com 8.18.) Ele era obrigado a malhar o trigo no lagar, abaixo da superfície do solo, porque os midianitas poderiam atacá-lo e roubar tudo. Ele parecia o menos indicado para ser escolhido como libertador. Mas lembremo-nos das palavras do apóstolo (1 Co 1.26). Existe uma força que o homem não adquire através da coragem; é a força que nos é transmitida diretamente de Cristo, como no versículo 14. E, quando Jesus nos olha e fala, o jovem crente que se apresenta diante dele com toda a humildade sabe que tudo pode naquele que o fortalece (Fp 4.13).

JUÍZES 6.19-27

Face a Face com o “Anjo do Senhor”. Gideão compreendeu o caráter solene daquele encontro. Ele só queria ter certeza de que não se tratava de sonho ou imaginação, daí a proposta do sinal da carne e do caldo. Quando o fogo apareceu ao toque do Anjo, ele compreendeu que o véu do mundo invisível se rompera para enviar-lhe orientação e socorro. A princípio ficou surpreso, mas depois a paz de Deus desceu sobre a sua alma. Ele ouviu a Voz que pronunciou uma bênção semelhante em Daniel 10.19 e João 20.26. Daí por diante, a paz de Deus guardou seu coração e espírito.

Deus exigia de Gideão um ato de obediência imediata: a destruição dos nefandos símbolos dos ritos cruéis e impuros — embora estivessem na propriedade de seu pai — para substituí-los por um altar ao Senhor. Dez dos seus servos, seduzidos pela força de sua personalidade, ajudaram-no em seu ato heróico, arriscando-se a ser repudiado pela sua família e a ser morto pelos seus concidadãos. Deus exige que lhe demos o melhor de nosso amor (Lc 14.26,27,33). E quando nosso coração é totalmente dele, ele se mostra forte para conosco (2 Cr 16.9).

JUÍZES 6.28-40

Começando a Reforma em Casa. O bom senso de Joás salvou seu filho. O que ele quis dizer foi: “De que nos vale Baal, se não consegue proteger-se a si mesmo?” Gideão tinha sido aprovado no teste divino; podemos admirar-nos de que o Espírito de Jeová, a quem conhecemos como o Espírito Santo, viesse sobre Gideão e operasse poderosamente através de sua vida submissa? Oh! Se pudéssemos ser maleáveis ao Espírito de Cristo como as roupas o são ao corpo! Com uma coragem heróica ele tocou a trombeta da revolta, apesar de Midiã, e, ouvindo suas notas, o país inteiro despertou como que liberto da magia de um mau encantamento.

Mas, no meio de toda a efusão daquela hora, o jovem líder solicitou mais uma confirmação. Ele apresentou duas perguntas. Será que o Espírito tinha vindo sobre ele de maneira especial? A resposta foi afirmativa, porque a lâ — que era um símbolo do próprio Gideão — continha uma taça de água, enquanto a terra estava seca. Seria possível, também, que o mesmo Espírito, que tinha vindo sobre ele, descesse sobre o povo que se reunisse ao seu chamado? De novo a resposta foi afirmativa, porque a terra estava molhada. As promessas de Deus são “Sim” e “Amém”. Ele não pode falhar conosco. (Ver 2 Coríntios 1.18-22.)

JUÍZES 7.1-8

Quantidade Versus Qualidade. “Não há rei que se salve com o poder dos seus exércitos.” (Sl 33.16.) Deus não necessita de multidões. (Ler 2 Crônicas 14 e 23.) Os que se sentem medrosos e tímidos, porque olham para a força de seus inimigos em vez de olharem para o poder do eterno Deus, melhor fariam se fossem para sua casa; eles constituem empecilhos e obstáculos, e por meio de uma influência negativa, podem enfraquecer a fé dos demais. Também os que se esquecem de que são soldados, que põem a comodidade do corpo acima da atitude diligente da alma, que pensam mais e antes de tudo em seus prazeres físicos,

não têm utilidade para Deus para grandes façanhas. Mande-os para suas tendas; eles poderão ajudar na tarefa secundária da perseguição.

Era um ato muito simples — a atitude no beber — mas quanto significava! Os 300 que apanharam a água na concha de suas mãos mostraram que não podiam esquecer o inimigo; que estavam dispostos a subordinar os apetites corporais ao espírito e não ousavam despertar seus lombos cingidos. Estes são os homens que Deus pode usar! Mas 300 assim são suficientes para pôr 135.000 em debandada (vv. 8,9). Viva-mos no Espírito; andemos no Espírito; mantenhamo-nos sempre em contato com o Espírito, e não disponhamos nada para a carne (Rm 13.14; Gl 5.16). E sejamos fiéis também em todas as mínimas ações.

JUÍZES 7.9-23

“*Espada Pelo Senhor e por Gideão.*” Gideão pedira o sinal da lâ, mas Deus, sem que ele o pedisse, deu-lhe o do pão da cevada. Era apenas um pão de cevada, o alimento mais barato e mais comum, mas revirou a tenda. Gideão reconheceu prontamente aquele símbolo de sua fraqueza e vulnerabilidade, mas reconheceu, também, o aviso de sua vitória. E ali parado, naquela noite sem luar, com a cabeça voltada para a tenda, ele adorou a Deus, e em seguida apressou-se a voltar ao seu arraial. Nós nos lembramos do que fez Jesus com pães de cevada. (Ver João 6.9,13.)

O clangor das trombetas, a quebra dos cântaros, o lampejo das luzes e a gritaria vinda dos três lados do acampamento lançaram em pânico o exército adormecido. Com certeza essa cena estava na mente de Paulo quando ele disse que a luz de Deus brilhou nas densas trevas daquele tempo, e, depois, confessou que a luz estava contida no vaso de barro da mortalidade, “para que a excelência do poder seja de Deus”. Não nos sintamos por demais perturbados quando as tristezas e perseguições terrenas quebrarem nossa paz e nossa força; isso é o quebrar do vaso de barro. Nosso objetivo deve ser providenciar para que a tocha esteja acesa dentro dele (2 Co 4.6ss).

JUÍZES 7.24-8.12

“*A Resposta Branda Desvia o Furor.*” O exército fugitivo seguiu na direção de três pontos do Jordão em que o rio era raso, e com toda a pressa, Gideão convocou as tribos para passar à frente deles. Apesar de vitorioso, ele encontrou obstáculos e desalentos. Efraim mostrou-se irado com ele; Sucote e Penuel, insolentes; seus próprios homens estavam cansados, embora perseguindo. Mas a fé que havia alcançado a grande vitória jamais vacilou. Gideão “permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível”. Da fonte eterna da paciência e da esperança extraiu a graça da perseverança. Foi isso que Paulo também, anos depois, aprendeu e ensinou (2 Co 6.4ss).

Quando alguém está confiando em Deus, valendo-se dos recursos divinos, e afirmando sua graça suficiente, pode responder de forma suave a Efraim; ele não deixará de censurar a covardia de Penuel e Sucote; e prosseguirá em seu caminho vitorioso até que o último inimigo seja destruído, e ele entre na presença do Senhor para receber o “Muito bem!” Ah, meu irmão desalentado! Fica só, fecha a porta de tua alma a quaisquer outros pensamentos, e diz repetidamente a Deus as palavras com que o bom Asafe conclui o Salmo 73, versículos 23 a 28. Deixa que teu coração se encha de música até que novamente te sintas forte.

JUÍZES 8.13-28

A Armadilha do Sucesso. Evidentemente a família de Gideão tinha passado por alguma tragédia terrível antes dessa guerra de emancipação. Ele não tinha aprendido o ensino de perdão do Senhor, e agira de acordo com os princípios praticados no seu tempo. Também é possível que se sentisse como executor da vingança de Deus contra esses reis cujos nomes — “Imolação” e “Perturbação” — derivaram dos atos desesperados que praticavam. E já pressentindo a morte, pronunciaram uma frase memorável: “Qual o homem, tal a sua valentia”. A utilidade de nossa vida não deve ser medida pelo que dizemos, temos ou pensamos, mas pelo que *somos*.

Não são nossos dons, mas a graça que deixa a impressão mais profunda na vida de outros. Se quisermos ter braço forte, precisamos ter um coração puro e leal.

Com o ouro e a púrpura dos despojos, Gideão fez uma estola sacerdotal, presumivelmente de acordo com o modelo descrito em Êxodo 28. Não era exatamente um ídolo, mas uma espécie de fetiche, que fez com que o pensamento do povo se desviasse de Silo bem como do culto espiritual do Deus eterno e invisível. O coração humano é suscetível de apegar-se a algum símbolo exterior — pode ser um crucifixo, uma hóstia ou uma igreja — e não dar ao Pai aquele culto em espírito e verdade que ele procura.

JUÍZES 8.29-9.6

Um Trono Conquistado por Meio de Assassinato. Os filhos de Israel sempre demonstravam uma grande inconstância e instabilidade. Logo voltaram ao culto a Baal e se esqueceram de demonstrar bondade para com a família de seu grande líder. Mas a fraqueza do coração humano é assim mesmo. Por mais que sejamos ardorosos por Cristo hoje, podemos ser frios e distantes amanhã. Chega a parecer que o grande adversário escarnece de nós com isso, como fez com João Bunyan (autor do livro *O Peregrino*), a quem ele estava sempre cochichando: “Eu o esfriarei, eu o esfriarei”. Devemos levar nosso instável coração ao Senhor pedindo-lhe para conservar nosso amor por ele sempre fiel e ardoroso. Há ocasiões em que a amizade dele é a coisa mais real em nossa vida, mas, logo depois esse arco-íris de glória se desfaz no céu. Pedimos-te, ó Senhor, que não seja mais assim!

O povo de Siquém não reprovou o terrível crime de Abimeleque, porque a mãe dele era parente deles. (Comparar 8.31 com 9.1,18.) Mas Deus estava-lhes reservando tremenda perturbação (vv. 56,57).

Com certeza, por sua falta de autocontrole, Gideão era responsável por muita coisa (8.30)! O mal que os homens praticam lhes sobrevive.

JUÍZES 9.7-21

O Rei Espinheiro. Os homens precisam de liderança. A razão disso acha-se profundamente enraizada na natureza humana. Os revolucionários franceses destruíram a família real, mas Robespierre, Danton e Marat praticamente foram entronizados na posição da qual Luís fora arrancado. Na “república inglesa” de Oliver Cromwell, ele governava com poderes de rei. Alguns de nós entronizamos o óleo da *oliveira*, outros a doçura da *figueira*, outros ainda a alegria da *videira*. Em outras palavras, o ideal dominante de algumas pessoas é a prosperidade, de outras o amor, e de outras o prazer. E, ainda outras, escolhem o *espinheiro* — com seus espinhos aguçados — que, quando ressecado pelo calor do verão, está perto de ser queimado (Hb 6.8). Ele simboliza, portanto, a vida inútil e perigosa, destinada ao monte de refugio. (Ver 1 Coríntios 9.27.)

Nesse ínterim, Jesus espera tornar-se o Rei coroado de cada um de nós. Ele “arrisca” sua vida e livrou-nos da mão do inimigo, a quem nos tínhamos vendido. Será que estamos agindo leal e corretamente com ele ao permitir que outros senhores nos governem enquanto nós o coroamos com espinhos? (Ver os versículos 17 e 19.)

JUÍZES 9.22-40

O Fogo é Ateado. Embora essa história fale de vilezas, é contada em detalhes para ensinar-nos que as punições divinas contra o pecado não se acham reservadas para um futuro distante, mas estão continuamente administradas. O Pai entregou todo julgamento ao Filho e, através das épocas da história humana, ele tem estado separando homens e nações, como o pastor separa as ovelhas dos bodes. Pedro nos diz, por exemplo, que as cidades de Sodoma e Gomorra foram condenadas à destruição como um exemplo para os que vivem “impia-mente” (2 Pe 2.6). Adoni-Bezeque é outro que testemunhou a aplicação dessa mesma lei geral (Jz 1.7). Os salmos estão cheias dela. (Ver o Salmo 7.15-17.) Ei-la aqui, também. Siquém lastimou profundamente o ímpio acordo feito com Abimeleque, bem como o fratricídio. O cas-

tigo que recebeu foi contenda e deramamento de sangue.

Quando vimos homens maus alcançando grande poder e se expandindo como “uma árvore verde em seu solo nativo”, conservemo-nos calmos e tranquilos. Nós não precisamos preocupar-nos em extirpar o mal. Descansemos no Senhor e esperemos pacientemente nele, porque o Senhor ama a justiça e não desampara os seus santos. Eles serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada. (Ver o Salmo 37.)

JUÍZES 9.41-57

A Queima do Espinheiro. Atos terríveis como este dão sinais do poder do deus deste mundo, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Infelizmente, atrocidades semelhantes ainda estão sendo perpetradas, depois de todos esses séculos dessa civilização que se diz cristã. Mas esse cristianismo é apenas um verniz superficial e, quando explodem as paixões nacionais a diferença entre as guerras de hoje e as das eras pré-cristãs é muito pequena.

Os homens não têm o direito de atribuir ao cristianismo os pecados, as crueldades, as barbaridades, e as atrocidades cometidas na era atual. Eles se devem antes à ausência dele. O evangelho inteiro do Filho do homem protesta contra eles. Devemos admitir com tristeza que o inimigo dele fez isso. E enquanto o Rei não vier para o que é seu e estabelecer o seu Reino eterno não cessarão os males sob os quais o mundo geme. As guerras que há no mundo hoje, apesar de todos os esforços para arbitramento e paz, provam que alguma coisa nova precisa acontecer antes que o reino do Pai possa vir e sua vontade ser feita na terra.

JUÍZES 10.1-16

Idolatria Inveterada. Muda-se a cena agora para as tribos além do Jordão, e em especial para as estabelecidas em Gileade e vizinhanças. Os filhos de Amom foram os agressores, e estavam possuídos de tal audácia que chegaram a atravessar o Jordão e lutar contra Judá e Efraim. “Israel se viu muito angustiado.” Quase

temos vontade de dizer: “Foi bem feito para eles”. Parece incrível que, depois de tudo o que tinham sofrido por causa da idolatria, voltassem a Baal e ainda acrescentassem a ele os deuses de Sidom, de Moabe, de Amom e da Filístia. Se Jeová os tivesse abandonado em definitivo, não poderiam queixar-se. Mas, como fala o salmista em suas tocantes palavras: “Olhou-os, contudo, quando estavam angustiados, e lhes ouviu o clamor”. (Sl 106.44.)

Todas essas coisas foram escritas para nosso exemplo e instrução. Israel não esqueceu a Deus mais do que nós esquecemos. Nossa vida tem sido marcada por crises e recomeços, apostasias e reconsagração ao Senhor, pecado e arrependimento. Não temos o direito de criticar Israel; olhemos para nós, sondeemos nosso coração e agradeçamos ao Senhor porque sua misericórdia dura para sempre (Sl 136).

JUÍZES 10.17-11.11

Recorrendo a um Líder Rejeitado. A vida de Jefté constitui um grande consolo para os que nasceram de uma união irregular. Mas o pecado de seus pais não prejudicou sua vida permanentemente. Ele é, também, citado com distinção em Hebreus 11, como um dos heróis da fé. (Ver Ezequiel 18.14-17.)

Expulso de seu lar, Jefté se entregou à vida de chefe de guerrilheiros, provavelmente no mesmo estilo de Davi, anos depois, quando, a troco de pagamento protegeu o gado dos hebreus contra as pilhagens dos amonitas. A esposa de Jefté, ao que parece, havia morrido; mas sua doce e nobre filha cresceu no meio daquela horda selvagem, e eles eram tudo um para o outro. E assim como Davi exerceu influência positiva sobre um bando semelhante, também pai e filha conseguiram elevar o caráter e a moral de seus seguidores até que as notícias sobre eles se espalharam pela terra, e os anciãos que, anos atrás, tinham-se colocado ao lado dos irmãos de Jefté, foram rogar-lhe que assumisse a liderança na luta pela liberdade. Que bela figura do Senhor! Ele veio para os seus e eles o crucificaram. Ele vem a nós e nós, a princípio, o rejeitamos. Mas seu amor jamais se acaba. Sendo injuriado, ele

abençoa; sendo perseguido, suporta; sendo caluniado, intercede (1 Co 4.12).

JUÍZES 11.12-28

Uma Advertência da História. Jefté agiu com grande prudência. Antes de se precipitar na guerra, tentou discutir a questão em foco em termos pacíficos e corteses. Em resposta à alegação de que Amom só estava tentando reconquistar territórios próprios, ele afirmou que, quando Israel entrara em cena, arrebatara a terra, não de Amom, mas dos amorreus. Além do mais, uma ocupação que já durava 300 anos, e que nunca antes fora contestada, anulava os direitos do rei amonita.

Quando uma nação tem o direito e a justiça do seu lado e está lutando contra uma agressão, principalmente quando a escolha entre dois ideais está na balança, tem todo o direito de apelar para o Senhor, o Juiz, para defender sua causa. A questão estava em se o culto de Jeová ou o de Camos dominaria a nação. Quanto a essa questão não podia haver vacilação nem hesitação. É interessante observar com que cuidado e exatidão Jefté havia estudado os sagrados anais de seu povo e como ele se refere a Deus reverentemente. Há mais religião no coração de homens como Jefté do que reconhecem certos fariseus e sacerdotes!

JUÍZES 11.29-40

Uma Vitória Toldada. Todas as nações ao redor estavam acostumadas a oferecer os seus entes queridos em sacrifício às suas cruéis divindades nacionais. Este era, preminentemente, o caso de Moabe, a nação vizinha, e que o profeta Miquéias censurou (6.6-8). Mas em todo aquele território fronteiriço não havia então uma só voz profética para deter Jefté que, provavelmente, sentia que Camos não exigiria do rei de Amom mais do que *ele* ofereceria a Jeová. Foi daí que surgiu o voto do versículo 31, não feito de forma impensada, mas, sim, deliberada, embora equivocada. Antes de julgá-lo, perguntemos a nós mesmos, se gostaríamos que nosso ente mais querido se tornasse missionário numa terra pagã. Já nos consagramos inteiramente ao Homem do Calvário? Será que o ama-

mos mais do que à coisa ou ao ser mais querido? Talvez não cumpríssemos um voto como, provavelmente, Jefté cumpriu, mas será que temos uma consagração tão absoluta como a dele?

A resposta da filha de Jefté é uma das mais nobres que se conhecem. Compare-a com Lucas 1.38. O coração da jovem, ali em frente dele com os adufes nas mãos, estava cheio de amor filial e de paixão patriótica; mas o amor de Deus se sobrepôs a tudo o mais e a tornou disposta a submeter-se a tudo. (Ver 2 Coríntios 5.14.)

JUÍZES 12.1-15

Nos Vaus de Efraim. Nessa segunda guerra, Jefté mostrou o mesmo espírito conciliatório que mostrara para com Amom. Antes de entrar no conflito ele parou, sensível e cortemente. Muitos cristãos são menos cristãos do que esse homem. Eles ignoram a séria ordenança de Cristo (Mt 18.15). Efraim agira de maneira igual com Gideão (8.1). Em ambos os casos, essa tribo quisera manter sua primazia sem o sacrifício que a liderança envolve; e tinham ficado irados pelo fato de o livramento ter surgido de outra fonte. Liderança não se herda, conquista-se. Efraim, portanto, estava errado; e, quando suas tropas, que tinham atravessado o Jordão em Gileade, foram repelidas, sobreveio-lhes o morticínio no vau como um castigo nacional. A diferença na pronúncia de uma letra em sua fala os identificava. Infelizmente, já houve cristãos que, por muito menos, martirizaram irmãos seus.

Jefté morreu pouco depois. Provavelmente não morreu de velhice, nem da violência da guerra, mas de um profundo desgosto. A doce voz de sua filha estava sempre chamando por ele. Mas o Espírito de Deus escreveu em sua placa comemorativa: “Pela fé Jefté”.

JUÍZES 13.1-14

A Promessa de um Paladino Nazireu. O segredo da força de Sansão era um enigma para os seus contemporâneos. Nem Dalila conseguiu explicá-lo (16.5,6). Estava claro, então, que ela não provinha de uma alta estatura, nem de peitos e braços vigorosos, nem de um desenvolvimento muscular. Ela era devida,

como explica Hebreus 11.32, à sua fé, que abria sua natureza ao Espírito de Deus. (Ver Juízes 14.6,19; 15.14.) Mas a fé está sempre na proporção direta da consagração. A alma não pode seguir em duas direções, nem servir a dois senhores; e, se ela busca energias no Deus eterno, deve-se exercer uma severa disciplina nos controles dos sentidos.

Era essa a intenção do voto de nazireu, que, geralmente, se fazia por um período limitado, mas, que no caso dele, foi por toda a vida. Suas três exigências estão apresentadas em Números 6.4-9. A medicina moderna tem dado grande ênfase à necessidade de as mães fazerem um regime cuidadoso. Que bênção seria se, não somente as mães, mas também os pais e todos os que exercem influência sobre a vida dos jovens e crianças, por amor de Cristo e dos filhos, se abstivessem do álcool! Será que isso é um preço alto demais para o amor pagar? (Ver Marcos 9.42.)

JUÍZES 13.15-25

A Promessa Cumprida. A esposa de Manoá, com admirável tato, confortou o marido. Quantas vezes, nos diversos estágios da vida, suas palavras chegam até nós! O fato de que Deus continua a abençoar e a usar, a responder orações e a proporcionar revelações de si mesmo, pode ser citado como uma razão para crermos que ele não nos abandonou. Será que ele iria conceder-nos essas coisas para depois nos matar? Seu amor revelado em épocas passadas nos proíbe de pensar assim.

Sansão significa “ensolarado”. Um rapaz feliz, risonho, com sua exuberante coroa de cabelos longos — é de admirar que os soldados da guarnição, situada na fronteira de Dã, o acolhessem com alegria? E o Espírito de Deus começou a tanger sua jovem alma como o menestrel tange sua harpa. Tal é a tradução literal de “começou a incitá-lo”. Oh! Como são felizes aqueles cuja natureza permanece aberta ao toque de Deus, de modo que o menor movimento provoca uma reação pronta e alegre! Como a harpa eólia responderá ao beijo de uma brisa suave ou ao gemido da tempestade que se aproxima,

assim seja nosso coração e vida. Assim também nossa influência inconsciente pode transformar-se em cânticos sem palavras.

JUÍZES 14.1-14

Um Moço Voluntarioso. Timna ficava justamente na fronteira com a nação filistéia. Foi um mau casamento, e deu início a muitas dificuldades. Todo cuidado que os jovens tiverem na questão do namoro ainda será pouco. É preciso orar antes que o coração se prenda a alguém. É bom aconselhar-se com os pais e amigos. Mas seja qual for a escolha, o jovem deve casar-se somente “no Senhor”. Para um crente, casar-se com alguém que é destituído da vida divina, não somente implica em afrontar a lei de Cristo, mas também em arriscar-se à infelicidade e à discórdia eterna. É impossível ter perfeita comunhão com alguém que não está de acordo conosco no que há de mais profundo em nossa natureza (1 Co 7.39).

Esse leão novo, no caminho entre as vinhas, parece ter sido o meio de despertar Sansão para buscar aquela força divina latente nele, à espera desse apelo, mas, que até aquele momento, não fora descoberta. Será que não tem sido necessário que um leão ruja para nós, constrangendo-nos a voltar para Deus, e compelindo-nos a valer-nos daqueles infinitos recursos que existem no sempiterno Salvador?

JUÍZES 14.15-15.8

Em Más Companhias. Pela experiência de Sansão, temos uma forte confirmação da infelicidade de um casamento misto. Essa esposa filistéia não tinha um resquício de verdadeiro amor por ele, e era influenciada mais prontamente por sua própria gente do que pelo marido. Como poderia participar do anseio dele de emancipar Israel? Para levar avante o seu objetivo vital de libertar seu povo, ele teve de romper com ela. Observemos como esta pobre esposa recebeu exatamente o castigo do qual esperava salvar-se por meio da traição. (Comparar 14.15 e 15.6.)

O enigma de Sansão está sendo

constantemente confirmado. Todos nós temos nossos encontros com leões. Felizes seremos se os rasgarmos pelo poder do Espírito Santo! E, não estamos sempre constatando que a própria tristeza, provação ou tentação que mais temíamos e que ameaçavam destruir-nos, resultaram em força e doçura, em alimento e mel que acabaram por enriquecer-nos? Sansão repartiu-o com a mãe e o pai. Jamais guardemos só para nós as lições e resultados gloriosos que tenhamos conquistado em lutas e tristezas e que somente o olhar divino tenha testemunhado. Que os demais participem de tais benefícios.

JUÍZES 15.9-20

Poderoso Contra o Inimigo. A que baixaza haviam descido os homens de Judá, que os tornava capazes de entregar seu paladino aos seus eternos inimigos. As tribos do norte, que haviam-se levantado ao chamado de Gideão, criticaram traição tão covarde. Há coisas piores que a derrota ou a morte. Perder a honra, negar-se ao cumprimento do dever, desatender ao apelo supremo da amizade e da lealdade — tais são os crimes que rebaixam a alma e atraem a desgraça. Qual será o proveito de ganharmos o mundo inteiro, se perdermos a nossa alma?

Como é inspirador o pensamento de que o Espírito do Senhor possa vir dessa “maneira” sobre nós também! Não há limite para suas benditas e irresistíveis operações, a não ser o que é imposto pela estreiteza de nossa fé. Observemos como Paulo chega a parecer redundante em suas palavras em Efésios 1.19. Sejam quais forem as cordas dos maus hábitos, trançadas através de longos anos, e por mais emaranhada que esteja nossa situação, o poder de Deus em nós pode libertar-nos. Sim, e isso não é tudo. No lugar onde alcançamos a vitória, brotará aquela fonte de água que é alimentada do trono de Deus; e a alma, exaurida pelo esforço, beberá e se reanimará. Senhor, leva-nos a beber assim!

JUÍZES 16.1-14

Brincando com o Inimigo. Três mulheres, uma após outra, derrotaram Sansão.

Se uma só mulher digna pudesse tê-lo influenciado, como Débora fez com Baraque, como a história dele seria diferente. Os que estão em evidência na esfera espiritual devem guardar sua natureza para que não se incline para o lado oposto, sensual.

Está claro que a força de Sansão não residia numa estatura gigantesca nem em possantes músculos, senão Dalila não teria precisado perguntar seu segredo. Ele perdeu a força, não meramente porque a navalha removera seus cabelos até então longos, que, em lustrosos cachos jaziam aos pés de sua tentadora, mas porque ele se rendera à sedutora astúcia dela. Poderíamos supor que uma ou duas daquelas vergonhosas traições dela teriam sido suficientes para alertá-lo e levá-lo a fugir do local, como fez José (Gn 39.12). Mas Sansão deixou-se ficar, como a mariposa que parece incapaz de resistir à fascinação da chama, embora já tenha chamuscado as asas nela (Pv 1.10-19). Sempre existe um meio de fuga, mas é preciso que o utilizemos com presteza (Gn 19.17-22).

JUÍZES 16.15-31

Morrendo com os Filisteus. Pode ser que a navalha já tenha cortado a união de alguém com Cristo. Se não estivermos em união viva com ele, seremos cortados como os galhos da videira, e secaremos. Isso é muito mau, mas ainda é pior quando não temos consciência disso. (Ver Oséias 7.9.)

Podemos até ficar cegos, e ser presos, todavia, também para nós o cabelo que foi cortado pode começar a crescer de novo. A fé e o amor antigos, a antiga consagração e submissão, o antigo poder para com Deus e para com o homem podem voltar. Não dê as costas a Deus, meu irmão arrependido, pois ele quer restaurá-lo à comunhão do seu poder. “Ele odeia o repúdio.” (Mt 2.16.) (Ver Isaías 50.1.) Faça subir do seu coração entristecido, a mesma oração de Sansão! Mas não peça para ser fortalecido apenas essa vez. Deus o fará, não apenas uma vez, mas muitas vezes, bastando que confie totalmente nele (2 Rs 13.19). E não peça para morrer; creia que a vida voltará a ser brilhante, forte e vitoriosa.

O LIVRO DE
RUTE

A Origem da Casa de Davi



1. A ESTADA DE ELIMELEQUE E SUA FAMÍLIA EM MOABE 1.1-5.
2. A VOLTA DE NOEMI, ACOMPANHADA DE RUTE 1.6-22.
3. RUTE RESPIGA NO CAMPO DE BOAZ 2.
4. RUTE SE IDENTIFICA PARA SEU PARENTE 3.
5. O CASAMENTO DE RUTE E BOAZ 4.1-12.
6. A LINHAGEM DE DAVI 4.13-22.

INTRODUÇÃO

Percebe-se pela introdução que esse delicado romance está relacionado com o livro de Juízes do qual, ao que tudo indica, é um suplemento. Evidentemente foi escrito após o estabelecimento da monarquia. Sua autoria foi atribuída ao profeta Samuel, e é fácil compreender o interesse especial com que ele narraria as origens da família do moço que ele tinha ungido como futuro rei.

Está claro, entretanto, em vista da necessidade de explicar um costume que se tornara obsoleto, que os acontecimentos narrados se deram por ocasião do início do estabelecimento de Israel na terra da promessa, e, provavelmente, antes de Gideão ser juiz. A história apresenta uma admirável descrição da simplicidade e beleza da vida doméstica daqueles primeiros anos; e nos ensina, ainda, que jamais devemos desesperar, porque por meios que desconhecemos, Deus está extraindo bênçãos dos males que nos sobrevêm, e o brilho do sol, de um céu escuro e nebuloso.

COMENTÁRIO

RUTE 1.1-14

De Volta a Belém. Sair de Belém foi um erro para Elimeleque e sua família; Deus lhes teria enviado pão. O caminho se tornou mais e mais escuro. Malon significa “aperto” e Quiliom “aniquilação”. Três sepulturas numa terra estranha! Todo o riso e esperança que tinham dado a Noemi seu nome de “deleite” tinham-se transformado em tristeza; ela desejava rever o querido povoado de sua infância e de sua vida de recém-casada, e beber a água do poço (2 Sm 23.15). É assim que os exilados voltam a Deus. A fascinação de Moabe torna-se insípida, suas cisternas estão rotas e não retêm a água. (Ver o Salmo 63.)

As duas moças subiram a estrada com Noemi, até chegarem a um ponto de onde se avistava Moabe pela última vez. Ali, Noemi dirigiu-lhes essas palavras notáveis, insistindo com suas noras a voltarem. Foi um discurso repassado de ternura e autonegação, e tocou as cordas de tristes lembranças e profunda emoção. Mas a nota mais triste

não foi a recordação do passado já morto; foi a sensação de que a mão do Senhor fora contra ela. Não, amados, essa mão está empenhada em fazer com que todas as coisas cooperem para o bem. Daqui a alguns meses sua tristeza estará mudada em alegria (4.16).

RUTE 1.15-22

A Inflexível Decisão do Amor. Essa moça viria a ser uma ancestral de Davi e pertencer à linhagem ascendente do Senhor. Embora fosse moabita por nascimento, Rute estava destinada à elevada honra de introduzir um elemento novo na raça hebréia que iria enriquecê-la e, através dela, o mundo. Na verdade, podemos perceber em suas nobres e belas palavras, um prenúncio dos Salmos, que vêm sendo cantados através dos tempos. Mas como é dura a disciplina por que têm de passar os que são chamados para as tarefas mais importantes! A morte do marido pouco depois do casamento, a angústia de Noemi, a separação do seu próprio povo, a solidão de uma terra estrangeira — fazem parte do alto preço que Rute pagou.

E não podemos deixar de dizer alguma coisa acerca da sogra. Foi por causa dela que Rute se sentiu inspirada a dar-se a si mesma de forma suprema. Ela nunca vira uma alma sofredora comportar-se de forma tão heróica. Sentiu que na fé dos hebreus havia alguma coisa que o deus Camos jamais transmitira ao seu povo; e desejou possuir algumas daquelas radiosas expressões que transpareciam no rosto cansado de Noemi. Há muitas pessoas observando nossa conduta; mais do que pensamos. Procuremos atraí-las para Jesus!

RUTE 2.1-13

Respigando Atrás dos Segadores. Foi em grande desolação de alma que Noemi voltou. Já não era a mulher feliz de outros tempos. Rute também deve ter experimentado a depressão da nostalgia, que, muitas vezes, invade o coração do estrangeiro. Mas as duas mulheres encontraram refrigério onde corações tristes sempre o encontram, primeiro em Deus, e depois no consolo recíproco (2 Co 1.4; 7.6). De fato, a devoção de Rute à sua sogra se tornou o assunto das conversas do povoado (v. 11).

Notemos a amável saudação dos tempos antigos trocada entre o empregador e seus empregados. A omissão dessa saudação cortês é um dos erros de nossa civilização moderna. Vivemos uma época em que as relações entre patrão e servidor, entre patroa e empregada, estão estranhamente alteradas, baseando-se, mais das vezes, no aspecto financeiro e egoísta. Cada um procura obter o máximo que pode do outro e, assim, o relacionamento pessoal desaparece. Não é para se admirar que a máquina humana às vezes funcione mal e até "se quebre". Mas está claro que Boaz era um bom homem. Ele conquistara o respeito de toda a vizinhança, e suas ternas palavras à moça estrangeira, saudando-a como a um pintainho que se refugia sob as asas de Jeová, indicavam que ele habitava "no esconderijo do Altíssimo".

RUTE 2.14-23

Bondade Para com o Estrangeiro. Desde os tempos do Êxodo referências amáveis e gentis são feitas aos estrangeiros que estão dentro das portas (Dt 5.14; 10.19).

Essas disposições acharam um bom praticante em Boaz. Nós, que vivemos num nível superior no que diz respeito ao conhecimento de Deus, devemos ter o cuidado de superar os antigos hebreus na demonstração de atencioso respeito para com os solitários e desamparados! Certa vez, uma mulher entristecida, cujo marido sofrera um acidente, disse a um visitante enviado por Deus para confortá-la: "Pensei que ninguém estava-se importando conosco". Como fez Boaz, é nossa obrigação falarmos bondosamente a pessoas nessas condições, sejam ou não parentes nossos, e quem pode calcular quanto bem nossas palavras irão fazer a outros!

No versículo 20, temos um vislumbre da alma de Noemi. Tem-se a impressão de que ela tinha chegado à conclusão de que Deus a havia esquecido e abandonado. Mas, quando Rute repetiu as palavras de Boaz, o amor humano reacendeu sua fé no amor de Deus. Ela começou a perceber o plano de Deus tomando forma. O arco-íris encheu de cores a nuvem das suas lágrimas. Quantas oportunidades se nos apresentam, diariamente, de comunicarmos a consciência da presença de Deus a vidas cansadas e sobrecarregadas!

RUTE 3.1-18

"A Função de um Resgatador." De acordo com a antiga lei mosaica, Rute já estava casada com Boaz, na suposição de que ele fosse o parente mais chegado. Evidentemente Noemi não tinha conhecimento de que havia outro resgatador mais próximo do que ele. (Comparar 2.20; 3.12; Deuteronômio 25.5-10.) Portanto, não havia atrevimento nas sugestões de Noemi, embora elas sejam estranhas aos nossos costumes modernos. Mas está claro que Boaz agiu com admirável comedimento. Mostrou zeloso cuidado pela preservação do bom nome da moça que se pusera debaixo de sua proteção (vv. 11,14). Ao lado da graça de Deus, um pensamento que nos ajuda na hora de uma provação é o de pormos os interesses dos outros antes dos nossos. Amar ao próximo, em última análise, é amar a nós mesmos.

Que confiança essas duas mulheres depositaram em Boaz! As palavras com que Noemi encerrou sua conversa suge-

rem um caráter perfeitamente confiável. Sua palavra era seu aval. Ele estava disposto, decidido e pronto a pôr em execução qualquer medida à qual estivesse comprometido. Nossa procrastinação cansa aquele que confia em nós. Concluamos prontamente tudo que empreendemos! "No zelo não sejais remissos; sede fervorosos no espírito." Lembremos nos disso: quando confiarmos alguma coisa a Cristo, ele também não descansará enquanto não a houver terminado.

RUTE 4.1-22

Na Linhagem de Davi. Temos aqui acesso a uma cena do mundo antigo. A memória dos homens durava mais e era mais firme do que a nossa; e, o que era feito publicamente na porta, o lugar de concorrência pública, tornava-se irrevogavelmente permanente. A transferência do

calçado indicava a posição inferior da mulher, embora fosse ela mais honrada em Israel do que nas nações vizinhas.

Que final feliz! A respigadora nunca mais precisará trilhar os campos, seguindo as pegadas dos segadores. Todas aquelas extensas terras eram dela, já que se tornara um com o proprietário. Quando nós somos um com Cristo, não mais nos esforçamos pela nossa redenção; mas, sendo remidos, apresentamos frutos a Deus (Rm 7.4). Desce a cortina sobre um grupo feliz. O pequenino bebê está no colo de Noemi. Aquelas mulheres que haviam caminhado juntas pelo vale da sombra da morte, agora estão juntas, banhadas de luz no alto da montanha. Deus muda o pranto em alegria (Sl 30.11). E nós, gentios, aprendamos que também temos parte em Cristo. Nele não há judeu nem grego (Cl 3.11).

O PRIMEIRO LIVRO DE
SAMUEL
O Estabelecimento da Monarquia



1. DO NASCIMENTO DE SAMUEL À UNÇÃO DE SAUL 1-8.
 - a. A oração de Ana e a resposta 1.
 - b. A consagração de Samuel a Jeová 2.1-21.
 - c. A má conduta dos filhos de Eli 2.22-36.
 - d. A punição deles é revelada a Samuel 3.
 - e. A morte de Eli e seus filhos; a Arca é tomada 4.
 - f. A estada da Arca na Filístia 5.
 - g. O retorno da Arca a Israel 6-7.
 - h. O povo pede um rei 8.

2. DA UNÇÃO DE SAUL À UNÇÃO DE DAVI 9-15.
 - a. O encontro de Saul e Samuel 9.
 - b. Samuel unge Saul rei de Israel 10.1-16
 - c. Saul é proclamado rei pelo povo 10.17-27.
 - d. Saul resgata Jabes-Gileade dos amonitas 11.
 - e. O discurso de despedida de Samuel 12.
 - f. As guerras de Saul contra os filisteus 13-14.
 - g. Saul não extermina os amalequitas; sua rejeição 15.

3. DA UNÇÃO DE DAVI À MORTE DE SAUL 16-31.
 - a. Samuel unge Davi para suceder Saul 16.
 - b. A vitória de Davi sobre Goliás 17.
 - c. A amizade de Davi e Jônatas 18-20.
 - d. Saul persegue Davi para matá-lo 21-26.
 - e. Davi passa para os filisteus 27.
 - f. Saul consulta a médium de En-Dor 28.
 - g. Davi se retira da Filístia e vence os amalequitas 29-30.
 - h. A última batalha de Saul contra os filisteus 31.

INTRODUÇÃO

Originalmente, no hebraico, os dois livros de Samuel eram um só. A divisão se fez necessária quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, visto que o espaço tomado pela escrita nessa língua tornava impraticável escrever o livro inteiro em apenas um rolo.

A autoria desses livros não pode ser determinada com exatidão, mas há abundantes evidências de que eles são um conjunto de relatos de testemunhas oculares. Alguns dos mais proeminentes personagens dos acontecimentos neles descritos são mencionados como escritores (1 Cr 29.29).

O Primeiro Livro de Samuel registra o surgimento de uma nova ordem política e espiritual representada pelos reis e profetas. O estabelecimento da monarquia, tendo Saul como primeiro rei, é um evento memorável no desenvolvimento da vida nacional de Israel.

De igual importância é o aparecimento da "escola de profetas", sob a liderança de Samuel. Vemos nessas instituições o início do movimento que tornou Israel espiritualmente supremo entre as nações.

COMENTÁRIO

1 SAMUEL 1.1-11

A Oração e o Voto de Ana. Elcana era, evidentemente, um bom esposo para Ana, mas com o relaxamento geral da moral, o casamento deteriorara, e os amargos efeitos da poligamia estão aqui ilustrados. Como Ana era amada de um modo especial, Penina a odiava.

A grande tristeza de Ana, ser uma mulher estéril, levou-a a buscar a Deus. Nele, ela encontrou seu único socorro. Quando nosso coração está prestes a romper-se, o que mais podemos fazer senão derramar nossa queixa diante daquele que está sempre pronto a ouvir nosso clamor? Nós podemos confiar a Deus os nossos segredos; nossa confiança para ele é sagrada. O amor de Elcana pode ser muito precioso, mas, na maior parte do tempo, temos que pisar as uvas no lagar sozinhos. Depois de termos comido e bebido juntamente com nossos amigos de tal maneira que eles nem sequer imaginam o que se passa dentro de nós, precisamos encontrar um ponto onde possamos relaxar e abrir as comportas da tris-

teza. E que lugar melhor que o propiciatório? Não precisamos fazer votos pensando em subornar Deus para que nos socorra. As dádivas de seu amor são mais abençoadas para ele que as dá do que para nós que as recebemos. Mas, simplesmente por amor a Deus podemos votar o que quisermos.

1 SAMUEL 1.12-28

A Criança é Consagrada a Deus. Eis aqui um encantador modelo da comunhão íntima com Deus, e seus resultados. Muitos iam e vinham no pátio do tabernáculo. Não era o melhor lugar para uma oração particular ou pessoal; e essa triste mulher não tinha condições de proferir petições audíveis, por isso falava consigo mesma. Todos podemos agir desse modo no meio das multidões que passam alegremente junto de nós em seu caminhar despreocupado. Não nos desanimemos pelo cansaço. "Demorando-se ela no orar perante o Senhor." As pessoas podem nos interpretar mal e censurar-nos. Os Elis que julgam superficialmente podem chegar a conclusões apressadas, mas continue-

mos orando! Continuemos orando, mesmo que a oração pareça impossível de ser atendida! Continuemos orando, embora o coração e a carne falhem! Continuemos orando, porque Deus ainda levantará o pobre do pó e o necessitado do monturo! E depois que tivermos entregado nossa causa a Deus, podemos ir em paz e não ficarmos mais tristes.

“Lembrando-se dela o Senhor.” Claro que lembrou. Ele nos tem gravado nas palmas de suas mãos, e os arruinados muros de nossa paz estão sempre diante dele. A hora virá quando, como Ana, nós estaremos de volta ao ponto onde a oração foi feita, para confessar que Deus atendeu à petição que lhe fizemos. Deus não pode falhar, e suas dádivas são mais doces e mais seguras quando seus filhos as devolvem a eles.

1 SAMUEL 2.1-11

O Deus dos Humildes. O cântico de Ana estava destinado a inspirar Davi, a Virgem Mãe, e muitos outros a cantarem hinos de louvor. Assim também o canto de um só pássaro influencia outros e deixa a floresta inteira ressoando com a música de um coro emplumado. Nós também cantaremos um dia! Deus transformará em vinho de alegria as águas de nossas lágrimas que enchem as jarras até às bordas. Você também, meu amigo, tirará, algum dia, sua harpa dos salgueiros, e extrairá dela a música que irá pelo mundo fazendo vibrar o coração dos tristes.

Como esse cântico está cheio de Deus! O coração transbordante atribui seu êxtase à Rocha eterna. Ele salva; ele é santo; ele sabe; ele pesa; ele mata e faz viver; ele faz descer à sepultura e faz subir; ele honra a confiança que depositamos nele. Nós não prevalecemos pela força, mas pela entrega pessoal a ele. Deus responde às nossas orações completamente. As dádivas que vêm de cima são boas e perfeitas. Mãe enlutada, seu filhinho continua sendo seu, embora longe de seus olhos! Procure pensar no seu ente querido como se estivesse ministrando ao Senhor no templo eterno!

1 SAMUEL 2.12-21

Crescendo Diante do Senhor. Os filhos de Eli não somente desconheciam o poder da religião no coração, mas tinham-se entregado extensamente à devassidão. Eles estavam-se apoderando de uma porção do sacrifício maior do que a prescrita, e sua rapacidade fizera com que o povo detestasse os ritos sagrados. É terrível quando as inconsistências dos que se dizem cristãos levam os homens a detestar o culto de Cristo. O fim deles será muito doloroso. O Mestre diz que teria sido melhor que uma pedra de moinho lhes fosse pendurada ao pescoço; e não podemos deixar de pensar que uma concessão será dada, no fim, para aqueles que tropeçaram nessas pedras.

Com quanto amor e oração Ana deve ter-se aplicado à feitura daquela pequena túnica! Cada ponto era dado com santo orgulho maternal. Fora difícil separar-se do menino, mas, ao menos, podia fazer alguma coisa por ele. Como ele ficaria bonito usando-a! Como se sentia feliz pelo fato de que, a cada ano que passava, a túnica tinha de ser um pouquinho maior! Assim também os pais fazem as roupas que seus filhos usam. Os pequeninos, quase inconscientemente, vão vestindo o caráter que está sempre sendo exibido ante seus olhos vivos e curiosos.

1 SAMUEL 2.22-36

O Castigo por Desonrar a Deus. Eli foi responsabilizado pelos excessos cometidos por seus filhos. Ele era um velho manso e bondoso, mas há circunstâncias em que a mansidão e a bondade ficam deslocadas. Precisamos ser severos e firmes sempre que a ocasião o requer. É sempre necessário estar alerta, para evitar que a frouxidão e a fraqueza dominem, sob o disfarce de graça cristã. Além disso, ele podia ter usado medidas mais severas para reprimir seus filhos (3.13). Por isso, foi incluído na mensagem de condenação (vv. 27-36). Ele é considerado igual a seus filhos e reconhecido como cúmplice deles em seu pecado contra Deus (vv. 29,30).

Notemos a predição sobre o “sacer-

dote fiel” (vv. 35,36). Pode-se ver Samuel aí, numa primeira referência. Mas, além dele, surge a figura de Outro que vive sempre para interceder, e é expressamente designado como “fiel”. Eli e seus filhos moravam no templo, onde a santidade ardente de Deus estava refletida em todo o culto; mas parece que eles nunca ouviram o canto dos serafins, nem clamaram: “Ai de mim! Estou perdido!”, nem ter sentido a brasa viva em seus lábios (Is 6.5,7). Não brinquemos com os sagrados privilégios da casa de Deus! Se não deixarmos que nos edifiquem, seremos condenados por eles.

1 SAMUEL 3.1-9

“*Fala, Senhor, Porque o Teu Servo Ouve.*” Quando voltamos a ler esse texto tão conhecido em pensamento, voltamos ao cenário querido de nossa infância, ao lar que tão bem recordamos e à voz da mamãe, talvez já silenciada. Essa história, que tanto apreciávamos, dificilmente se torna menos querida agora, avançados que estamos no caminho rumo ao lar de além.

A lâmpada de luz mortíça do tabernáculo, a indefinida aurora, o silêncio e a reverência do Santo Lugar estavam em perfeita harmonia com o ouvido atento e o coração aberto do rapaz. O tapete ou divã em que ele estava deitado não era por demais humilde para que o Deus eterno o visitasse. Baixando do seu elevado céu, ele veio, e se deitou perto dele, e o chamou. Ele não ficou irado pelo fato de a criança não haver entendido; nem encerrou a entrevista irritado com a demora, e com o fato de não haver sido reconhecido. Ele sabia que, assim que Samuel compreendesse, seu coração ficaria ansioso para atender ao chamado. Todos nós temos desconhecimentos e enganamentos. Em nossa confusão corremos para aqui e para ali. É melhor ficar quieto, ainda que o coração palpite e a atenção esteja alerta, até que ouçamos de novo a batida na porta.

1 SAMUEL 3.10-21

Uma Mensagem por Meio de Uma Criança. A incumbência que o jovem recebera era pesada. Lembrar a Eli o vergonhoso

pecado de seus filhos; reprová-lo por sua negligência; anunciar um castigo que nenhum sacrifício poderia evitar — tudo isso era tão doloroso que Samuel parece ter-se deitado e ficado com os olhos abertos até o dia raiar. Então, parece que ele foi, calmamente, atender aos seus deveres diários, como se ainda não estivesse disposto a perturbar a calma serenidade da velhice. Tem-se a impressão de que Samuel percebia a rejeição implícita de Eli e sua família, já que fora ele, e não Eli, quem havia recebido a mensagem divina.

A delicadeza de Samuel em tentar proteger a sensibilidade de Eli é tão bela quanto a resignação do ancião ao ouvir a terrível revelação do castigo; e, em muitas horas de provação, posteriormente, ele deve ter-se lembrado da reverente expressão de submissão de Eli: “É o Senhor; faça o que bem lhe aprouver”. O segredo de uma vida abençoada é dizer “Sim” a Deus, e, como um filho, receber a disciplina de sua providência corretiva e purificadora (Hb 12.7).

1 SAMUEL 4.1-11

Confiando na Arca, Não em Deus. As condições contra a casa de Eli estavam começando a cumprir-se. Era oportuno que Israel promovesse uma investigação para inteirar-se das causas da derrota. Esse é sempre o primeiro passo rumo à vitória. Não havia dúvida quanto à validade da antiga aliança de Deus com Israel; a única questão era verificar o que, de repente, neutralizara aquela divina assistência que nunca faltara em tempos anteriores. Essa interrupção muitas vezes indica que aconteceu alguma coisa que suprimiu o socorro salvador de Deus.

Nesse caso, no entanto, Israel não procedeu a uma investigação na presença de Deus, antes se empenhou em suprir a falta do auxílio divino promovendo a introdução do símbolo da aliança. “Tragamos a arca!” gritaram eles. Eles supunham que, de algum modo, misteriosamente, ela traria Deus ao arraial deles e o tornaria aliado de suas armas. Isso era o mesmo que um bandido violar as leis de Deus e dos homens esperando que um amuleto

ou um encantamento preservasse sua vida. Essa concepção errônea do relacionamento dos israelitas com Deus tinha de ser corrigida; e, assim, ocorreu a derrota. Nossa única segurança baseia-se não em atos ou sinais externos, mas numa simples, sincera e inquebrantável comunhão com Deus. Só assim nos tornamos invencíveis.

1 SAMUEL 4.12-22

Foi-se a Glória de Israel. Não obstante as grandes esperanças dos exércitos de Israel, o desastre surpreendeu-os de novo. Os símbolos de Deus não os ajudarão enquanto não tivermos jogado fora nossos ídolos e colocado o coração aberto diante dele.

A má notícia se espalhou rapidamente pela terra levando desalento a todo lugar. A morte de Eli e a de sua nora foram bastante tristes, mas, em cada caso, houve um belo toque de verdadeira devoção à santa causa de Deus. O velho somente sucumbiu depois que o mensageiro falou da captura da arca; enquanto a mãe, não pôde voltar a si do sono mortal, nem pelo choro de seu filho, porque, com a arca, fora-se a glória de seu povo. Será que não podemos todos orar para sermos de modo igual devotados à causa de Jesus Cristo, de modo que suas vitórias ou seus obstáculos nos toquem profundamente? A glória de nossa vida, como a da Igreja, deveria consistir na posse, não do símbolo, mas da presença real do Senhor, reconhecida, reverenciada, amada e entronizada em nossas mais ternas emoções.

1 SAMUEL 5.1-12

A Arca Tomada Traz Perturbação. A queda de Dagom diante da Arca de Deus tem um significado sublime. À tarde, quando os sacerdotes deixaram o templo, a hedionda imagem estava aprumada e firme no seu pedestal; pela manhã foi encontrada caída diante do símbolo sagrado. A repetição do incidente provou que não fora coincidência. Assim será com todos os símbolos dos pagãos. Eles serão totalmente abolidos, e os demônios, dos quais são grotescas representações, juntamente com o diabo a quem obedecem, serão lan-

çados no "abismo" (Ap 20.3). Assim já tem acontecido em muitos países. Eles lançaram "às toupeiras e aos morcegos os seus ídolos" (Is 2.20).

Deixemos que essa cena se reproduza em nosso coração! Deixemos Jesus entrar, e os ídolos mais queridos que já tivemos cairão diante dele. A presença de Cristo, que traz horror aos seus inimigos, trará bênção e libertação aos que o amam. O ladrão, ao morrer, passa da sua cruz direto para o paraíso, enquanto Judas vai ao seu próprio lugar. Ousemos dar entrada ao Salvador no lugar secreto do nosso coração. Ele destruirá totalmente as obras de Satã, e expelirá as coisas más que há tanto tempo o vêm infestando.

1 SAMUEL 6.1-12

Restituída com Uma Oferta Pela Culpa. Há razão para supor que, quando os filisteus se apossaram da arca, destruíram Silo. (Ver Salmo 78.60,64; Jeremias 26.9.) Eles não conseguiram imaginar uma forma para livrar-se do símbolo sagrado, que só trouxera destruição em seu rastro, enquanto não consultaram os sacerdotes. Esses sacerdotes parecem bem informados acerca da história dos israelitas, embora séculos tivessem decorrido desde a passagem do mar Vermelho. Como os homens mostram ignorância em suas idéias acerca de Deus! Ele não é inimigo deles, mas do seu pecado.

Que notável ilustração constituem essas vacas berrando! O instinto maternal as impulsionava para junto de suas crias, detidas lá atrás; mas elas foram forçadas a seguir em frente movidas por um impulso sobrenatural. Assim também, o missionário pode deixar esposa e filho, para levar o evangelho aos pagãos; assim o assistente social que trabalha em favelas pode abandonar tudo que o que aos outros é caro de maneira a transformar algum distrito miserável em uma cidade de Deus. Nosso coração fraco procura deter-nos, mas o amor de Cristo nos constrange, e nós vamos em frente, impulsionados por uma forte e divina motivação.

1 SAMUEL 6.13-21; 7.1-4

A Precipitação é Punida; a Reverência, Abençoada. O novo carro, com sua pre-

ciosa carga, deve ter surgido aos olhos dos homens de Bete-Semes como uma aparição. A arca foi recebida por eles, depois dos sete meses de ausência, com grande alegria. Mas, um privilégio sempre acarreta em responsabilidade; sua leviana curiosidade e irreverência não podiam ser toleradas. A reverência para com Deus exigia a mais cuidadosa conduta em relação à arca de sua Presença, e, faltando esta, seguiu-se um castigo imediato. (Ver Números 1.50,51; 4.5,16-30.)

É interessante observar que, quando os israelitas ficaram separados da arca, o coração deles dirigia lamentações "ao Senhor" (7.2). Não podemos ser permanentemente felizes sem Deus. Os períodos de apatia e descrença, mais cedo ou mais tarde, devem dar lugar à fé e ao amor, assim como o frio do inverno se rende ao toque da primavera. Nesse caso, o avivamento se deveu ao trabalho paciente e eficiente esforço de Samuel, que instou com o povo a remover drasticamente os ídolos de Canaã que os tinham afastado de Deus, como as nuvens escondem o sol.

1 SAMUEL 7.5-17

Guiando a Nação nos Caminhos de Deus. Aprendemos aqui os passos sucessivos que devem ser tomados para experimentar-nos um reavivamento, seja para a Igreja ou para o indivíduo. (1) *Unidade.* Todo o Israel se congregou ali. As divisões e os ciúmes dos anos precedentes foram postos de lado. (2) *Confissão.* Os israelitas derramaram o coração perante o Senhor. (3) *O abandono dos falsos deuses.* Eles "tiraram dentre si os Baalins e os Astarotes, e serviram só ao Senhor" (7.4). (4) *Oração intercessória.* A única condição para avivamento é o retorno à oração. "Não ceses de clamar ao Senhor nosso Deus por nós." (5) *Total rendição,* como ficou demonstrado no holocausto de Samuel. Rende-te a Deus e os filisteus serão desbaratados, e tu erguerás teu Ebenézer.

E Israel comprovou isso. Houve evidência imediata de que Deus os tinha aceitado. Fenômenos naturais lutaram a favor deles. O mesmo ponto que fora

cenário de derrota se transformou em cenário de gloriosa vitória. (Comparar 4.1 e 7.12.) Aqui está um grande estímulo para nós, porque em alguns pontos de nossa vivência fomos derrotados; mas quando as barreiras que interceptam o socorro divino forem derubadas, nós nos tornaremos mais do que vencedores nesses mesmos pontos.

1 SAMUEL 8.1-9

Procurando um Rei Como Outras Nações. O pecado que, quando garoto, Samuel condenara em Eli, reapareceu em sua própria família e solapou sua influência. Os nomes dos filhos de Samuel lembram a espiritualidade pessoal do profeta — "Jeová é Deus" e "Jeová é meu Pai". Mas, infelizmente eles deixaram de andar nas pisadas do pai! Foi um erro delegar autoridade a homens cujo caráter era corrupto. Isso intensificou o anseio de Israel de ter um rei. Eles não deram o devido valor à forte e gloriosa condição de nação teocrática, isto é, governada diretamente por Deus, e desejaram ser como outras nações. Isso por fim os levou à ruína. Não nos deixemos conformar com o mundo, ou acabaremos participando de sua condenação bem como de seu castigo (Os 13.9-11).

Samuel sentiu profundamente a rejeição, mas, por fim, tomou a única e acertada decisão de colocar toda a questão perante o Senhor. Isso é um bom exemplo! Quando nosso coração está arrasado, quando estamos cercados de dificuldades, quando os homens se levantam contra nós e nos tratam com crueldade, lancemos nossa tribulação sobre o Senhor e Salvador que se identificou conosco. Digamos-lhe tudo, ainda que nosso coração esteja por demais abatido para isso. "Certamente se compadecerá de ti, à voz do teu clamor." (Is 30.19.)

1 SAMUEL 8.10-22

Rejeitando a Advertência do Profeta. O povo havia pedido a Samuel para clamar a Deus em seu favor; e agora o vemos andar de um lado para outro entre o povo e Deus, como um verdadeiro mediador e intercessor. "Referiu Samuel todas as palavras do Senhor

ao povo" (v. 10); e "ele as repetiu [todas as palavras do povo] perante o Senhor" (v. 21). (Ver também o versículo 22.) Samuel é apropriadamente citado no livro de Salmos como um que invocava o nome de Deus (Sl 99.6). Que poderosa influência podemos exercer sobre uma nação ou um indivíduo se orarmos com fervor e persistência! Nós não podemos dispensar nossos estadistas, mas nossos profetas — os Samuelis e os Elias — são os mais eficientes carros e cavaleiros de proteção (2 Rs 2.12).

O povo não conseguiu atender às graves e apropriadas palavras de Samuel. Limitaram-se a repetir seu pedido, e pouco depois provavam a amargura resultante de impor sua própria vontade a Deus. Eles *iam* ter um rei, e Deus atendeu ao desejo do coração deles, mas é bom ver Salmo 106.15. Tendo recebido a resposta de Deus, Samuel se dispôs, com todo o seu empenho, a resolver a questão, embora isso lhe custasse muito. Vem à nossa lembrança a bela resposta de João Batista em João 3.30,31. A vontade de Deus deve ser sempre a primeira e a suprema!

1 SAMUEL 9.1-14

Saul é Dirigido ao Encontro de Samuel. Como o povo exigia um rei, foi escolhido um que atendia à sua preferência, "moço e tão belo". Mas o rei, seguindo o próprio coração de Deus, seria selecionado por outras qualidades (16.7). Ao caráter de Saul faltavam elementos importantes. Sua ignorância acerca de Samuel foi surpreendente; mesmo seu servo estava mais bem informado que ele. Isso não sugeria um reinado muito promissor (Dn 11.32b).

Mas como se faria para que Saul e Samuel viessem a encontrar-se? Uma sucessão de acontecimentos triviais e comuns estabeleceu os elos dessa corrente elaborada por Deus. As jumentas extraviadas, a demorada procura, o temor de que Quis se preocupasse, a oportuna sugestão do servo e sua posse de umas poucas moedas que serviriam como apresentação, a saudação das moças que se dirigiam ao poço — parecem fatos acidentais. Em absoluto;

eles constituem atos providenciais! Todas as coisas cooperaram para executar o propósito de Deus. Nada é trivial demais para fazer parte do plano divino. Sigamos as indicações da vontade de Deus; elas nos levam ao lugar de honra, à porção posta de parte, e finalmente ao trono.

1 SAMUEL 9.15-27

O Profeta Encontra o Futuro Rei. Há algumas pessoas privilegiadas às quais Deus revela seus segredos (Sl 25.14; Jo 15.15). Desejemos, acima de tudo, uma comunhão habitual com Deus, na qual possamos falar com ele como um homem fala a um amigo. Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam; mas ele lhes revela por meio do seu Espírito. Mesmo quando Samuel encontrou Saul na rua, Deus continuou a orientar o profeta (v. 17). Sua comunhão com o Eterno era como um rio profundo; seu encontro com Saul era apenas uma folha deslizando na superfície dele.

O profeta não encontrou o moço como um rival. A vida vivida na presença de Deus está tão cheia de sua luz e de seu amor que não chega a ser perturbada pelas instáveis fantasias da multidão. Samuel se dispôs a ser rebaixado e a ver o outro exaltado, se Deus assim o desejasse (Fp 4.12). Quando estamos em perfeita sintonia com Deus, é bom deixar que ele nos envie a pessoa de sua escolha nos momentos de crise. "Amanhã... te enviarei um homem." Pode acontecer que ele venha por um motivo bem diferente, mas Deus nos dará orientação e discernimento de modo a estarmos preparados para recebê-lo e acolhê-lo.

1 SAMUEL 10.1-13

Ungido com Azeite e com o Espírito. Era ainda de madrugada, quando o profeta descreveu sucintamente para Saul os acontecimentos que deviam ocorrer naquele dia e nos subsequentes. O futuro rei ficou a par de todos eles, antes que acontecessem, e, em cada caso, ele devia agir como a ocasião exigisse. Assim

também o curso de nossa vida permanece aberto diante de Deus dia a dia. Ele planejou ou permitiu os incidentes que nos ocorrem, mas consente que escolhamos para cada um a resposta adequada. Se lhe perguntarmos como devemos agir, ele nos guiará com seu olhar; mas, infelizmente, é muito raro recorrermos a ele. Nós nos estribamos em nosso próprio entendimento e seguimos "os pendores e desejos de nosso próprio coração". Nós fomos "criados para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas". Em vez de querer descobrir o futuro, esperemos que ele no-lo desvende à medida que avançamos. Busquemos antes, com mais ansiedade, a bendita unção do Espírito Santo ao nascer do dia. Sua unção sagrada nos ensinará todas as coisas que precisamos saber. Nós também precisamos ter um coração puro, mudado, e um espírito justo, renovado (v. 9).

1 SAMUEL 10.14-27

O Povo Obtém o que Deseja. Samuel foi muito leal com o povo, lembrando-lhes uma vez mais seu condenável erro de querer um rei; e, na verdade, eles vieram a arrepender-se de sua escolha. Mas foi feito como eles queriam. Nós agiremos melhor se pedirmos a Deus que não nos dê o que tanto desejamos, a não ser que esteja de acordo com seus propósitos de amor e sabedoria. Nós já conhecemos o amor que Deus tem por nós, e nele temos crido. Algumas vezes *conhecemos* a sua vontade; em outras, temos de confiar nele cegamente.

A modestia de Saul foi muito louvável. Nesses primeiros dias, seu caráter possuía muitos traços belos, mas, como veremos, toda a música foi silenciada quando aquele terrível monstro, o cúme, entrou furtivamente em seu coração. Entre outras evidências de uma disposição naturalmente nobre estava sua determinação de não dar ouvidos às vozes detratórias que contestavam sua elevação ao trono. Notemos o versículo 27: "Saul se fez de surdo". Foi uma atitude sábia e magnânima. O mesmo sucede conosco. Quando estamos certos de que estamos dentro

dos propósitos de Deus, e, sinceramente, desejamos fazer a sua vontade, nós podemos ser surdos a todas as outras vozes. "Não te indignes por causa dos malfeitores." (Sl 37.1.)

1 SAMUEL 11.1-15

O Bom Começo do Novo Rei. Cem anos antes, os amonitas haviam sido derrotados por Jefté; agora estavam sitiando Jabes-Gileade. O socorro parecia impossível. Mas, quando o Espírito de Deus vem sobre um homem, o que é que esse homem não pode fazer! Essa foi a gloriosa experiência de Saul. Ele despertou o país, bem ao estilo dos chefes de clãs escoceses, com suas cruzes de fogo. Depois enviou uma mensagem de esperança à cidade aflita; e, por fim, ao romper a manhã sobre aquelas tranquilas pastagens, ele caiu sobre o arraial amonita com seu exército de libertação.

Será que não havia uma relação entre o prévio autodomínio de Saul e sua presente vitória? E essa relação não deve ser sempre observada? Cada um de nós precisa lutar contra a hereditariedade, o ambiente e o hábito; contra o ego dentro de nós, e Satanás fora. A medida do nosso sucesso corresponderá à medida de nossa capacidade de ajudar os outros. Para Jesus, o monte da tentação, no devido tempo, foi seguido pela libertação que ele operou no corpo e alma dos homens. Na hora da vitória, Saul foi levado ao trono. Seu sucesso foi a escada para a sua coroação. Nós nos lembramos de que, depois que o Senhor destruiu e dominou os nossos adversários, ele assentou-se à dextra do poder entre as aclamações do céu.

1 SAMUEL 12.1-13

A Última Mensagem de Samuel a Israel. Até mesmo o mais longo e mais útil serviço um dia chega ao fim. Antes de seu longo sono, Samuel fez uma declaração de sua fidelidade diante de Deus e do povo. O longo sono virá para todos nós, e felizes são os que, antes de repousar a cabeça no travesseiro da morte têm condições de estender as mãos e desnudar o coração diante da-

queles que conheceram e dizer: “Eles estão limpos”. O povo deu duplo testemunho à verdade do desafio de Samuel, e o velho profeta se sentiu confortado. Sim, Deus era testemunha, bem como o povo, de sua integridade absoluta. (Ver Atos 24.16.)

Depois Samuel faz ver àquela densa massa humana, o pecado que havia cometido ao exigir um rei, em vez de esperar um libertador enviado pelo céu. Mas nós estamos sujeitos ao mesmo erro. Olhamos o visível e esquecemos o invisível; esquecemos que o Cristo invisível está pronto para socorrer-nos, preparado para salvar-nos totalmente. Foi crendo assim que o apóstolo encontrou paz e firmeza permanentes. (Ver 2 Coríntios 1.10.) Depositamos nossa esperança naquele que já livrou e ainda livrará.

1 SAMUEL 12.14-25

A Advertência é Confirmada do Céu. Tendo passado seu ofício a Saul, que daí por diante iria pastorear e guiar o povo escolhido, Samuel lhes garantiu que o Senhor não os desampararia, “por causa do seu grande nome” (v. 22). Recolhamos essas palavras em nosso coração, e deixemos que ressoem como uma melodia de doce música em nossa memória! Podemos ter errado o alvo, perdido o rumo, e ter-nos desviado para longe do antigo ancoradouro, mas o amor de Deus não nos abandonou. Mesmo rejeitado, ele permanece; repellido, ele volta; e esbofeteado, ainda ele insiste. O nome de Deus — isto é, sua honra — está em jogo. (Ver Josué 7.9 e Isaias 48.9,11.)

Aterrorizados pelos trovões e pela chuva, fenômenos que se constituíam no endosso divino à fé de Samuel, o povo pediu ao profeta que continuasse em oração; e o idoso vidente assegurou-lhes que estaria pecando grandemente se parasse de orar por eles. Deixar de orar não é apenas uma evidência de uma natureza enfatuada e desmoralizada, mas é, em si mesmo, um pecado que requer confissão e purificação. Quando um coração é reto perante Deus, a oração brota, como uma fonte, das profundezas invisíveis.

1 SAMUEL 13.1-12

O Primeiro Ato de Loucura de Saul. Esse é o relato de uma grande tragédia! Foi o obscurecimento de um brilhante nascer do sol. Não há dúvida de que o rei foi submetido a um tremendo teste. Recebera orientação para esperar até que Samuel viesse antes de oferecer o sacrifício, porque, desde o princípio, ficara entendido que Saul estava no trono apenas como uma espécie de vice-rei indicado por Jeová. E Saul, com crescente impaciência, enfrentou uma cansativa espera de sete dias. Então, quando o prazo determinado tinha quase expirado, ele se sentiu “forçado pelas circunstâncias” e ofereceu o sacrifício. É evidente que fizera isso meia hora antes da chegada de Samuel, porque o holocausto dificilmente demoraria mais tempo do que isso.

A principal lição para nós é que um homem segundo o coração de Deus obedece a Deus ao máximo, espera até o último instante com fé firme, ousa ficar à frente de um exército que está se dissolvendo e na iminência de sofrer um revés por falta de ordens para atacar. O homem pensa que Deus é vagaroso, esquecido e está atrasado em relação ao tempo marcado. Não; antes Deus está esperando para mostrar-se benevolente — esperando o momento preciso quando pode intervir e obter o melhor resultado (Is 30.15,18).

1 SAMUEL 13.13-23

Entregue nas Mãos dos Saqueadores. Grave e tristemente, o velho profeta pronunciou a sentença da deposição de Saul, e insinuou que Deus já tinha procurado e encontrado outro príncipe para seu povo. No lar de Jessé, ele achara o jovem que, no futuro, iria dizer: “Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor”. (Sl 27.14.)

Esperemos o tempo certo do Senhor! Ordenemos ao nosso coração que pare seu bater palpitante, e ao nosso pulso que se acalme! Agir prematuramente e por vontade própria frustra o propósito divino, e põe em movimento pedras que não podem mais ser detidas. “Seja a vossa moderação conhe-

cida de todos os homens. Perto está o Senhor.” Nunca digamos: “As circunstâncias me obrigaram; tive de fazer isso; fui forçado”. Não, filho de Deus, tu és maior do que as circunstâncias e superior à multidão de indignos espíritos ao teu redor. Espera em Deus, porque ele intervirá em teu favor. Não consintas que circunstância alguma motive a prática do mal ou sirva de justificativa para isso. Na tranquilidade e na confiança está a tua força; em converteres e sossegares a tua salvação.

1 SAMUEL 14.1-15

A Proeza de Jônatas Para o Senhor. Jônatas era um verdadeiro cavaleiro de Deus. Era uma espécie de Galaade hebreu, um soldado sem medo e sem mácula. Sua vida era pura, sua palavra, verdadeira; ele era fiel aos altos ideais do amor humano, e seguia a Cristo, embora não o conhecesse.

Ele entrara no espírito da aliança divina, e não podia crer que Deus tivesse esquecido e desamparado seu povo. Não era verdade a antiga promessa de que “poderia um só perseguir mil, e dois fazer fugir dez mil”? (Dt 32.30.) Felizes são os que podem elevar-se acima da depressão e da infelicidade e alcançar o céu claro da comunhão com Deus, aliando sua fraqueza ao poder dele, sua ignorância à sabedoria divina! “Porventura o Senhor nos ajudará nisto, porque para o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos.” Então ele se ofereceu humildemente como instrumento da vontade de Deus. O povo reconheceu isso. Eles diziam: “Foi com Deus que ele fez isso hoje”. (14.45.) E a alma que confia em Deus não pode ser envergonhada. “Assim o Senhor livrou a Israel naquele dia.” (14.23.) Em tais obras Deus e o homem trabalham em conjunto. (Ver João 3.21.)

1 SAMUEL 14.16-35

A Vitória é Obscurecida Pelos Erros de Saul. A insensata proibição de Saul teve terríveis conseqüências: primeiro, a exaustão de suas tropas; e, segundo, a precipitação dos famintos sobre o despojo sem a adequada separação do sangue. Então, o dia já terminara, e o orá-

culo divino estava mudo. Evidentemente, algum pecado havia interposto sua sombra escura entre o rei e a Luz Eterna. (Ver o versículo 37.) Saul sabia disso, mas recusou-se a procurar esse pecado em seu próprio coração, mesmo quando ele e Jônatas foram indicados pela sorte. (Ver o versículo 42.)

A causa da derrota e do silêncio não fora o gesto de Jônatas. A culpa era só de Saul. Nisso, o bom senso do povo decidiu corretamente. O rei não somente havia prejudicado e perdido a maior oportunidade de sua vida, mas já estava mergulhando sua alma naquele ciúme, naquele temperamento irascível e naquela impetuosidade de julgamento que arruinou sua carreira posteriormente. Como Paulo expressou muito bem, ele se tornou um desqualificado, e foi lançado fora da poderosa mão que desejava fazer dele um utensílio para honra, preparado para toda a boa obra. (Ver 1 Coríntios 9.27 e 2 Timóteo 2.21.)

1 SAMUEL 14.36-52

Salvo o Homem que Agira com Deus. Nesse caso, a voz do povo foi realmente a voz de Deus. Se um homem ousa posicionar-se ao lado de Deus, ele não pode ser envergonhado. Se ele diz do Senhor “Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio”, dez mil vezes respondem: “Cobrir-te-á com as suas penas, sob suas asas estarás seguro... Não te assustarás...” “Toda arma forjada contra ti, não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás”. Quem está com Deus está sempre do lado mais forte.

Como estão seguros os que obedecem aos mandamentos de Deus, dando ouvidos à sua palavra! Quando o Senhor foi preso, ele se portou corajosamente frente aos seus inimigos e, colocando-se entre eles e seus temerosos discípulos, disse: “Se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes”. Esse é invariavelmente o seu método. Assim como uma ave fêmea se interpõe para proteger seus filhotes indefesos; assim como um círculo de fogo intercepta o ataque noturno das feras; e como um rio largo e seus ribeirões barram o avanço do

inimigo, assim o Senhor está para sempre ao redor do seu povo!

1 SAMUEL 15.1-16

Guiando o Povo em Desobediência. Vários anos se passaram entre o capítulo precedente e este. O reino se tornara forte e próspero. Parecia que a sentença de deposição dada por Samuel tinha sido esquecida. Mas, mesmo em meio ao calor do verão, podem estar presentes os sinais do outono. A corrupção estava lentamente minando o coração de Saul e, por fim, quando chegou a acusação a respeito de Amaleque, o mal se revelou abertamente. Amaleque estava sob maldição, e a própria existência dessa tribo era uma constante ameaça à paz e à prosperidade das nações circunvizinhas; daí a ordem de destruição (Êx 17.16).

Mesmo neste mundo Deus julga as nações e condena aquelas que tenham deixado de cumprir seu propósito. Apesar da ordem clara de Deus, Saul se fez conivente no recolhimento das melhores partes dos despojos, e isso foi a causa de ser rejeitado por ele. É interessante notar também que foi justamente um amalequita que afirmou tê-lo matado no campo de Gilboa (2 Sm 1.1-10). Se pouparmos o que Deus mandou destruir, isso pode, depois, destruir-nos. Tenhamos cuidado em obedecer; servimos a um Deus exigente, embora amoroso!

1 SAMUEL 15.17-35

Um Arrependimento Superficial é Inútil. Samuel ficou profundamente contristado quando soube da falta de Saul, “e toda a noite clamou ao Senhor” (15.11). Assim, estava preparado para abordar o rei pecador. Finney conta de um ministro que sentia tanto o peso das almas perdidas que quase não tinha tempo para pregar, consagrando todo o seu tempo e energias à oração. É somente nesse espírito que o homens como Samuel podem cumprir seu so-lene dever.

A resposta de Saul foi totalmente insatisfatória. Ele começou lançando a culpa no povo (v. 21). Pretextou que poupava os animais para sacrificá-los a Deus — uma desculpa muito hipó-

crita. Sem demonstrar uma profunda convicção de pecado, fez uma confissão superficial, e procurando apaziguar Samuel pediu-lhe que se ajoelhassem juntos em adoração (v. 25). Mas o velho profeta recusou-se a livrá-lo tão facilmente, a única coisa com que Saul se preocupou foi que os anciãos ainda o honrassem (v. 30). Como Saul ficara endurecido! Isso foi o princípio do pecado para morte.

1 SAMUEL 16.1-13

Deus Escolhe Seu Ungido. A unção do jovem pastor de rosto corado e olhos profundos e poéticos, constituiu-se um belo episódio, num acentuado contraste com os eventos precedentes. Ele já tinha dado prova de coragem indomável (17.34-36). Tiveram de tirá-lo do seu rebanho, que ele estava apascentando junto a águas tranqüilas, nas encostas dos morros. Deus o encontrara antes (Sl 89.20). “Também escolheu a Davi, seu servo, e o tomou dos redís das ovelhas... para ser o pastor de Jacó, seu povo, e de Israel, sua herança.” (Sl 78.70,71.)

O desfile dos irmãos de Davi perante Samuel foi grandioso. Provavelmente eles se lembravam de que Saul fora escolhido por causa de seu esplêndido físico, e cada um se apresentava alto e orgulhoso. “Com toda a certeza”, dizia Jessé consigo mesmo, “um deles cativará o olho do profeta.” Mas, não! Deus escolhe pelo temperamento e disposição interiores. Ele sabia que Davi era um homem segundo o seu próprio coração. O rapaz tinha sido fiel no pouco e agora ia governar sobre muitos. O azeite da unção nos lembra a unção para o serviço que foi dada ao Senhor no seu batismo. No caso de Davi ela foi acompanhada de um glorioso pentecoste (v. 13).

1 SAMUEL 16.14-23

O Jovem Harpista Diante do Rei Deprimido. Num versículo, lemos que o Espírito do Senhor se apossou de Davi (v. 13), e, no outro, que ele se retirou de Saul. Isso não quer dizer que este perdeu toda a sensibilidade espiritual, mas que a especial investidura que o tinha qualificado para o seu ofício real,

havia sido retirada. Um espírito maligno, “da parte do Senhor”, o atormentava; isto é, Deus permitiu que esse espírito entrasse nele. Saul dispensara voluntariamente a proteção de paz e amor também removida pela inevitável operação da lei divina. Como ele banuiu a luz, foi necessariamente deixado em trevas. Deus o entregou a uma disposição mental reprovável (Rm 1.24,26,28).

A depressão do rei exigia um antídoto, que no caso foi a música. Filipe V, da Espanha, precisou do mesmo tratamento. Aqui o menestrel não era outro senão o jovem pastor recentemente ungido. Uma Providência superior dirige todos os incidentes de nossa vida. O fato de que um dos servos de Saul tinha visto e ouvido Davi em algum concurso regional era apenas um elo da corrente (v. 18). Deus tem um plano para a vida de cada um. “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.” (Rm 8.28.)

1 SAMUEL 17.1-16

Israel Desafiado Pelo Herói Filisteu. Quando o rei perdeu a consciência especial da presença e do poder de Deus, o reino inteiro ficou desmoralizado, e os hebreus passaram pela humilhação de ouvir em silêncio um desafio provocador “aos exércitos do Deus vivo” (17.26). Parecia que a resposta seria o não comparecimento, dando a impressão de que Jeová era um Deus que não podia salvar. A impotência dos israelitas fez Golias desafiá-los ainda mais. A princípio ele desceu das fileiras de seu próprio arraial no lado sul do vale e, exibindo-se jactanciosamente, caminhou pela planície que havia entre os dois exércitos; mas, depois de quarenta dias, ele se tornou mais atrevido e se aproximou das elevações onde Israel estava acampado. À sua aproximação os israelitas fugiam aterrorizados. Medindo três metros e vinte centímetros, coberto com uma cota de malha e levando uma lança cuja ponta pesava oito quilos, o gigante deve ter parecido por demais ameaçador para os homens de Israel. E hoje não encontramos nós gigantes igualmente decididos e terríveis que nos ameaçam, quer como nação,

quer como indivíduos, e nos encontramos incapazes de vencê-los? Precisamos do Deus de Davi bem como da fé de Davi!

1 SAMUEL 17.17-30

Davi Não se Intimida com o Gigante. A essa altura dos acontecimentos, Davi chegou ao acampamento, enviado por Jessé, para procurar saber do estado de saúde de seus três irmãos mais velhos, que tinham seguido Saul à guerra. Também levou-lhes provisões e um presente para o capitão do corpo militar em que eles estavam. Ao chegar às trincheiras encontrou o exército em formação de batalha, mas sem se atrever a avançar. Quando toda a história foi relatada ao jovem pastor, ele pôs-se a analisar o incidente, bem como o desafio do gigante, pelo ângulo espiritual. Esse evento, portanto, constituiu um marco decisivo não apenas em sua vida, mas também na de seu povo. Nas suas fileiras havia pelo menos um homem que via as coisas do ponto de vista de Deus, confiava no Deus da antiga aliança, e estava disposto a arriscar tudo na fé (vv. 26,36,37).

Seu irmão o acusou de ambição desmedida e curiosidade indigna. Exatamente do mesmo modo parentes de nosso Salvador interpretaram mal suas intenções e procuraram interromper sua obra. Mas Davi era destemido e, respondendo a seu irmão calma e educadamente, prosseguiu decidido em suas indagações e protestos até que o próprio rei ouviu falar do jovem guerreiro. A vitória que Davi conquistou sobre si mesmo, quando Eliabe o reprovoou, fazia parte de sua preparação para o combate em perspectiva.

1 SAMUEL 17.31-40

Davi Confiava em Seu Antigo Libertador. Davi foi conduzido à presença de Saul — sua alma vibrava de fé heróica — confirmando que estava disposto a ir sozinho lutar com o filisteu. Saul, porém, não via nenhuma outra capacidade a não ser a que decorre de uma longa prática (17.33), ou de capacetes e couraças (17.38,39); por isso, esforçou-se para dissuadir o rapazinho. Não foi pequena a tentação de Davi de assumir uma posição humilde e retirar seu

oferecimento. Jamais demos ouvido à carne e ao sangue! Eles sempre nos falaram da maneira como que falaram através de Pedro, em Cesaréia de Filipe, quando o Senhor anunciava sua crucificação e morte: "Isso de modo algum te acontecerá". (Mt 16.22.)

Saul não captou o ponto principal da narrativa de Davi sobre a sua luta com o leão e o urso. O rei via essas façanhas apenas como o resultado de uma grande agilidade e força muscular. Não entendeu o sentido real quando o rapaz atribuiu seu sucesso a uma atuação direta de Jeová (v. 37). Talvez a nota central do Salmo 27 estivesse em estado latente na alma do jovem salmista. Saul não fazia idéia de que a fé abre novas fontes de poder, toca novos registros no grande órgão, e cumpre a aliança com o Todo-Poderoso. (Ver Salmo 20.7,8.)

1 SAMUEL 17.41-54

Ele Ganha a Batalha do Senhor. Davi não esperou que seu inimigo tivesse atravessado o vale, mas se apressou rumo ao ribeiro para escolher as pedras lisas necessárias à sua funda. Golias zombou daquele pequeno guerreiro e o amaldiçoou. Davi respondeu àquela bazófia e blasfêmia, invocando o nome de Jeová dos Exércitos, as doze legiões de anjos de que falou o Senhor. Aquele Deus — o Deus de Israel — aceitaria o desafio, e premiaria a fé do seu servo. Dessa forma todas as nações gentias veriam que o Deus de Israel era uma viva realidade, ao mesmo tempo que Israel reaprenderia a lição já tão esquecida de que a salvação de Jeová não é com espada nem lança.

Tão confiante estava o filisteu que não se preocupou em desembainhar a espada nem em abaixar a viseira do seu capacete. Uma estocada de sua pesada lança, ele tinha certeza, seria o bastante. Mas daí a instantes, Golias jazia no chão, derrotado. É assim que os guerreiros de Deus, de todas as eras, vêm enfrentando os seus "gigantes", como Lutero contra Tetzel, ou Garrison contra a escravidão; e é assim que podemos confiantemente derrotar os pecados inatos que querem ter supremacia sobre nossa vida.

1 SAMUEL 17.55-58; 18.1-9

Um Amigo Leal e um Inimigo Ciumento. Esses versículos constituem excelentes leitura. Eles fazem brilhar um raio de luz nesse relato que, daqui por diante, vai ficando cada vez mais sombrio. O comportamento de Davi na hora da vitória foi tão humilde e sem afetação que o coração de Jônatas pulou para saudá-lo como a uma alma irmã, e suas demonstrações de amizade despertaram, em Davi, um amor cheio de expressiva ternura. Quando vemos Jônatas vestindo no novo amigo suas próprias roupas, lembramo-nos da grande troca que o Senhor fez conosco. Ele foi feito pecado, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus (2 Co 5.21).

Agora, na maior parte do tempo, Davi trocava sua harpa pela espada, e acabou-se tornando um herói popular. Foi o refrão do cântico de vitória das mulheres, que abriu a alma de Saul ao dardo venenoso do ciúme. O leite da bondade humana de repente se tornou azedo. "Daquele dia em diante Saul via Davi", não com afetuosa admiração, mas sempre com o desejo de atribuir uma interpretação maldosa a cada ato, palavra e olhar dele. Com incrível precisão, Tiago mostra o progresso e a evolução de semelhante atitude (1.14,15).

1 SAMUEL 18.10-21

Protegido de Ataques Covardes. Não havia dúvida de que o Senhor estava com Davi. Observemos como a crônica sagrada dá destaque a esse fato (vv. 12,14,28). E Davi se conduzia "com prudência" (vv. 5,14,15,30). Teria sido melhor para Saul ganhar a afeição dele. Mas em vez disso, o rei alimentava seu louco ciúme até que isso explodiu em terrível fúria. Tenhamos cuidado com o ciúme. Ele abre a porta da alma ao diabo. A melhor maneira de enfrentá-lo, além da oração, é forçar-nos a nos interessar por nosso adversário e, lealmente, colocar-nos no lugar dele. Vençamos nossa indigna e perversa alma pelo poder do Senhor Jesus. "Revestivos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne." (Rm 13.14.)

Diz o texto que o espírito maligno

que se apossou de Saul viera de Deus, isto é, Deus lhe permitira que viesse. Ele veio de acordo com um princípio estabelecido no universo. Alguém já disse: "Deus deve ser *alguma coisa* para nós; o que ele será vai depender de nós e do que nós somos para ele." (Ver Salmo 18.25,26.) O rei, não tendo conseguido assassinar Davi, incitou-o a realizar arriscadas missões. Mas se o jovem tivesse tombado em combate, sua morte teria sido imputada a Saul.

1 SAMUEL 18.22-30

Davi Obtém Êxito Apesar das Maquinações. A afeição de Mical pelo jovem guerreiro deu ao rei uma idéia para induzir Davi a uma luta pessoal com os filisteus. A esperança de Saul era que ele fosse vitimado por eles. A princípio, Davi não tomou conhecimento das propostas do rei, pois este já havia deixado de cumprir sua palavra antes; mas, quando os servos lhe explicaram os termos da proposta, Davi aceitou o desafio. Saul estava fazendo seu jogo com grande habilidade. Os seus assistentes acreditavam piamente que ele gostava de Davi e desejava o casamento. (Ver seu verdadeiro motivo no versículo 25.)

Uma vez mais Saul foi derrotado, porque antes da data estabelecida Davi obteve em dobro o que o rei exigira, e Mical se tornou sua esposa. Se as pessoas ciumentas ponderassem nessa história, descobririam a inutilidade de se colocarem em oposição ao manifesto propósito de Deus na vida de outrem. (Ver Salmo 7.11-13,16.) Não nos iremos, não difamemos ninguém, não semeemos suspeitas. Fiquemos do lado de nosso pai, nós, os irmãos mais velhos! Compareçamos ao salão de banquete, saudemos nosso irmão mais moço, e participemos da alegria geral. Se escolhermos o caminho da generosidade e seguirmos por ele, verificaremos que a alegria está brotando no nosso coração. Mantenhamos nossa posição em Cristo, contrariando nosso indigno, egoístico e vil ego!

1 SAMUEL 19.1-12

Nobre Intercessão; Ódio Implacável. Não contente em trocar roupa e armas com seu amigo, Jônatas defendeu a causa

dele na corte. O rei lhe dava atenção, e ele fazia a defesa de Davi. Quando ele se referia à devoção, à modéstia e à coragem do cunhado, o coração de seu pai se aplacava. Não devemos, no entanto, tomar a intercessão de Jônatas como um tipo da do Senhor, porque Jesus intercede por nós perante Alguém cujo amor não exige provas. Mas aprendamos a permanecer "no esconderijo do Altíssimo" e a nos esconder até que tenhamos aprendido o que nos convém fazer (v. 2).

Enquanto as tropas de Saul vigiavam a casa do lado de fora, o salmista estava apelando para Deus, sua força, e se escondendo em seu alto refúgio. (Ver o Salmo 59.9,17.) Esperemos em Deus durante aquelas horas em que o inimigo se acha à nossa espreita. Não devemos apenas orar pedindo o auxílio de Deus, mas também esperá-lo e buscá-lo. Toda verdadeira espera está conjugada com o louvor. Canta, alma perseguida, firme na segura confiança de que a gloriosa libertação que esperas está muito próxima! Notemos que a Santa Escritura nunca esconde a má ação nem jamais lhe faz concessões. Ela não desculpa as "mentiras necessárias". (Ver Levítico 19.11 e Colossenses 3.9.)

1 SAMUEL 19.13-24

Saul Controlado Pelo Espírito de Deus. Davi apressou-se em informar Samuel acerca da mudança que se estava operando nos acontecimentos, e sua suspeita de que Saul estava ameaçando sua vida. Para maior segurança, o profeta o levou para um local onde certo número de moços — morando em cabanas feitas de vime ou de salgueiro — estavam sendo preparados para o ofício profético. Isso nos dá uma visão da obra construtiva em que Samuel esteve engajado nos últimos anos de sua vida. Eles estavam vivendo numa atmosfera carregada de eletricidade espiritual. Saul tentou invadir essa assembléia sagrada com três grupos sucessivos de mensageiros para prender Davi — e, por fim, foi pessoalmente.

Antes de chegar ao lugar ele também foi dominado, e lançado por terra em êxtase que durou todo aquele dia

e noite. Tais cenas não eram incomuns nos dias dos Wesleys e de Jonathan Edwards. Mas nessa questão havia uma grande diferença entre Saul e Davi. Entre Davi e o Espírito profético existia uma real afinidade. Em pureza e simplicidade, ele havia-se rendido a Deus. Saul era um outro homem, dentro das circunstâncias, mas não um novo homem. O Espírito estava *sobre* ele, mas não *nele*. Ele tinha dons, mas não a graça. Não havia raiz, e a planta secou.

1 SAMUEL 20.1-16

Aliança de Amizade. Quando a dúvida se prolonga a vida fica insuportável; daí o apelo de Davi ao seu amigo. Além disso, ele suspirava para dar uma olhadela no querido lar de Belém e para beber “do poço junto à porta”. A conversa entre os amigos foi dolorosa para ambos. Somente os que já experimentaram o rompimento de uma comunhão e de um relacionamento amistoso podem fazer idéia da profundidade e da amargura das águas que começaram a rolar entre os dois amigos.

Jônatas é um dos mais nobres tipos humanos apresentados nas biografias da Escritura. Tanto na sua vida particular como na pública ele brilhou com beleza sem similar, como uma estrela num céu escuro. Davi disse que ele era “querido e amável”. Jônatas tinha uma clara previsão da futura grandeza de Davi, mas nunca deixou entrever qualquer sentimento de rivalidade. Ele amava seu amigo mais do que a si próprio, tanto que, na verdade, para Jônatas, era melhor ver Davi coroadado e exaltado do que ele próprio ascender ao trono. O amor expulsa o ciúme. Essa amizade era ideal; e só nos cabe pedir que possamos perceber alguma coisa da sua beleza e conhecer o amor de Cristo assim dessa maneira.

1 SAMUEL 20.17-34

Um Amigo na Corte. Jônatas deve ter sido fortemente tentado a aliar-se ao amigo, para que, juntos, pudessem enfrentar o mundo; mas apegou-se lealmente à sorte de seu pai, embora soubesse que estava destinado ao fracasso e à ruína. Mas ao mesmo tempo, no banquete,

levantou-se em defesa do amigo. Que lição para alguns de nós! O Príncipe dos reis da terra não se sente envergonhado de chamar-nos de irmãos, mas, infelizmente nós nos esquivamos de reconhecê-lo e de confessá-lo quando em companhia dos que se recusam a aceitar a sua supremacia. Nós silenciamos quando sua honra é escarnejada; recuamos ante a ameaça da tempestade. Se não tomamos posição contra ele, nem ao menos falamos em seu favor. Somos assim covardes apesar de nossa aliança com ele!

O ciúme de Saul explodiu com violência vulcânica. Seu pai e rei insultou-o com palavras injuriosas. Exigiu a execução imediata de Davi, e acabou tentando tirar a vida de Jônatas. Verdaderamente pode-se dizer dele, como depois se disse de Judas, que Satanás entrou nele. Conservemo-nos vigilantes de modo a não dar a menor brecha ao diabo.

1 SAMUEL 20.35-42

A Senha das Flechas. Ficava bem claro que as flechas eram contrárias a Davi. Era inútil esforçar-se para lutar contra circunstâncias irresistíveis. Temos de sustentar a nossa posição até que o Capitão, por meio de um sinal indubitável, nos diga que podemos retirar-nos. Mas, quando chegou a hora da separação, o coração dos dois amigos estava quase a romper-se. Como o rapaz ignorava a tragédia que era representada debaixo da tranqüila beleza daquela madrugada! Os passarinhos estavam cantando e as flores desabrochando ao sol, como sempre; mas, para os dois amigos, o sol estava escurecido e uma mortalha cobria a natureza. Todavia Deus estava guiando Davi para estabelecer os fundamentos do reino do Messias, e os dois continuavam unidos em Deus. O Senhor estava entre eles, assim como o oceano está entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, não como um divisor, mas como um meio de comunicação.

As flechas estão para lá de ti? Ânimo; existe alguma coisa “mais para lá” de nós. Para lá, está Deus; lá há um reino; cânticos de transbordante êxtase estão lá! Levantemo-nos e marchemos rumo ao desconhecido. Mesmo que tomemos

as asas da manhã, não poderemos ultrapassar o amor de Deus.

1 SAMUEL 21.1-15

Alimento e Arma: Uma Fuga. Davi fugiu para Nob, ao norte do monte das Oliveiras, onde Aimeleque cuidava das reliquias do antigo santuário. Davi removeu as suspeitas do sacerdote usando um subterfúgio que ele deve ter lamentado até ao fim de sua vida. Se estamos bem com Deus, conscientes de estar no caminho predestinado, não precisamos recorrer à mentira nem ao subterfúgio; se adotarmos tais meios, os resultados podem ser desastrosos para nós e para os outros, nossos inocentes companheiros de sofrimento.

Era o dia de sábado, porque os pães da proposição acabavam de ser retirados da mesa (Lv 24.5-8). Só o sacerdote tinha o privilégio de comer daquele pão, mas, subordinando o cerimonial à urgência da necessidade humana, Aimeleque agiu em estrita harmonia com o espírito da legislação mosaica. Esse é o preciso ensino de Marcos 2.25-27, e da insistência do Senhor em seu direito de curar no dia de sábado. (Ler os Salmos 34 e 56 com o parágrafo final do capítulo.) A conduta de Davi foi indigna, embora no coração, ele se estivesse escondendo em Deus. Não devemos julgar pelas aparências, mas com profundo discernimento. Em todos os santos de Deus há uma extensa medida de humanidade.

1 SAMUEL 22.1-10

Chefe de um Bando de Proscritos. Que admirável analogia existe entre a reunião desses proscritos com Davi, e a atração de publicanos e pecadores, em todos os tempos, por Cristo! Ele também é proscrito pelo “príncipe deste mundo”. Para achar Cristo precisamos sair do arraial, no lugar onde ele levantou o estandarte de sua cruz. Quantos daqueles que estão em aperto ou endividados, ou amargurados de espírito, têm-se ajuntado a ele, sendo bem recebidos! Rejeitados por todos os outros, eles encontraram abrigo no coração, e com esses refugiados, ele está fundando um reino duradouro, e formando um exér-

cito que destruirá para sempre o poder do mal.

Notemos o cuidado de Davi por seus pais. Nosso amor para com Deus não deve tornar-nos menos atentos para com aqueles aos quais estamos ligados por laços naturais, e, sim, mais cuidadosos. É provável que o fato de Davi descender de Rute, a moabita, pode ter-lhe dado a idéia de que Moabe seria um asilo adequado; mas, de qualquer maneira, foi sábia precaução proteger seus velhos pais na terra de uma nação neutra. Em nossa experiência, a advertência do profeta Gade são os abençoados impulsos do Espírito Santo.

1 SAMUEL 22.11-23

A Matança dos Amigos de Davi. O apóstolo Tiago diz que a língua “é posta ela mesma em chamas pelo inferno”. Certamente foi esse o caso de Saul, que, acampado nos altos acima de Gibeá, disseminou suas ardentes palavras como tições acesos. Elas encontraram uma resposta imediata no coração ímpio de Doegue, e os dois cometeram uma das maiores atrocidades da história.

Esse ato perverso — o mais perverso que Saul cometeu — embora cumprisse a maldição lançada nos dias de Eli sobre sua casa tão comprometida com o mal, nem por isso seria atenuado. Os que compunham a guarda de Saul se recusaram a executar a sentença do rei e isso devia ter feito com que ele hesitasse. O relato de Doegue era verdadeiro no seu conteúdo, mas falso em suas implicações.

Nada existe que possa amenizar o sinistro horror desse incidente, a não ser a acolhida que Davi deu a Abiatar. Não são tais palavras dirigidas pelo Senhor a todos os que nele buscam refúgio? “Fica comigo” pode ser compreendido à luz de João 15. Em Cristo há segurança. “A vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.” Não temas, alma aflita; em Cristo tens toda segurança! Ver o Salmo 52, onde Davi prediz o duro destino de Doegue, fazendo contraste com sua própria e feliz sorte.

1 SAMUEL 23.1-14

Vitória e Segurança sob a Direção de Deus. Aprendemos aqui que os que são cha-

mados para andar no labirinto da vida humana, precisam olhar constantemente em busca de direção. “Não cabe... ao que caminha o dirigir os seus passos.” Nossos olhos precisam estar constantemente fixos no Senhor. “Não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” Nós não temos o éfode sacerdotal para nos dar orientações. Mas, se colocarmos a responsabilidade de nossa vida sobre Deus e nele esperarmos, teremos plena convicção acerca de seu plano para nós, e isso será corroborado pelo parecer de amigos experimentados e pelo rumo das circunstâncias.

A recompensa que o povo de Queila deu a Davi pela sua intervenção foi muito vil, e nos serve como advertência para não confiarmos na segurança humana, que é tão frágil. O único lugar de absoluta segurança é em Deus. Bem-aventurados aqueles cuja vida está “oculta juntamente com Cristo em Deus”. Davi sabia disso, e naqueles dias tristes e difíceis, quando era caçado como uma perdiz nos montes, estava comendo alguns dos seus mais belos salmos. (Leiamos o 11, o 54 e o 57.) E nos tempos tormentosos em que vivemos, como é bom procurar ouvir a doce música do mundo eterno que nos rodeia, e no qual a alma atormentada pode encontrar abrigo.

1 SAMUEL 23.15-29

Uma Perseguição Implacável é Frustrada. Em meio à luta física, Deus sempre nos concede um pouco de amor humano — uma terna amizade, um Jônatas. Esta é a missão de um amigo — fortalecer nossas mãos em Deus, sussurrar palavras de confiança e renovar sua aliança conosco. Não é isso que faz o nosso melhor Amigo? Ele nos encontra nas mais emaranhadas florestas e sussurra o seu “Não temas”. Jesus sempre derrama o azeite e o vinho de sua presença sobre seus filhos caçados e perseguidos.

Fortaleçamos as mãos de nossos amigos em Deus. Algumas vezes enfraquecemos suas boas resoluções com nossas palavras de temor, como Pedro fez quando insistiu com o Senhor para poupar-se (Mt 16.22). Não; devemos

sempre ajudar nossos amigos a comportar-se da maneira mais nobre e forte possível. O anjo fortaleceu o Redentor no jardim. A única palavra que nos cabe dizer é: “Não temas, homem muito amado, paz seja contigo; sê forte, sê forte”. (Dn 10.19.)

Os zifeus fizeram uma oferta direta a Saul a fim de obter o favor dele, mas sua conspiração malogrou. Quando um homem confia sua vida às mãos de Deus, ele não precisa temer “a seta que voa de dia, e o terror noturno”. Sejam quais forem as dificuldades que nos ameaçam, há sempre uma maneira de nos livrarmos.

1 SAMUEL 24.1-15

Pagando o Mal com o Bem. En-Gedi se situa na margem ocidental do mar Morto. Quando Saul entrou na caverna, Davi se viu diante de uma tentação por demais traiçoeira. Por que não livrar o reino desse monarca cruel e opressor? Matá-lo não seria prestar um benefício ao povo? Não tinha Samuel prometido o reino a Davi? Mesmo que não fosse ele a desferir o golpe, por que não deixar que seus homens, que não eram tão escrupulosos, o fizessem? Mas o homem de Deus não deve render-se a tais insinuações. Ele insistiu em esperar a hora certa do Senhor. Não anteciparia nem por uma hora o cumprimento da grande palavra em que ele, naqueles penosos anos, aprendera a confiar. A sensibilidade de sua consciência se revelava em seu arrependimento por ter cortado a orla do manto real.

Nunca nos esqueçamos de que a oportunidade para se praticar um ato errado não o transforma em certo. O fato de o navio estar de partida para Társis não significava que era certo Jonas embarcar nele. Nossas ações não devem ser determinadas pela abertura da porta das circunstâncias, mas pela consciência, pela fé, pela obediência e pelo alto sentido da honra cristã.

1 SAMUEL 24.16-25.1

A Bondade Desperta Uma Disposição Melhor. Aquele nobre autodomínio de Davi, seguido por palavras também nobres, despertou o lado bom da natureza de Saul. Algumas cordas do seu coração,

que antes haviam estado em silêncio, começaram a vibrar. Veio-lhe à mente a lembrança de dias mais felizes, antes que o relacionamento deles tivesse sido anuviado pelo ciúme e pelo ódio, e Saul voltou a ser como anteriormente. Aliás, o apelo de Davi provocou em Saul, uma confissão de pecado; e ele chegou mesmo a pedir a Davi que poupasse sua família nos dias futuros quando ele certamente seria o rei. Mas, como a sequência provou, essa boa disposição foi apenas temporária. Foi uma mudança de disposição, mas não de vontade. Evitemos a formação do hábito de confiar em nossa vida emocional. Nada é permanente, salvo a vontade que é energizada pela vontade de Deus. O Salmo 142 revela o estado do coração de Davi nesse período.

A morte de um homem bom, em qualquer época, é uma séria perda; mas para Israel, governado por um rei cruel e obstinado, a morte de Samuel foi motivo para uma grande lamentação. Sua vida santa, sua corajosa denúncia dos erros da nação, sua dedicação em benefício do povo, e, principalmente, seu poder na oração intercessória, fizeram dele um dos mais importantes valores nacionais. Vivamos de tal maneira que nossa falta seja sentida quando formos para o Lar!

1 SAMUEL 25.2-17

A Grosseira de um Homem Rico. Carmelo ficava na região montanhosa de Judá, dezesseis quilômetros ao sul de Hebrom. (Ver Josué 15.55.) Embora descendente de Calebe, Nabal nada tinha do espírito daquele herói. Ele possuía grande riqueza, mas tinha pouco juízo. Atualmente as tribos árabes que protegem pastores ou caravanas, querem uma gorjeta para defendê-los e para não fazerem pilhagens. Não ficava bem que o rico criador de ovelhas obtivesse todas as vantagens e deixasse de fazer retribuição e, pior que isso, rematasse a injustiça com um gesto grosseiro. Os pastores de Nabal foram muito claros em seu testemunho quanto aos benefícios que haviam recebido (vv. 7,15,16). Sua grosseira e atitudes de menosprezo justificavam a opinião que a respeito

dele tinham todos aqueles que o conheciam mais de perto.

Essa atitude de Davi — tomar a espada e vingar o insulto — acha-se em flagrante contraste com aquele que “quando ultrajado, não revidava com ultraje”. A vingança de um insulto que alguém recebeu não tem lugar no ensino de Cristo, e diverge em muito da aplicação punitiva da espada mencionada em Romanos 13.4. Nos anos posteriores, Davi sentiu-se agradecido pela intervenção da graça de Deus por intermédio de Abigail, que deteve sua mão. (Ver Romanos 12.17.)

1 SAMUEL 25.18-31

O Apelo de Uma Mulher Sábia. Que contraste entre o sórdido Nabal e sua bela esposa, tão encantadora no temperamento quanto no rosto! Que terrível provação para essa mulher estar unida a um homem cujo servo não hesitou em falar dele à sua esposa nas palavras do versículo 17! Com que admirável tato Abigail cuidou de toda a situação! Ela nada disse ao marido enquanto ele estava bêbado; e encarregou-se da solução do problema sem um momento de demora e expôs seus argumentos com louvável sagacidade.

Quando esposo e esposa são tão unidos que se sentem animados por um propósito comum, a união deles é feliz; mas quando esse não for o caso, a má disposição de um não deve impedir a devoção e a graça do outro. Na vida do lar, como na redenção, onde abundar o pecado, que a graça superabunde, para que onde o primeiro reina pela morte, a segunda reine para a vida (Rm 5.20,21). Que os problemas de nosso lar jamais nos levem a abdicar do trono. Não desçamos ao nível das circunstâncias; antes, procuremos elevá-las ao nível da nossa alta vocação em Jesus Cristo. “E não vos conformeis... mas transformai-vos.” (Rm 12.1,2.)

1 SAMUEL 25.32-44

O Fim do Prazer Egoísta. A humilde atitude dessa bela mulher prostrando-se aos pés do jovem soldado, seu franco reconhecimento da injustiça feita a ele, seu agradecimento por haver ele deixado de proceder à apressada vingança,

sua apreciação pelo desejo dele de lutar somente as batalhas do Senhor, devolveram a Davi sua melhor disposição.

Que bela revelação temos aqui sobre os instrumentos que Deus usa para fazer-nos sair dos maus caminhos! Aqueles que entram em nossa vida exercendo doces ministérios humanos são influências do Espírito Santo para nos deter, e falam ao nosso coração, lutando contra nossa paixão e egoísmo, e chamando-nos para uma vida melhor e mais nobre. Bendito Espírito, desce até nós, mais vezes, encoberto pelo monte, e detém-nos em nossa corrida louca. E não nos deixes ultrapassar-te para prosseguirmos em nossos maus desígnios, e recordaremos tua bendita obstrução com gratidão incessante.

A história terminou de forma feliz. Nabal morreu de um ataque apoplético, provocado por sua devassidão e ira. Então Davi propôs casamento à mulher a quem tanto devia, e ela, graciosa mas humildemente, aceitou, declarando-se indigna. O versículo 35 é a resposta do Senhor a todos os que nele se refugiam, e assim cada um se casa com ele, depois que o primeiro marido morre. (Ver Romanos 7.4.)

1 SAMUEL 26.1-12

Poupando a Vida do Inimigo. A traição dos zifeus estavam em forte contraste com a nobreza intrínseca do caráter de Davi. Deus fez a ira humana louvá-lo e cingiu-se do resíduo dela (Sl 76.10) de modo que seu servo, como um pássaro, escapou à armadilha do caçador. (Ler o Salmo 54.)

Foi um ato audacioso de Davi e Abisai passar entre as fogueiras e as sentinelas, e saltar sobre o monarca que dormia ali deitado conversando em voz baixa. Como diz Davi em um dos seus salmos: "Pois contigo desbarato exércitos, com o meu Deus salto muralhas". A parte especial atribuída a Deus aqui é o profundo sono que tinha caído sobre o acampamento (v. 12). O Senhor que pôs a resolução na mente de Davi, cooperou em sua execução. Algumas vezes agimos guiados por um impulso divino, e Deus coloca seu selo sobre aquele ato; mas não devemos lançá-los no perigo a menos que a situação

claramente o exija. Não temos a liberdade de atirar-nos montanha abaixo, a não ser que seja essa a expressa vontade de Deus. No caso de Davi, havia suficiente razão para esta aventura; em primeiro lugar, que Saul fosse advertido uma vez mais, e, segundo, que ficasse comprovada a integridade do jovem proscrito.

1 SAMUEL 26.13-25

Finalmente, o Reconhecimento da Verdade. É bom notar as frequentes referências de Davi ao fato de que o Senhor vive. (Ver os versículos 10 e 16.) Essa é a explicação de tudo: ele estava esperando em Deus. Ver o Salmo 40, que pode ter sido escrito nesse período de sua vida. De maneira alguma, Davi se aproveitaria da vulnerabilidade do seu adversário. Não faria retaliações, nem vingaria os malefícios praticados contra ele. Davi recusou-se a aceitar a maliciosa idéia de que a oportunidade significa permissão, a possibilidade, liberdade. Ele acalmou a ânsia de sua alma, resistiu à sutil tentação do adversário, e decidiu esperar o lento desdobramento do plano divino. Fiquemos sempre tranqüilos; Deus está realizando o plano de nossa vida! No momento certo — no melhor momento — ele nos concederá o desejo do nosso coração!

Quando Davi deu essas indubitáveis evidências de sua inocência, de lealdade, e afeição a Saul, este foi vencido pela emoção e confessou que tinha representado o papel do louco. É assim que ainda podemos ganhar os homens. *Aquele que pode vigiar com Deus demonstra que está possuindo de poder espiritual que os outros são forçados a reconhecer.* Não te aflijas por causa dos malfeitores; confia no Senhor; agrada-te do Senhor; entrega teu caminho ao Senhor, e espera nele (Sl 37.3,4,5,7).

1 SAMUEL 27.1-12

Trocando a Fé por Estratégias. Davi tinha certeza absoluta de que seria rei. Ele ouvira predições sobre sua futura exaltação da boca de Samuel, Jônatas e Saul; entretanto, de repente, parece ter sofrido uma crise de abatimento, che-

gando a pensar que, depois de tudo, pereceria nas mãos de Saul. Assim também se sentiu Elias à sombra do zimbro, quando pediu a Deus que lhe tirasse a vida; o mesmo se deu com João Batista, quando, da prisão, mandou perguntar a Jesus se ele era o Cristo. Não nos deixemos afundar no desespero quando a sombra do desânimo surgir em nosso caminho. Creiamos que a Palavra de Deus prevalecerá, ainda que os céus desabem. E precisamos ter o máximo cuidado para não tomar nossas próprias medidas de autodefesa. As cavernas de Adulão são mais seguras para o filho de Deus do que a terra dos filisteus. Davi foi levado a uma crueldade implacável; estava constantemente com medo de ser descoberto e vivia numa permanente mentira. Era uma vida de engano, inteiramente indigna de um servo do Altíssimo, e isso deve ter tido um efeito desastroso sobre os seguidores dele. E, por fim, Ziclague foi destruída, e seu coração quase se rompeu de vez. (Ver 30.1-4.) "O caminho dos perversos é intransitável!" Nenhum salmo pode ser relacionado com este período.

1 SAMUEL 28.1-14

Recorrendo a Uma Médium. Esse capítulo registra o auge da malignidade a que os pecados de Saul o levaram, e que selou sua sorte. (Ver 1 Crônicas 10.13,14.) Ele recorreu a uma prática que ele próprio tinha proibido, procurando conselho de uma médium (2 Pe 2.20-22).

Nossa alma não pode viver separada do mundo invisível. Ele é seu elemento natural. Se a afastarmos de Deus, o espaço vazio se encherá de demônios. Quando o rei viu que não conseguia obter resposta alguma pelos meios normais, em desespero, enviou servos à procura de um médium. Tivesse ele sido reto com Deus, não haveria necessidade disso. Nos dias atuais, o declínio do antigo espírito religioso tem dado lugar ao surgimento da cristalomania, da quiromancia e das sessões espíritas. Que tragédia se produziu naquela noite na cabana da feiticeira, e como deve ter sido terrível a longa caminhada de ida e volta de

Saul, entre seu próprio acampamento e En-Dor, que se situava na retaguarda do exército filisteu! É muito ruim, muito triste abandonar-se a fonte de águas vivas e cavar "cisternas rotas, que não retêm as águas" (Jr 2.13,19).

1 SAMUEL 28.15-25

Ouvindo a Notícia de Sua Própria Destruição. Não há nenhuma dificuldade no fato de que tenha havido uma aparição de Samuel porque, como Moisés e Elias tiveram permissão de conversar com o Senhor acerca da sua "partida" que devia ocorrer em Jerusalém, assim Deus pode ter permitido, de forma especial, que o profeta falasse com Saul. Podemos crer que eles conversaram sem precisar do auxílio da médium. Dos lábios do profeta não vieram palavras de conforto ou esperança. Nada podia deter a avalanche de destruição que começara a descer sobre Saul. O que ele semear, agora deveria colher; como havia caído, assim ia ficar.

Quantas lembranças devem ter passado pela memória do rei, enquanto estava sentado naquele divã: os primeiros dias de seu reinado, que tinham sido tão felizes; Jabe-Gileade, a lealdade de seu povo; depois viu como aquele maldito ciúme em relação a Davi, passo a passo, o lançara na corrente lamacenta que o estava empurrando agora para um fim suicida. Esse é um dos mais penosos espetáculos da história. Mas aprendamos essa lição; vigiemos e oremos; evitemos a primeira e pequenina rachadura dentro da argamassa da vida!

1 SAMUEL 29.1-11

Sob Justa Suspeita. Davi estava em apuros! A que difícil situação o haviam conduzido as mentiras daquele último ano e meio! Ele não tinha outra alternativa senão acompanhar o rei Aquis à batalha, mas deve tê-lo feito com o coração oprimido. Parecia que seria obrigado a combater Saul, o ungido do Senhor, e Jônatas, seu amigo, bem como o povo que ele, um dia, iria governar. Provavelmente ele deve ter-se voltado para Deus, em oração suplicante, pedindo que o desenredasse da emaranhada

teia que seus pecados tinham tecido. (Ler Deuteronômio 30.4.)

Uma inesperada porta se abriu no vale de Acor. Os príncipes filisteus se sentiram ofendidos com a posição de Davi na retaguarda com o rei, e insistiram em que voltasse a Ziclague com seu servos. Afinal, Aquis teve de ceder, embora com grande relutância. Ele pouco percebeu da sensação de alívio com que Davi ouviu a ordem real. E quando, naquela madrugada cinzenta, ele partiu com seus homens na jornada rumo à casa, deve ter entoado as palavras do Salmo 124.7.

1 SAMUEL 30.1-15

Um Golpe que o Levou de Volta a Deus. Quando Davi estava deixando o campo de batalha, vários homens de Manassés se uniram a ele (1 Cr 12.20), e, assim, sua comitiva foi grandemente aumentada. Foi como se Deus já previsse a provação que o aguardava e o estivesse preparando para enfrentá-la. Mas que ato de misericórdia divina foi o fato de ele ter sido mandado de volta, e o de que nenhuma guarnição tivesse sido deixada para proteger as mulheres — o que poderia ter irritado os invasores — e que ninguém tivesse sido morto (v. 2)!

No primeiro momento de tristeza e horror, somente a intervenção da graça divina podia salvar a vida de Davi. Mas essa foi a hora de sua volta a Deus. E com as cinzas ainda quentes aos seus pés, a aflição comprimindo seu coração, a ameaça da violência em seus ouvidos e a amarga contrição na consciência, “Davi se reanimou no Senhor seu Deus”. A partir daquela hora ele voltava a ter sua antiga personalidade, forte, alegre e nobre. Após meses de negligência, pediu a Abiatar que trouxesse o éfode, e procurou saber qual era a vontade de Deus. Então, com maravilhoso vigor, saiu em perseguição dos invasores e recuperou tudo. Ele tinha sido tirado de um horrível poço de perdição, e, de novo, seus pés estavam sobre a rocha (Sl 40.2). Seus passos agora podiam ser firmados.

1 SAMUEL 30.16-31

Repartindo os Despojos. Aquele que se apóia na força do Senhor é bondoso

para com os fracos e cansados, e não se deixa intimidar pelo clamor dos homens de Belial. Assim, não ficamos surpreendidos ao constatar que Davi cordialmente tenha perguntado aos 200 sobre o seu bem-estar (v. 21), e insistiu em que eles fossem também contemplados na partilha, assim como os que tinham estado na batalha. Isso constituiu um belo exemplo de bom senso cristão, e a sensatez da decisão agradou aos seus seguidores. Os lucros e perdas do grupo inteiro deviam ser partilhados igualmente pelos que estavam na frente de batalha e na retaguarda. Essa é a regra de Deus! Aquele que recebe o profeta, terá a recompensa do profeta. Moças que, em vez de se tornarem missionárias, ficam em casa para cuidar de uma mãe idosa; moços sem pais que trabalham para sustentar os irmãos menores; inválidos confinados em seus quartos — animem-se todos. Eis que todos participarão da vitória do seu Senhor. O coração agradecido de Davi produziu um fruto prático nas generosas dádivas que fez aos que lhe haviam mostrado bondade, em seus períodos de adversidade. A gratidão é o sinal de uma natureza nobre. Partilhemos nossas posses com outros menos favorecidos e teremos mais prazer nelas (2 Co 8.14,15).

1 SAMUEL 31.1-13

Um Ato de Bravura num Dia Negro. Essa derrota significou mais que um revés. Foi um sintoma da decadência nacional. O reinado de Saul trouxera degeneração moral para o povo. Sua fibra moral estava debilitada, sua força vital empobrecida. Quando o rei e o povo foram pesados nas balanças divinas (que estão sempre nos testando), foram achados em falta! Raramente uma pessoa peca sozinha! O pecado é contagiante como uma epidemia!

Muita coisa havia acontecido desde que Saul fora designado rei. Pena que uma aurora tão brilhante viesse a ter um ocaso tão nublado! Como uma nobre árvore, Saul tombou diante da tempestade. Caiu porque nunca orou, como fizera Davi, para ser absolvido das faltas ocultas e para ser guardado

da soberba (Sl 19.12,13). O único lampejo de luz naquele dia terrível foi o gesto cavalheiresco de Jabes-Gileade. Seus filhos jamais poderiam esquecer a valorosa façanha do rei em seu favor. Como fizeram José de Arimatéia e Nicodemos, por

ocasião da morte do Senhor, eles se identificaram com o que parecia uma causa perdida. Que cada um que lê essas linhas seja igualmente agradecido e generoso em confessar Aquele que nos libertou de morte ainda pior!

O SEGUNDO LIVRO DE **SAMUEL**

O Reinado de Davi



1. O INÍCIO DO REINADO DE DAVI, EM JUDÁ 1-4.
 - a. O lamento de Davi pela morte de Saul e Jônatas 1.
 - b. A disputa entre Davi e Is-Bosete 2.1-3.5.
 - c. Abner separa-se de Is-Bosete e une-se a Davi 3.6-21.
 - d. Joabe assassina Abner 3.22-39.
 - e. A queda da casa de Saul 4.

2. O REINADO DE DAVI SOBRE TODO O ISRAEL 5-20.
 - a. Davi é proclamado rei por todas as tribos 5.
 - b. O cuidado de Davi para com a arca 6,7.
 - c. As conquistas de Davi 8.
 - d. A bondade de Davi para com os remanescentes da casa de Saul 9.
 - e. A guerra com Amom e o cerco de Rabá 10-12.
 - f. O crime de Absalão, banimento e retorno 13,14.
 - g. Rebelião e morte de Absalão 15-18.
 - h. O retorno de Davi e a sedição de Seba 19,20.

3. APÊNDICE: INCIDENTES, REGISTROS E SALMOS NÃO DATADOS 21-24.
 - a. A história de Rispa; feitos das guerras filistéias 21.
 - b. As palavras de Davi 22.1-23.7.
 - c. O registro dos valentes 23.8-39.
 - d. O levantamento do censo; a peste 24.

INTRODUÇÃO

O Segundo Livro de Samuel é dedicado inteiramente ao reinado de Davi. Sua aclamação como rei, primeiro por Judá e depois por todas as outras tribos, suas guerras e conquistas, seu cuidado pela vida religiosa do povo, seus pecados, e as calamidades que sofreu são apresentados em uma narrativa vívida e convincente, com acurada imparcialidade.

“Um fato digno de nota nos livros de Samuel”, diz James Robertson, “é a proeminência dada à música e ao cântico. Nesses livros há um número excepcional de peças poéticas atribuídas ao período, e todas as indicações reunidas justificam amplamente a fama de Davi como o doce cantor de Israel, bem como a atribuição que lhe é feita da autoria do volume de cânticos sagrados que nunca cessavam em Israel, e que ficaram incorporados aos Salmos.”

COMENTÁRIO

2 SAMUEL 1.1-16

“O Ungido do Senhor.” O cenário se desloca de Gilboa para Ziclague, para onde a notícia foi levada por um amalequita. É interessante observar o modo como Davi a recebeu. Embora tivesse passado anos levando a vida dura de um bandoleiro, cercado de homens grosseiros e endurecidos, ele não perdera a delicadeza e o refinamento de seus primeiros dias. Para homens como Nabal ele parecia um proscrito; mas, os que eram admitidos ao círculo mais íntimo dos seus amigos sabiam que existia uma vasta diferença entre ele e os homens que o seguiam. Cuidemos para que, pela comunhão com Deus, conservemos nossa natureza incontaminada do mundo, com seu gume sempre afiado e seu viço intacto.

Foi uma genuína tristeza que levou Davi a rasgar suas roupas, e uma sincera reação de horror que o levou a executar esse regicida confesso. Então das profundezas de seu coração sincero brotou o “Hino ao Arco”, uma das mais belas elegias da literatura universal. Fa-

lemos dos mortos com bondade. Que Deus, em sua infinita compaixão, os julgue, enquanto nós espalhamos flores sobre seu túmulo.

2 SAMUEL 1.17-27

“O Hino ao Arco.” Esse belo poema não tem igual. É o modelo perfeito de um canto fúnebre. Está para a poesia, assim como *A Marcha Fúnebre*, do oratório *Saul*, de Haendel, está para a música. O salmista é compelido tanto pela arte como pela afeição. Ele não podia ter composto esse cântico se não fosse um consumado artista, e a menos que estivesse cheio daquele amor divino que tudo crê, suporta, espera, sofre, e nunca falha.

Ele esquece tudo o que sofreu. Seu amor se recusa a levar em conta tudo que não foi agradável e belo em seu rei. E, para Jônatas, há um verso especial. Os filisteus haviam sentido a força de Davi, mas seu amigo havia conhecido sua amabilidade, terrível como um redemoinho, mas também cativante como uma mulher! Mas se o amor humano só pode atribuir virtude àqueles

que são objeto de sua afeição, o que o amor de Deus não dirá de nós, sentirá por nós e atribuirá a nós! Eis aqui um pequeno indício das extraordinárias riquezas do amor com que ele nos amou, mesmo quando estávamos mortos em pecados!

2 SAMUEL 2.1-11

Um Povo Dividido. O hábito de Davi de consultar o Senhor não foi interrompido quando ele ascendeu ao trono. Ainda deixava que seus passos fossem sempre ordenados pelo Senhor, que se deleitava no caminho de seu servo. De quantos erros poderíamos ser poupados se confiássemos no Senhor de todo o coração e nos guiássemos menos por nosso próprio entendimento! Os que assim crêem não precisam apressar-se.

Essa unção em Hebrom — a segunda que Davi recebia — tem um paralelo na unção do Espírito Santo, recebida pelo Senhor em sua ascensão. “Tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo”, disse Pedro no dia de Pentecoste, “derramou isto.” A casa de Saul ainda estava disposta a governar. Sua sede estava no outro lado do Jordão. Não é esse um tipo do estilo do mundo que está destinado a desaparecer? Não pode haver paz entre os que recusam a cruz, com sua morte separadora, e os que a aceitam. A guerra será longa e dolorosa, mas o resultado final será a vitória da casa de Davi, da qual o Senhor é raiz e geração (Ap 22.16).

2 SAMUEL 2.12-23

Duelo Mortal. Durante sete anos e meio, Davi reinou sobre a casa de Judá. Ele estava na flor da vida, com trinta anos de idade, e parece ter-se dedicado à consolidação de seu reino e à calma santidade do lar. Em todos esses anos, ele conservou aquele espírito de calma expectativa que transparece tantas vezes nos salmos. Nisso, ele nos lembra o Senhor, quando a Bíblia diz que ele está assentado ao lado de seu Pai até que seus inimigos se tornem estrado de seus pés.

De Hebrom, a cidade da comunhão, partiram bandos de valentes para lutar

com Is-Bosete, tal como os guerreiros da cruz, de todas as épocas, têm saído para engajar-se em conflito mortal com a descrença e o pecado. A morte de Asael traz-nos à lembrança o martírio de Estêvão. Mas ainda não é o fim! A luta da igreja não é contra a carne e o sangue, mas contra os maus espíritos que governam a escuridão do mundo. Portanto, suas armas não são carnisais, mas espirituais, e, particularmente, a representada por “toda oração” (Ef 6.10-20).

2 SAMUEL 2.24-32

“Consumirá a Espada Para Sempre?” Quanto mais tempo devora a espada, mais amargo o ódio produzido. Naquela manhã bem cedo, cada um dos vinte e quatro moços tinha enterrado a espada no coração do antagonista; e, à medida que as horas passavam, a chama do ódio recíproco ficava mais quente. Era impossível dizer até onde aquilo levaria. O ódio é como um fogo na pradaria em sua rápida propagação e terrível destruição.

Quando caiu a noite, Abner, alarmado pela perspectiva de um massacre, pediu a Joabe que cessasse a perseguição. De outro modo, Joabe teria lutado pela noite adentro. Entretanto, ele retirou seus homens, e Abner, ainda temendo sua ira, atravessou o Jordão, naquela noite, em marcha forçada.

A referência de Abner à insaciável fome que a espada tem de ceifar vidas humanas nos lembra, pela força do contraste, a que Cristo tem de buscar e salvar aquele que está perdido. Seu anseio de salvar é ardente. Sua comida e bebida são ganhar almas para a vida eterna que ele está encarregado de transmitir.

2 SAMUEL 3.1-11

Uma Rutura nas Fileiras Inimigas. A carreira de Abner revela os princípios sobre os quais homens ambiciosos edificam a vida. Ele era, na opinião de Davi, um grande homem e um príncipe, mas sua alma estava ansiosa por sucesso. “Ele se fez poderoso na casa de Saul.” (V. 6.) Ele sabia que Davi era o rei designado por Deus e que, o propósito divino se cumpriria por meio dele (vv.

10,18); mas colocou Is-Bosete no trono talvez porque isso parecesse garantir-lhe sucesso pessoal. Era uma deliberada tentativa de contrariar a vontade de Deus, que falhou miseravelmente. “Ai daquele que contende com o seu Criador!”

Is-Bosete era um homem de personalidade pobre e fraca, um mero rei fantoche colocado no trono apenas porque podia tornar-se maleável nas mãos do seu grande general. Mesmo assim começou a protestar quando Abner ameaçou desertá-lo. E, desse modo, a aliança entre a ambição e a fraqueza foi quebrada, e estava aberto o caminho para Davi chegar ao trono de todo o Israel. Nesse meio tempo, ele reinava em Hebrom, esperando, como o Senhor espera à direita do Pai, até que seus inimigos sejam colocados como estrado de seus pés (At 2.34,35).

2 SAMUEL 3.12-21

Abner Conquista a Estima de Davi. Não podemos justificar o ato de Davi reivindicando a devolução de Mical. Assim agindo, levou o sofrimento a um casal aparentemente feliz, e a vingança de Mical feriu-o profundamente (2 Sm 6.20). Mas ele pode ter-se sentido no direito de insistir em manter sua condição legal de genro do rei anterior. Essa precaução, no entanto, não era necessária, visto que os que esperam em Deus não precisam usar dos expedientes utilizados pela prudência do mundo.

Fora isso, Davi manteve uma atitude passiva. Os passos iniciais para a transferência do reino para ele foram dados por Abner. Foi ele que se comunicou com Israel e Benjamim e, depois, com Davi. Vemos, então, como grandes acontecimentos podem ocorrer ao nosso redor enquanto vivemos no centro da vontade de Deus em perfeita paz. Devemos estar dispostos a atender ao vibrante chamado do clarim para entrar em ação; mas devemos, também, ter nosso compasso de espera, quando estamos pacientemente aprendendo a controlar-nos. Os longos dias do verão são necessários para preparar a colheita do outono; e as horas passadas no Horebe e no Carmelo nos

preparam para os momentos de ação, em que o servo de Deus deve participar da elaboração da história em sua época.

2 SAMUEL 3.22-30

Uma Vingança Traiçoeira. Não há dúvida de que Abner fora realmente desleal e traiçoeiro, mas isso não desculpa o covarde ato de Joabe. Ele não podia reivindicar o direito de agir como *goel* — vingador de sangue — pela morte de Asael, pois este tinha morrido como soldado no campo de batalha. É provável que Joabe tenha feito o que fez induzido pela inveja dos talentos militares, da enorme influência e da vasta popularidade do general rival, que ele matou a sangue-frio, praticamente às portas da cidade de refúgio. Evidentemente ele era um homem feroz, cruel e inescrupuloso, que mais prejudicou a Davi do que o ajudou (v. 39). Mas Joabe estava destinado a sofrer punição semelhante posteriormente (1 Rs 2.28-34).

Este mundo é governado de acordo com um plano divino. Nós não precisamos assumir uma posição de juiz; Deus já a assumiu. Suas recompensas e castigos recaem com maior certeza do que pensamos. Não importa se as tramas dos ímpios estão ocultas em meio às complexidades do estado ou expostas a todos os olhares; podemos ter certeza de que eles colherão o que semearem, bem como sofrerão males semelhantes àqueles que procuraram infligir a outros. Todos nós receberemos o que merecermos.

2 SAMUEL 3.31-39

O Lamento de Davi por Abner. Foi um nobre espetáculo quando Davi acompanhou o féretro de Abner e chorou junto ao seu túmulo. Ele esqueceu que aquele homem fora para ele um inimigo ferrenho, e lembrou somente suas grandes qualidades pessoais. A coroa poética que ele teceu para o túmulo de Abner por pouco se igualava à que ele preparara para o de Saul. Não é de estranhar que o povo observasse isso e que tal atitude agradasse a todos. Devemos ter bastante cuidado em evitar qualquer cumplicidade com os atos

maus daqueles com os quais estamos relacionados e em nos conservarmos livres dos destroços que flutuam ao redor de nós. A honra da causa de Deus deve ser mais preciosa a nós do que a nossa própria vida.

Devemos dedicar-nos com paciente cuidado ao cultivo de um espírito nobre e generoso, como o que Davi demonstrou para com Saul e Abner. Ele resulta de anos de autodisciplina, de oração, de comunhão com Deus. A vida é muito curta para que nos permitamos consumi-la com maus pensamentos e idéias de vingança. Entreguemos a Deus todos os ímpetus de desforra! Certamente devemos opor-nos ao malfeitor quando o fraco e indefeso estão em perigo; mas, quando se trata de nós mesmos, devemos vencer pelo amor!

2 SAMUEL 4.1-12

Outro Ato Traiçoeiro e Seu Castigo. A morte de Abner acabou por decretar a derrota de Is-Bosete. Esses dois capitães cometeram um crime vergonhoso e mereciam um duro castigo por seu ato covarde de assassinato. Seu crime se tornou ainda mais desprezível por causa da confiança que lhes dispensava o príncipe.

Como as naturezas brutas entendem pouco as obras de uma natureza realmente espiritual! Esses homens pensavam que, se estivessem no lugar de Davi, nada lhes seria mais agradável do que a remoção do último obstáculo ao trono. Eles raciocinavam que Davi pensaria assim e os recompensaria generosamente. Mas, para espanto deles, ele se voltou contra eles, em sincera indignação. Precisamos ter coragem de agir sem olhar nossos interesses pessoais, vendo apenas a luz e o fogo do trono eterno.

Notemos o espírito devoto de Davi. Ele atribui sua redenção à terna misericórdia de Deus (v. 9). Seu primeiro pensamento foi sempre o amor, a graça e o auxílio de Deus. Ah, cristão, você também um dia atingirá as luminosas alturas, firmado na qual poderá afirmar: "Ele remiu a minha alma de toda a angústia". A noite pode ser longa, mas a alva está chegando.

2 SAMUEL 5.1-12

Davi Reina em Jerusalém. Davi foi ungido três vezes: por Samuel em sua casa, depois pelos homens de Judá e aqui. O Senhor também foi coroado assim no propósito do Pai e por sua Igreja. Agora espera um outro dia, quando será reconhecido como Rei pelo universo inteiro (Ap 11.15). As razões para a coroação de Davi se aplicam igualmente ao Senhor: (1) parentesco com eles; (2) a capacidade de liderar; (3) o propósito eterno de Deus.

Por causa da posição inexpugnável de Jerusalém, foi uma medida sábia escolher a cidade como local para a capital. Ali estava o começo de uma nova fase de prosperidade para Israel, bem como para Jerusalém, que, agora, vinha a tornar-se a "alegria de toda a terra". (Ver 1 Crônicas 12.23.) A influência de Davi aumentou rapidamente (v. 10). Ademais, ele compreendeu bem o propósito divino (v. 12). Muitas vezes somos incapazes de perceber isso nas primeiras etapas de nossa vida. Não vemos significado nem propósito nos eventos de nossa vida. Mas, à medida que os anos se passam, o grande esquema de Deus começa a desdobrar-se. Estejamos absolutamente certos de que qualquer posição ou oportunidade que obtemos não têm como alvo apenas nós, mas todo o povo de Deus.

2 SAMUEL 5.13-25

As Vitórias de Jeová Sobre os Filisteus. A prosperidade de Davi o levou a uma vida de luxo e ao prazer sensual, de onde mais tarde lhe adviriam sérias dificuldades (v. 13).

Os filisteus presenciaram a conquista de Jerusalém com profunda ansiedade. Davi à frente de uma nação unida era algo que ia contra os interesses deles. Ao que parece, seu primeiro ataque levou Davi de volta à caverna de Adulão (v. 17). Isso constituiu uma alarmante reversão da sorte, mas foi salutar para que, naquele momento e sempre, Davi sentisse se estava confiando plenamente em Deus, e saber que o Senhor que lhe havia dado tanto, podia a qualquer momento retirar suas dádivas. Isolamento, fracasso, e solidão

são necessários a todos nós! Duas vezes Davi buscou orientação sobre como deveria ser a luta. Na primeira vez, a ordem foi: "Sobe". Na segunda, foi: "Não subirás". Na primeira batalha a posição dos filisteus foi tomada de assalto; na segunda foi vencida por emboscada. O movimento nas árvores sugere o som dos passos dos exércitos angelicais. Quem nos dera termos o ouvido aguçado para detectar a aproximação do auxílio de Deus, e graça para apressar-nos em segui-lo!

2 SAMUEL 6.1-11

Interrompido o Retorno da Arca. Nada voltamos a ouvir acerca da arca desde que ela deixou a terra dos filisteus (1 Sm 7.1,2). A vida espiritual da nação deve ter descido a um baixo nível, senão esse santo símbolo da presença de Deus não teria sido negligenciado dessa forma. Davi queria fazer da nova capital o centro religioso, bem como o centro político do seu reino. Era, portanto, necessário que a arca fosse trazida para a cidade.

A santidade da arca residia em sua associação com Jeová Sabaoth, "o Senhor dos Exércitos". Ela era seu assento ou trono. Ele "se assenta acima dos querubins". Determinava a lei que ela fosse transportada sobre os ombros dos levitas, e Davi não tinha o direito de usar um carro novo para aquele fim, conforme o estilo dos filisteus (Nm 7.9; 1 Cr 15.12-15). A morte de Uzá e a bênção na casa de Obede-Edom ilustram a severidade e a bondade de Deus. Nem um i ou um til da lei passará; portanto, a menor violação dela deve acarretar sofrimento para os que cometem ofensas, enquanto a reverência, a obediência e a fé garantem uma resposta imediata do favor e do amor divinos. Deus pode tomar conta dos seus, e o fará. Não precisamos temer pela segurança da sua igreja.

2 SAMUEL 6.12-23

A Arca Habitou na Cidade de Davi. Josefo relata que, desde o momento em que a arca descansou debaixo do teto de Obede-Edom, áurea maré de prosperidade ali transbordou, passando ele da pobreza à riqueza. Mas 1 Crônicas 26.4,5

lança uma nova luz sobre o assunto, porque ali verificamos que a família inteira se ligou ao serviço da casa do Senhor, e até os netos dele se tornaram poderosos. Basta que abramos nossa casa para a arca de Deus — isto é, que transmitamos as observâncias da religião para nossos filhos e dependentes — e também para nós haverá bênção semelhante. Gostamos de imaginar a reverência e a alegria com que aqueles meninos e meninas iam deitar-se à noite, ao pensar que o símbolo da presença de Deus estava em sua casa.

Dessa vez, o ritual prescrito foi minuciosamente observado. A advertência dada pela morte de Uzá tinha despertado a nação inteira para a percepção de sua indiferença e negligência. O golpe foi terrível, mas o efeito foi altamente salutar. Parecia que as comportas da alegria de Davi se haviam escancarado e ele não podia conter seu êxtase. Então, com o coração transbordante, ele se voltou para abençoar o povo. O único incidente que estragou o dia foi o amargo discurso da pobre Mical. Não há alegria perfeita neste mundo; toda rosa tem seus espinhos.

2 SAMUEL 7.1-17

O Futuro Glorioso da Casa de Davi. Fazemos para a causa de Deus sempre melhor do que fazemos para nós mesmos. Não temos o direito de morar no luxo, enquanto a arca de Deus está numa tenda. Tenhamos cuidado, também, em não dar orientação ou conselho, sem, antes, consultar Deus. Podemos ser tão bons como Natã, mas se falarmos independentemente do Espírito divino, provavelmente, no dia seguinte, teremos que engolir nossas palavras.

A intenção de Davi era boa, mas nem ele era o homem indicado para construir o templo, nem aquela era a ocasião propícia. (Ver 1 Crônicas 22.8.) Ainda não era tempo de trocar a espada pela colher de pedreiro, mas, por enquanto, a intenção era aceita em lugar do ato. Foi então, a oportunidade para Deus derramar uma perfeita avalanche de bênçãos, que deve ter feito Davi esquecer aqueles fatigantes anos de espera e de caminhadas errantes. Não fiquemos ansiosos acerca do futuro. Empregue-

mos nossa vida e todos os recursos dela no serviço de Deus, e ele cuidará de nós. Nunca será exagero exaltarmos a bondade e a misericórdia que Deus reserva para os que confiam nele, perante os filhos dos homens. E é porque ele nos ama que não hesita em punir-nos.

2 SAMUEL 7.18-29

A Oração Humilde e Agradecida de Davi. A promessa feita por meio de Natã era tripla: (1) que a casa de Davi reinaria para sempre; (2) que seu descendente edificaria o templo; (3) que o reino de Israel seria estabelecido. Essas brilhantes palavras foram cumpridas figurativamente na história de Judá, mas em substância na Pessoa daquele de quem o próprio Davi ouviu falar (At 2.30). Só existe Um cujo reino é permanente, cujo reinado é sem fim, e que pode trazer descanso ao coração dos homens. (Ver Zacarias 6.12.)

Tiremos sempre alguns momentos para *assentar-nos* diante de Deus. É bom ajoelhar-nos ou permanecer de pé; mas tenhamos momentos de meditação para abrimos a Deus a face sensível de nossa alma e recebermos as impressões dele. É bom para todos nós recolhermos as santas promessas de Deus e lhas devolvermos dizendo: "Faze como falaste". Aprendamos a pôr o dedo nessa ou naquela promessa, transformando os cheques das promessas no dinheiro vivo das bênçãos diárias para darmos graças a ele diariamente. Não existe nenhum outro exercício espiritual no qual o homem possa absorver mais fortalecimento, mais capacidade para o bem, mais glorificação a Deus do que essa.

2 SAMUEL 8.1-18

Vitorioso em Todos os Lados. Nesse capítulo aparece duas vezes a informação de que o Senhor dava vitórias a Davi "por onde quer que ia" (vv. 6,14). Na verdade, ele foi mais do que um vencedor, porque não somente obteve vitórias mas, também, os despojos de seus inimigos, dos quais, depois, fez grandes doações à casa de Deus. Lembramos das maravilhosas palavras: "Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo", e: "O Cordeiro os vencerá... vencerão também os cha-

mados, eleitos e fiéis que se acham com ele". (2 Co 2.14; Ap 17.14).

Neste mundo, nunca poderemos depôr nossas armas. Muitas vezes, algumas tentações que julgávamos excluídas de nossa vida, revivem com seu antigo vigor e se apresentam até mesmo com maior sutileza e força. Nossas resoluções e votos fracassam. Somos constantemente lembrados de nossa fraqueza e dependência. A única vitória permanente é a nossa fé, que recebe dele o que não conseguimos obter por nós mesmos. É uma experiência muito humilhante, mas é a nossa proteção contra o orgulho.

2 SAMUEL 9.1-13

"Bondade por Amor de Jônatas." Esse aleijado de Lo-Debar jamais pensaria que Davi lhe mostraria estima. Não pertencia à rejeitada casa de Saul? O que podia esperar de alguém que seu avô caçara como se fosse uma perdiz nos montes? Além do mais, sua deficiência física o tornava inapto para a vida da corte. Nós, como ele, somos filhos de uma raça apóstata; não temos nem beleza nem valor para recomendar-nos. Podemos associar entre si as duas sentenças seguintes: "Quem é teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu?" (v. 8); e: "Senhor, retire de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8).

Mas Mefibosete havia sido incluído em uma aliança. Ele podia não estar consciente disso, mas Davi não esquecera (1 Sm 20.14-16). Por amor ao amado Jônatas, Davi tratou seu filho como um parente consanguíneo. Nada no curso dos acontecimentos podia alterar a palavra sagrada que Davi jurara ao amigo morto. Conosco também ocorre algo semelhante. Fomos escolhidos em Cristo antes que o mundo fosse formado, predestinados para sermos seus filhos, incluídos na aliança entre o Pai e o nosso Fiador. Unamo-nos a Paulo em Efésios 1.3.

2 SAMUEL 10.1-19

O Castigo por Rejeitar a Bondade. Conta uma tradição judaica que Naás, pai de Hanum, mostrara bondade a Davi abrindo um de seus irmãos quando o rei de Moabe, traiçoeiramente, massacrara

o resto da família. A delicadeza é filha da piedade. O filho havia herdado o trono do pai, mas não o seu espírito. Influenciado por insensatos conselheiros, foi levado a insultar grosseiramente não somente os embaixadores, mas o rei e a nação que eles representavam.

Entretanto, comparemos o procedimento do Senhor para com os que o maltrataram com o dos seus discípulos. Eles foram repelidos numa certa aldeia de samitanos, e apelaram para o fogo do céu; mas Jesus lhes lembrou que a dispensação em que vivera Elias havia passado. Os discípulos eram os filhos de uma nova era, e o único fogo com o qual eles podiam lidar era o do amor (Lc 9.51-56). E mais tarde o batismo do Espírito Santo foi concedido a Samaria, talvez àquelas mesmas aldeias (At 8). Costumava-se dizer que a melhor maneira de conquistar a bondade do grande e santo Arcebispo Leighton era ser descortês para com ele. Ele não seguira o seu grande Mestre em vão.

2 SAMUEL 11.1-13

Dando Rédeas à Sensualidade. Esse adultério não foi um pecado isolado. Havia já algum tempo, que o coração de Davi estava sendo minado pelo afastamento de Deus. Para que uma forte árvore caia por terra precisa ser corroída por pequeno parasita. Joabe e seus bravos soldados estavam no meio de um grande conflito. Rabá estava sitiada e não tinha caído. Era uma época em que os reis entravam na batalha, mas Davi permanecia em casa. Foi uma letargia fatal. Se o rei tivesse estado onde deveria estar, esse pecado nunca teria manchado o seu caráter.

Um olhar, como no caso de Eva, abriu a porta para o diabo. "Desvia os meus olhos para que não vejam a vaidade." Por maiores que sejam nossos triunfos e por mais elevada que seja a nossa posição, estamos todos sujeitos a ataques e fracassos; mas, quando permanecemos em Cristo, nenhuma arma que o inferno possa forjar pode ferir-nos. Quando pecarmos, nossa única salvação está na confissão imediata. Davi adiou isso por um ano e só confessou quando foi forçado. Ele estava mais ansioso por livrar-se das conseqüências do que en-

frentar sua transgressão. Davi, sóbrio, agiu de forma pior que Urias bêbado. O singular autocontrole do soldado deu ao pecado do rei um destaque terrível e vergonhoso.

2 SAMUEL 11.14-27

Além do Adultério, o Homicídio. Joabe deve ter sorrido sinistramente consigo mesmo quando recebeu a carta do seu senhor. "Esse nosso rei pode cantar salmos entre os bons, mas quem tem de fazer o serviço sujo sou eu. Ele quer livrar-se de Urias — e vou eu querer saber por quê? Bem, vou ajudá-lo nisso. De qualquer maneira ele não poderá mais falar nada comigo acerca de Abner!" (Ver 3.27.) É terrível quando os servos de Deus dão ao inimigo tal oportunidade para blasfemar.

Urias foi enviado para a frente de combate, onde viria a morrer. O rei foi devidamente comunicado e, ao ouvir a notícia, deve ter dado um suspiro de alívio. Agora, a criança poderia nascer debaixo da proteção de um casamento legal. Houve, no entanto, uma falha fatal em todo o arranjo: "Isso que Davi fizera, foi mal aos olhos do Senhor". Davi e o mundo voltariam a ouvir falar daquilo. Mas como é triste ver aquele mesmo que tinha falado sobre ter um coração sincero dentro de sua casa, que possuía uma capacidade tão grande para ter comunhão com Deus, tivesse cometido esse duplo pecado (Sl 101.2)! Um salmista, um rei, um homem que ama profundamente a Deus — e tudo isso é jogado na lama por um apaixonado ato de sensualidade!

2 SAMUEL 12.1-14

"Tu és o Homem." Um ano se passara após o seu pecado, mas Davi não dera sinal algum. Ele descreve sua condição durante esse terrível período no Salmo 32.34. A consciência o açoitava incessantemente, mas ele não se voltou para Deus enquanto Natã não foi enviado para falar-lhe. O Bom Pastor foi atrás da ovelha que estava perdida até que a achou. "Refrigera-me a alma!" Mas a agonia de alma não basta, ainda que seja profunda; é preciso fazer confissão.

A parábola de Natã foi o espelho pelo qual o rei enxergou a enormidade

do seu pecado. Ele foi condenado, e se condenou. Pela manifestação da verdade, Natã se impôs à consciência do rei, à vista de Deus. E, por fim veio o golpe final — “Tu és o homem”. Imediatamente, Davi fez sua confissão que foi profundamente sincera. E ele não viu seus pecados como erros cometidos contra o homem. Foi tudo um terrível pecado contra Deus. “Pequei contra ti, contra ti somente.” E a confissão foi recebida, como sempre é, com uma pronta garantia de perdão — “Também o Senhor te perdoou o teu pecado”.

2 SAMUEL 12.15-31

Aceitando o Castigo do Senhor. Quando Natã saiu, Davi extravasou sua breve confissão no Salmo 51. Ele sabia que estava limpo porque fora purgado com hissopo (Êx 12.22); que estava mais alvo do que a neve, porque a mão do Redentor o tinha tocado, e a alegria da salvação de Deus lhe havia sido restaurada. Agora, ele se curvava diante da série de más conseqüências que adviriam. O pecado pode ser perdoado, mas o Pai precisa castigar o filho.

A criancinha morreu. Sentimos profundamente quando crianças inocentes sofrem por causa de nossos erros. Dois anos depois, um dos filhos de Davi cometeu o mesmo pecado, enquanto outro procurava depor o próprio pai do trono. No delito de Amnom, Davi viu os traços de sua própria paixão, e, na vingança de Absalão, seu próprio pensador para o derramamento de sangue. Acredita-se que os Salmos 41 e 55 registrem seu sofrimento durante aqueles dias sombrios, quando parecia que o brilho do sol apagara-se para sempre de sua vida. É estranho que ele tratasse Rabá com tanto rigor; mas pode ser, como pensam alguns, que a sorte da cidade tivesse sido decidida durante os meses que precederam sua confissão, quando sua intransigência interior o tornou petulante e exigente.

2 SAMUEL 13.1-14

O Pecado da Família de Davi. A lei de Moisés claramente proibia a união que Amnom tentava conseguir (Lv 18.11). Era uma paixão indigna, e a sugestão

de Jonadabe, se tinha em si reflexos do caráter do pai dele, mostrava por que o Senhor tinha dito de Samá: “Tampouco a este escolheu o Senhor” (1 Sm 16.9). A paixão é surda às queixas e argumentações de sua vítima, e sufoca a compaixão e a honra. Andemos no Espírito, para que ele possa salvar-nos de nós mesmos; porque ninguém sabe até onde podemos ir se não formos guardados pela graça de Deus.

Parece difícil acreditar que assim fosse o lar do homem que escreveu os Salmos. Teria sido melhor que ele tivesse permanecido no vale da cabra selvagem do que em meio ao luxo de Jerusalém, que se introduziu de forma tão devastadora na paz e na pureza do seu lar. Nós temos mais proveito vivendo no clima descampado das montanhas do que na enervante atmosfera das planícies.

Assim o pecado de Davi começou a trazer um legado de miséria para o seu próprio lar. Nenhum de nós pode limitar a extensão da colheita que obtemos das sementes que lançamos no rio da vida.

2 SAMUEL 13.15-27

Absalão Realiza Julgamento. Quando os homens se rendem a paixões irregulares, eles vão de um extremo a outro — do amor depravado ao ódio depravado. Se as mulheres ao menos percebessem isso, muitas vezes poderiam poupar-se uma vida de miséria. Render-se ao impulso de um homem não é conquistar a lealdade dele, mas aliená-la e, talvez, destruí-la.

Absalão era irmão germano de Tamar e, como o pai não a ajudara, era ele seu protetor natural. Recomendando-lhe que se conservasse calada, Absalão esperou tranquilamente uma oportunidade conveniente para tirar vingança; mas ela, pobre moça, tinha de enfrentar uma vida arruinada. O crime de sua sedução pairaria sobre ela como uma nuvem negra que nem mesmo a vingança que Absalão estava prestes a tomar poderia remover. Quantos milhares de moças têm enfrentado a mesma triste sorte!

Era dever de Davi, como pai, punir o malfeitor. A lei impunha a pena de

morte para um tal delito (Lv 18.9,29). Mas as mãos de Davi não estavam limpas. Ele tinha incorrido pessoalmente na mesma pena, e não podia condenar em outro o que tinha tolerado em si mesmo. Além disso, a Septuaginta acrescenta: “Ele amava Amnom porque era seu primogênito”. Como são tortuosos os caminhos do pecado!

2 SAMUEL 13.28-39

Absalão Foge Enquanto Davi Chora. Absalão acalentou sua ira durante dois anos. O tempo não alterou sua decisão, embora servisse para amortecer qualquer suspeita que pudesse ter surgido se ele tivesse tomado providências imediatas para que Amnom ficasse à sua mercê. Ocorreu, então, uma festa de toquia, o convite para que Amnom abandonasse a proteção do palácio, seu assassinato, o boato que chegou até Davi, e a fuga do assassino para a casa do pai de sua mãe, Talmai, o rei de Gessur. Naturalmente, se Davi tivesse insistido em seu retorno, Absalão teria de ser entregue para sofrer o castigo; mas, de novo, a lembrança de seu próprio pecado deteve a mão de Davi. Não tinha ele, traiçoeiramente, tramado a morte de Urias? Como podia punir o vingador de uma afronta feita à própria irmã? O seu próprio pecado entrara em sua casa para ficar.

A punição do pecado é muito mais rápida e certa do que muitos parecem supor, não somente na vida futura, mas nesta também. Não precisamos subir ao trono para exercermos vingança. Essa parte é de Deus, e é cumprida pela inevitável operação da lei. O que um homem semeia, invariavelmente é obrigado a colher.

2 SAMUEL 14.1-17

A Intercessão de Joabe Pelo Fugitivo. Joabe tinha objetivos pessoais quando se empenhou pela volta de Absalão. Estariam os dois acumpliciados em uma grande conspiração? Ou será que Absalão, com muita sagacidade, estava usando Joabe para realizar seus próprios intentos? Davi hesitava. Se chamasse Absalão de volta sem punição, os sustentáculos da lei e da ordem ficariam abalados no reino todo. Joabe percebeu que, de al-

gum modo, ele devia solucionar esse conflito mental dele; e foi com essa intenção que ele convocou, de Tecoa, uma aldeia vinte quilômetros ao sul de Jerusalém, essa mulher de excepcional inteligência. Por meio de bem elaborada parábola, ela mostrou que, em certas situações, mesmo um assassinato pode ser tolerado.

Em seu discurso, ela introduziu a frase de ouro que diz que até Deus preparou meios para que os seus banidos não sejam expulsos. Deus planejou meios, mas quanto custaram eles! No caso de Davi, não houve a tentativa de atender às exigências de uma lei violada, mas no de Deus, sim. Na pessoa do Filho de seu amor, ele satisfaz as exigências da lei e as honrou pela obediência de Jesus até à morte de cruz! Ele é justo e Justificador! A justiça e a paz se beijaram na cruz de Jesus. (Ver o Salmo 85.10.)

2 SAMUEL 14.18-33

Restaurado, Embora Impenitente. Joabe sabia perfeitamente que Davi ficou satisfeito de poder chamar Absalão de volta deixando transparecer que o fizera em atenção ao pedido do mais poderoso dos seus súditos. Mas Joabe estava igualmente satisfeito porque Absalão agora estava numa posição que favorecia a execução de planos visando ao seu sucesso pessoal. Sua recusa de encontrar-se com Absalão talvez fosse apenas dissimulação. Davi, ao menos, viria a arrepender-se amargamente pela fraqueza de restaurar seu voluntarioso filho sem que este se mostrasse arrependido.

O comportamento de Absalão era extremamente vil. A beleza física e a deformidade da alma muitas vezes coexistem num mesmo indivíduo. Uma sepultura coberta de flores pode conter uma putrefação corrupção. No caso de Absalão, vemos uma ilustração do que ocorreria se nosso pecado pudesse ser perdoado sem que nos tivéssemos arrependido e sido regenerados. Uma justificação sem santificação transformaria o céu em inferno. É preciso que haja uma profunda operação em nossa alma para que possamos penetrar na luz do amor de Deus. O campo de ce-

vada incendiado para provocar esse encontro entre Absalão e Joabe é uma sugestão acerca das muitas vezes em que Deus se vê forçado a queimar nossos bens preferidos para que, enquanto as chamas se elevam para o céu, possamos ser levados a buscar a presença daquele contra quem pecamos tão gravemente.

2 SAMUEL 15.1-12

A Conspiração do Filho Ambicioso. O governo de Davi se tornara relaxado. Muitas causas aguardavam julgamento. Os casos que exigiam sua decisão final haviam-se acumulado. Os requerentes nada conseguiam. O descontentamento era geral. O rei tinha perdido o primeiro amor e o respeito de seu povo. Talvez a história do seu pecado tivesse transpirado. Pensa-se, também que, por esse tempo ele foi acometido por alguma doença e que os Salmos 41 e 55 registram os sofrimentos desses anos de aridez. Enquanto isso, Absalão estava solapando o trono e dividindo o coração do povo.

Com que facilidade nosso coração pode alienar-se do seu legítimo rei! Os Absalões se insinuam e roubam nossa lealdade e amor a Jesus. Será que estamos sendo assediados por algum “príncipe”, atraindo-nos a um nível inferior àquele em que estávamos anteriormente, em dias mais felizes? Se assim for, nosso Rei pode ser afastado da cidadela de nossa alma, e acabaremos chorando a tragédia causada pela transferência de nossas afeições. Atenemos para isso antes que seja tarde demais. Sejamos duros ao lidar com Absalão!

2 SAMUEL 15.13-23

O Estrangeiro Leal. Davi estava cômico de que merecia aquele mal; daí a resolução de fugir. Como era diferente seu comportamento de agora do daquela grandiosa hora quando Golias caiu diante dele! Como a consciência de erro nos torna covardes! Mas apesar de tudo, havia um belo espírito de resignação em meio às ondas de sua amarga tristeza. Quando somos chamados a viver horas sombrias, a melhor coisa a fazer é repetir as palavras

de uma verdadeira contrição: “Eis-me aqui, faça (Deus) de mim como melhor lhe parecer” (v. 26). Que consideração mostrou Itai! Como são patéticas as palavras do rei a Zadoque! Quanta humildade enquanto subia o monte das Oliveiras! Que confiança ainda depositava em que Deus transformaria em loucura o conselho de Aitofel! É uma impressionante imagem da resignação de um coração quebrantado e contrito.

Foram nobres as palavras que Itai proferiu! Seu nome o associa com a residência de Davi em Gate, entre os filisteus. Ele era um estrangeiro e um exilado em Israel, mas por sua amizade ao rei tinha formado ali um lar para ele. Nestes dias da humilhação do Senhor, dirijamo-nos a ele com as belas e cavalheirescas palavras do versículo 21. (Ver João 12.26 e 1 Tessalonicenses 5.10.)

2 SAMUEL 15.24-37

Os Amigos do Rei Fugitivo. Além da história do Senhor, a Bíblia não registra nada mais admirável do que o comportamento de Davi quando passou por esse bosque de espinhos. Em momento algum, ele teve uma imagem mais positiva do que nesses terríveis dias. A tribulação produziu perseverança, e a perseverança experiência, e a experiência esperança, e sua esperança estava destinada a não ser frustrada. Os salmos nos quais ele eternizou essas experiências são a herança dos santos. Entres eles estão o 3, o 4, o 26, o 27, o 28 e, provavelmente, o 62. Essa caminhada dele nos faz lembrar de outra — só que mais dolorosa — a do seu Filho e Senhor (Mt 26).

A adversidade separa o falso do verdadeiro, o espúrio do genuíno. O consultor acreditado torna-se traidor (v. 31); mas em oposição a isso, deve-se observar a lealdade de Zadoque e Abiatar bem como a devoção de Husai. Há indicações de que Bate-Seba era neta de Aitofel. Isso explicaria por que Absalão mandou procurá-lo, por que se mostrou tão amargo com Davi e por que se suicidou. A cruz tem sido a pedra de toque de julgamento para milhares! Você tem se mantido fiel ao seu Rei exilado? Saíamos, pois, a ele, fora do ar-

raial, levando o seu vitupério (Hb 13.13).

2 SAMUEL 16.1-12

Um Dia que Revelou Caráter. Pode ter havido alguma verdade na afirmação de Ziba, mas devemos confrontá-la com 2 Samuel 19.24. Simei desabafou a irritação da casa de Saul. Provavelmente referia-se à recente execução dos filhos de Rispa, e talvez sugerisse que Davi fora o culpado de todo o desastre que tinha acontecido à casa de Saul desde o dia de Gilboa. Quando os homens nos amaldiçoam, mereçamos ou não, olhemos para além deles, para a vontade permissiva de Deus. “Deixai-o, que amaldiçoe, pois o Senhor lhe ordenou!”

Quando, por causa da traição de Judas, o cálice amargo chegou aos lábios do Senhor, ele disse: “Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?” Dor e tristeza, traição e palavras duras podem ser planejadas contra nós pela maldade de um Aitofel, um Simei, ou um Judas; mas, na ocasião em que essas coisas acontecerem, pela vontade permissiva de Deus, podemos recebê-las como chibatadas de sua vara disciplinadora, para que possamos participar de sua santidade. Nós não estamos sendo vítimas de um acaso nem de caprichos humanos. Deus nos trata como filhos.

2 SAMUEL 16.13-23

O Amigo Leal do Verdadeiro Rei. Sempre existe algum alívio em nossas provações. Toda nuvem é circundada por uma orla prateada ou dourada. Simei pode amaldiçoar, mas Itai jura fidelidade; Zadoque e Abiatar esquecem sua antiga rivalidade devido a um sofrimento comum; a deserção de Aitofel pode ferir-nos fundos, mas Husai está disposto a defender a nossa causa.

Tenhamos cuidado com qualquer conselho que apóia e satisfaz aos impulsos de nossa natureza carnal. Aquele que começa aconselhando-nos a fazer o que é moralmente errado, nunca pode merecer confiança como conselheiro em assuntos que exigem a máxima prudência. Aquele que não se firma na justiça e na pureza não pode ser oráculo de Deus. “A sabedo-

ria lá do alto é primeiramente pura, depois pacífica, ... e sem hipocrisia.” (Tg 3.17.) Não corramos de um lado para outro à procura de conselhos humanos. “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropria.” (Tg 1.5.) A principal característica de um homem guiado pelo Espírito é sua calma decisão bem como sua capacidade de deliberação. Os que crêem não se apressam!

2 SAMUEL 17.1-14

Frustrado Pelo Conselho de Husai. Que contraste entre as conspirações dos inimigos de Davi e o estado de espírito dele, como está revelado nos Salmos 3 e 4, escritos nessa ocasião. Em Jerusalém estavam-se fazendo planos contra ele. Aitofel fala do rei deposto como um homem cansado e frouxo de mãos, e mostra como ele pode ser facilmente derrotado, enquanto Husai o descreve como irritado e furioso. Preferindo acreditar em Husai, Absalão envia mensageiros por toda parte, reforçando-se para não ser derrotado. Davi recorre a Deus.

Ele sabe que Deus é um escudo para ele, de modo que não há necessidade de ter medo de milhares do povo. Ele se deita em paz e logo pega no sono, porque Deus o faz repousar seguro (Sl 3.6; 4.8). Ele sabe que Deus o separou para si, e ouvirá quando ele clamar. Ele disse tudo isso, embora soubesse que esses problemas eram consequência do seu pecado. Mas isso é uma prerrogativa de todos aqueles cuja iniquidade é perdoada e cujo pecado é coberto. Embora continuemos a sentir o peso da culpa ao recordar o passado, aceitamos totalmente as garantias do Senhor de que ele nos livrará das complicações causadas por nossos pecados, e atuará como nossa retaguarda protegendo-nos das consequências.

2 SAMUEL 17.15-29

Os Ajudantes do Rei. Os dois moços foram atentamente observados, e, se não fora o logro praticado contra os servos de Absalão pela mulher da casa em Baurim, provavelmente não teriam alcançado Davi a tempo de ele se pôr

a salvo. O fato de o estrategema usado por ela ter garantido a segurança dele, não atenua nem justifica a mentira. Deus poderia ter achado outro método para socorrer seu servo. Lembremos das palavras de advertência que nos falam ordenando-nos que estejamos alerta contra as tentações. Há um rio que podemos colocar entre nós e os nossos perseguidores. É o Jordão do Calvário — a cruz do Salvador. Consideremo-nos mortos para o pecado!

Como Aitofel prefigurou Judas em sua traição, assim também foi figura dele em sua morte. (Ver o Salmo 41.9 e Mateus 27.5.) Ele não somente ficou mortificado pela recusa do seu conselho, mas teve clara consciência de que a causa de Davi inevitavelmente seria vitoriosa, e eles seriam punidos. Na outra margem, amigos esperavam os fugitivos. Em relação a Sobi, ver 10.1,2; a Maquir, 9.4. Mas os Salmos 42 e 43 refletem os sentimentos de Davi naquela hora triste. Mesmo de noite o cântico de Deus estava com ele.

2 SAMUEL 18.1-15

O Fim de um Filho Rebelde. O exército de Absalão atravessou logo o Jordão sob o comando de Amasa, sobrinho de Davi (17.25,26). Embora por razões políticas Davi fosse obrigado a combater, seu coração sangrava por seu filho teimoso, de coração mau, e ele deu instruções claras com relação à segurança do filho. Aprendamos aqui uma lição sobre o próprio coração amoroso de Deus. Podemos ter sido insensíveis e irrefletidos, ter desafiado sua autoridade e recusado dar-lhe seu justo lugar; mas ele nos cerca de cuidados, deseja que sejamos poupados das duras conseqüências de nossos atos, e anseia pela nossa volta.

As tribos orientais tinham-se reunido tão entusiasticamente ao redor de Davi que ele logo se achou no comando de um grande exército que, a julgar pelo versículo 12, era-lhe absolutamente leal. Mas Joabe enxergava mais longe que os soldados comuns e sabia que enquanto Absalão fosse vivo não haveria paz. Ele tinha perdido o direito à vida, de acordo com Deuterônimo 21.18,21,23. (Ver também 2 Samuel

17.24.) Ficando sua cabeça presa na forquilha de uma árvore, parecia, na verdade, que ele fora amaldiçoado de acordo com a lei (Gl 3.13; Dt 21.23).

· 2 SAMUEL 18.16-30

A Notícia que Não Trouxe Alegria. Aimaás era famoso por sua rapidez na corrida. Ele já tinha servido à causa real e sua família era íntima do rei (15.36; 17.17). Joabe, portanto, não estava disposto a encarregar o moço com aquela notícia que devia despertar profunda tristeza no rei, e, talvez, levá-lo a associá-la depois com o portador dela. Talvez também Joabe temesse que Aimaás relatasse a parte que ele, pessoalmente, tivera na morte de Absalão. A notícia foi, portanto, confiada a um escravo etíope. Ele seguiu pela estrada que leva a Maanaim, mas o jovem sacerdote tomou o caminho da planície e ultrapassou-o.

Nós também estamos constantemente recebendo notícias. Algumas nos vêm de estranhos, outras, de amigos. Mas, se confiarmos no Senhor, não teremos medo delas (Sl 112.7). Apenas deixemos que nosso coração fique “firme”. Para nós também haverá luz nas trevas, nosso coração será bem firmado e nós não seremos abalados. Quando alguém tiver de romper o selo de uma carta temida, leve o coração a Deus. Do mal, ele tirará o bem.

2 SAMUEL 18.31-33

Lamento Tardio. Que dia terrível foi aquele para Davi, que estava sentado entre as duas portas da entrada, perscrutando o panorama, e falando de vez em quando com a sentinela postada acima dele. Será que, naquele momento, o Espírito não operou nele um arrependimento ainda mais profundo, lembrando a sensualidade, a falta de vigilância e a quebra da comunhão? Não foi essa, também, uma hora em que Davi invocou a aliança de Deus com ele e pediu-lhe que, apesar de tudo, cumprisse o que prometera (7.15)?

Enquanto Davi esperava, seu coração intercedia por Absalão. Como sua atitude é exatamente igual à de muitos que lêem estas palavras, que são inca-

pazes de se unirem nas atividades da vida, e depois passam dias e noites apresentando um nome querido diante de Deus! Mas ele ama os nossos Absalões mais do que nós mesmos! Davi desejava poder ter morrido em lugar de seu filho, e nós sentimos a mesma coisa. Mas Jesus morreu pelos ímpios! Devemos deixar tudo nas mãos dele, o Juiz de toda a terra, mas também nosso Redentor e Salvador.

2 SAMUEL 19.1-20

Trazendo o Rei de Volta. A admoestação de Joabe, embora expressa de forma rude e descortês, era inteiramente justa. As tropas reais, em vez de serem recebidas com aclamação, tinham entrado furtivamente na cidade como se tivessem sido derrotadas. Era necessário tomar medidas imediatas para elevar o moral delas. Os interesses públicos devem estar acima da tristeza pessoal.

A restauração da lealdade a Davi começou com as dez tribos; mas era essencial que Judá se unisse a elas, o que foi conseguido pela missão dos dois sacerdotes e pelas palavras dirigidas a Amasa. Isso inverteu a balança, e Judá recebeu o rei com alegria (v. 14). Que visão tudo isso nos dá da mudança que se operará quando o Senhor voltar — e ao que parece seu advento está muito perto! Veredictos anteriores serão revogados. Os Simeis suplicarão misericórdia. Os Mefibosetes serão justificados e os Barzilaiis recompensados. O que nós, individualmente, estamos fazendo para assegurar o retorno do Rei? Compare o versículo 10 com 2 Pedro 3.12. Já trouxemos o Rei de volta ao seu trono em nosso próprio coração?

2 SAMUEL 19.21-30

Um Dia Para Esquecer Ofensas. A reprovação de Abisai à deslealdade de Simeis era muito natural; mas, naquele supremo momento de triunfo, Davi podia dar-se ao luxo de ser magnânimo e, por isso, aceitou a humilde explicação e o pedido de Simeis. Evidentemente havia um crescente distanciamento entre o rei e os filhos de Zeruia.

Mefibosete afirmava que Ziba o tinha enganado vergonhosamente e o comprometera, levando o burro no qual

ele pretendia acompanhar o rei ao exílio, e acusando-o ainda de atrasar-se movido pela esperança de que pudesse ser restaurado ao trono do avô. Ele apontava para sua aparência desfigurada como evidência de sua intensa tristeza. Está claro, porém, que Davi não ficou inteiramente convencido e, desejando evitar que Ziba se tornasse seu inimigo, determinou que o imóvel fosse dividido entre eles. Mas Mefibosete afirmou sua boa disposição para com seu recente servo entregando-lhe tudo. Ele poderia sentir-se bem pago e satisfeito, agora que vira, uma vez mais e em paz, o rosto de Davi (Fp 3.8).

2 SAMUEL 19.31-43

A Volta Através do Jordão. Davi, de bom grado, teria levado Barzilai para o seu palácio, mas o famoso gileadita, respeitosamente, declinou do convite, alegando fraquezas da velhice. Entretanto, as propostas que ele rejeitou para si mesmo, aceitou-as alegremente para seu filho Quimã, que acompanhou o rei à cidade e foi tratado com toda a consideração. Por si mesmo, o moço nada tinha a reivindicar de Davi, mas ele se firmava nos méritos de outrem — de seu pai. Seu direito ao favor do rei consistia inteiramente no fato de ser ele filho de Barzilai. De modo semelhante, o crente em Jesus está unido a ele por uma fé viva, através da graça “que ele nos concedeu gratuitamente no amado”. Nós estamos tão perto de Deus e lhe somos tão queridos quanto Jesus, e, por seu amor, podemos permanecer no palácio.

O convite para que Davi voltasse partira das dez tribos, mas, como resultado de algum desencontro, as boas-vindas foram, afinal, apresentadas por Judá. Isso levou a uma renovada manifestação da rivalidade que, por fim, resultou na divisão do reino.

2 SAMUEL 20.1-13

Perseguindo Outro Rebelde. Como Simeis, Seba pertencia à tribo de Benjamim. A velha “facção de Saul” estava sempre irrompendo em rebelião, e a predição de Natã de que a espada jamais se apartaria da casa de Davi cumpria-se ao pé da letra. Precisamos estar sem-

pre vigilantes contra a volta de nossos velhos pecados.

A nomeação de Amasa fora um erro. Ele já havia provado sua incompetência sob o comando de Absalão, e, agora, seu atraso poderia acarretar em desgraça para Davi. O rei o escolheu somente porque desejava, a qualquer preço, livrar-se de Joabe. Ele não conseguia perdoar aquele general por ter matado Absalão. Contudo, por seu espírito orgulhoso, o veterano líder não admitia a divisão do comando militar, e fez com Amasa o que já havia feito com Abner. Depois fez uma tentativa para justificar o ato, lançando suspeita sobre a lealdade de Amasa. (Ver o versículo 11.) O ciumento tenta agarrar-se a qualquer coisa, por menor que seja, para justificar seus crimes.

Nós sentimos repulsa por esses atos sangrentos, mas estamos conscientes de que o coração do homem ainda é capaz de cometê-los. Verificamos, diariamente, nas atuais guerras que há pelo mundo, até onde vai a maldade do homem. O coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente mau. Só Deus o conhece, só Deus pode purificá-lo, e só Deus pode criar um coração puro e renovar um espírito inabalável em nós.

2 SAMUEL 20.14-26

Uma Cabeça Salva Muitas Outras. Essa mulher sábia, com sua intervenção, salvou muitas vidas e nos faz lembrar do valor da presença de espírito numa grande crise. Ela fez Joabe compreender, primeiro, que ele devia ter dado aos habitantes de Abel a oportunidade de dizer se pretendiam ou não lutar ao lado de Seba (Dt 20.10); e, em segundo lugar, que ele devia ter levado em conta o espírito pacífico e a fidelidade dos cidadãos daquela cidade. Muito desentendimento e derramamento de sangue seria evitado se os partidos rivais tão somente se consultassem. Existe um clamor e uma necessidade universal de juntas de arbitramento compulsório.

A cabeça de Seba salvou a cidade. Diz o Bispo Hall: "Espiritualmente, isso se dá conosco; o coração de cada homem é uma cidade murada; cada pe-

cado é um traidor que se oculta dentro dos seus muros. Se amarmos mais a cabeça de um traidor do que a nossa própria alma, pereceremos merecidamente. Devemos estar tão desejosos de desfazer-nos do nosso pecado quanto nosso misericordioso Deus o está de retirar seu julgamento". Oh, que cada leitor destas linhas dê ouvidos à ordem do Salvador (Mt 5.29,30), a fim de que obtenha a vida eterna!

2 SAMUEL 21.1-9

Uma Mãe Dedicada. Não se sabe com certeza a data exata dessa fome. Provavelmente ocorreu antes da rebelião de Absalão. A razão dela fora a matança dos gibeonitas efetuada por Saul. (Ver o versículo 1 e 1 Samuel 22.19.) Embora os antepassados deles tivessem usado de fraude para obter de Josué e dos príncipes a promessa de imunidade, ainda assim esta era tida como obrigatória, e sua violação foi considerada como uma grave ofensa, envolvendo a nação inteira no crime de perjúrio. Por isso, foi solicitado aos remanescentes dos gibeonitas que estabelecessem suas próprias exigências. Essa tendência de relacionar uma calamidade nacional com um crime nacional sempre prevaleceu. Parece existir uma consciência universal de que não ocorrem castigos sem causa.

Notemos que quando Davi se casou com Mical esta lhe fora dada em lugar de Merabe (v. 8; 1 Sm 18.19). Em meio a todas as cenas de crueldade e matança que caracterizou essa época, um exemplo de amor materno brilha sem ofuscação. Essa é uma das mais preciosas dádivas de Deus ao homem. Mas, então o que diremos daquele amor divino que se apegava a nós em nossa condição mais desesperadora?

2 SAMUEL 21.10-22

Mais Gigantes Mortos. Foi numa ocasião de tempo instável que Rispa começou sua vigília; mas nada a desanimava, nenhum preço era alto demais. Ela protegeu os restos mortais de seus entes queridos do ataque dos pássaros e das feras, até que a chegada da chuva lhe deu a certeza de que a longa fome terminara (v. 10). Tal devoção parece ter

inspirado Davi a tratar com honra semelhante os restos de Saul e Jônatas, e foram todos sepultados juntos no sepulcro de Quis.

Amor gera amor, assim como fogo ateia fogo, sem sofrer perdas. Quantas vezes uma voz que se eleva em ardorosa e veemente afeição por Jesus provoca labaredas em corações onde as chamas pareciam extintas! Não poupemos nossos vasos de alabastro, porque embora eles possam levar Judas ao desespero, estimularão um Davi ou um Pedro a cumprir um dever esquecido.

Pecados monstruosos caminhavam pelo mundo na pessoa desses gigantes (vv. 16-22). Eles assediavam Davi em sua velhice como já o tinham feito em sua mocidade. Embora não sejamos assaltados por tentações idênticas como no começo, jamais haverá ocasião em que a descendência do pecado não nos moleste; se não for a paixão, será o ciúme, ou a avareza, ou o orgulho.

2 SAMUEL 23.1-7

O Derradeiro Cântico de Davi. Coloquemos nossos lábios à disposição de Deus, para que ele possa falar por eles, e que suas palavras estejam em nossa língua. O amor de Deus é como a luz da manhã para nossa alma. Esse amor alcançou nosso coração na infância de forma tão suave que nem sabemos quando ele ali entrou. As felizes experiências daqueles anos puros e santos foram como folhinhas de grama que rebrilham num gramado molhado de orvalho. "Como o orvalho emergindo da aurora, serão os teus jovens." (Sl 110.3.)

Quando o nosso coração está a ponto de partir-se por causa de um problema doméstico ou público, que conforto é repassar a aliança firme e ordenada em tudo. Algumas vezes, na verdade, o propósito de Deus em nossa vida parece fazer uma pausa. Mas escondido pelo andaime o prédio vai sendo erguido, e sob a terra as sementes da colheita estão intumescendo.

Esses versículos falam do ideal que Davi tinha para si mesmo e que não atingira plenamente. A harpa ficou desafinada, e a cantiga já não tem mais música. Só existe um Rei que pode re-

alizar tudo o que nós pedimos ou pensamos, e tornar real nosso lindo sonho. É o Senhor Jesus.

2 SAMUEL 23.8-17

Os Valentes de Davi. Era natural que Davi suspirasse pela água do poço de Belém. Ele quase podia enxergar a velha fonte onde, quando garoto, ia com sua mãe tirar água. Sob o calor abrasador que envolvia a encosta naquela tarde sufocante, nada parecia tão desejável como um gole de água vinda daquela fria profundidade. Do mesmo modo, o exilado suspira por seu lar, e o apóstata pelo seu antigo estado espiritual. Mas, graças a Deus, se desejarmos a Água da Vida de todo o coração seguramente a obteremos. Desejá-la é bebê-la. Nosso valente Salvador rompeu pelo acampamento dos filisteus, e obteve para nós acesso às fontes da eterna bem-aventurança.

Foi muito nobre da parte de Davi recusar-se a beber algo que fora obtido com tanto risco. Autodomínio e consideração para com os outros são qualidades que levam soldados a amar seus comandantes. Além do mais, o exemplo de Davi nos sugere um sacrifício bem diferente desse, que, nós, nos dias atuais, também podemos fazer, exercendo um autodomínio semelhante. Será que podemos negar-nos a fazer uso de vinho e de bebida forte que já custaram, e estão custando, a vida de miríades de indivíduos? Deus proíbe que, para satisfazer nossos prazeres pessoais, qualquer um de nós aprecie um inimigo da felicidade, da pureza e da esperança humanas.

2 SAMUEL 23.18-39

Homens Notáveis. Que maravilhas podem ser realizadas pela inspiração de uma pessoa só! Ainda nos recordamos do momento em que um jovem desconhecido saiu do meio das aterrizadas fileiras de Israel para enfrentar Golias. Davi enfrentou e derrotou aquele terrível antagonista sozinho, no que diz respeito ao auxílio humano. Mas, quatorze ou quinze anos depois, ele já não era o único. Muitos heróis, animados pelo seu espírito e exerci-

tando a mesma fé, marchavam pelo novo caminho que ele abriu.

Assim a vida dos grandes homens ilumina e inspira a de outros. Eles moldam seus contemporâneos. A atuação de Wesley suscitou um grande exército de pregadores e evangelistas. O entusiasmo de um Brainerd, de um Finney, de um Moody despertou dezenas de milhares de homens com semelhante paixão pelas almas. Os companheiros do Senhor tornaram-se apóstolos deles (seus missionários). A vida de sacrifício do próprio Jesus em favor dos homens tornou-se o farol que tem chamado miríades da indolência e do deleite dos vales para a submissão, a renúncia, a angústia de sua cruz, bastando-lhes seguir seus passos. Será que há, em *nossa* vida, alguma coisa que esteja inspirando outros?

2 SAMUEL 24.1-14

Um Coração Orgulhoso é Humilhado. O pecado associado ao levantamento do censo foi a *motivação* que o inspirou. Davi fez isso levado por um espírito de orgulho e vanglória. Estava desejoso de fazer uma exibição de seu povo entre as nações circunvizinhas, e passar-lhes uma imagem clara da grandeza de Israel para que elas não se arriscassem a atacar nenhum ponto da longa linha da fronteira. Assim agindo, rendia-se à tentação de confiar em carros e cavalos, em vez de estribar-se nas vitórias da fé.

Quando a contagem já estava quase concluída, o coração de Davi lhe bateu. Ele se deu conta do quanto se desviara da idéia da teocracia, na qual a vontade de Deus era o único guia dos interesses nacionais. Ele havia substituído o edito divino por sua própria vontade. Uma noite de angústia se seguiu a essa

descoberta, mas o rei se submeteu à ação de Deus.

Foi sábio de sua parte preferir cair nas mãos de Deus. Elas são muito amorosas e ternas, mas Davi as viu como punitivas e não redentoras; e a praga que devastou a população, feriu-o profundamente.

2 SAMUEL 24.15-25

O Castigo Suspenso por Sacrifício. A peste assolou a terra como o cólera ou outras moléstias contagiosas nos tempos modernos. Por fim, chegou perto da Cidade Santa. Parecia que o anjo do Senhor estava pairando sobre ela, com a espada na mão, aguardando a ordem final. Tudo isso é dito à maneira dos homens. É claro, no entanto, que, em resposta à fé e arrependimento de Davi, grande mudança se operara no cenário. Se ele tivesse exercitado a mesma fé antes que a praga alcançasse Jerusalém, não podemos nós acreditar que a suspensão poderia ter ocorrido mais cedo? Assim que Davi se mostrou disposto a sofrer no lugar do seu povo como se vê no versículo 17, seu amor e contrição e fé foram aceitos em benefício deles.

Então, no monte Moriá, onde séculos antes fora detida a faca que Abraão erguera, o anjo agora detinha seu ato de punição. A eira de Araúna se tornou o local do altar, até que, mais tarde, naquele ponto, se erguesse o templo, o centro da fé nacional e o cenário da manifestação do Filho do homem. A lição para nós é que, quando tomamos a verdadeira atitude para com Deus, podemos exercer, por nossa fé, oração e dedicação, uma influência maravilhosa em benefício de cidades e nações.

O PRIMEIRO LIVRO DOS

REIS

Desenvolvimento Nacional sob a Monarquia



1. O REINO UNIDO 1-11.
 - a. A rebelião de Adonias e a coroação de Salomão 1.
 - b. O estabelecimento de Salomão em poder, riqueza e sabedoria 2-4.
 - c. A construção e dedicação do templo 5.1-9.25.
 - d. O comércio de Salomão; a visita da rainha de Sabá 9.26-10.29.
 - e. Poligamia, apostasia e morte de Salomão 11.1-43.
2. O REINO DIVIDIDO 12-22.
 - a. Roboão afasta as dez tribos, que escolhem Jeroboão 12.1-24.
 - b. O reinado de Jeroboão 12.25-14.20.
 - c. O reinado de Roboão 14.21-31.
 - d. Os reinados de Nadabe, Baasa, Elá, Zinri e Onri em Israel; e os reinados de Abias e Asa em Judá 15.1-16.28.
 - e. Os reinados de Acabe e Josafá e a obra de Elias 16.29-22.53.
 1. O período de seca 17.1-18.16.
 2. O confronto no monte Carmelo 18.17-46.
 3. A revelação no monte Sinai 19.1-18.
 4. O chamado de Eliseu 19.19-21.
 5. O destino de Acabe 20.1-22.40.
 6. Sumário do reinado de Josafá 22.41-53.

INTRODUÇÃO

Originalmente Samuel, Reis e Crônicas constituíam uma série intitulada os Livros dos Reis. Na Septuaginta (a versão grega do Antigo Testamento, feita no período entre os testamentos), cada um desses livros foi dividido em duas partes, e a que chamamos Primeiro Reis era chamado o Terceiro Livro de Reis.

É impossível determinar com certeza a data em que esse livro foi compilado, bem como o nome do seu escritor. A partir do fato de que o último capítulo de 2 Reis registra a libertação de Joaquim do cativo, ocorrida em 562 a. C., mas não chega a mencionar o decreto de Ciro, 538 a. C., com quem teve início a volta dos judeus do cativo, conclui-se que o livro foi compilado nalguma ocasião entre essas datas.

As fontes das quais o compilador se serviu foram três: o Livro da História de Salomão (1 Rs 11.41); o Livro da História dos Reis de Judá (14.29); e o Livro da História dos Reis de Israel (14.19).

A história da nação está registrada desde o fim do reinado de Davi até ao meio do reinado de Acazias. Em sua mais alta glória sob Salomão, o reino prefigura o reino milenar do Senhor. A prosperidade da nação cresce ou decresce de acordo com o caráter do governante e de seu povo, ilustrando para nós a importante verdade de que a obediência é a condição para a bênção.

COMENTÁRIO

1 REIS 1.1-14

O Plano de um Egoísta. Adonias era o quarto filho de Davi, mas, provavelmente o mais velho dos que sobreviveram. Ele nascera depois de Absalão, e, como ele, era de aparência atraente, de disposição ambiciosa e igualmente mimado pela indulgência do pai (v. 6). Sua tentativa de usurpar o reino faz-nos lembrar de outro grande usurpador, Satanás. Sabemos que num último e desesperado esforço, ele tentará conseguir o império do mundo. Mas, quando os povos se enfurecem e os governadores conspiram (Sl 2.1,2,4), o Senhor se ri deles. O Cordeiro que foi morto é o Rei destinado dos homens (Ap 11.15). O livro do destino está nas suas mãos feridas. O governo está sobre os ombros de Cristo. Ele proclama o decreto: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (Sl 110.1.)

Nós contemplamos um mundo que está despedaçado pela revolta. O príncipe deste mundo está atraindo a si os

Joabes e os Abiatares. Eles se divertem, mas não percebem que está chegando a hora em que clamarão às rochas e aos montes para caírem sobre eles e escondê-los da ira do Cordeiro (Ap 6.16). Lembremo-nos do conselho de Agostinho: "Se você quiser fugir da ira de Deus, fuja para ele!"

1 REIS 1.15-27

Verificando a Vontade do Rei. A tentativa do usurpador foi enfrentada e derrotada através de uma ação imediata de Natã, e pelo apelo conjunto que ele e Bate-Seba fizeram ao rei, que parece ter-se afundado numa velhice precoce. É provável que Bate-Seba e Davi tenham-se encontrado pela última vez nesse dia sombrio, e cada um deles deve ter-se lembrado da solene promessa que lhes fora feita, através de Natã, que ainda estava com eles como amigo e conselheiro. Desde aquele tempo, muita coisa tinha acontecido, mas, no meio de todas as mudanças dos negócios humanos, a Palavra de Deus permanece imutável e a promessa de 1 Crônicas 22.9 deve subsistir.

Provavelmente só Bate-Seba e Natã conheciam aquele pacto solene; e, conhecendo-o, agiram imediatamente. Não basta que Deus faça uma promessa ao seu povo; este deve clamar pelo cumprimento dela e se pôr à disposição do Senhor, para que seja cumprido por meio dele. A antiga predição de que os reinos deste mundo se tornarão do Senhor é verdadeira, mas devemos orar para que ela se cumpra depressa.

1 REIS 1.28-40

O Escolhido é Ungido. Levantou-se Davi e agiu com uma prudência e rapidez dignas de elogios. A crise exigia uma decisão pronta, e energia na execução. A nação inteira estava aguardando a revelação da vontade do rei acerca da sucessão ao trono, e Davi não deixou dúvida quanto à sua escolha. Suas ordens foram rapidamente executadas por Natã, Zadoque e Benaia, e a decisão real foi, também, aprovada pela aclamação popular.

Que jubilosa alegria fez vibrar Jerusalém quando Salomão foi entronizado! A terra vibrou de novo com gritos festivos que provocaram terror entre os convidados do banquete de Adonias. Mas toda essa oposição será esquecida naquele dia que toda a criação está esperando — gemendo e suportando angústias (Rm 8.22) — o dia em que Jesus se manifestará e os que o amam serão manifestados com ele em glória (Cl 3.4). Ouviremos, então, aquele cântico novo, no qual milhões e milhões de vozes reconhecerão que Jesus é digno de receber poder e riquezas e sabedoria e honra e glória e louvor. *Ele deve reinar!* (Ver Apocalipse 5.12.)

1 REIS 1.41-53

Justiça e Fraternidade — os Fundamentos do Estado. De acordo com o costume popular, Adonias era o legítimo herdeiro ao trono. Ele era bonito e majestoso na aparência e na conduta. Além disso, estava também em pleno vigor, enquanto Salomão acabava de sair da adolescência. Tão plausível foi seu discurso que a nação ficou confusa, e os antigos sustentáculos do trono de Davi se deixaram seduzir por ele. Em tudo isso nós nos lembramos do deus deste

mundo (2 Co 4.4), que cega os olhos dos que não crêem, de modo que a luz do glorioso conhecimento de Deus não brilha sobre eles.

Salomão demonstrou admirável clemência ao tratar com Adonias. Ele estava querendo pôr uma pedra em cima da questão. Prometeu que se Adonias provasse ser um homem digno, nenhum dano o afetaria. Mas, como registra o segundo capítulo, o mal que operava em Adonias se revelou em outra conspiração para conquistar o trono, e ele sofreu a pena de morte. Têmos o cuidado de andar, não segundo o curso deste mundo nem do espírito que atua nos filhos da desobediência, mas lembrando que fomos ressuscitados com Cristo e feitos assentar com ele nos lugares celestiais, para que sejamos dignos de nossa soberana vocação.

1 REIS 2.1-9

Novas Responsabilidades Para o Novo Rei. Os capítulos 28 e 29 de 1 Crônicas deveriam ser lidos entre esse capítulo e o precedente. Foi com um experiente conhecimento da vida que Davi insistiu com Salomão para observar a ordem divina, andar em seus caminhos e obedecer aos seus mandamentos como a estrada certa para chegar à prosperidade. A estrela guia da vida de Davi (2 Sm 7.25) brilhou sobre ele na morte. Deus não quebra uma promessa feita. Ele persiste em sua palavra; apenas devemos andar diante dele em obediência e fé de modo que tal palavra possa ter livre curso em nossa vida.

À primeira vista, poderíamos supor que o idoso rei nutrisse amargos sentimentos para com os que são mencionados nessas instruções finais; mas precisamos lembrar que ele fala aqui mais de um ponto de vista público do que particular. Ele sabia que esses homens constituíam sério perigo para a paz e a estabilidade do estado; e, na verdade, seus temores eram totalmente justificados, visto que cada um deles foi descoberto em atos de traição, pelos quais, então, foi condenado à morte e não por causa das palavras do rei. Davi também era de opinião que os ditames da gratidão não eram menos unificadores do que os da justiça; daí seu caloroso elo-

quio a Barzilai. “Coragem, pois, e sê homem” (1 Rs 2.2) constitui excelente advertência a um moço chamado para governar seu país em dias turbulentos.

1 REIS 2.10-25

Uma Petição Insensata e Fatal. Assim chegou ao fim a vida atribulada de Davi embora, na verdade, ele ainda continue a conduzir os louvores do povo de Deus.

Justamente no início do seu reinado, Salomão teve de enfrentar difícil problema. Na opinião pública, havia uma conexão tão estreita entre o direito à coroa e a posse de um harém do monarca morto, que teria sido impossível atender ao pedido de Adonias sem estimular fortemente suas pretensões. Salomão tratou Bate-Seba com profundo respeito, mas seu amor por ela não o fez ficar cego em relação aos deveres para com o reino (Pv 20.26).

Notemos a solene declaração: “Como vive o Senhor” (v. 24). Era comum as pessoas mais espirituais daqueles dias a citarem. (Ver 1 Reis 17.1.) Eles não seriam capazes de usar a frase leviana ou irreverentemente, mas com a profunda compreensão de estarem na presença de Deus. Lembremo-nos das palavras do Senhor: “Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai” (Jo 6.57), e nos integremos diariamente em sua vida, de modo que possamos viver, ainda que não nós, mas ele em nós e nós nele (Gl 2.20).

1 REIS 2.26-35

Castigado por Atos Sangrentos. A remoção de Abiatar do ofício de sumo sacerdote e a execução de Joabe extinguíram as derradeiras e frágeis esperanças da casa de Saul. No caso de Abiatar, observemos o notável cumprimento da predição divina (1 Sm 2.31-35). Deus não deixa sua palavra sem cumprimento, seja ela uma ameaça ou promessa.

Joabe fugiu para o altar. Existem pessoas que desprezam e ignoram a religião durante toda a vida, mas na iminência do fim se voltam para ela. Os que blasfemam de Deus quando os mares estão calmos, serão os primeiros a clamar por misericórdia quando os ventos tempestuosos açoitarem as águas fazendo-as espumar.

Foi inútil a tentativa de Joabe de achar misericórdia por meio do altar; mas qualquer pecador que recorre à cruz encontra salvação. Se atender às condições necessárias, arrependimento e fé, a espada do vingador não poderá tocá-lo ali. Se confessarmos nossos pecados e os abandonarmos, se humildemente confiarmos na misericórdia do Redentor, nenhuma arma que seja forjada contra nós terá sucesso, e toda língua que se levante em julgamento é condenada. “Esta é a herança dos servos do Senhor.” (Is 54.17.)

1 REIS 2.36-46

Arriscando-se e Perecendo. Simei deixou de cumprir a única condição sob a qual sua vida havia sido poupada, e não poderia apresentar uma causa justa contra o rei. Pode-se argumentar que sua falta foi insignificante e desculpável, mas devemos lembrar que foi cometida, não somente contra a ordem real, mas contra o voto de Deus (v. 43). Por esse ato único ele perdeu o direito a receber clemência de Salomão.

Isso nos recorda a parábola do credor incompassivo, em Mateus 18.28ss. O devedor que devia mais teve a dívida perdoada, e nós, naturalmente, esperaríamos vê-lo feliz, perdoadando ao irmão que lhe era devedor. Mas, longe de perdoar, ele agiu com rude represália. Isso cancelou o perdão anteriormente oferecido, que foi então retirado. Assim, esse ato da parte de Simei teve um efeito fatal. Os judeus não tinham certeza se os pecados de presunção poderiam ser perdoados, e o Senhor também ensinou que há um pecado contra o Espírito Santo que não pode ser perdoado.

1 REIS 3.1-15

A Sábia Escolha do Jovem Rei. O capítulo se inicia com algo duvidoso. O parentesco com Faraó, e os dois “ainda” dos versículos 2 e 3, não são promissores. (Ver Deuteronômio 12.13,14.) Ainda havia sinais de esperança no amor de Salomão por Deus, e a devoção e a obediência por meio das quais ele foi provado. Entretanto restava saber qual daquelas influências viria a triunfar na formação do seu caráter. Essa é sempre a questão mais importante da vida. No

caso de muitos, o orvalho da madrugada e a nuvem da manhã passam sem deixar nenhum vestígio (Os 6.4).

Há uma sabedoria interior que é mais do coração que da cabeça, e que o Espírito do Senhor outorga àqueles que o amam. Tendo isso, nós possuímos a chave de todas as coisas no céu e na terra. (Ver 1 Coríntios 2.5ss.) Quando um homem busca o reino em primeiro lugar, tudo o mais é acrescentado (Mt 6.33). Deus só pode dar a satisfação dos desejos do coração àquele que se deleita nele (Sl 37.4).

Vivamos profundamente em Deus. Não nos deixemos deslumbrar ou fascinar por coisas exteriores. Preocupemo-nos em conhecer a vontade de Deus e em tornar-nos instrumentos de seu propósito. Ele nos acrescentará tudo o que for necessário para a realização de nossa existência.

1 REIS 3.16-28

Um Julgamento Inteligente. O incidente proporcionou prova convincente de que o rei possuía o dom da sabedoria. Este é o dom mais apreciado por um potentado oriental chamado a arbitrar em casos que desafiam os elaborados procedimentos da lei bem como a jurisprudência firmada. Como poderia ser decidido um caso tão difícil? Não havia testemunhas de nenhum lado. Mas Salomão apelou para os instintos do amor materno. A proposta de dividir a criança de pronto revelou a mãe, que preferia expor-se a uma vida de angústia do que ver seu filhinho sofrer ou perder a vida.

Comentando o incidente, o bispo Hall diz: “A verdade exige a totalidade; a falsidade se satisfaz com metade. Satã, que não tem direito ao coração do homem, contenta-se com uma parte dele; Deus, que o criou quer tudo ou nada”.

Mas, certamente, há aí uma lição ainda mais profunda. Quando nós verdadeiramente pertencemos a Cristo, participando de sua natureza e tendo comunhão em seu reino, vivemos em apurada simpatia com tudo que afeta sua honra. O filho de Deus instintivamente estremece sempre que o caráter do Pai é questionado, ou chega-lhe à mente uma sugestão indigna. Isso é evidência de filiação.

1 REIS 4.1-7, 20-28

Uma Nação Próspera. Que belo quadro de contentamento e prosperidade nacionais se vê aqui! Quase podemos ouvir a voz alegre da terra habitada por miríades de pessoas, apinhada de jovens e sobrecarregada de colheita madura. Era o verão de sua existência nacional. O escriba sagrado enumerou primeiro os altos funcionários da corte, a seguir o provimento diário do rei, seus estudos e sua fama. Todas essas circunstâncias forneciam prova abundante quanto à maneira pela qual Deus cumpria o voto feito a Davi, seu pai.

Aqui está Salomão “em toda a sua glória”, mas, quando dele nos voltamos para o humilde carpinteiro de Nazaré, que não tinha onde repousar a cabeça, cujos amigos eram os pobres, e que, afinal, entregou a vida como resgate por muitos, percebemos que, mesmo sem considerar sua natureza divina, o seu ideal era mais nobre e sua existência mais rica. “E eis aqui está quem é maior do que Salomão.” Quem pode medir seu império ou suas riquezas? Que língua pode relatar a sua sabedoria? Felizes e seguros são os que se assentam à mesa com ele, ouvem suas palavras, e são coherdeiros com ele em seu reino! (Ver Romanos 8.17.)

1 REIS 4.29-5.6

O Grande Propósito do Rei Sábio. Antes de morrer, Davi fizera grandes preparativos para a construção do templo, mas não lhe tinha sido permitido levar avante a construção. “Bem fizeste em o resolver em teu coração.” (2 Cr 6.8.) Deus nos credita pelo que nós teríamos feito, se estivesse ao nosso alcance. Mas, agora, as guerras incessantes tinham sido substituídas pela paz, e chegara a hora de construir o templo. Nisso tudo há um grande princípio que tem muitas aplicações.

Ele se aplica à igreja em geral. Quando a igreja por toda a Judéia e Galiléia tinha paz, ela foi edificada; e enquanto andou no temor do Senhor e no conforto do Espírito Santo, ela se multiplicou (At 9.31). Quando o amor de Deus reina no meio dos que se declaram cristãos, e eles não se guerream nem se molestam

uns aos outros, então o mundo crê, e até os Hirões ajudam a construir.

Ele se aplica também à nossa *vida interior*. O coração prospera nos dias de paz. (Ver 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 13.20,21.) Deus não está no terremoto, nem no fogo, mas no “cicio tranquilo e suave”. Cultivemos um coração tranquilo, como fazia Maria, aos pés de Cristo. Isso resultará em atos dos quais se falará pelo mundo inteiro (Lc 10.39; Mt 26.13).

1 REIS 5.7-18

Preparativos Para a Grande Tarefa. Foi bom para Hirão e para os tírios estarem associados com os servos de Salomão. Juntos, eles talharam imensos blocos de pedra, alguns dos quais tinham dez metros de comprimento por dois de largura, e que ainda constituem os alicerces no local do antigo templo. Juntos, eles derrubaram e aparelharam as árvores de cedro e cipreste nas encostas do Líbano. Não podemos ver nessa parceria o fato de que gentios estão para associar-se com judeus no único e santo templo que, através dos tempos, está-se tornando a habitação de Deus por meio do seu Espírito? (Ler Efésios 2.21,22.) Em Cristo não há judeu nem grego, circuncisão nem incircuncisão.

O tratado entre os dois reinos foi eminentemente vantajoso para ambos, já que a economia de um e de outro eram tão diferentes — uma pastoril, a outra, comercial. Foi bom que Pedro e João tivessem entrado em estreita comunhão e subissem juntos os degraus rumo à Porta Formosa do templo (At 3.1-3). Disponhamo-nos a talhar pedras nas montanhas, cortando duros blocos de granito, desde que façamos alguma coisa para a construção do templo de Deus que cresce vagarosamente entre os destroços de todas as estruturas humanas.

1 REIS 6.1-13

O Projeto da Casa do Senhor. O templo tinha o dobro do tamanho do tabernáculo, com vinte e oito metros de comprimento por nove de largura, e quinze metros de altura. O plano havia sido dado a Davi por revelação (1 Cr

28.11,12). Sete anos e meio foram gastos em sua construção. Foi todo feito em silêncio total (v. 7). A respeitável santidade do santuário teria sido violada se sua construção tivesse sido prejudicada pelos sons estridentes e violentos que geralmente acompanham o trabalho do pedreiro. “Como uma elevada palmeira o silencioso edifício se ergueu.” Na natureza, Deus opera tão silenciosamente que nem percebemos sua atuação.

O objetivo central era providenciar um lugar digno de ser chamado a casa de Deus. Israel era, agora, governado por um rei, mas este era visto apenas como um instrumento de Jeová. Convinha, portanto, que o Rei dos reis tivesse um lugar de habitação entre o povo de Isrel. O tabernáculo de Deus estava entre os homens. Ele habitava com eles na terra. Além do mais, o templo era um tipo, primeiramente do corpo de Jesus (Jo 2.21), depois, de cada crente (1 Co 3.16) e, por fim, da igreja toda (Ef 2.21,22). Cada um desses é o lugar de habitação de Deus, e a câmara interior — o Santo dos Santos — havia de ser a sala-do-trono da *Shekinah* de sua presença (Lv 16.2).

1 REIS 6.14-28

O Oráculo no Centro. No templo, foi observado o plano geral do tabernáculo, conservando-se a divisão entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos, mas houve vários acréscimos. Havia, por exemplo, um elevado pórtico na frente do templo, sob o qual os sacerdotes passavam para entrar nele. Nos outros três lados também havia cômodos, construídos um por cima do outro formando três andares. Eles eram utilizados para depósitos.

Do lado de dentro, tudo era de madeira de cedro, oliveira e cipreste revestida de ouro, ornada de diversos entalhes e recoberta com cortinas bordadas; as pedras não estavam à vista. Era “sobremodo magnificante”. O Santo dos Santos estava mergulhado em sombras, salvo quando a *Shekinah* brilhava no propiciatório sobre a arca, entre os querubins. Sobre essa venerável relíquia da peregrinação no deserto, Salomão colocou dois querubins. Cada um ti-

nha cerca de cinco metros de altura e suas asas distendidas, que se tocavam acima da arca, tocavam também as paredes, a cada lado. Eles simbolizavam as formas mais elevadas de seres criados, adorando reverentemente ao seu Criador.

1 REIS 6.29-38

Entalhado, Revestido, Concluído. Não se sabe ao certo o significado do versículo 31. Nós concluímos que a porta do santuário interior foi feita de madeira de oliveira e tinha duas folhas, e que ocupava um quinto da divisória de cedro que separava as duas câmaras. Essa porta de madeira era entalhada com querubins, palmeiras e flores abertas, e folheada a ouro. Uma parte estava sempre aberta, mas o interior estava escondido da vista por um véu de estofado azul, púrpura e carmezim (2 Cr 3.14). À frente dele viam-se festões de correntes de ouro. Ficava, assim, entendido que o caminho para o Santo dos Santos, na ocasião, não estava aberto. Mas nós temos ousadia para ali entrar, através do novo e vivo caminho que Jesus consagrou para nós. A vontade rendida a Deus, a vida purificada, a fé submissa e humilde constituem o caminho (Hb 10.19,20).

A construção levou sete anos e meio, e o templo existiu durante quatro séculos, até ser destruído por Nabucodonosor. A construção do caráter, conforme o ideal de Deus, pode demorar mais, porém sempre é concluída. Primeiro vem a pedra, talhada com dificuldade; depois, o cedro e a oliveira; por fim, o revestimento de ouro.

1 REIS 7.1-12

Outras Esplêndidas Estruturas. A construção da casa de Salomão levou quase o dobro do tempo gasto no templo, porque não havia, em relação a ela, a mesma urgência. A casa dele e a da rainha provavelmente foram construídas ao redor de grandes pátios abertos e, de acordo com o estilo oriental, situadas uma de cada lado do edifício central onde os negócios públicos eram resolvidos.

O palácio real de Jerusalém era chamado de “Casa do Bosque do Líbano”,

porque suas muitas colunas lembravam uma floresta de árvores de cedro. Em frente desse edifício havia uma colunata, e, em frente desta, o Portão do Rei.

É bêm provável que a área do monte Sião tenha sido ampliada pela construção de altos muros de arrimo no vale embaixo, preenchendo-se o vão com terra. Isso proporcionou espaço para as muitas construções esplêndidas mencionadas nesse trecho. Ainda existem restos dessas muralhas gigantescas. Para calcularmos o valor real de todo esse esplendor, basta-nos ler os primeiros capítulos do Eclesiastes, onde vemos como tudo isso satisfaz pouco à fome da alma de Salomão. Ele acabou-se desinteressando de tudo, tão insatisfeito quanto o filho pródigo estava das alfarrobas que os porcos comiam. Nós fomos feitos para Deus, e só ele pode satisfazer-nos plenamente.

1 REIS 7.13-26

Colunas de Segurança e Força. Hirão, o artífice, era notavelmente dotado. De seu pai herdara todo o gênio de Tiro, enquanto, do lado materno, pertencia à tribo de Naftali e, assim, herdara a vocação religiosa do povo hebreu. As colunas gêmeas foram feitas com o bronze tomado do rei de Zobá (1 Cr 18.8,9). Elas tinham uma altura de cerca de doze metros. Os nomes dados a elas eram simbólicos, e indicavam sua força e durabilidade. Do alto delas, pendiam ornamentos torcidos em forma de cadeia, e lindos ornamentos enfeitavam seus belos capitéis. *Jaquim* — “ele estabelecera” — e *Boaz* — “nele está a força” combinavam com a beleza da “obra de lírios” para lembrar-nos que no santuário de Deus há força e beleza, mesclando-se ao caráter do seu povo.

O mar de fundição substituiu a antiga bacia, para que a alma, a mente e a força possam encher-se de amor e de luz.

1 REIS 8.1-21

O Discurso de Dedicção do Construtor. De pé na grande plataforma, ao alcance da visão da enorme multidão, Salomão relembrou os passos da nação até esse momento sublime. Seu discurso inteiro

foi acerca dos atos de Deus. Por que não falamos de Deus mais vezes, apresentando-o como o fator mais importante de nossa vida?! É uma bênção traçar a conexão entre o que Deus tem prometido e o que tem cumprido (v. 15). “Assim cumpriu o Senhor a sua palavra que havia dito.” (V. 20.) Muitos de nós podíamos dizer isso, e deveríamos dizê-lo.

Nesse discurso, Salomão pôs em relevo de forma clara que Deus tomou em consideração as boas intenções de Davi. “Bem fizeste em o resolver em teu coração.” (V. 18.) As circunstâncias podem impedir a execução de um desejo e de um propósito que durante anos estiveram em nosso coração. Contudo Deus não o esquece e cuida para que o projeto, de algum modo, se torne realidade, talvez por meio de outro instrumento. Foi bom que alguém tivesse o desejo de ser missionário no estrangeiro, embora a necessidade de cuidar de uma mãe viúva, ou as obrigações do lar tornassem impossível um cumprimento literal desse desejo. No futuro, essa pessoa terá o lugar e a coroa de um missionário, porque isso esteve no coração dele.

1 REIS 8.22-32

Deus é Maior que Qualquer Templo. As diversas atitudes de Salomão são mencionadas de modo especial. Primeiro, ficou de pé com as mãos estendidas (v. 22); depois, como indica o versículo 54, ficou de joelhos. Essas posições revelam uma fé cheia de esperança, bem como profunda humildade e reverência. Quanto mais nós conhecemos a Deus e experimentamos a bênção da comunhão com ele, mais baixa é nossa auto-avaliação. A confiança em Deus sempre aumenta a reverência (Hb 12.28). O homem que está mais baixo, ajoelhado diante de Deus, acha-se mais elevado, mais em posição de abençoar os outros (v. 55).

Ele começou a oração com *um tributo de glória a Deus*. Nisso, ela se assemelha ao Pai Nosso, que se inicia com a expressão “santificado seja o teu nome”. (Comparar com Salmo 115.1.) Façamos nossas orações de acordo com esse modelo. A seguir, ele reconhece

a fidelidade de Deus às suas promessas. O que ele fala, cumpre. Mas competemos dizer como Salomão: “Faze o que declaraste” (v. 25), e “cumpra-se a tua palavra” (v. 26). Quando nos mantemos nessa posição segura com Deus, podemos encarar todos os males que possam sobrevir-nos — seja sede, fome, peste, derrota ou cativo — e continuar absolutamente certos de que ele nos ouvirá, responderá e perdoará. O céu não pode conter-lo, mas ele mora no coração contrito (Is 57.15).

1 REIS 8.33-43

Súplicas ao Deus de Misericórdia. Evidentemente, a oração de Salomão é baseada no livro de Deuterônimo e tende a confirmar a velha crença de que, como o resto do Pentateuco, esse livro foi escrito por Moisés. Em 1 Crônicas 20.7-9, Josafá cita essa oração como se ela, substancialmente, constituísse uma promessa, e, assim sendo, todos os crentes que achem que seu problema se encaixa aí podem citá-la em seu favor.

Notemos que Salomão menciona freqüentemente que a oração, mesmo na terra do cativo e exílio, deve ser dirigida para o templo (v. 38), etc. Ele nos lembra a grave necessidade de mantermos sempre desimpedida nossa face espiritual. Alguém já disse, e com muita razão, que nossa perspectiva espiritual é de importância vital. Para nós é importante, se nossa casa tem fachada para o sul ou para o norte; se dá para um beco escuro ou para campos ensolarados. Assim também, é de grande importância que o espírito esteja voltado para a direção certa. A diferença entre o vigor ou a fraqueza espiritual se deve em grande parte ao lado para o qual estamos voltados. Para nós, o templo, o altar e o propiciatório se resumem todos em Jesus Cristo. Devemos passar a vida olhando para ele (Hb 12.2).

1 REIS 8.44-53

Um Apelo à Retidão Nacional. Como é verdade que não há homem que não peque (v. 46)! Somente um andou por esta terra e foi santo, inocente e imaculado (Hb 7.26). Quando deixamos de

vigiar e habitar em Cristo, somos facilmente levados ao cativoiro. Quantos filhos de Deus estão cativos dessa forma! Acham-se escravizados a um pecado habitual, a algum mau hábito, a algum negócio degradante ou a alguma associação imprópria. Como o cego Sansão, estão girando o moinho no cárcere.

Os que se sentirem assim, e estiverem ansiando pela liberdade, abram o coração ao infinito conforto que a Palavra de Deus oferece. Recordem-se dos santos e abençoados dias do passado. Arrependam-se — isto é, renunciem no coração e na prática, às coisas más que constituem o sinal de sua triste condição. Voltem-se, de novo, para o Salvador que entrou no Santo dos Santos a fim de interceder por todos nós na presença de Deus. E receberá uma resposta imediata. Deus ouve a todos que clamam por ele, e restaura seu povo para voltar a ser sua própria herança, para sua glória e seu louvor.

1 REIS 8.54-66

Petição e Sacrifício. Como já dissemos, aquele que se ajoelha humildemente diante de Deus, é dotado com o poder para abençoar o povo em nome de Deus. Que sublime testemunho deu o rei: “Nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas” (v. 56). E antes dele, Josué já dissera isso (Js 23.14). Miríades deram semelhante testemunho, e, quando estivermos morrendo, também nós diremos o mesmo. Nós falhamos, mas Deus não; nós o abandonamos, mas ele nunca nos repleu. As montanhas podem retirar-se e os outeiros podem ser mudados, mas ele não se alterará nem recuará em sua eterna bondade. Peça-mos-lhe que incline nosso coração para ele (v. 58).

Seja o que for que cada dia exija de nós, Deus nos dá abundantemente a sua graça, mas temos de buscá-la e usá-la. Os que recebem a abundância da graça divina são os que reinam na vida. Mas só podemos recebê-la se nosso coração estiver perfeito diante de Deus, e andarmos nos seus estatutos e guardarmos os seus mandamentos.

1 REIS 9.1-14

Uma Mensagem Muito Séria Para o Sábio. A segunda revelação que Deus fez de si mesmo a Salomão tinha um objetivo duplo. Em primeiro lugar, assegurava ao rei que sua oração fora ouvida e que o novo edifício fora aceito. É sempre assim. Quando nos entregamos a Deus, desejando ser só dele, ele nos torna possessão sua, consagrando-nos, completando-nos e garantindo nossa segurança. Em segundo lugar, Deus estabeleceu as condições pelas quais tanto o povo como o rei poderiam ter certeza de prosperidade permanente. Nós precisamos ser íntegros, não nos *quilômetros*, mas nos *passos* de nosso viver diário. É essencial obedecer à voz interior. O filho de Deus distingue a voz do Pai de qualquer outra voz e chamado, porque ela é definida e invariável.

Foi pena que, depois de dar cooperação tão leal a Salomão, Hirão tivesse ficado decepcionado com a paga recebida. Felizes são os que, trabalhando para Deus, não esperam recompensa alguma de parte dos seus semelhantes, pois são os servos de um Senhor cujas dádivas generosas não precisam ser aumentadas por acréscimos vindos de outra parte. Façamos o que é reto porque é reto, e não porque estamos esperando dádiva ou recompensa de mãos humanas.

1 REIS 9.15-28

Prosperidade e Riqueza. Salomão foi um grande construtor e utilizou os serviços de grande quantidade de cananeus, os antigos habitantes da terra, em trabalhos forçados. Eles executavam o trabalho pesado, enquanto os israelitas ocupavam os postos mais honrosos e lucrativos. (Ver Isaías 60.10.) Há amóreus e ferezeus em nossa vida. Não nos deixemos dominar por eles, mas usemo-los para nosso próprio crescimento na graça.

Milo foi a chave para as fortificações de Jerusalém; Hazor e Megido, Baalate e Tadmor guarneciam as fronteiras do norte. No extremo sul, as naus visitavam reinos distantes e voltavam carregadas de ouro. Assim eram os dias do pleno desenvolvimento de Israel. Mas,

assim como nos últimos dias do verão, há no ar um leve odor de decomposição, e compreendemos que o outono já está chegando, assim também quando lemos os primeiros capítulos do *Eclesiastes*, verificamos que a decadência já estava no coração de todo esse esplendor e glória imperial.

1 REIS 10.1-13

“Eis que Não me Contaram a Metade.” Para a mente judaica, Sabá era nos confins da terra (Mt 12.42). Situava-se, provavelmente, no sul da Arábia, a 2.400 quilômetros de Jerusalém. A rainha levou a Salomão copiosos presentes de especiarias, ouro, pedras preciosas e madeira de sândalo. Esta o rei utilizou para fazer instrumentos musicais e as escadas do templo e do seu palácio (2 Cr 9.11). Mas a principal intenção da rainha era apresentar-lhe algumas perguntas difíceis, para as quais tinha procurado solução, e não encontrara.

Nós podemos recorrer a um que é “maior do que Salomão” (Mt 12.42). Nossa pátria natal pode ficar muito longe, mas ele nos receberá e nos concederá o direito de viver, para sempre, em seu palácio, ouvindo suas palavras e contemplando seu rosto. Levemos a ele como dádiva a fé, o amor e a lealdade de nosso coração. Acima de tudo, coloquemos diante dele nossas dúvidas e indagações. Pode ser que ele não nos dê uma resposta imediata, como Salomão deu, mas porá seu Espírito em nosso coração. E, tendo a unção do Espírito, conheceremos todas as coisas (1 Jo 2.27). Embora nossa mente não possa compreender tudo, o coração se sentirá em paz. Como diz alguém, a Bíblia não nos ensina filosofia, mas nos faz filósofos. Procuremos a todo custo obter e usar *nossa* quota da ampla providência do Senhor.

1 REIS 10.14-29

“Salomão em Toda a Sua Glória.” Como é deslumbrante essa descrição da glória de Salomão! E, no entanto, o Senhor disse que ela seria superada por um simples lírio do campo (Mt 6.28,29). A glória de Salomão era exterior; a verdadeira beleza é a que vem de dentro. Se nossa alma estiver plantada no solo

da graça de Deus, ela se adornará com as belezas de uma vida santa. As vestes imaculadas são as lavadas no sangue do Cordeiro.

Observemos de novo — essa glória não era a de um verão, mas de um outono. Os germes da doença já estavam no coração de Salomão; a decomposição do outono já estava no ar. O segredo é revelado nas significativas palavras de Neemias 13.26. Entre muitas nações não havia rei semelhante a ele, e ele era amado do seu Deus, mas mulheres estrangeiras desviaram-no do caminho reto. É bem verdadeira e declaração que o Senhor fez acerca dos ricos, isto é, que com dificuldades eles entram no reino. Muita razão teve determinado homem de Deus ao orar fervorosamente por um jovem crente que, subitamente, herdara um grande patrimônio.

1 REIS 11.1-13

Um Coração Afastado de Deus. A prática de casamentos mistos constituía flagrante violação da lei divina (Dt 7.3,4), e levava à idolatria. Ao redor de toda a Cidade Santa se ergueram templos pagãos. Parece quase incrível que Salomão se prestasse a tão descarado patrocínio da idolatria. Seu pecado foi agravado pelos grandes privilégios que tinha gozado (v. 9), e não havia como escapar ao castigo (2 Sm 7.14). Quanto mais privilegiados nós somos, mais desastrosa é a nossa queda e ainda mais inevitável o castigo. Se Deus nos amasse menos, ele poderia poupar mais a vara. Somos castigados, muitas vezes, com a vara dos homens — isto é, sofremos nas mãos deles; mas Deus não deixa de amar-nos. O pai fica parado, atento junto à porta do quarto do filho que ele foi constrangido a castigar, para detectar o primeiro sinal de genuíno arrependimento.

É triste testemunhar o despedaçamento de um belo navio. Vejamos o rugir das ondas em seu casco: “Seu coração não era de todo fiel...” “Fez Salomão o que era mau...” “O Senhor se indignou...” “Eis que rasgarei o reino da mão de Salomão”. Todavia, por amor à memória de Davi, uma tribo foi deixada. (Ver os versículos 12, 32, 34, 38,

39.) Os filhos de nossos filhos serão beneficiados, se levamos uma vida consagrada. Deus não esquecerá.

1 REIS 11.14-25

Adversários do Rei Infiel. Dois dos instrumentos usados no castigo de Deus a Salomão são apresentados neste trecho.

Primeiro, veio Hadade, o edomita (vv. 14-22). Observemos a importância de uma criança. Todos os varões da família real de Edom tinham perecido; mas nessa criança, a descendência foi preservada e perpetuada, para ser, durante muitos anos, uma terrível ameaça a Israel. Nunca menosprezemos uma criança. Ninguém pode saber o que de bom ou de mau pode estar escondido num pequenino broto. Observemos nesse homem, Hadade, a presença dos estranhos impulsos que determinam o destino. Ele não sabia apontar a razão que o fez deixar o Egito, mas sabia que devia sair (v.22). É assim que as aves de arribação sentem o chamado das terras mais quentes.

Depois havia Rezon, que “detestava Israel” (vv. 23-25). É terrível quando surge um ódio assim entre dois povos. Nós, que somos cristãos, devemos usar *todo o nosso poder para detê-lo e extingui-lo*. Somente o amor e a boa vontade podem garantir uma paz duradoura. Foi por meio dessas duas “varas” humanas que Deus castigou Salomão. Vivamos sempre em conformidade com a sua vontade para que ele não precise castigar-nos, seja individualmente ou como nação. “O nosso Deus é fogo consumidor!”

1 REIS 11.26-40

O Reino Prometido a Seu Servo. Os capítulos iniciais da vida de Jeroboão foram muito promissores. Ele veio da classe trabalhadora, mas sua capacidade de trabalho atraiu a atenção de Salomão, que o colocou sobre o trabalho forçado que era recrutado dentre as grandes tribos de Manassés e Efraim. Não sabemos dizer se Jeroboão, já havia cogitado da possibilidade de governar antes de se encontrar com o profeta, mas, depois dessa entrevista, sua vida foi totalmente alterada. E se

ele tivesse atendido às condições do versículo 38, poderia ter levantado Israel a um nível de prosperidade e glória que seria uma bênção para o mundo. Mas, infelizmente, ele pecou e fez Israel pecar (12.30; 13.34; 14.16; 16.2,26).

Quando Deus nos der uma posição, não façamos planos próprios para conservá-lo (12.33). Os planos que Jeroboão preparou para garantir a estabilidade do seu trono não vingaram, e seu nome ficou coberto de imortal infâmia. “Confia no Senhor e faze o bem; habita na terra.” “Não te impacientes, certamente isso acabará mal.” “Tu és o arrimo da minha sorte.” Os que se sentirem tentados a cometer erros a fim de conservar um negócio ou posição ousem permanecer ao lado de Deus, e contra a tentação. Ele honrará os que o honram (1 Sm 2.30).

1 REIS 11.41-12.11

O Insensato Filho do Rei Sábio. O reinado de Salomão tinha sido esplêndido mas com muita opressão, e era razoável pedir alívio. O povo sentiu que a ascensão do novo rei era sua chance de mudança e, evidentemente, deu o primeiro passo para solucionar essa grave crise. Está dito expressamente que Roboão veio a Siquém. Se essa enorme reunião tivesse sido convocada por ele ou por sua corte, o povo teria tido de ir a Jerusalém. Afí temos o ribombar da tempestade que surgia.

Havia muita sabedoria no conselho dos anciãos: “Se... o servires... eles se farão teus servos para sempre”. Esse princípio está presente no sacrifício do Calvário. “Digno és de tomar o livro... porque foste morto.” (Ap 5.9.) Como Jesus se cingiu de humildade e lavou nossos pecados com seu próprio e precioso sangue, ele subiu ao trono, não somente de Deus, mas de nosso coração e vida. E ele ensinou que, quem deseja tornar-se grande, deve começar sendo servo de todos. Os arrogantes e orgulhosos deste mundo muitas vezes recebem um serviço apenas de aparência, que implica numa obediência superficial, e os que o fazem acham-se tão somente à espera de pagamentos

e recompensas (Ef 6.6). Mas de que vale isso se comparado com o serviço que é prestado por gratidão e amor!

1 REIS 12.12-24

O Reino Dividido em Dois. Roboão mereceu bem a sorte que teve. Ele tinha quarenta e um anos de idade (2 Cr 12.13), e deveria ter sabido agir melhor. Seu discurso era o de um déspota. Ele não tinha o direito de falar com insolência tão arrogante a um grande povo, amante da liberdade. Só um homem fraco se vangloria de atos que não pode realizar, e em sua comparação havia uma aspereza que indicava a malícia de um coração não regenerado. Já ouvimos pessoas falarem dessa maneira a outros que consideravam seus inferiores, mas tais palavras são todas como sementes de cardos espalhadas que estragam a colheita do seu próprio campo. Aprendamos a falar com educação ou, então, nem falemos nada. Insistamos para que os jovens cultivem uma linguagem educada. As pragas são como os bumerangues; sempre voltam a quem as lançou.

A Bíblia diz que aquilo vinha de Deus, e o diz duas vezes (vv. 15, 24). Por trás de todas as mudanças políticas e revoluções está a lenta evolução de um propósito divino. Deus não instiga o pecado. Este surge do mal uso que o homem faz do seu livre-arbítrio. Mas Deus controla os conflitos humanos de modo que eles não prejudiquem o plano de sua vontade e presciência, mas os favoreça.

1 REIS 12.25-33

A Religião Criada Pelo Homem. Jeroboão sabia que estava agindo errado ao fabricar esses dois bezerros. O profeta lhe dissera claramente que a estabilidade do seu trono estava condicionada à sua obediência (11.38). Deus lhe prometeu, de forma definida, que se obedecesse a tudo que lhe fosse ordenado, estaria com ele e lhe edificaria uma casa estável. Mas ele não ficou satisfeito com isso.

Com medo de que se o povo subisse às festas anuais em Jerusalém, voltasse a ser leal ao trono de Davi, e o matasse, Jeroboão estabeleceu o culto de Jeová

na semelhança desses dois bezerros. Assim, ele quebrou não o primeiro, mas o segundo mandamento, e plantou as sementes das quais seus descendentes estavam destinados a colher uma sucessão de amargas colheitas. Ele se portou de forma semelhante ao do homem insensato da parábola do Senhor, que ouviu as palavras dele e não as praticou, e cuja casa, embora pudesse ter sido cuidadosamente construída, desabou quando os rios transbordaram. O oportunismo sempre engana os que abandonam Deus e confiam nos seus próprios planos. Parece que Jeroboão se constituiu sacerdote além de rei. É difícil saber até onde os homens podem ser levados quando desprendem sua embarcação dos ancoradouros de Deus.

1 REIS 13.1-10

A Condenação do Culto Sem Valor. Que belo título para qualquer um — “um homem de Deus”! No entanto, todos nós poderíamos trazer a marca de Deus em nosso caráter, para que os que entram em contato conosco pudessem sentir aquele algo inefável que não se pode definir, que dispensa divulgação, mas que diz que a pessoa que a traz é realmente um filho de Deus.

O altar por meio do qual Jeroboão esperava consolidar seu reino foi a causa da ruína e destruição da nação, que culminou com a ida de Israel para o cativeiro. Quando voltamos as costas às fontes de águas vivas, e cavamos para nós cisternas rotas que não podem reter a água, estamos dando início a uma caminhada marcada por desastres e perdas infalíveis.

Os que querem ser portadores da mensagem de Deus têm que prestar-lhe obediência irrestrita. Foi uma resposta adequada e correta a que o profeta, no primeiro momento, deu ao rei. Corretamente, ele disse a Jeroboão, que deveria conservar-se dentro dos termos exatos de sua missão, e que mesmo que Jeroboão o subornasse com metade do que possuía não iria demorar-se ali nem o tempo suficiente para tomar uma refeição à mesa real. Essa obediência minuciosa e rigorosa se mostrava em notável contraste com

a conduta de Jeroboão. Deus é exato e exige obediência exata.

1 REIS 13.11-19

Desviado por um Falso Mensageiro. O profeta anônimo proveniente de Judá tinha recebido instruções claras para não comer pão nem beber água enquanto estivesse cumprindo a missão dada por Deus. Portanto, estava plenamente justificado ao recusar o convite real; e teria sido bom para ele se tivesse recusado também o convite do velho profeta, que o seguiu com um chamado insistente para voltar com ele à sua casa. Mas o profeta mais moço falhou, porque o mais velho dizia falar por autoridade divina e porque o convite vinha ao encontro de suas próprias inclinações. Quando ele se assentou debaixo do carvalho, cansado e faminto, já se encontrava inclinado a acreditar que a mensagem do profeta era verdadeira, embora fosse inteiramente contrária à sua própria revelação.

Depois que Deus nos fala, não nos atrevamos a desviar-nos influenciados por conselhos de outros, mesmo que pareçam bons ou ainda que venham enfeitados com floreios de fraseologia religiosa. Deus não diz Sim ou Não; todas as suas ordens, bem como todas as suas promessas, são Sim e Amém em Cristo. Nele não há variação, nem sombra de mudança (Tg 1.17).

1 REIS 13.20-34

Desatendendo aos Sinais de Deus. Existe uma nota trágica nesse trecho. O homem de Deus havia cumprido bem e corajosamente a missão que o Senhor lhe confiara e suas palavras foram confirmadas pelo resultado; mas ele pereceu como um apóstata. (Ver 1 Coríntios 9.27.) Se tão somente ele tivesse obedecido à palavra de Deus, tal como a recebera, poderia ter sido encarregado de missões semelhantes; mas o "Ah! irmão meu!" foi o lamento sincero da parte do homem que o levava à queda. Como deveríamos ser cuidadosos em nunca dissuadir um jovem de um propósito heróico que tenha surgido em sua imaginação! Muitos jovens pereceram no limiar de sua existência porque

profetas mais velhos gritaram: "Poupa-te; tem misericórdia da tua carne".

Deus nunca volta atrás em suas instruções originais. Se ele falou claramente à sua alma, recuse-se a receber ordens de marcha vindas de outras pessoas. Nenhum homem, por mais santo ou idoso que seja, tem o direito de interferir nas sagradas relações de Deus com um discípulo. Podemos sempre reconhecer a voz falsa, porque suas sugestões coincidem exatamente com a fraqueza de nossa natureza, com nosso desejo de comer pão, beber água e gozar da companhia de nossos semelhantes.

1 REIS 14.1-16

O Profeta Cego Vê a Ruína de Jeroboão. Como ficamos cegos quando pecamos contra a nossa consciência! Cada ato de pecado consciente põe outra sombra na janela da alma. "Observando-lhes o coração insensato." (Rm 1.21.) É claro que se o profeta era capaz de predizer o resultado dessa doença, seria capaz também de perceber o disfarce da mãe, embora ela trouxesse apenas as dádivas de uma pobre camponesa. Jeroboão tinha arquitetado esse estratagem, em parte porque não queria que a nação soubesse que ele estava consultando um profeta de Jeová — um ato que podia tirar a validade do seu novo templo e dos bezerros — e, também porque desejava obter uma resposta mais favorável do que a que ele achava que receberia se o profeta reconhecesse a inquiridora. Nós podemos enganar-nos a nós mesmos o quanto quisermos, mas não podemos enganar a Deus, e nenhum disfarce consegue desviar a flecha que se dirige, veloz, ao coração culpado.

Dizem os historiadores judeus que a exceção foi feita no caso de Abias (v. 13), porque ele intercedeu junto a seu pai para que ele permitisse que todos os israelitas que o desejassem fossem às festas em Jerusalém, sem incorrer em castigo. Sempre há justiça nos castigos divinos. Quantas vezes Deus tem criado belas vidas em ambientes imundos, como o puro lírio brota do charco!

1 REIS 14.17-31

No Pecado, o Sul Rivaliza com o Norte. O nome da mãe de Roboão significa *beleza*, e é possível que ela tenha sido pessoalmente atraente; mas o texto diz duas vezes que ela era amonita, como se houvesse a intenção de enfatizar a desastrosa influência que ela exerceu sobre seu filho (vv. 21,31). Na primeira parte do capítulo, há ternas reminiscências de Davi — que ele guardou os mandamentos de Deus, seguiu-o de todo o seu coração, fez o que era reto aos seus olhos. Como uma vida assim é cara a Deus! Como ele a conserva na lembrança! Como a aponta a outros, buscando a admiração deles, não obstante até haver praticado um sério deslize! Mas isso só serve para mostrar, por contraste, que a corrupção dos tempos posteriores é mais terrível.

Os pecados nacionais constrangeram Deus a retirar a proteção que envolvia a nação. Não saiu mais com os exércitos dela. A deterioração do ouro tornando-se em bronze, é uma ilustração indicativa de como o fino ouro do caráter ficou escuro (Lm 4.1). Que será de nós se for retirada a graça de Deus?! Bem pode o apóstolo suplicar-nos para não recebê-la em vão! Quando a corrupção se estabelece, o melhor e mais maduro se torna o pior. A virtude de nossos antepassados não pode salvar nossa alma da inevitável apostasia. Precisamos ter o nosso ancoradouro pessoal em Deus!

1 REIS 15.1-15

Raia um Dia Melhor. Aqui voltamos a encontrar referências a Davi, como no capítulo anterior. (Ver os versículos 3, 4, 5, 11.) Seu nome permanece no ar como suave fragrância, ou como o crepúsculo vespertino. Mas a mãe de Abias descendia de Absalão, e não chegamos a nos surpreender pelo fato dessa triste ascendência entrar em conflito com a outra influência mais santa. Embora a lâmpada tivesse pouca luz, no entanto, não estava inteiramente apagada. Que triste referência é feita no versículo 5! Um só momento de paixão pode representar prolongada tristeza para Deus e para a alma! To-

davia, há perdão em Deus, para que ele possa ser temido (Sl 130.4).

Para conhecer melhor o reinado de Asa, devemos ler o livro das Crônicas, onde temos evidências mais amplas sobre seu caráter verdadeiramente religioso — pelo menos durante a primeira parte do seu governo. Mesmo sua avó foi deposta de sua posição. Comparar os versículos 2 e 10; as palavras "pai" e "mãe" aplicam-se aos antepassados em geral, como se pode ver no versículo 3. No todo, a ação de Asa foi dirigida no sentido da destruição do culto pagão, mas parece que ele se esquivou de procurar uma exterminação radical do mal (v. 14). O resultado foi uma deterioração pessoal e o ressurgimento da idolatria. O Senhor pede que nunca façamos concessões. A mão direita que nos faz tropeçar deve ser cortada fora. O ninho da víbora deve ser esmagado até o último ovo.

1 REIS 15.16-34

Irmãos em Guerra. Obtemos uma visão mais ampla dos acontecimentos descritos na primeira parte dessa passagem, consultando 2 Crônicas 16.1-6. A espiritualidade inicial de Asa, que brilhou por causa do seu drástico expurgo da idolatria e da corrupção que se propagava como fungo num solo úmido, não pode ser posta em dúvida. É estranho que tal homem que, pela fé em Deus, tinha repellido a formidável invasão de Zerá, viesse, nos últimos anos, a render-se a métodos covardes de mero utilitarismo na guerra com Baasa.

Essa aliança com Ben-Hadade nasceu da descrença. Mesmo os crentes verdadeiros, às vezes, acham difícil manter sua integridade, porque as provocações da fé tendem a aumentar. Quando Pedro reparou na força do vento, seu coração se perturbou e ele começou a afundar. O começo da queda de ambos os reinos — das dez tribos e de Judá — pode ser atribuído à aliança de Asa com esse rei pagão. A Palestina não mais era um estado neutro, mas se envolvia nas alianças políticas da época. Os que honram a Deus são honrados (1 Sm 2.30); os que depositam sua confiança em outrem deploram isso pelo resto da vida.

1 REIS 16.1-14

Executores de Malfetores. Uma nobre figura cruza a tela por um momento. É Jeú, o filho de Hanani, brilhante como uma estrela na noite. Não houve nenhuma época sem profetas; nenhuma vida, por mais abandonada que esteja, jamais ficou sem alguma palavra de advertência; ninguém cai sem um grito de aviso. E essas mensagens, que correspondem à voz da consciência, revelam o compassivo amor do Pai, que não quer que ninguém pereça (Ez 18.23). Hanani, pai de Jeú, tinha sido profeta (2 Cr 16.7), e Jeú teve o mesmo ofício por um longo período (2 Cr 19.2; 20.34).

Baasa morreu em paz e foi sepultado com honras. Mas esse fim não é definitivo e aponta para uma outra vida, já que Deus é Deus (Sl 17.14,15). Elá e o remanescente da casa real foram eliminados por Zinri, e tão completo foi o extermínio que nenhum dos seus vingadores foi deixado. Mas Zinri, após um reinado de sete dias, foi tratado de modo semelhante (2 Rs 9.31). Sete dias constituem tempo suficiente para que um homem seja provado, e nesse breve espaço Zinri achou tempo para andar no caminho de Jeroboão e de seu pecado (vv. 15,19). Assim é o curso deste mundo. Felizes são os que, no meio das convulsões políticas, vivem tranquilamente na terra (1 Ts 4.11), e recebem o reino que não pode ser abalado (Hb 12.27).

1 REIS 16.15-28

Persistindo nos Caminhos Pecaminosos. Esses capítulos oferecem um melancólico registro de apostasia e revolução, de idolatria e desgraça nacional. Talvez a grande massa do povo — os camponeses — não fosse grandemente afetada por essas mudanças dinásticas, embora severos castigos de fome e seca em breve viessem mostrar à nação como é ruim e amargo trocar a Fonte de águas vivas por cisternas rotas que não podem reter a água (Jr 2.13). Encontramos o verbo “irritar” cinco vezes, nesse capítulo (vv. 2, 7, 13, 26, 33). Depois da idolatria, veio a intemperança (v. 9), e o fruto foi o suicídio, a anarquia, e a guerra civil (vv. 18, 21, 22). Mas, em-

bora esses pecados fossem terríveis, eles viriam a ser ultrapassados (v. 30).

O único baluarte satisfatório contra a anarquia universal é a manutenção da verdadeira religião. Hoje as pessoas criticam maliciosamente a consciência puritana e exigem a secularização do dia do Senhor, mas certamente estão pondo em risco a estabilidade e a ordem do estado. Embora isto não seja muito percebido, as relações humanas são profundamente afetadas pela relação entre a nação e Deus. Os escritos de Voltaire ajudaram a fomentar a Revolução Francesa, ao passo que os avivamentos religiosos do século dezoito, tanto na Inglaterra como na América, contribuíram grandemente para consolidar o progresso nacional.

1 REIS 16.29-17.7

O Clímax do Pecado Convoca o Profeta de Jeová. Desde o começo do seu reinado, Acabe pôs de lado tanto o primeiro como o segundo mandamentos. Seu casamento com Jezabel, a jovem e bela princesa sidônia, mergulhou-o bem como seu reino na mais profunda escuridão. Agora, além dos bezerros de Jeroboão, instituiu-se também o culto a Baal, o deus-sol, e seu templo era servido por centenas de sacerdotes. O artista inspirado não hesita em pintar esse quadro tenebroso com as cores de Rembrandt, e assim a brilhante glória de Elias aparece em contraste com o fundo escuro do pecado do povo. A hora mais escura precede a aurora; a mais pungente dor anuncia o nascimento. Primeiro Acabe e Jezabel, depois Elias.

Gileade ficava longe da corte e do templo — Deus prepara os seus obreiros em sua própria escola. O nome do profeta — “Jeová é a minha força” — sugere onde ele habitava e de onde derivava ele seu poder. Ele se colocou diante de Deus para unificar e reerguer um povo dividido. A seca veio em resposta à sua oração. Elias sentiu que só algo assim poderia deter o rei e o povo (Tg 5.17). O homem que se coloca diante de Deus não tem medo de colocar-se diante de Acabe. Às vezes Deus ordena a seus servos que se escondam para a banda do oriente, mas, nesses períodos de isolamento forçado,

ele se responsabiliza pelos necessários suprimentos.

1 REIS 17.8-16

A Botija de Alimento que Não se Esgotava. Mesmo em Querite não conseguimos ficar livres da provação, e é duro sentar-se junto de uma torrente que se está secando. Mas Deus sempre provê. Nenhum daqueles que nele confiam passará necessidade. Pouco importa se os agentes visíveis forem corvos, ou uma pobre viúva gentia prestes a perecer. O majestoso “ordenei” de Deus é bastante. Seja ordinário ou extraordinário, natural ou sobrenatural, por meio do judeu ou do gentio, o propósito de Deus não vai tardar.

Então uma gentia deu o que Israel não poderia dar (Lc 4.25,26). Deus usa as coisas humildes e desprezadas bem como as que não são (1 Co 1.28). Entretanto, havia nobres qualidades nessa mulher. Ela não se queixou, mas foi sem demora buscar a água; foi generosa e hospitaleira, e acreditou que Deus supriria suas necessidades. Ela estava longe de imaginar a magnitude de sua recompensa (Mt 10.41,42)! Mas sua fé era grande. Ela passou no teste de fazer primeiro o bolo de Elias, crendo que, depois, haveria o suficiente para ela e seu filho. Embora não compreendesse bem, tinha dentro de si uma centelha do mesmo fogo que ardia na alma do grande profeta; e, portanto, quando nos levantarmos para receber a nossa porção no fim dos dias (Dn 12.13), a porção dela será com os grandes profetas e heróis da fé.

1 REIS 17.17-24

Nova Vida Para os Mortos. Deve ter sido uma prova severa para a fé de Elias notar, primeiro, a diminuição do ribeiro, depois a miserável pobreza da mulher a quem ele fora encaminhado, e, por fim, a doença e morte do filho dela. Mas, através de tudo isso, ele manteve fé firme no Deus vivo. Ainda dizia: “Ó Senhor meu Deus” (v. 20). A aflição não é prova de que estamos fora do caminho do dever. O caminho da obediência, às vezes, está coberto de espinhos, como todo servo de Deus tem constatado. Mas as dificuldades constituem

oportunidades para exercitarmos maior fé, e nos revelam mais do poder libertador do Todo-Poderoso.

O verdadeiro médico curva-se sobre uma criancinha pobre, ansioso para salvar uma vida humana, mas seu poder é limitado. Outras forças, entretanto, são acessíveis à fé e à oração, e realizam o que nem a perícia humana nem a medicina conseguem fazer. Quando já confessamos e expulsamos o pecado que nos veio à lembrança na hora da angústia temos condições para exercitar aquele divino poder que está sempre ao alcance das mãos que se levantam sem medo ou dúvida.

1 REIS 18.1-15

“Eis... Elias.” “Veio a palavra do Senhor” a Elias em quatro ocasiões sucessivas (17.2,8; 18.1; 19.9). Deus tem muitas coisas a dizer-nos, se as quisermos ouvir. Sua palavra pode achar-nos em diversos lugares e atribuir-nos vários deveres; mas, viver por ela é realizar o plano de vida perfeito.

Obadias era um homem bom, mas fraco. Ele fez o melhor que pôde para proteger os profetas e resguardar a luz para que não se apagasse (v. 13). Mas os favores da corte o haviam corrompido. Ele se postava diante de Acabe, enquanto Elias se postava diante de Deus. O Senhor disse que as “roupas finas” estão nos palácios dos reis (Lc 7.25), e, na enervante atmosfera de um palácio, a muito poucos é concedido conservar o espírito e o poder de um Elias ou de um João Batista. Quem não preferiria ser Elias em vez de Obadias! Elias ousou enfrentar Acabe como o perturbador de Israel, enquanto Obadias, diariamente, temia por sua própria vida. Elias erradicava a idolatria, enquanto Obadias apenas tentava conter seus excessos. Obadias procurava grama para os cavalos reais, mas a oração de Elias trouxe a chuva. Ousemos levantar-nos por Deus, embora nos levantemos sozinhos.

1 REIS 18.16-29

O Deus que Não Responde. “O deus que responder por fogo esse é que é Deus.” Nós ficamos emocionados quando lemos essas palavras. Nossos altares per-

manecem sem fogo, nossos sacrifícios não são consumidos, nossas igrejas não testemunham a descida da santa chama, nossos sermões não passam de mechas úmidas. Não deveria ser assim. João Batista disse que o Senhor batizaria com o Espírito Santo e com fogo (Mt 3.11), e Jesus mesmo ensinou que ele veio para lançar fogo à terra (Lc 12.49). As sete tochas ardem continuamente diante do trono (Ap 4.5). Foi como chamas de fogo que o Espírito Santo desceu sobre o grupo assentado no cenáculo — *assentados* porque eles haviam chegado ao fim da reunião de oração, e estavam agora somente esperando pelo cumprimento da promessa (At 2.2,3).

Nada é mais necessário que a resposta pelo fogo. Há muitos que, como os profetas de Baal, se esforçam muito para acendê-lo. Mas, quando são impedidos de acender seu próprio fogo falso nas pilhas de lenha, ficam sem ação. A súplica frenética, a autoflagelação, o canto monótono são insuficientes. São carnis e somente provocam as piores emoções. É preciso que se cumpram as condições espirituais, como Elias mostrou; então Deus dá testemunho “por meio de sinais e maravilhas” e pelos dons do Espírito Santo, de acordo com sua própria vontade.

1 REIS 18.30-40

“O Deus que Responder por Fogo.” Muitos coxeiam entre duas opiniões. O altar de consagração a Cristo fora derrubado (v. 30). O culto de Baal, que simboliza a energia humana, secretamente roubou a nossa dedicação àquele que é muito ciumento de estranhas relações; e, como consequência, nosso coração se secou e nossa esfera de serviço é como uma terra crestada. Os sacerdotes idólatras tinham tudo a seu favor, porque, ao meio-dia, o deus-sol estava no seu trono; mas não havia uma voz que respondesse. É terrível quando o homem procura ouvir seu deus falar e não obtém resposta!

Elias reconstruiu o altar em ruínas que, durante muitos anos, existira no cume do Carmelo (19.10). Reconstruamos os altares da consagração pessoal, do culto em família e da fé nacional.

Elias orou; como afirma o apóstolo (Tg 5.17), ele pôs todo o fervor de sua poderosa natureza na oração. Depois disso, ele abateu os profetas de Baal com mão implacável, pois ficara provado que eles eram falsos. São essas as condições para o avivamento e a renovação espiritual. Entregue-se qualquer igreja à consagração, à oração fervorosa e à *extirpação do erro*, e não é preciso haver ansiedade quanto ao resultado; haverá chuva em abundância.

1 REIS 18.41-19.8

Exaltação e Depressão. Depois que os sacerdotes foram executados, o profeta, com seu ouvido aguçado, captou a ruidosa aproximação das nuvens de chuva. Notemos o contraste entre Acabe e o profeta. Um subiu da garganta do Quisom para comer e beber em seu pavilhão até que as nuvens escuras fizeram com que guiasse seu carro apressadamente rumo a Jezreel; o outro subiu para orar! O que nos interessa mais — comer e beber ou orar? Que Deus nos ajude! A resposta que nosso coração dá está longe de ser satisfatória. Mas, que oração foi aquela! Tão humilde, tão intensa, tão confiante. O servo desceu do pico seis vezes, dizendo: “Não há nada”, e uma sétima vez foi ele enviado para observar a linha do horizonte no Mediterrâneo — só que, dessa vez, não foi em vão!

Mas, por que aquela súbita mudança para o desespero? Teria sido a forte tensão daquele dia no Carmelo que provocara essa terrível reação? Teria sido aquela rápida corrida do Carmelo a Jezreel, à frente dos fogosos cavalos de Acabe? Teria sido a ameaça de Jezabel? Parecia que ela não se mostrava assustada nem derrotada pelo massacre de seus sacerdotes. Será que ele perdera a visão de Deus naquela hora escura? Elias não passava de um mortal! Seus pés quase se haviam resvalado; pouco faltara para que seus passos se desviassem (Sl 73.2).

1 REIS 19.9-14

Descobrimo Como Deus Opera. Mas Deus sabia como agir com seu servo que descansava debaixo de um zimbro. Ele o

mergulhou num sono reparador, restaurou suas energias exauridas, fez com que fosse servido por mãos de anjos e, finalmente, conduziu-o pelo deserto até ao monte sagrado onde, tempos atrás, Moisés tinha comparecido à divina presença. Ali, as forças da natureza falaram às várias disposições de Elias. No fogo, no terremoto, e na tempestade ele ouviu a voz da sua própria alma. Esses elementos exprimiram o que ele queria dizer, e com isso ele se sentiu desafogado. Depois, a sensação de “um cicio tranqüilo e suave” chegou-lhe aos ouvidos, calmo, tranqüilo, brando. Melhor do que tudo, a voz de Deus o comissionou mais uma vez com as palavras: “Vai, volta”. O posto que ficara vago, continuava vago; ele poderia receber, merecidamente, o coroa-mento de sua missão na vida; ainda estava aberta a porta pela qual ele poderia servir a terra que amava.

Muitas vezes nós nos deitamos nas areias do deserto, julgando que a morte está perto. Mas não é assim. Deus não nos julga pelas nossas disposições. Ele conhece o coração fiel que lhe é leal, e quer outorgar-nos a coroa da vida. O prêmio do fiel profeta de Deus iria ser o carro de fogo rumo ao Torrão natal, não a mortalha das areias do deserto.

1 REIS 19.15-21

Designando os Instrumentos de Jeová. Elias nunca foi reintegrado inteiramente à posição que ocupara antes de sua fuga fatal. Na verdade foi convidado a voltar, e lhe foi dado trabalho para fazer. Mas esse trabalho consistiu em ungrir três homens que iam participar do ministério que ele poderia ter cumprido, bastando que tivesse permanecido fiel ao seu Deus e atento às oportunidades de servi-lo. A obra de Deus deve continuar, se não for por nosso intermédio, será por outros, chamados para preencherem nosso lugar.

Hazael, rei da Síria; Jeú, o rude capitão; e Eliseu, o jovem agricultor. Cada um era totalmente diferente dos outros; no entanto, cada um teve sua esfera de ação para atacar as idolatrias e impurezas que estavam destruindo a raça escolhida. As redes de Deus não são todas fabricadas com o mesmo tamanho

de malhas. Os homens podem escapar de algumas das maiores, e ser apanhado na malha fina. Mas Deus, de tal maneira ordena as vidas dos homens que, pelo menos uma vez, cada um encontre a malha da qual não pode escapar. Que conforto é pensar que Deus está operando no mundo, e que, embora a estatística conte uma história triste, ainda podem existir 7.000 discípulos secretos para cada Elias!

1 REIS 20.1-15

Gabando-se Antes da Batalha. A insolente exigência de Ben-Hadade mostrou como era baixo o nível a que Israel havia descido. O culto aos deuses de Jezabel tinha produzido grande decadência moral. Jamais esqueçamos esta lição. Quando a religião nacional perde o vigor e as igrejas estão vazias; quando a Bíblia perde lugar na educação, e o culto doméstico desaparece do lar, a decomposição e a corrupção minam as forças da nação.

A resposta de Acabe foi melhor do que a que se poderia esperar de tal homem, mas se não houvesse outras influências operando em favor da raça escolhida ela não teria passado de uma forte ostentação. É possível que durante a crise, nas escolas de profetas, eles estivessem orando incessantemente. Podemos ter certeza de que Elias, por exemplo, não estava silencioso, mas derramava sua alma a Deus nos altos das montanhas ou na torrente de Querite. A chegada de um profeta não solicitado (v. 13) foi o prenúncio de algo bom. Notemos como a amorosa bondade de Deus nos segue até a terra distante. Ele não esquece, antes nos persuade a voltar. Seus instrumentos de auxílio não são, entretanto, o que poderíamos esperar, mas sempre os mais fracos e menos prováveis, para que ninguém se vanglorie (1 Co 1.27).

1 REIS 20.16-30

O Deus dos Montes e dos Vales. O que é Deus para nós? Será ele somente o Deus dos montes? Nós relacionamos a religião apenas aos grandes picos da experiência cristã. Há ocasiões de êxtase e de visão quando, naturalmente, parecemos estar com Deus nos santos montes. Temos nosso Moria, nosso

Pisga, nosso Tabor, nosso Hermom. Mas será que isso é tudo?

Não! Deus está conosco nos vales. Quando passamos pelo vale árido (Sl 84.6), pelo vale da sombra da morte, pelo vale da obscuridade e solidão, o vale do conflito, podemos dizer como o salmista: "Tu estás comigo". (Sl 23.4.) Muitos de nós talvez passemos grande parte da vida nos vales, entregues a tarefas corriqueiras. Cuidemos para que, nesses dias sombrios, andemos em íntima comunhão com o Amigo Divino; para que, quando o caminho subir e a brisa da montanha soprar em nosso rosto e nossa visão se alargar, possamos permanecer com Deus nos montes, e tenhamos pés como os da corça. (Ver Habacuque 3.19.)

1 REIS 20.31-43

Perdendo o Homem que Deus Entregou nas Mãos Dele. A natureza boa e condescendente de Acabe era prejudicial, e revelou o mal que estava enfraquecendo e corroendo seu coração. Fossem quais fossem seus sentimentos e simpatias pessoais, está claro que ele não tinha o direito de controlar por elas sua ação como rei, quando estavam em jogo os interesses nacionais. Um juiz pode estar sujeito a sentir terna compaixão para com os que sua função exige que sentencie, mas ele deve guiar-se pela consideração do bem geral. Essa insensata clemência da parte de Acabe posteriormente resultou em sofrimento para Israel nas mãos da Síria.

"Ocupado daqui e dali!" Isso se aplica bem a todos nós. Nós estamos tão ocupados que é difícil termos tempo para pensar. Não percebemos as oportunidades que são colocadas em nossas mãos e que, não sendo imediatamente aproveitadas vão-se embora para nunca mais voltar. A cabeça calva da oportunidade que se foi, diziam os gregos, não tem nem mesmo uma mecha de cabelo que possamos segurar e trazê-la de volta. Sejamos diligentes nos negócios do Rei, lembrando que iremos prestar-lhe contas.

1 REIS 21.1-16

Transgredindo Três Mandamentos. Do ponto de vista mundano, Nabote po-

deria ter realizado uma transação muito lucrativa vendendo sua vinha a Acabe. Poderia ter recebido um régio pagamento e altos favores, mas ele tinha consciência! Acima dos tons persuasivos da oferta do monarca, soava a voz de Deus: "A terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha". (Lv 25.23.) (Ver Números 36.7 e Ezequiel 46.18.)

Acabe sabia, e muito bem, que Jezabel não podia dar-lhe a propriedade de outrem a não ser que usasse de meios torpes, mas não se preocupou em investigar. Embora a ordem direta para que Nabote fosse morto não tivesse partido dele, todavia por seu silêncio ele se tornou cúmplice e associado; e a justiça divina penetra em todas as desculpas assim forjadas. Deus nos considera responsáveis por erros que não impedimos, podendo fazê-lo. O crime foi mais odioso por causa do pretexto da religião, sugerido pelo jejum. (Ver também 2 Reis 9.26.) O sangue de um inocente assassinado clama a Deus, e sua vingança, embora retardada, é inevitável. (Ver Apocalipse 6.9,10.)

1 REIS 21.17-29

Humilhado Pela Repreensão do Profeta. Uma vez, antes, quando a presença de Elias tinha sido urgentemente necessária, ele havia fugido para salvar a própria pele. Mas dessa vez, não houve vacilação. Ele se dispôs a enfrentar não somente Acabe mas, também, seus dois cruéis capitães. E agiu como a encarnação da própria consciência. Talvez Acabe se tivesse consolado com a idéia de que não era assassino. Como saberia ele o que Jezabel fizera com seu sinete! Mas o crime não era só de Jezabel; era dele também. "Assim diz o Senhor: *Mataste...?*"

Embora o rei não soubesse, Elias era seu melhor amigo, enquanto Jezabel era sua mais terrível inimiga. O pecado deturpa tudo. Não nos surpreendamos se os homens nos odeiam e nos têm na conta de inimigos quando denunciemos seus pecados! "Bem-aventurados sois quando vos injuriarem, ... e, mentindo, disserem todo mal contra vós." Todas as desgraças preditas pelo profeta se cumpriram. Acabe retardou

seu cumprimento por uns três anos, devido a um arrependimento parcial; mas, no fim desse prazo, voltou aos seus maus caminhos, e cada uma de suas predições se tornou realidade. Deus é fiel. Ele dá testemunho às suas testemunhas. Sua mão opera devagar, mas nos transforma em pó!

1 REIS 22.1-12

Fazendo Uma Nova Aliança. Parece estranho que um homem tão bom como o rei de Judá fizesse tal aliança. Ela começou com o casamento de Jeorão, filho de Josafá, e Atalia, filha de Acabe; mas Josafá rebaixou-se terrivelmente da sua elevada posição de servo de Jeová quando disse o seguinte a um rei praticamente pagão: "Serei como tu és, o meu povo como o teu povo, os meus cavalos como os teus cavalos". Alianças como essas, seja num casamento ou em um negócio, além de ser proibidas, resultam em desgraça. "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos." (2 Co 6.14.)

Micaías se destaca pelo esplêndido contraste com eles. Gozava da orgulhosa honra de ser odiado por Acabe, como João Batista o foi por Herodes. Mas o profeta em sua prisão, com o pão e a água da aflição, era um homem muito mais feliz do que o rei, mesmo vestido de trajes reais e tido em alto respeito. Não está claro que Acabe, em seu íntimo, temia esse homem de Deus? Mais adiante veremos que ele despiu seus trajes reais e se vestiu com um uniforme comum, para que pudesse escapar à morte que Micaías predissera para ele. Naturalmente isso de nada adiantou. Não se pode fugir de Deus dessa maneira. O seu propósito é irresistível.

1 REIS 22.13-28

"O que o Senhor me Disseer... Isso Falarei." Ramote era uma das cidades de refúgio, situada do outro lado do Jordão. Os falsos profetas falaram o que sabiam iria agradar ao rei e conquistaria a atenção popular. Mas Micaías não hesitou em dizer que o espírito de um demônio estava fazendo uso dos lábios deles para proclamarem mensagens fal-

sas. É evidente que ele estava falando metaforicamente. Usando um método irônico de falar, sugeriu que não se devia aceitar como verdadeiras as vozes de tais profetas. Ele conhecia muito bem a voz viva de Deus. No silêncio e na solidão da sua prisão, isolado de todo o mundo lá fora, ele aprendera a detectar o indício da verdade, e sabia distingui-la das bazófias mentirosas dos falsos profetas. Devemos provar os espíritos, se procedem de Deus ou não (1 Jo 4.1). Tenhamos cuidado para não ser logrados por toda voz que fala ao nosso coração. A voz de Deus quase sempre nos chama para tomar a cruz e nos levantar sozinhos contra a multidão. Ela nos chama para entrar pela porta estreita e pelo caminho apertado.

"Devolvei-o!" gritou o rei. Ele odiava esse homem de Deus, como o ladrão teme um cão de guarda. Mas é mil vezes melhor estar com Micaías na prisão do que alimentar-se fartamente à mesa de Acabe. Não nos escondamos da verdade. Deixemos que ela sonde nosso coração, ainda que nos fira. Isso nos livrará de uma flecha certa.

1 REIS 22.29-40

O Arco Executa a Sentença de Deus. A taça dos pecados de Acabe estava cheia, e a flecha executou a divina punição. Se Micaías não tivesse falado nada, os homens teriam atribuído à má sorte essa flecha aparentemente atirada ao acaso. Agora, porém, ela se revestira de outro significado. Neste mundo não acontece nada por acaso. O passarinho não cai ao chão, a flecha não encontra a direção para atingir exatamente um coração, sem a supervisão da Providência. Quer vivamos ou morramos, nossa vida se acha sob a imediata supervisão do Todo-Poderoso. No campo de batalha nem uma simples bala pode ferir um ente querido nosso a não ser pela providência permissiva de Deus. Tudo está sob lei.

Tomemos toda a armadura de Deus, para que possamos resistir no dia mau. Tomemos o escudo da fé como cobertura para todo o nosso ser, evitando que as juntas da armadura se abram permitindo que os dardos inflamados

do inimigo nos atinjam. Vigiemos e oremos para que não entremos em tentação. Observemos o contraste na morte desses homens. Um foi ao seu próprio lugar; nem o disfarce pôde evitar seu destino. O outro parece ter voltado a buscar a Deus (v. 32 e 2 Cr 18.31), e Deus lhe deu anos de descanso, vitória e prosperidade, acerca dos quais encontramos detalhes em 2 Crônicas 19 e 20.

1 REIS 22.41-53

“Navios Quebrados.” Encontramos maiores detalhes do bom reinado de Josafá em 2 Crônicas 17-20. Ele fez grandes esforços para libertar a terra dos males mais evidentes que a arruinavam, embora alguns dos erros cometidos parecessem por demais enraizados, resistindo até à sua forte mão (v. 43). O grande defeito do caráter de Josafá foi a facilidade com que ele se associou

a Acabe e sua família; por causa disso, várias gerações subseqüentes sofreram castigos pesados (2 Rs 11).

Josafá tentou reabrir o comércio marítimo com Ofir, e entrou em sociedade com Acázias para construir navios em Eziom-Geber, o antigo porto de Salomão, de modo a fazer o circuito da África a caminho da Espanha. Mas, como ficamos sabendo por 2 Crônicas 20.37, um profeta de Jeová repreendeu-o por renovar a aliança com o rei de Israel. A tempestade que despedaçou os navios nas rochas, antes de partirem, evidencia a insatisfação do Todo-Poderoso. Tenhamos cuidado com essas associações com ímpios. Mais cedo ou mais tarde acabam em desastre. Deus bloqueia nosso caminho e derrota os nossos planos; e se, pelo menos isso nos levar ao arrependimento, nossos navios quebrados poderão ser motivo de ações de graça na eternidade.

O SEGUNDO LIVRO DOS

REIS

O Declínio e Queda de Israel e Judá



1. DO REINADO DE ACAZIAS À QUEDA DE SAMARIA 1-17; 18.9-12.
 - a. O reinado de Acázias 1.1-18.
 - b. A trasladação de Elias 2.
 - c. A obra de Elias 3.1-9.10.
 1. Vitória de Israel e Judá sobre Moabe 3.
 2. O azeite da viúva é aumentado 4.1-7.
 3. O filho da sunamita restaurado à vida 4.8-44.
 4. A cura de Naamã 5.
 5. A derrota dos sírios 6.1-23.
 6. O cerco de Samaria 6.24-7.20.
 7. Restaurada a propriedade da sunamita 8.1-6.
 8. Eliseu e Hazael 8.7-15.
 - (Reinados de Jeorão e Acázias em Judá, e Jeorão em Israel) 8.16-29.
 9. Eliseu e a unção de Jeú 9.1-10.
 - d. O reinado de Jeú 9.11-10.36.
 - e. O reinado de Joás em Judá 11,12.
 - f. Os reinados de Jeocaz e Jeoás em Israel e Amazias em Judá 13.1-14.20.
 - g. O reinado de Jeroboão II 14.23-29.
 - h. O reinado de Azarias em Judá, e os reinados de Zacarias, Salum, Menaém, Pecaías e Peca em Israel 14.21,22; 15.1-29.
 - i. O reinado de Oséias em Israel, e os reinados de Jotão e Acáz em Judá 15.30-16.20.
 - j. A queda de Samaria 17; 18.9-12.
2. DA QUEDA DE SAMARIA À QUEDA DE JERUSALÉM 18-25.
 - a. O reinado de Ezequias 18.1-8, 13-37; 19; 20.
 - b. O reinado de Manassés 21.
 - c. O reinado de Josias 22.1-23.30.
 - d. O Egito entrega Judá à Babilônia 23.31-24.9.
 - e. A queda de Jerusalém 24.10-25.30.

INTRODUÇÃO

O Segundo Livro dos Reis é uma continuação do Primeiro. Ele registra os reinados de quinze reis de Judá e de onze de Israel. Em Judá, a dinastia de Davi continuou até o fim, enquanto em Israel houve nove mudanças de dinastia.

No reino do norte, a prática da idolatria foi ininterrupta, até que finalmente chegou o momento da sua destruição. O fim veio em 772 a. C., quando Samaria foi tomada pelos assírios. Judá prosseguiu em sua caminhada por mais quase 150 anos. Mas, apesar dos esforços de profetas e de alguns reis bons, a maré da idolatria não pôde mais ser detida, e afinal Jerusalém caiu frente aos babilônios, em 586 a. C. Somente o exílio ajudaria a purificar a nação e a restaurar o espírito do verdadeiro culto.

COMENTÁRIO

2 REIS 1.1-8

Uma Mensagem do Verdadeiro Deus. O acidente do rei provavelmente se deu ao fato de a balaustrada que cercava o terraço do seu palácio ter cedido. A lei determinava, de forma clara, que esse parapeito fosse bastante resistente para evitar exatamente uma ocorrência como essa (Dt 22.8). Sejamos cuidadosos no sentido de manter as barreiras dos bons costumes, seja pureza, ou abstinência total, ou a observância do dia do Senhor. Desse modo protegeremos a nossos filhos e a nós mesmos de perigos. Todos os bons hábitos são fortes parapeitos.

Para chegar a Erom os mensageiros tinham de passar por Jerusalém. Que insulto direto a Jeová! Acabe pelo menos tivera algum respeito por Micaías, mas Acazias foi pior que seu pai ao menosprezar abertamente a religião de Davi e Moisés. No interesse de toda a nação, esse insulto não podia passar em branco, e, por ordem divina, Elias surgiu no cenário. Ele repreendeu os mensageiros por sua busca idólatra e

lhes disse que o rei, certamente, morreria. Eles voltaram com a informação de que haviam encontrado um homem vestido de pêlos que dissera que o rei não se restabeleceria. Foi o bastante. As apreensões da consciência culpada de Acazias foram confirmadas e ele disse: "É Elias, o tesbita!"

2 REIS 1.9-18

Fogo Consumidor. Foi terrível o destino dos primeiros dois capitães; mas deve-se notar que eles tiveram uma atitude e palavras extremamente violentas e arrogantes. O tom modificado do último capitão produziu rápida alteração na atitude e na resposta do profeta. Percebe-se que Elias não abrigava malícia pessoal pela sua disposição de acompanhar o terceiro capitão à presença real. O Senhor advertiu claramente seus seguidores para não tentarem imitar esse episódio. Nós pertencemos a outra dispensação, que tem sabor de paciência e mansidão. (Ver Lucas 9.54-56.)

Algum tempo antes, uma mensagem de Jezabel fizera o profeta fugir;

mas agora ele não hesita em passar pelas ruas movimentadas da capital e entrar no palácio do rei. Elias estava habitando no esconderijo do Altíssimo e achava-se em pé diante de Jeová, como antes. Por sua fé ele se valia da armadura de Deus. Extinguiu a violência do fogo, escapou ao fio da espada, e, da fraqueza tirou força. Admiremos a amorosa paciência de Deus que restaura os vacilantes, levanta-os do túmulo, segura-os como estrelas em sua mão direita (Ap 1.16), e os usa, uma vez mais, em seu glorioso serviço.

2 REIS 2.1-12

Preparado Para Sucessor ao Seu Mestre. Nós nos sentimos perplexos sem saber o que mais admirar, se a humildade de Elias ou a pertinácia de Eliseu. A humildade do primeiro é muito bela. Um homem comum teria alardeado amplamente a honra que lhe seria conferida. Tal homem teria providenciado testemunhas para que o fato não passasse despercebido. Mas em vez disso, Elias procurou ficar sozinho, de maneira que ninguém visse o carro enviado especialmente do céu para seu traslado.

Mas, a determinação de Eliseu é igualmente bela, e somente os que são aprovados em tais testes podem contemplar e herdar as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam. Em Gilgal, Betel e Jericó, Eliseu poderia ter detido seus passos a um apelo da indolência ou da comodidade; mas o estímulo divino não lhe permitiria permanecer. Não nos deixemos desanimar por causa de alguma aparente oposição. O Espírito Divino está apenas testando nossa tempera. Tenhamos pronto nosso pedido para quando ele nos disser: “Pede o que queres que eu faça por ti”. Mas se desejarmos ter a porção dobrada do filho mais velho precisamos ter comunhão com o Espírito. Os dois seguiram juntos; os dois pararam junto ao Jordão; os dois atravessaram o rio em seco; os dois continuaram caminhando e conversando. Apliquemos isso em nosso relacionamento com o Salvador!

2 REIS 2.13-25

O Espírito de Elias em Eliseu. Nós também podemos ter uma porção dobrada

do espírito de Elias, mas tudo depende da pureza do nosso coração. Somente o puro de coração pode ver, e se nós podemos perceber o espiritual isso é prova de que nosso coração é suficientemente puro para ser usado pelo Espírito Santo. Tivesse Eliseu sido incapaz de ver a trasladação de seu amigo, teria revelado uma natureza grosseira e sensual, e como poderia alguém assim alcançar um dom supremo de Deus?

Quando recebemos esse poder, devemos começar a usá-lo imediatamente. Se sentimos um novo impulso de dinâmica espiritual, ou não, isso é irrelevante. Devemos reconhecer que o recebemos, e que precisamos começar logo a usá-lo; e, quando fizermos a tentativa de dividir as águas, a divisão delas provará, não somente a nós, mas também aos outros a realidade da nossa experiência. O recebimento de poder espiritual é um ato calmo e secreto, conhecido somente por Deus e pelo crente; mas os resultados são manifestos a todos. Observemos só o que dizem esses rapazes! Jamais, em algum tempo, se ouviu que Deus trasladasse um homem para depois atirá-lo no vale ou no monte? Não é assim que ele lida com aqueles que ama e a quem quer honrar!

2 REIS 3.1-12

Uma Aliança Insensata. O reinado de Jorão sobre as dez tribos foi marcado por algumas medidas de reforma. Ele desencorajou o culto de Baal, embora ainda desobedecesse ao segundo mandamento, pois não tirou os bezerros de Jeroboão. Portanto, foi insensato da parte de Josafá entrar em aliança com ele. O servo de Jeová não tem o direito de dizer a tal homem: “Serei como tu és”, etc. Ele tinha dito isso antes, e, fora com dificuldade, que escapara com vida. Portanto, foi muito errado repetir um plano de ação que já estava descredenciado. (Ver 1 Reis 22.4.)

Quantas vezes fazemos alianças e assumimos compromissos apressadamente sem orar buscando a direção de Deus, e somente começamos a procurá-lo quando enfrentamos o insucesso! Quando a situação se agravou, e pare-

cia que reis e tropas pereceriam no árido deserto, Judá buscou o auxílio divino. Mas foi tolice e erro responsabilizar o Senhor por seus desastres, como no versículo 10. Quando descem as cortinas da noite, os marinheiros se guiam pelas estrelas; e, muitas vezes, é a pressão das negras provações que leva o homem a procurar o conselho e o auxílio dos servos de Deus. Eles sabem onde achar esses ajudadores quando deles precisam, embora, quando estão na prosperidade, eles os ignorem e zombem deles. Aquele que está disposto a ser um servo e derramar água, não se encherá de orgulho quando três reis o visitarem.

2 REIS 3.13-27

Uma Derrota e um Sacrifício Desesperado. Josafá, embora errando, ainda era filho de Deus, e, para ele, houve livramento. Nem mesmo as alturas de nossa louca insensatez e as profundezas de nossa teimosia conseguirão separar-nos do amor de Deus. Eliseu usou as mesmas palavras de Elias (v. 14 e 1 Rs 17.1). Notemos como homens de formação e missão diferentes, os Elias e os Eliseus, obtêm inspiração e força do mesmo modo. Como definiu um grande general cristão: “Toda manhã eu me coloco em posição de sentido diante do meu Criador”. Notemos o efeito da música para acalmar a alma (v. 15).

Em todas as dádivas de Deus há necessidade da nossa cooperação. Só ele pode enviar-nos a água, mas cabe a nós abrir as covas. Essa fé que espera os resultados cria as condições para recebermos as dádivas de Deus; mas quando chegamos ao nosso limite e o vale já está cheio de covas, ele pode fazer muito mais que esperamos. A resposta veio na hora da oração matutina e, provavelmente, pela intercessão do profeta (1 Rs 8.44). As respostas de Deus muitas vezes são profundas e íntimas demais para ter algum sinal externo. Não há som de vento nem de chuva; mas nossas orações são respondidas inteiramente. Muitos dos pontos dessa narrativa — notadamente o versículo 27

— têm sido corroborados por explorações recentes em Moabe.

2 REIS 4.1-7

Todo Vaso Cheio. O ministério de Eliseu não teve nada de bombástico. Foi redentor e construtivo. Viúvas o procuravam buscando auxílio contra credores; mães apelavam em favor de seus filhos; o veneno perdeu sua ação mortífera; e pães foram multiplicados. Não julgemos o poder de alguém pelo barulho que ele faz. O orvalho chama menos a atenção do que uma trovoadas, mas pode ser mais revitalizador. Quem tem um ministério tranquilo não temerá comparação com o de outrem cujas explosões de paixões costumam ser acompanhadas por reações e depressões. É preferível gozar doze horas diárias de sol, todos os anos, do que ter um longo dia de vários meses seguido por uma longa noite, como ocorre nos pólos.

Quando temos uma grande necessidade e a apresentamos diante de Deus, o problema nunca é a quantidade de azeite, mas dos vasos vazios. Temos medo de que não haja bastante azeite; mas Deus está preocupado em que tragamos vasos em número suficiente para conter tudo que ele quer dar. O azeite era aumentado no momento em que era derramado, como o alimento da outra viúva foi aumentado ao ser usado. Enquanto pudermos receber o azeite de Deus e reparti-lo ele jamais se acabará. Isso ocorrerá de acordo com a nossa fé. A questão não é quanto Deus pode nos dar, mas quanto podemos usar.

2 REIS 4.8-24

Hospedando um Profeta. O homem real precisa de muito pouco dos confortos materiais, porque sua vida está escondida em Deus. Ela não consiste na abundância de bens que ele possui, mas em fé, amor e esperança. Que belo testemunho seria para o nosso caráter se as pessoas que nos vêem indo daqui para ali se sentissem convencidas de “que este é um santo homem de Deus” (v. 9)!

Nos trópicos, a insolação é causa freqüente de morte (Sl 121.6). Quando

uma criança adoecer a mãe é a melhor confortadora; mas a capacidade de socorro da mãe tem limites. Essa mulher de Suném deve ser uma das mencionadas em Hebreus 11.35. Ela estava tão certa de que a oração do profeta podia restaurar vida, que não sentiu necessidade de contar ao marido o que havia acontecido. Por que iria ela entristecê-lo, se a criança logo lhes seria devolvida? Com fé confiante, ela ousou dizer que estava tudo bem, e Deus não a desapontaria nem falharia com ela. Suném ficava a vinte e quatro quilômetros de Carmelo, e aquela mãe palmilhou cada centímetro da estrada na fé de que Deus faria toda a sua graça operar em favor dela.

2 REIS 4.25-37

O Menino Morto é Restaurado à Vida. Nesse capítulo, há uma bela ilustração da reverência para com a bondade, da gratidão de um homem bom, e da grande recompensa que sempre acompanha os que tratam bem os filhos de Deus.

Não basta colocar o cajado, ainda que seja o do profeta, sobre o rosto frio e doce de uma criança. Nossas doutrinas e preceitos podem ser muito bons e justos, mas algo mais é necessário. Não é um cajado, nem um servo, nem um intermediário, mas nós mesmos que temos de colocar nosso coração junto ao coração parado, nossos lábios junto aos lábios queridos e frios. Só quando nós damos às crianças, comunicando-lhes nossa mais terna, mais forte simpatia, é que elas receberão nova vida.

Andemos de um lado para o outro em nossa casa! Fechemos a porta sobre nós e a criança! Oremos ao Senhor! Entreguemo-nos à grande tarefa de salvar a alma da morte! Deixemos a mãe orando no quarto de baixo! Chame-mos a pequena alma para que desperte e viva! Nossa fé e oração certamente terão uma resposta.

2 REIS 4.38-44

“Comerão.” Esse milagre, como alguém já disse corretamente, constitui uma leve prefiguração do que fez Jesus ao alimentar milhares de pessoas com ma-

terial ainda mais escasso. Como Elias foi um tipo de João Batista, assim Eliseu foi, em muitos aspectos, um tipo do Senhor. Com sua vida pacífica, seu caráter manso e suave, suas constantes viagens, seus milagres de misericórdia ele, mais que qualquer outro profeta, se assemelha ao Messias.

Vemos nesse milagre também a grande competência do evangelho de neutralizar a antiga maldição de um paraíso perdido e satisfazer a fome da alma. A graça de Deus transforma o mal em bênção e multiplica o pouco para alimentar uma multidão. (Ver Marcos 16.18 e Salmos 132.15.) Poderá haver dúvida de que a fé e a oração possuem recursos disponíveis que estão fechados a tudo o mais? Se a natureza contivesse tudo o de que nós precisamos, ao alcance de nossa mão, que proveito haveria na oração? As ordens que Deus nos dá para que oremos e o sucesso daqueles que oraram, provam que Deus tem forças disponíveis que podem operar em favor dos que o amam e são chamados segundo seu propósito.

2 REIS 5.1-14

A Cura da Leprosia. Pelos monumentos assírios, ficamos sabendo que foi nesse período que a Síria conquistou sua independência do jugo da Assíria, e, provavelmente, foi durante essa guerra que Naamã conquistou suas grandes vitórias. Notemos como é sugestiva a frase: “O Senhor dera”, o que ensina que a mão de Deus estava conduzindo tanto a história gentia quanto a hebréia. Os domínios da providência divina são tão longos quanto o tempo, e tão amplos quanto a terra.

A destruição do lar dessa pobre menina e seu cativeiro na ocasião devem ter parecido um desastre inexplicável para o qual não haveria recuperação; e, no entanto, serviu para ela colaborar para um grande livramento, que brilha nas páginas da Escritura, proporcionando inspiração a dezenas de milhares de leitores. Ela superou suas tristezas pessoais, e, por meio da fé, tirou vitória da derrota. Dando preferência ao seu método de ação em lugar do de Deus, Naamã quase voltou

para casa sem curar-se. Nós devemos adotar o método de salvação proposto por Deus, embora quebrando nosso orgulho. A atitude: “Pensava eu...” nos destruirá. A outra: “A ti, ó Cordeiro de Deus, eu venho”, nos salvará. Notemos a combinação da força de um guerreiro com a carne duma criança, a força unida à pureza e à simplicidade.

2 REIS 5.15-27

O Castigo da Cobiça. Naamã ficou tão agradecido que se desviou trinta quilômetros de seu caminho para agradecer ao homem de Deus, oferecendo-lhe uma grande soma como presente. Notemos o profundo desejo de sua alma de adorar a Jeová, evidenciado no temor de que sua ligação oficial com a idolatria pudesse comprometê-lo; e sua pronta beneficência em favor de Geazi, que, supunha ele, viera em nome de Eliseu. Todos esses detalhes são indícios de uma alma nobre na qual o Espírito Santo estivera operando. Lembremo-nos de Cornélio, réplica de Naamã no Novo Testamento (At 10.1). Que conforto é crer que Deus esteve influenciando homens como esses em todos os séculos, moldando-os, embora eles não o soubessem, até que chegasse a hora em que lhes falou através de um profeta ou um apóstolo.

Geazi é a triste réplica de Judas. Como o traidor, ele revelou o efeito endurecedor que uma associação com a virtude pode ter sobre a consciência humana. Se não produz vida para vida, resulta em morte para morte. O mesmo sol que alveja o linho, bronzeia a mão que o expõe à luz do sol.

2 REIS 6.1-13

O Servo do Senhor das Batalhas. Para nós, o primeiro desses milagres pode parecer um tanto trivial, mas devemos lembrar o valor de um machado de ferro naquele tempo, a inconveniência e o atraso causado aos construtores e o resultante descrédito para a religião se ficasse irreparavelmente perdido. Essa história mostra como era forte a simpatia do grande profeta para com os homens pobres atingidos por uma perturbação comum, e como Eliseu se mostrava disposto a buscar o auxílio

de Deus para reparar o dano. (Ver João 2.1-11.) É correto recorrer a Deus para resolver questões desse tipo, bem como para problemas maiores. Que maravilhas a fé pode operar! O coração pode estar pesado como chumbo no fundo do rio, mas quando uma lasca da cruz do Calvário é inserida, ele vem à tona e flutua.

O rei acreditava que Eliseu possuía um poder e conhecimento sobre-humanos, e todavia pensou que poderia detê-lo com carros e cavalos. Ele reconhecia que Eliseu era servo do Deus altíssimo, entretanto esperava aprisioná-lo enviando um poderoso exército! É a tais loucuras que os homens des-cem quando começam a lutar contra o Altíssimo!

2 REIS 6.14-23

Olhos Abertos. Isso é uma parábola viva, de extrema beleza e plena de sugestões. Primeiro, o golpe da dificuldade — súbito, inesperado e, evidentemente, intransponível; depois, o forte contraste entre o desespero do homem deste mundo e a fé firme daquele para quem o invisível é tão real quanto o visível, porque ele possui a segunda visão, a da fé. A fé visualiza o invisível e eterno. A intercessão de um homem bom pode dar visão espiritual para aqueles que são espiritualmente cegos. Nós fazemos a oração de Eliseu (v. 17) em favor de muitos que amamos. O objetivo do exército sírio era o rei de Israel, e Eliseu o levou a ele.

A lição dessa narrativa é a proximidade das hostes protetoras de Deus. Elas constituem um cordão de proteção para seus filhos. O monte está cheio delas. Eliseu as vira quando escoltaram seu mestre no momento em que ele subiu para o lar; *ele mesmo* jamais esperara que chegasse a ter a honra de receber o cuidado de Deus. Nós não precisamos de mais auxílio além do que está ao nosso alcance, mas precisamos da graça para ver as coisas que Deus nos dá gratuitamente (Jo 4.10).

2 REIS 6.24-33

Duras Dificuldades Para os que Abandonam a Deus. Esse cerco foi conseqüência da tola e inadequada tolerância de

Acabe. (Ver 1 Reis 20.42.) Muitas vezes os filhos têm que sofrer pelos erros e loucuras dos pais. Conservemos isso na memória. "Nenhum de nós vive para si mesmo." Vivamos de tal modo que ninguém venha a escandalizar-se mesmo muitos anos depois de haver-mos deixado a terra.

Ao que parece, Eliseu tinha aconselhado o rei a não se render, com a garantia futura de livramento com a condição de que se arrependesse. Por isso, Jeorão simulou os sinais de arrependimento e contrição, sem a menor sinceridade; e, quando o livramento prometido não apareceu, ele pôs a culpa das calamidades de Israel no profeta e jurou vingança contra ele. Os anciãos estavam reunidos com Eliseu, talvez para oração, quando o profeta os avisou da chegada do mensageiro do rei, anunciando a determinação real de não esperar mais em Deus. A provação de nossa paciência é mais preciosa do que a do ouro, mas quantos de nós conseguem suportá-la?

2 REIS 7.1-11

"*Janelas no Céu.*" Neste momento, há uma fome em todo o mundo, fome da Palavra de Deus. Já vai para alguns anos que a igreja vem sentindo sua crescente gravidade, mas dentro dela há dois grupos: os que creem que Deus pode abrir as janelas do céu e derramar uma bênção tal que nem haverá espaço para armazená-la (Mt 3.10); e os que, como o capitão descrente, zombam da esperança dos santos. Respondamos ao "Será que Deus tem poder?" dos cétricos com as realizações da fé.

Quando Deus manda bênçãos ao seu povo, raramente usa métodos que poderíamos esperar. Antes, escolhe as coisas fracas e loucas, sim, aquelas que não são, para reduzir a nada as que são, de modo que ninguém se vanglorie na presença dele. Sempre que, ao primeiro clarão da luz matutina, descobrimos a divina resposta às nossas orações, em toda a sua plena abundância, não guardemos a boa nova só para nós para que o castigo não nos alcance, mas façamos por levá-la a outros. Quando é dia de boas-novas, procuremos a todo custo passá-las a outros

com fé e paciência, considerando pecado ficar em silêncio.

2 REIS 7.12-20

Cumpra-se a Palavra do Profeta. Os leprosos foram os primeiros a entrar no acampamento abandonado. A abundância estava ali à espera de todo o populacho faminto, mas somente uns poucos párias dela se aproveitaram. Assim também a abundância e as inescrutáveis riquezas de Cristo são para todos, mas muitas vezes os vagabundos reunidos pelo Exército de Salvação sabem mais deles do que os filhos da igreja.

Um morador de uma casa pobre que abre a janela bem cedo por causa de um filho enfermo, conhece melhor a manhã de verão do que o milionário que dorme em quartos com janelas cortinadas. Temos de anunciar aquilo que sabemos, senão estamos pecando contra Deus e contra o homem. Há o bastante para todos. Repartir é aumentar.

Embora essa abundância tivesse sido predita, parecia bom demais para ser verdade. Manda os teus observadores, ó igreja de Deus! Devido à vitória do Senhor no Calvário, todas as estradas — do norte, sul, leste e oeste — estão juncadas dos despojos dos teus inimigos que fogem a correr. Mas cuidado! Pois pode ser que, no dia do livramento do Senhor, tu o vejas com teus próprios olhos, mas, por causa da tua incredulidade, não possas participar (Lc 13.28). A incredulidade do homem não pode impedir a realização dos propósitos de Deus, mas exclui o incrédulo, que perece em meio à abundância.

2 REIS 8.1-15

O Poder por Trás do Trono. Tudo que acontece em nossa vida ou no mundo ocorre por determinação ou permissão divinas. Por trás de todo evento e incidente está a divina providência. A sunita que tanto fizera por Eliseu foi lembrada e amparada anos depois. O Rei divino tem uma admirável lembrança daqueles que o alimentaram quando ele estava faminto, e o socorreram quando ele estava necessitado. "Quando foi que te vimos...?" "Sem-

pre que o fizestes..." (Mt 25.37,40). Essa conversa entre o rei e Geazi poderia ter parecido um acaso, mas foi um ato da providência. Se permanecermos na vontade de Deus, nossa vida parecerá cheia de divinas coincidências.

Eis aqui outro exemplo: Eliseu vem a Damasco, evidentemente por ordem de Deus, justamente quando Ben-Hadade está doente. Essa doença não seria mortal, mas ele morreria prematuramente por outra causa. Ah, se os homens de Deus hoje pudessem ter mais desse dom de chorar pelos pecadores e pelo fim deles. Ninguém se ofendia ao ouvir D. L. Moody falar do inferno porque sua voz sempre tremia nesses momentos. O profeta "leu" o destino de Hazeel no Livro de Deus, não no seu rosto imóvel, e como ele era aterrador! Ah, de que terríveis crueldades somos capazes! "Também da soberba guarda o teu servo." (Sl 19.13.)

2 REIS 8.16-29

O Marido e Filho de Atalia. A história de Jeorão oferece um exemplo de como um mau casamento prejudica a vida de um homem. Seu pai fora um homem bom; mas sua esposa era uma mulher ímpia, e influenciou-o mais fortemente que aquele (2 Cr 21.6). A história mais completa do reinado de Jeorão, e a aparente extinção da família real, são contadas em 2 Crônicas 22. Notemos principalmente o versículo 19. A lâmpada foi conservada acesa por amor a Davi (Sl 132.17). Com certeza a graça de Deus pode conservar a mesma lâmpada acesa no coração de nossos filhos. Como se verificou no incêndio de Chicago, uma lâmpada pode provocar um grande fogo.

Acazias seguiu os passos de seus pais. O que se podia esperar da educação dada por uma tal mãe? Mal conduzido por ela, seguiu os tristes passos de Acabe. A estreita ligação entre as duas casas levou-os a fazer aliança na guerra, e deu-lhes um destino comum. Mal sabia Josafá os males que resultariam de sua relação com Acabe (1 Rs 22.4). A história contada nessas páginas constitui uma leitura triste, mas, através dela, todo o propósito de Deus é executado. (Ver Mateus 1.8.)

Como o nenúfar brota do fundo lodoso de um lago, assim também a vida pura de Cristo, pelo lado humano, veio dessa família. E no fim, o propósito de Deus emergirá da luta atual, resultando numa futura revelação do Filho do homem.

2 REIS 9.1-13

O Vingador do Sangue é Ungido. Os jovens estão sempre sendo chamados para cingir os lombos e aventurar-se a cumprir missões, sem temor de homens. Não devemos preocupar-nos em ouvir o que os homens falam de nós. Os negócios do Rei exigem urgência. Cumpramos nossa missão e saíamos, antes que o mundo possa amedrontar-nos com suas ameaças ou desencaminhar-nos com suas lisonjas. Temos um Senhor, uma mensagem: cumpramos nossa missão e retornar à presença dele!

Deus tem instrumentos designados para executarem seus planos (1 Rs 19.17). O Rei vingará seus eleitos, embora tolere por muito tempo seus opressores. Mais cedo ou mais tarde sua sentença será executada. Muitas vezes, seus servos são tidos por loucos, mas se enlouquecemos, é para Deus (2 Co 5.13). Naturalmente os oficiais, colegas de Jeú, ficaram atônitos por ele estar conversando com um homem cujos trajes e conduta indicavam seu caráter religioso. Não é comum para os servos de Deus entrarem num acampamento militar com semelhante mensagem; e, ainda como seria surpreendente se tão somente pudéssemos anunciar aos fortes, impetuosos e vibrantes líderes do nosso tempo que os espera uma vocação mais alta do que eles imaginam, e que a unção de Deus está ao alcance deles. "Ungi-te rei..."

2 REIS 9.14-26

"O Guiar do Carro... de Jeú." Nesse capítulo, aparece muitas vezes a pergunta "Há paz?", embora em tons diferentes. O cavaleiro a fez ao que guiava o carro furiosamente; o rei a fez ao seu capitão; Jezabel a fez aos executores de seu filho. O coração humano não está sempre fazendo essa pergunta? Ao surgir o mais leve tremor no ar, de

imediate começa a inquirição: “Isso irá fortalecer ou enfraquecer nossa paz?” O coração do homem se sente constrangido. Profundamente consciente de que nem tudo está certo entre ele e Deus, ansioso para que seus esforços visando à sua tranquilidade não sejam perturbados, temendo que um terremoto ou um dilúvio venham a descobrir o alicerce na areia, cada um, ansiosamente, pergunta: “Há paz?”

Não pode haver paz para o homem enquanto ele não tiver expulsado os males associados com o nome de Jezabel. Não esqueçamos as solenes palavras do Espírito Santo: “Tenho contra ti o tolerares essa mulher, Jezabel”. Estamos tratando com um Deus que sonda a mente e o coração dos que professam ser cristãos. (Ver Apocalipse 2.18-29.) Nós todos corremos o perigo de ser seduzidos pelas suaves carícias do mundo e pelas melíferas lisonjas de falsos crentes. Não há paz sem o verdadeiro arrependimento e fé no Senhor Jesus (Rm 5.1).

2 REIS 9.27-37

“A Palavra do Senhor por Intermédio de Elias.” Leiamos de novo 1 Reis 21.23. Como aquelas palavras voltaram à lembrança dos dois homens que as tinham ouvido dos lábios do servo de Deus anos antes! Os moínhos de Deus moem vagarosamente, mas pulverizam. Em certo sentido o sangue de Acabe foi lambido pelos cães, no momento em que fluía das feridas de seu filho. O que o homem semeia, colhe, e quando seus filhos seguem seus passos, também eles colhem. Mas Ezequiel deixou perfeitamente claro que um filho piedoso pode romper a seqüência das iniquidades de seu pai. Ver Ezequiel 18, que constitui a base da atual doutrina da hereditarieidade.

O coração de Jezabel era orgulhoso e obstinado. Ela pensou em transformar o vencedor em escravo dos seus encantos. Quando estes falharam, ela zombou dele falando-lhe do destino de Zinri, tão estreitamente associado à elevação da família de Acabe ao trono. Seu reinado de sete dias foi atirado ao rosto de Jeú (1 Rs 16.15). Mas Jezabel não po-

dia evitar sua sorte. Seus próprios camareiros se voltaram contra ela. Quantas vezes o representante de Deus faz a mesma pergunta: “Quem é comigo? quem?” Atendamos ao desafio e usemos “olhar” em resposta! Há um serviço destinado para todos nós, e não podemos deixar de realizá-lo.

2 REIS 10.1-11

O Destino da Casa de Acabe. Que iconoclasta era esse Jeú! De sua mão forte toda a estrutura do culto de Baal recebeu um golpe mortal. E, visto que encontramos o nome de Elias nesse capítulo, relacionando-o com estes acontecimentos, vamos retornar ao relato de Horebe, com as solenes palavras: “Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará”. Deus tem muitas redes, e se os peixes escapam de uma malha maior, serão apanhados por outra; no fim, ninguém escapará. “Cada um dará contas de si mesmo a Deus.” (Ver o versículo 10.)

Esse pensamento é muito profundo! Quando alguém escapa de um julgamento, pensa que está imune; mas não é assim. O que escapar de Hazael encontrará Jeú. “Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com o urso; ou como se, entrando em casa, encostando a mão à parede, fosse mordido dum cobra.” (Am 5.19.) “Da palavra do Senhor... nada cairá em terra.” (V. 10.) “Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação”, e não levarmos a sério um Deus assim, cujo amor é tão profundo quanto sua ira punitiva? (Ver Jeremias 16.16,17.)

2 REIS 10.12-24

Pondo Fim ao Culto de Baal. Para o bem-estar da raça algumas vezes é necessário eliminar os malfetores, para evitar que eles disseminem um vírus do mal capaz de envolver todo o corpo político. Os irmãos legítimos de Acázias foram mortos pelos árabes (2 Cr 22.1). A obra de Jeú parece ter sido complementada por uma invasão de beduínos. Os homens aqui mencionados, provavelmente, eram primos ou conhecidos.

Jonadabe era chefe de uma tribo notável, sendo ele próprio homem de excepcional força de caráter. A influência do seu exemplo e dos seus preceitos deixou sua marca nas gerações seguintes (1 Cr 2.55; Jr 35). Evidentemente Jeú respeitava as boas opiniões de Jonadabe, e era cuidadoso em apregoar seu próprio zelo por Jeová. Mas, os homens realmente bons não necessitam exibir seus méritos; e, certamente, Jeú não poderia garantir que sua maneira de agir seria aceitável ao Altíssimo. Ele poderia ter obtidos os mesmos resultados usando métodos menos discutíveis. Nós devemos, naturalmente, lembrar que esse culto a Baal era por demais licencioso, e que todo israelita que entrasse naquele templo estava desobedecendo frontalmente às reiteradas advertências de Elias e de outros homens de Deus.

2 REIS 10.25-36

O Erro de Jeú. Jeú foi bastante diligente no desarraigamento de todos os sinais do culto de Baal, mas consentiu no culto dos bezerras e não teve cuidado no que dizia respeito à sua devoção pessoal (v. 31). Como é fácil condenar os pecados dos outros; é mais fácil do que prestar atenção aos nossos próprios caminhos! É relativamente fácil para nós apontar e destruir o pecador, sem que, pessoalmente, nos submetamos às exigências de Deus. O juiz que aplica a lei pode ser um transgressor dela, e pode estar ansioso para aplicar algum castigo apenas com o objetivo de satisfazer sua própria consciência perturbada. Nós, que anunciamos as solenes advertências de Deus, devemos acautelar-nos para não cometermos em pensamento os pecados que denunciemos em atos.

Os israelitas se mostraram restritos no seu dever para com Deus, e Deus restringiu seu território, riqueza e poder. Assim, cumpriu Hazael as previsões de Eliseu (2 Rs 8.12). As tribos que se fixaram na parte oriental atraídas pela exuberância da terra e foram as primeiras a se estabelecer, também foram as primeiras a sofrer. Aqueles que fazem escolhas visando somente a vida terrena são os primeiros a deteriorar e a perecer. Foi assim com Ló!

2 REIS 11.1-12

A Coroação do Rei Menino. Atalia bem merece o epíteto dado a ela em 2 Crônicas 24.7. Ela usurpou o trono e representou, em Judá, o mesmo papel de sua mãe Jezabel. Jorão foi um homem ímpio e um mau rei, mas reconheceu o valor da fé e escolheu o bom sacerdote Joiada para esposo de sua filha. O marido neutralizou as más influências da formação que a esposa tivera e guiou-a a um modo de vida nobre e útil, apresentando como episódio principal o salvamento do filho mais novo de Acázias. O menino e sua ama ficaram escondidos num quarto onde se guardavam colchões para o caso de um aumento do número de sacerdotes em tempos de festa. Esse rei escondido não é um tipo da situação do verdadeiro Príncipe que se acha escondido num cantinho de nosso coração, enquanto alguma Atalia ocupa uma posição indevida no governo de nossa vida? Não há outra alternativa a não ser que o egoísmo pernicioso, nossa Atalia, seja morto a pedradas.

Foi um alegre momento aquele em que o príncipe escondido foi apresentado. Muitos corações leais haviam perdido toda esperança de ver descendentes de Davi. Mas Deus cumpriu sua promessa. A Palavra de Deus era um presente adequado para colocar nas mãos do jovem príncipe (v. 12). (Comparar Deuterônimo 17.18,19.) Mas, que revelação haverá quando Jesus assumir o governo da terra, e seu reino se tornar o reino de Deus e de seu Cristo! Ele, agora, está escondido, mas será manifestado (Cl 3.4).

2 REIS 11.13-20

Fazendo Aliança Para Ser o Povo do Senhor. A morte de Atalia abriu o caminho para uma completa reforma em todo o reino. Houve uma dupla aliança, primeiro, entre o Senhor de um lado e o rei e povo de outro, e, segundo, entre o rei e o povo; depois a demolição da casa de Baal, que, infelizmente, profanara a Cidade Santa; e, finalmente, estabeleceram-se regras para a realização adequada do culto divino. Isso tudo abriu o caminho para

a entronização do rei menino. A alegria e a calma que se seguiram sempre acompanham a expulsão do mal. Ajuste-se uma nação ou indivíduo às exigências de Deus e, de imediato, a paz e a alegria se manifestam. O Senhor Jesus, que agora está escondido, um dia será manifestado, como já vimos. Os que o odeiam serão envergonhados. Então virá a salvação e o reino de Deus. Todo mal que se exalta contra ele será eliminado, e as nações se alegrarão e se acalmarão porque encontraram seu legítimo governador. Notemos a aliança entre o jovem rei e o idoso sacerdote. Era necessário que, sob a antiga aliança, as funções de rei e sacerdote fossem desempenhadas por diferentes indivíduos. Os elementos civil e religioso exigiam expressões separadas, mas em Jesus eles se fundem perfeitamente. Ele é um “sacerdote no seu trono” (Zc 6.13).

2 REIS 11.21-12.16

Dinheiro Para a Casa do Senhor. Enquanto o bom sacerdote viveu, o jovem rei agiu bem. Quanto devemos nós à presença de homens sábios e fortes para aconselhar-nos e dar-nos assistência! Mas nem o rei nem o sacerdote se atreveram a levar a reforma ao máximo (12.3). Essa falta resultou em frutos desastrosos nos anos posteriores. É um erro cortar as ervas daninhas apenas na superfície; elas brotarão de novo e causarão problemas. Se tua mão direita te faz tropeçar, corta-a.

O templo havia sofrido terrivelmente sob o governo de Atalia (2 Cr 24.7). Era justo o rei interessar-se por sua reconstrução, por causa da proteção contra seus inimigos que ele lhe havia proporcionado. A primeira tentativa de levantar um fundo de reconstrução foi um fracasso. Foi colocado em mãos erradas. Parece que os sacerdotes se haviam apropriado, para seu uso pessoal, das ofertas destinadas aos reparos do templo. Foi necessário fazer uma mudança, e as receitas deles ficaram limitadas às ofertas pelo pecado. Assim que uma segura oportunidade foi oferecida às pessoas, as suas doações espontâneas alcançaram uma grande quantia, que justificou o rei-

nício das obras. Com certeza a prontidão e a integridade dos homens que faziam o trabalho serviram para envergonhar os sacerdotes pela sua leargia e má aplicação do dinheiro. Confiemos no povo! Não foi essa a última vez em que o coração da massa foi mais digno de confiança do que a classe sacerdotal.

2 REIS 12.17-13.9

Fins Inglórios. Enquanto estamos com o Senhor, ele está conosco. Então nossos inimigos são seus inimigos, e ele se mostra forte em favor daqueles cujo coração é perfeito para com ele. (Ver 2 Crônicas 15.2.) Foi isso que Joás constatou na primeira parte do seu reinado. Precisamos considerar que as bênçãos prometidas no Salmo 81.14-16 são garantidas àquele que está em harmonia com Deus. Mas assim que Joás deu ouvidos aos príncipes e abandonou a casa de Deus e deu licença aos altos e ídolos, Deus se voltou contra o povo e se tornou inimigo deles. (Ver 2 Crônicas 24.23-25.) O reinado que começara como um dia radioso, infelizmente se escureceu, e o rei pereceu às mãos de conspiradores e seu corpo jamais chegou ao túmulo dos reis.

Então a nação sofreu um revés atrás do outro. Eles tinham de aprender que haviam sido escolhidos para um serviço especial no mundo e não podiam ser como os outros povos. Todavia, mesmo no meio desses dias escuros, quanta luz resplandeceu! O Senhor ouviu (13.4); e deu um salvador a Israel (v. 5); ele teve misericórdia e compaixão deles, e não os lançou de sua presença (13.23). Mesmo quando o Senhor nos castiga severamente, não nos entrega à morte (Sl 118.18). Existe um “é necessário”, mas há também um “só até aqui e nada mais”.

2 REIS 13.10-25

☞ *“Flecha da Vitória do Senhor.”* Um bom homem é uma grande defesa para o seu país. Maria, rainha da Escócia, temia mais as orações de Knox do que os exércitos do rei da França. Talvez o rei estivesse pensando que Eliseu iria para o céu, para Deus, num carro de fogo, como ocorrera com Elias.

Notemos o quanto Israel sofreu por causa da incredulidade do seu rei. Se

ele tivesse ferido a terra cinco ou seis vezes, teria derrotado a Síria; mas ele se contentou em ferir somente três vezes. Não peçamos coisas pequenas a Deus, nem nos contentemos com uma libertação parcial. Nada agrada mais a Deus do que receber muita confiança. Àqueles que pedem e esperam o máximo, ele dará além de tudo o que pediram ou desejaram. Então, filho de Deus, atira para o chão e não pare de atirar. Peça a total destruição do poder de Satanás, que contraria e resiste à vinda do reino. Clamemos para que nossa pátria seja salva da tirania da bebida, da jogatina e da impureza! Abramos as janelas para o céu e para Deus; firamos dentro e fora. Não basta fazer um sem o outro. E lembremo-nos de que mãos invisíveis estão fortalecendo e guiando as nossas! (Comparar Gênesis 49.24.)

2 REIS 14.1-14

O Castigo do Orgulho. Havia alguns traços bons no caráter de Amazias, tal como o gesto de humanidade para com os filhos dos assassinos de seu pai, e sua disposição de rejeitar o auxílio do exército de Israel atendendo à advertência do profeta. (Ver 2 Crônicas 25.) Mas ele se tornou vítima dos ídolos de Edom, embora derrotasse Edom que os adorava; e, desde aquele momento o Espírito e a orientação de Deus o abandonaram. Ele ficou inchado de orgulho e vanglória, desafiou o rei de Israel para a guerra e trouxe destruição para o povo e para si próprio.

Mas, que profunda lição vemos em sua vida! Será que nunca ficamos exultantes com o sucesso a ponto de nosso coração se ensoberbecer? Num momento de excessiva autoconfiança não nos lançamos do terraço do templo, e constatamos que mão nenhuma, de poder e amor, está estendida para interceptar nossa queda e pousar-nos no chão ilesos? Que os mais prósperos e bem-sucedidos se lembrem do Doador de toda boa dádiva e todo dom perfeito, e andem humildemente com Deus. Quando somos evidentemente convocados a um conflito supremo com os nossos inimigos, nenhuma arma forjada contra nós, prevalece. Mas, se so-

mos imprudentes, temos que colher as conseqüências de nossa insensatez.

2 REIS 14.15-29

Prosperidade Exterior sem Renovação Interior. Outro nome dado a Uzias é Azarias (15.1, 5-7). Esses nomes significam “a quem Jeová ajuda” e “a força de Jeová”. Após a morte do pai, ele concluiu a conquista de Edom edificando Elate e restituindo-a a Judá. Esse foi o início de um reinado longo e, em alguns aspectos, notável, embora com um triste fim, como veremos.

O reinado de Jeroboão II foi o mais longo e, exteriormente, o mais próspero de todos os reis de Israel. Ele reconquistou a posse de territórios do norte e do leste, que havia sido perdida (v. 25), e fez com que os sírios se tornassem tributários de Israel (v. 28). Durante seu longo reinado, Oséias e Amós foram enviados a Israel, e reprovaram sua idolatria, advertindo o povo sobre a insensatez de se apoiarem em ajuda estrangeira e predizendo que iriam ser destruídos pela Assíria, se persistissem em seus pecados. Mas ao mesmo tempo não cessavam de abrir para Israel as portas do perdão e da misericórdia de Deus, se eles se arrependessem. Deus não podia esquecer o tempo quando Israel era criança, e ele o amara e o tirara do Egito (Os 11.1). Nosso Pai recorda amorosamente nossos primeiros anos, com as santas promessas que os acompanhavam.

2 REIS 15.1-12

“Leproso Até o Dia de Sua Morte.” O reinado de Uzias, em Judá, foi magnífico. Foram cinquenta e dois anos de prosperidade quase ininterrupta! A história é contada nos brilhantes termos de 2 Crônicas 26. No seu caso também constatamos que o seu sol sofreu um eclipse porque teimou no sacrílego esforço de associar o ofício de rei ao de sacerdote — prerrogativa exclusiva do Messias. (Ver Zacarias 6.13.) Sendo leproso, foi excluído de qualquer contato com seus semelhantes e morava numa casa separada, enquanto seu filho Jotão atuava como o vice-rei.

Durante mais de trinta anos, no período que antecedeu a dissolução do

Reino do Norte, ele foi terrivelmente perturbado. Anarquia, idolatria, arbitrariedade e o pior tipo de imoralidade varreram, como um furacão, todas as classes. Afligido por esses males e sem um homem forte como Ezequias e Isaías, então em Judá, para pegar firme no leme, o reino derivou para a destruição. Os livros sagrados apresentam apenas breves narrativas dos últimos tempos do reino de Israel, porque Deus não tem prazer no processo de decadência. Ele não tem prazer na morte de indivíduos nem na de nações, mas quer que “se convertam a ele e vivam”.

2 REIS 15.13-22

Pagando Para Ter um Alívio Temporário. Sulum, o usurpador assassino, gozou um reinado muito breve, ocupando o trono por um mês apenas, sendo em seguida morto por Menaém que, segundo informa Josefo, era o comandante de suas forças. Menaém levou suas armas até Tísa que, evidentemente, resistiu a esse assassino que tinha as mãos tintas de sangue. A implacável crueldade que ele demonstrou para com os infelizes cidadãos atraiu a atenção do monarca assírio, e levou, por fim, à invasão de Israel que terminou com sua destruição. Deus sempre se assentou como Juiz sobre as nações. Seus julgamentos e sentenças são justos. Com a medida com que medirmos, medirão a nós também.

Menaém obteve uma trégua temporária dando ao rei da Assíria um presente de 1.000 talentos de prata, que lhe assegurou a aliança com ele, o qual em vez de vingador passou a ser seu protetor. (Ver Oséias 5.13.) Provavelmente era a essa conjuração a que Isaías se referia em seu capítulo 8, quando faz alusão a uma conjuração que parecia nada pressagiar de bom. Mas, no bojo dessa nuvem de ameaça, surgiu, como sempre, o arco-íris da promessa implícita no nome “Emanuel”.

2 REIS 15.23-38

Usurpadores e Invasores. A dissolução de Israel se processou rapidamente, porque nada podia evitar o resolutivo avanço dos assírios. Seguindo o uso geral dos conquistadores orientais, a nata da nação foi enviada para além do Eufra-

tes para povoar as partes pouco populosas do império assírio; e, quando se completou esse processo, novos colonizadores foram trazidos da Assíria para ocupar a terra despovoada (17.24). As inscrições cuneiformes descobertas em Nínive contêm notáveis confirmações dos registros bíblicos. Este foi o primeiro cativo, ou exílio, de Israel.

As dez tribos nunca mais retornaram à Palestina, em grupos numerosos, mas sua extrema disciplina se transformou num enriquecimento para o mundo. Elas estabeleceram sinagogas em solo estrangeiro, e disseminaram em muitas terras o conhecimento de Jeová e de suas Escrituras. E no dia de Pentecoste elas estavam representadas em Jerusalém por seus descendentes; e o apóstolo João contou miríades deles entre os remidos (Ap 7).

2 REIS 16.1-9

Buscando Auxílio em Fontes Erradas. Acáz foi um dos mais perversos reis de Judá. Ele não somente fez passar seus filhos pelas linhas de fogo, mas parece ter queimado alguns deles (2 Cr 28.3). Encheu Judá das abominações dos pagãos. Os montes e florestas da terra santa foram contaminados pelos excessos do culto à natureza. Portanto, quando Síria e Israel se aliaram contra ele, Acáz naturalmente recorreu ao socorro humano. Apesar das advertências de Isaías, ele ofereceu suborno ao rei da Assíria para que este fizesse algo que o Deus todo-poderoso teria feito, em outras condições. Esse foi o primeiro passo para a total destruição de Judá.

Os primeiros dez ou doze capítulos de Isaías nos fornecem muitos esclarecimentos sobre os eventos políticos dessa época sombria. Também nos oferecem uma visão das profundas emoções que dominavam Isaías ante os males que ameaçavam sua pátria. Nenhum servo de Deus pode contemplar o presente estado da civilização sem séria preocupação, e nós somos instados a resistir, até onde for possível, às influências que estão engajadas na obra de desintegração moral. Nós somos cidadãos do céu, mas somos também da terra, e devemos dar a César aquilo que, por direito, lhe pertence.

2 REIS 16.10-20

Idolatria Arbitrária. O apelo ao rei da Assíria teve inúmeras conseqüências desastrosas. “Porém o pôs em aperto, em vez de fortalecê-lo.” (2 Cr 28.20.) O apóstolo está certo quando nos adverte para não nos pormos em jugo desigual com os incrédulos. Tais alianças resultam na destruição dos filhos de Deus. Não podemos servir a dois senhores. Assim, na hora da desgraça, não obstante as crescentes e fortes advertências de Isaías, esse mesmo rei Acáz pecou ainda mais contra Jeová.

É interessante notar que, para mostrar a insensatez do coração humano, no mais baixo nível de sua degradação perante aquele que o derrotara, Acáz tenha imitado o altar que vira em Damasco. Para isso, tiraram do lugar o altar de bronze do templo de Jeová e sobre o outro, no templo sagrado, ofereceram sacrifícios aos deuses pagãos. Infelizmente, ainda há muito disso em nossos dias! Os homens estão-se voltando da simplicidade e da espiritualidade de Cristo para filosofias e sistemas desacreditados, os quais no passado já se mostraram insuficientes para satisfazer a alma faminta. Estejamos atentos para esse vazio da alma no qual as impiedades penetram. É somente quando estamos cheios do Espírito que em nós habita que ficamos imunizados contra essas tentações.

2 REIS 17.1-12

A Causa da Fraqueza de Israel. Esse capítulo mais parece uma página dos livros do grande trono branco. Oséias, o último rei de Israel, não acompanhou, em tudo, os atos maus de seus dezoito predecessores, mas a decadência da nação havia avançado demais para que se pudesse evitar o seu colapso. O cupim que a corroera chegara agora à casca enganadora. A causa imediata da queda da nação foi a adoção de normas mundanas. Tivessem eles obedecido a Deus, simples e absolutamente, poderiam ter confiado nele para conservar sua independência. Mas preferiram fazer alianças primeiro com a Síria, depois com o Egito e, assim, se viram envol-

vidos nas guerras de seus aliados. (Ver Oséias 7.11; 9.3,6; 12.1.)

Leiamos atentamente a carta de divórcio que o Esposo Celestial deu ao povo infiel que repudiava. A partir do versículo 7, em diante, constitui-se um documento patético; mas ninguém pode dizer que Jeová não tinha boas e suficientes razões para agir como agiu. O que admira é que ele tenha suportado por tanto tempo a raça apóstata. Leia-mos os três primeiros capítulos de Oséias para sentirmos como o coração divino estava magoado quando chegou a hora da separação. Mas não esqueçamos as promessas de Romanos 11, de que o verdadeiro Israel, por fim, será salvo.

2 REIS 17.13-26

O Fim da Obstinação Desobediência. Há três pontos principais nessa terrível acusação contra Judá e Israel: (1) a idolatria; (2) a ignorância da lei; e (3) o desrespeito às muitas advertências a eles trazidas pelos profetas e videntes. E tudo isso era agravado pelo fato de haverem pecado contra o Senhor seu Deus, que os fizera subir da terra do Egito. Como a natureza de nosso pecado se torna mais profunda quando lembramos o sofrimento por meio do qual fomos remidos!

Entremeados à negra lista de pecados estão os fios de ouro de um terno amor (v. 13). Mas notemos a admirável expressão do versículo 15, que afirma que nos tornamos semelhantes aos objetos que adoramos (Sl 115.8). Como vimos, Israel nunca foi restaurado. Os que voltaram para Judá com Esdras eram, na maior parte, judeus. Contudo, muitos hebreus se tornaram crentes em Cristo, e foram acrescentados à igreja no Pentecoste e depois (1 Pe 1.1,2). Paulo nos oferece um largo horizonte em Romanos 11.25-27. Quem sabe se não estamos perto da hora da restauração de Israel e da reconstituição de todas as coisas?

2 REIS 17.27-41

“*Teniam o Senhor, e Serviam aos Seus Próprios Deuses.*” A estratégia de povoar a terra de Israel com outras raças tinha por objetivo conservá-la cultivada, bem

como fazer com que o povo rompesse os laços com sua pátria, a fonte do patriotismo. O homem geralmente não luta por uma terra que não faz vibrar as cordas do seu coração. Essa população "importada" acreditava que cada país estava sob o cuidado de sua própria divindade local. Por isso, julgavam aconselhável que, sem renunciar aos seus próprios deuses, dessem ao Deus de Israel alguma forma de reconhecimento. Esse tipo de religião samaritana ainda é muito popular. Muitas pessoas sentem que devem fazer alguma coisa para mostrar seu respeito a Deus. Observam as formas exteriores do culto, temendo que venham a perder sua posição social, mas, em seu coração, entronizaram ideais mundanos e sem valor.

Como vemos em João 4.9 os judeus odiavam os samaritanos, já que eles eram uma espécie de raça híbrida. Mas como o Salvador foi generoso ao falar das boas-novas à mulher de Sicar, ao curar o leproso samaritano e ao usar um representante desse povo desprezado como a figura central de sua parábola acerca da misericórdia, levando o mundo a falar do *hom* samaritano!

2 REIS 18.1-12

Um Reformador Religioso Decidido. É incrível como um homem como Acáz tivesse um filho tão bom como Ezequias, mas é provável que a mãe deste fosse uma boa mulher. (Ver 2 Crônicas 29.1; 26.5.) Sem dúvida a queda de Samaria foi um grande incentivo para o rei e seus conselheiros se esforçarem para desarraigarem a idolatria. Não existe melhor maneira de neutralizar o mal do que intensificar o bem, e Ezequias foi sábio ao reabrir e purificar o templo logo no início do seu reinado. (Ver 2 Crônicas 29.3, 19, 21-35.) É suposição que a profecia de Miquéias 3.12 e de Jeremias 26.18 se cumpriu pelo poder do Espírito Santo.

Quando uma pessoa está totalmente voltada para Deus, ele também se volta totalmente para ela. "Quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele." (Ver o versículo 7.) Cuidemos de seguir a sugestão do Salmo 1 e aprofundar nossas raízes

na Palavra de Deus, meditando nela diligentemente e obedecendo-lhe com reverência. Assim nossa folhagem não murchará, e em tudo quanto fizermos seremos bem-sucedidos. É muito bom apegarmos-nos a Deus e guardarmos os seus mandamentos. (Comparar o versículo 6 com Deuterônimo 10.20.)

2 REIS 18.13-25

Ameaçado Pelo Poder do Mundo. Um fato interessante é que esse cerco de Laquis é mencionado em monumentos assírios, nos quais Senaqueribe é representado dando ordens para a destruição da cidade. Também os nomes e a fisionomia judaica desses embaixadores são claramente reconhecíveis. Foi um erro subornar o inimigo; o suborno somente estimula sua cobiça. Será melhor chegarmos logo a vias de fato com Apoliom assim que ele se atravessar em nosso caminho; pois mais cedo ou mais tarde o conflito chegará ao ponto crítico. Três anos depois, Rabsaqué apareceu diante das portas de Jerusalém.

Alguém já disse que é possível que esse atrevido blasfemador fosse um judeu apóstata. Ele tirou uma falsa conclusão das informações que havia recebido sobre a recente destruição dos altares, etc. Seus insultos eram farpados com sátiras mordazes. Ao falar, menosprezava o pequeno exército que era totalmente incapaz de enfrentar as disciplinadas tropas da Assíria. Parecia uma luta desigual que só podia terminar de uma maneira. Mas ele deixou de levar em conta a misericórdia de Deus bem como as forças celestiais que estavam aliadas a Ezequias.

2 REIS 18.26-37

Em Silêncio Diante do Fanfarrão. Os judeus responderam aos insultos de Rabsaqué com silêncio. Foi um procedimento sábio. É infinitamente melhor confiar nossa causa a Deus e deixá-lo responder por nós e vingar as afrontas recebidas. Ele cuidará de nosso caso, se nós, sem reservas, deixarmos tudo em suas mãos. A única exceção é quando basta uma simples explicação para livrar a causa que amamos de alguma difamação. Eles nunca poderiam ter feito Rabsaqué compreender a ati-

tude do rei e do povo. (Ver Isaias 37.22.) Os homens do mundo são incapazes de desvendar os segredos do coração firmado em Jeová. Os filhos escondidos de Deus são mistério tão grande quanto era o Senhor. A vida deles está escondida com Cristo em Deus, mas um dia ele será manifestado, e eles serão manifestados com ele em glória.

Quando o Senhor foi ameaçado, permaneceu calmo e calado. "Como ove-lha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca." (Is 53.7.) A ordem que temos é de seguir seus passos e agir como ele agiu, entregando silenciosamente nossa causa àquele que jamais deixa de defender e amparar os que nele põem sua confiança.

2 REIS 19.1-13

Enfrentando as Ameaças do Inimigo. A figura de Ezequias curvado perante o altar de Deus, enquanto seus servos conferenciavam com Isaias, é um belo símbolo do verdadeiro modo de se enfrentar as dificuldades. É grande bênção quando nossa causa acha-se tão estreitamente identificada com a de Deus que podemos apelar a ele para que intervenha por sua própria causa (v. 4).

Durante toda essa crise, Isaias agiu como um patriota e como santo. Sua figura intrépida se projeta em nítido relevo no meio da tempestade. Ele chegou mesmo a compor uma ode fúnebre para o sepultamento desse arrogante tirano. Nada há mais sublime, em toda a literatura, do que Isaias 10.11-14. Quando as palavras mais amargas e ameaçadoras são lançadas contra nós, vamos à casa de Deus. (Ver o Salmo 73.17.) Entremos em contato com algum homem de Deus, semelhante a Isaias, e peçamos que ore em nosso favor. A oração de um homem justo é muito eficaz. Permanecer no lugar secreto de Deus é como estar no centro calmo do ciclone. Ao nosso redor os elementos podem enfurecer-se e as pessoas imaginar coisas vãs; mas elas se dissiparão como a palha, enquanto nem um cabelo de nossa cabeça cairá.

2 REIS 19.14-24

Apresentando o Caso Perante o Senhor. A figura do rei Ezequias curvado, ajo-

lhado diante de Deus com essa insolência e blasfêmia estendida à sua frente, é uma ótima sugestão de como deve ser nossa atitude em circunstâncias semelhantes. Quando recebemos cartas de censura e agressão, assinadas ou anônimas, tratemo-las como Ezequias tratou essa. Apresentemo-las a Deus, e instemos com ele para que intervenha por amor ao seu santo Nome. Que bênção é nossa sorte achar-se assim tão identificada com a de Deus que podemos esquecer-nos de nós mesmos, e nosso único desejo é que seu caráter seja desagradado e seu Nome honrado! O aspecto egoísta tem sido tão forte nas nossas orações e ações!

Em toda a Escritura não há nada mais belo que a magnífica resposta dada por Deus através de Isaias ao desafio de Senaqueribe. A expressão "a virgem, filha de Sião", indica, apropriadamente, que o invasor estrangeiro não poria os pés na Cidade Santa. Ouçamos a risada alegre com que ela, firme no Senhor dos exércitos, zomba de seus inimigos (v. 21ss). Pois nós podemos ter essa confiança. Os que não puseram em Deus sua confiança são como a erva verde que murcha na seca. Mas, os que estão plantados em Deus, aprofundam suas raízes na terra úmida, e, de lá, tiram frescor e força perenes.

2 REIS 19.25-37

A Resposta do Rei dos Reis. Esses versículos, associados a Isaias 10.5.15, constituem um comentário por demais sugestivo e sublime das palavras "o Senhor reina". Elas nos mostram Deus usando "o cetro de sua ira", e operando, pessoal e poderosamente, através da política mundial. A fé de Isaias, durante toda essa terrível crise, foi o único baluarte atrás do qual se entrincheiraram o rei e o povo. Que poder um homem assim representa para todo um povo! Seu coração está firme, confiante no Senhor e não se assusta com más notícias.

Existe a hipótese de que se tratava de um ano sabático, cuja produção era suficiente para dois anos (v. 29). De qualquer maneira a paz e a calma sabáticas haviam entrado na alma de Isaias. Aqueles que já aprenderam a confiar em Deus podiam cantar odes

triumfais, na firme convicção da vitória futura. E isso aconteceu mesmo. O anjo do livramento de Deus operou a vitória por meio do surgimento de alguma praga, e, assim, as tendas ficaram juncadas de cadáveres de homens que, na véspera, tinham estado cheios de vigor varonil. O Senhor foi Juiz, Legislador e Rei. Ele salvou seu povo, como a ave distendendo as asas protege seus filhotes dos ataques do gavião. A presença de Deus, como um rio invisível, cercou e salvou seu povo. “O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio.” (Sl 46.11.)

2 REIS 20.1-11

A Sombra Retrocede no Relógio da Vida. Que contraste entre Ezequias e o apóstolo Paulo! Para o grande herói cristão, a morte parecia algo infinitamente desejável. Ele estava pronto a ser oferecido por libação; seria lucro partir e estar com Cristo. Mas Ezequias, que tinha andado diante de Deus em verdade e com perfeito coração, virou o rosto para a parede e chorou ao saber que a sombra da morte caía sobre ele. Poderá haver outra prova melhor de que devemos muito ao Senhor Jesus que aboliu a morte para os que nele confiam?

Quem não sabe o que é virar o rosto para a parede diante de uma angústia insuportável? Há momentos quando nos vemos face a face com uma parede lisa, e só Deus pode abrir uma porta nela. Pois ele fez isso por Ezequias e fará por nós. Somente tenhamos fé e descansemos na fidelidade de Deus. Desceu a sombra no seu mostrador? O dia do seu zelo fervoroso começou a declinar? Será que as brilhantes promessas da manhã se cobriram de nuvens? Então volte a Deus com verdadeiro arrependimento! Deixe que ele veja suas lágrimas de profunda tristeza, e ele restituirá os anos que o gafanhoto consumiu. Sua vida voltará a ser como antes. A sombra retrocederá no mostrador e os dias de sua mocidade serão renovados. Num certo sentido nosso sol jamais se põe, mas leva adiante os nossos dias, quando o Senhor se torna a nossa Eterna Luz.

2 REIS 20.12-11

Erro e Castigo. Não é sempre que Deus prolonga a vida de um filho seu em res-

posta à oração, e devemos sempre deixar tais coisas, submissamente, nas mãos dele, pois ele pode ter razões pelas quais seria bem melhor para nós ser removidos deste mundo de tentação e tristeza. Se Ezequias tivesse sido levado pela morte prematura, não teria recebido a terrível sentença do versículo 16ss.

Estejamos alerta contra o pecado da ostentação. Esse ato do rei foi muito insensato, pois despertou nesses embaixadores o desejo e a cobiça, que eles comunicaram ao seu soberano. Todos nós possuímos muito desse espírito. Como é solene essa pergunta: “Que viram em tua casa?” (v. 15). Se ela fosse feita a nós, muitas vezes teríamos de confessar que os que nos visitaram não viram nossa devoção a Deus, nem nosso culto doméstico, nem o comportamento correto de nossos filhos, nem nosso amor e dedicação; mas viram nossas roupas e nossos enfeites, nossas melhores toalhas de mesa e nossa porcelana. Ai de nós se esses são os nossos tesouros e se não temos, por detrás deles, as valiosas jóias e a riqueza do caráter cristão! Na melhor das hipóteses, não passamos de zeladores e mordomos; nada temos que não tenhamos recebido! (Ver 1 Coríntios 4.7.) Lembremo-nos de que, a qualquer momento, o Senhor da Casa pode chegar! (Ver Mateus 24.44.)

2 REIS 21.1-15

A Influência de um Mau Líder. Parece incrível que o bom Ezequias tivesse tido um filho tão mau, mas o jovem príncipe evidentemente estava sob o poder daquele grupo reacionário que, durante o reinado de Ezequias, se mantivera sob controle somente pela forte influência de Isafas. Desse modo, tornando-se rei, Manassés reintroduziu as piores formas de idolatria que tinham causado a destruição das nações de Canaã e eram largamente praticadas nos países circunvizinhos. Era o cúmulo da impiedade orgulhosa edificar no próprio recinto do templo um poste-ídolo como o que Acabe fizera (1 Rs 16.32), e dar acolhida aos astrólogos caldeus que se derramaram pelo país procedentes da Babilônia. (Ver Ezequiel 8.)

Os profetas Oséias, Joel, Naum, Ha-

bacuque e Isaias levantaram protestos vigorosos contra essas vergonhosas abominações; mas em vão. Nada podia deter o louco fanatismo do povo pelos ritos licenciosos, e sua destruição se tornou inevitável. De nada adiantou a terna voz de amor, e o clangor de bronze do cativeiro babilônico por si só dá testemunho do erro deles em tons que não poderiam ser silenciados. Para ver o fim de Manassés, leia-se 2 Crônicas 33. Certamente ninguém precisa desesperar, já que ele encontrou misericórdia. Mas, infelizmente, nada pode restituir os anos que o gafanhoto consumiu.

2 REIS 21.16-26

Tal Pai, Tal Filho. Manassés derramou muito sangue inocente, entre os quais, o de Isaias que, segundo a tradição, por ordem sua, foi serrado pelo meio (Hb 11.37). Amom seguiu os passos de seu pai. Eis o horror do pecado! Um homem pode arrepender-se e voltar para Deus, mas não pode anular os efeitos do mal sobre aqueles que levou ao pecado. Provavelmente, ao converter-se a Deus, Manassés usou toda a sua influência para induzir Amom a evitar os pecados que ele cometera no início de sua vida e a seguir o exemplo dos seus últimos anos. Mas Amom não quis ouvir. “Andou em todo o caminho em que andara seu pai!”

Os pecados que um homem comete não ficam limitados apenas à sua pessoa. O mal que pratica vai longe. Depois que espalhamos as sementes do cardo, assim como semeamos, colheremos. As mais severas acusações de Cristo foram proferidas contra os que colocam tropeços no caminho de um dos seus pequeninos. Que Deus nos perdoe se estamos tornando mais difícil o caminho para alguém, principalmente se é nosso filho. “Pise nos lugares mais seguros, pai!” disse um menino quando escalavam uma íngreme ladeira. “Lembre-se de que estou indo atrás de você.”

2 REIS 22.1-13

Achando a Lei Perdida. No meio de uma corte dissoluta, a vida jovem de Josias crescia como uma palmeira num deserto árido. Com dezesseis anos de idade, ele

buscou o Senhor, e aos dezoito ainda se mostrou mais fervoroso e dedicado, como se sua alma tivesse experimentado algum avivamento especial e, assim, fosse levado a executar as reformas do templo. Nisso, foi grandemente ajudado por Hilquias. Foi um belo alvorecer, embora o dia se toldasse prematuramente.

Durante o processo de restauração, foi encontrada uma cópia do Livro da Lei, e Safã a leu perante o rei. Supõe-se que a passagem lida por ele, e que tanto moveu a alma do rei, tenha sido o trecho de Deuteronômio 28 a 30, que fala das terríveis conseqüências que adviriam do fato de não observarem a lei de Deus. Que terrível devastação realizara Manassés, a ponto de todas as cópias da lei serem destruídas! Isso nos faz lembrar a queima em massa da Bíblia na época de Tyndale! O ladrão tem sempre o cuidado de extinguir a luz que poderia revelar sua presença e levar à sua identificação. Não hesitemos em pregar todo o conselho de Deus, e jamais escondamos o destino inevitável dos ímpios. É por meio da Palavra que o Espírito Santo convence o homem do seu pecado.

2 REIS 22.14-23.4

Dando Ouvidos à Mensagem. Os temores de Josias se intensificaram devido ao castigo que a lei do Senhor determinava e que estavam na iminência de sobrevir-lhes. Imediatamente, ele mandou pedir conselho à profetisa Hulda, que era tratada com grande respeito. A resposta foi cheia de compaixão. Embora a punição do rei não pudesse ser evitada, não obstante, podia ser adiada. Como Deus está pronto a notar as lágrimas de contrição genuína e a atender a qualquer um que procure fazer a sua vontade! Bastava que a nação inteira se tivesse, igualmente, arrependido para que a sorte dela fosse mudada.

Deve-se notar, porém, que mesmo no caso de Josias a predição não chegou a cumprir-se. Ele morreu em batalha e seu corpo foi levado a Jerusalém em meio a muita tristeza (23.30). Por que essa aparente quebra de promessa? A resposta é sugerida pela tentação do Senhor. Ele se recusou a transformar pedras em pão por causa de sua absoluta

fé em Deus, e, quando Satanás o tentou ainda mais para que manifestasse aquela fé lançando-se do pináculo do templo, de novo ele se recusou porque tal ato não estava dentro do objetivo do plano do Pai. Por outro lado, Josias, desatendendo a todos os conselhos em contrário, sem necessidade, atirou-se na guerra entre o Egito e a Babilônia e, ali, perdeu sua vida. “Não tentarás o Senhor teu Deus!”

2 REIS 23.5-14

Destruindo os Incentivos ao Mal. Estimulado pelos profetas Sofonias, Urias e, talvez, Jeremias, Josias se dispôs a executar uma reforma completa, na qual tentou integrar seu povo. Os vários fatos aqui mencionados provam como o coração do povo se havia corrompido terrivelmente. No próprio templo havia altares e vasos para a execução dos terríveis rituais de Baal e Astarote. Inúmeros sacerdotes encapuzados de preto andavam pelas ruas. As portas do templo estavam os cavalos e os carros do culto ao sol. Em volta dos montes brilhavam os santuários dos ídolos. E tudo isso foi removido.

Todos nós temos alguma circunstância em nossa vida que deveríamos examinar, não segundo nossas próprias concepções do que é certo ou errado, nem pelos padrões convencionais aceitos pela sociedade que nos cerca, mas pelos altos e santos padrões do Novo Testamento, pelo exemplo e preceitos do Senhor. Temos uma grande tendência de adaptar nossas concepções pessoais acerca do que Deus requer de nós às fantasias ou preferências de nossos próprios desejos, em vez de nos auto-analisarmos pelo modelo “mostrado no monte”. Se nossa mão, pé ou olho nos fazem tropeçar, não devemos mostrar misericórdia para com nós mesmos.

2 REIS 23.15-25

Provando Sua Sinceridade. Josias levou suas profundas reformas até Samaria, cumprindo, assim, uma profecia pronunciada 350 anos antes. (Ver 1 Reis 13.2,3.) Já que o velho fermento fora removido, a Páscoa podia ser celebrada. Não podemos celebrar o banquete da alegria e da adoração, enquanto não efe-

tuarmos a obra de auto-purificação. (Ver 1 Coríntios 5.7.) Algumas pessoas das dez tribos também se uniram àquela grande festa. Houve, portanto, uma afirmação da unidade espiritual da nação inteira, embora, exteriormente estivesse em fragmentos como a igreja cristã de hoje. Nunca devemos deixar nossa crença na Santa Igreja Universal, por mais perturbada e dividida que ela possa parecer.

Embora o rei estivesse promovendo essas reformas com mão forte, a nação em geral permanecia idólatra e corrupta, demonstrando apenas um arrependimento exterior, falso. (Ver Jeremias 3.10; 4.3,4,14; 5.1-3.) Portanto, o castigo não podia ser evitado. Uma reforma exterior não é suficiente para assegurar a permanência da vida nacional. Devemos rasgar o coração e não as nossas vestes (Jl 2.13). Há uma tristeza que não nos traz pesar, e uma tristeza que “produz morte” (2 Co 7.10).

2 REIS 23.26-37

Nas Mãos de Inimigos Pagãos. A vida de Josias terminou de forma desastrosa. Ele insistiu em entrar num confronto com o rei do Egito participando de uma guerra que nada tinha a ver com ele e, assim, encontrou a morte. Os acontecimentos desse trecho são narrados detalhadamente em 2 Crônicas 35, e corroborados pelo historiador grego Heródoto e pelas esculturas encontradas no túmulo desse Faraó. A história de Joaquim também deve ser estudada nas páginas de Jeremias 22, 26 e 36, que lançam grande luz sobre esses últimos dias, quando a areia da ampulheta do arrependimento estava-se escoando.

É impressionante como, apesar dos ardentes protestos de Jeremias e de outros homens de Deus, e do terrível destino das dez tribos, os reis de Judá e seu povo tenham-se mostrado tão persistentes no erro. Mas o coração deles estava totalmente voltado para o mal. Em nossos dias, o abuso do álcool oferece um paralelo disso. Seus males não podem deixar de ser reconhecidos, visto que afetam indivíduos e nações e, no entanto, nem os indivíduos, nem as nações se mostram capazes de desvencilhar-se dos anéis dessa serpente. A raça hebréia teve

de passar por terríveis provações para ficar preparada para sua missão neste mundo, e, certamente, a presente angústia de luta constitui o nosso paralelo!

2 REIS 24.1-9

O Preço do Sangue Inocente. Observemos as dimensões do pecado de Manassés. Ele tinha vivido, fora perdoado e morrera anos antes, mas Judá estava irrecuperavelmente envolvido nos pecados dele. O veneno havia consumido o coração da nação e não se havia feito reparação do sangue inocente que fora derramado como água. Notemos a afirmação clara de que Nabucodonosor e os outros inimigos que vieram contra a terra estavam executando os castigos divinos. Como diz Isaías, eles eram o cetro da ira divina e a vara de seu furor (10.5). Quantas vezes Deus ainda usa homens maus como instrumentos seus para castigar-nos! A melhor maneira de nos livrarmos deles é confiarmos a Deus.

Joaquim foi audacioso em sua blasfêmia (Jr 36.23). Ele era um príncipe muito desprezível, e foi levado acorrentado para a Babilônia (Dn 1.1,2). Ao que parece, ele foi temporariamente restaurado ao trono, mas, no fim, pereceu de forma ignominiosa (Jr 36.30).

Quanta calamidade sobreveio à Cidade Santa! Embora Deus tivesse querido recolhê-la sob as asas de seu cuidado protetor, ela não quis e, portanto, os tempos dos gentios chegaram, os quais, agora, parecem estar chegando ao fim (Lc 21.24).

2 REIS 24.10-20

Começa o Cativo. Joaquim seguiu o mau caminho dos seus predecessores. De novo Jerusalém foi sitiada e Deuterônimo 28.48 começou a cumprir-se. A mal-orientada revolta do jovem rei terminou em amargo fracasso como predissera Jeremias (22.24,25). A tragédia final veio a passos acelerados, apesar da insistência dos falsos profetas de que os vasos sagrados seriam trazidos de volta da Babilônia (Jr 27.16). Por fim, uma dolorosa procissão atravessou os portões da cidade condenada, e o rei e seus nobres e oficiais

se apresentaram perante o inimigo, sentando-se no chão, vestidos de preto, com o rosto coberto com seus mantos (Jr 13.18). Todos eles foram imediatamente deportados para a Babilônia, com mais alguns milhares de pessoas. Os tesouros do templo e do palácio foram saqueados. Um grito de agonia e espanto partiu de Jeremias e da terra inteira. (Ver Jeremias 22.24,28; alguns acrescentam os Salmos 42 e 43.)

Zedequias, o filho mais novo de Josias, levado a fazer aliança com nações vizinhas para rechaçar o conquistador, acabou trazendo para si próprio e para seu povo uma destruição ainda mais desastrosa. Como é insensata a sabedoria do homem quando ele se afasta do Deus vivo! “Uma onda do mar, impelida e agitada pelo vento.” (Tg 1.6.)

2 REIS 25.1-12

Consuma-se o Cativo. À medida que a catástrofe final se aproxima, o historiador se mostra mais minucioso em relação a datas, anotando mês e dia. De Ezequiel 24.1 deduzimos que, no mesmo dia em que o inimigo chegava a Jerusalém, o fato era revelado a Ezequiel na Babilônia e ele ficava a par da sorte da cidade. Jeremias implorou a Zedequias para render-se, mas inutilmente (Jr 38.17-19). O cerco durou dezoito meses, e podemos deduzir as calamidades que ocorreram pelo texto de Lamentações 2.20,21; 4.3-20. A fome triunfou por fim (Lm 4.8,10; Ez 5.10). Um terço da população pereceu de fome e de peste (Ez 5.12).

Assim é o castigo divino para o pecado. Deus insta com o homem, mas se ele não se arrepender, o Senhor afia sua espada e sua punição se torna terrível. No meio desta catástrofe toda, entretanto, lembramos as lágrimas do livro de Lamentações, e também depois, as de Jesus. O fato é que Deus se entristece ao castigar, o que o leva a dizer: “Como te faria como a Admá? Como fazer-te um Zebóim?” (Dt 29.23; Os 11.8.) Notemos que, ao serem vazados os olhos de Zedequias, duas profecias que pareciam contraditórias se complementaram e se cumpriram (Jr 32.5; 34.3 e Ez 12.13).

2 REIS 25.13-21

O Templo é Saqueado. Após 420 anos de altos e baixos, o templo foi totalmente queimado, e o restante dos seus tesouros foi retirado. Alguns anos depois, Nabucodonosor erigiu uma estátua de ouro nas planícies de Dura (Dn 3.1). Alguém já levantou a hipótese de que é provável que essa imagem tenha sido feita com o metal retirado da Cidade Santa; e isso pode ter constituído uma razão a mais para que os judeus se recusassem a adorá-la conforme exigia o rei.

Não temos nenhuma informação acerca do que foi feito da arca. Ela pode ter sido escondida por Jeremias ou algum sacerdote temente a Deus que tomou a precaução de carregá-la, juntamente com os documentos que ela continha, para um lugar seguro. Como seria maravilhoso se os restos da arca da aliança ainda fossem descobertos em relação com as vastas abóbadas subterrâneas debaixo do local do templo!

Esses trágicos eventos constituem uma poderosa confirmação do texto que diz que o pecado é o opróbrio dos povos (Pv 14.34). Que as cidades e as civilizações modernas estejam alerta; porque, se Deus não poupou os ramos naturais, de modo algum poupará os que foram enxertados entre eles. (Ver Romanos 11.18-25.)

2 REIS 25.22-30

Os Remanescentes Fogem Para o Egito. Agora, por fim, a cidade, que vivia cheia de gente, tornou-se solitária, pranteada por Jeremias em elegias primorosas. Foram deixadas apenas as pessoas bem pobres governadas por Gedalias, o amigo constante de Jeremias. (Ver Jeremias 40.6.) Seu curto governo trouxe um raio de luz, um alívio breve da longa sucessão de tragédias e desespero. Mas o covarde assassinato desse nobre homem por Ismael, que tinha inveja dele, veio acrescentar um amargo ingrediente ao cálice já amargo dos maltratados remanescentes (Jr 40 e 41). Não obstante os ardentes protestos de Jeremias, eles, por fim, abandonaram a própria terra, e se estabeleceram no Egito (Jr 44.1).

Acabou-se assim o reino de Judá e, daí por diante, os judeus se tornaram um povo disperso. Embora o retorno de alguns sob a liderança de Esdras desse a impressão de uma provável renovação do reino, esse também foi um sonho transitório que terminou com a derrocada final no ano 70 d.C. Notemos como no último parágrafo o cronista se agarra, de forma patética, à pequena migalha de conforto que ainda lhe resta, na piedade providencialmente mostrada para com Joaquim pelo rei da Babilônia. Deus não esquecerá suas firmes misericórdias para com Davi!

O PRIMEIRO E O SEGUNDO LIVRO DE CRÔNICAS

A História da Aliança



1. AS GENEALOGIAS DAS TRIBOS DE ISRAEL 1 Cr 1-9.
2. OS REIS DO REINO UNIDO 1 Cr 10-2 Cr 9.
 - a. Saul 1 Cr 10.
 - b. Davi 1 Cr 11-29.
 - c. Salomão 2 Cr 1-9.
3. OS REIS DE JUDÁ 2 Cr 10-36.
 - a. Roboão 10-12.
 - b. Abias 13.
 - c. Asa 14-16.
 - d. Josafá 17-20.
 - e. Jeorão 21.
 - f. Acázias 22.
 - g. Joás 23, 24.
 - h. Amazias 25.
 - i. Uzias 26.
 - j. Jotão 27.
 - l. Acáz 28.
 - m. Ezequias 29-32.
 - n. Manassés 33.
 - o. Josias 34, 35.
 - p. Jeoaquaz 36.1-3.
 - q. Jeoaquim 36.4-8.
 - r. Joaquim 36.9, 10.
 - s. Zedequias 36.11-13.
 - t. O cativo 36.14-21.
 - u. O decreto de Ciro 36.22, 23.

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas acham os livros de Reis e Crônicas muito semelhantes, mas há diferenças marcantes entre eles. Os livros de Reis apresentam principalmente os anais políticos de Israel desde o tempo de Salomão até à queda de Jerusalém. Os reinos do norte e do sul recebem igual atenção. Já os livros de Crônicas cobrem um período muito mais longo, na verdade mais longo do que o abrangido por qualquer outro texto das Escrituras. Eles constituem um sumário da história religiosa desde a criação do mundo até a época em que foram escritos, após o exílio babilônico. Depois da divisão do reino, só é registrada a história de Judá, sendo propósito do escritor excluir qualquer menção do Israel apóstata.

Os dados dos livros são extraídos de uma grande variedade de fontes, muitas das quais são mencionadas no texto. Embora seja impossível determinar com precisão o seu autor, a probabilidade favorece fortemente a Esdras.

Visto que a maior parte de 1 e 2 Crônicas consiste de informação genealógica, etc., que é de grande valor histórico, não se ajustam eles ao plano deste livro que é mais devocional. Por isso, limitamos nosso estudo a 2 Crônicas 26-36.

COMENTÁRIO

2 CRÔNICAS 26.1-15

“*Deus o Fez Prosperar.*” O reinado de Uzias, ao que tudo indica, foi extremamente próspero; mas seu caráter pessoal deteriorou, como se ele não pudesse suportar tanta prosperidade. Ele deu provas de um grande talento para governar com suas vitórias nas guerras (vv. 6,7); sua difundida fama (v. 8); suas construções e agricultura (9, 10); e seus exércitos e engenhos de guerra (vv. 11,15). Em todas essas coisas ele foi “maravilhosamente ajudado”. Quantos podem apresentar semelhante testemunho de sucesso, mostrando que Deus os tratou assim? O melhor preventivo para o orgulho é reconhecer que todas as bênçãos provêm da maravilhosa mão de Deus.

Quando relembramos nosso passado e pensamos acerca da posição a que Deus nos elevou, podemos fazer outra coisa a não ser clamar: “Maravilhoso! Maravilhoso!” Não podemos compreender por que Deus nos favoreceu de forma tão sensível, mas somos persuadidos a concordar que so-

mente por sua graça somos o que somos. Nunca esqueçamos que fomos fortalecidos para que possamos ajudar os fracos. Seja o que for que tenhamos, devemos vê-lo como um precioso talento para ajudar no progresso do reino eterno do Senhor Jesus. O segredo da prosperidade é apresentado no Salmo 1.3.

2 CRÔNICAS 26.16-23

O Castigo do Orgulho. Os ofícios de sacerdote e rei foram mantidos rigorosamente separados durante toda a história de Israel. O duplo ofício de Melquisedeque é típico do reino sacerdotal de Cristo, e não tem paralelo no ritual mosaico e levítico. A predição de Zacarias falava de uma era inteiramente nova (Zc 6.12,13). O atrevido ato de Uzias encontrou resistência nos sacerdotes, e o problema se resolveu pelo súbito aparecimento da lepra na sua testa. Como consequência de sua tentativa de menosprezar as solenes sanções de origem e autoridade divinas, ele chegou a perder até mesmo os privilégios religiosos que gozara antes.

Apesar da grande bondade de Deus, e da elevada posição que possamos atingir no serviço dele, há limites estabelecidos os quais não podemos ultrapassar. Não podemos lançar-nos voluntariamente do pináculo do templo. Nem mesmo os filhos mais queridos de Deus podem agir presunçosamente com base em sua familiaridade com ele, nem tomar liberdades com suas regras e métodos.

2 CRÔNICAS 27.1-9

Conduzindo Sua Vida Diante de Deus. A história de Jotão é memorável bastando uma frase para defini-la: "Dirigia os seus caminhos segundo a vontade do Senhor seu Deus". Nós devemos pôr em ordem nossa vida como fazemos com as nossas orações. As primeiras coisas devem vir em primeiro lugar. Antes de qualquer atividade, devemos considerar sempre, como podemos promover melhor a glória de Deus e os interesses do seu reino. Tanto quanto está em nós, devemos adotar e seguir o plano ou programa que ele nos revelar. *Uma vida ordenada é poderosa.* As pessoas que fazem sentir sua presença no mundo são as que podem dizer como Paulo: "Mas uma coisa faço". Tais pessoas são invulneráveis e invencíveis. Rejeitadas em um lugar, elas irrompem em outro; abatidas, mas não destruídas; perplexas, mas não desesperadas. *Uma vida ordenada e poderosa obtém de Deus os seus recursos.* Por mais bem organizados que nossos planos sejam ou por mais simples que seja nosso propósito, nada tem eficácia se não estivermos unidos a Deus. É por ele que nos tornamos fortes; e seu poder, aliado conosco e operando através de nós, nos torna mais do que vencedores.

2 CRÔNICAS 28.1-11

Derrotado por Ter Abandonado o Senhor. O reinado de Acáz foi marcado por uma terrível e rápida degeneração. Ele não somente restaurou a idolatria e sacrificou seus filhos a Moloque, mas, como as dificuldades do seu reinado aumentaram, fez aliança com o rei da Assíria, apesar dos veementes protestos de Isaías. Ficou famoso por sua ex-

trema iniquidade. "Ele mesmo, o rei Acáz." (V. 22.) Os instrumentos usados para sua punição foram os reis da Síria e de Israel (vv. 5,6); e seu pecado resultou em sofrimento para o povo, que foi levado para Samaria. Quando uma nação ou um indivíduo se desvia do amor e da vida de Deus, logo se torna uma presa fácil para os inimigos que estão emboscados por perto, assim como um corpo anêmico torna-se vulnerável aos micróbios de doenças.

Foi muito nobre da parte do profeta Odede censurar o cativo de tantos irmãos e irmãs; e seu esplêndido protesto tocou as cordas mais sensíveis do coração dos vencedores. Não devemos ter receio de apresentar os padrões de Deus perante nossos contemporâneos. Isso poderá impedir alguns de praticar o mal e influenciar outros a praticar ações nobres.

2 CRÔNICAS 28.12-27

A Cega Insensatez de um Mau Rei. O ato de enviar os cativos de volta para casa, vestidos, calçados e ungidos, foi muito belo e prefigura o espírito do cristianismo. Esse é o verdadeiro modo de se conquistar e manter a paz. A magnanimidade, no final das contas, é o melhor recurso para se diluir o ódio nacional, e estabelecer as bases de uma duradoura fraternidade. Os edomitas e os filisteus feriram Judá e o debilitaram, mas eles só foram os instrumentos de Deus. O texto diz claramente que o Senhor humilhou Judá (v. 19). A trégua paga ao rei da Assíria com tão grande sacrifício, garantiu apenas um adiamento temporário. (Ver 2 Reis 16.7-9.) No fim, no entanto, isso apenas aumentou sua desgraça (v. 20). Ninguém tem condições de socorrer o homem que perdeu o socorro de Deus. Se ele é contra nós, quem pode ser por nós?

Quanto mais aflito Acáz estivesse, mais ele pecava. (Ver Isaías 1.5,6.) Com cega insensatez ele afastou-se passo a passo, cada vez mais de Deus, sacrificou aos deuses de Damasco e afrontou a casa de Deus com insolente insulto. A aversão do povo ficou evidente na forma com que tratou seus restos mortais. (Ver Provérbios 10.7.)

2 CRÔNICAS 29.1-11

Um Avivamento da Justiça. Foi uma bênção para Judá que Acáz deixasse como sucessor um filho que não herdou um só traço do pai. Ezequias se situa como um dos melhores reis entre os que ocuparam o trono de Davi. Esse capítulo está cheio de narrativas ilustrativas e interessantes. No primeiro mês do seu reinado, o jovem rei deu início à obra de reforma reunindo, para sua ajuda, os sacerdotes e os levitas, e ordenando-lhes que fizessem tudo que fosse possível para acelerar a purificação do templo.

A clarinada dessa exortação ainda ressoa, e nos ordena que purifiquemos o altar interior de nosso coração de toda imundície da carne e do espírito. Apressemos-nos a abrir as portas, acender as lâmpadas e queimar incenso na câmara de oração no íntimo de nosso coração. E, o que se aplica a um indivíduo, aplica-se também, à consciência nacional. A religião é a salvaguarda de nossa prosperidade; e os que mantêm um sentimento religioso saudável contribuem para o bem-estar de sua pátria, tanto quanto os estadistas e políticos de fama mundial.

2 CRÔNICAS 29.12-24

Removendo a Impureza. O nome dos levitas assistentes é mencionado especificamente porque sua obediente aquiescência foi uma grande contribuição para a reconstrução nacional. Durante oito dias eles e os sacerdotes realizaram a grande tarefa de purificar o templo da imundície que ali se acumulara por negligência. Os jatos das tempestades de areia, a invasão das ervas daninhas, as multidões de seres vivos que vinham do ar e da terra para aninhar-se e procriar nas construções negligenciadas, tinham provocado uma triste desfiguração e estrago na santa e bela casa que Davi e Salomão tinham construído para Deus. A negligência infalivelmente resulta na deterioração do coração e da vida, da igreja e do Estado. A horta de um preguiçoso dificilmente poderia ser mais inútil ou perigosa para as hortas próximas que são bem cultivadas, que o coração humano que negligencia o

cultivo de seus atributos espirituais. Nós fomos criados por Deus, e, separados dele, não podemos ser perfeitamente saudáveis e felizes. Esses pecados precisam ser expiados pelo sangue. Os versos 20 a 24 contêm uma profunda lição. (Ver Hebreus 9.22.)

2 CRÔNICAS 29.25-36

Holocausto e Cântico. Entre os sacrifícios que se seguiam à purificação, o holocausto ocupava um lugar proeminente, pois era o que exprimia sincera e total devoção a Deus. Notemos que, logo que os holocaustos começaram, o cântico também começou. A dedicação pessoal e a entrega de nosso coração e vida a Deus resultam sempre em alegria. Primeiro, a purificação, depois o perdão e a remoção do pecado, e, por fim, a reconsagração a Deus — esses são sempre os passos que conduzem a alma das profundezas da depressão à alegria da salvação de Deus. É a vida ocupada consigo mesma e auto-suficiente que é miserável. Notemos como a alegria de Deus é contagiante. De Ezequias ela se propagou ao seu povo e levou ao soerguimento da nação inteira. É interessante constatar que essa feliz explosão de fervor religioso surgiu de uma preparação divina que, por longo tempo, vinha trabalhando debaixo da superfície da vida nacional.

2 CRÔNICAS 30.1-12

Uma Convocação à Nação. Embora a Páscoa fosse uma das festas mais importantes, fazia tempo que fora negligenciada. Sempre que ocorre um avivamento espiritual, os homens automaticamente começam a observar as antigas instituições sagradas através das quais o sentimento religioso pode expressar-se. Como o mês próprio da celebração já havia passado, em vez de deixar transcorrer mais um ano o rei e o povo resolveram celebrar a festa anual no segundo mês, como dispunha a lei em Números 9.10,11. O despertamento espiritual de Judá se revelou num fervoroso anseio pela unidade nacional, e de Dã a Berseba foi distribuído um convite para o povo participar da celebração da Páscoa. Muitos zombaram, dizendo que o apelo de

Ezequias tinha segundas intenções: ambição e auto-engrandecimento. Não podemos duvidar que Isaías tivesse induzido o rei a sugerir que se Israel aceitasse o convite e se unisse num ato comum de penitência e fé, isso, provavelmente, levaria à reabilitação da vida da nação. Não aceitando a sugestão, Israel não somente zombava da proposta real, mas destruía um dos últimos meios de desfazer a ruína que já tinha começado no Reino do Norte.

2 CRÔNICAS 30.13-27

Buscando a Deus de Todo o Coração. Como medida preliminar necessária a uma correta celebração da festa, foi decidido que se removeassem os altares erigidos por Acáz. A festa e seu antítipo só podem ser celebrados quando o fermento do mal é eliminado (1 Co 5.7). Tão grande era o zelo do povo que os sacerdotes e os levitas, envergonhados, foram levados a uma nova disposição. Houve irregularidades na celebração, como, por exemplo, o fato de os levitas imolarem os sacrifícios pascais por todo aquele que não havia passado através do processo usual da purificação cerimonial. Mas a intenção do povo era justa, e, em resposta à oração de Ezequias, Deus não enviou nenhum castigo por causa dessa violação do ritual prescrito. Isso é outra prova de que o principal para Deus é a disposição do coração (Sl 69.31).

Quando um cativo espiritual é rompido, ocorre uma explosão de cântico. Cada grande avivamento tem seus cânticos gregorianos, seus hinos de Lutero, de Carlos Wesley, de Havergal e de Sankey.

Foi necessário imolar uma grande quantidade de animais por causa da presença de enormes multidões, que precisavam ser alimentadas enquanto estivessem em Jerusalém. Somente uma parte do animal era apresentada sobre o altar. O restante foi utilizado para alimentar os que tinham trazido a oferta.

2 CRÔNICAS 31.1-10

Liberal Contribuição Para Deus. Essa celebração da Páscoa deixou uma marca permanente na nação, e levou à com-

pleta destruição da idolatria. O puro culto de Deus foi restabelecido em toda a terra, e as pessoas regressavam a seus lares na confiante expectativa de que agora iriam viver um longo período de prosperidade nacional. Então Ezequias dedicou toda a sua atenção no sentido de prover a manutenção do culto do templo bem como a adequada provisão de rendimentos para os sacerdotes e levitas. Como exemplo para o povo, o rei seguiu nos passos de Davi e Salomão, pagando as despesas do altar do seu próprio bolso.

Seguindo esse bom exemplo, fizeram uma proclamação à nação, e o resultado foi que jorraram contribuições de primícias e dízmicos com grande liberalidade do povo de Judá e também de Israel. Tinha havido uma colheita abundante, como demonstravam os montões de ofertas. Não é muito comum os ministros de religião estarem na mesma feliz condição de Azarias, mas os culpados são eles mesmos por não instruírem o povo a contribuir sistematicamente. Todos devem separar uma determinada porção de seus rendimentos para Deus.

2 CRÔNICAS 31.11-21

Ordem e Prosperidade. Há várias expressões notáveis nesse trecho. Ali diz que eles traziam “fielmente” as coisas consagradas (v. 12); e que, tanto os pequenos como os grandes recebiam sua porção, tal como o turno diário de cada um requeria (vv. 15, 16); e, também, que os sacerdotes se houveram com santidade (v. 18), como se tocados e despertados pelas dádivas generosas do povo. E, como consequência de sua inteira devoção ao serviço do santuário, fez-se provisão adequada para suas esposas e filhos, e foram designados homens para distribuírem suprimentos iguais a todos os que viviam nas cidades dos sacerdotes e que, por idade ou razões outras, não tinham condições de servir no templo.

A expressão final acerca de Ezequias, a de que tudo que ele começou ele o fez de todo o coração e que Deus colocou nele e no seu trabalho a coroa da prosperidade, constitui um notável contraste com a história do desastroso

reinado de Acáz, e é um incentivo para todos nós fazermos o mesmo. (Ver Romanos 12.11.)

2 CRÔNICAS 32.1-15

Preparado Para Enfrentar o Inimigo. Poderíamos ter suposto que a fidelidade de Ezequias na purificação do templo e na restauração do culto a Jeová, tivesse assegurado a ele e ao seu povo, completa imunidade contra invasões. Certamente Deus interferiria por um servo tão leal e defenderia do acampamento de Senaqueribe no solo sagrado da região do sul. Aí aprendemos que a fé não é recompensada por um verão ininterrupto de prosperidade, mas é provada, testada, e amadurecida pelas rajadas tempestuosas de ataque e perigo. O grande Agricultor podou Ezequias a fim de que ele pudesse produzir mais frutos.

Esses preparativos feitos pelo rei e seu povo, cortando o suprimento de água e equipando os soldados e as fortificações contra os ataques, eram perfeitamente consistentes com uma verdadeira fé. A confiança máxima de Ezequias não estava nessas coisas, mas naquele que é maior e que, indubitavelmente, estava com eles (vv. 7, 8). Havia uma sutileza digna de nota nas mensagens de Senaqueribe, mas ele não percebeu quanto aquele “apenas um altar” significava, e como Jeová era diferente dos ídolos das nações (vv. 12, 15).

2 CRÔNICAS 32.16-23

O Clamor ao Céu é Atendido. Os generais de Senaqueribe eram ainda mais insolentes que ele. O objetivo era desanimar o povo e solapar sua fé. Destruir a confiança em Deus é o método mais seguro de ataque e vitória. No versículo 19 há uma descrição significativa de seu orgulho fanfarrão. Contudo o único efeito obtido foi levar o rei e o profeta à oração (v. 20). Esse é o segredo da vitória. Isaías diz que Ezequias estendeu a carta blasfema do invasor diante de Deus e pediu seu auxílio, para que os reinos da terra pudessem conhecer seu poder, visto que seu caráter estava em jogo ante os pagãos (Is 37.14-20).

Um anjo foi suficiente para a obra de livramento e Senaqueribe regressou à sua terra desmoralizado, sendo logo assassinado por seus próprios filhos. O Senhor não somente salvou Israel, mas “lhes deu paz por todos os lados”. Por que não buscamos dele uma bênção semelhante? E, quando somos leais a Deus, podemos contar com ele para nos dar a estima dos homens bem como enriquecer nossa vida com seus tesouros ocultos. “Aos que me honram, honrarei.”

2 CRÔNICAS 32.24-33

Uma Só Falha em Uma Vida Correta. Esse sinal está mais explicitado em Isaías 38.1-8. As grandes intervenções da parte de Deus impõem correspondentes responsabilidades. Se alguém recebeu favores especiais, assegure-se de retribuir-lhe de acordo com os favores recebidos. Recebendo a visita dos embaixadores babilônicos, como vimos em 2 Reis 20.13, Ezequias revelou espírito de vaidade ao recebê-los — tudo bastante natural para muitos de nós — e exibiu grande orgulho de suas conquistas que excluía o reconhecimento do amor e cuidado divinos. À vista do homem isso era apenas uma pequena fraqueza, algo que merecia apenas um leve sorriso e uma desculpa, mas era inconsistente com a intimidade que Ezequias estava gozando com seu Amigo celestial.

Por mais espiritual e devoto que um homem possa ser, se não estiver vigiando fracassará em alguma provação crucial. É mais fácil resistir à invasão de Senaqueribe do que à lisonja da Babilônia. Precisamos guardar-nos contra a soberba do coração. Comparemos os versículos 25 e 31. A exibição ostentadora que Ezequias fez de sua riqueza e de seu tesouro excitou a cupidez dos enviados de Babilônia e lançou as sementes para a invasão de Nabucodonosor, embora a calamidade tivesse sido evitada temporariamente pelo arrependimento do rei e do povo (v. 26).

2 CRÔNICAS 33.1-13

A Aflição Ensina Humildade. Devido à sua pouca idade, Manassés foi, provavelmente, mais facilmente influenciado

pelo partido reacionário, que retornou ao poder por ocasião da morte de Ezequias; mas depois, no início da idade adulta, ele foi ainda mais longe nos maus caminhos e fez com que Judá e Jerusalém errassem. Levantaram-se vozes de recriminação e protesto, mas em vão; e afinal não havia outra alternativa senão os ganchos e as cadeias do rei da Assíria. Mas, em sua masmorra, no país distante, ele caiu em si, e voltou a Deus.

As palavras descrevendo seu arrependimento são muito fortes, sugerindo prolongadas torturas de consciência e agonizante remorso. Como Deus o ouviu depressa e como parece incrível sua restauração! Aqui estava um homem que parecia que seria prisioneiro pelo resto da vida; todavia não somente foi liberto mas também restaurado ao seu reino e restabelecido ao seu trono. Nisso há muita esperança para nós. Se nos arrependermos verdadeiramente de nossos pecados, seremos perdoados e, não somente perdoados, mas restaurados ao nosso reino. Creiamos que Deus, não somente elimina os nossos pecados, mas restaura a nossa alma.

2 CRÔNICAS 33.14-25

Pai Humilde, Filho Rebelde. Evidentemente Manassés deve ter feito o máximo que podia para desfazer o mal que havia cometido em Jerusalém. No que diz respeito aos ídolos e outros símbolos da idolatria, parece que era relativamente fácil retirá-los. Mas, apesar de todos os seus esforços, o povo ainda sacrificava nos altos, e seu filho Amom perpetuou a lembrança dos pecados de seu pai, não fazendo nenhum esforço para repetir seu arrependimento e suas lágrimas. Embora Manassés “ordenasse” a Judá para servir ao Senhor, o povo continuava a adorá-lo em meio a associações impuras e degradantes às quais ele o tinha acostumado.

É mais fácil espalhar sementes de cardos do que recolhê-las. Na Austrália, há grandes extensões de terras cobertas de cardo, coisa que não teria acontecido não fosse o ato impensado de um colono escocês que importou de sua pátria um es-

pécime do símbolo nacional. Tenhamos cuidado com nossa influência. É mais fácil pôr as pedras para rolar do que detê-las. Conta-se que um determinado deão da Catedral de São Paulo, em Londres, jamais sorrira, porque, quando jovem, escrevera versos de sentido sensual, e quando quis deter a circulação deles não o conseguiu.

2 CRÔNICAS 34.1-11

A Nobre Liderança de um Jovem Rei. Josias foi tanto melhor que seu pai Amom, quanto Manassés tinha sido pior que Ezequias. Como é estranho encontrar uma alma jovem tão pura no ambiente da corte de Amom! O que terá levado o rapaz a alcançar tal grandeza moral e religiosa? Talvez seu avô, Manassés, incapaz de modificar seu filho, focalizasse suas orações e sua influência no neto. Também é provável que considerável influência para o bem resultasse do descobrimento de que ele tinha sido objeto de uma profecia. (Ver 1 Reis 13.2.) Ele se sentiu animado a aceitar a missão para a qual tinha sido indicado anos antes. Embora nenhum profeta tenha predito o plano e as realizações de nossa vida, eles são bem conhecidos no céu, e Deus nos conclama a tornar realidade os altos ideais que ele tem para nós.

Também o chamado de Jeremias coincide tão de perto com o início das reformas de Josias, que dificilmente podemos considerar os dois fatos como desligados. De qualquer forma, os primeiros esforços do rei parecem ter coincido com a primeira aparição do profeta-estadista na sua corte em Jerusalém.

2 CRÔNICAS 34.12-21

Uma Descoberta Perturbadora. O encontro do Livro da Lei foi um incidente muito significativo. O fato de ele ter-se tornado tão raro — ao que parece essa era a única cópia existente — devia-se, sem dúvida, aos esforços de Manassés e de outros reis para destruir e profanar o culto a Deus. Alguma piedosa mão a tinha escondido dos inquisidores, e o segredo não fora divulgado. Não é de se admirar que o rei ficasse

apreensivo, quando comparou o ideal divino com a condição atual das coisas em Judá e Jerusalém. Isso é uma ilustração de como nossa consciência pode acordar para as ordenanças divinas que durante muito tempo ficaram ignoradas, perdidas em meio ao lixo e ao entulho de nossa vida, e às quais não obedecíamos.

Leiamos a Palavra de Deus cuidadosa e reverentemente até chegarmos a alguma coisa que nos acuse e, então, paremos para escutar. Precisamos submeter-nos a um minucioso exame dela. Precisamos permitir que faça divisão entre alma e espírito. Precisamos entronizá-la no coração, custe o que custar, para que seja a censora de nossa vida. Precisamos seguir sua orientação seja qual for o caminho que ela apontar.

2 CRÔNICAS 34.22-33

Renovando a Aliança. O coração terno é humilde (v. 27). Admitir que Deus está certo e nós errados, e aceitar sua repreensão, é uma atitude admirável. A lágrima de arrependimento é como o batismo do orvalho na folhagem que murcha pelo calor abrasador. Mas o coração terno não se limita à emoção; age. O rei reuniu todos os anciãos de Judá e Jerusalém, subiu à casa do Senhor, e fez com que todo o povo acatasse a aliança que ele propôs. “E a todos quantos se acharam em Israel”, embora estivessem fora de sua jurisdição, “os obrigou a que servissem o Senhor seu Deus.” Evidentemente Josias era um daqueles homens que possuem forte poder de persuasão, visto que apelam à consciência de todos os homens, e eles mesmos estão em contato com Deus. Por que não havemos de render-nos inteiramente a Deus? Há templos que necessitam de reparos, sacerdotes e povo que precisam de direção e liderança, nações que precisam ser trazidas de volta ao Deus de seus pais. Sejamos ternos, humildes e confiantes. O mundo ainda não viu o que Deus pode fazer por meio daqueles que lhe são dedicados.

2 CRÔNICAS 35.1-15

Uma Páscoa Memorável. Essa páscoa foi memorável, não apenas pela im-

nente grandeza do cerimonial e pela grande afluência de adoradores, mas por causa da estrita observação das prescrições da lei nos seus mínimos detalhes. Josias foi a alma e a vida do movimento. Primeiro a palavra foi dirigida aos levitas, lembrando-lhes que, como já não estavam obrigados a transportar a arca de um lugar para outro, como nos dias do êxodo, eles podiam apropriadamente assumir outra tarefa e assistir os sacerdotes que, provavelmente, estavam sobrecarregados pelas exigências na celebração em vista. Não nos apeguemos a condições estereotipadas, mas, de bom grado, nos adaptemos a novas exigências. Um dos primeiros deveres deles foi trazer a arca do lado externo da câmara, onde a haviam abandonado, e recolocá-la no Santo dos Santos.

Foram feitas amplas provisões para os pobres e para os que não tinham condições de proverem para si próprios. O rei e os príncipes deram grandes ofertas. O verdadeiro amor a Deus é sempre acompanhado de um desinteressado cuidado por outros. Quem realmente ama a Deus, deseja que outros conheçam seu amor e tenham participação nele. Nunca nos esqueçamos de dar lugar à adoração e ao louvor!

2 CRÔNICAS 35.16-27

Uma Luta Fatal. Todo o povo foi admitido ao átrio sagrado cada um segundo a sua família, e os portões foram fechados tão logo ele ficou cheio. Assim todas as casas dos pais vieram, uma após outra, em procissão solene, ao altar, oferecendo a parte das vítimas sagradas como era requerido e recebendo parte para seu próprio consumo. Enquanto isso se realizava, o coro dos levitas cantava os Salmos 113-118.

Que pena que um reinado tão auspicioso terminasse tão desastrosamente! Josias se opunha a Faraó porque a Palestina estava sob a tutela da Babilônia e se transformara na arena das duas nações em guerra, que contendiam pelo domínio do mundo. Pode parecer, pelo versículo 21, que os reis egípcios reconheciam a supremacia de uma única Divindade e admitiam ser inspirados por ela. Parece que a culpa é

atribuída a Josias por não reconhecer a voz de Deus. A lamentação por sua morte se tornou proverbial por haver sido profundamente triste (Zc 12.11). O reinado de Josias era o derradeiro raio de luz sobre a nação condenada, mas foi bom, para ele, ser retirado antes que rebentasse a tempestade.

2 CRÔNICAS 36.1-10

À Mercê do Inimigo. A narrativa aqui segue em paralelo com 2 Reis, mas os acontecimentos são descritos com um certo tom de advertência que reforça a lição da história. Aqui estava a catástrofe final. Predita havia muito tempo, por fim aconteceu. Os reis judeus mencionados aqui foram meros títeres e, em vez de se voltarem para Jeová, seguiram um ao outro em obstinada idolatria. Jeoacaz foi deposto por Neco, que esperava encontrar um joguete mais subserviente em seu irmão Jeoaquim, sendo este, por sua vez, deposto por Nabucodonosor, por ter sido nomeado por Neco. Jeoaquim foi levado para o cativeiro porque era o preferido do povo, e Zedequias porque se rebelou. Essas são as razões superficiais para as mudanças que seguiram uma à outra com tão terrível rapidez. Mas as páginas de Jeremias e Ezequiel revelam outras e mais profundas razões, mencionadas subsequenteiramente nesse capítulo.

Foi um longo processo de podadura pelo qual Israel teve de passar antes que seu tronco produzisse uma flor, única e pura, a mãe do Senhor, a quem

coube oferecer o lado humano da santa natureza do Salvador.

2 CRÔNICAS 36.11-23

Derrota, e Exílio. Lemos em Ezequiel 17.13 que Nabucodonosor tomou de Zedequias um juramento de fidelidade na presença de Jeová. Assim, com sua rebelião, ele não somente quebrou a promessa feita ao rei da Babilônia, mas profanou o nome de Deus. É em referência a essa quebra de seu juramento que Zedequias é visado pelas palavras de Ezequiel 21.25 como “E tu, ó profano e perverso, príncipe... cujo dia virá”.

Parece também que, mais para o fim desse reinado, rituais idólatras se introduziram no recinto sagrado do templo. As mulheres hebréias choravam a Tamuz — deus pagão — (Ez 8.14); os anciãos queimavam incenso às figuras de animais pintadas nas paredes; e os homens, dando as costas ao santuário, adoravam o sol. Não havia remédio senão o exílio.

Tinha sido claramente predito que se o povo hebreu desobedecesse a Deus, sua terra se tornaria uma desolação e suas cidades um ermo, até que o solo tivesse gozado o repouso que eles tinham deixado de dar-lhe. (Comparar Levítico 25.4 com 26.34,35.) Havia um ponto além do qual não iria o julgamento divino. Deus amava o povo que ele castigava; a nação infiel, por iniciativa de Ciro, teria no futuro uma oportunidade de cumprir sua grande missão em favor da humanidade.

O LIVRO DE ESDRAS

A Volta e a Reconstrução



1. A VOLTA SOB A LIDERANÇA DE ZOROBABEL 1-6.
 - a. A proclamação e a providência de Ciro 1.
 - b. O recenseamento da volta 2.1-6.7.
 - c. As ofertas do povo 2.68-3.7.
 - d. A construção do templo 3.8-6.22.
2. A VOLTA SOB A LIDERANÇA DE ESDRAS 7-10.
 - a. A ordenança e as ofertas dadas por Artaxerxes 7.
 - b. O recenseamento e a volta 8.1-20.
 - c. A jornada, e a entrega do tesouro 8.21-36.
 - d. Esdras anula os casamentos mistos 9, 10.

INTRODUÇÃO

Esdras era um judeu da linhagem de Arão e descendia do sumo sacerdote que fora assassinado por ocasião da tomada de Jerusalém (2 Rs 25.18-21). Esse livro não é uma narrativa contínua. Na verdade consiste de duas partes entre as quais há um hiato de vários anos. A primeira parte, capítulos 1 a 6, contém uma narrativa da volta da primeira caravana de judeus da Babilônia, sob a liderança de Zorobabel e Jesua. A segunda parte, capítulos 7 a 10, é um relato de uma expedição, sessenta anos depois da primeira, conduzida pelo próprio Esdras, acompanhado por grande número de seus concidadãos e autorizado a restabelecer a ordem e a religião.

Supõe-se que esse livro tenha sido escrito por Esdras, que era um grande estudioso dos escritos sagrados, e um hábil escriba na lei de Moisés. Para ter conquistado as boas graças e a confiança do rei da Pérsia ele deve ter sido um homem de grande destaque entre os cativos judeus. Nesse livro sente-se a ausência do miraculoso bem como grande semelhança com os livros de Crônicas. Revela ainda o entusiasmo próprio do início da obra de Deus; depois, frieza e apatia, à medida em que surge a oposição. Mas quando os homens voltam aos princípios fundamentais, a obra prossegue até à conclusão.

COMENTÁRIO

ESDRAS 1

Deus Cumpre Suas Promessas. Deus estará sempre atento à sua aliança. Além disso, sempre há muitos homens a recordá-lo delas, tais como Daniel e outros exilados que pensavam como ele, que não davam descanso a Deus e estavam sempre pedindo, por amor a Davi, que tirasse seu povo do cativeiro. (Ver Isaías 62.6,7.) O Senhor despertou o espírito de Ciro (v. 1), e o espírito do povo (v. 5). Como está claro que a mente dos homens está sujeita à influência divina! Que nunca sejamos desobedientes às visões celestiais que temos, mas estejamos sempre dispostos a realizar, com temor e tremor, a obra que ele colocar em nosso coração, seja ela qual for.

É admirável como tudo parece cooperar conosco sempre que nos submetemos aos desejos divinos. "Desde os céus" as estrelas pelejam a nosso lado. Todas as coisas servem o homem que serve a Cristo. No exemplo presente, todos que estavam por perto fortaleceram as mãos deles. Ciro tirou os

utensílios que eram da casa do Senhor, que tinham estado em segurança durante aqueles anos de anarquia e confusão, como os preciosos manuscritos da Escritura durante a Idade Média. Mas, assim que se precisou deles, Deus os tirou do seu esconderijo. Confie-mos nele; ele não comete erros.

ESDRAS 2.61-3.7

A Construção do Altar. Ao longo de sua história os verdadeiros israelitas sempre foram cuidadosos em preservar sua genealogia; onde quer que se achassem dispersos, guardavam cuidadosamente seus registros nacionais. Cada um de nós deveria ser capaz de estabelecer sua descendência e reivindicar seu direito de ser considerado filho de Deus, co-herdeiro com Cristo, participante na herança que Deus prometeu aos que o amam. Quem não é capaz de afirmar sua filiação, pode duvidar do seu direito às bênçãos espirituais que constituem uma parte dos bens de família. Isso é claramente ilustrado pela proibição de que os sacerdotes, cujos nomes não constavam dos registros ge-

nealógicos, comessem das coisas sagradas. Eles teriam de esperar até que, por Urim e Tumim, ficasse provado serem eles verdadeiros israelitas. O que esse testemunho foi nos velhos tempos, o testemunho do Espírito Santo é hoje, dentro de nós. Ele testemunha com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

O primeiro ato dos judeus que voltaram foi edificar a casa de Deus. Para isso, eles contribuíram liberalmente e, a seguir, empregaram nisso sua habilidade. O altar era o ponto central de sua religião. De igual modo, a cruz de Jesus é o centro de nossa vida e culto, recordando-nos a obra que ele realizou para nossa justificação, bem como os apelos que ele nos faz à santificação.

ESDRAS 3.8-13

Lançados os Alicerces do Templo. A colocação dos alicerces nem sempre é trabalho agradável. Significa trabalhar abaixo do nível do solo, em valas, não visto nem reconhecido, e nem sempre os que começam podem terminar. Mas, no meio de tudo, a cantora Esperança veio com sua harpa e entoou-lhes doces versos de encorajamento. Apesar do pequeno número e da pobreza dos edificadores, a voz da Inspiração lhes assegurara que a glória da casa em construção ultrapassaria a da primeira. Assim, contando com a fé, numa segura expectativa de que Deus manteria sua palavra, os construtores envolveram os alicerces com louvores. Mas o mesmo acontecimento provocou lágrimas e gritos de júbilo. Os velhos recordavam o passado, e comparavam a condição empobrecida e inferiorizada de seu povo com as multidões opulentas que tinham lotado os pátios do templo de Salomão, e não podiam conter as lágrimas. Os moços, a nova geração, não tinham o mesmo retrospecto nem os mesmos ideais e, cheios de esperança em vista das novas perspectivas, não podiam reter os gritos de júbilo, que eram ouvidos ao longe. “Nós vimos”, diziam os anciãos, “e os velhos tempos eram melhores do que estes.” “Nós veremos”, diziam os moços, “e faremos os dias futuros melhores que

todos os que já existiram desde o princípio do mundo!”

ESDRAS 4.1-10

A Oposição à Construção do Templo. Se alguém leva uma vida apática e inofensiva, o inimigo não o incomodará, mas, assim que começar a construir o templo de Deus, pode contar com a tenaz oposição dele. Quando estamos vivendo tranquilamente no dia-a-dia sem muita tentação, podemos desconfiar que pouco estamos fazendo para destruir o mal e construir o bem. Mas quando o maligno nos ataca com ódio virulento isso é um bom sinal de que seu reino está sofrendo pesados danos. Vivamos de tal modo que possamos dar ao diabo uma boa razão para temer-nos e odiar-nos. Existe um que é mais forte do que ele.

Precisamos tomar cuidado com a proposta de fazer alianças com os ímpios. Os argumentos deles podem parecer muito bonitos e apelar para uma falsa liberalidade de sentimentos, mas esse cálice de ouro contém veneno, e sob o beijo está a mão do traidor. É por isso que muitos empreendimentos promissores têm fracassado. Eles pareciam constituir uma boa base para cooperação com o falso e falsificado Israel, mas terminavam em desilusão e frustração. Embora os judeus provocassem intenso ódio e oposição dos seus pseudo-ajudadores, sua decisão de manter a separação foi amplamente confirmada pelo resultado. O velho provérbio nos lembra que nunca devemos confiar em nossos inimigos quando eles oferecem lisonjas e presentes.

ESDRAS 4.11-24

O Efêmero Triunfo do Inimigo. Os rementes dessa carta eram descendentes dos colonos pagãos que haviam sido enviados à terra pelos assírios (2 Rs 17.24). Era dirigida a Artaxerxes, monarca então reinante, e parece que Esdras a copiou dos arquivos da Pérsia, porque, no original, está escrita na língua caldeia. Notemos que, agora, pela primeira vez, os israelitas são chamados judeus (v.12). Os inimigos exigem que a construção do templo seja sus-

pensa no próprio interesse do rei. A secreta inimizade ao reino de Deus está muitas vezes camuflada por uma pretensa dedicação a César (Jo 19.12). Nós, também, temos nossa manutenção vinda do Deus do céu, também somos assalariados do Rei (v. 14); e jamais deveríamos permitir que seu nome fosse desonrado sem nos empenharmos para impedi-lo. O rei foi enganado pelas exposições deles, e mandou que o trabalho cessasse. Mas é provável que isso se tivesse devido em parte à passividade dos judeus, que já andavam desanimados em seus esforços (Ag 1.2-9). A reconstrução do templo esteve parada durante o reinado de Cambises e Magia Smerdis; mas, no segundo ano de Dario Histapes, ela recomeçou, e foi concluída em quatro anos, ou, contando desde o começo, dezoito anos (Zc 8.9; Ag 2.18).

ESDRAS 5

A Missão de Ageu e Zacarias. É necessário ler os livros de Ageu e Zacarias para ver as dificuldades que os líderes do povo tiveram de enfrentar, e o quanto precisaram do auxílio dos profetas. Por fim, por causa da queda nas colheitas, os problemas se agravaram, o que proporcionou mais argumentos aos profetas. Quando os castigos de Deus se fazem sentir por toda a terra, os homens aprendem a justiça. Assim que a reconstrução recomeçou, após um intervalo de quinze anos, os inimigos enviaram outra carta à metrópole para indagar como deviam agir. Parece que Tatenai foi instigado pelos samaritanos, e fez uma visita de inspeção. Seu relatório acerca do que acontecia é muito descritivo. O olhar de Deus está sobre aqueles cujo coração é perfeito para com ele (v. 5; 2 Cr 16.9; Sl 33.18). É muito bom imitarmos esses anciãos, respondendo com brandura e temor, mas sem deixar que nossos adversários nos aterrorizem (1 Pe 3.12,15). Se Deus, de modo claro, nos separou para trabalharmos para ele, vamos levar esse trabalho a cabo apesar de toda oposição humana. Essas tempestades são os métodos por meio dos quais ele revela nossa fra-

queza bem como sua total suficiência. As paredes do templo espiritual estão sendo levantadas em tempos tormentosos, mas a obra caminha depressa. Os governadores deste mundo não podem entender e rangem os dentes impotentemente. O plano de Deus subsistirá, ainda que a terra se levante em armas tentando resistir-lhe.

ESDRAS 6

Bem-Sucedido num Trabalho Difícil. Quanta coisa dependia do encontro daquele rolo! Mas Deus sabia onde ele estava, e os levou a descobri-lo, e inclinou Dario a ratificá-lo. Quando nos sentimos ansiosos e perturbados acerca das nossas relações com nossos semelhantes, não adianta nada nos entristecermos; será melhor confiarmos. Documentos perdidos, corações estremecidos, medidas embaraçadas, entreguemos tudo às mãos de nosso Pai que está operando em nosso favor. A dificuldade levantada pelos inimigos dos judeus na verdade redundou em benefício destes, porque o rei decretou que suas despesas fossem pagas, e suas necessidades supridas. Quando vivemos de acordo com o plano de Deus e necessitamos de recursos materiais para o seu trabalho, ele cuida para que eles venham das fontes mais improváveis, e que até os rendimentos de monarcas pagãos sejam incluídos nessa contribuição.

Concluída a casa, foi dedicada (v. 16). Quanta alegria havia ali, mas, no meio de tudo, a sombria lembrança do pecado de todo o povo de Israel. Embora espalhados pelos quatro ventos, eles não podiam se esquecer de que, à vista de Deus, eles ainda eram um. É muito provável que os Salmos 146-150 tenham sido compostos por esse tempo. Na Septuaginta são chamados “os Salmos de Ageu”. Holocausto e louvor andam juntos (2 Cr 29.27). Após a dedicação do templo, a celebração da Páscoa. Nossa participação no banquete do Cordeiro pascal de Deus deve sempre ser precedida de separação, e desse estado espiritual originam-se influências que produzem a verdadeira unidade e a unificação dos filhos de Deus.

ESDRAS 7.1-18

Uma Viagem Missionária. Um intervalo de sessenta anos se interpôs entre os acontecimentos dos capítulos 6 e 7, e, nesse meio tempo, ocorreram os fatos registrados no livro de Ester. Esse capítulo está cheio de pensamentos inspirativos. Notemos a descrição do caráter de Esdras — “um escriba versado” (v. 6). Ele não só conhecia a lei, mas dispôs o coração para “buscar... e cumprir” (v. 10). A única maneira de compreender a Escritura é estar disposto para cumpri-la. Que contraste com Mateus 23.3! Não sejamos como uma placa de sinalização, que orienta o viajante mas não dá um passo na estrada que indica. Notemos o segredo do sucesso de Esdras: “A boa mão do seu Deus”. Essa é uma frase característica de Esdras e Neemias. Aquela mão responde a oração (v. 6); faz-nos ir mais depressa, não apenas em lombos de animais, mas também em trens de ferro (v. 9); e nos fortalece para o serviço (v. 28). A forte e terna mão de Deus está colocada sobre nossas mãos, como as de um pai nas do filho que está aprendendo a retesar o arco (Gn 49.24). *E, quando a mão de Deus está sobre nós, está também sobre outros, preparando-os para auxiliar-nos. Quando Deus precisa de um instrumento, ele vem a homens com o espírito de Esdras.*

ESDRAS 7.19-28

A Generosidade de um Rei. A missão de Esdras era muito ampla. Os que oficiavam ou assistiam no serviço do templo estavam isentos de taxaço. Foi dada plena permissão para se apropriarem de todas as ofertas voluntárias em dinheiro. Ordenou-se também que recebessem suprimento de alimento e outras necessidades. Ele foi, também, nomeado governador de todos os judeus a oeste do Eufrates. A concessão real foi muito generosa. Aí estava a coheita das orações e das lágrimas de Daniel. Deus operou para com seu povo infinitamente mais do que tudo quanto eles tinham pedido ou pensado. Notemos como o amor de Esdras para com a lei de Deus impressionou

Artaxerxes a ponto de ele convencer-se de que ela era perfeita. Ele determinou que a vontade de Deus fosse a suprema corte de referência para Esdras e seus irmãos ao disporem das ofertas voluntárias. Posteriormente determinou que procedessem exatamente de acordo com as ordens do Deus do céu, e ordenou que todos os que se recusassem fossem punidos. Tão grande era seu respeito pela lei que praticamente deixou Esdras fazer o que entendesse ser o melhor. Essa reverência para com a lei de Deus vinda de um monarca pagão nos envergonha. Procuremos exaltá-la mais nós também! Sejamos o povo do Livro e o exaltemos, como por ele somos exaltados, até na opinião daqueles que não o reverenciam!

ESDRAS 8.1-23

Oração em Conjunto Pedindo Direção. O número de homens que acompanharam Esdras totalizava 1.754, mas as mulheres e as crianças elevariam o número total a cerca de 7.000. A falta de levitas era muito séria. Eles teriam de estar entre os primeiros. Por isso, uma delegação foi enviada ao lugar onde eles eram instruídos, e aqui, de novo, está a menção da “boa mão de Deus”. Algumas vezes o coração está disposto e à espera de serviço, bastando apenas uma palavra ou apelo para completar seus planos. Esse trecho sempre contém um especial interesse para os que estão-se aventurando no novo e no desconhecido. Nós vemos o acampamento em Aava; o envio dos chefes em busca de sacerdotes; a espera da chegada deles; o reconhecimento de que a mão de Deus enviara um homem entendido; depois, o jejum e a oração pedindo a proteção. Quase chegamos a ver o pequeno grupo prestes a mergulhar no inóspito e perigoso deserto, passando horas em oração, e impedidos de requisitar uma escolta, o que invalidaria a palavra de confiança dada pelo seu líder. Como deveríamos ser cuidadosos em não fazer nada que fosse inconsistente com a altiva posição que nos dá a fé no poder protetor de Deus! Busca-o, ó minha alma, e ele

será encontrado, e sua mão será sobre ti para o bem.

ESDRAS 8.24-36

Ações de Graça Pela Segurança e Pelo Sucesso. Deus confia às nossas mãos, primeiro, o rico tesouro e o solene encargo de nossa própria alma, e, depois, o grande depósito do evangelho (1 Tm 1.11; 6.20). Para que possamos cumprir essa sagrada tarefa precisamos ter pureza: “Vós sois santos”; e uma vigilância constante: “Vigiai”. Havia emboscadas e ciladas ameaçando a segurança deles, mas o inimigo foi incapaz de romper o cerco divino (v. 31). Como estamos seguros, nós que vivemos em Deus! Que alegria quando o pequeno grupo pesou os utensílios e se desincumbiu da tarefa (Lc 19.16). Não é esse um quadro de nossa entrada no céu, quando nós também reconhecemos a boa mão do Senhor e sacrificaremos nossos holocaustos de ações de graça? Esse incidente não é exceção. Certamente todos aqueles que se colocam à sombra da asa de Deus experimentarão semelhante cuidado. Contase, e não temos por que duvidar, que durante a Guerra Civil Americana, nenhum dos quacres, pacifistas convictos, sofreu perdas por ação das tropas de nenhum dos lados. “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra.” Os que jejuam e oram em busca do auxílio de Deus, devem lembrar-se de dar-lhe graças quando o socorro vier.

ESDRAS 9

A Tristeza de um Líder Pelos Pecados do Seu Povo. A mistura da santa semente com povos pagãos foi sempre a maldição de Israel, e tem sido uma provação para os filhos de Deus em todos os tempos. Será que nós trememos suficientemente ante as palavras do Deus de Israel, por causa dos nossos pecados e dos outros? A humilhação e a angústia de alma experimentadas por Esdras e seus companheiros nos deixam envergonhados. Podemos ficar indignados contra o pecado, mas não o vemos do ponto de vista de Deus. Notemos a humildade com que ele orou: “Estou confuso e envergonhado para

levantar a ti a minha face”; sua confissão vicária de pecado; seu reconhecimento da graça de Deus concedendo-lhes um pequeno avivamento; sua descrição do agravamento do erro que havia dado ao pecado deles coloração mais forte. A intenção de Deus era que Israel vivesse em Canaã como um povo separado. A própria terra não poderia oferecer-lhes seus frutos, nem permanecer como herança deles para sempre, a não ser sob a condição da fidelidade do povo a Deus. Depois de fazermos a confissão de pecados, permaneçamos diante de Deus suplicando perdão, aceitação e purificação através do precioso sangue de Cristo (1 Jo 1.7).

ESDRAS 10

Desfazendo os Casamentos Mistos. Parece que o povo ficou mais impressionado com a intensa tristeza de Esdras do que teria ficado com uma severa condenação. Não é esse o segredo de levar os homens a abandonar seus maus caminhos? Mas não devemos gastar todas as nossas energias em lágrimas; devemos agir quando temos oportunidade. Secanias não estava implicado, mas seu pai e outros parentes próximos estavam (v. 26). Podemos fazer nossas as palavras deles (v.2). Sempre há esperança para o homem que se arrepende e afasta o mal. É muito animador quando homens importantes apóiam o reformador, mas, quer o façam ou não, há Alguém que não o deixa nem o abandona (Hb 13.5,6). Era preciso uma solução drástica; parecia uma medida muito dura, e deve ter ocasionado muito sofrimento. Provavelmente, se alguma esposa se converteu verdadeiramente ao Deus de Israel, ela deve ter sido conservada. Deus exige o sacrifício de qualquer coisa que se interponha entre nós e ele, mesmo que seja muito querida (Mc 9.43; Mt 10.37). Não há autorização para uma ação assim em nossos dias. O processo do evangelho é dado em 1 Coríntios 7.12,13. Uma assembléia solene foi convocada no mês de dezembro, a estação mais fria e mais chuvosa do ano. Por fim, foi indicado um tribunal de investigação que funcionou durante

cerca de três meses. O pecado parece ter sido erradicado temporariamente, embora voltemos a encontrá-lo mais tarde (Ne 13.23; Ml 2.11). Cada geração repete os pecados das gerações

precedentes, sem dar atenção às suas amargas experiências. Para se enfrentar e subjugar os pecados individuais e nacionais, é necessário não o estudo da história, mas o Espírito de Deus.

O LIVRO DE NEEMIAS

Reconstrução e Reforma



1. A CONSTRUÇÃO DO MURO 1-7.
 - a. A expedição de Neemias a Jerusalém 1, 2.
 - b. A designação dos trabalhadores e suas tarefas 3.
 - c. A oposição de Tobias, Sambalá e Gesém 4, 6.
 - d. Neemias corrige a injusta usura entre os judeus 5.
 - e. A conclusão do muro e o recenseamento da cidade 7.

2. RENOVANDO A VIDA RELIGIOSA; REFORMA 8-13.
 - a. A leitura pública da lei; a Festa dos Tabernáculos 8.
 - b. A renovação da aliança 9-10.
 1. O jejum nacional 9.1-3.
 2. A oração dos levitas 9.4-37.
 3. A aliança é selada 9.38-10.39.
 - c. A distribuição da população; o recenseamento dos sacerdotes 11.1-12.26.
 - d. A dedicação do muro 12.27-47.
 - e. A purificação do templo; reformas quanto ao sábado e casamento 13.

INTRODUÇÃO

Depois dos eventos registrados na narrativa de Esdras, ele continuou seus labores em Jerusalém mais uns doze anos e cooperou ativamente com Neemias, para cuja história nos voltamos agora. Na verdade, embora esse livro fosse, em sua maior parte, escrito por aquele que lhe dá seu nome, certas partes dele foram, provavelmente, escritas pelo hábil escriba, Esdras, que passou os últimos anos de sua vida reunindo os livros sagrados num só volume, e completando o cânon da Escritura, no que diz respeito ao Antigo Testamento. Neemias nasceu no exílio. Na primeira parte de sua vida esteve exposto a grandes tentações, embora a posição que ocupava na corte persa fosse uma posição honrosa. Mas permaneceu fiel, consagrado, simples, patriota e piedoso; evidentemente, ele foi apreciado pelo monarca pagão como um servo bom e fiel — “um verdadeiro israelita em quem não havia dolo”.

Ele chegou a Jerusalém treze anos depois de Esdras, com a posição de governador da província, e com total autoridade para reconstruir os muros, que, não obstante a edificação do templo, continuavam abandonados. Sua administração durou cerca de trinta e seis anos. O segredo de sua eficiência estava em seu hábito de constantemente apresentar todos os problemas a Deus, e disso encontraremos abundantes evidências à medida que formos prosseguindo. O livro está cheio de expressões que revelam sua sinceridade. Neemias foi um homem simples, caracterizado principalmente por humildade e pureza de intenções, e revelando o vigoroso poder que pode ser exercido por alguém que não tem outro propósito na vida nem outro poder que não estejam centralizados em Deus.

COMENTÁRIO

NEEMIAS 1

A Oração de um Patriota. Embora vivendo no luxo, no palácio de inverno dos reis persas, o coração de Neemias era profundamente sensível a tudo que afetava seu povo. Mas ele passava das lágrimas para a oração, do homem para Deus. Ah! Se pudéssemos suspirar e gemer por causa das rachaduras e brechas da Igreja de Deus. Teríamos muito mais sucesso em nossa atuação junto aos homens se, como Neemias, buscássemos mais intensamente a Deus. Gordon (um grande general inglês crente) costumava dizer que antes mesmo de ver seus inimigos já os enfrentara e vencera. Essa oração de Neemias é muito bela, saturada de citações da Escritura, e foi eficiente com Deus porque se baseava em sua própria Palavra. Ela estava molhada em lágrimas de contrição pelo pecado, e oferecida “dia e noite”, sem cessar. Nem era solitária, porque parece que havia um pequeno grupo que orava com ele (v. 11). Senhor, ensina-nos a orar assim, até que outros venham ajoelhar-se conosco. Eis aqui uma boa petição para

fazermos quando rumarmos para cumprir nossos deveres diários, nos quais tanta coisa depende da atitude dos nossos semelhantes. “Concede que seja bem-sucedido hoje o teu servo, e dá-lhe mercê perante este homem.”

NEEMIAS 2.1-11

A Dedicção de um Patriota. O sétimo mês corresponde ao nosso mês de março ou abril, por onde se vê que haviam-se passado quatro meses desde que Neemias se dedicara à oração especial. Entre a segunda pergunta do rei e a resposta de Neemias, o simples copeiro encontrou tempo para orar ao Deus do céu. Então, com a garantia de que Deus estava com ele, não hesitou em pedir coisas grandes: que ele pudesse ser enviado à cidade de seus pais para reconstruí-la, e que pudesse receber todos os materiais necessários para a construção. Mas ele é cuidadoso em registrar que todos os seus pedidos foram atendidos, não pela clemência do rei, mas de acordo com a boa mão de Deus. Será que nós reconhecemos também essa boa mão? Aqui vislumbramos um pouco do que se pas-

sava no coração desse homem. Ele sentia que Deus havia posto ali seu santo propósito. E não hesitou em confessar isso aos judeus e, em meio à oposição e escárnio de seus inimigos, fortaleceu-se ele em seu Deus, certo de que ele não o teria levado até ali só para depois envergonhá-lo. Asseguremo-nos de que estamos ao lado de Deus e nada nos será impossível.

NEEMIAS 2.12-20; 4.1-12

Enfrentando o Ridículo e a Traição. A suspeita. Sambalá, provavelmente, era moabita, natural de Horonaim; Tobias tinha sido escravo. Há muitos descendentes desses dois homens, hoje, em todas as igrejas cristãs, criando obstáculos à obra de Deus. Esse homem corajoso enfrentou a zombaria deles e o pessimismo do povo, com uma fé firme e grande confiança na boa mão de Deus (v. 18). Como nossas dificuldades parecem pequenas quando expostas à vista do Deus do céu! *A censura* (4.1-6). Sempre que a obra de Deus revive é certo surgir também difamações e censuras. Replicar é um erro. Entreguemos nossa causa a Deus e prossigamos com nosso trabalho. Desde que *ele* esteja satisfeito importa muito pouco o que dizem os homens. Tivesse Neemias conhecido a mensagem de Cristo, não teria orado como fez no versículo 5. O Senhor nos ensinou a interceder por nossos inimigos (Mt 5.44). Mas imitemos o zelo de Neemias pelo nome de Deus, e lembremos que o aumento do conhecimento significa aumento da responsabilidade (Mt 11.11). *Oposição ativa* (vv. 7-12). Em tempos de hostilidade, nossos amigos e aliados são inclinados a tornar-se cada vez mais desanimados e a aconselhar a suspensão de nosso trabalho. “Não podemos”; mas a fé olha só para Deus e prossegue triunfalmente em seu caminho.

NEEMIAS 4.13-23

A Vitória da Coragem e da Dedicção. A obra de reconstrução das ruínas de Sião é típica de nossos esforços para neutralizar a deterioração que está sempre operando em nosso próprio coração, na igreja, e na sociedade. Todo que tentar realizar essa obra estará sujeito a hosti-

lidades, encobertas ou declaradas. Essa atitude retratada aqui é muito sugestiva; a espada à cintura, a lança numa das mãos e a colher de pedreiro na outra. Assim trabalhavam, com os ouvidos atentos ao som da trombeta, prontos para qualquer emergência, e seguros, ainda, de que Deus lutaria por eles. Todo o povo de Deus deveria fazer causa comum contra o inimigo comum. Nós nos mantemos de pé ou caímos juntos (v. 20). Nossas mãos devem estar familiarizadas com a espada para enfrentar-mos o ataque de nossos inimigos espirituais, e com a colher de pedreiro para contribuirmos com o nosso pouquinho de trabalho para a construção do reino de Deus.

NEEMIAS 5

Assegurando Justiça Para o Pobre. As perspectivas dos pobres entre os exilados que retornaram eram deploráveis. As chuvas tinham sido insuficientes e a colheita escassa (Ag 1.6-11). Tinham hipotecado suas terras aos seus irmãos mais ricos, e até vendido seus filhos para pagarem os impostos reais e procurarem meios de subsistência. Os ricos haviam tirado proveito das necessidades deles, oprimindo-os com cobranças pesadas e onerosa usura. Quando Neemias ficou a par disso, parece que se opôs ao erro com enérgico protesto, contando com Deus para ampará-lo. E numa grande assembléia ele conseguiu a vitória sobre o inimigo contra o egoísmo e a ganância. Não há nada aqui condenando hipotecas ou juros em si mesmos. Eles constituem um legítimo método de comércio, exceto quando são usados para se tirar proveito indevido das necessidades de um irmão. Os versículos 14-19 evidentemente foram acrescentados num período subsequente ao resto do capítulo, e relatam a prática administrativa de Neemias. Como esse livro está cheio de orações curtas, exclamativas! Até mesmo no momento em que escrevia, esse homem sincero levantava os olhos para Deus!

NEEMIAS 6

Uma Grande Tarefa — Uma Proteção Contra o Perigo. Quantas vezes Satanás tenta afastar-nos de nosso trabalho para Deus!

Ele não pode suportar ver-nos tão ardentemente engajados nos negócios do Mestre e, por isso ergue toda espécie de obstáculos e hostilidades. No meio de tudo isso temos apenas um dever a cumprir. Precisamos dedicar-nos ao nosso trabalho. Só temos uma resposta: “Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer; por que cessaria a obra?” Se cuidarmos do negócio de Deus, ele cuidará de nossa segurança. Os falsos amigos, que profetizam em nome de Deus, são mais para serem temidos do que os inimigos declarados. Precisamos aprender a discernir os espíritos. O conselho que tem sabor de interesse pessoal deve ser olhado com desconfiança. Observemos que Neemias considerou que ter medo teria sido pecado. Mas Deus estava ao lado daquele pequeno grupo em meio aos perigos, e o muro foi concluído apesar de toda oposição (1 Co 15.58).

NEEMIAS 7.1-8, 36-73

Cidadãos de Elevado Espírito Público. É provável que Neemias, ao concluir a primeira parte do seu empreendimento, a construção dos muros, tenha voltado à corte persa e tenha deixado Hananias e seu irmão como encarregados interinos até que pudesse conseguir permissão para o prolongamento de sua missão. O caráter de Hananias está bem descrito no versículo 2. São características esplêndidas — fiel e temente a Deus (1 Co 4.2). O bom senso, através do qual Deus operou, ditou a política de designar que cada homem guardasse sua propriedade pessoal (v. 3). A extensão dos muros da cidade evidentemente tinha sido demarcada pela fé, como ordenado em Zacarias 8. O registro parece ter monopolizado muito da atenção desses exilados que voltaram, e era necessário, não somente que cada um pudesse herdar a propriedade de seus ancestrais, mas que se pudesse estabelecer a ascendência do Senhor até Davi. Devíamos ter muita certeza de que nós e os nossos queridos estamos incluídos no registro de Deus. Não podemos reivindicar a nossa herança a menos que sejamos herdeiros através do novo nascimento (Rm 8.16, 17).

NEEMIAS 8

Uma Nova Luz Emana da Lei de Deus. Com toda a certeza essa foi a primeira leitura pública da Bíblia! Quando será que pessoas voltarão a sentir-se famintas da Palavra de Deus como esses judeus que permaneceram ao ar livre desde a alva até ao meio-dia? Que reverência para com a Palavra! “Abrindo-o ele, todo o povo se pôs de pé.” Que santa adoração! “Esdras bendisse ao Senhor, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém!” Que modelo para todos nós! “Dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia.” E como ela falou ao coração deles! “Todo o povo chorava, ouvindo as palavras da lei.”

Não há nada que nos enfraqueça mais que um remorso exagerado. Uma contrição espiritual é salutar e proveitosa, mas a tristeza excessiva nos incapacita para os nossos deveres. Portanto, é bom cultivar a santa alegria; a alegria do pecado perdoado, daquele que é aceito por Deus, a alegria da esperança que, como âncora, nos prende ao invisível e não pode ser envergonhada. Pode acontecer de alguém não poder alegrar-se em si mesmo nem em seu ambiente, mas pode alegrar-se sempre no Senhor.

NEEMIAS 9.1-21

A Mão de Deus na História. Que bênção resultou do estudo da Bíblia no capítulo anterior. Levou o povo a confessar, a separar-se de más companhias e a cultuar a Deus. É bom rever as ações do Senhor em nossa vida e na de nosso povo no passado. Em nossa experiência, há cumes onde a atmosfera é clara, e podemos ver o caminho pelo qual fomos conduzidos. Em tais ocasiões enxergamos o grande Ordenador de nossa vida acima das causas secundárias, e nossa história passa a ser uma perpétua afirmação do “Tu”. A história dos procedimentos de Deus com Israel é um resumo de seus procedimentos para conosco. A escolha de Abraão em Ur, a libertação do Egito, as peregrinações no deserto, a terra de descanso — todos esses fatos têm seus correspondentes na história de nossa vida. Lado a lado com a história do cuidado de Deus corre a história da transgressão (vv. 16-18). Os

fios áureos e negros estão estreitamente entrelaçados. Mesmo em meio às melhores dádivas de Deus nós caímos em pecado; e apesar disso ele nos concede seu bom Espírito, e não retira de nós o maná que prometeu (v. 20).

NEEMIAS 9.22-38

O Castigo da Ingratidão e da Desobediência. O tema dessa oração é a misericórdia divina baseada em sua aliança com o povo. Por maiores que fossem os pecados do povo escolhido, Deus nunca se desviou da antiga promessa feita aos pais deles. Por meio do seu Espírito, ele testificou contra eles e os castigou por seus pecados. Permitiu que fossem oprimidos por seus inimigos e levados para o cativeiro. Mas, quando voltaram e clamaram por seu socorro, descobriram que suas múltiplas misericórdias estavam à espera deles para recebê-los, perdoá-los e restaurá-los. Estavam conscientes de que não havia nada neles, e nem em seus pais, que explicasse esses maravilhosos procedimentos, e o segredo disso só podia estar em “tuas misericórdias”. Nessa hora de dor, voltaram para ele e fizeram uma aliança fiel. Mas, infelizmente, nem mesmo promessas escritas prendem o obstinado coração do homem. Que retrato há aí de nossa própria vida, e quantas vezes todas essas experiências se repetiram em nós! Felizmente para nós, agora somos representados, não por nossas promessas e orações, mas por Jesus Cristo, em quem permanecemos e somos aceitos e guardados.

NEEMIAS 10.28-39

Um Juramento de Melhor Serviço. O capítulo 10 começa com a lista dos que assinaram a aliança, e o fizeram em nome do povo. A aliança de consagração envolvia: primeiro, obediência; depois, a pureza da santa semente impedindo casamentos com gentios; a seguir, a observância do sábado e do ano sabático. Além disso a contribuição anual para a manutenção do culto divino.

A grande falha dos cristãos é a falta de método na distribuição de sua renda. A contribuição delas é feita de acordo com os impulsos do momento e, assim, dão apenas uma pequena fração de seus

recursos para a causa de Deus. Deveríamos dar pelo menos um décimo, e tudo mais que pudermos oferecer. Se ao menos todos os que lêem estas palavras se decidissem a imitar esses exilados pobres, e separar o dízimo de tudo que ganham e recebem, descobririam a satisfação de dar e um novo prazer no receber. As primícias dos aumentos de salário e de renda deveriam, também, ser entregues a Deus, como um tributo de ações de graça. Façamos com que a primeira produção do galinheiro, do pomar e do campo seja dele. Não negligenciemos nem abandonemos a casa de Deus (v. 39).

NEEMIAS 12.44-13.14

A Negligência dos Deveres Religiosos. Nos versículos 44 a 47 temos o registro do cuidado que foi demonstrado em relação ao sustento digno dos que ministram as coisas sagradas. Como resultado, o povo irrompeu em canto e gozou de uma santa alegria. Abramos espaço em nossa vida para os cânticos e louvores (Sl 33.1). No início do capítulo 13 vemos como a Palavra de Deus corta o mal como uma espada bigúmea. Felizes são os que atendem às suas solenes advertências. A lei mencionada aqui era Deuteronômio 23.3-5. Tobias era amonita, e foi terrível o sumo sacerdote não somente estar ligado a ele pelo casamento, mas ter retirado os materiais do templo de maneira a criar espaço para ele no edifício sagrado. A influência de Tobias era tão grande que os demais evitavam aplicar a lei de separação contra ele. Quando Neemias voltou à terra após uma longa estada na Pérsia, lançou fora os móveis de Tobias e restaurou a câmara à sua finalidade correta. Se nós cedermos uma câmara de nosso coração a algum Tobias, precisamos estar preparados para agir de igual modo.

NEEMIAS 13.15-31

Um Povo Desobediente e Contraditório. Seja qual for nossa vida exterior lembremos de guardar o sábado perpetuamente em nosso coração. Nesta vida há um descanso sabático para o povo de Deus (Hb 4.9), mas devemos esforçar-nos para entrar nele e permitir que o anjo da paz guarde a porta contra quaisquer intru-

vas (Fp 4.7). Vinte anos antes Esdras tinha mandado embora as esposas estrangeiras, mas o mal voltara a surgir. Mas como, infelizmente, os filhos revelam as incoerências de seus pais e o mal dos casamentos mistos! Estamos vendo muito disso ao nosso redor; e onde existe uma união assim, é quase certo que a balança vai pender a favor do mundo e contra a piedade vital (Dt 7.4; 2 Co 6.14). Neemias não hesitou em acrescentar ações fortes às fortes pala-

vas. Josefo diz que esse sacerdote expulso foi Manassés, e que ele procurou seu sogro, Sambalá, que construiu para ele no monte Gerizim um templo semelhante ao de Jerusalém, e que foi isso que deu origem à rivalidade religiosa e ao ódio entre os samaritanos e os judeus (Jo 4.20). Esse servo fiel e o ladrão agonizante se reúnem na mesma petição (v. 31). Ser lembrado por Jesus Cristo é recompensa bastante para qualquer um de nós!

O LIVRO DE
ESTER

Livramento de Desastre Nacional



1. A TRAMA PARA DESTRUIR A NAÇÃO JUDAICA 1-3.
 - a. A deposição de Vasti 1.
 - b. A ascensão de Ester 2.1-18.
 - c. O serviço de Mordecai ao rei 2.19-23.
 - d. A promoção de Hamã 3.1-6.
 - e. A trama de Hamã contra os judeus 3.7-15.
2. REVELADA A TRAMA 4-7.
 - a. O apelo de Mordecai a Ester 4.
 - b. O aparecimento de Ester diante do rei 5.1-8.
 - c. Hamã antegoza a morte de Mordecai 5.9-14.
 - d. Hamã obrigado a honrar a Mordecai 6.
 - e. A queda e a execução de Hamã 7.
3. FRUSTRADA A TRAMA 8-10.
 - a. O apelo de Ester por seu povo 8.1-9.
 - b. O edito do rei para que se defendessem 8.9-17.
 - c. Os judeus matam os seus inimigos 9.1-16.
 - d. Estabelecida a Festa do Purim 9.17-32.
 - e. O renome de Mordecai 10.

INTRODUÇÃO

Esse é um admirável registro da divina providência. Nos livros precedentes vimos como Deus velava pelos judeus que voltaram do cativeiro. Esse nos conta como os que ainda permaneciam no exílio, dispersos por todo o grande mundo pagão, foram maravilhosamente preservados. Embora o nome de Deus não ocorra neste livro, todavia sua mão está manifesta em todo ele. O seu nome não aparece muitas vezes na imprensa diária, que registra a história de nossos tempos; todavia podemos perguntar se as obras de Deus não estão, também, ali claramente registradas. Verdadeiramente o nosso Deus algumas vezes se esconde.

A época em que ocorrem esses fatos situa-se entre a ida de Zorobabel para Jerusalém e a de Esdras. O império persa alcançara as culminâncias de sua glória, estendendo-se do rio Indo ao Mediterrâneo. Supõe-se que o Assuero aqui mencionado foi Xerxes, o invasor da Grécia. A festa mencionada no capítulo 1 coincide com a data do grande conselho que ele convocou para decidir acerca da invasão. Seu palácio de inverno era em Susã, e sua corte se entregava a festanças e excessos. Sustentam alguns que o livro é um excerto dos registros imperiais da época, e foi extraído dele, talvez, por algum judeu piedoso, Mordecai ou algum outro, que na ocasião era um historiador. Se esse foi o caso, isso explicaria os inúmeros parênteses e explicações que são inseridos, que não seriam necessários para leitores judeus comuns.

COMENTÁRIO

ESTER 1

A Nobre Recusa de Vasti. O livro inicia-se com uma festa real que durou seis meses (vv. 1-9). Talvez os príncipes viessem das regiões que governavam para participar dela, obedecendo a um rodízio. Terminava com um banquete, franqueado a todas as pessoas que moravam em Susã, grandes e pequenos. Sempre que os homens são dominados pelo vinho, as mulheres correm sério perigo. Grosseria, indelicadeza, impureza entram pela porta que foi destrancada pelo excesso de bebida. Quem pode dizer quanta angústia a intemperança do homem tem causado a mulheres, crianças e animais! Aqui temos um vislumbre de uma nobre mulher que respeitava bastante a si própria, a ponto de recusar um pedido, inteiramente estranho aos costumes do tempo, que proibiam a uma mulher aparecer em público. Naturalmente o rei ficou irado, ainda mais que ele sabia que estava errado. Ele tinha autoridade sobre 127 províncias, mas não podia governar seu próprio espírito, e

o senso de fraqueza moral é sempre irritante. Ele consultou seus conselheiros, que se sentiram muito felizes em concordar com seu capricho e disposição de espírito. A resposta deles foi que era um dever público que o rei se divorciasse de Vasti, objetivando uma repressão à insubordinação das esposas em todo o império. Os homens nem sempre merecem confiança quando legislam acerca das mulheres, ou com respeito à dignidade delas. Quando o vinho os domina pode-se esperar que digam e façam coisas muito estúpidas. Com muito acerto se tem dito que todo Assuero tem seu Memucã, um homem bajulador e parasita, que preservava sua influência por oferecer-lhe caprichos e sensualidades.

ESTER 2

O Serviço de um Estrangeiro. O nome hebraico de Ester significa "mirto". É possível que não fosse fácil para ela conservar sua doce simplicidade no meio das corrupções de seu tempo, mas seu nome persa significa "uma estrela", como se ela fosse um jardim fechado,

envolvido pela atmosfera da pureza e proteção divinas. Não devemos julgar Ester por nossos próprios padrões, mas pelo costume do seu tempo. Cada uma dessas moças era considerada casada com o rei, era guardada sob seu teto, e era uma espécie de esposa inferior. Como é grande a influência do cristianismo que eleva nosso padrão moral e permeia o mundo da mais alta moralidade! Ela não recebeu ordem para negar sua ascendência, mas somente foi aconselhada a não proclamá-la (v. 10). Mas depois, quando foi elevada ao poder, ela não vacilou em identificar-se com sua raça. Assim, atingiu a mais elevada posição social a que uma mulher podia aspirar. Deus a colocou ali para servir a um elevado e nobre propósito. Seu parente, Mordecai, descobriu uma trama contra o rei e contou à sua prima, a rainha, e ela ao seu esposo real. O ato não foi recompensado; entretanto, o fiel guarda da porta não se sentiu decepcionado. Não agira pela recompensa, mas movido por um senso de dever. Mas o ato foi registrado tanto no céu como na terra e produziu muito fruto. Para nós basta cumprir nosso dever e agradecer a Deus.

ESTER 3

O Preconceito Racial Gera Ódio. Diz Josefo que “agagita” significa um descendente de Agague, o nome comum para os reis amalequitas (Nm 24.7). É provável que se exigisse uma espécie de homenagem religiosa a Hamã, e isso, Mordecai não podia tolerar, nem por um momento. Teria sido tão errado quanto mostrar-se diante da imagem de ouro de Dura. Por isso ele se recusou firmemente. Que crueldade diabólica essa: destruir uma nação para satisfazer a um rancor pessoal! A decisão foi tomada no primeiro mês, quando Ester já passara cinco anos como rainha; mas o sorteio para a sua realização caiu no décimo segundo mês, de modo que Ester tinha doze meses para impedir o plano. Evidentemente a disposição da sorte viera de Deus (Pv 16.33). O suborno, que Hamã esperava obter dos despojos dos judeus assassinados, sem dúvida ajudaram a preparar o caminho e inclinar o rei para

atender ao seu pedido. O assunto foi logo resolvido, e os mensageiros levaram o edito aos mais distantes pontos do reino. Isso nos faz lembrar o decreto para o massacre dos huguenotes. Mas Deus estava por cima de tudo. Os mais violentos ataques são inúteis contra ele (Sl 2.4). Ele não deixará que o erro arbitrário vá além de um certo ponto (2 Rs 19.28). Abriguemo-nos nele e teremos paz (Is 54.14).

ESTER 4

Uma Oportunidade Para Uma Demonstração de Amor Patriótico. Parecia que a nação inteira seria eliminada para satisfazer ao ódio de Hamã, e Mordecai sabia que fora ele a causa da trama. É evidente que Ester continuava a relacionar-se com o tio, embora estivesse agora separada dele. Em resposta ao pedido dele para que ela arriscasse a vida em prol do povo, demonstrou, a princípio, uma relutância natural. Seria seu amor por seu povo maior que o amor por si mesma? Na decisão que tomou, com certeza, houve alguma coisa do grande amor de Cristo. Podemos estar bem certos de que Deus executará seus planos — conosco, se possível; se não, sem nós, que então sofreremos perdas. Deveríamos encarar nossa posição como um encargo sagrado para ser usado em benefício dos outros. Fomos criados para boas obras, as quais Deus preparou para nelas andarmos. Uma ação que é precedida de oração e de um exame de consciência não contém presunção.

ESTER 5

O Ódio Gera o Crime. É assim que aquele que se reveste das vestimentas reais da justiça de Cristo se apresenta na sala do trono com seu pedido. E já alcançou o favor divino, pois não foi aceito no amado? O Senhor quer ser generoso conosco. A demora não é negação e, enquanto isso, há coisas que devemos ver e ouvir e que encherão nossa alma de alegria. Você já tocou a ponta do cetro? Já pediu a metade do reino? Já convidou o próprio Rei para sua mesa de banquete? Pois o próprio Rei está desejoso de ser seu convidado. Não nos assentamos à mesa dele, mas ele tam-

bém vem ceiar conosco na nossa. Toda alegria terrena é imperfeita; sempre há alguma coisa que diminui a plena satisfação; no caso de Hamã, era Mordecai, por causa de quem tudo o mais perdia o valor. A alegria que este mundo nos dá está à mercê de circunstâncias desfavoráveis, “aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre”.

ESTER 6

Gratidão por um Favor Esquecido. A providência divina operava nessa insônia real. Na noite seguinte Hamã estaria pendurado na forca, e seria muito tarde para que ele pudesse prestar essa honra ao odiado judeu. Portanto, nessa noite o rei precisa ser lembrado de um incidente esquecido, precisa perguntar se o corajoso informante fora recompensado, e precisa, através de Hamã, decretar sua esplêndida recompensa. Quando estivermos sofrendo injustiça às mãos de inimigos que parecem sair de nossa vida sem fazer a reparação do erro, leiamos essa história e lembremos que, assim como Mordecai recebeu homenagens através de Hamã, assim também teremos honrarias e reparação através das mesmas circunstâncias e pessoas que parecem mais ameaçadoras. A ira humana há de louvar a Deus.

ESTER 7

A Astúcia Engana-se a Si Própria. Ester tinha orado, como vimos (4.16), mas também agiu. Ela tomou as providências necessárias para conquistar o favor do rei, despertar sua curiosidade, e apelar para o seu socorro. O dinheiro que Hamã iria despejar no tesouro real nunca poderia compensar a perda de um povo inteiro. Em sua angústia Hamã adotou uma atitude de súplica que pareceu ao rei uma impertinência grosseira, e isso selou sua sorte. Seu rosto foi coberto como se ele não mais fosse digno de contemplar o rei. O camareiro enviado para convidar Hamã provavelmente tinha visto a força quando fora levar-lhe o convite; e assim aconteceu que o ímpio foi apanhado em seu próprio laço (Sl 9.15). Pode ser que venhamos a ver em nossos dias, em escala

nacional, uma réplica dessa extraordinária reversão. Observemos os acontecimentos do Oriente Médio.

ESTER 8

Comagem Recompensada. O anel simbolizava poder e autoridade reais; por esse sinal Mordecai foi, de uma hora para outra, elevado à posição anteriormente ocupada por Hamã. Além disso, ia administrar para Ester o grande patrimônio que passara a ser dela. Para resguardar a permanência dos costumes e das leis dos medos, era impossível reverter a proclamação real, que tinha decretado que o povo hebreu seria extirpado. Por isso, o rei concedeu permissão a Mordecai para enviar cartas ao seu povo, permitindo que se armassem e se defendessem. A rapidez com que foi transmitido o decreto real é de dar vergonha à igreja de Deus que foi encarregada do evangelho da salvação. Já se passaram mais de 1.900 anos e, ainda, há inúmeras multidões que nunca ouviram falar do nome de Cristo nem do amor de Deus. Vamos envidar todos os esforços para transmitir as alegres novas e “passar à frente” da notícia de morte.

ESTER 9.1-19

O Livramento Pela Espada. Quando chegou o dia fatal, os judeus de todo o império se puseram na defensiva. Como se vê pelo versículo 16, nas províncias caíram 75.000 de seus inimigos e, só em Susã, 500. Entre esses estavam os dez filhos de Hamã. Nenhuma tentativa de pilhagem foi feita pelos vencedores. Foi pedido um segundo dia provavelmente para confirmar a norma de ação estabelecida por Assuero, e a exposição dos corpos dos filhos de Hamã se fez necessária por causa do ódio virulento que alimentavam para com os judeus. Essas medidas decisivas eram necessárias para mostrar aos inimigos dos judeus os riscos que correriam se prosseguissem no intento de Hamã. Hamã era um amalequita, e sob essa luz, podemos recordar Êxodo 17.14,16; Deuteronômio 25.19. Em tudo isso, principalmente nesse terrível ato de vingança, estamos sempre sendo lembrados da mudança

que a vinda de Cristo operou no mundo, mesmo entre as pessoas religiosas. Compare Ester com Maria de Betânia!

ESTER 9.20-10.3

A Festa de Purim. A Festa de Purim — assim chamada por causa de 3.7 — era celebrada a 14 e 15 de adar, o nosso mês de fevereiro. Esse livro inteiro era lido na tarde anterior na sinagoga. Sempre que o nome de Hamã era pronunciado toda a congregação fazia um barulho terrível, e todos gritavam imprecações tais como: “Que o seu nome apodreça!” A referência ao tributo em

10.1 mostra que esse livro é um documento histórico, preservado nos arquivos do estado e escrito, provavelmente, por um cronista judeu, que talvez devesse sua posição ao próprio Mordecai. Percebe-se claramente a providência divina em todos os incidentes aqui registrados. Em todos os governos humanos e todos os acontecimentos há sempre um propósito divino; e, assim como Deus exaltou Mordecai com honra e glória, de igual modo poderá agir em favor dos que o amam, e, desse modo, por fim, porá todos os inimigos sob os pés.

O LIVRO DE JÓ O Mistério do Sofrimento



1. O PRÓLOGO 1.1-2.13.
 - a. A prosperidade de Jó 1.1-5.
 - b. O primeiro conselho no céu 1.6-12.
 - c. A adversidade de Jó 1.13-22.
 - d. O segundo conselho no céu 2.1-6.
 - e. A aflição de Jó 2.7-13.
2. O POEMA 3.1-42.6.
 - a. O lamento de Jó 3.1-26.
 - b. O primeiro colóquio 4.1-14.22.
 - c. O segundo colóquio 15.1-21.34.
 - d. O terceiro colóquio 22.1-31.40.
 - e. O discurso de Eliú 32.1-37.24.
 - f. O discurso de Jeová 38.1-41.34.
 - g. A submissão de Jó 42.1-6.
3. O EPÍLOGO 42.7-17.
 - a. Jó e seus amigos se reconciliam 42.7-9.
 - b. Jó volta a gozar prosperidade 42.10-17.

INTRODUÇÃO

Esse é um dos grandes poemas ou dramas do mundo, baseado em fatos verídicos. Pode-se inferir que Jó existiu realmente pelos textos de Ezequiel 14.14 e Tiago 5.11.

Não se sabe determinar com exatidão nem a época em que Jó viveu, nem a data do livro. O autor é desconhecido. O livro é singular no cânon pelo fato de não ter nenhuma conexão com o povo de Israel nem com suas instituições. A explicação mais natural para isso é que seus eventos são anteriores à história de Israel.

O problema abordado nele é tão velho como o mundo — como conciliar a bondade e a justiça de Deus com a desigual distribuição da aflição e da prosperidade aparentemente arbitrária, que vemos ao nosso redor? O livro nos mostra como à dura luz da realidade, os homens que se mostravam orgulhosos de sua retidão, se tornaram, de repente, convencidos de pecado e resignados ante o modo de agir de Deus.

No que diz respeito ao seu aspecto literário talvez ninguém tenha escrito melhor do que Carlyle: “Eu classifico esse livro... como uma das maiores obras já escritas com a pena. Dá a impressão de que não é hebreu — nele reina uma universalidade tão grandiosa, bem diferente de um ignóbil patriotismo ou sectarismo. Um livro nobre, o livro de todos os homens! É a nossa primeira e mais antiga declaração acerca do infundável problema — o destino do homem e os procedimentos de Deus com ele aqui nesta terra. E tudo é feito em sínteses tão livres e tão fluentes; é tão grandioso em sua sinceridade e simplicidade... Sublime tristeza, sublime reconciliação; a mais antiga melodia coral, como que entoada pelo coração da humanidade; tão suave e tão grande; como a meia-noite do verão, como o mundo com seus mares e estrelas! Não há nada escrito, penso eu, na Bíblia ou fora dela, de igual mérito literário.”

COMENTÁRIO

JÓ 1.1-12

Satã Mira um Alto Alvo. Jó é apresentado na Bíblia como um homem de grandes posses, altamente honrado por todos que o conhecem e de irrepreensível integridade para com Deus. Sua devoção era evidenciada principalmente pela ansiedade que sentia em relação aos filhos, para que não acontecesse que algum deles se afastasse de Deus. Que belo exemplo para os pais! Deveríamos orar em favor de cada filho mencionando o nome dele e, como Jó, deveríamos fazer isso continuamente.

Não é sem razão que Satanás é chamado de “acusador”, porque ele se opõe a Deus e à virtude. (Comparar Zacarias 3.1 e Apocalipse 12.10.) Ele admite a virtude de Jó, mas contesta a motivação dele. Põe em dúvida que tal atitude seja desinteressada. Satã ainda julga os santos, e revela seus pontos fracos e pecados secretos. Mas não tem poder sobre nós a não ser que Deus lhe dê permissão e, quando somos tentados, a graça do Senhor está sempre ao nosso alcance (2 Co 12.19).

JÓ 1.13-22

Despojado de Todos os Haveres. Há dias negros em nossa vida quando os mensageiros chegam um atrás do outro, e nós nos assentamos nas ruínas de nossa felicidade. Tudo que tornava nossa vida bela e alegre secou, e nos vemos triilhando um triste deserto; nossa alma está quase morta dentro de nós e nossos pés estão cheios de bolhas.

Então nossos amigos vêm e põem a culpa nos caldeus e nos relâmpagos, nos sabeus e no furacão. Eles se apiedam de nós, vendo-nos como infelizes e miseráveis. Mas nós, que enxergamos não as causas secundárias, mas a Causa que está acima de todas, dizemos: “O Senhor o deu, e o Senhor o tomou”. Algumas vezes não conseguimos passar daí, mas, como somos felizes quando conseguimos ir além e dizer: “Bendito seja o nome do Senhor!” O verdadeiro crente não se importa com o que lhe acontece, desde que a glória do nome do Senhor permaneça imaculada e exaltada. Acima de tudo nunca atribuíamos a Deus falta alguma, duvi-

dando do seu amor e da retidão de suas decisões.

JÓ 2

“*Sentado em Cinza.*” Deus tem um profundo prazer quando pode apontar para um de seus servos que foi submetido a uma difícil provação e se portou com paciência e fé firmes. O adversário está de volta dos seus incansáveis e incessantes rodeios (1 Pe 5,8), mas pelo menos uma alma resistiu aos seus piores ataques. Observando Jó, os principados e potestades nas regiões celestes constataram que Deus pode levar um homem a amá-lo, não por suas dádivas, mas por ele mesmo — Deus — (Ef 3.10).

O adversário sugere um teste mais severo, e Deus o permite porque conhece o filho que tem. Entretanto, estabelece um limite para a prova (1 Co 10.13). A história é muito confortadora, porque verificamos que não somos um joguete do acaso, mas em cada detalhe da vida, a mão de nosso Pai está promovendo nosso desenvolvimento espiritual. Nossos amigos mais queridos podem aconselhar-nos a renunciar a Deus e morrer, mas no Getsêmane o Senhor nos ensinou a aceitar a vontade do Pai seja qual for o preço — mesmo que isso possa significar a morte — certos de que ele não nos deixará na sepultura (Sl 16.10).

JÓ 3

Vale a Pena Viver? Nos últimos versos do capítulo anterior, chegam três amigos. Temã é Edom; para saber a origem de Sua, ver Gênesis 25.2, Naamá é a Arábia. O grupo de espectadores reunidos ao redor do montículo de cinza em que se assentava Jó, reverentemente abriu passagem para eles.

Jó abre a boca com uma maldição. Mas ela não era contra Deus, como Satã esperava. A palavra hebraica é diferente da que ele emprega (Jó 2.9). Ele não amaldiçoa Deus, mas o dia do seu nascimento, e pede que sua existência despojada e sofredora possa terminar o mais depressa possível. As palavras de Jó são muito proveitosas para todos aqueles cujo caminho é oculto. A alegria da vida se foi? Todavia seus deve-

res permanecem. Continuemos nestes e o caminho nos levará de volta à luz.

Essa elegia de abertura consiste de duas partes: na primeira (vv. 1-10), ele pede às trevas que apaguem o dia que testemunhou o começo de uma vida tão triste; na segunda (vv. 11-26), ele indaga por que, se ele estava destinado a nascer, o deleite da morte imediata não lhe foi concedido. Ah, coração humano, que opressiva angústia podes sofrer!

JÓ 4

“*Seria Porventura o Mortal Justo Diante de Deus?*” O primeiro ciclo de discursos é iniciado por Elifaz. Devemos lembrar que ele e os outros dois acreditavam que aquele excessivo sofrimento era uma consequência do seu pecado e evidência dele. À luz desse pensamento, as calamidades sofridas por Jó pareciam provar que aquele homem que todos tinham considerado um modelo de perfeição não era o que se supunha. De acordo com essa filosofia, bastava que ele confessasse o seu pecado, e tudo voltaria ao normal e o sol tornaria a brilhar no seu caminho.

Elifaz relata uma visita de um ser do mundo invisível que recebera numa visão noturna e que é descrita com maravilhoso poder. Dá forte ênfase à distância infinita entre Deus e o homem, bem como na impossibilidade de um mortal ser tido por justo na presença da pureza divina. Naturalmente a sugestão é que Jó estava recebendo o castigo por seus pecados que, embora tivessem escapados aos olhos humanos, estavam claros diante de Deus. Se até um anjo parece escuro comparado à luz pura de Deus, se um anjo é imperfeito, quanto mais um homem!

JÓ 5

Os Benefícios do Castigo. Nesse capítulo Elifaz encerra seu primeiro discurso. Ele já havia insinuado que os sofrimentos de Jó eram o resultado de algum pecado secreto. Não podia ser de outro modo, segundo a sua filosofia. Aflição e infortúnio não vêm por acaso. A calamidade seguir-se ao pecado era uma lei fixa da natureza, pensava Elifaz, tanto quanto o fato de as faíscas voarem para cima. Por mais que os homens maus estives-

sem firmados, estavam destinados a ser destruídos. Não estava claro que, de algum modo, Jó tinha pecado? Se ele confessar será restaurado!

A vida ideal que se seguirá a um arrependimento genuíno é descrita com termos muito emocionantes e vívidos (vv. 8-17). Cada uma dessas frases é uma jóia de valor inestimável, e todas já foram vividas por gerações de pródigos que retornaram ao Pai, e para os quais cada promessa foi ratificada pelo “Sim” de Cristo (2 Co 1.20). Paulo cita o versículo 13 em 1 Coríntios 3.19.

JÓ 6

“*Como um Ribeiro.*” O peso da queixa de Jó é o mau tratamento que recebeu de seus amigos. Eles o haviam acusado de falar precipitadamente, mas não haviam medido a extensão do seu sofrimento (v. 4), senão teriam percebido que aquilo era natural como o rugido e o bramido de um animal que estivesse sofrendo (v. 5). Um homem não comeria alimento insípido sem queixar-se; quanto mais razão ele tinha para queixar-se, pois suas lágrimas eram seu pão dia e noite (vv. 6,7)! Tão amargas eram suas dores que ele receberia a morte de braços abertos e exultaria ao morrer (vv. 8-10). Não poderia acontecer outra coisa, a não ser ele sucumbir, já que só tinha a força comum dos mortais, e tanto sua força como sua sabedoria estavam esgotadas (vv. 11-13).

A seguir Jó caracteriza a assistência dos seus amigos como ribeiros do inverno, turvados pelo gelo e neve derretidos, que no verão deixam os viajantes frustrados, pois esperavam encontrar água e perecem junto a lugares desolados (vv. 15-18). Eles tinham desaprovado suas palavras que, nas circunstâncias, não constituíam uma verdadeira imagem do seu coração (v. 26); mas bastaria olharem seu rosto para verem que era inocente do pecado de que o acusavam (vv. 28-30).

Após todas essas queixas de infidelidade e desapontamento passamos àquele que, tendo sido aperfeiçoado através do sofrimento, se tornou “o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (Hb 5.9).

JÓ 7

Ansioso Pelo Entardecer. O escravo espera ansiosamente o alongamento da sombra que lhe diz estar no fim o seu dia de trabalho, e quanto a nós, podemos permitir-nos antegozar a hora de nossa recompensa e libertação.

Com palavras queixosas, que têm estado muitas vezes nos lábios dos que sofrem, Jó relata toda a sua tristeza e amargura. O sofredor se dirige a Deus diretamente — quase insinuando a princípio que ele o está perseguindo sem causa. É bom que os que tendem a pensar que Deus está esquecido deles, e é duro em seu modo de agir, ponderem nessas palavras. Mesmo esse santo de paciência trilhou esse caminho antes deles, e no final estava certo. Mas seguisse um tom mais suave; Jó conclui que pecara, pede para ser perdoado, e roga que a palavra de amor perdoador não demore, para que não venha tarde demais. O salmista usa expressões semelhantes aos dos versículos 17 e 18, mas com uma aplicação mais salutar (Sl 84; 144.3).

Notemos o maravilhoso nome que ele atribuiu a Deus — “Espreitador de homens” — (v. 20). Ele os espreita não para descobrir os pecados deles, mas para constatar suas tristezas e necessidades com a intenção de ajudá-los com seu poder salvador.

JÓ 8

Deus Não Rejeita. Agora é Bildade que recomeça a discussão, apelando para as experiências de gerações passadas para mostrar que um sofrimento especial, como o de Jó, indica a existência de um pecado especial, por mais profundamente oculto que ele esteja. Ele sente que Deus não podia perverter a justiça, e que a repentina destruição dos filhos de Jó provava que eles tinham pecado.

Os versículos 11 a 13 são, provavelmente, citações de um velho poema, que expressa a judiciosa observação de alguma geração mais antiga, que comparava o ímpio ao papiro em seu rápido crescimento e destruição ainda mais rápida. Nos versículos 14 e 15 ele compara o estado do ímpio à leve trama da

teia de aranha: delicada, frágil, e insegura. Nos versículos 16 a 19 emprega ainda outra comparação — de certos vegetais que crescem muito viçosos, espalhando-se pelos montões de pedras e até pelas muralhas, dos quais se pode dizer figuradamente que enxergam longe e vão sempre crescendo no rumo certo; a própria terra se envergonha deles, pois, daí a pouco, estarão secos. Mas notemos a garantia de que Deus preservará todos os que se voltarem para ele. Anima-te, pois ainda o louvarás!

JÓ 9

“O Árbitro.” Ponderemos na sublimidade das concepções de Deus apresentadas nessa magnífica passagem. A Deus são atribuídos: o terremoto, que faz estremecer as colunas em que a terra repousa (v. 6); o eclipse que esconde os corpos celestes (v. 7); a tempestade com a qual ele movimenta os céus e caminha majestosamente sobre as ondas (v. 8); e a criação das constelações (v. 9). Quem pode pretender discutir com um Deus tão grande como esse ou pedir-lhe explicações? (Ver os versículos 10 a 19.) Mesmo que o homem seja externa e internamente justo (isto é, dentro da medida de sua compreensão), no entanto, ante uma tal Presença mesmo o coração da pessoa mais perfeita deve condená-la. “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos... Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.” Somos obrigados a crer que esse pensador da antiguidade tinha uma melhor visão da imperfeição e pecado conscientes, que são do conhecimento de todos os mortais que têm uma justa apreciação da santidade de Deus, do que aqueles que se recusam a orar o “Pai Nosso” pelo fato de conter uma petição de perdão!

Verdadeiramente precisamos desse Árbitro! Mas nós o temos em Jesus, nosso Mediador, que pode pôr a mão sobre Deus e sobre nós (v. 33; 1 Tm 2.5).

JÓ 10

Amargura de Alma. Nesse capítulo Jó acusa Deus de rejeitar a obra de suas próprias mãos (v. 3); de infligir-lhe gol-

pes sucessivos, como se não tivesse muito tempo para espaçá-los mais, mas tivesse que apressar-se para executar seu desígnio (v. 5); acusa-o de inverter os rumos da cuidadosa providência que o tinha guardado nos primeiros anos (v. 12); de caçá-lo e de brincar com ele como uma fera com sua presa (vv. 16, 17); e pede que logo tenha permissão para entrar na terra da sombra da morte (vv. 18-22).

Lendo essas queixas, podemos lembrar os dias quando também fizemos as nossas, mas não tínhamos justificação. E, quando formos tentados a fazer isso, devemos lembrar que, provavelmente, estamos sendo provados para conhecermos a múltipla sabedoria de Deus, de modo que as obras do Senhor sejam manifestas em nós (Ef 3.10; Jo 9.3). Será mais fácil suportar a provação se lembrarmos que Deus nos concedeu uma elevada honra ao escolher-nos para mostrar que podemos agüentar o fogo, como as caixas fortes, escurecidas pela fumaça, que os construtores colocam nas vitrinas para provar a resistência de seu trabalho.

JÓ 11

“Porventura Desvendará os Arcanos de Deus?” Zofar censura com veemência a autojustificação de Jó, bem como sua recusa de reconhecer a culpa que seus amigos lhe atribuíam. Há alguma verdade em suas alegações, embora fosse cruel insistir nelas e magoar Jó, apesar dos seus repetidos protestos.

É inteiramente verdadeiro que muitos de nós estamos dominados pela autocomplacência, porque julgamos o que há de melhor em nós pelo que de pior há nos outros. Pode acontecer, também, que tenhamos uma inadequada concepção do que Deus é, e do que ele requer de nós. Será melhor batermos no peito como o publicano e nos confessarmos o pior dos pecadores.

Que magnífico desafio esse dos versículos 7 a 12! Podes chegar às profundezas de Deus, ou às suas perfeições, ou às suas alturas? Mas, ó minha alma, lembra-te de que apesar de suas inatingíveis profundezas, Deus é amor. Jó tinha dito que não podia levantar a cabeça (10.15), mas depois que o pecado

é expulso podemos olhar para o nosso Pai (comparar com o versículo 15).

JÓ 12

“Das Trevas Manifesta Coisas Profundas.” Jó se dispõe a contestar a tese de Zofar de que a maldade, invariavelmente, provoca insegurança nas habitações dos homens; e, em assim fazendo, queixase amargamente de que seus amigos zombem dele com tanto desprezo. Diz que eles o fazem lembrar dos que se sentem seguros e desprezam o infortúnio, mas empurram quem já está inseguro (v. 5).

Muitas vezes os tiranos gozam prosperidade e paz (v. 6), e a natureza ensina que os animais e plantas mais firmes em seu egocentrismo são os que estão mais seguros. O abutre não está mais seguro do que a pomba, e o leão mais do que o boi, e o tubarão mais do que o golfinho, a rosa mais que o espinho que a rasga? Ninguém sabe explicar todos esses mistérios, a não ser que os atribua à vontade de Deus, cujas razões desconhecemos. Mistérios semelhantes envolvem a vida humana.

Jó ilustra melhor esse ponto citando o homem, mostrando que a vida de conselheiros, juízes, reis, sacerdotes, poderosos e anciãos estão expostas às mesmas evidentes anomalias e desigualdades de tratamento. Nós, entretanto, sabemos que o sofrimento purifica a alma e, muitas vezes, redime, como foi o de Cristo, para os outros.

JÓ 13

“Eis que me Matará.” Primeiro, o sofridor censura seus amigos (vv. 4-12). Depois faz um apelo a Deus, assegurando-lhe de que não era nenhum hipócrita e pedindo que lhe mostrasse os pecados, por causa dos quais estava sofrendo (v. 23).

Quando Jó disse que sabia que era justo, estava falando claramente de pecados conhecidos; sabia, até onde uma pessoa pode conhecer a si mesmo, que não tinha cometido os pecados dos quais seus amigos o acusavam. Poderia expor sua vida perante homens e anjos, com certeza de que ninguém poderia apresentar contra ele nenhuma acusação da qual os tribunais huma-

nos tomam conhecimento. Mas a coisa muda muito quando se trata do tribunal divino. Quando brilhasse sobre ele uma luz mais clara, vinda do rosto de Deus, quando o patriarca o tivesse visto em vez de meramente conhecê-lo só de ouvir falar, então ele se “abominaria, e se arrependeria no pó e na cinza” (42.5,6).

O versículo 15 talvez seja a maior sentença já pronunciada por lábios mortais!

JÓ 14

Tornará o Homem a Viver? Continuando seu apelo, Jó passa do seu caso para a condição da humanidade em geral (vv. 1-6). Todos os homens são frágeis e cheios de inquietação (v. 12): por que entraria Deus em juízo com uma pessoa tão fraca (v. 3)? A pecaminosidade do homem é universal — ninguém será considerado puro diante de Deus (v. 4). E como o homem é tão frágil, Jó roga que não seja submetido a tão irresistível aflição, mas que possa gozar algum prazer (v. 6) no seu dia.

A visão da morte como uma aniquilação total fortalece o apelo de Jó (vv. 7-12). Para a árvore há a esperança de brotar de novo se for cortada (vv. 7-9). Mas, no momento, Jó não vê essa esperança para o homem. Ele morre e se acabou, “como as águas do lago se evaporam” (vv. 10-12). É um pensamento desalentador, desanimador, um pensamento contra o qual a mente se rebela assim que ele surge. O que há de melhor em cada homem se revolta contra a crença de que a morte é o fim de todas as coisas. Assim, a figura de outra vida além da presente desponta imediatamente para Jó (vv. 13-15). Pode ser apenas um desejo ardente, visto que Jó ainda sente dúvida (v. 14). Todavia, esse desejo, como o anseio de ter um Árbitro (9.32-34), ambos sugeridos pela desesperança do coração, é, de modo igual, atendido pelo evangelho.

A esperança de uma vida futura se torna mais forte por causa das aparentes injustiças que agora existem (vv. 16-22). Parecia que o modo como Deus tratou Jó era tão severo que ele iria morrer sob sua mão (vv. 18-22). Certamente

é necessária uma vida futura para remediar as desigualdades da presente. Evidentemente não é este o lugar nem é agora o tempo de julgamento.

JÓ 15

“*Nem os Céus São Puros.*” O segundo colóquio, como o primeiro, é iniciado por Elifaz. Ele começa *censtando* Jó (vv. 1-16). Lamenta que as palavras de Jó provem ser ele insensato (vv. 2,3), e até irreverente (v. 4). O seu próprio discurso testificava de sua iniquidade (vv. 5,6). Com um toque de ironia, Elifaz pergunta sobre o que se apóia a pretensiosa sabedoria de Jó. Foi ele o primeiro homem (v. 7)? Ou teve ele acesso ao secreto conselho de Deus (v. 8)? Recusando o conselho de seus amigos (vv. 9,10) e as consolações de Deus que eles tinham oferecido (v. 11) não havia demonstrado sua falta de sabedoria? Ele tinha revelado até insensatez e impiedade tentando provar sua inocência diante de Deus (vv. 12-14), em cuja presença nem mesmo os céus eram puros (vv. 15,16). Está claro que Elifaz e seus amigos não acreditavam na sinceridade das solenes afirmações de Jó quanto à sua inocência.

Em seguida, Elifaz tenta *instruir* Jó (vv. 17-35). Seu tema é quase o mesmo do seu primeiro discurso. É a justiça de Deus manifestada de modo especial na punição dos ímpios. Ele sustenta que a sua doutrina é a dos sábios (vv. 17-19); depois passa a descrever os maus como seres atormentados na consciência e cheios de medo (vv. 20-24); atribui isso à sua atrevida impiedade (vv. 25-28); e prediz seu tenebroso fim (vv. 29-35). A aplicação de tal conceito a Jó deve ter sido muito dolorosa para ele. Elifaz insinuou que as terríveis aflições de Jó eram o testemunho de Deus contra o seu pecado. Pelo que lemos em João 11.4,5, sabemos que não é bem assim.

JÓ 16

Deixando os “Consoladores Molestos” Para Buscar a Deus. Com amargura, o sofrendor se afasta de seus consoladores e busca a Deus. Diz que se estivesse no lugar deles e eles no seu, em vez de amontoar palavras e ostentar o orgulho

do imaculado, ele se disporia a falar palavras que os fortalecessem, e a aliviar a tristeza deles com a mais terna simpatia.

Ele compara suas dores ao ataque de uma fera (vv. 7-14); e, depois, passa a descrever a angústia de sua tristeza (vv.15-20). Mas, nos últimos versos do capítulo, um novo pensamento começa a tomar forma; e, no seu mais fundo desespero ele tem a visão de um advogado e de uma defesa que deve receber algum dia. Jó queria que um “filho do homem” pleiteasse por ele; e sua oração foi mais do que respondida no Filho do homem, que pleiteia por nós “não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel” (Hb 7.16). “Pleiteaste, Senhor, a causa da minha alma.” (Lm 3.58.)

JÓ 17

“*Às Portas da Morte.*” Jó continua a *queixar-se dos seus amigos* (vv. 1-9). Ele reconhece que seria capaz de suportar suas terríveis calamidades se pudesse ficar livre da zombaria deles, e pede que Deus arbitre entre ele e eles. Deus é o supremo Juiz, e Jó lhe pede para ser seu defensor contra as recriminações dos que o julgam tão maldosamente. Não há outra saída para a alma perseguida senão apelar a Deus na pessoa de Jesus. No final desse trecho ele afirma que, no meio do redemoinho das provações, o justo deve-se manter no caminho reto e conservar as mãos puras. Se alguém, que lê estas palavras, estiver passando pelo vale da sombra, continue a seguir seu caminho. Continue fazendo a vontade de Deus até onde ela lhe for revelada, e ela o conduzirá para fora do vale, sempre de baixo do céu do amor de Deus.

Jó pensa no futuro com desalento (vv. 10-16). Para ele havia só uma sepultura de trevas e escuridão. Ainda não havia homens nascidos de novo para uma esperança viva pela ressurreição do Senhor Jesus Cristo. A alma deve descer “às portas da morte” (v. 16). Que contraste com a nossa esperança cristã! Não precisamos chamar o sepulcro de pai, nem os vermes de mãe e irmã! Na casa do Pai há muitas moradas. Os so-

frimentos do presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada! Nossos parentes não estão no pó. Estamos rodeados por uma grande nuvem de testemunhas.

JÓ 18

“*Lançado na Rede.*” O segundo discurso de Bildade revela que ele absolutamente não compreendeu o apelo de Jó pelo testemunho e defesa divinos. As coisas profundas que se passam num coração que está enfrentando tristeza, são incompreensíveis para as pessoas superficiais e estreitas.

Sua descrição das calamidades que acontecem aos ímpios é terrível: sua luz se apaga (vv. 5,6); sofrem terrível aflição (vv. 7-11); destruição (vv. 12-17); os homens contemplarão seu fim horrorizados (vv. 18-21). Tudo isso, naturalmente, era dirigido a Jó. Mas era duro demais. Mesmo que o pior tivesse sido verdade, seus penosos sofrimentos deveriam ter levado seus amigos a serem mais brandos com ele. Somente a forte e sábia mão do amor pode sarar as feridas abertas pelo pecado. Estamos em débito para com Bildade pela expressão “rei dos terrores”, aplicada à morte (v. 14). Sem a esperança que há em Cristo, é de fato uma expressão muito significativa e apropriada. O pecado tornou terrível o reinado dela. No entanto, ela já encontrou aquele que a derrotou (Jo 11.25,26; 1 Co 15.26; Hb 2.14).

Os antigos tinham um profundo sentimento acerca das punições que devem sobrevir ao pecador. É provável que nós demos muito pouco peso. Aquele tom de temor já quase desapareceu da pregação moderna. Nesse particular, nota-se uma assinalada diferença entre os sermões de hoje e o “Chamado aos Não-Convertidos”, de Baxter, e “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado”, de Jonathan Edwards. Mas o fim do pecado é terrível para aqueles a quem o Calvário tem apelado em vão. Uma tal expiação sugere que o pecado humano é imenso e seu castigo, tremendo.

JÓ 19

“*Eu Sei que o Meu Redentor Vive.*” Os amigos de Jó pareciam somente acres-

centar aflição e sofrimento à sua triste condição. Os empregados que viviam em sua casa e olhavam com desdém; seus amigos e parentes se lhe tornaram estranhos; parecia que o Todo-Poderoso sentia aversão por ele. Tão grande era seu sofrimento físico que a única coisa que ele podia fazer era falar. Então, de repente, ele irrompe na majestosa declaração dos versículos 25 e 26.

Entre os beduínos ainda existe a instituição do *goel* (o vingador do sangue), um representante da família para vingar algum mal cometido contra um parente. Jó cria que seu *Goel* divino, um dia, se levantaria na terra para que fosse compensado por tudo. Sim, e mais, ele sentia que, de algum modo, ele também se levantaria do próprio túmulo para ouvir sua defesa feita por esses lábios justos e verdadeiros. Acima de tudo, ele veria o próprio Deus, junto dele — “Vê-lo-ei por mim mesmo.” (V. 27.)

JÓ 20

O Júbilo dos Perversos. Dentre os amigos de Jó, Zofar é o que menos o compreendia. A repreensão que Jó lhes tinha dirigido (19.28,29) irritou-o tanto que ele retruca com impaciência.

O tema do discurso de Zofar é a brevidade da prosperidade dos maus. Ele afirma que isso é um princípio reconhecido (v. 4), e, então, passa a demonstrar a tese usando metáforas admiráveis.

Descrevendo a prosperidade e rápida destruição do “perverso” (vv. 5-11), ele aplica suas palavras abertamente a Jó. Recusa-se a dar qualquer atenção aos seus protestos de inocência. Sua crença era: Deus é justo; ele abençoa os bons e os faz prosperar; e destrói o mau. Jó estava sendo destruído; portanto era mau. Assim, também, muitas vezes, nós em nossa ignorância interpretamos mal a Deus e, cruelmente, fazemos juízo errado das pessoas.

Em seguida, Zofar oferece mais detalhes. Descreve o prazer que o ímpio tem no pecado (vv. 12,13); como seu pecado se transforma em punição (vv. 14-22); e como por fim lhe sobrevém terrível destruição (vv. 23-28), como

vinda da “parte de Deus” (v. 29). Embora Zofar estivesse completamente errado ao aplicar essas coisas a Jó, e errado também ao supor que esta vida é o lugar do julgamento dos maus, todavia é importante lembrar que ele estava certo ao falar da conexão entre pecado e castigo. Por mais doce que o pecado possa ser ao paladar, não há dúvida de que se transformará em fel de áspides em pouco tempo. Os “prazeres do pecado” são apenas “transitórios”.

JÓ 21

“Ensinará Alguém a Deus?” Depois de uma breve introdução, em que reclama o direito de réplica (vv. 1-6), Jó introduz um novo argumento. Ele afirma que seus amigos estão errados ao supor que a relação entre o pecado e o sofrimento é invariável. Ao contrário, ele afirma que os homens maus, muitas vezes, vivem em prosperidade, na fazenda, no aprisco e em casa (vv. 10,11). Sons alegres ressoam em suas moradias (v. 12). Morrem sem prolongado sofrimento (v. 13). Depois de responder ao argumento de seus amigos, Jó cita os viajantes para confirmar suas palavras. Não há dúvida, diz ele, que todo mundo sabe que alguns homens maus prosperam e morrem em paz (v. 29).

Com a resposta de Jó termina o segundo colóquio. Seus amigos nada conseguiram com suas discussões, mas Jó muito aprendera com suas aflições. Em meio à escuridão dessa sua noite, a Estrela da Manhã começara a brilhar para ele. Ele apela para Deus com maior confiança e acaba encontrando refúgio nele; mas, até aqui, embora defendendo sua posição, ele manteve sempre uma atitude humilde e reverente.

JÓ 22

“Reconcilia-te com Deus.” Elifaz abre o terceiro ciclo da discussão com um discurso duro e cruel. Ele começa citando uma série de atos errados que ele imagina que Jó praticou (vv. 1-11). A idéia fundamental que Elifaz defende é a da absoluta imparcialidade da justiça de Deus. Em contraste com o magnata, que é influenciado por presentes, Deus pelo menos era irrepreensível e, portanto, embora Jó pudesse afirmar o contrário,

devia ter merecido o castigo que estava sofrendo.

Segue-se, então, seu argumento do dilúvio (vv. 12-20). Os homens maus estão sempre desejosos de que Deus não os note. Essa era, diz Elifaz, a maneira de agir dos que foram destruídos pelo dilúvio. Tentavam construir a sociedade em linhas ateístas, embora Deus lhes enchesse as casas de bens. A inferência, naturalmente, era que Jó também cometera esse pecado.

Elifaz conclui com uma terna descrição de uma vida santa (vv. 21-30). Estar reconciliado com Deus, obedecer à sua Palavra e repelir a iniqüidade e a confiança nas riquezas terrenas são as condições para uma vida feliz. Ganharemos mais do que perdemos (v. 25). Herdaremos a confiança e a alegria de sua presença (v. 26). Nossas orações serão atendidas, andaremos “na luz”, e o nosso ministério em benefício dos outros será proveitoso. Reconciliemo-nos com Deus e gozemos a paz!

JÓ 23

“Ele Sabe o Meu Caminho.” Esse capítulo está todo permeado por uma fé sublime. Jó admitia que sua queixa parecia rebelde, mas a mão de Deus pesara muito sobre ele. Deseja fugir à incompreensão dos amigos, e buscar a santa e calma presença do próprio Deus.

Parecia que nada satisfaria ao sofredor senão uma audiência pessoal com o Todo-Poderoso. Sentia que, ali, podia defender sua causa sem medo. Ele estava certo de que o Juiz todo-poderoso não contendia com ele usando seu grande poder, mas o ouviria. Todavia parecia impossível achá-lo. Jó não percebeu que já se encontrava no tribunal de Deus. Nós somos levados para perto dele por meio de Jesus Cristo. Deus se esconde porque os olhos mortais não poderiam suportar a ardente glória de sua presença. Mas, embora deixemos de vê-lo, nem por um só momento, estamos fora de suas vistas. Ele sabe o nosso caminho. Você que sofre, fale com o Senhor; ele está perto!

Não se trata de mera jactância pretenciosa o que o sofredor apresenta nos versículos 7, 11, 12. Davi também usava palavras semelhantes a seu próprio res-

peito (Sl 18.20-23). Nós somos sempre pecadores, necessitando do precioso sangue; mas podemos ser bastante agradecidos se ficarmos livres de “grande transgressão”. Todavia, o homem perfeito ainda se sente perturbado na presença divina e seu coração desmaia (vv. 15,16), a não ser que ele possa apresentar mais que virtude natural. “Em Cristo, a rocha sólida, minha fé se fixa; qualquer outro terreno é areia movediça.”

JÓ 24

Não Agora, mas no Futuro. Jó lamenta que Deus não estabeleça tempos de punição, para que os que o conhecem possam ver e compreender suas razões. Ele passa, então, a descrever a vida dos ímpios, que cometem más ações com aparente impunidade. Segue-se um triste rol de crimes. Eles oprimem o necessitado, furtam o jumento do órfão, tomam o boi da viúva, saqueiam caravanas sem atender a apelos de piedade, sonegam óleo e vinho aos que haviam trabalhado para produzi-los, assassinam o trabalhador pobre de madrugada, cometem crimes à noite — tais são as iniqüidades descritas. E esses crimes são cometidos ainda hoje em terras que se dizem cristãs. É maravilhoso que Deus tenha tido paciência conosco, mas sua longanimidade deveria levar os homens a se arreenderem. Só depois de muito suportar e provar é que ele nos corta.

Em suas palavras finais (vv. 18-21), Jó cita a opinião de seus amigos quanto à condição dos ímpios, que são levados rapidamente como as águas e são quebrados como o galho de uma árvore. E, em oposição, apresenta seu ponto de vista pessoal (vv. 23-25), mostrando que eles morrem em posições exaltadas — não sofrem uma morte dolorosa e prolongada, mas são cortados como as espigas de trigo maduras. Isso também é verdade. Os homens maus nem sempre encontram seu deserto neste mundo. No mundo futuro o castigo é inevitável.

JÓ 25

Como Pode o Homem Ser Justo Diante de Deus? O discurso final de Bildade pouco acrescenta ao debate. Ele simplesmente sugere que a autodefesa de Jó não im-

plica em que ele seja justo diante de Deus e, agindo com base na filosofia da época, Bildade prefere considerar que Jó não está consciente de seus pecados do que crer que Deus tenha permitido que o sofrimento o acometesse sem que ele o tivesse merecido.

Esse trecho contém algumas perguntas irrespondíveis — ele apresenta idéias muito interessantes. Os exércitos de Deus são inumeráveis — dez mil vezes dez mil, e cada anjo acha-se empenhado em socorrer-nos. Sua luz brilha em toda parte, mesmo nos corações mais tristes. Nenhum de nós pode ser justo diante dele, mas podemos valer-nos da justiça de Cristo que, como diz Bunyan (autor de *O Peregrino*), é sempre a mesma, jamais aumentada por nosso bom humor ou diminuída pelo mau humor. Ninguém que nasce de mulher é puro, mas o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado. A lua e as estrelas perdem o brilho e morrem, mas Deus colocou seu coração sobre os seus santos, e os adotou como filhos. E, quando o tecido da natureza apodrecer, eles resplandecerão como o sol no reino de seu Pai (Mt 13.43).

JÓ 26

“As Orlas dos Seus Caminhos.” Jó ironiza Bildade por não ter-lhe dado nenhuma ajuda, nenhum conselho. E depois continua (vv. 5-14) apresentando uma descrição do poder de Deus como ele se manifesta no além, no espaço, nas nuvens, no oceano e por todo o universo. Os espíritos dos mortos tremem diante dele; a sepultura e a destruição que se cobrem de escuridão são desnudadas ante seu olhar; o próprio mundo está pairando no espaço (uma admirável prefiguração da verdadeira teoria da terra); as águas estão presas nas nuvens, que não reben-tam ante seu peso mas atuam como o véu do trono de Deus; o mar reconhece a autoridade dele, calando-se ante sua palavra ou levantando-se pelo poder dela; seu sopro aclara o céu; sua mão fere o dragão, representando uma constelação bem conhecida, a do dragão. Mas essas coisas são apenas “as orlas dos seus caminhos”. Embora seja ruidosa a aclamação deles, ao cercarem seu trono de trovões e esplendor, ela soa

apenas como um sussurro quando comparada ao seu divino poder e divindade. Se compararmos tudo o que os cientistas sabem sobre Deus, com a natureza essencial do Senhor, esse conhecimento é como o tremor de uma folha ao soprar da brisa em relação ao estrondo do trovão. Assim, ó filho de Deus, é o teu Pai, e seu poder é para tua defesa.

JÓ 27

A Justiça de Deus. Agora Zofar devia ter assumido a palavra mas, como permanece em silêncio, Jó continua. Primeiro, ele renova seus protestos de integridade (vv. 1-10). Nega a acusação de que é ímpio, e diz que manterá sua integridade até a morte. Recusa-se a desculpar as acusações de seus amigos, e pede que os que falaram contra ele sofram os castigos que sugeriram que sofresse ele (v. 7). A falsidade de suas acusações era evidenciada certamente pelo fato de ele ainda poder deleitar-se no Todo-Poderoso e poder invocar seu nome (v. 10).

Depois fala da porção do perverso (vv. 11-23). Nem Zofar e os outros poderiam ter falado palavras mais fortes. Embora Jó negasse a aplicação desses castigos a si mesmo, estava disposto a admitir a verdade geral dessas proposições. Por que estranhas alternâncias passa a mente do homem! Num momento está na crista da onda e daí a pouco no vale; provando, debatendo, perguntando; num momento é contrário a determinada posição, e, a seguir, quase aceita-a! Mas, ânimo! "Ao anoitecer haverá luz!" Eu atravessei os portões", disse um corajoso explorador, "e lá não é um vale escuro."

JÓ 28

A Pérola de Grande Preço. A procura dessa pérola de grande preço tem ocupado os homens de todas as épocas. Jó a compara à busca do mineiro que se põe à cata de tesouros escondidos na terra (vv. 1-12). A mina cavada na terra, o mineiro distanciado do alegre convívio humano, sua exposição aos perigos do ar viciado, da água poluída, de a mina desmoronar, o tapamento dos veios

d'água, tudo tão vividamente retratado. Mas ele persiste apesar de que obtém seu tesouro. Quem dera fôssemos nós assim tão persistentes na busca do conhecimento de Deus! Paulo foi um grande mineiro; desceu às cavernas da dor e da tristeza para poder trazer à luz os tesouros da sabedoria e do amor de Deus.

Somente Deus conhece Deus (v. 23). Nas profundezas de sua natureza, encobertos devido ao excesso de luz mas ocultos dos olhos do gênio humano, estão a sabedoria e o entendimento. Ele deseja revelar essas coisas aos pequeninos, dizendo: "Tema a Deus, e você será sábio. Aparte-se do mal, e você compreenderá". (V. 28.) Cristo é a Palavra e a Sabedoria de Deus (1 Co 1.24).

JÓ 29

A Amarga Lembrança de um Passado Feliz. Quantos milhares de pessoas, lembrando a bela aurora de uma vida que se tornou sombria, têm expressado o pensamento contido nas palavras iniciais desse capítulo. O mundano não tem esperança de reviver aquele abençoado passado; mas o crente sabe que, em Cristo, ele pertence à ordem eterna, que se sobrepõe à devastação feita pelo pecado, detendo o mal, cancelando-o e convertendo-o em bem.

Se nós cremos em Jesus Cristo, submetamo-nos à sua vontade, e nos unamos ao seu coração, e gozaremos "um Éden mais excelente". Deus vela pelo nosso bem; sua lâmpada ilumina o nosso caminho; sua amizade está sobre a nossa tenda; seu amor transfigura todas as coisas. A bela descrição que se segue da vida de um homem crente ainda é verdadeira, quando os caminhos de um homem agradam a Deus.

JÓ 31

Uma Vida Pura. Jó tinha se resguardado da impureza de uma forma toda especial porque o fruto dela é calamidade e desastre. Ele está certo de que, mesmo que o próprio Deus o pesasse, nenhuma iniquidade encontraria nele. Ele vai ainda mais longe, chegando a invocar as mais terríveis conseqüências se tivesse transgredido o sétimo manda-

mento. Seria muito bom para nós se pudessemos usar de semelhante sinceridade, e apelar para o veredito de Deus e de nosso próprio coração. Pecamos ao Espírito Santo que crie em nós pureza de coração, que nos separemos do pecado, para que possamos andar com vestes imaculadas.

Jó também afirma a imparcialidade de sua conduta para com seus servos, apresentando o princípio que ampara todo o ensino cristão a respeito do assunto, isto é, o de que todos fomos criados pelo mesmo Deus. Ele insiste em afirmar que foi benevolente para com a viúva e o órfão. Ele é cuidadoso em mostrar que não deixara de fazer todo bem que estava ao seu alcance. Mas, infelizmente, poucos de nós podem dizer isso! Quantas oportunidades iguais cruzam diariamente nosso caminho e que nós, descuidadamente, deixamos passar!

Com esse apelo, Jó entra na presença de Deus e pede uma resposta. Nós que temos a forte luz do evangelho, estamos muito convictos do pecado para atrevermo-nos a fazer isso, e precisamos contar com os méritos de Cristo. Só por eles é que podemos aproximar-nos da Luz não criada.

JÓ 32

Eliú Entra. A controvérsia entre Jó e seus conselheiros chegou a um final. Eles não conseguiram estabelecer acusações contra Jó; mas, antes que Deus pessoalmente entrasse no debate, surge um outro lado do caso, apresentado pela vida ardente de uma geração mais moça. O nome Eliú significa "Meu Deus é ele". Ele tinha mantido um respeitoso silêncio enquanto os mais velhos estavam falando; mas sentia-se tão consciente da presença divina que já não conseguia mais conter-se.

Eliú estava muito indignado, primeiro com Jó, por este não dar razão a Deus (v. 2); e, depois, com os amigos pela sua incapacidade de enfrentá-lo (v. 5). Mas, além dessas críticas, ele tem alguma contribuição a dar no debate, e precisava fazê-lo. O silêncio é de ouro, mas há também a hora de falar. Estejamos certos de que estamos inspirados pelo Espírito de Deus. Não falemos,

como diz John Woolman, além do que Deus manda.

JÓ 33

O Intercessor. Não é surpreendente que Eliú já tenha sido confundido com o próprio Mediador, tal é a habilidade com que se interpõe entre Jó e seu Criador. Ele aponta de forma especial sua própria semelhança com Jó em sua humanidade, e cita isso como a razão pela qual podia ajudá-lo: "Também eu sou formado de barro". Assim também nosso Sumo Sacerdote é homem. Eliú censura as palavras de Jó ao protestar sua inocência, e insiste em que ele não foi justo nesses protestos, nem na conclusão que tirou deles.

Segue-se, então, uma das mais notáveis passagens do livro. Eliú diz como Deus fala através da natureza e da consciência, e é muitas vezes desatendido; e como ele fala por meio de revelação, abrindo os ouvidos do homem para afastá-lo do seu próprio desígnio. Ele mostra que Deus, muitas vezes, lança um homem sobre um leito de dor para que lhe possa falar ao coração. Feliz é o aflito que tem ao seu lado um intercessor para indicar-lhe o caminho do arrependimento. Por fim, vencido e arrependido, ele volta para Deus e vê a face dele com júbilo, e canta perante os homens a história de sua restauração. Assim Eliú argumenta que a aflição muitas vezes é enviada como uma disciplina para ensinar ao homem a mais profunda verdade de Deus.

JÓ 34

O Todo-Poderoso Deve Ser Justo. Eliú surge no versículo 10 como apologista de Deus. A absoluta e imparcial justiça de Deus é, em todos os tempos, uma fonte de indizível conforto. No fim, ninguém irá queixar-se de nada, pois dos lábios dos mais santos seres, dos mais capazes de emitir opinião, se elevará a proclamação: "Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações!... Os teus atos de justiça se fizeram manifestos". (Ap 15.34.)

Ponderemos nessas últimas palavras. Os juízos de Deus ainda não ti-

nham sido manifestados; portanto, é insensatez, é errado julgar um programa ainda não concluído. Espera, homem mortal, até que o grande trono branco revele as razões secretas de Deus. Não é certo dizer-se a um rei, "Tu és desprezível", e muito menos dizê-lo àquele que vive por todas as eras, enquanto os povos são perturbados e passam, e os poderosos são tomados por força invisível!

JÓ 35

Hinos na Noite. Deus é de tal modo exaltado acima do homem em sua natureza que é totalmente independente dele. Quando os homens pecam contra ele, não causam mal a ele, e, sim, a si próprios. Portanto, ao castigar-nos não o faz por represália nem vingança. Não nos pune por prazer, diz o Santo Espírito em outro lugar, mas para nosso "aproveitamento" (Hb 12.10).

Em vez de procurarmos Deus, nosso Criador, que pode inspirar-nos hinos nas noites mais escuras que já envolveram o espírito humano, nós nos sentimos inclinados ao desespero. Em lugar de clamarmos a Deus, clamamos *contra* ele. Murmuramos e lamentamos. Censuramos Deus. Há a nossa arrogância (v. 12). Nós contemplamos a iniquidade em nosso coração, e Deus não pode responder-nos enquanto não trocarmos nosso clamor por um canto de amorosa e confiante submissão. Deus não ouve gritos vazios, nem atentará para eles o Todo-Poderoso.

Mudemos nossa atitude e nossas palavras. Acabemos com a orgulhosa obstinação que nos torna irritados, nos faz discutir e murmurar. Isso não irá auxiliar nossa causa no tribunal de Deus. Humilha-te sob sua poderosa mão e ele te exaltará. "Ensina aos mansos o seu caminho." (Sl 25.9.)

JÓ 36

Ele a Ninguém Despreza. Deus é poderoso, mas não nos despreza, embora sejamos o menor dos santos. Seus olhos estão sobre nós para o bem, e ele nos colocará diante do seu trono para sempre. Ele descerá até a masmorra onde estamos, sussurrando instruções ao nosso ouvido e

nos mandará converter-nos. Há lugares espaçosos diante de nós em que não haverá aperto; esperam-nos mesas cheias de gordura. Seu caminho nos tira do cárcere atual e nos leva para a liberdade e a luz.

Lembremos os incalculáveis números dos anos de Deus. Observemos a maravilhosa maquinaria por meio da qual ele recolhe do oceano, do lago e das águas correntes as nuvens que, como cisternas flutuantes, transportam as águas que branquearão de neve os montes, e serão oxidadas nos leitos dos rios! Na criação há mais amor do que terror. As miríades de vozes da natureza dizem o mesmo que as Escrituras: "Deus é amor". Portanto, ele não pode ser indiferente para com o justo, nem negligenciá-lo. Ele pode discipliná-lo para levá-lo a odiar o pecado; mas, assim que seu objetivo for atingido, certamente retirará sua vara (vv. 10,11).

JÓ 37

A Luz nas Nuvens. Enquanto Eliú falava, uma trovoadra estava-se formando, e muitas das imagens desse capítulo são sugeridas por esse fato. Aquele pequeno grupo ouvia o som da voz de Deus no trovão. Um estrondo sucedia a outro, sem cessar (v. 4). A neve que cai lentamente e os fortes aguaceiros são, de igual modo, obra de Deus, quer impeçam os homens de realizar seu labor nos campos ou espantem as alimárias para seus esconderijos (v. 8). Depois de mencionar a tempestade Eliú passa com naturalidade ao inverno, com o gelo e neve, e a congelção do fluxo das torrentes (v. 10). Todos esses executam as ordens de Deus na terra.

Como sabemos pouco acerca dos fenômenos atmosféricos! Por que sopram os ventos norte e sul, qual é a verdadeira natureza do céu azul, e qual a explicação para o vermelho e o dourado da aurora boreal? Nós não podemos definir o Todo-Poderoso. Ele é grande e glorioso, e não pode ser injusto. Mas sejamos mais ansiosos em procurar ver nas nuvens uma luz brilhante. Ela sempre existe. Para cada tempestade há um arco íris; para cada monte difícil um bosque frondoso; em cada tempestade, um abrigo seguro. Assim é Jesus para todos os que o amam e nele confiam.

JÓ 38.1-18

O Poder Divino e a Ignorância Humana. Quando a tempestade se acalmou e o trovão silenciou, ouviu-se uma voz vinda do áureo esplendor dos céus (Jó 37.21,22). Jó tinha desafiado Deus a responder-lhe e, agora, ele está com a palavra. Isso nos lembra a caverna do Horebe, onde, depois do vento e do terremoto, veio um som cheio de suave calma. "Cinge, pois, os teus lombos", disse o Eterno a Jó. Em anos posteriores, em circunstâncias semelhantes, o Espírito entrou em Ezequiel para fortalecê-lo. É possível que o patriarca tenha recebido um fortalecimento assim.

Deus lhe dirige então uma série de sublimes perguntas, não num tom de julgamento e ira, mas como um Pai que argumenta e insta com um filho. Nelas ele assinala dois pontos: primeiro, a incapacidade do homem mortal de entender os caminhos de Deus; e, segundo, a minúcia e a ternura da providência de Deus. Jó o pensava distante, mas ele estava perto, ordenando todas as coisas de forma sábia e amorosa. Pode ele esquecer seu filho?

JÓ 38.19-41

O que o Homem Não Pode Fazer. Nesse capítulo, passam diante de nós vários quadros da natureza. São eles a criação da terra (vv. 4-7); do mar (vv. 8-11); da luz (vv. 12-15); os mistérios das coisas invisíveis (vv. 16-18); da neve e da chuva (22-30); das constelações dos céus (vv. 31-38); e das profundezas de uma floresta (vv. 39-41).

O que significa tudo isso? Ah! há ocasiões em que a voz de Deus, através da natureza, cai em nosso coração como uma doce música, e nós nos sentimos confortados e fortalecidos sem saber direito como e por quê. A paz excede todo o entendimento. As insistentes perguntas tinham por objetivo chamar a atenção de Jó para os grandes mistérios presentes nas coisas comuns da vida. Se ele era incapaz de decifrar esses, como poderia ter esperança de compreender a maravilhosa conduta de Deus para com a alma humana? Os seus caminhos são mais altos do que os

nossos, e seus pensamentos muito mais altos que os nossos; mas nós temos a garantia dada pelo Calvário de que ele é amor. Aquietemo-nos e confiemos nele.

JÓ 39

"Sabes Tu?" "Podes Tu?" A série de perguntas continua, e agora Deus o interroga mais a respeito da natureza animada e orgânica; as cabras monteses (vv. 1-4); o jumento selvagem (vv. 5-8); o boi selvagem (vv. 9-12); a avestruz (vv. 13-18); o cavalo de guerra (vv. 19-25); o falcão (vv. 26-30). Em cada caso ele indaga sobre um ponto especial que escapa à observação dos homens comuns. Se Jó era incapaz de saber mais do que eles em assuntos como esses, como esperava saber mais acerca das razões que determinam o modo de Deus agir com seu povo?

Há mistério em toda parte do universo de Deus. Ele se esconde, de modo que não podemos descobri-lo. Seus pensamentos são profundos demais, seus caminhos por demais insondáveis para que nossa mente possa penetrá-los. Dos caminhos que se iniciam no jardim da vida não existe um que o homem possa palmilhar sem chegar a um ponto onde ele morre na grama e ali finda. Tanto na natureza como nas Escrituras, deparamo-nos com a inescrutabilidade dos caminhos de Deus. E se o Deus da Bíblia e da natureza é o mesmo da providência, não podemos estranhar se também nesta encontramos mistérios.

JÓ 40

"Tens Braços Como Deus?" Parece que Deus ficou à espera da resposta de Jó para suas perguntas. Jó havia afirmado que encheria a boca de argumentos, mas agora não aparecia nenhum. Aquele visão de Deus lhe roubara a autoconfiança. Ele só podia reconhecer que falara demais. Mas ele precisa ser induzido a uma confissão adicional de que havia pecado e que ele fará dentro em pouco. (Comparar com Jó 42.6.)

Era como se o olhar Onisciente ainda visse em Jó restos de confiança em si mesmo; por isso Deus lhe ordena que se adorne com o máximo de glória

e majestade e que defenda um pouco mais sua posição. Mas, como o homem é impotente, mesmo na melhor das hipóteses!

Deus apresenta a verdade por meio de uma descrição magnífica do hipopótamo, em relação ao qual as maiores e mais fortes criações do homem são brinquedos de criança. Se não podemos prevalecer contra suas criaturas, como poderíamos enfrentar o Criador? Mas, se o Criador é nosso Pai, então estamos seguros!

JÓ 41

A Parábola do Crocodilo. No trecho anterior, Deus descreveu o hipopótamo; agora, esse capítulo é todo dedicado ao crocodilo. Em uma série de notáveis perguntas a voz do Todo-Poderoso sugere a grandeza desse animal. Não é um animal com o qual se possa brincar, ou ao qual possamos falar palavras suaves, ou cuja pele possa ser perfurada com armas aguçadas. Suas escamas (vv. 12-17); seus olhos, boca e narinas (vv. 18-24); seu destemor do ataque humano (vv. 25-29); seu poder de açoitar o mar deixando-o agitado, fazendo-o ferver (vv. 30-34) — ele descreve cada um desses aspectos dele em termos bem vívidos.

Como antes, está claro que o objetivo aí é evidenciar o forte contraste entre Deus e a insignificância e pequenez do homem. Pode ser que não sejamos dados a especulações acerca do mundo animal no qual vivemos. Mas estamos

em condições de apreciar o argumento. Certamente que aquele que sabe dizer o número das estrelas e pesa os montes em balanças tem um caminho através das profundezas, e deixa pegadas nas águas agitadas. Sendo tudo o que é, ele tem mesmo que se furtar aos olhos humanos, mas o coração pode confiar inteiramente nele. Nós sabemos que ele faz tudo bem.

JÓ 42

O Relacionamento de Jó com Deus é Restaurado. Em total submissão, Jó curvou-se diante de Deus, confessando sua ignorância e admitindo que tinha falado levemente de coisas que não compreendia. Ele tinha replicado aos amigos que era tão bom quanto eles, mas agora confessava, que era o principal dos pecadores como depois iria fazer o apóstolo Paulo. Uma coisa é ouvir falar sobre Deus, outra é vê-lo e conhecê-lo de perto. Bem que podemos abominar nossas orgulhosas palavras e arrependê-nos no pó e na cinza (v. 6).

Quando Jó se mostrou reto para com Deus, o Todo-Poderoso se pôs ao seu lado contra seus acusadores e os silenciou. Foi através da intercessão de Jó que eles foram perdoados. Ele próprio só foi plenamente perdoado depois que orou por eles com amoroso perdão. Mas, tão logo o fez, Deus tornou “a densa treva em manhã” (Am 5.8) e deu-lhe o dobro do que antes possuía. Assim os homens, quando perdoados e restaurados, são herdeiros de riquezas maiores que as que perderam.

O LIVRO DE SALMOS

A Vitória da Fé



1. CÂNTICOS DE LIVRAMENTO 1-41.
2. OS JULGAMENTOS DIVINOS 42-72.
3. HINOS NACIONAIS DE JUDÁ 73-89.
4. O REINO DOMINANTE 90-106.
5. HINOS DE LOUVOR E AÇÕES DE GRAÇA 107-150.

INTRODUÇÃO

“Os salmos hebraicos vêm sendo os hinos nupciais, os cânticos de batalha, as marchas dos peregrinos, as orações penitenciais e os louvores do culto público de todas as nações da cristandade, desde que o cristianismo nasceu.” (Autor desconhecido.)

“Nos dias da Reforma”, diz o grande expositor Delitzsch, “o livro de Salmos começou a espalhar suas fragrâncias como que gozando o renovado frescor de uma suave manhã de primavera.” Von Mueller diz que os salmos podem transformar uma vida de provação numa vida de alegria, enquanto LeFèvre os chama de “a força dos leões”.

O livro de Salmos encontra-se no meio da Bíblia e contém o coração da revelação. É chamado, algumas vezes, “uma Bíblia dentro da Bíblia”; é um resumo de tudo que o precede e dá uma antevisão do que se segue a ele. É o único livro da Bíblia com o qual todos os outros livros têm uma pronunciada afinidade.

A maior parte dos Salmos é constituída de orações — que não são meras formas de devoção, mas palavras vindas do coração de homens que não podiam viver sem Deus. Todas as experiências deles — fossem elas sofrimentos inauditos ou uma inexprimível alegria — são analisadas em relação à vontade divina.

Vários dos salmos são cânticos que celebram a história do povo hebreu. Embora alguns dos eventos principais sejam descritos em linhas gerais, há, também, uma grande riqueza de detalhes. Cerca de um terço deles é de autores anônimos; setenta e três trazem o nome de Davi; vinte e quatro são atribuídos a cantores da época de Davi e posteriores à dele, alguns dos quais pertenceram ao glorioso período da restauração conduzida por Esdras.

COMENTÁRIO

SALMO 1

Os Dois Caminhos e os Dois Fins. Como uma placa de sinalização, esse salmo indica ao homem a estrada da bem-aventurança. O salmo começa com mensagem igual à do Sermão do Monte (Mt 5). Depois de passar embaixo do arco da bênção, entramos no templo do louvor.

Pode-se obter a bem-aventurança de dois modos: negativamente, evitando a companhia dos descrentes; positivamente, entrando na companhia dos profetas e reis, dos salmistas e historiadores, e, principalmente, na do próprio Deus, os quais nos falam através das Escrituras. Não nos limitemos apenas a ler a Bíblia: “meditemos” nela. É melhor um versículo bem mastigado, do que um capítulo inteiro engolido às pressas.

As recompensas são: ser plantado junto aos rios, dar fruto, e prosperar. (Ver Gênesis 39.3,4; 49.22.) Como é maravilhoso também ter consciência de que Deus nos conhece e nos ama! (Ver o Salmo 56.8.) O ímpio começa com a

impiedade, daí passa ao escarnecimento e termina como palha (Mt 13.30).

SALMO 2

O Filho de Deus em Seu Trono. Esse salmo é um dos mais sublimes, e seu cumprimento só pode se dar no Senhor Jesus. (Ver Atos 4.25; 13.33; Hb 1.5; 5.5; Ap 2.27.) A forma como o salmo é apresentado é altamente dramática.

O resoluto ódio dos povos (vv. 1-3): “Enfurecem” contém a idéia de gestos e gritos frenéticos. Para mais idéias sobre o versículo 2, ver Lucas 23.12,13; Atos 4.25,26.

A tranquilidade divina (vv. 4-6): o cenário se desloca para o céu. Apesar de tudo, o propósito de Deus se realiza. “Constitui” significa “ungi”. As palavras “Messias” e “Cristo”, significam “ungido” (At 10.38).

O manifesto do Messias (vv. 7-9): Antes que começasse o tempo ele era o Filho unigênito de Deus (Jo 17.5). Mas sua filiação foi declarada em sua ressurreição (At 13.30-37). O mundo é dele, para ser ganho por meio da cruz e da intercessão.

Propostas de paz (v. 12): “Beijai o Filho”. (Ver o 1 Samuel 10.1.) Esse salmo se encerra como o primeiro principiou: “Oh, o bem-aventurado!”

SALMOS 3 & 4

Orações Matutinas e Vespertinas. Esses salmos, provavelmente, foram escritos quando Davi fugia de Absalão (2 Sm 15). Temos perfeita confiança quando somos capazes de dormir e nossos inimigos são muitos e estão decididos a destruir-nos. Assim dormiu Jesus (Mc 4.38); e Pedro (At 12.6). Certifiquemo-nos de que estamos onde Deus quer que estejamos e, então, entreguemo-nos ao seu amor cuidadoso. Ainda que estejamos sendo perseguidos por conseqüência de nossos pecados, veremos que Deus nos salvará, com a condição de estarmos contritos.

Comecemos e encerremos o dia com ações de graça e orações. Ser “piedoso” implica em amar. Amas a Deus e a seus santos? Então, fica sabendo que ele te distinguiu — isto é, te separou — para si mesmo. Busca somente a vontade dele. Contenta-te em deixar o mundo seguir o caminho dele. Não tens necessidade de invejar o mundano próspero. Queremos Deus para a vida celestial; por que não para a da terra?

SALMO 5

Proteção Contra os Ímpios. A ordem das diversas partes da oração é muito importante (Gn 22.9). O “Pai Nosso” deve ser o nosso modelo. Muitas vezes nossas “palavras” precisam ser suplementadas por nosso “gemido”; isto é, devemos dar lugar para os “gemidos inexprimíveis”, que o Espírito entende (Rm 8.26,27). Diferente de qualquer desses é o intenso clamor pelo socorro divino que é descrito aqui como “a minha voz que clama” (v. 2). Conversemos com Deus assim que despertarmos. Devemos ficar esperando a resposta (v. 3). Quantas respostas perdemos porque nos cansamos de esperar pelo retorno de nossos navios!

Notemos as sete expressões para os ímpios (vv. 4-7): “Porém, eu” — o principal dos pecadores; mas vejamos 1 Coríntios 15.10. O judeu, quando orava, ficava voltado para o templo (v. 7; Dn

6.10). Aqui, o tabernáculo, que o precedeu, tinha a mesma importância (1 Sm 1.9). Mas nós olhamos para o Santo dos Santos, onde Jesus entrou (Hb 10.19).

Os ímpios são caracterizados principalmente pelos pecados da palavra (v. 9). Os maus são como sepulcros que exalam odores pestilentos. Sua condenação é inevitável. Notemos a associação entre confiança, amor e alegria (v. 11).

SALMO 6

Livramento no Infortúnio. Esse é o primeiro dos salmos penitenciais; os outros seis são 32, 38, 51, 102, 130, 143. Os primeiros versículos são um lamento, mas o salmo termina num hino. É como um dia de chuva que clareia ao entardecer.

Os elementos da tristeza do salmista são dados nos versículos 1-7. O peso do desagrado de Deus, da angústia da alma, da enfermidade, da depressão, a oposição do inimigo — tudo isso eram ingredientes presentes em seu cálice de amargura. Como é tocante o lamento “eu me sinto debilitado!” Como é expressiva a frase intermópida, tantas vezes presente nos lábios de Calvino, “até quando?” A petição “sara-me, Senhor”, inclui tanto o ser mental quanto o físico.

A certeza da libertação se mostra visível nos versículos 8-10. A percepção de ter sido ouvido fulge sobre a alma como um raio de luz num ambiente sombrio. A resposta pode não ter chegado, mas é certa (1 Jo 5.15). O lamento tem voz: Deus interpreta suspiros. A imprecação do versículo 10 é, na realidade, uma predição. Quando Deus retorna para nós, depois que nós retornamos para ele, nossos inimigos tornam para trás.

SALMO 7

Refúgio em Deus Contra os Homens Maus. Esse salmo deve ser lido em comparação com 1 Samuel 24. “Cuxe”, ou “tez escura”, pode referir-se a um benjamita que proferiu falsas declarações. Se Davi precisava livrar-se de seus inimigos, quanto mais nós precisamos livrar-nos de Satanás (1 Pe 5.8,9).

Longe de ser culpado do pecado de que o acusavam, Davi, em duas ocasiões, tinha poupado a vida de Saul (1 Sm 24 e 26). Pelo versos 6-9, ele parece dar a entender que Deus tinha abdicado do seu trono, e o suplicante está pleiteando com ele para que o reasuma, sem qualquer medo do veredicto.

O mal, como o bumerangue, volta aos que o puseram em movimento. Ralph, o Andarilho, pereceu na Rocha Inchaço, cujo sino de aviso ele tinha destruído. O caçador cai na cova aberta na trilha da floresta para sua presa (Jz 1.7). Que bela oração no versículo 9!

SALMO 8

A Glória de Deus na Liderança do Homem. Essa delicada ode só pode ter cumprimento perfeito no Senhor (Hb 2.6-9). Todas as evidências indicam que ela teria sido composta à noite, provavelmente, por ocasião dos tempos de pastoreio, quando criaturas selvagens moviam-se furtivamente ao redor do aprisco e aves noturnas piavam no alto, lembrando ao poeta o mundo animal sobre o qual o homem estava destinado a reinar.

A atribuição dos versículos 1 e 2 é muito bonita. Cristo é tão poderoso que, quando sua força é transmitida aos pequeninos, eles derrotam os inimigos dele e os fazem emudecer (Mt 21.16; 1 Co 1.25). Não lamentemos nossa fraqueza (2 Co 12.9,10). A comparação dos versículos 3 e 4 é notável. É uma grande condescendência de Adonai, acima nos céus, ao filho de Adão (“pó”). Mas o rei ama seu filho mais do que ao seu palácio. Que imenso valor tem o homem, por quem Deus tanto fez! A coroa da criação foi colocada na cabeça do homem. O pecado arruinou isso, mas o Filho do homem a recuperou (Mt 28.18; Is 11.6-9; Rm 8.19-22). A alma santa possui o segredo do governo (1 Co 3.22).

SALMO 9

Confiança no Juiz Justo. Na versão caldaica, foram acrescentadas à dedicatória desse salmo as seguintes palavras: “concernente à morte do guerreiro que se colocava entre os dois acampamen-

tos”, numa referência à morte de Goliath. Esse é o primeiro dos salmos acrósticos ou alfabéticos, dos quais há nove: 9, 10, 25, 34, 37, 111, 112, 119, 145.

Há uma dominante nota de louvor (vv. 1-5, 11, 12, 14). É bom que nossa memória coloque muito combustível no altar do louvor. Na ressurreição do Senhor, Deus, na verdade, repreendeu o nosso arquiinimigo e, agora, suas fortalezas estão desertas (Zc 3.1,2; 2 Co 10.4; Cl 2.15). *Há uma nota correspondente de confiança* (vv. 7-12). A calamidade nos conduz a Deus. Quanto mais o conhecemos, mais confiamos nele. A dúvida nasce da ignorância. Deixemos que Deus exerça a vingança; ele não esquecerá (v. 12). *Há um pedido de mais auxílio* (vv. 13, 19, 20). Nós já estivemos nas portas da morte (v. 13); aqui estão as portas da Cidade Santa (v. 14). Comparemos o versículo 15 com Ester 7.10. Deus não nos esquece; não o esqueceremos (vv. 12 e 17).

SALMO 10

Deus Não Esquecerá os humildes. A malícia de nossos inimigos, em especial a de Satã, é descrita vividamente (vv. 1-11). É o veneno debaixo da língua da serpente (v. 7); é o bandido de tocaia (v. 8); é o leão em sua caverna, e também o caçador armando ciladas à sua presa que de nada suspeita (v. 9). E durante todo o tempo Deus está tão quieto que parece ter ele abdicado do seu trono.

Então os oprimidos começam a orar, confiando-se a ele (vv. 12-15). Não podemos nós elevar-nos acima do espírito da antiga aliança e pedir que o mal venenoso que está no coração dos nossos inimigos seja exterminado de modo a não deixar vestígios? E uma oração assim deve ser respondida. Comparemos 9.19 com 10.16,17. A verdadeira oração começa com Deus e volta a ele. Quando ele prepara o coração (v. 17), prepara também a resposta, que a tudo excede (1 Co 2.9).

SALMOS 11 & 12

Deus, Nosso Refúgio e Defesa. O primeiro desses salmos é um debate entre o medo e a fé, e data da ocasião em que Saul perseguia a Davi. Os amigos, te-

merosos e preocupados com a segurança dele, insistiam com ele para fugir para as montanhas. Tais conselhos de prudência freqüentemente são dados aos servos de Deus (Ne 6). Os diários de Lutero estão cheios de referências assim. Mas, a não ser que nosso dever esteja cumprido, devemos manter a posição; nós “não podemos agir de outra maneira”. Devemos lembrar que o amor de Deus está conosco, e que ele sempre olha com amor os seus sofredores. Comparemos 11.7 com Êxodo 3.7.

As palavras iniciais do salmo seguinte clamam por socorro nos dias desfavoráveis e maus. (Ver Miquéias 7.2.) “Coração fingido” — que outra versão traduz por “coração dobrado”, literalmente significa “um coração e um coração” (v. 2). Sejamos sempre sinceros em atos e palavras, senão perdemos o Espírito de verdade (Ef 4.25; Cl 3.9). O nosso suspiro fará com que Deus se manifeste (At 7.56). Seremos socorridos e guardados (v. 7 e Is 54.17).

SALMOS 13 & 14

A Bondade de Deus e a Insensatez dos Homens. O primeiro desses salmos também data da ocasião em que Davi era perseguido por Saul (1 Sm 19.1). Quatro vezes a alma perseguida clama: “Até quando?” O salmo começa no mais profundo abatimento, mas à medida que avança, vai clareando. A oração, muitas vezes prova ser a escada que nos conduz da mais profunda prisão ao dia mais radioso. Aqui nós encontramos depressões (vv. 1,2); súplica (vv. 3,4); segurança (vv. 5,6). Não carreguemos ansiedades no coração. Lembremo-nos de que Cristo está ao nosso lado, levando-nos para o seu reino em meio às lutas. A fé começa a louvar a Deus pela vitória antes mesmo que a luta haja chegado ao pior momento.

O credo, o caráter e o destino do ateu são apresentados no salmo seguinte, e ele é tão importante que precisou ser repetido. (Ver o Salmo 53.) A raiz do ateísmo está no coração (Rm 1.21). Seu efeito no caráter, palavra e ação é desastroso, e termina em grande pavor (v. 5). A melhor resposta ao ate-

ísmo é a luz e a liberdade dos filhos de Deus (v. 7; Hb 9.28; 2 Ts 1.6-10).

SALMOS 15 & 16

O Cidadão de Sião e a Sua Herança. O primeiro desses salmos foi composto provavelmente para celebrar a chegada da arca ao monte Sião (1 Sm 6.20). Ele descreve o caráter dos que têm comunhão com Deus e habitam em sua casa todos os dias de seu destino terreno. À pergunta do solista (v. 1), o coro dá a resposta (vv. 2-5), primeiro positivamente, depois negativamente. Não devemos pagar o mal com o mal; devemos estar atentos às companhias que escolhemos; e cultivar o espírito de amor e dedicação que não nos permitirá aproveitarmos-nos dos outros (v. 5). Eis aí o segredo da permanência e da paz.

A palavra hino, no original “mictā” que significa “áureo”, pode ser legitimamente aplicado ao salmo seguinte, bem como aos Salmos 56, 57, 58, 59 e 60. Outros traduzem a palavra como “segredo”. Ele é o hino do áureo segredo. A chave é dada em Atos 2.25. O apóstolo Paulo expressa claramente a autoria divina em Atos 13.35-38. O Senhor pode ter recitado os versículos 8-11 quando estava descendo o vale escuro, e também nós podemos fazê-lo.

SALMO 17

O Verdadeiro Servo de Deus é Seguramente Guardado. Também esse salmo data da época em que Saul perseguia Davi. Nos primeiros versículos, o salmista protesta sua inocência, roga para ser livre de seus inimigos e conclui com alegre expectativa da visão de Deus. O salmo pode ter sido composto para ser cantado no culto vespertino; ao menos dois dos seus versículos indicam isso (3 e 15).

Que conforto existe em não atentar para as acusações dos homens e apelar para o tribunal de Deus. Todavia, os sofrimentos que recebemos das mãos deles são o alto-forno de Deus. A palavra hebraica traduzida como “provas” é “derretes” (v. 3). Mas nós só podemos ser guardados se fizermos uso constante da Palavra de Deus (v. 4). E como estamos seguros! “A menina

dos olhos” — isto é, a pupila — é defendida pelas pestanas, pela pálpebra, pela sobancelha, pela cavidade ocular e pelo braço levantado. “Tuas asas.” (Ver Deuterônimo 32.11.)

Notemos o contraste entre o versículo 14 e o Salmo 16.5,11. Os mundanos se satisfazem com este mundo — eu, contigo. Eles olham para as coisas desta vida — eu, para as invisíveis e eternas. Eles se fartam de filhos — eu, da “tua semelhança”.

SALMO 18.1-26

Um Livramento Maravilhoso. Há outra transcrição desse salmo em 2 Samuel 22. No Novo Testamento, o versículo 49 é aplicado ao Senhor Jesus (Rm 15.9). Nós começamos com a firme atitude do salmista (vv. 1-3). Uma metáfora só é insuficiente para descrever a totalidade do socorro de Deus aos homens; será que podemos dizer “eu te amo”? (Ver João 21.17.) “Tu o sabes!”

A lembrança do passado (vv. 4-19). Nós também temos nosso mar Vermelho. Clamemos também na hora da dor. A voz do sofredor pode ser fraca e solitária, mas passa através dos portões de pérola e movimenta a criação (Lc 8.46).

A confiante afirmação do justo (vv. 20-26). Não podemos afirmar possuir uma justiça nossa, mas apoiamo-nos na de Cristo. Estamos cheios de impureza e pecado, mas podemos clamar a Deus suplicando ao menos uma intenção pura. Comparemos o versículo 26 com Levítico 26.21-24. O vento sopra numa direção; podemos andar na direção contrária a ele ou na mesma que ele — a escolha é nossa.

SALMO 18.27-50

Cingido de Força Para o Combate. O caminho de Deus é perfeito, e se somente com ele andarmos, ele aperfeiçoará o nosso também. Nem muralhas nem exércitos podem deter o homem que está com Deus, pois ele os faz atravessá-los. Devemos perseverar na linha do propósito dele, pois assim as próprias montanhas se tornam em caminho e nossos inimigos colaboram com o plano divino (At 2.23).

Ele é ligeiro e de andar firme quando o caminho é escorregadio (v. 33); des-

tro na batalha (v. 34); engrandecido pela clemência de Deus, ou, como está no “Livro de Orações”, da Igreja Anglicana: “pela tua bondosa correção” (v. 35). A severidade jamais teria feito pelos apóstolos o que Jesus fez por meio de sua paciência e longanimidade.

O aleluia final dos versículos 46 a 50 é muito bonito. É do Salvador *vivo* que nós precisamos. Devemos ser comedidos em nossas palavras quando falamos de homens; mas os lábios mortais, por mais eloqüentes que sejam, jamais dirão tudo o que há para se dizer de nosso Rei.

SALMO 19

As Obras e a Palavra de Deus. Este é o “Salmo dos Dois Livros” — a natureza e as Escrituras. Se o Salmo 8 fora escrito à noite, o Salmo 19, com toda a certeza, foi escrito durante o dia. No versículo 1, Deus é chamado *El*, “forte”; nos versículos 7, 8, 9 e 14, o Jeová hebraico é traduzido por “Senhor”, como se sua glória como Criador fosse o degrau de que precisamos para as mais altas concepções do Redentor.

O silêncio da natureza: “Não há linguagem, nem há palavras”. (V. 3.) Que bela ilustração do sagrado silêncio da alva! Mesmo assim, o seu testemunho é universal. A harpa da natureza ressoa para a glória de Deus. Jesus é o nosso Sol (Mt 4.2).

Seis sinônimos são dados para as Escrituras, e doze qualidades lhe são atribuídas (vv. 7-9). E como isso (v. 10) descreve perfeitamente o Senhor! Termine-mos nosso louvor com confissão e oração. “Faltas” (v. 12; ver Levítico 4.2,13). “Domine” (v. 13; ver Romanos 6.14). Jeová é mencionado pela sétima vez (v. 14) com dois títulos amorosos! Será que todos podemos dizer “meu”, referindo-nos a Deus e a tudo o que ele é?

SALMO 20

O Poder Salvador da Destra de Deus. Esse salmo pode ter sido escrito numa ocasião como a de 2 Samuel 10.

A oração dos soldados (vv. 1-4). Preparados, perfilados para a batalha, eles saúdam o seu rei. O nome de Deus é o seu sinal. O Deus de Jacó não pode abandonar-nos, embora sejamos indig-

nos como o patriarca. “Ó vermezinho de Jacó.” (Is 41.14.)

A firme determinação (v. 5). Nossos pendões podem tremular orgulhosamente ao sopro da brisa, mas se Deus não for a nossa garantia é tudo em vão. O Senhor é a nossa “bandeira” (Êx 17.15). Só seremos vitoriosos se avançarmos em seu nome e para a sua glória.

A voz do rei (v. 6). No original, o termo “força” está no plural significando a variedade e a infinidade dos recursos de Deus, com os quais podemos contar.

O coro final do exército (vv. 7-9). Os soldados lançam o olhar pelo campo e constataam a diferença entre o poderio de seus inimigos e seu equipamento insignificante. Mas, enquanto eles contemplam aquelas hostes dispostas para a batalha, elas são desbaratadas como nuvens diante dum vendaval. “Dá vitória!” é o grito de batalha.

SALMO 21

Alegrando-se na Força de Jeová. Esse salmo é companheiro do precedente. Aqui eles reconhecem alegremente que as bênçãos pedidas no primeiro lhes foram concedidas; e festejam os prenúncios de um futuro brilhante. Muito desse salmo só se aplica de fato ao Rei ideal — o Senhor! Leiamos-lo com referência especial a ele enquanto ele cavalga seu cavalo branco (Ap 19.11-16).

Às vezes os lábios têm dificuldade de expressar aquilo que o coração deseja. A única vida que pode satisfazer é a eterna, mas essa já é nossa, se ao menos reconhecêssemos isso. Nossos mortos queridos são mais abençoados “para sempre”, porque vêem o Senhor “face a face”; mas nós também podemos participar de sua alegria. A confiança em Cristo é o segredo de “não vacilarmos”. Deus exaltou Cristo para ser um Príncipe e um Salvador, e não estaremos em paz enquanto não tivermos feito a mesma coisa (At 5.31).

SALMO 22.1-15

O Clamor dos Desamparados. A legenda dessa ode belíssima diz: “Segundo a melodia: Corça da manhã”. A corça é o símbolo da beleza. (Ver Cantares 2.7,9.) Os cruéis perseguidores são chamados de touros, leões e cães. Talvez a alusão

à manhã seja uma referência ao alvorecer da esperança da ressurreição.

Naturalmente nosso bendido Hino está em cada sílaba desse hino. Na verdade, o salmo parece mais um relato do que uma profecia. Aparentemente, o divino Sofredor o recitou para si mesmo quando se achava na cruz, pois ele se inicia com “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” e termina, segundo alguns, com uma palavra cujo significado hebraico é: “Está consumado”. Na verdade, ele é uma fotografia do Calvário, um memorial do sofrimento de Jesus.

Algumas vezes, quem está em agonia tem a impressão de que Deus não o ouve; mas a verdade é que mesmo nessas horas de trevas o dia pascal está chegando apressadamente para romper em glória resplendente. Ele não permitirá que o seu Santo veja corrupção (Sl 16.10).

SALMO 22.16-31

O Testemunho dos Libertados. No meio do versículo 21 há uma notável mudança, saindo do tom lamentoso para o triunfante: súplica e rogo irrompem em exultação; a esperança arranca a harpa quebrada das mãos do desespero, encoroda-a, e extrai dela acordes que os anjos, que estão voltando para Deus, são constrangidos a parar e ouvir.

O que havia dito “não me respondes” (v. 2) confessa que o tempo todo Deus estivera ouvindo e socorrendo. Agora Jesus se unirá aos santos em salmos de louvor. (Ver João 17.26 “o farei conhecer” e Hebreus 2.12.) O homem pode detestar um verme, mas Deus usa os vermes para moer os montes (Is 41.14,15).

Nos versículos finais, há uma previsão certa acerca dos efeitos da morte de Cristo na cruz, não somente sobre os judeus, mas, também, sobre “os confins da terra”; isto é, os gentios. O usurpador será destronado (v. 28); a ressurreição se realizará (v. 29); e a posteridade espiritual satisfará o penoso trabalho do Redentor (v. 30).

SALMO 23

O Hino do Bom Pastor. Um descanso sabático parece exalar desse salmo, que

é o predileto das crianças, enquanto os mais idosos e mais santos confessam que ele fala de uma experiência que está sempre *diante* deles. Aí não há luta, nem medo, nem acusação, nem autojustificação.

Jeová é apresentado aí como o Pastor, o Guia, e Protetor do seu povo. Aprendemos a olhar mais a sua responsabilidade para conosco do que nossa atitude para com ele. O rebanho não guarda o pastor, mas o pastor guarda o rebanho. Esqueçamo-nos de nós e confiemo-nos a ele com tudo, em tudo e por tudo.

Deixemos que Deus cuide de nossas necessidades. Nós não precisamos de nada a não ser dele. Seus “pastos” são “verdejantes”; suas “águas”, “águas de descanso”. Ele nos proporciona refrigério quando estamos cansados; cura-nos, quando doentes; restaura-nos da caminhada; guia-nos a caminhos retos, apesar de íngremes; acompanha-nos pelo vale com a vara, para defender-nos dos adversários e o cajado para retirar-nos de buracos; prepara-nos uma mesa no meio do ódio; e nos protege com os anjos gêmeos, bondade e misericórdia.

SALMO 24

Entrando no Lugar Santo de Jeová. O Salmo 22 fala da cruz, o Salmo 23, do cajado e o Salmo 24, da Coroa. Esse grande hino coral evidentemente foi composto para celebrar a remoção da arca de casa de Obede-Edom para o monte Sião (2 Sm 6). Ela foi levada para o seu lugar de repouso ao som de música e cântico, e esse salmo foi o cântico de marcha dos sacerdotes (1 Cr 15.2-27).

Os dois primeiros versos eram cantados por toda a multidão, o terceiro por um solista, o quarto e o quinto pelo coro, e o sexto pela congregação inteira. Que sublime desafio a multidão que se aproxima apresenta no versículo 7, e que seria respondido por um conjunto que estava dentro dos portais (v. 8)! Esse, por sua vez, é respondido pelo clamor da multidão (v. 9).

Essa magnífica ode alcançou seu perfeito cumprimento quando o poderoso Senhor que venceu o inferno e a sepultura subiu às alturas e se assentou à destra do Pai. Ó amigo, abre amplamente

as portas do teu coração para que ele entre!

SALMO 25

Uma Oração Pedindo Perdão e Proteção. Esse é um salmo acróstico ou alfabético. Os versos começam com as letras sucessivas do alfabeto hebraico, para facilitar a memorização. São assim também os Salmos 9, 10, 34, 37, 111, 112, 119 e 145. Aqui ele repete alguns conceitos várias vezes, como por exemplo, “esperar” (vv. 3,5,21); “envergonhado” (vv. 2,3,20); e “ensinar” (vv. 4,5,9).

Elevemos nossa alma a Deus, para que as trevas fujam diante da luz divina e sejam curadas nossas doenças pela virtude da salvação. Se oramos pedindo a Deus que nos guie e instrua, acalmemo-nos e esperemos “todo o dia” (v. 5). A única coisa de que precisamos é a unção que recebemos (1 Jo 2.27). A santidade de Deus não se constitui numa barreira, mas num incentivo a pecadores arrependidos. Observemos o “por isso” (v. 8) e comparemos com Mateus 9.13 e Lucas 15.1. O que não fará Deus pelo Nome! (Ver Isaias 63.14,16; Ezequiel 36.22,23.) Para saber o que é a “intimidade” do Senhor, ver Gênesis 18.17 e 1 Coríntios 2.9,10. Confiemos a Deus a guarda de nossa alma e nunca seremos envergonhados (Is 49.23).

SALMO 26

Uma Declaração de Lealdade a Deus. Em alguns aspectos, esse salmo se assemelha ao anterior, somente que, em lugar de pedidos de perdão, há protestos de inocência. Ele pode ter sido composto durante a rebelião de Absalão, e contém um enérgico protesto contra a dissimulação e a hipocrisia nas quais se baseava a revolta. Nessas confissões de retidão consciente, deve-se ter em mente que Davi não pretendia sustentar impetibilidade absoluta, mas, antes, declarar sua inocência em relação às acusações específicas assacadas contra ele.

Todos nós precisamos da purificação mencionada nos versículos 6 e 7. Ou melhor, voltemos ao Senhor, que ainda lava os pés de seus discípulos, como em João 13. O ódio ao pecado é um lado da moeda; o amor à casa de Deus, o reverso. Um implica no outro. Por mais firmes

que nossos pés pareçam estar, todos precisamos da misericórdia e da graça redentora de Deus. Ah, as riquezas de sua graça em bondade (Ef 2.7)!

SALMO 27

O Cântico da Intrépida Confiança em Deus. Esse salmo data provavelmente do tempo em que o rei exilado, cercado por inimigos inescrupulosos, em seu esconderijo além do Jordão, contemplava a Cidade Santa, onde se encontrava a arca. “Uma coisa” desejava ele acima de tudo o mais. As pessoas com um propósito único (“uma coisa”) são irresistíveis (Fp 3.13,14).

Aqui nós temos *segurança* (vv. 1-6). A casa de Deus para nós é a sua presença. Podemos viver todos os dias na Nova Jerusalém, que não necessita nem da luz do sol nem de vela. Nós estamos nela, embora não o saibamos. Oh, se nossos olhos pudessem ser abertos para vermos onde estamos (2Rs 6.20). Como Deus deve ser belo, pois fez o mundo tão lindo!

A seguir temos *súplica* (vv. 7-14). O tom de triunfo muda para tristeza. Será que o salmista desviou os olhos do seu Redentor e dirigiu-os para os ventos e as ondas? Mas, algumas vezes, parece que Deus esconde seu rosto apenas para atrair-nos a um nível de entrega total e confiança nele que de outra maneira, nunca ousaríamos adotar (Mc 7.28). Nossos entes queridos podem afastar-se, mas o Senhor recolhe (Is 40.11).

SALMO 28

Uma Oração e a Resposta. Esse salmo também data, provavelmente, da época da rebelião de Absalão. Os versos 2 e 3 se assemelham ao Salmo 26.8,9.

Algumas vezes Deus fica em silêncio porque nos ama indizivelmente (Sf 3.17); algumas vezes ele o faz para provar nossa fé (Mt 15.23); outras porque já nos falou e nós deixamos de ouvir (Mt 26.62,63). Mas não busquemos auxílio em outro lugar (1 Sm 28.6,7). Espere-mos e oremos levantando as mãos na escuridão para tocarmos as mãos dele.

Essas orações pela punição dos maus devem ser lidas como predições. Não tenhamos medo do mal, nem dos malfeitores. Deus é “um fogo consumidor”

e destrói todo o mal. Ele faz com que nosso inimigo permaneça imóvel como uma pedra até que os seus remidos tenham passado por cima. Por esse motivo, o salmista sente brotar em si um raio de esperança que acha expressão nos versículos 6 e 7. A fé exclama: “Fui socorrido!” Regozijemo-nos antes mesmo que o carcereiro venha dizer-nos que estamos livres (At 16.25); e apresentemos as nossas orações pela igreja toda (v. 9).

SALMO 29

A Bonança Após a Tempestade. Esse é um exemplo perfeito da poesia hebraica, descrevendo a passagem de uma tempestade sobre a terra da Palestina de norte a sul.

O prelúdio (vv. 1,2) é dirigido às hostes angélicas, que permanecem acima do tumulto da terra e do céu. O céu é visto como um templo no qual os anjos são os sacerdotes.

A tempestade (vv. 3-9). As “muitas águas” são o Mediterrâneo. A tempestade irrompe primeiro no Líbano, cujos cedros balançam para um lado e para outro ante a sua fúria. Cada trovão é acompanhado por um longo relâmpago. A tempestade passa a Cades e depois às cidades de Petra, construídas na rocha. Os animais selvagens ficam aterrorizados, as árvores são desnudadas de sua roupagem de folhas. No templo, os adoradores respondem ao desafio da natureza! Glória ao Rei! “A voz do Senhor” é mencionada sete vezes. (Comparar com Apocalipse 10.3.)

A conclusão (vv. 10,11). Esse Deus é o nosso Deus, e nos dará força e paz. O salmo começa com “glória a Deus nas maiores alturas” e termina com “paz na terra”.

SALMO 30

“*A Alegria Vem Pela Manhã.*” Esse salmo acha-se relacionado com 2 Samuel 5.11. Que diferença entre a caverna de Adulão e a casa de cedro! Visto que Deus nos elevou pela sua misericórdia, devemos elevá-lo pelo louvor.

Evidentemente Davi atravessara uma fase de enfermidade ou de intensa tristeza, e, agora, sentia que por mais que agradecesse a Deus pela sua misericór-

dia remidora nunca o faria bastante. Quando chegaremos a conscientizarmos de que Deus tanto nos perdoa o pecado como nos redime de suas conseqüências eternas! O “choro” está aqui personificado; não passa de um hóspede que permanece enquanto dura a breve noite oriental, mas depois, retira-se da casa discretamente ao clarear do dia. Com o primeiro raio de luz a alegria chega para morar, e nós ouvimos sua cordial saudação no vestíbulo.

Necessitamos de mais alegria do Senhor. O primeiro toque de dor nos faz “clamar” (v. 8), mas somos vagarosos para colocar e usar o cinto e as vestes da alegria. Ânimo, amigo entristecido; Deus ainda mudará a sombra da morte em manhã de alegria.

SALMO 31.1-13

Um Grito Vindo de Profundo Infortúnio. Alguns supõem que esse salmo foi escrito durante as perseguições de Saul; mas é mais provável que date da revolta de Absalão. Ele alterna as profundezas do abatimento e as alturas da fé sublimada, e se aplica bem aos que andam nas trevas e não têm luz (Is 50.10).

Ele dá a idéia de que a alma está num pântano varrido pelo vento, sem qualquer proteção da tempestade. Tudo está escuro e deserto, e ela tem pavor de ser apanhada no laço que lhe armaram (v. 4). Que oração magnífica a do versículo 5! Ela forneceu as palavras finais a Estêvão, Policarpo, Bernardo, João Huss, Lutero, Melancton — acima de todos, ao Senhor (Lc 23.46; At. 7.59). Salmos foi o livro de orações do Senhor. Esse versículo é uma petição apropriada, também, quando vai chegando aquele dia desconhecido (2 Tm 1.12).

O pecado, a difamação, a negligência magoam o coração, mas Deus tudo pode. Escondamo-nos nele; a vida que está escondida em Deus está segura. “Oculta juntamente com Cristo, em Deus.” (Cl 3.1-4.)

SALMO 31.14-24

“*O Senhor Preserva os Fiéis.*” Que mudança ocorre quando desviamos os olhos dos homens e coisas e os fixamos em Deus! Não olhemos para Deus

através das circunstâncias, mas para as circunstâncias através da presença dominante de Deus, como que através de uma neblina de ouro. Os tempos do Senhor estavam nas mãos do Pai, e ele não os adiantaria nem um centímetro enquanto a hora não soasse no relógio do céu (Jo 2.4; 7.6,8,30; 8.20).

Assim como Deus armazenou carvão e minério na terra, e como os exploradores das regiões árticas depositam provisões sob pequenos montes de pedras para que eles mesmos ao voltarem, possam achar mantimento assim também as inescrutáveis riquezas de Deus estão guardadas em Cristo esperando que nos apropriemos delas (2 Pe 1.3).

Que maravilhoso esconderijo é o recôndito da divina presença! Você já esteve nessa saleta particular do Rei? O pavilhão de Deus é à prova de som; a contenda de línguas não pode penetrar nele.

SALMO 32

O Louvor do Perdoador. Davi é o autor desse salmo (Rm 4.6-8). Um “salmo didático” visa a “dar instrução”. E aqui aprendemos de fato sobre a atuação da consciência. (Comparar com o Salmo 51.) Esse era um dos salmos prediletos de Lutero.

Davi reteve a confissão do seu pecado durante algum tempo e sofreu terrivelmente. Mas, depois que abriu a ferida e extraiu o veneno, ele rompeu nas palavras com que o salmo começa: “Bem-aventurado!” “Pecar” significa “errar o alvo”; “iniquidade” é aquilo que é desviado do curso. “Perdoador, coberto, não atribuí” — cada expressão dessas pode aplicar-se a nós por meio de Jesus.

A presença de Deus está sempre bem mais perto quando transbordam muitas águas. Notemos as três preciosas promessas de instrução, ensino e orientação (v. 8). Lancemos sobre Deus a responsabilidade de nos indicar o caminho. Não esperemos o golpe brusco do freio ou das rédeas; que o amor prepare e inspire cada um de nossos movimentos. Haydn disse: “Quando eu penso em Deus, as notas saem dançando da minha pena”. Lembremo-nos

da música e das danças que deram as boas-vindas ao filho pródigo!

SALMO 33.1-12

“*A Palavra do Senhor.*” Esse salmo tem por objetivo levar-nos a louvar a Deus. Notemos os temas que são abordados com a esperança de que um deles possa produzir uma centelha com a qual se inflame nosso coração frio.

As palavras e obras do Senhor são os primeiros assuntos analisados (v. 4). Nunca esqueçamos que nada foi feito sem o Senhor Jesus. Ele é, enfaticamente, a Palavra através de quem o “haja” criador foi enunciado (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2). Ao contemplarmos as belezas e maravilhas da criação, é bom apresentarmos louvor àquele cujas parábolas revelam os segredos que ele escondeu nas obras de suas mãos.

Notemos os vívidos traços com que a obra da criação é descrita nos versículos 6 a 9. Observemos depois a descrição do governo providencial de Deus (vv. 10-12). Ele nos diz que somos herança de Deus. (Ver o versículo 12.) Lemos em Efésios 1.11 que fomos feitos herança dele, o que é confirmado por Efésios 1.18. Ocupa cada centímetro de nosso ser, para o cultivares, Senhor!

SALMO 33.13-22

“*Os Olhos do Senhor.*” A amplitude da providência de Deus (vv. 13-15). Todos nós, por mais humildes ou desprezíveis que sejamos, estamos debaixo de sua observação. Isso não quer dizer que todos os corações tenham aptidões ou forças semelhantes, mas que não há um só que não traga algum sinal, embora meio apagado, da imagem e inscrição de Deus.

A vigilância de Deus (vv. 16-19). Os preparativos que as pessoas fazem para se protegerem de perigos e da pobreza muitas vezes fracassam. “O cavalo não garante vitória.” Se Deus não estiver conosco, as patas ligeiras do cavalo não nos salvarão no dia da batalha, quando o inimigo nos atacar furiosamente. Mas os insones olhos de Deus estão sobre os que o temem; e, no momento em que ele melhor puder socorrer-nos, intervirá para livrar. Lembremos o Salmo 20.7.

A certeza do auxílio de Deus (vv. 20-22). Esperemos seu tempo de operar. A confiança certamente dará frutos de alegria. Os que esperam em Deus terão muitos motivos para louvá-lo. Animemo-nos! Agora mesmo já podemos ouvir o som dos passos das hostes angélicas em marcha! Estejamos prontos para louvar a Deus!

SALMO 34.1-10

“*Engrandecei o Senhor Comigo.*” O evento associado a esse salmo está registrado em 1 Samuel 21. O incidente não foi muito louvável. Contudo Davi percebeu a bondade de Deus, apesar de suas falhas e erros pessoais.

No original os versos começam com as letras do alfabeto hebraico. Verso 1: “Bendirei o Senhor em todo o tempo”. Bendizer a Deus sempre, nos dias escuros ou nos ensolarados, é um sinal de grande graça. Verso 3: “Os pássaros”, diz Trapp, “quando encontram um montão de trigo, trinam para chamar seus companheiros.” Versos 4.6: Durante todo o tempo em que Davi se fingia de louco, sua alma estava buscando a Deus em oração. Verso 7: Comparar com Atos 12.6-10. Verso 8: Para compreendermos algumas experiências precisamos vivê-las. Não há palavras adequadas para descrevê-las. Verso 10: “Nada te deixaremos!” disseram a uma viúva alguns soldados, ao saquear-lhe a casa. “Não me incomode”, respondeu ela. “Enquanto Deus estiver no céu não passarei necessidade.” Columba, um missionário celta da antigüidade, passou a última tarde de sua vida copiando esse salmo. Ao chegar ao décimo versículo disse: “Vou parar aqui. O versículo seguinte combina melhor com o meu sucessor”.

SALMO 34.11-22

A Salvação do Contrito (vv. 11-14). O ponto essencial dessa exortação é citado por Pedro em sua primeira epístola. (Ver 1 Pedro 3.10.) Não precisamos apressar-nos para nos defender ou responder a falsas acusações. Refreemos os lábios, fiquemos em silêncio, como fez Jesus, e sigamos fazendo o que é justo e bom. Deus cuidará para que nossas necessidades sejam supridas, nossos inimigos

silenciados, e para que nossa alma seja redimida. Verso 15: Alguém se sente sem condições de aceitar a designação de “justo”? Lembre-se de que Paulo ficou feliz de rejeitar a sua, de modo que pudesse revestir-se da justiça de Outro. Isso ainda vale para nós. (Ver Filipenses 3.9.)

Verso 17: Às vezes passamos por tribulações, mas Deus nos livra em meio a elas. Verso 20: Talvez não reconheçamos a presença do Grande Jardineiro, mas ele passa junto às plantas que suportaram a força do vento e da tempestade, para curvar-se sobre nós que nos achamos abatidos até o chão. Vemos o cumprimento literal disso em João 19.36. Quanto devemos ao contínuo cuidado de Deus! Verso 22: Observemos o emprego do presente do verbo com que o salmista registra o amor remidor de Deus. Ele nunca envelhece.

SALMO 35.1-17

Socorrendo o Pobre e o Necessitado. Este salmo também data da época da perseguição de Saul a Davi, ou então da fase de agitação vivida nos últimos anos do reinado dele. Todas as três partes do salmo terminam com louvor (vv. 9,18,28).

Em todo o salmo encontramos fortes imprecisações contra os maus. O espírito do Novo Testamento comunica uma lei mais elevada, a lei do amor e do perdão (Lc 9.55,56). Por isso o Senhor repreendeu os apóstolos quando eles pediram fogo do céu. Ele disse: “Não compreendeis que passastes da velha para a nova aliança”. Alguém já disse que as maldições desses versículos devem ser lidas como predições. Assim, em lugar de “Sejam confundidos” deveria ler-se “Serão confundidos”, “o seu caminho se tornará tenebroso e escorregadio”, “o anjo do Senhor os perseguirá”, etc.

Que emoção toma conta de nossa alma quando Deus nos garante: “Eu sou a tua salvação”. “Quem contigo se assemelha?” (Êx 15.11.)

SALMO 35.18-28

Um Apelo ao Justo Juiz. Verso 20: “Os pacíficos da terra” era o título adotado por alguns crentes da Alemanha, numa

época negra quando a religião vivia dias sombrios. Figura belamente adequada àqueles cuja vida está “escondida com Cristo em Deus”. “Estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo.” (Cl 3.1-14; 1 Jo 5.20.)

Verso 24: “Julga-me, Senhor!” Que conforto poder largar mão dos julgamentos dos homens e apelar para o tribunal de Deus! Nós sabemos que nosso Advogado defenderá nossa causa com a eloqüência do amor. Sua intervenção e justificação nos inocentará. Deus os viu! Ele não se calará! Ele não se aventa!

Versos 27, 28: Nós desejamos que outros se juntem a nós no louvor. Na visão de Isaías, um serafim clamava ao outro. Deve haver uma santa disputa nas ações de graça. Oh, que a resolução do salmista possa ser uma característica de todos nós; e que todos os nossos dias sejam cheios de louvor, em vez da constante murmuração e lamentação tão comuns ao homem, até mesmo aos filhos de Deus!

SALMO 36

Deus, a Fonte da Vida. O servo do Senhor, como diz a legenda, está falando aqui. Ele está horrorizado com os caminhos e pensamentos dos ímpios. Usando uma imagem forte (v. 1), a transgressão é personificada, sendo a voz que fala no coração do ímpio, como o oráculo de Delfos em sua escura caverna; e a resposta do oráculo secreto está cheia de palavras suaves, mas enganadoras. Foi isso que nossos primeiros pais constataram.

Que bênção é deixar o socorro do homem e recorrer a Deus! Notemos os atributos de Deus como são aqui apresentados: “tua benignidade”, “tua fidelidade”, “tua justiça”, “teus juízos”. É uma pulseira de ouro que começa e termina com amor. A natureza inteira fala do amor de Deus ao coração que ama. Mas os que se dirigem para Deus descobrem que ele é muito superior à revelação que a natureza pode dar dele. Ele é melhor do que banquetes para homens famintos. Deixemos que a vida dele nasça em nós, como uma fonte, e peçamos a iluminação de sua luz. Serenamente protegidos debaixo de suas

asas, ou em sua casa, podemos contemplar impassíveis “os destroços da matéria e o esmagamento dos mundos”.

SALMO 37.1-17

A Solução Certa Para a Inquietação. Esse salmo é acróstico, abordando o problema da desigualdade da vida humana e o fato de Deus aparentemente não recompensar seus servos, nem punir seus inimigos como eles merecem. Naquela época, ainda não havia conhecimento da vida e da imortalidade, onde sabemos que a balança será reajustada e, portanto, a solução parecia mais difícil antes do advento do Senhor, do que para nós hoje.

Mas embora a solução do salmista, por causa disso, não seja completa, seu ensino de que é feliz aquele que tem confiança absoluta na providência de Deus é muito agradável. “Não te impacientes”; isto é, não dê lugar a um violento ressentimento nem a um amargo desapontamento. Vivamos em Deus; encontremos nossa alegria na contemplação de sua natureza e de suas obras; deixemos com ele as decisões de nossa vida; confiemos nele para suprir todas as nossas necessidades e agir em nosso benefício. Cala-te e descansa!

Como essa imagem do feliz, tranqüilo filho de Deus contrasta dramaticamente com os ímpios e sua condenação certa — como pastagens ressequidas pelo calor, ou finas colunas de fumaça que vão desaparecendo no ar! Espera e confia!

SALMO 37.18-29

Caminhos que Deus Estabelece. Deus tem prazer em nossa vida. Ele está executando um plano em cada um de nós. Mesmo nossas falhas não o afastam de nós, porque segura firme as nossas mãos (v. 24). Muito depois que um filho seu já partiu para o lar, Deus cuida de seus descendentes. Se eles continuarem nos caminhos de seus pais, são conduzidos na correnteza do cuidado providencial de Deus; mas, obviamente eles podem afastar-se desses caminhos. Que preciosas promessas as dos versículos 28, 31, 33, 37, 39 e 40! Jamais somos desamparados! Temos sempre a segurança de um Advogado junto à Di-

vina Presença! Nunca somos deixados à mercê de nossos inimigos! Somos abrigados com segurança nas horas de tribulação! E morremos em paz! Tais são as bênçãos que advêm para o servo de Deus. Tal é a observação de alguém que já não é moço (v. 25).

Quando formos alvos de zombaria, perseguição, difamação, e estivermos desesperados, procuremos um lugar silencioso e levantemos para Deus nosso rosto marcado de lágrimas. Ele compreende a linguagem silenciosa dos suspiros e lágrimas. Mas não o apressemos; ele tem muito tempo para agir. Esperemos pacientemente, e descansemos nele.

SALMO 37.30-40

Passos que Não Vacilarão. Como esse salmo tem sido apreciado pelos santos de Deus! Inúmeros crentes, em todos os tempos, têm expressado apreciação por ele. Gerhardt parafraseou-o num belo hino:

Ao vento lança os teus temores,

Espera e, impávido, prossegue.

Quando Paulus Gerhardt (1607-1676 — um dos maiores hinólogos alemães) foi banido de Berlim pelo príncipe do lugar, dirigiu-se a uma pequena hospedaria de beira de estrada, sem saber que rumo tomar. Vendo a esposa muito deprimida, pôs-se a ler esses versículos em busca de conforto para ambos, e foi então que esse hino brotou em seu coração. Naquela noite chegaram mensageiros do Duque de Mecklen burgo, oferecendo-lhe uma posição respeitável em seu reino.

Entre muitos outros, o quinto versículo era freqüentemente citado por David Livingstone. A tradução do Bispo Coverdale para o versículo 37 é admirável. Diz ele: “Preserva a inocência e atenta para o que é reto, pois isso, no fim, trará paz ao homem”. Mas o salmista afirma repetidamente que o cumprimento das promessas de Deus acha-se condicionado à fé (v. 40). Ao amanhecer, o dia pode estar tempestuoso, mas a tempestade se desfaz antes do anoitecer e o crepúsculo será de ouro.

SALMO 38

O Clamor do Penitente Necessitado. Eis aqui um longo gemido de dor. Alguns

acham que esse salmo deve ser agrupado aos salmos 32 e 51, pois crêem que pertence à ocasião da queda e arrependimento de Davi. Ele está carregado da consciência do castigo divino e de uma profunda convicção de pecado. Talvez Davi estivesse sofrendo fisicamente, ou poderia estar descrevendo suas enfermidades espirituais em termos que tomou emprestado da esfera física. Seus amigos permaneciam afastados e seus inimigos estavam perto. Mas era mais sábio afastar-se do homem e esperar somente em Deus. Quando somos esbofeteados e humilhados, a atitude correta é a do Senhor. Como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca!

No versículo 15, o tom se torna mais calmo. A alma começa a voltar ao seu centro de gravidade em Deus. Observemos a repetição de “pois”, “porque” e “por causa” (vv. 15-18). A fé dispõe os seus argumentos. De suas “tristezas” ela constrói “Betéis”. Como Sansão, ela acha mel na carcaça do leão. Mas Deus não nos abandonar! Nunca, nem por um momento retirará de nós sua atenção. O Refinador se assenta junto ao crisol, e resfriará o calor no momento que a obra estiver terminada.

SALMO 39

A Breve Medida de Nossos Dias. Nos versos iniciais, Davi descreve as circunstâncias das quais resultou esse salmo. A presença e a prosperidade dos ímpios o incomodavam demais, mas sabiamente ele evitava falar. Há momentos críticos em nossa vida quando fazemos bem em não expressar o que nos vai no coração. Mas, se nossos sentimentos exigem uma vazão, procuremos ficar a sós e abramos o coração para Deus. Assim que chegamos à santa presença nosso coração e língua assumem uma atitude mais calma.

Como somos frágeis, não somente em nosso viver, mas em nossas atitudes! Não precisamos temer os homens; eles existem apenas por um momento; são como uma sombra que desliza pela encosta da montanha. Só Deus subsiste. O homem é vaidade; seu orgulho e beleza são como uma bolha de sabão; é um forasteiro e peregrino caminhando

ao longo desta margem e fronteira do tempo. O filho do Eterno Deus também é um forasteiro (v. 12). Mas o Senhor nos acompanha. Ele se responsabiliza por nosso bem-estar. Ele nos levará ao lar com segurança, como fez com nossos “pais”.

SALMO 40.1-10

Um Testemunho Alegre. Esse salmo apropriadamente acompanha os dois anteriores, nos quais o salmista esteve explicando minuciosamente os seus sofrimentos. Aqui ele celebra o livramento. Mas, aqui está um que é maior que Davi. Em Hebreus 10.5-7, os versículos 6 a 8 estão nos lábios de Cristo, e ouvimos sua voz falando através dessas palavras.

Em aflição profunda (vv. 1-3), o que pode a alma fazer senão esperar pacientemente até que o Senhor se incline e ouça? Esse poço “de perdição” é um “poço rugidor”, isto é, uma ravina onde águas profundas se precipitam e rugem. O que Jeremias experimentou literalmente (38.6), e nós atravessamos espiritualmente. Mas Deus não deixará um só filho seu ali; ele o tirará de lá para colocá-lo sobre a rocha, com os lábios rompendo em cântico.

Ao sermos libertos, expressemos nossa alegria por meio de música e a manifestemos como consagração renovada (vv. 4-10). Não escondamos o amor de Deus em nosso coração, mas o proclamemos. O ouvido aberto (v. 6) significa obediência constante, consagração absoluta e uma alegre submissão de nossa vontade a Deus. Isso agrada mais a Deus do que a mais bem elaborada cerimônia ou ritual.

SALMO 40.11-17

Um Pedido de Socorro. Até ao fim da vida nós estaremos sempre necessitando da “graça” de Deus para julgar misericordiosamente nossas falhas e pecados, bem como de sua “verdade”, isto é, sua fidelidade. A aliança, em tudo bem definida e segura, pela qual ele se obriga aabençoar, é a rocha de nossa consolação, mesmo que estejamos cercados por inúmeros males ou sejamos alcançados por iniquidades (v. 12).

Nossa consciência de pecado cresce

com o aumento do conhecimento da santidade e do amor de Deus. Os que estão mais perto do coração de Deus são menos capazes de se perdoarem a si mesmos, embora saibam que estão perdoados. Mas, enquanto temos severos pensamentos contra nós mesmos, e nos confessamos “pobre e necessitado”, podemos receber grande conforto dos pensamentos de Deus a nosso respeito (v. 17). São eles ternos e amorosos (Jr 29.11). A pobreza e a necessidade jamais constituirão razão para nos desesperarmos. Essas coisas não afastam o interesse de Deus por nós. Pelo contrário, atraem-no mais, tal como uma criança enferma recebe mais cuidados de sua mãe do que os outros membros da família, que estão saudáveis.

SALMO 41

“*Senhor, Sara a Minha Alma.*” Esse salmo, bem como os que lhe estão próximos, provavelmente foram compostos durante os quatro anos em que a conspiração de Absalão estava sendo tramada. Talvez a ansiedade dela resultante tenha causado alguma enfermidade séria, por cuja razão os inimigos de Davi exultaram com indisfarçável prazer. Com sua natureza sensível, evidentemente ele ficou muito abalado. Mas quem não percebe que as palavras desse salmo se aplicam à traição do Senhor? O versículo 9 é citado em João 13.18.

No dia da aflição, quando os inimigos fazem oposição (vv. 5-8) e os amigos se revelam falsos (v. 9), Deus está perto. Cuidemos dos pobres de Deus e Deus cuidará de nós no dia mau. As bênçãos que procuramos transmitir a outros reverterão em nosso próprio benefício na hora da tribulação. Deus aforará nossa cama na enfermidade (v. 3); saraá nossa alma (v. 4); e nos porá em sua presença para sempre (v. 12). Como é doce essa concepção de Deus como um enfermeiro no quarto, onde os pés devem estar calçados de veludo e as vozes falar nos tons mais suaves!

SALMO 42

Com Sede de Deus. Esse salmo claramente impregna de perfume as santas meditações e inspirações do rei exilado

durante a revolta de Absalão. A composição musical ficou a cargo dos filhos de Coré (2 Cr 20.19). Ele foi grandemente apreciado na Igreja Primitiva, levada às çatacumbas, em cujas paredes há muitos desenhos de cervos caçados.

“*As correntes das águas*” (vv. 1-3). A corça sofre muito sob o calor abafado, mas não ousa demorar-se junto ao poço, porque as feras selvagens gostam de ajuntar-se ali. Nós só percebemos o valor da casa de Deus depois que somos compulsoriamente afastados dos seus ritos sagrados. Que bênção é voltar ao santuário após um afastamento assim! “Eu, pela riqueza da tua misericórdia, entrarei na tua casa” (5.7).

O passado feliz (vv. 4-6). Exilado no Hermom, do outro lado do Jordão, o fugitivo lembra as multidões em festa, ansioso por juntar-se às santas festividades. Mas, quando tais pensamentos nos oprimem, devemos volver o coração para Deus e, ao tocá-lo, deixamos de sentir-nos saudosos. (Ver Hebreus 12.22ss.)

O amargo presente (vv. 7-11). O dia de dor e de repreensão, quando o coração é trespassado, é o dia de Deus! “A sua misericórdia”; “o seu cântico”; “o Deus da minha vida”; “Deus, minha rocha”; “meu auxílio”; “Deus meu” — que maravilhosa herança!

SALMO 43

“*Meu Auxílio.*” O rei exilado ainda derama sua alma perante Deus. Davi já se dirigira a ele como “Deus da minha vida”; aqui, ele o vê como o “Deus da minha fortaleza” (v. 2) e “Deus que é a minha grande alegria” (v. 4). Falemos bem de nosso Deus, ainda que pareça que ele nos voltou as costas!

“A tua luz e a tua verdade” (v. 3), pode ser uma referência ao Urim e Tumim. Ou podemos pensar neles como dois anjos vestidos de branco enviados da câmara de Deus para guiar os passos do exilado de volta ao seu lar. “Envia-os, com a missão de achar-me nesta terra solitária e levar-me ao teu altar.” A chegada até lá parece ser constituída de quatro etapas. “Ao teu santo monte” — o monte Sião. “Aos teus tabernáculos”, o trono terreno de Deus. “Ao altar de Deus.” Uma etapa mais à

frente. Nosso altar é a cruz onde Jesus morreu (Hb 13.10). Mas não basta chegar ao altar de Deus; precisamos chegar até *ele*. Por isso seguimos em frente e chegamos ao “Deus que é a minha grande alegria”. Então o auxílio dele vai se tornar visível em nossa vida! (Ver o versículo 5.)

SALMO 44.1-8

A Coragem Proveniente de Livramentos Anteriores. Esse salmo, como o de número 60, resultou de uma das primeiras guerras do reinado de Davi, como está narrado em 2 Samuel 8.13, 14. Alguns o associam a 2 Crônicas 20. Ele se aplica à igreja quando verificamos que seu antigo estado de prosperidade contrasta dolorosamente com sua condição abatida e sofredora.

Temos uma grande força em oração quando podemos apresentar a Deus suas poderosas obras do passado, e pedir que ele as realize de novo. Os grandes avivamentos e sucessos do passado não foram realizados pela sabedoria ou poder humanos, mas pela fé. É sempre a destra de Deus e o fulgor do seu rosto que conquistam a posse da terra; mas, por que ele não ordenaria, de novo, livramentos semelhantes? E, o que se aplica à Igreja, aplica-se igualmente ao indivíduo. Por que não elevas teu coração a Deus, ó alma abatida, e não clamas para que te conceda vitórias? Glorifica-te em Deus e terás razão para dar-lhe graças para sempre! Mas, antes que possamos pedir livramentos, devemos ser capazes de dizer: “Tu és o meu rei”. (V. 4.)

SALMO 44.9-26

Um Urgente Pedido de Socorro. Nos versículos 11 e 12 o povo de Deus é comparado a ovelhas para o corte, cujo pastor as vende por um nada, tão indignas são elas. Diante de seus cruéis inimigos, as ovelhas são indefesas e passivas. Sua amarga sorte é agravada pelo medo de que o pastor as tenha esquecido. A referência no versículo 19 sugere ainda a figura de um rebanho perseguido, arquejante. Não é de admirar que parecia que Deus havia retirado de seu povo suas ternas misericórdias!

Mas, observemos como o apóstolo

Paulo usa essas palavras em Romanos 8.36. Ele não fala de abandono, nem clama por socorro. Ao contrário, ele declara que em todas essas coisas somos mais do que vencedores, e que nada pode separar-nos do amor de Cristo. Essa é a mensagem do Novo Testamento — quando somos derrotados, nós vencemos; quando somos mortos, triunfamos; quando somos abatidos até ao pó, somos mais fortes; e só subimos ao trono quando jazemos na sepultura onde Jesus, nosso Mestre, esteve! (Ver João 12.24; 2 Coríntios 13.3,4.)

SALMO 45

O Cântico Nupcial do Rei. Embora seja provável que esse salmo tenha sido composto para celebrar o casamento de Salomão com a filha de Faraó, devemos notar que ele é claramente aplicado ao Senhor em Hebreus 1.8. (Ver também Efésios 5.23 e Apocalipse 19.7.) Não admira que o coração do salmista transbordasse! Estava fervilhando de boas palavras! Sua obra era para um Rei! (Ver o versículo 1.)

O Guerreiro (vv. 2-5). A Palavra de Deus cavalga para a guerra, seguida pelos exércitos do céu. (Ver Apocalipse 19.13.) Sua glória é a cruz; sua majestade está em sua mansidão; sua prosperidade, em sua fidelidade à verdade. Suas setas são aguçadas de amor, e os que, atingidos por ela, caem, morrem para que possam viver. *O Rei* (vv. 6-8). O óleo de alegria é a unção do Espírito Santo, da qual também podemos participar. (Ver 1 João 2.20, 27.) *O Noivo* (vv. 9-17). Vestida com roupagem cintilante, a Igreja está atenta ao seu Senhor, que lhe pede seu amor e lealdade. Mas esse pedido não é descabido. Por natureza ela era sem beleza ou dote; mas, nele, ela adquiriu ambos. Vigiem para que não estejamos ausentes àquela festa nupcial (Mt 7.22,23).

SALMO 46

“*Nosso Refúgio e Fortaleza.*” Não se pode precisar com certeza a origem histórica desse salmo. É provável que tenha sido composto quando Jerusalém estava sitiada pelos exércitos de Senaqueribe (2 Rs 18). Ele se aplica a todas as situações

em que a igreja esteve ameaçada por seus inimigos, e prediz a destruição final do anticristo. Era o salmo predileto de Lutero, e está traduzido em forma de poesia em seu memorável hino "Castelo Forte". Durante a reunião da Dieta de Augsburg ele o cantava todos os dias, tocando seu alaúde junto à janela e contemplando o céu. O tema do salmo é a segurança do povo de Deus, e é desenvolvido nas três partes do salmo.

Jerusalém era a única entre as grandes cidades que não possuía um rio; mas Deus estava pronto a ser para ela tudo o que um rio poderia ser e muito mais. Nossas deficiências nada mais são que espaços para a onipotência de Deus. Observemos a perspectiva do versículo 5: "desde antemanhã". Nossa tristeza acha-se limitada a uma noite só. (Ver, também, Isaías 37.36 e Mateus 14.25.) Aquieta-te, ó coração aflito! O Deus das nações é teu Pai! As assolções nada mais são que a poda dos galhos secos em preparação para a primavera.

SALMO 47

"O Rei de Toda a Terra." Esse salmo pode ter sido cantado no Vale de Bênção, onde Josafá celebrou sua vitória sobre os moabitas. (Ver 2 Crônicas 20.) Sempre que recebemos algum grande livramento, devemos romper em ações de graça e louvor. Notemos os versículos 3 e 4. São ambos apropriadamente colocados lado a lado porque Deus não nos entregará nossos inimigos a não ser que lhe tenhamos permitido determinar o plano para nossa vida. Vivamos de acordo com esse plano e seremos invencíveis.

Na segunda parte do salmo (vv. 5-9), o autor retrata Jeová voltando da guerra para sua moradia nos altos de Sião. Isso parece prenunciar a ascensão de Jesus quando ele se tornou o entronizado Rei dos homens. Eles não o reconhecem agora, mas, algum dia, os príncipes dos povos se reunirão, e os reinos do mundo se tornarão o reino de Cristo (Ap 15.4). "Os escudos da terra" (v. 9) são seus príncipes e líderes. Os reis da riqueza, da ciência, da arte, da literatura e do poder renderão glória junto às portas da nova Jerusalém (Ap 1.5; 21.24).

SALMO 48

"A Cidade do Nosso Deus." Esse salmo, também, data, provavelmente, de 2 Crônicas 20.20. Tecoa ficava a apenas três horas de marcha de Jerusalém e dominava uma extensa vista, por isso os versículos 4 e 5 descrevem uma situação real.

O salmista celebra a beleza e a glória de Sião (vv. 1-3). A igreja, hoje, é a cidade do grande Rei. Sem Deus, o mais lindo palácio não chega a ser nem um refúgio; mas uma cabana se transforma num palácio, se Deus é conhecido e amado ali. A recente libertação de Judá é comemorada com gratidão (vv. 4-8). Eis um belo quadro: os exércitos reunidos; o espanto, a fuga e a destruição do inimigo. Vem, então, o convite para que pensemos com amor no cuidado e na misericórdia de Deus (vv. 9-14). Notemos as duas frases: "Como temos ouvido dizer, assim o vimos" (v.8); e, "como o teu nome, ó Deus, assim o teu louvor" (v. 10). Deus está preparado para ser e fazer por nós tudo o que nossos pais nos ensinaram a respeito dele; e nosso objetivo deve ser louvá-lo dignamente. Pensemos em seu amor até que nosso coração se inflame para louvá-lo; e lembremos que esse Deus é o nosso Deus para sempre e sempre. Submetamos a ele a direção de cada passo de nossa vida, até que, através da morte, passemos à sua imediata presença.

SALMO 49

A Loucura de se Confiar nas Riquezas. Eis aqui uma proclamação digna de ser ouvida pelo mundo inteiro. O salmista está ouvindo vozes que ouvidos comuns não ouvem. Ouçamos a voz de Deus e depois expressemos seus insondáveis dizeres em música. Por mais obscuros que possam parecer devido à admiração que causam e ao seu mistério, eles podem ser expressos em cântico. (Ver Apocalipse 15.3,4.)

A idéia central do salmo é a impotência das riquezas. O milionário não pode prolongar a vida de um filho enfermo. E mesmo se, como a Rainha Elizabeth, ele gritar em seu leito de morte: "Um milhão de libras por alguns mo-

mentos de vida", a areia escoará pela ampulheta sem ouvi-lo. Ele tem de deixar para trás capital e lucros, jóias e ouro, ao chamamento da morte, descrito no versículo 14 como o pastor que chama as ovelhas para a sepultura. Como é diferente a sorte dos justos! Ao raiar da eternidade, eles são remidos do poder da sepultura e levados para o seio de Deus. O que são as riquezas e a glória deste mundo comparadas com a sensação da presença de Deus para o coração humilde e contrito? Possuir isso, é possuir a essência de tudo! "Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraz na terra." (Sl 73.25.)

SALMO 50.1-15

Os Sacrifícios que Deus Deseja. Essa é uma das mais sublimes composições desse livro. No que diz respeito ao valor literário, ele não pode ser superado. O salmista ouve Deus chamando a terra inteira de leste a oeste. Sua presença é comparada à aurora e a uma tempestade tropical. Ele está sentado em seu trono, julgando seu povo, e os céus e a terra são testemunhas do fato. Então, caminhando pelos corredores apinhados, seus santos se aproximam e se colocam diante dele.

Não há necessidade de nos estendermos acerca da percepção espiritual do salmista, que compreende que Deus não pode ser enriquecido por qualquer coisa que possamos trazer, mas insiste no sacrifício de ações de graça, nos votos de consagração e no alto pedido de socorro no dia da aflição. São essas as características daqueles cujo Deus é o Senhor, e do povo que ele tomou para sua própria herança. Ponderemos particularmente nas três condições para uma vida feliz (vv. 14,15). Que conforto contém a bendita promessa do versículo 15! Ela é feita em termos absolutos, com muita segurança e certeza. Deus aqui se compromete a livrar a alma que o invoca em meio à tribulação, e a dar-lhe motivos para glorificá-lo.

SALMO 50.16-23

A Advertência de Deus ao Ímpio. Essas profundas palavras são para todos nós.

Não temos o direito de proclamar os estatutos de Deus se nosso coração esconde maldade em sua câmara secreta. Não devemos participar de dinheiro mal adquirido. Se quisermos ter comunhão com Deus em oração ou serviço, temos que afastar de nós a impureza, o engano e a difamação. Não devemos entender o silêncio de Deus como indiferença, porque ele está vigiando cuidadosamente cada palavra e cada ato nossos; se persistirmos, ele aparecerá e apresentará todos os pecados não perdoados ante a visão da nossa alma, que então estará aguçada.

Notemos as duas condições finais para se ter uma vida abençoada (v. 23). Primeiro, devemos oferecer o sacrifício de louvor, porque somos sacerdotes e não devemos retardar a apresentação do fruto dos nossos lábios. (Ver Hebreus 13.15.) E depois devemos preparar nosso caminho, de forma acertada. É muito sério receber de Deus a grande oportunidade de viver. A cada momento que passa, devemos ter alguma coisa a ele confiada para ser guardada em depósito. Nós não podemos conduzir nossa vida ao acaso. Devemos preparar nosso caminho de forma liberada e em oração.

SALMO 51.1-10

A Oração do Coração Contrito. Esse salmo é uma escada que começa em um poço horrível, de lama suja, e vai até às alturas de ensolarada alegria, onde brota o cântico do pecador arrependido e perdoado. Aí está o gemido da ovelha perdida toda arranhada de espinhos, perseguida por cães selvagens, lançada no pantanal, mas que o pastor achou e, jubiloso, levou para casa. Esse caminho já foi palmilhado por miríades de arrependidos. O versículo 17 estava escrito na parede da cela de Santo Agostinho.

Não há dúvida quanto à ocasião ou autoria desse salmo. Ele está cheio de referências a 2 Samuel 11 e 12. É admirável que tal confissão tenha sido confiada ao mestre de canto; mas a divulgação que ela recebeu por isso fez dela um meio de graça a milhares de pecadores. Notemos os sinônimos de pecado: "transgressão"; "a violação da

lei”; “a iniquidade”; “desviar-se da linha de retidão”; “pecado”; “errar o alvo”. Por mais que Deus queira perdoar-nos não pode fazê-lo enquanto não houver a confissão. Importa que reconheçamos que nos desviamos da retidão! “Apagar”, como se apaga um registro; “lavar”, como se lavam as manchas de um tecido; “purificar”, como um leproso é purificado pelo toque de Cristo. Nosso único argumento é a multidão das misericórdias de Deus.

SALMO 51.11-19

O Sacrifício que Deus Aceita. Não basta ser perdoado: o verdadeiro arrependido deseja ser preservado para não voltar aos antigos pecados. Ele deseja um coração “puro” que deteste a menor mancha de pecado; um espírito “inabalável”, influenciado pelo “Santo” Espírito de Deus, e, portanto, um espírito “voluntário” também. Seguir-se-á então a alegria da salvação, o sucesso em ganhar almas, a humildade, a bênção de Sião, e a edificação da Igreja. Que gloriosos resultados estes — são como as belas cores que se vêem no alcatrão de hulha, no coltar!

Não há sacrifício mais agradável a Deus do que um coração contrito, nem oferta mais preciosa que um espírito quebrantado. Seria impossível calcular todos os muros já edificadas, todas as Jerusaléns já abençoadas, todas as congregações já despertadas, todos os avivamentos já alcançados por homens e mulheres pecadores, que pelo poder do amor de Deus, saíram do poço de corrupção e foram reintegrados ao claro esplendor do perdão e do favor divinos. Não nos contentemos com o perdão; busquemos ser restaurados ao antigo lugar e, depois, lutemos por outro melhor.

SALMO 52

Os Jactanciosos e os Confiantes. A legenda desse salmo explica o fato que o inspirou. O contraste que ele apresenta está cheio de ensinamentos para nós. O ímpio muitas vezes é um homem poderoso, aos olhos do mundo. Ele se gloria de seus atos iníquos; sua língua

se assemelha à navalha, que inflige cortes penetrantes e profundos; suas palavras devoram reputações, a paz familiar e almas.

Que belo contraste constitui o crente humilde que confia, não na riqueza que perece mas na misericórdia de Deus que permanece para sempre (vv. 1,8). Como as oliveiras cresciam ao redor do humilde santuário da floresta em Nobe, onde ocorreu a tragédia que inspirou esse salmo, e foram santificadas pelo santuário que elas circundavam, assim cresce o crente, e se sente seguro na amorosa comunhão com seu Amigo todo-poderoso. Estejamos entre as verdadeiras oliveiras de Deus, extraindo dele nossa nutrição, assim como as raízes se aprofundam no rico solo. O salmista está tão certo da justiça divina, e da destruição da maldade que celebra a intervenção de Deus antes que ocorra, e a considera já executada.

SALMOS 53 & 54

Todos São Pecadores — Só Deus Pode Socorrer. O fato de que o Salmo 53 é uma repetição do 14, com algumas variações, sugere, como faz o “na verdade, na verdade” de Cristo, que as verdades contidas nessas palavras merecem uma atenção especial. Elas fornecem ao apóstolo, em Romanos 3, as frases com que descreve o estado dos ímpios diante do olhar investigador da Onisciência.

Temos aqui uma fotografia do coração humano. Judeus e gentios, no íntimo, são semelhantes. O fariseu e o publicano são praticamente iguais, a não ser quando um deles faz a balança pender para seu lado com uma humilde confissão, como vemos em Lucas 18.9ss.

O Salmo 54 baseia-se provavelmente em 1 Samuel 23.19. É bem curto, parecendo impressado ao peso do problema de Davi. Evidentemente ele passava por um aperto aflitivo, embora consciente da retidão de sua causa. Notemos como ele faz a transição da oração para o louvor (v. 4). Apesar de tudo, ele afirma que Deus ainda é seu ajudador. Ele ouve os passos dos que se comprometeram a apoiá-lo, e Deus está com eles. *Está livre*; seus olhos *viram* a derrota dos seus inimigos.

SALMO 55.1-11

Fugindo dos Males da Cidade. Esse salmo foi sugerido pela revolta de Absalão e pela traição de Aitofel. Mas contém referências que em toda a sua extensão, se aplicam de forma especial à maneira como Judas tratou o Senhor. Os terrores do invisível, o passo furtivo do assassino, a traição de um amigo, a espada desembainhada em meio a palavras brandas — tais eram os amargos ingredientes misturados para essa alma duramente provada. Mas todos nós já experimentamos algo semelhante ao seu desapontamento e angústia, e chegamos a desejar as asas ligeiras da pomba para fugir para o seio de Deus.

Um pensador puritano diz: “Meu Esposo ascendeu ao mais alto dos mais altos céus, e eu, pobre alma, fui deixada solitária e desconsolada neste vale de lágrimas. O peso de minha fraqueza e dos meus pecados me amarra, me aprisiona e de tal modo me prende e me fixa à terra, que não posso levantar-me. Desça ele e me dê asas com as quais eu possa subir”. Quem me “*dema*” — humildade; “... dera *asas*” — velocidade; “... como de *pomba* — inocência; “... *voaria*” — aspiração pelo Senhor, “a quem, não havendo visto, amais” (1 Pe 1.8). “*Pouso*” — segurança permanente.

SALMO 55.12-23

Os Amigos Podem Abandonar-nos, mas Deus Permanece Conosco. As ruas, campos e praças da cidade estavam cheios de conspiradores. A violência, a luta, a fraude e a opressão esmagavam, debaixo dos pés, os virtuosos e indefesos. A traição de Aitofel foi pior do que tudo. Como é diferente a ira violenta de Davi contra ele, do tratamento dado pelo Senhor a Judas, lavando os pés dele, admoestando-o no jardim, e convidando-o a pensar melhor naquilo em que se tornara. Feliz é aquele que se afasta do tumulto das ruas — como Davi, Daniel e todos os israelitas devotos costumavam fazer — três vezes ao dia. (Comparar o versículo 17 com Daniel 6.10 e Atos 10.9.) Ele protegerá nossa cabeça no dia da batalha e livrará nossa alma em paz, bastando que nele confiemos.

Os “teus cuidados” (ou “tua carga”) (v. 22) é aquilo que Deus nos deu para carregar. Eles não nos sobrevêm por acaso, nem pelos maus intentos dos homens. Deus os lança sobre nós; lancemo-los de volta sobre ele. Não podemos realizar a obra enquanto estivermos curvados pelo desgaste provocado pela ansiedade e preocupações. Entregue tudo ao cuidado do teu Pai. Que nenhuma carga quebre o descanso sabático do teu coração (Ne 13.19).

SALMO 56

“*Que me Pode Fazer o Homem?*” Esse salmo foi composto sob as mesmas circunstâncias do Salmo 34. (Ver 1 Samuel 21.) Que estranha mistura é vista aqui — Davi fingindo loucura e compondo salmos! Falando sobre o versículo 3 diz um comentarista que a decisão de Isaías é ainda melhor: “Confiarei e não temerei”. (Is 12.2.) Note-mos o magnífico refrão no final de cada uma das duas primeiras estrofes (vv. 4 e 10,11). O salmista pergunta: “Que me pode fazer um mortal?” “Nada” é a resposta firme do apóstolo Paulo. Nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem poderes podem ferir um homem que faz de Deus a sua fortaleza (Rm 8.31-39).

Usemos o último versículo como nosso lema na oração. Vivamos como alguém sobre quem repousam as promessas de Deus. Agradecemos-lhe porque, por meio de sua cruz e sofrimento, ele livrou nossa alma da morte. Será que ele faria tudo que fez, pagando tal preço, para depois falhar? Certamente ele livrará nossos pés da queda (116.8), ou tudo que fez no passado terá sido em vão. Sempre que as nuvens se aglomerarem e os pecados passados nos ameaçarem e os inimigos de nossa alma procurarem destruir-nos, façamos esta oração: “Pois da morte me livraste a alma, sim, livraste da queda os meus pés”.

SALMO 57

“*À Sombra das Tuas Asas.*” Esse é um dos salmos mais belos. Ele data de Adulão ou Engedi. Consiste de duas

partes, cada uma terminando com o mesmo refrão (vv. 5,11).

A primeira estrofe (vv.1-5): o fugitivo, num deserto rochoso, ouve o ruído das feras selvagens, mas permanece quieto em seu esconderijo. Os anjos de Deus fecharão a boca dos leões. Como o pássaro fêmeo abre as asas sobre seus filhotes para defendê-los do perigo que os ameaça, assim Deus, com seu amoroso cuidado também protege o seu povo. Não se percebe aqui um traço das palavras proferidas por ancestrais de Davi no passado? (Ver Rute 2.12 e Deuteronômio 32.11.)

A segunda estrofe (vv. 6-11): para que possamos despertar e cantar, precisamos estar cômnicos de que estamos com os pés em terreno firme. Se não tivermos a certeza da salvação, não teremos cânticos nem alegria. Nesse curto salmo, o cantor louva a Deus de forma tão notável que chega até o céu azul. Ele desperta a alva com suas notas. Nesse meio tempo, a misericórdia e a verdade — ou fidelidade — de Deus, como anjos da guarda, vigiam.

SALMO 58

“*Há um Deus que julga.*” Esse salmo é um libelo contra os maus governantes. Pode ter sido ocasionado pela atitude de Abner e de outros do grupo de Saul, que consideravam Davi um rebelde e proscrito e insistiam em medidas vingativas contra ele.

O *pecado deles* (vv. 1-5): a “peçonha” é um veneno que às vezes dá sensação de queimadura. Esse é o efeito das palavras venenosas, nas quais a malícia da grande serpente é inoculada. Os homens maus, capazes de pronunciar tais palavras, assemelham-se às serpentes que só escutam as notas mais agudas. Dirigir palavras venenosas ao homem, e ter ouvidos surdos para Deus, andam juntos.

O *castigo deles* (vv. 6-9): no versículo 7 em vez de “desapareçam” leia-se “desaparecerão”. O imperativo e o futuro profético são expressos, em hebraico, por palavras semelhantes. Notemos as notáveis comparações — arrancar os queixais dos leões, a água que se escoa, a lesma ressequida pelo calor in-

tenso, o aborto, o fogo que se apaga rapidamente, o remoinho! O pecado, inevitavelmente, traz castigo, e com isso, o governo moral de Deus fica fortalecido.

O *contraste* (vv. 10,11): como o viajante cansado se sente revigorado quando lava os pés, assim os santos se sentem alegres por verem que Deus recompensa o justo. Existe uma grande diferença entre a satisfação que vem de uma vingança pessoal e um zelo consumidor na defesa do caráter de Deus.

SALMO 59

“*Deus é Meu Alto Refúgio.*” Esse é o quinto dos *mictās*, ou “salmos áureos”. (Comparar com os Salmos 16, 56, 57, 58.) O conteúdo corresponde ao título e a 1 Samuel 19.11.

A feição mais notável é o refrão que aparece duas vezes (vv. 9 e 17). Em ambos os casos Davi apela a Deus como “Força minha”, e o descreve como “meu alto refúgio” e como “o Deus da minha misericórdia”. O pronome possessivo *minha* aí é por demais notável. Cada um de nós necessita de misericórdia de uma forma muito especial. A *minha* misericórdia não ajudaria o leitor, nem a *sua* me ajudaria. Note-mos, também, que a benignidade de Deus “virá ao meu encontro” (v. 10). Como a mãe de antemão prepara tudo mentalmente para a criança, assim Deus pensa em nós antecipadamente e nos leva às coisas boas que ele preparou para os que o amam (1 Co 2.9; Sl 31.19).

No primeiro refrão Davi diz: “Em ti esperarei”; no segundo: “Cantarei a tua força... louvarei a tua misericórdia”. Esperar em Deus nos faz cantar. Os emissários de Saul poderiam rondar a casa de Davi a noite inteira, como os cães selvagens de uma cidade oriental. Mas, lá dentro, ele estava cantando em voz alta acerca da misericórdia de Deus, e, quando rompeu a manhã, estava em segurança.

SALMO 60

Socorro Contra os Inimigos. Esse salmo era de aplicação nacional para ser ensinado ao povo. (Ver o título e também

Deuteronômio 31.19.) Nessa ocasião, alguns inimigos de Davi fizeram uma forte aliança contra ele. (Ver 2 Samuel 10.6,8,17,19; 1 Crônicas 18.12-25.) Israel corria o risco de ser derrotado. Era como se um terremoto tivesse fendido o solo. Mas o rei-salmista argumentava que Deus havia confiado ao seu povo uma missão no mundo, que não lhe podia ser retirada. Primeiro, Israel carregava o estandarte da verdade (v. 4). Além disso, “falou Deus na sua santidade” e tinha prometido que a descendência de Abraão possuiria Canaã. De pé no cume de um monte, o salmista vê a terra da promessa diante dele. Si-quém e Sucote (v. 6), uma a oeste do Jordão, a outra a leste, indicam a largueza da terra. Tudo tinha sido dado a Israel por causa da aliança, e, portanto, os povos circunvizinhos tinham de se sujeitar a eles.

Até o momento, a forte cidade de Petra, cercada de rocha (v. 9), tinha tratado Davi com o máximo desprezo; mas ele tinha confiança que Deus o levaria para dentro das fortes muralhas, para esmagar seus inimigos (Nm 24.18). O homem não podia, mas Deus podia. Nunca se deve perguntar: será que Deus pode? mas, sim: podemos confiar nele e segui-lo?

SALMO 61

Seguro sob a Proteção de Deus. Esse salmo provavelmente foi escrito por ocasião da revolta de Absalão quando Davi fugira, e se achava distante do tabernáculo que ele amava. Há duas estrofes.

O *oração* (vv. 1-4): o rei estava apenas do outro lado do Jordão; e no entanto aquilo lhe parecia os confins da terra. Para ele, não havia mais socorro humano. A aflição se derramava ao seu redor como ondas avassalantes, mas à distância ele percebia a rocha que sobressaía acima das águas. Se pudesse alcançá-la, estaria salvo. Que rocha é essa senão a Rocha eterna que foi fendida por nossa causa! Não podemos alcançá-la nem subir nela por nós mesmos, mas precisamos ser levados e colocados sobre ela. E Deus responde: “Eu te porei”. (Êx 33.22.)

Confiança (vv. 5-8): o salmista cita a grande promessa de 2 Samuel 7.12-16,

e faz dela uma oração. Davi lembra a Deus as promessas feitas a ele, e afirma sua confiança no cumprimento delas. Assim nós avançamos passo a passo na estrada predestinada, sabendo que a bondade e a fidelidade foram à nossa frente para preparar o caminho para os nossos passos e para descobrir temas para o louvor sem fim.

SALMO 62

Nossa Única Rocha e Único Refúgio. Esse é o salmo do “só”, ou “somente”. Consiste de três estrofes, e cada uma delas contém essa palavra. Foi composto provavelmente durante a revolta de Absalão.

Esperando (vv. 1-4): os que esperam em Deus, e só em Deus, não esperam em vão. Embora rodeados por homens que escondem sua malícia com palavras enganadoras, a alma não é muito abalada. A cerca de ódio deles oscila e cai, mas a muralha interna do cuidado de Deus é inabalável.

Silêncio (vv. 5-8): “Espera silenciosa”. Há ocasiões em que Deus parece estar tão perto que não podemos falar alto, mas ficamos em absoluto silêncio diante dele e expressamos nossas idéias e desejos apenas em pensamento.

Ele nunca nos decepciona (vv. 9-12): os homens e as riquezas são apenas vaidade, mas Deus permanece firme. Suas ações, diferentes das dos homens, são mais pesadas que suas promessas. Os que nele confiam receberão abundância de poder e graça, as quais se acham ao alcance dos mais pobres, mas que o ouro jamais poderá comprar.

SALMO 63

A Alma Ansiosa Plenamente Satisfeita. Desde o terceiro século, esse salmo tem sido o cântico matutino da igreja. O subtítulo informa que foi escrito no deserto de Judá, provavelmente durante os eventos registrados em 2 Samuel 15.23-28; 16.2; 17.16. Notemos as inúmeras referências à vida da alma. São estas as muitas considerações acerca da nossa peregrinação mortal! “A minha alma tem sede; farta-se a minha alma; a minha alma apega-se a ti.”

A alma sedenta (vv. 1-4): estejamos atentos para vermos o poder e a glória

de Deus; não somente no santuário, mas nas terras áridas e ressequidas. Como é triste e enfadonha a vida sem Deus!

A alma farta (vv. 5-7): desejar Deus é possuí-lo. Ansiar por ele é estar no manancial. Recordar-se dele no leito é descansar. Meditar nele à noite é ter a alva. A sombra de suas asas constitui uma segurança absoluta.

A alma em intensa procura (vv. 8-11): Deus está sempre à nossa frente. O Salvador seguiu antes; nós devemos seguir seus passos, mas deve haver entre nós e ele o espaço mais curto possível. Mais uma curva da estrada e o veremos!

SALMO 64

Livramento de Inimigos Poderosos. Esse é outro dos salmos que datam da perseguição de Saul. Há duas estrofes.

Oração pela preservação (vv. 1-6): o insulto, o sarcasmo e a calúnia constituem ainda o quinhão do que vive retamente neste mundo. Poucos de nós estão a salvo das flechas envenenadas. O mundo está cheio de homens maus, que estão dispostos a dar interpretações erradas a cada ato nosso, e por isso devemos estar constantemente em guarda para não darmos causa desnecessária ao inimigo para blasfemar (2 Sm 12.14). Daniel nos oferece um admirável exemplo a esse respeito, já que seus inimigos nada tinham contra ele, a não ser no que dizia respeito à lei do seu Deus (6.5).

Garantia da punição divina (vv. 7-10): Davi sentia que Deus decidira ser seu defensor. Suas setas estavam voando incessantemente pelo ar. As maldições voltam para o lugar de onde vieram. A destruição da maldade pelas minas flutuantes, ali colocadas para destruir o justo, é a evidência de que Deus governa o mundo. O justo deve olhar para o futuro com tranqüila confiança, enxergando o dia quando o mundo será posto em ordem, e quando as talhas de pedra que agora estão cheias de lágrimas até às bordas produzirão o vinho da festa de casamento.

SALMO 65

A Graça Abundante de Nosso Misericordioso Deus. Esse jubiloso hino foi com-

posto, provavelmente, para ser entoado no santuário, em alguma das grandes festas anuais. Ele trata expressamente da generosidade de Deus revelada na fertilidade da terra.

Os átrios do Templo (vv. 1-4): Deus ouve nossa oração, perdoa as nossas transgressões, escolhe-nos, induz-nos a nos aproximar dele. Peçamos-lhe que nos induza a nos aproximar dele e nos leve a conservar a consciência de sua presença. Se as iniquidades prevalecem e a transgressão nos envergonha, também para isso há provisão. Deus as perdoará. Por causa de um amor tão condescendente, toda a carne, por fim, se lançará aos seus pés.

Coisas terríveis (vv. 5-7): o ribombar de trovão e relâmpagos, montanhas inacessíveis e mares que rugem — tais são os aspectos mais negros da natureza. Mas, por baixo de tudo, como um doce refrão, ouvimos louvarem a Deus, falando dele como o Deus da salvação. Ponhamos nele nossa confiança, em terra ou mar.

A beleza e a ordem do mundo (vv. 8-13): ribeiros transbordantes, leves chuvas primaveris, campos maduros para a colheita, o zumzum das abelhas nas pastagens das montanhas, as ovelhas balindo para seus filhotes — tudo revela a bondade de Deus. Peçamos-lhe que coloque em nosso coração o pulsar da primavera.

SALMO 66.1-15

“Vinde e Vede as Obras de Deus.” Alguns dos antigos expositores falam desse salmo como “o Pai Nosso do Antigo Testamento”.

Uma convocação para o louvor (vv. 1-4): a pessoa devota não pode alegrar-se sozinha. Precisa de comunhão com outros em seus êxtases. A terra inteira não é grande demais para ser uma orquestra, nem toda a humanidade para ser um coro. O poder de Deus pode constrianger alguém a uma obediência fingida (v. 3), mas o Divino Espírito transforma o coração.

Livramento divino (vv. 5-12): “Vinde e vede”. (Comparar com João 1.39,40.) Jamais esqueçamos os grandiosos acontecimentos do passado. O mar Vermelho e o rio Jordão têm seus correspon-

dentos na vida de todos nós. Quantas vezes Deus já transformou nossos mares em terra seca, e abriu caminhos através de nossos rios! “Atravessar o rio a pé” é um milagre que acontece todos os dias. Os rebeldes se exaltam, mas nós nos mantemos impassíveis. Somos provados no fogo, mas nenhum átomo perece. Passamos pela perseguição e opressão, mas saímos delas para um lugar espaçoso.

O pagamento dos votos (vv. 13-15): paguemos debaixo de céus luminosos os votos que fazemos debaixo de céus escuros. Paguemos nossos votos; proclamemos o que Deus fez por nós. Não ofereçamos animais, mas ofereçamos a nós mesmos, como um sacrifício vivo, a Deus! (Ver Romanos 12.1.)

SALMO 66.16-67.7

“Louvem-te os Povos Todos.” “Vinde, ouvi” (vv. 16-20): O salmo começou com “Vinde e vede” (v. 5). (Compare com Marcos 5.19,20 e João 4.29.) Uma das atividades dos remidos no céu será ir de um grupo a outro, contando o que Deus fez por nós. Mas, cada ouvinte há de ter uma história tão admirável quanto a nossa. Devemos louvar a Deus liberalmente, e orar com motivos puros e desinteressados. Tais orações Deus não deixará de ouvir.

O Salmo 67, como o 65, foi composto para ser usado em uma festa anual. “E nos abençoe” é uma oração fervorosa, ansiosa. “Deus nos abençoa” é a resposta infalível da fé (vv. 1-7). Devemos querer bênçãos, não para guardá-las só para nós, mas com o desejo de que a humanidade inteira venha participar conosco. Peça o favor de Deus só para você e o perderá; peça-o para que possa refleti-lo e comunicá-lo aos outros, e o Senhor se transformará em sua luz eterna, e os dias do seu pranto cessarão.

Quatro vezes clama o salmista: “Louvem-te os povos”. E parecia que o mundo inteiro romperia em nova fertilidade em resposta ao seu apelo. “O nosso Deus” (v. 6) se deu a nós, e cada um pode ter toda a plenitude como uma propriedade de extensão e riqueza ilimitadas (Nm 18.20; Sl 16.5).

SALMO 68.1-11

O Líder do Seu Povo. Essa é uma das mais grandiosas odes da literatura. Provavelmente foi composto quando a arca foi levada, em triunfo, da casa de Obede-Edom para a fortaleza que recentemente Davi havia conquistado para o Senhor (2 Sm 6). É, evidentemente, um hino processional, composto para ser cantado por grupos de sacerdotes e levitas vestidos de branco. Quando a arca era colocada sobre os ombros dos seus carregadores, o primeiro trecho era cantado com uma melodia bem ritmada (vv. 1-6). Depois, assim que a fileira de fiéis iniciava a marcha, eles relembavam a passagem pelo deserto (vv. 7-11).

“Levanta-se Deus!” Essas palavras iniciais foram tomadas emprestadas da fórmula usada por Moisés (Nm 10.35). Elas já ecoaram através da fumaça de muitos campos de batalha! Os cavaleiranos de Cromwell — os “Ironsides” — faziam seus ataques ao som de sua música. Nos versículos 5 e 6 verificamos que Deus tem um cuidado especial para com pessoas solitárias e com os cativos. As primeiras ele põe em contato com famílias (Jo 19.26,27). Os últimos ele os leva à prosperidade. O versículo 11 parece ter um cumprimento moderno na partida de nobres mulheres provenientes de lares felizes, em terras cristãs, para levarem aos pagãos o evangelho de Cristo.

SALMO 68.12-25

Seu Poderoso Libertador. A marcha processional ainda continua. Dentro em pouco o monte Sião estará à vista, e o salmo descreve os montes vizinhos como se estivessem olhando invejosamente para ele por ter sido escolhido em detrimento deles. Nos versículos 17 e 18 a alegre multidão começa a subir os sagrados alicives de Sião, ao som de melodias ainda mais triunfais; e no versículo 19ss, os portões do santuário permanecem escancarados para acolher as multidões festivas.

Como é grande o contraste entre um empretecido caldeirão queimado e o lustroso brilho das asas de um passarinho faiscando à luz do sol (v. 13). To-

davia, esse é o contraste entre o que fomos e o que agora somos. “Zalmon” (v. 14) talvez seja uma referência ao monte coberto de floresta perto de Siquém, mencionado em Juízes 9.48. Os reis hostis foram dispersos como os flocos de neve são espalhados pelo vento e se derretem ao sol. O monte “Basã” (v. 15) é um pico coberto de neve, mas Sião é maior, visto que Deus ali está. Nas palavras triunfais do versículo 18, o cantor cita Juízes 5.12, e em Efésios 4.8, elas são aplicadas à ascensão do Senhor. Os cantores, os tocadores de instrumentos de cordas e as moças com adufes (v. 25) — todos participavam da alegria da igreja.

SALMO 68.26-35

O Deus da Terra Toda. A seguir são descritas as partes que constituem a procissão, e, nesses versículos finais, soa a nota triunfal. Ela fala da confiança de Israel no seu domínio final do mundo, que não havia de ser físico, mas moral e espiritual.

O salmista vê cada tribo entrando no santuário, e aponta cada uma à medida que ela passa. Zebulom e Naftali foram mencionados no cântico de Débora, já citado. São notadas de forma especial aqui porque os que atuaram bem nas guerras do Senhor serão sempre recompensados. Um dos resultados da entronização de Deus no meio de seu povo, é a sujeição de alguns reis, cujas terras não são identificadas. No versículo 30, “a fera dos canaviais” é, provavelmente, o crocodilo, e se refere ao Egito. “Touros” e “novilhos” se referem aos príncipes das nações vizinhas e seus vassalos. A Etiópia estende as mãos oferecendo tributo. O mundo inteiro se curva diante do grande Deus de Israel para adorá-lo. “Ele dá força e poder ao povo.” Apropriemo-nos de suas benditas provisões. Peçamos-lhe que nos dê a sua força (vv. 28,35).

SALMO 69.1-17

Um Grito Vindo de Águas Profundas. Esse salmo e o de número 22, são citados muitas vezes no Novo Testamento como referências ao Senhor. O Salmo 69 é muito triste. Em todo ele detectamos uma dor profunda. São muitos os fa-

tores nos quais o sofredor se baseia para fazer seu apelo. Primeiro, o iminente perigo das águas que sobem, e o profundo lamaçal como aquele em que Jeremias se afundou. Além disso, suas forças falham, sua garganta está seca e os olhos desfalecem. Inimigos poderosos que o odeiam com falsos motivos também estão tramando sua queda. A consciência de pecado e o medo de que outros possam ser envergonhados por sua causa, também são outros ingredientes amargos de seu cálice. Ademais, ele sofria as injúrias dos que ultrajavam a Deus. Que terrível soma de males! Nosso Salvador provou algumas, embora não todas, dessas fontes de tristeza, e, portanto, pode ser um Sumo Sacerdote que se compadece de nós.

Mas, com seu sofrimento o salmista constrói seu altar de oração. Sua súplica baseia-se na graça e nas ricas misericórdias de Deus. Esse é o principal argumento perante Deus. Ele não pode fazer outra coisa senão redimir a alma que a ele se apegou com fé resolvida. Ela nos recorda a posição assumida por Jó: “Ainda que ele me mate, nele esperarei”. (Jó 13.15.) Lembra também a persistência da mulher grega de origem siro-fenícia (Mc 7.26). Tais almas não precisam ter medo de ser repelidas.

SALMO 69.18-36

“O Senhor Responde aos Necessitados.” Nos versículos 19 a 21 o salmista ainda apresenta suas tristezas diante de Deus. Ele tinha esperado piedade, mas seus inimigos somente agravaram seus sofrimentos. Tanto Mateus como João tinham esse versículo em mente ao descrever os sofrimentos do Senhor na cruz (Mt 27.48; Jo 19.29). O trecho seguinte (vv. 22-28) está cheio de imprecações. Essas palavras terríveis não se harmonizam com os ensinamentos do Senhor. Como um poste que marca o ponto mais distante da maré vazante, elas mostram como é grande a diferença existente entre o padrão de ética do Antigo Testamento e aquele pelo qual seremos julgados.

Os versículos 29 a 36 transbordam da expectativa do livramento e dos votos de ações de graça. O salmista está

certo de que a salvação de Deus o levantará acima de seus inimigos, e que seus agradecimentos a Deus serão mais agradáveis a ele do que qualquer sacrifício. Notemos essa súbita fala aos que buscam a Deus (v. 32). Tiremos lições de nossa experiência pessoal com Deus que servirão para reanimar outros. No que diz respeito a Deus, os que buscam sempre encontram! (Ver Mateus 7.7.) As novas do poder restaurador de Deus irão desdobrando-se em círculos, em ondas de glória cada vez mais amplas, até que o céu, a terra e o mar captem a mensagem e a ecoem.

SALMO 70

“O Meu Amparo e o Meu Libertador.” Esse salmo repete os versículos finais do Salmo 40. É um cântico de recordação para lembrar ao Senhor aqueles que sofrem. (Ver Isaías 43.26; 62.6,7.)

Versículo 1: o socorro de Deus, muitas vezes, é retardado e só chega à hora da vigília matutina, mas nunca chega demasiado tarde. Ele está-se apressando nas asas do vento e caminhando sobre as ondas para alcançar o barco que está sendo jogado de um lado para outro. Versículos 2 e 3: os maus espíritos, como os homens maus, estão à procura de nossa alma para destruí-la. Mas a nossa derrota será a desonra de Deus. Podemos, portanto, suplicar por amor do seu nome.

Versículo 4: antes de realmente encontrarmos Deus, já temos a bênção no ato de buscá-lo. Se você está buscando, pode alegrar-se. Se ao menos tivéssemos o coração cheio de amor, igual ao de Maria, poderíamos juntar-nos a ela em seu “Magnificat” (Lc 1.46-55), e entoar nosso próprio cântico. Versículo 5: felizes os que aprenderam a gloriar-se de suas enfermidades e a usá-las como argumentos perante Deus. Você é pobre e necessitado? Leia o Salmo 72.4, e veja que ele já providenciou um Amparo e um Libertador. Quanto mais desamparados estivermos, tanto melhor será nosso apelo a Deus em oração.

SALMO 71.1-12

“A Minha Confiança Desde a Minha Mocidade.” Alguns comentaristas bíblicos atribuem esse salmo a Jeremias. Não há

dúvida de que o estilo melancólico e lamentoso do profeta está presente nele. Mas, seja quem for o autor, ele deve tê-lo escrito na velhice (vv. 9,17,18). Uma das tônicas do salmo é as palavras “grande” e “grandeza” (vv. 19-21); uma outra é “todo o dia”, estando a mesma idéia em “continuamente” e “de contínuo” (vv. 8,15 e 24).

Os velhos não precisam sofrer um declínio na alegria e na felicidade. Basta que firmem o pensamento onde o salmista firmou o seu. Outros assuntos logo se esgotam, mas os que fazem da justiça e da salvação de Deus o tema de sua meditação sempre terão em que pensar e motivos para louvar a Deus. Temos aqui um assunto inexaurível, e que nos conservará sempre jovens. Peçamos auxílio divino para que possamos frustrar os planos daqueles que nos odeiam, sejam eles homens ou demônios. É lamentável ver carreiras prósperas serem toldadas e a velhice assoberbada por catástrofes, sem tempo para superá-las. Mas não é assim que Deus age com seu servo leal. Seus rios não desaguam em pântanos e charcos, antes se alargam e se tornam mais profundos até chegarem ao grandioso oceano.

SALMO 71.13-24

O Maior de Todos os Trabalhadores. O cantor olha para o passado e para o futuro. Ele volta em pensamento ao tempo em que, desde o nascimento, passou a confiar em Deus, e reconhece que Deus lhe tem ensinado desde a sua mocidade e o tem ajudado a proclamar suas maravilhosas obras. Nós podemos fazer igual retrospecto, e, enquanto refletimos sobre tudo o que Deus tem feito por nós, teremos certeza de que ele não abandonará as obras de suas mãos (138.8). Seus livramentos nos darão motivo para louvá-lo incessantemente, mesmo quando nossos olhos estiverem-se fechando e o coração cessando de bater, diante da morte.

Mas, pensemos, também, naqueles que vêm depois de nós, e cuidemos para deixar registros da justiça e da salvação de Deus. Coloquemos uma tocha acesa nas mãos de nossos filhos, para que eles, por sua vez, a passem adiante. Mostre-

mas a força e o poder de Deus aos que ainda estão por vir.

A melhor ocupação para um velho é louvar a Deus (vv. 8, 14, 22, 23). Nossos lábios estão cheios... louvarão... celebrarão. Quando nosso coração está transbordando de boas palavras (45.1), podemos deixar que nossa conversa flua espontânea. Ao amor não faltam formas de expressão.

SALMO 72.1-11

Rei de Reis. O reinado de Salomão se iniciou como uma manhã sem nuvens. Grande parte das figuras literárias dessa ode real é derivada de fatos da vida dele. Comparemos os versículos 1 a 4 com sua oração pedindo a Deus um coração compreensivo (1 Rs 3.9); as expectativas de paz (vv. 3,7) com seu nome, "o pacífico"; o domínio de mar a mar (v. 8) com 1 Reis 4.24; os presentes de Sabá (v. 10) com 1 Reis 10. Mas como Salomão não realizou os seus ideais, os homens começaram a desejar ansiosamente o advento de um Príncipe de Paz maior. Em todos os seus detalhes esse salmo só se aplica a Jesus.

Notemos os *fundamentos* do reino de Jesus (vv. 1-4); a *perpetuidade* do seu reino (vv. 5-7), e sua *universalidade* (vv. 8-11). Os pobres estão aos cuidados dele. A paz ele a dá em abundância, e ela excede todo o entendimento. O sol e a lua podem falhar, mas seu amor não é atingido pela rápida passagem do tempo. Nem a chuva descendo sobre a campina ceifada, nem o distilar do orvalho são mais leves do que sua operação na alma humana que se mostra aberta ao toque dele. Tomemos esse glorioso salmo e o apliquemos, versículo por versículo, à nossa vida.

SALMO 72.12-20

"*Subsista Para Sempre o Seu Nome.*" Como é que terras tão distantes como Társis, nas proximidades do Estreito de Gibraltar, tão ricas como Sabá e Seba ao sul da Arábia, tribos tão selvagens como os habitantes do deserto, e nações tão imperiais como aquelas que ficam depois do rio, reconhecerão o domínio de Cristo? A resposta é dada no versículo 12. O mundo está cheio de tristeza e injustiça, e aquele que conseguir estancar

o sangue das feridas, e fazer justiça ao oprimido conquistará todos os corações e se tornará o Líder reconhecido da humanidade.

"Viverá." Não podemos esquecer as próprias palavras do Senhor: "Eu sou... aquele que vive; estive morto; mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos". (Ap 1.18.) Jesus está possuído da infundável vida da Palavra eterna, da vida humana que ele assumiu durante sua permanência na terra, e da vida indissolúvel em virtude da qual ele exerce seu sacerdócio (Hb 7.17).

"Quando oramos pela igreja, oramos por Cristo", diz Agostinho, "porque ela é seu corpo; e também quando dizemos 'venha o teu reino'". "Subsista para sempre o seu nome." Ele se multiplicará. Os filhos de "o Nome" se acham por toda a terra e, por fim, povoarão o mundo.

SALMO 73.1-15

Prosperidade Ilusória. Os salmos iniciais que abrem este terceiro Livro dos Salmos são da autoria de Asafe (ver 2 Crônicas 29.30). Somente Deus é bom, e Deus só é bom. "Todo ato seu é pura bondade; seu caminho luz pura." "Israel" aqui não é segundo a carne, mas segundo o Espírito. (Ver João 1.47 e Romanos 2.28,29.)

Temos, nesses versículos, a tentação de um homem bom. Em todas as eras, o povo de Deus tem perguntado se Deus realmente sabe tudo o que está acontecendo na terra e, se sabe, por que permite que o mal prospere. O espírito das trevas, que está sempre ao nosso lado, cochicha que nós agiríamos melhor se não fôssemos por demais escrupulosos em nossas transações comerciais; e evitamos dar expressão aos nossos pensamentos somente pelo temor de que venhamos a escandalizar os filhos mais fracos de Deus. É claro que essa precaução é muito elogiável.

SALMO 73.16-28

"*E os Fazes Cair na Destruição.*" O lugar verdadeiro para se fazer uma justa apreciação da vida é o que Asafe encontrou — o santuário de Deus. Desse ponto elevado, e na pureza de sua atmosfera, podemos obter uma visão do invisível bem

como do visível, do eterno bem como do transitório. Se temos esperança em Cristo somente nesta vida, podemos pensar em nossas perdas com sentimentos de frustração e tristeza (1 Co 15.19). Mas se levarmos o futuro em consideração, qual o Lázaro que trocaria de lugar com o rico (Lc 16.19-31)? Assim que a alma atravessa a fronteira entre esta vida e a futura, ela constata que a moeda utilizada deste lado não tem valor no lado de lá.

Um dia quando Asafe entrou no santuário mais abatido do que de costume, recebeu o livramento. Não sabemos se foi quando o sacrifício estava sendo oferecido, ou quando o santo salmo estava sendo cantado, mas o certo é que as nuvens subitamente se abriram e o fardo lhe caiu dos ombros. Ele compreendeu que Deus não recompensava a virtude com *coisas*, mas *consigo mesmo*, e se voltou para o Senhor com amor e adoração. Mesmo na vida presente os justos podem contar com a presença constante de Deus. Suas mãos os segura; seu conselho os guia. Ele é a nossa fortaleza e a nossa herança; e, quando passarmos deste mundo para o outro, apenas estaremos entrando de forma mais plena e mais absoluta na posse de nossa herança.

Por que lamenta a alma a pequenina gota, Se tem, junto de si, um oceano inesgotável?

SALMO 74.1-11

O Santuário de Deus é Profanado. Esse salmo data, provavelmente, da ocasião em que os caldeus destruíram o templo e a cidade de Jerusalém. (Comparar o versículo 8 com Jeremias 3.13-17.) A idéia central do primeiro versículo tem base na íntima relação de Israel com Deus. Não eram eles a *sua* congregação? Não era o templo o santuário de *sua* própria escolha? Não constituíam esses fatos a razão pela qual ele deveria vir com passos ligeiros desfazer os males que seus inimigos lhes estavam inflingindo? Os invasores eram seus ("teus") adversários. O templo era a morada do seu ("teu") nome. O salmo inteiro é dominado por esta nota. Fala muito pouco dos sofrimentos que o inimigo lhes tem infligido,

mas insiste em mencionar a afronta e a blasfêmia contra Deus.

Quando vivemos somente para Jesus Cristo, de modo que nossa causa e a dele se tornam uma só, podemos usar linguagem como esta. Mas não é desculpavelmente que se chega a uma posição dessas, nem sem muita vigilância e oração. Por natureza, nós cuidamos de nossa própria dignidade e o nosso bem-estar pessoal mais do que dos interesses do reino e da glória de Deus. Quando, porém, nos achamos inteiramente identificados com o reino e com a glória de Jesus, a nossa súplica pela libertação torna-se fortíssima.

SALMO 74.12-23

"*Ó Deus, Pleiteia a Tua Própria Causa.*" Há sempre um pensamento compensador e consolador. Deus está sempre no fundo do nosso pensamento. Não apenas o Rei, mas "meu Rei", sempre operando feitos salvadores no meio da terra. A fé é despertada quando relembra as maravilhas do passado, ou considera a constante demonstração do poder de Deus na natureza. (Ver os versículos 12 a 15.)

A rola é um doce símbolo da igreja em sua simplicidade, fraqueza e vulnerabilidade; e não há súplica mais poderosa do que lembrar a Deus a sua aliança, que foi selada com o sangue da cruz. Embora sejamos inteiramente indignos, ele não pode negar-se a si mesmo. Na ceia do Senhor, cada vez que levamos o cálice aos lábios, estamos dizendo: "Considera a tua aliança". (V. 20.) Esse argumento é imbatível perante Deus. Examine os diversos pontos dessa aliança enumerados em Hebreus 8. Procure aquele que mais identifica com seu caso e apresente-o no Banco do Céu, endossado pelo Senhor. Cuidemos para que nossa causa esteja tão identificada com a de Deus que, ao solicitar o auxílio dele, possamos acrescentar: "Levanta-te, ó Deus, pleiteia a tua própria causa". (V. 22.) Deus é fiel para com os que ele chamou à comunhão de seu Filho.

SALMO 75

Deus Abate e Exalta. Esse salmo data, provavelmente, da invasão de Senaqueribe

e, por isso, o norte é omitido no versículo 6, sendo esse o lado de onde vinha o inimigo.

Deus está perto (vv. 1-3). Há momentos altos em nossa vida em que sentimos o quanto Deus é real e como está perto de nós. A própria terra em que pisamos é santa. Sentimos que estamos seguros sob o cuidado de nosso Pai. Então, rendemos-lhe graças repetidamente (v. 1). No momento seguinte, Deus nos fala e nos assegura que, quando a terra e seus habitantes se dissolverem, ele firmará suas colunas. Que forte encorajamento esse quando o mundo inteiro parece prestes a ser dissolvido!

Agora, o salmista deixa de falar a Deus e volta-se para o homem, pondo-se a repreender seus inimigos. Ordena-lhes que parem com sua conduta e palavras arrogantes (v. 4). Deus é o supremo Governante. Nossa posição ou ascensão na vida é operação dele, que devemos conservar como um crédito sagrado para com ele. Em meio a um mundo em armas, mostremo-nos alegres e cantemos. Deus cuidará daqueles que nele confiam.

SALMO 76

“A Ira Humana Há de Louvar-te.” O termo “tabernáculo” do verso 2, pode ser traduzido por “toca”, “morada” ou “covil”. Deus é comparado ao leão, o temido rei dos animais, que tem sua casa em uma toca na qual os animais inferiores não podem entrar. Até mesmo arcos e flechas do caçador que o persegue se quebra. Assim como os montes fornecem a presa para o leão novo, assim também os montes que estão ao redor de Jerusalém, onde Senaqueribe assentara seu acampamento, ficariam cheios de despojos assírios para os exércitos do Leão de Judá. Os intrépidos capitães da Assíria ali dormiriam seu último sono (v. 5).

Alguns dos humildes da terra podem ler essas linhas (v. 9). Eles não se vingam. Fracos e desamparados, voltam seus olhos para Deus, que não lhes vai faltar. Quando ele dá sua sentença de quitação, nenhuma voz se levantará para discuti-la. Porque quando ele se levantar em julgamento salvará todos os humildes da terra. Existe um limite para

a ira do homem. Deus não permitirá que ela ultrapasse certo ponto, e é admirável como ele é capaz de fazer com que a ira do homem sirva aos seus propósitos. Apresentemos a Deus a dádiva do nosso amor. Não tema, alma humilde, mas que seus inimigos tenham medo!

SALMO 77.1-10

“Caducou a Sua Promessa?” Existe forte semelhança entre este salmo e Habacuque 3.

A angústia do salmista (vv. 1-3). É bom dar vazão à tristeza. Não devemos represá-la no peito. Mesmo na escuridão ergamos as mãos para Deus. As pontas de nossos dedos serão tocadas pela resposta divina. Recusemo-nos a buscar consolo no serviço cristão, ou nas distrações da sociedade e do trabalho, ou pelo exercício de uma vontade forte. Exponhamos a ferida perante Deus; ele a curará e enxugará nossas lágrimas.

O contraste entre o passado e o presente (vv. 4-9). Na falta de conforto, o salmista contentava-se em recorrer às suas próprias reservas, como fazem as abelhas no inverno. Respondamos às perguntas do salmista: “Rejeita o Senhor para sempre?” Não (Rm 11.1). “Acaso não torna a ser propício?” Sim (Lm 3.32). “Cessou perpetuamente a sua graça?” Não (Sl 103.17). “Caducou a sua promessa?” Não (Hb 6.18). “Esqueceu-se Deus de ser benigno?” Não (Êx 34.6). “Terá ele reprimido as suas misericórdias?” Não (Lm 3.22,23). Ele é o Senhor, e não muda.

SALMO 77.11-20

“O Deus que Opera Maravilhas.” Lembremos o passado. Consideremos a maneira pela qual Deus se posicionava ao lado dos seus santos nos dias de outrora, nos anos dos tempos antigos. O que ele fez por eles, está disposto a fazer de novo. Ele não pode rejeitar-nos. A obra que ele começa, sempre continua. O trem pode estar perdido num túnel escuro, mas voltará a sair para a radiante luz do dia. Ele levou seu povo à terra de leite e mel atravessando o árido deserto. É a nossa fraqueza que nos faz duvidar dele. Como João Batista podemos estar encerrados numa prisão de circunstâncias adversas, mas lembremo-

nos dos longos anos em que a destra do Altíssimo operou em favor de seu povo.

Comparemos os versículos 13 e 19. O caminho de Deus está no mar — é impossível descobrir seus vestígios — mas também é caminho de santidade! Em outras palavras, por mais estranhas que possam parecer suas providências, elas são controladas pelo amor redentor que tem pelos seus, e acham-se em harmonia com sua perfeita santidade. Seus caminhos podem estar velados por mistério, mas ele guia seu povo como o pastor faz com seu rebanho. Não olhemos para baixo, para o caminho onde andamos, mas para o alto, para o rosto dele.

SALMO 78.1-12

Aprendendo dos Pais. Diz-se que esse salmo foi inspirado numa forte controvérsia que houve entre Judá e Efraim quanto à localização do santuário de Deus, e seu estabelecimento, ao final, no território da tribo de Judá. O salmista apresenta as considerações de ordem moral e espiritual que levaram à escolha dessa tribo. (Ver os versículos 67 e 68.) A grande mensagem do salmo é a inconstância do povo, tantas vezes manifestada. “Cujo espírito não foi fiel a Deus” (V. 8). “Bateram em retirada no dia do combate.” (V. 9.) (Ver também os versículos 17,37,41,57.) É possível que o salmista esteja insinuando que essas falhas foram cometidas, na maior parte, por Efraim, e que por isso Judá foi escolhida. Entretanto, é certo que não há muito para se escolher entre as duas, e todo favor divino demonstrado a qualquer uma delas devia ser atribuído à imutável misericórdia de Deus.

A intenção era que esse hino fosse ensinado às crianças hebréias, de modo a que pudessem firmar o coração em Deus e não se esquecessem de suas obras. É uma boa prática levar o jovem a guardar em sua memória boa as palavras da Escritura, visto que, no futuro, eles poderão recordá-las muitas vezes, em momentos de tentação e tristeza. Decorar a Palavra de Deus é um hábito de muito valor. As rodas da mente e do coração estão sempre girando; então, que moam bom trigo!

SALMO 78.13-24

“Uma Mesa no Deserto.” Em toda essa notável narrativa, vê-se um perpétuo contraste entre a constante bondade de Deus e a incessante apostasia do seu povo; e, ao lê-lo, verificamos que o pecado, além de ser a violação da lei divina, é também uma fonte de dor e sofrimento para o coração do nosso Pai Celestial. Para nós, ele divide os mares, guia-nos de dia, coloca sentinelas de fogo ao nosso redor durante a noite, e tira ribeiros de bênçãos das rochas. Mas nós o tentamos com nossa incessante incredulidade. Nós dizemos: “É certo que ele fez assim e assim, mas será que ele pode fazer, ou fará isso ou aquilo? “Pode Deus preparar-nos mesa no deserto? Pode Deus dar-nos pão?”

Quando teremos a intrepidez de crer nas afirmações do Senhor, primeiro de que “para Deus tudo é possível”; e, segundo, que “tudo é possível ao que crê”? Mas para que sejamos capazes de exercitar essa fé precisamos primeiro viver habitualmente em comunhão com Deus. Quando nutrimos nossa alma, alimentando-nos das promessas divinas e observando o que ele já fez para outros, nossa fé remove todas as barreiras com que limitara o Senhor, e brada: “Tu podes e farás!”

SALMO 78.25-37

Israel é Abençoado, mas se Mostra Ingrato. Deus nosso Pai está disposto a “fazer infinitamente mais” por seus filhos; mas, muitas vezes, nós ficamos tão absorvidos com suas dádivas que esquecemos e negligenciamos o Doador. Nós nos permitimos gozá-las até à saciedade; mas depois com a inevitável reversão de sentimentos, começamos a sofrer. Sempre damos graças a Deus enquanto estamos gozando de suas dádivas. Não separemos as dádivas de sua graça das que nos vêm pela sua providência. Todas as boas dádivas e todo dom perfeito vêm dele, e devem ser recebidos com igual ação de graças. Não os usemos com excessos, mas com moderação; e não consintamos que o gozo delas seja o nosso principal objetivo de vida, mas o estarmos preparados para

realizar nossa parte e cumprir nossa missão no mundo.

O fato de Deus precisar “racionar” suas bênçãos para que nos voltemos para ele, deve ferir profundamente seu coração. Mas, como o versículo 34 se aplica a nós todos! Infelizmente, nós também não temos um coração firme, nem somos fiéis à nossa parte na aliança, porque todos temos de admitir que cometemos o pecado da inconstância e da instabilidade em nossa vida religiosa. Nossa oração constante deve ser a do Salmo 51.10: “Renova em mim um espírito inabalável”. Mas, como podemos conseguir isso a não ser pela presença da vida de Deus em nosso interior?

SALMO 78.38-48

“No Egito... os Seus Sinais.” Deus reconhece a fraqueza e a debilidade de nossa natureza. “O Espírito... nos assiste em nossa fraqueza.” (Rm 8.26.) Como diz o profeta Oséias, Deus nos ensina “a andar”; isto é, ele nos segura por baixo dos braços, para que possamos aprender a caminhar. E no processo, ocorrem muitas quedas, mas ele faz distinção entre uma quebra intencional de seus mandamentos e os tropeços que são devidos à fraqueza de nossa natureza. Compadecido como é, ele perdoa; ele se lembra de que somos apenas carne.

Não “duvidemos” do Santo de Israel (v. 41). Ele espera realizar maravilhas para nós e por meio de nós. Mas, quantas vezes limitamos o seu poder comprimindo-o dentro do estreito canal de nossa pequena fé. Nós não gostamos de perturbá-lo tantas vezes. Com essa atitude estamos dizendo que, como ele já fez isso, é pouco provável que faça aquilo. Apresentamos-lhe uma quantidade muito limitada de vasos para serem enchidos do óleo sagrado. Atiramos apenas três flechas no chão, e não chegamos até à sétima, a da perfeição. Ele não pode operar muitas obras poderosas por nós por causa da nossa incredulidade. Despertemos nossa alma para ter pensamentos mais amplos acerca de Deus lembrando, como ocorre nesse trecho, as maravilhas que ele realizou nos tempos antigos.

SALMO 78.49-58

Dirigidos com Segurança, mas Sempre se Desviando. Esse trecho do salmo focaliza em grande parte a narrativa dos livros de Josué e Juízes. As falhas que tinham caracterizado o povo escolhido no deserto, atravessaram o Jordão com eles e foram a razão do seu sofrimento e cativo, durante um período que, de outro modo, poderia ter sido cheio de bênçãos ininterruptas. Aliás, os pecados da Terra da Promessa foram ainda mais desastrosos. A intenção era que os israelitas fossem para o Senhor o que o arco é para o caçador ou o guerreiro; mas eles o decepcionaram totalmente. “Desviaram-se como um arco engano.” (V. 57.)

A lição que há aí para os crentes mais velhos é muito profunda. Alguns leitores destas palavras podem recordar que, em certa fase, no passado, eles atravessaram o rio da “morte para o pecado” e da “vida para Deus”. O Jordão representa a consagração. Devemos lembrar, no entanto, que por mais rica e sublime que tenha sido a experiência da bênção passada, só estaremos imunes a falhas, se vigiarmos e orarmos, e vivermos em permanente comunhão com Jesus Cristo. Quem atravessou o Jordão é atacado por principados e potestades nas regiões celestes (Ef 6.12) e pode passar dificuldades ainda piores. Quanto mais perto do Capitão, mais perigosa é a posição.

SALMO 78.59-72

Deus Escolhe o Pastor Davi. Esse trecho continua a narrar a história dos juízes, e conta o que sucedeu após a batalha em que os filhos de Eli foram mortos. (Ver 1 Samuel 4.) É difícil avaliar o desespero que essa catástrofe provocou, pois Israel parecia o luzeiro do mundo. Que esperança restava para a humanidade se sua lâmpada de testemunho se apagara!

Contudo, sentimos restaurar-se nossa confiança ao ler no versículo 65 sobre o despertar de Deus. Naturalmente a linguagem é altamente metafórica, pois ele não cochila nem dorme. Mas tem havido muitas ocasiões na história da igreja quando pareceu que ele estava

indiferente. O pecado e o mal exerciam um incontestado domínio. Então, subitamente, ocorria uma época de avivamento. Surgia um Davi ou Daniel, um Atanásio ou Agostinho, um Wycliffe ou Lutero, um Spurgeon ou Moody, proveniente de uma família obscura — “pequena entre as milhares de Judá” — e guiava o exército de Deus com infalível firmeza e sucesso. É possível que mesmo a esta hora, no meio dos apriscos ou nas extensas áreas do mundo, Deus esteja preparando para sua igreja os líderes pelos quais ela tanto anseia.

SALMO 79

“Assiste-nos, ó Deus e Salvador Nosso.” Era o período das invasões caldeias. Esse grito de horror partiu do coração do povo escolhido, que tinha considerado o sagrado santuário como inviolável. Eles não podiam crer que a maré da invasão alcançasse Jerusalém, ou que a Cidade Santa chegasse a ser poluída pelos pés profanos dos pagãos. Esse salmo deve ser comparado com o livro de Lamentações. Nele encontramos o mesmo horror, a mesma angústia, a mesma sensação de surpresa, o mesmo ódio ao inimigo, o mesmo clamor a Deus.

Parece-lhe que Deus ficou irado com você? As “nações” invadiram o santo templo e a cidade do seu coração? Está “sobremodo abatido” e perto da morte? Então, comece a investigar se não terá cometido algum pecado que o esteja alienando de Deus. Confesse-o e remova-o. Volte-se para Deus com alegria e grande fé. Peça que as misericórdias dele se apressem ao seu encontro, e que ele o livre, por amor do seu nome. O gemido do cativo e a grandeza do poder de Deus (v. 11) acham-se intimamente relacionados; e, quando você for liberto, lembre-se dos votos feitos, proclame os louvores dele a todos que estiverem ao seu alcance.

SALMO 80.1-7

“Restaura-nos, ó Deus.” As dez tribos estavam no cativo e o coração dos que ainda viviam em Jerusalém sob o reinado dos descendentes de Davi, parecia recordar-se deles com saudades. Esse salmo está cheio de intercessão em

favor deles. Três vezes, nos pontos críticos do salmo, é repetido o refrão no qual se suplica que Deus os restaure e faça com que sejam salvos (vv. 3,7,19). Observemos a progressão no uso do nome de Deus nesses três versos: “Deus”, “Deus dos Exércitos”, e “Senhor Deus dos Exércitos”.

Ao abençoar José, Jacó refere-se a Deus como Pastor (Gn 49.24). Estar “entronizado acima dos querubins” é a marca da onipotência. Notemos como a brandura do Pastor se mescla com sua onipotência. Na marcha pelo deserto, as três grandes tribos de Efraim, Benjamim e Manassés seguiam imediatamente após a arca, que era carregada pelos sacerdotes. Essa antiga litania se ajusta apropriadamente à presente condição da igreja, que está dividida por dissensões internas ou contaminada por um espírito de ceticismo e incapaz de exorcizar os demônios que dominam a sociedade. Instemos com Deus para que nos ilumine com seu rosto e nos desperte por meio do seu Espírito. Deus precisa sustentar sua causa senão, não haverá esperanças para ela.

SALMO 80.8-19

“Faze Resplandecer o Teu Rosto.” A figura da vinha é tirada das palavras que Jacó disse na hora da morte, nas quais ele comparou José a um ramo frutífero que se estendera sobre um muro (Gn 49.22). Portanto ela é uma figura muito adequada e apropriada nesse salmo, cuja temática principal são as tribos do norte. A figura da vinha é apresentada com extrema beleza. O livro do Êxodo falamos do processo de transplante, e os de Josué e Juízes da alimpagem do terreno para recebê-la. Nos dias de Salomão os ramos do reino atingiram o rio Eufrates a leste, e o mar (o Mediterrâneo) a oeste. Mas os muros foram derribados pela invasão, e a vinha ficou à mercê de todos os passantes ou das feras selvagens.

Nós, também, conhecemos a devastação que sobrevém quando a igreja não vive mais dentro dos muros do cuidado de Deus. Aviva-nos! Restaura-nos! “Faze o teu rosto resplandecer!” “O povo da tua destra” (v. 17) pode ser outro termo para Israel. Mas só o Senhor pode cor-

responder a essa descrição; e o poder de Deus está empenhado em deter o avanço do inimigo, e fazer com que a verdadeira Vinha e seus ramos cubram a terra. Para achar o antítipo de Israel, na relação entre Cristo e sua igreja, leiamos João 15.

SALMO 81.1-7

Cantai a Deus, o Libertador. Supõe-se que esse salmo foi composto para ser cantado nas grandes festas hebréias e, em especial, na Páscoa, à qual se faz referência nos versículos 5-7 e 10. (Ver também 2 Crônicas 30.21.) Lembremo-nos de celebrar a redenção da cruz, na qual o nosso Cordeiro Pascal foi sacrificado. Devemos comemorar, agora e no futuro, o amor que nos libertou do peso e dos cestos, no Sinai e em Meribá. Pesquisadores têm encontrado cestos nas câmaras mortuárias de Tebas, os quais, sem dúvida, eram usados para carregar o barro ou os tijolos. São símbolos do trabalho servil e da escravidão do pecado, quando servíamos a um cruel feitor cujo salário é a morte.

Quando estivermos em aflição, cite-mos o versículo 7 clamemos a Deus, e contemos com seu auxílio libertador. Ele responderá do “recôndito do trovão”. Ele sai do seu lugar secreto. Dirijamo-nos às pressas ao Redentor, que cumpriu a lei em nosso lugar quando o trovão da transgressão da lei ainda estiver ecoando em nossos ouvidos. Mantenhamos pela fé nossa posição nele; então seremos como os que, do alto da montanha, olham para baixo contemplando a tempestade abaixo deles.

SALMO 81.8-16

“Ó Israel, se me Escutasses.” Deus quer preencher nossos espaços vazios, que são para ele como o bico do filhote de pássaro, sempre bem aberto (v. 10). “Dê-me espaço!” parece ser o incessante apelo do Senhor. Nosso grande espanto na eternidade será quando fizermos a revisão de nossa vida, e constatarmos que pedimos tão pouco, e isso certamente será uma tristeza para nós. “Dêem-me espaço!” grita o rio quando se precipita com ímpeto pela planície. “Dêem-me espaço!” grita o vento quando procura as estreitas vielas e be-

cos das favelas. “Dê-me espaço!” diz o Espírito de Deus quando sopra ao redor da casa de nosso coração, procurando alguma diminuta fenda para entrar.

Nos versículos finais, 13-16, temos uma enumeração de todas as bênçãos que poderíamos ter se apenas abrissemos bem a boca. Deus se constituiria em nosso defensor, abatendo nossos inimigos — as tentações de fora e as lutas interiores provocadas pelo egoísmo e pelas paixões. Ele nos daria ininterrupta e duradoura bem-aventurança. Ele nos permitiria comer da sua carne e beber do seu sangue, que, na verdade, são comida e bebida. Com certeza ele nos saciaria com o doce mel do seu amor. Comecemos a solicitar essas bênçãos!

SALMO 82

O Justo Juiz de Todos. Os “deuses” aí citados, na verdade, são os juízes e magistrados de Israel. (Ver João 10.34.) Era intenção de Deus que eles fossem os seus porta-vozes e representantes; mas, em lugar disso, eles só pensavam nos seus próprios interesses e procuravam engrandecimento pessoal. Mas o salmista vê o que estava oculto às outras pessoas em geral — Deus assistia no meio do seu povo, julgando-o ele mesmo e julgando seus juízes.

Nós podemos ter cometido erros pelos quais nenhum juiz nos condenou. Mas Deus viu e, a não ser que haja confissão, e a busca do perdão, ele certamente nos punirá. Ou pode ter acontecido de sermos julgados incorretamente e, nesse caso, ele nos vingará. Recorramos a Jesus, a quem o Pai entregou todo julgamento, e lembremos que, além de todas as coisas estarem descobertas e patentes aos seus olhos, ele é, também, o Sumo Sacerdote que pode compadecer-se das nossas fraquezas, e, ainda, o Cordeiro que tira o pecado do mundo. Quando os fundamentos da terra forem deslocados, lembremos que nós pertencemos a um reino inabalável (Hb 12.28).

SALMO 83

“O Altíssimo Sobre Toda a Terra.” Esse salmo foi composto na ocasião descrita

em 2 Crônicas 20, onde lemos que, em meio a grave crise, o Espírito de Deus veio sobre Jaaziel, um dos filhos de Asafe (v. 14). Foi escrito para ser cantado antes da batalha, numa antevisão da vitória certa. Os levitas cantaram em alta voz, enquanto o exército de Josafá avançava contra a grande coligação de nações que ameaçava a própria existência de Israel. Havia fortes razões para a intervenção divina, porque os inimigos de Israel também eram inimigos de Deus. Era o povo *dele*, que estava sendo alvo dessa astuciosa conspiração. Não eram eles os seus “protegidos” (v. 3)? Podia um mundo hostil arrancá-los da concha de sua mão? Quando a nossa vida “está escondida com Cristo em Deus”, podemos apelar para sua proteção confiantemente.

A destruição aqui invocada tem mais semelhança com Moisés do que com Jesus Cristo (vv. 9-18). O método do Senhor é procurar a conversão dos pagãos. Mas ao mesmo tempo pode-se argumentar que Israel talvez tenha orado assim não para satisfazer a um desejo de vingança pessoal, mas para que o grande mundo dos homens pudesse reconhecer que Deus é o Senhor. Como efeito das poderosas convulsões que sacodem a sociedade, ficamos sabendo que a vinda do reino divino está, de certa forma, sendo preparada. Deus pode fazer até com que a própria ira do homem venha a louvá-lo (76.10).

SALMO 84

Saudades da Casa de Deus. Um dos mais belos salmos, Davi provavelmente o compôs durante sua ausência de Jerusalém por ocasião da revolta de Absalão, embora sua forma final possa ter sido dada pelos filhos de Coré.

“Os que habitam em tua casa.” (Vv. 1-4.) O salmista inveja os pássaros que moram naquele santo recinto, e ainda muito mais os sacerdotes e os levitas que servem ali! As raposas têm covis e os pássaros têm ninhos, mas o homem só pode descansar em Deus. “Em cujo coração se encontram os caminhos aplaudidos.” (Vv. 5-8.) Podemos não ser mesmo capazes de andar pelos caminhos de Sião, mas é bom trilhá-los pela leitura das Escrituras, na vivificante

companhia dos santos, e nos unirmos às hostes de peregrinos. Os que estão ausentes da casa de Deus, em espírito, podem unir-se à congregação. Assim, vales áridos e desérticos podem encher-se de mananciais, que os tornam verdes e belos. Quando nosso coração é reto diante de Deus, o deserto se transforma num templo, e as lágrimas são substituídas por sorrisos. “O homem que em ti confia.” (Vv. 9-12.) Deus é melhor que o seu santuário. Ele é um Sol para as horas escuras e um Escudo para as horas abrasadoras. A “graça” é o seu perdão imerecido e bênção para os pecadores; a “glória” é a irradiação do seu caráter, em cuja semelhança seremos todos transformados.

SALMO 85

Oração Pela Nação. Esse salmo é o complemento do de número 80. Ali, vemos petições sendo elevadas a Deus; aqui, ações de graça lhe são rendidas. Evidentemente o povo recebera um grande livramento e a terra se encheu de ações de graça. A restauração dos cativos de Babilônia foi um desses eventos; mas as palavras se aplicam também aos alegres dias de um avivamento. Elas poderiam ter sido cantadas na primeira Páscoa, quando a graça e a verdade se encontraram na cruz, e houve um casamento da terra e do céu. A restauração da prosperidade, a iniquidade perdoadada e encoberta, as negras nuvens da separação dispersas, o falar de paz ao povo — todos esses temas são grandiosos e têm seu correspondente na experiência cristã.

Existe uma delicada beleza nos versículos 10 e 11. Que maravilhoso encontro esse dos atributos divinos! E a cruz é o local de seu encontro. Assemelha-se a uma reunião familiar de irmãos e irmãs no velho solar da família. Observemos que é preciso que o céu se una à terra para que haja a graça cristã. A verdade só pode brotar no solo de nosso coração quando dos céus a justiça baixa seu olhar com amor. Mas ela faz ainda mais; mostra como devemos andar no caminho feito pelas pegadas de Deus.

SALMO 86

Oração ao Deus de Misericórdia. Esse salmo, em grande parte, é composto de

citações. Quando a alma está em grande aflição, ela não se preocupa em criar novas formas de dirigir-se a Deus, mas se vale de frases conhecidas e batidas. O Senhor, no Getsêmani, orou “repetindo as mesmas palavras”. A base de sustentação do salmo é a fé que se apóia sobre a bondade de Deus. “Tu és bom” (v. 5); “tu és grande” (v. 10); “tu és compassivo e cheio de graça” (v. 15). Procuremos edificar nossas petições sobre a revelação da natureza de Deus, que nos foi dada por Cristo.

Versículos 1 a 5: nosso argumento mais forte perante Deus é o de que, na verdade, somos aflitos e necessitados. Só somos piedosos (santos) se apresentarmos Cristo como nossa justiça. Um argumento que Deus atende é o de que nós clamamos de contínuo. Mas, o melhor de tudo é a abundância de sua benignidade. Versículos 6 a 13: também nessa estrofe, há o clamor falando da necessidade; e a fé é fortalecida pela lembrança de que o poder de Deus é suficiente. Deus é tão grande que pode incluir nossa pequena vida em seu cuidado microscópico. Versículos 14 a 17: nós podemos facilmente imaginar o bando que atacou o salmista, porque nós também somos atacados assim; mas, a calma e santa presença de Deus está conosco e mais perto de nós do que eles poderiam estar.

SALMO 87

Cidadãos de Sião. Esse salmo reúne numa só congregação os antigos inimigos de Israel e o Povo Escolhido. É a visão da Santa Igreja Universal.

Versículos 1 a 3: uma explosão de arrebatado louvor. Os fundamentos de Sião estão nos montes, e suas portas são amadas por Deus. Por toda parte os homens relatam as glórias e vitórias dela. Mas como é maior a glória da igreja que foi edificada sobre a obra realizada por Cristo e é dirigida por ele, do céu. A igreja é habitada pelo Espírito Santo, e dela se irradia uma luz para todo o mundo.

Versículos 4 a 6: os filhos dos antigos inimigos de Sião agora fazem parte de Sião. O Egito ou Raabe já não são mais temidos e desprezados; a Babilônia não é mais detestada por sua

tiranias; Filístia e Etiópia, antes longe, agora estão perto. Eles vêm do leste e do oeste, e se assentam no banquete de coisas gordurosas ao qual Isaias se referiu (Is 25.6).

Versículo 7: uma fileira triunfal passa diante de nós confessando que as fontes da verdadeira vida são encontradas na igreja, pois são alimentadas pelas profundas correntes do amor e vida eternos.

SALMO 88

Um Clamor em Meio às Ondas. A maior parte dos salmos que começam com tristeza termina em exuberante alegria e louvor. Esse é uma exceção. Parece não haver interrupção na constante tristeza e desespero dele. Nos versículos 1 a 8 parece que o salmista estava oprimido por alguma doença asquerosa que fazia com que até mesmo os seus amigos se esquivassem de sua companhia. Mas quando, mesmo em tais circunstâncias, um homem ainda pode referir-se a Deus como o “Deus da minha salvação”, isso é sinal de que há esperanças.

Nos versículos 9 a 18 o salmista combate o seu desespero lembrando a Deus e a si mesmo que ele é um homem que ora. Certamente o Altíssimo não esquecerá suas mãos erguidas para ele, nem as orações que já prevêm um alvorecer para ele. E esse argumento é verdadeiro. O fato de podermos orar é um sinal certo de que o divino Espírito está dentro do nosso coração. De profundezas desconhecidas ele está ajudando nossas fraquezas, e isso prova que Deus não nos esqueceu nem se afastou de nós. Se justamente agora o navio de sua vida está enfrentando dificuldade, lembre-se de que Deus governa as ondas. A uma ordem sua o vento tempestuoso se acalmará imediatamente. Sendo seu amado e amigo, ele se colocará em seu redor, e sua alma voltará para a luz. Os dias de Deus não são como os do homem — da manhã à tarde — mas da escuridão ao alvorecer.

SALMO 89.1-18

Não Há Deus Como o Nosso. Para compreendermos esse salmo precisamos ler 2 Samuel 7, onde Deus garantiu que o reino de Davi continuaria com seus des-

cedentes. As palavras de Natã são citadas nos versículos 3 e 4. Mas, em contraste com essas promessas, cujo cumprimento estava condicionado a uma obediência fiel por parte dos descendentes de Davi, o salmista tristemente menciona a desobediência do povo escolhido. Não havia a menor dúvida quanto à fidelidade divina aos compromissos da aliança. (Ver os versículos 1,2,5 e 8.) O objetivo desse salmo é indagar se aquela fidelidade não admite a restauração de uma nação pecadora, como, certamente, implica na bênção contínua de uma nação obediente.

Na primeira parte (vv. 1-18), o salmista apresenta os atributos divinos. A benignidade de Deus é vista como uma imponente mansão que está sendo edificada, andar por andar, através dos séculos. Os céus eternos, as poderosas forças da natureza, tais como as ondas do mar, os montes gloriosos, são símbolos das qualidades da natureza de Deus. O salmo descreve-o saindo em marcha triunfal, precedido pela graça e pela verdade; e nós somos convidados a acompanhá-lo, e a andar na luz de sua presença.

SALMO 89.19-37

A Aliança com Davi. Nesse trecho, o salmista analisa, em detalhes, a profecia fundamental de Natã, já mencionada; primeiro, as promessas feitas a Davi (vv. 19-27); e, segundo, as relativas aos seus descendentes (vv. 28-37).

Davi era de origem muito humilde. Sua dignidade e seu poder vinham de Deus. Mas sempre que nosso Pai estabeleceu um homem em uma posição, ele lhe dá os dons necessários para ela. Quando ele escolhe alguém, unge-o, fortalece-o e protege-o. Também é garantida vitória sobre os inimigos do homem, porque a fidelidade e a bondade de Deus estão junto dele (v. 24). A relação entre a alma e Deus é muito íntima; de um lado temos o versículo 26 e, do outro, o versículo 27.

Que preciosa promessa é o versículo 28! A partir daí o salmista começa a detalhar as promessas feitas à linhagem de Davi. Eles podem ser castigados, mas não rejeitados permanentemente. No versículo 33 os atributos gêmeos

bondade e fidelidade são outra vez reunidos e apresentados como a base da esperança de homens pecadores e indignos. A palavra de Deus, uma vez falada, é inviolável. Ele fica preso ao seu juramento. O pecado não pode alterar sua promessa nem as obrigações sob as quais se colocou. Essa imutabilidade é o alicerce sobre o qual podemos edificar com segurança a nossa fé.

SALMO 89.38-52

Um Fogo Consumidor. Aqui o salmista se põe a protestar e lamentar. Não se sabe dizer se ele alude à ocasião em que Sisaque atacou Jerusalém, durante o reinado de Roboão (1 Rs 14.25,26) ou à época em que o jovem príncipe Joaquim foi deposto por Nabucodonosor (2 Rs 24.10-16); mas parecia que a fidelidade de Deus havia falhado. O salmista se demora tristemente a falar sobre o contraste entre a antiga aliança de Deus e a dolorosa realidade daquele momento. A família à qual ele havia prometido existência e domínio perpétuos tinha perdido seu brilho e se tornara como uma lamparina de luz morta.

Em seguida, o salmista se entrega à oração e baseia sua argumentação na brevidade da existência. Há apenas um pequeno espaço de tempo durante o qual Deus tem oportunidade para manifestar ao homem seu amor e verdade. Literalmente as palavras são: “Lembra — que transitoriedade!” (v. 47). Nos três últimos versículos outra petição é apresentada — que a desonra advenha a Deus se ele não detiver a continuação do desastre. Os insultos e injúrias lançados contra os servos de Deus são realmente dirigidos contra o Senhor; por isso ele lhe implora que, vingando-os, vingue-se a si mesmo.

SALMO 90

A Mensagem dos Anos que Vão Passando. A grandiosa música desse maravilhoso salmo distingue-o de todos os outros. Ele é como o registro baixo profundo de um poderoso órgão. Seu autor é Moisés; isso está estampado nele. É um salmo digno do homem que viu a Deus.

Versículos 1 a 6: a transitoriedade da vida humana é comparada com a

estabilidade de Deus. Ele é o refúgio e o abrigo de todas as gerações da humanidade (Dt 33,27). A terra e seus montes, o universo e seus mundos foram feitos por ele; mas ele mesmo não teve origem nem começo. O tempo é apenas um suspiro, um sopro, a célere corrida da torrente que desce a montanha, um breve pensamento, a relva que floresce de madrugada.

Versículos 7 a 12: ecoa nesses versos um lamento proveniente dos quarenta anos de peregrinações. A amarga colheita das rebeliões de Israel foi uma contínua sucessão de sepulturas. Oh! Possamos nós ter um coração sábio de modo a podermos entrar no descanso de Deus!

Versículos 13 a 17: nas palavras finais, Moisés profere uma oração sublime que nos inclui a todos. Procuremos fazer alguma boa obra antes de partirmos, e possamos nossos filhos constituir uma geração mais nobre do que nós! Mas toda a beleza de caráter e permanência da obra devem emanar de Deus.

SALMO 91

A Segurança em Confiar no Senhor. De acordo com os novos esclarecimentos obtidos sobre esse salmo, decorrentes de traduções recentes, ele foi dividido como segue: versículos 1 e 2, um soliloquio no qual o crente menciona a bênção que é habitar sob o protetor cuidado de Deus, e anima o seu coração a exercer fé pessoal; versículos 3 a 8, a confirmação de um coro de vozes, que enfatizam a segurança dos que crêem em Deus; versículo 9a, uma exclamação na qual o crente de novo expressa sua decisão de exercer essa fé pessoal; versículos 9b a 13, a segunda confirmação de um coro de vozes em tom positivo; versículos 14 a 16, a ratificação de Deus para as atitudes e expressões do salmista e de seus amigos.

O salmo é rico em metáforas populares do Oriente: o leão com seu rugido e seu salto sobre a presa; a áspide com seu deslizar furtivo através da relva; o assalto noturno; a peste pernicioso; o laço do passarinho; as asas da águia; a tenda, morada provisória. Esse é o salmo do viajante e devemos lê-lo particularmente ou com

a família, sempre que estivermos partindo para uma viagem.

Mas, notemos os versículos finais (14-16). Nossa concepção do cuidado de Deus é muito estreita. Nós não nos apropriamos bem do poder, do amor e da presença de Deus, Pai, que está esperando e desejando ser invocado. Basta que exerçamos fé e nos apropriemos dessas coisas.

SALMO 92

Contentamento e Crescimento. O subtítulo informa que esse salmo é apropriado para o sábado. Os versículos 1 a 3 contêm a afirmação de ordem geral de que é bom louvar e render graças ao Senhor. Os versículos 4 e 5 sugerem que as obras de Deus — a criação, a providência e sua graça — devem gerar em nós uma perpétua gratidão, mas que os pensamentos e propósitos que as sustentam são por demais profundos para a nossa compreensão.

A seguir são mencionadas duas classes de homens: o inepto e o ímpio (vv. 6-9); os servos de Deus (vv. 10-15). Os primeiros são como a erva que cresce depressa, floresce e é cortada; os últimos são como a palmeira e o cedro. Não há uma só parte da palmeira que não seja aproveitada, de alguma forma. O cedro é uma das árvores de vida mais longa. Não é incomum terem duração de mil anos, e sua fibra é praticamente incorruptível.

É muito agradável ouvir-se o testemunho de um crente idoso quanto à fidelidade de Deus. Quando Charles H. Spurgeon (1834-1892 — grande pregador batista, inglês, calvinista, conservador) era moço, ele estava pregando acerca desse tema na igreja de seu avô. Quando chegava ao meio do sermão, o veterano homem de Deus levantou-se, foi ao púlpito e disse: “Meu neto está pregando o que ele leu e ouviu a respeito desse assunto; mas eu, há oitenta e quatro anos, tenho constatado que Deus é fiel aos seus servos e à sua Palavra”.

SALMO 93.1-94.5

O Senhor que Domina Sobre Tudo. Acredita-se que esses dois salmos datem da

invasão assíria ocorrida durante o reinado de Ezequias, e que o salmista compara o poder de Senaqueribe e seus exércitos aos poderosos vagalhões do mar. Mas eles se aplicam a todas as ocasiões de ansiedade e luta. É interessante lembrar, também, que os judeus sempre aplicavam esses dois salmos e os outros seis que se seguem aos dias do Messias. Certamente, então, podemos aplicá-los ao nosso próprio tempo.

É um grande conforto saber que, acima e além de tudo aquilo que entristece e tolhe a igreja ou a nós individualmente, existe o grande fato da soberania do Senhor. Isso nos encoraja na luta e nos torna firmes e inabaláveis. Quase chegamos a ouvir os golpes dos sucessivos vagalhões espumejantes e furiosos ao redor do trono de Deus, que, no entanto, permanece firme, sem um só tremor. O milagre de Jesus acalmando a tempestade tem um significado simbólico e de longo alcance. Ele está em nosso coração, no mundo e em sua igreja, mesmo quando ela é jogada de um lado a outro sobre águas tempestuosas — e Jesus domina sobre as ondas. Ele irá aplicar a lei da justiça e salvar seu povo.

SALMO 94.6-23

O Senhor, Nossa Defesa Contra os Malfeitores. Meditemos em todas as grandes coisas que o Senhor fará pelos que nele confiam. Foi ele quem fez o ouvido, e ouvirá o menor suspiro, o soluço ou a súplica gaguejante de seu filho (v. 9). Ele formou os olhos, e conhece as nossas tristezas. Ele observa a queda do pardal, e seu filho é de mais valor do que muitos pardais. Ele nos repreende; não será melhor nos colocarmos em sujeição ao Pai dos espíritos e viver (v. 10)? Ele conhece os nossos pensamentos; peçamos-lhe que os purifique e os controle (v. 11). Ele nos ensina sua lei; sejamos diligentes estudantes das Escrituras (v. 12). Ele não nos rejeitará nem nos desampará (v. 14).

O Senhor é o nosso auxílio, e a alma que nele confia não será silenciada (v. 17). Ele nos sustém quando nosso pé resvala (v. 18). Sejam quais forem as ocupações que nos sobressaltam ou atemorizam, Deus já tem uma consolação

apropriada para contra-atacar cada uma delas. Suas consolações alegram nossa alma. Elas trazem consigo alegria e esperança (v. 19). Ele nos defende das acusações feitas contra nós e é um rochedo sobre o qual podemos abrigar-nos, mesmo quando cercados por águas agitadas (v. 22). Se Deus é por nós, quem será contra nós? ou, quem nos separará do seu amor? (Rm 8.31,35.)

SALMO 95

Louvemos o Senhor e Não o Tentemos. Esse salmo acha-se profundamente ligado à vida da Igreja, devido aos sentimentos de adoração de que está impregnado, e, também, por causa do modo esclarecedor como é introduzido na argumentação de Hebreus 3 e 4. As obras de Deus na criação são apresentadas como incentivos ao louvor. O mar, as montanhas, os lugares profundos da terra inspiraram muitas vezes o salmista, mas muito mais a alma devota!

Lembremos, também, quando estivermos sendo jogados de um lado para outro nos mares da vida, ou formos chamados a descer aos vales sombrios, que mesmo assim a fé ainda se atreve a cantar. Mas, na segunda estrofe do salmo, do versículo 6 em diante, nos defrontamos com a triste história de Êxodo 17. Há Meribás e Massás na vida de todos nós, quando murmuramos contra a disciplina de Deus e perdemos nosso descanso interior. Existe o sábado do coração quando submetemos nossa vontade à de Deus e purificamos o coração de seus inconstantes caprichos, e a mesma paz que caracteriza a natureza divina repousa em nosso coração. Essa experiência é uma entrada no descanso de Deus. E ela ainda se acha à disposição de todo o povo de Deus; nunca se esgotou. Não a percamos por uma deficiência de fé!

SALMO 96

“Reina o Senhor.” Esse salmo também se encontra em 1 Crônicas 16. Notemos a ordem dada três vezes: “Cantai, cantai, cantai” (vv. 1, 2); e a correspondente, repetida três vezes: “Tributai, tributai, tributai” (vv. 7, 8); e o chamado aos três: céu, mar e terra para que se alegrem (vv. 11, 12). É bom ler esses salmos; eles

comunicam a ardente devoção daqueles homens de Deus do passado. Eles nos despertam de nossa letargia assim como o toque de um clarim desperta o soldado que dorme. Notemos que quando convidamos os homens para virem a Deus nós os chamamos para um *Jubilate* (louvai), não para um *Miserere* (pedido de misericórdia).

Que imponente séquito acompanha o Rei ao trono do mundo! Ele vem para reinar com equidade. A justiça e a fidelidade que haviam abandonado o mundo voltam com ele. A glória e a majestade são seus arautos. Força e formosura constituem o círculo de sua corte. Quando formos levados ao reino divino, e formos um com Deus, conseguiremos ouvir o coro da natureza em seu cântico de louvor. Os mares serão os baixos; as folhas balouçantes, as flores do campo, o zunir do mundo dos insetos serão os tenores e contraltos; enquanto as estrelas em seus cursos cantarão o soprano. Para o ouvido unguido o cântico novo já começou.

SALMO 97

“*Alegrai-vos no Senhor.*” A tônica desse salmo é o reino de Deus. Para o ímpio ele significa infelicidade; para o crente, é o estabelecimento da harmonia e da alegria. É como se arautos angélicos voassem de uma ilha para outra, do pico de uma montanha para outro com alegres novas de grande alegria. Nem sempre é fácil identificar a chegada desse reino. Nuvens e escuridão estão ao redor de Deus (v. 2). Os olhos físicos não podem penetrar o negro manto envolvente, mas a fé está sempre certa de que a justiça e o juízo são a base do seu trono.

Algumas vezes Deus vem em fogo (v. 3), como no Sinai, ou no dia de Pentecoste, que ocorreu no aniversário da entrega da lei. Há dias como aquele em que Jerusalém caiu, ou quando os turcos tomaram Constantinopla, ou quando Napoleão foi arrasado em Waterloo. Então os montes se derretem como cera. Mas durante todas essas sombrias e terríveis dispensações, o reino de Deus vem crescendo secretamente, o Senhor está sendo exaltado, a luz está sendo difundida para o seu povo (v. 11). Então,

meu irmão, suas lágrimas e lutas, à medida que ocorrem, estão absorvendo o amor e poder do céu, que conservarão consigo, embora por muito tempo permaneçam envoltos na escuridão. Aproximem-se dias de indizível alegria. Ânimo!

SALMO 98

Digno do Louvor de Toda a Terra. Esse salmo é paralelo ao de número 96. Aquele focaliza o reino de Deus; esse trata da vitória em que o reino está firmado (v. 1). Deus podia criar sem restrição, mas para poder redimir, ele tinha de esmagar a resistência do mal e vencer o príncipe deste mundo. Por isso houve o demorado conflito; mas a salvação foi operada por aquele braço santo que fora estendido na cruz, e pela destra que fora traspassada pelo cravo. Na ressurreição e na ascensão, a justiça e a salvação do Senhor foram abertamente manifestas. (Ver Colossenses 2.15.)

O coral de adoração dos versículos 4 a 9 se ajusta bem à vitória triunfal de Cristo. A terra, que participou da queda do homem, participará de sua redenção. (Ver Isaías 32.) Há muito tempo a natureza geme e sofre angústias, como um cativo encarcerado; mas ela terá seu renascimento. Quando Jesus for Rei, mares e rios, montes e montanhas estarão cheios de música. A natureza é como um instrumento de cordas que espera a afinação e o toque de mãos competentes. Em Apocalipse 5 temos o complemento dessa convocação do salmista; ali o apóstolo diz que o cântico que provinha dos anciãos ecoava em todas as criaturas do céu, da terra e do mar, bem como em tudo que neles há. Sejamos otimistas. Façamos nossas refeições com alegria e singeleza de coração. Estamos do lado que está vencendo e cantando.

SALMO 99

Celebrem o Grande e Santo Deus. Esse salmo tem seu complemento no Salmo 97. Ali o reino do Senhor é associado à alegria da fé, aqui ao tremor de corações mortais e pecadores. Três vezes ele nos lembra que o Senhor é santo (vv. 3,5,9). Essa tríplice manifestação da

terra em relação à santidade de Deus, corresponde à tríplice manifestação do céu, onde os serafins clamam uns aos outros dizendo: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória”. (Is 6.3.)

A santidade de Deus é terrível para os pecadores. Ela inspira terror e reverência até mesmo em seu povo. Mesmo podendo aproximar-nos dele em Cristo, devemos sempre recordar que somos pecadores sem direito de estar diante dele, a não ser por meio da mediação e pela justiça de seu Filho.

Como Deus deve ser grande já que homens como Moisés, Arão e Samuel foram seus servos! E nós, também, embora abaixo deles em caráter e dons pessoais, podemos estar entre os seus sacerdotes, invocar seu nome, ouvi-lo falar da coluna de nuvem. Andemos de modo digno de nossa soberana vocação! Temamos esse Deus grande e santo, que não pode tolerar o pecado em seus filhos e não hesitará em inflingir-lhes dor se persistirem no pecado. Ele perdoa — glória ao seu nome! — mas não hesitará em castigarnos pelos pecados que nós, presunçosa e deliberadamente, abrigarmos no coração.

SALMO 100

O Louvor Universal. Se pudéssemos penetrar no espírito desse salmo, cada dia seria um Dia de Ações de Graça. O salmista convida a terra inteira a entrar nos átrios da casa de Deus com cânticos de alegria. Em muitos dos salmos, os tons menores sobrepujam os maiores, e o choro se sobrepõe à alegria. Mas esse está cheio de uma clara luz solar. A razão desse contentamento é sugerida pelas palavras: “dele somos”. Somos dele pela criação, pela providência e pela graça; e somos dele, também, por uma espontânea consagração de nosso coração ao seu serviço. Nós lhe pertencemos por direito; cabe a nós providenciar para que sejamos dele também por decisão pessoal. E o fato de ele ser nosso dono implica em dar-nos seu cuidado pastoral. Nós somos o seu rebanho; cumpre-lhe levar-nos aos pastos verdejantes e junto das águas de descanso.

Aos olhos do salmista as nações da terra entram no templo pelas suas portas escancaradas. É como se ele exclamasse: “Ouçam! Ouçam a explosão de ações de graça que provém da enorme multidão!” A grande atração é a bondade do Senhor, bem como a eternidade de sua misericórdia e fidelidade. Esse salmo revela o verdadeiro cerne da religião. Não podemos nos dar por satisfeitos enquanto todos os homens não partilharem do nosso conhecimento do amor de Deus. Não existe nada melhor que ele para dar a verdadeira felicidade e o verdadeiro contentamento à humanidade.

SALMO 101

O Meu Justo Propósito. Esse salmo, como o título indica, foi composto por Davi, provavelmente no início do seu reinado. Contém várias resoluções pelas quais ele estava disposto a agir. Primeiro, tomou a decisão de que atentaria para o “caminho da perfeição”, e andaria na sua casa com sinceridade de coração (v. 2). Em seguida, tomou a decisão de escolher os amigos com rigoroso cuidado, de modo que corações perversos e pessoas ímpias se afastassem dele; decidiu também que jamais teria um relacionamento de amizade com os que caluniavam seu próximo, ou que demonstravam, com seus olhares altivos, coração soberbo. O engano e a fraude devem, de igual modo, ser banidos da sua casa, enquanto os fiéis da terra que também andavam “em reto caminho”, o serviriam. E, por fim, ele tomou a resolução de realizar o seu governo em relação à coisa pública de maneira que os ímpios fossem destruídos e os retos fossem exaltados.

Era um programa excelente, e ele teria sido feliz se durante sua vida inteira, se tivesse mantido fiel a ele. Nós não temos as mesmas condições que Davi teve para escolher aqueles que nos cercam. Muitas vezes nos é necessário trabalhar no meio de pessoas que não escolheríamos como colegas. Mas podemos, pelo menos, evitar amizades profundas com qualquer um desses ou passar nossas horas de lazer e recreação junto deles (1 Co 5.9-11).

SALMO 102.1-11

O Clamor do Aflito. Esse é o quinto dos “salmos penitenciais”. Alguns sustentam que é um dos últimos salmos, pedindo libertação do cativo; outros, dando ênfase a certas características daviídicas, atribuem-no ao rei-salmista. A sua verdadeira autoria, entretanto, é, comparativamente, de pequena importância; o principal aí é observar como é perfeito seu extravasamento da tristeza de um coração ferido.

O salmista baseia seu apelo para que Deus lhe responda logo, na rapidez com que seus dias estão passando, como a fumaça que escapa de uma chaminé. Seus ossos ardem; seu coração se secou como a planta de Jonas; ele se transformou num esqueleto por seus prolongados e dolorosos gemidos. Ele se compara a criaturas amantes da solidão, tais como o pelicano e a coruja. Um outro elemento de seu sofrimento é o insulto dos seus inimigos. Ele não consegue escapar dele; isso o persegue. As cinzas, o sinal de sua aflição, são seu alimento, e as lágrimas se misturam à sua bebida. Mas o elemento mais amargo de todos é a consciência de que Deus está irado contra ele. Parece que a mão de Deus está voltada contra ele, e no peso total de suas tristezas, ele pensa que seus dias declinam como a sombra. Entretanto, no trecho final do salmo sua esperança é renovada.

SALMO 102.12-28

O Tempo de Compadecer-se de Sião. Precisamos lembrar que o Espírito Santo aplica as palavras finais desse salmo ao Senhor. (Ver Hebreus 1.10-12.) Isso reveste de uma nova particularidade essas petições. As tristezas do salmista, descritas no trecho anterior, originavam-se mais nas desolações de Sião do que em suas aflições pessoais; e, quando a alma sente tal peso, é sinal de que o livramento está próximo. Finney, o grande evangelista, conta de uma mulher que procurou o pastor sentindo tanto peso no coração pelos incrédulos que não conseguia comer nem dormir. Ela lhe rogou que marcassem um culto para evangelização, e, em-

bora não tivessem recebido o menor sinal de um avivamento, este repentinamente se manifestou. Quando os cristãos começam a amar as pedras da igreja e a se conder do seu pó, é chegado o tempo de Deus se compadecer dela.

Contemplemos o Cristo imutável! A criação envelhecerá, os céus e a terra podem ser mudados como uma roupa usada; a velha ordem pode dar lugar a uma nova; mas, em meio a todas as mudanças, Jesus permanece o mesmo, ontem, hoje e para sempre. Como são deleitosas essas imortais palavras: “Tu, porém, Senhor, permaneces para sempre”. E, se ele permanece, seus servos permanecerão também e, depois deles, seus filhos.

SALMO 103.1-12

As Abundantes Misericórdias do Senhor. O nome de Davi encabeça esse salmo incomparável, que exprime, como nenhum outro, a alma da igreja universal bem como a do crente individual. Notemos que os verbos estão sempre no presente, na maioria desses versículos. O amoroso cuidado de Deus segue paralelamente a nossa vida. Ele jamais está cansado ou exausto. Depois que ele começa, mantém a mesma disposição. Contemos as bênçãos que ele nos dá com tanta abundância, e, louvemo-lo ao enumerá-las: perdão, cura (Êx 15.26); livramento de perigos e acidentes, visíveis e invisíveis; as coroas que ele coloca em nossa indigna cabeça; a fartura (Sl 36.8 e Is 58.11); a juventude perene.

Havia um provérbio entre os orientais que dizia que a água, literalmente, rejuvenesce. É a isso que o salmista se refere no versículo 5. Para nós, isso significa que a vida que se alimenta das fontes eternas é semelhante à da água em seu extraordinário vigor e em seu vôo rumo ao sol. Os “caminhos de Deus, isto é, seus planos são manifestados ao círculo mais íntimo; a congregação comum conhece apenas os “seus feitos”. O Pai nos repreende, sim, mas só até afastarmos o pecado. Procuremos fazer uma idéia da distância entre Oriente e Ocidente; tal é a distância que o perdão coloca entre nós e o pecado perdoado. É impossível que

a culpa ou a maldição dele voltem a cair sobre a alma resgatada.

SALMO 103.13-22

A Benignidade Eterna. Agora o salmista deixa a imagem vasta do céu para usar uma imagem terrena, a de um pai compadecido. Deus é um grande Rei, é o poderoso Criador, mas o Espírito testemunha que somos seus “filhos” e nos ensina a dizer “Aba, Pai”. A idéia de “pó” é de fragilidade. Feito do pó e frágil como um vaso de barro, o homem, por sua fraqueza, apela à compaixão do Senhor. A idéia de fragilidade e desamparo é fortalecida pela figura da flor que desaparece, queimada pelo vento quente do deserto. Usando a força do contraste, e após mencionar o breve tempo de vida do homem, o salmista fala dos anos eternos de Deus. E o amor de Deus é como sua vida. Deus é eterno e portanto seu amor é eterno. Quando ele ama, ama para sempre; ele nunca se cansa, nunca se desanima, nunca nos abandona. Um pai ou mãe que teme a Deus pode deixar um legado de valor incalculável para os filhos de seus filhos. (Ver o versículo 17.)

Do versículo 19 até o fim, o salmista abre todos os registros do grande órgão da existência. Os anjos e os exércitos de outros seres inteligentes que executam a vontade do Senhor, todas as suas obras animadas e inanimadas, todos os santos, todas as almas, estrelas e sóis, oceanos e montes — todos devem unir-se no coro de louvores a ele.

SALMO 104.1-12

A Maravilhosa Obra do Senhor. Os versículos iniciais desse salmo parecem descrever, em sublime poesia, a criação do mundo. Deus é muito grande, visto que ele criou os céus e a terra. Ele está sobrevestido de glória e majestade, e, ainda assim, desceu para pairar sobre o caos e as trevas que havia antes da ordem e da beleza criadas na terra. Quando ele disse “Haja luz”, vestiu-se da tessitura dela. O firmamento de Gênesis 1.8 era a cortina de sua tenda. As nuvens em cima e os mares embaixo constituíam sua carruagem e encobriam o vigamento de sua morada. (Ver Gênesis 1.9,10.) (Comparar o ver-

sículo 4 com Hebreus 1.7.) No versículo 6, o salmista parece ver o processo que é descrito, abreviada e graficamente, em Gênesis 1.10. As águas tinham ficado acima das montanhas, tempestuosas e agitadas; mas, ao comando de Deus, escorreram montanha abaixo rumo ao leito do oceano, ali sendo retidas pelas praias. Que cuidadosa atenção é revelada no fato de Deus criar as fontes! Ele se preocupa com os jumentos selvagens e as aves do céu, e quanto mais cuidará de nós, sim, homens de pequena fé!

SALMO 104.13-23

Uma Habitação Para a Fera e Para o Homem. Quem possui um verdadeiro amor para com Deus, tem um coração alegre e jubiloso que se deleita em estudar suas obras. O filho de um grande artista, que ama seu pai, fica por perto do seu estúdio, observa com real interesse o desenvolvimento do quadro ou estátua, e fala aos outros com satisfação acerca do trabalho dele. É num espírito assim que os que conhecem Deus através de uma comunhão diária, seguem o salmista às torrentes dos montes, às pastagens e campinas, plantações e pomares, aos picos das montanhas com seus escuros pinheiros e abetos.

Não existe ninguém que tenha retratado de modo mais eloquente esses cenários do que Ruskin (John Ruskin, escritor inglês, 1819-1900). Ele tinha um amor natural pela beleza, e um talento sem rival para a descrição vívida; mas foi quando era menino, estudando com sua mãe essa passagem, que ele aprendeu a associar as belezas do mundo natural com uma dedicada adoração ao Criador. Seus livros refletem esse aprendizado recebido na infância.

Esse salmo pode ser classificado como um comentário divino acerca do primeiro “livro” escrito por Deus — o mundo que nos cerca.

SALMO 104.24-35

A Mão Aberta do Altíssimo. O salmista nada diz acerca da operação das grandes leis da natureza, mas passa por detrás e além e se refere à Mão que se abre para fartar de bens todos os seres

vivos. A personalidade de Deus é a força motora que há por trás do fino véu da aparência exterior. Isso se acha em forte contraste com muito do que se pensa e se fala na atualidade, que praticamente exclui o Criador de sua própria criação. Mas não há uma verdadeira oposição entre as duas concepções. As leis da natureza são apenas outro modo de se enunciar o método comum de Deus operar. Nele não há variação, nem sombra de mudança; e é porque podemos confiar em seus inalteráveis métodos que a vida humana pode desenvolver-se regularmente e com êxito.

Enquanto a criação inteira espera das mãos de Deus, só o homem pode adorá-lo. E nós nos situamos no meio da criação como sumo sacerdotes e intérpretes dela. Nós podemos dizer a Deus o que a natureza deseja expressar mas não pode. Cantemos o "Te Deum" (famoso hino antigo de louvor à Trindade, atribuído a Ambrósio de Milão) em meio à beleza e à magnificência do cenário natural; e creiamos que aquele que exulta por suas obras se aproxima de nós em nossa alegria, o que prova que a nossa natureza e a dele são estreitamente afins.

SALMO 105.1-15

A Aliança do Senhor com Israel. Esse salmo e o seguinte acham-se associados, emparelhados, tendo sido compostos, provavelmente, durante o exílio na Babilônia. É evidente que, em parte, eles derivam dos ofícios do antigo tabernáculo, durante os quais se entoava o princípio desse salmo e o final do seguinte (1 Cr 16). Temos, aqui, a menção da fidelidade do Senhor à sua aliança, bem como a ingratidão de Israel.

É certo fazer conhecidos os feitos de Deus. Nada toca mais rapidamente os homens, ou estimula mais a fé e a esperança, do que ouvir das experiências de outros com relação à salvação de Deus. Falemos muito acerca das suas obras maravilhosas. Se Deus nos perdoou uma dívida de até mesmo 10.000 talentos, confessemos-lo. Se aprendemos mais acerca da paciência de Cristo em suportar-nos com nossos

pecados e falhas, falemos disso. Os pontos altos de nossas experiências passadas podem ser resumidos sob os mesmos títulos gerais que os do salmista. Deus tem estado atento à sua aliança, ratificada pelo sangue de seu Filho. Ele mostrou sua total independência em relação aos padrões humanos quando nos escolheu, embora sejamos inteiramente indignos de herdar seu reino. Quantas vezes ele tem interferido em nosso favor, mesmo quando merecíamos o pior, dizendo: "Não toqueis no meu ungido".

SALMO 105.16-30

Peregrinos no Egito. O salmista lembra a história de José, um elo da corrente de providências que garantiram o cumprimento da aliança. Pode ser, também, que ela tenha sido introduzida aí para confortar Israel no meio das aflições do cativo. No versículo 19 constatamos que a promessa de Deus, enquanto não se cumpre e é aparentemente contraditada pelos fatos presentes, serve como um teste da confiança do homem em Deus. Ela põe em alto relevo a firmeza de sua fé. José foi provado e não foi achado em falta.

Os versículos 23 a 27 levam-nos um pouco mais adiante no desdobramento do propósito de Deus. A estada no Egito, com as terríveis provações e o infortúnio que sobreveio ao tirano, é citada como uma referência direta à ação e à interferência do Altíssimo. O salmista vê uma só mão em ação. Ele não hesita em atribuir a Deus até mesmo o ódio que os egípcios nutriam contra Israel e que, no caso de Faraó, significou o endurecimento do seu coração. Esse é o resultado inevitável quando o orgulho do homem colide com a ternura e amor divinos. Creiamos que Deus está presente em todos os incidentes de nossa vida diária e da história humana.

SALMO 105.31-45

Conduzidos por Mão Poderosa. Observe-mos nessa enumeração das pragas que a ênfase em cada uma é posta na ação direta de Deus. *Ele* é o grande agente de seus próprios propósitos. A décima praga (v. 36) é seguida pelo triunfante

êxodo, quando Israel saiu, enriquecido com tesouros e em condições de marchar. Por mais triste e cansativa que seja a nossa vida, um dia ela será rica e forte quando sair para servir sob condições novas e mais elevadas. Como é bom percebermos que Deus preparou para nós coisas que ultrapassam o entendimento humano, e que são proporcionadas, não de acordo com o intelecto, mas de acordo com o coração; não de acordo com os nossos atos, mas de acordo com o caráter!

Deus é todo-suficiente para nós. Ele foi tudo de que Israel necessitava. Não o será para nós? Nós temos uma firme esperança, não por méritos nossos, mas por causa da aliança que ele estabeleceu com nosso Salvador, que é o nosso representante e cabeça. Não por amor de nós, mas por amor do seu santo nome, Deus se empenhou com juramento fazer-nos seus herdeiros, coherdeiros com seu Filho, e participantes de toda aquela alegria e bem-aventurança que nos esperam do outro lado. Não devemos nós, então, amá-lo e guardar seus mandamentos e leis? Aleluia!

SALMO 106.1-15

Infalível Benignidade. "Quem saberá contar?" Essa é uma pergunta ainda sem resposta. Nem mesmo o dirigente do coro celestial é capaz de respondê-la. Mas, que bem-aventurança goza o coração de alguém que começa a apreciar a bondade e a benignidade de Deus! Quando a oração começar a dar a impressão de um peso, comecemos a louvar.

O tema desse salmo é a graça redentora de Deus. Ele contém uma triste lista de pecados. "Pecamos... cometemos iniquidade... nossos pais não atentaram... não se lembraram... foram rebeldes... cedo se esqueceram... não aguardaram... entregaram-se à cobiça... e tentaram Deus." Mas, juntos, estavam o amor e a misericórdia divinos: "Mas ele os salvou por amor do seu nome" (v. 8). Deus está obrigado a cumprir sua aliança, até mesmo com os filhos dos filhos. Ele precisa agir condignamente para consigo mesmo. Quando Deus empenha sua palavra, como fez

com Abraão, e também conosco, ele não pode falhar.

Observemos a patética oração do versículo 4. Embora estejamos mais ou menos implicados nos pecados dos que estão ao nosso redor, como cristãos, podemos reivindicar graça e favor especiais, de maneira a sermos colocados numa posição mais favorável ao interceder por outros.

SALMO 106.16-33

Castigo Devido Pela Intercessão. A luta entre os ímpios e os servos de Deus caracterizou todos os séculos. Esses versículos registram algumas fases dessa luta. Moisés é chamado o escolhido de Deus, Arão, o santo do Senhor, enquanto Finéias é citado como aquele cujo nobre feito foi imputado por justiça. Mas tais pessoas são sempre invejadas, repelidas, resistidas. Os homens as odeiam, mas Deus as ama e as vinga por sua lealdade e inflexível retidão.

É agradável observar como, em vez de esse ódio humano induzir tais líderes a fugir dos que os perseguem, ao que parece, leva-os a interceder mais intensa e incessantemente por eles. Eles se colocam na brecha para desviar os castigos decorrentes da ira divina. Desde os dias de Abraão, que orou por Sodoma, e através dos tempos, o povo de Deus foi aquele que faz lembrado o Senhor, não lhe dando descanso. Cultivemos a grande arte da intercessão; e, se houver necessidade, como Finéias, não hesitemos em executar juízo no interesse da pureza. Mas mesmo tendo tal posição diante dos homens, precisamos cultivar a graça da humildade. Nós somos apenas servos, e não devemos arrogar-nos mais do que isso. Nossa autoridade é apenas delegada. Foi nisso que Moisés falhou (Nm 20.2-13).

SALMO 106.34-48

Olhou-os Quando Clamaram. A maneira como o povo de Israel procedeu à conquista de Canaã não atendeu ao mandato divino. Os imigrantes hebreus permitiram que os habitantes do lugar, cujos pecados tinham-se tornado uma ameaça para a humanidade, convives-

sem lado a lado com eles; e, como acontece tantas vezes, os conquistadores foram conquistados, e os invasores foram contaminados pela moral dos invadidos. Com os casamentos mistos o sangue estrangeiro ligou-se ao de Israel, e os excessos da idolatria, até mesmo da odiosa prática de sacrifícios humanos, se intensificaram pelos laços do parentesco e pela convivência.

Podemos resumir a história de Israel em fases alternadas de pecado e punição, arrependimento e libertação; e ficamos espantados, primeiro, com a inveterada maldade do coração humano, que não aprende com o sofrimento, e, depois, com a inexaurível longanimidade de Deus que, enquanto a justiça castiga, ainda acha algum modo de aliviar a pontada do golpe (v. 46). O amor de Deus supera todo o pecado humano.

A oração do versículo 47 mostra que esse salmo foi escrito no exílio. O salmista espera e crê que como resultado da restauração do seu povo eles rendam graças a Deus e se gloriem num louvor infundo. Assim termina o quarto livro do Saltério.

SALMO 107.1-16

“*Maravilhas Para com os Filhos dos Homens.*” Nesse salmo, aqueles que foram resgatados pelas graciosas intervenções de Deus, são convocados para louvá-lo por um amor que perdura mesmo com todas as repulsas e apostasias. É um refrão que vemos nos versículos 8, 15, 21 e 31. O salmista faz passar diante de nós uma série de quadros, tirados da história do sofrimento humano, e que se repetem em todas as eras. Viajantes que perderam o rumo no deserto, pessoas que caíram prisioneiras, doentes, e marinheiros batidos por tempestades são apresentados em painéis ou quadros. O salmista diz que, seja qual for a nossa aflição, só há um meio para sair dela — clamar a Deus. Isso nunca é em vão. Há sempre o socorro salvador da sua destra; e há, sempre, portanto, a obrigação do louvor.

A primeira cena é a de uma caravana no deserto, com os odres vazios, os suprimentos no fim, as forças esgotadas. Quantos perderam o rumo na

vida e se encontram nessa situação difícil! Essa descrição é real não apenas fisicamente, mas, também, espiritualmente. A segunda cena é a de uma prisão, e a sugestão é que na vida de todos nós há circunstâncias e limitações que nos aprisionam, que nos compelem a pedir socorro àquele que disse: “Enviou-me para proclamar libertação aos cativos”.

SALMO 107.17-32

“*Suas Maravilhas nas Profundezas.*” O terceiro tipo de sofrimento é a enfermidade. A ênfase aí é posta na causa do sofrimento, que, do ponto de vista do escritor, é a transgressão e o pecado. Portanto, não erraremos se limitarmos nossa visão desse trecho ao sofrimento que pode ser atribuído diretamente ao erro. Os homens arruínam a saúde por seus maus caminhos, e o pecador prepara seu castigo com as próprias mãos. Os portais da morte já estavam abertos para receber esses enfermos, mas, antes que o ultrapassassem, eles clamaram ao Senhor, e, embora sua voz fosse fraca, foram atendidos. Não podemos nós fazer uma aplicação atual do versículo 20, associando-o com o Verbo (Palavra) de Deus através do qual o amor e a cura divina vieram aos pecadores, nos dias em que ele esteve na carne?

O quadro seguinte é uma tempestade no mar. Temos a súbita ventania, as altas ondas, o navio ora na crista da onda, ora no “abismo” entre duas ondas; o terror da tripulação; a falha do leme; o desespero dos marinheiros; e, finalmente, a voz de Deus acima da tempestade. O repentino abrandamento da tormenta é uma agradável mudança para marinheiros e tripulantes; e que satisfação experimentam quando alcançam o porto pelo qual tanto ansiavam, mas que pensavam jamais voltariam a ver! Assim é a vida, e assim será, pela misericórdia de Deus, nossa chegada ao porto. “Guiamos em segurança para o porto.”

SALMO 107.33-43

“*As Misericórdias do Senhor.*” Aqui a dimensão muda. A partir do versículo 33 o salmista abandona o refrão e des-

creve, não livramentos de perigo ou dor, mas as súbitas alterações operadas pela providência de Deus. A terra passa da fertilidade à esterilidade, e a vida humana passa da prosperidade para a tribulação e vice-versa. Mas, mesmo durante todas essas vicissitudes, a benignidade de Deus continua, como percebem claramente os que têm olhos para ver e coração para atentar para essas coisas. Como os irmãos de José não perceberam, durante as estranhas experiências que haviam tido com aquele despenseiro, na casa dele e na questão do copo de prata, que havia ali o coração de um irmão ansioso para que chegasse o momento em que todo o fingimento pudesse ser posto de lado! De modo semelhante nós não queremos crer que o amor está acima de todas as coisas.

A vida se assemelha a esse salmo, sendo como é tão cheia de mudanças e experiências dolorosas. São poucos os que gozam anos de prosperidade ininterrupta. Parece que estamos sempre sendo jogados de um lado para outro, sem poder acomodar-nos. Nosso ninho é sacudido para que aprendamos a voar. Para a maior parte há o deserto, a cela, a doença e o agitar das ondas do oceano. Mas creiamos sempre no amor de Deus. Não nos esqueçamos de clamar; e assim que nosso clamor obtiver uma resposta de paz, não nos esqueçamos de louvar.

SALMO 108

Vitorioso Através de Deus. Dois fragmentos de salmos de Davi são aqui reunidos com ligeiras alterações. Os versículos 1 a 5 são do Salmo 57.7-11, e os versículos 6 a 18 do Salmo 60.5-12. Precisamos ter um coração firme, sempre voltado para Deus, assim como a agulha magnética está voltada para o polo norte. Quando nossa vida está certa com Deus, passamos pelo mundo provocando cântico e esperança em corações desesperados. Notemos os temas para a adoração constante (vv. 3-5).

Ao que parece, em pensamento, Davi estava no começo das conquistas que engrandeceram Israel e estenderam suas fronteiras até o grande rio Eufrates. Ele sentia que Deus, na sua santi-

dade, tinha falado e já lhe havia dado os territórios aí mencionados. Tudo o que lhe restava fazer era ocupá-los e possuir tudo o que o Altíssimo lhe havia destinado. Existe uma estreita analogia entre esse fato e a nossa apropriação das bênçãos celestiais que são nossas no Senhor ressuscitado. Não somos nós que vamos calcar aos pés os nossos adversários. Eles são por demais fortes e astutos. Mas quando o nosso coração está firme, Deus vai à nossa frente, vencendo nossos inimigos, e temos apenas de ir atrás, recolhendo os despojos. Em nossas lutas interiores, o socorro humano por melhor que seja, é vão. Segue à nossa frente, Grande Pastor, com a tua vara e o teu cajado!

SALMO 109.1-16

O Perseguidor dos Necessitados. Esse salmo é como um pedaço do Saara no meio de um Éden verdejante. Mas, embora essas palavras sejam terríveis, lembremo-nos de que foram escritas por um homem que, em duas ocasiões, poupou a vida de quem o perseguiu, e que, quando o campo de Gilboa estava molhado do sangue de Saul, entou a mais bela das elegias em sua memória. Essas maldições não expressam uma disposição vingativa pessoal. Provavelmente devem ser lidas como descrevendo o destino do ímpio. O apóstolo Pedro, citando esse salmo, diz expressamente que o Espírito de Inspiração falou anteriormente pela boca de Davi (At 1.16). O uso do futuro indicativo do verso 6 em diante seria tradução melhor que o imperativo e estaria mais em harmonia com o texto hebraico.

Notemos que, no versículo 4, há uma bela sugestão para a vida de oração: “Eu, porém, orava”. A única resposta do salmista ao ódio dos seus inimigos era entregar-se ainda mais à oração. Todo o seu ser estava sendo consumido naquele intenso apelo a Deus. Tempos assim ocorrem a nós todos. Orações assim sempre terminam em louvor e ações de graça (v. 30). Felizes os que podem contar com o Advogado junto ao Pai (v. 31). Jesus faz as nossas orações junto conosco.

SALMO 109.17-31

O Libertador dos Necessitados. Esse salmo enfatiza a diferença, apontada pelo Senhor, entre seu ensino e o que foi dado “aos antigos”, principalmente na questão do perdão. É em ensinos como esse que a disposição do salmista é nitidamente inferior àquela que se tornou, agora, a lei divina para os justos. Mas uma coisa pode-se dizer sobre os santos do passado: eles não desejavam vingança por ofensas pessoais, mas, sim, que o nome e o caráter de Deus fossem desagradados. Os justos não podiam senão desejar a vitória do bem e a derrota e destruição do oposto dele.

O trecho final apresenta uma das humildes e tristes petições de socorro que aparecem em tantos salmos. Essa mistura de santa mansidão e confiança com imprecações ou predições iradas no meio desse salmo comprova o que foi dito acima quanto ao espírito em que o salmo foi concebido. Não se trata de um salmo pessoal, mas, sim, da voz da igreja pedindo a Deus para manifestar a retidão do seu governo. Ele começa e termina com louvor. Inicia pintando um acusador à direita do ímpio (v. 6) e termina com a afirmação de que o Senhor permanece à direita do seu servo aflito para livrá-lo. “O Senhor, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita não serei abalado.” (Sl 168.)

SALMO 110

O Nosso Rei-Sacerdote Está à Direita de Deus. Lutero define esse salmo como “o verdadeiro, alto e principal salmo de nosso amado Senhor Jesus Cristo”. O Senhor atribuiu-o a Davi, pelo poder do Espírito Santo; e essa é a passagem do Antigo Testamento mais citada no Novo. (Ver Mateus 22.44; 1 Coríntios 15.25; Hebreus 1.3,13; 5.6,10; 7.17,21.) Davi fala do Messias como “meu Senhor”. A inferência quanto à divindade do Senhor é incontestável. O cetro do seu poder, o símbolo do seu governo, vai desde Sião até aos últimos limites do espaço e do tempo. Ele está esperando que seus inimigos estejam debaixo de seus pés. O caráter do seu povo se mostra nos trajes deles — “com san-

tos ornamentos”. Eles são tão numerosos como as gotas de orvalho na campina ressequida. Existe uma infinita atração entre nosso Salvador e a mocidade — “os teus jovens”.

Os ofícios de sacerdote e rei eram claramente distintos um do outro na monarquia hebréia; assim, o salmista tem de voltar à infância do mundo para achar o tipo de um rei-sacerdote. Jesus é Rei e Sacerdote segundo uma ordem mais antiga e permanente que, está provado, se baseia numa vida interminável. Quando o Senhor subir ao trono, estará chegando do campo de batalha. Ele esmagará a cabeça da serpente, mas precisa do refrigério de nosso amor e de nossa fé. Isso é a torrente do caminho.

SALMO 111

As Obras do Senhor. Aqui tem início uma nova série de salmos, nos quais a nota dominante é “Aleluia” (“Louvai ao Senhor”). Esse e o seguinte são semelhantes na estrutura, sendo ambos alfabéticos; isto é, os versos começam com as letras do alfabeto hebraico. O primeiro é um hino de louvor e ações de graça na contemplação das obras do Senhor; e o segundo descreve a justiça que o seu escolhido dele obtém. São obras de um menestrel desconhecido, mas o anonimato é característica da obra mais elevada. Quando um homem realiza uma obra realmente valiosa e bela, ele se mostra indiferente ao julgamento e ao louvor dos seus semelhantes.

Como sugere o verso 2, vamos compreender-nos nas obras de Deus e contemplá-las. Com esse propósito é bom que nos dediquemos ao estudo de algum aspecto da natureza. Mas o que nos enriquecerá mais será a fidelidade dos preceitos da Palavra de Deus (v. 7). As obras de Deus na natureza, na providência, na graça, serão o nosso tema e a nossa alegria pelos tempos eternos. Agora, porém, há um véu sobre nossos olhos e um peso em nossa língua. Que frases preciosas encontram-se nesse salmo! “Benigno e misericordioso; dá sustento aos que o temem; lembrar-se-á sempre da sua aliança; enviou ao seu povo a redenção; estabeleceu para sempre a sua aliança.” Que forte con-

solução para os que buscam refúgio nele! Nos versículos finais, a sabedoria é usada, como no caso de Salomão, a partir das intuições do coração puro.

SALMO 112

Prosperidade Decorrente de Servir ao Senhor. Aqui estão as duas condições para uma vida abençoada: primeira, temer ao Senhor; segunda, comprazer-se em seus mandamentos. Depois então vem a bênção: uma descendência poderosa; uma geração abençoada; prosperidade e riquezas; justiça permanente; luz no meio das trevas; e muitas outras bênçãos semelhantes. O salmo está repleto de bem-aventuranças que repousam no coração do homem que vive exclusivamente para Deus.

Podemos estar rodeados de trevas, nas quais homens ímpios e más notícias se emboscam como selvagens nas sombras da floresta, mas dentro de nós está a bendita sensação da presença de Deus, como um círculo de fogo dentro do qual o viajante se acha protegido. A voz de Deus lhe assegura que ele nunca será abalado e seu coração está de tal modo firme que não se rende ao temor. É bom possuir essa calma e imperturbável confiança em Deus. Moisés experimentou-a por ocasião da travessia do mar Vermelho (Êx 14.13); Asa, diante das hostes irresistíveis que ameaçavam arrasar seu pequeno exército (2 Cr 14.9-12); Josafá, quando ameaçado pelas hordas de Amom (2 Cr 20.12); e Ezequias, quando os assírios ameaçaram invadir Judá (2 Cr 32.6-8). Uma vida assim vibra de aleluias, como bem sugere a palavra inicial do salmo.

SALMOS 113 & 114

O Poderoso Deus Levanta os Humildes. Sentimos o cântico da mãe de Samuel no primeiro desses salmos. Ela cantou o “Magnificat” do Antigo Testamento e ele chegou até nós por meio do salmista. Dessa forma entrou no Saltério da Igreja. Notemos a universalidade dessa orientação quanto ao louvor: para sempre (v. 2); através de toda a terra (v. 3); e acima de todos os céus (v. 4). Como o nosso Deus é maravilhoso! O céu não pode contê-lo, mas ele levanta, do pó, o desvalido e o necessitado. Ta-

manho não é grandeza, e um bebê num berço é mais importante que o palácio onde ele mora.

No Salmo 114, o Egito representa a tirania do pecado; mas nós fomos resgatados. Como Israel, nós saímos. Não mais pertencemos ao presente mundo com sua língua estranha. Nossa linguagem é a de Canaã, nosso lar. Com esse êxodo tornamo-nos o templo e o santuário de Deus. Se a igreja se conscientizasse de que está possuída por Deus, ela se tornaria irresistível. Os mares fugiriam, os rios tornariam atrás, os montes saltariam, e as colinas também. O termo “impossível” seria eliminado de nosso vocabulário. O poder que fez o Sinai tremer proporcionou mananciais para a terra. Quando alguém encontra o seu todo em Deus, o mundo deixa de assustá-lo ou atraí-lo, e as rochas se convertem em lençóis de água.

SALMO 115

Ídolos Impotentes; Nosso Poderoso Deus. Evidentemente esse salmo era para ser cantado por várias vozes: os versículos 1 a 8 pela congregação inteira em uníssono, enquanto o sacrifício estava sendo oferecido; nos versículos 9 a 11, o primeiro verso de cada dístico era cantado por um solista enquanto a congregação cantava o refrão; os versículos 12 a 15 eram cantados pelo sacerdote, como uma bênção; os versículos 16 a 18, pela congregação inteira, que agora rompe em alegre aleluia!

Ele foi composto nos primeiros dias após o retorno da Babilônia, quando os pequenos grupos de colonizadores eram importunados pela zombaria e escárnio de seus inimigos. Essa era sua réplica, pondo em relevo o contundente contraste entre os ídolos de seus vizinhos e a majestade do Senhor. Ele nos lembra a descrição que Isaías faz da confissão de um ídolo. Os ídolos tinham uma forma sólida, mas não possuíam poder. O Senhor não tinha aparência externa, mas *todo* o poder. Consideremos seriamente o triplo convite à fé nos versículos 9 a 11, e contemos com Deus como nosso amparo na batalha bem como nosso escudo contra nossos inimigos. Tanto os pequenos como os grandes podem obter sua bênção (v. 13).

Jamais poderemos esgotar os recursos de Deus, por maiores que sejam nossas petições.

SALMO 116.1-11

Ele Livrou Minha Alma. Em quase todo esse salmo o pronome é empregado na primeira pessoa. Isso só não acontece no versículo 15. No entanto, quando o coração do cantor transborda de divino amor não há perigo de egotismo.

Versículos 1-4: o salmista aqui se compara a um animal selvagem que foi apanhado numa armadilha por um caçador, e se acha preso por cordas apertadas que impossibilitam seus movimentos. Quantos santos de Deus já sentiram os cortes fundos produzidos por essas cordas! Aconteceu com eles o mesmo que se deu com José quando jogado no poço. Mas por mais fundo que seja o poço, qualquer grito provindo dele chegará ao coração de Deus.

Versículos 5-11: Quando experimentamos a fé tranqüila de uma oração atendida, a alma agitada parece acomodar-se em paz no seu ninho. Os pés que estavam escorregando, agora andam na terra dos viventes. Notemos a oração do v. 4 e a resposta do v. 8. Deus não apenas nos livra; faz mais que isso. Ele enxuga as lágrimas de nosso rosto e nos sustenta como a mãe que coloca as mãos debaixo do braço de seu filho, ensinando-o a andar. Paulo cita o v. 10 em 2 Coríntios 4:13. Quantas vezes esse salmo deve ter estado em seu pensamento e em seus lábios! Não falemos precipitadamente em nossa perturbação. Um eminente líder religioso disse certa vez: "Terei boas esperanças a seu respeito quando você souber falar e mover-se devagar."

SALMO 116.12-117.1,2

Louvai-o por Todos os Seus Benefícios. O salmista continua falando alegremente de sua sujeição a Deus, porque nela e por meio dela tinha conseguido perfeita liberdade. "Quebraste as minhas cadeias." Os que se sujeitam a Cristo ficam livres de todas as outras restrições. (Ver João 8.31-36.) Não nos esqueçamos de "cumprir" nossos votos! No momento da aflição fazemos promessas que, pas-

sado o problema, achamos conveniente esquecer. (Ver Gênesis 40.23.)

O Salmo 117 é o mais curto da Bíblia, e ocupa o centro dela; mas, apesar de pequeno possui um espírito universal e dirige-se a todas as nações. "É uma gota de orvalho refletindo o universo." O apóstolo cita-o em Romanos 15.11 apontando sua predição do chamado dos gentios. Aqui, como em Isaías 11.10 e em outros versículos, o espírito do cantor transpõe a exclusividade nacional e abrange todos os povos e todos os tempos.

Aprendamos a exercitar o espírito de louvor em nosso dia-a-dia. Certamente também podemos dizer que a misericórdia de Deus sempre foi, e é, "mui grande para conosco". "Onde abundou o pecado, superabundou a graça." A permanência dessa misericórdia é garantida pela fidelidade de Deus; porque sua verdade é a sua veracidade. Mesmo a mais breve oração de louvor deve ter espaço para um aleluia! (Ver Apocalipse 19.4.)

SALMO 118.1-14

A Confiança em Deus Traz Poder. É opinião geral que esse salmo foi escrito por ocasião do retorno da Babilônia. Provavelmente foi usado como hino processional pela primeira vez na grande festa dos tabernáculos mencionada em Neemias 8.13-18. A estrutura do salmo é a seguinte: versículos 1 a 4, o coro convoca o povo que irá participar da marcha ao templo; versículos 5 a 14, o canto do solista; versículos 15 e 16, o responso do coro; versículos 17 a 19, o solista. Nesse ponto a fileira alcança as portas do Templo. O verso 20 é a resposta dos sacerdotes e levitas, os guardiães do edifício sagrado, que destacam o caráter dos que pisam aqueles átrios sagrados; versículo 21, o solista; versículos 22 a 27, todo o coro; versículo 28, o solista; versículo 29, a doxologia final.

Lutero diz desse salmo: "Este é o meu salmo; é o que eu amo". Como foi incluído no grande Hallel (grupos de salmos com a palavra "aleluia"), deduzimos que o Senhor o cantou antes de sair para o Calvário (Mt 26.30). Ele voltará a ser cantado naquele dia pelo qual esperamos. (Ver Isaías 25.9 e Mateus

23.39.) Quando nos identificamos com a grande causa de Deus, podemos confiar totalmente em Deus como a nossa força na luta e nosso cântico na vitória certa.

SALMO 118.15-29

Um Novo Caminho em um Novo Dia. À medida que nos aproximamos da luz suave do santuário, compreendemos melhor o sentido divino das nossas experiências. No versículo 13, "empurraram-me violentamente", mas, no versículo 18, "o Senhor me castigou severamente". O Senhor e os seus apóstolos fizeram muito uso dos versículos 22 e 23. (Ver Mateus 21.42; Atos 4.11; Efésios 2.20 e 1 Pedro 2.4-7.) Provavelmente ele faz referência a um incidente na construção do templo, quando uma pedra antes rejeitada foi procurada depois para completar a estrutura. Sua rejeição e posterior busca é ação que "procede do Senhor", como uma parábola de outros eventos mais momentosos.

O versículo 27 é de grande beleza. Assim que o Senhor nos conceder mais luz, façamos uso dela com vistas a uma consagração maior e a renovação de nossa entrega no altar. Uma nova luz significa descobrir novas oportunidades para o serviço divino. A luz e a vida devem manter o passo emparelhado! Passemos do altar para a cruz, na qual Jesus se encontra para acolher-nos e endossar nossa reconsecração. Vejamos ali a corda de ouro do amor, a corda de prata da esperança, e a corda carmesim do sacrifício redentor de Cristo por nós. O testemunho de uma vida assim será que Deus é bom, que servir é gozar felicidade, e que sua misericórdia dura para sempre.

SALMO 119.1-16

A Palavra de Deus, um Poder Interior. Esse longo e belo salmo é dedicado ao louvor da Palavra de Deus, que é mencionada em todos os versos, com exceção dos versículos 121 e 122. Provavelmente, se substituíssemos "Palavra" (ou os termos equivalentes) por "vontade", não estaríamos muito errados. O sincero desejo do escritor era que sua vontade estivesse em abençoada e indissolúvel

união com o propósito de Deus para sua vida.

Na estrutura, esse salmo é um primoroso acróstico. No original, todos os versos de cada seção começam com a mesma letra, de modo que as vinte e duas seções apresentam o alfabeto hebraico por inteiro.

Para que seja compreendido e apreciado precisa ser aplicado muitas vezes. Crisóstomo, Ambrósio, Agostinho e Lutero deixaram registrados altos louvores ao valor dele. Há várias expressões-chave, que ocorrem repetidas vezes, tais como "vivifica-me" e "ensina-me os teus decretos". É interessante, também, traçar a biografia do salmista, com base nas confissões aí feitas. Ele havia-se desgarrado como uma ovelha perdida, era pequeno e desprezado, tinha muitos adversários, assemelhava-se a um odre na fumaça; mas valorizava mais a vontade e o serviço de Deus do que o alimento ou o ouro, e seu único desejo era que o Senhor lhe ensinasse a fazer a vontade dele.

SALMO 119.17-32

Oração Pedindo Entendimento. Esses versículos expressam um intenso desejo ainda não satisfeito. A alma "consumida está... por desejar", "está apegada ao pó", "de tristeza verte lágrimas". Isso nos lembra o clamor de um homem de Deus, proferido há dois séculos e meio: "Se Deus não tivesse dito 'Bem-aventurados vós os que tendes fome', não sei o que evitaria que os cristãos mergulhassem no desespero. Muitas vezes a única coisa que posso fazer é clamar que o quero e desejo reavê-lo".

Com esse salmo aprendemos a extravasar diante de Deus desejos semelhantes. Se não pudermos fazer nada, podemos clamar que sentimos falta de gozo, que não sentimos a proximidade dele, nem o conforto da oração. A expressão do nosso anseio por Deus é a oração, a qual ele aceitará e responderá. "Ele acode à vontade dos que o temem; atende-lhes ao clamor e os salva". (145.19.) Quando o pai do filho pródigo o avistou, ele ainda estava bem longe, mas o amor não podia esperar que o filho tivesse vencido a distância que havia entre eles. Ele correu a encontrá-lo,

e o beijou enquanto o outro ainda balbuciava as palavras de confissão. Assim também Deus vem ao nosso encontro para vivificar, fortalecer, ensinar e levar-nos a compreender. Então se agora coxeamos, naquele instante correremos.

SALMO 119.33-48

Amor Pelos Mandamentos de Deus. Duas vezes o salmista diz: “teus mandamentos, os quais eu amo”, e, depois revela o segredo para se aperfeiçoar o amor por eles, nas palavras “meditarei nos teus decretos”. Se dedicarmos à leitura da Palavra de Deus apenas rápidos momentos, jamais teremos uma afeição profunda e fervorosa por ela. Se olharmos apressadamente para um grande quadro, não chegaremos a ficar fascinados por ele. Os peritos em pintura podem passar horas e horas na Galeria de Dresden diante de um único quadro de Rafael. Eles se retiram e voltam no dia seguinte. Pela prolongada comunhão com aquelas formas incomparáveis, eles como que se apropriam da pintura. Um deles disse: “Eu poderia ficar uma hora por dia, durante anos, contemplando aquele ajuntamento de ideais humanos, angélicos e divinos, e, no último dia do último ano, ainda iria descobrir nele alguma beleza nova e uma nova alegria”. Mas, que pensamentos, que ideais pode um gênio expressar num quadro que possam ser comparados com os grandes pensamentos de Deus, do céu e da eternidade que são apresentados nas páginas das Escrituras?! É certo que não podemos esperar entrar na posse de tais pensamentos em menos tempo do que o que os amantes da arte dedicam ao estudo de uma obra-prima! Precisamos meditar!

SALMO 119.49-64

Confortado Pelos Juízos de Deus. Pequenos raios de luz começam a insinuar-se no coração do salmista trazendo consolo. “Tu me tens feito esperar; o que me consola na minha angústia é isto; os teus decretos são motivo dos meus cânticos; levanto-me à meia-noite para te dar graças.” Muitas vezes, à medida que vamos orando, vamo-nos tornando cada vez mais livres na oração. Todos

os que se têm tornado peritos na arte de orar dão testemunho de que os momentos de oração que começam com uma luta contra a depressão, o desânimo, e a sensação de distanciamento, terminam em triunfante alegria. Jeremy Taylor (pastor inglês — 1613-1667) assim se expressa: “Assim também já vi uma cotovia se elevando de sua cama na relva, e subir cantando, esperando chegar ao céu e ascender acima das nuvens; mas a pobre ave foi açoitada pelos fortes sopros de um vento oriental. Seu vôo se tornou vacilante e irregular, até que a pequena criatura foi forçada a pousar e descansar, e esperar até que passasse a tempestade; depois, passado aquele instante fez um vôo favorável, e se elevou e cantou, como se tivesse aprendido a música e o vôo, com um anjo que passava pelos ares executando seu ministério de misericórdia”.

SALMO 119.65-80

Tirando Proveito da Aflição. “Antes de ser afligido andava errado; foi-me bom ter eu passado pela aflição; com fidelidade me afligiste.” Aqui estão os lucros de nossas lágrimas. Deus regula as tristezas que nos sobrevêm e as provações que as causam. Mas a nossa condição exige um regime severo e amargo. A pedra tem de ser cortada pelo lapidário. As nuvens pejudas de água devem toldar a paisagem. O fogo deve purificar o metal. Se necessário, sereis contristados por várias provações. É; isso ocorre “se necessário” e somente se for necessário, porque ele, de bom grado, não aflige nem entristece os filhos dos homens. É “a sua obra estranha” (Is 28.21). As menores e as maiores tristezas que os sobrevêm são ministradas, ou permitidas, por seu insondável amor. Se estivermos sem correção, da qual todos os filhos são participantes, então somos bastardos e não filhos (Hb 12.8). Mas, no meio das aflições, a bondade dele está sempre atenta ao nosso conforto (v. 76). “Deus que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito” (2 Co 7.6), diz o apóstolo.

SALMO 119.81-96

A Palavra que Permanece Firme. Eles o perseguem injustamente; abrem covas;

quase deram cabo dele; espreitam-no para perdê-lo; mas a tua Palavra permanece firme. A alma perseguida foge para a fenda da Rocha e ali se abriga.

No início de nossa vida espiritual nós nos apoiamos em outros. Nossos pais, professores, pastores — todos afirmam que a Escritura é verdadeira e todos os fatos que ela revela são certos; mas, à medida que a vida continua, nós mudamos de base: avançamos no sentido de uma convicção pessoal e experimental que foi operada em nós durante os anos em que examinamos a Palavra de Deus pessoalmente.

O famoso pastor escocês, Thomas Erskine (1788-1870), disse que a demolição da autoridade externa da Bíblia, se tal demolição fosse possível, poderia anular sua convicção de que ela é de origem e autoridade divinas, pois ela coincidia de modo muito preciso com sua vida e tinha sido confirmada por muitos exemplos notáveis. Nós já conhecemos por experiência a fidelidade de Deus às suas promessas e não podemos temer qualquer ataque à autenticidade das Escrituras. Ela está firmada no céu (v. 89).

SALMO 119.97-112

“Lâmpada Para os Meus Pés é a Tua Palavra.” O salmista exclama: “Quanto amo a tua lei!” E depois acrescenta que se tornou mais sábio que os seus inimigos e alcançou mais compreensão que os seus mestres. Mas isso não é para causar admiração, porque as intuições de quem ama são rápidas e infalíveis. Os que amam, sabem. Nós temos dois órgãos de conhecimento: a cabeça e o coração. Este é o mais ágil e o mais verdadeiro dos dois; e acha-se predisposto ao amor, tanto humano como divino, como a lira às mãos do músico. O estudo da Palavra de Deus feito por alguém que a ama, dá-lhe uma compreensão que nenhuma cultura universitária é capaz de conferir, mesmo que esse alguém seja simples e iletrado. Ele fica de posse de uma lâmpada que o guia certamente pelas trilhas sinuosas desta vida mortal.

Também existe outra vantagem: aquele que é profundamente instruído na Palavra de Deus detesta todo cami-

nho de falsidade. E não é que ele seja simplesmente advertido a não tomá-lo; ela não quer tomá-lo. O resultado do amor à Bíblia e do estudo dela é uma aversão pelo pecado. Podemos não reter tudo o que aprendemos, mas a água que passa através de uma peneira, limpa-a.

SALMO 119.113-128

“Já é Tempo, Senhor, Para Interoiros.” Existe uma inequívoca diferença entre o filho de Deus e os malfeitores, e o crente não quer estar envolvido na sorte deles. Por isso, ele os intima a se afastarem dele. Mas, embora saibamos que no fim os ímpios serão lançados fora como a escória, parece haver longos períodos de inação divina. O pecado cresce e floresce como o cedro do Líbano (37.35). Os homens maus são prósperos e vivem com tranqüilidade. A ação do juízo divino parece ter sido detida; e nós nos empenhamos em despertá-la com a sugestão alertadora de que está na hora de Deus agir, porque os homens estão violando a sua lei (v. 126). Nossos olhos desfalecem por causa da longa espera de sua salvação e da promessa da sua justiça (v. 123).

Enquanto esperamos, não percamos a coragem. Continuemos a observar os mandamentos de Deus. Amemos os mandamentos e as promessas de Deus mais do que ouro refinado; e tenhamos coragem de considerar todos os seus preceitos como retos. Assim nutriremos nossa alma na perseverança e na fé (Lc 21.19), conscientes de que embora não sejamos os cronometristas de Deus, todavia o Juiz virá e não tardará (Hb 10.37).

SALMO 119.129-144

Por que Amar a Palavra de Deus? Como é bela essa alma que se revela nessas estrofes! O salmista reconhece que é simples; está muito contente por estar entre os pequenos e os desprezados entre os homens. Acha-se muito ansioso para livrar-se da iniquidade e da transgressão. Derrama lágrimas amargas ao testemunhar o pecado ao seu redor. Pede, humildemente, apenas que Deus se lembre dele, cuide dele e o instrua. Nada lhe é deixado a não ser o que é

de Deus ou provém dele. Deus é seu desejo pessoal; a Palavra de Deus, seu apoio e conforto; o amor de Deus, o seu refrigério. Deus é sua única meta e o objeto de sua busca.

Ele abre a boca e aspira de puro anelo por Deus. Ele quer somente que aquele rosto, cujo brilho enche o céu, resplandeça sobre ele. A própria pureza da Palavra somente atíca as brasas de sua verdadeira estima. Portanto ele se une a todos os crentes de todas as épocas, porque a alma humilde, mansa, misericordiosa e amorosa em toda parte possui uma única fé; e, quando a morte tiver arrancado a máscara, como diz William Penn (1644-1718 — líder quacre inglês, fundador da Pensilvânia) — eles conhecerão uns aos outros, embora os vários trajes que usam aqui os tornem estranhos entre si.

SALMO 119.145-160

A Alegria da Comunhão com Deus. O salmista demonstra grande intensidade em oração. Ele invoca a Deus de todo o coração; desperta antes do alvorecer e continua com Deus muito depois do cair da noite; pede que Deus atente para sua aflição, defenda sua causa e vivifique sua alma. Quando nos aproximamos de Deus em oração, nossas orações não devem ser vagas nem apáticas. Jeremy Taylor diz: “A falta de um desejo intenso é o grande inimigo da vitória na oração. A oração deve ser atenta, fervorosa, intensa e operante. Por outro lado consideremos que tremenda indignidade seria orarmos a Deus pedindo algo a que nós mesmos não damos valor. Nossas orações repreendem nosso espírito quando mendigamos timidamente bênçãos pelas quais devíamos morrer”. Mas, quando oramos à maneira do salmista, tornamo-nos conscientes de que Deus está perto. “Tu estás perto, Senhor.” (V. 151.) Esse é o momento supremo da oração, quando deixamos de falar e chegamos quase a reter nossa respiração porque, de repente, sentimos-nos cômicos de uma presença, a amada e tremenda presença do Senhor.

SALMO 119.161-176

O Senhor Inspira Louvor Contínuo. Que maravilhosa conclusão temos nessas estrofes finais! “Alegro-me nas tuas promessas; amo a tua lei; sete vezes no dia eu te louvo; profiram louvor os meus lábios; a minha língua celebre; viva a minha alma para louvar-te.” Há muitas coisas belas no mundo que nos cerca. Comemos, bebemos e dormimos; lemos e meditamos; andamos pelos campos aprazíveis da natureza. Temos nosso lar, nossos entes queridos, o respeito e a boa vontade de muitos. Mas, acima de tudo, temos Deus e a sua Palavra, nossa eterna esperança, e o abençoado antegoço do céu que nos aguarda. É certo que deveríamos ser menos irritadiços e mal-humorados! Deveríamos alegrar-nos por tudo de bom que o Senhor nosso Deus nos dá. Deveríamos tomar o cálice transbordante da salvação e louvar seu santo nome. “O que tem tantos motivos de alegria deve estar muito enamorado da tristeza para preferir desviar-se e assentar-se sobre o seu punhadinho de espinhos.” E o mais admirável em tudo isso não é que, embora andemos errantes como ovelhas desgarradas, o Grande Pastor em pessoa tenha vindo buscar-nos e salvar-nos. *Te Deum laudamus!* (Deus, nós te louvamos!)

SALMO 120

Onde Achar Socorro. Esse é o primeiro dos “Cânticos de Romagem”. Alguém já sugeriu que eram cânticos de romaria, entoados por pessoas que vinham de todas as partes do país para as grandes festas anuais. Eles têm sido associados ao reinado do bom Ezequias. “Meseque” e “Quedar” eram inimigos típicos, que invadiam o reino de Judá e atormentavam o povo de Deus. Eles são comparados a espadas afiadas e flechas no Salmo 57 e 64.3, mas agora eles serão flechados e queimados. Quantas vezes os que fazem essa peregrinação rumo à Cidade Celestial precisam sofrer ataques semelhantes, de duas direções. Seus inimigos surgem dentre os seus próprios familiares. Em tal angústia de alma, nossa única esperança é a oração (v. 1).

SALMO 121

A tônica desse salmo é a palavra “guarda”, que aparece, em uma ou outra forma, seis vezes. Nos versículos 1 e 2 o solista sugere que, em horas de provação, olhemos, além dos montes e montanhas, para o Senhor que os criou. Nos versículos 3 a 8 o coro apóia esse gesto e o ressalta. Todos os santos de todas as dispensações dão testemunho de como é sábio confiar a guarda da alma e do corpo ao nosso fiel Criador. Notemos a belíssima seqüência das expressões: “não dormita nem dorme; de dia... nem de noite; te... tua alma; a tua saída e a tua entrada; desde agora e para sempre”. As malhas estão tecidas de forma bem ajustada.

SALMO 122

Alegria na Casa de Deus. Como nos outros salmos da série, existe aqui alternância entre o solista e o coro. No versículo 1 o solista se alegra pela proposta que lhe é feita de ir em peregrinação à casa de Deus. O coro anuncia que já chegaram ao seu destino (vv. 2-5). A igreja de Cristo está construída como cidade compacta, pelas lágrimas e pelo sangue dele, e pelo poder demonstrado na ressurreição. No versículo 6, o solista convida o grupo a saudar Jerusalém, e o coro responde. Nos versículos 7 a 9 o solista anuncia três razões pelas quais eles deviam orar pela paz de Jerusalém: para que prosperem os que a amam; os que moram dentro de seus muros são nossos irmãos e amigos; ali está a casa de Deus, edificada para habitação dele.

SALMO 123

A vida do peregrino está cheia de agudos contrastes. Ontem ele estava-se rejubilando em Jerusalém e compartilhando de sua paz. Hoje está entristecido por causa do desprezo dos inimigos dela. Assim, produz esse pequenino salmo, que foi comparado a “um suspiro, um olhar para o alto, e outro suspiro”. O servo oriental é perito em entender o significado do mais ligeiro gesto do seu amo (v. 2). Vivamos, como fez o Senhor, com o olhar fixo na me-

nor indicação da vontade de Deus. (Ver Atos 16.1-10.)

SALMO 124

A Fortaleza do Cristão. Aqui estão três situações em que alguém escapa de um perigo. No versículo 3 há uma alusão a Coré e seu bando. (Ver Números 16.32,33.) Por que somos nós poupados quando outros são esmagados por desastres repentinos? Nos versículos 4 e 5, quando rompe a manhã, vemos as águas impetuosas que ultrapassaram as margens e estão inundando as terras baixas. Por que a *nossa* casa escapou? Nos versículos 6 e 7 temos a metáfora do passarinho preso no laço; e, assim como o filhote que se debate, quando é libertado, voa para o ar ensolarado, também nós rejubilamos quando Deus nos liberta. Mas, por que escapariamos nós quando tantos jamais conseguem livrar-se?

SALMO 125

Jerusalém está situada em meio a uma larga e alta cadeia de montes, cercada por dois vales profundos. Mas as montanhas que a circundam são mais altas e a tornam quase inexpugnável aos antigos métodos de guerra. Aqueles que confiam em Deus vivem, para sempre, dentro da proteção do seu amoroso cuidado. Algumas vezes, o cetro dos ímpios lança sua lúgubre sombra sobre a vida deles, mas é sempre detido a tempo. “Sendas tortuosas” são desvios. Os mandamentos de Deus constituem uma via principal. Conservemo-nos na estrada principal e nenhum dano nos atingirá.

SALMO 126

“Grandes Coisas Fez o Senhor por Nós.” As circunstâncias nas quais esse salmo foi escrito são por demais evidentes. Os exilados, recém-chegados da Babilônia, estão jubilosos com a alegria de seu retorno. Mas sua alegria não era completa visto que a maior parte da nação continuava no cativeiro. A expressão “torrentes no Neguebe” é uma referência à parte sul de Israel, onde os cursos de água, secos, rapidamente se enchem e correm como torrentes. Os exilados que tinham voltado ansia-

vam por ver os lugares ermos de sua terra cheios repentinamente com multidões retornando. Padiam que suas lágrimas pudessem ser as sementes de uma enorme colheita. O obreiro cristão não deve considerar perdidas as sementes que semeia, nem as lágrimas com que as rega.

SALMO 127

É provável que esse salmo tenha sido sugerido pelo esforço de Esdras para reconstruir o templo. Separados de Deus, não podemos ter sucesso, mas devemos ser colaboradores dele. (Ver Provérbios 10.22.) O “pão que penosamente granjeastes” é aquele que obtemos com grande dificuldade, quando o trabalho é pesado e os resultados demorados. Tenhamos cuidado com a ansiedade desnecessária. Como edificadores (v. 1), busquemos de Deus o projeto, os materiais e a cooperação. Como vigias (v. 1), confiemos toda a guarda à vigilância e à proteção de Deus. Como trabalhadores (v. 2), tenhamos um repouso mais tranqüilo e despreocupado. Como pais (vv. 3-5), não fujamos à nossa responsabilidade paternas (ou maternas); quando ficarmos velhos nossos filhos responderão por nós.

SALMO 128

“*Feliz Serás e Tudo te Irá Bem.*” Esse salmo é o retrato de um homem temente a Deus e seu lar, nos melhores dias da comunidade hebréia. *O esposo e pai* (vv. 1,2). Ele é reverente e espiritual. A paz está no seu rosto; ele é feliz pelo que é como pessoa e pelo seu lar; é respeitado entre seus semelhantes, e, no fim, colhe os resultados do seu trabalho. A esposa e mãe (v. 3). Ela é como a videira que circunda o pátio interior de uma casa oriental, proporcionando sombra e refrigério à família. *Os filhos* (v. 3). A oliveira é símbolo de prosperidade e alegria duradouras. Mais tarde, os rebentos serão plantados fora para se tornarem árvores adultas.

SALMO 129

As Libertações do Passado. Israel passou a mocidade no Egito. (Ver Oséias 2.15;

11.1; Jeremias 2.6.) Do mesmo modo como o arado rasga o solo, o chicote corta o dorso do povo. Mas, nesses sulcos, Deus semeia a semente de bênçãos futuras. Quando o nosso caso é desesperador, Deus corta as cordas dos bois, o arado pára e a dor amarga cessa. *Preságios e predições* (vv. 5-8). A erva seca é útil somente para combustível. Esse é o destino dos que oprimem o povo de Deus. Trata-se de uma referência às minguadas folhas que crescem no telhado plano das casas orientais. A bênção comum dada pelo trabalho do ceifeiro jamais se estenderá àquelas folhas ressequidas.

SALMO 130

“*Das Profundezas.*” *O clamor* (vv. 1,2). A palavra “Senhor” aparece em todos os versículos, à exceção do 4 e 8. A alma em aflição repete freqüentemente esse precioso Nome, no qual encontra conforto e socorro. *A principal causa da angústia* (vv. 3, 4) é a lembrança dos pecados. Mas nossas iniquidades não são “observadas”, a não ser pelo perdão que recebemos. *A atitude da alma* (vv. 5,6). Ela aguarda! Ele, certamente, virá, embora pareça tardar. “*Copiosa redenção*” (vv. 7,8). Para Deus não basta perdoar. Ele perdoa copiosamente.

SALMO 131

Esse é o clamor de uma alma-criança. O salmista diz isso com toda a simplicidade. Ele “não andou à procura” (literalmente “andar de um lado para o outro” de coisas grandes demais para ele, mas deixou que Deus lhas revelasse, assim que ele estivesse preparado para recebê-las. Lembramo-nos de Mateus 11.25. Está claro que ele tivera de esforçar-se para chegar a isso. Tivera que acalmar-se e aquietar-se, como a mãe se empenha para acalmar um bebê agitado. Houvera um tempo em que ele fora alimentado ao seio das consolações do mundo. O desmame havia sido difícil, mas ele aprendera a receber tudo de Deus e a apoiar-se em sua poderosa graça.

SALMO 132

A Bênção do Senhor Sobre Sião. É evidente que esse salmo data da dedicação

do templo de Salomão. Apesar do esplendor do templo pronto, Deus nunca esquece os trabalhos e as ansiedades dos construtores. Quando a pedra do tope cintila à luz do sol, os cavadores de valas e os construtores dos alicerces comparecem para o merecido louvor. O cantor recapitula duas cenas memoráveis na história da Arca. “Efraim” provavelmente é Silo, na tribo de Efraim, onde o Tabernáculo estava situado no tempo de Eli. O “campo de Jaar” é Quiriate-Jearim, de onde Davi trouxera o símbolo sagrado para Jerusalém (1 Cr 13.5).

A oração dos versículos 8 a 10 é semelhante à de Salomão (2 Cr 6.41). Para nós a arca da fortaleza de Deus é a pessoa do Senhor, na qual Deus e o homem se unem. Somos chamados a ser sacerdotes, levantar as mãos em intercessão e exultar. Depois, nos versículos 11 a 18, Deus parece tomar os pontos dessa oração, um por um, e respondê-los. O seu repouso está no meio do seu povo. Em Cristo tudo se completa: ele é Ômega, “o Último”.

SALMO 133

A Unidade é de Deus. A exclamação “Oh!” sugere que alguma manifestação de união estava acontecendo diante dos olhos do salmista, talvez em conexão com alguma grande festa religiosa; ou pode ser que Davi tenha composto o salmo para celebrar a re-união de todo o povo de Israel após a morte de Isobosete. Nós não devemos apenas ser unidos no propósito de Deus, mas devemos estar dispostos a “viver unidos”, isto é, a manifestar a nossa unidade na prática. Para mais informações sobre o “óleo precioso”, ver Êxodo 30.20-38 e 1 João 2.27. O Senhor foi ungido com o Espírito Santo, e nós podemos participar do seu Pentecoste (Lc 3.21,22; At 2.33).

SALMO 134

Esse é o último dos “Cânticos de Romagem”. Ele pode ter sido endereçado aos sacerdotes que entravam no serviço à tarde, após as ofertas do sacrifício vespertino. Evidentemente, havia um grupo de coristas e outros que estavam de serviço enquanto Jerusalém dormia. O

salmos termina com a bênção recíproca dos que estavam de vigília sobre as multidões que se retiravam, recomendando-as, durante as horas da noite, ao cuidado do Senhor do céu e da terra.

SALMO 135.1-12

O Maravilhoso Poder de Deus. Esse salmo começa e termina com “Aleluia”. Ele contém trechos selecionados de vários salmos, que foram escolhidos cuidadosamente assim como se colhem flores num jardim para se fazer um buquê. Os argumentos para o louvor são três: a glória de Deus na natureza (vv. 5-7); seus feitos em relação a Israel (vv. 8-14); o contraste de sua gloriosa natureza com os ídolos (vv. 15-21).

Notemos os argumentos apresentados para nos estimular ao louvor: que Deus é bom; que louvá-lo é agradável; que ele escolheu o seu povo para ser sua possessão; que assim como ele é bom, também é grande; que ele ficará do nosso lado contra nossos inimigos, etc. A moral disso tudo é que, se quisermos louvá-lo corretamente e com satisfação, devemos reunir cuidadosamente os elementos e meditar em todos os seus feitos em relação a nós. Eles constituem o combustível para a chama. Mas, quantas razões para louvá-los nós temos, mais do que o salmista, nós, que fomos adotados em sua família e feitos co-herdeiros com Cristo.

SALMO 135.13-21

Os Homens se Tornam Como os Deuses que Servem. Que contraste entre o nosso Deus e os ídolos! Sua boca fala palavras de graça; seus olhos acompanham cada movimento nosso e vigiam o nosso sono; seus ouvidos estão abertos ao mais débil chamado nosso. Nós que o amamos e adoramos, devemos ser semelhantes a ele, assim como o ídôlatra se assemelha ao seu ídolo de pedra.

A divisão do povo escolhido em quatro grupos merece um pouco de meditação (vv. 19-21). Alguns pertenciam à grande comunidade de Israel, outros à família sacerdotal de Arão, outros às fileiras mais humildes de Levi, e ainda outros eram prosélitos que ape-

nas temiam ao Senhor; mas ninguém podia ser dispensado da oferta de louvor. Seja quem ou o que formos, jamais deixemos de dar nossa participação naquele cântico de adoração que João diz ter ouvido, proveniente de todos que estavam no céu, e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar (Ap 5.13).

SALMO 136.1-12

Uma Recapitulação das Misericórdias de Deus. Esse salmo é antifônico, para ser cantado por dois coros, ou por um solista e o coro do templo. Esse reconhecimento da eternidade da misericórdia de Deus, no meio de toda a variação e mudança dos eventos da vida humana, é realmente admirável. Quando podemos contemplar a história do nosso mundo do ponto de vista de Deus, descobrimos que as páginas orladas de preto foram entremeadas de páginas de ouro de sua misericórdia. Quando, já no céu, repassarmos nossa própria vida, constataremos que a misericórdia de Deus era um pano de fundo azul no qual as nuvens negras ocupavam um espaço limitado.

As divisões são as seguintes: *Criação* (vv. 1-9); *Redenção* (vv. 10-22); *Providência* (vv. 23-26). Na primeira parte o salmista vê a estrutura do mundo e a libertação de Israel do cativeiro no Egito como monumentos equivalentes da benignidade divina. Foi o amor de Deus que preparou o cenário no qual a grande revelação da redenção foi manifestada. As pétalas rubras de uma tulipa são obra sua, assim como o rubro sangue que fluuiu no Calvário.

SALMO 136.13-26

Livramento de Inimigos. Esse salmo não é um simples comentário sobre os atos de Deus. É um hino de redenção. Faraó, Seom e Ogue se opuseram ao propósito redentor de Deus, embora houvesse inúmeras evidências, do princípio ao fim do Êxodo, de que era de origem sobrenatural, e eles incorreram no castigo divino. Foi uma bênção para todas as eras futuras que as idéias desses homens não tivessem prevalecido. Não é fato que Deus dá uma demonstração de inefável sabedoria e benignidade

ao substituir seu degradado tipo de civilização pelo monoteísmo, pela dignidade da mulher, e pela garantia dos direitos individuais? Precisamos procurar uma visão ampla dos feitos de Deus na providência e na história.

As pessoas tendem a abandonarnos quando nos encontramos abatidos, mas essa é a ocasião em que Deus parece mais solícito (v. 23). Ele livrou, livra e livrará (v. 24). Fará Deus provisão para toda a carne, e negligenciará seus filhos (v. 25)? Confiemos no amor de Deus, que permanece constante apesar de nossas vacilações e não se deixa afetar por nossas falhas e pecados, desde que nos voltemos de nossa apostasia com arrependimento. É muito reconfortante saber que a essência desse salmo será cantada no além. (Ver Apocalipse 15.3.)

SALMO 137

Lealdade na Adversidade. Parece que os exilados se haviam afastado da cidade e de suas diversões, para um retiro natural junto ao Eufrates. Levavam consigo suas harpas, mas não se sentiam animados a tanger as cordas delas. Os cânticos eram afogados em soluços. De repente, um grupo de desordeiros insolentes rompeu no cenário, exigindo que entoassem um daqueles cânticos do templo pelos quais os hebreus tinham se tornado famosos.

Mas o canto do Senhor só era possível na Casa do Senhor. Estar longe do templo para os judeus, era semelhante a estar separado de Deus. Quando somos levados cativos pelo pecado e perdemos a sensação da presença de Deus, nós também ficamos sem a fonte da santa alegria. Nossa maior alegria deverá ser a glória e os interesses do reino de Cristo, e não Jerusalém. A imprecação final sobre Edom faz-nos lembrar outras: Jeremias 49.7-22; Lamentações 4.22 e Ezequiel 25.12-14. Podemos compreendê-la, mas devemos recordar que pertencemos a outra aliança. (Ver Lucas 9.54-56 e Romanos 12.20.)

SALMO 138

O Altíssimo Atenta Para os humildes. Esse é o primeiro de uma série de salmos

de Davi, baseados em 2 Samuel 7. As bênçãos prometidas por Deus são objeto de fervorosas ações de graça. Os ídolos, de forma alguma, poderiam ter obtido resultados tão grandes e generosos. Deus mesmo havia se excedido ao magnificar sua palavra acima do seu nome. A oração tinha realizado sua parte, porque, no dia em que ele clamara, fora atendido. Mesmo os reis, em seus vários reinos, lhe renderiam graças (v. 4). Todavia, isso seria apenas o princípio das maravilhas. Deus jamais descansa enquanto uma tarefa estiver incompleta ou inacabada. Quando ele se empenha na salvação de uma alma, ele se empenha em completar a boa obra até ao dia de Jesus Cristo (Fp 1.6). Confiemos em Deus, mesmo em meio às tribulações. Ele enxugará todas as nossas lágrimas, elucidará todas as nossas lágrimas, elucidará todos os mistérios, e colocará um pináculo de glória em nossa vida.

SALMO 139.1-13

O Deus Onividente. O salmista fala como se houvesse somente dois seres no universo — Deus e ele. Não há, em toda a literatura, mais elevada concepção dos atributos divinos.

A onisciência de Deus (vv. 1-6). O “assentar-se” são períodos de cansaço, depressão, falha, deficiência e inconsistência, quando ficamos aquém do nosso melhor estado. O “levantar-se” são nossos momentos mais fortes, mais felizes e mais santos, quando estamos em nosso melhor estado. Deus conhece tudo, e nunca é apanhado de surpresa. Ele nos cerca “por diante” — o futuro está cheio dele — e “por trás”, assim como a onda segue de perto o nadador ou a retaguarda segue o pelotão em marcha. Sua mão está posta sobre nós, defendendo-nos e protegendo-nos. Sua joeira está sempre detectando cada grão de trigo e extraíndo-o da palha.

A onipresença de Deus (vv. 7-12). É impossível fugir de Deus. Por mais densa que seja a folhagem, ela não pode separar o pecador daqueles olhos de amor e fogo. Essa idéia é terrível para os que não estão em paz com ele, mas agradável para os que o amam.

Ânimo, meu irmão solitário; tua noite de tristeza é como o dia — cheia da presença dele.

SALMO 139.14-24

Os Pensamentos de Deus e os Nossos. O poder criativo de Deus (vv. 14-18). O salmista fala do princípio da vida descrevendo a formação da nossa natureza física. Podemos descobrir aqui a sugestão de uma analogia. Desde o seu início, a igreja, que é o corpo de Cristo, vem sendo formada em segredo, e continua desenvolvendo-se, preparando-se para sua manifestação em completa beleza e glória por ocasião da vinda do Senhor. “Quando Cristo... se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória.” (Cl 3.4.) Lembremos, também, que a vida de Cristo que opera em nosso coração está sujeita a esse mesmo processo secreto.

O salmo se encerra com o *antagonismo dos santos ao mal* (vv. 19-24). Quanto mais eles meditam nos preciosos pensamentos de Deus, mais desejam ser libertos da tirania do mal, quer seja o mal praticado pelos perversos, ou o mal do interior do coração. Nosso único clamor deve ser que Deus nos guie “pelo caminho”, que está baseado em princípios eternos e que começando nos vales, onde permanecemos mais tempo que devíamos, segue sempre para o alto, para aquelas gloriosas alturas onde o próprio Deus é o Sol.

SALMO 140

Confiança na Proteção de Deus. Eis aqui a descrição de um homem cercado de inimigos. À sua volta estão iniquidades e contendas, a seus pés armadilhas e cordas. Não há socorro senão no único que pode proteger nossa cabeça no dia da batalha. Coisas assim ainda acontecem ao povo de Deus. Alguns são caçados por inimigos terrenos; outros são atingidos pelos dardos inflamados do maligno. Nos versículos 1 a 5 a vida é comparada a um caminho que passa por uma floresta, onde aspides se ocultam e onde são colocadas armadilhas. A qualquer momento o inimigo pode sair da tocaia e saltar sobre ele. Versículos 6 e 7, nessas circunstâncias a fé

descobre que Deus é força, salvação e proteção.

Nos versículos 8 a 12, encontramos um emocionado desabafo. Em vez do “não concedas” do imperativo (presente do subjuntivo), muitos preferem o “concederás” da predição. Nós pertencemos ao reino de Cristo, cujos ensinamentos estão em Mateus 5. As únicas brasas de fogo com as quais podemos lidar são as do amor e da misericórdia, que nós amontoamos sobre a cabeça dos nossos inimigos. O menor no reino do amor se coloca num plano superior ao do maior no reino da lei. Mas os maus devem lembrar-se de Romanos 2.5. O salmo termina com uma nota mais alegre (v. 13). Existe um santuário interior onde estaremos seguros!

SALMO 141

Humildade. Esse salmo é uma oração vespertina. A oração aceitável é como a fumaça do incenso subindo no ar tranqüilo (Ap 5.8; 8.34). Todos os dias devemos pedir a Deus que nos livre dos pecados dos lábios, dos pecados do coração e dos pecados dos malfetores — principalmente dos últimos, as iguarias do apetite e do desejo.

Devemos muito ao cuidado dos irmãos na fé. É preciso mais amor para se “ferir” alguém do que para consolar. A quebra de um vaso de precioso unguento sobre nossa cabeça pode produzir um choque momentâneo; mas não devemos rejeitá-lo, visto que o conteúdo é salutar. Podemos retribuir a bem-intencionada bondade do justo orando por ele quando lhe sobrevierem maldades (v. 5). Foi uma época muito difícil para Davi, mas ele manteve os olhos fitos no alto, confiando sua alma ao fiel cuidado de Deus. Em circunstâncias semelhantes Paulo fez soar uma nota mais elevada (Rm 8.36,37). Prosigamos pacientemente vivendo à altura do nosso ideal. Com certeza Deus nos vingará!

SALMO 142

“Ninguém que por Mim se Interesse.” A caverna era escura, e Davi estava na companhia de homens duros e impiedosos, pelos quais sentia pouca sim-

patia. Seu espírito brando, piedoso, muitas vezes deve ter ansiado por um convívio com pessoas mais agradáveis. Mas ele nunca cessou de clamar e de suplicar sempre que se sentia esmorecido. Você está em situação semelhante? Sinta-se confortado pela lembrança de que Deus conhece a sua vereda. É o caminho preparado de antemão (Ef 2.10), antes que os céus ou a terra fossem criados. Deus sabia, de antemão, todas as dúvidas e dificuldades que encontraríamos nele — o quanto as sombras seriam escuras e terríveis as ondas de adversidade — mas ele o escolheu, sabendo que era seu melhor caminho para o céu. Todos olham para outros lados? Parece que ninguém se interessa por você? Sua alma está na prisão, e são fortes os seus perseguidores? Ânimo! Os reforços da graça divina já estão a caminho; os justos o rodearão; e você dirá, em seu derradeiro suspiro: “Ele me fez sempre bem”.

SALMO 143

O Clamor da Alma Sedenta. Esse salmo se apresenta em quatro estrofes de três versos cada. *Queixa* (vv. 1-3). A violência do inimigo fora injustificada mas mesmo assim, Davi se conscientizou de que seu passado não tinha sido, de modo algum, imaculado. Quanto mais santo é o crente, menos confiança tem em si mesmo (Jó 9.3; Fp 3.7). Bernard de Clairvaux (pregador e monge, 1090-1153) dizia: “Incapaz de responder por meus pecados, não posso responder nem pela minha justiça”. Não há castigo nem condenação para os que estão em Cristo, porque já foram julgados nele. Agora a justiça de Deus está do nosso lado (1 Jo 1.9).

Depressão (vv. 4-6). Os que podem chegar às alturas ensolaradas também podem descer às mais baixas profundezas. Lembrar, pensar e considerar muitas vezes nos levam à melancolia. Mas levantemos as mãos para Deus. Ansiar por ele é tê-lo. Desejar é possuir. *Súplica* (vv. 7-9). “Dá-te pressa em responder-me; Faze-me ouvir; mostra-me o caminho; Livra-me”. *Docilidade* (vv. 10-12): Podemos com toda confiança deixar-nos guiar, inteiramente, pelo Espírito de Deus, porque ele é

bom e tira a alma da tribulação e leva-a para o terreno plano (Rm 8.14).

SALMO 144

O Povo de Deus é Feliz. Esse salmo tem a atmosfera das cavernas rochosas nas quais Davi e seus homens se refugiavam e de onde saíam para a luta. Diariamente o capitão pedia a Deus para ensinar-lhe a lutar, e percebia que toda a sua necessidade seria atendida. Os nomes que ele atribui a Deus indicam total proteção que se torna o complemento de toda necessidade que possamos ter.

Que conceito extraordinário vemos no versículo 4! Saul era apenas um “sopro”. Os perseguidores eram como as sombras que passam sobre as montanhas. Por causa deles, ele apelava a Deus para que abaixasse os céus e descesse para tocar os montes, e o arrebatar das muitas águas. E, depois que a tempestade passou, ele cantou seu novo cântico (v. 9). Os versículos 12 a 15 provavelmente foram acrescentados em ocasião posterior, quando Davi já estava estabelecido no seu reinado. Eles descrevem uma tarde de verão em dias de prosperidade, depois que os filhos haviam-se tornado plantas viçosas, e as filhas se assemelhavam a pedras lavradas como as colunas de um palácio. Agora, ele não sofre nenhum ataque do inimigo; não há necessidade de sair para lutar, nem ele clama devido a opressão ou penúria; agora ele goza o ocaso tranqüilo de uma vida bem vivida.

SALMO 145.1-9

A Insondável Grandeza de Deus. Esse salmo é um acróstico. Os versos iniciam-se com as sucessivas letras do alfabeto hebraico. O dístico da décima quarta letra, *Nun*, entre os versículos 13 e 14, é omitido no texto. Algumas versões suprimiram a omissão assim: “O Senhor é fiel em todas as suas palavras, e santo em todas as suas obras”. Isso é virtualmente uma repetição do versículo 17.

A palavra “todo” (toda, todos, todas) é característica desse salmo, o “*Te Deum*” da igreja hebraica. Os judeus diziam que a tríplice repetição dela era a melhor pre-

paração para os louvores do mundo futuro. Falando desse salmo e dos seguintes, o Dr. Gilfillan diz: “Eles são a terra “Desposada” (Is 62.4) da Bíblia; nela o sol brilha noite e dia. Aparecendo após todos os salmos de oração, de confissão e lamento, eles, inconscientemente, tipificam a alegria e o descanso da glória”. A temática do salmo é Deus. Ele é “grande” (v. 3); “benigno” (v. 8); “bom” (v. 9); “sustém” (v. 14); “justo” (v. 17); “perto está” (v. 18); “guarda” (v. 20). E o principal aspecto de sua obra é a criação e a sustentação de um universo de seres felizes que subsistem por causa do seu amoroso cuidado. “As suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras.”

SALMO 145.10-21

A Farta Provisão de Deus. Há mais felicidade no mundo do que queremos ver. As obras de Deus o louvam. Tomemos, por exemplo, o senso de contentamento de um dia de verão, quando em todas as criaturas, desde o pequeno lagarto verde até as maiores criaturas, há um perfeito murmúrio de satisfação pelo ar cálido, parado. Então será que não podemos confiar em Deus, para quem cuidar de todas as coisas é tão fácil como é para nós abrir as mãos? (Ver o Salmo 104.28.)

O versículo 13 está gravado na abóboda de um edifício muito antigo, em Damasco, que anteriormente fora uma igreja cristã, mas já há muitos séculos é uma mesquita. As palavras ainda são verdadeiras e seu cumprimento histórico está mais próximo do que nunca. No versículo 18, o Senhor está sempre perto, embora não percebamos ou sintamos sua presença, e é bom afirmá-lo quando oramos. Segundo os místicos cristãos, repetir essas palavras muitas vezes durante o dia é praticar a presença de Deus. Mas alguns não podem fazer isso; podem apenas ter “vontade” (v. 19). Mas aquele cujo amor percebe a mais leve invocação, atenderá. Louvaremos condignamente a Deus quando o virmos como ele é!

SALMO 146

“O Senhor Ama os Justos.” Esse salmo e os quatro seguintes são os “Salmos de Aleluia”. Todos começam com essa

palavra. Foram compostos, provavelmente, para uso no segundo templo. Na Septuaginta, ele é atribuído a Zacarias e Ageu. A chave dele é o versículo 5, o último dos vinte e um "Bem-aventurados" do Saltério. E o que pode trazer mais bem-aventurança para nós do que reconhecer Jesus como "auxílio" e "esperança"?

Os versos 6 a 10 enfatizam o tempo presente do verbo de uma forma que nos lembra as palavras do Senhor: "Meu Pai trabalha até agora". É verdade que para os oprimidos e os encarcerados, os cegos e os abatidos, os estrangeiros, os órfãos, e as viúvas, parece que essas promessas não se cumpriram. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que nem a igreja de Deus e nem eles mesmos perceberam que o reino já foi estabelecido na esfera invisível. Mas também é preciso lembrar que precisamos apropriar-nos dos livramentos oferecidos pelo reino pela fé. Os que recebem abundância de graça e justiça reinarão. Mas todas as promessas de Deus, inclusive a grande promessa de salvação, estão condicionadas ao exercício da fé.

SALMO 147.1-11

Por que Louvamos ao Senhor. Tem-se pensado que esse salmo foi composto nos dias de Neemias para ser cantado quando os novos muros da cidade estivessem concluídos. Ele contém outra relação dos atos de Deus, expressos no presente do indicativo. O salmista nunca se cansa de celebrar a proximidade de Deus. Ele não tolera a intromissão de causas secundárias, que são o artifício das explicações científicas. Afinal de contas, as leis são apenas a forma mais conveniente de se revelar a regularidade dos métodos de Deus. Os dísticos desse salmo são surpreendentemente sugestivos. Pelo contraste, eles se completam mutuamente. Deus edifica a grande cidade de Jerusalém, mas também ama a cada um dos que estão dispersos. Ele está à vontade tanto no hospital, onde se acham tantos corações quebrantados, como entre as es-

treias, que ele chama pelo nome e conta, como um pastor faz ao seu rebanho. Ele ampara o humilde, e abate os ímpios. A primavera, com suas nuvens e chuvas e a erva brotando, é obra sua; mas, de igual modo, a vida selvagem da floresta, com suas feras e pássaros. Ele não tem tanto prazer na velocidade ou na força do guerreiro como tem no culto reverente do seu povo. Na natureza de Deus, há equilíbrio e ritmo perfeitos.

SALMO 147.12-20

Paz e Prosperidade. Do versículo 12 em diante, a palavra é dirigida a Jerusalém e Sião. O emprego do "te" e o "tu" justificam a aplicação da mensagem desse salmo à condição espiritual da igreja e do indivíduo. A obra de Deus na natureza ilustra seu procedimento com seus filhos. Estamos protegidos contra as tentações, assim como uma cidade se protege com suas trancas e ferrolhos, estamos abençoados com a paz, e surtidos com o melhor do trigo, que é a verdade do evangelho? Isso se dá porque ele assim o determinou com suas ordens e com sua palavra que corre velozmente. Será que é inverno, com o ar cheio de flocos de neve e geada por toda parte, como se a soberana geada tivesse se espalhado por toda a terra e prendido as águas com suas cadeias? Ânimo; Deus está nisso tudo. O inverno é necessário para amolecer o solo; mas, logo que ele tiver feito o seu trabalho, o bafo quente do amor divino soprará sobre os lugares desolados, e todo o gelo e neve desaparecerão. Será que Deus teria tamanho cuidado em adornar o "lar" onde seus filhos vivem, e negligenciaria a eles? Além disso, ele tem mostrado tantos preceitos maravilhosos e tais revelações do seu caráter, que se acha comprometido conosco. Aleluia!

SALMO 148

O Cântico de Louvor da Criação. O "Benedicite" do Livro das Orações* é baseado nesse salmo. O poeta sacro não se contenta em ter ele, ou seu povo,

monopólio do louvor. Ele convoca a natureza, a participar do concerto com suas miríades de vozes. É interessante passar esses verbos do imperativo para o indicativo, pois que as alturas e profundezas que nos cercam já cantam. O sol rege o coro, e a lua tange sua harpa de prata. As estrelas "fazem coro com os querubins de olhos infantis". Os abismos louvam a Deus pela profundidade do seu amor, os montes pela altura dele, as árvores frutíferas pela doçura que ele contém, enquanto os grandes monarcas da floresta, os galhos balançando ao vento, batem palmas. Então é claro que os filhos de Deus devem acordar de sua letargia! Alguém pode ser remido e ainda ficar mudo; ser salvo e permanecer silencioso, liberto e aproximado, sem que tenha uma palavra de gratidão? No momento em que lemos esse salmo, lembramos também que há louvor no fogo da tribulação e na saraiva do escárnio injurioso. De há muito que os santos vêm louvando a Deus nas fogueiras. Os procelosos ventos da adversidade, assim como os zéfiros da prosperidade, cumprem seu propósito e merecem nossa confiança.

SALMO 149

Os Cânticos de Louvor do Povo de Deus. Israel foi constituída em nação e liberta

da Babilônia, para que seus cantores liderassem os louvores da humanidade e seus poetas fornecessem ao mundo as metáforas e as frases necessárias para a sua nutrição espiritual. "Ao povo que formei para mim, para celebrar o meu louvor", disse o Altíssimo (Is 43.21). Nosso dever cristão não é também nos sentir jubilosos por nosso Rei? Nós não temos apresentado em nossa vida espiritual êxtase e contentamento suficientes para atrair o mundo, esse mundo que, por baixo de sua alegria exterior, é muito triste.

SALMO 150

Eis aqui um fecho digno do Saltério. O chamado para o louvor ressoa dez vezes, e dez é o número da perfeição. Lembremos das lágrimas e gemidos, das dúvidas e perplexidades, da fé fraca e das aspirações frustradas dos salmos precedentes! Agora, tudo termina assim! Assim terminará a vida! Os nossos *Misereres* serão esquecidos ante os explosivos *Jubilates*. Os três primeiros livros do Saltério terminam com "Amém, e amém", a firme expressão da fé. O quarto encerra-se com "Amém. Aleluia", como se a fé estivesse começando a ser engolfada pela feliz constatação da verdade sobre Deus. Mas, aqui, no fim de tudo, há um expressivo e decidido "Aleluia"!

* Missal da Igreja Anglicana. (N. E.)

O LIVRO DE
PROVÉRBIOS

“As Palavras do Sábio”



1. A VOZ DA SABEDORIA 1.1-9.18.
2. CONTRASTE ENTRE A SABEDORIA E A LOUCURA 10.1-22.16.
3. O CONSELHO DO SÁBIO 22.17-24.34.
4. SÍMILES DAS VARIADAS EXPERIÊNCIAS DA VIDA 25.1-29.27.
5. BREVES COMPILAÇÕES 30.1-31.31.
 - a. As palavras de Agur 30.1-33.
 - b. As palavras do rei Lemuel 31.1-9.
 - c. A mulher virtuosa (poema-acróstico) 31.10-31.

INTRODUÇÃO

Esse livro ocupa um lugar importante na chamada “literatura da sabedoria hebraica”. Os outros são Jó, Eclesiastes, alguns dos Salmos, e livros apócrifos tais como Sabedoria de Salomão e Eclesiástico.

Algumas partes são atribuídas a Salomão, mas em outros lugares são mencionadas ainda outras fontes. O título da quarta parte — “São também estes provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá” — é prova de que o livro só recebeu sua forma atual na época do reinado de Ezequias.

O livro foi escrito para fornecer instruções aos jovens. A experiência de muitas gerações é aqui apresentada ao jovem que está-se aproximando da idade em que se tornará independente. A forma de dirigir-se é sempre a de um pai falando ao seu filho.

O princípio fundamental é o de que a vida reta não é meramente uma vida moral, mas a que é vivida para Deus. A maior loucura que alguém pode cometer é deixar Deus fora de sua existência. Assim, o livro não é simplesmente uma coleção de máximas familiares, mas uma fonte de discernimento espiritual.

As virtudes ensinadas são as que promovem o vigor individual e nacional — honestidade, esforço, pureza, sobriedade, moderação, fidelidade, diligência, prudência, imparcialidade, contentamento — tudo baseado no temor do Senhor.

A estrutura literária é relativamente livre. Diz o Bispo Hopkins: “De modo geral, não devemos esperar conexão de frases em Provérbios. Os outros livros da Bíblia são como uma rica mina, onde o precioso minério se encontra num veio único e contínuo; mas esse é como um monte de pérolas que, embora não estejam reunidas num colar, nem por isso são menos excelentes e valiosas”.

COMENTÁRIO

PROVÉRBIOS 1.1-19

“*O Princípio do Saber.*” Notemos o perfeito equilíbrio de cada cláusula, e a duplicação do mesmo pensamento nas duas cláusulas de cada versículo.

O conceito de “sabedoria” apresentado nesse livro não é apenas cultura intelectual ou inteligência. Ela representa uma qualidade moral, resultante de uma vida pura e verdadeira. Todos sabemos que há muitas pessoas simples de espírito, com limitada escolaridade, mas que são notáveis por opiniões inteligentes, percepção de caráter, sábia análise de eventos, conhecimento intuitivo — tudo baseado no temor de Deus. Com certeza, o jovem que pondera e pratica essas máximas dificilmente deixará de ter uma vida bem-sucedida.

PROVÉRBIOS 1.20-33

O Clamor da Sabedoria. A palavra “sabedoria” e a descrição de sua presença “à entrada das portas e nas cidades” — ver o versículo 21 — nos fazem lembrar do Senhor, que em sua condição

de Verbo de Deus, se levantava e clamava (Jo 7.37). Temos aí uma admirável descrição do mundo tal como é hoje. As ruas cheias de mercadores, com o pregão de artigos, as multidões de transeuntes ociosos e, no meio de tudo, o ressoante apelo de Cristo ao coração do homem! Mas, os escarnecedores zombam e caçoam, enquanto os loucos odeiam o pregador e ameaçam sua vida. Todavia, não há nenhum lugar no mundo, nem mesmo uma rua movimentada, do qual o Espírito esteja ausente. (Ver Mateus 22.1-10.)

Os dois resultados que dividem os ouvintes são relatados em palavras que estão sempre sendo comprovadas. O dia da “desventura”, quando os bancos suspendem o pagamento e os especuladores mais corajosos perdem o ânimo, sobrevém subitamente ao homem do mundo. Ele não tem esconderijo, não tem uma segunda linha de defesa, nem tesouro espiritual, e é como um marinheiro se afogando num mar tempestuoso. “Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos”, porque eles “ha-

bitarão seguros". (Ver o versículo 33 e Lucas 7.35.)

PROVÉRBIOS 2

A Sabedoria Guarda do Mal. Nesse capítulo são repetidas várias palavras que revelarão os tesouros dele. O termo "entendimento" ocorre nos versículos 2, 3 e 6. Se sabedoria é uma qualidade moral, que leva ao conhecimento intuitivo, o entendimento pode ser visto como algo que possui um certo tom profético. É o entendimento que recolhe e faz uso dos resultados da observação e da experiência, nossa ou de outrem.

Notemos, também, as palavras "caminham" (v. 7); "andarem" (v. 13); "caminho(s)" (vv. 8, 12, 13, 15, 20); "veredas" (vv. 8, 12, 13, 15, 18, 19, 20). Observe como o Divino Mestre está ansioso para livrar o incauto do caminho do homem mau (v. 12) e do caminho da mulher adúltera (v. 16); e dirigir os pés do moço pelos caminhos do bem e pelas veredas dos justos (v. 20). O caminho de segurança e permanência é aquele em que se está perpetuamente cômico da presença do Mestre, Cristo. Ele é o nosso companheiro invisível na difícil e perigosa peregrinação; e, na companhia dele, podemos apropriarmo-nos do "escudo" do versículo 7, da guarda do versículo 8, e da permanência do versículo 21.

PROVÉRBIOS 3.1-12

Os Benefícios de se Confiar no Senhor. Como esse parágrafo está cheio de orientações úteis para a vida! Os moços, de ambos os sexos, são convidados a ser benignos em suas atitudes ou procedimento, e fiéis no desempenho de suas responsabilidades ou obrigações. Essas são duas qualificações básicas para se ter uma atitude reta diante de Deus e dos homens.

Aos que estiverem *confusos* recomenda-se que desconfiem do seu próprio entendimento e confiem em Deus para sua orientação. Quem não está vendo claramente o caminho, deve esperar até que Deus lho revele. Observemos a repetição da palavra "todo" — "todo o teu coração", "todos os teus caminhos", "toda a tua renda". O ho-

mem de negócios é advertido a honrar a Deus, como fez Abraão ao voltar carregado de despojos da luta contra os reis que haviam pilhado Sodoma (Gn 14.23). Recomenda-se aos que estão *sofrendo* que não vejam apenas sua dor ou tristeza, mas vejam também a mão que os castiga (vv. 11, 12). Essas preciosas palavras são confirmadas em passagens posteriores. (Ver Hebreus 12.5,6 e Apocalipse 3.19.) Não podemos jamais esquecer a terna afirmação de Jó 5.18,19. Na vida não há acasos; aceitemos tudo como determinação ou permissão de Deus.

PROVÉRBIOS 3.13-26

Os Deliciosos Caminhos da Sabedoria. A sabedoria pode ser cultivada. Ela é uma *mina* que precisa ser explorada com diligência. Compare os versículos 13 a 15 com Jó 28.18. Ela é comparável a uma *dama nobre* que se aproxima de nós com mãos cheias de benefícios (vv. 16,17). Ela pode ser descrita como uma *árvore*, que exige ternos cuidados e produz fruto para o paciente agricultor (v. 18). E nós podemos afastar-nos de nosso pequeno mundo particular para ver os poderosos resultados da sabedoria divina na Criação e na Providência. Somos criados à imagem de Deus; nossa mente é capaz de apreciar a mente *dele*, e, como disse Kepler, voltamos a pensar os pensamentos de Deus (vv. 19,20).

Descubramos como é segura a vida edificada sobre os princípios eternos desse livro. Nela não há temores. Seu repouso não se interrompe por receios. Ela está em paz consigo mesma, com os homens, e com Deus. Isso não resulta de prudência calculada, mas ocorre porque nos empenhamos em ter a consciência livre de culpa diante de Deus e dos homens, e porque o Deus da paciência, da esperança e da paz está conosco. (Ver Romanos 15.5,13,33.)

PROVÉRBIOS 3.27-4.9

Os Conselhos da Experiência. Aqui estão muitos deveres a ser cumpridos! *Sejam generosos!* Naturalmente precisamos discriminar — "a quem de direito" — e precisamos ser prudentes — "estando na tua mão o poder de fazê-lo"

(v. 27). E mais, *sem demora* (v. 28). *Não procuremos contendias, nem tiremos vantagens do nosso próximo* (vv. 29,30). Diante da prosperidade do homem ímpio e violento *rejeitemos os sentimentos de inveja* e recordemos o Salmo 37.

A palavra "intimidade" do versículo 32, também poderia ser traduzida como "amizade". Esse texto lembra o Salmo 25.14. Lembremo-nos de que Jesus nos chama a partilhar dessa intimidade (Jo 15.15). *Contemos com a bênção de Deus para nossa casa* (v. 33). *Sejamos humildes e apropriemo-nos de nossa grande herança* (vv. 34,35). (Ver Mateus 5.3.)

Em seguida, entramos em um lar hebreu do passado (4.1-9). Ouvimos o velho patriarca aconselhando seu filho, com profundo e afetuoso anseio, para que ele conduza bem sua vida. Que diferença haveria na terra se os pais falassem mais vezes como esse! Mas, para falar assim, é necessário ter recebido uma formação muito boa.

PROVÉRBIOS 4.10-27

Placas de Sinalização no Caminho da Vida. Uma ou duas frases se destacam nessa parte que pedem uma atenção especial. "A vereda dos justos é como a luz da aurora." (V. 18.) Podemos comparar esse belo símile com 2 Samuel 23.4. No Oriente, onde o céu quase sempre é sem nuvens, é comum a luz do dia ir aumentando rapidamente até alcançar a claridade total do meio-dia. Vivamos de tal modo que a vereda de nossa vida com sua luz e calor se torne cada vez mais radiosa e benéfica.

"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração." (V. 23.) As portas do coração precisam de uma cuidadosa vigilância. Quando nos descuidamos, insinuam-se pensamentos malignos. Deveríamos imitar o bom Neemias (Ne 13.19). Oremos para que anjos puros e santos se ponham de sentinela nele, como estão junto às portas de pérola (Ap 21.12). Quem *pensa* retamente, *viverá* retamente.

"Pondera a vereda de teus pés." (V. 26.) "Pese cuidadosamente." Agir precipitadamente é arrepende-se depois! Peçamos a Deus para afastar-nos dos pecados da presunção; e conservemos na memória a exortação de Eclesiastes 5.2.

PROVÉRBIOS 5.1-14

Areia Movediça! Afaste-se! Temos motivos para dar muitas graças a Deus pelo fato de a Bíblia, que é a Palavra de Deus e não de homens, apontar firme e sabiamente um grande mal que se tem manifestado em todas as eras e em todas as camadas da sociedade. Ela fala dele clara e abertamente, e todos os que meditam no seu ensino em espírito de oração serão salvos de muitas e dolorosas armadilhas. Se formos apanhados, isso só acontecerá porque nos recusamos a dar ouvidos à voz que nos fala através de textos como esses.

A grande cautela que devemos tomar está no controle de nosso pensamento. Nossa mente nunca deve permanecer aberta à maré de pensamentos sugestivos que se quebram ao longo de sua praia. Como outrora o vigia guardava as portas da cidade assim que escurecia, de igual modo a pureza de Deus deve vigiar e guardar a porta dos olhos, dos ouvidos e do tato, para que nenhum emissário do mal consiga entrar e capturar a fortaleza. Meu irmão, deixe Cristo ser o guardião de seu alma, seja você homem ou mulher, velho ou moço, e que ele lhe comunique sua pureza divina e humana.

PROVÉRBIOS 6.1-19

Evite a Fiança e a Indolência. Um moço, sendo solicitado por seu amigo para ser seu avalista, consente prontamente em tornar-se fiador dele. Promete ficar responsável pela dívida do outro. A partir desse momento, assemelha-se a um cabrito montês apanhado por um caçador ou a um pássaro apanhado no laço do passarinho. Se alguém se enredou em uma obrigação desse tipo, a Bíblia lhe diz para não poupar esforços, não se prender por um falso orgulho, mas procurar imediatamente a pessoa em favor de quem empenhou seu crédito, e, a qualquer custo, tentar desobrigar-se. Se podemos ser fiadores de alguém, podemos, nós mesmos, emprestar-lhe o dinheiro. Se não pudermos emprestar, é fraqueza e loucura ser fiador.

As formigas fervilham nas florestas e nos campos, e censuram nossa pre-

guiça e esbanjamento. Elas trabalham dia e noite, suprindo de alimento suas galerias, construindo montículos que, em relação ao tamanho das construtoras, são três ou quatro vezes maiores que as pirâmides. Na doença, elas cuidam uma da outra; no inverno alimentam-se dos seus suprimentos. Aprendamos com a incessante atividade da natureza, e façamos alguma coisa digna antes que o sol se ponha!

PROVÉRBIOS 8.1-21

“Melhor do que Ouro.” Esse capítulo apresenta uma fascinante figura da sabedoria como uma boa mãe de família. Não fosse por esse toque feminino, e poderíamos supor que o Pregador se tivesse transformado num Profeta e estivesse apreciando as qualidades de Cristo que, em sua vida humana, incorporou a Sabedoria Divina, já que era o Verbo Eterno.

Ela se posta em lugares abertos; sua voz forte é ouvida nas ruas, clamando aos que estão entrando pelos portões da cidade ou portas das casas. Ela não murmura nem cochicha; e a beleza da retidão ilumina tudo quanto ela diz. Ela afirma seu próprio valor, comparando-se com os objetos valiosos que os homens prezam. O ponto central de suas promessas é o fato de que ela comunica a quem a possui as grandes qualidades que promovem verdadeira liderança e conquistam a justa estima dos outros. Que palavra preciosa é o versículo 17; mas não podemos esquecer que nós amamos “porque ele nos amou primeiro”. Oh, o mistério e a maravilha desse fato! E esse amor irá falhar para conosco? Jamais!

PROVÉRBIOS 8.22-36

Achar a Sabedoria é Achar a Vida. O mundo não surgiu por acaso. Foi criado por um Criador consciente. Nada é arbitrário ou acidental. A lei é a expressão da perfeita vontade de Deus. Ela está firmada numa necessidade inerente que há no âmago de todas as coisas; e é de acordo com a lei imutável que todas as coisas subsistem. Entretanto, nunca esqueçamos que Deus é o Redentor bem como o Criador, e se reserva o direito de sofrer quando nós

violamos suas leis, para que possa intervir e remir os que se mostram arrependidos e crêem nele.

Temos a impressão de que, em Lucas 7.35, o Senhor se apropriou dessas palavras aplicando-as a si mesmo. Como é glorioso saber que ele se apropria também do versículo 31! Não é somente depois que somos remidos que ele tem prazer em nós, mas antes; e é com base nisso que nos dirige seu apelo: “Felizes são os que guardarem os meus caminhos” (v. 32). Velemos dia a dia às suas portas, e esperemos às ombreiras de suas portas. Achá-lo é achar a vida eterna (1 Jo 4.9).

PROVÉRBIOS 9

Dois Convites Diversos. Existe uma competição perene entre a sabedoria e a loucura, a virtude e o mal. O palácio da sabedoria é muito atraente — bem construído e bem mobilado. Está edificado sobre sete colunas de mármore bem esculpidas, dispostas em forma quadrangular, mantendo as portas escancaradas. É uma eterna mansão, estável e bela. Grandes preparativos são feitos para a festa, que é franqueada a todos — em notável contraste com a ceia particular para a qual a loucura chama o incauto jovem. A bela anfitriã, porém, envia suas criadas aos lugares públicos para oferecer convites gratuitos a todos que quiserem aceitar. (Ver Mateus 22.1ss.)

O convite é dirigido somente aos simples ou aos que têm coração como o da criança, mas não aos escarneceadores. A sabedoria deixa o escarneceador passar, porque uma palavra dirigida a ele somente rebateria de volta nela mesma, e aumentaria a maldade dele. Zombar das coisas santas e escarnecer do poder divino é correr o risco de cometer o pecado imperdoável. Assim é o homem que entra para a festa sem as vestes nupciais.

PROVÉRBIOS 10.1-16

O Justo e o Perverso. A riqueza tem suas vantagens, que são mais do que evidentes. “Os bens do rico são a sua cidade forte” (v. 15); mas os tesouros que tenham sido obtidos pela maldade logo são dissipados. Eles “de nada provei-

tam” (v. 2). Esse livro contém o notável pensamento de que a riqueza mal adquirida jamais é acumulada para o proveito do possuidor, mas para o proveito do justo, e só se tornará útil depois que cair em mãos que a usem benévola e retamente.

Mas há uma outra espécie de riqueza, que jamais criará asas e fugirá, que nenhuma traça pode corroer nem ladrão roubar, e que será útil não somente aqui mas no futuro. Notemos a antítese do versículo 2. Se alguém quer aumentar sua riqueza, dê-a. (Ver o versículo 4.)

A obra de cobertura realizada pelo amor, mencionada no versículo 12, é enfatizada em 1 Coríntios 13.7, 1 Pedro 4.8 e Tiago 5.20. Deus cobre o pecado, de modo que a lembrança dele é obliterada (Ez 33.16).

PROVÉRBIOS 10.17-32

“A Bênção do Senhor Enriquece.” Estejamos atentos, evitando falar demais. O silêncio é de ouro. (Ver o versículo 19.) Mais: “Prata escolhida é a língua do justo” e “Os lábios do justo apascentam a muitos” (vv. 20,21). Quando falarmos, digamos algo que faça com que as pessoas, às quais falamos, sintam que seu coração está mais leve e que os horizontes celestiais estão mais perto e mais claros. Seja o que for que façamos, tenhamos cuidado com a difamação (v. 18). Por nossa própria experiência, sabemos o que é aceitável; tenhamos cuidado para que nossa boca produza sabedoria e graça (vv. 31,32).

Mas esse trecho da Escritura não trata apenas da fala do homem bom, mas também de sua estabilidade. A bênção de Deus está sobre ele, enriquecendo-o de todas as maneiras; e nesse ouro não há nenhuma mistura, nenhum desgosto no amor de Deus (v. 22). O anelo do justo se realiza porque é gerado pelo Espírito Divino. Ele se acha fundamentado sobre a Rocha Eterna (vv. 25,30). Sua esperança é alegria (v. 28). Enquanto anda no caminho do Senhor reúne forças (v. 29). E mesmo que caia, não fica prostrado, porque Deus o socorre com seu poder salvador (Sl 37.24).

PROVÉRBIOS 15.1-17

Palavras Bondosas e Corações Alegres. “A resposta branda; a língua dos sábios; a língua serena; a oração dos retos” — essas palavras-chaves dizem respeito a uma das mais importantes áreas da influência humana. Se pudermos dominar nossa palavra, ou pelo menos confiar a guarda de nossa língua e nossos lábios ao Espírito de Deus, quantas aflições pouparemos a nós mesmos e a outros! E Deus quer vigiar-nos e guardar-nos. (Ver o versículo 3.)

Notemos também os estímulos a uma vida reta e santa! Grande tesouro em casa; oração atendida; o amor de Deus; o coração alegre; o coração entendido — tais são alguns dos subprodutos e experiências daqueles cuja vida está “oculta juntamente com Cristo, em Deus”. Quando damos o primeiro lugar às coisas mais importantes, tudo o mais nos é acrescentado.

Que conforto é saber que Deus examina nosso coração e o conhece totalmente! Sim, e isso é bom mesmo quando ele nos castiga e corrige. Não há bem-aventurança comparável à do pecador perdoado, que é chamado para “o esconderijo do Altíssimo”.

PROVÉRBIOS 15.18-33

As Palavras a Seu Tempo. Aprendamos a ser tardios em irar-nos. Esse trecho fala do gênio calmo que é uma bênção para quem o possui, na vida e na morte. Diz-se que a disposição de ânimo representa nove décimos do caráter cristão. A melhor prova de que alguém é crente é ser calmo. Conta-se de um japonês que leu um folheto, e se dispôs a abandonar a bebida e a aceitar Jesus Cristo. O efeito imediato sobre seu temperamento foi tão grande que sua esposa, que havia sofrido muitas vezes seus incontroláveis acessos de raiva, disse “Se esse é o efeito do cristianismo, quero tornar-me cristã”. Quando, posteriormente, os missionários visitaram o lugar, encontraram a ela e a mais dez pessoas esperando batismo.

Como esses provérbios sugerem, o método mais rápido de se vencer e erradicar o erro é, pelo poder de Deus,

cultivar a justiça. Desse modo trilharemos o caminho do entendido que leva para cima, para a vida celestial dos anjos, e assim evitaremos um inferno de miséria. (Ver o versículo 24; Filipenses 3.20 e Colossenses 3.1.)

PROVÉRBIOS 20.1-15

Sobriedade; Atividade; Honestidade. A bebida forte é o maior inimigo da felicidade humana. Ela exerce influência sobre os homens através de belas promessas, mas, depois que se apossa dele, zomba da miséria de seu desprezível escravo. Ela promete força para o braço, alegria para o coração, brilho para a mente; mas não cumpre essas lindas promessas, e o fim é a fraqueza, a miséria, e a imbecilidade. Que cada um que lê essas palavras, daqui por diante, renuncie a ela totalmente!

O preguiçoso é mencionado várias vezes nesse livro para estimular-nos a uma atividade diligente. Afinal de contas, não é por meio de grandes dons, que o homem vence na vida, mas por meio de uma paciente persistência. Na verdade, o maior gênio pode ser superado por um trabalhador diligente, se o primeiro não possuir essa valiosa qualidade, e o segundo a tiver. “No zelo não sejais remissos... servindo ao Senhor.” (Rm 12.11.)

Nossa vida inteira se acha aberta aos olhos de Deus. Ele conhece perfeitamente todas as transações no banco, o escritório, a contabilidade e os pesos da balança. Ele detecta qualquer ato que não seja de total honestidade; e, para toda mentira há um inevitável castigo.

PROVÉRBIOS 20.16-30

“*O Ornato dos Jovens.*” Que pensamento maravilhoso contém o versículo 27! Nós somos como uma fileira de velas apagadas, esperando que o Espírito de Deus venha e nos acenda. Será que a Natureza Divina já se curvou sobre sua natureza, comunicando a ela seu brilho e seu fogo? Se assim for, tome muito cuidado para que nenhuma luzada de vento extinga essa chama sagrada; e cuide para que ela receba o suprimento diário de que precisa. O

parágrafo inteiro parece irradiar o claro brilho dessa luz, que não pode ser escondida debaixo do alqueire, mas é colocada no suporte, e alumia a todos que entram. Assim brilhe a nossa luz de modo que os homens possam admirar, não o velador nem o pavio, mas a glória da luz de Deus que de nós se irradiava.

Uma pessoa assim será honesta (v. 17); será prudente (v. 18); fugirá do mexerico e da bajulação (v. 19); honrará os pais que lhe deram a vida (v. 20); ganhará uma boa herança por meio de diligente trabalho (v. 21); esperará o livramento de Deus (v. 22); aceitará a direção do Senhor (v. 24); seguirá o amor e a fidelidade (v. 28); será forte, pura e fiel. Esse deve ser o ornato de todos os jovens para que seja bela a sua velhice (v. 29).

PROVÉRBIOS 22.1-16

“*O que Ama a Pureza do Coração.*” Grandes riquezas nem sempre são uma grande bênção. Colocadas a serviço de Deus, elas podem ser usadas para conceder grandes bênçãos não só para quem recebe o benefício mas também para o doador. Mas nós nos lembramos de outra riqueza, que não consiste do que um homem *tem*, mas do que ele *é*. Há quatro níveis de experiência humana — ter, fazer, saber e ser — e estes, na mesma ordem, são como o ferro, a prata, o ouro e as pedras preciosas.

Algumas dessas riquezas são apresentadas aqui: o bom nome e ser estimado (v. 1); a fé que se esconde em Deus (v. 3); a verdadeira humildade e o temor do Senhor (v. 4); um coração de criança (v. 6); a generosidade (v. 9); a pureza de coração e pensamento (v. 11); a disposição e a diligência (v. 13). Se cultivássemos as graças interiores e nossos dons espirituais, todos os que recebem nossa influência seriam enriquecidos na mesma proporção.

PROVÉRBIOS 25.1-14

A Palavra Dita a Seu Tempo. Esses provérbios foram coletados 250 anos depois dos dias de Salomão, pelos escri-

bas do rei Ezequias. A glória de Deus é grande demais para ser desvendada ao olho vulgar da mera curiosidade, mas será revelada às pessoas de alma nobre que a procuram como a um tesouro escondido. Os grandes governantes do mundo devem ter seus conselhos secretos, mas convém que se livrem do perverso, como se livra o ouro da escória. Comparemos os versículos 6 e 7 com Lucas 14.8-10. As idéias amadurecidas são as melhores; é bom deixar decisões sérias para o dia seguinte; sejamos refletidos ao planejar e prontos a pôr os planos em ação depois de formados. Não revelemos a outrem uma questão que deve ser acertada entre nós e nosso próximo (Mt 18.15). Uma palavra dita no momento certo é como uma maçã de ouro em uma salva de prata filigranada. Como um gole de água fria que refresca o ceifeiro sedento, assim é um mensageiro que executa fielmente sua missão, para aquele que o enviou.

PROVÉRBIOS 25.15-28

Autodomínio e Longanimidade. Nesse parágrafo temos boa orientação quanto ao nosso procedimento em relação aos diversos tipos de indivíduos com os quais somos obrigados a ter contato diário. Se lidamos com uma pessoa dura como um osso, tratemo-la com brandura, porque uma língua branda conquistará seu coração, justamente porque ela encontra um tratamento novo e inesperado que há muitos anos ninguém lhe dava. Tenhamos cuidado com as palavras melifluas; podemos ser ferroados. Não sejamos por demais abusados ou intrometidos nos assuntos do próximo, nem peçamos auxílio dele muitas vezes. Mantenhamos distância do mexeriqueiro. Tenhamos muito cuidado acerca daqueles a quem confiamos nossas aflições. O vinagre derramado sobre a potassa a faz efervescer; assim a alegria exuberante é incompatível com um coração aflito. Se nosso amor fracassar na tentativa de conquistar nosso inimigo, o Senhor nos recompensará por revelar-nos e comunicarmos a perfeição pessoal dele (Mt 5.43-48). Se censurarmos o difamador,

nós o silenciaremos. Não cedamos ao perverso, para que não nos tornemos um manancial poluído. Tenhamos domínio próprio; melhor que isso, entreguemos as chaves de nossa vida a Emanuel, e seja ele entronizado em nossa alma.

PROVÉRBIOS 27.1-22

“*Conselho Cordial.*” A palavra-chave desse trecho é “amigo” (vv. 9,10,17). Amigos, de acordo com o sentido original da palavra hebraica, são os que sentem prazer na companhia um do outro. Ou são úteis um ao outro porque um possui dons de que o outro não tem ou têm gostos iguais.

É na amizade que conseguimos conhecer-nos bem, como um homem vê seu rosto refletido na água (v. 19). Nós nos abrimos um com o outro; nosso amigo traz à tona traços de caráter dos quais dificilmente temos consciência. Nossa compaixão e sentimentos são despertados pelas aflições de nosso amigo, e assim como rimos em reação ao bom humor deste, em outras vezes nosso riso pode alegrá-lo. Estremecemos ao pensar que sem o esmerilhamento da amizade seríamos seres frios e “pequenos” (v. 17). Como são doces as amizades humanas (v. 9). Por que não buscar confiança e doçura iguais no maior Amigo que existe? É claro que existem amizades totalmente hipócritas e sem valor. Uma amizade assim é marcada por alta voz e demonstração ostentatória. (Ver o versículo 14.) Meditemos no oferecimento de Cristo (Jo 15.14,15).

PROVÉRBIOS 30.1-17

O Conselho de um Sagaz Observador. Esse capítulo contém uma coletânea de provérbios de uma só pessoa, Agur, de quem não sabemos mais nada. Supõe-se que ele tenha vivido após o retorno do Exílio.

À queixa dos versículos 1 a 3, Agur responde: não podemos conhecer Deus por nosso próprio entendimento, mas ele se revela a nós através da Palavra escrita, à qual não se pode acrescentar nada (v. 6). (Ver também João

1.18, que mostra a mais clara revelação que temos dele.) Mas há duas condições: devemos eliminar a falsidade e a mentira; e ficar satisfeitos com o que Deus nos dá. Observemos o seguinte quarteto (vv. 11-14) que nos apresenta quatro espécies de ímpios: os que desprezam os pais, os puros aos seus próprios olhos, os altivos e os gananciosos. O quarteto seguinte (vv. 15,16) fala do insaciável; e esse é seguido de mais uma descrição do destino do desobediente. Isso tem um sentido forte, sábio, arguto, santificado.

PROVÉRBIOS 30.18-33

As Lições das Coisas Comuns. Temos aqui mais quatro quartetos. 1) Há as quatro maravilhas que desafiam o entendimento de Agur. Como o nosso conhecimento é superficial! Como é que a águia se eleva no ar, e a cobra acha apoio na rocha escorregadia, ou um navio vai abrindo caminho através do oceano, ou um homem e uma mulher se apaixonam, por causa de um intercâmbio secreto do coração que mais ninguém percebe? E mais: como pode um pecador continuar a pecar sem sentir remorso?

2) Há quatro situações intoleráveis: um escravo com autoridade, um insensato farto de pão, o casamento da desdenhada, e uma serva, como Hagar, preferida em lugar de sua senhora.

3) Há quatro espécies de animais que provam que é possível ser insignificante e ainda ser sábio: a formiga, o arganaz, o gafanhoto e a lagartixa.

4) Há quatro coisas que dão a idéia de majestade em movimento: um leão, um galo, um bode e um rei "a quem não se pode resistir".

Essa admirável coletânea termina com uma exortação para que reprimamos a ira. Algumas vezes, o fato de nos recusarmos a externar nossa ira é o modo mais seguro de matá-la. Ajamos com ela como se faz a um aposento em chamas. Fechemos portas e janelas, e o fogo pode morrer por falta de ar. Peçamos a Deus para substituir o pecaminoso calor de nossa alma pela santa e brilhante luz do sol divino.

PROVÉRBIOS 31.1-9

A Mulher Virtuosa. Nessas palavras do rei Lemuel observamos a influência de uma mãe na educação de seu filho. A mais nobre ocupação de uma mulher é quando está prevenindo seu filho contra as seduções do prazer e lhe dando um alto senso daquilo que é reto.

Os pecados da carne têm sido a armadilha peculiar de grandes reis, impedindo-os de defender a causa dos injustiçados e administrar julgamento para os pobres e necessitados. Que contraste com a glória da soberania de Jesus! Quando Savonarola, com sua ardente eloquência, pregava em Florença, o povo gritava: "Jesus é o nosso Rei, somente Jesus!" É disso que precisamos. Ele é o Rei cujos súditos jamais se sentirão envergonhados.

Não podemos interpretar os versículos 6 e 7 como uma ordenança divina, mas, sim, como uma admissão de que o álcool comunica um estímulo temporário aos desesperados e agonizantes. Devemos lembrar Provérbios 20.1. Falando ainda dos deveres do rei, Lemuel mostra como sua influência pode ser mais bem empregada (vv. 8, 9). Mas todos nós temos as mesmas obrigações e privilégios.

PROVÉRBIOS 31.10-31

"De Público a Louvarão as Suas Obras." A mulher ideal, aqui retratada, é uma esposa. Ela é o apoio e a segurança o seu marido. Não somente quando chega à sua casa, ainda recém-casada, na glória e beleza de sua mocidade, não somente quando sua beleza feminina provoca a admiração dele, mas, muito depois e até ao fim da vida ela lhe faz bem. Ela está sempre atarefada. É econômica na administração dos rendimentos dele. Se ele traz o dinheiro para ela, gasta-o economicamente visando ao bem-estar de ambos. Quando um amigo meu completou sessenta anos, sua esposa lhe apresentou um investimento que ela fizera para ambos, devido a uma sábia administração do dinheiro a ela confiado durante os quarenta anos de vida matrimonial.

É no lar que o homem acumula forças para sua vida pública. No lar, a mu-

lher lhe comunica a inspiração e a força que o fazem "estimado entre os juizes". Seu segredo: discreta lealdade, sabedoria e economia inspiram crescente aprofundamento de apreciação, de

modo que o homem que na primavera a escolheu dirá dela entre os flocos de neve da velhice: "Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas".

O LIVRO DE
ECLESIASTES

A Vaidade e o Valor da Vida



1. PRÓLOGO 1.1-11.
2. AS PROVAÇÕES A QUE A VIDA NOS SUBMETE 1.12-12.7.
 - a. A experiência do pregador 1.12-2.26.
 - b. A observação do pregador 3.1-4.8.
 - c. O conselho do pregador 4.9-7.10.
 - d. O pregador louva a sabedoria 7.11-9.18.
 - e. Provérbios — cenas finais da vida 10.1-12.7.
3. EPÍLOGO 12.8-14.

INTRODUÇÃO

A palavra “Eclesiastes” vem do grego, e significa “Pregador”. Na verdade, o livro é um sermão, destinado a mostrar que a natureza dos prazeres do mundo e a realização deles não dão satisfação, a não ser que Deus governe o coração e a vida. A grande lição é que a verdadeira sabedoria do homem está em temer a Deus e estar sempre atento ao julgamento.

O vocábulo “ vaidade”, que ocorre vinte e nove vezes no livro, é a sua palavra-chave. O problema que o autor tenta equacionar é como alcançar a verdadeira felicidade.

COMENTÁRIO

ECLESIASTES 1

O Testemunho de Uma Alma Insatisfeita. “Tudo é vaidade!” Esse grito acha eco no coração dos homens de todas as eras e climas. Era intenção de Deus que o homem fosse feliz. “Tenho-vos dito estas coisas para que... o vosso gozo seja completo.” “O fruto do Espírito é... alegria.” Todavia o ar está carregado de queixas e amargura. Os homens estão constantemente perguntando: “Vale a pena viver?” A era atual está cheia de inquietação e fadiga, de guerra e discórdia, de aspirações e desejos não realizados. O erro está em que os homens procuram resolver o mistério da vida e achar sua felicidade sem contar com Deus, que nos criou para si mesmo.

Esse livro foi escrito e incluído na Bíblia para mostrar que a nossa busca da felicidade é vã, enquanto estiver ela separada de Deus. Salomão teve ilimitadas oportunidades de realizar sua busca. Tinha juventude, riquezas, sabedoria, realeza e amor humano; mas quando tudo isso se misturou na taça

de ouro de sua vida, e ele o bebeu, sentiu-se insatisfeito e triste. Ouçamos o desabafo de um sensualista farto: “Vaidade das vaidades!” Abandonemos essas experiências e nos voltemos para 1 João 2.15-17.

ECLESIASTES 2.1-17,24-26

Vãos Empreendimentos. No começo de sua busca da felicidade, Salomão edificara uma casa esplêndida e planejara gozar todas as espécies de prazeres de natureza estética e sensual. Havia jardins, piscinas de água cristalina, árvores frutíferas, campinas cheias de gado, esplendor real, músicos que enchiam o palácio com suas doces melodias. E fez mais: acrescentou à arquitetura e à arte suas realizações intelectuais. Mas, depois de ter atingido os limites máximos, deu as costas a tudo com a mesma inquietação no coração — “Vaidade das vaidades!”

Alguns dias antes da morte do grande Cardeal Mazarino, um amigo ouviu-o declarar algo parecido com esse mesmo e triste refrão. “Eu estava andando em um dos aposentos do palá-

ció", diz esse amigo, "quando, pelo som dos pés calçados de um chinelo, percebi a aproximação do cardeal, com passos arrastados como os de um homem que sofre de enfermidade mortal. Escondi-me atrás da cortina e o ouvi dizer, enquanto contemplava um a um os seus quadros, um rico tesouro: "Tenho de deixar tudo isto!" À luz dessas coisas, meditemos nas palavras de Cristo em Lucas 12.33.

ECLESIASTES 11

Não Viva Somente Para o Dia de Hoje. A idéia de lançar o pão sobre as águas é uma alusão ao costume oriental de lançar grãos de arroz sobre campos que estão debaixo da água devido à inundação anual de rios como o Nilo. Para quem é inexperiente, isso poderia parecer desperdício, mas o agricultor sabe muito bem que terá a semente de volta com abundantes colheitas. Assim é na vida. Quando orientamos os jovens, distribuimos folhetos, dirigimos palavras de amor a outros, ou investimos nosso dinheiro em empreendimentos filantrópicos, estamos lançando nosso pão sobre as águas para encontrá-lo, depois de muitos dias, neste mundo ou no futuro.

Mas, como é sábio o conselho para não ficarmos observando o vento e as nuvens (vv. 3, 4). A vida de um agricultor é sempre cheia de imprevistos. Se esperar até que todas as condições sejam favoráveis, jamais começará. Assim também acontece com nossa obra para Deus. Temos de arriscar alguma coisa. Muitas vezes a palavra dita em um momento evidentemente impró-

prio virá a demonstrar ter sido uma palavra oportuna, enquanto a que foi dita sob as condições mais favoráveis pode resultar em nada. Deus lhe dá substância quando e como lhe apraz.

ECLESIASTES 12

"A *Suma*." Essa comparação do corpo humano a uma casa é extremamente bela. É clara a inferência de que nosso corpo não é a nossa pessoa, mas apenas nossa morada. Nossa estada neste mundo é como a posse de um inquilino. "Os guardas da casa" são, naturalmente, os braços e as mãos. "Cessaram os teus moedores", visto que, na vida avançada, perdemos os dentes. As "portas da rua" são a boca (os lábios), visto que na idade avançada falamos e rimos menos, e os nossos lábios emurhecem. A voz vacila e se enfraquece. A "amendoeira", com sua floração branca, é, naturalmente um símbolo apropriado da idade avançada. O copo de ouro cai, por fim, partindo-se no choque com o chão, e a "roda" se desfaz.

Qual é, então, a conclusão de tudo isso? É a seguinte: os prazeres terrenos são transitórios; que tudo o que este mundo pode oferecer é uma hospedaria para uma morada provisória — ele não é o nosso lar; que na hora da morte a alma deverá partir em sua grande busca; e que, naquele momento, a única consideração importante será: qual foi sua atitude para com Deus? Amemos a Deus com o amoroso temor de entristecê-lo, o qual lança fora o torturante medo. Isso é "tudo"; isto é, a única questão realmente importante.

O LIVRO DE ISAÍAS

"O Profeta Evangélico"



1. CASTIGO, RESTAURAÇÃO, AÇÕES DE GRAÇA 1-12.
 - a. Introdução 1.
 - b. Judá e Jerusalém 2-6.
 - c. O livro de Emanuel 7-12.
2. AS SENTENÇAS CONTRA AS NAÇÕES 13-27.
 - a. Babilônia, Assíria, Filístia, Síria, Israel, Egito, Edom, Tiro 13-23.
 - b. O castigo do mundo e a redenção de Judá 24-27.
3. OS SEIS AIS 28-35.

(Aos bêbados; a formalistas; aos que escondem seus planos de Deus; aos que confiam no Egito; aos que confiam em cavalos e carros; ao destruidor assírio.)
4. CAPÍTULOS HISTÓRICOS 36-39.
 - a. Jerusalém fica livre de Senaqueribe 36, 37.
 - b. A doença e o restabelecimento de Ezequias 38.
 - c. A embaixada de Merodaque-Baladã 39.
5. DEUS LIVRA DO PECADO E DO CATIVEIRO 40-48.
 - a. A garantia de salvação 40, 41.
 - b. As riquezas da graça 42, 1-44, 23.
 - c. A missão de Ciro 44, 24-47, 15.
 - d. O castigo disciplinador de Deus 48.
6. O SERVO DO SENHOR 49-57.
 - a. A missão do Servo 49, 1-52, 12.
 - b. O sacrifício e exaltação do Servo 52, 13-53, 12.
 - c. A plenitude e a gratuidade da salvação 54-57.
7. NOVOS CÉUS E NOVA TERRA 58-66.
 - a. A luz da alvorada 58-62.
 - b. O Deus redentor 63-66.

INTRODUÇÃO

Isaías teve participação ativa nos assuntos de Judá durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, como profeta e estadista. Foi, também, contemporâneo dos profetas Oséias e Miquéias. Sua carreira pública se estendeu por um período de pelo menos quarenta anos. De acordo com a tradição, ele foi executado sendo serrado pelo meio, durante o reinado de Manassés, do que Hebreus 11.37 pode ser uma referência.

Tem havido muita controvérsia quanto à autoria do livro que traz seu nome. Embora encontremos muitos problemas se atribuirmos o livro inteiro a um único escritor, problemas ainda mais sérios surgem quando se tenta atribuí-lo a diversos autores.

Isaías é chamado o “Profeta Evangélico”, levando em conta que grande parte do livro acha-se indissolúvelmente ligada à vida e à obra do Messias. Quando Filipe encontrou o eunuco etíope a ler essa profecia, “começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus”. O livro contém, também, larga variedade de materiais: oráculos proféticos com referência a nações, sermões, hinos, apocalipses, narrativas e autobiografia. É geralmente considerado como a maior das profecias, e sua influência no desenvolvimento do pensamento cristão é enorme.

A segunda parte do livro (capítulos 40-66) é “um dos mais belos poemas da literatura universal”. O objetivo do autor, nessa parte, é reanimar os israelitas exilados, demonstrando que o Senhor é supremo e que, portanto, nenhum obstáculo será capaz de impedir a restauração de Israel e a destruição dos seus inimigos. Para atingir esse propósito Deus usa os agentes seguintes:

1. Ciro, um “do oriente” (41.2), que também é chamado de “meu pastor” (44.28), e “ungido” do Senhor (45.1), e que deverá ser o instrumento de Deus na destruição de Babilônia, e libertará Israel do exílio.

2. O “Servo do Senhor”. Em várias passagens (41.8; 44.1,2,21) o “servo do Senhor” é a nação de Israel, que executará o seu propósito com referência a todos os povos. Mas, em muitos outros, o “Servo do Senhor” é uma pessoa que sofrerá, e que é belamente descrito como instrumento de Deus para a redenção de Israel e salvação dos gentios. Através de Cristo, o Messias, há de cumprir-se a promessa de Deus a Abraão, culminando num perpétuo reinado de paz e justiça.

COMENTÁRIO

ISAÍAS 1.1-9

A Ingratidão de Uma Nação Favorecida. Esse capítulo é o prefácio das profecias de Isaías. Trata-se de uma exposição clara e concisa dos pontos litigiosos entre o Senhor e o seu povo. Esses apelos foram proclamados com grande veemência, porque, como bem sabiam os políticos e o povo hebreu, a Assíria estava-se preparando para uma grande guerra de conquista, que seria dirigida principalmente contra Jerusalém e seus aliados. Esse capítulo é apresentado na forma de um julgamento, um tribunal em que Deus é tanto o queixoso como o juiz. O profeta procura criar convicção de pecaminosidade no povo, não apresentando um código de leis que tinham sido transgredidas, mas mostrando a ingratidão com que Israel havia retribuído o amor paterno de Deus. É o elemento pessoal do pecado que mais rapidamente convence os homens. “Saulo, Saulo, por que me persegues?” “Tu és o homem!” “E ultrajou o Espírito da graça!”

ISAÍAS 1.10-20

A Religião sem Retidão é Vã. Primeiro, o profeta salienta a miséria que alcançara a nação (vv. 4-9); depois, os pecados das classes dominantes (vv. 10,17,21-23). Num tribunal, os chamados pecados pessoais e secretos, tais como bebedice, vaidade, suborno e opressão dos pobres, resultam em ira e destruição para a nação inteira. Ninguém peca sozinho. Mesmo seus pecados mais particulares se refletem em toda a comunidade. A paina flutua por toda parte. Como resposta, a nação apontava para o esplêndido ritual e para os inumeráveis sacrifícios do culto do templo. Mas essas observações apenas agravaram a seriedade dos seus pecados, pois eram formais e superficiais.

O sacrifício para Deus é um coração abatido e contrito. Um culto exterior é totalmente sem valor, a menos que seja a expressão de uma devoção interior e espiritual. Mas onde há um espírito puro e santo as mais simples formas possuem significado e valor magníficos. Expiar torna-se a base de

uma escada que leva ao céu, e a sarça se inflama com a Divindade. Mas o perdão é oferecido gratuitamente ao culpado. Carmesim e escarlata são as cores mais permanentes, e a remoção delas ilustra a inteireza do amor perdoador de Deus.

ISAÍAS 1.21-31

Uma Nação é Expurgada da Escória Pelo Sofrimento. O grande amigo de nossa alma não abandona seu povo mesmo quando este rejeita as primeiras propostas de sua compassiva misericórdia. Embora eles se recusem a submeter-se a elas, ele se nega a lançá-las fora, e, usando dos castigos purificadores de sua providência, tenta tirá-los dos maus caminhos que escolheram, e a reconquistá-los. Se Jerusalém tivesse ouvido os ansiosos apelos de Isaías, jamais teria sido arrastada ao cativeiro de setenta anos numa terra estranha. Esse é o fogo purificador sugerido no versículo 25. Ele destruiria a base da confiança deles, em si ou em seus aliados (vv. 29, 30); aqueles que os incitavam ao mal e que os haviam levado à desolação seriam exterminados; e emergiria um povo novo e purificado como nos dias de Esdras e Neemias. Agradecemos a Deus pelo fogo purificador que sobrevêm a nós e nossa nação. Não os temamos quando sabemos que são aplicados pela mão de amor. (Ver Malaquias 3.3 e João 15.2,3.)

ISAÍAS 2.1-11

Uma Visão da Paz Mundial. Esse capítulo e os quatro seguintes podem ser colocados juntos, pois constituem uma subdivisão do livro, situando-se nos primeiros anos do ministério de Isaías. Sua data é 735 a.C., mais ou menos à época da ascensão de Acáz ao trono. Os versículos 2 a 4 evidentemente são uma antiga profecia feita por algum profeta desconhecido, visto que Miquéias também a cita. Essa parte apresenta uma bela visão do futuro, quando a amada cidade deverá tornar-se o centro da vida religiosa do mundo, a sede da teocracia, o chamejante centro de um reino de amor e paz. Nós apreciamos essa velha profecia, vendo-a como uma estrela guia em meio à presente

tempestade. Mas ela só poderá tornar-se realidade quando o Filho de Deus, cavalgando seu cavalo branco, tiver subjugoado seus inimigos. Então Apocalipse 21 e 22 realizará esse antigo sonho. O contraste entre a cidade ideal e a verdadeira é terrível (vv. 6-9). Mas, não desesperemos. O Senhor exaltado encontra-se à destra de Deus, apressando a vinda do dia de Deus.

ISAÍAS 2.12-3.12

Uma Exortação à Humildade e à Reverência. Quando os homens não se arrependem, precisam sofrer. Se não lançarem fora seus ídolos e feitiçarias voluntariamente, serão compelidos a fazê-lo pela angústia da decepção que terão com suas impotentes divindades (v. 20). Nessa grande civilização nada seria poupado. Torres altas, muralhas firmes, navios, tesouros, belezas — tudo pereceria. Sua arrogante fé no homem cessará. A vida voltará a ser rudimentar em sua simplicidade no refúgio das ásperas rochas. Numa frase sarcástica o profeta descreve uma nação desesperada escolhendo para governante o primeiro homem que aparecer com uma roupa decente (v. 6); mas é em vão. Quase podemos ouvir o soluço da alma do profeta nos versículos 8 e 9, lembrando-nos das lágrimas de um maior que Isaías, que iria chorar por essa mesma Jerusalém 800 anos depois. O patriotismo é uma das emoções mais puras que podem arder no coração do homem! “Será que existe um homem, de alma tão morta, que jamais tenha dito a si mesmo: essa é a minha própria terra, minha pátria?”

ISAÍAS 3.13-4.6

A Vaidade e o Luxo Egoístico São Condenados. Esse parágrafo inicia-se com a majestosa figura do próprio Senhor, que se levanta para julgar os maus governantes e pleitear a causa do pobre. O profeta menciona os ornamentos das mulheres de Israel, que haviam-se entregado ao luxo e à corrupção. A mulher é a sacerdotisa e a profetisa do lar e da religião, e quando ela troca a esfera da influência espiritual pelo adorno físico, o sal perde o sabor e a comunidade inteira sofre. Quando a mulher

cai de sua elevada posição a varonilidade moral e espiritual de uma terra se perdem. Enquanto o fogo divino não tivesse consumido a corrupção das filhas de Jerusalém e o egoísmo opressor de seus filhos não poderia haver esperança para a cidade. Só então todos os lares de Jerusalém teriam de novo os mesmos gloriosos sinais da Presença Divina que já haviam sido concedidos, antes, ao tabernáculo — a nuvem de sombra durante o dia e o clarão do fogo da *Shekinah* durante a noite. Peçamo-los também para nossos lares!

ISAÍAS 5.1-17

Uma Colheita Decepcionante. Num quadro de grande beleza, Isaías descreve uma vinha situada nas colinas ensolaradas dos arredores de Jerusalém. A ela tinha sido dado todo cuidado que um experiente vinhateiro podia imaginar; mas em vão. Vemos aí o próprio vinhateiro perguntando se havia mais alguma coisa que pudesse fazer. Quando Deus escolhe uma nação, uma igreja ou um indivíduo para realizar uma elevada e santa tarefa no mundo e aplica cuidado e esforço na preparação do instrumento, e seus planos fracassam, não por falta dele, mas por causa da obstinação ou teimosia da alma humana, o castigo dele será determinado pelo que poderia ter sido feito e não se fez. As piores ervas daninhas irão crescer num solo rico. Esse quadro tem um correlato no temor que Paulo sente de ser desqualificado (1 Co 9.27).

Os seis “ais” que se seguem, resultantes da bebedice e da avareza, fazem-nos lembrar as tristezas que rondam o coração egoísta. Como isso é diferente da bem-aventurança das almas humildes que possuem Deus e por ele são possuídas! “O infortúnio matará o ímpio, e os que odeiam o justo serão condenados. O Senhor resgata a alma dos seus servos, e dos que nele confiam, nenhum será condenado.” (Sl 34.21,22.)

ISAÍAS 5.18-30

Advertência Contra o Orgulho, a Intemperança e a Corrupção. As uvas bravas de Judá continuam aqui: atestado cego

(18-20); orgulho próprio (v. 21); bebedice (v. 22); injustiça nos tribunais (vv. 23,24). Como é terrível a descrição da inexorável marcha do pecado que vemos no versículo 18! O vil cortejo que vimos no versículo 14, descendo com tumulto e ruído para a boca escancarada da cova, aparece no versículo 18 sendo puxado para baixo por uma correia. O erro humano começa como um fio; depois o fio dos hábitos se transforma numa corda, e a corda aumenta tornando-se uma correia que, por fim, arrasta o homem para o abismo.

Do versículo 25 em diante temos a descrição do castigo iminente. Terremotos, ataques armados, guerra civil, fome, o avanço devastador de invasões inimigas, uma terra desolada, e o mar a bramir, constituirão as forças de destruição que o pecado de Judá fará desencadear. Os últimos acontecimentos vêm mostrando o terror de tal castigo. Lembremos que a ira do amor é tão severa como um fogo consumidor.

ISAÍAS 6

Um Chamado Para um Serviço Heróico. Os reis morrem; Jesus vive. (Ver João 12.41.) Vem-nos à lembrança Atos 22.17,18. Como é grande o contraste entre o culto desses serafins e os ritos superficiais do homem! “Seis asas” — duas para meditação, duas para humildade e duas para o trabalho. O trabalho deve tomar apenas um terço da nossa energia. “Clamavam uns para os outros” — um espírito inspirado sempre desperta outros. A tríplice repetição da palavra “Santo” subentende a Trindade. Se a soleira da porta treme, muito mais deveria tremer o coração dos pecadores! No capítulo anterior, Isaías tinha proferido seis “ais” contra outros, mas o sétimo e mais severo “ai” é dirigido contra si mesmo. O pecador, assim, como o leproso, grita “Imundo” (Lv 13.45). Existe somente uma solução para um problema como o do profeta (vv. 9-13). Quando os homens rejeitam a graça oferecida por Deus, cada recusa os endurece mais. É, ou o “cheiro de morte para morte” ou “de vida para vida” (2 Co 2.16). A vida do carvalho e do terebinto só parece extinta no inverno; na primavera há um reaviva-

mento dela. Você está no inverno? Ore a Deus pedindo-lhe a primavera!

ISAÍAS 7.1-17

O Sinal de Emanuel. Aqui tem início um novo ciclo de profecia, cobrindo o reinado de Acáz. A história completa que ilustra esses capítulos está em 2 Crônicas 28.5. Deus permitiu a invasão de Judá pela Síria e Samaria porque o povo precisava receber uma séria advertência que viesse reforçar as admoestações e apelos de Isaías. (Ver 2 Reis 15.37.) A Cidade Santa, como predisse Isaías, não seria pisada pelo invasor, embora enfrentasse severo sofrimento e aflição. Essa imunidade, que nem Acáz nem o povo mereciam, foi conseguida devido à fé e oração de Isaías, que suplicou a Deus o cumprimento da antiga aliança.

Essa grande profecia acerca da vinda de Emanuel deve ter dado um novo ânimo àquela geração, como tem alegado a todas que a sucederam. Ela nos lembra o Salmo 46. Que maior conforto podemos ter do que o fato de que Jesus é o companheiro de nossa peregrinação? (Ver Mateus 1.21-23.) Embora as plantações estivessem abandonadas, o gado nas pastagens dos montes produziria manteiga e as abelhas silvestres, mel; e isso supriria o povo de alimento até que o invasor se houvesse retirado. Embora Deus nos castigue, ele não esquece o pão nosso de cada dia.

ISAÍAS 7.18-8.4

Um Inimigo Estrangeiro — Instrumento de Deus. Acáz, como já vimos, convocou o rei da Assíria para seu auxílio. Essa medida, ditada pela prudência humana, trazia em si um tremendo perigo. Mais tarde, ele e seus conselheiros iriam arrepender-se da decisão, e pagariam caro por introduzir a Assíria na complexa política desses estados menores. Embora essa medida pudesse obter um sucesso temporário, como a que Isaías sugeria no nome dado a seu filho recém-nascido, por fim, funcionaria de maneira desastrosa, resultando no despovoamento e na desolação do país. Os camponeses empobrecidos teriam uma vaca em vez de uma manada, duas ovelhas em vez de um re-

banho. Não é esse o resultado dos expedientes que criamos para substituir a fé em Deus? No começo eles parecem promissores, mas acabam por fracassar deixando-nos frustrados. É a velha lição: “Não te estribes no teu próprio entendimento” (Pv 3.5).

ISAÍAS 8.5-18

Tema o Poder de Deus, Não o do Homem. É provável que a Síria e Samaria tenham tentado atacar Acáz por não querer ele participar de uma federação contra o crescente poderio da Assíria. Ao que parece um forte grupo queria pressioná-lo a tomar essa medida, mas nesse tipo de esquema eles repudiavam a proteção divina (v. 6). (Comparar com o Salmo 46.4.) Por outro lado, Acáz e o grupo da corte procuraram aliar-se com a Assíria. Mas Isaías nunca deixou de afirmar que a verdadeira linha de defesa era excluir tudo o que fosse inconsistente com o temor de Deus. Ele seria o santuário de defesa e abrigo no dia da aflição (vv. 13,14). Em Hebreus 2.13, aprendemos que quando assim falava, o profeta estava sendo plenamente inspirado pelo Espírito Santo. Se os homens não edificarem sobre a pedra fundamental de Deus, eles cairão sobre ela e serão destruídos. (Comparar o versículo 15 com Mateus 21.44.) Não estamos nós também em perigo quando substituímos a aliança e a união eterna com Deus por alianças humanas? Seja a nossa comunhão com o Pai e o Filho; esperemos por ele até que clareie o dia e nasça a estrela da alva (2 Pe 1.19).

ISAÍAS 8.19-9.7

O Príncipe da Paz. Quando os homens param de confiar em Deus e passam a contar com o socorro humano, muitas vezes voltam-se para a necromancia e o espiritismo. O médium substitui o Mediador. Procura-se a sessão espírita em vez da lei e do testemunho. Por que os filhos de Deus querem cochichos secretos, quando a sala de audiências de Deus lhes está sempre aberta? O que ele não nos diz são coisas que não precisamos saber.

A terra da Galiléia estava destinada a sofrer intensamente, mas dias melho-

res raiariam para suas montanhas e lagos. A alegria que lhes estava reservada é comparada ao nascer do dia (v. 2); à alegria da colheita (v. 3); e à satisfação das tribos oprimidas quando Gideão destruiu o poder de Midiã (v. 4). Os apetrechos de guerra iriam tornar-se lenha para as fogueiras dos camponeses.

Que nomes grandiosos são dados ao Senhor! Eles não se aplicam a nenhuma outra criancinha! Coloquemos o governo de nossa vida sobre os ombros dele; e, à medida que ele se expande, o mesmo ocorrerá com nossa paz. Peçamos ao zelo de Deus para fazer isso por nós! No poder de sua graça, entreguemos a direção de tudo ao maravilhoso Filho de Deus.

ISAÍAS 9.8-17

Falsa Liderança Traz Ruína. Aqui são citados novamente os graves pecados do povo escolhido. Eles desafiaram Deus (vv. 9,10). Recusaram arrepender-se; foram cegos, surdos e profanos (v. 13). Seus líderes religiosos e políticos os desencaminharam (v. 16). O que podiam eles esperar senão os castigos do Altíssimo!

Eles não atenderam ao clamor de Isaías, e 2 Reis 15 narra as consequências. Parece muito terrível. Mas o que seria das clareiras da floresta se todos os sinais de doença, deterioração e morte não fossem removidos! O que se diz da esfera física aplica-se também à moral. Quando uma nação deixa de contribuir para o progresso da humanidade e começa a impedi-lo ela deve ser removida do caminho.

ISAÍAS 9.18-10.4

A Injustiça Social é Condenada. A terrível denúncia dos parágrafos anteriores continua aqui. Notemos a impressionante repetição do refrão: 9.12,17,21; 10.4. A anarquia interna se propagou com a rapidez do fogo em capim seco. O ciúme e a desconfiança deram origem a um ódio assassino. Nem mesmo os laços de fraternidade conseguiriam deter a faca do assassino. Sofrendo os horrores da fome os homens viriam a comer a carne uns dos outros (v. 20). A guerra civil viria a exaurir as forças

que, aliadas à bênção de Deus, poderiam ter detido o invasor. Os fracos iriam tornar-se o despojo dos fortes, e não haveria livramento. Que perguntas terríveis as de 10.3! “Mas que fareis vós outros?” “A quem recorreréis para obter socorro?” (Ver Hebreus 9.26-28.) Que esperança pode haver para a alma que chegou a conhecer a oferta de perdão em Jesus e a recusou? Prezado amigo, apressa-te, refugia-te na Rocha!

ISAÍAS 10.5-19

Os Poderosos São Derrubados. Essas perguntas (v. 3) foram dirigidas ao invasor assírio, cetro e vara de Deus. Ele foi o meio de infligir ao mundo daquela época e em especial ao povo escolhido o castigo merecido. Mas ele não sabia disso, considerando-se livre para fazer o que quisesse sem consultar àquele Poder Mais Alto do qual ele era representante. Mas a maneira implacável como executou sua missão também foi alvo do julgamento divino (vv. 12-15).

A tomada de Jerusalém parecia tão fácil quanto pegar um ninho de passarinho. Até as mais fortes barreiras que as nações podiam opor às armas do rei assírio eram superadas por ele; certamente a cidade dos hebreus também não escaparia. Mas ainda teriam que se haver com Deus (vv. 16-19). A imagem aqui é tomada emprestada de um incêndio na floresta, que começa no mato rasteiro e, daí a pouco, consome as árvores mais altas e mais grossas. Assim também o fogo da destruição seria ateado durante o ataque à Cidade Santa, sendo que, por fim, envolveria todo o império assírio. Não tenhamos medo da ira do homem. Deus se aproveita dela para o seu louvor, e refreia o efeito do restante.

ISAÍAS 10.20-32

Os Restantes Voltarão. Observemos o efeito da invasão assíria. Os sobreviventes mais uma vez aprenderão a “estribar-se” em Deus (v. 20). É uma expressão notável! Meditemos atentamente nos versículos 20 e 21. Lembremo-nos da famosa carta-pastoral do Cardeal Mercier, escrita após a devastação da Bélgica (I Grande Guerra):

“Homens há muito desacostumados da oração estão de novo voltando-se para Deus. E essa oração não é um discurso decorado, ela brota espontânea do coração aflito, e toma forma aos pés de Deus pelo próprio sacrifício da vida”. Evidentemente, é necessário que Deus, de tempos em tempos, abale os alicerces da sociedade humana de maneira que os homens sejam despertados para apreciar as realidades elementares de Deus e da alma (vv. 24-27). A destruição de Senaqueribe é comparada à derrota dos midianitas conquistada por Gideão, e a dos egípcios, no mar Vermelho. Aí, o peso e o jugo seriam destruídos, no que dizia respeito a Jerusalém, em resposta aos ungidos sacerdotes que haviam orado pela libertação dela. Mas, quanto mais bênçãos teremos pela oração de nosso ungido Salvador!

ISAÍAS 10.33-11.9

O Reinado do Messias. O avanço dos assírios pela grande estrada do norte é descrito vividamente. Ele se caracterizou por ataques de surpresa, contra cidades e povoados. O céu noturno ganha uma aparência sinistra por efeito das chamas. Mas a queda dele seria tão súbita e irrecuperável como a de uma árvore derrubada na floresta. E ao fim desse capítulo, quase podemos ouvir o estrondo da árvore assíria chocando-se com o solo ao cair, e, nas suas raízes não há brotos. Mas, no seguinte, o profeta vislumbra um belo e forte rebento surgindo do tronco da linhagem de Jessé. Em seguida, é apresentada a visão do Rei, que não pode ser outro senão o divino Redentor em quem repousa o sétuplo Espírito de Deus. O versículo 2 descreve a obra do Consolador e é, evidentemente, o modelo do majestoso hino “*Veni Creator Spiritus*”. Mas, lembremos que aquele, sobre quem repousou essa unção divina, deseja conceder o dom pentecostal ao menor de seus discípulos (1 Jo 2.27). Notemos que, assim como o pecado do homem trouxe sofrimento e gemidos sobre toda a criação, assim também a sua redenção a libertará disso (Rm 8.19-25).

ISAÍAS 11.10-12.6

Um Cântico de Ações de Graça. E a visão do profeta continua. Ele viu os efeitos da redenção realizada por Jesus Cristo, sobre toda a criação; agora ele contempla a restauração de todo o Israel. A antiga inimizade entre Efraim e Judá deixará de existir. Como Paulo mais tarde irá declarar: “Todo o Israel será salvo” (Rm 11.26). Assim como eles foram trazidos do Egito, assim também serão trazidos de todos os países do mundo onde têm vivido durante todos esses séculos de cristianismo. Os judeus que retornaram sob o comando de Esdras eram apenas de uma tribo, e não representam o cumprimento dos grandes sonhos de todos os profetas como esse de Isaías.

O capítulo seguinte é o complemento de Êxodo 15. Quando os inimigos de Israel forem esmagados na grande batalha do Armagedom, as hostes resgatadas desse povo entoarão esse cântico.

O terceiro versículo era cantado pelos sacerdotes no último dia da Festa dos Tabernáculos (Jo 7.37,38). O adjetivo possessivo “meu”, “minha” é o balde com que tiramos água das profundezas de Deus. Nossa rota de peregrinação está assinalada por poços de socorro salvador.

ISAÍAS 24.1-13

A Desolação de um Mundo Pecador. Esse e os três capítulos seguintes constituem uma profecia só, descrevendo as calamidades prestes a devastar a terra porque os habitantes “transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna”. Ela focaliza, principalmente, as experiências da Palestina com as sucessivas invasões de nações provenientes do vale do Eufrates, primeiro de Nínive e, a seguir, da Babilônia. Existe uma curiosa conexão entre a condição da alma do homem e a reação da natureza que o cerca. As próprias vides suspirarão em dolorosa sintonia com a miséria e o pecado predominantes (vv. 7-9); e, na grande cidade, reinará o silêncio nas ruas dizimadas pela peste e pela guerra (v. 10-12). Tanto no Antigo como no Novo Testamento as

bênçãos de abundância e bem-estar são frutos de um viver santo; mas, mais cedo ou mais tarde, o mal sobrevém ao que erra. “Confia no Senhor e faze o bem; habita na terra e alimenta-te da verdade.” (Sl 37.3.)

ISAÍAS 24.14-23

O Inevitável Castigo do Pecado. Existe sempre um remanescente fiel, como afirmam os versículos 13 e 14, que, após o rebuscar, ainda são encontrados nos galhos mais altos. Os sobreviventes que se foram pelos mares para fugir ao castigo, adorarão o Senhor por sua bondade e misericórdia.

O Oriente está em contraste com o Ocidente (v. 15). Seja qual for o lugar da terra para onde fugiam os perseguidos, eles serão levados a reconhecer a glória do Justo. A dispersão da igreja nos seus primeiros anos, serviu para que a mensagem e a música do evangelho fossem levadas a toda parte. Mesmo que tenhamos de viajar até aos limites do sofrimento, glorifiquemos o nosso Deus.

Notemos a instabilidade das coisas terrenas (v. 18ss). Ai daqueles que nelas confiam! Lembremo-nos de edificar dentro dos limites do reino eterno de que fala Hebreus 12.23-28. Quando todos os reinos da terra forem destruídos, o reino de Israel, que Deus eleger desde a antiguidade, permanecerá (v. 23). Possamos nós, como irmãos do Rei, participar da glória dele e com ele reinar nos grandiosos dias futuros! Enquanto isso, glorifiquemo-lo nos céus.

ISAÍAS 25

Tristeza Transformada em Alegria. Eis um cântico de ações de graça pela queda da Babilônia. Quando ela caiu, um suspiro de alívio perpassou todo o mundo, e nações fortes e terríveis, sobre as quais ela havia exercido sua tirania, gratamente reconheceram a bondade e a justiça do Senhor. Ao ler essas maravilhosas palavras, podemos antever o cântico que soará quando a Babilônia espiritual for arrasada (Ap 19.1-7).

Observemos como Deus se desdobra para atender às nossas necessidades, seja de fortaleza, de refúgio ou de sombra. Busquemos nele o de que mais

necessitamos. Como a nuvem estende seu véu e enconbre o sol ardente para abrandar o calor dele, assim Deus intervém para diminuir os sofrimentos dos que lhe pertencem. O exultante cântico dos tiranos, seu hino triunfal, será silenciado. Pelo versículo 6 depreendemos que a fome do homem por Deus só pode ser satisfeita em Jesus; e, pelo versículo 7, que o medo da morte e da vida futura, que cobre pesadamente toda a humanidade como um véu, cessará para sempre quando Jesus vier segunda vez para a salvação. (Comparar com 1 Coríntios 15.54.) Deus não somente enxugará as lágrimas de nossos olhos, mas as fontes das lágrimas também secarão (Ap 21.4).

ISAÍAS 26.1-10

A Paz que Vem de um Propósito Firme. Sem dúvida quando Babilônia caiu diante de Ciro, o remanescente judaico sob a direção de Esdras e Neemias deve ter cantado essa ode triunfal, que faz um contraste entre o destino de Babilônia e o de Jerusalém. A primeira é a cidade deste mundo e seus filhos; a outra, a cidade e o lar dos santos. O destino da Babilônia está delineado nos versículos 5 e 6; mas, que palavras brilhantes o profeta usa para descrever a bem-aventurança dos que são concidadãos dos santos e da família de Deus (Ef 2.19). Notemos no versículo 3 uma das portas que Deus coloca na alma para que não entre nela uma única nota de alarme ou medo. Deus é a Rocha eterna (v. 4). Nossa confiança deveria ter a permanência do amor dele: perpetuamente. Depois que Deus abater os que habitam no alto, até o mais fraco pé poderá pisar nele. Deus aplanar o caminho do justo. Por mais difícil que seja nosso caminho, ousemos acreditar que estamos sendo conduzidos com justiça. Deus não comete erros. Qualquer outro caminho seria impraticável. Nutramos os desejos que nossa alma tem de Deus; eles são fruto dos estímulos e impulsos do seu Espírito.

ISAÍAS 26.11-21

Castigados Pelo Sofrimento. Quando Deus estabelece a nossa paz, nem um mundo em armas contra nós pode perturbar

bar-nos. Nossa paz é fruto da convicção de que Deus vai adiante de nós e prepara nossas obras. Mas, tenhamos o cuidado de louvar o seu nome.

Não tenhamos medo dos nossos adversários. Quando Deus nos trouxe de volta dos confins da terra, ele nos livrará de labores e laços. Como sugere o versículo 16, derramemos nossas orações como se derrama o conteúdo de um vaso, embora, como o hebraico dá a entender, tais orações sejam apenas sussurros. É verdade que, sem Deus, “não trouxemos à terra livramento algum” (v. 18); mas, quando ele fala, até os mortos ressuscitam. Jesus, a ressurreição e a vida, fala no versículo 19. Que conforto há para os que habitam no pó da auto-humilhação e do desespero, e olham para o Cristo eterno, de quem procedem ribeiros de energia vitalizadora para o coração que crê! Levanta-te e canta, ó coração que sofre! Neste instante a pedra está sendo rolada da porta do teu sepulcro; o orvalho da manhã está vindo sobre ti. Se a terra te expulsar, terás acolhida no céu e abrigo no lugar secreto de Deus até que a violência da tempestade tenha passado.

ISAÍAS 27

O Cuidado de Deus com Sua Vinha. É bom que lembremos que a destruição da Babilônia e a restauração do povo de Deus focalizadas nesses capítulos são simbólicas de outros eventos, para os quais o mundo está sendo preparado. Então, a grande Babilônia dará lugar à Cidade Santa, que desce do céu de Deus. O Egito e a Babilônia são representados pelo dragão, um termo geral que designa um monstro fantástico. Um, tem o Nilo, a outra, o Eufrates. Paralelamente à destruição dos nossos inimigos está o cuidado de Deus para com o seu povo. A igreja é a sua vinha. Não somos nós que cuidamos de Deus, mas ele de nós. Nem por um só momento ele se descuida. Aqueles que se opõem aos seus propósitos serão esmagados debaixo das botas dele. No versículo 6 temos um vislumbre da missão da raça hebréia nos últimos dias.

Notemos, nos versículos 7 a 11, a

diferença entre punição e castigo. A primeira é irremediável e destruidora; o último é sempre comedido. O forte sopro é detido no dia do vento oriental. O objetivo dele é remover nossos pecados. Depois do cativo, acabou-se a idolatria de Israel. Com que ternura Deus reúne os seus desterrados — um a um, como fruta colhida à mão — mesmo os que se achavam mais distantes e andavam perdidos.

ISAÍAS 28.1-13

A Decadência de um Povo Intemperante. Aqui se inicia uma nova série de profecias que vai até Isaías 32.20. Samaria é descrita como uma coroa caduca que está sobre a cabeça da nação por ter sido ela desfavorecida devido à bebedeira nacional. (Ver Amós 4.1.) Ela estava tão estragada pela bebida e pelos males resultantes dela que o invasor assírio poderia saqueá-la como um homem colhe figos maduros. Mas, para Judá, isto é, para os restantes do seu povo, o Senhor será uma coroa, não de soberba, mas de glória. A formosura dela não será como a de uma flor caduca, mas um formoso diadema. O que é o vinho para o homem intemperante, Deus é para o espiritual. (Ver Efésios 5.18.) Aquele que se assenta a julgar, e o que tem de fazer recuar o assalto contra as portas, encontrará nele tudo de que precisa. Nos versículos 7 e 8 temos uma terrível descrição dos diversos efeitos da bebida forte; e, no versículo 9, o profeta cita as duras críticas dirigidas a ele pelos desordeiros daqueles dias maus. Ele replica que Deus lhes responderia por meio dos duros sons da língua assíria, que lhes daria a impressão de gagueira (v. 11); e isso lhes aconteceria porque eles não haviam atendido aos ternos apelos do seu amor (v. 12).

ISAÍAS 28.14-29

A Verdade, o Único Refúgio. No começo do reinado de Ezequias, os líderes judeus tinham feito uma aliança com a Assíria, pela qual ela se comprometia a protegê-los contra todo e qualquer inimigo. Mas o profeta lhes disse claramente que eles iriam decepcionar-se e que, quando o dilúvio do açoite as

sírio passasse pela terra, rumo ao Egito, também os envolveria (v. 18). E ele dá essa sublime descrição da única fundação segura que nunca poderia falhar. O profundo significado dessa predição da preciosa pedra angular é ampliada em textos posteriores (Mt 21.42; Ef 2.20; 1 Pe 2.7). Cristo foi tentado por Satanás e pelo homem. Ele é precioso; ele une as paredes de judeus e gentios que se achavam em posição de confronto. Todas as nossas desculpas e explicações são curtas e estreitas demais, quando Deus entra em julgamento. Fora de Cristo não há paz nem segurança. Cuidemos para edificar sobre ele um santo caráter de ouro, prata e pedras preciosas (1 Co 3.10ss).

ISAÍAS 30.1-17

Uma Desastrosa Confiança no Auxílio Humano. Perto do final do oitavo século a.C., Jerusalém enviou embaixadores ao Egito em busca de ajuda militar para defender-se da Assíria, desobedecendo abertamente às repetidas advertências de Deus. Isaías censurou a medida, definindo-a como “acrescentar pecado sobre pecado”. Embora seus príncipes tivessem chegado a Zoã e Hanes, capitais, e fossem bem-sucedidos em seu objetivo, isso não lhes valeria de nada. Os animais de carga poderiam atravessar os desertos com presentes e subornos, mas seria tudo em vão. Essas verdades, no entanto, eram intragáveis, e os políticos se esforçaram para silenciar o profeta (vv. 9-11). Todo pecado rebate de volta no pecador. A princípio seus esforços parecem valer-lhe; mas logo o muro começa a formar uma barriga, depois oscila, e por fim rui. A atitude certa, recomendada por Isaías no versículo 15, seria renunciar a esse esforço de buscar a ajuda dos egípcios e voltar a descansar no cuidadoso amor de Deus. Se se convertessem e sossegassem estariam salvos! Ah, se nós fôssemos mais tranquilos e confiantes em face do perigo, fazendo calar nossos temores, serenando o coração agitado e reclinando nos braços eternos de Deus! Deus não falhará com você, meu irmão temeroso!

ISAÍAS 30.18-33

A Bondade da Severidade de Deus. Jerusalém recusou o convite de Deus para

se converter a ele e sossegar; os judeus preferiram confiar na cavalaria egípcia. Seu Amigo todo-poderoso sabia que aquilo terminaria em frustração, mas disse que esperaria até que eles tivessem esgotado todos os expedientes e recorressem a ele. Então ele, em sua graça, teria misericórdia. Os frutos do arrependimento e do perdão são apresentados com singular beleza: não haveria mais lágrimas; haveria grande compaixão; a oração seria respondida; receberiam ensino divino e orientação quanto ao caminho reto; não mais teriam ídolos; obteriam boas colheitas e teriam ricas pastagens; a criação seria beneficiada pelo arrependimento do homem. Assim, no versículo 26, chegamos à luz da aurora milenar.

Nos versículos 27 a 33, ele fala do Senhor vindo para vingar seu povo e julgar os inimigos deste. No versículo 29, a alegria deles, na recepção que lhe farão, é comparada aos cânticos das festas hebréias. Que magnífica descrição, nos versículos 30 e 31, do Senhor como um guerreiro! Cada pancada que ele desferir no inimigo fará soar a música dos tambores e harpas no templo de Sião. A “fogueira” é alusão ao lugar onde o lixo era queimado. O correlativo espiritual desse fogo está sempre queimando o refugio de homens e nações.

ISAÍAS 31.1-32.8

Um Futuro Mais Nobre Para a Nação. Isaías continua a censurar a pretendida aliança com o Egito. Seus compatriotas estavam depositando confiança em cavalos e carros, rejeitando o auxílio do Deus de seus pais. Entretanto, não era ele sábio como os egípcios, e igualmente forte? E eles não estavam correndo pavoroso risco ao rejeitar Aquele que não revogaria o castigo que prometera para os que rejeitassem seu auxílio? Na melhor das hipóteses, os egípcios eram homens e não Deus, e seus cavalos, apenas carne. Se ao menos o povo confiasse em Deus, ele enfrentaria seus inimigos, como um leão enfrenta um grupo de pastores desarmados (31.4). Assim como a fêmea do passarinho cobre os filhotes com as asas para protegê-los; do mesmo modo, ele quer estender as asas protetoras so-

bre Jerusalém (v. 5). Mesmo que alguém tenha-se afastado muito de Deus, ainda assim pode voltar para ele com a certeza de que ele o receberá e o resgatará (v. 6).

Senaqueribe caiu pela espada de seus filhos. Compare o versículo 8 com 2 Reis 19.36,37. Como é diferente o nosso glorioso Rei, cuja multiforme natureza vem ao encontro de todas as nossas necessidades (32.2). Diante dele todos os homens são vistos com seu verdadeiro caráter. Somente os que têm um coração de príncipe permanecerão diante dele.

ISAÍAS 32.9-20

Os Frutos da Justiça. Quando o reino de Cristo for estabelecido, trará aflição para os que vivem despreocupadamente. Eles serão afligidos por muito tempo (v. 10), e baterão no peito em lamentação (v. 12). A predição dos versículos 15 a 20 inclui o Pentecoste e antevê a era que se situa imediatamente depois da tribulação que sobrevirá ao mundo. O que agora consideramos um pomar será visto como um bosque em comparação com o que existirá então. Lembremos que a justiça deve preceder a paz. (Ver Mateus 5.24 e Hebreus 7.2.) Quando os castigos de Deus estiverem sendo derramados no ar, e cidades orgulhosas sendo abatidas até o chão, busquemos refúgio em seu amoroso cuidado. Nele está a nossa morada segura e nosso lugar quieto e tranqüilo. Mas, quando o mundo se mostra mais inquieto, prossigamos em nossa obra de salvação; porque quando as águas inundarem as margens do rio, ainda poderemos enviar os bois e os jumentos para abrirem os sulcos para a semeadura.

ISAÍAS 33.1-12

Deus Exaltado Pelo Julgamento. Aqui temos a predição final contra Senaqueribe. Ele havia procedido perfidamente ao voltar-se contra Jerusalém, embora tivesse exigido elevado resgate para deixá-la em paz (2 Rs 18.16). No versículo 2, Isaías lembra a oração diária feita pelos sacerdotes no templo, quando eles recebiam notícias do firme avanço do inimigo. Era bem verdade

que as nações tinham fugido diante dos temidos assírios (v. 3); mas, nesse caso, esses precedentes seriam invertidos (v. 4), porque o Senhor iria levantar-se em favor de seu povo (v. 5). Foi uma agradável garantia a que o profeta deu a Ezequias no versículo 6 — ele teria estabilidade durante a tensão da invasão descrita nos versículos 7 e 8. Deus sempre nos dá uma promessa na véspera da provação. Ele equipa os seus navios antes de expô-los à tempestade. Embora às vezes possa parecer que ele está dormindo, a verdade é que quando chega a hora do livramento, ele não tarda um só momento. Ânimo, meu irmão! Ele voará nas asas do vento para socorrê-lo!

ISAÍAS 33.13-24

A Recompensa do Justo. O fogo devorador e as chamas eternas do versículo 14 evidentemente são os símbolos da presença divina. O justo habita em Deus, assim como a sarça que foi visitada pela glória da *Shekinah* e não foi consumida. O fogo da sua santa presença o torna santo ao mesmo tempo em que o protege dos seus inimigos. (Comparar com o Salmo 15.) Ele é caracterizado por seu andar, seu falar, pelo gesto de mão, pelos ouvidos tapados e olhos fechados. Ele habita nas alturas inacessíveis ao inimigo, e nenhum invasor poderá cortar-lhe seu suprimento de maná escondido e água da vida. No versículo 17, Isaías prediz que Ezequias logo se desvestiria do pano de saco, e os cidadãos não mais sofreriam com o cerco da cidade. Eles se recordariam do terror daquela hora como de um pesadelo, lembrado para ser rejeitado e esquecido. Sião não tinha rio, mas Deus seria para ela tudo o que um rio era para outras cidades, sem as desvantagens de ser navegável, o que pode servir para a entrada de uma frota inimiga. Façamos de Deus o nosso juiz, legislador e rei. Então, ainda que coxeemos de fraqueza, recolheremos nossa parte dos abundantes despojos da vitória.

ISAÍAS 34

Segundo Tormentas. Esse capítulo é uma prolongada descrição dos castigos que

as nações iriam sofrer às mãos da Assíria e da Babilônia. A imagem empregada é tomada emprestada da destruição das cidades da planície. Ribeiros de piche; pó de enxofre; fumaça a subir para sempre; o piado do corvo, do bufo e do pelicano; a invasão dos palácios pelo cardo; o uivo das hienas e do chacal; o abutre com sua fêmea — tais são as ilustrações empregadas para pintar as penosas desolações em perspectiva. Edom ou Iduméia é destacada como uma das que vão sofrer essas terríveis desolações por causa de seu velho ódio a Israel. (Ver Salmo 137.7; Ezequiel 36.5 e Lamentações 4.21,22.) Essas predições terríveis e vívidas já foram cumpridas literalmente, mas prefiguram também os futuros e eternos desastres que sobrevirão aos que consciente e deliberadamente rejeitam os propósitos e leis divinos. Não é fato que nesta hora todas as nações estão sendo julgadas perante o Filho do homem? (Ver Mateus 25.31ss.)

ISAÍAS 35

O Júbilo dos Resgatados. Os castigos de Deus transformam o Carmelo e Sarom em deserto; mas a sua bênção faz o deserto e a terra ressequida ficarem como o Carmelo e Sarom. Onde pouca o sorriso de Deus, o deserto canta e fica atapetado de flores. Nossas mãos podem estar frouxas e nossos olhos vacilantes, mas quando em nosso desamparo invocarmos o auxílio de Deus, ele começará a realizar coisas maravilhosas que ultrapassarão nossa expectativa. Digamos repetidamente para nós mesmos: “O meu Deus virá: sê forte, meu coração e não temas. Ele vem e salvará”. Ah, que tenhamos os sentidos aguçados, que possamos saltar apesar de nossa natureza ter-se tornado coxa pela queda; que saiam cânticos de lábios tocados por Deus! Nosso mais árido deserto se transformará em fontes de água; a miragem não mais nos deixará frustrados; nossa sede será saciada, e os chacais serão destruídos. Nada pode ferir-nos enquanto andarmos com Deus, em santidade. Males pavorosos podem ameaçar lançar sua sombra sobre o nosso caminho, mas não impedirão que can-

temos quando entrarmos na alegria eterna.

ISAÍAS 40.1-8

O Brado do Arauto do Senhor. Algumas vozes estão sempre chegando até nós, vindas do infinito; prestemos atenção a elas. (1) Há a voz do perdão (v. 2). Você já se arrependeu de seus pecados? Já os lavou no sangue de Cristo? Aceitou com humildade a vara do castigo? Então, alegre-se; essa promessa é para você. O seu tempo de serviço árduo como um recruta (tradução literal) está findo, sua iniquidade está perdoada, e você já recebeu em dobro por todos os seus pecados. Deus fala ao seu coração, para que você possa confortar outros como ele o conforta (2 Co 1.4).

(2) A voz da libertação (vv. 3,4). Entre a Babilônia e Canaã havia um grande deserto, com cadeias de montanhas e abismos profundos, e levava-se trinta dias para atravessá-lo. Mas, quando Deus se levanta para livrar seus filhos que clamam a ele dia e noite, os lugares tortuosos são retificados, os escabrosos, aplanados, e os montes, nivelados.

(3) As vozes do desânimo (vv. 6-8). Um arauto, falando com base em sua observação da fragilidade humana, descreve o homem e sua glória como a “flor da erva”. Mas, em contraste com essa, uma outra voz parece proclamar a Palavra de Deus que permanece eternamente. Os preceitos, as promessas e os convites do evangelho são tão firmes como o trono de Deus (1 Pe 1.25).

ISAÍAS 40.9-17

Criador e Governador de Toda a Terra. Aqui Sião recebe ordem de subir a um alto monte e anunciar o advento do Deus-Salvador. Quando todos os olhos se voltam para contemplá-lo, esperarão um poderoso herói, vêem um pastor conduzindo seu rebanho através dos desertos, recolhendo os cordeiros fracos ao peito e conduzindo mansamente as ovelhas e os cordeirinhos. Não tenhamos medo de Deus; ele tem coração de pastor. Nunca teremos palavras para expressar toda a sua ter-

nura, nem seu compassivo e profundo amor.

A seguir, somos conduzidos ao mar (v. 12). Lembremos, diz o profeta, que as mãos de Deus são tão fortes que o oceano, em suas mãos, é como uma gota de água na mão de um homem. Ele pode colocar os montes na balança que segura. Ele é tão grandioso que mesmo que todas as florestas do Líbano fossem colocadas como lenha em seu altar, e todos os seus animais fossem usados em holocausto, não seriam suficientes para cultuá-lo devidamente. E esse Deus é o nosso Deus para sempre e sempre. O Criador dos confins da terra é nosso Pai.

ISAÍAS 40.18-31

O Deus Eterno, o Doador do Poder. O dia vira noite, e, à medida que o crepúsculo avança, as estrelas vão saindo às miríades (v. 26). Para os olhos poéticos do observador, elas parecem um enorme rebanho seguindo o pastor, que chama cada uma pelo nome. Nenhuma abandona o seu lugar; nenhuma está faltando. Será que o Senhor cuidaria tanto das estrelas e nada dos homens? Não terá ele um nome para cada um? Será que não vai guardar e guiar cada um? Se ele susteve os luminosos corpos celestes em suas amplas órbitas, abandonará a pobre alma que se apegava a ele?

Os que esperam em Deus renovam suas forças. No princípio eles confiam na energia e no vigor da mocidade, ou em seu caráter puro e imaculado, ou na glória de serem homens; mas, à medida que os anos passam, eles começam a considerar todas essas coisas como refúgio em comparação com Jesus Cristo, o Senhor (Fp 3.8). Observemos a seqüência do versículo 31! À primeira vista poderíamos achar que a transição fosse de andar para correr e, depois, para voar. Mas essa ordem foi invertida. É mais difícil andar do que subir! Qualquer ciclista pode dizer-nos que é muito difícil manter a bicicleta na velocidade do passo.

ISAÍAS 41.1-16

O Senhor Sustenta o Seu Servo. A concepção dessa passagem é excelente. Ela

mostra o Senhor convocando a terra para determinar quem é o verdadeiro Deus, ele ou algum ídolo dos pagãos (vv. 4, 22, 23). O teste proposto é muito simples! Quem pode, com mais precisão, predizer o futuro? Diferente do caso de Elias, a prova não será dada pelo fogo, mas pelo ajustamento da profecia ao cumprimento dela.

Enquanto essa grande decisão está em processo, Deus, com ternas garantias, volta-se para o seu próprio povo. Por essa ocasião, eles estavam cativos na Babilônia. Achavam-se pobres e necessitados, cercados por inimigos fortes e astutos, contra os quais se encontravam tão impotentes como um verme. Mas nenhuma montanha, por mais íngreme que fosse, nem abismo, por mais profundo que fosse, poderia separá-los do amor divino. O coração e a carne poderiam falhar, mas ele os fortaleceria; as dificuldades poderiam parecer insuperáveis, mas ele os socorreria. Ele faz ainda mais. Ele toma o seu povo, frágil como verme e, desde que se lhe submeta, transforma-o em afiado instrumento debulhador, com lâminas duplas, ante o qual os poderes do mal serão como palha. O homem, ouve o que Deus está dizendo: "Eis que farei".

ISAÍAS 41.17-29

O que a Mão do Senhor Faz Pelo Necessitado. A vida não é fácil para nenhum de nós, se levarmos em conta apenas as circunstâncias externas; mas, logo que descobrimos o segredo divino, rios fluem nos altos desnudos, fontes brotam no meio dos vales, e o deserto floresce como uma floresta. Para olhos comuns pode parecer não ter havido nenhuma mudança nas circunstâncias adversas; mas os olhos da fé sempre enxergam um paraíso de beleza onde outros olhos vêem apenas circunstâncias aflitivas e provações.

Novamente nossa mente é levada a fixar-se na grande convocação anunciada nos primeiros versículos do capítulo. Agora ele desafia os ídolos a dizer ou fazer alguma coisa que prove que são divinos. (Ver os versículos 21 a 23.) Mas não há resposta, e por causa disso é dado contra eles um vere-

dicto esmagador que está registrado no versículo 24. Por outro lado, o profeta do Senhor está preparado com suas predições sobre Ciro, "do oriente aquele" (ver o versículo 2 e 44.28), as quais seriam cumpridas antes que se passasse aquela geração. Demos atenção à palavra firme da profecia "como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso" (2 Pe 1.19).

ISAÍAS 42.1-13

A Obra do Servo do Senhor. Não podemos duvidar de que essa passagem se aplica ao Senhor (Mt 12.18-20). A discreção de sua vida e obra foi claramente demonstrada em todos os minutos em que esteve entre os homens. Ele sempre mandava que os que curava se calassem. Afastava-se das multidões para orar. Permaneceu na Galiléia até que seus irmãos começaram a irritar-se com sua relutância em revelar-se ao povo. Ele não "clamou, nem gritou".

Como era manso e humilde o Senhor! Uma "cana" é figura de um coração quebrado pela crueldade ou pelo sentimento de pecado. A "torcida que fumeira" não pode inflamar-se porque mal consegue manter-se acesa. É o símbolo daquele cujo amor é moroso e frio. Mas nem mesmo esse o Senhor ignora. Ele pode usar os materiais mais banais e menos promissores.

Ele jamais desanima e nunca falhará; e, como *ele* não falha, sua igreja também não, nem nós. Ele nos concede seu amor e poder. Cantemos louvores a ele, falemos dele em hinos.

ISAÍAS 42.14-25

Um Mensageiro Surdo e Cego. Há ocasiões em nossa vida quando Deus parece estar em silêncio. O mal campeia; os ímpios prosperam, a sociedade se entrega ao fascínio do pecado. No entanto, isso é apenas temporário. Deus abandona o seu silêncio e se mostra forte em favor daqueles cujo coração é perfeito para com ele. Ele guia os cegos "por um caminho que não conhecem" e torna "os caminhos escabrosos, planos".

Essas maravilhas não são operadas somente para os sábios e santos, mas para os cegos e surdos que, não obstante, desejam servi-lo. (Ver o versículo

19.) O auxílio de Deus não se acha condicionado ao nosso mérito, mas à nossa fé. Aos olhos dos homens pode parecer que somos os menos indicados para suplicar o socorro divino. Mas, nossas deficiências e falhas constituem nosso mais eloqüente argumento; Deus sabia quem éramos antes de humilhar-se para identificar-se conosco. Aprecie ajudar-nos "por amor da sua própria justiça". Seu nome e caráter devem ser mantidos. Por isso, ele engrandeceu a lei e a tornou respeitável pela incomparável obediência e morte do seu Filho unigênito. (Ver Gálatas 4.4,5.)

ISAÍAS 43.1-13

As Testemunhas do Senhor. Continuamos a ver a convocação da humanidade para decidir quem será reconhecido como a divindade suprema: o Senhor ou algum ídolo. Na arena estão fileiras de imagens impotentes, ricas em pinturas e ouropéis, mas mudas e indefesas (vv. 8,9). Para comprovar suas afirmações, o Senhor chama ao banco das testemunhas o seu Povo Escolhido, para que eles possam dizer o que conheceram, provaram e apalpam do Verbo da vida (v. 10).

Essa função especial não se acha limitada à raça hebréia. Pela palavra expressa do Senhor ela é compartilhada também pela igreja. (Ver Atos 1.8.) Assim como o Senhor deu testemunho acerca da verdade, seus súditos são chamados a fazer o mesmo. (Ver 1 Timóteo 6.13,14 e Apocalipse 1.5.)

Testemunhemos acerca do amor que jamais se cansa. "Não temas... tu és meu." Testemunhemos acerca de um propósito que jamais vacila (vv. 1, 7). Testemunhemos acerca de um livramento que nunca falha. Nós não fomos salvos do fogo e da água, mas salvos, em meio a eles, pela infalível presença do nosso Rei. Peçamos que o Espírito da Verdade testemunhe conosco (At 5.31,32).

ISAÍAS 43.14-28

Um Caminho no Deserto. Tenhamos cuidado para não frustrar a realização do propósito de Deus em nossa vida. Fomos criados para celebrar o seu louvor (v. 21); mas devemos evitar provocar

a revogação do seu bendito propósito. (Ver Números 14.34.) E nós a provocamos pela falta de oração (v. 22); pela negligência das coisas pequenas (v. 23); pela falta de brandura e quebrantamento em nossa disposição (v. 24). “Não te ensoberbeças, mas teme. Porque se Deus não poupou os ramos naturais, também não te poupará.” (Rm 11.20,21.)

Por outro lado, quando de fato nos arrependemos de nossos pecados e os renegamos, eles são apagados (v. 25). É a persistência no pecado que faz com que Deus se afaste de nós. Se renunciarmos ao que é mau assim que dele temos consciência, “o sangue de Jesus seu Filho, nos purifica de todo pecado”. É apagado como uma nuvem no céu e Deus nunca mais se lembra deles contra nós. Ele faz isso por causa de si mesmo. A razão para a nossa salvação e libertação não está em nós, mas nele. A cruz de vergonha e tristeza foi recurso que ele mesmo elaborou, e o Cordeiro no meio do trono é o símbolo da expiação divina, que foi iniciada e consumada devido à inexplicável graça de Deus.

ISAÍAS 44.1-11

“*Além de Mim Não Há Deus.*” Que promessas gloriosas as Escrituras contêm, não somente para os filhos de Deus, mas também para seus descendentes! Aqui, Deus promete provisão abundante à alma sedenta, que anseia por Deus, pelo seu amor e compaixão. (Ver João 4.13,14 e Apocalipse 22.17.) Mas atentemos para a extrema beleza da resposta que, mais adiante, os jovens seguidores do Senhor darão.

Um dirá: “Eu sou do Senhor” (v. 5). Que alegria uma declaração dessas produz no coração de um pai! Jovens amigos, não se sintam satisfeitos enquanto não tiverem confessado a Cristo. Digam: “Eu sou do Senhor”. Outro escreverá na própria mão: “Eu sou do Senhor”; isto é, ele vai dedicar sua mão à obra de Deus no mundo. Ah, escrevamos uma declaração semelhante em cada membro de nosso corpo!

Depois vemos outra vez a disputa com os ídolos dos pagãos (vv. 6-11). Mas, os seguidores deles ficam perdi-

dos quando são confrontados pelo testemunho alegre e seguro daqueles que contemplaram o Rei em sua beleza!

ISAÍAS 44.12-20

A Loucura da Idolatria. Nesse trecho, somos transportados a uma fábrica de ídolos de metal (v. 12). Ao entrarmos, somos advertidos de que verificaremos que os artifícios nada são, e suas obras preferidas não têm préstimo algum. Com esse aviso, observamos ser a imagem fabricada sob pesados golpes do martelo, manejado pelo ferreiro. Após algumas horas de trabalho, ele se sente cansado e com sede. É claro, então, que um ídolo não pode comunicar energia e auxílio duradouros a ninguém já que seu fabricante se cansa tão facilmente.

A seguir, somos levados a uma fábrica de ídolos de madeira (v. 13), onde um carpinteiro está em ação esboçando uma imagem num bloco de madeira. O chão está coberto de aparas, e o ídolo que irá receber culto e exercer autoridade, é manuseado bem desrespeitosamente. Por fim, seguimos um homem que vai à floresta onde ele serra parte de uma árvore para lenha e o resto para fazer sua divindade doméstica. Que loucura! Esses homens estão famintos por um objeto de culto, mas pretendem saciar essa fome com cinzas; eles não conseguem perceber que estão-se enganando a si mesmos. O verdadeiro pão é Cristo.

ISAÍAS 44.21-28

Promessa de Redenção. Quanto conforto divino há nessas maravilhosas palavras! Apesar de todos os desvios e pecados do povo escolhido, eles eram a raça eleita do Senhor, nada faria com que Deus se esquecesse deles; ele os havia resgatado com a força salvadora da sua destra. Ele não poderia esquecê-los, mas esqueceria os seus pecados. Suas transgressões tinham sido desfeitas no firmamento azul do seu amor. Se fossem procurados, não poderiam ser achados. A natureza é convocada para ser uma grande orquestra de louvor. Notemos que a nossa redenção traz mais glória ao Senhor do que a nossa destruição poderia trazer.

No capítulo seguinte, o povo recebe

a garantia de que voltará do cativeiro para reconstruir Jerusalém e reabitar as cidades de Judá. É provável que esperassem que sua volta fosse assinalada por milagres tão maravilhosos quanto os que marcaram a saída de seus pais da escravidão egípcia. Mas Deus nunca se repete; seus propósitos seriam alcançados por meio de um monarca pagão, Ciro, que Deus vinha preparando para ser o executor do seu propósito (v. 28). “Nas profundezas de insondáveis minas de infalível saber, ele esconde seus gloriosos desígnios e executa a sua soberana vontade.”

ISAÍAS 45.1-13

O Instrumento Escolhido do Senhor. Ciro é uma das maiores figuras da história antiga. Seu caráter se tornou um modelo para a juventude grega, em força, simplicidade, humanidade, pureza e moderação. Já vimos que o Senhor havia assegurado ao seu povo que Jerusalém seria restaurada (44.26). É provável que o povo esperasse uma repetição dos acontecimentos do mar Vermelho e do Êxodo. Mas Deus não se repete; e a libertação do cativeiro deveria ser levada a cabo por meio das vitórias que fizeram de Ciro o rei da Babilônia. (Ver Esdras 1.1-4.)

Os planos de Deus são realizados por meio de indivíduos, que ele capacita e chama para missões específicas. Há muita coisa em nossa vida que não sabemos explicar, e que se deve à capacitação dada pelo Todo-Poderoso. Nem sempre reconhecemos as verdadeiras fontes de nossa vida. Elas estão escondidas em Deus. Ele nos cinge, embora não o conheçamos. Não tentemos cingir-nos com nossa própria força, mas estendamos para ele as mãos, certos de que ele não falhará, nem nos abandonará. (Ver João 21.18.) Aqueles que se entregam a Deus assim, de forma total, são chamados a exercer uma fé destemida para comandar, isto é, reivindicar seu poder salvador.

ISAÍAS 45.14-25

Um Convite a Todos os Termos da Terra. Recordando o modo como Deus liberta o seu povo — de forma tão inesperada e maravilhosa — o profeta não pode

reprimir a exclamação: “Tu és Deus misterioso!” “Nas profundezas de insondáveis minas de infalível saber, ele esconde seus gloriosos desígnios e executa a sua soberana vontade.” Podemos não saber como Deus está agindo para salvar-nos; mas é mais do que certo que seu Anjo nos remirá de todo o mal.

Deus faz um contraste entre ele e os ídolos (v. 20). Nós nunca o buscaremos em vão. Os que confiam num homem ou em seus próprios inventos estão destinados a sofrer frustração; mas a fé e a oração fazem muita diferença. Ele é um “Deus justo e Salvador”. Essa é a maravilhosa combinação que a cruz revela. (Ver Romanos 3.26 e 1 João 1.9.) Olhe para ele e seja salvo. Mesmo que você habite numa terra distante ou nos confins da terra, e mesmo que só possa dirigir-lhe um débil olhar, lembre-se de que “há vida num olhar”. Tenha coragem de afirmar: “No Senhor tenho justiça e força”. De nós mesmos, não temos nada! Nossa força é fraqueza! Nossa justiça é cheia de falhas! Olhemos para ele, gloriemo-nos nele, e os homens nos procurarão para descobrir nosso segredo.

ISAÍAS 46

A Salvação de Deus Não Tardará. Eis aqui um surpreendente contraste. A Babilônia está esmagada. Um exército invasor de implacáveis monoteístas matou os sacerdotes idólatras em seus altares e agora está carregando os ídolos para a fogueira. E, como o restante da casa de Israel está testemunhando o extraordinário espetáculo, eles lembram que o seu Deus não precisa ser carregado. Mais ainda, ao contrário, ele carregou o seu povo desde os primeiros dias e continuará a carregá-lo até que os céus tenham passado.

Esse contraste é perpétuo. Algumas pessoas carregam sua religião; outros são por ela carregados. Alguns são sobrecarregados com leis e preceitos minuciosos e um ritual exterior; outros se entregam a Deus para serem por ele levados, tanto na velhice como o foram na infância, quando necessitaram de muito amparo dele. Eles sabem que ele os carregará como um homem carrega

o seu filho, por todo o caminho em que têm de andar até chegar ao seu destino. (Ver Deuteronômio 1.31 e Isaías 63.9.) Deus atende imediatamente uma fé assim, e a sua salvação não tarda.

ISAÍAS 47

O Castigo Para Quem Confia na Maldade. A Babilônia vivia numa segurança descuidada. Era dada a prazeres (v. 8) e dizia em seu coração que sua imensa multidão de astrólogos, mágicos e sacerdotes certamente a preveniriam se algum mal lhe sobreviesse e a livrariam. Mas nada foi tão cabal quanto a sua queda. Já há séculos ela foi sepultada sob montes de ruínas, enquanto o povo hebreu, que ela oprimiu tão cruelmente, é o monumento da misericórdia preservadora de Deus. O fato é que a Babilônia foi além do necessário. Ela foi usada como a vara do castigo divino para os hebreus, mas foi impiedosa ao extremo em seu modo de agir e foi punida por causa desse excesso. (Comparar o versículo 6 com Zacarias 1.15.)

Observemos o verso 4. Por um momento, o profeta deixa de falar da destruição da orgulhosa cidade, para lembrar seu povo que a tribulação da Babilônia provém do braço redentor de Deus. E nunca devemos esquecer que, em meio à destruição dela, havia o fio de ouro de misericórdia divina. O mesmo amor que pairou sobre Nínive deve ter estado ali. (Ver Jonas 4.10,11.)

ISAÍAS 48.1-16

Os Obstinos e Insinceros São Repreendidos. Nós fomos criados para o louvor e a glória de Deus; mas podemos retardar a realização desse alto propósito divino. Com nossa cerviz como tendão de ferro e nossa testa de bronze, confiamos nos ídolos e recusamos a abrir os ouvidos. Por isso ele precisa enviar-nos à Babilônia, onde nos submete a uma fornalha de purificação para remover a escória e as impurezas. Muitos de nós nos encontramos nessas fornalhas por causa dos nossos maus caminhos.

Apesar dos nossos pecados, Deus

se aproxima da boca do forno e, ali, nos escolhe. Ele assim procede por amor de si mesmo, para que seu nome não seja profanado. Ele não pode dar sua glória a outrem. Não sabemos explicar por que Deus estende sua graça a nós, pessoalmente. Ele deve estar a par de tudo, desde o princípio. Então, ousemos crer que a mesma razão que o moveu no princípio será suficiente para levar-nos até ao fim. Ele não é “filho do homem, para que se arrependa”. Ele, que foi o primeiro, será o último. Jesus é tanto o Ômega como o Alfa; o fim, bem como o princípio! Não temas! (Ver Apocalipse 1.17.)

ISAÍAS 48.17-49.13

“Como Luz Para os Gentios.” A primeira divisão desta segunda parte de Isaías se encerra em 48.22, com esta expressão: “Para os perversos, todavia, não há paz, diz o Senhor”. A segunda divisão da Parte 2 termina com uma expressão semelhante (57.21). A primeira divisão termina aqui com uma proclamação para que Israel saia da Babilônia. Eles jamais precisariam ter ido para lá. Se ao menos tivessem sido obedientes em tudo, teriam gozado a felicidade do versículo 18, que contrasta com as palavras do versículo 22. Mas, mesmo estando eles em tais circunstâncias, vivendo em cativeiro e como escravos dos caldeus, a graça redentora de Deus iria triunfar (48.20; 49.5).

A segunda grande divisão da Parte 2 começa com 49.1. Evidentemente, num primeiro plano, esses versículos aplicam-se ao Senhor. (Ver Atos 13.47ss.) Na missão de Jesus, realizou-se o ideal da raça hebréia. Como uma bela flor que brota na haste, ele revelou a beleza e a glória intrínsecas da raiz (49.6). (Ver Oséias 11.1 e Mateus 2.1,2,14,15.)

Mas num sentido secundário, também, o obreiro cristão pode aplicar a si alguns aspectos desse maravilhoso parágrafo. Nossa boca deve ser consagrada a Deus para que ele possa usá-la para os seus próprios e elevados propósitos. Mas não temamos a sombra da sua mão. Ela é a aljava onde ele guarda suas flechas escolhidas ao preparar-se para a batalha!

ISAÍAS 49.14-26

O Senhor Não Pode se Esquecer dos Seus. Essas promessas foram dadas à raça escolhida às vésperas de sua saída da Babilônia. Eles se mostravam tímidos e relutantes ao deixar os cenários onde haviam passado o cativeiro; receavam os perigos e as privações da viagem de volta à pátria, e perguntavam se o grande império que os aprisionara realmente os deixaria partir ou permitiria que a sua cidade se reerguesse das ruínas. Por isso a voz do Senhor assume um tom de veemente persuasão. Meditemos em sua promessa de compaixão e conforto (vv. 13,15,16).

Ele nos guiará com o cuidado de um pastor (v. 10). Ele usará os obstáculos para atender aos seus propósitos (v. 11). Seu amor é maior que o amor materno (v. 15). Ele conserva na memória a lembrança dos seus (v. 16). São pensa que foi desamparada e esquecida (v. 14), mas não é esse o caso. Até os seus muros derrubados estão sempre diante de Deus, com vistas à sua reconstrução (v. 19). O amor de Deus é mais forte do que os nossos mais fortes inimigos (vv. 25,26). Escondam-nos nele, sobrepondo-nos às nuvens de temores que envolvem nossa alma, subindo aos elevados picos de uma fé forte.

ISAÍAS 50

Auxílio Para Aqueles que Confiam Nele. É impossível para Deus repelir aquele que se apegue a ele com arrependimento e fé. Podemos esquadrinhar o céu e a terra, mas não encontraremos nenhuma carta de divórcio. (Ver Deuteronômio 24.1.) E ele envia seu grande Servo, o Senhor, de quem todo esse capítulo fala, para nos livrar e fortalecer nossa fé vacilante.

Essa capacidade de aprender (v. 4) existiu essencialmente em Jesus. Durante sua vida humana ele teve o hábito de dar ouvido ao ensinamento do Pai sussurrado ao seu coração. (Ver João 8.28,40.) Assim, também nós devemos ser despertados por ele todas as manhãs, para que também possamos saber ajudar outros com mais eficiência e compaixão.

Jesus sabia desde o princípio que precisava morrer. (Ver Marcos 10.34.) Mas não voltou atrás. (Ver Hebreus 10.5ss.) E sua decisão não foi plenamente comprovada? O Pai que o justificou estava sempre perto (Jo 8.29; 16.22). Que nós, quando estivermos andando em trevas, possamos aprender com nosso Rei a permanecer sempre junto de Deus.

ISAÍAS 51.1-11

“Desperta, Braço do Senhor.” Esse capítulo é extremamente dramático. Aqui temos consciência de que estamos para receber uma revelação de sublimidade sem paralelo. Ao ouvirmos duas vezes “Ouvi-me”, e também “Atendei-me”, nos versículos 1 a 8, e depois “Desperta”, três vezes (v. 9), percebemos que estamos entrando num grandioso templo. Quando Deus nos diz “Ouvi-me”, compete-nos pedir-lhe para cumprir o “Desperta!”

Lembremo-nos da solidão de Abraão. Ele estava só. Terá morrera, Ló se retirara, Hagar fora expulsa, Isaque estava colocado sobre o altar, mas assim mesmo o fogo que ardia em seu coração se avivou. Se alguém está só em seu posicionamento ao lado de Deus não se desespere. Quando a vida da natureza toca uma semente, ela pode dar origem a uma grande floresta. Esses judeus exilados mal poderiam esperar que fossem escapar dos seus inimigos. A atmosfera estava carregada pelas injúrias deles, mas comparemos o versículo 8 com 50.9. Com tal garantia podemos enfrentar um mundo em armas. As forças do mal são fortes, mas Deus é mais forte. As nuvens são ameaçadoras, mas o sol continua brilhando. Não nos esqueçamos do Senhor nosso Criador, Redentor e Pai! Ele não pode falhar nem nos abandonar.

ISAÍAS 51.12-23

“O Exilado Cativo Será Libertado.” Durante o motim de Sepoi, na Índia, certo número de homens e mulheres ingleses ficaram encerrados num setor da cidade de Caunpore, esperando uma morte horrível por ataque dos rebeldes ou pela fome e alguém achou na calçada uma folha arrancada de uma Bf-

bliá, contendo essa passagem que foi de indizível conforto. Oh, que bênção é nos apropriarmos do versículo 16! (Ver Isaiás 49.7.)

Nós temos a tendência de esquecer que Deus pleiteia a causa do seu povo, apesar de ele haver pecado e sofrido por isso duros castigos (vv. 17 e 22). Nós pensamos mais na terra do que no céu; mais na erva que se seca do que na árvore da vida; mais no homem do que em Deus. O que está perto obscurece o distante, e as resplandescentes luzes terrenas obscurecem o brilho das estrelas! Arraiaguemo-nos em Deus! Pensemos naquele que está sentado à destra de Deus, no trono da energia incessante e irresistível. Acreditemos que Deus se colocou entre nós e todos os nossos inimigos e circunstâncias que nos ameaçam. Diante desses versículos é impossível sentir medo sempre.

ISAÍAS 52

“O Teu Deus Reina!” Não foi Deus que se tornou letárgico, mas nós que dormimos e precisamos acordar. Ao acordar, verificamos que há dois conjuntos de vestimentas à nossa espera. Primeiro, sua fortaleza, de modo que não precisamos ter medo das dezenas de milhares de pessoas que nos fazem cerco; e, em segundo lugar, as belas vestes do caráter do Senhor. (Ver Colossenses 3.9-17.)

Por fim, a longa escalada profética atinge seu topo, e ouvem-se os chamados para o êxodo da Babilônia (v. 11). Era o retorno de Deus à cidade desolada (vv. 2 e 8). A majestosa procissão se move lenta, mas destemidamente. Agora não é mais a saída de um bando de escravos fugitivos, que temem ser perseguidos e recapturados (v. 12). À frente dela estão os arautos, subindo os montes que circundam a Cidade Santa, anunciando paz e salvação (v. 7). O grupo central se compõe de sacerdotes vestidos de branco, carregando com reverente cuidado os utensílios sagrados (v. 11) os quais Nabucodonosor retirara do templo, mas que Ciro fizera voltar a ele. (Ver Esdras 1.7-11.) Assim, também, marcha a igreja pelo mundo.

ISAÍAS 53

O Redentor Rejeitado e Sofredor. O destino comum do homem pode ser resumido em três palavras: sofrimento, pecado e morte. O Senhor, o Servo Divino, constituiu uma notável exceção para o resto da raça; não em seus sofrimentos (v. 3); não na sua morte (v. 9); mas em sua perfeita pureza e virtude. Seus sofrimentos foram causados por pecados que não eram seus (Rm 5.8). Devemos apresentar sua alma como oferta pelo pecado (v. 10). É a mesma palavra usada em Levítico 5.1-16.

Um dia Jesus ficará satisfeito. Na glória que advirá para o Pai; na redenção de miríades incontáveis; no caráter dos remidos; na destruição das conseqüências da queda, nós ouviremos seu suspiro de contentamento e contemplaremos a expressão de triunfo em seu rosto. Nós o veremos fazer a transferência do reino para o Pai (1 Co 15.24). Veremos com alegria o fim do mal. Estando ele satisfeito, nós também estaremos!

ISAÍAS 54

O Maravilhoso Amor de Deus. Ouvimos os exilados serem convocados para deixar a Babilônia, e vimos o Salvador levar sobre si o pecado do mundo. Aqui é chamada nossa atenção para a condição de Jerusalém que ainda está desolada. (Ver Neemias 1.3; 2.3, 13-17.) O Senhor diz: “Canta”; mas Israel responde que não pode cantar enquanto permanecer desolada. Em resposta, Deus reafirma seu inalienável amor: ele ainda é seu esposo e jurou que as águas da morte e da destruição jamais conseguirão separá-los dele. A bondade de sua misericórdia é eterna, e sua aliança de paz será mais duradoura que os montes e outeiros.

No parágrafo final (vv. 11-17), vemos a cidade escolhida ressurgindo do seu monte de ruínas. Observada pelos olhos do grande Arquiteto, edificada por mãos invisíveis, provada pela linha e pelo prumo da justiça, ela se ergue para cumprir sua missão no mundo. Para o coração inspirado, suas pedras comuns parecem jóias. Seus filhos são ensinados do Senhor. Todas as vozes

acusadoras são silenciadas. Todas as armas de destruição são tornadas impotentes. Parece que a nova Jerusalém desceu do céu.

ISAÍAS 55

O Gratuito Oferecimento do Perdão. “Príncipe” (v. 4). No Novo Testamento, esse título, ou seu equivalente, é aplicado ao Senhor quatro vezes, e sempre em conexão com sua ressurreição. (Ver Atos 3.14,15; 5.31; Hb 2.9, 10; 12.2, onde as palavras príncipe, autor e consumidor são traduções do mesmo termo grego.) O significado da palavra original é “chefe de fila” ou “testa de coluna”. Ele nos conduz da morte para a vida; da derrota para a vitória; do sofrimento para a perfeição; e, da tristeza e dor da disciplina para a vitória de filhos da luz.

A “aliança perpétua” (v. 3). O pecado de Davi não anulou as fiéis misericórdias de Deus. (Ver 2 Samuel 7.14-16 e 23.5.) Deus jamais retrocederá em relação à sua aliança, que atinge a nós também. (Ver Hebreus 8.) As misericórdias de Deus em Cristo são “fiéis”. Vinde! Ouvi! Nós não só estamos seguros para sempre, mas Deus suprirá todas as nossas necessidades.

A abundante provisão de Deus é apresentada com vários termos: águas, vinho, leite, pão que satisfaz, o que é bom, finos manjares (vv. 1,2). Somos abençoados com todas as bênçãos espirituais em Cristo (Ef 1.3). E, como os pensamentos e caminhos de Deus não são os nossos, o resultado é a transformação dos espinheiros em ciprestes, e da sarça em murta.

ISAÍAS 56

A Bem-Aventura de se Guardar o Sábado. A esplêndida coleção de promessas messiânicas que ocuparam os capítulos precedentes é seguida por um trecho de menor interesse, visto que a nossa atenção não está agora presa a Cristo, mas a Israel. Birk intitula esse sermão de “O Mediano Período de Espera”, e diz: “Esse novo trecho de avisos e advertências diz respeito ao período que vai de Isaiás a Cristo. Mensagem semelhante poderia ser dirigida hoje à Igreja de

Cristo e à sua perspectiva do Segundo Advento”.

Aqui ele dá uma ênfase especial à guarda do sábado porque isso era um símbolo peculiar da relação de Deus com Israel. (Ver Êxodo 31.13-17; Ezequiel 20.12.) Era, também, tipo e penhor do descanso da redenção, que em breve seria manifestada e aperfeiçoada pela obra consumada por Cristo (Hb 4.9,10).

Que belo ideal para o caráter e a conduta é apresentado aqui! Guardar o descanso de Deus em nosso coração — o descanso da fé; negar a nós mesmos; chegar-nos ao Senhor pelo Espírito; servir a ele; amar seu nome; ser seus servos! O que mais poderíamos acrescentar como característica da alma cristã? Peçamos a Deus para levar-nos ao seu “santo monte” e para “alegrar-nos” em sua “casa de oração”.

ISAÍAS 57

Não Há Paz Para os Perversos. Aqui é apresentada uma terrível descrição das idolatrias e impurezas nas quais havia caído o povo escolhido. Essas cenas de baixo dos terebintos e nos vales nos lembram os invariáveis males associados com a idolatria, que o grande apóstolo registrou em Romanos 1.23-28. Eles desprezaram o conhecimento de Deus e por isso ele os entregou a uma disposição mental reprovável; isto é, parou de recreá-los.

Mas no meio daquela nação degenerada havia um punhado de eleitos; Deus tem sempre muito cuidado em não arrancar o joio, para evitar que um pé de trigo pereça. Em meio à destruição que deve sobrevir à nação culpada, os que confiaram nele não serão esquecidos. (Ver os versículos 13 e 14.)

Que belas palavras de consolo encerram o capítulo (v. 15ss). Podemos ter sido cobiçosos e rebeldes, e ter merecido sua indignação e castigo, mas ele não contenderá para sempre. Volte para ele! Ele reviverá seu coração e voltará a lhe “dar consolação”. Ele curará a ferida e o trará de volta para ele, através do sangue da cruz. (Ver Efésios 2.16,17.)

ISAÍAS 58

O Jejum que Deus Escolheu. A maior maldição de todas as eras tem sido a observância de ritos exteriores sem uma espiritualidade interior. Quando os fariseus estavam tramando a morte do Senhor, recusaram-se a entrar no pretório de Pilatos. O essencial não é a cabeça encurvada, mas o coração contrito; não o saco e as cinzas sobre o corpo, mas a contrição da alma.

Notemos os três parágrafos que descrevem as experiências da alma devota e consagrada: (1) as condições para a bem-aventurança (vv. 6, 7); (2) os diversos itens que tornam uma vida abençoada (vv. 8-12); (3) a verdadeira guarda do sábado (vv. 13,14). Primeiramente ela é interior, não exterior. Estejamos vigilantes para não deixar entrar em nosso coração os pensamentos que possam quebrar a santa calma interior. Lembremo-nos de atender às instruções de Neemias (Ne 13.16-22). Que a paz divina domine nossa vida e seja como uma sentinela guardando a porta externa (Cl 3.15; Fp 4.7). Paremos de seguir nossos próprios caminhos, ou buscar nossos próprios prazeres, ou falar nossas próprias palavras. Deleitemo-nos em Deus; assim nos assentaremos com Cristo nos lugares celestiais e nos alimentaremos à mesa celestial.

ISAÍAS 59.1-15

Nossas Iniquidades nos Separam de Deus. Os pecados de Israel (vv. 1-8). A maior parte do nosso sofrimento é causada por nossos pecados, que impedem que recebamos saúde e socorro de Deus. Não culpemos a Providência, mas disponhamo-nos a descobrir a causa do problema. Quando os tribunais — as fontes da justiça — estão desmoralizados, a comunidade se encontra numa condição desesperadora (vv. 3,4). Em vez de esmagar o mal enquanto ainda é um ovo, o coração pecaminoso o choca e ele produz o veneno de víboras (v. 5). Como são infelizes os ímpios! Seus pés, seus pensamentos e seus caminhos são fatais para a paz, a dos outros e a sua. Só podemos entrar no caminho da paz por meio da cruz, e só nos podemos manter nele

por meio de uma constante vigilância. (Ver Lucas 1.79.)

A confissão de Israel (vv. 9-15). Aqui, o povo castigado extravasa seu lamento perante Deus, confessando, primeiro, a amargura dos seus sofrimentos e, então, o negror dos seus pecados. O bramido do urso faminto que busca alimento e o gemido da pomba por seu companheiro (v. 11) são figuras apropriadas para o lamento da alma arrependida. Quando um homem não consegue levantar os olhos para o céu, e bate no seu peito é bom sinal (Lc 18.13).

ISAÍAS 59.16-21

O Braço Divino Traz Redenção. O Salvador de Israel. O Todo-Poderoso amado dos homens é visto aí olhando ao seu redor para ver se estava vindo algum ajudador de algum lado; não vendo nada, ele se veste para a luta com os inimigos de seu povo. Põe o capacete, a vestidura e o manto, e parte apressadamente para libertá-los (v. 17). Não há dúvida de que é o retrato do Senhor Jesus, que se levanta para pleitear a causa da alma arrependida e crente e consumir sua redenção. Quando o inimigo ameaçar jorrar como um ribeiro represado, olhemos para Jesus para levantar o estandarte contra ele. Deixemos que ele lute nossas batalhas! Deixemos que os golpes lançados contra nós sejam aparados pelo seu escudo!

Todos os pais e avós deveriam considerar atentamente as preciosas promessas dos versículos 20 e 21. Quem tem filhos, deve colocar o dedo nessa grande promessa e pedir que ela se cumpra literalmente em seus filhos e nos filhos deles. Muitas famílias crentes têm tido uma ininterrupta sucessão de vidas santas.

ISAÍAS 60.1-14

O Senhor Glorifica Seu Povo. Desse capítulo em diante, o profeta prediz as glórias da restauração do povo hebreu. Num certo sentido, elas se aplicam também à Igreja, porque nós somos "abençoados com o crente Abraão". (Ver Gálatas 3.8,9.)

O apelo para "dispor-se" é dirigido a Jerusalém. O profeta contempla o céu oriental ao clarão da alva e convida a

Cidade Santa a ver os primeiros raios de luz (vv. 1,2). Quando as trevas cobrem a terra baixa, o habitante da planície olha para cima, para os altos de Sião (vv. 3,4) e os vê banhados pelo esplendor da aurora. (Ver 2 Coríntios 3.18.)

A verdadeira religião é muito atraente. Onde ela está presente, não é preciso insistir muito com ninguém. Do Extremo Oriente vêm camelos carregados de tesouros inestimáveis, e, do distante Ocidente, navios carregados com mercadorias de alto preço. As perdas de muitos anos são recuperadas pelo trabalho de estrangeiros, enquanto reis disputam entre si a tarefa de restaurar a beleza da cidade escolhida. Quando nossa vida está certa com Deus, ele suscita auxílio de pontos inesperados e até mesmo de antigos inimigos (v. 14).

ISAÍAS 60.15-22

"O Senhor Será a Tua Luz Perpétua." Que vívida descrição das bênçãos de uma vida consagrada é apresentada aqui! O Poderoso de Israel se torna seu Salvador. Daí por diante Israel está numa escalada sempre ascendente, passando da era da pedra para a do ferro, da do ferro para a da prata, e da do bronze para a do ouro. A ansiedade e a depressão são seguidas por longos anos de plenitude e alegria. A violência e a desolação que, como vândalos, o tenham minado e queimado, são substituídas por salvação e louvor. O Senhor se torna sua luz perpétua, e os dias de luto se findaram.

Não pensemos que tal experiência é boa demais para durar, e que, sendo tão bela, deve ser passageira. Quando romper a alva da perfeita submissão e aceitação, não haverá ocaço, nem céu nublado, nem tristeza ou choro, nem dor ou desespero. A herança é para sempre! O ramo permanece sempre verde! A forte nação está destinada a nunca mais voltar a ser pequena!

ISAÍAS 61

"O Ano Aceitável do Senhor." A missão do Messias (vv. 1-3). Em Nazaré o Senhor aplicou essas palavras a si mesmo. Interessemos-nos pelos proscritos como ele fez; mas, para isso, precisamos ser

ungidos com o Espírito Santo, que tão poderosamente desceu sobre ele. O ano aceitável é, claramente, o de Levítico 25.8-13. Ao citar isso, o Senhor se deteve na palavra "Senhor" (v. 2), porque o dia da vingança ainda não chegara. (Ver Lucas 4.19.) Observemos que a vingança é por um dia só! Deus não somente liberta, mas também unge e coroa.

O reinado do Messias (vv. 4-9). Em dias futuros, as cidades destruídas da Palestina serão restauradas. Em um sentido espiritual, nós também podemos fazer nossa essa promessa. Quando recebemos o dom pentecostal, também testemunhamos a restauração das ruínas que nosso pecado causa em nossa vida e na vida de outros. Guardemos os versos 7 a 9 em nosso coração.

A alegria do Messias (vv. 10,11). Jesus é o verdadeiro noivo da alma; e nós podemos apropriar-nos da parte que nos cabe nessas palavras alegres. Notemos esse misto de justiça imputada e comunicada. Uma nos cobre, como vestes (v. 10); o outro brota de dentro de nós (v. 11). Ah, possa Deus fazer jorrar de nossa vida justiça e louvor!

ISAÍAS 62

A Terra Chamada "Minha-Delicía." O Intercessor (vv. 1-4). Quem está falando aí é o Messias. Ele vive pelos séculos dos séculos para fazer intercessão. Ele pede que sua igreja possa ser unida, que os gentios lhe sejam dados como herança, e que Israel possa ser restaurado. Esse é o incansável clamor do Salvador. Quando Jesus intercede por ti, pobre alma, tu não podes sentir-te desolada e abandonada. Deus te ama, embora todos te odeiem; Deus se deleita em ti, embora todos te aborreçam; Deus permanece, embora todos se afastem de ti.

Intercessores (vv. 5-7). O Grande Sumo Sacerdote nos chama para sermos sacerdotes. O incansável Senhor nos chama, mas não para descansar. Ele diz: "Vigiai comigo." Ele nos dá descanso do pecado e da tristeza, para que sejamos incansáveis na oração. Não devemos descansar nem dar descanso a

Deus. Devemos tornar-nos os “lembradores” de Deus (v. 6).

A resposta divina (vv. 8-12). Para o profeta, assim que a oração é feita já está respondida. A estrada precisa ser preparada já para o retorno dos exilados. Assim, também para aqueles que tem-se assentado nas cinzas, a salvação vem depressa. Prepara-te para seguires as pegadas do teu Libertador! E, depois aprende a tornar-te sal e bênção para outros!

ISAÍAS 63.1-9

O Poderoso Salvador. Já vinha de longos anos a forte hostilidade entre Israel e Edom. Começou quando Esaú e Jacó eram rapazes. E transformou-se em rancor no dia em que Edom negou a Israel o direito de passagem (Nm 20.20,21). Quando a Babilônia triunfou sobre Jerusalém, Edom insistiu em que os muros da cidade fossem arrasados até o chão (Sl 137.7).

Como é grande a mudança aqui descrita! O profeta se coloca na fronteira dos dois países, no sopé das montanhas de Judá, olhando para o sul, para o deserto. À distância ele contempla o poderoso Guerreiro subindo de Edom, as vestes manchadas, não com o próprio sangue, mas com o de Edom, para que, daí por diante, permaneça como sentinela entre Edom e Israel, de modo que, nunca mais, Israel precise temer invasão.

Se Edom simboliza os pecados da carne ou o ódio de inimigos inescrupulosos, vejamos como estamos seguros e abençoados. Jesus, poderoso para salvar, se coloca entre nós e nossos pecados e vícios, entre nós e nossos temores, entre nós e o poder do adversário (v. 9). “Celebrei as benignidades do Senhor!”

ISAÍAS 63.10-19

A Salvação é Obstruída por Rebelião. A exortação do apóstolo contra entristecer o Espírito Santo é baseada no versículo 10. (Ver Efésios 4.30.) Não há limite para a obra graciosa que o Espírito Santo fará em nós e por nós, desde que sejamos zelosamente cuidadosos em nossa conduta para com ele. Sejamos bastante vigilantes acerca de nossa pa-

lavra! A menor demonstração de falta de amor o entristece, como a geada murcha as flores da primavera.

Mas Deus jamais esquece o abençoado passado e faz tudo para restaurá-lo. Vejamos o que ele fará! Seu poder operará por meio de um braço humano (v. 12). Diante dele as águas se fendem abrindo um caminho para os seus escolhidos. Tudo que poderia servir de tropeço é tirado do nosso caminho e somos conduzidos como por sobre um terreno plano. Como o gado desce aos vales ao meio-dia, para escapar ao calor abafado, assim o Espírito de Deus nos fará descansar. Ah, peçamos a Deus que essas promessas sejam cumpridas! Ele é Pai, Redentor, o Eterno, o Amado de nossa alma! Mesmo quando não cremos e perdemos todo o direito sobre ele, ele permanece fiel e não pode negar-se a si mesmo!

ISAÍAS 64

Um Apelo por Perdão. O grande passado (vv. 1-5). Aqui somos introduzidos no oratório do profeta e o ouvimos derramar o coração perante Deus. Ao lembrar a história dos dias passados, ele pede que o Senhor faça o que fez antes. É fácil para Deus fender os céus, assim como, para nós, o é rasgar um pedaço de pano. Grandes montanhas de dificuldades se dissolvem diante dele, como um monte de neve se derrete no degelo. Deus age enquanto nós esperamos. Quando não vemos sinal de seu auxílio, na verdade, ele está se dirigindo às pressas para nós. Se saímos ao encontro dele, ele apressará o passo e correrá para abraçar-nos. São assim os caminhos de Deus e neles há uma continuidade perpétua. (Ver Malaquias 3.6.)

Confissão e oração (vv. 6-12). O imundo, o trapo imundo, as folhas murchas levadas pelo vento do outono — essas figuras se aplicam muito bem a nós. Se a nossa integridade é negra, como não hão de ser nossos pecados? Nós precisamos daquele que vem não somente com água, mas com água e sangue. (Ver 1 João 5.6.) Talvez o nosso maior pecado seja a falta de oração. Não nos dedicamos a ela com vigor. Se nós não contivermos nossas lágr-

mas Deus não poderá “conter” sua misericórdia.

ISAÍAS 65.1-12

Uma Semente Salva da Destruição. O profeta, agora, apresenta as razões que forçaram o Senhor a afastar-se do povo escolhido e convocar os gentios para ocuparem o lugar de seu povo, e cumprirem a missão que eles haviam desprezado e perdido. Paulo faz memorável referência a essa passagem. (Ver Romanos 10.20,21.) Seus jardins eram cenários de devassidão, seus altares estavam cobertos de imagens de imoralidade; praticavam necromancia nos cemitérios, e comiam carne de porco (vv. 3,4).* Embora professassem maior santidade do que outras nações, a terra deles estava cheia de abominações.

Mas o Senhor sempre faz distinção entre os justos e os maus. Não poupou ele Noé, Ló e Calebe? Sempre tem havido um remanescente fiel, e estes se tornam a semente geradora de uma nova nação. Leia com atenção os versículos 8 a 10. Agora peça a Deus que sua vida seja como as uvas novas da vinha, sobre as quais repousa a bênção de Deus!

ISAÍAS 65.13-25

Uma Nova Terra Para os Servos de Deus. Observemos o grande bem que a religião traz à alma. Os filhos de Deus estão protegidos contra os males que sobrevêm a todos os demais. *Eles comem; eles bebem; eles se alegram; eles cantam; eles são chamados por outro nome* (vv. 13-15).

Eis uma nova criação (vv. 17-25)! A atual dispensação terminou. Jerusalém, restaurada à glória que tinha antes, canta de alegria; e seu júbilo transmite alegria à natureza. O homem recebe de novo a garantia de longos anos de vida e estabilidade de domínio. A sangrenta pilhagem da floresta acabou, porque a criação foi emancipada de sua escravidão e participa da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. A paz reinará nas clareiras da floresta, para nunca mais abdicar seu trono (v. 25). Mas, o melhor de tudo é que haverá tal uni-

dade entre o homem e Deus que o Senhor responderá a oração antes que ele clame; e aquele que suplica estará cômico de que Deus o ouve atentamente. Apressa-te, ó dia dos dias, pelo qual a criação e os santos gemem com inexprimível anseio!

ISAÍAS 66.1-14

O Povo de Deus Torna-se Uma Bênção. O profeta prevê o advento de um novo dia, quando lugares e ritos serão relativamente sem importância, se comparados à condição do coração (vv. 1-4). As palavras iniciais desse trecho foram citadas por Estêvão quando anunciava a substituição do antigo sistema de adoração pelo culto espiritual, que lhe é superior. (Ver Atos 7.48,49.) De que adianta o rito exterior para Deus quando o espírito não está presente? Se um homem imolasse um cordeiro no templo, ou quebrasse o pescoço de um cão em sua fazenda para ele era a mesma coisa. A habitação que ele ama não é a dos templos belos, mas do coração abatido!

A felicidade do povo de Deus é descrita em palavras gloriosas (vv. 5-14). Deus aparecerá, para regozijo do seu povo e para punir os inimigos deles. Esses dias serão caracterizados por grandes avivamentos, e se ganharão muitas almas, facilmente, para o reino celestial. Os judeus e gentios se unirão, como rios que se encontram formando uma única e bendita torrente. Mas, acima de tudo, nós nos tornaremos conscientes do amor maternal da natureza de Deus: “Como alguém a quem sua mãe consola” (v. 13).

ISAÍAS 66.15-24

Toda a Carne Adorará o Senhor. O profeta deixa claro que sejam quais forem as bênçãos que virão no glorioso futuro, elas serão proporcionadas apenas aos que constituem o Israel de Deus, não meramente por descendência mas pelo coração e pela vida. Eles devem ser aqueles que o apóstolo descreve em Filipenses 3.3. Os que estavam obstinadamente praticando ritos idolátricos, tais como desfilar em procissão, tendo

* As divindades que escolheram para adorar foram a Fortuna e o Destino (v. 11).

sacerdotes como mestres, passando por jardins e bosques dedicados à impureza, ou os que, por comerem carne de animais proibidos pela lei levítica, haviam se tornado como os gentios, iriam sofrer como os gentios.

O versículo 19 sugere que o remanescente, os judeus restaurados devem tornar-se os futuros missionários. O livro se encerra com a Cidade Santa sendo

o foco e o centro da vida religiosa da humanidade. É como se, igual a João, Isaías a estivesse vendo descer de Deus, vinda do céu, com portões escancarados, pelos quais os reis da terra levam a Deus sua glória e honra (v. 20). A sorte de todos os inimigos da justiça é representada pelas fogueiras sempre acesas de Tofete — cujos montes de lixo são símbolos de inutilidade (v. 24).

O LIVRO DE JEREMIAS

O Profeta da Queda e Restauração de Judá



1. A DENÚNCIA CONTRA JUDÁ 1-33.
 - a. A chamada e comissão do profeta 1.
 - b. A apostasia da nação 2-20.
 - c. Os pecados de seus líderes 21-23.
 - d. O castigo iminente 24-29.
 - e. A promessa de restauração 30-33.
 2. A APLICAÇÃO DO CASTIGO 34-45.
 - a. A ocasião do castigo 34-38.
 - b. A destruição de Jerusalém 39.
 - c. A infeliz condição dos restantes 40-45.
 3. PROFECIAS CONTRA AS NAÇÕES 46-51.
 - a. Egito 46.
 - b. Filístia 47.
 - c. Moabe, Amom e Edom 48.1-49.22.
 - d. Síria e Elão 49.23-39.
 - e. Babilônia 50,51.
- APÊNDICE (de 2 Reis 24.18-25.30) 52.

INTRODUÇÃO

Jeremias era da classe sacerdotal e nasceu em Anatote, uma cidade levítica situada alguns quilômetros a nordeste de Jerusalém. Sua comissão lhe foi dada ainda muito jovem, e compreendeu o reinado de cinco reis durante quarenta anos cheios de muita tribulação. Não tinha esposa nem filhos. Seu amor se concentrava em seu povo, que lhe retribuía mal. Os homens de Anatote procuravam matá-lo. Ele foi alvo de falsas acusações, amargas perseguições e ódio assassino. Quase perdeu a vida por cair no desagrado de reis e príncipes, por cuja ordem foi lançado numa prisão imunda. Chegou a ver um débil lampejo da volta da prosperidade de Judá, mas que se achava toldada pelos crimes de Ismael e seus comparsas.

Jeremias foi um homem sensível, de compleição delicada, para quem deve ter sido uma grande provação ser chamado para representar papel tão proeminente naqueles tempos escuros e tormentosos, e ter de ser posto "por muros de bronze, contra todo o país". Mas ele é uma evidência do que pode fazer um homem em quem habita o Espírito de Deus com poderosa e viva força. Diz a tradição que ele morreu no Egito, apedrejado pelos seus compatriotas. Já se disse muitas vezes que dos santos do Antigo Testamento o que mais apresenta pontos de analogia com o Senhor é Jeremias.

COMENTÁRIO

JEREMIAS 1

Promessa de Coragem a um Mensageiro Medroso. Deus tem um propósito distinto para cada um de nós, e nosso principal objetivo na vida devia ser descobrir esse plano e pô-lo em ação. (Ver o Salmo 139.16 e Gálatas 1.15,16.) A santificação aqui mencionada se aplica mais ao ofício do que ao caráter, e significa "separado" (Ver João 17.19.) Jeremias era muito jovem e tentou esquivar-se da grande missão a ele confiada. Os mais nobres sempre agem assim (Êx 4.10). Mas o temor que nos faz buscar a Deus é o temor mais santo. Sempre que ele nos dá uma comissão, assume a responsabilidade da sua execução em nós, conosco, ou através de nós. A capacidade da expressão vocal é um dom especial dele (Is 6.7; At 6.10; 1 Co 1.5). No hebraico a amendoeira é a árvore "vigilante". Ela acorda do sono do inverno antes das outras; floresce em janeiro e frutifica em março. Ela indicava a rapidez do movimento de Deus. A panela ao fogo é o símbolo da guerra. As promessas dos versículos 18 e 19 são muito preciosas

para todos os que são chamados para se postarem na brecha e apontarem aos homens seus pecados.

JEREMIAS 2.1-8, 26-32

Ingrato Esquecimento. Deus considerava Israel como noiva que tinha correspondido ao seu amor, ou como uma vinha ou um trigal que se esperava produzissem suas primícias em resposta ao carinhoso cultivo do proprietário. Por que haviam deixado de corresponder? Para saber a resposta, perguntemos ao nosso próprio coração. Que belos exemplos de impiedade e frustração somos nós! Quem pode compreender ou imaginar a razão de correspondermos tão mal ao compassivo amor de Cristo? O pagão pode até envergonhar-nos com sua meticulosa devoção e numerosos sacrifícios nos altares do seu ídolo. A raiz do mal é revelada no versículo 31. Nós gostamos de ser senhores, de assumir e sustentar o domínio de nossa vida. Mas Deus tem sido tudo para nós, menos um deserto. Ele nos deu adornos, e nós devemos à sua graça as vestes de justiça com que ele nos vestiu. Em troca, nós

o esquecemos por dias sem conta (v. 32). Peça-mos-lhe que nos chame de volta — mais que isso, que nos prenda com as correntes do amor.

JEREMIAS 3.11-4.2

Apelando a Filhos Infiéis. O povo do reino do norte, ao qual este apelo é particularmente dirigido, era mais desculpável que Judá, porque tinham tido menos privilégios. Deus nos julga de acordo com as nossas oportunidades. Como são preciosos o convite e a promessa do versículo 12! A confissão é uma condição essencial que devemos cumprir. (Ver 1 João 1.9.) Sião ainda será o centro de um Israel restaurado (vv. 14 e 18). Nos versículos 21 a 25 as vozes do povo em confissão e oração se misturam com o apelo do Senhor para que voltem. Quando estamos caídos, abatidos pela vergonha e pelo arrependimento, estamos muito perto de ser elevados ao seio de Deus. (Comparar Jeremias 3.25 com 4.1.) O retorno do povo escolhido ao Deus de seus pais causará avivamentos e despertamentos em toda a terra. (Comparar Jeremias 4.2 com Romanos 11.12.)

JEREMIAS 5.1-6, 19-31

Corrupção Generalizada. Certo dia, alguém viu Diógenes, o cínico, andando em Atenas, em plena luz do dia, com uma lanterna na mão, procurando alguma coisa. Quando o interpelaram, respondeu que precisava de muita clareza pois estava procurando um homem honesto. É mais ou menos isso que está no pensamento do profeta. Deus estava disposto a poupar Jerusalém com base em exigências inferiores às que haviam sido impostas a Sodoma e, no entanto, teve de destruí-la. Tanto o pobre como o rico “quebraram o jugo, e romperam as algemas”. A descrição do ataque dos caldeus é muito vívida. Eles ocuparam a terra como uma nuvem de gafanhotos, mas, mesmo assim, o povo escolhido se recusou a associar essa punição com o seu pecado. Nunca ocorreu ao povo que a falta de chuva, a perda das colheitas, e o ataque dos inimigos estavam relacionados com os seus pecados. Não há nada de incomum nessa incapacidade de perceber as coisas, pois quando lemos a história de nossa pró-

pria época, vemos que os homens se mostram igualmente incapazes de relacionar os desastres nacionais com os pecados da nação.

Como seria bom se o clamor nacional de hoje fosse o do versículo 24: “Temamos agora ao Senhor nosso Deus”. Observemos a bela metáfora do versículo 22. Quando Deus quer deter a onda do violento oceano, uma barreira de areia é suficiente. Os mártires eram como grãos de areia, mas as violentas perseguições foram subjogadas por sua heróica paciência.

JEREMIAS 8.4-22

Falsas Promessas de Paz. Esse capítulo está cheio de denúncias da irracional e orgulhosa obstinação de Israel. Como o cavalo se arremete com ímpeto na batalha, assim o povo se fixara na maldade. Mesmo as aves que eram sensíveis às leis da migração e obedeciam ao chamado dos climas mais ensolarados, eram mais obedientes que o povo escolhido. Deus, muitas vezes, nos chama para sair do rigor do inverno tempestuoso e irmos às terras da ensolarada comunhão com ele, mas nós não nos dispomos a obedecer. Do versículo 10 em diante, temos a descrição da desolação prestes a visitar a terra. Não obstante as promessas dos falsos profetas, o invasor devastou o país e o povo exilado poderia perguntar como uma ruína assim lhe sobreviera. Para isso havia apenas uma resposta. O seu pecado o separara do cuidado protetor de Deus. Não é essa a razão por que passa a sega, finda-se o verão, e os anos vão passando, e você ainda não está salvo? Há bálsamo para as suas feridas e um médico para curá-lo, mas você não lança mão deles. Enquanto não retornar, o amor de Deus estará impotente para ajudá-lo, embora o deseje intensamente. O pai faz qualquer coisa pelo príncipe, mas não poderá fazê-lo enquanto o filho permanecer numa terra distante.

JEREMIAS 9.1-16

O Pecado Nacional. Versículos 1-6: houve tempo em que a voz de alegria e ações de graça fora ouvida em Jerusalém, mas, agora, por todo lado havia matança, e o profeta patriota somente podia chorar

sem cessar pelos mortos. Uma estalagem de caminhantes no deserto parecia preferível à mais luxuosa mansão na cidade. A solidão seria melhor que a convivência com os ímpios que maquinam tais crimes. Todavia, não devemos afastar-nos da batalha caso o nosso Capitão queira que nela permaneçamos, sempre confiantes nele.

Versículos 7-16: que magnífica descrição do efeito dos castigos de Deus sobre a terra! Não há nenhum pássaro, nenhum animal, nem mugido de gado, apenas chacais morando nas ruínas de Jerusalém! Por mais depressa que fechemos as portas e janelas, a morte entra em nossa casa. Nem o palácio nem a choupana estão imunes. Não há como escapar dos castigos de Deus nem o moço nem o velho, a não ser por meio do arrependimento e da fé. A explicação da decadência e derrocada de uma nação é a mesma em todos os tempos. A árvore está apodrecida no seu âmago, e é derrubada pelo furacão. Leiamos 1 Coríntios 1.18, que tem muito a ver com este capítulo, e verifiquemos como a sabedoria e o poder do mundo não nos servem para nada no terrível instante da assolação universal. Permaneçamos com o Crucificado e gloriemo-nos em sua cruz; sintamo-nos felizes por sofrer a rejeição e a vergonha que ele sofreu, para que possamos tornar-nos filhos da ressurreição, e ser considerados dignos de escapar das coisas que devem acontecer, e, por fim, podermos estar de pé diante dele.

JEREMIAS 10.1-10, 19-25

A Loucura da Idolatria. Versículos 1-10: aqui, somos introduzidos numa fábrica de ídolos. Em contraste com os ídolos manufaturados está a majestade do nosso Deus. Não existe ninguém semelhante a ele. Seu nome é grande em poder, ele é o Rei das nações, o Deus real e vivo, e o Rei eterno! Cristão, não tema nem desanime quando inimigos tramarem contra você. O plano que formulam é vazio. Esconder-nos em Deus é uma defesa segura contra tudo o que o homem possa fazer visando a prejudicar-nos. Ó tu, verdadeiro e vivo salvador, em tuas feridas os crentes oprimidos e fiéis se tornam, de novo, fortes e valentes.

Versículos 19-25: o profeta, agora, ordena ao povo que se prepare para o cativo. Sua cidade será como quando um pastor remove sua leve e frágil tenda, não deixando dela sinal algum. Mas sua alma está dilacerada e despedaçada pela mensagem que ele é forçado a anunciar. Alguém foi chamado para ser pastor? Trate de buscar o Senhor; só assim evitará que seu rebanho seja disperso (v. 21). Alguém está em perplexidade quanto ao seu caminho na vida? Não cabe a nós dirigirmos a nós mesmos, mas precisamos buscar a direção segura de Deus, que será dada à alma que a espera (v. 23). Alguém está sendo corrigido? Seja paciente; somente quando somos afligidos sem nos queixar é que nossa provação produz os mais altos benefícios, e Deus não nos castigará além daquilo que possamos suportar (v. 24).

JEREMIAS 11.1-20

O Castigo Pelo Rompimento da Aliança. Esse capítulo e os dois seguintes pertencem ao ministério inicial de Jeremias, quando ele ainda residia em sua terra natal, Anatote. O profeta se refere à aliança que recentemente havia sido renovada por Josias (2 Rs 22,23), e faz muitas citações de Deuteronômio, que, havia pouco, tinha sido lido aos ouvidos do povo. O profeta, reverentemente, dá seu endosso àquele juramento (v. 5). O seu “amém” nos lembra aquele que é o Amém de Deus, e em quem todas as promessas são, para sempre, ratificadas (2 Co 1.20). Será que nós não aprenderemos com o Senhor em Mateus 11.26, a olhar o rosto do Pai e dizer: “Sim, ó Pai”? Devemos proceder assim para que um dia possamos reunir-nos com os remidos dizendo: “Amém. Aleluia!” (Ap 19.4).

As repetidas reincidências de Israel na idolatria eram devidas, em parte, aos ritos licenciosos associados com tal culto. O povo era seduzido para deixar sua fidelidade ao Senhor pelo fascínio da paixão; e, nesse ponto, recordamo-nos das muitas vezes em que fomos tentados a ter pensamentos e fantasias pecaminosas apesar das ansiosas solicitações e desaprovação de Deus, “testemunhando desde cedo cada dia”. Enquanto a alma estiver apegada aos seus maus caminhos, ela estará impermeável.

vel à entrada da luz e do amor de Deus. "Há pecado para a morte", diz o apóstolo, "e por esse não digo que rogue" (1 Jo 5.16), uma palavra estreitamente relacionada com a solene proibição do versículo 14. "Tu, pois, não ores por este povo, nem levantes por ele clamor nem oração."

JEREMIAS 13.1-11, 20-25

A Parábola do Cinto. Essa parábola do cinto pode ter realmente acontecido. Vendo um simbolismo tão forte, o povo voltaria sua atenção para a mensagem do profeta. Ou pode ser que se trate apenas de um vívido estilo de apresentação. Seja como for, a idéia básica é de que a relação entre o povo escolhido e seu Deus é de grande proximidade (v. 11). Oh, que ele nos induza a apegar-nos a ele! A degradação do melhor produz o pior, e nada melhor que o cinto apodrecido para ilustrar de maneira vívida o estado de degradação daquele que teve as mais altas possibilidades mas abusou da graça de Deus. Sejam cautelosos! Se temos a possibilidade de receber as melhores e mais altas bênçãos de Deus, também estamos sujeitos ao choro, ao pranto e ao ranger de dentes.

Em seguida, Jerusalém é personificada e lhe indagamos onde estava o belo rebanho das cidades irmãs e filhas que se haviam reunido sob sua liderança. Elas tinham sido destruídas e seu povo estava no cativeiro. A destruição delas viera daqueles que tinham sido aliados e amigos (v. 21); mas seu pecado estava tão profundamente arraigado e crônico que tal destino era inevitável. Não havia esperança de reforma (v. 23). Era mais fácil um negro tornar-se branco ou um leopardo mudar suas manchas do que Israel fazer o bem. Só Cristo pode fazer isso por nós. Ele pode, com uma palavra, deter um Niágara em sua queda e ordenar-lhe que salte ao contrário. Sua graça pode fazer com que a lepra do pecado perca o seu domínio, jamais voltando a poluir a alma.

JEREMIAS 17.1-14

Um Paralelo Entre o Socorro Humano e o Divino. Os judeus estavam sempre procurando fazer aliança ou com o Egito, ou com a Babilônia. O que se diz deles

aplica-se também a todos nós; mas, sempre que buscarmos o auxílio humano, estaremos afastando-nos do Senhor. O "arbusto" é, provavelmente, o junípero, uma árvore solitária que vive em áridos desertos e não recebe orvalho. Aquele que confia em Deus é regado pela água vinda do seu trono. Suas raízes são alimentadas pela fontes ocultas da eternidade. O coração é "enganoso"; ele tende constantemente a substituir o Deus vivo pela carne mortal. "Desesperadamente corrupto" significa "incuravelmente enfermo". Os antigos já diziam que a perdid roubava os ovos de outros pássaros e os chocava como seus. O homem coiboso certamente irá colher decepções. Ele rouba os bens dos outros, mas é expulso do ninho antes que eles se choquem, e ele receba os lucros. O glorioso trono de Deus é uma defesa para todos que nele confiam, enquanto que os que dele se afastam serão esquecidos, assim como uma frase escrita na areia é desfeita pelo primeiro sopro do vento que passar ali. (Comparar com Jô 19.23,24.)

JEREMIAS 23.1-12, 23-32

Pastores que Desorientam o Rebanho de Deus. O propósito de Deus é cuidar do seu povo por meio de pastores que sejam responsáveis perante ele. Jesus, o Senhor, é o Renovo no qual podemos ser enxertados. Ele é o nosso Rei que nos salva e nos veste com sua imaculada justiça. É nele que Deus nos acha (Fp 3.9). Somos salvos e habitamos em segurança porque ele reina. Quando entrarmos em contato com falsos pastores, quer sua falha seja na doutrina ou na conduta, peçamos a Deus que eles tenham o coração quebrantado do versículo 9.

Deus está presente em toda a parte; como o último parágrafo indica, ele está bem perto para ouvir a blasfêmia dos que escarnecem da religião, e para ser um socorro bem presente em tempos de tribulação. Se ele enche os céus e a terra, não poderá encher o nosso coração? Se a sua Palavra é como o fogo, que ela nos purifique! Se é como um martelo, que pulverize nosso orgulho! E nós que queremos ensinar e pregar, não furtemos as palavras uns dos outros, nem proclamemos nossa própria pala-

vra, mas as recebamos da fonte de onde provém toda verdade.

JEREMIAS 24

Dois Cestos de Figs. Esses dois cestos representam os destinos diferentes que sobrevieram ao povo, por ocasião da queda de Jerusalém. Os figos bons do primeiro eram os que foram levados para a Babilônia com Jeremias. O "assim favorecerei" do versículo 5 dá a entender que foi para seu bem que eles foram transplantados. Quantas vezes nós, pela mesma razão, somos levados em cativeiro. Com amargo pesar damos as costas ao nosso lar, aos cenários de nossa mocidade, e aos rostos que amamos. Algumas vezes somos levados a uma terra estranha, onde achamos impossível cantar o cântico do Senhor. Mas ao falhar o auxílio humano sentimos Deus se acercando para substituir a destruição pela restauração, a demolição pela reconstrução, e o desarraigamento pelo plantio.

Será que temos tirado proveito da punição? Se assim for, então estamos como figos maduros de junho, doces ao paladar do proprietário que procura por eles debaixo das folhas de uma confissão oral. Aqueles que estão-se congratulando consigo mesmos por estarem imunes às aflições que afetaram outros, que ponderem os versículos 8 a 10. À luz de Hebreus 12.9, não devemos procurar ficar isentos do castigo. O restante dos judeus desobedeceu a Deus e sofreu por isso. (Ver Jeremias 41 e 42.)

JEREMIAS 31.1-9, 15-34

Um Amor Eterno. O amor alcança a todos: "Todas as tribos de Israel". Ele é paciente ante a provocação. Durante quarenta anos foi paciente com Israel. Posui um poder de atração que vence a nossa obstinação. Deseja restaurar a jubilosa confiança e a liberdade: "Sairás com o coro dos que dançam". Ele não descansará enquanto não tiver desfeito os mal-entendidos e a separação, de modo que até Efraim se propore a adorar no monte Sião. Vai ao encontro do coração: "Virão com choro". Coloca os cegos junto aos ribeiros de água, e os cegos e os aleijados num caminho reto. O efeito de tal amor é mais ampliado

nos versículos 18 e 19 — nós deploramos nossos pecados com profundo arrependimento. Essas palavras, que eram tão doces para o profeta (v. 26), ainda estão para ser cumpridas; mas, nesse ínterim, a aliança é para todos nós, e cada um pode reivindicar o cumprimento dos tempos futuros dos verbos, como se vê nos versículos 33 e 34. (Ver Mateus 26.28 e Hebreus 8.8.)

JEREMIAS 35

A Lição dos Recabitas. Entre os refugiados das regiões próximas que procuravam asilo dentro dos muros de Jerusalém, havia um grupo de árabes, conhecidos como recabitas. Provavelmente achavam-se acampados em uma das praças. Eles se mantinham tenazmente fiéis aos regulamentos promulgados por Jonadabe cerca de 300 anos antes. (Ver Juízes 1.16; 2 Reis 10.15 e 1 Crônicas 2.55.) Eles não bebiam vinho, não cultivavam o solo e moravam em tendas. Fazemos bem em não tocar em bebida alcoólica; em não fincar raízes muito profundas neste mundo, onde somos peregrinos e estrangeiros; e em cultivar um espírito de peregrinação semelhante ao daquele que aguarda a cidade que tem fundamentos e viaja rumo a ela. Israel não fora tão fiel aos preceitos divinos como os recabitas eram aos do seu ancestral. Por isso, o povo escolhido perdera sua terra e fora disperso, enquanto os recabitas têm preservado sua independência até hoje. A obediência é a única fonte de permanência. "Aquele que faz a vontade de Deus permanece eternamente." (1 Jo 2.17.)

JEREMIAS 36

Uma Vã Tentativa Para Destruir a Palavra de Deus. Essas palavras escritas tinham vindo diretamente de Deus. O jejum foi instituído com o fim de se buscar o auxílio divino para o conflito com Nabucodonosor, que já se avizinhava. Mas de que adianta um jejum quando os males da apostasia e da desobediência não são reprimidos? Foi contra isso que Jeremias protestou; e Baruque, seu fiel amigo, leu suas palavras perante um grande ajuntamento de povo. Corria o mês de dezembro, e a câmara real estava aquecida por um braseiro de carvão ar-

dente. Quando Jeudi leu algumas folhas, o ímpio rei cortou o rolo com um canivete e o lançou no fogo. Em todos os tempos, os falsos sacerdotes têm agido assim para com a Palavra que os condena. Mas não é destruindo a carta marítima que assinala os rochedos rumo aos quais o navio está-se desviando que

o marinheiro se salva do naufrágio. As palavras de Deus são eternas, embora os materiais em que elas estão escritas possam perecer. Quem rejeita a verdade de Deus o faz para seu próprio risco, enquanto Deus esconde seus servos fiéis nos recursos de sua presença, protegido dos ataques dos inimigos.

AS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

COMENTÁRIO

LAMENTAÇÕES 3.22-36

O Significado da Aflição. Esse livro é admirável por sua variedade de imagens comoventes. O profeta parece estar de pé no meio das ruínas da cidade e do templo, queimadas a fogo, onde se acham espalhadas também as cinzas do povo. Esse parágrafo, porém, acha-se em marcante contraste com o resto do livro, pois contém um lampejo de esperança. Se apenas nos esquecermos de nossas tristezas, e nos voltarmos para as misericórdias, compaixões e bondade do Senhor, teremos luz mesmo na

mais escura prisão. É bom ter esperança e aguardar calmamente; tomar o jugo de Cristo e aprender dele; ficar em silêncio com submissão e fé. Deus não nos rejeitará para sempre. Não é de bom grado que nos aflige; não tem disposição nem prazer em rejeitar um homem nem subverter seu pleito. Podemos ter certeza de que o Senhor não nos expulsará nem nos rejeitará. Ele pode esconder o rosto por um momento, mas com bondade eterna ele mostrará compaixão, de acordo com a grandeza da sua misericórdia.

O LIVRO DE
EZEQUIEL

O Profeta de Israel no Exílio



1. PROFECIAS A RESPEITO DE ISRAEL 1-24.
 - a. O chamado e comissão do profeta 1-3.
 - b. O cerco de Jerusalém 4,5.
 - c. O passado e o presente de Israel 6-24.
2. PROFECIAS A RESPEITO DAS NAÇÕES 25-32.
 - a. Amom, Moabe e Filístia 25.
 - b. Tiro e Sidom 26-28.
 - c. Egito 29-32.
3. PROFECIAS A RESPEITO DO FUTURO DE ISRAEL 33-48.
 - a. A queda de Jerusalém 33.1-34.10.
 - b. A restauração de Israel 34.11-39.29.
 - c. O novo templo 40-48.

INTRODUÇÃO

O nome de Ezequiel significa “Deus fortalecerá”. Como Jeremias, além de profeta, ele era também sacerdote. Estava entre os judeus que tinham sido levados cativos por Nabucodonosor, e morava junto ao rio Quebar, ao norte da Mesopotâmia. Começou a profetizar cerca de seis anos antes de Jerusalém ser destruída, e, portanto, foi contemporâneo de Jeremias. Uma parte de suas profecias foi dada antes da destruição de Jerusalém e outra depois.

COMENTÁRIO

EZEQUIEL 1.1-21

Uma Visão da Majestade de Deus. Uma escura nuvem tempestuosa se aproximou do profeta, e nela havia uma chama a brilhar intensamente. Quando ela chegou perto, ele viu quatro seres vivos com figuras que lembram inteligência, força, paciência e elevadas aspirações. Evidentemente, as rodas eram símbolos dos ciclos da providência divina, que cooperam com os ministros da vontade divina. Acima delas havia uma figura semelhante a um homem que sugeria o grande acontecimento que iria dar-se no futuro — Deus manifesto na carne. A visão toda nos transmite a idéia da realidade, a ordem e a majestade do Deus Eterno. Os seres santos certamente representam o incontável grupo de seres inteligentes, anjos e servos, enquanto as rodas representam a criação material. Todos eles são enviados ao mundo para ministrar aos herdeiros da salvação. Os anjos e a natureza ministram a nós desde que estejamos em união com Deus. Todas as coisas estão a serviço dos servos do Altíssimo.

EZEQUIEL 2.1-3.11

Uma Difícil Missão. O povo era obstinado e duro; suas palavras eram como sarças e espinhos; seu falar como o veneno de escorpiões. Mas o profeta foi comissionado para executar sua missão divina, não se deixando deter pela oposição dele. Sob tais circunstâncias devemos estar bem certos de todos os “Assim diz o Senhor” que dissermos. Mas ninguém consegue resistir a uma contínua oposição de seus semelhantes a não ser que sua força seja renovada, como foi a de Ezequiel, comendo aquilo que Deus dá. “Abre a boca, e come o que eu te dou.” (2.8.) Consideremos em especial a denúncia que Deus faz do pecado, para que as nossas palavras sejam mais cortantes do que qualquer espada de dois gumes. Nada nos torna mais fortes que alimentar-nos sempre do rolo do Livro e, principalmente, do Verbo (Cristo) que há nas palavras. Devemos comer a carne e beber a vida do Filho do homem se quisermos resolver seriamente as necessidades dos filhos dos homens.

EZEQUIEL 3.12-27

A Responsabilidade do Atalaia. Ele se sentia amargurado por causa de sua mensagem, mas ardoroso no espírito porque o fogo de Deus ardia dentro dele. É uma bênção para o pregador, líder ou obreiro cristão quando a mão de Deus se faz forte sobre ele. Mas, seja qual for nossa condição interior, jamais seremos capazes de realizar o melhor trabalho a não ser que possamos assentar-nos onde o povo se assenta. Em outras palavras, precisamos tomar a atitude deles, conhecer por experiência própria as circunstâncias em que vivem e compartilhar da sorte deles. Precisamos viver bem junto a Deus, senão não ouviremos a palavra de sua boca. Não existe outro modo de receber mensagens que realizem o propósito dele. Ponderemos de novo sobre o versículo 17. No versículo 20, Deus fala em pôr um tropeço, mas isso significa que ele fez o mundo assim. Quando o profeta saiu para o vale, Deus se revelou a ele. Quer ele nos chame para sair e para o vale ou para nos fecharmos em casa, a obediência e dever é o lugar certo onde ele manifestará sua glória e nos comunicará sua mensagem. O segredo de um ministério bem-sucedido é ser inteiramente submisso a Deus, em pensamento e palavra.

EZEQUIEL 11.5-25

A Promessa de um Novo Coração. O Espírito de Deus levou o profeta à porta oriental do templo, onde a glória do Senhor (a *Shekinah*) tinha pousado (Ez 10.19). Ali ele pronunciou o veredicto divino sobre os sacerdotes. Eles tinham ridicularizado a carta que Jeremias escrevera aos cativos entre os quais Ezequiel vivia (Jr 29.1) e tinham feito brincadeiras com sua comparação entre a cidade e uma panela (Jr 1.13). Foi a esses homens zombadores que Ezequiel apresentou as contundentes denúncias dos versículos 7 a 18. A morte súbita de Pelatias, o líder dos escarnecedores, revestiu de enorme importância as palavras do profeta. Então Deus disse a Ezequiel que seus verdadeiros parentes não se encontravam no meio do sacerdócio condenado, mas entre seus com-

panheiros de exílio, que eram desprezados pelos de Jerusalém. Quando os laços espirituais estão em choque com os naturais os primeiros devem suplantar os segundos. Eles poderiam estar distantes do templo, mas Deus seria seu refúgio e santuário. Que doce promessa há no versículo 16 para os que são obrigados a afastar-se de casa! Eles podem sempre encontrar os seus amados em Deus. Observemos a promessa do versículo 19 — unidade, novidade, e sensibilidade ao mais leve toque da natureza divina.

EZEQUIEL 14.1-6, 12-23

Ceifando o que Semeamos. É inútil nos aproximar de Deus com orações e pedidos de orientação, quando nosso coração está cheio de pecados secretos e ídolos queridos. Se tolerarmos a iniquidade no coração, Deus não poderá ouvir-nos. Ocorre muitas vezes que quando os homens se dispõem a praticar um certo erro, tudo parece favorável a ele. Um notável exemplo disso acha-se em 1 Reis 22.6,15. O segundo parágrafo descreve a obstinação do seu pecado. Jeremias tinha afirmado que o delito de Judá era grande demais para ser perdoado, e nem a intercessão de Moisés ou de Samuel lhe adiantaria (Jr 14.2; 15.1). Ezequiel acrescenta mais três outros nomes venerados. Nas quatro hipóteses apresentadas: fome, bestas-feras, a espada e a peste, esses homens conseguiriam salvar apenas sua própria vida; mas, mesmo em tais casos, haveria um restante eleito que seria consolado à medida que reconhecesse as evidências da divina retidão. E é verdade. Quando estudarmos a história de nosso povo, seremos consolados; sentiremos que Deus não poderia ter agido de outro modo; ceifaremos a bênção decorrente de acontecimentos e movimentos que tínhamos temido ou entendido mal.

EZEQUIEL 18.14-32

A Reversão do Juízo Divino. Os judeus do tempo de Ezequiel afirmavam que Deus não fora justo ao castigar sua nação, porque eles estavam sofrendo, não por causa de seus próprios pecados, mas pelos de seus pais. Aqui Deus deixa

claro que trata os indivíduos de acordo com seus próprios merecimentos. Se um filho é culpado, e seu pai foi bom, as virtudes do pai não livram o filho da merecida punição. Se o filho é bom e seus pais maus, ele recebe a recompensa de sua própria bondade. Que grande consolo nos proporcionam os versículos 21 e 22! Deus se compromete em que o pecado perdoado não será nem lembrado. Todos os que durante toda vida se vêem sujeitos à condenação por causa dos erros passados devem apropriar-se dessa solene aliança e reivindicar seu cumprimento. Não devemos satisfazer-nos com uma correção exterior; deve haver, e pode haver, através da graça do Espírito Santo, uma mudança interior e radical. Esse difícil mandamento (v. 31) faz-nos recorrer ao Espírito Santo (Sl 51.10,12). Como e-nuncia Agostinho: “Dá o que exiges, e exige o que quiseres”.

EZEQUIEL 33.1-16

“*Por que Haveis de Morrer?*” O profeta descreve um quadro campestre, um vale fértil, dedicado à atividade pastoral. É uma cena tranqüila, feliz; mas, movendo-se furtivamente por entre os desfiladeiros das montanhas, estão os mais mortais inimigos. Como era necessário que houvesse um atalaia, de trombeta na mão, para dar aviso e como seria terrível a sua culpa se ele deixasse de fazer soar o alarma. Nós não somos responsáveis pelos que se recusam a aceitar as advertências que lhe fazemos fielmente; mas, se percebermos uma alma em perigo mortal e deixarmos de alertá-la, não somos apenas responsáveis por sua ruína, mas atraímos terrível castigo sobre nós mesmos. Estava certo Richard Baxter (famoso pregador inglês — 1615-1691) em passar a noite acordado por causa do seu forte senso de responsabilidade pelas almas dos homens. Deus deseja a nossa salvação. Se o pecador não somente confessar seus pecados ao céu e misericordioso Sumo Sacerdote, nenhum dos seus pecados será lembrado contra ele.

EZEQUIEL 34.1-16

Pastores Egoístas. Os pastores desse capítulo não eram os líderes religiosos do

povo, mas governantes que não buscavam o bem do povo, mas seus egoísticos objetivos. Mas as declarações feitas pelos profetas podiam ser corretamente aplicadas aos gananciosos sacerdotes que se mostravam mais interessados na lâ do que no rebanho. Deus requer dos pastores que guiem o seu rebanho, não por sórdida ganância, mas como exemplos para a ovelha (1 Pe 5.2,3). É dever deles, também, fortalecer os espiritualmente enfermos, curar os doentes, socorrer os desalentados e procurar os perdidos.

Observemos a maneira amorosa como o próprio Senhor Jesus supre as deficiências de seus servos infieis. Num belo contraste com a crueldade e ganância egoísticas deles, ele se dispõe, em dias nublados e escuros, a reunir o seu povo e cuidar dele, embora eles sejam como ovelhas dispersas, cada uma seguindo seu próprio caminho. Quando os ministros de sua igreja falham no seu dever, o Senhor se apressa em suprir a falta deles. Sem dúvida, essas preciosas promessas se referem, primeiramente, ao segundo advento do Senhor, quando ele buscará e libertará o seu Povo Escolhido e o trará de volta à sua terra. Mas, certamente, não devemos limitar a referência apenas a essa interpretação. Nós somos suas ovelhas, por aquisição e por escolha. Ele nos conhece como nós o conhecemos. Ele nos buscou e nos salvou. Ele nos alimenta e nos faz deitar junto às águas de descanso.

EZEQUIEL 34.17-31

“*Chuvas de Bênçãos.*” Embora, por ora, Deus não pareça fazer qualquer distinção entre os opressores e os oprimidos, logo chegará o dia em que ele fará importantes e duradouras distinções (Mt 25.32,33). Aí, nenhum erro ficará sem ser corrigido. Notemos a designação do Senhor como “um só Pastor”, incomparável e imaculado em dignidade e autoridade. Ele morreu uma vez para salvar do lobo o seu rebanho, mas ele está destinado a reinar para sempre como o seu Grande Pastor no meio deles (v. 23). Eles ficarão para sempre isentos da fome, do mal e do opróbrio. Jesus se levantou dentre os mortos para

ser a nossa plantação memorável. Plantado no túmulo da morte, ele se tornou, com o seu povo, uma Videira cuja sombra cobre os montes e enriquece o coração e a vida dos homens com suculento fruto. E como ele vive, nós também viveremos. A ressurreição dele implica na nossa, e é garantia dela.

EZEQUIEL 37.1-14

A Ressurreição de Uma Nação Morta. Nesse maravilhoso capítulo, a visão é surpreendentemente clara. O tempo não diminui sua significação. Na verdade, muitos sinais indicam a proximidade do seu cumprimento.* Durante muito tempo, a nação judaica se assemelhou a esses ossos secos e brancos; e o estado

dos pecadores também pode ser descrito nos mesmos termos. A condição em que se encontram muitas almas e localidades pode ser comparada às horríveis cejas de um campo de batalha. É possível que nós preguemos e consigamos uma revolução externa, mas enquanto o sopro divino não passar sobre eles não haverá vida. Devemos pregar a Palavra, a tempo e fora de tempo; mas devemos, também, invocar o Espírito de Vida. Os que estão nas sepulturas precisam ouvir a voz do Filho de Deus. As promessas dos versículos 13 e 14 ainda estão para se cumprir, no que diz respeito aos judeus, mas roguemos para que elas venham a realizar-se em nossa própria igreja e cidade. O avivamento, com certeza, trará unidade.

O LIVRO DE DANIEL

O Profeta dos Impérios Mundiais



1. SEÇÃO HISTÓRICA 1-6.
 - a. Daniel e seus amigos são provados 1.
 - b. O sonho esquecido de Nabucodonosor 2.
 - c. A imagem de ouro e a fornalha de fogo 3.
 - d. O segundo sonho de Nabucodonosor 4.
 - e. A festa e a queda de Belsazar 5.
 - f. Daniel libertado da cova dos leões 6.
2. SEÇÃO PROFÉTICA 7-12.
 - a. A visão dos quatro animais 7.
 - b. A visão do carneiro e do bode 8.
 - c. A oração de Daniel por Jerusalém e a resposta 9.
 - d. A visão de Daniel às margens do rio Tigre 10.
 - e. O conflito das nações 11.
 - f. O juízo final 12.

* Nota do Editor: essas palavras foram escritas mais de trinta anos antes de os ossos secos de Israel se tornarem novamente uma nação. A profecia de Ezequiel já se cumpriu!

INTRODUÇÃO

Daniel e Jonas diferem dos outros profetas pelo fato de que seu trabalho foi entre povos estrangeiros. Seus livros, também, são diferentes dos outros livros de profecia, visto serem eles largamente históricos. Em ambos também o elemento sobrenatural é extraordinariamente proeminente.

Daniel foi um estadista-profeta, e seu livro focaliza Babilônia e os impérios que se seguiriam até à vinda do reino divino. Dos seus doze capítulos os primeiros seis são narrativas; os demais são dedicados a visões. De 2.4 a 7.28, a língua empregada é o aramaico; as partes inicial e final são escritas em hebraico. A última parte do livro é escrita na primeira pessoa e, como sua unidade não é posta em dúvida, o livro inteiro deve ser atribuído a Daniel.

Ele começa com um relato do cativo de Daniel e seus três amigos, sua destemida fidelidade à fé de seus pais, e seu crescimento no favor do rei. Embora a fé heróica de seus amigos se manifeste em seu livramento da fornalha de fogo, o personagem destacado da história é o próprio Daniel. Ele é distinguido por sua capacidade não só de interpretar sonhos e visões, mas de reproduzir os que tivessem sido esquecidos. Posteriormente, depois que Babilônia passou às mãos da Pérsia, a coragem e a fé de Daniel ficaram patentes por ocasião do seu livramento da cova dos leões. Esse é o último evento de sua vida registrado no livro.

As visões simbólicas que constituem a parte final do livro, com o sonho de Nabucodonosor (capítulo 2), descrevem o estabelecimento sucessivo de quatro impérios: Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Depois esse último império dá lugar a reinos menores até o estabelecimento do reino de Deus, o qual abrangerá todos os domínios da terra.

Na visão de um futuro reino de justiça, o livro se harmoniza com todas as profecias. Nesse reino até os mortos participarão, sendo levantados do pó da terra para a vida eterna. Embora no livro haja muita coisa de difícil compreensão, a profecia de Daniel sempre contribuiu para a fé cristã, e o clímax de suas visões é ainda a esperança da igreja.

COMENTÁRIO

DANIEL 1

Coragem Moral Recompensada. Esses moços, de famílias judias nobres, foram levados para a Babilônia a fim de receber educação para servir ao governo. Seus nomes foram modificados para romper ao máximo sua ligação com o passado. O alimento fornecido provavelmente contrariava as disposições de Levítico 3.17. De acordo com um costume em voga tinha sido apresentado ante um ídolo (1 Co 8.10). Notemos as palavras: “Resolveu Daniel firmemente”. É de suma importância alguém decidir no coração que não admitirá certas coisas. Precisamos entender a extensão do que Paulo quis dizer quando escreveu: “Mortos para o pecado”. Deus sempre coopera com seus servos quando estes lhe são leais. *Ele* concedeu a Daniel compreensão; *ele* lhe concedeu habilidade; *ele* fez com que seu rosto e o dos três amigos apresentassem o colorido da saúde. Confie em que ele fará a sua parte! Esse é o segredo da continuação (v. 21).

DANIEL 2.1-13

O Sonho Esquecido. Era o segundo ano do reinado exclusivo de Nabucodonosor. Antes ele governara conjuntamente com seu pai. Do versículo 4b a 7.28, o texto está na língua síriaca ou aramaica e, como essa era a língua vernácula do rei e de sua corte, é possível que essa parte do registro de Daniel seja baseada em documentos do estado. O argumento do rei em sua discussão com os mágicos e astrólogos era que, se eles não podiam lembrar o passado, certamente não se podia confiar que predissessem o futuro; o fracasso dos sábios propiciou a oportunidade para o triunfo maior do servo de Deus. Os sábios da Babilônia disseram fielmente que somente os deuses, que não moram com os homens podiam recuperar sonhos esquecidos. Daniel pensava assim, também, só que ele confiava no Senhor Deus de seus pais. O poder ilimitado é uma tentação para o governante e um perigo para os governados. Ne-

nhum mortal deveria ter poder des-pótico sobre a vida e a morte.

DANIEL 2.14-35

Sabedoria Concedida na Hora da Necessidade. A ação de Daniel nessa crise suprema contém ensinamentos para nós. Ele confiou inteiramente em Deus, e mesmo ao fazer seu cavalheiresco esforço para salvar a vida daqueles velhos sábios, os mestres da escola onde ele havia estudado, nunca duvidou de que se firmaria em Deus. Uma reunião de oração foi convocada para suplicar a misericordiosa intervenção do Deus do céu, e, no seu encerramento, Daniel, dominado por uma firme fé, parece ter caído no sono. Esse fato nos lembra Jesus dormindo em meio à tempestade. Somente um coração assim puro e verdadeiro, confiante e piedoso, podia ter caído no sono ainda envolto nas sombras de ameaça tão terrível. Foi “numa visão de noite” que ele viu a majestosa sucessão de impérios, começando com o ouro da monarquia absoluta e indo até o barro e o metal do governo constitucional. Notemos sua preocupação em atribuir toda a glória a Deus e assumir a humilde posição de mero canal através do qual a mensagem divina foi transmitida ao rei.

DANIEL 2.36-49

O Triunfante Reino de Deus. Quando o Senhor fala dos “tempos dos gentios” provavelmente se refere a esses cinco impérios. O império da Babilônia foi seguido pelo Medo-Persa sob Ciro; este, pela Grécia, sob Alexandre, o Grande; e, a seguir, veio Roma liderada pelos Césares. Da dissolução do Império Romano para cá, os vastos domínios do oriente e do ocidente de modo geral acham-se distribuídos em cerca de dez divisões principais. Portanto agora não existe nada entre nós e o estabelecimento final do reino que não é feito por mãos humanas e nunca será destruído. Notemos a notável previsão do desfecho do domínio gentio, no abatimento do supremo poder humano aos pés de um judeu. Os que partilham de nossas aflições e orações não devem ser esquecidos nas horas de triunfo (v. 49).

O coração de um homem pode não lembrar seus sonhos esquecidos, mas os reconhecerá quando eles forem apresentados pelo servo de Deus.

DANIEL 3.1-18

Fidelidade Duramente Provada. No final do capítulo precedente, o rei reconheceu a supremacia do Deus de Daniel; todavia, aqui manda erigir uma imagem a Bel e a si próprio, exigindo honras divinas. Provavelmente havia interesses de estado em jogo. Num império formado de povos, nações e línguas tão heterogêneos só poderia haver unidade se todos se inclinassem perante um só objeto. Dezenove anos tinham decorrido desde que Daniel recontara o sonho perdido. Nesse meio tempo, eles haviam vencido várias guerras e acumulado vastos tesouros que tornaram possível esse enorme dispêndio. Imaginemos as miríades reunidas, a grande parada de príncipes, sátrapas, vice-reis, políticos e sacerdotes, os grupos reunidos e, ao fundo do cenário, a fornalha. Os três moços não poderiam ter permanecido de pé, só eles no meio da multidão prostrada, se não tivessem sido sustentados por uma fé viva no Deus de seus pais (Hb 11.33,34). Eles não pensavam em se defender; estavam prontos a morrer se Deus assim o quisesse. Haviam tomado aquela atitude e a mantiveram totalmente independente de qualquer expectativa de libertação. O nosso Deus, a quem servimos, é capaz.

DANIEL 3.19-30

Fidelidade Recompensada. Somente quando atingimos o fogo é que nos tornamos cônscios da presença do Companheiro Divino, andando ao nosso lado como se estivéssemos palmilhando as sendas molhadas de orvalho do Paraíso. O “Bom Pastor” estava ali com sua vara e seu cajado. Eles estavam “soltos” (v. 25); isto é, o fogo consumira apenas suas cordas e nada mais. O cabelo seria o primeiro a queimar, mas nem um fio de cabelo fora chamuscado (Lc 12.7; 21.18). O “entregar os seus corpos” do versículo 28 nos lembra Romanos 6.13; 12.1,2. Entreguemos o nosso corpo

e alma ao nosso fiel Criador para que os use como bem lhe aprouver. Ele os fez e os remiu; que os possua; e, quando somos possuídos por seu Espírito, nenhum outro fogo, seja ele físico ou temperamental, poderá queimar-nos. Dos mártires pode-se dizer que sobre eles também o fogo não teve nenhum poder (Is 43.2)!

DANIEL 4.1-18

“*O Decreto dos Vigilantes.*” Nabucodonosor estava no auge de sua fama e poder. Suas guerras tinham terminado; sua prosperidade estava garantida. Mas ele atribuía tudo à sua própria sabedoria e habilidade. Em nenhum momento ele pensou em Deus, que o erguera e lhe dera tudo. Ele teria de ser humilhado para que sua alma fosse salva; os viventes precisavam saber que o Altíssimo domina sobre o reino dos homens e o dá a quem lhe aprouver (v. 17). Com que disposição os líderes do mundo, em horas de crise, se voltam para os homens de fé, que obtêm recursos invisíveis e se mostram sempre tranquilos e imperturbáveis (v. 9). A grandeza do rei é apresentada sob a figura de árvore gigantesca, enchendo a terra e dando abrigo às nações. Houve apenas um Ser que desceu, reunindo em si vigilância e santidade. Pelo versículo 17, vemos que nenhum destino é decidido independente de cuidadoso exame feito pela câmara do conselho celestial. Como é respeitável essa concepção do amadurecido julgamento executado pelos céus! Como ficaremos se não tivermos a defesa do grande Sumo Sacerdote?

DANIEL 4.19-37

A Humilhação de Nabucodonosor. Não há dúvida de que Nabucodonosor foi um dos mais ilustres governantes que o mundo já viu. As pesquisas efetuadas por Layard nas colinas do vale do Eufrates forneceram notáveis evidências de sua magnificência. Ele achava-se bem cônscio de sua grandeza, e sempre que, do alto do seu trono, contemplava o mundo a seus pés, seu coração se enchia de orgulho. Não seria difícil citar as provas encontradas nas pedras

e tijolos de Babilônia para corroborar o teor geral dessa história; pois todos os tijolos das ruínas dessa grande província que foram examinados trazem o nome de Nabucodonosor. Foram encontradas várias inscrições em termos presunçosos que condizem com o versículo 30. Mas, como é maravilhoso o contraste entre essas orgulhosas e arrogantes palavras e a oferenda de humilde adoração e louvor dos versículos 34 a 37! Se Deus pôde produzir tal efeito no orgulhoso rei da Babilônia, haverá algum pecador que ele não possa conquistar? Será que alguns castigos que sobrevêm a algumas pessoas não teriam por objetivo dominar sua vontade orgulhosa e levá-las a fazer confissões semelhantes?

DANIEL 5.1-16

A Escritura na Parede. O nome de Bel-sazar foi encontrado nas inscrições achadas nas ruínas da Babilônia, pelo que se infere que ele reinou conjuntamente com seu pai, e após a morte deste ficou no poder para defender a Babilônia. Portanto ele era neto de Nabucodonosor, sendo que a palavra “pai” (v. 11) é usada no sentido de “ancestral”. As amplas paredes do salão de banquetes estavam cobertas de esculturas e suntuosas decorações, tabuletas de pedra, e com escrita cuneiformes descrevendo os triunfos de reis anteriores — que festa aquela! Os mil “grandes”; as mais lindas mulheres do reino; a presença dos magnatas da religião e do estado. O vinho fluía liberalmente e as gargalhadas ressoavam pelo magnífico salão. Sobre a mesa viam-se os utensílios do templo e, de forma notória, o candelabro de sete hastes, que lançavam seu clarão na parede, iluminando distintamente os dedos da mão que escrevia. As palavras, embora em caldaico, podem ter sido escritas em caracteres hebraicos. A consciência do erro enchia o coração do rei de terríveis pressentimentos. É possível que a rainha mencionada fosse a grande Nitocris, esposa de Nabucodonosor, ancestral do rei. Deus tem sua maneira peculiar de colocar seus servos em evidência quando deles precisa.

DANIEL 5.17-31

Pesado e Achado em Falta. Daniel não estava perturbado nem assustado. Calmo e imperturbável, ele reconheceu a caligrafia do Pai e a leu, como o erudito sabe decifrar um pergaminho que é ilegível ao olhar das pessoas comuns. Que importância tinham para ele as quinquilharias do palácio? Sentindo as asas do anjo da morte lançar sua sombra sobre aquela multidão aterrorizada, o oferecimento de Belsazar, a vestimenta de púrpura e a cadeia de ouro, não tinha a menor importância. Às vezes, parece que aqueles dedos ainda estão escrevendo sua terrível sentença nas paredes do festo das nações. Enquanto uma nação está-se embriagando com suas taças e consentindo na impureza, Deus pode estar a examiná-la e em breve apresentará seu veredicto: “Pesado na balança e achado em falta”. Pode haver ouro e fulgor, festança e alegria, o esplendor do estado e a profusão de manjares saborosos; mas de que vale isso se o povo é ignorante, irreligioso e impuro? Então, na verdade, a corrupção se estabeleceu! A raiz de todos os pecados é o orgulho. Que o Espírito de Deus, que sempre traz consigo luz, inteligência e excelente sabedoria, seja achado em nós como em Daniel.

DANIEL 6.1-15

Fidelidade no Culto. Embora fosse o homem mais distinto do seu tempo e por demais ocupado no serviço público, Daniel conseguia achar tempo para orar à tarde, de manhã e ao meio-dia, de acordo com o costume hebreu (Sl 55.17). Exteriormente, ele era um personagem importante da corte persa, mas, interiormente, continuava leal, como sempre, à cidade de seus pais e ao templo agora em ruínas (v. 10). Que maravilhoso tributo seu caráter santo recebeu por parte de seus inimigos, quando não puderam encontrar nele outra falta que não a relacionada com sua vida religiosa! O tempo que passamos em oração não é tempo perdido. Lutero costumava dizer: “Tenho tanto o que fazer hoje, que para poder realizar tudo, preciso passar pelo menos três horas em oração”. Era costume dos judeus voltar o rosto para a Cidade Santa, que, por tanto tempo, fora o centro do seu grande

sistema religioso (1 Rs 8.44; Jn 2.4). Para nós, o rosto voltado para o alto e as referências que fazemos ao grande Sumo Sacerdote correspondem a uma postura análoga e mesmo superior à da janela aberta. Atente para que suas janelas estejam sempre abertas para a nova Jerusalém, da qual você é cidadão, e da qual, durante algum tempo, esteve exilado.

DANIEL 6.16-28

“Perseguidos por Causa da Justiça.” Era uma conspiração cruel, mas feriu mais os promotores do que a vítima do vingativo ódio deles (v. 24). Eles cavaram um poço em que eles mesmos caíram. Pensavam em adular o rei e conseguir a queda de Daniel; mas seu estratagema era como minas colocadas à entrada de um porto, que são mais perigosas para os que as colocam do que para os outros. Deus ainda envia seus anjos para fechar a boca dos leões, para que não firam seus servos, fortemente cômicos de retidão perante Deus e o homem. Não é necessário supor que Daniel tenha visto o anjo, assim como nós não vemos os cavalos e carros que se acham nos montes ao nosso redor. Ousemos crer que os anjos ministradores, embora invisíveis, estão ao nosso redor e interceptam os golpes e tramadas dos nossos adversários. Andemos diante de Deus com retidão e paz, e estejamos certos de que somos imortais enquanto não concluirmos nosso trabalho. Um rei pagão publicando tal proclamação é uma mostra da sabedoria divina que pode fazer com que seu extraordinário poder seja divulgado por meio das mais estranhas circunstâncias.

DANIEL 7.1-14

O Eterno Domínio de Deus. Esse capítulo enumera a sucessão de impérios e governadores mundiais que abrangem os séculos que vão do cativo ao Segundo Advento de Cristo. O leão representa Babilônia, cujo cruel e poderoso reinado foi animado por maravilhosa inteligência; o urso, a Pérsia; o leopardo, a Grécia sob Alexandre, o Grande; e o quarto animal, com grandes dentes de ferro, Roma. Os dez chifres são dez reis e estes, provavelmente, representam grandes reinos europeus que

se seguirem, ou ainda vão se seguir ao Império Romano. O Ancião de dias está, hoje, sentado sobre seu trono, suas vestes brancas como a neve simbolizando sua pureza, o fogo do seu trono revelando seu antagonismo a tudo que comete pecado e favorece a iniquidade. O governo do mundo está sobre ombros que têm capacidade para cuidar dele, e farão com que todas as coisas executem o seu propósito, que é promover e garantir a vitória de Cristo.

DANIEL 7.15-28

A Destruição de Todos os Poderes Rivaís. O juízo aqui descrito não é o final, mas o julgamento das nações, que está sempre em andamento e em virtude do qual os grandes impérios, um atrás do outro, são postos de lado. Essa mudança constante deve continuar até que o reino de Jesus Cristo, que é, agora, um reino espiritual e oculto, seja manifesto aos olhos dos homens. Esse terrível poder perseguidor tem sido identificado com Antíoco e com outros. Mas é melhor pensar nele como o espírito do mal que está sempre em guerra com o povo de Deus, assumindo diversas facetas em sua manifestação. Como o povo de Deus sofreu às mãos do anticristo no passado, também deve esperar uma final manifestação de seu ódio. Mas eles vencerão por meio do sangue de Jesus e pela palavra do testemunho deles, e o reino de Cristo sobreviverá à destruição de todos os outros. Que grandiosa visão temos af do terrível conflito que deve sempre existir entre os santos do Altíssimo e os grandes poderes do mundo que desejam eliminá-los! Não estamos nós, agora mesmo, testemunhando o julgamento que Deus está executando sobre as nações da terra?

DANIEL 8.1-14

Desonrado o Santuário de Deus. Em Susã, no palácio junto ao rio Ulai, o profeta teve uma visão em que presenciou o ataque que subsequente, Alexandre faria ao reino medo-persa. O chifre grande que foi quebrado naturalmente é Alexandre, e os quatro chifres notáveis são seus quatro generais que,

depois de sua morte, repartiram entre si as terras por ele conquistadas. O chifre pequeno é considerado por muitos como sendo Antíoco, cuja luta com os macabeus foi uma das mais significativas na história judaica posterior. Outros entendem que simboliza Maomé e seus seguidores, que têm dominado as mesmas regiões. Nesse caso o chifre pequeno representaria a apostasia oriental, distinta da ocidental, que segundo alguns é representada pelo pequeno chifre do quarto animal (7.8). Será bom ler os livros dos Macabeus, incluídos entre os Apócrifos, para se entender mais claramente a história relacionada com os versículos 11 e 12. A explicação desses versículos obscuros é dada também nos versículos 24 e 25. Antíoco ficou cheio de ódio contra o culto espiritual dos judeus e sua recusa em aceitar a imagem dele no templo. Ele impediu os sacrifícios deles, embora depois permitisse que fossem restabelecidos por algum tempo, sendo definitivamente suspensos durante a época referida. O dia para um sistema anual (v. 14) pode referir-se às desolações do Império Turco ou Otomano, do qual Antíoco foi o representante.

DANIEL 8.15-27

O Livramento de Deus é Certo. Não cabe em nosso estudo entrar nos vários cumprimentos que foram atribuídos às profecias desse capítulo — um para o tempo dos macabeus, um para os nossos dias, e um para o satânico poder maligno que perpetuamente se levanta contra o Príncipe dos príncipes. Concentremo-nos mais na afirmação de que seja quem for que se rebelar contra a realeza de Jesus Cristo será inevitavelmente destruído. A igreja de Deus está ameaçada hoje como nunca o foi antes, por uma vasta multidão de influências malignas; mas a promessa do Mestre que as portas do inferno não prevalecerão contra ela ainda está em vigor. Elas serão quebradas sem esforço de mãos humanas. Essa é a nossa forte certeza com relação a todos os nossos inimigos e, portanto, ganharemos nossa alma na perseverança. É interessante que Daniel continuasse a atender aos

negócios do rei, apesar do grande volume de revelações que lhe foram dadas. Por mais que nos sintamos envolvidos num céu de meditação e êxtase espiritual, nunca devemos esquecer ou negligenciar os interesses confiados às nossas mãos, sejam do lar, do trabalho ou do estado.

DANIEL 9.1-15

Intercessão por um Povo Amado. Que oração! Sob muitos aspectos é uma oração modelo para todos nós. *Estava baseada na Palavra divina.* O fato de Deus haver prometido restaurar as assolações de Jerusalém após setenta anos não fez com que Daniel limitasse suas orações; pelo contrário, inspirou-o a orar mais. As promessas de Deus não são independentes da nossa fé, mas esperam que nos apropriemos delas. Os talões de cheques já estão preenchidos e assinados em nosso favor, mas é preciso que os apresentemos ao banco para receber a bênção. *Foi muito humilde.* O jejum, o pano de saco e cinza eram os aspectos exteriores, mas observemos o espírito dela: “Temos pecado... fomos rebeldes... a nós pertence o corar de vergonha”. Ele confessou seu pecado e o do seu povo. Existe de fato a confissão vicária, na qual um salvo toma a si a tarefa de levar os pecados do seu povo e apresentar os fatos diante de Deus como se os pecados fossem dele próprio. Mas dificilmente nós precisamos confessar os pecados de nosso povo ou nação, pois já temos os nossos que são muitos; e quanto mais perto chegarmos da luz e da santidade infinitas de Deus, mais abominaremos a nós mesmos e nos arrependemos no pó e na cinza.

DANIEL 9.16-27

O Favor Renovado no Tempo Próprio de Deus. Os versículos 17 a 19 têm em si um tom de ansiedade que lembra as palavras do Senhor sobre o empenho do que toma o reino do céu à força. Deus gosta de ver-nos orar fervorosamente. Não são as longas orações, mas as orações veementes que prevalecem com ele. Às vezes, ele parece negar-se a atender-nos, mas só para levar-nos a nos dedicarmos ainda mais à súplica.

Observemos a resposta a tal oração. Antes que ela fosse pronunciada, já estava respondida (v. 23). Antes que Daniel invocasse, a resposta já estava dada; e, enquanto ele ainda estava falando, já fora ouvido. Perseveremos em oração! Deus está mais interessado em ouvir-nos e abençoar-nos do que nós estamos em orar. Agora mesmo a resposta divina está vindo em nossa direção apressadamente, mais célere que a velocidade dos raios matutinos percorrendo o espaço. Enquanto estamos orando, ou mais ainda, antes de começarmos nossa súplica, o anjo é enviado com a recomendação de voar bem depressa.

Seis objetivos deviam ser atingidos em 490 anos a contar de uma data específica. Alguns relacionam esses anos com a restauração judaica final, mas, para isso, a última semana das setenta tem de ser destacada das demais e adiada até “ao fim dos dias”. É mais natural interpretar a passagem como uma descrição da obra consumada de Cristo, e, assim, evitamos prejudicar a positividade da profecia retardando-a indefinidamente. “O príncipe que há de vir” parece referir-se ao Imperador Vespasiano, cujo povo destruiu Jerusalém. Mas muitos pensam que o versículo 27 se refere a um futuro pacto entre o anticristo e os judeus, antes da conversão deles.

DANIEL 10

A Visão Junto ao Rio. Esse capítulo oferece um vislumbre da grande luta em andamento entre o céu e o inferno. O ser radiante que veio a Daniel enquanto ele orava e jejuava junto ao grande rio sofreu resistência por parte do poderoso espírito decaído que dirigia os destinos do reino da Pérsia, durante três semanas; e só depois que foi sofrido e revigorado ele pôde executar a divina missão (v. 13). Que notáveis revelações temos aqui — provavelmente, cada nação pagã é governada por um mau espírito nos lugares celestiais; a luta, em certas ocasiões, é difícilíssima, mesmo para os brilhantes anjos fiéis; a chegada de nossas bênçãos algumas vezes é retardada por causa das tempestades que varrem o oceano

que elas têm de atravessar. Talvez por meio da oração sejamos capazes de lançar alguns gramas de peso na balança e conseguir uma reviravolta na batalha. Como é animador o toque dessa mão, e terno o tom dessa voz. Quem não é forte quando se acha fortalecido pela destra de Deus? Entremos firme na batalha de mais um dia! Deus sustenta nossa destra. Sejam todos sinceros e fortes; não iremos falhar!

DANIEL 11.1-14

A Ascensão e Queda de Impérios. Esse capítulo prediz as histórias de Xerxes, de Alexandre, o Grande, a divisão do reino por ocasião de sua morte e as prolongadas lutas entre os reis da Síria e do Egito. Durante aqueles anos de agitação e guerra os olhos dos fiéis servos de Deus devem ter-se voltado muitas vezes para essa página em busca de orientação e conforto. A voz dos profetas esteve calada entre Malaquias 4 e Mateus 1, e por isso a Palavra escrita seria extraordinariamente preciosa. Eles devem ter-se sentido confortados ao saber que Deus conhecia o caminho que eles tinham de atravessar e lhes daria todo o auxílio necessário. Que cansativa e monótona sucessão de lutas, guerras e miséria é a história dos reinos do mundo! Os gentios se enfurecem; os povos se movimentam. A terra e o céu são envolvidos em nuvens e trevas. Isso nos recorda o caos da condição primitiva da nossa terra, quando ela era sem forma e vazia e havia trevas sobre a face do abismo. Mas, como aconteceu na criação, assim acontece na história: nas horas de trevas o divino Espírito paira no coração da noite, e, daí a pouco, restabelece a ordem e a beleza.

DANIEL 11.15-29

O Despojador Triunfa por Certo Tempo. Que nítido quadro temos nesse parágrafo sobre a emaranhada trama da política terrena. O poder já estava havia muito tempo nas mãos daqueles que procuravam apenas seu próprio engrandecimento, e, para conseguir isso, eles estavam prontos a sacrificar a honra, a família, suas filhas, seu povo. Chegou a hora em que o próprio povo

deve determinar diretamente seu destino. Essas intrigas entre os reis da Síria no norte e os reis do Egito no sul são aqui registradas por afetarem a história do povo escolhido. Isso nos ajuda a perceber que os eventos do presente estão sendo controlados pela Providência divina tendo em vista os interesses da igreja de Cristo. Só isso subsiste; tudo o mais é de importância secundária e deve acabar rapidamente. O propósito eterno permanece firme para sempre — o Pai entregou o governo deste mundo ao Senhor, e está prestes a reunir todas as coisas nele que é o Cabeça.

DANIEL 11.30-45

Arrogância Aniquilada. A descrição da carreira de Antíoco Epifânio, perseguindo o povo de Deus e tramando contra o Senhor e seu santuário, parece sugerir que ela também inclui ulteriores cumprimentos, e, principalmente a do último anticristo, de quem Antíoco era a prefiguração. A correspondência entre essa profecia e seu cumprimento é tão exata que Porfírio, um opositor do cristianismo, sustentava que essa descrição fora escrita após o evento. A abominação do versículo 31 refere-se às imagens ou símbolos idólatricos que sucessivamente foram erigidos no Monte Sião sob os auspícios de Antíoco, dos romanos, dos muçulmanos, e será estabelecido, uma vez mais, pelo anticristo. A última cláusula do versículo 32 cumpriu-se maravilhosamente em Judas Macabeu e seus irmãos; mas representa a perene fonte de poder para todos os que sofrem ou servem a Deus. A angústia dos que falham na hora da prova levou-os, muitas vezes, a uma purificação maior (v. 35) e a roupagem branca é a marca da vitória final (Ap 7.9). Deus não permitirá que seu povo sofra além do tempo determinado (v. 36; Mt 24.22).

DANIEL 12

A Ressurreição e o Julgamento. Miguel era o espírito guardião do povo judeu. Quando o tempo de aflição tiver alcançado seu clímax, seja a nível nacional ou individual, o socorro está próximo.

A esperança da ressurreição, vida além das trevas dos seus tempos, animava o coração do povo escolhido. De igual modo o apóstolo Paulo a ela se refere (1 Co 15.58). Não há dúvida de que a ressurreição nacional de Israel está incluída aí, mas está claro que o tema dessas maravilhosas palavras é a ressurreição final, quando a dos justos precederá a dos injustos por ocasião do milênio. As profecias de Daniel deviam ser seladas, porque o seu cumprimento integral só iria ocorrer de-

pois de muitos dias. Três e meio provavelmente significa três e meio anos proféticos que, no sistema do dia-ano dá 1.260 dias ou anos, e é equivalente, portanto, aos quarenta e dois meses de Apocalipse 11.2; 13.5. Esse é o tempo das potências mundiais, metade do número perfeito, o sete. A supremacia dos reinos gentios deve durar 2.500 anos, dos quais a última metade já está quase expirada. Prossigamos em nosso caminho, vigiemos e oremos, e, no final, nos apossamos de nossa herança.

O LIVRO DE OSÉIAS

*O Amor de Deus por Seu Povo Apóstata
"Como te deixaria, ó Efraim?" (11.8.)*



1. GÔMER, INFIEL MAS AMADA, UM SÍMBOLO DE ISRAEL 1-3.
 - a. A esposa e os filhos do profeta 1.
 - b. Israel deve ser julgado e restaurado 2.
 - c. O retorno da esposa do profeta 3.1-3.
 - d. O retorno de Israel 3.4,5.
2. O CASTIGO E A MISERICÓRDIA DIVINOS 4-14.
 - a. Israel maduro para o castigo 4.
 - b. A culpa do rei e dos sacerdotes 5.1-6.3.
 - c. A depravação e a obstinação de Israel 6.4-7.16.
 - d. Segando tormentas 8.1-9.9.
 - e. A história das apostasias de Israel 9.10-11.12.
 - f. A misericórdia triunfa 12-14.

INTRODUÇÃO

Oséias era, provavelmente, natural do reino do norte e cidadão de lá. Exerceu seu ministério durante os turbulentos reinados dos últimos seis ou sete dos seus reis — um período de cerca de sessenta anos. A condição moral e religiosa de Israel era de muita corrupção. Deus e sua Palavra eram ignorados; os reis e príncipes eram assassinos e devassos; sacerdotes idólatras mantinham seus ritos vergonhosos em todas as partes do país; os grandes partidos políticos solicitavam auxílio ora da Síria, ora do Egito.

Supõem alguns que os incidentes domésticos mencionados nos três primeiros capítulos são parabólicos; mas sustentar esse ponto de vista é eliminar a comovente lição do sofrimento que o amor, humano ou divino, está disposto a suportar, se com isso o perdido puder ser achado e o errante retornar ao lar.

COMENTÁRIO

OSÉIAS 1

Deus Reúne os Proscritos. A história de Oséias é patética. Ele teve a impressão de que era seu dever tomar como esposa uma mulher cuja vida anterior tivesse sido impura. Desse casamento nasceram três filhos, cujos nomes são tremendamente significativos. São estes: “Deus dispersará”; “Desfavorecida”; e “Não-meu-povo”. Essa é a história de muitas pessoas. Apesar de todo o terno amor de Deus; nós tendemos a afastar-nos dele rumo ao caminho do pecado.

O capítulo se encerra com brilhantes predições. Os últimos versículos se cumpriram parcialmente quando o povo retornou do exílio babilônico, e se cumprirão, um dia, em literal plenitude — provavelmente mais cedo do que supomos. É bom dar ênfase a “no lugar onde”. Quantas vezes somos levados de volta às mesmas circunstâncias em que parecemos ter falhado mais visivelmente, para que *nessa lugar* possamos receber a suprema bênção de nossa vida (v. 10). Deixemos Deus vingar-nos. Ele nos trará da terra do inimigo e arrancará essa con-

fissão da boca de nossos críticos e inimigos (v. 10).

OSÉIAS 2.1-13

O Amargo Pecado de Afastar-se de Deus. Parece que Oséias tinha esgotado suas repreensões à sua esposa infiel. Ele utilizara todas as flechas da aljava do amor, mas fora em vão; por isso, agora, ele envia os filhos — que estavam em condição pior que a de órfãos — a fazer súplicas à mãe deles, antes que ela fizesse vir sobre todos eles o castigo irrevogável.

Quase sem o perceber nossa mente passa dos apelos do amor humano para o Noivo divino. Muitas vezes ele tem de levantar cercas de espinho ao *nosso* redor — não porque sinta prazer em contrariar-nos, mas para desviar-nos do mal. Não havia melhor maneira de afastar Israel de seus ídolos do que a de suspender a prosperidade material que, pensava Israel, eles lhe proporcionavam. Não tem sido isso que nós também estamos vivenciando? Nosso gozo cessou e nossa prosperidade desapareceu. Nós nos assentamos no meio dos destroços de um passado feliz. Não é que Deus

tenha deixado de cuidar de nós, mas é que ele quer atrair-nos, de novo, a si. Será que já chegamos ao ponto de dizer: “Melhor me ia então do que agora?” Então, tenhamos ânimo! O alvorecer já está nas montanhas, e Deus está vindo a nós, com a graça restauradora! Isso é como a glória do amanhecer!

OSÉIAS 2.14-3.5

“*Porta de Esperança.*” O vale de Acor era uma longa passagem nas montanhas. O profeta diz que uma porta de esperança se abriria ali, como o túnel do Monte Cenís que liga os Alpes, com seus precipícios e torrentes, às planícies ensolaradas da Itália. Essa porta se abre bem perto das pedras, debaixo das quais foi sepultado Acã, aquele perturbador de Israel. Precisamos expulsar os nossos Acãs para que possamos ver portas de esperança abrirem-se diante de nós.

O profeta foi instruído para que oferecesse mais uma oportunidade à sua leviana esposa. Ela havia sido infiel, mas o antigo amor ainda ardia na alma do esposo, e ele estava disposto a comprá-la de volta, para si, pela metade do preço de uma escrava (Êx 21.32). Sua única condição era que ela habitasse com ele por muitos dias. Esse devia ser um período de teste, com a garantia de que, se ela se mostrasse arrependida e fiel, seria totalmente restaurada.

Que versículo maravilhoso é o 3! Nós somos comprados para Deus por meio da morte do seu Filho. Ele somente nos pede que sejamos dele, e promete esperar-nos. “O melhor de tudo”, exclamou Wesley agonizante, “é que Deus é por nós!” Vamos aceitar a oferta e nos entregar a ele?

OSÉIAS 4.1-10

“*Como é o Povo, Assim é o Sacerdote.*” Esse capítulo contém uma terrível acusação contra o reino inteiro. Não havia nem verdade, nem amor na terra; só blasfêmia, mentira, e adultério. Não fossem as restrições impostas pela religião, tal seria a condição da sociedade humana hoje. Sabe-se que até ateus que moravam em garimpos onde não havia nenhum sinal de religião, mudavam-se para locais onde estariam mais próxi-

mos de uma igreja. Notemos no versículo 3 como o pecado dos homens parece afetar até mesmo os animais. “Toda a criação... geme e suporta angústia... aguardando a adoção de filhos.” (Rm 8.22,23.)

É com razão que o profeta repreende os sacerdotes. Eles eram beberrões e sensuais; rejeitaram o conhecimento e a direção de Deus; promoveram rituais exteriores de maneira a engordar com as ofertas do povo; e, como acontecia com eles, assim ocorreu com os iludidos fiéis. Que lição solene está contida no provérbio que se originou nessa passagem: “Como é o povo, assim é o sacerdote!” Não é o que nós ensinamos, mas o que nós somos que, de fato, afeta os homens.

OSÉIAS 4.11-19

“*Entregue aos Ídolos.*” O profeta não faz rodeios para descrever a moral do seu tempo. Isso nos lembra as palavras de Bunyan: “Minha impureza interior era o meu mal. Ela estava sempre se manifestando em mim, e a meus próprios olhos me sentia mais repulsivo do que um sapo. Achava que também o era aos olhos de Deus. O pecado brotava em meu coração tão naturalmente quanto a água numa fonte. Acreditava que todo mundo tinha um coração melhor do que eu”. É claro que em Cristo “temos a redenção, pelo seu sangue”, e isso significa mais do que perdão; a alma é liberta do domínio do mal, e deixa de amá-lo. Mas se alguém recusa isso obstinada e persistentemente, chega um momento em que Deus o leva a colher o que semeou.

O melhor presente que podemos oferecer à nossa geração é o representado por um caráter imaculado. O filósofo agnóstico Sir Leslie Stephen, homem de inteligência brilhante, visitou certa vez, quando já estava idoso, o túmulo de um estudante que tinha sido seu aluno e havia morrido ainda moço sem se ter distinguido nos estudos ou no atletismo, mas tinha vivido a vida cristã com notável simplicidade e amor.

OSÉIAS 5

A Repreensão de Deus Contra a Apostasia. O profeta continua sua grave acusação contra o povo. A corte e a classe sacer-

dotal eram as principais responsáveis pela terrível degeneração que estava correndo o coração da nação. Os apelos à prática da idolatria, que havia por toda parte, assemelhavam-se a laços e redes armados por caçadores nos bosques de Gileade e Tabor.

De repente, cerca de um mês depois (v. 7), um alarma ecoa de montanha em montanha. O invasor estrangeiro entrou no país e está lentamente marchando para o sul. Até mesmo Benjamim está ameaçado. Efraim deve sofrer por causa das instituições de Onri e Acabe (v. 11) e Judá porque seus príncipes eram gananciosos e fraudulentos. Embora várias mensagens fossem enviadas para solicitar o auxílio da Assíria, “o guerreiro” — ele não seria capaz de impedir a iminente dissolução do estado judeu. Não se pode deter a decadência moral fazendo grandes alianças. Nada pode salvar uma nação em cujo coração estão sendo alimentadas as piores formas de corrupção, a não ser que ela se volte para Deus e busque sua face. É certo que se se todos aprendessem bem essa lição — a pusessem em prática, os horrores de um mundo em armas chegariam rapidamente ao fim.

OSÉIAS 6

“*Tornemos Para o Senhor.*” Como a Escritura está cheia de ternos convites: “Vinde, e tornemos!” Esse versículo de abertura está intimamente ligado com 5.15. A mão que feriu era a do Pai que esperava para acolher a nação pródiga, dando-lhe a cura. Quando o sol parece mergulhar abaixo do horizonte, começamos a caminhar rumo ao seu ressurgimento. Então prosseguimos para presenciar o glorioso alvorecer do dia seguinte que está preparado para nós. Daí a pouco percebemos o primeiro clarão, e logo depois um total esplendor. Não é o sol que se move rumo a nós, mas nós rumo a ele. Assim, quando alguém se volta para Deus, disposto a fazer somente a vontade dele, já começou a caminhar rumo à luz do seu semblante, que, em breve, será revelada em sua plena luminosidade. O favor de Deus é comparado também à chuva fertilizadora, pois ela não falha e traz refrigerio.

Enquanto o amor de Deus é constante, nossa vida espiritual é instável. A emoção é evanescente como a nuvem da manhã que na Palestina se dissipa pelas nove ou dez horas da manhã. O Senhor citou o versículo 6 em Mateus 9.13 e 12.7. A pompa do ritual exterior, por mais bela que seja, conta menos para Deus do que um suspiro ou uma lágrima contrita.

OSÉIAS 7

Iniquidade Descoberta. Deus desejava poupar seu povo do cativo e sarar Israel, mas seu empenho foi em vão por causa do seu arraigado pecado. Esse mau procedimento testemunhava contra ele (v. 2). Suas paixões não precisavam de estímulo, justamente como um forno retém seu calor mesmo sem uma contínua atenção do padeiro. O aniversário real era comemorado com bacanais, e a religião nacional tinha-se transformado numa confusa mistura da superstição gentílica com a velha fé hebréia. Nisso, Israel se assemelhava a um pão que não foi virado — duro de um lado, azedo e intragável do outro (v. 8).

Que profunda sugestão aparece no versículo 9! Será que estrangeiros estão comendo a nossa força, sem que nos demos conta de que a deterioração está ternamente minando nossa vida espiritual? Em silêncio o ar gelado furta o calor da água fervente; em silêncio o fungo arma sua tenda nas florestas no outono; em silêncio a velhice se agarra ao forte corpo humano. Assim também a nossa força espiritual declinará, a não ser que vigiemos e oremos; e, quando ela se for, nós nos tornaremos tolos como a pomba que voa diretamente para a armadilha, e inútil como o arco enganoso que se desvia na mão do arqueiro (vv. 11, 16).

OSÉIAS 8

Segundo a Tormenta. O conquistador já estava perto e subjugaria e puniria a nação inteira por ela estar seguindo o seu próprio rumo, sem levar Deus em consideração (vv. 4-8); por ela buscar alianças que só podiam trazer opressão (vv. 9,10); e multiplicar altares e fortalezas que iriam ser destruídas (vv. 11,4). As circunstâncias mencionadas nesse capítulo parecem apontar para os rei-

nados de Menaém e Uzias (2 Rs 15.19; 2 Cr 26.6-15).

O versículo 5 é extraordinário. Israel tinha renunciado ao Senhor pelo simulacro de um bezerro, e, agora, diante dos reveses que o haviam atingido, seu bezerro os tinha abandonado. O que você está pondo no lugar de Deus? Poder, riqueza, o auxílio de amigos influentes? Mais cedo ou mais tarde algum deles o trairá. Como é diferente o Santo que, perpetuamente, nos anima, dizendo: "Não te deixarei nem te desampararei". A persistência com que Israel se voltou para outros amantes não deixou a Deus outra opção senão fazê-lo voltar a uma fornalha semelhante à experimentada no Egito, e que, afinal, queimaria a apostasia deles. Somente quando andamos diante de Deus com um coração perfeito somos fortes e felizes. Se nos envolvermos com expedientes e alianças, ficaremos expostos a muitas tristezas.

OSÉIAS 9.1-9

"*Chegaram os Dias da Retribuição.*" O tema desse capítulo é a amargura do cativo que estava esperando Israel como castigo pela sua infidelidade. O exílio poria um fim definitivo às suas festas idólatras e sensuais. Seus prazeres seriam removidos e o paladar, desagradável. Os contrastes aqui são muito significativos. Quando os homens escolhem coisas imundas quando poderiam escolher as puras, viverão em situação em que obterão somente coisas imundas (v. 3). Se não dão a Deus as ofertas devidas, quando têm fartura, dentro em pouco serão reduzidos a fortes aperturas a ponto de não ter com que fazer sacrifícios ou mesmo sustentar a vida (vv. 4,5). Se descermos ao Egito em busca de socorro, morreremos no Egito (vv. 6,7). Em outras palavras: todo pecado traz em si a semente do seu próprio castigo. Se lhe dermos livre curso para agir, a colheita que dará é incalculável e inevitável.

Que privilégio para Efraim ser sentinela de Deus (v. 8)! E é para gozar desse privilégio também que o Salvador chama a todos nós. Ele nos diz o mesmo que disse aos seus discípulos: "Ficai aqui e vigiai comigo". Mas muitas vezes nos recusamos a considerar seu terno cha-

mado, e nos deixamos seduzir pelo tentador, ou pela preguiça ou pela maldade de nosso próprio coração (vv. 8,9).

OSÉIAS 9.10-17

"*Errantes Entre as Nações.*" Por ocasião do êxodo o amor e a gratidão de Israel para com o Senhor lhe eram tão deleitosos como uvas no deserto ou como os primeiros figos maduros. Mas o povo se entregou aos ídolos gentios, e assim se tornou tão abominável como os deuses impuros que escolhera.

O profeta não hesita em apontar claramente os efeitos da terrível licenciosidade daquele tempo. Ele diz que uma nação que peca como Israel pecou, deve, pela própria natureza das coisas, deixar de existir. Baixa o índice de nascimentos e a família é ferida em suas raízes. A nação só está segura na medida em que o lar é respeitado e existe um amor puro e santo entre homem e mulher. O pecado é como a podridão que corrói a vitalidade e a virilidade de um povo. "Não dará fruto" (v.16) é um terrível veredito divino. E todos nós conhecemos o destino final do galho estéril. Só quando produzimos fruto é que merecemos ser poupados. Será que as nações de hoje aprenderão essa lição? E não devemos todos perguntar se a falta de filhos espirituais não está relacionada com alguma degeneração de nossa vida interior?

OSÉIAS 10

"*Arai o Vosso Campo de Pousio.*" Israel produziu fruto, porém não aquele em que Deus pudesse deleitar-se. Era corrupto e mau. Que enorme desilusão para o Grande Agricultor! A terra estava coberta de colunas e altares, símbolos da idolatria, e nem mesmo os cananeus haviam sido mais cínicos que eles no pecado. Mas observemos os terríveis castigos que deviam sobrevir-lhes. Iria haver uma revolução, porque quando os homens dizem "Não tememos ao Senhor", logo depois dizem "Não temos rei". Betel, a "casa de Deus", será trocada por Bete-Áven, a "casa da vaidade". Os bezerreros de ouro seriam levados pelos dominadores. O rei perecerá como lasca

de madeira na superfície da água. O jugo do cativo será colocado na "formosura do pescoço" de Efraim. As fortalezas de Israel serão tomadas de assalto, seguindo-se todos os males de uma guerra brutal. Não é uma coisa "má e amarga" deixar o Senhor?

Não é hora de nós também examinarmos *nosso* coração e vida, arar nosso campo de pousio, que se acha coberto de espinheiros e abrolhos, e começar a semear em justiça? Peçamos a Deus que guie as relhas do arado da profunda sondagem de alma para que elas penetrem no solo duro de nosso coração, e que plante nele sua boa semente.

OSÉIAS 11.1-11

"*Laços de Amor.*" Esse é um capítulo muito terno, cheio de apelos tocantes. Deus olha para trás, para um passado feliz e abençoado, como um pai afetuosamente recorda a infância pura de um filho que agora está-lhe causando dor e tristeza. Ele relembra a ocasião em que o chamou do Egito e que em obediência ao seu apelo, Israel deixou as idolatrias daquele país. Ele descreve Israel como uma criança pequenina que está aprendendo a andar, e diz: "Eu ensinei a andar". Ele compara o Israel daqueles dias a cavalos ou bois dos quais foi retirado o jugo, e que recebem o alimento. Lembremo-nos, também, de que Deus está disposto a ensinar-nos a andar, e a carregar-nos quando estivermos cansados.

A feliz infância de Israel tinha-se tornado como uma manhã nublada. Eles estavam obstinados em sua infidelidade. Mas Deus, em seu amor, não se deixa repelir com facilidade. Será que algum pai entristecido já pronunciou palavras mais patéticas do que essas dos versículos 8 e 9? Esse é, ainda, o motivo de nossa súplica. Se estivéssemos lidando com um homem, poderíamos desesperar. Mas estamos tratando com o Santo que nos perdoa de acordo com as riquezas da sua graça. Se um desviado ler esses tocantes apelos, sintase estimulado a voltar atrás, certo de que o Pai o espera no ponto onde o caminho se desviou da estrada principal para ali recebê-lo.

OSÉIAS 11.12-12.14

Volta a Deus, Não a um Enriquecimento Egoístico. Embora Judá ainda dominasse com Deus (11.12), havia grave falta nele. E como Efraim que tinha estado ocupando o pensamento do profeta, ele também precisa passar sob a vara. Mas nesse parágrafo, continua ressoando a doce música do capítulo anterior, e, principalmente, a reminiscência dos primeiros dias de Israel quando ele lutou com o Anjo e prevaleceu. Os ideais de inspiração angélica e as resoluções tomadas em Betel não deviam ser esquecidos. As lágrimas e nossa condição de fraqueza são os melhores argumentos diante de Deus. Ele se rende a nós quando nos reconhecemos fracos; rende-se ao nosso desespero. Aquele que se aproximou de Deus e, a seguir se lançou aos seus pés, pode ter o que quiser. Somente evitemos que, após entrevista tão maravilhosa com o Anjo, desçamos ao nível de um mercador fraudulento e utilizemos o poder recebido de Deus para adquirir bens.

Apesar de tudo isso, Deus ainda está desejando convidar seu povo à Festa dos Tabernáculos, a mais alegre de todas as festas do calendário anual hebreu. Mas, mesmo o amor divino ficou frustrado pelo seu obstinado pecado. Como esses profetas do passado concebiam o amor de Deus de forma maravilhosa! O Espírito de revelação levou-os a fazer declarações que mais tarde a cruz iria transformar em realidade.

OSÉIAS 13.1-14

Opor-se a Deus é Destruição. Esse capítulo também é cheio de ternura. Os lábios que falam com tremor revelam um coração que Deus pode exaltar. Mas, quando nos voltamos para Baal, o símbolo da autoconfiança, passamos como a nuvem matutina, como o orvalho, a palha e a fumaça.

No versículo 4 retomamos os doces acordes da recordação do passado. Deus não tinha mudado e estava esperando para salvá-los. Eles tinham recusado seu auxílio e se haviam destruído a si próprios, e ele, que teria feito o melhor por eles, tinha sido constrangido a agir como se fora um leão, um leo-

pardo ou uma urso. No deserto somos muito agradecidos por seu auxílio, mas, quando alcançamos a terra da videira e da oliveira, seguimos os planos e desejos do nosso próprio coração.

Que magnífico grito de vitória é a declaração divina de sua intenção de resgatar seu povo da morte e do inferno! Nosso Salvador, com sua morte, destruiu aquele que tinha o poder da morte. Ele é o algoz da morte, o destruidor do inferno. O aguilhão da morte é o pecado, mas Jesus venceu o pecado. A força do pecado é a transgressão da lei, mas ele cumpriu a lei. Ele é mais do que vencedor, e a alma que se une com ele participará do seu triunfo.

OSÉIAS 13.15-14.9

“Curarei a Sua Infidelidade.” O profeta aqui rebusca o mundo da natureza à procura de frases que expressem adequadamente suas vibrações de alegria.

O mundo inteiro parece proclamar o amor de Deus. O suave orvalho, a rica roupagem do lírio, as profundas raízes do cedro do Líbano, os ramos distendidos da oliveira, o sopro perfumado do vento carregado dos odores da terra, o cereal dourado maduro para a foice, o aroma das videiras — são essas as imagens que se mostram abundantes na imaginação inspirada do profeta.

E como esse capítulo fala profundamente ao nosso coração! Aí estão exatamente as palavras que diríamos como pródigos que voltam ao lar. E, à medida que retornamos, ouvimos a voz divina assegurando-nos de que nossa infidelidade será curada, que não há ira, mas somente amor, e que o próprio Deus será nossa seiva para que tenhamos uma vida frutífera. Nosso Pai quer que entendamos claramente que essas promessas não se dirigem somente a Israel, mas a todos os que as aceitarem.

O LIVRO DE JOEL

Julgamento e Exaltação de Judá



1. A IMPOSIÇÃO DO JULGAMENTO 1.1-2.17.
 - a. Uma seca sem paralelos e a praga dos gafanhotos 1.1-7.
 - b. Uma convocação à lamentação 1.8-13.
 - c. Uma convocação ao arrependimento 1.14-20.
 - d. O som de alarma 2.1-11.
 - e. A esperança de perdão 2.12-17.
2. A MANIFESTAÇÃO DA MISERICÓRDIA 2.18-32.
 - a. A destruição do destruidor 2.18-20.
 - b. A restauração dos anos perdidos 2.21-27.
 - c. O derramamento do divino Espírito 2.28-32.
3. JUDÁ E AS NAÇÕES 3.
 - a. As nações convocadas para julgamento 3.1-15.
 - b. A exaltação de Judá 3.16-21.

INTRODUÇÃO

Quase nada se sabe acerca do profeta Joel. Não conhecemos nenhum detalhe de sua vida pessoal. Não sabemos com certeza nem qual foi a época em que ele viveu, embora pareça provável ter sido um dos primeiros profetas. Pelas freqüentes referências a Judá e Jerusalém chega a parecer que foi profeta do reino do sul.

O tema geral de seu livro é o castigo divino, ou o Dia do Senhor. Primeiro, há um juízo sobre o povo escolhido, imposto por meio dos gafanhotos. Esse é retirado por meio de jejum e oração. Depois vem a descrição do terrível dia do juízo final, que atinge a todas as nações. Os fiéis serão premiados e os malfeitores castigados. O cumprimento de uma das predições de Joel no dia de Pentecoste (At 2.17-21), deu ao seu livro um lugar proeminente no pensamento cristão.

COMENTÁRIO

JOEL 1-2.11

Chamado ao Arrependimento. Além desse livro não sabemos nada acerca de Joel. Ele se contentou em ser o porta-voz de Deus e permanecer no anonimato. Sua mensagem falava de um sofrimento terrível, como nunca houve igual. A lembrança da benignidade de Deus devia conservar seu povo fiel e leal, mas já que a graça e o amor não tinham conseguido tocá-los, o Senhor anunciava terríveis castigos. Um simples inseto, o gafanhoto, ia abater o orgulhoso poder do homem. As quatro espécies de gafanhotos aí descritas e que, sem dúvida, devastaram o país, eram, também, símbolos dos quatro impérios mundiais: Assíria, Babilônia, Grécia e Roma, que deveriam arrasar a Terra Santa. Tais castigos deviam produzir neles atos de arrependimento, tais como jejum, humilhação e intercessão. Há dias na vida da nação quando só nos resta cingir-nos e lamentar. E os ministros e anciãos da igreja deviam ser os primeiros. Quem foi infiel para com o Amado das almas, quando a

igreja visível ou um membro se afasta de Cristo indo para o mundo devasso, então a alegria seca (v. 12), o culto espiritual cessa (v. 9), e não poderá haver paz nem segurança enquanto não ocorrer o arrependimento e o retorno a Deus.

JOEL 2.12-27

A Suspensão do Castigo. Rasgar as vestes é fácil, mas um coração abatido e contrito só pode ser concedido pela graça do Espírito Santo. O amor de Deus deve conduzir-nos ao arrependimento. Ele não tem prazer em nosso sofrimento, e quando o homem se arrepende e abandona seus pecados, encontra acolhida imediata no coração e no lar do Pai. Joel tinha mandado tocar a trombeta para anunciar a guerra; e agora dirige o toque de trombeta para convocar o povo, desde o maior até o menor, para pedir socorro. A oração e o verdadeiro arrependimento e a fé obtêm resposta imediata. Como o esposo se compadece de sua esposa culpada, mas arrependida, e fica indignado com os que a maltrataram, assim

o Senhor, quando voltamos para ele, afasta de nós os que nos oprimiram cruelmente.

As “grandes cousas” que o Senhor fez contra o Egito e a Babilônia constituem um penhor do que ele fará de novo. A terra (v. 21), os animais do campo (v. 22), e, acima de tudo, os filhos de Sião, literais e espirituais (v. 23), têm boas razões para se alegrarem pelo que os aguarda. Deus promete não somente perdoar nossos pecados, mas tornar-nos felizes e suprir-nos abundantemente de mantimento, como se o gafanhoto migrador e o destruidor nunca tivessem entrado em nossa vida.

JOEL 2.28-3.21

“O Vale da Decisão.” Depois de mencionar as bênçãos que acompanhariam o arrependimento, Joel revela as extraordinárias bênçãos espirituais que esta-

vam reservadas para o povo de Deus. O derramamento do Espírito, descrito em Atos 2.16,17, não esgotou toda essa gloriosa profecia. Essa bênção é para todo aquele que o Senhor nosso Deus chamar para si. E sendo nós pessoas que receberam seu chamado, temos todo o direito de reivindicar nossa participação no Pentecoste. Até os escravos, os mais degradados e desprezados dos homens, tornavam-se livres quando se rendiam a Jesus, e têm igual direito ao mesmo Espírito.

O terceiro capítulo se refere ao último e desesperado esforço feito pelas potências mundiais contra Cristo e seu povo. Essa será a cena final da apostasia humana. Mas o Senhor vingará e livrará os seus oprimidos das mãos dos opressores; e o mesmo juízo lhes trará bênçãos. Depois de purificar seu povo da impureza, o Messias habitará com ele (Ap 21.3).

O LIVRO DE AMÓS

“Prepara-te, ó Israel, Para te Encontrares com o Teu Deus.” (4.12.)



1. OS IMINENTES CASTIGOS DE DEUS 1,2.
 - a. Sobre as nações circunvizinhas 1.1-2.5.
 - b. Sobre Israel 2.6-16.
2. A PROCLAMAÇÃO DA ACUSAÇÃO DE ISRAEL 3-6.
 - a. Pecados que exigem repreensão 3.
 - b. Desafio aos julgamentos de Deus 4.
 - c. Substituição do formalismo religioso por justiça 5.
 - d. Vida de luxo e prazeres 6.
3. AS VISÕES SIMBÓLICAS DO FUTURO DE ISRAEL 7-9.
 - a. Gafanhotos, fogo, o prumo 7-1.9.
(A atividade profética de Amós provoca resistência) 7.10-17.
 - b. Um cesto de frutos de verão 8.1-3.
(Repetição da acusação) 8.4-10.
 - c. A fome da Palavra de Deus 8.11-14.
 - d. Ferindo as colunas do templo 9.1-10.
 - e. A restauração final de Israel 9.11-15.

INTRODUÇÃO

Amós não era profeta nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor de sicômoros (7.14). Estava cômico de uma missão irresistível (3.8; 7.15). E ele deu testemunho disso quando Amazias, o sumo sacerdote da idolatria, acusou-o de conspiração. Deus é soberano e escolhe para seus mensageiros aqueles que quer. Tecoa, ainda conhecida por esse nome, estava situada numa bela elevação, cerca de dez quilômetros ao sul de Belém. Dessa aldeia judaica Amós foi enviado em missão profética à terra de Israel. Sob o governo de Jeroboão II, a nação tinha alcançado o ápice da prosperidade e poder, mas predominavam a corrupção e a opressão.

O estilo do livro é simples, pitoresco e admirável. Suas ilustrações são tiradas dos cenários rurais e parecem exalar o ar fresco do campo. As alusões à história, como se vê em 9.7, bem como o poder do pensamento bem estruturado aqui revelado, demonstram que, apesar dos pesados deveres de pastor, Amós achava tempo para o exercício mental, além do espiritual.

COMENTÁRIO

AMÓS 1.1-10

As Outras Nações Serão Castigadas. Amós inicia suas profecias com predições contra os povos vizinhos, para que Israel possa avaliar seus erros e conhecer a forma do justo castigo de Deus (Lc 12.47). A repetida fórmula “por três transgressões... e por quatro” (v. 3) significa várias ou muitas. (Comparar com Jó 5.19.)

A ordem seguida é: Síria (v. 3); Filistia (v. 6); Tiro (v. 9); Edom (v. 11); Amom (v. 13); Moabe (2.1). Cada um desses reinos vizinhos foi sucessivamente esmagado pela invasão das grandes nações que se situavam no vale do Eufrates. Tiglate-Pilneser começou a obra de devastação e Nabucodonosor a concluiu. Mas depois os próprios dominadores, debilitados pelo sucesso e prosperidade ininterruptos, também foram devastados. Podemos estar certos de que há um Deus que julga na terra e que, embora o poderio humano possa afirmar que seus direitos são certos, ele dura apenas um momento. A constituição do universo está em harmonia

com Belém, Nazaré, Calvário e somente uma civilização cristã pode ser permanente.

AMÓS 1.11-2.5

Judá Também Será Julgado. “Edom” era Esaú; isto é, seu povo era parente próximo do de Israel. Talvez por isso mesmo, o ódio de ambas as partes se tornara mais e mais arraigado, desde o Êxodo até ao cerco e queda de Jerusalém (Sl 137.7,8). “Temã” e “Bozra” eram as cidades principais, sendo a primeira assim chamada por ser esse o nome do neto de Esaú (Gn 36.11). Posteriormente, Isaías veria o Anjo guerreiro do Senhor subindo de Edom rumo às montanhas da Palestina, as roupas manchadas com o sangue do inimigo que derrotara (63.1). De igual modo, Jesus Cristo venceu nossos inimigos, e, agora, está de guarda entre nós e eles.

“Rabá” era a capital de Amom. A luta entre os cidadãos e o povo escolhido era latente desde os dias de Saul, inflamando-se de vez em quando com terrível intensidade. “Moabe” — o terrível ato aqui mencionado estava asso-

ciado, provavelmente, com 2 Reis 3.27. É pena que, no castigo divino, Judá esteja associado com esses povos gentios! A acusação não é pelos pecados cometidos contra o homem, mas contra Deus. Somos julgados de acordo com o maior ou menor grau de esclarecimento e padrão de conduta que possuímos. O fogo citado aí era a invasão de Nabucodonosor e seus caldeus, que têm os seus correspondentes em nossos dias. O homem muitas vezes é usado pelo Todo-Poderoso para castigar e purificar seus semelhantes.

AMÓS 2.6-16

Nem Israel Escapar. Primeiro, o profeta enumera os pecados de Israel. Eram injustos para com os pobres, e suas extorsões chegavam ao ponto de levar o pobre ao desespero. Eram impuros. Mantinham festas idólatras junto a altares de ídolos enquanto, injustamente, retinham e confiscavam os penhores do pobre. Sem o menor acanhamento, cometiam os terríveis crimes pelos quais os amorreus tinham sido desalojados por Josué e pelos antepassados deles. Mas observemos que não há nenhuma menção desse grande general e seus valentes soldados; e somos levados a ver o Eterno, e não o agente humano. “Eu destruí.” (v. 9.)

A ondulação do mar na praia, que vemos e ouvimos é devido à ação do sol ou da lua; assim, as mudanças que os homens atribuem a combinações políticas, em última análise, se devem à vontade divina em sua energia permissiva ou diretiva. Uma das figuras mais vívidas está no versículo 13. Quase chegamos a ver o carro que vem carregado da colheita. As rodas rangem e gemem; os bois avançam com dificuldade; o madeiramento ameaça partir-se. Assim Deus carrega o mundo; e assim Jesus se curvou e suou grandes gotas de sangue sob o peso dos pecados do mundo inteiro.

AMÓS 3

A Palavra do Senhor Deve Tornar-se Realidade. Quanto mais íntimo for nosso relacionamento com Deus, mais penetrantes serão a sondagem dele e o seu

castigo. Os pecados dos filhos de Deus, que podem parecer de pouca consequência, são tratados rigorosamente por seu Pai celestial, que os ama demais para permitir que sejam destruídos irreversivelmente. É porque Deus nos ama que ele se mostra tão rápido em detectar os menores sintomas da doença. Mas devemos concordar (v. 3) com ele quanto à malignidade do pecado, à necessidade de purificação, à desesperança da nossa velha natureza e à premente necessidade que o mundo tem tanto de nossa simpatia quanto de nosso sacrifício. Somente assim andaremos com Deus como fez Enoque. A alma que se acha unida a ele está sempre alerta, como ocorre com o viajante que ouve o leão rugir na floresta. Vigiai; vós não sabeis a hora!

Os nobres do Egito e da Filístia são convocados para ver os pecados de Samaria e confirmar como era justo o castigo recebido por eles. O invasor atacaria a terra apóstata vindo de todos os lados. Apenas um fragmento escaparia, como o pastor arranca um pedacinho de um cordeiro das mandíbulas da fera selvagem. Os leitões de luxúria, a cama da preguiça, o bezerro de ouro de Betel — todos são prova da degradação do povo escolhido. Que os sofrimentos por que o mundo passa nesta hora sejam os meios pelos quais a sociedade humana se purifique desses mesmos males, para que a nossa civilização cristã possa escapar aos castigos que atingiram Israel!

AMÓS 4.1-11

As Calamidades São Advertências de Deus. Falando de acordo com as imagens a que estava acostumado em sua ocupação, Amós, o boieiro, compara os ricos e os poderosos de Samaria, que estavam vivendo na luxúria e na licenciosidade, às vacas de Basã, uma raça de gado notória pela força e teimosia. Elas atravessavam sebes, derrubavam cercas, invadiam as pastagens vizinhas e chifravam o gado menor. Os juizes e os magistrados estavam em cruel conluio com os senhores que oprimiam os servos; eles fechavam os olhos às transgressões da lei a troco de bebida. Os sacrifícios e os dízimos eram mantidos

rigorosamente, mas o sistema religioso como um todo estava podre.

Um pesado castigo já sobreviera ao povo degenerado. Havia fome, ocasionais épocas chuvosas, ferrugem, pestilência e praga — mas tudo em vão. O fato de chuvas terem caído num lugar e noutro não prova que Deus estava por trás desses acontecimentos. O método como Deus agira indicava uma operação pessoal dele. As cidades piores tinham sofrido mais. Mas o povo se recusava a levar aquilo a sério. Observemos o pesado refrão: “Contudo não vos convertestes a mim, disse o Senhor”. Pode ser que algum leitor destas linhas possa achar aqui a explicação para a misteriosa sucessão de infortúnios que lhe tem sobrevivendo bem como aos seus familiares.

AMÓS 4.12-5.15

“Prepara-te Para te Encontrares com o Teu Deus.” Julgamentos piores que os mencionados nos versículos anteriores estavam reservados para eles, mas, antes que fossem impostos, a nação inteira foi intimada a comparecer ante o tribunal divino. Queiramos ou não, “importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo”. Prepara-te, minha alma, para te encontrares com ele! Notemos a sublimidade do último versículo do capítulo 4. Como é grande o Deus que formou os montes; como é misterioso aquele que criou o vento; como é sublime o que faz da manhã trevas, e como é poderoso esse para quem montes e picos são meros degraus!

Mas, embora Deus seja grande e santo, somos chamados a buscá-lo. Ele deseja abençoar-nos, mas é preciso que o busquemos. Se nós fôssemos tão diligentes na busca, como o mineiro procura o ouro ou o cientista os segredos da natureza, seríamos maravilhosamente recompensados. “Nem olhos viram...” Amós fala como um filho da natureza. Muitas vezes, enquanto vigiava seus rebanhos, ele tinha observado o Sete-estrela com seu suave brilho, e o Órion, o arauto da tempestade. Tinha ouvido Deus chamando as águas e recebera vida dele. “Buscai e vivei!” Ó alma! Que Deus é o teu! Tuas fontes e tempestades esperam sua palavra de

ordem. Ele pode transformar tua densa treva em manhã. Ânimo!

AMÓS 5.16-27

Um Dia Negro Para os Hipócritas. O povo havia cometido grandes pecados, e grandes castigos estavam para vir. A opressão do pobre (v. 11); a construção de moradias elegantes à custa de tributos injustos (v. 11); a aceitação de subornos para lesar os necessitados (v. 12) — tudo isso terá seu ajuste de contas. Mas se a nação culpada não procurar a Deus e estabelecer o juízo na porta onde os magistrados se assentam para dispensar justiça, as ruas se encherão de lamentação, e tanto os lavradores e os vinhateiros como os habitantes da cidade serão atingidos por ampla destruição.

Além do mais, apesar de a situação de Israel ser péssima, tornar-se-ia infinitamente pior, como a de um homem que, fugindo de um leão, fosse cair nos braços de um urso, ou, refugiando-se numa casa, fosse picado por uma serpente que estivesse escondida numa rachadura da parede. Qual a utilidade de ritos religiosos quando o coração está distante de Deus (v. 21ss)? Prestemos muita atenção à exortação dos versículos 23 e 24. Estêvão citou os versículos 25 a 27, que acusam o povo de andar com sacrários e ídolos de bolso, para servirem de amuletos e evitar desastres (At 7.43). Mas isso seria o mesmo que levantar barreiras de areia para deter um dilúvio! A única coisa que pode auxiliar-nos é o arrependimento perante Deus e a fé em nosso Salvador, Jesus Cristo.

AMÓS 6

“Ai dos que Andam à Vontade em Sião.” Sião é incluída nessa profecia ao lado de Samaria, e os nobres são condenados de modo particular por sua embriaguez, glotonaria e insolência. O profeta aponta o exemplo de grandes povos vizinhos como uma advertência de que o castigo por abusarem das boas dádivas de Deus é o desterro. Calne, no Tigre, e Hamate haviam caído ante a Assíria; Gate, também, havia sido dominada recentemente. Então era bem improvável que Israel, carcomido pela ex-

travagância e luxúria, pudesse durar. A dissolução nacional não está longe quando os palácios estão cheios de orgia, enquanto os pobres definham ao abandono. Era assim que os irmãos de José comiam e se fartavam à boca do poço enquanto José jazia no fundo. Muitos que se dizem cristãos se mostram semelhantemente “à vontade”, indiferentes ao infortúnio de seus irmãos.

A intensidade do castigo iminente é ilustrada por um simples incidente. Uma família de onze é ferida pela peste; dez morrem, um só sobrevive. Tão grande foi a mortandade que nenhum parente próximo, mas apenas um tio resta para levar os mortos para cremação; e quando alguém sugere um culto fúnebre, a sugestão é rechaçada imediatamente com a observação: “Esses velhos costumes não podem ser observados em meio à tensão em que vivemos; nós, agora, não mencionamos o nome de Deus”. Não se farão mais cultos fúnebres. O esforço de Deus com seu povo foi tão inútil quanto o seria lavar rochas.

AMÓS 7

A Mensagem do Boieiro. “As ceifas do rei” eram os primeiros produtos das pastagens, por ele exigidas. O nosso Rei também tem suas ceifas, quando toma para si o que temos de mais caro e melhor enquanto o orvalho da mocidade ainda repousa sobre eles — mas ele só está retomando o que lhe pertence.

Três desastres ameaçavam o povo pecaminoso — gafanhotos, fogo e peste; mas as intercessões do profeta evitaram a calamidade. Há muitos textos na Bíblia que, semelhantemente, apontam o poder da intercessão. Se a igreja se unisse e orasse a uma só voz, poderia obter livramento para a terra. Quando se fala de Deus se arrepender, não devemos pensar que se trata de um capricho e inconstância, mas ele parece arrepender-se quando o homem muda de atitude. Se andarmos contra o vento, ele resiste a nós; mas, se nos virarmos e andarmos na direção oposta, ele nos ajuda. O prumo (v. 7) é usado para verificar a extensão do erro, antes de ser dada a ordem para a destruição.

Amazias, o principal sacerdote da

idolatria nacional, achou o firme testemunho do profeta-boieiro extremamente inconveniente e queria livrar-se dele. Houve grande simplicidade e dignidade na resposta. Como Lutero, anos depois, Amós “não podia agir de outra maneira”.

AMÓS 8

A Pior de Todas as Fomes. O que pode haver de mais frágil do que os frutos de verão? São belos, deliciosos, e, no entanto, se estragam e apodrecem rapidamente. Para Amós eram um símbolo da rapidez com que a dissolução atingiria sua rebelde nação. O fim tinha chegado. O Grande Agricultor nada mais podia fazer. Chegada a colheita, é inevitável a separação entre o bom e o ruim. (Ver Isaías 5.4 e Mateus 13.30.)

Os crimes cometidos pela classe governante eram enormes. Ansiosos para aumentar seus depósitos, eles se irritavam com o tempo dedicado à religião. Reclamavam de ter que passar um dia sem abrir suas lojas. E não hesitavam em diminuir o tamanho de suas medidas (“efa”), e em exigir um peso maior de dinheiro (“siclo”) de seus fregueses. Eram crimes que não podiam ficar ignorados. “Eu não me esquecerei”, é uma terrível sentença divina. A invasão varreria a terra como uma inundação. Como o povo não dava ouvidos aos mensageiros de Deus, seria castigado. Haveria fome da Palavra de Deus, e os que mais a tivessem desprezado, por estarem encantados com os fascínios da juventude, teriam um apetite insaciável por ela.

AMÓS 9

O Dia da Restauração. Os culpados certamente serão punidos. Mesmo que entrem no lugar sagrado isso não os protegerá (v. 1). Será inútil tentar fugir e esconder. Se subirem ao pico mais alto, ou se entocarem no mais profundo abismo, escalarem as mais altas montanhas ou mergulharem nos mares mais profundos — as conseqüências dos seus pecados os alcançarão (vv. 2,3). Como os pecadores esperam fugir daquele que edifica suas câmaras no céu e cuja voz governa as marés (v. 6)? As grandes de-

vastações do passado provam a exatidão e a severidade dos seus castigos (vv. 7,8). E como o versículo 9 tem se cumprido de forma extraordinária! Apesar de disperso, o povo hebreu tem sido preservado como raça.

O parágrafo final (vv. 11-15) é muito animador. É uma explosão de grandiosa antevisão, citada pelo apóstolo Tiago (At

15.14-17). As promessas feitas a Abraão e Davi ainda estão por se cumprir. O escárnio dos seus inimigos, dos quais Edom era o líder, será silenciado. Através da cortina entreaberta podemos ter um vislumbre da era dourada do futuro. Há um plano divino em operação que deve ir até o fim, e Israel ainda retornará à terra dada a seus pais.

O LIVRO DE
OBADIAS

O Castigo de Edom



1. A DESTRUIÇÃO DA NAÇÃO 1-9.
2. A CRUELDADE DE EDMOM PARA COM ISRAEL 10-16.
3. A EXALTAÇÃO DE ISRAEL 17-21.

INTRODUÇÃO

Não temos informações da vida pessoal de Obadias. Sua profecia, provavelmente, foi transmitida por ocasião da queda de Jerusalém, 586 a.C. É o mais curto dos escritos proféticos, contendo apenas vinte e um versículos. Seu tema é o castigo de Edom, porque essa nação zombou de Jerusalém quando esta foi destruída. Suas predições se cumpriram de forma completa.

COMENTÁRIO

OBADIAS 1-21

O Iminente Castigo de Edom. Uma visão foi proporcionada a Obadias acerca do castigo a ser aplicado a Edom por causa de sua crueldade para com seu irmão Israel. Em vez de mostrar-lhe solidariedade, os edomitas se deleitaram com o sofrimento de seus parentes, aguardando ansiosamente a destruição deles. (Ver Números 20.14-21 e Salmo 137.7.) Mas as mesmas calamidades que tinham acontecido a Jacó viriam sobre eles.

Já que não sabemos quando o sofrimento se abaterá sobre nós, devemos

sentir compaixão, e não satisfação, pelo sofrimento alheio. Qualquer forma de maldade que abrigamos no coração contém a semente de um sofrimento futuro. O grande dia de Deus está prestes a vir (v. 15) e trará o castigo a todos os que se dispuseram contra o reino de Deus. Quando o Senhor voltar trará redenção para os seus santos, e seu povo entrará na posse de suas possessões. Isso sugere a solene questão: Já entramos no gozo da herança a que temos direito como herdeiros de Deus? O dia feliz aquele em que o reino será do Senhor e nós com ele reinaremos!

O LIVRO DE
JONAS

Um Relutante Profeta do Deus Misericordioso



1. A DESOBEDIÊNCIA DE JONAS 1.1-14.
2. SUA PUNIÇÃO 1.15-17.
3. SUA ORAÇÃO E SALVAÇÃO 2.
4. SUA PREGAÇÃO EM NÍNIVE 3.1-4.
5. O ARREPENDIMENTO DA CIDADE 3.5-10.
6. O DESCONTENTAMENTO DE JONAS; A MISERICÓRDIA DE DEUS 4.

INTRODUÇÃO

Jonas era natural de Gate-Hefer, em Zebulom. Alguns acham que ele foi contemporâneo e discípulo de Elias e que, portanto, viveu mais ou menos em 850 a.C. Ele é o mais antigo dos profetas cujos escritos chegaram até nós. Pelas referências do Senhor em Mateus 12.39-41 e 16.4, podemos deduzir que os fatos aqui narrados são reais.

A narrativa apresenta o mais notável contraste entre a longânima misericórdia de Deus e a dura indiferença de um bom homem quanto à sorte de uma grande cidade gentia. Provavelmente ela indica a aurora de uma era melhor quando se iniciará para o povo escolhido um longo período de preparação, de cujos resultados Paulo fala em Efésios 2.19-22; 3.1-8.

COMENTÁRIO

JONAS 1.1-16

Fugindo de Deus e do Dever. Jonas é mencionado em 2 Reis 14.25. Evidentemente ele era muito patriota e não perdeu as esperanças em seu país mesmo nos dias mais sombrios. Portanto, essa missão a Nínive não era do seu agrado, visto que não sentia o desejo de ver essa grande cidade gentia arrependida, de joelhos. E ainda iria passar-se um século antes que Isaías e Miquéis proclamassem que o mundo gentio se voltaria para Deus (Mq 4.1,2; Is 2.2).

Em vez de desincumbir-se dessa missão de misericórdia, Jonas correu para o porto, numa tentativa de esquivar-se ao seu dever. O pecado é sempre uma descida; sempre temos de pagar pesadas taxas e passagens quando seguimos nosso próprio caminho em lugar do de Deus, e jamais devemos supor que a possibilidade de fazer algo significa permissão.

Cansado pelo nervosismo e pela viagem, o profeta nem percebeu a partida do navio. As adversidades que bloqueiam o caminho da desobediência

são mais duras que as dificuldades para atender a ordem de Deus. Observe-mos a operação divina em nossa vida: “Veio a palavra do Senhor... o Senhor lançou um forte vento... deparou o Senhor um grande peixe”. Aqueles marinheiros gentios possuíam belos traços que deveriam ter deixado o profeta envergonhado. As orações deles aos seus ídolos e seu esforço para salvar esse estrangeiro hebreu são admiráveis além de ser uma lição para nós.

JONAS 1.17-2.10

Uma Oração nas Profundezas. O grande peixe era, provavelmente, um tubarão. O mesmo que enviou a tempestade preparou o peixe. A vida é cheia de expedientes por parte do grande Amigo dos homens. Mergulhar nas ondas é cair nos braços dele. Várias vezes já foram encontrados corpos humanos no ventre de tubarões no Mediterrâneo. Mesmo os que afirmam que essa história é uma parábola inventada, precisam admitir que há muitas probabilidades de ter sido baseada num fato real. O endosso do Senhor a esse li-

vro e ao incidente é bastante enfático (Mt 12.39-41).

O salmo que se segue é de grande inspiração para os que caíram nas profundezas por causa de seus erros. Deus os ouvirá, mesmo que gritem do "ventre do abismo". Se alguém pensa que foi lançado fora das vistas de Deus para sempre, olhe para o "seu santo templo", e verificará que o amor divino está gradualmente retirando-o do abismo. Confiar em nossos próprios esforços e expedientes é entregar-nos à idolatria vã e abandonar aquele que nos é misericordioso. "Ao Senhor pertence a salvação." A natureza inteira aguarda a palavra de Deus. Tanto os enormes tubarões como os menores peixinhos estão sob o comando de Deus para auxiliar o homem. Apenas "lembramos" de Deus, e, depois, quando formos libertos, não deixemos de pagar nossos votos!

JONAS 3

Uma Cidade Arrependida. O apóstolo Pedro não somente foi perdoado, mas também restaurado à sua função; assim também, Jonas foi de novo enviado a Nínive. Agradecemos a Deus pelas segundas chances que ele nos dá. Dessa vez, o profeta não hesitou. Levantou-se e foi. A história de sua libertação parece ter chegado a Nínive e ter preparado o povo da cidade para receber a palavra dele (Lc 11.30). Só devemos pregar e entregar as mensagens de Deus do modo como ele ordena. Ele nos dirá o que devemos dizer.

Consta que Nínive tinha cerca de cem quilômetros de circunferência, uma distância correspondente a uma jornada de três dias. Era uma cidade cheia de violência e crueldade. Mas a visão daquela figura estranha, vestida com um manto de peles de ovelha, tocou a consciência deles. O alarma se espalhou das ruas ao palácio. Até o grande rei o sentiu dentro de sua

câmara ornada de esculturas. Isso o instigou à ação, de modo que ele, a corte, nobres e povo, e mesmo animais irracionais ficaram unidos num grande ato de humildade. O arrependimento foi geral (v. 5); foi prático (v. 8); e voltado para Deus (v. 9). Que contraste com Israel! Ali, vários e vários profetas foram repelidos e mesmo maltratados. Seja qual for o tipo de temor que a mensagem despertou nos homens, o fato é que da parte de Deus não houve hesitação. Ele perdoou plenamente! (Ver Isaías 55.7.)

JONAS 4

Deus Censura a Visão Limitada do Profeta. Esse capítulo assinala uma era no desenvolvimento da visão espiritual do povo hebreu. Aqui, uma cidade gentia que se arrependeu foi perdoada. Ficou claro que Jeová era Deus não apenas dos hebreus, mas dos gentios também. Contudo, Jonas não sentiu prazer nessa revelação. Apegou-se à amarga estreiteza do preconceito nacional, temendo que, quando o seu povo recebesse a notícia do arrependimento e livramento de Nínive, se sentisse fortalecido em sua obstinada rejeição da lei de Deus.

Quantas vezes Deus põe plantas sobre nossa vida para nos refrescarmos com sua bela folhagem e nos lembra seu solícito amor. Nossa irritação e petulância não constituem barreira à terna misericórdia divina. O fato de a planta secar provocou amargas murmurações do profeta que teria testemunhado a destruição de Nínive sem uma lágrima sequer. Ele não percebeu que, para Deus, Nínive era de muito mais valor do que a planta para ele, Jonas. Note-mos a extrema beleza do versículo final: a permanência da cidade comparada com a fragilidade da planta; a responsabilidade de Deus por Nínive, que ele fizera crescer; e como eram caros a ele não apenas os adultos, mas também as criancinhas e animais!

O LIVRO DE MIQUÉIAS

Castigo Enviado Para Vitória



1. O CASTIGO 1-3.
 - a. Por causa da idolatria 1.
 - b. Por causa da opressão 2.
 - c. Falsos reis, profetas e sacerdotes 3.
2. A SALVAÇÃO 4,5.
 - a. O reinado de Deus em Sião 4.
 - b. O Rei de Belém 5.
3. A CONTROVÉRSIA DE DEUS COM SEU POVO 6.
 - a. Um chamado para debater diante dos montes 6.1-8.
 - b. Condenação e julgamento 6.9-16.
4. CASTIGO PARA A VITÓRIA 7.
 - a. A espantosa depravação nacional 7.1-13.
 - b. Triunfa a misericórdia 7.14-20.

INTRODUÇÃO

Miquéias foi contemporâneo de Isaías, mas suas atividades foram diferentes. Miquéias vivia no campo e sua profecia diz respeito tanto a Israel como a Judá, enquanto a carreira de Isaías está intimamente ligada à sorte de Jerusalém.

O livro de Miquéias revela uma clara compreensão dos acontecimentos da época. Ele previu as invasões de Salmaneser e Senaqueribe, a dispersão de Israel, e a destruição de Jerusalém. Ele é o único, entre os profetas, que prediz o nascimento de Cristo em Belém (5.2). “Sua tarefa especial, como arauto do castigo iminente, leva-o a usar um tom de predominante severidade; mas toda a aspereza é suavizada pela apurada beleza do fecho”, diz um comentarista bíblico.

COMENTÁRIO

MIQUÉIAS 1

O Testemunho de Deus Contra os Seus Escolhidos. Miquéias foi contemporâneo de Isaías e Oséias. Jeremias o cita. (Comparar 3.12 com Jeremias 26.18.)

Nos versículos 1 a 4 o profeta convoca as nações para verem o justo castigo que o Senhor imporá ao seu povo infiel. Os versículos 5 e 6 retratam a devastação de Samaria. A destruição se estabelecerá nas casas e nos campos, e essa perspectiva afetou tanto o profeta que ele se despojou da veste externa e das sandálias, para que seu aspecto desalinhado pudesse dar uma idéia das calamidades que ele anunciava. Nos versículos 10 a 16, ele deixou claro que Judá também sofreria semelhantes castigos. Bete-Le-Afra e Safir seriam arrastadas para o cativeiro. A calamidade seria tão abrangente que Zaanã não iria lamentar-se com a vizinha cidade de Bete-Ezel.

Os profetas eram bons patriotas, e sentiam que todo bom cidadão deveria lamentar como eles, com a esperança de evitar os castigos iminentes. Será que

nós estamos sentindo os pecados e tristezas de nosso tempo, como Jesus sentiu os de Jerusalém quando chorou sobre a cidade?

MIQUÉIAS 2

A Colheita da Ganância e da Injustiça. O capítulo anterior focaliza pecados contra a primeira tábua da lei; esse fala de pecados contra a segunda. Mais cedo ou mais tarde, o mal sobrevém aos que maquinam o mal contra o próximo, cobizam seus bens e oprimem sua casa. A destruição deles será tão cabal que os bens de raiz não serão transmitidos por herança de pai para filho nem se medirão por sorte (v. 5); e o povo se tornará insensível e empedernido à voz do profeta (v. 6). Todavia, em meio a tudo isso, o Espírito de Deus se compadecerá do seu povo (vv. 7-13); suas palavras ainda confortarão os humildes. Mas a crueldade dos homens que despojaram os pobres, não somente de suas roupas mas também da capa, atrairá castigos para a nação inteira. Tendo cometido tantos erros, o povo devia preparar-se para se levantar e par-

tir, porque Canaã não poderia mais ser a pátria deles.

Mas, até do cativo Deus libertaria seu povo, abrindo caminho através de muralhas de dificuldades. O que “abre caminho” para nós é o Senhor Jesus, pois nos tirou da prisão da morte. Sigamo-lo no instante em que ele passar caminhando rumo à vitória.

MIQUÉIAS 3

A Punição Para a Avareza. Os chefes que, sendo magistrados, deveriam ter ministrado justiça a outros, assentavam-se ao redor do caldeirão, jogando dentro dele a carne e a pele do povo que deviam governar. A sua perversão da justiça os tornaria incapazes de distinguir entre o mal e o bem. O pecado não só cauteriza a consciência, mas obscurece o entendimento (Ef 4.18). A punição deles seria como o erro. Do mesmo modo como eles rejeitavam o clamor dos oprimidos, Deus rejeitaria o deles. Os falsos profetas tinham maldosamente desencaminhado o povo. O único desejo deles era obter seu mantimento. Para os que o davam a eles, prometiam paz; para os que se lhes opunham, a guerra. Por isso, seriam deixados sem visão; o Espírito de Deus cessará seu esforço. Como é grande o contraste entre eles e Miquéias, que falava com a consciência do poder espiritual! Oh! se todo ministro e instrutor do santo evangelho de Deus fosse capaz de afirmar o que está no versículo 8! Essa experiência pode ser nossa por meio do Espírito Santo.

MIQUÉIAS 4

A Promessa de Paz. É provável que Isaías 2.1-4, e Miquéias estejam citando uma profecia mais antiga, que ainda não se cumpriu plenamente. No milênio, Israel, com sua beleza restaurada, será o centro de um mundo renovado. Essa restauração trará grande glória para Deus e bênção para a humanidade (Rm 11.15). A unificação dos homens não se dará em torno de credos ou sistemas, mas no impulso de um desejo geral para buscar a Deus e adorá-lo. Quando os homens tiverem encontrado sua unidade em Deus, renunciarão à guerra, e a vida familiar se transformará

na salvaguarda da sociedade (v. 4). Os versículos 6 e 7 predizem a convergência do povo de Israel para sua própria terra. Babilônia aqui designa não apenas a nação que levou os judeus ao cativo, mas representa todas as nações gentias que afligiram o povo escolhido. Notemos que a libertação de Deus nos encontra no meio de nossa imediata aflição e ali nos socorre.

MIQUÉIAS 5

O Libertador Vem de Belém. Esse nome dado a Belém lembra Gênesis 48.7. Embora insignificante em tamanho, ela excederia em importância às outras cidades por causa do nascimento do Messias (Mt 2.6). Como homem, o Senhor vem da cidade de Davi; mas, como o Filho de Deus, suas origens são desde os dias da eternidade. Embora o rebanho judaico o rejeitasse, ele é o Pastor dos homens. Ele é grande até os confins da terra e, por meio do sangue da sua cruz, trouxe a reconciliação. Se os assírios, antigos ou modernos, nos ameaçarem, pastores e príncipes se levantarão como libertadores (v. 5). O povo de Deus renovará o mundo como o orvalho do Senhor e é igual a um leão em força e coragem (v. 8). Cavalos, carros de guerra e fortalezas são citados juntamente com a feitiçaria, etc., porque abalaram a confiança do povo em Deus. “Já não te inclinarás diante da obra das tuas mãos.”

MIQUÉIAS 6

“O que o Senhor Pede de Ti.” Nos versículos 1 a 4, o profeta abandona sua visão do futuro e volta para a situação atual do seu povo, que é totalmente desesperadora. Os montes, como os monumentos mais duradouros da natureza, são convocados para ser testemunhas do grande julgamento que Jeová fará de seu povo. Como Israel, nós fomos libertos da casa da servidão com infinito amor, mas como fomos inconstantes e obstinados! Os versículos 5 a 8 demonstram a insuficiência de uma religião de fachada.

Poucos conheceram mais verdades sublimes que Balaão (v. 5), mas ele amou o “prêmio da injustiça”, e isso eclipsou a luz divina que ficou nublada

e, por fim, encoberta. Os versículos 9 a 11 revelam a esterilidade de uma vida de pecado. Mais cedo ou mais tarde a própria natureza se torna insensível — semeia-se, mas não há colheita; a prensa esmaga a azeitona, mas não há azeite. O único caminho que leva à verdadeira satisfação e paz é o amor e o serviço fiel de Deus. Por que demoramos tanto em trilhá-lo?

MIQUÉIAS 7

A Compaixão de Deus Para com um Povo Pecador. As coisas tinham chegado a um terrível estado na cidade favorecida. Opressão, suborno e matança aumentavam por toda parte. Eles praticavam o mal com ambas as mãos. Os homens não podiam confiar em suas esposas. Num tempo assim só há refúgio para os filhos de Deus no próprio Deus (vv. 7-13).

Depois que aprendemos a lição, vemos que Deus vem em nosso auxílio. Ele nos dá sua luz e nos vinga. Os que nos odiavam e sugeriam que ele nos tinha abandonado serão obrigados a reconhecer que ele nos vindicou completamente da acusação deles. Anima-te, crente; espera em Deus! Ele exaltará a tua justiça como a luz e teu direito como o sol ao meio-dia (vv. 10-12).

A seguir o profeta roga ao Pastor de Israel para repetir as maravilhas do Êxodo. Ele sabe que Deus não só perdoará as iniquidades mas as “pisará aos pés”, esmagando-as debaixo de seus pés. Isso é uma previsão da ascensão de Cristo (Ef 1.20-23). Quando uma pedra afunda nas profundezas do oceano ela não pode ser recuperada; e, quando o pecado é perdoado, Deus nunca mais se lembra dele, nem nesta vida, nem na futura.

O LIVRO DE
NAUM

A Sorte de Nínive



1. DEUS RESERVA A IRA PARA OS SEUS ADVERSÁRIOS 1.1-2.2.
 - a. O poder irresistível dos julgamentos de Deus 1.1-8.
 - b. Advertência à Assíria; consolo para Judá 1.9-2.2.

2. A CAPITAL DA ASSÍRIA PERECERÁ 2.3-3.19.
 - a. O cerco, tomada e saque da cidade 2.3-12.
 - b. "Eis que eu estou contra ti" 2.13-3.19.

INTRODUÇÃO

O tema da profecia de Naum é a completa e definitiva destruição de Nínive. Jonas já havia advertido a cidade do perigo que corria, e pelo arrependimento, eles haviam conseguido um adiamento do castigo. Mas logo voltaram aos seus maus caminhos, e Naum foi enviado para anunciar a condenação da cidade, agora sem promessa de clemência.

Nínive foi uma das maiores cidades da antigüidade, a capital do florescente império assírio. Na ocasião em que Naum proclamou sua profecia, Assurbanipal estava no auge do seu poder. A capital era o centro dos negócios e do comércio mundial. Todavia, era uma "cidade sanguinária, cheia de mentiras e assaltos", pois havia saqueado as nações vizinhas, e estava madura para a destruição. E pouco tempo depois, as palavras do profeta se cumpriram; a grande cidade foi devastada. Ainda hoje as ruínas espalhadas assinalam o lugar onde ela se erguia.

COMENTÁRIO

NAUM 1

A Bondade de Deus e Sua Justa Ira. Naum era natural de Elcos, perto do lago da Galiléia. O nome Cafarnaum, literalmente, significa "a aldeia de Naum". Ele viveu cerca de 150 anos depois de Jonas, que também se viu associado ao pecado e ao destino de Nínive. Embora, sendo judeu ele devesse temer Nínive, que já havia levado Samaria em cativo e, agora, estava ameaçando Jerusalém, ele considerou a sua ruína uma sentença dolorosa. Nunca devemos falar da condenação dos ímpios, a não ser com compaixão.

Os versículos 1 a 8 constituem um magnífico preâmbulo em que ele harmoniza a bondade e a indignação de Deus. Seu procedimento em relação à humanidade está envolto em mistério, mas ele é bom e é uma fortaleza para os seus santos. Nos versículos 9 a 15 vemos como a Assíria foi louca ao entrar em luta com Jeová. A queima de espinhos em fogo ardente simboliza o destino dela. (Comparar o versículo 14 com Isaías 37.38.) Não nos esqueçamos

de pagar nossos votos quando tiver passado a hora de angústia.

NAUM 2

A Cidade Cruel Será Destruída. Isso é uma antevisão profética da destruição de Nínive pelos medo-babilônios. Deus a tinha usado para castigar seu povo; agora, por sua vez, ela deve ser eliminada por causa dos seus pecados. Os combatentes usavam túnicas escarlates, e as rodas dos carros de guerra estavam equipadas com segadeiras que reluziam ao girar. As ruas poderiam estar cheias de carros se agrupando para a defesa, mas tudo seria em vão visto que as escadas de assalto já estavam encostadas nas muralhas, e as comportas dos rios logo seriam abertas. No versículo 7, a cidade-rainha é mostrada sendo levada em cativo como uma escrava despida. Notemos a comparação de Nínive a um covil de leões cheio de ossos. O fogo e a espada completaram a sua ruína. Essa é a sorte dos inimigos do povo de Deus. (Ver Isaías 54.16,17.) Mas se Deus cumpre suas ameaças, muito mais suas promessas!

NAUM 3

Destino Merecido. Esse terrível capítulo descreve o destino de Nínive. Ela havia usado métodos abomináveis para subjugar as nações vizinhas, e, agora, sua vergonha ia ser descoberta e exposta. Parecia incrível que uma cidade tão grande pudesse ser arrasada, mas o profeta relembra à populosa Tebas (Nô-Amom), dedicada a Amom, o Júpiter egípcio. Assim como essa grande cidade tinha sido esmagada pela As-

síria, assim seria Nínive pelos caldeus. Apesar do seu Nilo e de suas nações tributárias, Tebas caiu, e Nínive beberia da mesma taça. Sua queda seria tão fácil como sacudir uma figueira cheia de figos temporãos. Os séculos decorridos depois que o profeta falou essas palavras, dão ainda maior ênfase a elas. O silêncio da morte ainda reina sobre as ruínas solitárias que assinalam o sítio da amada capital. Busquemos ser herdeiros daquele reino que não pode ser abalado (Hb 12.28).

O LIVRO DE HABACUQUE

“O Justo Viverá Pela Sua Fé” (Hb 2.4.)



1. O CLAMOR DO PROFETA 1,2.
 - a. Por que se permite que a iniquidade e a injustiça prevaleçam? 1.1-4.
Resposta: Os caldeus executarão julgamento 1.5-11.
 - b. Como ser dado poder a um povo tão mau? 1.12-17.
Resposta: Sua exaltação é apenas temporária 2.1-4
 - c. Cinco ais contra os caldeus 2.5-20.
2. A ORAÇÃO DO PROFETA 3.
 - a. As poderosas obras de Deus — uma base de esperança 3.1-15.
 - b. Uma declaração de fé firme 3.16-19.

INTRODUÇÃO

A profecia de Habacuque está relacionada com a ascensão dos caldeus ao poder. Habacuque tinha visto esse povo poderoso ser usado para executar julgamento sobre Nínive, parecendo ser o próprio instrumento de Deus. Mas houve um problema: eles se tornaram tão maus quanto os assírios que haviam destruído. Como Deus poderia usar, para qualquer finalidade, uma nação insensível e cruel, voltada inteiramente para o mal? A resposta do profeta é que tornará claros os seus feitos se soubermos esperar por ele. "O justo viverá pela sua fé." Quando os resultados parecem confusos, os justos, ainda assim, podem manter-se firmes e leais a Deus — isso é a vida deles. "Sê fiel; a luz despontará."

O último capítulo é um poema de grande beleza, admirável por sua expressão de firmeza de fé. Embora falhem todas as dádivas, o Doador permanece, e o profeta nele se alegrará.

COMENTÁRIO

HABACUQUE 1

A Aparente Prosperidade dos Ímpios. É provável que Habacuque tenha vivido no início do reinado de Jeoaquim, quando os caldeus estavam-se preparando para invadir a terra. Jerusalém estava cheia de iniquidade. A violência e o desregramento eram em tal proporção que o profeta se sentia transtornado. Ele apenas podia apontar para o que ocorrera com outras nações, e que devia também acontecer a Judá, a não ser que o povo se arrependesse. Paulo cita o versículo 5 em Atos 13.41. Os caldeus são comparados com o leopardo, com o lobo ao anoitecer e com o vento. O profeta se volta para Deus clamando e implorando angustiadamente. Não existia ele desde a eternidade? Não era ele a Rocha de Israel? O conforto do profeta é a reflexão: "Não morreremos". Antiga tradução diz: "Tu não podes morrer". Isso nos lembra Apocalipse 1.18. Ó tu imortal, imutável, vivificante Salvador, em meio às tempestades que arrasam o mundo, nós nos agarramos a ti como cracas à rocha.

HABACUQUE 2

"O Justo Viverá Pela Sua Fé." Depois de orar, o profeta sabia que receberia uma resposta e a aguardava. E quando ela veio, foi nítida e clara. Mas, enquanto não a virmos frente a frente, precisamos viver pela simples fé em Deus. Notemos a admirável frase do versículo 4 que é mencionada tantas vezes depois. (Ver Romanos 1.17; Gálatas 2.16; 3.11.) Hoje, como naquela época, a vida subsiste pela fé no eterno Deus. Nos longos anos de espera a única fonte de vida é a fé que obtém tudo de Deus. Do versículo 5 em diante, o profeta enumera os pecados de Babilônia: seu orgulho, amor pela bebida forte, ganância e violência. Não podia ser vontade de Deus que a poderosa cidade florescesse à custa da angústia do mundo.

Das cenas de anarquia e tumulto que falam da condenação da Caldéia, passamos ao templo do Senhor, onde reina tranqüilo silêncio! Vivamos nesse lugar reservado! "A intimidade do Senhor é para os que o temem!"

HABACUQUE 3

A Fé Invencível. Esse salmo era para ser cantado pelos cativos durante o exílio, que em breve ocorreria. Nos versículos 3 a 15 há uma enumeração dos grandes eventos do passado. Primeiro, o Sinai, depois as vitórias e livramentos do livro dos Juízes, a travessia do mar Vermelho e do Jordão, o castigo divino sobre os opressores. Mas o profeta não podia contemplar o futuro do povo es-

colhido sem preocupação. Ele desejava estar em repouso antes que os terríveis exércitos dos caldeus entrassem na terra. No final, ele entoava um sublime refrão que vem sendo o conforto e o hino de miríades de crentes. Se todas as dádivas divinas falhassem, ele ainda possuiria o Doador. Ele ainda poderia triunfar em Deus. Na verdade, o divino Salvador e Amigo é mais evidente quando os campos e as fazendas estão vazios.

O LIVRO DE SOFONIAS

“O Dia do Senhor”



1. UM DIA DE JULGAMENTO 1.1-3.8.
 - a. Sobre a terra inteira 1.1-3.
 - b. Sobre algumas nações 1.4-3.8.
 1. Judá e Jerusalém 1.4-18.
(Convite ao arrependimento) 2.1-3.
 2. Filístia, Moabe, Amom, Etiópia e Assíria 2.4-15.
 3. Príncipes, profetas e sacerdotes de Jerusalém 3.1-7.
(Convite ao arrependimento) 3.8.
2. UM DIA DE ESPERANÇA 3.9-20.
 - a. O culto de Deus será ensinado a todas as nações 3.9,10.
 - b. A purificação de Israel 3.11-13.
 - c. O glorioso reinado de Deus 3.14-20.

INTRODUÇÃO

Sofonias pode ter sido trineto de Ezequias (1.1). Ele profetizou durante o reinado de Josias, provavelmente antes do descobrimento do Livro da Lei; os males que apontou foram removidos pelo rei.

Sofonias é o profeta do Dia do Senhor. Ele não focaliza a queda de nenhuma nação, como fizeram Obadias, Naum e Habacuque. Ele é o profeta do juízo universal. Sua mensagem às nações é paralela às palavras de Jesus: "Ou cuidais que aqueles dezoito, sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou, eram mais culpados que os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; mas se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis" (Lc 13.4,5).

Sofonias declara que todas as nações, inclusive Judá, cairão debaixo da ira divina se continuarem a desobedecer a lei de Deus. Mas sua mensagem não fala apenas de julgamento. Ele mostra que Deus está operando em prol da salvação da humanidade e que, após o julgamento, serão revelados novos céus e nova terra onde habita a justiça.

COMENTÁRIO

SOFONIAS 1

"*O Grande Dia do Senhor.*" Sofonias significa "escondido pelo Senhor". Ele viveu no reinado de Josias e cooperou com esse rei em seus esforços para derubar a idolatria. Sua profecia focaliza os pecados que campeavam em Judá e o terrível castigo que lhe seria infligido através dos caldeus. *A destruição iminente* (vv. 2-6). O nome dos ministrantes — "chemarins" — aparece em algumas versões. Eram sacerdotes idólatras vestidos com roupas pretas. Milcom é Moloque. Notemos as diversas classes que iam sofrer com a tomada da nação. Elas constituíam uma série de círculos concêntricos, reduzindo-se, por fim, aos que tinham voltado atrás e aos que nunca tinham procurado o Senhor. *Os invasores* (vv. 7-18). Aqueles que Deus convidara para o banquete eram Nabucodonosor e seus soldados! Eles entraram pela Porta do Peixe; e, à medida que avançavam, o povo aterrorizado ia soltando gritos de pavor, ao ser conduzido de um bairro a outro da cidade. "Mactés" (v. 11), provavel-

mente era o vale de Siloé, onde os príncipes mercadores residiam ou realizavam seus negócios. Ninguém conseguiria esquivar-se ao castigo iminente. Os que usavam vestiduras estrangeiras ou que, por superstição, subiam o pedestal dos ídolos ou praticavam o engano teriam de pagar caro pelos seus pecados. Essas palavras, que se cumpriram quando da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, e, posteriormente, por Tito, falam dos inevitáveis sofrimentos que sobreviriam à nação como conseqüência dos crimes do povo.

SOFONIAS 2

A Mansidão Salva, o Orgulho Destrói. A nação como um todo não sentia nenhum remorso, nenhum anseio por Deus; mas havia alguns mansos e humildes, e a esses foi dada a esperança de que seriam preservados da destruição iminente. Em seus julgamentos, Deus faz distinção entre justo e ímpio e envia seus anjos para retirarem Ló de Sodoma. Os versículos 4 a 18 falam do castigo das nações vizinhas. São

mencionadas Filístia, Moabe, Amom, Etiópia e Assíria. Deus jamais esquece o tratamento dado ao seu povo pelos seus inimigos (vv. 8-10). O cativo de Israel teria um retorno, mas não havia esperança de recuperação para os povos que se tinham alegrado com a destruição dele. Que descrição terrível oferece o versículo 11, acerca dos deuses aniquilados! Parecia inacreditável que a grande Nínive se tornaria um deserto; no entanto, ela está assim há séculos. Sempre que um indivíduo ou nação vive descuidadamente, a destruição não está muito longe.

SOFONIAS 3

A Plenitude da Salvação. Os pecados de Jerusalém (vv. 1-7). Jerusalém não aprendeu com os castigos derramados sobre outras nações, mas prosseguiu no seu curso, moralmente impura, opressora, recusando a instrução, alienada de Deus. Mesmo assim, Deus ainda habitava na cidade que havia escolhido. Diariamente seu Espírito clamava por arrependimento e justiça. Através de

seus fiéis, ele ainda estava espalhando sobre toda a comunidade a luz e a glória de uma civilização mais santa, mas a população em geral se recusava a dar-lhe atenção.

Os efeitos do castigo purificador (vv. 8-20). Esses versículos finais são marcados por grande ternura, mostrando as ocorrências que são a meta da operação de Deus: uma vida pura; consagração no serviço; confiança no amor de Deus; o afastamento de toda iniquidade. Como seriam grandiosos e admiráveis os resultados do longo cativo! Deixemos Deus operar em nós! Ele transformará nossas tristezas em hinos; expulsará os nossos inimigos e inverterá nosso cativo; manifestará seu infinito amor, primeiro em envolvente ternura e depois em vibrantes cânticos. Os que estiveram cheios de tristezas e carregaram o fardo de vergonha por causa de Deus, serão confortados. Mesmo os coxos e exilados participarão e se tornarão "um nome e um louvor". Os cativos serão libertos e os dispersos trazidos de volta ao lar.

O LIVRO DE AGEU

A Reconstrução do Templo



1. APELO E RESPOSTA 1.
 - a. O povo admoestado por sua negligência 1.1-11.
 - b. O seu propósito de fazer os reparos 1.12-15.
2. CONTRASTE ENTRE OS DOIS TEMPLOS 2.1-9.
 - a. Como visto pelo povo 2.1-3.
 - b. Como prometido por Deus 2.4-9.
3. CENSURA E ENCORAJAMENTO 2.10-19.
 - a. Por que o favor de Deus foi negado 2.10-17.
 - b. Como pode ele ser restaurado 2.18,19.
4. OS TEMPOS DO FIM 2.20-23.
 - a. A destruição das nações 2.20-22.
 - b. O estabelecimento da casa de Davi 2.23.

INTRODUÇÃO

Ageu voltou do exílio babilônico num grupo liderado por Zorobabel e Josué, no ano 536 a.C., quando Ciro, movido pelas notáveis profecias a seu respeito, que, provavelmente, haviam chegado ao seu conhecimento por meio de Daniel, concedeu liberdade aos judeus e lhes forneceu materiais para a restauração do templo. O trabalho de reconstrução foi realizado durante o reinado de Ciro e de seu sucessor, apesar da oposição dos samaritanos; mas, finalmente, esses inveterados inimigos dos exilados que retornavam conseguiram um edito de Artaxerxes para suspender a reedificação do templo (Ed 4.7-23). Os judeus abandonaram a obra e passaram a construir esplêndidas mansões para eles mesmos, de modo que não reiniciaram o trabalho no templo, nem mesmo quando tiveram oportunidade de fazê-lo. A obra esteve parada durante quatorze anos, até que Ageu proclamou sua ardente mensagem. Parece que ele já era idoso quando foi convocado para o ofício de profeta, e seu tempo de serviço durou somente quatro meses. Mas, quando um homem fala no poder de Deus, não se pode medir o efeito pela cronologia. Seu breve ministério teve efeito imediato, porque, dentro de três semanas o povo estava, de novo, no trabalho.

COMENTÁRIO

AGEU 1.1-11

Economia Egoísta e Míope. Zorobabel é o Sesbazar de Esdras 1.8. Ele era de linhagem real e foi nomeado governador por Ciro. Jozadaque era filho de Seraías, sumo sacerdote, quando Jerusalém foi tomada (2 Rs 25.18-21). Os exilados que haviam regressado vinham experimentando uma sucessão de adversidades. Tinham semeado muito e segado pouco; seu dinheiro saía do saquitel assim que o colocavam nele; houve uma seca sobre toda a terra e a razão dela era o fato de haverem negligenciado a reconstrução do templo. Quantas vezes nossos reveses e perdas financeiras ocorrem porque nos esquecemos da causa de Deus. Dizemos que não temos tempo, que não podemos contribuir, e que não vemos necessidade de separar o dia do Senhor ou um período diário para meditação e oração. Se vissemos as coisas como realmente são, verificaríamos que isso é falsa economia e que estamos desperdiçando mais do que economizando. “Ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em

pura perda.” O ceifeiro não está perdendo tempo quando pára a fim de afiar sua foice.

AGEU 1.12-2.9

A Verdadeira Glória da Casa de Deus. Um homem fervoroso pode despertar uma comunidade inteira. Quando acendemos um fogo em nosso coração, ele logo se espalha. Certo da presença e do favor de Deus, Ageu falou, e três semanas depois a terra inteira estava despertada. Notemos a cooperação do Espírito de Deus com a mensagem do seu servo: “O Senhor despertou”. Busquemos sempre a cooperação dele e confiemos inteiramente nela! Somos testemunhas; e também o é o Espírito Santo! Três profecias ocupam o capítulo seguinte. Na primeira (vv. 1-9), os judeus são estimulados a perseverar. Embora não pudesse haver comparação entre a glória do templo de Salomão e o esplendor desse, eles não deviam se desanimar. Embora pudessem deplorar a ausência do fogo sagrado, do *Shekinah*, da arca com seus querubins, e de Urim e Tummim, todavia a presença do Messi

que seria associada com o segundo templo, compensaria plenamente a deficiência deles, já que ele era o antítipo deles todos. Se nos faltam muitas das vantagens e qualidades que outros possuem abundantemente, sintamo-nos mais do que satisfeitos por possuímos Cristo. E devemos sempre lembrar que ao cultuar, o cristão deve procurar estar consciente da presença daquele que disse: "Eu estou no meio" (Mt 18.20). Sem ela uma catedral é um espaço vazio; com ela, até um celeiro será o céu. (Para entender os versículos 6 e 7, ver Hebreus 12.26-28.) Esse "dentro em pouco" na matemática de Deus durou 517 anos.

AGEU 2.10-23

O Julgamento de Deus Sobre as Nações. Dois meses depois da profecia anterior, o profeta admoestou novamente o povo por ainda negligenciar o templo, embora, ao que parece, ainda mantivessem os ritos religiosos. Assim como a carne

santificada não santificava o que nela tocasse, assim também a observância religiosa não compensava o negligenciamento do templo; tal negligência tornava imundos os atos religiosos deles (v. 14). Apesar de diligentes esforços, o povo tinha-se defrontado com persistente insucesso porque Deus estava contra ele, mas a partir do momento do seu arrependimento ele o abençoaria (vv. 18,19). No meio de todos os abalos mencionados em 2.7, os judeus seriam preservados e a sua segurança garantida. O primeiro advento do Salvador foi precedido de muitos distúrbios. O mesmo ocorrerá no segundo. Mas apesar das convulsões e derrubadas de governo que acompanham a volta de Cristo, não tenhamos medo. Tudo que não pode ser abalado permanecerá; e assim como Deus se lembrou de Noé no meio das agitações do dilúvio, assim também ele cuidará de nós, não por causa de méritos nossos, mas pela sua graça. Não fomos nós que o escolhemos, mas ele escolheu a nós.

O LIVRO DE ZACARIAS

O Oráculo do Senhor dos Exércitos



INTRODUÇÃO 1.1-6

1. OITO VISÕES EM RELAÇÃO A ISRAEL, JUDÁ E JERUSALÉM 1.7-6.15.
 - a. Os cavalos entre as murteiras 1.7-17.
 - b. Os quatro chifres e os quatro ferreiros 1.18-21.
 - c. O homem com o cordel de medir 2.
 - d. O Sumo Sacerdote e o adversário 3.
 - e. O candelabro e as duas oliveiras 4.
 - f. O rolo volante 5.1-4.
 - g. O efa 5.5-11.
 - h. Os quatro carros 6.1-8.
(A coroação de Josué) 6.9-15.
2. A RESPOSTA À DELEGAÇÃO DE BETEL 7,8.
 - a. Deus exige obediência, não jejum 7.1-7.
 - b. Lições do passado 7.8-14.
 - c. Deus espera para mostrar misericórdia 8.1-17.
 - d. As nações que vão adorar em Jerusalém 8.18-23.
3. JULGAMENTO E REDENÇÃO 9-14.
 - a. Julgamento das nações; o Rei da paz 9.
 - b. Israel será salvo e fortalecido 10.
 - c. A parábola dos pastores 11.
 - d. O cerco e a libertação de Jerusalém 12.
 - e. O restante purificado pelo castigo 13.
 - f. A exaltação de Jerusalém 14.

INTRODUÇÃO

O profeta Zacarias viveu na mesma época em que Ageu e se empenhou na mesma luta que ele: levar os judeus a prosseguirem na reconstrução do templo, que haviam negligenciado. Suas profecias apresentam data posterior em alguns anos às de Ageu. Em contraste com a linguagem simples e direta de Ageu, Zacarias emprega muitas figuras e símbolos para dar força à sua mensagem. Ele desejava incentivar e ajudar principalmente o líder e governador, Zorobabel, e o sacerdote, Josué.

Na última parte do livro há diversas menções do futuro glorioso e feliz que Deus tinha em reserva para o seu povo, bem como do Libertador que viria para governá-lo. Haverá um grande dia quando “O Senhor será rei sobre toda a terra”.

COMENTÁRIO

ZACARIAS 1.1-17

Uma Visão de Perdão e Restauração. Zacarias não ignora os pecados do passado, mas dá ênfase ao perdão divino. Seu único receio é que Deus apele em vão, e o povo, como fizeram os pais, rejeite o apelo. Notemos a repetição do título de Deus, “O Senhor dos Exércitos”, cinco vezes nos seis primeiros versículos. Os exércitos do inimigo eram numerosos, mas os exércitos protetores eram ainda mais numerosos. Na visão que se segue, temos uma vista rápida desses exércitos. Um vale verde, cheio de murteiras, símbolo de humildade, onde o profeta costumava meditar, parecia povoado de misteriosos seres que tinham estado rondando a terra e anunciavam que havia paz, pois eram os dias do notável reinado de Ciro. Notemos a freqüente referência ao amigo celestial do profeta (1.9,14,19; 4.1,4,5; 5.5,10; 6.4). O futuro era brilhante, promissor (vv. 16,17).

ZACARIAS 1.18-2.13

A Redenção de Jerusalém. A obra de construção do templo cessara durante quin-

ze anos, e a nova decisão de se levantarem e construir um templo poderia encontrar sorte semelhante. Mas os quatro chifres se defrontaram com os quatro ferreiros. Para a Babilônia, o ferreiro era Ciro; para a Pérsia, Alexandre, o Grande; para a Grécia, o Romano; para Roma, a Gália. Nenhuma arma fabricada para frustrar os propósitos de Deus pode ser bem-sucedida. O homem com o cordel de medir personificava o novo espírito que animava os exilados que haviam voltado. Mas Deus estava pretendendo proporcionar-lhes prosperidade e crescimento tais que não caberiam dentro de muralhas.

ZACARIAS 3

Purificado Para o Serviço de Deus. O regulamento para o sustento do sacerdócio não estava sendo observado, e os sacerdotes não tinham vestes, nem utensílios, nem as provisões provenientes das ofertas. É provável, também, que sua vida espiritual estivesse num nível muito baixo (Mt 1,2). Satanás está sempre descobrindo os pontos fracos do caráter e atacando-os. Ele é cruel

e duro como o aço. Mas nós temos Alguém que intercede por nós. Como o sacerdote Melquisedeque, ele vive para interceder sempre por nós. “O Senhor te repreenda, ó Satanás.” (Jd 9.)

Nós somos como tições chamuscados e queimados pelo fogo. Mas fomos tirados da chama consumidora. Então, é certo que estamos sendo guardados para um proveitoso e elevado propósito. Todo o passado é um argumento em favor da fé. O fato de Deus ter feito tanto é melhor de que ele aperfeiçoará aquilo que nos diz respeito, porque a sua misericórdia dura para sempre. Não basta ser purificado do pecado; precisamos do turbante da unção divina para que possamos ter livre acesso entre os salvos. A quem ele justifica, ele também glorifica. Não nos contentemos com nada menos que o melhor que Deus pode conceder-nos.

ZACARIAS 4

“*Não por Força, Nem por Poder.*” Zorobabel tinha vacilado na grande obra de reconstrução e, praticamente, perdera o ânimo. Aqui o profeta anima-o a renovar seus esforços e a perseverar até que a tarefa seja concluída. Ele podia ser fraco e flexível como um pavio, mas se seu espírito fosse inflamado com fogo divino e alimentado pela graça do Espírito Santo nenhuma de suas deficiências poderia impedi-lo de concluir a obra mais importante de sua vida.

ZACARIAS 5

A Visão do Rolo Volante. Nessa enorme folha de pergaminho, de cerca de nove metros por quatro metros e meio, estavam escritas as solenes maldições da lei, de um lado contra o furto e do outro contra o juramento falso. A jovem comunidade era notória por esses dois pecados. Elas levavam consigo o castigo (v. 4). Também a vida comercial deles, representada pelo efa, estava cheia de iniquidade. Mas ele, também devia ser eliminado. As rápidas asas da cegonha o levariam embora.

ZACARIAS 6

A Visão dos Carros. Essa visão fala de proteção e livramento. Quatro carros

saem dos montes que circundam Jerusalém. A cor dos cavalos representa a missão que os condutores dos carros deviam executar sobre as nações. O preto indicava derrota e desespero; o baio atuava como uma patrulha de defesa. Notemos o incidente final, que prefigura a união dos ofícios de sacerdote e rei na pessoa do Senhor.

ZACARIAS 7

O Castigo Para a Injustiça e a Crueldade. Durante o cativeiro, os judeus observavam quatro jejuns. O do décimo mês lembrava o primeiro cerco de Jerusalém pelas linhas inimigas; o do quarto, a tomada da cidade; o do quinto, a destruição do templo pelo fogo; o do sétimo, o assassinato de Gedalias. A vida nacional se achava deprimida por essas constantes lembranças de fatalidades. Parecia incoerência agir assim quando a Cidade Santa estava-se levantando do pó. Certamente as lamentações que eles praticavam na Babilônia ali não tinham razão de ser. Por isso, enviou-se uma delegação aos líderes para procurar saber a posição deles. Zacarias deu quatro respostas distintas à consulta. Nos versículos 4 a 7 sugere que, como esses jejuns tinham sido estabelecidos por eles mesmos, estavam em liberdade para suspendê-los, e a questão principal era se eles estavam levando em conta os ensinamentos e advertências dos profetas antigos. Nos versículos 8 a 14 ele lhes implorava que não se deixassem dominar pela dureza e desobediência de seus pais, a fim de que não ocorresse uma segunda catástrofe que provocasse novos desastres como os que haviam sofrido.

ZACARIAS 8.1-17

A Verdade e o Amor Devem Prevalecer. Na terceira resposta, Zacarias descreve detalhadamente a prosperidade que a cidade escolhida irá experimentar. O Senhor voltará a habitar ali, e os velhos e velhas, que estiverem no fim da vida, irão juntar-se aos meninos e meninas e alegremente começarão a gozar, todos eles, as bênçãos da paz. Mas, juntamente com essas agradáveis previsões continuam os reiterados apelos.

ZACARIAS 8.18-23; 9.1-8

As Nações Buscarão o Deus de Israel. Em sua resposta final, o profeta oferece um magnífico quadro do futuro, que estava prestes a realizar-se completamente. A lembrança do passado seria totalmente obliterada de modo que os aniversários de acontecimentos dolorosos logo se apagassem da lembrança deles. Na realidade, eles iriam constatar que seus dias negros tinham sido a fonte e origem dos seus dias felizes. Em todas as épocas subseqüentes, as nações mais importantes, mesmo quando perseguem os judeus, têm recebido bênçãos das mãos deles, apropriando-se dos seus escritos sagrados, venerando seus legisladores, profetas e santos, e crendo no mais nobre Representante de sua raça.

O profeta dá uma vista de olhos pelas nações vizinhas, mostrando que seu povo não mais precisa temer o futuro, porque seus opressores já terão sido silenciados.

ZACARIAS 9.9-17; 10.1-12

Um Humilde Libertador Traz Paz. Jesus precisa, primeiro, ser Rei, e depois Salvador. Ele é humilde; o seu corcel não é um cavalo de batalha ricamente ajaezado, mas um humilde jumento; ele não precisa de armas para derrotar seus inimigos, porque, sendo sacerdote, fala de paz. Os camponeses tinham-se abrigado nas cisternas cavadas na rocha das montanhas; mas podiam nutrir esperança, porque tinham sido resgatados pelo sangue da aliança, e Deus cuidaria para que essa redenção se tornasse efetiva. Com o advento do Rei, as portas das prisões seriam abertas e, por sua palavra, o preso sairia. Como são imensas sua bondade e beleza!

Em 10.1-12 temos uma referência à oposição de Judas Macabeu e seus irmãos contra Antíoco. Eles haviam de calcá-lo sob os pés como a lama das ruas; José e Judas se reuniriam e, depois de terem sido espalhados pelo mundo, as tribos dispersas retornariam, afinal, como fazem as abelhas ao chamado do apicultor.

ZACARIAS 11

“*Graça*” e “*União*”. Os tempos eram muito difíceis quando Zacarias se sen-

tiu chamado para atuar como pastor do oprimido rebanho do Senhor. Os governadores e sacerdotes estavam dominados por uma cobiça egoística e por um antagonismo mútuo. Três pastores já haviam fracassado. Depois de um breve esforço, Zacarias renunciou à tentativa. Quebrou a vara da “Graça” (v. 10), como se o terno amor de Deus se tivesse retirado de sua luta contra o mal; e, quando pediu ao povo que fixasse um valor para os seus serviços, eles pesaram, para ele, trinta moedas de prata, o preço de um escravo. Depois disso ele quebrou a outra vara, rompendo a irmandade entre Judá e Israel. No parágrafo seguinte (vv. 15-17), há uma evidente referência ao terrível reinado de Antíoco, cujas crueldades provocaram o heróico levante dos macabeus. Cinco séculos depois, Jesus foi enviado para congregar o rebanho com igual resultado (Mt 27.9,10).

ZACARIAS 12

O Dia do Pranto de Jerusalém. Essa visão diz respeito a um tempo ainda futuro, quando os judeus retornarão à sua terra, mas ainda na descresça, e seus inimigos os atacam, mas nada conseguirão (vv. 2,3,6). O Senhor os defenderá (vv. 7,8). Então a nação pranteará. O arrependimento será geral, do maior ao menor, cada um em seu canto. Eles lamentarão os sofrimentos que infligiram a Jesus. O Agente desse pranto será o Espírito Santo, e resultará no pleno perdão de pecado por meio do sangue da expiação e serão totalmente libertos da influência dos ídolos.

ZACARIAS 13.1-9; 14.1, 6-9

Um Dia de Prova. Essa fonte foi aberta quando o soldado feriu o lado do Salvador. Mas, para Deus, não basta perdoar; ele precisa corrigir a inconsciência do seu povo. E a obra seria tão completa que faria com que pais preferissem ver um filho morto do que vê-lo adotar a lucrativa profissão de profeta por torpe lucro e sem o chamado divino. Uma cidade se levantará contra aquele que se suspeitar ser profeta, e que, aterrorizado, simulará ser lavrador da terra. E, se descobrirem em seu corpo marcas que indiquem haver ele

sido, anteriormente, marcado por ter sido um falso profeta, ele preferirá afirmar que seus amigos tinham causado suas feridas do que confessar que tem interesse pelo ofício profético.

Observemos a notável antevisão (vv. 7-9). (Ver Mateus 26.31.) Jesus sabia que era o "companheiro" do Pai. Ele não considerava roubo o ser igual a Deus. "Viremos para ele e faremos nele morada." Mas ele também é "o homem". Pela graça de um só Homem poderemos reinar em vida (Rm 5.17).

ZACARIAS 14.1-21

"Mas Haverá Luz à Tarde." Dificilmente poderemos duvidar que, no capítulo 14, Zacarias está antevendo os mesmos

eventos que Ezequiel descreve nos capítulos 38 e 39 do seu admirável livro. A princípio o ataque dos inimigos do povo de Deus será inteiramente vitorioso; mas depois Jesus aparecerá ao seu povo e virá para eles. Haverá um cumprimento literal de Atos 1.11 e Isaías 25.9,10. Foi quando os irmãos de José estavam em sua maior abertura que ele se revelou a eles, e, quando os judeus estiverem enfrentando o mais severo infortúnio, ouvirão o Messias dizer: "Eu sou Jesus, vosso irmão". (Ver Gênesis 45.1-15.) Finalmente os longos dias de tormento do povo de Israel terminarão, e "haverá luz à tarde". Está claro que a visão de Paulo em Romanos 11 há de tornar-se uma gloriosa realidade.

O LIVRO DE MALAQUIAS

O Mensageiro do Senhor



1. O INCANSÁVEL AMOR DE DEUS POR SEU POVO 1.1-5.
2. OS PECADOS DOS SACERDOTES 1.6-2.9.
3. OS MALES DA IDOLATRIA E DO DIVÓRCIO 2.10-16.
4. O CASTIGO IMINENTE 2.17-3.6.
5. ROUBANDO A DEUS 3.7-12.
6. O MEMORIAL ESCRITO 3.13-18.
7. O DIA DO SENHOR 4.

INTRODUÇÃO

O nome Malaquias significa “meu mensageiro”, de modo que talvez não saibamos o verdadeiro nome do autor desse livro, que se esconde atrás do seu ofício e da sua mensagem. Sessenta anos haviam-se passado desde a volta da primeira leva de cativos de Israel do cativeiro sob o comando de Josué e Zorobabel, e, durante esse tempo, a santa semente se havia misturado com o povo da terra. Era necessário, portanto, que uma voz incisiva exigisse a separação e a purificação do sacerdócio e do povo.

A condição moral e religiosa de Israel estava em maré baixa. A nação achava-se dominada pelo formalismo e hipocrisia, satisfeita consigo mesma, e não hesitava em blasfemar o nome de Deus. Por isso, em vez de Malaquias ter para eles palavras de promessa e estímulo como as empregadas por Ageu e Zacarias, foi necessário que o último profeta, — depois de quem iria haver um intervalo de 400 anos até os dias do Novo Testamento — usasse de repreensões e advertências.

COMENTÁRIO

MALAQUIAS 1

Pede-se Sinceridade no Culto. Um exemplo do amor mencionado nos versículos iniciais (1-5) é a escolha que Deus fez de Israel para que através dele, o mundo inteiro fosse abençoado. O ódio não significa aversão positiva, mas a perda da posição de privilégio supremo e do ministério. A natureza sensual de Esaú preferiu o cozinhado vermelho ao direito de primogenitura, e seus descendentes também tinham essa característica. Nos versículos 6 a 14 o profeta se volta para os sacerdotes. Eles desprezavam o nome de Deus e, sem nenhum escrúpulo, sacrificavam no altar animais cegos, coxos e enfermos. Não hesitavam em tachar a rotina do serviço levítico de cansativa. Notemos o patético apelo do versículo 10: “Oxalá houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis de balde o fogo do meu altar”. Em contraste com essa indiferença, a maravilhosa visão panorâmica do versículo 11 é bastante significativa. Longe dos altares judaicos, o nome de Deus era reverenciado

em terras gentias, e eram-lhe oferecidos sacrifícios que ele aceitava. Essas palavras nos fazem lembrar Atos 10.34,35.

MALAQUIAS 2

A Transgressão da Aliança. Em contraste com a vergonhosa atitude que o profeta havia descrito como característica do sacerdócio, ele descreve um sacerdote digno, cujo zelo ardente pela honra de Deus afastaria o mal e a punição do povo. É desejável que cada servo de Deus procure mostrar esses traços de caráter, porque somente os que andam com Deus em paz e retidão podem “da iniquidade apartar a muitos”. O profeta reprova os que tinham repudiado sua esposa judia e contraído matrimônio com estrangeiras. Ao fazerem isso eles tinham ignorado que Deus era o Pai da raça hebréia, tanto das mulheres como dos homens, e, num sentido especial, ele não era o Pai dos gentios. Em resposta ao argumento dos judeus que exigiam pluralidade de esposas, Malaquias diz que originalmente Deus fez somente uma mulher para um homem, embora pudesse ter feito muitas.

Portanto, ter mais de uma esposa era uma transgressão da instituição original, e esse foi o argumento que o Senhor usou em Mateus 19.4-8. Cada homem com uma mulher é o segredo de um lar feliz e de uma descendência temente a Deus.

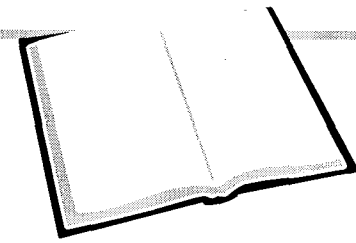
MALAQUIAS 3.1-12

A Purificação do Mal. Os versículos iniciais desse capítulo fazem vibrar nosso coração como pelo toque de um clarim. Nós nos lembramos de como eles se cumpriram quando o Senhor foi apresentado no templo por seus pais. Despercebido das multidões, espremido no meio da turba, carregado por braços pobres, o Rei, de repente, veio ao seu templo o próprio mensageiro da Aliança. Apenas dois crentes fiéis, Simeão e Ana, estavam ali para dar-lhe as boas-vindas. Mas há outra aplicação mais pessoal. Conservemos abertas, de par em par, a porta do nosso coração para a entrada do Rei. Pode não haver clangor de trombeta, nem faiscar de jóias, nem brado de arauto, mas ele entrará no santuário secreto do seu coração. Não é justamente disso que nós precisamos? Apressa-te, grande Senhor de todos, e opera tua bendita obra em

nosso pobre coração, para que possamos ser refinados como o ouro e a prata, e te ofereçamos um sacrifício de justiça. Então será um prazer trazer todos os dízimos à casa do tesouro.

MALAQUIAS 3.13-4.6

A Perversidade e a Soberba Serão Castigados. "Eis que vem o dia!" — ou foi na queda de Jerusalém ou será em alguma terrível catástrofe ainda por ocorrer. Mas seja qual for a ocasião, que nós possamos estar incluídos no tesouro particular de Deus, preservados como uma mulher preserva suas jóias no dia da calamidade (v. 17). A tristeza e a calamidade estão permanentemente sobrevindo aos soberbos ou àqueles que cometem perversidade; enquanto, sobre aqueles que temem o nome de Deus, o sol da justiça está sempre raiando e brilhando até ser dia perfeito. Os raios do sol não trazem apenas luz e côr, mas trazem também saúde e vitalidade ao mundo e aos homens; assim em Jesus há poder para salvação. Notemos como o Antigo Testamento termina com a palavra "maldição", enquanto a proclamação de Cristo se inicia com "Bem-aventurados".



COMENTÁRIO
BÍBLICO
F. B. MEYER

Novo
Testamento

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
PREFÁCIO	9
O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS	11
O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS	45
O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS	59
O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO	91
OS ATOS DOS APÓSTOLOS	123
A EPÍSTOLA AOS ROMANOS	153
A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS	169
A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS	185
A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS	197
A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS	205
A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES	213
A EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES	221
A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES	227
A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES	233
A PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO	237
A SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO	245
A EPÍSTOLA A TITO	251
A EPÍSTOLA A FILEMOM	257
A EPÍSTOLA AOS HEBREUS	261
A EPÍSTOLA DE TIAGO	273
A PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO	279
A SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO	285
AS EPÍSTOLAS DE JOÃO	291
A EPÍSTOLA DE JUDAS	297
O LIVRO DO APOCALIPSE	301

INTRODUÇÃO

É muito necessário cultivar-se o hábito de ler *diariamente* uma porção da Palavra de Deus. Tal leitura deveria ser *consecutiva*, porque somente assim podemos manter um interesse contínuo. Ela pode ser grandemente auxiliada por um intérprete que possa esclarecer o que talvez esteja obscuro, bem como sugerir aplicações da sua mensagem à vida diária.

Para atender a essa necessidade, este comentário bíblico oferece um estudo dos livros da Bíblia em porções curtas, acompanhadas de breves comentários devocionais. Nele estão incluídas todas as porções bíblicas mais indicadas para leitura diária, seja individualmente ou em grupos familiares. Iremos observar que o autor não analisa detalhadamente todos os parágrafos de todos os capítulos. Entretanto as passagens analisadas constituem uma boa amostragem dos livros estudados.

Como comentário de natureza devocional ele é valioso porque omite pontos de interesse meramente erudito e focaliza na mensagem central de cada passagem bem como na sua aplicação às necessidades diárias. Em muitos comentários há freqüentes referências a outros textos da Escritura, principalmente no caso de verdades do Antigo Testamento cujo cumprimento e interpretação se dão no Novo.

A experiência obtida por F. B. Meyer em seus longos anos de ensino da Bíblia a leigos, capacitou-o enormemente para escrever este livro — “uma das mais importantes obras de seu ministério mundial, pela voz, ou pela pena”, como declarou o primeiro editor.

Nosso anseio é que esta obra venha a provar-se de alto valor para professores de escola dominical e estudiosos da Bíblia em geral, promovendo também uma proveitosa leitura da Palavra em devoções familiares e particulares, e, por toda parte, aprofundando o amor por ela bem como uma inteligente compreensão do único Livro que pode proporcionar ao homem uma mensagem benéfica que atenda às necessidades de cada novo dia.

PREFÁCIO

A BÍBLIA ESTÁ CHEIA DA SABEDORIA DE DEUS. ELA É A PALAVRA DE DEUS. Devemos lê-la não apenas com a cabeça, mas com o coração. Sempre é bom fazer-se uma análise de seu conteúdo, mas, depois de fazê-la, precisamos dar tempo para que a sabedoria, o poder e a graça intrínsecas ao Livro e nele armazenadas impregnem nossa consciência. Portanto, é melhor estudar a cada dia uma porção mais curta de modo a dar-nos tempo para extrair do que lemos toda a sua seiva e essência.

Esse é o método seguido neste livro. Pessoas atarefadas, estudantes, homens de negócio, obreiros da escola dominical e teólogos, soldados e marinheiros, habitantes das montanhas e das planícies, vivendo à margem das grandes correntes da atividade humana, verão que as passagens selecionadas para leitura diária constituem um amplo repositório para proporcionar-lhes uma refeição diária da verdade, e, ainda, suficientemente profundas para proporcionar-lhes um estudo e interesse maiores.

Sempre me pareceu que o modo mais certo de se conhecer a Bíblia é lê-la de ponta a ponta, do começo ao fim. Somente assim podemos acompanhar a revelação do propósito divino, desde a sua aurora do Gênesis até o dia perfeito dos escritos de João. Somente assim podemos obter uma visão cronológica de toda a extensão da revelação. Ler passagens diversas, sem conexão, ora poesia, ora história, ora doutrina, não favorece a que a mente obtenha um correto enfoque da verdade. Por esse método ficamos sujeitos a concentrar-nos em umas poucas passagens já conhecidas, em vez de ouvir *tudo* o que Deus falou ao coração dos homens. Provavelmente, não há nada mais vital para um conhecimento acurado da Bíblia do que a boa e antiga prática de lê-la ponderada e regularmente e por inteiro, acompanhada de breves notas como as que este volume oferece.

Mas, devemos lembrar sempre que o mais profundo conhecimento da Palavra nos vem da graça iluminadora do Espírito Santo. Peça-lhe que abra e desvende aos seus olhos os seus sagrados mistérios. Peça-lhe para revelar-lhe a glória do Senhor em cada capítulo. Peça-lhe para ajudá-lo a ler, a sublinhar, a aprender e a assimilar. Peça-lhe, por fim, para ajudá-lo a não ser um ouvinte ou leitor esquecido, mas um praticante da Palavra. Atente

para que sua leitura seja harmonizada com a fé que cobra de Deus o cumprimento, em sua experiência pessoal, de tudo que ele prometeu. Portanto, ao abrir a Bíblia, dia após dia, a oração mais salutar que podemos fazer é aquela das velhas e conhecidas palavras do salmista: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei”.

F. B. MEYER

O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

O Rei da Casa de Davi



1. A VINDA DO REI 1.1-4.11.
 - a. Sua genealogia 1.1-17.
 - b. Seu nascimento e infância 1.18-2.23.
 - c. Seu batismo 3.
 - d. Sua tentação 4.1-11.
2. PROCLAMANDO O REINO 4.12-16.12.
 - a. O início do ministério galileu 4.12-25.
 - b. O Sermão do Monte 5.1-7.29.
 - c. Milagres de cura 8.1-9.35.
 - d. Enviando os Doze 9.36-10.42.
 - e. Discursos e parábolas acerca do reino 11.1-16.12.
3. CONFRONTANDO A REJEIÇÃO 16.13-25.46.
 - a. A confissão de Pedro — anunciada a rejeição 16.13-28.
 - b. A transfiguração 17.1-9.
 - c. Indagações, discursos e parábolas acerca do juízo final 17.10-25.46.
4. SUPORTANDO A CRUZ 26.1-27.66.
 - a. As tramas de inimigos e a devoção de amigos 26.1-16.
 - b. A última ceia e a agonia no Jardim 26.17-46.
 - c. A traição 26.47-56.
 - d. Os processos judaico e romano 26.57-27.25.
 - e. A crucificação e o sepultamento 27.26-66.
5. DERROTANDO A MORTE 28.1-20.
 - a. A visita das mulheres ao túmulo vazio 28.1-8.
 - b. O Cristo ressurreto 28.9,10.
 - c. O testemunho dos soldados 28.11-15.
 - d. A Grande Comissão 28.16-20.

INTRODUÇÃO

Não há razão para se pôr em dúvida o fato de este Evangelho ter sido escrito por Mateus. Ele apresenta a narrativa da vida do Senhor, do ponto de vista de um judeu devoto; o propósito evidente do escritor é mostrar como o Senhor cumpriu as Escrituras do Antigo Testamento completa e continuamente. Nenhum dos outros evangelhos apresenta tantas citações da Lei, dos profetas e dos Salmos. Nele, o aspecto predominante do caráter e da obra do Senhor é o aspecto messiânico. Ele era o Filho maior do grande Davi. A frase-chave do livro é "Eis aí te vem o teu Rei". Como Rei, sua linhagem é traçada através da descendência real. Como Rei, ele proclama o reino do céu. Como Rei, ele promulga as leis, qualifica os súditos e anuncia os galardões do reino. Ao descrever suas ações pessoais, no fim de tudo, quando se assenta no seu trono e todas as nações estão reunidas diante dele, ele fala de si próprio como Rei (Mt 25.40). Foi por causa de sua proclamação de realeza que ele foi condenado à morte. Sob qualquer ponto de vista esse Evangelho é um dos mais preciosos documentos do mundo.

COMENTÁRIO

MATEUS 1.1-17

A Linhagem do Messias. A enumeração dos ancestrais do Senhor, com sua tripla divisão em quatorze gerações e lacunas evidentes, foi assim organizada provavelmente para facilitar a lembrança. Notemos que, de acordo com o objetivo geral do escritor, a ascendência é traçada até Abraão, passando por Davi, o rei. Sabemos, naturalmente, que José era somente *considerado* pai de Jesus (v. 18); mas, de qualquer modo, essa genealogia ajustava-se ao uso hebreu e explicava como o nascimento ocorreu na cidade de Davi.

Nessa lista de nomes, os patriarcas, gentios, mulheres de caráter duvidoso, homens bons, maus, sábios, famosos ou desconhecidos constituem todos elos importantes. É como se ela quisesse ensinar-nos que, no Filho do homem, existe uma mistura de todas as classes, de maneira que ele possa ser o representante e ajudador de todos. Cada um de nós pode achar algum ponto de identificação pessoal nessa genealogia. Jesus Cristo pertence à

nossa raça. Ele sabia o que era a natureza humana, através daquele conhecimento sutil e íntimo que nasce do parentesco. Nele, portanto, não há judeu nem grego de forma exclusiva, mas, nele, somos todos um.

MATEUS 1.18-25

O Nascimento de Jesus Cristo. O medo de que José, sendo um homem justo, pudesse desfazer o compromisso do esperado casamento teria enchido o coração de Maria de indizível angústia, se ela não se apoiasse em sua fé em Deus. Ela sabia que Deus estava empenhado em defender o caráter dela. Submetamo-nos a ele, para que cumpra em nós seus propósitos, e deixemos que ele cuide de quaisquer resultados eventuais! Ele se responsabiliza!

Aquilo que aconteceu de forma histórica deve ocorrer de forma experimental. Em cada um de nós Jesus Cristo deve nascer pela ação direta do Espírito Santo. (Veja Gálatas 4.1-5.) Isso é o que chamamos de novo nascimento; e quando ele, desse modo, tiver entrado em nosso coração, o Se-

nhor se tornará o nosso Salvador; não apenas da penalidade de nossos pecados, mas, também, do amor e do poder desses mesmos pecados. Façamos com que seja essa a nossa experiência!

Busquemos essa união com Deus, que é o marco mais alto de bênção, tanto nesta vida como na vida futura, e em virtude da qual Deus se torna o companheiro da alma na peregrinação terrena. Este é o nome dos nomes — Emanuel. (Veja Isaías 7.14 e 9.1-7.)

MATEUS 2.1-8

Os Magos Seguem a Estrela. A expectativa do advento de um grande rei era largamente difundida no tempo da natalidade. Ela se fundamentava, quanto ao que concerne ao Oriente, provavelmente nas profecias de Balaão e Daniel. (Veja Números 24.17; Daniel 7.13, 14.) Há evidências da mesma expectativa na literatura clássica do Ocidente. O Senhor era o desejado de todas as nações, sendo que a corrupção e a anarquia do Império Romano tornavam tal desejo ainda mais intenso.

Deus vem ao homem nos lugares com os quais ele está mais familiarizado; a Zacarias no templo, aos pastores nos campos, aos magos por meio de um prodígio nos céus. Ele sabe exatamente onde nos achar. Não deixe de seguir sua própria estrela, seja ela qual for; mas lembre-se de que ela precisa ter a corroboração das Escrituras, como no caso presente (v. 5). Um milagre pode ser operado para despertar-nos e lançar-nos em nossa grande busca, mas o miraculoso é retirado onde os métodos normais de investigação são suficientes. As novas acerca de Jesus sempre inquietam os filhos do mundo; eles sabem que elas significam separação.

MATEUS 2.9-15

Deus Governa e Domina. Já foi aventada a sugestão de que “a estrela” seria uma combinação incomum de três planetas; mas isso estaria em conflito com o desaparecimento e reaparecimento da luz guiadora. Algumas experiências du-

rante o reavivamento galês parecem indicar uma conexão entre experiências espirituais sublimes e a manifestação visível da glória divina. Provavelmente somente os magos avistaram essa grande luz. (Veja Atos 9.3; 26.12-14.)

Quando seguimos a direção divina, podemos estar certos de que Deus não falhará em levar-nos à nossa meta. Aquele que nos leva para fora também nos recolherá. Ele completará aquilo que nos diz respeito. Esses magos prostrando-se diante do menino Jesus foram os primeiros de um grande número de reis do intelecto que os seguiram ao mesmo ponto. Afinal de contas a verdadeira ciência não se dobra diante do mistério da vida? Não podemos compreender o mistério, mas podemos adorar. Podemos, também, ofertar nossas dádivas. Jesus é “digno de receber riquezas”. Foi dessa maneira que o Pai, de antemão, proveu o necessário para as despesas inevitáveis da viagem que teriam de fazer ao Egito. Os herodes deste mundo estão sempre conspirando contra o Cristo do Senhor, mas é tudo em vão. (Veja Salmo 2 e Atos 4.25.)

MATEUS 2.16-23

Do Egito Chamei o Meu Filho. A morte daquelas criancinhas foi algo patético. Desde o princípio pareceu que o advento do Senhor não traria paz, mas espada. As mães daqueles pequeninos foram há muito consoladas, mas a experiência foi amarga. Os pequeninos constituem o núcleo do grande cortejo dos “que seguem o Cordeiro para onde quer que vai” (Ap 14.4). “Já morreram os que atentavam contra a vida do menino.” Tal é o epitáfio que pode ser escrito para aqueles que se dispuserem a se colocar em oposição à causa de Cristo. A casa de Voltaire* em Genebra é usada atualmente como almoxarifado da Sociedade Bíblica. A crítica destrutiva não tem continuidade. A criança regressa do Egito. Há um sentido em que a vida de Jesus é um sumário da história de Israel, bem como da experiência de cada cristão. Não se

demore no Egito; volte pelo caminho de separação e consagração aos elevados propósitos de Deus.

MATEUS 3.1-12

O Precursor Prepara o Caminho. O Evangelho de Mateus anuncia o reino. Podemos ver e ouvir o precursor, cuja voz despertou o coração dos homens com a proclamação profética, após um silêncio de 400 anos. Ele entra em cena tão de súbito como um Elias.

Sua mensagem era dupla — a necessidade de arrependimento e o anúncio da proximidade do reino. Fez vibrar seus contemporâneos, provocando admiração e interesse. Parecia que todo o povo do sul do país desembocava no vale do Jordão. Se um homem não é um caniço agitado pelo vento, nem é, também, uma cópia mas um original, que fala o que vê e ouve de Deus, os homens irão a ele em qualquer época.

Para que possamos apreciar devidamente o Redentor, João Batista deverá vir a nós, também. Precisamos expor-nos ao fogo, ao machado e à pá, para verificarmos o que realmente somos, e chegar, como Paulo, a reconhecer nossa justiça própria como perda, para ganhar a Cristo e ser achados nele.

MATEUS 3.13-17

Batizado com o Espírito. João, conquanto denunciasse os pecados alheios, estava muito consciente dos seus próprios pecados. Ele se desfez em santa humildade diante da única natureza na qual seus olhos penetrantes não descobriam nenhum traço de impureza, e tudo fez para evitar que suas mãos poluídas batizassem um ser tão puro, como ele percebia que Cristo era.

O Senhor admitiu a validade do argumento de João, mas não o aceitou. Ele era o único entre todos os homens santos que não tinha consciência de pecado. Ele “não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca” (1 Pe 2.22). Como o Cordeiro designado por Deus, ele foi cuidadosamente esquadrihado, mas, mesmo aqueles que mais sabiam a seu respeito se sentiram compelidos a atestar sua inocência e pureza. Apesar disso, foi batizado, de modo que pudesse assumir a culpa do

pecador, colocando-se ao seu lado e a seu favor, e com ele se identificando. Foi, então, ungido pelo Espírito, e recebeu o testemunho abonador da voz do Pai. É provável que somente João e ele se apercebessem desses sinais celestiais. (Veja João 1.32.) Que, como Cristo, possamos nós também estar de baixo de igual unção. (Veja 1 João 2.20, 27.)

MATEUS 4.1-11

Tentado Pelo Diabo. “A seguir” assinala a íntima conexão entre a voz celestial do batismo e a causticante provação dos quarenta dias. Notemos que a tentação, em si mesma, não é pecado; só quando as más sugestões do tentador são aceitas é que se tornam pecado. Notemos, também, que ao redor de todos nós existe uma tenebrosa região do mal, de onde surgem as tentações. Sempre que alguém tiver recebido uma revelação especial pode esperar um período de prova. Esse é o método de Deus para enraizar as árvores no solo, bem como fixar as lindas cores que ele pinta nos vasos que estão sendo preparados para o uso divino.

A primeira tentação consistiu em que o Senhor usasse, em socorro de suas necessidades físicas, o poder que, como Filho do homem, lhe havia sido entregue para o serviço dos homens. A segunda era um esforço no sentido de incitá-lo a agir de forma presunçosa, obediente aos ditames da vontade própria e independente da direção clara do Espírito de Deus. A terceira procurava induzi-lo a alcançar o trono por meio de um método errado. Somente por meio da cruz ele podia conseguir poder para governar e salvar. (Veja Hebreus 4.15, 16; 5.8, 9.)

MATEUS 4.12-17

A Luz Começa a Brilhar. O ministério inicial do Senhor parece ter-se centralizado em Jerusalém e povoados próximos. (Veja João 2 e 3.) Mas, ante as notícias da prisão de João Batista, levou para o Norte o seu testemunho do reino dos céus, que é o reinado de Deus no coração e na vida dos homens. Alguém já disse que esse reino é “a

* Voltaire (1764-1778), escritor francês a quem é atribuída a seguinte afirmação: “A Bíblia é um livro antiquado. Daqui a cem anos, ninguém mais a lerá.” (N. E.)

consciência universal de Deus". Todavia existia uma diferença! No começo de sua obra, o Salvador mostrou uma ternura e um encanto que cativaram as multidões de ovelhas maltratadas. (Veja Mateus 9.36.) Seu ministério se assemelhava a um suave e santo alvarecer que irrompe sobre as montanhas e dispersa as negras sombras da noite. O evangelista cita a previsão profética da vinda daquele que é chamado "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte". Não tenha medo de que Jesus entre no seu coração! Você pode estar tão longe da bondade e da pureza quanto Naf-tali e Zebulon estão de Jerusalém, mas a Galiléia dos gentios também está incluída em João 3.16.

MATEUS 4.18-25

Primeiras Obras de Misericórdia e Poder. Devemos ler o primeiro capítulo de João juntamente com esse parágrafo inicial. O Senhor já havia se encontrado com esses primeiros discípulos no vale do Jordão, mas eles haviam retornado aos seus lares e às redes. Sua pronta aquiescência foi resultado da operação do poder do Mestre sobre seus corações, que já haviam sido conquistados. Sua antiga profissão iria permanecer com eles, só que de uma forma muito mais nobre. A paciência, a coragem e o tato nela desenvolvidos seriam agora colocados a serviço de Deus para alcançar almas.

O evangelista, então, reúne todos os aspectos amplos do ministério galileu inicial. Ocorreu um progresso triunfal. (Veja a repetição de "todos" no versículo 23.) As palavras lutam para transmitir a ampla extensão da influência de Cristo, mesmo além das fronteiras. Quando o amor de Deus veio ao mundo na pessoa de Jesus, começou imediatamente a reparar os males causados pelo pecado. Não havia hesitação ou dúvidas quanto a se era ou não a vontade de Deus curar. Levamos sempre isso em consideração para nós e para outros.

MATEUS 5.1-9

Primeiras Palavras de Graça e Verdade. Há muitas portas que dão para uma vida abençoada, a qual não depende dos

favores deste mundo, como riquezas ou nobre nascimento. Não há alma humana, por mais iletrada, solitária, ou pobre que seja, que não possa entrar já nessa vida de bênção e começar a beber do rio que alegra a cidade de Deus. O Senhor viveu essa vida antes de descrevê-la. Ele abriu as portas para nós. Se você não pode entrar pela porta da pureza, por que não entrar pela porta que está reservada aos que têm fome e sede?

Note o aspecto *passivo* da vida bem-aventurada: ser "pobre de espírito", isto é, ser humilde em sua auto-estima; ser "manso", não interessado sempre em seus próprios direitos; "chorar" por causa dos males de seu próprio coração e pelo pecado e tristeza que o rodeia; "ter fome e sede" de Jesus Cristo, o Justo. Essas atitudes não compram a bem-aventurança; cultivá-las é ser bem-aventurado. No aspecto *positivo*, estão a misericórdia, pureza, paz e a disposição de sofrer qualquer coisa por amor a Cristo. Aqui temos uma antecipação de 1 Coríntios 13.

MATEUS 5.10-16

O Novo Sal e a Nova Luz da Sociedade Humana. Se conservarmos acesa a pura luz de uma vida cristã coerente em meio aos males do mundo podemos esperar perseguições. Os homens odeiam a luz que põe a descoberto suas iniquidades. Eles só nos tolerarão enquanto não os incomodarmos. Mas o testemunho universal dos que assim têm sofrido é que o Filho do homem caminha ao lado dos seus mártires fiéis dentro da fornalha.

Nossa vida santa deve atuar como "sal" para deter a corrupção que grassa ao nosso redor. Diz-se que a presença de uma criança tem impedido a consumação de muito crimes. Um súbito silêncio devia ocorrer em certas conversas à nossa chegada. Mas é muito fácil perdermos nossa salinidade, como aconteceu com Ló em Sodoma e com as sete igrejas da Ásia. (Veja, também, Ezequiel 15.2-5.) Nossa vida devia servir também como "luz". O espírito do homem é uma lâmpada. (Veja Provérbios 20.27.) Precisamos ser acesos pela natureza de Deus. Assim como os ho-

mens acendem lâmpadas, Deus pode acender-nos. Ardamos e brilhemos como fez João (Jo 5.35). Cuidado com o "alqueire". Peçamos a Deus para escolher o velador certo para nós.

MATEUS 5.17-26

A Justiça do Novo Coração. A missão do Senhor não era destruir, mas construir. Como o meio-dia é o remate da alvorada, e o verão o da primavera; como a maturidade é o remate da infância e a pintura acabada, o do esboço, assim Jesus recolhe, torna reais e possíveis os mais elevados ideais já inspirados no coração humano ou escritos pelo Espírito de Deus nas páginas da inspiração.

Dentro da expressão "a lei e os profetas", o Senhor inclui todo o Antigo Testamento. (Veja Lucas 24.44; Atos 13.15.) Nada podia exceder a reverência do Senhor para com os oráculos de Deus. Ele se refere a eles repetidamente, como tendo autoridade divina. Suas palavras e ensino constituem o endosso das veneráveis Escrituras que haviam nutrido seu povo, preparando-o para posteriores instruções. (Veja Romanos 3.31; 8.4.)

A corte local de magistrados tinha o poder de vida e de morte, que era aplicado com a decapitação do condenado; o Sinédrio executava criminosos por apedrejamento; o criminoso ultrajante era atirado à geena (v. 22). No reino de Cristo, a ira injustificada é equivalente ao primeiro, o desprezo ao segundo, e a paixão veemente ao terceiro. Alimentar o ódio constitui delito capital.

MATEUS 5.27-37

Olhos Puros e Linguagem Limpa. A legislação dos tempos antigos determinava que nenhum membro da comunidade praticasse adultério e impunha aos adúlteros terríveis castigos. (Veja Deuterônimo 22.22-24.) Mas o Homem Divino, que lê o coração humano com perfeita exatidão, vai além do ato, e toca os estágios preliminares; legisla a respeito do olhar que pode inflamar a paixão, e condena a alma que não des-

via, imediatamente, os olhos daquilo que a fascina e não os volta para a *Suma Perfeição, pedindo para ser purificado, não apenas com lágrimas mas com sangue.* O primeiro ato na vida religiosa é detectar o correto e o errado no pensamento ou na intenção. Se o tentador é retido nesse ponto, não tem poder para ferir. Matemos a cobra no ovo!

A proibição de jurar nada tem a ver com prestar juramento num tribunal. Durante seu processo ante o sumo sacerdote, o Senhor não se ressentiu por ter de prestar juramento. Em ocasiões raras e solenes é possível que tenhamos de descobrir nossa cabeça diante de Deus e pedir-lhe que corrobore nossas palavras. Mas, quão diferente é isso do uso freqüente e irreverente de imprecisões e extravagâncias de palavras.

MATEUS 5.38-48

Relacionamento Fraternal. Quando Jesus fala da segunda milha, refere-se ao conhecido costume oriental de enviar mensagens por etapas, através de co-operação forçada. Deixamos nossa casa, em dada manhã, sem antever mal algum. De repente e inesperadamente ecoam os ruídos de patas de cavalos e somos alcançados por uma severa exigência. Somos enviados numa direção que jamais planejamos seguir e somos "constrangidos" a caminhar mais uma milha. É essa segunda que testa o caráter; e nossas ações em relação a ela determinarão se estamos embuídos do Espírito de Cristo e dispostos a servir aos outros por causa do amor, mesmo com riscos de perigos e inconveniências para nós.

O amor ao próximo aparece em muitas passagens do Antigo Testamento. Veja Êxodo 23.4,5. Mas nós temos de amar "os inimigos" e nos assemelharmos ao sol e à chuva dados por Deus (Mt 5.45). Alguém pode achar que isso é impossível! Lembremo-nos daquelas velhas e belas palavras: "... eu ensinei a andar a Efraim" (Os 11.3). Peça ao seu Pai celestial que o ensine a amar. (Recorde Gálatas 5.22.) Ouse acreditar que ele aperfeiçoará tudo o que lhe diz respeito.

MATEUS 6.1-8

Dar em Segredo e Orar em Segredo. Temos, em primeiro lugar, a proposição geral de que a justiça, isto é, os deveres religiosos de uma pessoa não deveriam ser executados visando ao exibicionismo. Depois esse princípio é aplicado à esmola, à oração e ao jejum — os três departamentos em que os judeus dividiam a religião pessoal.

A advertência “guardai-vos” no versículo 1 é muito profunda! Temos todos a tendência de expor na vitrina artigos melhores que os que temos em estoque nas prateleiras, e exibir amostras mais bonitas que o material que podemos fornecer em quantidade. A palavra grega que traduzimos como “hipócrita” significa “ator teatral”. Somos tentados a vestir, no domingo, uma roupagem religiosa que, com certeza, não usamos em casa nem no trabalho.

Em seu relato acerca do primeiro convertido birmanês, conta a esposa de Adoniram Judson: “Faz poucos dias, estava lendo com ele o capítulo 6 de Mateus. Ele ficou profundamente impressionado e sério. “Essas palavras”, disse ele, “dominam inteiramente meu coração. Elas me fazem tremer. Quando nosso povo visita os pagodes, faz um grande barulho com trombetas. Mas essa religião leva a alma a reverenciar a Deus”.

MATEUS 6.9-18

Como Orar e Jejuar. Isso podia, mais adequadamente, ser qualificado como a “oração dos discípulos”. Eis aqui uma magnífica catedral. E, à medida que percorremos seus majestosos corredores, não podemos deixar de pensar nos milhares que aqui estiveram em todas as eras e constataram serem essas sete breves petições a expressão adequada de seus mais profundos e mais santos anseios. Velhos e crianças, católico-romanos e protestantes, o servo e seu senhor, Oriente e Ocidente se encontram nesse nobre templo não construído por mãos humanas.

A oração deve ser direta, simples e fervorosa. Deve ser reverente, santificando o nome de Deus, e altruísta,

empregando o “nós”, o “nos” e o “nosso”, não o “eu”, o “me”, o “mim” e o “meu”. Ela deve ser permeada do espírito filial que exclama: “Aba, Pai”. Deve ser concebida em amor, respirar perdão, e confiar no suprimimento que atenda à fome de nossa natureza. Quando Deus perdoa, ele afasta de si todo vestígio de nosso pecado. Poderíamos alegar que Deus, além de perdoar, deveria também restaurar; lembremo-nos, porém, que devemos estar dispostos a tratar todos os outros como esperamos que Deus nos trate.

MATEUS 6.19-26

O que Buscar e a Quem Servir. O que existe em nossa vida interior que corresponde aos olhos, no corpo? Alguns dizem que é o intelecto; outros, o coração. Mas o mais certo é dizer que é o propósito íntimo e a intenção da alma.

Quando sofremos de estrabismo, a imagem que enxergamos é dupla e embaçada. Para usar uma expressão comum, um olho é vesgo. É o que ocorre com Edward Irving, o notável clérigo inglês. Conta-se que quando ele era bebê, colocaram-no num berço de madeira que tinha, de um lado, um pequeno orifício através do qual ele observava o que se passava por perto. Isso distorceu sua visão e o tornou vesgo para o resto da vida.

Nós também podemos vir a olhar em duas direções ao mesmo tempo. O esforço de servir a Deus e às riquezas, de manter-se em boas relações com ambos os mundos, ajuntar tesouros na terra e, ao mesmo tempo, ser ricos para com Deus, não passa de um estrabismo espiritual. João Bunyan fala do Sr. Contemplando-Dois-Caminhos, que mantinha um olho no céu e outro na terra, que professava sinceramente uma coisa e que, sinceramente, fazia outra. Tentava ludibriar a Deus e ao diabo, mas, no fim, enganou somente a si mesmo e a seus vizinhos.

MATEUS 6.27-34

A Cura Para a Ansiedade. O tom do Senhor é sempre suave e terno quando ele se dirige aos pobres. Três vezes ele diz a mesma coisa: “Não andeis ansio-

so”. Ele nunca se esqueceu de que, no que diz respeito à natureza humana, ele procedia das fileiras da pobreza. Suas referências a roupas remendadas, ao uso de odres velhos, ao preço de pardais, e ao diminuto pagamento que era o salário de um trabalhador indicam que ele estava acostumado ao sofrimento dos pobres.

Existe enorme diferença entre previsão e preocupação. É essa última que Jesus reprova. O lavrador deve semear no outono de modo a poder colher no verão, mas não precisa perder o sono nas noites de inverno, preocupado com a colheita ainda distante. Não fiquemos ansiosos no que diz respeito ao atendimento de nossas necessidades, sejam do corpo, da mente ou do coração. Deus sabe o de que necessitamos. Se ele nos deu vida, não a sustentará? Não cuida ele dos pássaros e das flores? Não deu ele seu Filho? Como então recusará dar-nos algum bem? Confiemos nele e fiquemos em paz.

MATEUS 7.1-12

Auto-Julgamento; Pedindo a Deus; Servindo os Outros. Há grande necessidade de um julgamento reto e justo, iluminado pelo Espírito da verdade; mas há um mundo de diferença entre esse julgamento e as opiniões censuradoras e críticas que somos capazes de formar e emitir a respeito dos outros. A natureza humana sente grande prazer em usurpar o tribunal e proclamar suas decisões, sem ouvir as partes interessadas ou convocar as testemunhas. Tenhamos cuidado para não basear nosso julgamento em palavrórios e mexericos. De qualquer forma, se ele for desfavorável, não digamos nada a ninguém, a menos que tenhamos antes orado a respeito e procurado retirar o pecador do erro de seus caminhos. Antes de sondar o outro, deixemos que Deus nos sonde. (Veja Salmo 139.23,24; 1 Coríntios 4.1-5 e Hebreus 4.12.)

Nós “pedimos” uma dádiva; nós “procuramos” o que perdemos; nós “batemos” querendo entrar. Há uma porta apenas entre nós e Cristo! O Pai não nos dará pedras nem serpentes, mesmo que as peçamos; mas nunca

deixará de dar-nos coisas boas — e, acima de tudo, o seu Espírito Santo. Importa é que peçamos tais coisas.

O imperador romano Severo ficou tão encantado com a Regra Áurea (Mt 7.12), que mandou gravá-la nas paredes de seu palácio. Gravemo-la em nosso coração e atuemos sob o poder do Espírito Santo, que é quem derrama em profusão o amor de Deus no coração daqueles que crêem.

MATEUS 7.13-23

Buscando Vida; Provando Líderes. O mundo está cheio de falsificações. Circula dinheiro falso e usam-se jóias de imitação. Acautelemo-nos da religião falsificada. Ela se trai por estas formas:

Ela não requer a negação do eu. O Senhor compara seu caminho ao ato de entrar por uma porta estreita e caminhar num caminho apertado. É o caminho da cruz. Precisamos dizer “Não” à vida do “Eu” que está instalada em nossa alma; temos que negar-lhe implacavelmente o domínio sobre nós. Devemos falar a respeito dela da forma usada por Pedro em referência a Jesus: “Não conheço tal homem”. O caminho do egoísmo começa numa trilha florida e vai terminar num deserto. O caminho da renúncia é íngreme e difícil no começo, mas leva a um paraíso de alegria.

Ela não produz bons frutos. O valor do evangelho foi comprovado através dos tempos pelos caracteres que produziu, os quais se tornaram sal e luz do mundo. Nenhum outro ensino produziu tais resultados. Esse é o teste supremo. Há muitos novos sistemas de teologia; muitas panacéias estão sendo espalhafatosamente anunciadas, mas o teste para todos é o fruto que apresentam.

MATEUS 7.24-29

Construindo Sobre o Firme Fundamento. No verão palestino, quando o solo endurece, pela ação do intenso calor, qualquer ponto serve como local para a construção de uma casa. Ninguém sabe dizer se seu vizinho construiu bem ou mal; somente o construtor sabe. Mas, no inverno, a chuva cai em torrentes e os vales se enchem de correntes es-

pumejantes que solapam todos os alcerces que não estão presos à rocha.

Não é bastante crer *acerca* de Cristo, precisamos crer *nele*. Precisamos alcançar-nos a ele como a Pedra Viva que é e, assim, nos tornar também pedras vivas (1 Pe 2.4-8). Precisamos não apenas ouvi-lo, mas também obedecê-lo. É indispensável que haja viva e ininterrupta união e igual comunhão entre ele e nós. Podemos, então, passar a erigir a estrutura da vida piedosa e santa que crescerá como um templo santo no Senhor (1 Co 3.10-15). Recebamos, com mansidão, o enxerto da Palavra, que é capaz de salvar a alma!

MATEUS 8.1-10

A Recompensa da Fé. O Senhor pode tocar nosso coração, leproso de impureza, e fazer com que suas máculas desapareçam, de modo que, como no caso de Naamã, fiquemos limpos: “e a sua carne se tornou como a carne duma criança”. (Veja 2 Reis 5.14.) O salmista suplicava: “Purifica-me com o hissopo, e ficarei limpo”, aludindo ao rito para purificação do leproso. (Compare Salmos 51.7 e Levíticos 14.4.) Mas um toque da mão de Cristo é suficiente, porque ele é o grande Sumo Sacerdote.

Ele também pode curar a paralisia que limita o nosso serviço e nos imobiliza na incapacidade. Como bem enxergou o centurião, Cristo era capaz de exercer o poder do Pai, porque era obediente à Lei do Pai. Ele se humilhou e se fez obediente até à morte de cruz; por isso Deus o exaltou sobremaneira, para que ele pudesse enviar energia em abundância à vontade paralisada. O apóstolo Paulo testificou: “Tudo posso naquele que me fortalece”.

MATEUS 8.11-17

O Grande Médico. Os hebreus tinham a concepção de que o céu era um banquete. Os judeus pensavam que o céu lhes estava garantido por serem descendentes de Abraão. Mas a graça não é hereditária; para recebê-la, todo homem tem de exercer uma fé pessoal em Cristo. Verifiquemos se nossa religião é absolutamente verdadeira, a fim de que não terminemos frustrados e sem esperança.

Notemos que a fé é a medida da ação divina — “seja feito conforme...”. O Senhor pode libertar a alma da febre da paixão, acalmá-la e torná-la pura. Foi admirável que a mulher enferma tenha podido, logo que se levantou, passar a servir ao grande Hóspede no lar humilde de Pedro, mas é ainda mais admirável quando um espírito emerge, de repente, livre do domínio da paixão para força e beleza.

A chave para todo serviço verdadeiro é fornecida no versículo 17. Devemos fazer nossas as enfermidades, tristezas e pecados daqueles que desejamos realmente ajudar. Essa é a lei de Cristo (Gl 6.1-4).

MATEUS 8.18-27

O Guia dos Homens e Senhor da Natureza. Cristo passa os homens pelo crivo. Antes de alguém entrar para o seu serviço, ele o coloca diante das inevitáveis provações que terá de enfrentar, entre as quais avultam a solidão e o desamparo. Asseguremo-nos de que Cristo tem um lar em nosso coração. Onde, entretanto, há letargia, o Salvador incita a alma a segui-lo. Não choremos sobre a sepultura do passado; esqueçamo-la e entremos para a vida de ressurreição e ascensão.

É necessário que nossa vida seja varrida por tempestades. O sono do Mestre indica a paz e a segurança de sua natureza. Que contraste entre nossa impaciência e sua infinita serenidade! O Senhor estava certo de que o Pai estava com ele (Jo 8.29). Embora o inimigo esteja perto, o Pai está mais perto. Os braços eternos estão por baixo de nós. Nós estamos ameaçados por trás e pela frente, mas se Cristo estiver a bordo, nenhum barco pode afundar.

MATEUS 8.28-34

Um Visitante Indesejável. O espírito demoníaco parece ainda habitar a vida de seres humanos. A que mais podemos atribuir os paroxismos de paixão, as terríveis crueldades e desumanidades dos homens? Existe apenas um diabo, mas há muitos demônios; somente um príncipe das trevas, mas muitos emissários. Tomemos cuidado; não deixemos aberta

a porta de nossa natureza ao espírito do mal e ele venha a possuir-nos. Vigiem e oremos, e entreguemos a guarda de nossa alma às mãos de Cristo. Ele é mais forte que o inimigo.

Observemos que o objetivo do demônio é destruir. Se não puder destruir a alma dos homens, destruirá os porcos. Essa é a marca que caracteriza o mal: é sempre destruidor. O Espírito de Deus, porém, é construtivo; a partir das ruínas da obra de Satanás, ele cria novo céu e nova terra, tanto na alma como no universo.

A cidade inteira rogou a Jesus que se retirasse, porque os homens consideram seus lucros mais valiosos que a presença dele. O mesmo espírito domina o mundo comercial de hoje. Acautelemo-nos. De que adiantará ganharmos o mundo inteiro se perdermos a alma?

MATEUS 9.1-8

O Perdoador de Pecados. Como é inventivo e engenhoso o amor humano! É bem provável que se tratasse de um moço e que os outros tivessem sido companheiros dele por vários anos. Eles tinham alcançado uma fé firme em Jesus e foi por causa da fé *deles* que o milagre se operou. Se apenas quatro cristãos decididos tomassem sob sua responsabilidade um incrédulo ou pecador, veríamos novos milagres da graça.

O pecado jaz na raiz de todo sofrimento e doença. O ideal de Deus é um corpo bem formado e saudável, que responda a todas as exigências que dele fazemos. Neste caso é evidente que havia uma íntima conexão entre a paralisia do homem e algum ato ou atos anteriores de pecado que lhe pesavam na consciência e no coração. Era tão fácil para o Senhor proferir uma frase quanto a outra; o poder que acompanhou sua palavra na esfera física provou que ele tinha igual poder na espiritual.

Seus críticos estavam perfeitamente certos. Ou ele blasfemara ou era o Filho de Deus. Preste atenção ao título “Filho do homem”. Jesus foi o último Adão, o segundo homem. (Veja 1 Coríntios 15.45.)

MATEUS 9.9-17

O Amigo de Pecadores. O nome Levi indica que Mateus descende de uma linha sacerdotal. Ele tinha perdido todo o respeito por si próprio para tornar-se um detestado funcionário do governo romano, coletando taxas sobre mercadorias que atravessavam o lago. Mas o Senhor vê veios de ouro e gemas preciosas nos lugares mais inesperados, e ele vislumbrou o apóstolo e evangelista nesse publicano desprezado.

Sempre que um homem é alcançado por Cristo, logo se dispõe a buscar outros, e o Senhor está pronto a cooperar em qualquer esforço que leve outros a conhecê-lo. Ele se assenta com sua perfeita graça entre os publicanos e pecadores, elevando-os ao seu próprio nível, puro e santo. Ele será sempre encontrado onde houver almas enfermas pelo pecado; e onde os corações estiverem famintos de amor e alegria, ele estará com eles como seu noivo.

Mas a alegria que Cristo traz produz, por si mesma, sua própria marca. As antigas fôrmas não resolverão. O odre velho não terá condições de conter a fermentação do vinho novo. É maravilhoso ver como Cristo podia extrair preciosas lições de coisas comuns!

MATEUS 9.18-26

Senhor da Vida e da Morte. Nenhum aflito apela para Cristo e fica sem resposta. Jesus sempre se levanta e vai com ele. Sigamo-lo, como seus discípulos, aonde quer que ele nos guie. A nós é concedido sermos seus colaboradores e socorrer a outros por meio de nossa simpatia, orações e fé.

A fé dessa pobre mulher era bastante imperfeita. Ela acreditava que havia virtude nas vestes dele, como o ritualista acredita havê-la nos símbolos de sua morte. Ela estava mais interessada na cura do que naquele que curava. Ela estava cheia de temor e tremor. Mas seu toque foi uma magnífica evidência de sua fé. Pode ter sido leve como o toque de uma pluma, mas foi o suficiente. Ela não o agarrou, apenas o tocou.

O incidente, a princípio, preocupou Jairo, por causa do atraso; mas, depois, o ajudou. Talvez tenha sido permitido

para fortalecer-lhe a fé, e assim prepará-lo para ouvir a notícia que estava para chegar ao seu conhecimento. Jesus pode despertar uma menina da morte com a mesma facilidade com que sua mãe pode acordá-la do sono aos primeiros albos da manhã. Deixe-o tomar seus filhos pela mão e chamá-los à vida e ao amor!

MATEUS 9.27-34

O Libertador Misericordioso. O Mestre nos fala assim: “Credes” que sou capaz de fazer-vos felizes, embora estejais despojados da luz e da beleza do mundo? “Credes” que sou capaz de enriquecer-vos na pobreza, fortalecer-vos na fraqueza e levantar-vos mesmo da morte, de modo que a vara estéril possa produzir flores e frutos? “Credes” que sou capaz de dar-vos um conhecimento de Deus que o olho não viu nem o coração do homem jamais concebeu?

Pode ser que respondamos com uma fé trêmula: “Sim, Senhor”. Mas, como é abençoada a alma que ousa dizer “Sim” ao desafio do Mestre. Compreendamos que não há limite para o que ele fará por nós, se apenas confiarmos nele. A sua medida para dar está em proporção à nossa fé, e a medida de nossa fé será na proporção da entrega que fizermos de nós mesmos a ele. Divulguemos a fama dele. Os fariseus o odeiam, mas os demônios fogem.

MATEUS 9.35-10.4

Planejando a Colheita. Nesse ponto teve início um novo capítulo do ministério do Senhor. Enquanto ele percorria as cidades e aldeias da Galiléia, seu coração se sentiu profundamente tocado. A sua índole era a do pastor que, sempre esquecido de si mesmo, gasta tudo em benefício do rebanho. Jesus amava os pobres com muito carinho; aquelas enormes multidões formavam um rebanho de ovelhas aflitas e exaustas. A palavra “exaustas” dá a entender que elas estavam caindo ao chão ofegantes. Era como se não pudessem dar mais nem um passo. Seguindo o exemplo do Mestre, observemos, apiedemo-nos, intercedamos, façamos o possível para enviar obreiros e irmos nós mesmos, ainda

que isso represente uma cruz, se assim agindo pudermos alcançar alguém.

Oremos pelos que estão trabalhando e seremos um deles. Começemos como discípulo e nos tornaremos apóstolos. O Senhor é Rei e, se ele envia, também dá seu anel com sinete de autoridade. (Veja Mateus 28.18.) Esses homens nem sonhavam que seus nomes estariam gravados nos fundamentos da nova Jerusalém (Ap 21.14).

MATEUS 10.5-15

Jesus Envia Missionários. Por enquanto os doze deviam limitar-se aos judeus, porque o ministério do Senhor era o clímax da prova por que passava a nação judaica e era mister que fosse oferecida toda oportunidade de arrependimento ao rebanho extraviado que era a casa de Israel. Deus jamais se esquece de qualquer pacto que tenha feito. Mesmo que sejamos infiéis, ele permanece fiel.

Acaso não podemos dizer que o Senhor foi o primeiro médico missionário? Ele nos ensinou que a cura de enfermidades é, muitas vezes, a melhor maneira de nos achegarmos a alguém. O reino de Deus não cuida apenas da felicidade eterna, mas também dos outros aspectos da vida humana. Sobre a cabeça de Cristo repousam muitas coroas; fazem parte de seu reino benéfico a vida social, a familiar e a cívica. Seus servos não devem estar presos a embaraços mundanos; devem viver na dependência absoluta de Deus, a quem consagraram a vida. A paz de Deus se manifesta ou retorna a quem a impetrou.

MATEUS 10.16-23

Firme Ante a Perseguição. O caminho dos servos e arautos de Cristo nunca será fácil. De um lado são assaltados pelos dominadores e poderosos deste mundo, e, do outro, pelos seus próprios familiares. (Veja Atos 4.26.) Mas todas essas experiências são permitidas de maneira a assegurar entrada para sua mensagem nos lugares mais difíceis (2 Tm 4.17). O fato de os discípulos serem forçados a fugir de uma cidade para outra colocou o evangelho ao alcance de

um público muito maior do que se eles tivessem permanecido em paz numa só localidade. (Veja Atos 11.19.)

Mas, quando somos perseguidos por causa do Senhor, o Pai se inclina e nos socorre com terna compaixão e presteza (Jo 12.26). A Luz e o Amor eternos nos garantem sabedoria no falar e inexaurível paciência de amor contra as quais não há argumento.

MATEUS 10.24-33

Destemidos Confessores de Cristo. Quanto mais nos assemelharmos a Cristo, tanto mais, com toda a certeza, incorreremos no desagrado e no ódio dos homens. Tão-somente tomemos cuidado para que eles nos odeiem, não por causa de nossas peculiaridades e pretensões pessoais, mas unicamente por nosso amor à verdade. (Veja 1 Reis 22.8 e Daniel 6.5.)

Cristo está sempre falando. Na câmara secreta do coração, nas trevas da noite, no aposento sombrio da dor e tristeza, ouvimos sua voz. Pode ser por meio de um enigma mas será como o “enigma ao som da harpa”, de que fala o salmista (Sl 49.4). Há, nesses enigmas, notas musicais, notas de ternura e de amor. É nosso coração que recebe, na obscuridade, impressões duradouras.

Lembremo-nos de que em toda a nossa ansiedade e dor, o Pai está perto. Sua presença nos envolve em seu abraço bondoso e santo. Nós valem muito para ele; mais do que possamos calcular, porque fomos comprados com o precioso sangue de Cristo.

MATEUS 10.34-42

Recebendo os Representantes de Cristo. Em Jesus Cristo adquirimos uma nova afinidade, mais forte que os laços de família. Quando entramos para a família de Deus, pertencemos a todos os seus filhos. Eles são nossos irmãos e irmãs no sentido mais profundo. (Veja Mateus 12.48-50.) O novo amor que nos inunda a natureza não nos torna menos ternos e indulgentes para com os nossos próprios parentes e familiares; mas, se formos compelidos a optar, devemos então permanecer com os filhos de Deus, embora isso nos arran-

que da tradicional e feliz vida familiar em que fomos criados.

Quanto ao último parágrafo, vamos ilustrá-lo com uma pequena história. Conta-se que quando a viúva que sustentou Elias em Sarepta entrou no Paraíso, constatou que estava junto dos grandes profetas de Israel. Perguntando ao anjo atendente se não havia algum engano, ele respondeu: “De forma alguma. Tratando o profeta como você fez, provou ser do mesmo espírito e da mesma disposição dele; e é justo que você compartilhe da recompensa do profeta.”

MATEUS 11.1-10

Como as Dívidas Podem Ser Solucionadas. João Batista estava definhando numa sombria prisão na Fortaleza de Maquero, nas remotas margens do mar Morto — como um animal selvagem do deserto, de repente apanhado numa armadilha. A escuridão da sua cela deprimia seu espírito; parecia estranho, também, que Jesus, sendo o Messias, não derrubasse o governo tirano de Herodes e libertasse seu amigo preso.

Quando você estiver em dúvida, vá diretamente a Jesus e peça-lhe que esclareça a questão! O Senhor não discutiu com os mensageiros enviados por João, mas chamou a atenção deles para as obras benéficas que o Pai lhe havia dado para fazer. (Veja João 5.36; também Isaías 29.18; 35.5,6.) A influência de Cristo no mundo e mais especificamente nos indivíduos é o melhor testemunho que existe para se provar a validade de suas palavras. A demonstração do cristianismo está em sua aceitação e na prática dos seus preceitos.

Jesus esperou que os discípulos de João se retrinhassem para fazer esse grande elogio a respeito de seu fiel amigo, a fim de que ele não se ensoberbecesse e para não limitar o crescimento de sua fé. Ah, alma abatida, que estás escrevendo coisas duras a teu próprio respeito, pode ser que teu misericordioso Senhor esteja apreciando tua vida com mais precisão e avaliando-a mais amorosamente do que imaginas!

MATEUS 11.11-19

O Último dos Profetas. O menor numa dispensação superior tem grandes vantagens sobre o maior numa dispensação inferior. Uma criança, no alto duma montanha, pode enxergar mais longe do que um gigante que esteja no vale. Muitos têm tentado consertar o mundo por meio da violência, ou pela veemência de suas palavras e atos. Mas não é assim que o reino vem. Sua arma não é a espada, mas a cruz. Seu advento não é como a chuva da trovoada, mas como o orvalho do verão ou o raiar da aurora.

O Senhor avaliou com exatidão a tèmpera de sua época. Ela era instável, mutável, difícil de agradar; mas, por baixo de sua evidente superficialidade, havia um substrato rochoso. Recusaram João por causa de sua austeridade, e recusaram Jesus por causa de sua bondade e mansidão. Nunca desfaldemos nossas velas para receber o sopro do mundo. É brisa que surge de repente, e logo pára de soprar. Façamos a vontade de Deus!

Será que somos capazes de apreciar devidamente a certeza de que Jesus é nosso amigo? Ele não renega, não se afasta nem censura. Ele está ciente de nossas tentações, e se mostra condescendente; e nos ama com amor firme e eterno.

MATEUS 11.20-30

“Ai de Ti”: a voz de censura (vv. 20-24). O Juiz chora ao pronunciar a condenação daqueles que o rejeitam. Eles o teriam coroado rei, mas se recusaram a arrepende-se. (Veja João 6.15.) Essas cidades não o crucificaram, mas se fizeram surdas às suas admoestações e indiferentes aos feitos prodigiosos. Mesmo quando não há oposição direta, a indiferença é suficiente para selar nossa condenação.

A voz de agradecimento (vv. 25-27). Dialogava ele com o Pai, em seu íntimo. Pequenininhos são os que não depositam confiança nos raciocínios de seu intelecto, mas confiam nos instintos e nas intuições de seu coração. Aquele que tem um coração de criança contempla, admirado, todos os mistérios

de Deus. Aprendamos a dizer “sim” a tudo o que Deus quer operar em nós. O Espírito revela o Filho, e o Filho, por sua vez, o Pai. Já que somente Deus pode conhecer ao Senhor Jesus, então ele só pode ser divino.

A voz da misericórdia (vv. 28-30). Aos “cansados” e “sobrecarregados”, ele faz um convite e uma promessa de alívio. O convite é para entregar-se e submeter-se; vir e curvar-se sob o jugo da vontade do Pai. O segredo da vida abençoada está na submissão e obediência.

MATEUS 12.1-14

O Uso Correto do Sábado. Os fariseus haviam introduzido restrições minuciosas e absurdas acerca da observância do sábado; por isso o Senhor se dispôs a corrigir essa situação, ensinando ao povo a forma correta de observar esse dia. Ele nunca hesitou, portanto, em operar milagres de cura no sábado, e, assim, colocou-se em oposição aos fariseus e a suas emendas viciosas. Ele sustentou, também, que toda observância ritual deve ocupar lugar secundário, e que a preocupação primária há de ser sempre atender às necessidades profundas e urgentes da humanidade. Assim, foi perfeitamente válido que Davi comesse os pães da proposição.

Mesmo quando uma ovelha caía em um poço no sábado, seria retirada pelo mais escrupuloso dos ritualistas. Como era absurdo e ilógico proibir a libertação desse homem de mão ressequida! Notemos que a condição desse homem é simbólica em relação aos muitos que fingem ser bons cristãos, mas nada fazem. Eles têm o poder, mas, como não o usam, ele se atrofia. Esse poder pode ser devolvido por Jesus. Comece a agir, e descobrirá que está capacitado para isso.

MATEUS 12.15-23

O Testemunho dos Atos de Misericórdia. Uma “cana” não é de muita importância. Vemos centenas delas ao redor de uma lagoa de águas paradas, curvando-se ao sopro da brisa. Uma “cana pisada” é de valor ainda menor aos olhos do mundo. Mas o Mestre

não despreza nem uma cana pisada ou quebrada; não. Ele se inclina sobre ela e procura restaurar-lhe a forma. Pode transformá-la num harmônio para execução de música, ou as indústrias a transformam em papel onde são impressas suas mensagens.

“A torcida” não se inflama prontamente. Apenas arde sem chama. O lume percorre debilmente as fibras, e ela não produz uma chama viva. O nosso pobre amor é exatamente assim. Algumas vezes parece apenas uma centelha. Mesmo assim Jesus não a despreza. Muito ao contrário; em vez de apagá-la, ele sopra sobre ela, coloca-a no oxigênio do seu amor, e a resguarda do vento que poderia extinguí-la.

Como é suave, sereno e moderado o comportamento de nosso Mestre! Ele é tão econômico em relação aos seus recursos, tão cuidadoso em que não haja desperdício, tão ansioso para nos aproveitar ao máximo. E é de materiais como a “cana pisada” e a “torcida” fumegante que ele forma seu invencível exército.

MATEUS 12.24-37

A Calúnia de Maus Corações. A maledicência e o ódio cegam o homem e deturpam seu julgamento; chegaram ao ponto máximo nesse esforço dos fariseus para desacreditar a Cristo. Como não podiam negar seus milagres, eles os atribuíram a um conluio entre ele e Satanás. Tal acusação, por si mesma, era absurda. Mas o Senhor mostrou claramente que, fazendo tal alegação, seus inimigos estavam violentando sua própria sensibilidade espiritual e, deliberadamente, fechando os olhos e endurecendo os ouvidos ao Espírito de Deus. Esse é o pecado que não tem perdão, porque a alma que assim age deixa de desejar e de procurar esse perdão.

Que perspectiva esse texto nos oferece das penosas tentações por que passou o Salvador, e da sua gloriosa vitória! Ele já havia amarrado o valente, e por essa razão era capaz de saquear-lhe a casa e libertar seus prisioneiros. Dê a Jesus guarida em seu coração, e nenhum inimigo, mesmo

que tente forçar a porta, conseguirá entrar para destruí-lo!

O único teste que Jesus propôs foi o do “fruto”. A natureza de um homem, ou doutrina, ou movimento só pode ser corretamente avaliada se se der tempo para os resultados aparecerem. E o cristianismo tem enfrentado esse teste de maneira esplêndida.

MATEUS 12.38-50

Opondo-se à Vontade de Deus ou Executando-a. Era uma geração má e adúltera, incapaz de qualquer apreciação espiritual. Queria um sinal externo e visível. A própria Nínive a teria condenado. A rainha do Sul, que não tinha a vantagem de estar ligada à raça hebréia, apreciou Salomão; mas as pessoas dessa geração não sabiam dar o devido valor a Cristo. Estavam chegando ao limite da corrupção e da reprovação. Eram como um palácio deserto entregue aos demônios. Sete demônios as possuíam, como fizeram com os porcos (8.31), impelindo-as para a destruição.

Mas, no meio da apostasia geral, havia os fiéis que reconheceram Jesus como o Filho de Deus e dele se aproximaram para lhe ouvir as palavras. Reconheceram-lhe o parentesco com o Pai, bem como mostraram ter parentesco com o Filho. Não olhemos para trás, anelantes, à procura de Nazaré e Betânia. (Veja Cantares 8.1,2.) Somos privilegiados por gozarmos com Cristo de uma relação mais íntima do que a do nascimento natural. (Veja João 1.12,13; Gálatas 4.1-6 e Romanos 8.16.) Ó Cristo, irmão nosso, faze-nos mais semelhantes a ti!

MATEUS 13.1-9

Semeando em Solos Diferentes. Os resultados variados da pregação do evangelho não se devem, em primeiro lugar, nem ao semeador nem à semente, mas ao terreno. Quatro tipos de ouvinte são descritos nessa parábola. (1) Há a beira do caminho, ou trilha, pisoteada pelo semeador em suas idas e vindas. Houve tempo em que era terra fofa e rica, igual à do resto do campo, mas, com o passar dos anos, foi sendo pi-

sada pelos passantes e pelo tráfego. A semente cai na superfície mas não consegue penetrar. Quando nosso coração chega a essa condição, precisamos pedir a Deus para retalhar a terra dura com o arado da convicção de pecado ou da tristeza. (2) Existe o solo superficial, uma camada de pequena espessura, sob a qual se encontra a rocha. Quantos se emocionam facilmente, mas se recusam a permitir que a verdade de Deus ganhe raízes; por isso são rapidamente dissuadidos por um outro qualquer. (3) Há ricos com seus luxos e pobres com suas carências, cujo coração, um solo espinhoso, não dá oportunidade de crescimento à semente da graça. (4) Uma quarta parte dos ouvintes recebe a Palavra implantada no coração fiel, e sua frutificação centuplicada recompensará amplamente nossas lidas e lágrimas.

MATEUS 13.10-23

Ensino Para os que Querem Aprender. Jesus defendia o uso de parábolas. Dizia que evitava, cuidadosamente, apresentar as verdades do reino de maneira muito clara para não aumentar a condenação dos que não podiam ou não queriam aceitá-las. Mas sempre que os discípulos procurassem penetrar por baixo da “casca” da história ou parábola, alcançariam o cerne do seu sentido celestial. O coração manso e sensível ao ensino pode conhecer os segredos de Deus. Acheguemo-nos bem perto ao grande Ensinador, o Espírito Santo, rogando-lhe que nos ajude a penetrar as profundezas da Palavra de Deus. (Veja 1 Coríntios 2.6 e seguintes.) Note estes pontos apresentados pelo Senhor na explicação de sua parábola: (1) acautelar-nos contra o maligno, pois ele vem furtivamente, assim que termina o sermão. (2) A alegria do recém-convertido deve ser distinguida da do ouvinte superficial. É alegria em Cristo, e não emoção pela novidade e beleza das palavras acerca de Cristo. (3) Esperemos tribulação onde o evangelho é fielmente proclamado. (4) As necessidades da pobreza constituem empecilho tanto quanto a fartura das riquezas.

MATEUS 13.24-33

Outras Parábolas do Reino. O joio é uma gramínea que, nas primeiras fases do crescimento, muito se assemelha ao trigo. Na Igreja, os que professam a fé cristã estão misturados com os que possuem a vida de Cristo. Mas surgem grandes oportunidades para a distinção ao sobrevirem provações e dificuldades na vida, dado que, de fato, Satanás e seus anjos nunca descansam. Estejamos atentos em relação a eles, mas não tenhamos medo: Cristo é mais forte.

O grão de mostarda e o fermento representam os aspectos extensivo e intensivo, externo e interno, objetivo e subjetivo do cristianismo. Algumas vezes, quando a Igreja está estendendo seus ramos o mais longe que pode, seu coração está sendo corrompido pela difusão lenta do mal. (Veja 1 Coríntios 5.7,8.) Observe quanta ênfase o Senhor dá aos começos insignificantes! Que semente é menor que o grão de mostarda? No entanto, pode ser o pórtico através do qual a natureza faz fluir suas energias, forçando a radícula para baixo e os rebentos verdes para cima. E basta pequena quantidade de fermento para levedar grande quantidade de farinha. Tamanho não é grandeza. Estejamos atentos à primeira manchinha do pecado; tratemos com carinho cada grão de impulso santo.

MATEUS 13.34-43

O Autêntico e o Falsificado. Nos Evangelhos Sinóticos — Mateus, Marcos e Lucas — constantemente se faz distinção entre o povo que seguia a Jesus e o círculo mais íntimo formado pelos apóstolos. Não podemos, nós, ainda hoje, fazer a mesma distinção? Entre nós há muitos que são, sem dúvida, seguidores. Eles ainda não deram pleno assentimento ao credo da Igreja, mas, se permanecerem fiéis às suas convicções e continuarem a seguir os ensinamentos recebidos, o Mestre os levará a uma decisão como a de Pedro (Mt 16.16).

Este mundo é o campo de Deus. Tudo o que há de bom nele veio por meio de Jesus Cristo. Basicamente, há

apenas duas classes, porque os discípulos pertencem a Cristo, embora não tenham alcançado ainda a luz perfeita. Notemos que aqueles que causam escândalos são colocados com os que praticam iniquidade, e ambos os grupos são lançados na fornalha. Ponderemos sobre o desespero com que, já na eternidade, eles contemplarão as oportunidades perdidas. Não brinquemos com as oportunidades de ouro que a vida nos apresenta.

MATEUS 13.44-50

Conquistando o Tesouro: Rejeitando o que é Ruim. As parábolas do tesouro e da pérola constituem um par. Ilustram os vários caminhos para se chegar a conhecer a verdade de Deus. Alguns a encontram inesperadamente. Estão desempenhando as tarefas normais da vida quando a relha do arado se choca contra uma caixa de tesouro enterrada. De uma hora para outra o agricultor vem a possuir uma riqueza com que jamais sonhara.

Mas, em outros casos, a religião vem como resultado de uma procura diligente. O homem não pode ser feliz sem Deus. Ele vai de filosofia em filosofia, de sistema em sistema, remexendo as pérolas nas bandejas do vendedor; mas, de repente, seu desalento se transforma em avidez, ao descobrir Cristo. Eis a pérola de grande preço. Ele procurou e achou, e está disposto a renunciar a tudo o mais. (Veja Filipenses 3.7.) Não é também verdade que Jesus, num certo — e profundo — sentido, renunciou a tudo, de modo a poder adquirir para si mesmo a Igreja, sua noiva? Ele é o mercador e nós somos a pérola, embora só aos seus olhos — olhos de amor — possamos ser considerados dignos de tudo quanto ele renunciou para ganhar-nos!

MATEUS 13.51-58

Como a Descrença Atrapalha. A verdade de Deus é sempre nova e sempre velha. Ela é tão fresca como a brisa da manhã para cada nova geração. Mas, independente de como os fatos fundamentais são apresentados eles permanecem invariáveis. Enchamos nossa mente e coração com pensamentos

santos e salutareis, de modo a utilizá-los sempre que surgirem as oportunidades.

Compare o versículo 53 com Lucas 4.16-30. A pergunta que seus conterrâneos lhe apresentaram está formulada de modo um pouco diferente em Marcos 6.3. Até deixar o lar, com a idade de trinta anos, para ser batizado, é evidente que o Senhor trabalhou com as mãos. Ninguém deve desprezar o trabalho manual sabendo que o Filho do homem trabalhou de carpinteiro, fabricando, de acordo com a velha tradição, implementos para a lavoura.

Filhos e filhas nasceram para José e Maria, registrados aqui os seus nomes. É uma pena não enxergarmos a glória nas pessoas e circunstâncias comuns e familiares! Não nos esqueçamos de que a falta de fé impede mais o progresso do evangelho do que a falta de recursos financeiros!

MATEUS 14.1-12

Por Amor da Justiça. Pressionado pelo terror que minava sua consciência perturbada, Herodes elevou seus escravos a confidentes, passando por cima das barreiras hierárquicas, em sua necessidade de conseguir ouvidos onde pudesse despejar seus temores. Ele não ficara livre de João. Há uma ressurreição de atos assim como de corpos. A única maneira de eliminar um ato pecaminoso é confessá-lo e fazer a reparação.

Que verdadeira nobreza João demonstrou ao intimar o rei a comparecer ante o tribunal da justiça eterna! Ele podia ter dito: “Não é correto” ou “Não fica bem”; mas, em vez disso, colocou o problema em bases inarredáveis, que a consciência de Herodes endossava: “Não é lícito”. Herodes amava o luxo, e era homem sensual, supersticioso, e fraco. Caiu facilmente na armadilha da bela e diabólica mulher. Violar a consciência é o mesmo que matar nosso cão de guarda enquanto o ladrão está assaltando-o.

Como foi admirável a ação aos discípulos de João! Amor reverente e tristeza os levaram a enfrentar com coragem o ódio do rei. Nas horas difíceis

de dolorosa consternação, a melhor solução é ir a Jesus e contar-lhe tudo.

MATEUS 14.13-21

Abundância Para os Famintos. Jesus ansiava por um pouco de tranqüilidade e a procurou entre as colinas desertas, do outro lado do lago. As multidões viram o rumo que seu barco tomara e o seguiram pela praia para recebê-lo. Sem um suspiro, ele abandonou a esperança de descanso e tranqüilidade e se pôs a trabalhar, curando e ensinando o rebanho sem pastor.

Isso não é apenas um milagre, mas, também, uma parábola. É assim que o Criador está sempre multiplicando o pequeno suprimento deixado de uma colheita, para produzir outra. É assim que ele alimentará a nós e aos nossos, se tão-somente confiarmos nele em vez de andarmos correndo daqui para ali em pânico. Nós não precisamos afastar-nos de Cristo à procura de qualquer coisa boa. Tudo está nele. Quando ele nos manda alimentar as multidões, assume a responsabilidade final, mas abre o caminho para isso mostrando-nos a insuficiência de nossos recursos se usados sem o seu apoio. É no ato de partir e distribuir o pão vivo que este se multiplica em nossas mãos. A Igreja é a intermediária entre o Salvador vivo e a fome desesperada do mundo. Você pode assentar-se à mesa do mundo e continuar faminto. Mas, à mesa de Cristo será farto. Sempre sobra bastante para quem distribui.

MATEUS 14.22-36

Auxílio na Hora da Necessidade. Jesus sempre chega em meio à tempestade. Tinha sido grande alívio escapar ao aperto da multidão e dirigir-se àquele monte, bafejado pela brisa da tarde e iluminado pelo brilho das estrelas, para orar. Mas se retirou dali porque seus amigos precisavam dele. Ele está-nos vigiando também na tempestade e, com certeza, virá em nosso socorro.

Ele usa o elemento que nós tememos como caminho para aproximar-se. As ondas estavam pondo o barco em perigo, mas Jesus andava sobre elas. Em nossa vida há pessoas e circunstâncias que

tememos, mas é através desses elementos que virão as maiores bênçãos de nossa vida se, através deles, olharmos para Cristo.

Sua vinda é retardada algumas vezes. O cinzento da aurora estava já começando a espalhar-se por cima do cenário. A energia dos discípulos esgotara-se. Não era tarde demais para agir, mas exatamente a hora de salvá-los do desespero. Coragem! Se Jesus o convidava para ir ter com ele sobre as águas, creia sempre que suas ordens constituem também a capacitação. Fixe seu olhar nele, não na tempestade.

MATEUS 15.1-9

A Verdade de Deus Acima do Ensino dos Homens. A lavagem ritual das mãos antes de comer era particularmente sagrada aos olhos dos fariseus. "Aquele que não lava as mãos antes de comer", diz o Talmude, "é tão mau quanto um assassino". Jesus não sentia simpatia pelo sistema que reduzira a religião a uma escravidão a formas exteriores. Seu novo reino estava no coração, no amor filial a Deus e na fé. Todas as observâncias exteriores só tinham valor como expressões da intenção interior. Ele rejeitou a mortal afetação dos fariseus e disse aos seus ouvintes que, acima de tudo, tivessem cuidado com a limpeza do coração.

Fez mais: acusou os fariseus de colocarem seus regulamentos no mesmo plano dos mandamentos divinos, e, assim, invalidaram o culto prestado por Israel. A autoridade divina naquilo que *de fato constitui* mandamento é bastante prejudicada quando há mistura com preceitos meramente humanos. Uma grande quantidade de dias santos enfraquece o imperativo do dia do Senhor. Lembremo-nos de que nenhuma oferta para a obra de Deus é aceitável se resulta em negligência dos direitos de nossos familiares. A moralidade, aos olhos de Deus, situa-se muito acima do ritual.

MATEUS 15.10-20

O que Realmente Contamina. É bom estudar a lista das fontes de poluição da alma, apresentada pelo Senhor. "Maus pensamentos" vêm em primeiro lugar.

Não podemos impedir que uma sugestão má chegue à nossa mente, mas podemos recusar a nos fixarmos nela. Nossa resistência à inclinação de pensar nela nos fortalece na direção oposta; dar-lhe guarida é cometer o pecado em nosso coração, o que, à vista de Deus, equivale ao ato propriamente dito. Notemos que palavras duras e descaridas estão na lista negra do Senhor.

O "coração", em vez do corpo, é a fonte do pecado. "... do coração!" O corpo é o medidor no qual a alma registra seu progresso ou sua decadência. Não critiquemos seus membros; atentemos para o coração e o guardemos com o maior cuidado, porque *dele* procedem as saídas da vida. Peçamos a Deus para criar em nós um coração puro. Tomemos o cuidado de distinguir entre o primeiro e o segundo Adão. Reneguemos o que herdamos de fraqueza humana e pecado, e confirmemos tudo o que Cristo nos transmite. A cruz do Calvário e a ressurreição de Cristo são fatos de experiência permanente.

MATEUS 15.21-28

A Recompensa da Fé de Uma Forasteira. Uma migalha da mesa do Senhor pode satisfazer e alegrar um coração. Mas o suplicante deve tomar o lugar certo e dar ao Senhor o lugar certo. Essa pobre mãe gentia não tinha direitos sobre Jesus como o filho de Davi; por isso, ele permaneceu em silêncio. Ela nunca poderia entrar pela porta da aliança, mas o silêncio do Senhor a levou a bater em outra porta e ensinou-a a clamar: "Senhor, socorre-me!"

Havia ainda outra lição para ser aprendida, e o Senhor sabia que ela era capaz de aprendê-la. Ela precisava entender que, por aquele tempo, o ministério dele estava limitado ao povo escolhido, de modo que o direito do gentio só podia ser reconhecido incidentalmente. Mas quando ela se mostrou disposta a tomar o humilde lugar debaixo da mesa e aceitar as migalhas deixadas pelos filhos, ele pôs-lhe na mão a chave de suas insondáveis riquezas, dizendo: "Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como que-

res". Aqueles que se entregam a Deus obtêm o que desejam! (Veja Jó 22.28 e João 15.7.)

MATEUS 15.29-39

Ministrando às Multiões. A missão de graça e verdade do Senhor alcançara seu ponto culminante. Seu auxílio era procurado com a máxima ansiedade. Numerosos enfermos eram lançados a seus pés em rápida sucessão. A migalha fora dada à mulher cananéia, mas pães inteiros eram distribuídos às multidões de judeus, porque era conveniente que eles tivessem plena oportunidade de apreciar e aceitar a Cristo. Por um breve momento eles glorificaram o Deus de Israel, mas o esparso de gratidão foi passageiro. "Os seus" rejeitaram Jesus. Estavam prontos a aceitar seus milagres, mas não se dispunham a apropriar-se de sua mensagem. Tomemos cuidado para não acontecer que nós também venhamos a contentar-nos apenas em obter as bênçãos dele; amemo-lo por ele mesmo.

Não suponhamos que esses milagres ficaram limitados à sua vida terrena. Ele continua sendo a fonte inesgotável da virtude curadora e poder divinos. Ele ainda se compadece e deseja ajudar cada alma abatida e sobrecarregada de pecado. Seu pensamento ainda é: "... para que não desfaleçam pelo caminho". O deserto não pode impedir a "vitoriosa força de sua destra". Os discípulos, em especial, são indicados como os intermediários e mediadores. Eles recebem e dão.

MATEUS 16.1-12

Cuidado com as Más Influências. Os sinais dos tempos em nossos dias são muito semelhantes aos daqueles dias. Ainda hoje os homens continuam amantes dos prazeres e esquecidos de Deus. Hoje, ainda, os que desejam viver vida piedosa devem estar preparados para sofrer perseguição. As formas de ódio e aversão ao evangelho mudaram, mas o ódio à cruz permanece tão arraigado como sempre. O sinal de Jonas foi o ressurgimento daquele profeta para levantar sua voz contra Nínive; a ressurreição de Jesus é o selo da

aprovação do Pai. Veja que ele ressuscite, não somente no jardim de José de Arimatéia, mas no seu coração! Essa é a maior evidência de que a fé cristã é verdadeira.

Existe hoje, por aí afora, muito ensino que pode ser comparado ao fermento. Os germes de doutrinas danosas e falsas são tão abundantes quanto os micróbios. Propagados pela palavra falada e a página escrita, produzem fermentação e desassossego nos jovens e nos instáveis. Devemos julgar esses ensinamentos perniciosos, não por sua aparência agradável e inocente, mas por seus efeitos no coração e no caráter.

MATEUS 16.13-20

“O Filho do Deus Vivo.” As sombras do Calvário começavam a adensar-se e o Senhor desejava preparar seus amigos para o significado pleno do que estava para acontecer. As perguntas dele provocaram a magnífica confissão de Pedro.

Observe a cronologia da Igreja. Ela ainda estava no futuro quando ele falou. “Edificarei.” Os materiais podem ter sido preparados de antemão, mas a construção efetiva começou na ressurreição do Senhor. É ele o Arquiteto. Através dos séculos ele vem construindo, e se estamos em sua Igreja hoje, nela estamos porque ele nos “desenterrou” do primeiro Adão e nos colocou na posição que agora ocupamos. Os fundamentos daquela Igreja não estavam no apóstolo (“Petros”), mas em sua confissão (“petra”) da divina filiação de Jesus. (Veja João 5.18.) A invencibilidade da Igreja está garantida, porque o Senhor mesmo a defende (Ap 2.1). As portas do Hades — isto é, do mundo invisível — são constituídas por todos os principados e potestades que estão aliados contra o povo de Deus (Ef 6.12). Eles não podem prevalecer.

MATEUS 16.21-28

Leve a Cruz Para Jesus. O evangelho tem duas partes: Jesus é o Cristo; para entrar em sua glória o Cristo deve sofrer.

Havia já sinais velados de sua morte, como em João 2.19; Mateus 9.15; 12.40; mas, daí em diante, ela foi apresentada sem qualquer véu. A cruz tinha sempre lançado sua sombra sobre o caminho do Senhor. Ele não morreu como um mártir para quem a morte sobrevém inesperadamente, mas desceu de seu trono e se encarnou a fim de morrer. Observe aquele solene “era necessário” (v. 21).

Como Pedro caiu depressa de sua alta posição! Cuidado! A voz que nos convida a poupar-nos é de Satanás. Satisfação pessoal acaba em destruição. A auto-negação e o auto-sacrifício são o caminho divino para a vida. Estejamos mais preocupados em perder-nos do que em achar-nos; mais predispostos à cruz do que à glória; mais desejosos de buscar o bem-estar alheio do que o nosso. Não somos nós que escolhemos nem nós que criamos a nossa cruz. Cristo dá a cada um de nós um pouco de sua verdadeira cruz, para levarmos como *ele* quer.

MATEUS 17.1-8

Jesus Mostra a Glória Divina. O rosto de Moisés brilhou após ter absorvido a glória divina, como alguns diamantes ainda brilham com a luz do sol após terem sido levados a uma sala escura. O rosto de Estêvão brilhou porque, por um momento, ele viu o Filho do homem. Mas o rosto do Senhor brilhou, não por efeito externo, e sim por algo que vinha de dentro. A *shekinah** de seu coração permaneceu quase sempre oculta, mas, aqui, irrompeu através do frágil véu da carne (Jo 1.14).

O apóstolo usa a mesma palavra quando diz: “Transformai-vos” (Rm 12.2). A pretensão dele não é que, por um breve instante, devamos ver e refletir o rosto do Senhor. Ele quer que o entronizemos em nosso coração, e, então, que nos desfaçamos de todo véu para que a luz do conhecimento da glória de Deus possa tornar belas mesmo as vestimentas comuns da lida diária.

Foi este o clímax da vida terrena do

Senhor: voltou as costas à glória que era sua, para suportar a cruz em prol de nossa redenção.

MATEUS 17.9-21

Censurada a Falta de Fé. Como sugere Rafael em seu grande quadro da transfiguração, há uma íntima conexão entre a montanha e o vale. A glória da montanha não levou o Senhor a mostrar-se indiferente para com a amarga necessidade do vale. Dá a impressão de que ele queria inculcar em nós a grande verdade de que precisamos passar pelo isolamento e a exaltação da comunhão com Deus antes de podermos enfrentar com sucesso a angústia e o terror que devastam a vida humana. (Veja o versículo 21.)

No versículo 17, o Senhor se entristece ante a incredulidade de seus discípulos. Embora eles tivessem desfrutado do seu ensino cuidadoso, não haviam percebido o segredo que ele apresenta aqui, de novo. Fé é abertura para Deus. É o descerrar da cortina para deixar entrar a luz que cura. A pequenina semente abre sua portinha para deixar entrar a vida da natureza; e, entrando, ela força a radícula para baixo e o rebento verde para cima. É assim também com a vida de Deus na alma. Deixe entrar a luz de Deus e não haverá limite para o que ela realizará.

MATEUS 17.22-27

Pague o Tributo a Quem é Devido. Exigia-se de todos os judeus que pagassem as duas rifado da Sociedade Bíblica. A crítica dracmas para a manutenção dos serviços do templo. (Veja Êxodo 30.13.) Como Filho de Deus, o Senhor poderia exigir isenção dessa taxa para a casa de seu Pai. Mas abriu mão de seu direito para não pôr uma pedra de tropeço no caminho de outros. Devemos, muitas vezes, sujeitar-nos a exigências que nos parecem desnecessárias, por causa do efeito que nosso exemplo poderá ter em outros que ainda não alcançaram a mesma luz que nós.

No milagre que se seguiu, o Senhor carinhosamente ensina que ele é responsável pelo sustento daqueles que deixaram o seu ganha-pão para pode-

rem dedicar-se ao seu serviço. É como se ele nos encorajasse a levar-lhe todas as cobranças de taxas e impostos que nos cheguem. Ele nos dará o de que necessitarmos. Tomemos como alvo os interesses de Cristo; ele cuidará de nossos impostos. (Veja 1 João 1.3.)

MATEUS 18.1-9

Removendo as Pedras de Tropeço. A transfiguração do Senhor deu a entender que o tempo de estabelecer o seu reino estava próximo, e os apóstolos começaram a fazer planos. O Mestre, então, usou uma criança como exemplo e pregou um sermão acerca da humildade. Não devemos ser infantis, mas devemos ser como as crianças. (Veja 1 Coríntios 13.11.) A beleza de uma criancinha é sua humildade, sua simplicidade e sua fé. No reino de Cristo há abundância de espécimes dessa rara combinação de guerreiro e criança. (Veja 2 Reis 5.14.) Os melhores dons de Deus estão colocados, não nas altas prateleiras, que exigem que subamos lá para pegá-los, mas naquelas bem baixas, que nos obrigam a nos curvarmos.

Escândalo é qualquer coisa que torne mais difícil para os outros o caminho de uma vida santa e útil. Em tudo que fizermos lembremo-nos de levar em consideração os mais fracos que nos estão observando e sequeando. “Pai”, disse um menino, “tome o caminho seguro; eu estou logo atrás do senhor.” Um homem cujo braço foi colhido por uma máquina, teve de cortar o próprio braço com uma machadinha para se soltar e evitar que seu filho fosse puxado por ela. Tudo que nos fere ou fere outros, embora precioso, deve ser amputado.

MATEUS 18.10-20

Salvando os Extraviados. Com que ternura o Mestre fala dos pequeninos! É preciso que voltemos atrás e nos tornemos como eles (v. 3). Fazer com que tropecem é incorrer em terríveis penalidades (v. 6). Não se pode desprezar nenhum deles (v. 10). Cada um deles tem um anjo vindo da sala de audiência do Pai — um dos mais eminentes — para tomar conta dele (v. 10). Para encontrar e salvar um desses, o Bom

* A *shekinah* é a radiancia e a glória de Deus manifestas nas colunas de fogo e na nuvem sobre e dentro do tabernáculo, bem como no Templo de Salomão. (Nota do tradutor.)

Pastor está pronto a rebuscar os montes (v. 12). Não é da vontade do Pai que um só deles pereça.

Quando pecamos contra o nosso irmão, devemos procurá-lo e, com ele, nos reconciliarmos. (Veja Mateus 5.23,24.) Mas, quando nosso irmão pecar contra nós, devemos fazer três tentativas para ganhá-lo, antes de considerá-lo um caso perdido. É a presença de Jesus com os seus que os mantêm uníssonos com o mundo invisível, de modo que suas decisões e orações estejam em harmonia com a mente divina. O Advogado que habita em nosso coração está de acordo com o Advogado que está no trono (Jo 14.16).

MATEUS 18.21-35

Perdoado, mas Não Perdoando. “Setenta vezes sete” é um perdão ilimitado. Esses números assinalam a perfeição da perfeição; e, se Deus pede tanto de nós, o que não está ele disposto a fazer! Podemos desesperar de nós mesmos, mas jamais desesperar da misericórdia perdoadora de Deus! A causa da ruína da alma não é o pecado, mas a incredulidade que julga ser o pecado grande demais para ser perdoado.

A diferença entre os montantes dos dois débitos mencionados na parábola mostra a vasta diferença entre nossa dívida para com os homens e para com Deus; e o perdão pleno do rei nos ensina que Deus deseja não somente perdoar-nos, mas, também, apagar toda lembrança de nossos pecados. Jamais poderíamos pagar tudo, mas Deus tudo perdoa. Observemos, ainda, que o servo perdeu o perdão do rei, ficando o gesto real sem efeito. De modo semelhante, podemos excluir-nos dos benefícios da morte de Cristo, se mantivermos um espírito rancoroso e sem misericórdia — embora Deus, por ela, tenha reconciliado o mundo consigo mesmo.

MATEUS 19.1-12

O Ponto de Vista de Jesus Acerca do Casamento. O divórcio era comum entre os judeus daquela época decadente; sua justificativa estava em Deuteronômio 24.1. A propósito disso, é bom lembrar

que tal legislação, embora avançada em relação aos padrões da época, era uma clara confissão do estado de imoralidade a que haviam chegado. Pode-se legislar apenas num nível ligeiramente superior ao das máximas e práticas comuns de um povo; caso contrário, os cidadãos se sentem desencorajados e as leis acabam caindo em desuso.

O Senhor leva-nos de volta à constituição original da família, na qual um só homem foi destinado a uma só mulher. O único ato que justifica o divórcio é o que quebra o voto matrimonial. Alguns, por certas circunstâncias, são impedidos de se casarem, havendo, para eles, uma graça especial, desde que a procurem. Alguns se recusam a casar de modo a ficarem mais livres para o ministério. Cristo não situa estes acima dos outros. Ele não concede honra especial ao celibato, mas, nos versículos 13 e 14, dá especial ênfase à beleza da vida familiar.

MATEUS 19.13-22

Como Entrar no Reino. A juventude, com todo o seu fervor, impetuosidade e beleza, é muito querida por Cristo. No caso presente a juventude estava associada com posição, riqueza e nobreza de caráter. Não é necessário que todos vendam seus bens e distribuam o produto da venda. Conservar a riqueza e administrá-la para Deus é uma tarefa mais difícil. Mas era necessário que o Mestre provasse a esse moço que ele não estava observando os mandamentos de forma tão perfeita como supunha.

Poucos hoje desposariam a pobreza se tivessem de escolher! Mas deve haver grandes riquezas sob as roupagens simples da pobreza. Cristo a escolheu como companheira durante sua vida terrena, e São Francisco de Assis dizia que a tomara por esposa. Em Mateus a bem-aventurança está escrita assim: “Bem-aventurados os humildes (pobres) de espírito”, mas em Lucas está assim: “Bem-aventurados vós os pobres”. (Veja Tiago 2.5.)

MATEUS 19.23-30

As Riquezas no Reino. O dinheiro não é um bem sem misturas. Ele traz con-

sigo muitas tentações. É mais fácil suportar a pobreza que a riqueza — mais fácil ser um santo quando a vida é difícil do que quando a prosperidade se mostra pródiga.

Quando o papa estava mostrando a São Francisco de Assis os tesouros do Vaticano, comentou:

— Hoje já não podemos mais dizer como o apóstolo: “Não possuo nem prata nem ouro”.

Ao que Francisco replicou, apropriada e incisivamente:

— Sim, santo padre, mas também supunho que dificilmente podemos acrescentar: “Levanta-te e anda!”

Muitas vezes é na pobreza de circunstâncias terrenas que a alma se torna possuída de uma autoridade que a riqueza não pode comprar.

Quantas compensações haverá no futuro, quando da restauração de todas as coisas! (Veja Atos 3.21.) Então o anelo insatisfeito de ter esposo, esposa ou filho; o amor que queria receber amor, o solitário, o sem lar, o peregrino, nunca mais sofrerão fome ou sede, porque o Cordeiro os conduzirá às fontes da água da vida.

MATEUS 20.1-16

Censurado o Espírito Interesseguido. Essa parábola se originou da pergunta de Pedro. Ele havia visto o moço rico ir embora triste por não ter passado no teste a que foi submetido; e, então, contrastou com aquela recusa a pronta disposição com que ele e seus companheiros de apostolado tinham deixado tudo para seguir o Senhor Jesus.

“Tomem cuidado”, disse Jesus, “ou o interesse de vocês pelas recompensas do reino os colocará como últimos, enquanto aqueles que não são interesseiros acabarão entre os primeiros.” Os últimos não haviam feito contrato. Chegaram na undécima hora e ficaram mais que satisfeitos pelo simples fato de haverem conseguido trabalho e deixaram que o proprietário lhes desse o que achasse justo. Os primeiros “contratados” tiveram o cuidado de ajustar o pagamento de certa quantia por determinado trabalho. Teria sido melhor para eles, se tivessem deixado de estipular preço, confiando na generosidade

do seu empregador. “Essa é a razão porque provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência” (Rm 4.16).

MATEUS 20.17-28

É Mais Nobre Servir do que Ser Servido. Pela terceira vez o Senhor prediz sua morte. Em Mateus 16.21 ele abordou mais o aspecto de vergonha de sua rejeição; em 17.23 ele diz como as portas da morte conduziram ao regozijo da Páscoa. Agora ele declara o método de sua morte, e diz como os gentios se uniriam ao seu povo na tragédia da cruz. Ele não era nenhum mártir que caminhava às cegas para o seu destino. Manifestava no semblante a firme decisão de ir para a cruz. Todos morrem por haverem nascido; ele nasceu para que pudesse morrer.

Muitos desejam o poder do trono sem estar preparados para pagar o preço do sofrimento. Outros dizem levemente: “Nós podemos”, pouco apercebidos do que sua escolha envolve, e que nada, senão a graça de Deus, pode tornar possível o cumprimento do voto. Mas a graça é suficiente! Basta buscá-la. Deus não falhará! Observe o versículo 28. O Senhor ministra a todos nós, todos os dias, paciente e amorosamente. Ele tomou a forma de servo e se mostrou obediente. Sirvamos a todos os homens por amor a ele! Temos de descer para chegar ao seu lado.

MATEUS 20.29-21.7

O Grande Médico e o Rei Humilde. O Senhor está sempre perguntando: “Que quereis que eu vos faça?” Não peçamos coisas pequenas. Nós o honramos ao fazer grandes pedidos. O nosso maior pedido fica muito aquém de seus recursos e de sua generosidade. É como se nós lhe estivéssemos sempre causando alguma dor pela mesquinhez de nossa expectativa. Pouco importa o que os outros digam, clamemos ainda mais! Mas, lembremo-nos de que não é nosso clamor que detém os passos de Jesus, mas nossa necessidade e fé.

O Senhor entrou na cidade em cumprimento da visão profética, mas com

grande humildade, através de uma estrada atapetada pelo entusiasmo amoroso das multidões. Em grande parte, aquilo foi uma manifestação popular. As classes mais altas se mantinham à distância. Recordemos aquela antiga predição citada aqui (Is 62.11), e, principalmente, Zacarias 9.9. O Rei vem, trazendo salvação. Essa é a ordem divina! Jamais conheceremos o pleno poder da salvação de Cristo, enquanto não o tivermos entronizado como Rei em nosso coração.

MATEUS 21.8-17

O Senhor do Templo. O grupo que acompanhava Jesus no domingo de ramos rumo à Cidade Santa não passava de uma multidão de gente pobre; mas seus hosanas subiram aos céus, e seus gritos de aclamação e louvor continuam ressoando através dos séculos. Façamos também nós o mesmo, e passemos adiante essa herança de louvor. Hosana significa “Salva agora”. Veja Salmo 118.25, que fazia parte do grande *Halel*, ou Salmos da Páscoa. Assim, também, um dia, a Igreja de Cristo e, provavelmente, o próprio povo de Israel o aclamarão com gritos de alegria. (Veja Zacarias 2.10.) Onde Jesus entra, ele limpa. Quando ele fala, o coração que está cheio do tumulto dos interesses do mundo torna-se uma casa de oração, e as crianças — símbolos de humildade, simplicidade e fé — se reúnem à sua volta. Enquanto os necessitados e os que são como crianças se sentem atraídos pela suavidade de nosso Senhor, os malfetores são lançados fora ante o terror do Senhor.

MATEUS 21.18-22

Condenada a Esterilidade e Recompensada a Fé. Muitas pessoas têm criticado o Senhor por ter punido essa árvore estéril. No entanto, qual o professor que não arrancaria uma planta, se desejasse ensinar aos seus alunos uma lição que somente pudesse ser ensinada daquela maneira?! Não pode haver dúvida de que Jesus estava perfeitamente justificado ao fazer daquela árvore o símbolo da condenação que deve sobrevir a todos os que aparentam ser o que professam, mas não são. Cuidemo-nos

para que ele, procurando fruto em nós, os encontre!

Mas, que maravilhosas palavras acerca da fé! Ele podia falar assim porque era o “Autor e Consumador” da fé. Paulo vivia “pela fé do Filho de Deus” (Gl 2.20). Todas as coisas são possíveis ao que crê. A fé anula o tempo e a distância. Para ela o invisível é mais real que o visível, e o que está distante, como se estivera ao alcance da mão. Ela é a mão aberta da alma que aceita e recebe da mão de Deus. Mas é impossível haver fé sem haver oração.

MATEUS 21.23-32

Autoridade que Silenciava e Condenava. O Senhor sempre se recusou a satisfazer a curiosidade superficial. Quando um sincero inquiridor da verdade, como Nicodemos, aproximava-se dele para conhecer o caminho da vida, ele estava pronto a dedicar-lhe algum tempo e meditar com ele sem qualquer restrição. Mas, de que adiantava esforçar-se para satisfazer esses homens que haviam se recusado a reconhecer a missão divina do precursor? Eles não externariam suas opiniões pessoais por causa do efeito que isso poderia ter sobre suas aspirações mundanas. A tais, Cristo nada tem para dar. Custe o que custar, devemos ser fiéis à nossa luz interior — ao Espírito de Deus que em nós habita.

A parábola dos dois filhos ensina que atrás de belas palavras pode esconder-se um coração duro; enquanto aqueles de quem menos esperamos e cuja primeira saudação é abrupta e frustrante, podem mais tarde se tornar discípulos dos mais devotados e promissores. O homem que rejeita o evangelho com violência muitas vezes tem maior probabilidade de se converter do que aquele que concorda facilmente com tudo.

MATEUS 21.33-46

Rejeitadores Rejeitados. Essa parábola é baseada em Isaías 5.1-7. Os lavradores são os líderes religiosos do povo. A vinha sem dúvida é a nação israelita. Os servos enviados para receber o rendi-

mento representam os profetas e outros mensageiros levantados por Deus, de tempos em tempos, para falar em seu nome e exigir “frutos dignos de arrependimento”. Observe que, quando fala da missão do Filho, o Senhor se separa, pela linha mais definida possível, de todos os mensageiros meramente humanos e proclama sua filiação divina no sentido mais íntimo e elevado da palavra.

Consta que, por ocasião da construção do templo de Salomão, uma pedra lavrada de forma peculiar, procedente da pedreira, ficou abandonada, por muitos meses, em meio à vegetação rasteira, até que descobriram que se encaixaria perfeitamente num determinado ponto das paredes do templo. Então, colocaram-na em sua posição certa, e ela ali ficou daí por diante. Esse incidente pode ser o referido no Salmo 118.22. Como isso retrata fielmente o tratamento que os homens dispensam ao Senhor! É ele sua pedra angular?

MATEUS 22.1-14

O Castigo Pela Desconsideração a um Convite. Temos aqui uma continuação do ensino do Senhor naquele grande último dia no templo. Esse dia parece ter começado com 21.23, tendo continuado até 25.46. Não admira que suas forças se exaurissem prematuramente e que ele sucumbisse tão depressa sob a angústia da cruz!

Nessa parábola ele descreve sua união com seu povo por meio do simbolismo do casamento. Devem ter-se originado nisso as alusões de Efésios 5.23-32, onde o apóstolo diz que Cristo amou a Igreja como sua esposa, e de Romanos 7.1-4, onde ele nos estimula a crer que seremos a noiva do Senhor ressurreto. Não podemos esquecer Apocalipse 21.2,9. Deus enviou um mensageiro atrás do outro ao povo hebreu, mas como eles não quiseram vir, a Igreja foi chamada das encruzilhadas, dos caminhos do mundo para ocupar as vagas. Mas cuidados de usar a vestimenta imaculada da justiça do Senhor, pois só vestidos assim podemos estar de pé na presença da penetrante luz eterna.

MATEUS 22.15-22

Obrigação Para com Deus e a Sociedade. Essa leitura inicia maravilhoso ciclo de entrevistas entre o Senhor e seus questionadores. Ele responde aos herodianos, depois aos saduceus e, finalmente, aos fariseus, silenciando todos eles. Que inimitável sabedoria havia nas respostas do Senhor! Com que maestria ele passava da defesa ao ataque, e os venciam com as suas próprias armas!

Teoricamente, Deus era Rei em Israel. Era justo, então, que os judeus pagassem tributo a César? Se o Senhor dissesse que sim, seus inimigos o acusariam de traição à teocracia. Se ele o proibisse, eles o acusariam de traição aos conquistadores romanos. O Senhor respondeu com maravilhosa sabedoria. Arrancou-lhes o véu e revelou sua hipocrisia. Aquela moeda mostrava que os romanos eram responsáveis pela manutenção da lei e da ordem. Era, sem dúvida, correto que se pagassem os tributos devidos a César. Mas era igualmente certo dar-se a Deus as almas redimidas por ele. Será que demonstramos, ao entregar a Deus o nosso coração e nossa vida, o mesmo zelo que temos ao pagar nossos impostos e ao servir o Estado?

MATEUS 22.23-33

As Escrituras Ensinam a Ressurreição. Os saduceus se diziam presos ao Pentateuco, onde afirmavam ter procurado em vão as evidências de uma vida futura. Ficaram grandemente surpresos, porém, quando o Senhor, usando o livro de Êxodo, provou a imortalidade humana. Ele nunca freqüentara as escolas deles, nem se assentara aos pés dos seus grandes mestres; não obstante, mostrou-lhes que, junto da sarça, a voz de Deus comprovara a vida eterna.

O grande EU SOU nunca teria se referido a si próprio como o Deus dos patriarcas, séculos depois de eles haverem encerrado sua carreira terrena, não estivessem eles ainda vivos. O certo é que todos eles estavam vivos, senão Deus teria dito: “Eu em seu Deus”. A morte não é uma câmara, mas um corredor; não um lugar de permanência, mas uma passagem; não um estado,

mas um ato, uma experiência, uma transição, uma travessia para o outro lado do véu. Abraão, Isaque, Jacó e as miríades de outros homens de Deus que lutaram sobre a terra, ainda estão vivendo tão intensamente como antes.

MATEUS 22.34-46

O Resumo da Lei. O Senhor parecia dizer: "Aqui está a Escritura inteira resumida em poucas palavras, todo o gama do dever humano em tamanho de bolso". Faz-nos lembrar Eclesiastes 12.13. Mas que magnífica definição é dada aqui da religião pura e imaculada! Toda a Lei é resumida nessa palavra única: "Amor"! (Veja Romanos 13.8-10.)

Em Marcos 12.33 é acrescentada a palavra "força". Há quatro canais do amor. O "coração" responde pelas emoções, a "alma" por nossa vontade e individualidade geral, a "mente" pelo nosso intelecto e a "força" pelas atividades e energias de nosso serviço. Muitas vezes não podemos sentir amor, mas isso não impede que usemos nossa capacidade para Deus e mostremos nosso amor, fazendo coisas que, não fora por amor a ele, jamais faríamos.

A pergunta que o Mestre apresentou aos escribas só pode ser respondida se se reconhecer a dupla natureza dele: divina e humana. Como o Senhor de Davi, ele é divino; como seu filho, nasceu da Virgem. (Veja Mateus 1.1.)

MATEUS 23.1-12

Humilhando os que se Exaltam. Essas palavras foram dirigidas aos discípulos e às multidões ali reunidas. Os líderes religiosos judeus divorciavam a moralidade da religião e insistiam em que os homens lhes respeitassem o ofício não importando como fosse sua vida. Esse desejo tem sido sempre, em todos os tempos, a tentação e a ruína de ministros de Cristo.

Todavia com que clareza o Senhor condena a presunção clerical e sacerdotal! Com a espada de dois gumes, que penetra ao ponto de dividir alma e espírito, ele faz a distinção entre credo e o comprometimento daqueles homens. Jamais alguém proferiu palavras tão terríveis! Quanta verdade no versículo 4! O hipócrita é sempre indulgente para

consigno mesmo, mas é impiedoso em suas exigências para com os outros. O verdadeiro servo de Deus nunca reclama títulos como tratamento a que tem direito, ou como sinal de superioridade ou santidade especial. Todos nós temos um Mestre e um Pai; e, embora nossos talentos possam ser por demais diferentes, continuamos em absoluta igualdade no que diz respeito à graça salvadora.

MATEUS 23.13-26

Ais Para os de Falso Coração. Esses repetidos ais podem ser traduzidos como: "Pobres de vocês!" O Senhor, com infalível certeza, indica a inevitável condenação a que se sujeitam escribas e fariseus por tal conduta. Ele os previne de que nada poderiam esperar no terrível futuro senão a condenação da Genena — metáfora tomada do vale do Hinom, ao sul de Jerusalém, onde o fogo ardia continuamente para consumir o lixo.

A hipocrisia esconde sob uma capa de religiosidade os pecados que um moralista qualquer ou uma pessoa mundana condenariam. É muito prejudicial, porque impede as pessoas de entrarem no reino (v. 13). É escrupulosa em suas exigências porque, enquanto cõa mosquitos, engole camelos (vv. 23,24). Esgota-se em rituais ociosos. Os fariseus não entrariam na sala de Pilatos, na véspera da Páscoa, mas assassinaram o santo Salvador. Acima de tudo, sejamos autênticos, não dando a impressão de ser mais do que realmente somos!

MATEUS 23.27-39

Condenação e Lamentação. A verdadeira bondade reconhece e recompensa o bem que as pessoas praticam; por outro lado, os maldosos não podem, ou não querem, crer que as pessoas com as quais se encontram todo dia sejam pura e sinceramente boas. Vangloriam-se do que teriam realizado se tivesse vivido nos grandes dias do passado, mas não aproveitam as oportunidades que estão sempre ao seu alcance. Nisso eles se julgam e se condenam.

Como é triste esse lamento sobre Jerusalém! Estava perto de ser retirado

o amor anelante que, à semelhança da galinha quando algum perigo ameaça sua ninhada, almejava impedir o iminente juízo. Depois de se empenhar ao máximo para salvar seu povo, o Redentor do mundo estava entregando-o às conseqüências de seus pecados, até o tempo mencionado em Zacarias 14.1-4. Oh, minha alma! vê que estejas abrigada sob aquelas asas até que tenham passado todas as calamidades, e rompa o dia!

MATEUS 24.1-14

Perseverai Até o Fim. Sucessivas gerações têm, com ansiedade, meditado nessas palavras do Senhor, esforçando-se para extrair delas uma previsão clara do futuro. No caso dos cristãos primitivos, foram-lhe dados conselho que fugissem para Pela, cidade ao norte da Grécia, e, dessa forma, escapassem da destruição de Jerusalém pelo imperador Tito. Mas essas palavras estão cheia de instruções para todos nós.

É melhor considerar essas frases como contendo uma dupla referência. Em primeiro lugar, até o versículo 28, elas tratam, evidentemente, da queda de Jerusalém que estava próxima. O Senhor descreve os acontecimentos que haviam de marcar a consumação do século (v. 3). Anticristos, perturbações das condições físicas e nacionais, as perseguições que a Igreja nascente devia enfrentar, o progresso do evangelho e, finalmente a investida das águias romanas sobre suas presas — todas essas ocorrências serviram para assinalar o encerramento da dispensação hebréia e o nascimento da Igreja Cristã.

MATEUS 24.15-28

Acautelai-vos dos Falsos Cristos. O abominável da desolação está explicado em Lucas 21.20, e, provavelmente, se refere às insígnias romanas como símbolos do poder pagão e, por isso mesmo, imundo. Tão urgente seria sua necessidade de fuga que deveriam utilizar as escadas externas das casas. Ninguém poderia tentar salvar sua propriedade. Até mesmo o frio do inverno deveria ser enfrentado para salvar a vida; e a distância percorrida na fuga deveria ser maior que a permitida em dia de sábado, que

era, de acordo com a lei judaica, pouco mais que um quilômetro.

É fato comprovado que no período das guerras judaicas houve sofrimento talvez sem paralelo na História. A história de Josefo, descrevendo o período, é pródiga em referências a falsos cristos que afirmavam ser o Messias.

Observemos que, embora os eleitos possam ser fortemente tentados, eles repudiarão e resistirão ao ataque e permanecerão leais ao seu Senhor. Como é profunda essa palavra! "... aos que predestinou... a esses também glorificou" (Rm 8.30). Podem ser tentados, provados, quase enganados, mas anjos os sustentarão nas suas mãos e Deus guardará seus pés. (Veja Salmo 91.12 e 1 Samuel 2.9.)

MATEUS 24.29-39

Palavras que Devem Ser Cumpridas. O trecho precedente dessa profecia é aplicado, por todos os intérpretes, à destruição de Jerusalém. Mas, em relação à passagem seguinte, existe considerável divergência de opinião.

Talvez seja mais sábio interpor, entre os versículos 28 e 29, os séculos cristãos durante os quais o evangelho vem sendo pregado aos gentios, de acordo com Romanos 11.25 (mas será bom considerar o capítulo inteiro). Exatamente como alguém que contempla uma região montanhosa, pode contar os sucessivos espinhaços de serras ou cordilheiras, mas não considera os vales, assim também o Senhor, que fala como o último dos profetas hebreus, não se detém a fim de observar a história da Igreja, mas se limita aos eventos particularmente hebreus.

Provavelmente a época presente terminará com cenas em nada diferentes da era que a precedem. Logo em seguida, o Senhor estabelecerá seu reino, e haverá um novo céu e uma nova terra. O Advento será súbito (v. 36), e pegará os homens desprevenidos (v. 38). O povo judeu existirá como povo até então (v. 34).

MATEUS 24.40-51

Vigiai e Trabalhai. Há diferentes "vindas" do Filho do homem antes da vinda final para julgamento. Podemos tirar

pleno proveito das palavras do Senhor, ainda que não tenhamos firmado uma opinião definitiva quanto à ordem precisa dos acontecimentos futuros. A hora de nossa morte é tão incerta como a da vida dele nas nuvens. Devemos estar preparados para qualquer uma delas!

Vigiar é manter-se acordado! Somos sempre tentados a dormir. Bunyan disse que estamos passando pela Terra Encantada, cujo ar é muito pesado e provoca sono. Como somos insensíveis para perceber o invisível, ou aproveitar as grandes oportunidades da vida! “Fosse arrombada” é uma alusão à casa de barro ou argila que não podia impedir a entrada do ladrão. A morte irrompe e nos leva para longe de todos os nossos tesouros. (Veja 1 Tessalonicenses 5.2,4.)

Devemos nos ocupar em desempenhar com cuidado as tarefas que o Senhor designou para nós enquanto esperamos a sua vinda. A Igreja é uma grande família na qual cada um ocupa seu lugar. Trabalhar é orar; servir é estar preparado.

MATEUS 25.1-13

Esteja Preparado Para a Chegada do Noivo. Há três parábolas notáveis nesse capítulo que seguem uma clara seqüência de pensamento. Primeiro, somos convidados a fazer um exame pessoal para nos assegurarmos de que estamos preparados para entrar na festa nupcial; isto é, entrarmos na mais santa e íntima união com o Senhor. Muitos são convidados a essa união de pensamento, oração e serviço, mas, infelizmente, poucos há que se provam dignos de ser escolhidos para essa intimidade maior! Temos de estar atentos para que nosso coração tenha pureza virginal, e que a lâmpada esteja sempre acesa nele, pelo contínuo derramamento do óleo do Espírito Santo.

Como é maravilhoso o poder que pôde extrair, do ruidoso cortejo noturno de um casamento oriental, essa bela parábola de uma cálida e breve noite do Oriente, com as dez moças, os gritos na chegada do noivo, a tranqüilidade das que estavam preparadas, a angústia das desprevenidas, e os dois lados

da porta! Ó bendito Consolador, que nós não te decepcionemos, como tu não decepcionarás aqueles que, em sua fraqueza, buscarem teu auxílio!

MATEUS 25.14-30

Recompensa Pela Fidelidade. Nós não somos apenas convidados, mas servos que têm de prestar contas de sua mordomia. A cada um foi confiado um talento, pelo menos. O número de talentos varia de acordo com nossa habilidade em administrá-los. O Mestre não é injusto e jamais nos sobrecarrega. É atuando que ampliamos nossa capacidade de atuar ainda mais. Se aproveitarmos bem as nossas oportunidades, nossa esfera de serviço pode ser grandemente ampliada, de modo que, no fim da vida, seremos capazes de duplicar o que produzíamos no início.

Cristo está sempre vindo para ajustar contas. Cada vez que tomamos a Ceia do Senhor, cada aniversário nosso que passa é como estar diante do tribunal de Cristo, que antecede o grande trono branco (2 Co 5.10). Aqueles que receberam apenas um talento devem ser os mais cautelosos, visto que serão mais tentados a dizer: “Já que só podemos fazer tão pouco, nada faremos”. Aquilo que sabemos fazer melhor e que está mais de acordo com nossas circunstâncias, provavelmente, é o nosso talento. Se, sozinho, você não pode fazer muito, coopere com sua igreja, sob a orientação do seu pastor (v. 27).

MATEUS 25.31-46

Sirva a Cristo Servindo aos Outros. Podemos aqui observar os procedimentos legais do governo moral de Deus, numa antevisão do julgamento *das nações* (v. 32). À primeira vista, parece que o destino delas será determinado pelo tratamento que dispensaram ao povo hebreu, irmãos de Jesus segundo a carne (v. 40).

Mas a parábola tem um alcance maior. Parece que o Senhor se identifica, não tanto com as grandes causas, mas com todos os que estão cansados e oprimidos, de tal forma que estão tristes e sob o peso do pecado, que foram parar nos hospitais e prisões do mundo.

Ninguém está tão desamparado e aflito que Jesus não o perceba, e ele saúda como “benditos” todos que se compadecem desses e os auxiliam. Observe-mos que, no versículo final, a palavra “eterno (a)” está presente em cada frase; lembremos que ela representa uma qualidade de existência que é totalmente independente de tempo.

MATEUS 26.1-13

O Perfumado Ministério do Amor. Que contraste tremendo entre a conspiração da corte de Caifás e o ministério de amor em Betânia! Todavia, mesmo ali, um desnecessário toque de tristeza foi acrescentado ao cálice do Senhor. Enquanto seus inimigos estavam tramando sua destruição, foi preciso que ele falasse em defesa da dedicada mulher que estava sendo criticada por sua causa. É provável que, de todas as pessoas vivas na ocasião, Maria fosse a única que conseguira realmente perceber o significado das palavras do Senhor e compreender o sofrimento que o aguardava. E nas horas que se sucederam, o aroma daquele bálsamo, permanecendo ainda em Jesus, deve tê-lo lembrado como era ternamente amado.

O nome de Maria não é citado nesse Evangelho, talvez porque ele foi escrito enquanto ela ainda estava viva e tal referência poderia expô-la a sofrimento. Mas o quarto Evangelho menciona o nome dela, porque, quando foi escrito, a família inteira já estava na presença daquele a quem tanto amavam. Não deixemos que considerações mesquinhas impeçam a demonstração espontânea de nosso amor a Jesus.

MATEUS 26.14-25

Desmascarando um Falso Amigo. Enquanto Maria sacrificava uma enorme soma de dinheiro para mostrar seu amor a Jesus, Judas o vendia pelo preço de um escravo. (Veja Zacarias 11.12.)

Era grande desejo do Senhor tomar essa última refeição em companhia dos discípulos. Por intermédio de algum discípulo secreto, ele fizera os preparativos, mostrando assim sua preocupação amorosa com eles, face à tensão a que estariam expostos, tanto no corpo

como na alma. Como deve ter-se sentido feliz ao conseguir o uso daquela sala de hóspedes! E você? Já colocou o seu coração à disposição dele? (Veja 1 Coríntios 5.7.)

Foram momentos de provação e também de comunhão. Nenhum de nós deveria assentar-se à mesa do Senhor, sem um cuidadoso exame de si mesmo e uma sincera confissão. Precisamos, todos, perguntar: “Porventura sou eu, Senhor?” e rogar que ele nos vista com roupas alvejadas pelo seu precioso sangue. Aqueles que, com toda a humildade e falta de confiança em si mesmos, receiam vir a praticar o ato de traição, são sempre os que seriam incapazes de fazê-lo.

MATEUS 26.26-35

Advertindo um Discípulo Presunçoso. A Páscoa recordava os momentos terríveis do êxodo; a Ceia liga o Calvário à segunda vinda. Ao participar dela, não devemos limitar-nos ao retrospecto ou à expectativa do futuro, e, sim, procurar alimentar a nossa alma com o espírito e o coração de nosso amado Senhor, para receber sua força, doçura e amor. Precisamos alimentar-nos de sua carne e beber do seu sangue de uma maneira mística, de modo que ele possa tornar-se o elemento vital de nossa vida. A palavra “novo” não é a mesma que aparece em Mateus 9.17; refere-se a uma futura ordem de coisas, totalmente diversa da atual. As coisas antigas terão passado — era isso que Jesus antevia!

Encontramos uma explicação mais detalhada da nova aliança em Hebreus 8. É bom lembrar as provisões que ela faz para nós, quando nos assentamos à mesa. É como se Deus e nós bebêssemos, juntos, do cálice, como um brinde àquela abençoada compreensão que existe entre nós. Veja como nosso Pastor adverte uma das ovelhas, muito querida ao seu coração e pela qual havia rogado muitas vezes (Lc 22.31,32).

MATEUS 26.36-46

A Hora em que a Carne Era Fraca. Na vida humana existe uma íntima conexão entre nossos hinos e nossas horas de provação. Passamos da ceia para o jardim, dos símbolos para a realidade. Mas nem

todos podem conhecer a comunhão dos sofrimentos do Senhor. Paulo ansiava por isso, para que pudesse também conhecer o poder da ressurreição de Cristo (Fp 3.10). O Senhor deseja ardentemente o tipo de solidariedade motivada pelo amor, que nos manterá acordados, ainda que sem entender tudo que lhe vai no coração.

Notemos que, embora o cálice pareça preparado e apresentado por mãos humanas, o Senhor não se limitou a ver apenas esse aspecto dele, porque reconhecia que seu Pai tudo permitira. É esse reconhecimento que remove o fel do cálice mais amargo. Na mesma frase Jesus os repreendeu por dormir e os convidou a se levantarem. Era como se ele soubesse e sentisse que, embora o passado não voltasse mais, futuras oportunidades e provas estariam esperando por eles todos. Ele e os discípulos as enfrentariam juntos. Embora sejam indignos, ele está sempre a nos dizer: “Vamos”.

MATEUS 26.47-56

Traído e Abandonado. Não temos como sondar os pensamentos do traidor. Esperava ele que seu ato forçasse Jesus a tomar o caminho da defesa própria, postura que seus poderosos feitos mostravam ser ele perfeitamente capaz de assumir? Parece inconcebível não haver outra explicação que não a mera coíça! No entanto, a julgar pelo nosso próprio coração, será que chegaria a constituir surpresa? Quantas vezes traímos o Mestre por nossa atitude reticente, quando era preciso que falássemos; pelo beijo hipócrita, quando em verdade estávamos explorando em proveito próprio a nossa associação com ele.

O Senhor não teve a morte de um mártir. O mártir é levado ao patíbulo ou à estaca dominado por força superior à sua. Mas o Senhor sabia que no mundo invisível havia amplos recursos à sua disposição, bastando que expressasse o menor desejo de usá-los. Todos morrem por haver nascido; ele nasceu para que pudesse morrer. “Ele deu a sua vida, para a reassumir.” Recusou socorro do Pai, dos anjos, e da espada de Pedro, mas derramou a sua alma na

morte, porque seu amor era mais forte do que a morte. (Veja 1 Pedro 2.21 e seguintes.)

MATEUS 26.57-66

A Resposta Verdadeira a Falsas Testemunhas. Essa reunião dos líderes judeus tinha sido convocada às pressas; mas sua dificuldade estava em consubstanciar uma acusação que garantisse a sentença de morte. Tiveram de voltar ao início do ministério de Cristo em busca de uma acusação que parecia atender ao seu objetivo. Mas veja João 2.19 e Marcos 14.58. Nesse ínterim o Senhor não abriu a boca. Deixou sua reputação aos cuidados do Pai, a quem, também, confiou sua alma. É um bom exemplo a seguir. Façamos o que é correto e deixemos que Deus cuide de nossa defesa!

Só quando foi desafiado no que diz respeito ao seu relacionamento singular com Deus, foi que Jesus abriu os lábios. Em suas palavras, há uma referência clara a Daniel 7.13,14. O tribunal imediatamente reconheceu que, em sua réplica, ele declarara ser igual a Deus. Ser o Filho de Deus era ser Deus. (Veja também João 5.18.) Observemos que as palavras “desde agora” sugerem que, embora o reino esteja oculto a nós, ele já está estabelecido, como estava o de Davi, mesmo quando Saul ainda ocupava o trono.

MATEUS 26.67-75

Envergonhado de Jesus! Que vergonhosa caricatura de justiça! Quando os homens se dispõem a uma tal violência, sua paixão demonstra estarem praticando a obra do diabo. Mas no turbilhão de abuso e horror, a única coisa que magoou o Senhor foi a negação de Pedro (Lc 22.61).

Foi o amor que levou Pedro a arriscar-se em segui-lo ao tribunal. João conseguiu fazê-lo entrar (Jo 18.16). Mas ele ficou perto demais do fogo, no meio daquele grupo de curiosos que discutia a aventura daquela noite. Ele se mostrou por demais confiante em si mesmo (Jo 13.37); e não tinha vigiado em oração (Mt 26.40). Quanto mais praguejava e jurava, mais se traía por seu sotaque galileu. Ah, o tormento que se seguiu! Será que correu ao Getsêmani e se ati-

rou sobre a relva amassada, onde o Mestre se prostrara havia tão pouco tempo? Misturaram-se suas lágrimas com o suor de sangue? Mas Jesus ainda o amava e estava preparando uma expiação que limparia o seu pecado, do mesmo modo como já havia assegurado que sua fé não falharia (Lc 22.32).

MATEUS 27.1-10

O Remorso e Suicídio do Traidor. Era bem cedo, quando Jesus foi levado a Pilatos, porque, às nove horas ele já estava na cruz. Judas, aparentemente observava a cena de longe. Ficou talvez estarrecido ao ver que o Senhor não fez uso de seu extraordinário poder para salvar a si mesmo. A única saída que o traidor considerou viável foi atestar a inocência do Senhor. Que tributo à pureza e à beleza absolutas da vida que Judas, por longo tempo, conhecera na maior intimidade! Se alguma falha tivesse existido, ele a teria usado para justificar seu procedimento; mas não havia nenhuma. (Veja Hebreus 7.26,27.)

As moedas que lhe queimavam as mãos tilintaram no piso de mármore. Quem pode imaginar o desespero, o horror, a escuridão das trevas que o conduziram ao suicídio? (Veja Atos 1.15 e seguintes.) Observemos como eram escrupulosos aqueles sacerdotes hipócritas (v. 6). É certo que se Judas se tivesse arrependido teria sido perdoado. Mas o desespero tomou conta dele. Ele foi ao seu próprio lugar! Cada um de nós está “preparando” o seu próprio lugar, e irá para ele.

MATEUS 27.11-21

Barrabás ou Cristo? A vacilação de Pilatos fez dele um criminoso. A fraqueza se transforma em pecado. A princípio, é evidente, ele estava disposto a soltar Jesus, mas, em vez de dizê-lo francamente, empenhou-se em conseguir a soltura por meios indiretos e sem comprometer-se.

Primeiro, ele o enviou a Herodes (Lc 23.7), pensando que um judeu apreciaria favoravelmente a posição de um compatriota. Depois procurou despertar piedade através da angústia do açoite. Por fim, ofereceu ao povo a escolha entre Barrabás e Cristo, seguro

de que escolheriam a liberação de um amigo dos homens antes que a de um criminoso.

Nenhum desses expedientes deu resultado, e ele se deixou arrastar para o mesmo ato que, desde o princípio, sua consciência havia condenado. Pilatos era um desses homens fracos que querem que a coisa certa seja feita, mas jamais arriscam seus interesses pessoais para que isso aconteça. Não há possibilidade de tais homens se saírem bem. Nossa única esperança está em nos declararmos logo em favor do que é certo e verdadeiro, desde o começo.

MATEUS 27.22-31

A Mancha que a Água Não Podia Lavar. Juiz algum deve perguntar à multidão o que fazer. Porém, todo homem tem de fazer algo com Cristo. Ele está sempre perante o tribunal de nossa consciência, e cada um deve aceitá-lo ou condená-lo, honrá-lo ou crucificá-lo. Se não nos pronunciamos a seu favor, então nos pronunciamos contra ele; e há um momento em que o nosso veredito se torna irrevogável. “O que escrevi, escrevi.” Nós todos estamos escrevendo a nossa inscrição e afixando-a na cruz para o universo ler, e virá o dia em que ela se tornará irreversível.

Podemos lavar as mãos depois de realizado o ato de traição, mas a água não resolve nem para Pilatos, nem para Lady Macbeth, nem para nós. Nós precisamos do sangue de Cristo para que possamos ser purificados do pecado (1 Jo 5.6).

Coube ao Rei dos homens usar uma coroa feita dos espinhos com os quais o nosso pecado é tão estreitamente identificado. (Veja Gênesis 3.18.) Só assim poderia ser conquistada a coroa do império universal! O manto da zombaria teria de preceder a vestimenta da ascensão. O caniço era apropriado para a ocasião, porque é por meio dele que Jesus conquista e governa. (Veja Isaías 42.3 e 57.15.)

MATEUS 27.32-44

“Eles o Crucificaram.” Ele não beberia coisa alguma que embotasse a agudeza de sua percepção dos importantes aconte-

tecimentos ligados à cruz. Aqueles insultos eram verdadeiros; entretanto, ninguém que se salva a si mesmo pode salvar os outros. O grito de desamparo, à meia-noite em pleno meio-dia, a entrega do espírito, o véu rasgado, os túmulos abertos, a reação solidária da natureza — todos estes fenômenos provavam que aquela morte não era a de um homem comum, e confirmavam tudo que a Escritura havia predito (1 Pe 1.11).

O Senhor foi envolvido pelas trevas da meia-noite para que pudesse ser nossa “brilhante estrela da manhã”. Ele se fez obediente até à morte para poder oferecer-nos a vida eterna. Seu calcanhar foi dolorosamente ferido para que pudesse esmagar a cabeça daquele que possuía o poder da morte e ter para sempre as chaves da morte e do hades. Façamos da alma dele uma oferta pelo nosso pecado. Escondamo-nos na fenda aberta no seu lado pela lança do soldado. Ele fez a paz pelo sangue de sua cruz; basta-nos aceitá-la e descansar.

MATEUS 27.45-56

O Coração Partido e o Véu Rasgado. De coração silente contemplemos aquela cena. É a tragédia dos séculos, o ato supremo da entrega total, o único e inigualável sacrifício e compensação pelos pecados do mundo inteiro. Foi aqui que, em cada século, milhares de almas enfermas pelo pecado e marcadas pelo terror acharam refúgio; onde os mártires receberam forças para enfrentar a morte. Foi aqui que a escada de Jacó se firmou, nas regiões inferiores da terra, porque aquele que subiu aos céus é o mesmo que antes “havia descido até às regiões inferiores da terra”. Ele se tornou “obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que...” (Veja Fp 2.8.)

O centurião já havia visto outros crucificados morrerem, mas jamais um como esse. Ele reconheceu os elementos sobrenaturais da cena. Mas nós, nessa hora, não nos sentimos apenas maravilhados, mas também tomados de profunda gratidão, amor e fé. Ele “me amou”, ele “se deu por mim” (Gl 2.20).

MATEUS 27.57-66

O Túmulo Selado e Guardado. Não tenhamos medo de, na morte, confiar-nos a Deus. Se rendermos nosso espírito e o entregarmos às mãos do Pai, ele cuidará dele e de nosso corpo também, pois tem seus Josés em toda parte. Ele proverá mãos amorosas para cuidarem do nosso corpo, que foi o repositório da preciosa jóia que ele comprou por tão alto preço. Preciosa é à sua vista a morte de seus santos (Sl 116.15).

Os reis e príncipes deste mundo se dispuseram a guardar o sepulcro do Filho de Deus com lacre e sentinelas. Era o mesmo que tentar impedir a explosão da vida na primavera. Disse o Rei dos Terrores ao Capitão Suborno: “Tome cuidado em conservar bem preso o corpo deste Homem”. Mas, que adiantou isso, se Deus ordenara que ele não permanecesse no hades e nem mesmo visse a corrupção? Se você esperar em Deus com paciência, dará em nada o que seus inimigos possam intentar contra você. (Veja Salmo 40.)

MATEUS 28.1-10

O Túmulo Aberto e Vazio. Antes de o sol haver nascido e enquanto o clarão da aurora era ainda tênue no céu oriental, as mulheres já estavam a caminho. Mas aquele que elas procuravam se fora. Quantas vezes lançamos o olhar para o túmulo do passado morto, ou buscamos socorro nos diários, nas orações e nos rituais de santos que já partiram, ou mesmo numa igreja moribunda, mas não achamos o Senhor. O divino Líder não está atrás de nós, mas à nossa frente; não no túmulo do passado morto, mas na vanguarda dos acontecimentos atuais. Eis que nos convida a segui-lo à montanha da ascensão e ao Céu aberto!

As mulheres foram enviadas como mensageiras de sua ressurreição. (Veja Salmo 68.11.) Com que entusiasmo acolheram elas sua idéia, e com que disposição se empenharam em executá-la. E, no caminho, aquele que as enviara, esteve com elas. É sempre assim. Saímos a executar suas ordens, mas, indo, não o deixamos para trás; pelo

contrário, ele vem ao nosso encontro. (Veja Isaias 64.5.)

MATEUS 28.11-20

A Grande Comissão do Senhor Ressurreto. Quanto absurdo nessa explicação engendrada! Como podiam os soldados saber quem roubara o corpo se estavam dormindo? Os cétricos se vêem obrigados a acreditar em maravilhas maiores do que aquelas em que os crentes acreditam. Teriam os amigos de Cristo razão para desenrolar os panos que cobriam o corpo sagrado? Será que os seus inimigos se dariam ao trabalho de fazer isso, e nesse caso, deixariam para trás o rico sudário que José de Arimatéia provera? É mais fácil os homens crerem

em uma mentira qualquer do que na verdade de Deus, porque seu coração é mau.

Esse monte no término da vida terrena do Senhor corresponde ao monte da tentação, no princípio. Ali foram-lhe oferecidos os reinos do mundo; bastava apenas que tomasse o caminho mais fácil; aqui ele é reconhecido como Rei da Terra, porque tomou o caminho mais difícil da obediência até à morte. A gloriosa incumbência entregue à Igreja tem caráter universal. Ela reúne os ministros do arauto e do pastor, e garante a cada humilde discípulo que jamais haverá um dia em que o Senhor não esteja perto, embora ele possa até ser tempestuoso.

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

“Poderosamente Demonstrado Filho de Deus.”
(Rm 1.4.)



1. O PRINCÍPIO DO EVANGELHO 1.1-13.
 - a. João Batista proclama a vinda de alguém mais poderoso do que ele 1.1-8.
 - b. A voz do céu dá testemunho acerca de Jesus 1.9-11.
 - c. Jesus vence o tentador 1.12,13.
2. AUTORIDADE E OPOSIÇÃO CRESCENTES 1.14-3.6.
 - a. A vocação dos primeiros discípulos 1.14-20.
 - b. Milagres de cura e o perdão de pecados 1.21-2.12.
 - c. A oposição dos escribas e fariseus 2.13-3.6.
3. O MINISTÉRIO ABUNDANTE 3.7-8.26.

(“É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia.”)
Ensinar, curar, chamar os Doze, narrar parábolas, pregar, acalmar a tempestade, ressuscitar os mortos, alimentar as multidões, silenciar os escribas e fariseus.
4. A ÚLTIMA VIAGEM A JERUSALÉM 8.27-10.52.
 - a. A preparação dos discípulos 8.27-9.50.

A confissão de Pedro, a transfiguração, a cura do menino possesso, quem será o maior?
 - b. Incidentes pelo caminho 10.1-52.

As perguntas dos fariseus acerca do divórcio, Jesus abençoa as crianças, o moço rico, a ambição de Tiago e João.
5. NA CIDADE DO GRANDE REI 11.1-13.37.

A entrada triunfal, a purificação do templo, perguntas, parábolas, advertências, profecias.
6. O TRIUNFO DA SUBMISSÃO 14.1-15.47.
 - a. O auge da inimizade e da amizade 14.1-11.
 - b. A última ceia e a agonia no jardim 14.12-42.
 - c. A traição 14.43-52.
 - d. Os julgamentos judeu e romano 14.53-15.15.
 - e. A crucificação e o sepultamento 15.16-47.
7. O CATIVEIRO LEVADO CATIVO 16.1-20.
 - a. A visita das mulheres ao túmulo vazio 16.1-11.
 - b. A caminho de Emaús 16.12,13.
 - c. A grande comissão 16.14-20.

INTRODUÇÃO

Não há necessidade de provar que esse Evangelho é o mais breve e o mais antigo dos quatro. Foi escrito entre os anos 63 e 70 A. D., e visava atingir principalmente os romanos. Sempre se acreditou que Marcos foi muito influenciado por Pedro. Isso explica a presença aqui de muitos traços característicos de Pedro. Geralmente se acredita que esse Evangelho foi escrito em Roma, e sabemos que há freqüentes referências a Marcos nas epístolas, associando-o com o ministério cristão ali: 2 Timóteo 4.11; Filemon 24 e 1 Pedro 5.13.

COMENTÁRIO

MARCOS 1.1-20

O Começo do Ministério de Jesus. O ministério de João Batista (vv. 1-8). A mensagem de João sempre precede a de Jesus Cristo; primeiro, vem a mudança da vontade; depois, a fé. A grandeza de João se revelou em sua humildade. Ele viu o que devemos ver: não basta uma religião de negativas, simbolizada pela água; precisamos ser abrasados.

O início da vida pública de Jesus (vv. 9-20). Jesus foi reconhecido por João Batista, que viu os céus abertos e o Espírito descendo. Se o próprio Senhor foi assim ungido antes de iniciar a obra a que se consagrara, quanto mais o devemos ser nós! Você se uniu com ele em sua morte, e se fez um com ele em sua ressurreição, e foi ungido pelo mesmo Espírito? Então, fique certo de que você, também, há de ser tentado. Os filhos dos homens devem seguir o caminho do Filho do homem — num momento, debaixo dos céus abertos, logo a seguir, tentado pelo diabo; de um lado, as feras, do outro, os anjos; agora, levado à solidão; depois, às

apinhadas ruas das cidades, para, ali, reunir discípulos atraídos pela energia e pela beleza de uma vida vitoriosa.

MARCOS 1.21-39

O Ajudador dos Necessitados. A palavra “logo” é típica da vida do Senhor. Ela e outros sinônimos como, “imediatamente”, etc., são a tônica do Evangelho de Marcos, que é, pre eminentemente, o Evangelho do serviço. O antigo símbolo desse Evangelho era o boi. Comparado com Mateus, quase nada se diz em Marcos acerca do Rei; ou, com Lucas, acerca dos pormenores relativos à humanidade de Jesus; ou, com João, acerca de sua divina filiação. Há sugestões de tudo isso, mas a ênfase recai nos trabalhos incessantes de Jesus, o qual andou por toda parte, fazendo o bem. Como ilustração desse aspecto da vida do Mestre, o evangelista narra as atividades de dois dias típicos, um no começo e o outro no fim do seu ministério. O primeiro dia típico está registrado nesse capítulo (vv. 21-38). Ele passou toda a manhã na sinagoga, onde, ao fim da reunião, expulsou um

demônio; à tarde, deu-se a cura da sogra de Pedro; ao cair do sol, havia uma multidão reunida à porta da cidade, onde ele curou a muitos. Bem cedo, na manhã seguinte, retirou-se para orar, e, logo em seguida saiu para um trabalho itinerante por toda a Galiléia. O segundo dia típico está registrado em 11.20 a 13.27.

MARCOS 1.40-2.22

O Amigo de Pecadores. O leproso (1.40-45). As notícias acerca de Cristo se espalharam rapidamente, chegando a pontos distantes, até alcançar os párias da sociedade judaica, verdadeiros refugos da humanidade. Depois de refletir bastante sobre os relatos de milagres e maravilhas operados pelo Senhor, o leproso concluiu que a única dificuldade que restava era a disposição de Cristo em ouvi-lo. Quanto ao seu poder, não podia haver dúvida. Mas nenhum dos religiosos daquela época jamais pensara em ajudar alguém como ele. Observemos como o Senhor atendeu imediatamente ao seu apelo. Seu poder e seu amor são de igual extensão; medindo-se um, já se mediu o outro.

O paraplético (2.1-12). A enfermidade resultara do pecado. Era preciso tratar da alma antes que o corpo pudesse ser liberto. O perdão divino está ao nosso alcance assim que pecamos, bastando-nos pedi-lo; e Jesus deu ao paraplético certeza desse fato. O direito que Jesus tinha de falar ficou evidenciado por seu poder de curar. Se este era eficaz, o outro também o era. *O amigo de pecadores* (vv. 13-22). Cuidavam em criar para ele um título que o envergonhasse, mas o que fizeram foi acrescentar-lhe uma coroa de glória. Na eternidade, o Amigo de pecadores terá como convidados, ao redor da sua mesa, os pecadores salvos.

MARCOS 2.23-3.19

O Senhor do Sábado. O ritualista exige o visível, o convencional, o uso do passado. Cristo afirma que as necessidades do homem, sejam do corpo ou da alma, são maiores que a restrição cerimonial. As cerimônias são apenas expressões de vida, e, onde falta a vi-

da, elas são sem significado e vazias. *A mão ressequida* (3.1-6). Um prolongado desuso dos poderes que Deus nos concedeu, poderes que deixamos de exercitar, pode resultar em atrofia; Cristo, no entanto, nos ordena a usá-los novamente. Na medida em que nos dispusermos a obedecer, constataremos que somos capazes. Ouse falar, orar ou agir, não por um impulso natural seu, mas por ordem dele, e você receberá poder. *O apostolado* (vv. 7-19). Em três ocasiões Cristo usou um barco como púlpito. (Veja também Marcos 4.1 e Lucas 5.3.) Precisamos ser discípulos (alunos) para que possamos ser apóstolos (enviados). Como o Pai enviou o Mestre, assim o Mestre nos envia. Nossa missão é tripla — fazer-lhe companhia, executar suas ordens e expulsar demônios. Havia extrema diversidade no colégio apostólico: o grupo boanérgico de quatro; o grupo dos que tudo perguntavam e que algumas vezes duvidavam, e o grupo de homens práticos, para um dos quais a queda para negócios se constituiu em armadilha. Se havia um traidor mesmo entre os doze, quem pode esperar que seus campos sejam livres de joio?

MARCOS 3.20-4.9

Irmão de Todos que Desejarem. Os fariseus difundiram essas acusações infamantes (v. 22), não porque acreditassem nelas, mas para responder às perguntas que recebiam de todos os lados. Sabiam não ser verdade o que afirmavam, mas, por razões egoístas, não se dispunham a confessar o que realmente pensavam. Contradizer assim a verdade é um pecado mortal e imperdoável, porque fere a sensibilidade da consciência e leva à morte moral. *Laços de família* (3.31-55). A família de Jesus precisava ser ensinada, embora com muito tato, que não devia tentar controlar seu ministério público. Todos os que amam a Deus e fazem sua vontade são bem-vindos ao círculo da família divina e se tornam parentes consangüíneos do Filho de Deus. *O semeador* (4.1-9). Observe os perigos que corre o ouvinte, para não desperdiçar a preciosa semente. Existe um grave

perigo nos pensamentos levianos, fantasiosos e dispersivos. Existe um grande perigo, também, na reação apenas emocional — aquela que “logo nasceu”, que não tinha raiz porque o coração era duro. É preciso cuidar para que as carências do pobre, as riquezas dos opulentos e a ansiosa busca de coisas deste mundo pelas classes intermediárias não dissipem a força da alma de tal maneira que a Palavra de Deus venha a ser apenas uma haste delgada sem espiga ou fruto. Não basta ouvir a Palavra; devemos aceitá-la e produzir fruto. De outro modo, a aradura, a sementeira e toda a ação da natureza serão em vão. Viva de acordo com o que você sabe. A obediência é a chave do entendimento.

MARCOS 4.10-41

Crescimento no Reino de Deus. Com que presteza o Mestre observava o significado dos símbolos naturais! Para ele todas as coisas eram desdobramentos do ministério eterno, e os caminhos dos homens, inconscientemente, espelhavam o invisível. Há “alqueires” em sua vida? Use-os como suportes onde colocar as lâmpadas, e não como cobertura para ocultá-las. Todos os segredos serão revelados; cuidado com o que você diz. O que medimos retorna a nós; tenhamos cuidado com a maneira como medimos. A misteriosa co-opeiração de Deus na obra da Natureza e o processo gradual de crescimento se assemelham à colaboração do Espírito Santo com todos os fiéis semeadores da Palavra, e aos estágios imperceptíveis através dos quais a alma alcança a maturidade. *Acalmando a tempestade* (vv. 35-41). Aqueles que navegam na companhia de Cristo devem preparar-se para enfrentar borrascas. Mas, por que haveríamos de ter medo quando está a bordo o Mestre que pode ordenar ao vento: “Paz”; e ao mar, “Acalma-te, emudece”? O Senhor nas alturas é mais poderoso do que os poderosos vagalhões do mar. Pouco antes ele estava fatigado a ponto de dormir em meio à tempestade, mas, a uma palavra de apelo daqueles a quem ama, ele se mostra capaz de salvar de forma total.

MARCOS 5.1-20

Poder Sobre Espíritos Imundos. Essa pobre vítima de um cruel tirano era dotada de força sobre-humana e zombava dos grilhões. Terrível para os outros, enfrentava miséria indizível e procurava consolo nas lágrimas e nas torturas a que, por conta própria, se submetia. Como teme olhar para a luz quem tem as vistas inflamadas, assim também aquele espírito maligno que infligia tormento, por sua vez, estava temeroso do tormento que poderia advir do gentil Salvador. Que mistura de homem e demônios: “Respondeu ele: ... somos muitos”. E como eram malignos! Os demônios temiam a desincorporação e, a não ter nenhum outro, preferiam os corpos dos suínos. Muitos, em nosso meio, são dominados por um poder diabólico semelhante, contra o qual, por se terem deixado sujeitar aos poucos, de forma imperceptível, agora se debatem em vão. No entanto, para os que assim estão, há libertação total em Cristo. Sendo esse homem um símbolo do pecador, verdadeiro Sansão da perversidade, sua libertação traz novo alento a todos os que são, pelo poder do demônio, induzidos ao mal.

Saibamos distinguir entre o pecador e os maus espíritos que o dominam. O demônio que atormenta um homem gosta de provocar danos e preferiu destruir os porcos a ficar ocioso. Não foi Cristo que destruiu aqueles animais, e, sim, o espírito do mal. Você já foi redimido? Vá e ganhe outros para seu Senhor. Diga-lhes o que ele já fez por você!

MARCOS 5.21-43

Esperança Para os que a Perderam. Passamos do homem endemoninhado para essa mulher, enfraquecida por prolongada enfermidade. No caso dele, havia a exteriorização do mal; no dela, debilitação e deterioração internas. Aqueles que estão conscientes da ação devastadora do pecado em seu coração, que os vem enfraquecendo, devem procurar um contato com Cristo, ainda que um leve toque na orla de

suas vestes. Imediatamente, a virtude dele deterá esse mal interior. O poder de Cristo está sempre emanando, e a fé pode receber quanto deseje. O reservatório de poder está sempre cheio, mas poucos, muito poucos mesmos, aprenderam a fazer uso dele.

Multidões o comprimem, mas um indivíduo só, o toca. O estar próximo de Cristo não implica necessariamente na apropriação de Cristo. Mas, onde há o mais leve toque de fé, há uma resposta instantânea, quase que automática. Pode haver fraqueza, e os dedos estarem por demais debilitados para segurar, conseguindo apenas tocar; mas mesmo a menor centelha de fé salva, porque é o canal pelo qual entra a vida de Cristo (v. 34). Mesmo as crianças estão sujeitas aos danos causados pelo pecado (vv. 35-43). A morte passou a todos, e contra essa praga universal nem mesmo os pequeninos podem gozar imunidade. Mas, outra vez nos voltamos para o Mestre da vida, cujo toque é tão gentil como o da mulher, e cuja voz penetra nos recessos do invisível.

MARCOS 6.1-20

Campos que se Alargam. No trecho inicial desse capítulo somos informados acerca do ódio e rejeição daqueles que tinham gozado o privilégio de ser vizinhos e companheiros de Jesus desde os seus primeiros dias. Não eram capazes de discernir o divino no humano, o celeste sob o véu terreno. Rejeitado pelas cidades deles, o Salvador dirige-se às aldeias, a fim de espalhar as Boas-Novas o tanto quanto possível, privando-se da companhia de seus discípulos. O Senhor ainda está em sua Igreja por meio do Espírito Santo, mas seu poder é limitado por nossa falta de fé. Em vão lhe pedimos que use de seu grande poder para salvarnos, uma vez que praticamente o impossibilitamos de fazer o que pedimos. O clamor antigo era: "Por que serias como... valente que não pode salvar?" (Jr 14.9.) Eis aqui a resposta: "Não pôde fazer ali nenhum milagre... Admirou-se da incredulidade deles". A fé constitui a nossa capacidade para

Deus, e há várias condições para sua nutrição e crescimento.

Com que simplicidade foram os doze enviados em sua missão (v. 7). Mas, com que autoridade eles falavam! A simplicidade e o poder estão intimamente ligados. A pessoa realmente forte não depende do ambiente e das circunstâncias externas em que outros se apóiam. A proporção em que nos dispomos a privar-nos das fontes da confiança humana, poderemos apropriar-nos do poder divino e possuí-lo.

MARCOS 6.21-29

O Martírio de Uma Testemunha. Melhor a prisão com João do que o palácio com Herodes, porque a consciência deste o fazia ver o fantasma de João em cada recanto do palácio! Uma mulher induziu Herodes ao crime. Como devem ser cuidadosas as mulheres quanto à influência que exercem sobre os homens; da mesma forma, como os homens devem ser cuidadosos para não se sujeitarem a quaisquer influências que não as mais nobres! Essa família era consumida pela luxúria, não raro acompanhada de toques de crueldade. Vício nenhum age sozinho. João Batista teve uma carreira breve. Foi durante poucos meses a principal figura de sua nação, sendo depois lançado nas trevas da prisão, como uma tocha apagada. Não é de admirar que seu espectro obcecasse o coração de Herodes, pois pensava que ele se reencarnara na pessoa de Jesus. Pode cair o mensageiro, mas a mensagem é passada adiante por milhares de bocas. Observemos o contraste entre o fim de João e o do Senhor. No caso de João, os discípulos que haviam dado ouvidos a cada palavra sua, se dispersaram. Sem o cabeça, os membros se espalharam. Nenhum deles pensou em proclamar que o seu líder morto revivera e permanecia à frente do movimento que havia iniciado. Mas, quando o Senhor morreu, aí então começou sua real influência sobre os homens. Até aquela data ele tinha sido o rabi judaico; daí em diante tornou-se o Redentor do mundo.

MARCOS 6.30-56

A Simpatia e a Compaixão de Jesus. Quando os apóstolos voltaram tinham muito o que contar. Uns estavam empolgados com o sucesso; outros, radiantes com a vitória sobre os demônios; outros, ainda, possivelmente cansados pelo esforço despendido, mas todos necessitando da santa influência do repouso e quietude que poderiam gozar em companhia do Senhor. Naquelas horas ou dias calmos, logo que passou a excitação do grupo, ele lhes ensinou memoráveis lições acerca de como alimentaria o mundo por meio de sua Igreja, e como seu povo estaria seguro em meio às tempestades do mar, porque ele estaria sempre vigiando das alturas e viria a eles quando mais necessitassem de socorro. Cristo assenta-se como anfitrião à grande mesa da Igreja, e os magros recursos de seus servos constituem o ponto de partida para a multiplicação dos pães. Ele nos manda ir e ver como é pouco o que temos, para que possamos avaliar, com mais realidade, a grandeza de seu auxílio. Observemos como o olhar para cima precede o partir e o dar. Há bastante para todos, não só pão, mas peixe também; e os discípulos são renovados por essa nova ministração. Da mesma forma o Senhor como que nos recria, transformando nossas energias exauridas em novos canais de ministério. Aquilo que ameaça esmagar-nos faz com que Cristo chegue ao nosso lado. Mas precisamos deter-lhe os passos, se quisermos ter sua companhia. Onde Jesus está as tempestades cessam e os enfermos são curados.

MARCOS 7.1-23

Rompendo os Laços da Tradição. Os fariseus davam grande importância ao ritual. Submetiam-se a regras intermináveis, intrincadas e maçantes, no que dizia respeito a abluções e cerimoniais exteriores. Desde que seus devotos fossem cuidadosos quanto às observâncias menores, eles gozavam de ampla liberdade no que dizia respeito às exigências mais severas da Lei. Isso é uma tendência natural do coração humano. Ele se sente feliz por ser capaz de re-

duzir sua vida religiosa a uma obediência aparente e literal, desde que seus pensamentos não sofram qualquer impedimento. Na vida de verdadeira santidade, tudo depende do controle dos pensamentos. "Como um homem pensa em seu coração, assim ele é." Com sabedoria infinita, disse o homem sábio: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida"; e Jesus, por sua vez, põe "maus pensamentos" em primeiro lugar na lista negra do conteúdo do coração mau. As quadrilhas, às vezes, valem-se de um menino franzino, introduzindo-o através de uma pequena janela para que lhes abra a porta principal. Assim, um mau pensamento, muitas vezes, facilita a entrada de toda uma quadrilha do mal em nós. Coração meu! Aprendeu a lição? Está sendo cuidadoso o bastante em guardar sua pureza? Lavar as mãos muitas vezes, conservar limpas as vasilhas de uso doméstico, manter o decoro e o asseio constituem hábitos positivos. Mas é bom perguntar a si mesmo se está mais preocupado com a pureza exterior que com a interior. "Cria em mim, ó Deus, um coração puro", deve ser sua constante oração.

MARCOS 7.24-37

Uma Fé Recompensada. Para que possamos exercer plenamente a fé, devemos tomar a atitude certa para com Cristo. Sua missão, naquele tempo, era destinada ao povo judeu; os judeus eram "os filhos". Essa mulher não tinha qualquer direito de filho, e a questão era se ela estava disposta a tomar o lugar de menor honra. É a alma humilde que alcança o favor de Deus. Quando a mulher se mostrou disposta a dar a Jesus a posição de Senhor, e se humilhou ao ponto de aceitar dele ainda que migalhas, o Senhor pôde entregar-lhe a chave do seu tesouro e permitir-lhe a realização do seu desejo. A fé pode extrair bênção de uma situação aparentemente negativa, e usar uma aparente censura para abrir os tesouros de Deus.

No milagre narrado em seguida, observe o olhar para cima, o suspiro e o toque (vv. 33,34). Essas são as condições para que qualquer trabalho re-

ligioso seja bem-sucedido. Constitui um estímulo à fé ver que o Senhor sabia, por meio de um simples olhar, fazer com que o extraordinário poder de Deus se manifestasse. Podemos nos valer desse olhar para cima quando é impossível nos ajoelharmos para uma oração prolongada. Quando comparemos ante a luz eterna, também diremos, como os contemporâneos de nosso Senhor: "Tudo ele tem feito esplendidamente bem" (v. 37).

MARCOS 8.1-21

Censurado o Pedido de Sinais. Observe-mos a terna solicitude do Mestre (vv. 1-9). Ele não queria que o povo desfalescesse pelo caminho, ao voltar para casa. Há diferenças marcantes entre esse milagre e a multiplicação dos pães para os 5.000. A maioria delas é evidente ao leitor, mas a que se refere aos cestos usados para recolher o que sobejou só se torna patente quando se examina o texto em sua língua original — os cestos usados no caso dos 5.000 eram muito diferentes dos cestos grandes aqui usados (v. 20; Mt 15.37). O Senhor nunca repete sua obra.

No capítulo anterior, o Salvador suspirou ao se deparar com uma necessidade física; aqui, ante o embotamento moral (vv. 10-21). A linguagem é muito forte e nos permite entrever o que ia no coração do Redentor. Estivessem os fariseus tão desejosos de discernir os sinais dos tempos como de verificar as condições meteorológicas, teriam sido capazes de reconhecer a Jesus e a sua mensagem; mas seu coração insensato estava em trevas. Tendo soltado um gemido por causa do coração endurecido dos fariseus, não seria o caso de fazer o mesmo ante a obtusidade dos doze? Eles pensavam que Jesus se referia ao descuido deles em não ter levado pão. Pouco sabiam que a causa era muito mais profunda! Sejamos prontos em discernir a intenção divina nos incidentes mais simples, e em aprender que nosso passado de experiências com Deus contém lições para o presente!

MARCOS 8.22-9.1

O Preço Para se Seguir a Jesus. Antes, nossa atenção se fixou no suspiro e no

gemido do Mestre; agora, vemos outro singular ato seu: passou saliva nos olhos do cego. Talvez tenha sido para aumentar sua expectativa e fé. Repulsiva como é a oftalmia no Oriente, ela não causou repulsa nele nem impediu o fluir de sua piedade.

Não podemos, de uma só vez, ver tudo claramente, mas passo a passo chegamos à perfeita visão. Aqui vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Havia um grande preço a ser pago: era somente através do sofrimento e da morte que Jesus podia realizar sua obra maior de remir e purificar os filhos dos homens. Sem o Calvário, era-lhe possível ser um operador de milagres; mas, para ser o Salvador, não podia poupar-se. Precisava estar disposto a derramar sua alma na morte. Para os apóstolos, foi difícil aprender esta lição; eles queriam que o Mestre se poupasse. Pedro, especialmente, tentou dissuadi-lo; mas o Senhor conhecia melhor que eles a condição de perdição do homem e o meio para remi-la. Há três condições a serem cumpridas pelos que resolvem seguir o Cordeiro por onde quer que ele vá. (1) Negar-se a si mesmo. (2) Tomar a cruz. (3) Pensar mais acerca dos outros do que de si mesmo. Se essas condições forem atendidas, a pessoa está seguindo a Cristo e avançando, mesmo que pense estar parada ou regredindo.

MARCOS 9.2-29

Êxtase e Serviço. Os apóstolos haviam ficado satisfeitos com a promessa do reino que viria. A luz transfiguradora que refulgiu no rosto do Senhor diferia da que brilhara no rosto de Moisés. Em Moisés, a luz vinha de fora e se extinguiu; mas em Cristo, a luz brilhava de dentro. Certamente, naquele momento ele podia ter regressado ao Céu pela porta aberta através da qual tinham vindo o representante da Lei e o dos profetas; mas ele deu as costas à alegria da casa do Pai e se dispôs a enfrentar a cruz, de modo que pudesse tornar-se, não somente o exemplo, mas o Redentor dos homens. Que contraste entre a cena do monte Hermon, onde a glória de Jesus foi mais brilhante que

MARCOS 10.1-22

a cintilante neve ao seu redor, e aquela lá embaixo, onde o menino endemoninhado se contorcia em dores! Rafael fez bem ao pintar esses dois incidentes em um só quadro, porque eles nos mostram que o dever da Igreja não é construir tabernáculos no monte da visão, mas adentrar os antros do crime e da miséria, e enfrentar o poder de Satanás. A fé é o canal por onde passa o poder divino. Sua quantidade é menos importante que sua qualidade. Pode ser diminuta como um grão de mostarda, mas, à semelhança dessa semente, deve conter o princípio da vida.

MARCOS 9.30-50

O Caminho Para a Grandeza. Tais foram as esperanças despertadas pela Transfiguração e pelos milagres que a seguiram, que os discípulos foram levados a especular acerca da sua posição no reino. Por esse motivo, Jesus usou uma criança como tema e lhes pregou um sermão sobre a humildade. Como o Mestre fala constantemente dos pequeninos! Ele diz que devemos converter-nos para que nos tornemos como eles; que escandalizá-los traz terríveis castigos; que não devem ser desprezados; que cada um deles tem um anjo enviado pelo Pai para cuidar dele; que, para salvar um, o Senhor está disposto, como o pastor, a atravessar montanhas; que não é da vontade do Pai que um só deles pereça. Como era terno e humilde o seu amor para com eles!

Esforcemo-nos para eliminar qualquer coisa que nos faça tropeçar. Pode ser uma amizade, uma diversão, uma ocupação, um curso de estudos; mas não podemos fazer concessões, nem dar desculpas. Logo que a alma se dispõe corajosamente a fazer essa renúncia suprema, há um aumento de vida. Sempre que o corpo perde o uso de um membro — a vista por exemplo —, amplia-se a capacidade de outros membros; assim, renegar o que tem menor valor é abrir a porta ao mais valioso e, embora aleijado, entrar na vida. Os versículos 44 a 48 se referem, evidentemente, ao vale de Hinom, onde o fogo permanecia aceso para consumir o lixo.

MARCOS 10.23-52

As Verdadeiras Riquezas e a Real Grandeza. A riqueza traz muitas tentações. Jesus não disse que os ricos não podem passar pela porta, mas que eles terão de humilhar-se, bem como despir-se do amor à riqueza, embora não necessariamente da riqueza em si. No reino de Cristo, dar tudo é ganhar tudo. Não devemos sentir pesar ao consagrar a vida a Deus, pois o que se perde do lado material é mais do que compensado pelos enormes lucros espirituais que se obtêm (vv. 30,31). Talvez o pedido dos dois irmãos fosse motivado mais pelo desejo de estar perto do Mestre do que pela ambição; mas, em qual-

quer caso, há somente um preço a ser pago. Precisamos conhecer a comunhão dos seus sofrimentos se pretendemos participar de sua glória (2 Tm 2.11 e seguintes). É fácil dizer: “Nós somos capazes”; mas se estes dois pretendentes não tivessem vivido a experiência do dia de Pentecoste, com toda a certeza teriam fracassado (Fp 4.13). Se alguém não foi chamado para sofrer com ele, então deve servir. Um serviço semelhante ao de Cristo o levará para junto do trono dele, assim como sua participação no seu sofrimento. Como no caso de Bartimeu, os obstáculos e as dificuldades, ao invés de nos desalentar, devem nos incitar a orar com maior fervor. Somente a fé poderia fazer com que um cego lançasse de si a capa. Jesus certamente lhe restauraria a vista, e ele sabia que, então, seria capaz de reencontrá-la.

MARCOS 11.1-19

Louvor e Temor Saúdam a Chegada de Jesus. Uma nota de alegria marcou a chegada de Jesus a Jerusalém, no primeiro dia da semana. Foi um triunfo modesto. O humilde jumentinho era acompanhado por homens pobres, peregrinos galileus e crianças, fato que provocou a crítica arrogante da metrópole. Que entre no seu coração e no meu uma procissão semelhante. “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória.”

Com um poder irresistível, o Senhor expulsou os compradores e vendedores do templo. De acordo com a antiga predição (Mt 3.3), ele se assenta como derretedor e purificador de prata, para purificar os filhos de Levi. Sempre que entra no coração de alguém, ele realiza obra semelhante. Expulsa as formas bestiais de pecado, de modo que o homem todo — espírito, alma e corpo — possa render-se a Deus. O que o Senhor disse com referência ao templo, deveria aplicar-se a cada igreja do Deus vivo. Cada uma devia ser residência sua, lugar onde homens de todas as nacionalidades chegassem à unidade, ao adorarem, confessarem os pecados e intercederem. Certamente a casa de Deus não deve ser lugar de comércio.

MARCOS 11.20-33

As Condições Para Oração. A grande lição ministrada por essa árvore destruída justificou sua morte. Não chegara ainda a época da colheita de figos, mas era possível que ainda se pudessem encontrar alguns frutos do ano anterior. Essa expectativa se justificava ainda mais pela abundância de folhas novas. Tipificava a afirmação vazia, que não se confirma em atos. Além de condenar esse tipo de promessa oca, o Senhor extraiu do milagre a grande lição de que a fé pode contar inteiramente com a fidelidade de Deus. Quando olhamos para o coração de Jesus, ali só encontramos amor, perdão, humildade e fé. O perdão e o amor são as condições básicas para que nossas orações sejam respondidas (vv. 24-26). Não mostramos apreciação bastante pela maravilhosa capacidade intelectual do Senhor. Ele era superior àqueles homens sagazes, preparados para travar debates. E eles foram superados em sua própria especialidade.

MARCOS 12.1-27

Jesus Silencia Seus Inimigos. O Senhor rememora a história da teocracia. Cita a longa lista de servos de Deus que foram perseguidos e maltratados, do primeiro ao último, que era ele mesmo. Assim fazendo, insinuava, abertamente, que era o Filho de Deus e fazia com que os fariseus percebessem como ele antevia de forma clara o destino que eles estavam-lhe preparando. Eles estavam acostumados a aplicar o texto do Salmo 118.22 ao Messias e logo reconheceram o que Jesus pretendia dizer, quando o apontou como símbolo da rejeição de que ele próprio seria alvo.

De que maneira admirável o Senhor definiu as relações de seu reino com o poder civil! Se aceitamos a proteção e a ordem pública que advém do governo de César, estamos obrigados a mantê-lo com pagamento de impostos e com serviços que a consciência permita. Isso, na verdade, faz parte de nosso dever para com Deus; e com igual cuidado, devemos dar-lhe os tributos do mundo espiritual.

Jesus silenciou os saduceus com

uma citação do Pentateuco, cuja autoridade eles admitiam. Deus não pode ser o Deus de pessoas que não existem. Portanto, se Deus, falando com Moisés, usou o presente do verbo para se referir ao seu relacionamento com os patriarcas, 300 anos depois da morte destes, é porque eles ainda deviam existir.

MARCOS 12.28-44

O Primeiro Mandamento. Para o jovem rico o Senhor definiu como grande um mandamento — o amor ao próximo. Agora, em resposta ao escriba, ele apontou, primeiramente, Deuteronomio 6.4,5 e, depois, Levítico 19.18, como as duas colunas sobre as quais deve se apoiar a vida coletiva e individual do homem. A resposta reverente do escriba prova que ele não era um curioso qualquer. O Senhor reconheceu isso quando lhe disse que com mais uns passos ele estaria no reino de Deus.

O Senhor era, por descendência humana, filho de Davi, mas, como Filho de Deus, procedendo do Pai, ele está exaltado muito acima de Davi e de toda a humanidade.

Com palavras terríveis (vv. 38-40), Cristo denuncia os líderes morais e religiosos da época. Eles haviam feito de sua religião mera fachada e fonte de lucro. Como é grande o contraste entre eles e essa viúva pobre que lançou no tesouro de Deus tudo o que tinha naquele dia para o seu sustento. O Senhor, prontamente, nota atos como esse, que evidenciam um coração sincero.

MARCOS 13.1-13

Tribulações Vindouras. O Senhor se retirou do Templo para nunca mais entrar no sagrado recinto ou ensinar publicamente. E quando se retirou, todo o sistema do judaísmo foi entregue à desolação, e as predições feitas nessa ocasião se cumpriram minuciosamente por ocasião da queda de Jerusalém sob o comando de Tito. O templo foi arrasado. Na verdade, uma relha de arado passou por sobre o local onde ele estivera; as pessoas foram vendidas como escravas ou chacinadas nos espetáculos dos gladiadores; sua nacionalidade

foi suprimida e sua terra entregue a estrangeiros.

As palavras de Cristo contêm mais uma referência à sua segunda vinda. Os sinais aqui mencionados foram cuidadosamente perscrutados pelos cristãos primitivos, à medida que se foram cumprindo. Eles viram o mundo romano convulsionado pelos rivais que disputavam a púrpura imperial; eles sentiram na própria pele, em meio a amargas experiências, a força do ódio do mundo; eles perceberam que, pelos trabalhos do grande apóstolo dos gentios, e de outros, o evangelho tinha sido pregado em todo o mundo conhecido — e, quando esses sinais estavam sendo cumpridos, e as águias romanas se reuniam para a rapinagem da carcaça do judaísmo, do qual a vida se esvaíra, eles se apressaram em fugir para Pela, de onde testemunharam o colapso do estado judeu.

MARCOS 13.14-37

“Vigiai!” A Queda de Jerusalém (vv. 14-23). Essa abominação tinha sido predita em Daniel 9.27. Josefo diz que os romanos levaram seus estandartes para dentro do templo, e lhes ofereceram sacrifícios, e proclamaram Tito imperador. É provável que venha a ocorrer ainda um futuro cumprimento dessas significativas palavras. As casas, no Oriente, têm escadas na parte externa, de modo que, os moradores, vendo o perigo que se aproxima, podem fugir sem ter de passar por dentro de casa (v. 15). Os incrédulos devem, aos eleitos que habitam entre eles, mais do que imaginam (v. 20). Não nos deixemos enganar quando surgirem falsas doutrinas ou falsos mestres; há, também, falsos cristos (v. 22). *A Segunda Vinda* (vv. 24-27). Esses sinais podem referir-se à desorganização do governo político ou mesmo a convulsões dos elementos. O ministério dos anjos era muito real para Jesus, e a função deles nos tempos futuros está claramente definida. Como Enoque foi trasladado antes do dilúvio, assim os santos serão arrebatados antes dos sofrimentos derradeiros (1 Ts 4.14-17). “Esta geração” pode referir-se ao fato de que o povo judeu permanecerá como um povo dis-

tinto. O Senhor havia de tal modo se esvaziado que, em sua natureza humana, não sabia a hora, e estava satisfeito de saber apenas o que o Pai lhe dissera. Ele retomou a glória do conhecimento que tinha antes de todos os mundos. Já encontramos nossa tarefa? Vigiemos!

MARCOS 14.1-16

Uma Oferenda de Amor. Esse belo incidente aconteceu na tarde de terça-feira da semana da crucificação, enquanto os principais sacerdotes estavam reunidos na casa de Caifás tramando a morte do Senhor (Mt 26.3-5). É provável que Simão tivesse sido curado por Jesus, e a festa foi realizada em sua casa, por ser maior que a de Marta. Jesus era amigo íntimo de Lázaro e de suas irmãs, e essa mulher cujo nome não é citado era Maria (Jo 12.2,3). O alabastro se assemelhava com o mármore branco, e o perfume estava cuidadosamente lacrado para preservá-lo. Seu custo representava o trabalho de trezentos dias (Mt 20.2). Os corações insensíveis, sem amor, não podem compreender o dispêndio do amor — consideraram-no um desperdício; mas Jesus se apressa em defender os seus! Provavelmente, de todos os seus seguidores, só Maria tinha compreendido as referências de Cristo à sua morte, e, como não podia estar presente na ocasião para efetuar os derradeiros ofícios de amor, ela os realizou antecipadamente. Judas, que liderou a murmuração, provavelmente o fez levado pelo contraste que havia entre o espírito de Maria e o dele próprio. Observemos a delicadeza da censura de Cristo.

Os dois enviados para preparar a Páscoa eram Pedro e João (Lc 22.8). Podemos, muitas vezes, ser guiados por incidentes triviais — estejamos alerta quanto a eles. Uma palha pode indicar a direção da correnteza. O dono do aposento era, provavelmente, um discípulo secreto de Jesus, como aquele que emprestou o jumentinho. A versão de Almeida (revista e atualizada) diz “o meu aposento”. É maravilhoso quando o Mestre se sente à vontade para lançar mão das nossas posses.

Não pede ele o quarto de hóspedes de nossa vida interior? Será que esse aposento está à disposição dele?

MARCOS 14.17-31

A Última Ceia. Os dois discípulos fizeram os preparativos, voltaram a Betânia e, mais tarde, o grupo inteiro entrou junto no cenáculo. A refeição simples, consistindo do cordeiro pascal, de pães não levedados (pães asmos), ervas amargas e vinho, se processava de acordo com o modo usual, entremeada com o cântico do Halel (Sl 113-118). Como é bom não sermos alvo da acusação “Tu és o homem”, quando indagamos: “Porventura sou eu?” É pouco provável que aqueles cujo coração fica apreensivo face à possibilidade de traição sejam capazes desse ato. Na instituição da ceia do Senhor (vv. 22-25), Jesus deu graças pelo pão e pelo vinho (Lc 22.19,20; 1 Co 11.24,25). Precisamos entender suas palavras no versículo 22 no mesmo sentido em que ele diz: “Eu sou a porta das ovelhas”. Aqueles que, dignamente, recebem os elementos materiais, ao mesmo tempo participam espiritualmente das coisas que eles representam. Jamais deixemos de lembrar, na ceia do Senhor, que ela é o sinal e o selo do novo pacto feito entre Deus e Cristo em nosso favor. (Veja Hebreus 8.) Quanto ao versículo 27, compare com Zacarias 13.7. Com nossa força de vontade apenas, não temos condições de suportar as horas mais difíceis das provações. Para isso, precisamos do Espírito Santo. Só Marcos menciona do aviso do duplo cantar do galo.

MARCOS 14.32-52

Sozinho na Hora do Sofrimento. Quando a alma está acabrunhada, ela procura estar só, ainda que não muito longe da simpatia e do socorro humano. Os três mais íntimos podiam estar por perto, mas, nem mesmo eles, eram capazes de compartilhar da profunda angústia do Mestre, que era tão intensa que chegava a ameaçar-lhe a própria vida. Jesus clamou àquele que podia salvá-lo de morrer antes do julgamento e da sentença, e foi salvo daquilo que temia.

O Senhor não se esquivava ao so-

friemento físico, mas ao horror de levar sobre si o pecado da raça humana, de expiar o pecado pelo sacrifício de sua própria vida. Seus discípulos falharam para com ele, mas como ele se submeteu à vontade do Pai, seu espírito se levantou triunfante. Os discípulos fugiram o mais depressa que podiam. Se ao menos eles tivessemorado teriam ficado firmes e inabaláveis. Há boas razões para se supor que o moço aqui mencionado era o próprio Marcos.

MARCOS 14.53-72

Um Simulacro de Justiça. Uma comissão dos principais sacerdotes aguardava o resultado da traição de Judas, na casa de Caifás. Eles já tinham resolvido o que fazer, mas o julgamento formal era necessário. O depoimento das testemunhas falsas não reunia evidências suficientes para uma condenação, e o Senhor mantinha um digno silêncio. Aquilo era demais para Caifás que fez seu prisioneiro responder sob juramento. O Senhor não fez qualquer tentativa para esquivar-se do assunto ou desviar-se da provocação, mas replicou: “Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu”. (Veja Salmo 110.1 e Daniel 7.13.) Seguiu-se, então, uma cena vergonhosa (v. 65). Mas o Senhor, agindo como um dos mais desamparados dos homens, não se permitiu usar seus extraordinários poderes. A vívida história da negação, fato que aconteceu no pátio dos serviços por ocasião do julgamento, provavelmente foi dada ao evangelista pelo próprio Pedro. Que contraste entre a força do Mestre e a fraqueza do discípulo! Contudo Pedro foi perdoado e feito o apóstolo do Pentecoste! Há esperança para nós!

MARCOS 15.1-21

A Escolha da Multidão. A apressada consulta noturna foi seguida por uma reunião mais formal pela manhã; e mesmo a decisão não tinha força legal enquanto não fosse ratificada por Pilatos, o governador romano que estava em Jerusalém na ocasião. João apresenta um relato mais pormenorizado dessa memorável entrevista (18.33-38).

O Senhor não defendeu sua própria causa, mas entregou-se Àquele que julga retamente (1 Pe 2.23). Somente quando Pilatos fez perguntas para sua orientação pessoal foi que Jesus procurou ajudá-lo e, a seguir, recaiu em silêncio. “... e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca”. Homens como Barabás, a personificação da força bruta, são sempre os favoritos da multidão. Levando o povo a optar apenas entre o assassino e Jesus, Pilatos esperava induzir aquela gente a pedir a libertação daquele que amava aos homens e buscava ajudá-los. Mas ele não levou em conta a malícia de que os homens são capazes. Talvez ele esperasse que as marcas de extremo sofrimento atenuassem o ódio deles. Tivesse apelado para uma alcatéia de lobos famintos e daria na mesma! A “púrpura” de Jesus simbolizava a realeza conquistada com sangue; “espinhos”, porque seu diadema foi conquistado pelo sofrimento; o “caniço”, porque ele pode usar a mais frágil vida para vencer grandes problemas. Feliz é o homem que compartilha da cruz de Cristo! Simão era africano, provavelmente um negro, e esse incidente mudou sua vida (Rm 16.3).

MARCOS 15.22-47

Um Rei na Sua Cruz. A poção preparada pelas mulheres de Jerusalém, cuja finalidade era entorpecer os que eram crucificados e, assim, atenuar a sensibilidade à dor, foi recusada pelo Senhor porque ele teria de sorver o cálice até às escórias. Eram nove horas da manhã quando ele foi pregado à cruz. Seus perseguidores pensavam estar destruindo o templo acerca do qual ele tinha falado em João 2.19, e tornando impossível sua restauração. Na realidade, eles estavam lhe proporcionando a oportunidade de cumprir sua grande predição. A natureza cobriu o rosto para não ver aquele terrível espetáculo. O Senhor passou debaixo da negra sombra do pecado humano. O acesso ao Santo dos Santos está aberto para sempre devido à entrada do nosso grande Sumo-Sacerdote. (Veja Hebreus 9.7,8.) Notável o amor que inspirou as mulheres (v. 40) a enfrentar os horrores da

cena! E é bom ver como Deus cuida do corpo bem como do espírito dos seus amados! (Para estudos adicionais acerca de José, veja Mateus 27.57 e Lucas 23.50,51.) Nascido do ventre da virgem, o Senhor foi sepultado num túmulo virgem.

MARCOS 16

O Poder de Sua Ressurreição. Na luz indefinida da madrugada, as mulheres enfrentaram os perigos de uma cidade oriental, dirigindo-se apressadamente ao sepulcro. Quantas vezes procuramos Cristo na sepultura de velhas experiências ou de ritos mortos e vazios; e quantas vezes alimentamos temores que não têm fundamento! No túmulo onde Cristo havia sido colocado, estava sentado um moço vestido com uma roupagem brilhante; assim, da morte

vem a vida. Certamente o jovem era um anjo; no entanto, a figura do jovem é sugestiva. Um resultado da ressurreição do Salvador foi que incontáveis jovens, vestidos com as vestas da pureza, saíram para brilhar neste mundo de trevas, anunciando que Cristo vive.

O ministério da Galiléia e de Jerusalém chegara ao fim, mas o Mestre vai adiante em busca de novas vitórias nos Atos dos Apóstolos. Observe o extraordinário poder da fé e os sinais que a acompanham quando manifestada em simplicidade e pureza; os demônios não podem resistir-lhe, as serpentes se tornam inofensivas, e caudais restauradores fluem do contato com ela. Conservemos os olhos fixos no Cristo ressurreto assentado à destra de Deus, e creiamos que ele está sempre em ação ao nosso lado, confirmando as nossas palavras (Hb 2.4).

O EVANGELHO SEGUNDO

LUCAS

A Vida Humana do Filho de Deus



PREFÁCIO 1.1-4.

1. NASCIMENTO E COMEÇOS 1.5-2.52.
 - a. O nascimento do precursor 1.5-25, 57-80.
 - b. O nascimento de Jesus 1.26-56; 2.1-20.
 - c. Infância e crescimento 2.21-52.
2. A VIDA DEDICADA À NECESSIDADE HUMANA 3.1-18.30.
 - a. O ministério do precursor 3.1-20.
 - b. O batismo e a tentação de Jesus 3.21,22; 4.1-13.
(A genealogia 3.23-38.)
 - c. O ministério galileu 4.14-9.50.
A escolha dos doze apóstolos, o sermão da planície, diversos milagres.
 - d. Viagem para Jerusalém 9.51-18.30.
O envio dos setenta, parábolas sobre a oração, misericórdia e julgamento.
3. A VIDA REJEITADA PELO ÓDIO HUMANO 18.31-22.7.
 - a. A última viagem a Jerusalém 18.31-19.27.
 - b. A entrada triunfal — a purificação do templo 19.28-48.
 - c. Parábolas sobre o juízo final, perguntas, ensinamentos acerca das últimas cousas 20.1-21.38.
 - d. A transação de Judas 22.1-6.
4. A VIDA SACRIFICADA PELO PECADO HUMANO 22.7-23.56.
 - a. A última ceia e a agonia no jardim 22.7-46.
 - b. A traição 22.47-53.
 - c. Os julgamentos de Jesus: o judaico e o romano 22.54-23.25.
 - d. A crucificação e o sepultamento 23.26-56.
5. A VIDA NOVAMENTE MANIFESTADA E GLORIFICADA 24.1-53.
 - a. A visita das mulheres ao túmulo 24.1-12.
 - b. No caminho de Emaús 24.13-35.
 - c. A aparição aos onze 24.36-49.
 - d. A ascensão 24.50-53.

INTRODUÇÃO

O terceiro Evangelho é o mais extenso. É provável que tenha sido escrito na Grécia, para pessoas de língua grega, por Lucas, um médico gentio, que não tinha sido testemunha ocular dos fatos que descreve, mas que se empenhou seriamente no sentido de informar-se bem acerca dos fatos que lhe haviam sido relatados por testemunhas oculares. (Veja 1.1-4.) Reza velha tradição que Lucas escreveu sob a direção de Paulo, de quem foi companheiro, após os acontecimentos narrados em Atos 16.

Esse Evangelho tem sido apontado também como o mais cuidadosamente elaborado dos três evangelhos narrativos, e constitui uma resposta para as indagações que surgiriam naturalmente, entre pessoas cultas que tivessem ficado impressionadas com a singular beleza da cruz. Ninguém podia compreender melhor do que o grande apóstolo Paulo a necessidade de uma resposta ampla a tais indagações e de uma história autorizada narrando o surgimento e o progresso do evangelho de Cristo. Lucas se alonga principalmente nos incidentes iniciais da vida do Senhor. Alguns estudiosos concluíram que as formas gregas das frases indicam uma narração direta de Maria relatando-lhe aquelas sagradas lembranças que guardava no coração. Há muitos lugares onde o escritor usa termos médicos, etc., que os outros evangelhos não mencionam, o que mostra sua cultura médica.

Lucas enfatiza a universalidade do evangelho de Cristo. Ignora todo privilégio de raça ou casta ou cultura, e reconstitui a genealogia do Senhor até Adão. Assim é que, de todos os evangelistas, ele é o único que se detém na mensagem de João Batista: "... e toda a carne verá a salvação de Deus". No mesmo espírito, registra as parábolas do capítulo 15, bem como a da grande ceia, e contrasta a ingratidão dos nove leprosos judeus com a gratidão do samaritano. Este Evangelho é, de forma toda especial, o da esperança e do amor, da compaixão e da fé.

COMENTÁRIO

LUCAS 1.1-13

O Começo das Boas-Novas. Os versículos de abertura são muito claros. Constituem resposta satisfatória para aqueles que questionam a narrativa do nascimento sobrenatural de nosso Senhor bem como de seus primeiros anos. Lucas não pegou a primeira lenda que encontrou dentre as muitas que circulavam na época. Não; ele fez uma investigação cuidadosa. As palavras do versículo 3: "depois de acurada investigação de tudo desde sua origem", são traduzidas por Weymouth da seguinte maneira: "após cuidadosa investigação dos fatos desde seu início".

Que nosso Senhor deveria associar-se à nossa raça sob condições especiais e sobrenaturais era como se esperava; mas a historicidade desse fato se firma principalmente nas cuidadosas investigações do "médico amado", que teve o abono de Paulo.

Os sacerdotes eram divididos em vinte e quatro grupos e se revejavam nos serviços do templo, um grupo por semana, sendo que a tarefa de cada sacerdote era decidida por sorteio (1 Cr

24). Mais doce do que o incenso que ele colocava sobre as brasas, fora a própria oração de Zacarias, celebrada no nome dado a seu filho: "dom gracioso de Deus" (Êx 30.78; Ap 8.34).

LUCAS 1.14-25

O Precursor. Assim que abrimos esse Evangelho sentimos a riqueza de uma nova era. O país estava cheio de anarquia, confusão e paixões desenfreadas, mas havia muitos que "falavam uns aos outros" (Mt 3.16). Eles constituíam a tranqüilidade na terra, eram os que esperavam a redenção de Israel (Lc 2.38).

A separação do nazireu era, nos casos comuns, temporária e voluntária; mas Sansão, Samuel e João Batista eram nazireus desde o nascimento. Assim como o leproso era o símbolo vivo do pecado, o nazireu o era da santidade. Não ingeria álcool, não fazia uso de navalha, nem admitiria contaminação cerimonial (Nm 6). A missão de João Batista era trazer de volta o antigo espírito da religião e preparar o caminho do Messias.

Observe a grande e nobre posição de Gabriel, assistindo diante de Deus, e compare com 1 Reis 10.8; 17.1 e Lucas 21.36. A incredulidade nos priva da possibilidade de dar testemunho de Jesus. Mas, quando a fé está em pleno exercício, a língua do mudo canta.

LUCAS 1.26-38

O Messias Prometido. A narrativa é despretensiosamente simples e natural e, por isso mesmo, alcança seu objetivo. Nenhum gênio humano poderia tê-la inventado. Compare-a, por exemplo, com os quadros da anunciação pintados pelos grandes mestres, todos cuidadosamente adornados. O fato de que crianças e sábios de igual modo apreciam essa história é indicação de sua humanidade e divindade.

A uma virgem simples e inocente é concedida a suprema honra do mundo feminino. A escolha foi feita unicamente pela graça. O Espírito-Criador operou esse milagre divino. O aparecimento do Salvador em meio à humanidade foi um ato direto e imediato da Divindade, no que diz respeito ao seu corpo; mas, quanto ao seu espírito, o esvaziamento voluntário se deu por sua própria iniciativa, como ensina Paulo (Fp 2.7). “E o Verbo se fez carne.” Não se tratava de uma apropriação transitória da aparência de humanidade, mas de uma fusão real do divino e do humano naquela santa criatura que ia nascer. Aqui estava o princípio de uma nova humanidade, a ser reproduzida em todos os que creem, até que a terra se encha dos “filhos de Deus” (Rm 8.14).

LUCAS 1.39-56

O Cântico da Virgem-Mãe. Zacarias morava numa cidade levítica na região montanhosa de Judá. A narrativa nos dá a entender que não houve, entre as duas mulheres, nenhuma comunicação anterior relativa ao que havia acontecido. Ao se saudarem, foram ambas guiadas e ensinadas pelo Espírito.

Não há a menor dúvida de que Maria vivia em íntima familiaridade com as Escrituras. Ela havia se emocionado profundamente com as radiosas promessas messiânicas muitas vezes e rogara a Deus que socorresse seu povo e

enviasse o Salvador. Agora que essa bênção lhe fora concedida, ela expressava seu agradecimento, não somente sob a direta inspiração do Espírito Santo, mas, também, usando expressões bíblicas largamente conhecidas. Nenhuma outra teria sido satisfatória. Compare o cântico de louvor de Ana, produzido em circunstâncias semelhantes (1 Sm 2.1-10). Esse cântico de Maria recebeu o título de *Magnificat* pelo fato de, na versão latina, começar com essa palavra. Maravilha e louvor, humildade e exultação, adoração e congratulação — essas cores de fundem uma na outra no coração dessa jóia.

LUCAS 1.57-80

O Cântico no Nascimento do Anauto. Esse cântico só fica a dever ao de Maria. É uma ode nobre, que leva o advento do Senhor a remontar ao primitivo pacto de Deus com os patriarcas e antevê seus efeitos até ao fim dos tempos.

É salutar aplicarmos o cântico a nós mesmos e nos perguntarmos até que ponto já participamos dessas grandes bênçãos. Estamos tendo experiência dessa salvação diária frente a nossos inimigos espirituais que nos odeiam? Servimos nós a Deus sem o temor servil do escravo mas com a dedicação leal da criança? Nossos dias são caracterizados pela santidade para com Deus e retidão para com os homens? Será que “o sol nascente das alturas” visitou nosso coração, e nossos pés estão andando no caminho da paz? São perguntas solenes essas, mas precisamos fazê-las a nós.

LUCAS 2.1-14

Nasceu o Salvador da Humanidade. A mansidão e seu precioso ocupante estão entre as mais carinhosas lembranças de nossa infância; e, à medida que a relembramos no decorrer dos anos a maravilha sempre cresce. “Grande é o mistério da piedade: Deus foi manifestado na carne” (1 Tm 3.16 — A. V.).

Que grupo estranho encontramos ali! Os pastores, com sua admiração ingênua; os anjos vindos dos páramos da glória; os reis magos com seus presentes; santos idosos como Simeão e Ana. O certo é que o desejado de todas as nações está ali! Roguemos que o Senhor

da glória descendesse em nascer no vil estábulo de nosso coração, transformando-o num palácio!

Notemos como, para levar Maria a Belém, o Senhor de todos os imperadores pôs em movimento o maquinismo da Providência e da História. O que não pode ele então fazer por nós e por sua Igreja!

LUCAS 2.15-24

Boas-Vindas, Nome e Apresentação. De abril até por volta de outubro, os rebanhos pastavam durante a noite nos campos. Diante disso, é provável que o Senhor tenha nascido ou muito antes ou muito depois de dezembro. Sem dúvida esses pastores estavam, como Simeão, “esperando a consolação de Israel”, e sua pureza de vida aliada à sua simplicidade de alma os qualificavam para receber a feliz notícia que os anjos traziam. Primeiro, a simplicidade e, depois, a ciência (Mt 2), conseguiram chegar à presença de Jesus.

O ato da circuncisão, apontava para a obrigação que o Senhor tinha de cumprir toda a Lei (Gl 5.3). Ele nasceu “sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei” (Gl 4.4,5). Maria só podia oferecer a oferta prescrita para os de pequenos recursos (Lv 12.6-8; 5.7-11 e 2 Co 8.9). O nome precioso de Jesus — “Salvador” — é o nome que está acima de todo nome (At 4.10-12).

LUCAS 2.25-39

A Bênção Profética do Idoso Simeão. Dois observadores idosos deram as boas-vindas ao Rei; mas, ninguém mais, de toda a multidão que ia e vinha, se deu conta de que o Mensageiro da Aliança havia repentinamente visitado o seu templo (Mt 3.1-3).

No Círculo Ártico, no verão, o visitante contempla no mesmo céu o magnífico espetáculo dos matizes do pôr-do-sol e do nascer do sol. Desaparecendo no horizonte apenas por breve momento, o sol poente deixa atrás de si o rastro glorioso do crepúsculo, e a aurora banha as nuvens do oriente com a refulgência do sol nascente. Poente e nascente se encontraram quando Simeão tomou Jesus nos braços. Ali estava a glória da era que se ia e a da nova era

cristã que permanecerá para sempre com um pleno meio-dia.

Observe os círculos concêntricos do caráter de Simeão: “um homem”; “um homem em Jerusalém” — isto é, um judeu; justo para com o próximo; devoto para com Deus; esperava o Messias; ungido do Espírito; recebeu uma “revelação”; Cristo em seus braços. O que mais se poderia dizer?

LUCAS 2.40-52

O Menino Jesus no Templo. “Florzinha solitária”, diz Stier, referindo-se a esse incidente, “colhida no maravilhoso jardim fechado dos trinta anos e arrancada precisamente quando o entreaberto botão, na idade de doze anos, estava prestes a abrir-se em flor.”

O incidente é ainda mais valioso como indicativo da perfeita compreensão entre o Senhor e sua mãe. Ele se admirou de que, conhecendo-o como o conhecia, ela pudesse tê-lo perdido ou tivesse se esquecido de procurá-lo na casa de seu Pai. A ênfase está no “Não sabeis...?” Aqui, entretanto, ele deu a impressão de assumir uma nova atitude em relação à missão de sua vida. Não se poderia dizer que ele percebeu o caráter absorvente de sua missão, à qual tudo o mais devia estar subordinado?

Jamais “suponhamos” que estamos na companhia de Jesus quando, de fato, podemos tê-lo perdido. Não descansemos enquanto não voltarmos a nos encontrar com ele!

LUCAS 3.1-14

Um Pregador de Retidão. O evangelista apresenta um imperador, um governador, dois sumos sacerdotes e três tetrarcas em poucas linhas, como sendo de menor interesse se comparados com um homem, o filho do deserto, cuja vinda marcou uma nova era e a quem ele dedica o restante do capítulo. Afinal de contas, são os homens religiosos que, na realidade, fazem a história da humanidade.

“... veio a palavra de Deus a João... Ele percorreu...” Esta é a ordem verdadeira. Recebamos a mensagem para depois partirmos. É muitas vezes no deserto da vida que encontramos as palavras de Deus. Para que possamos

dominar homens é preciso, primeiro, dominarmos os apetites do nosso próprio corpo. Se procurarmos popularidade, nós a perderemos; se buscarmos fazer a vontade de Deus, é quase certo que os homens virão à nossa procura. Sejamos autênticos! Entremos em contato com a verdade! Não tenhamos temor do homem!

LUCAS 3.15-23

Silenciado o Amuto: o Messias Aparece. Somos informados de que o aparecimento de João ocorreu no ano sabático, quando o trabalho do campo era suspenso e as pessoas tinham um pouco mais de folga. Em seu anseio por Deus, por realidade e verdade, João nada pedia de ninguém; mas todos estavam prontos a dar-lhe qualquer coisa. A impressão que ele causou em sua época deveu-se à sua dedicação desinteressada ao reino que chegava e ao seu Rei. As grandes cidades saíram ao vale do Jordão. Os jovens de Genesaré abandonaram seus barcos de pesca para vir assentar-se aos pés de João. O “espírito e o poder de Elias” estavam sobre ele. Todas as classes sentiam que sua mensagem alcançava suas necessidades, e se submetiam à sua direção.

Mas, como foi humilde sua atitude diante de Jesus! A voz que, como um furacão, havia arrebatado as multidões, assumiu um tom de sussurro. O Senhor aceitou-o em sua comunhão: “assim nos convém” (Mt 3.15). O porteiro abriu a porta e reconheceu que quem entrava era o verdadeiro Pastor (Jo 1.32-34).

LUCAS 4.1-13

A Tentação Tripla. Assim como as águas do Jordão dividem a Terra Santa, também o batismo de nosso Senhor divide sua santa vida. Naquele ato ele se identificou com o pecado do mundo; e, agora, como o Sumo Sacerdote que tinha de lidar com o pecado e com pecadores, ele devia “em todas as coisas” ser tentado, e provado “à nossa semelhança”. Ele foi para o deserto como um homem de carne e sangue, semelhante a seus irmãos em todos os pontos, embora sem pecado. Ele preferiu travar sua grande luta, como Filho do homem, sem fazer uso de seus atributos divinos.

Onde o primeiro Adão caiu, o segundo deve manter-se de pé.

Primeiro, ele não podia usar seu poder divino para sua satisfação pessoal. Segundo, ele conquistaria seu reino por meio da cruz. Terceiro, devia viver dentro das limitações do mundo em que entrara (Hb 2.16,17).

LUCAS 4.14-30

“*Os Seus Não o Receberam.*” Aqui ocorre uma lacuna que abrange os importantes acontecimentos registrados em João 1.29-4.54.

Que emoção para o coração de Maria ver seu filho assentado no lugar do mestre da sua sinagoga; que satisfação sentiu pelo acolhimento dado às palavras iniciais! E, que dizer da espada que penetrou em seu coração ante a reviravolta de atitudes?! Eles se mostraram enciumados por ter ele operado apenas uns poucos milagres; mas ele não pôde fazer mais por causa da incredulidade deles. (Veja Marcos 6.5.)

Note-se que o Senhor, aqui, fez ressoar a trombeta de prata do jubileu. Aproveitando as imagens evocadas pelo mais alegre festival da vida hebraica, ele se identificou com a de um sacerdote proclamando “o ano aceitável do Senhor”. Não era ainda o “dia da vingança”! Compare o versículo 19 com Isaías 61.1,2. Esse é o programa de Cristo para a era presente.

LUCAS 4.31-44

Médico e Pregador. Anos depois, um espírito maligno gritaria: “Conheço a Jesus” (At 19.15). É evidente que o Senhor não era apenas “contemplado por anjos”, mas atentamente vigiado pelos espíritos decaídos, que testemunhavam cada ato seu, bem como ouviam toda palavra dita por ele. Que veredito notável o que aparece no versículo 34! Os que conhecem o mal mais a fundo estão bem certos do tormento final que espera os que o praticam; e sabem reconhecer um homem santo. O Senhor tinha vencido o príncipe dos demônios e, portanto, podia dar ordens aos seguidores deste.

Nós precisamos ser libertos da febre das paixões, contraída nos pantanais de nossa vida; receber de Cristo a imposição de mãos sobre as nossas enfer-

midades e feridas; ser libertos das coisas más que infestam nosso coração. Devemos, então, ajudar o Senhor em serviços semelhantes. Mas se ele necessitou de tranquilos momentos de oração, nós também precisamos (v. 42).

LUCAS 5.1-11

Novos Pescadores de Homens. Este não foi o primeiro chamado — que, aliás se acha registrado em João 1.35-42 — mas um outro que precedeu a designação deles para o apostolado.

O Senhor sempre nos sobrepuja. Sobrepujou Pedro no comando do barco em que ele navegava desde que era rapaz. Há sempre um ponto crítico para a alma. Você está disposto a entregar a Cristo o comando de sua vida e deixar que ele seja o seu capitão? Se for assim, ao surgirem grandes dificuldades — porque os peixes, em geral, não são apanhados no dia claro — ele encherá seu barco até à borda. Ele vai além de tudo o que pedimos ou pensamos.

Cristo não fica em débito com ninguém. Se lhe prestarmos nosso barco, ele o devolverá abarrotado de peixes. Os barcos ficaram cheios; o Espírito Santo encheu o cenáculo; e tudo o que Marta fez para hospedar Jesus teve compensadora paga quando Lázaro foi ressuscitado.

E no dia de Pentecoste, quando Pedro com sua rede recolheu 3.000 almas, não estava cumprida a promessa de nosso Senhor? O “afastar-se um pouco” (v. 3) é o início de longas viagens e de pescarias com Cristo!

LUCAS 5.12-26

Purificação, Poder e Perdão. Jesus não hesitou em tocar o leproso, porque não poderia sofrer a ação poluidora da impureza, assim como um raio de luz que atravessasse um ambiente malcheiroso também não a sofreria. A questão nunca é se Cristo pode ou se quer, mas se confiamos nele e se podemos crer.

A oferta mosaica era constituída de duas aves vivas, uma das quais era morta sobre águas correntes, enquanto a outra, depois de mergulhada naquela mistura de sangue e água, era solta para voar para a liberdade. Não é isso

um perfeito símbolo da alma perdoada e purificada? (Veja Levíticos 14.2-32.)

Antes, o leito transportava o paralítico, mas, depois que o poder de Jesus entrou nele, foi ele quem carregou o leito. Assim também Jesus infunde energia em nossa natureza anêmica, e nós dominamos aquilo que antes nos dominava. O milagre na esfera física, que os homens podiam comprovar, confirmou o poder de Cristo na espiritual, onde somente o homem perdoado podia realmente “saber”.

Não nos esqueçamos de nos afastar da multidão, por mais interessada que ela esteja, para que possamos orar (v. 16).

LUCAS 5.27-39

Banquete e Jejum. Mateus nada diz acerca dessa grande festa em seu Evangelho; o Espírito de Deus providenciou para que ela não fosse esquecida: “... quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?” (Mt 25.37). Se buscarmos a autopromoção, Deus deixará de reconhecer o bem que porventura tenhamos praticado; já recebemos nossa recompensa. Contentemo-nos em fazer as coisas na forma indicada por Jesus e o prometido em Mateus 6.4 se seguirá.

Não nos apeguemos aos odres velhos do passado, quer sejam antiquadas cerimônias, credos ou formulações da verdade. Deixemos que o fermento de cada grande movimento religioso, bem como de cada nova era, se expresse da sua própria maneira. Não devemos encorajar a pressa imprudente dos que querem forçar o passo e jogar fora os odres antes que estejam improntáveis. Mas, se os odres já preencheram suas finalidades e foram jogados fora, isso não afetará a vindima que está amadurecendo nas montanhas. Vá e colha o fruto que Deus está-lhe dando, coloque-o cuidadosamente em cestos, e guarde-o em novos odres.

LUCAS 6.1-11

O Uso Certo do Sábado. Foi um passo corajoso e ousado o de Jesus ao colocar-se contra as proibições ritualísticas do grupo religioso dominante de seu tempo. Possivelmente, muitos que ti-

nham tido esperanças de que ele re-dimisse Israel, devem ter-se sentido feridos por gestos que lhes pareceram não passar de uma mera e implacável iconoclastia. Mas não havia possibilidade de que os santos pensamentos de Deus emergissem em meio à massa de regras e regulamentos tacanhos com que os fariseus os tinham envolvido, a menos que o gelo do literalismo fosse quebrado com mão forte. Cristo não estava destruindo a religião, mas libertando-a do formalismo. Sejam os verdadeiros e autênticos!

A séria questão hoje em dia é saber se, em nossa revolta contra o rigor puritano quanto à guarda do domingo, não fomos para o outro extremo. A Igreja de Deus terá que tomar a posição de guardar o dia do Senhor, não só por amor a Deus, mas também por amor às massas, que estão ameaçadas por uma semana de sete dias de trabalho. O sábado foi feito para o homem; ele necessita desse dia. Se Deus o fez para ele, os filhos de Deus devem preservá-lo.

LUCAS 6.12-26

Novos Líderes e Novos Príncipios. Há três círculos aqui: primeiro, Cristo e seus apóstolos — os homens que seriam enviados a todo o mundo para pregar o evangelho e lançar as bases da Igreja. Esses homens simples estavam longe de imaginar que, um dia, seus nomes seriam inscritos nos alicerces da nova Jerusalém!

O círculo seguinte é o dos discípulos (v. 17). Precisamos ser discípulos para podermos ser apóstolos. Para ensinarmos, precisamos primeiro aprender. Devemos assentar-nos aos pés de Jesus até o dia em que ele nos convoque a sair da classe para ir pregar ao mundo. A ovelha se transforma em pastor.

O terceiro e grande círculo exterior é formado pelo mundo pobre e necessitado. Que afluência de gente enferma! Se aquelas pessoas ao menos tivessem consciência das suas doenças espirituais também, aproximar-se-iam, com igual ansiedade, de Jesus. Como é maravilhoso aquele toque secreto (v. 19).

Muitos ainda o tocam em meio à multidão.

LUCAS 6.27-38

Como Tratar Nossos Semelhantes. A versão de Lucas do Sermão do Monte difere da de Mateus apenas em que cada um aprecia o grande discurso do seu ponto de vista pessoal. Por um, é visto como o manifesto do Rei; pelo outro, como a proclamação do “Homem Cristo Jesus” aos homens.

Notemos o segredo da bem-aventurança! Aqui está o retrato de uma vida de bênçãos abundantes, transbordando de misericórdia e benignidade. Com a medida com que medirmos o amor que damos aos outros, eles, por sua vez, medirão seu amor para conosco.

Cada uma dessas bem-aventuranças é uma porta de entrada para a bênção. Não que a bênção seja uma recompensa à virtude, mas esse é invariavelmente o resultado da vida virtuosa. Devemos ser bons, apenas porque isso é certo e agrada a Deus; a vida bem-aventurada será então tão natural quanto o viço é ao pêssego.

LUCAS 6.39-49

O Teste que Revela o Caráter. Sim, é verdade! Algum dia seremos aperfeiçoados. O longo período de disciplina e preparo estará encerrado e nós poderemos fechar os livros e ir para casa. Será, então, constatado que somos semelhantes a Cristo, nosso Senhor. A promessa do versículo 40 é muito bela, embora às vezes nos pareça que sua concretização está muito distante.

Antes de julgar ou condenar os outros, precisamos olhar para nós mesmos. É um lastimável desperdício preocupar-nos com os olhos dos outros quando temos um defeito nos nossos. Quem é daltônico não deve querer dirigir veículos. Nossas palavras revelam quem somos; somos aquilo que dizemos. Quem se apressa a julgar e discutir as faltas de outros, procede assim por causa de sua experiência pessoal em relação ao mesmo pecado. De que outra forma ele poderia saber tanto a respeito daquilo?

A rocha não é a Igreja, nem a doutrina, nem mesmo a Bíblia, mas Cristo (Is 28.16).

LUCAS 7.1-10

A Surpreendente Fé de um Estrangeiro. É interessante encontrar essas flores silvestres de fé, humildade e amor naturais, crescendo fora do jardim tão cuidadosamente cultivado da religião judaica. Deus nunca esteve sem testemunhas entre as outras nações. Recordamos Ciro, no Antigo Testamento (Is 45.1-7), e Cornélio, no Novo (At 10.1-8). “Em qualquer nação” (At 10.35). Mas, naturalmente, a propiciação de Cristo constitui a base para a salvação de todos os homens (Rm 3.25).

Por estar o centurião debaixo da autoridade de Roma e lhe ser leal e obediente, ele era capaz de exercer autoridade. Seguro de que Cristo era obediente e leal a Deus, ele sentia que Cristo, também, era capaz de exercer autoridade sobre quaisquer forças, e principalmente sobre as que estavam ferindo e torturando vidas humanas. Procuremos ser servos de tal modo obedientes que Cristo possa também ter condições de dizer-nos, com a certeza absoluta de que obedeceremos: “Vai” e “Vem” e, principalmente, “Faze isto”.

LUCAS 7.11-23

Deus Visitou o Seu Povo. Naim ficava nas proximidades da planície de Esdrelom, nas encostas do Pequeno Hermom. Dois grupos ali se encontraram — o dos que iam com Cristo e o dos que iam com a morte (vv. 11 e 12). Ele enxuga as lágrimas removendo a causa delas. Quando os jovens estão sendo levados por seus companheiros para as sepulturas do pecado, é assim que o Mestre os detém (Ef 5.14). Há uma tripla graduação no poder que ele exerceu: em relação à filha de Jairo, que acabara de morrer; a esse moço, que ia sendo levado para ser sepultado; e a Lázaro, morto havia três dias. A depressão nervosa de João, causada por sua prolongada detenção na sombria fortaleza de Maquero, a leste do mar Morto, e o fato de Jesus não haver mandado libertá-lo, constituíam a dupla raiz dessa sua lamentável dúvida quanto à posição

que assumira às margens do Jordão, quando reconhecera e apontara o Cordeiro de Deus. Mas o Senhor não o censurou; ele compreendia (Sl 103.9). Seus milagres de misericórdia e poder constituem suas evidências mais marcantes, e, assim, deixou que João chegasse às suas próprias conclusões (Is 35.5,6). Possamos nós alcançar a bem-aventurança dos que não acham em Cristo motivo de tropeço, que confiam nele ainda que não se apresse em libertá-los da maneira como esperavam!

LUCAS 7.24-35

Um Grande Homem e Outro Ainda Maior. O Mestre escolheu esse momento de desalento de João para fazer um alto elogio ao seu caráter corajoso, sua indiferença às seduções do mundo e sua divina comissão. Quando dizemos coisas duras a nosso próprio respeito, é possível que Deus esteja-nos julgando com infinita ternura e sabedoria. O céu não nos avalia por nossas disposições momentâneas. Mas o menor dos cristãos da era da Igreja tem um conhecimento mais claro de Cristo e um relacionamento mais estreito com ele do que tinha João Batista. Ele era um servo; nós somos irmãos, filhos, herdeiros (Rm 8.16,17).

Se deixarmos de aceitar e cumprir os aspectos mínimos do nosso dever, a exemplo do apelo que fez João Batista, então Cristo nada nos aproveitará. Aceitemos a luz pálida da estrela da manhã e ela nos levará ao raiar do dia.

É inconveniente para nós o seguir as variações do capricho humano. Se agradarmos a um lado, desagradaremos ao outro. Existe apenas um caminho a seguir na vida, e esse consiste em fazer a vontade de Deus; nisso, afirma Dante, está a nossa paz. Mas os filhos da sabedoria a reconhecem de modo igual na ansiedade de João Batista e na graça do Filho do homem.

LUCAS 7.36-50

O Amor Agradecido do Pecador Perdoadado. Que trio! Cristo aparece aqui ilustrando como o amor divino se manifesta entre pecadores. O amor de Deus não depende dos nossos méritos. Ele não se afasta de nós por causa de nossos pe-

cados: “ela é uma pecadora”. Ele sempre se manifesta como o resgatador de débitos. Mas exige reconhecimento e serviço: “não me deste ósculo”.

A mulher representa os que, penitente e amorosamente, reconhecem o amor divino. Não foi por causa de seu amor a Cristo que ela foi perdoada; seu amor foi o sinal de que ela fora perdoada e de que reconhecia isso. O que não fará o amor de Deus! O sol tropical produz frutos preciosos. O que Jesus fez por ela pode também fazer pelos nossos muitos pecados. O perdão gera muito amor, e o amor se torna a porta do conhecimento e a fonte da obediência.

Simão, o fariseu, representa aqueles que são faltos de amor, cheios de justiça própria, e ignoram o amor de Deus. Podem ter uma vida respeitável, uma moralidade rígida e uma ortodoxia inatacável; mas de que vale tudo isso sem amor? (Veja 1 Coríntios 13.) Notemos os contrastes entre “tu” e “ela”, “teu” e “dela”.

LUCAS 8.1-15

Vários Ouvintes da Palavra de Deus. Até aqui o Senhor havia feito de Cafarnaum seu centro de operações; agora, começava uma viagem sem pressa através da província da Galiléia, visitando as cidades e aldeias de maneira sistemática. Isso deve ter-se constituído numa excelente oportunidade para a instrução dos doze acerca de sua doutrina e métodos.

A parábola do semeador foi sugerida pelo cenário que surgia diante dele. Há um progresso nos estágios de assimilação e crescimento, identificando as várias fases da experiência humana. O sucesso ou o fracasso da pregação do evangelho depende da qualidade do solo. Em todo grupo há os endurecidos, como o caminho pisado; os impulsivos, como o terreno que tinha uma fina camada de terra sobre a pedra; os que têm o coração dividido por riquezas ou interesses, como o solo coberto de espinhos; e os que recebem com alegria e frutificam com paciência. O Senhor, por meio das parábolas, velou seu pensamento. Se desse maiores esclarecimentos apenas

aumentaria a condenação dos ouvintes desobedientes.

LUCAS 8.16-25

Ouvindo, Fazendo, Crendo. Incoerência de nossa parte, bem como palavras e atos descaridosos e desobediência ao que sabemos ser nosso dever, impedirão nossa luz de brilhar. Se Cristo acendeu sua lâmpada, confie em que ele a colocará no velador certo, de onde poderá brilhar melhor. Sua luz está acesa para iluminar!

O relacionamento mais íntimo com Jesus não é o da natureza, mas o da graça. Ouvir em seu coração a voz de Deus, ouvi-la em sua Palavra e na Providência e, então, agir na forma que ela determina, colocará você no mais íntimo relacionamento com o seu Senhor.

Se você unir sua vida a Cristo, prepare-se para enfrentar tempestades. Mas elas não o podem ferir. Homens e demônios se enraivecerao contra você; mas o poder deles é limitado. Jesus controla as ondas. “Dele é o mar, pois ele o fez” (Sl 95.5). Se ao menos você puder incluir sua pessoa e Cristo no pronome “nós” do versículo 24, nunca perecerá, mesmo que haja contra você tantos demônios quanto há telhas nos telhados das casas. (Veja Isaías 54.17.)

LUCAS 8.26-39

“Grandes Coisas” por Alguém em Grande Necessidade. A vítima. Referindo-se a apenas um endemoninhado, o evangelista queria, provavelmente, concentrar a atenção no mais proeminente dos dois que Mateus menciona. Deve ter havido alguma relação entre os elementos da tempestade e os demônios que havia nesse homem. Tudo parecia opor-se à afirmativa do Senhor quanto ao seu direito de ser obedecido. Se os demônios podiam possuir um homem com tal poder, o que não poderia Cristo se, de forma absoluta, nos submetêssemos a ele! Deve ter havido algum consentimento secreto da parte do homem, de outro modo seu coração jamais se teria transformado num quartel de demônios. Nu; vil; poderoso

para destruir! Que terrível somatório de males!

Seus dominadores. O diabo tem medo de ficar despido e preferiu estar num porco do que no abismo — que significa “sem fundo”. Uma vez que se começa a cair, quando se poderá parar? Os judeus não tinham o direito de criar porcos, fosse qual fosse o preço que os romanos estivessem dispostos a pagar (Lv 11.7). Cristo saiu de Gadará, mas deixou ali um pregador. Nós não somos tirados do mundo, mas enviados para testemunhar a ele e contra ele.

LUCAS 8.40-56

Carinhoso Ministério a Uma Moça e a Uma Mulher. A história da pobre mulher tem sido caracterizada como a de “Ninguém, Alguém e Todo o Mundo”. Ninguém, porque ela era doente e pobre e tímida. Alguém, porque ela mereceu a atenção de Cristo. Ele a curou e até mesmo atrasou sua ida à casa de Jairo, para conseguir sua franca confissão e proporcionar-lhe ainda uma palavra de paz. Todo o mundo, porque sua história não somente ajudou a Jairo, mas tem sido uma bênção para a humanidade. Nós, também, já estivemos à procura de médicos, mas só Jesus foi capaz de atender à nossa necessidade.

É angustiante ver uma criança morrer! Não é de admirar que Jairo estivesse impaciente para conseguir o auxílio de Cristo. O incidente da mulher foi permitido para que recebesse ensinamento e estímulo. Nada temos a perder por esperar quando o Senhor não tem pressa. Ao contrário, só temos a lucrar.

Cristo precisava da companhia dos apóstolos porque a fé que tinham era de valia. Não nos preocupemos com pequenos números; muitas vezes eles são a condição básica para as mais admiráveis realizações de Cristo. Ele faz o que o homem não pode fazer, e deixa que o homem faça a sua pequena parte: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

LUCAS 9.1-10

Trabalhando Através de Seus Seguidores. O ministério galileu estava-se encer-

rando. A luz que ali brilhara devia mover-se rumo ao sul até o seu ocaso, atrás da cruz. Antes de deixar a região, o Senhor fez um derradeiro esforço em favor dela. Reunindo os apóstolos, expôs-lhes seus planos, dividiu a região em seções e os enviou em grupos de dois. Não lhes deu uma investidura que fosse patente aos olhos de todos; conferiu-lhes o poder interior de expulsar os maus espíritos. Coisa alguma devia distraí-los do grande objetivo de proclamar o reino de Deus.

Parece que aqui encontramos a origem das missões médicas: seu objetivo — curar o corpo e a mente; sua autoridade — a ordem de nosso Salvador. George Eliot, sabiamente, disse certa vez: “A história da compaixão divina jamais foi acreditada quando partia de lábios que antes não tivessem sido movidos pela compaixão humana”.

Notemos como a consciência de Herodes o atormentava! Ele já começara a sentir aquele tormento que, desde Caim, sempre sobrevém ao assassino e permanece nele.

LUCAS 9.11-17

“Dai-lhes Vós Mesmos de Comer.” Cristo alimenta o mundo por meio de sua Igreja. Os discípulos receberam o pão das mãos de Jesus e o passaram às multidões famintas. É uma grande honra para nós o fato de que, embora sejamos o menor dos santos, tenhamos essa oportunidade de cooperar com o Senhor! Mas, quantas vezes, sentimos obrigados a nos preparar para o trabalho ao ver como nossos recursos são inadequados. A única coisa que nos resta fazer é colocá-los à disposição do Senhor.

Mas o pão da vida é suficiente para toda a humanidade. “Todos ... se fartaram.” Existe uma relação universal entre a fome e o pão. Outros alimentos são restringidos a países e regiões especiais, mas o pão é o alimento de educados e ignorantes, ricos e pobres, velhos e moços. É assim com Jesus Cristo. Seu amor, que o levou a viver e morrer por nós, faz um apelo a toda alma e é adequado para satisfazer a todos.

Os pedaços alimentam os distribuidores. O que sobrou foi mais do que se possuía a princípio. Repartir com os outros é obter lucros para si mesmo. Lançemos a semente generosamente. Com a medida com que tivermos medido, os outros medirão as coisas para nos dar.

LUCAS 9.18-27

O Verdadeiro Uso da Vida. Aqui, e também no versículo 28, se faz referência às orações do Mestre. Ele estava orando em particular, antes de revelar aos seus amigos a morte que o esperava e na qual nós podemos ter alguma participação. Ele estava orando, também, quando a nuvem de glória o envolveu. Não seria de bom alvitre começar cada dia com a resolução de orar mais? Se o Senhor precisava da oração, com certeza nós também precisamos, seja para enfrentar a cruz, seja para subir ao monte da Transfiguração.

Nessa oração, precisa haver petição e intercessão. Mas que oração grandiosa é aquela na qual não há nenhuma delas, e, sim, a abertura de nossa natureza ao influxo da natureza divina, que é Amor, quando a alma reconhece sua unidade com Deus e com todo o universo!

O Senhor fez essas perguntas com o fim de levar os apóstolos a conformarem sua posição pessoal à magnífica afirmação de Pedro. Mas aqueles que seguirem os passos de Jesus devem aceitar o destino dele! Primeiro, a cruz é levantada em nosso coração e, dia a dia, nossa velha natureza é ali crucificada; depois também iremos sofrer a cruz da rejeição, da vergonha e da morte. Mas é assim que vencemos a nós mesmos e entramos na posse de nossa alma. Se ousarmos entrar por esse caminho, Cristo não se envergonhará de nós nem aqui nem depois.

LUCAS 9.28-36

Um Vislumbre da Glória. Sob certos aspectos, esse foi o ponto mais alto da carreira terrena de nosso Salvador. Ele foi o segundo Adão e não pecou. Não havia razão, portanto, para que morresse. Ele poderia, num momento, ter sido transformado; o que era mortal

poderia ter sido absorvido pela vida. A porta através da qual Moisés e Elias tinham vindo permanecia aberta, e, por ela, o Senhor poderia ter retornado. Mas se o fizesse jamais poderia ser o Salvador da humanidade. Ele sabia disso; por isso, virou as costas à alegria que estava diante dele e voltou o rosto para o Calvário.

Moisés veio representando a Lei, e Elias, os profetas. Cada um desses grandes departamentos da revelação divina havia mencionado previamente sua vinda (24.27,44). Como as estrelas empalidecem ao nascer do sol, a missão deles, agora, fundia-se nele. Eles falavam da sua "partida" (literalmente, seu "êxodo"), e foi daqui que Pedro tomou o termo que aplicou à sua própria morte (2 Pe 1.15). Os apóstolos nunca esqueceram essa manifestação da glória do Senhor (1 Jo 1.1-4; 2 Pe 1.17). Sempre que ouvirmos dizer que Cristo é o Amado de Deus, lembremos de Efésios 1.6.

LUCAS 9.37-50

O Maior Serve o Mais Necessitado. Quando a montanha é banhada pela glória de Deus, sentimo-nos pouco inclinados a deixá-la. Mas não devemos ficar gozando demoradamente de seus êxtases quando a planície está cheia de miséria. Santos e anjos de um lado, demônios do outro! Os discípulos que não gozaram daquele convívio no monte não têm poder sobre os espíritos imundos que perseguem os homens. É fácil denunciar demônios; mas precisamos fazer mais do que isso — precisamos expulsá-los.

Mas não nos esqueçamos de que se podemos lutar com o diabo, no poder de Deus, devemos estar preparados para a cruz (vv. 44,45). Não podemos morrer pelos homens, como Jesus fez; mas podemos sofrer rejeição e vergonha com ele, e, assim, "preencher o que resta" de suas aflições (Cl 1.24).

Procuremos ter um coração de criança! Precisamos distinguir entre criança e ser semelhante à criança. Um dos mais agradáveis quadros do futuro está em Isaías 11.6. Somente aqueles que se assemelham às crianças podem domar e vencer as feras.

Acolhamos as almas simples e santas e estejamos, nós também, nesse grupo; e cultivemos o amor para com aqueles que expulsam demônios, embora não sejam da nossa escola.

LUCAS 9.51-62

O Semblante Intrépido. A intrépida resolução estampada no semblante do Mestre é uma repreensão para nós! Ai de nós! Quantas vezes nos retraímos e não podemos fazer nossas as palavras de Isaías 50.7. Mas quer o sigamos de longe, ou de perto, sua figura esguia, ágil e animada está sempre na frente e tomando o caminho ascendente.

Precisamos lembrar a que reino pertencemos. Já passamos da esfera da força e da guerra para o reino de amor do Filho de Deus. Voltar ao fogo da vingança é fazer uma inversão do plano divino. O único fogo que podemos invocar é o do Espírito Santo; e é interessante notar que um desses dois irmãos viveu para invocar esse mesmo fogo para aquelas aldeias. (Veja Atos 8.14-25.)

O Senhor estava sempre atuando como joeirador, descobrindo o trigo e a palha nas motivações humanas. Esteja preparado para seguir o Senhor pelo caminho da solidão, da falta de lar, da rutura de laços afetivos e da aração de um sulco solitário. Mas mantenha fixos os olhos no aspecto eterno de sua vida!

LUCAS 10.1-16

Os Precursores do Senhor. Na designação dos setenta talvez haja uma alusão a Números 11.24,25. Nesse caso, como naquele, houve uma comunicação de notável poder espiritual. Nós podemos apenas "preparar" o caminho para o Senhor. Nenhum de nós pode satisfazer a necessidade da alma humana. Devemos dizer sempre como João Batista: "... vem o que é mais poderoso do que eu". Tomara Cristo sempre viesse aos lugares por onde passamos! (Veja versículo 1.)

Não nos esqueçamos de orar, pedindo trabalhadores; mas, se orarmos sinceramente, nós nos esforçaremos por responder às nossas próprias

orações indo e incentivando outros a irem. Quantas vezes a vida de uma criança é consagrada a Deus porque algum servo do Senhor impôs as mãos sobre sua cabeça e disse: "Quando você crescer, deverá trabalhar para o Senhor Jesus!"

O Senhor requer simplicidade. Talvez não tenhamos condições pessoais para dar cumprimento a esses preceitos de forma precisa e literal. Mas o pensamento central das palavras de Cristo aqui é que precisamos nos deixar absorver pela entrega da mensagem, considerando todas as demais coisas como questões secundárias e permitindo a Deus cuidar de nós e dos nossos.

LUCAS 10.17-24

As Fontes da Mais Profunda Alegria. Como é triunfante a volta do evangelista! Com o rosto corado de satisfação e o coração vibrando de exaltação, voltaram ao Mestre trazendo seus relatórios. É muito sábio conversar com Jesus acerca do nosso trabalho! Até mesmo os demônios estavam sujeitos ao nome dele. O Salvador não ficou surpreso. Enquanto estivera vigiando, sustentando-os com sua intercessão, ele vira ocorrer uma transformação no mundo invisível. Satanás tinha caído, como se o trabalho realizado por esses homens tivesse pesado na balança contra ele. Não é assim ainda hoje? O que nós fazemos é de importância eterna.

Então, "naquela hora", parecia que as comportas da alma do Salvador tinham sido escancaradas pela alegria. Ele se rejubilou pelo fato de que corações semelhantes ao de crianças podiam conhecer as coisas profundas de Deus; de que todas as coisas estavam desveladas para ele como homem, como haviam sido antes de ele se tornar homem; e de que lhe fosse permitido revelar o Pai aos que o amavam e lhe obedeciam. A eles e a nós foi dado conhecer coisas que tinham ficado ocultas aos profetas e reis.

LUCAS 10.25-37

O Homem que Amou Seu Próximo. Essa parábola provavelmente foi sugerida

pela viagem a Jerusalém. Pode ter surgido de uma ocorrência real. Notemos como o Mestre respondeu à pergunta “Quem é o meu próximo?” Na realidade o que ele disse foi: “A questão não é: quem considerará você como “próximo”? mas: a quem você considerará como “próximo”? Você devia perguntar: quem precisa de meu auxílio?” Ser solidário consiste, não em receber, mas em dar; e independe de raça, credo e do sentimento comum de compaixão. O amor se sobrepõe a todas essas distinções e arrisca a própria vida de maneira a proporcionar socorro. Na realidade, essa parábola é um autêntico poema de amor. Merece ser comparada a 1 Coríntios 13.

Notemos estas duas frases: “... e tratou dele” e “cuida deste homem” (vv. 34 e 35). É assim que nosso Senhor li-da conosco. Quando estamos fracos demais até para pedir o seu auxílio, ele se põe ao nosso lado, restaura nossa vida vacilante, e desperta outros para fazerem o mesmo. Na melhor das hipóteses, somos peregrinos e nos retemperamos em hospedarias, mas nosso lar nos espera no céu! Começemos amando com todas as nossas “forças” e acabaremos amando de todo o “coração”.

LUCAS 10.38-11.4

Descobrimo os Segredos do Senhor. Essa cena em Betânia ocorre com naturalidade, após a história do Bom Samaritano. O povoado ficava no fim do passo montanhoso entre Jericó e Jerusalém. O amor precisa ter um ninho bem como os objetos especiais de seu terno cuidado. Não podemos viver sempre na hospedaria; precisamos um dia chegar ao nosso lar, seja neste mundo ou no vindouro. E agora Jesus, que havia acolhido as multidões, era acolhido pelo amor de amigos queridos. Marta e Maria deram o melhor de si, cada uma dentro de sua própria esfera. Uma atendia à sua necessidade física, a outra ao seu coração. O místico e o prático são igualmente necessários no serviço de Cristo e se harmonizam a seus pés. Não vivamos para muitas coisas, mas para ele.

O melhor modo de ensinar as pes-

soas a orar é nós mesmos orarmos. Foi a habitual disposição de Jesus para a oração que levou os apóstolos a desejarem aprender a orar. Que belo exemplo há aqui do poder da influência inconsciente! Se desejamos que nossos filhos ou alunos orem, nós mesmos temos de orar. Essa oração-modelo está cheia de sugestões quanto à ordem e tópicos de oração. Vamos colocá-las em prática!

LUCAS 11.5-13

Estímulo à Oração Perseverante. A parábola dos três amigos é muito animadora. Nós, por assim dizer, devemos atuar como intercessores ou mediadores entre os que estão em aflição e necessidade e nosso grande Amigo Celestial. Na caminhada da vida, eles estão sempre nos procurando, e nós sentimos que nada temos para lhes oferecer. Quer a necessidade seja física, mental ou espiritual, eles nos encontram empobrecidos e falidos. Mas, em tais circunstâncias, devemos voltar-nos para Deus com oração fervorosa. Se a persistência em oração pode convencer uma pessoa mal educada e comodista, o que não conseguirá do Único que é “rico para com todos que o invocam” (Rm 10.12). Ele nos dará exatamente aquilo de que precisamos.

Observe aquele “quanto mais”! Conte as estrelas espalhadas na amplitude da noite, ou as margaridas nos campos, ou as miríades de seres vivos, sustentados pelas generosas mãos de Deus, e perguntemos a nós mesmos se ele não pode dar-nos o seu Espírito e boas dádivas em quantidade suficiente para suprir todas as nossas necessidades. O que você não faria em favor de seu filhinho que é tão dependente? “Quanto mais...” (Veja Filipenses 4.19.)

LUCAS 11.14-26

A Favor ou Contra? O homem forte mencionado nesse parábola é, evidentemente, Satanás, que guarda o palácio da natureza do homem, ao qual ele não tem direito. É o palácio do Rei, conquistado por seu mais terrível inimigo. A possessão demoníaca do corpo é uma parábola e uma ilustração das terríveis

conseqüências da possessão da alma pelo demônio do ciúme, da paixão, etc. Satanás é forte — mais forte que Adão em sua inocência ou que Davi em seu palácio. Ele está armado com a mentira, sempre atento para induzir-nos a um falso sentimento de segurança; mas a paz que ele promete, na realidade, só nos leva à morte.

Graças a Deus, Cristo é mais forte! No deserto e na cruz ele deu provas disso. Arrancou a armadura do inimigo e feriu sua cabeça. Quando Cristo estabelece sua residência no coração de alguém, Satanás pode enfurecer-se do lado de fora e agredi-lo com horribéis sugestões, mas a porta se mantém fechada, impedindo sua volta. Os que tentam remodelar-se contando com seus próprios recursos merecem compaixão — Satanás sempre volta. Somente Cristo pode realizar uma libertação permanente.

LUCAS 11.27-32

“O Sinal de Jonas”. Que homenagem essa mulher prestou ao Senhor! Ele era cheio de graça e de verdade; e aqueles que o olhavam sem preconceito, viam-no caminhar entre os homens, sentiam-se constrangidos a confessar sua inimitável beleza. Notemos que a mais simples pessoa que ouve a Palavra de Deus e a ela obedece é tão abençoada quanto a mãe de Jesus (v. 28).

Os homens serão julgados pelas oportunidades que tiveram. Toda época, toda raça e todo indivíduo sobre os quais o sol brilhou sua luz, tiveram uma oportunidade. Não a mesma oportunidade nossa, mas uma oportunidade adequada à visão espiritual de cada um (Jo 1.9; Rm 1.20; 2.5 ss.). Desse modo Deus poderá julgar todos os homens. Mas, em muitos casos, pessoas que não gozaram das vantagens que tivemos, serão encontradas na grande Universidade do Céu, numa classe mais alta, do que alguns dentre nós que temos vivido cercados da luz de Cristo!

LUCAS 11.33-44

Escuro e Sujo por Dentro. “O espírito do homem é a lâmpada do Senhor” (Pv 20.27). Como há lâmpadas apagadas!

Não seria bom perguntar se Cristo já o vivificou, acendendo em você sua luz divina? Todos temos a capacidade de receber Deus, mas isso não é bastante. É preciso que Cristo nos ilumine (Ef 5.14). Ansiemos que brilhe em nós a pura luz interior e lembremo-nos de que ela se tornará mais pura e mais brilhante na exata proporção em que lhe obedecermos e seguirmos. Que gloriosa verdade essa, que o Senhor Jesus nos encherá com o esplendor e clarão de seu amor de modo que não haja em nós nenhuma parte escura!

As censuras que o Senhor dirigiu aos líderes religiosos de seu tempo, revelam a ira da verdade e da pureza infinitas contra tudo que é inconsistente com uma ou com outra. Visto que o Bom Pastor amava suas ovelhas, precisava adverti-las contra os lobos. Observe o versículo 41, que dá a entender que nossa fé, amor e alegria devem ser repartidos com os outros. Sejamos generosos no altruísmo. Aqui não se aplica a lei do dízimo! Temos de dar tudo!

LUCAS 11.45-54

Palavras Penetrantes Para os Hipócritas. As regras minuciosas, orais e escritas, promulgadas pelos líderes religiosos hebreus, cobriram e quase sepultaram debaixo do seu peso o simples código mosaico. Ademais, estavam sempre sendo objeto de disputa e discussão incessantes. Vasta multidão de copistas, preletores, professores e casuístas estavam constantemente debatendo-as. O jurista que, nesse caso, se dirigiu a Cristo era dessa classe. Dificilmente iria acreditar que esse venerado rabi podia incluí-lo, bem como seus colegas, nessas terríveis “ais”.

O Senhor refere-se a si próprio como “a sabedoria de Deus”. Compare o versículo 49 com Mateus 23.34. Por um momento ele se ergue acima do nível terreno da sua Encarnação e se identifica como o Deus Eterno. Mas que profunda tristeza encheu seu coração quando essas duras palavras escapavam de seus lábios pela teimosa obstinação de seu povo! Nas Escrituras Hebraicas, onde a ordem dos livros difere da de nosso Antigo Testamento, a

morte de Abel é mencionada no primeiro livro e a de Zacarias no último (2 Cr 24.20-22). Dizia a lenda que o sangue deste último estava borbulhando quando Nabucodonosor tomou Jerusalém. E nenhum dos sacrifícios que se fizeram no objetivo de fazer cessar o fenômeno tiveram sucesso.

LUCAS 12.1-12

O Segredo da Intrepidez. O tom desse parágrafo parece sombrio. O fermento do mal está sempre em ação; o corpo é torturado e morto; a confissão é difícil, a negação, fácil; o cristão é julgado perante as sinagogas e os governadores; há ansiedade em fazer uma boa confissão. O Senhor nunca hesitou em identificar o pesado tributo pelo qual seus discípulos poderão entrar no reino.

Mas, que infinitas compensações! Não somos esquecidos por Deus; nossos cabelos estão contados; somos citados diante dos anjos; recebemos instrução sobre como falar; todo pecado é perdoado! Com tal assistência, de que precisamos ter medo? Que simpatia e cuidado infinitos mostra o Pai por nós! Ele conhece nossas tristezas, observa cada oscilação do barco, e nos proporcionará sua bondosa assistência e socorro. Por que recuaríamos diante de um mundo em armas quando o Filho do homem se levanta por nós, como fez por Estêvão, à “destra de Deus”? O homem exterior pode decair, mas o interior é renovado dia a dia.

LUCAS 12.13-21

A Condenação do que Ama o Dinheiro. O Senhor não veio ao mundo como um juiz terreno, para dirimir diferenças entre os homens. Ele estabelece grandes princípios, e se obedecermos a eles traremos o céu à nossa vida. Um dos maiores é o enunciado no versículo 15. A cobiça é tanto uma tentação para o pobre que está sendo defraudado, quanto para o seu opressor rico; e o amor ao dinheiro, seja no rico ou no pobre, inevitavelmente obscurece a visão e perturba a paz interior. O valor de um homem não pode ser calculado pelo seu saldo bancário. Não é o que possuímos que conta, mas o

que somos — *esse* é nosso valor aos olhos de Deus. Alguns homens vivem para ganhar; cuidemos para que vivamos sempre com o objetivo de ser.

É absurdo supor que a alma de alguém possa ficar tranqüila porque os celeiros estão rebentando de bens. Os bens não fazem bem! A alma não pode alimentar-se de milho! O regozijo não pode entrar num coração atacado pelo remorso e toldado pelos protestos de uma consciência má! Além do mais, quando atravessarmos o rio, não poderemos levar conosco nossas posses. Poderemos levar apenas nosso caráter — nossos bens passam para outras mãos.

LUCAS 12.22-34

A Cum da Ansiosa Solicitude. Note o contraste entre dois tipos de homens: o primeiro preocupa-se consigo mesmo, sente-se ansioso acerca desta vida, aflige-se por causa de alimentos e roupas e quer acrescentar um côvado na apreciação de seus companheiros; o outro se sente satisfeito em ocupar o seu lugar e realizar a obra a ele atribuída pelo Pai. E ele executa sua missão, não por causa da remuneração que isso lhe trará, mas pelo “Muiço bem” de Deus — certo de que tudo que for necessário, seja para sua alma ou seu corpo, será provido por aquele que o criou. O Pai conhece nossas necessidades; confiemos nele!

Não pensemos que Deus pode estar relutando! Nosso Pai tem grande satisfação em dar. Nada o deleita mais do que estar apto a “dar boas coisas aos que lhe pedirem”. Para ele, também, “mais bem-aventurado é dar que receber”. Lembremo-nos de que os melhores investimentos são aqueles que depositamos, não nos bancos, mas na vida de outras pessoas, porque o próprio Deus garante o rendimento.

LUCAS 12.35-48

Sempre Vigilante. O Senhor guia nossos pensamentos para sua vinda, quando ele chamará seus servos para a prestação de contas. O dia avança para o entardecer; a tarde para o anoitecer, e a noite dilui-se na manhã, mas o servo

fiel se mantém atento. Seus lombos estão cingidos para servir, e a casa está esplendente com belas luzes. Afinal ele vem e convida seus escravos para se assentarem à mesa! Daí por diante eles são seus amigos — e amigos altamente honrados — os quais ele serve com suas próprias mãos. A grandeza da recompensa parece ter sido demais para a compreensão de Pedro (v. 41). Certamente não poderia ser para *todos*. Sim, disse o Senhor, para todos os que são fiéis às suas possibilidades e usam suas posses e dons em benefício de outros.

Como é abrupto e terrível o contraste dos versículos 45 a 48! Quanto maior a nossa responsabilidade, tanto maior será nossa condenação se falharmos. A punição é inevitável para quem foi infiel à confiança nele depositada; mas a aplicação dela será feita exatamente na proporção de nosso conhecimento da vontade do Senhor. Há graus ou gradações na retribuição como na glória.

LUCAS 12.49-59

O Grande Desagregador. Como Prometeu, da antiga mitologia grega, trouxe fogo do céu em um caniço, assim Cristo trouxe o fogo do Espírito Santo na frágil lanterna de sua humanidade. Mas, primeiro, ele teria de passar por um batismo de lágrimas e de sangue. Ele estava ansioso para entrar nele, pois queria que aquilo passasse logo. Aqui estava o prelúdio do Calvário. E, o que se aplica ao Senhor deve aplicar-se à sua Igreja. E onde o evangelho começa a fermentar como o levedo no coração humano, sempre há espada, luta e divisão.

Os sinais do tempo apontavam para um clímax da história hebraica, para o qual muitos de seus contemporâneos não estavam preparados. A areia da ampulheta de Deus estava-se escoando. Essa era a grande exigência da hora — *põe-te em ordem com Deus*. A advertência é aplicável a todos nós, mas nessa ocasião referia-se especialmente àquele breve interlúdio que, como o silêncio que precede uma tempestade com trovões, precedia a queda de Jerusalém.

LUCAS 13.1-9

Cristo Exige Arrependimento e Frutificação. O Senhor não hesitou em tirar grandes lições de acontecimentos do dia-a-dia. Constitui grande arte conduzir os pensamentos das pessoas de realidades visíveis e transitórias para o que é invisível e eterno. Muitas vezes, Deus constrói situações e acontecimentos que são verdadeiros “textos” para pregação e, quando o coração das pessoas está maravilhado, e já amolecido, temos excelente oportunidade para atingir nosso objetivo.

Não temos o direito de supor que desastres inesperados sejam provas da presença de algum pecado diferente na vida dos envolvidos. O pecado é castigado nesta vida mais por meio de consequências naturais do que por algum repentino “ato de Deus”. Os acidentes não são, necessariamente, punições, e nós, que somos testemunhas da triste sorte de outros, não temos o direito de nos congratularmos com nós mesmos supondo-nos superiores a eles, moral ou espiritualmente. Em vez de julgarmos os outros, olhemos para nós mesmos e nos arrependamos.

A parábola da figueira, e o detalhe dos três anos de esforço para conseguir frutificação, objetivavam, em primeiro lugar, a nação judaica, favorecida que fora com três anos do ministério do Senhor. Mas é de aplicação universal. Deus está sempre procurando fruto; o amor está sempre disposto a defender, mas, às vezes, tem de concordar com o castigo.

LUCAS 13.10-17

Bom Trabalho Para o Sábado. Havia nessa mulher um nobre princípio que a levou a perseverar na freqüência à casa de Deus, embora tivesse muitas razões para se desanimar. É provável que ela se sentisse animada por uma fé firme que a tornou apta para receber a palavra restauradora de Cristo. Toda enfermidade, seja qual for sua espécie, deveria levar-nos à casa de Deus. Ali encontraremos Jesus. Quando ele diz “livre”, todos os poderes do inferno são incapazes de reter-nos. “Ele quebra o poder do pecado cancelado.”

A acusação de quebra do sábado feita por aqueles homens era inteiramente sem razão, porque, naquela mesma manhã, cada um deles desprendera seu animal para levá-lo ao poço. E se na opinião deles, não era errado desprender um animal, certamente não seria errado desatar o nó da enfermidade que encurvava o corpo da mulher, como se estivesse preso por uma correia invisível! As grandes necessidades humanas têm precedência sobre a observância dos detalhes de um ritual.

LUCAS 13.18-30

O Castigo Pela Negligência da Oportunidade. Notemos aqui o movimento interno e o efeito externo do evangelho, seja no coração, seja no mundo dos homens. O jardim e a cozinha, a vida de homens e mulheres, respectivamente, proporcionam a mesma lição. Embora a semente da natureza divina seja semeada secretamente, ela não pode permanecer secreta, mas abre caminho até se tornar manifesta. O método do homem funciona de fora para dentro; o de Deus, de dentro para fora. É impossível calcular os frutos da semente incorruptível plantada na vida de uma criança (1 Pe 1.23).

Mas, o acesso para o pleno poder e a bênção total de Cristo é um caminho apertado. A porta estreita está aberta a todos, mas quem deseja passar por ela terá de renunciar a tudo e deixar para trás tudo que é carnal, seja bom ou mau na opinião dos homens, de modo que a vida divina possa permear todo o seu ser. Comer e beber, na presença de Cristo, e ficar só nisso, denuncia uma auto-indulgência alheia ao Espírito do Senhor. É possível assentar-se à mesa do Senhor e ainda assim ser um obreiro da iniquidade! Podemos ser os primeiros no privilégio, mas os últimos na graça. Os versículos 29 e 30 nos lembram Atos 10.34,35 e Romanos 2.11-13.

LUCAS 13.31-14.6

Lamentação por Aqueles que "Não Quiseram". Nesse tempo, o Senhor estava na Peréia, na jurisdição de Herodes que, provavelmente, desejava livrar-se

dele, temendo que sua presença provocasse complicações políticas. Mas Jesus percebeu o estratagem de Herodes e o revelou. Como é horrível ser sondado pela luz da pureza divina! Jesus também se conservava atento à vontade do Pai e sabia que enquanto não concluísse seu ministério, ele era imortal.

Aqui ele indica claramente que Jerusalém seria o cenário de sua morte. A cidade já estava tão profundamente tingida com o sangue dos mártires que, não teria sido apropriado que ele sofresse em outro lugar qualquer. Note-mos o patético lamento do amor desapontado. O amor paternal de Deus deseja interpor-se entre nós e o perigo iminente; mas nós temos o terrível direito de negligenciar ou rejeitar as asas protetoras do Senhor. (Veja Rute 2.12 e Salmo 91.4.)

Em 14.1-6 temos um exemplo da conversa de Cristo à mesa, que ele continua até o versículo 24. Embora ele soubesse que estava sendo vigiado, nada podia deter seu poder e seu amor. Se os homens cuidam de seus animais, quanto mais cuidará Cristo dos homens!

LUCAS 14.7-14

Lições Para Convidados e Anfitriões. Devemos resguardar-nos da falsa humildade de escolher um lugar inferior na esperança de recebermos um convite para um lugar melhor. Que nós o procuremos por não estarmos mesmo absolutamente interessados na proeminência, exceto quando ela nos proporcionar oportunidades mais amplas. Cristo dá grande valor à humildade e à mansidão de uma criancinha. Pensemos em nossos próprios defeitos, e nas virtudes de outras pessoas até que cheguemos a reconhecer que somos o menor de todos os santos! (Veja Filipenses 3.8.)

As palavras do Senhor acerca daqueles a quem convidamos para vir à nossa casa constituem violento ataque à maior parte daquilo que a sociedade moderna considera hospitalidade. Será que o Senhor não queria que suas palavras fossem interpretadas literalmente? Elas têm um tom imperativo.

Ele deve ter querido dizer exatamente o que disse. Alguns de nós recebemos tantos agradecimentos aqui que pouco sobrarão para recebermos na ressurreição dos justos, quando compareceremos ante o tribunal de Cristo para recebermos nosso galardão (2 Co 5.10).

LUCAS 14.15-24

O Convite Desconsiderado. Nesta parábola o Mestre previu que os magistrados e líderes judeus repudiariam os convites dele e que tais convites, diante disso, seriam enviados às classes menos favorecidas nas ruas e becos da cidade bem como aos gentios de outras terras. Que antevisão da aplicabilidade do evangelho ao mundo todo, e da final inclusão de toda a humanidade crente debaixo do mesmo teto (Jo 14.1,2).

As desculpas, obviamente, eram forjadas e inócuas. As pessoas costumam ver um campo antes de comprá-lo, experimentam os bois antes de adquiri-los e podem levar consigo as esposas aonde vão, se assim o desejarem. Os que são muito perspicazes para este mundo mostram-se, muitas vezes, lentos e descuidados em relação ao mundo vindouro, embora seja esse o que realmente interessa.

Se tu és pobre, estropiado, cego ou coxo, há lugar para ti à mesa de Deus, e "abundantes despojos" dos quais participarás (Is 33.23).

LUCAS 14.25-35

O Preço do Discipulado. Aqui encontramos o Senhor usando a peneira. Ele sabia que no meio das multidões havia pessoas levianas e superficiais que ainda não haviam-se apercebido do preço do discipulado. Preste atenção nas palavras que ele diz três vezes: "... não pode ser meu discípulo".

Nosso amor a ele deve ser maior que os laços da afeição familiar (v. 26); deve ser maior que o nosso amor à independência, que deve estar pregado à cruz (v. 27); deve ser maior que nosso apego às posses e propriedades (v. 33). Cristo fez mais que qualquer outro mestre para consolidar os relacionamentos afetivos do homem, mas sempre pedindo que eles estivessem subordinados às prerrogativas de Deus.

Quem nos dera ter um amor como o de Paulo! (Veja Filipenses 3.8.)

Que consolação saber que Deus calculou os custos da tarefa da redenção, tanto do mundo, como um todo, como a nossa, individualmente, antes de dar início a ela. Ele sabia do custo total e, com certeza, não começou uma coisa que não poderia terminar!

LUCAS 15.1-10

Procurando e Achando o Perdido. Aqueles que, cedo na vida, deixaram o aprisco onde foram criados, e se foram pelas montanhas desertas e pelo matagal emaranhado, encontram-se nesse delicado quadro; o Senhor está atrás deles. Ele não pode sentir-se feliz ficando apenas com as ovelhas restantes, enquanto uma estiver sujeita a ser dilacerada por animais predadores ou carregada por águas. Ele vai atrás dela até encontrá-la. Será que você pensa, mãe, que o Senhor não ama aquele filho seu, que agora está longe, tanto quanto você o ama? Não pode confiar no Senhor até que este o encontre? Então, ele lhe pedirá que se alegre com ele. Jesus não somente "recebe" pecadores, mas os "procura". Os que sempre viveram uma vida exteriormente correta e que pensam que não necessitam de arrependimento, são representados pelas nove e nove.

Alguns têm sobre si o selo do Rei, mas rolaram para um canto escuro, em meio à poeira e o entulho. Bom seria que estivéssemos todos mais desejosos de, ajoelhados, vasculharmos o chão para achar o perdido! As nove contas de um colar são inúteis se estiver faltando a décima. Cristo não pode ficar satisfeito enquanto a derradeira moeda não for achada.

LUCAS 15.11-24

O Filho que "Caiu em Si" e Voltou a Seu Pai. Eis aqui a pérola das parábolas! Muitas vezes queremos as dádivas de Deus separadas dele. A "terra distante" não está longe em distância física, mas na alienação do coração. Podemos estar vivendo num lar cristão e, mesmo assim, estar em "uma terra distante". O pecado é dissipação. A "terra distante" é sempre arrasada pela fome,

porque nossa alma foi feita para Deus e não pode nutrir-se de alfarrobas. Nem coisas, nem pessoas podem, realmente, saciar a terrível fome que temos quando estamos longe de Deus.

O pecado é uma loucura temporária. O primeiro passo para se voltar a Deus é cair em si. A verdadeira natureza do pródigo estava face a face com a ruína e com a devastação do seu pecado. Nunca, nem mesmo por um momento, o Pai deixara de amá-lo e de compadecer-se dele. À primeira indicação de arrependimento houve logo uma resposta instantânea. O amor foi mais rápido que as palavras, compreendendo a intenção do pródigo. A confissão foi interrompida. Notemos a generosa recepção, indo ao encontro de cada necessidade — as vestes da integridade, o anel da reconciliação, o beijo do amor, os sapatos de um santo caminhar, a festa de confraternização.

LUCAS 15.25-32

O Filho que Nunca se Aproximou de Seu Pai. Note a diferença entre o cuidado do pai para com seu filho mais velho e a avaliação do próprio filho acerca de sua posição, e verá como é fácil deixar de desfrutar as santas possibilidades de nossa própria vida quando permitimos que o ciúme nos cegue!

“Sempre comigo”. Era para a vida ser sempre aquecida e abençoada pela consciência constante da presença de Deus. Somos destinados a viver em Deus e Deus em nós. “Tudo o que é meu é teu”; tal é a condição de nossa riqueza, no propósito de Deus, que todos os seus recursos divinos, depositados em Jesus, esperam a apropriação de nossa fé.

Se deixarmos de reconhecer o penitente como nosso irmão, chamando-o de “teu filho”, se nos alhearmos à alegria por causa de algum desprezo imaginário ou por um orgulho farisaico, nós nos privaremos da mais real bem-aventurança pessoal. Mas Deus insta conosco para que nos apossemos dela.

LUCAS 16.1-13

O Uso Correto do Dinheiro. Somos todos administradores, mas quanto des-

perdiçamos! Nosso Mestre poderia com justiça despojar-nos de nossa posição e da riqueza que nos confiou. O administrador infiel aproveitou bem a oportunidade que teve para granjear as boas graças dos arrendatários à custa do proprietário das terras. Dessa forma, assegurou para si acolhimento em suas casas, mas sua fraude veio à luz e ele foi demitido.

O Mestre não aprovou sua desonestidade, mas chamou a atenção para o fato de que os filhos deste mundo são singularmente ativos em relação ao seu futuro e se preparam para as contingências. Se eles fazem uso errado do dinheiro para garantir o futuro, quanto mais deveriam os filhos de Deus fazer bom uso desse mesmo dinheiro, de modo que, quando morrerem, sejam recepcionados no lar eterno por aqueles a quem beneficiaram!

O nome de Mamom, o deus pagão da riqueza, é usado no original com o sentido de “riquezas de origem injusta”. Esse nome aparece com tanta frequência associado com trapanças que o adjetivo “injusta” é perfeitamente apropriado. Observe, também, que o dinheiro constitui “o pouco” do versículo 10 e, não, “o que é vosso”. Ele pertence a Deus e é para ser usado por nós como seus servos e sob a direção dele.

LUCAS 16.14-31

Uma Olhadela no Futuro. Ali estava um caso flagrante de cruel indiferença, em meio a todo tipo de luxo, presenciado por uma pessoa da mais abjeta pobreza. Quase todos nós temos um Lázaro à porta de nossa vida. A acusação contra o rico não foi que ele tivesse maltratado Lázaro, mas que não o tinha socorrido. Os homens nos condenam por fazermos o que é errado, Deus, por deixarmos de fazer o que é certo.

Lázaro foi transportado para o reino da bem-aventurança — o seio de Abraão, que sugere proximidade do patriarca na grande festa — não porque tivesse sido tão pobre e miserável, mas porque, embora mendigo, possuía a fé autêntica e a pureza de motivos que haviam caracterizado seu grande antepassado.

Observe que a memória tem uma participação destacada nos tormentos do inferno (Geena), que Cristo não dá qualquer esperança de mudança do local de habitação da alma, e que a Escritura constitui um agente de renovação espiritual mais seguro do que seria até mesmo a aparição de um morto.

LUCAS 17.1-10

“*Acautelai-vos.*” O mundo está cheio de pedras de tropeço. Os homens estão sempre colocando-as no caminho uns dos outros, e principalmente no dos pequeninos, dos simples e dos fracos. Estejamos atentos a nós mesmos e nos esforcemos para tornar mais fácil o caminho para os outros. Vivamos uma vida de utilidade e simpatia, cheia de amor e perdão, de luz e alegria.

Esses preceitos parecem muito difíceis? Parece impossível perdoar sete vezes? Aprendamos, então, a lição do grão de mostarda, que abre sua pequenina porta ao influxo da energia da natureza e é, por isso, capacitada a produzir o que, para sua força limitada, seria impossível. Abramos nossa alma para Deus! O amor divino, por meio de nós, trará perdão e salvação plena a outro?

Mas, quando você tiver feito tudo, nada terá de que orgulhar-se, e nem Deus nem o homem terão por isso qualquer obrigação para com você. O amor é o dever elementar do seguidor de Cristo.

LUCAS 17.11-21

O Homem que se Mostrou Agradecido. A miséria comum reuniu esses pobres párias e isso os ajudou a esquecer as feiozes antipatias nacionalistas entre judeus e samaritanos. Quando foram convidados a se apresentarem ao sacerdote antes que houvesse sinais de cura, eles partiram, dando assim evidência de sua confiança no fato de que haviam sido curados. Foi essa fé que os salvou, porque uma fé assim abre as portas à virtude curadora de Deus. No caso daquele pobre samaritano, ficou claro que ele não foi somente curado, mas salvo, como provam sua gratidão e sua adoração. Será que nós damos graças a

Deus, não somente por seus milagres, mas, também, por sua providência diária?

As melhores coisas são as mais silenciosas. Os jornais não ficam sabendo da obra mais profunda de Deus no indivíduo ou na comunidade, pois ela chega de mansinho, como chega a primavera num jardim e numa floresta.

LUCAS 17.22-37

“*Os Dias do Filho do Homem.*” De forma bastante clara, o Senhor previu a próxima dissolução do estado judeu. Não havia recurso para ele, não obstante tudo que João Batista e Cristo haviam feito. Repentina e inevitavelmente deveria sobrevir sua ruína, como o dilúvio no mundo antigo e como a destruição de Sodoma. As águias romanas se juntariam ao redor da cidade condenada e somente uma fuga imediata resolveria. Os primitivos discípulos cristãos, alertados por essas palavras, fugiram para Pela antes que Tito lançasse o último ataque.

A partir daí outras catástrofes têm ocorrido e, por fim, a destruição virá sobre o mundo — sendo que as palavras do Mestre se aplicam muito bem a todas elas. Em certo sentido, a vinda de Cristo foi prefigurada pela queda de Jerusalém, constituindo aquelas cenas dramáticas, provavelmente, uma pequena amostra da tribulação através da qual os novos céus e a nova terra surgirão. Não busquemos as nossas próprias coisas, mas as que pertencem ao reino; então, todas as outras coisas “serão acrescentadas” (Mt 6.33).

LUCAS 18.1-8

A Lição Para Dias Sombrios. No ensino do Senhor a respeito da oração, há três fases: a de Mateus 6, a desse capítulo e as palavras de João 14 e 15. Em Lucas 18.1-8 ele aconselha persistência e urgência. Há um aspecto da oração que corremos o perigo de negligenciar quando o céu está azul e o sol está brilhando — a necessidade de uma santa perseverança.

Essa lição é ensinada, na parábola deste trecho, por um notável contraste que pode ser assim estabelecido: se um juiz injusto e ímpio atenderá, por fim,

a uma petição justa, baseado em motivos egoístas e simplesmente para livrar-se do incômodo causado por uma mulher indefesa e oprimida, quanto mais o justo e misericordioso Deus ouvirá o clamor daqueles que ele ama e desagravará sua causa. Se a resposta a certas orações, que nós apresentamos em meio a uma agonia de lágrimas, está demorando a vir, podemos estar certos de que o tempo não é propício ou que Deus está preparando coisa melhor para nós.

LUCAS 18.9-17

Aqueles a Quem Deus Aceita. Aqui Jesus nos ensina acerca do espírito em que devemos orar. Muitos oram "para si mesmos". A única circunstância em que podemos agradecer a Deus por não sermos como os demais é quando entendemos que o que somos, o somos por sua graça (1 Tm 1.12-14). Jamais podemos esquecer que os que serão justificados e aceitos diante de Deus, são os que nada são a seus próprios olhos.

Ésvaziar-se de si mesmo e ser pobre de espírito constitui a preparação fundamental e indispensável para se receber a graça de Deus. "Sê propício a mim", clamava o publicano. Há uma "propiciação pelos pecados do povo", é a resposta de Hebreus 2.17. Todo aquele que se arrepende considera-se o grande pecador (1 Tm 1.15). Curve-se aos pés de Cristo e ele o elevará ao seu trono.

Pensamos que as crianças devem se tornar adultos para que possam ser aceitáveis no reino. Pelo contrário; nós é que precisamos nos tornar como uma criança — em simplicidade, em humildade e em fé.

LUCAS 18.18-30

A Única Coisa Necessária. O jovem rico era um cidadão de caráter irrepreensível. Ele poderia dizer de si mesmo tudo o que o apóstolo Paulo diz em Filipenses 3.4 e seguintes. Mas sentia-se intranquilo e insatisfeito. Sentia, também, que Jesus conhecia o segredo de uma vida mais profunda do que a que ele havia experimentado, e desejava possuí-la. Estava tão ansioso que se ajoelhou em plena rua cheia de gente

diante do desprezado Nazareno (Mc 10.17).

Ele não conhecia a si mesmo. Pensava que possuía aquele amor que é o cumprimento da Lei (Rm 13.10). O Senhor queria provar-lhe que ele era deficiente nesse amor, e, portanto, não podia possuir a vida eterna. Fez isso sugerindo ao jovem que renunciasse a tudo e o seguisse com a disposição de dar-se pelos outros, caminhada que só pode terminar numa cruz. Mas ele recuou. Não estava disposto a enfrentar uma vida de fé simples em Deus para o suprimento das necessidades temporais, e a entregar-se a si mesmo, totalmente, a uma cruz. Para todos os que ousam fazer tal entrega, tudo o que é certo e bom é restituído para ser mantido e usado sob a direção de Deus.

LUCAS 18.31-43

A Recompensa da Fé. O Senhor sabia o que o esperava. Sacrificou sua vida voluntariamente. Mas o significado pleno de sua vida e morte estava oculto aos apóstolos e aos demais. Os olhos deles permaneceram como que vendados, até que a glória da ressurreição se manifestou e o dia de Pentecostes chegou em sua plenitude.

Grande deve ter sido a expectativa do Senhor quanto às importantes questões a serem resolvidas; mas ele estava suficientemente preocupado a seu próprio respeito a ponto de poder ouvir o grito de angústia desse mendigo cego. Como ele se colocou inteiramente à disposição dos que precisavam de seu auxílio! A necessidade e a tristeza humanas sempre mereciam dele toda atenção. Cada um que vinha a ele podia receber toda a graça que desejasse, de acordo com o tamanho do balde de sua fé, lançado naquele poço infinito. Não há razão para que cada um de nós não fique são e siga a Cristo, glorificando-o. Mas, sem ele, nós somos cegos.

LUCAS 19.1-10

O Pecador e Seu Hóspede. É provável que já viesse de longo tempo a luta entre os pontos positivos e negativos do caráter desse homem. João Batista exercera grande influência sobre os publi-

canos, talvez até sobre o próprio Zaqueu. Ele era um homem insatisfeito consigo mesmo. Suas aquisições desonestas aumentavam sua riqueza, mas reduziam sua paz de espírito. Ele sabia que o mínimo que poderia fazer seria reembolsar aqueles de quem havia roubado. Mas sua alma precisava de algo mais, é ansiava por uma salvação como aquela que só Jesus Cristo podia dar.

O Senhor sabia disso, e, por esse motivo, parou embaixo da árvore e se fez convidar para hospedar-se na casa do publicano. O homem que mais necessitava do Salvador em toda a Jericó foi por ele descoberto e salvo. A graça de Deus está sempre à procura daqueles que prosseguiram até onde lhes permitiam os conhecimentos que tinham.

Que bênção é saber que o Salvador está disposto a ser nosso hóspede! Dê-lhe as boas-vindas ao seu coração. Levante-se para servi-lo. Ele traz salvação para você e para os seus.

LUCAS 19.11-27

Comerciado Para Deus. Sob vários aspectos essa parábola é diferente da dos dez talentos. Naquela, as quantias confiadas aos servos são diferentes; nesta, a mesma quantia é distribuída a cada um. Evidentemente, a primeira trata dos nossos poderes e oportunidades para o serviço, fatores que diferem grandemente; enquanto a segunda trata dos dons normais que são comuns a todos, e, principalmente, do dom da salvação. Todos têm a oportunidade de usufruir e gozar a mesma provisão de vida que há em Jesus Cristo para os que crêem (Jd 3).

Alguns recebem e fazem o melhor uso possível da "nossa comum salvação". Eles aumentam a bênção que dela advém, por meio de muita oração, fé e experiência. Falam dela a outros e divulgam o conhecimento da altura e profundidade do amor de Deus. E quanto mais o fazem, mais ela cresce neles. Outros passam pela vida sem se aperceberem ou sem se apropriarem do dom da vida eterna que Cristo oferece. Sua esperança é serem salvos, mas não têm uma experiência pessoal do amor de Cristo. Estes são os que

deixam de usar sua mina! Que contraste entre tais indivíduos e Paulo ou Lutero ou Wesley!

LUCAS 19.28-40

A Recepção do Rei. Esse humilde triunfo é uma revelação a mais do caráter do Senhor. A humildade, que o expunha às zombarias e ao escárnio dos escribas e fariseus, agradava muito o povo simples da Galiléia, que o reconhecia como um dos seus e se orgulhava de identificar-se com ele. (Veja Mateus 21.11.) É assim que Jesus segue seu caminho através dos tempos; os príncipes deste mundo não o conhecem, mas seu caráter é apreciado e seus ensinamentos reconhecidos até pelas crianças (Mt 11.25; 1 Co 2.8). Você está participando do grupo dos que seguem o Mestre?

A realeza de Jesus não é deste mundo. Tem como fundamento o caráter. É ignorada pelo soberbo, mas acolhida pelo pobre. Ela é mais bela para aqueles cujos olhos estão ungidos para penetrar o véu e discernir as realidades eternas; cujo louvor a Deus brota como expressão irresistível de seu entusiasmo. Note que o cântico deles é um eco de Lucas 2.14. Oh! que possamos também glorificar a Deus nas maiores alturas!

A necessidade do Senhor é a nossa principal motivação. Não podemos negar-lhe nada que nos solicite, seja um filho ou nosso dinheiro ou a vida. Que estas palavras ressoem em nosso coração: "O Senhor precisa".

LUCAS 19.41-48

O Destino da Cidade Real. O Senhor amava a cidade de seu povo; e, quando ela, por fim, rejeitou seus apelos, ele compreendeu que nada poderia impedir que ela caísse. Daí suas lágrimas! Para cada nação, cidade e indivíduo há um dia que é o ponto crítico da sua existência. Cruzamos o equador sem saber. Há um momento, na vida de cada um que é abandonado por Deus, em que, como no templo antes de sua queda, os que ali estão ouvem a palavra: "Partamos" seguida de um ruflar de asas! Notemos, porém, que Deus nos visita com sua misericórdia, antes que venha a nós com sua ira.

Foi um ato surpreendente o de Cristo ao purificar o templo pela segunda vez (Jo 2.13ss). Se houvesse jornais naqueles dias, eles teriam noticiado essa ocorrência com grandes cabeçalhos. É extraordinário que esse homem tão manso e humilde se manifeste de forma tão veemente! Mas seu zelo pela casa de Deus o sustentava e impulsionava. Peçamos-lhe para purificar o templo de nosso coração.

Os sacerdotes e escribas tinham investimentos a proteger, o que os cegava, impedindo-os de ver a beleza e a glória de Cristo. Se colocarmos uma moeda, embora sem valor, sobre o olho, ela nos impedirá de ver a luz do sol.

LUCAS 20.1-8

A Pergunta Sem Resposta. Quando alguém recebe uma missão divina não precisa provar isso. Suas credenciais estão escritas com grandes letras sobre sua vida e sua mensagem. Assim foi com João Batista. Ele não tinha necessidade de provar o que dizia ser. A presença de multidões no vale do Jordão e nas águas batismais era suficiente para atestar ser ele o servo de Deus. O que ele pregava acerca de Deus e do pecado encontrava eco no coração deles. Assim era também com o Senhor. As massas que o seguiam e estavam presas às suas palavras não tinham dúvida de que ele era o herdeiro da vinha. Os líderes fingiam duvidar porque, para usar a linguagem da parábola que se segue, relutavam em abrir mão de suas pretensões à propriedade da vinha.

É provável que não se tenha dado bastante ênfase ao supremo poder intelectual do Senhor, poder que brilhou tão intensamente nesses conflitos com os casuístas hebreus, e dos quais ele sempre saiu vencedor pela força absoluta de sua mente. "Nós, porém, temos a mente de Cristo!"

LUCAS 20.9-18

"A Pedra que os Construtores Rejeitaram". A vinha representa os privilégios e as bênçãos da raça hebraica. Os servos são, evidentemente, os profetas e outros enviados de Deus. Seja qual for a nossa posição na vida, Deus espera

dela um determinado rendimento. Nós não somos donos, mas arrendatários; não somos proprietários, mas administradores. Você tem certeza de que está entregando a Deus as rendas que ele pode, por direito, exigir?

Notemos como o Senhor se distingue de todos os mensageiros humanos, denominando-se o Filho. Quando ele disse "meu Filho amado", antecipava João 3.16. Ele compreendia que era o herdeiro (Hb 1.2; Rm 8.17).

Conta-se que, na construção do templo de Salomão, uma pedra lavrada foi deixada de lado e esquecida até que uma parte da estrutura exigiu sua utilização. Nós podemos construir a sociedade ao nosso gosto, mas chegará a ocasião quando Cristo será necessário para dar o toque final.

LUCAS 20.19-26

O Tributo a César e a Deus. Os inimigos de Cristo temendo tocá-lo eles mesmos, e não encontrando pretexto para atacá-lo com base na lei mosaica, procuraram colocá-lo em conflito com o poder civil. Para conseguir isso, nenhuma forma de hipocrisia era vil para eles.

Tão pobre era o Senhor que teve necessidade de pedir que lhe cedessem um denário. César tem certas prerrogativas sobre nós. Conquistou o direito à nossa lealdade civil e aos impostos que cobra, pelo fato de preservar a boa ordem da sociedade e a nossa segurança, mas aí termina sua autoridade. Quando ele se intromete nos domínios da consciência, torna-se um usurpador. Nesse reino ele não tem direito algum.

Devemos dar a César os impostos a que tem direito e eles podem ser pagos na moeda do nosso país; porém, ele não tem quaisquer direitos sobre nossa consciência, fé, ou amor. Essas trazem a "effigie" de Deus, e a Deus devem ser pagas. Ah, alma! Tu pertences ao grande Rei; em ti está estampada a imagem e a inscrição dele! Dá-te a ele!

LUCAS 20.27-40

O Deus dos Vivos. Nesse ponto o Senhor responde ao materialismo do seu tempo. Ele fala com um tom de absoluta certeza acerca do mundo invisível

(Hb 11.27). Seus habitantes não morrem e não se casam, nem estão sujeitos às condições de nossa vida terrena. Esses são "os filhos da ressurreição". Que título inspirador! Que ele possa ser aplicado a nós, como em Colossenses 3.1-4! Muitos são "os filhos deste mundo" (v. 34). Para eles este mundo transitório é como um pai adotivo! Nós não podemos pertencer a ambos, embora alguns, como o barqueiro de Bunan, remem em uma direção enquanto olham para outra.

Como é maravilhoso encontrar a prova da imortalidade na passagem da sarça ardente (Êx 3.6)! O fato de Jeová ter dito: "Eu sou o Deus de Abraão", prova que o patriarca estava vivo em algum lugar naquele momento. Aqueles que nós dizemos estarem mortos são pessoas vivas que morreram. A morte é apenas uma transição, um passo. Não há interrupção na corrente da existência. Além e aqui, vivemos todos para Deus (Rm 14.8).

LUCAS 20.41-21.4

O Senhor de Davi Testando Homens e Mulheres. Agora, foi a vez do Mestre perguntar. Como homem, ele era descendente e filho de Davi; como o Filho de Deus, ele era Senhor dele. Embora isso selasse seu destino, o Senhor rasgou o véu diante desses hipócritas, para que seus seguidores pudessem ser advertidos acerca destas rochas submersas (Jd 12).

Vemos aí a diferença entre os falsos mestres, que devoravam as casas das viúvas, e o verdadeiro Líder e Mestre, que atribuiu tão alto valor à oferta da viúva. Nossas dádivas a Deus devem custar-nos alguma coisa, ou não serão reconhecidas no acerto de contas da eternidade. O valor real de uma oferta deve ser calculado pela sobra que ficou. Lembremos que a fragrância e a beleza desse ato da viúva têm permanecido, enquanto as pedras do templo se transformaram em pó. Os atos santos são imperecíveis! Jesus ainda está assentado junto ao gazofilácio, observando e avaliando nossas ofertas.

LUCAS 21.5-19

Dias que Põem à Prova a Alma dos Homens. Quando fazemos perguntas espe-

culativas, o Mestre nos solicita que olhemos para nós mesmos. Suas condições nessa passagem se cumpriram literalmente nos acontecimentos que culminaram com o cerco e a queda de Jerusalém, quarenta anos depois. "Toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora", e, através dessas angústias e agonias, a humanidade galga mais um degrau atingindo um novo nível de experiência. O diabo nunca entregará seu reino, e muito menos o corpo dos homens, sem primeiro causar muitos estragos; mas há um que é mais poderoso do que ele.

A Igreja é chamada a seguir seu Senhor. Ela não tem como escolher caminho mais fácil que o dele. Onde não houver sofrimentos por fora, poderá haver uma cruz interior, bem como a morte de tudo aquilo que antes se valorizava. Jesus sempre permaneceu junto dos seus, onde quer que eles tenham sido chamados a dar testemunho da verdade; e o testemunho dado por suas testemunhas tem alcançado os grandes da terra e reverberado pelas cortes e palácios. No sofrimento, nossa alma é esquadrihada como que pelo fogo. Aprendemos assim a conhecer-nos a nós mesmos de uma maneira que só é possível pelo sofrimento.

LUCAS 21.20-28

A Vinda do Filho do Homem em Glória. Esse parágrafo se aplica primeiramente à queda de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D. C. As orientações dadas pelo Senhor foram da maior utilidade para a igreja cristã, cujos membros, em grande número, fugiram para Pela, atravessando o Jordão e, assim, escaparam aos horrores do cerco. Mas além disso, todos os grandes acontecimentos da História, tais como a dissolução do Estado Hebreu, a queda do Império Romano, a eclosão da Reforma, a Revolução Francesa e assim por diante, se constituem em estágios da vinda do Senhor. Ele está sempre "vindo numa nuvem" no que diz respeito aos olhos dos homens, mas com a glória crescente que vem de uma revelação mais clara e de um poder espiritual maior. Todos esses estágios estão preparando

o caminho para a revelação final do Senhor Jesus na sua Segunda Vinda.

Aquela geração não passou antes que esses sinais se cumprissem; mas cada grande período ou capítulo da história se encerra com sinais semelhantes. É como se a natureza fosse solidária com as experiências da raça humana assim como o nosso corpo o é com as variações emotivas da alma. Eis, de novo, as dores de parto da criação, por meio das quais nasceu os novos céus e a nova terra. (Veja Romanos 8.22.)

LUCAS 21.29-38

A Necessidade de Constante Vigilância. O verão do mundo ainda está para vir! Estamos na primavera, quando as sementes já estão começando a brotar, mas os ventos ainda são frios. Ah, que aqueles dias pacíficos de esplendente e ininterrupto verão possam chegar logo!

As palavras do Senhor se cumpriram parcialmente dentro de um período de quarenta anos após terem sido pronunciadas; falta ainda ver o quanto elas contêm além do que já percebemos que se cumpriu. Enquanto isso, estejamos atentos à advertência do Senhor. Notemos que as “preocupações” põem em perigo a saúde de nossa alma, tanto quanto a “orgia” e a “embriaguez”. Sem vigilância e oração constantes é impossível viver como devemos. A armadilha se acha tão habilmente montada que, antes que nos demos conta, podemos estar enredados nela. Mas, como será grande a honra de, um dia, “estar de pé na presença do Filho do homem”. (Veja 1 Reis 10.8.)

Essas últimas horas do ministério do Senhor foram bem agitadas. Foram dias cheios de atividades, intercaladas por breves períodos de um abençoada comunhão com o amado grupo de Betânia, enquanto as noites, ele as passava em oração no monte das Oliveiras.

LUCAS 22.1-13

Vendendo ou Servindo o Mestre? O mundo parecia estar em guerra contra Aquele que mais amou a alma do homem nesta terra. Satanás entrou no coração de Judas, porque aquela era a hora

dele, e ele reuniu todas as suas forças para um derradeiro e prodigioso esforço no objetivo de destruir o Filho do homem e frustrar seu sublime propósito de redenção. Judas, um membro do círculo dos discípulos, não hesitou em preferir trinta moedas de prata em lugar do amor, da pureza e da compaixão que estavam encarnadas no Filho do homem. Os líderes religiosos da época também se aproveitaram da oportunidade avidamente.

Nesse ínterim o Senhor se preparava para o conflito, reunindo na intimidade os remanescentes do colégio apostólico, embora nenhum deles compreendesse de fato o que se passava. A razão de ele haver combinado com o homem que carregava o cântaro de água, evidentemente foi evitar que fosse preso durante a ceia, pois, dessa forma, Judas não teria como informar seus cúmplices com antecedência acerca de onde ela seria realizada. Lembremos que Jesus pede, a cada um de nós, o quarto de hóspedes do nosso coração! Peça-lhe que ele não venha apenas como um viajante que fica ali uma noite só, mas que venha morar nele para sempre.

LUCAS 22.14-23

A Festa do Amor. A alma humana de Jesus precisava dessa doce comunhão com amigos leais para ajudá-lo a enfrentar suas tristezas; e ele desejava transmiti-la como um legado perpétuo à sua Igreja. Podemos imaginar aquela mesa se alongando e atravessando os séculos até chegar ao lugar onde nós estamos assentados. Contemplemos esse quadro; na outra extremidade dessa mesa, eis o próprio Mestre!

Essas duas alusões ao reino de Deus (vv. 16 e 18), apontam para o futuro, para a ceia das bodas do Cordeiro, quando o pleno propósito da redenção estará consumado. Assim como participamos do pão para nosso vigor natural, assim também só podemos ter vigor espiritual, para sofrermos, para resistirmos à tentação e para servirmos, quando nos alimentamos de Cristo pela meditação e pela apropriação. E jamais esqueçamos que o vinho é o símbolo do seu sangue, com o qual foi selada

a nova aliança. (Veja Hebreus 9.18.) Portanto, quando, na ceia do Senhor, levamos o cálice aos lábios, podemos citar as promessas dessa aliança e reivindicar de Deus o seu cumprimento. (Veja Hebreus 8.8ss.)

LUCAS 22.24-34

Discípulos que Entristecem Seu Senhor. É provável que essa discussão sobre quem era o maior tivesse ocorrido ao entrarem no cenáculo. Difícilmente ela poderia ter ocorrido após a bela ceia registrada em João 13. Mas, sem dúvida, os sentimentos exaltados que essa disputa provocou prepararam o caminho para a provação de Pedro, bem como seu peneiramento e queda. São as pequenas ondas que acabam-se transformando em poderosos vagalhões que fazem soçobrar os grandes navios e tragam vidas humanas.

Satanás não pode atacar-nos enquanto não tiver obtido permissão para isso (v. 31). Deus não nos tenta, embora permita que sejamos tentados, como no caso de Jó; mas, com a tentação, há sempre uma provisão de livramento, se nele esperarmos (1 Co 10.12,13). Quantas vezes o Senhor antecipadamente intercede por nós, em nossas horas de provação (v. 32)! Às suas orações, devemos o fato de não cairmos ou, havendo caído, o de não ficarmos prostrados. Esse é o melhor proveito que podemos tirar de nossas falhas; elas nos ensinam a ter humildade e espiritualidade, bem como a ajudar outros. Como conhecemos pouco a nós mesmos! (Veja versículos 33 e 34.)

LUCAS 22.35-46

Bebendo o Cálice em Lugar de Outros. O Senhor sabia o que iria enfrentar. Tudo estava descoberto e patente aos seus olhos. Foi voluntariamente que ele entregou a sua vida; mas nesse supremo ato de amor passou por indizível sofrimento. Não que ele temesse a dor física, mas temia o horror de ser exposto perante o universo, de ser identificado com o pecado e a tristeza do mundo, como se eles fossem pessoalmente seus.

Nessas instruções aos apóstolos

quanto à bolsa, ao alforje e à espada, Jesus pretendia mostrar-lhes que a tempestade estava prestes a desabar sobre eles com furiosa intensidade.

Alguns pensam que o Senhor orava, mais do que tudo, para que seu corpo não fraquejasse ao peso daquela terrível angústia. Ele temia que viesse a morrer antes de alcançar a cruz! (Veja Hebreus 5.7.) Ó meu Senhor! Teus discípulos escolhidos te decepcionaram naquela hora; mas nós também já fizemos o mesmo! Que podemos dizer? Ajuda-nos a participar de tua vigília e de tua oração!

LUCAS 22.47-53

“O Poder das Trevas”. Deve ter sido cerca de meia-noite quando o clarão das tochas e o rumor de passos indicaram a chegada de Judas e seu bando. Com o beijo, ele provavelmente tinha a intenção de disfarçar sua traição perante os demais discípulos, mas não enganou o seu Mestre que, mesmo naquela hora triste, procurou falar ao seu coração (v. 48).

Quando a orelha de Malco foi quase seccionada do corpo, fez-se necessário que o Senhor se interpusesse, porque, se Pedro tivesse sido preso, o olhar da humanidade poderia ter-se desviado do espetáculo da expiação de Cristo, e poderia ter havido uma luta no portão do jardim, o que teria justificado as piores acusações do sumo sacerdote.

A repreensão serena com que Jesus enfrentou o bando de arruaceiros, recordando sua covardia à luz do dia e no meio das multidões, foi seguida por uma atitude de submissão de sua parte deixando-se levar “como um cordeiro ao matadouro”.

LUCAS 22.54-62

O Discípulo que Negou o Seu Senhor. Pedro amava Cristo sinceramente, mas calculou mal sua própria força. Tenhamos cuidado para não nos aventurarmos, expondo-nos à tentação. Se Deus nos leva ali, é outra coisa. Bem fazemos em recordar o Salmo 1.1-3. Evitemos aquecer-nos junto às fogueiras do mundo. Foi a claridade do fogo no rosto

de Pedro que o denunciou, e o seu so-taque o traiu.

Se mesmo naquela hora, entretanto, ele tivesse olhado para Deus, teria encontrado uma rota de escape. "Ele livra e salva, e faz sinais e maravilhas no céu e na terra" (Dn 6.27). Mas Pedro procurou livrar-se das conseqüências de sua leviandade e de seu pecado, à sua maneira, e só conseguiu afundar-se mais e mais no atoleiro.

Que olhar deve ter sido aquele (v. 61)! Mas, hoje também, quando nós pecamos, Cristo olha para nós do seu santo céu, com tal compaixão e amor que seu olhar se constitui no pior tormento que podemos sofrer. Para haver inferno não é preciso haver fogo físico. Um amor traído é mais candente que brasas vivas.

LUCAS 22.63-71

"*Rejeitado Entre os Homens*". Essa cena de zombaria é muito terrível. Como deve ter sido difícil às doze legiões de anjos se refrearem. (Veja Mateus 26.53.) Aqui temos uma manifestação do mal oculto que há no coração humano e que se revela ao contato com a infinita pureza de Deus, à semelhança do mau odor da água estagnada que sobe à tona pela ação do sol de verão.

O Senhor não disse uma palavra em resposta a todas as falsas acusações que foram dirigidas contra ele. Deixou que as falsas testemunhas refutassem umas às outras. Mas, no instante em que seus direitos divinos foram contestados, ele não pôde guardar silêncio. É por demais notável que nesse Evangelho, que procura dar tanta ênfase à pura humanidade de Cristo, Lucas deixe bem claro que a resoluta afirmação de sua igualdade com Deus foi a causa de sua morte (Jo 5.18). Não há um sentido em que o olho da fé sempre o vê assentado à "direita do Todo-poderoso Deus"?

LUCAS 23.1-12

Em Silêncio Diante de Falsas Acusações. O sinédrio judaico, convocado apressadamente durante a madrugada, tendo arrancado de Jesus a confissão de seu messianismo e de sua divindade

e, tendo concordado com a sentença de morte, tentou induzir Pilatos, o governador romano, a aceitar esse veredicto. Para conseguir isso, sustentava que Jesus punha em perigo a supremacia romana.

Pilatos estava acostumado a lidar com pessoas e, depois de cuidadoso exame, ficou satisfeito ao verificar que não havia base para a sentença de morte. "Não vejo neste homem crime algum." Como o Cordeiro Pascal de Deus, o Salvador foi examinado para se verificar se havia nele mácula ou mancha, ou alguma coisa que pudesse invalidar sua alegação de impecabilidade. Somente alguém sem pecado poderia salvar pecadores. Interiormente, Pilatos reconhecia que o Senhor devia ser absolvido, mas seu medo dos judeus modificou o veredicto que sua consciência havia pronunciado. Remetendo o caso a Herodes, ele esperava que se fizesse justiça, sem incorrer ele no ódio que provocaria contra si se a fizesse.

LUCAS 23.13-25

Barrabás ou Cristo? A consciência de Herodes achava-se bem cauterizada em conseqüência de sua longa trajetória de imoralidade e crueldade. Enquanto João Batista viveu, Herodes havia feito muitas coisas boas e ouvido João de bom grado; mas depois que, por sua própria ordem, a fiel testemunha foi decapitada, o rei se precipitou para a ruína. Ele julgou esse incidente com Jesus com irreverente leviandade. O suntuoso manto ali utilizado como um arremedo do traje real dos reis judaicos, pode ter-lhe dado a idéia para a inscrição afixada à cruz.

Ao oferecer ao povo a opção entre Cristo e Barrabás, Pilatos, com toda a certeza, esperava que escolhessem o primeiro. Para sua consternação, esse segundo esforço para acalmar a consciência sem pôr em risco sua reputação, também falhou. Cada um de nós tem de escolher entre Cristo e Barrabás, entre submeter-se à cruz e ser dominado pelo egoísmo brutal. Barrabás pode ter dado uma chegada até o Calvário naquela tarde e, contemplando a cena,

ter dito: "Ele está crucificado onde eu deveria estar. Fui salvo pela morte dele."

LUCAS 23.26-34

"*Eles Crucificaram o Senhor da Glória.*" Acredita-se que os dois filhos de Simão se tornaram cristãos. (Veja Marcos 15.21 e Romanos 16.13.) Talvez essa estranha interrupção em suas experiências comuns levasse a família inteira a tornar-se cristã. Ele carregou a cruz junto com Jesus. Séculos depois, Symeon de Cambridge, que foi muito injuriado por causa de seus princípios evangélicos, gostava de pensar que ele e Cristo estavam sofrendo juntos.

Sempre mais preocupado com os outros que consigo mesmo, o Senhor parecia esquecer-se de seus sofrimentos de modo a poder dirigir conselhos e advertências a essas pobres mulheres (v. 28). Ele era a árvore jovem e verde da floresta, consumida pelo intenso calor da ira divina, enquanto elas e os seus eram o lenho seco que logo crepitaria com a destruição da cidade.

Na cruz, o Senhor passou a ser o Sumo Sacerdote, intercedendo pelo mundo e pelos seus, o que, desde então, nunca cessou de fazer. (Veja Hebreus 7.25.) Os pecados de ignorância são colocados numa categoria diferente dos de presunção. (Veja 1 Timóteo 1.13 e 1 João 5.16.) A resposta à oração de Jesus (v. 34), foi dada no dia de Pentecoste.

LUCAS 23.35-46

Salvando Outros Mas Não a Si Mesmo. Governadores, soldados e malfeitores lançaram insultos ao Senhor ali agonizante, mal se apercebendo de que todos eles estavam incluídos no grande amor que fluía dele, operando a propiciação pelos pecados do mundo inteiro. É possível que tenhamos de participar da mesma vergonha, se bebermos do seu cálice e formos batizados com seu batismo. Mas Deus fará por nós o que fez por Jesus: não deixará nossa alma na sepultura, nem permitirá que os seus vejam a corrupção (Sl 16.10).

Os sinais da renovação operada no coração do ladrão arrependido, revelavam claramente uma operação do Espírito Santo nele. Eram eles: o temor

de Deus, o senso de justiça em seu sofrimento, a confissão de maus atos, o reconhecimento da impecabilidade e dignidade do Senhor e o pressentimento de um reino vindouro. Haverá um dia em que acordaremos aqui, sob os céus nublados da terra, mas que terminaremos lá, onde não há necessidade de sol nem de lua. (Veja Filipenses 1.23 e 2 Coríntios 5.6.) A respeito do véu rasgado, veja Hebreus 10.20. Muitos crentes, ao morrerem, passam para o lar celeste murmurando as últimas palavras do Senhor (Sl 31.5; At 7.59).

LUCAS 23.47-56

A Fé às Vezes se Manifesta Onde Não se Espera. Deus tem seus agentes em toda parte. Nós não os conhecemos, mas ele os conhece bem, e com uma palavra ele obtém o auxílio deles, com todos os seus recursos. Quantos há que, sem que o saibamos, amam o reino de Deus! Quem teria imaginado que José estava esperando a vinda do reino, ou que ele iria identificá-la com a morte na cruz!

O corpo do Senhor foi bem cuidado. Os que se entregarem a Deus, verificarão que ele se responsabilizará pelo corpo, para alimentá-lo em vida e para honrá-lo na morte. (Veja Mateus 6.33 e Deuteronômio 34.6.) O túmulo novo estava disposto de tal maneira que não poderia ocorrer nenhum engano na identificação do precioso corpo, e não poderia haver nenhuma dúvida sobre a ressurreição. O amor, que realiza fielmente, com terna solicitude, as últimas tarefas, apressou-se a manifestar-se por meio de uma devoção tal que desafiou até o ódio dos governantes. Trevas e silêncio caíram sobre a cena — mas isso não foi o fim.

LUCAS 24.1-12

O Túmulo Vazio. A pergunta mais desconcertante para os que negam a ressurreição de Cristo é: "Se ele não ressuscitou então o que foi feito do seu corpo?" Se tivesse sido roubado por inimigos, estes o apresentariam para rebater as alegações dos apóstolos. Se seus amigos tivessem tirado, certamente o teriam transportado envolvido nas roupagens mortuárias, mas estas foram

deixadas, dobradas e em tal ordem que, evidentemente, não tinha havido violência nem pressa.

Notemos a ênfase dada pelos anjos, referindo-se a Cristo como “o que vive”.

Os discípulos não tinham prestado muita atenção ao que ele tinha falado na Galiléia e se achava registrado em 9.22. Muitos procuram o Cristo vivo nos invólucros de cerimônias e credos. Ele não está neles. Já partiu e nós devemos segui-lo indo até onde ele está, onde a Páscoa está raiando.

As mulheres foram as primeiras mensageiras da ressurreição. O intenso ardor de sua convicção parece ter prejudicado sua mensagem; os apóstolos “não acreditaram nelas” (v. 11). Mas a ordem em que estava o túmulo provou a Pedro que o corpo não fora roubado.

LUCAS 24.13-27

Andando com o Senhor Ressuscitado. Esse enlevo motivado pela ressurreição é real e natural demais para ter sido inventado. A triste caminhada; a discussão; o espanto demonstrado ao ver alguém que, tendo estado em Jerusalém, embora por pouco tempo, não soubesse dos acontecimentos que enchiam a alma deles; a esperança que ainda tinham; o desespero porque o terceiro dia declinava e ele ainda não aparecera; a pista do anúncio matutino que não tinha sido investigada; o coração ardente — todos esses aspectos estão carregados de uma emoção natural.

E como aqueles onze quilômetros devem ter sido curtos em tal companhia; e que luz nova ele lançava sobre as páginas do Antigo Testamento! A Bíblia toda fala de Jesus, mas é preciso que alguém nos mostre o significado dela. Só chegaremos à glória através do sofrimento. Mas por que nossa vida não pode ser uma doce caminhada em companhia daquele que não podemos ver, mas cuja presença enche o nosso coração de um amor ardente até que, de repente, o véu se parte em dois? (Veja 1 Pedro 1.18.)

LUCAS 24.28-35

“Fica Conosco”. O Senhor precisa ser convidado e constrangido. Ele não impõe sua presença a um hospedeiro

que se recuse a recebê-lo; mas como se sente feliz ao entrar onde recebe uma boa acolhida. Ele transforma uma refeição comum em sacramento, uma simples sala em câmara real e as coisas mais comezinhas em símbolos do que é eterno. Assenta-se com eles, e a seguir desaparece; mas isso não significa que só porque não o viam mais ele não estava presente — e tudo isso para ensinar-lhes que, quando saísse permanentemente de suas vistas, então estaria mais perto do que nunca.

Quando alguém tiver uma grande visão do Senhor, não deixe de contá-la. Não fique parado no interior do seu quarto, gozando a alegria e o conforto da presença divina. Procure depressa seus irmãos na fé. Eles também têm muito a contar. Em 1 Coríntios 15.5, Paulo menciona essa aparição a Simão Pedro. Quem ama realmente o Salvador, ama também as ordenanças da Igreja, o convívio dos irmãos e principalmente a Ceia do Senhor, onde ele se dá a conhecer.

LUCAS 24.36-43

“Paz Seja Conosco”. O próprio Jesus está aqui! E é exatamente dele que necessitamos quando estamos amedrontados. Alguém pode estar temendo as consequências do seu pecado; temendo a aproximação do seu inimigo; temendo o futuro com suas desconhecidas contingências; mas, o antídoto do medo é o próprio Jesus. Ele guarda a alma que nele confia protegida pela forte porta da paz. (Veja Isaias 26.3.)

Não se tratava de um fantasma, mas de uma pessoa que se revestira de um corpo espiritual que, evidentemente, reproduz as linhas gerais do corpo físico, embora numa substância mais preciosa e sutil. Esse incidente nos ensina que, quando nós também estivermos revestidos do corpo espiritual, não seremos muito diferentes do que somos hoje. Poderemos ser reconhecidos por nossos amados e eles por nós. (Veja 1 Coríntios 15.44.)

O que é que fazia com que suas mãos e pés fossem identificados como os deles, senão pela marca dos cravos neles presentes? (Veja João 20.27.) “Vi

no meio do trono... um Cordeiro como tinha sido morto” (Ap 5.6).

LUCAS 24.44-53

“Testemunhas Destas Coisas”. O Salvador ressurreto é o ponto central das Escrituras. As páginas da Sagrada Escritura necessitam da iluminação que vem da sua pessoa. Sempre que abriremos o Antigo Testamento, citado aqui com sua costumeira divisão hebraica tripla, não deixemos de pedir-lhe para abrir também nosso entendimento!

Arrepende é abandonar o pecado. É um ato da vontade. Ao realizar a remissão dos pecados, Cristo não somente os perdoa, mas se coloca entre

o pecador e as consequências deles.

“Começando por Jerusalém”, isso porque o judeu está em primeiro lugar na ordem divina (Rm 1.16). Mas a última etapa são os confins da terra. Não somos chamados para sermos defensores da verdade, mas “testemunhas” dela. Nós dizemos o que sabemos e testificamos do que temos visto. Nossa testemunha coadjuvante é o Espírito Santo (At 5.32).

Aquelas mãos que se ergueram para abençoar nunca foram abaixadas. Ainda estão estendidas sobre nós dando-nos a bênção e, dos céus, fazem chover bênçãos perenes. Rejubilemo-nos nele com grande alegria; que cada lar humilde seja um templo cheio de louvor!

O EVANGELHO SEGUNDO

JOÃO

Jesus é o Cristo



PRÓLOGO 1.1-14.

A Encarnação do Verbo eterno.

1. O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA 1.15-51; 3.22-36.

“Voz do que clama no deserto”; “Eis o Cordeiro de Deus”; Tiago, João, André, Simão, Filipe e Natanael encontram Jesus; “Convém que ele cresça e que eu diminua”.

2. O TESTEMUNHO DO MINISTÉRIO DE JESUS 2.1-6.71.

Primeiro milagre, em Caná; a purificação do templo; a visita de Nicodemos; a conversa com a mulher junto ao poço de Jacó e trabalho em Samaria; a cura do filho de um oficial do rei; o homem paralítico curado junto ao tanque de Betesda; a multiplicação dos pães para 5.000; Jesus anda sobre o mar; o discurso acerca do pão da vida.

3. O TESTEMUNHO DA CONTROVÉRSIA ENTRE JESUS E OS LÍDERES JUDEUS 7.1-12.50.

Jesus na Festa dos Tabernáculos; discussão acerca da origem de Jesus; as alegações de Jesus contestadas pelos judeus; “Antes que Abraão existisse, eu sou”; a cura de um cego de nascença; o Bom Pastor; a ressurreição de Lázaro; o plano dos fariseus para tirar a vida a Jesus; Jesus ungido em Betânia; gregos se encontram com Jesus; a voz do céu; o mandamento do Pai.

4. O TESTEMUNHO DOS SOFRIMENTOS, MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS 13.1-20.31.

A Festa da Páscoa; Jesus lava os pés dos discípulos; um novo mandamento; Judas retira-se; a casa do Pai; o Consolador; a videira verdadeira; o Espírito da verdade; a oração sacerdotal; a traição; o julgamento perante Caifás, e perante Pilatos; a crucificação; o sepultamento; a visita das mulheres ao túmulo; as aparições do Senhor ressuscitado; o propósito do Evangelho.

EPÍLOGO 21.1-25.

A manifestação de Jesus aos seus discípulos junto ao mar da Galiléia; apanhando peixe; a missão especial de Pedro; nota final do autor.

INTRODUÇÃO

Este é o Evangelho “água”. Ele sobe aos céus com asas firmes e olhar penetrante. A Igreja, com consistente tradição, atribuiu sua autoria ao apóstolo João. O estilo, o espírito e o método de pensamento são, claramente, dele. Na verdade, ninguém mais havia no primeiro século que pudesse tê-lo escrito e permanecesse desconhecido.

Clemente de Alexandria disse que foi escrito pelo apóstolo em atenção à solicitação insistente de seus amigos, e que ele foi guiado pelo Espírito de Deus para compor um Evangelho que apresentaria muito do que os evangelhos sinóticos omitiram.

Ele foi escrito, provavelmente, durante a última década do primeiro século, em Éfeso. É evidente que Jerusalém já tinha caído, e que a heresia gnóstica já estava sendo difundida. Coube ao apóstolo a sorte de dar essa última e conclusiva demonstração de que Jesus era o Filho de Deus (20.31). É interessante estudar o desenvolvimento da luta entre a fé e a incredulidade à medida em que elas se tornam mais e mais pronunciadas a respeito da Pessoa do Senhor.

COMENTÁRIO

JOÃO 1.1-13

Luz e Vida. Essas atribuições do Senhor são apresentadas em estilo real. Assim como a fala revela os pensamentos ocultos dos homens, assim também o Senhor revela o Deus invisível. Deus falou e assim foi feito. Suas palavras precederam o ato da criação, mas Cristo era o Verbo ou a expressão de Deus. Jesus, que criou o tempo, precedeu o tempo, e aquele que existe antes do tempo, é eterno e divino. Cristo é o instrumento ou o meio pelo qual Deus realiza a obra da criação e da redenção. A vida de Deus estava inserida na natureza humana de Jesus, quando o Verbo se fez carne de modo a poder ser transmitida a nós mais rapidamente. A vida verdadeira é sempre luz, como os diminutos ciliados do oceano são fosforescentes. Quando recebemos a vida de Cristo, nós luzimos.

Os homens ainda são enviados por Deus, como João o foi, para dar testemunho de Jesus, mas além disso há, também, um testemunho dele no coração de cada um. É o que chamamos de consciência ou luz interior. O mundo

cego não o conheceu. Na verdade, João 9 é uma parábola mostrando a condição da humanidade (2 Co 4.4). Crer e receber são a mesma coisa. Deixe Cristo entrar em sua vida e, no mesmo instante, terá o direito de ser chamado filho de Deus (Gl 3.26). Só Deus pode nos transmitir o embrião dessa vida que nós compartilhamos com o próprio Filho (Tg 1.18).

JOÃO 1.14-28

A Voz da Promessa. Notemos que a expressão “se fez” pode ser traduzida por “tornou-se” (v. 14). Evidentemente Jesus existia antes dessa transformação, e, por certo, houve um processo de autolimitação. “Habitou” é o mesmo que “tabernaculou”. Como a luz da *Shekinah* estava velada pela cortina do tabernáculo, assim também a essência divina em Jesus estava “oculta” em sua humanidade, embora ela viesse a fulgurar na transfiguração. Ele era cheio de “graça”, o amor imerecido de Deus; cheio de “verdade”, tendo vindo para dar testemunho dela; cheio de “glória”, a do Filho unigênito. Filhos por adoção há muitos; mas, Filho, só um.

Que belo testemunho deu João Batista! Ele não era o Cristo; nem Elias (a não ser em espírito — Lc 1.17); nem o profeta esperado, mas apenas uma voz, anunciando o Cristo e se extinguindo em seguida. Estava contente em diminuir diante do maior, a quem, por revelação, estava aguardando, e para o qual tinha a missão de servir de arauto. Em certo sentido, aquele que prega o arrependimento deve sempre preceder o Cristo. Precisamos abandonar o pecado de que temos conhecimento para reconhecermos o Cordeiro de Deus. Mas como Cristo deve ser grande, já que um homem tão nobre como João se julgou indigno para desatar-lhe as correias das sandálias!

JOÃO 1.29-34

Testemunho em Favor do Filho de Deus. A descrição que João faz de Cristo responde à pergunta de Isaque (Gn 22.7). Não limitemos a abrangência do evangelho. Pela graça de Deus, Jesus provou a morte por todos os homens (1 Jo 2.2). Embora eles não o soubessem, o Messias já estivera naquelas margens, tinha-se misturado com aquelas multidões, tinha descido àquelas águas, e estava entre eles naquele momento. Mas os olhos deles estavam vendados. A nova era já havia raiado.

A maioria das pessoas que lêem a história do batismo do Senhor provavelmente supõe que o sinal da pomba descendo e o som da voz do Pai foram percebidos por toda a multidão. Entretanto, não foi esse o caso. João havia sido previamente informado de que, algum dia, alguém indicado por aqueles sinais, viria para ser batizado. Ele era o porteiro do aprisco, sendo necessário certificar-se acerca do verdadeiro Pastor quando ele aparecesse (Jo 10.3). Para o Senhor, isso foi o início de seu ministério. Os poderes celestiais estavam a seu dispor, e ele, por sua vez, podia colocá-los à disposição daqueles que cressem e cooperassem com ele para a regeneração do mundo.

JOÃO 1.35-42

Como Jesus Ganha Seguidores. Nesse terceiro dia, João, de novo, ansiosa e pensativamente, contemplou Jesus que an-

dava por ali. De novo apresentou-o como o Cordeiro de Deus, e havia um significado em suas palavras que foi imediatamente percebido por dois discípulos — provavelmente João e André — que estavam em sua companhia. Ele pretendia transferir o devotamento deles de si para o Senhor. Daí em diante, eles deviam contemplá-lo. Pelo menos foi isso que eles entenderam. Diz o evangelista que logo seguiram a Jesus. Vendo suas figuras se afastando e percebendo que sua tarefa estava concluída, o pregador não sentiu ciúme nem pesar. Ele era o amigo do Noivo e se alegrava grandemente ao ouvir sua voz (Jo 3.29). Observemos como o Senhor desenvolve os homens. Ele os convida a fazer parte de seu grupo “familiar”: “Vinde, e vede”; e, também, olha bem no fundo de seu coração, descobrindo capacidades e possibilidades que estavam veladas até para eles mesmos, mas que ele os ajuda a descobrir: “Tu serás chamado Cefas”, uma “rocha”.

JOÃO 1.43-51

Um Duvidoso se Torna Discípulo. Os apóstolos foram atraídos ao Mestre de modos diferentes. Alguns se aproximaram dele por meio da pregação, como quando João proclamou seu título e mencionou seu sacrifício. Outros foram trazidos através de relacionamentos humanos. O registro não menciona quantas pessoas André levou a Jesus, mas sabemos que levou pelo menos seu próprio irmão. Outros foram atraídos pela influência pessoal e direta do Mestre — “encontrou a Filipe”. Outros, ainda, foram levados pelo convite de amigos e através de laços de amizade, após longo período de preparação prévia. Filipe tinha atravessado muitas vezes as montanhas que ficam entre o lago e a cidade de Caná, onde Natanael residia, e é possível que os dois já tivessem conversado seriamente acerca dos sinais do tempo: as dificuldades graves que o país vinha enfrentando, a pregação de João Batista e o advento do Messias. O israelita em quem não havia dolo assentarse-debaixo de uma figueira, ponderando sobre as coisas que Moisés e os profetas haviam escrito. E um homem assim, Filipe não teve dificuldade em

ganhar, quando o procurou com a notícia de sua descoberta.

Jesus está sempre nos mostrando “maiores cousas” (v. 50). Ele guia seus discípulos para a frente e para o alto, porque ele mesmo é a escada de ascensão a Deus.

JOÃO 2.1-11

Jesus Abençoa Reuniões Sociais. A palavra chave aqui é “sinais”; ou “milagres” (v. 11). Eles se constituem em janelas para a visão do eterno propósito. O Senhor gostava de participar das alegrias humanas simples. “Veio o Filho do homem, comendo e bebendo.” Com o seu primeiro milagre, ele prestigiou o casamento. O vinho tinha de faltar, como sempre ocorre com o que é terreno e humano, de maneira a dar lugar para o que é eterno e divino. Como Maria, somos também impulsivos e gostaríamos de apressar a ação divina; mas Deus é sempre ponderado e espera a hora exata para sua intervenção. Não é muito provável que Jesus tivesse feito 490 litros de vinho; mas, à medida que os servente o tiravam e o levavam para a mesa, a maravilhosa transformação se operava. O Senhor fez, num momento, o que está sempre fazendo por processos mais demorados: transformando orvalho e chuva nos nutritivos sucos que a natureza nos dá para nossa alegria.

Aquilo foi, na verdade, um sinal de que o Mestre desejava suavizar e enlavar a felicidade humana, e que com sua influência podia transformar algo que era trivial e comum em um elemento de bênção e de gozo. Sua glória consistia em mostrar que a religião não é distinta do secular, e ensinar que Deus aumenta nossas alegrias do pouco para o muito, e ainda mais. O melhor ainda está para vir.

JOÃO 2.12-22

Maneiras Certas e Erradas de se Entrar na Casa de Deus. Esse mercado estava estabelecido nos pátios do templo, e muitos males estavam a ele associados. Os animais eram vendidos a preços exorbitantes, tornando os negociantes ainda mais gananciosos. Os cambistas obti-

nham lucros consideráveis fornecendo aos que vinham adorar a moeda nacional — a única que podia ser oferecida no serviço do templo — fazendo o câmbio do dinheiro romano e grego. A presença do Senhor era majestosa, já que sua alma se achava inflamada pela ira gerada por seu zelo pela honra do Pai. A consciência dos faltosos estava ferida pelo contraste entre o santo zelo do Mestre e a sua ansiedade em continuar a barganhar.

A referência do Senhor ao seu corpo, como o verdadeiro templo, é impressionante e interessante. O apóstolo faz referência a ele em 1 Coríntios 6.19. Como Jesus purificou o templo, assim pode também purificar nosso coração. Quando vem habitar dentro de nós, encontra nosso ser profanado pelas coisas pecaminosas, que prontamente expulsa. Então se sente como o refinador da prata; sua pá ele a tem na mão e limpa completamente a eira. A referência do Senhor à destruição de seu corpo, pela ação dos líderes judeus, e à sua ressurreição, prova que, desde o princípio, estava com seu sacrifício sempre na mente. No capítulo seguinte, nota-se isso ainda mais claramente.

JOÃO 2.23-38

A Nova Vida Vinda do Alto — a Necessidade de Todos. Uma pergunta solene é sugerida pela versículo 24. Pode Jesus confiar em nós? Nós precisamos mostrar-nos dignos de sua confiança. Nos capítulos 3 e 4 temos dois exemplos notáveis do profundo conhecimento que Cristo tinha do coração humano.

Aparentemente Nicodemos tinha se esquivado de identificar-se com o batismo de João. Ele era um dos homens mais ricos em Jerusalém, e o Senhor se dirigiu a ele como “mestre” (v. 10). Ele estava querendo conversar acerca de sistemas de verdade e esquemas filosóficos. Mas o Mestre sabia que ele precisava de mais, muito mais; sua alma precisava passar pela experiência de uma vida mais ampla e mais plena. A expressão “nascer de novo” era sempre usada pelos judeus em relação aos gentios, e Nicodemos ficou assustado ao

saber que precisava passar pela mesma transformação que os judeus exigiam dos gentios, para que pudessem entrar na comunidade judaica. Ao falar de água, provavelmente o Senhor se referia ao batismo de João, no qual os homens confessavam seus pecados e exprimiam seu desejo de deixar o passado para trás e entrar para uma experiência mais plena com Deus. A nova vida, gerada pelo Espírito de Deus, é tão misteriosa como o vento. Esse Espírito, trazendo o germe de uma vida nova, tem grande alegria em ocupar todo espaço vazio que nós lhe dermos em nossa vida.

JOÃO 3.9-12

A Grande Dádiva do Amor. Embora fisicamente na terra, o Senhor estava espiritualmente em contato com as realidades celestiais. Estava vivendo entre elas e delas dava testemunho. Observemos aquele “importa” (v. 14). Ele era o Cordeiro morto desde a fundação do mundo, e o propósito divino da redenção fracassaria se ele não cumprisse a sua parte no pacto eterno. Aquilo que fora combinado antes que os fundamentos das montanhas tivessem sido estabelecidos, devia ser levado a cabo em todos os seus pormenores, mesmo os mais terríveis. Jesus precisava entregar a alma como oferta pelo pecado, e ser enviado como um bode emissário. Sozinho, ele devia pisar o lagar e deramar sua alma até à morte. Todavia, não foi rebelde, nem recuou. Ele se alegrou em fazer a vontade do Pai. Pela alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz.

A redenção originou-se no grande amor de Deus. Observemos os pares de palavras no versículo 16: “Deus” e “Filho”; “amou” e “deu”; “mundo” e “todo”; “crê” e “tenha”; “não pereça” mas tenha “vida”. O julgamento já está em andamento e o ponto crítico para cada um que já conheceu o evangelho será sua atitude para com o conhecimento que possui. Os homens maus evitam a luz como aquele que está com os olhos inflamados evita o sol. Nenhum coração sincero tem medo de Cristo e, quando se chega a ele, desco-

bre que, sem o saber, está sendo guiado por Deus.

JOÃO 3.22-30

João Mostra a Grandeza da Humildade. Está expressamente declarado no capítulo 4, versículo 2, que Jesus batizava por meio dos seus discípulos. Essa controvérsia se levantou porque um judeu se pôs a comparar os batismos feitos por João e pelo Senhor. Talvez, ao comparar as multidões que se reuniam em volta do novo Mestre com o declínio da popularidade do antigo, ele tivesse provocado ciúmes nos seguidores de João. Mas João não dava a menor impressão de se sentir aborrecido com isso. Sua resposta é uma das mais nobres já pronunciadas por lábios humanos: “Deus me deu uma obra claramente definida. Estou satisfeito de tê-la realizado. O êxtase do Noivo e seu sucesso em conquistar o coração das pessoas não são para mim. Basta-me contemplar sua alegria. Ele deve crescer, e eu diminuir, mas não estou triste. Na verdade, tenho uma alegria transbordante por causa do sucesso dele.”

Que bênção seria se pudéssemos gravar em nosso coração essa máxima imortal: “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada”. Tudo que possuímos é dádiva de Deus; conservemo-lo reverentemente. O que outra pessoa possui é a dádiva divina para ela; não temos o direito de criticar a Deus no que diz respeito à sua maneira de lidar com algum outro dos seus servos. A órbita de cada um de nós acha-se bem definida; tudo o que temos a fazer é brilhar ao máximo onde ele nos colocou, confiantes em que ele sabe o que é melhor.

JOÃO 3.31-36

Uma Testemunha de Confiança. Procuremos viver mais habitualmente no céu, isto é, em contato com o mundo espiritual. Para realizarmos nosso trabalho neste mundo da melhor maneira possível não é necessário sermos grandes na argumentação ou na retórica, mas simplesmente darmos testemunho daquilo que vimos e ouvimos. É verdade que o homem natural não acata o nosso testemunho. Paulo constatou isso após

alguns anos de ministério (1 Co 2.14). Mas, quando uma pessoa voltada para as coisas do Espírito aceita nosso testemunho, vê que a mensagem traz em si um outro selo, atestando ser ela a verdade de Deus. Notemos também que quando um homem é enviado como mensageiro de Deus e fala a Palavra de Deus, ele pode contar com provimentos ilimitados do Espírito de Deus. O Senhor não faz uma avaliação para ver quanto dará ao seu mensageiro, não. Podemos contar com Deus durante muitos anos, para receber bênçãos sem medida.

Observemos o tempo presente empregado nos dois últimos versículos. Essas palavras são tão verdadeiras hoje como quando foram pronunciadas. Nossa eternidade conta, não a partir do momento de nossa morte, mas daquele em que começamos a crer em Jesus Cristo. Se você sente que não pode mais nada, decida-se a confiar nele assim que ele lhe for revelado e, nesse ínterim, obedeça-lhe; assim fazendo chegará à luz do entendimento.

JOÃO 4.1-14

Mitigando Uma Sede Eterna. O Senhor não desejava que o conflito com o partido dos fariseus irrompesse enquanto não tivesse concluído seu ministério junto ao povo. Ele era o último e o maior dos profetas, bem como o Redentor do mundo. Por isso, retirou-se da metrópole. Aqui está um outro imperativo — “era-lhe necessário” — (v. 4), que tem sentido igual a três outros do capítulo anterior — “importa” e “convém”, e mais uma vez nesse capítulo, “importa”. Na verdade, Jesus só tinha necessidade de atravessar Samaria, para mostrar misericórdia para com uma pessoa. O poço de Jacó ainda é visível, à entrada do verde vale no extremo do qual se situa Sicar. Jesus se sentou, como faria qualquer homem cansado (v. 6). Era meio-dia. As mulheres costumavam vir buscar água à tarde, mas havia razões especiais para que essa mulher viesse sozinha. O amor de Deus se sobrepõe às estreitas restrições de sexo, seita e nacionalidade. Duas condições (v. 10) são necessárias para que recebamos as

melhores dádivas de Deus; precisamos conhecer e precisamos pedir.

A água viva não é a de um tanque ou poço estagnado, mas verte de uma fonte oculta. A mulher fala no “poço”; Jesus fala da “fonte” no poço. Só esta pode satisfazer-nos. Não a Palavra, mas o Espírito que há na Palavra. Não o rito, mas a graça que ele simboliza. O versículo 13 poderia servir como inscrição para todos os lugares de divertimento mundano. Pensemos no verbo “será” (que significa “tornar-se-á” — v. 14). Primeiro, bebemos para atender a uma necessidade pessoal; depois, ajudamos outros a atenderem às suas necessidades.

JOÃO 4.15-26

O Verdadeiro Culto ao Pai de Todos Nós. Que bela associação de lembranças as palavras do Senhor provocaram! Uma sensação de remorso dominou a mulher à medida que ela recordava o túmulo que havia em seu coração onde jazia seu primeiro amor, pisoteado pela turba selvagem da paixão posterior. Mas, por que despertar tais lembranças? Por que abrir o armário da memória e retirar dele aquele esqueleto seco? Não podia ser de outra maneira! Cristo estava ali, não para provocar uma discussão, mas para despertar sua consciência adormecida e salvá-la. A mulher esquivou-se à estocada da espada, mas percebeu que estava enfrentando esgrimista de mão hábil na esfera espiritual. Daí, sua pergunta acerca do culto. Isso provocou uma das maiores declarações já pronunciadas na terra — que Deus é espírito; que ele está sempre procurando verdadeiros adoradores, que ele é indiferente a lugares e nacionalidades e métodos, que nós só poderemos adorá-lo depois que passarmos a viver na esfera do espírito e estivermos dispostos a alinhar nossa vida inteiramente com a verdade — esses conceitos revolucionaram o pensamento religioso da humanidade. Eles ainda não cumpriram sua missão, mas dão testemunho da supremacia singular de Cristo.

JOÃO 4.27-38

As Recompensas Para o Serviço. Assim que Jesus abre a fonte das águas vivas den-

tro de nosso coração, nós abandonamos nosso cântaro. Quando somos salvos devemos apressar-nos em levar as boas-novas àqueles com os quais tenhamos pecado. Primeiro, encontremos Cristo para nós mesmos; depois, podemos dizer: "Vinde e vede". Aquele que nos conhece de forma tão incontável não pode ser outro senão o Cristo.

Os discípulos, naturalmente, ficaram atônitos ao chegarem ali e verem essa entrevista. Eles poderiam ter perguntado à mulher o que ela estava procurando, e, ao Mestre, por que estava conversando com ela. Mas, ficaram em silêncio; o temor de Deus estava sobre eles. Um cuidado natural para com seu amado líder os levou a instar com ele para fazer uso do alimento que haviam comprado, mas competia-lhes aprender que nossa alma pode alimentar-se quando obedece à vontade de Deus. O branco da colheita era visível nas multidões que desciam pelo vale. Na hora da colheita, muitas vezes, estamos sujeitos a esquecer o semeador que faleceu sem ver o resultado do seu trabalho. Não é esse o método divino. O semeador é recompensado por sua participação, como o ceifeiro o é pela sua — eles se rejubilam juntos.

JOÃO 4.39-45

O Crescimento da Fé. Há muitos modos de vir a conhecer Cristo. Em alguns casos, ele vem a nós, como no caso da mulher samaritana, e se revela de maneira direta e clara, de modo que aquela pessoa nunca mais poderá alimentar dúvida quanto à realidade de Cristo e quanto à sua experiência pessoal. Em outros casos, o fator de atração e conversão está no relato de algum companheiro ou amigo. "Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher." Havia nos olhos dela uma tal luz, um tal brilho em seu rosto, uma força e dignidade tão patentes em seu aspecto que os convenceram. Houve, ainda, um outro grupo de samaritanos que viu e ouviu Jesus pessoalmente, já que ele permaneceu em seu meio. Eles o ouviram por si mesmos e se convenceram de que, na verdade, ele era o Salvador, não so-

mente dos judeus, mas do mundo inteiro.

O Senhor não podia ficar no meio desse povo interessante, porque sua missão era dirigida primeiramente à sua própria nação. Por isso, prosseguiu em seu caminho para a Galiléia, não a Nazaré, onde era muito conhecido, mas, como aparece no trecho seguinte, a Caná da Galiléia, onde ele foi bem recebido por causa do grande impacto que já fizera na metrópole.

JOÃO 4.46-54

A Recompensa de Confiar na Palavra de Jesus. O ponto mais interessante desse belo incidente está no versículo 50. O pai tinha tanta fé na promessa do Senhor que partiu imediatamente para voltar à sua casa, não precisando de outra garantia de que tudo estava bem. É possível até que ele tenha-se dirigido a alguma estalagem ao regressar, pois teria tempo de sobra entre a hora sétima (uma hora da tarde) e o anoitecer para chegar a Cafarnaum. Mas por que havia de apressar-se? O menino estava vivo, passando bem, já que o Mestre assim o dissera. Ele estava certo disso e, por isso, deu graças a Deus e, aproveitou a oportunidade para uma noite de descanso tranqüilo, a fim de sanar os efeitos da longa vigília, da intensa ansiedade e da repentina viagem a Caná. Quando seus servos vieram ao seu encontro com a notícia de que o menino tinha sarado, ele perguntou a que hora a mudança tinha ocorrido, simplesmente para corroborar suas próprias conclusões. Que família feliz aquela! Esse nobre pode ter sido Cuza, procurador de Herodes (Lc 8.3), ou Manaém, colço de Herodes (At 13.1). Por que não havemos de ter a mesma fé simples na palavra da promessa de Deus?

JOÃO 5.1-9

Uma Fraqueza Transformada em Força. Entre o capítulo anterior e esse há um interregno de alguns meses, no qual aconteceram muitos dos incidentes da fase galiléia do Senhor. João não os menciona porque já tinham sido registrados nos evangelhos sinóticos e porque desejava concentrar todo o seu esforço

na grande luta que o Senhor travou em Jerusalém, a fortaleza do preconceito judaico. Ele escolheu, também, os incidentes que provocaram os discursos do Senhor e que serviram como o tema do Evangelho.

O tanque de Betesda tinha propriedades medicinais. Era uma fonte intermitente. Devia haver alguma coisa naquele homem, ali deitado à beira do tanque, que, atraíu Jesus de modo especial. Ele viu que o homem tinha fé para ser curado, e, por isso, fez um desafio direto à vontade do paralítico. E tão logo foi feito o apelo, o homem abriu o coração ao poder de Cristo. Através de sua fé cheia de esperança, uma nova energia invadiu seu ser.

Você também está aleijado? Cristo tem cura e restauração física para você. Receba dele o poder que pode fluir pelos seus músculos debilitados. Cria que esse poder está passando por seu corpo e em seguida faça o que for necessário. Levante-se, pegue sua cama e carregue aquilo que, por tanto tempo, carregou você.

JOÃO 5.10-18

O Trabalho do Sábado que Agrada ao Pai. No incidente anterior, o Senhor não somente curou um enfermo que havia trinta e oito anos via suas esperanças desfeitas, mas fez isso no sábado, e mandou-o levar sua cama para casa. Isso ia contra as prescrições farisaicas; mas o homem estava certo ao inferir que, aquele que podia operar tão grande milagre era superior aos fariseus e a um mero ritual. Os líderes religiosos daquele tempo, como os de todos os tempos, não podiam tolerar que alguém de fora de suas fileiras pudesse evidenciar uma autoridade superior à deles; por isso, acusaram Jesus de quebra do sábado. Aqueles juízes, porém, não estavam preparados para a linha de defesa que Jesus iria apresentar e que revelaria as profundezas da sua consciência sobre sua identidade pessoal. Primeiro, ele falou de Deus como seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus. (Veja Filipenses 2.6.) Segundo, disse que Deus estava operando através de sua vida dando-lhe energia para operar o milagre da cura. Não era um ato seu,

mas do Pai, que operava nele e através dele. Se condenavam esse ato, então demonstravam que estavam em conflito direto com o Ser Infinito de quem viera, originariamente, a lei acerca do sábado.

JOÃO 5.19-29

O Pai Operando Através do Filho. O relacionamento do Senhor com o Pai era tal que ele se sentia competente para executar todas as funções do Ser Divino. É prerrogativa de Deus ressuscitar os mortos? É, também, de Jesus Cristo. "O Filho vivifica aqueles a quem quer" (v.21). É direito divino ser o juiz do homem? É, também, direito do Redentor. (Veja versículo 22.) É atributo peculiar de Deus ser a fonte da vida, de modo que a vida, inata, original, e perene, está sempre fluindo de sua natureza, sustentando aqui um anjo e ali, um beija-flor? Esse é também um atributo de nosso bendito Senhor. "Também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo" (v. 26). A soma total dos atributos da Divindade está presente na natureza do Filho do homem. Mas, embora todos os atributos divinos fossem seus, e ele pudesse tê-los posto em ação, ele evitou usá-los, de modo a poder conhecer a vida de dependência e fé, a vida que nós deveríamos levar em relação a ele. Ele nada fez separado do Pai (v. 19ss.). Nenhuma videira está mais ligada à sua latada, nem nenhuma criança à sua mãe, do que ele ao Pai. (Veja Gálatas 2.20 e Hebreus 12.2.)

JOÃO 5.30-38

As Obras de Jesus, Seu Testemunho Suficiente. O único desejo e propósito do Senhor era fazer a vontade de Deus. Não podemos penetrar nos mistérios do seu ser inefável, mas, não há dúvida de que, no que dizia respeito à sua natureza humana ele possuía uma vontade própria, que poderia refrear e subordinar à do Pai. (Veja 5.30; 6.38; Lucas 22.42.) Isso implicaria em passar humilhação, sofrimento, tremenda amargura de alma e iria provocar nele o clamor do abandonado, mas nunca se desviou do seu rumo. Ele se apegou a esse rumo como quem se apóia em um corrimão, para descer a escadaria escura e íngreme em direção ao Calvário. Vi-

vamos em conformidade com a vontade de Deus. Ela alimenta o espírito (4.34). Ela torna justo o juízo (v. 30). Ela dá descanso e tranqüilidade ao coração (Mt 11.29). Ela é chave do conhecimento certo e seguro (7.17). Ela nos introduz num grande círculo formado por outros que, no passado e no presente, no céu e na terra, estão vivendo com o mesmo propósito. O Senhor cita como aliados João Batista (v. 36), as Escrituras (v. 39) e Moisés (v. 45). Escolha esse tipo de vida! Não existe outro melhor! Lembre-se de que a vontade de Deus é boa e que seu amor é sem fim e imutável.

JOÃO 5.39-47

A Rejeição Obstinate da Verdade é Condenada. O Senhor foi acusado pelos judeus de haver quebrado o sábado. Ele tinha muitas bases para se declarar inocente, mas evitou usá-las. Procurou não dar muito tempo a essas coisas, já que não queria chamar a atenção dos homens sobre sua pessoa, visto que seu principal objetivo era glorificar o Pai. Esquecendo-se completamente de si mesmo, recusando-se de forma nítida a agir por autoridade própria — isto é, de aparecer em seu próprio nome, com o único desejo de revelar a fonte interior de sua vida, Jesus disse: “Eu vim em nome de meu Pai” (v. 43). Aprendamos a não nos preocupar demais com a nossa reputação pessoal, posição ou honra, mas a ter um contato direto com Jesus, recebendo ordens, bem como o poder para cumpri-las, diretamente dele. Muitas vezes consultamos a opinião de um e de outro, e nosso caminhar se torna tortuoso e incerto. Que interesse novo teríamos pelo Pentateuco se realmente crêssemos (v. 46).

JOÃO 6.1-14

A Multidão Satisfeita com Alimento. Nesse capítulo, temos mais uma ilustração quanto ao método empregado por João para selecionar os milagres que se tornaram os temas dos discursos do Senhor. Essa multidão, provavelmente fora se formando à medida que essas pessoas seguiam para Jerusalém a fim de celebrar a Páscoa. A proximidade dessa

grande festa, na qual o povo não somente sacrificava, mas, também, participava do cordeiro pascal, reforçou muito do que o Senhor disse após esse memorável milagre da multiplicação dos pães.

Cristo muitas vezes nos põe à prova para ver o que diremos ou faremos diante de um problema aparentemente insolúvel, mas ele já sabe qual será a solução. Nós logo começamos a avaliar nossos recursos e a confessar a ineficiência deles. Voltamos a ele para explicar que, mesmo fazendo o máximo, só podemos oferecer muito pouco. Então ele intervém, já sabendo que todos ficarão “fartos”, e ainda sobrarão copiosas provisões. Ele faz com que seus convivas se assentem confortavelmente na grama, porque há tempo de sobra bem como abundância de alimento, para uma refeição feliz e confortável. Devemos trazer-lhe o que temos, ainda que insuficiente; devemos entrar em seu grande plano e dispor as pessoas para o banquete; devemos distribuir o alimento e recolher os pedaços que sobram. É pela operação conjunta de Cristo e sua Igreja que o mundo será alimentado.

JOÃO 6.15-21

Jesus Traz Paz aos Corações Perturbados. A prova mais conclusiva de que o Senhor não era nenhum fanático está no espírito tranqüilo com que se recusou a acatar o ansioso impulso das multidões querendo fazê-lo rei. Aqui a tentação do deserto foi repetida, e somente alguém que estivesse dominado por uma firme determinação de fazer a vontade de Deus, podia ter recusado esse atalho para o império messiânico. Observemos essas retiradas do Senhor para a tranqüilidade da natureza e para o seio de Deus. Se ele precisava de tais períodos de meditação e comunhão sem perturbação, não há dúvida de que nós também precisamos.

Quando ele compeliu os discípulos a embarcarem já sabia que a noite seria tempestuosa, mas não hesitou em expô-los a esse perigo; ele estava cômico de sua capacidade de utilizar aquela tempestade para retirar dela benefícios espirituais, quando fosse socorrê-los. Sua

chegada é, muitas vezes, retardada, mas ele sempre vem. Retardar uma bênção não é negá-la. Na hora da tempestade ele está tão perto que é como se já estivesse no barco. As próprias ondas da tempestade são o caminho pelo qual ele vem. Não tema nada! No dia seguinte pela manhã o povo apressou-se a atravessar o lago, transportados nos barcos que tinham ido buscá-los; mas, como Jesus, com tristeza, percebeu, o objetivo deles era receber suas dádivas e não a ele próprio.

JOÃO 6.22-29

Uma Falsa Busca da Verdade. A menção de Cristo dando graças (v. 23) mostra a vívida impressão causada por esse solene ato naqueles que o testemunharam, bem como à grande importância que eles lhe atribuíram. Quando as multidões, desembarcando no outro lado do lago, encontraram Jesus ali, embora soubessem que ele não tinha ido com os discípulos no único barco que deixara a outra margem na noite anterior, viam a presença dele ali como algo assombroso. (Veja o versículo 25.) A resposta do Senhor à pergunta do povo trata do motivo que a ditou. Ele revelou os impulsos espúrios e carnisais que os havia levado ali e comparou a satisfação da fome natural (v. 26), com a busca verdadeira e eficiente que leva à nutrição do espírito (v. 27). Que diferença entre essas pessoas com suas aspirações grosseiras e desejos carnisais, e o Israel espiritual que podia dizer como o salmista: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo”. Todo o trabalho descrito no versículo 27 tem por objetivo manter o coração puro e exercer uma fé apropriadora. Deus colocou seu selo de aprovação em Cristo pela declaração feita na hora do seu batismo e pelos milagres que ele operou através do poder do Pai (14.10-12).

JOÃO 6.30-40

A Vontade do Pai, a Lei da Vida de Jesus. No dia seguinte o Senhor teve de enfrentar, primeiro, o pedido do povo para a continuação do milagre da noite precedente (vv. 25-40); em segundo lugar, a murmuração dos “judeus”, isto é, dos seus líderes religiosos (vv. 41-51); em

terceiro, a crescente pressão de seus oponentes (vv. 52-59); e, por último, a retirada de muitos dos seus discípulos (vv. 60-71). Mas a sua oração no monte o havia preparado para tudo (v. 15).

O maná fora apenas um tipo de sua missão de satisfazer a fome que o espírito humano tem pela verdade, amor e esperança. Ele é o verdadeiro pão do céu, a melhor dádiva de Deus (de cuja realidade todas as substâncias materiais são símbolos), não apenas para satisfazer uma fome passageira, mas para comunicar vida, que está à disposição de todos que a desejarem. Vamos recorrer a ele, abandonando tudo o mais. Ir a Cristo é deixar de ter fome; confiar nele é saciar nossa sede. Jesus é poderoso para nos levar ao céu; não será poderoso para nos dar também as bênçãos da terra? Notemos as cláusulas idênticas do v. 37: todos os que o Pai dá a Cristo, vão a ele; e todos os que vão a ele provam que estão incluídos na dádiva do Pai, dádiva feita antes que os mundos fossem criados. (Veja 10.28,29; 17.6.)

JOÃO 6.41-51

O Alimento da Vida Eterna. A expressão “no último dia” estava constantemente nos lábios do Mestre (vv. 39,40,44,54; 12.48). É uma expressão indefinida para identificar as cenas finais da história de nossa raça quando ela será consumada através da ressurreição e do julgamento. Jesus empresta grande ênfase à sua ressurreição como remate de sua obra em favor dos que vão a ele. Não basta comunicar vida eterna. Isso seria uma bênção para o espírito mas não teria efeito sobre o corpo. E Jesus não poderia descansar enquanto a emancipação e plenitude da salvação por ele operada não alcançasse toda a nossa complexa natureza humana. O coroamento da obra que Jesus realizou para os que lhe pertencem é o homem transfigurado e o corpo humano glorificado. Por meio de seu extraordinário poder ele os ressuscitará à semelhança da sua glória, de modo que eles possam participar de seu estado real e exaltado. Nada menos que isso o satisfará ou desfará a ruína que o pecado ocasionou. Alimentemo-nos de Cristo, por meio da medi-

tação em suas palavras e por meio da comunhão com ele, do que a sagrada Ceia do Senhor é uma lembrança perpétua. Observemos que, todo aquele que é ensinado por Deus reconhecerá Cristo (v. 45)!

JOÃO 6.52-59

Coma e Viva. No versículo 57 o Senhor revela o segredo de sua vida interior. No começo do seu ministério ele disse ao tentador que o homem não viverá só de pão, mas da Palavra de Deus. Aqui ele vai além e diz que ele vive não só das palavras de Deus, mas do próprio Deus. Há, também, esta outra verdade: cada um de nós é chamado a ter para com Cristo a mesma atitude de dependência que ele tinha para com o Pai. É impossível descrever os fatos da vida espiritual com uma só ilustração. Uma metáfora tem de ser logo seguida por outra. O Senhor já havia usado o símbolo do maná e do pão; agora, ele vai além, de forma a enfatizar a verdade que o poder de comunicar vida só pode ser adquirido através da morte. Por esse motivo, o Senhor descreve o pão da vida espiritual como sendo sua "carne", que ele daria pela vida do mundo. Obviamente, "carne" é aquilo que já passou pela morte. Mas deveríamos sempre lembrar que o cristão não se firma exclusivamente na morte de Jesus, mas na vida daquele que morreu. É o Cristo ressuscitado, que ascendeu ao céu, que morreu pelos nossos pecados, e ao qual Deus exaltou colocando-o à sua mão direita, que deve estar sempre em nossos pensamentos.

JOÃO 6.60-71

A Cirandagem dos Seguidores de Jesus. O ensino desse capítulo envolve um deliberado ato de Cristo para deter o movimento revolucionário que estava-se desenvolvendo ao redor de sua pessoa, dele fazendo um pretense líder (v. 15). Para isso ele se dispôs a ensinar que aquelas pessoas tinham entendido erroneamente o significado do seu ministério, pelo qual ele não pretendia levantar uma bandeira de revolta contra Roma, mas liderar uma revolução espiritual. O efeito de suas palavras foi exatamente o que ele esperava, e elas

devem ter desfeito algumas idéias ambiciosas que tinham começado a tomar pé no coração de seus discípulos. No versículo 41, os mesmos homens que na noite anterior tinham desejado coroá-lo, passaram a murmurar contra ele. No versículo 52, eles disputavam entre si. No versículo 60, muitos de seus discípulos disseram que suas palavras eram difíceis de ser compreendidas e mais difíceis ainda de serem obedecidas. No versículo 66 muitos se retiraram. E agora, com as sombras da noite começando a descer, e a sinagoga quase vazia, ele foi deixado só com o pequeno grupo dos doze, os quais haviam, com tristeza, assistido à destruição de suas esperanças. A tocante pergunta de Cristo — "queréis... vós outros retirar-vos?" — recebeu de Pedro uma resposta que provou que o sentido mais profundo das palavras de Jesus já havia penetrado na alma eterna. "Tuas palavras nos dão a vida eterna e a alimentam em nosso interior."

JOÃO 7.1-13

Conhecidos por Nossa Atitude Para com Jesus. Essa festa foi celebrada em outubro. Seis meses completos haviam transcorrido entre o capítulo precedente e esse. Durante a Festa dos Tabernáculos o povo morava em tendas, feitas de ramos, montadas nos terraços das casas e nas áreas abertas dentro ou fora de Jerusalém. Os ritos do jejum lembravam as intervenções miraculosas do Êxodo. Toda manhã eles derramavam água no templo para recordar a rocha ferida no deserto. Dois candelabros, acesos todas as noites, representavam a nuvem luminosa que alumiaava os israelitas durante a noite. Os irmãos de Jesus são designados por seus nomes em Mateus 13.55, dos quais, Tiago, depois, chegou a ser o principal pastor da igreja de Jerusalém. Eles não podiam negar os milagres dele, não podiam compreender por que ele não liderara o movimento popular que estava prestes a eclodir e instavam para que, pelo menos, ele desse às autoridades da capital uma oportunidade para examinar suas pretensões. Eles achavam que as coisas tinham chegado a um ponto em que não podia ocorrer uma parada. Je-

sus não podia explicar as razões que o impulsionavam a agir como agia. Ele sabia que um desafio declarado a Jerusalém significaria sua morte; mas ainda havia mais trabalho a ser feito antes que chegasse sua hora. Usemos nosso tempo de acordo com o plano divino.

JOÃO 7.14-24

Como Conhecer a Verdade da Palavra de Jesus. Então Jesus subiu para a festa, não porque se sentisse instigado pela política do mundo sugerida por seus irmãos, mas porque foi guiado pela vontade de seu Pai. Devemos estar em guarda contra os conselheiros que não são espirituais, e esperar até que o ponteiro das horas e dos minutos tenham marcado o momento preciso do aprazamento do Pai.

Eis aqui um método fácil de verificar se as palavras do Senhor a respeito de Deus, de si próprio e do futuro são meramente as palavras de um mestre humano ou se são realmente de Deus. Estejamos prontos a fazer o que ele diz! Estejamos preparados para executar tudo o que fora revelado à nossa mente, acompanhado do testemunho da Voz interior! Vivamos com o rosto voltado para a alva, porque embora ela se demore, com toda a certeza romperá (Veja 3.21.) A fé no evangelho não vem por lógica, mas resulta da obediência à mais alta verdade que conhecemos. Perseveremos e nosso caminho nos levará aonde Jesus está, o Filho de Deus revelado e o Salvador dos homens. A velha disputa quanto ao milagre realizado em Betesda no sábado ainda estava viva (vv. 22,23). Os críticos de Jesus não sustentavam que a Lei Mosaica seria violada se uma criança fosse submetida ao rito iniciatório judaico no sábado. Como era insensato, então, condenar Jesus por um ato de misericórdia e cura!

JOÃO 7.25-31

O Cristo Inevitável. A liberdade com que Cristo pregava chamou a atenção das pessoas de Jerusalém, e muitos se perguntavam se a cessação da hostilidade indicava uma admissão tácita por parte das autoridades de que Jesus era o que afirmava ser. Mas elas evitavam chegar a essa conclusão pela consideração de

que a origem do Messias seria desconhecida (v. 27). Jesus respondeu a essa objeção nos versículos 28 e 29. Ele diz o seguinte: "O que vós dizeis é verdade. A origem do Messias não é conhecida. Mas minha origem é desconhecida, porque está em Deus, a quem vós, não obstante vossa profissão de fé, não conheceis. Eu o conheço, mas, para vós, ele não passa de um Nome venerável." O fato de se saber sobre seu nascimento em Belém e sua humilde família não explica o mistério de sua Pessoa nem o segredo de sua infância entre os homens. Só se pode explicar tudo isso por sua divina glória como a do "Unigênito" do Pai. Seus ouvintes reconheceram imediatamente a grandeza dessas afirmações, que, para eles, pareciam blasfêmias, embora, para nós, sejam a verdade. Enquanto os adversários de Jesus se firmavam mais e mais em seus propósitos, seus amigos viam confirmada sua fé. O versículo 31 é um progresso inegável sobre o versículo 12. (Veja 2 Coríntios 2.16.)

JOÃO 7.32-39

Uma Fonte de Água que Dá Vida. "O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus" (1 Co 2.14). A verdade dessa assertiva aparece claramente na parte anterior dessa seção. Quando o Senhor falou sobre seu retorno ao Pai, os ouvintes supuseram que ele estava se propondo a visitar os judeus da Dispensação. Mas, como são profundas essas palavras de promessa para os que vão a ele! Ele não se satisfaz em falar de um rio. Usa o plural — "rios" fluirão. Una-se um regato a outro, uma torrente a outra, um rio a outro, e todos reunidos mal serão suficientes para descrever a frescura e a abundância de vida que emanarão da alma daquele que, anteriormente, tinha estado sequioso para obter apenas o seu próprio suprimento.

Na ascensão, o Senhor recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo, e, então, uma nova era despontou para o mundo. A vida do crente já não era mais apenas uma imitação de obediência. Era o brotar e o derramar do Espírito Santo vindo do seu interior. Nós somos fortalecidos com poder no homem interior, e Cristo habita em nosso

coração pela fé. Em conseqüência disso nós não somente somos cheios do Espírito, mas pelo seu gracioso ministério em nos fazemos o deserto alegrar-se e florir.

JOÃO 7.40-53

A Cegueira do Preconceito. Essas breves descrições das impressões causadas pelos discursos de Jesus em seus ouvintes, indicam as duas correntes que estavam-se formando em conseqüência de seu ministério. Os que estavam favoráveis a ele falavam que era “o Profeta” e “o Cristo”. Compare com João 1.21 e 6.14. Outros levantavam objeções (v. 41,42). Outros desejavam passar à ação (v. 44).

Embora fosse um dia “santo”, o Sinédrio estava em sessão para receber o relatório de seus guardas. Estes, com sua declaração sincera, fizeram inconscientemente, uma estranha crítica aos oradores religiosos que estavam acostumados a ouvir. Compare o versículo 48 com o versículo 50 e com o capítulo 3.

Como foi grande o crescimento de Nicodemos após sua visita noturna a Jesus! E ele ia crescer ainda mais (19.39). O apelo à história era evidentemente verdadeiro. Jonas é o único profeta que poderia ter sido citado como uma provável exceção, mas pode ser que ele apenas estivesse residindo na Galiléia quando recebeu o chamado. Entretanto, o raciocínio do versículo 52 não era conclusivo. Mesmo que ninguém se tivesse levantado, era mais do que provável que o Divino Espírito escolhesse a origem mais humilde e alguém mais em harmonia com o nascimento pobre numa manjedoura-berço.

JOÃO 8.1-11

Os Acusadores se Condenam. Essa passagem tem-se constituído em tema de muita controvérsia, mas não há possibilidade de explicá-la a não ser admitindo que esse incidente realmente aconteceu. Ele revela, no caráter do Senhor, tal ternura, sabedoria, ódio ao pecado e conhecimento do coração do homem que é impossível supor que um dos evangelistas pudesse ter inventado a história.

O modo de o pecador tratar o pecado é

considerá-lo como um objeto de especulação curiosa e uma oportunidade para compará-lo com a virtude imaculada dos acusadores. Eles gozam o prazer lascivo de enumerar os terríveis detalhes, mas não mostram o menor sinal de piedade ou vergonha pelo pecador. *O modo de a Lei julgar o pecado é apedrejando o pecador.* O carrasco não mostra misericórdia. O ofensor cai debaixo da maldição e do castigo da Lei. *O modo de o Salvador tratar o pecador é perdoadando.* Aquela cabeça curvada e rosto voltado para o chão (v. 10), revelam o quanto custa o pecado para Jesus. É fácil ouvir suas palavras de perdão e retirar-se da presença dele com a certeza de que “agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”; mas nós jamais saberemos quanto o pecado lhe custou. Aquele olhar silencioso, que se volta para outro lado já fez muitos homens curvarem a cabeça e baterem no próprio peito.

JOÃO 8.12-20

O Duplo Testemunho. De cada lado do pátio do templo ficava um enorme candelabro de ouro. Na primeira e em todas as noites da semana da Festa dos Tabernáculos, eles eram acesos e emitiam brilhante jorro de luz sobre o templo e a cidade. Era a esses candelabros que o Senhor aludia (v. 12). Eles eram simbólicos e visavam a lembrar a coluna de nuvem que guiava os peregrinos através do deserto, e, à noite, revelava um coração de fogo iluminador. O Senhor comparou-se ao maná no capítulo 6, à rocha ferida no capítulo 7, e à nuvem no capítulo 8, versículo 12.

O que a coluna de nuvem e de fogo era para Israel, Jesus será para sua Igreja e para cada crente individualmente. (Veja Êxodo 13.21; Nm 9.15-23.) O fogo na nuvem é um símbolo profético da divindade de Jesus presente em seu corpo humano. Era por causa dessa sua consciência da união do divino e do humano, que o Senhor podia falar de si mesmo da maneira como o fazia. Não havia vaidade nem presunção no que dizia a seu respeito. Ele falava a verdade. Dava testemunho de si mesmo porque era o mínimo que podia falar acerca de

si mesmo já que sabia de onde viera e para onde ia, e os milagres que operara em união com o Espírito de Deus ratificavam seu testemunho.

JOÃO 8.21-30

O Pai Revelado em Seu Filho. O Senhor estava completamente envolvido no objetivo de levar os homens a glorificar o Pai. Ele fora enviado pelo Pai, vivia pelo Pai, nada podia fazer de si mesmo, e falava apenas o que o Pai lhe ensinara (v. 28). Ele podia dispensar todo auxílio humano e ficar só, porque o Pai nunca o deixava (v. 29). Honrar o Pai, agradá-lo, realizar suas obras, viver em seu amor era o interesse dominante de sua vida (vv. 29,49).

Havia em tudo isso um mistério que desconcertava os homens daquela época. Eles eram terrenos; viviam para objetivos mundanos, eram governados por motivações carnis e buscavam o louvor dos homens. A vida de Jesus era vivida em comunhão com o céu. Mas, para nós, não deveria haver mistério. Nós, também, deveríamos ter por objetivo fazer a vontade de Deus, fazendo disso a meta suprema de nossa vida. Nossos objetivos e fins são muito baixos. A conversão dos não-salvos, a edificação da Igreja são coisas excelentes, mas deveriam ser incluídas no âmbito de um círculo mais largo. Miremos apenas o planeta e deixaremos de fora o sol; miremos o sol, e estaremos incluindo o planeta. Nossa única intenção deveria ser que Deus fosse engrandecido em nosso corpo, tanto na vida como na morte. Mas, para isso, devemos estar dispostos a tomar a cruz e ser levantado como Jesus (v. 28).

JOÃO 8.31-38

A Origem da Verdadeira Liberdade. O pecado não é uma parte integrante de nosso ser. “O escravo não fica sempre na casa.” O filho é parte integrante da família; ele se acha unido a ela. Por mais longe que vá, jamais poderá quebrar esse elo indissolúvel. Mas, com um escravo é diferente, principalmente sob as condições da lei levítica. De maneira semelhante, um homem pode ter servido ao pecado, mas, mesmo que o pecado esteja agarrado a ele não tem di-

reitos legais sobre ele. Ao soar a trombeta do Jubileu (ano sabático), ele sairá livre. Agir como queremos não é ter liberdade. Jesus nos liberta da armadilha e do visgo, isto é, das condições desnaturais que nos prendem e impedem que sejamos como Deus quer que sejamos. Uma andorinha não ficaria agradecida a nós se a libertássemos para ir alimentar-se de carniça, mas somente para voar rumo às alturas ensolaradas.

Jesus nos liberta por meio da verdade. Uma escrava não mais servirá na casa de seu cruel opressor, assim que souber que a lei abolicionista foi assinada, e ele não tem mais nenhum direito sobre ela. Quando compreendemos que somos aceitos diante de Deus, e somos vitoriosos por causa de nossa união com Cristo, começamos a gozar nossos privilégios e a auferir a graça que ele pôs ao nosso alcance. Assim nos tornamos livres.

JOÃO 8.39-47

O Teste de Filiação. Antepassados e pais crentes em nada nos ajudam, a não ser que tenhamos a mesma motivação que eles tinham e façamos as mesmas obras. Houve, no mundo antigo, duas famílias cuja história seguiu rumos paralelos — a de Caim e a de Sete. (Veja Gênesis 4 e 5.) Os caimitas eram cidadãos deste mundo; os setistas eram peregrinos do eterno. Afinal a primeira família atingiu tal nível de pecaminosidade que todos os seus constituintes foram varridos pelo dilúvio, enquanto a outra dava ao mundo um Enoque, que andava com Deus, e um Noé, que foi perfeito em sua geração.

Essa distinção tem continuado através dos tempos, e ela é enfatizada não somente por essas palavras do Senhor, mas por 1 João 3.12, 15. Em Efésios 2.2, os que andam segundo o curso deste mundo estão vivendo de acordo com o espírito que opera a desobediência na vida dos homens. Importa, então, que estejamos atentos para não sermos enganados. Pode ser que não tenhamos mergulhado até as mesmas profundezas de pecado a que chegaram os homens daquela geração; mas se nosso coração estiver envolvido pelo amor deste mundo, que está-se extinguindo,

nós mostramos que temos afinidade com o mal e não com o bem, com o diabo e não com Deus (Ef 2.2).

JOÃO 8.48-59

O Cristo Eterno. É absolutamente verdade que o crente não encara a morte como a rainha dos terrores ou como um monstro feroz. Jesus despojou a morte de seu ferrão; ele destruiu aquele que tem o poder da morte. O momento da morte é o momento do nascimento para uma existência mais extensa e mais feliz. Somos libertos desse corpo mortal e passamos a ser possuidores da casa não feita por mãos, eterna nos céus. O túmulo é o vestíbulo do Paraíso. Sabemos que o portão de ferro se abre para a cidade de Deus. Ausentes do corpo, estamos presentes com o Senhor. Esse momento de transição é tão desejável que só pode ser comparado ao sono de um trabalhador cansado.

O Pai glorificou seu Filho pela confirmação dada no batismo e na Transfiguração, pela ressurreição dentre os mortos, pela exaltação à sua destra. No entanto, esses fatos foram apenas estágios da glorificação de nosso Sumo Sacerdote. A plena manifestação de sua glória ainda está no futuro. Nós veremos a glória com a qual o Pai o recompensou por sua obediência até à morte; e mais ainda, nós participaremos com ele. Observe o EU SOU do versículo 58. Compare com Êxodo 3.14.

JOÃO 9.1-12

Jesus Abre os Olhos de um Cego. No final do capítulo anterior o Senhor enfrentou a contradição dos pecadores contra ele. Os judeus pegaram pedras, das que estavam ali amontoadas para os reparos do templo, com a intenção de infligir-lhe o castigo aplicado a um blasfemador; mas Jesus passou por eles incólume e começou a descer os grandes degraus. Aos olhos humanos parecia que Jesus tinha mesmo de fugir de seus inimigos (8.59); mas no pensamento *dele* havia uma necessidade maior: a de curar um mendigo cego. Então, com grande calma, ele fez lodo e operou esse milagre, e devolveu a visão ao cego. Seu coração estava em paz com Deus. Aqueles que vivem em perpétua agitação não

realizam nada de grandioso. Deus realiza suas próprias obras por intermédio de corações calmos, e ainda haverá tempo bastante para realizá-las todas antes que ocorra o que Jesus lembrou: “A noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (v. 4).

O Senhor percebeu que, debaixo do exterior nada promissor desse homem, havia elementos de nobreza que ele se dispôs a trazer à tona. O lodo, que o homem sentiu de repente, aplicado aos seus olhos, provocou admiração, esperança, expectativa e fé. Era uma escada pela qual ele subiu ao monte da alegria, saindo do poço do desespero. A caminhada a Siloé era uma aventura adicional da fé; mas havia outros passos a serem dados para que ele atingisse a plena estatura de seu discipulado. Alguns desses passos foram-lhe impostos pela oposição; a outros ele foi levado pelo próprio Cristo.

JOÃO 9.13-25

O Testemunho da Experiência Pessoal. Os ciumentos fariseus, agora, se dispuseram a desacreditar o milagre e a lançar suspeita sobre a testemunha. Mas sua hostilidade, inspirada pelo ciúme e pelo desejo de vingança, forçou o homem curado a perceber a majestade moral de Jesus. Seus olhos, além de se abrirem para o mundo da natureza, abriram-se também para os verdadeiros valores. Num só dia ele cresceu muito mais que os pais, que eram pessoas simples, desacostumadas ao fulgor da publicidade e com acentuado medo desses magnatas religiosos.

É maravilhoso como esse homem, que se provou ser uma parada dura para os seus oponentes, e lhes respondeu com grande simplicidade e majestade, os confundiu. (Veja Mateus 10.19.) Entretanto precisava de um toque especial que nenhuma sabedoria humana podia comunicar-lhe, e isso ele recebeu de Cristo, que sempre procura aqueles que o homem lança fora, bem como aqueles que se aventuram a viver de acordo com a verdade que conhecem. Observe os passos: “Ele é profeta; ele não é um pecador; ele é de Deus; e o adorou”. Ninguém entra em contato com Cristo sem ficar cego ou esclare-

cido. Nossa culpa é proporcional à rejeição que damos às revelações que recebemos.

JOÃO 9.26-34

Cegueira Intencional. Que contraste entre a abertura e o encerramento deste capítulo! O cego vê! O mendigo se enriquece! O pária que está nos degraus do templo passa a ser um adorador no templo do espírito! E que tremendo contraste com a deterioração operada no coração daqueles homens que se diziam religiosos! Da boca de um infante na vida espiritual Deus pode fazer surgir força para esmagar o inimigo e o vingador. “Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda terra é o teu nome!”

Os juízes desse homem lançaram-lhe em rosto a deficiência vitalícia que ele havia sofrido como evidência conclusiva de que pecara. Essa era a interpretação comum dos judeus para uma tal calamidade (v. 2). O Senhor, entretanto, ensinou que, por sábias e boas razões, compatíveis com o caráter de Deus, ele permite ocorrerem sofrimentos, que estabelecem condições em que a graça e o poder de Deus podem manifestar-se, de modo que, cada nova fase do mal, conduz a uma nova manifestação do poder e do amor de Deus. Quantas vezes, quando estamos perplexos com o pecado e a tristeza do mundo, ele parece dizer-nos: “Essas coisas não são para morte, mas para manifestar as obras de Deus”. Não olhe para a dor, mas para os seus resultados! Veja que humildade e paciência Deus dá ao sofredor; espere para ver a colheita dessas sementes!

JOÃO 9.35-10.6

“*Uma Pedra de Tropeço*”. No versículo 35 lemos sobre o encontro de Jesus com o mendigo que os fariseus tinham excomungado. Essa história é apropriadamente seguida por uma descrição do verdadeiro Pastor em contraste com o falso. No Oriente, à noite, vários rebanhos são conduzidos a um aprisco e confiados ao cuidado de um porteiro. Pela manhã os pastores batem na porta trancada do cercado e o porteiro abre

de dentro. Cada pastor separa suas próprias ovelhas chamando-as pelo nome, e o rebanho assim convocado segue o seu pastor aonde quer que ele queira levá-lo.

O aprisco dessa parábola agasalha o povo judaico. O estranho é o mestre religioso que não usa a linguagem familiar de Moisés e dos profetas. Os fariseus e os escribas são os ladrões e salteadores que roubaram a glória de Deus e tiraram proveito do seu rebanho. Notemos que, sempre que somos conduzidos para fora verificamos que Cristo está indo à nossa frente.

Deus tem enviado muitos pastores verdadeiros que se acham em sua presença para cuidar, não somente de indivíduos ou igrejas, mas até de nações.

JOÃO 10.7-18

Jesus, o Bom Pastor. Aquele que entrou pela porta que João Batista abriu, tornou-se a porta. Ela permanece aberta a todos os que se apresentarem — “se alguém”. A salvação aqui mencionada se refere ao processo total da saúde da alma: “entrará” para a comunhão; “sairá” para o serviço.

Onde quer que a destruição seja predominante em palavras ou atos, podemos assinalar a presença do grande inimigo das almas. Cristo sempre constrói, salva e dá vida. Não fiquemos satisfeitos enquanto nossa vida não se tornar “abundante”. Nossa vida custou a vida do Pastor. Ele não hesitou em se interpor entre as ovelhas e o lobo do inferno. É possível haver uma intimidade de conhecimento entre o Senhor e nós que pode ser comparada a nada menos que aquela que subsiste entre ele e o Pai.

Notemos que o olhar do Senhor ia além dos muros do aprisco judaico e pensava com ternura nas ovelhas gentias que estavam longe. Na revelação concedida ao apóstolo Paulo ele deu vazão ao seu amor; e, nos séculos transcorridos desde então, sempre tem procurado essas ovelhas. Há muitos apriscos, mas só pode haver um rebanho. Os homens morrem porque não podem evitar a morte. Cristo nasceu para que pudesse morrer; ele morreu porque escolheu isso.

JOÃO 10.19-30

Nossa Garantia de Proteção. O Senhor não se negava a confessar sua origem e sua glória divinas, sempre que havia necessidade ou quando elas eram postas em dúvida. (Veja João 4.26 e Mateus 26.64.) Em geral, porém, ele preferia que os homens exercessem sua própria faculdade de discernimento e o aceitassem, não porque ele lhes dissesse quem era, mas porque estivessem intimamente convencidos do fato.

No versículo 27 ele cita três características de suas ovelhas: ouvi-lo, ser reconhecidas por ele e segui-lo; e no versículo 28 há também três privilégios que elas gozam: possuir a vida eterna, nunca perecer, jamais serem arrebatadas pelo homem ou pelo diabo.

Notemos a segurança daqueles que realmente pertencem a Cristo. Eles estão, não somente na mão dele, mas na mão do Pai, porque o Pai e ele são um. "A vossa vida está oculta, juntamente com Cristo, em Deus." Eis aqui uma dupla proteção. Eles podem vagar ao longe, perder a alegria e o conforto, enfrentar tempos trevosos e tempestuosos, mas ele é responsável por eles, buscá-los-á e os trará de volta ao lar. Isto também é verdade: nosso relacionamento com Jesus implica num relacionamento com o Pai. Mas se alguém pensa em viver descuidadamente por causa dessa graça divina, está claro que esse alguém não é uma das ovelhas de Cristo.

JOÃO 10.31-42

As Obras do Pai. O Senhor afirmou sua unidade com Deus nos termos mais fortes conhecidos dos judeus; e eles compreenderam suas afirmações, ameaçando-o com a penalidade da blasfêmia. Essa citação do Salmo 82.6 foi originalmente dirigida aos magistrados, e o Senhor demonstrou que se juízes injustos eram descritos por essa frase por exercerem a prerrogativa divina de julgamento, certamente seus oponentes não tinham o direito de apedrejá-lo quando ele, como Enviado de Deus, sancionado pelo testemunho de Deus em suas obras, falava de si mesmo como igual ao Pai. (Veja Zacarias 13.7 e Fili-

penses 2.6.) Mas o ódio vingativo deles não toleraria qualquer parlatória; e, como sua hora ainda não havia chegado, Jesus achou melhor retirar-se para o outro lado do Jordão, e ficar escondido até que o ponteiro dos minutos chegasse ao número certo.

Havia uma razão especial para que ele se sentisse atraído à região além do Jordão. Era o lugar onde João se apresentara inicialmente. Aquele chão estivera coberto pelas multidões; aquelas águas haviam testemunhado batismos sem conta. Todo aquele maravilhoso passado voltava, em tropel, à sua memória, e as pessoas se recordavam das palavras de João ao verem que, com precisão, elas se cumpriam em Cristo. Pode ser que não operemos milagre algum, mas falemos palavras verdadeiras a respeito de Jesus Cristo.

JOÃO 11.1-16

Jesus Enfrenta a Morte Para Socorrer um Amigo. A enfermidade entra nas casas, mesmo naquelas onde Deus é cultuado e amado. E ele permite sua entrada ali porque proporciona oportunidade e condição para a vinda do socorro libertador. Deveríamos sempre glorificar o Filho de Deus em nossa fraqueza física, seja pela nossa paciência e firmeza, que são ministradas por seu Espírito, seja pela libertação que ele outorga. (Veja 2 Coríntios 12.1-9.)

Há uma ênfase especial na expressão "quando, pois" (v. 6). Cristo se demorou porque amava. Ele permitiu que acontecesse o pior, que as irmãs (e, por meio delas, o mundo) pudessem receber um testemunho do seu poder salvador, o que custaria nada menos que a morte do irmão (vv. 9-11). Se o nosso coração estiver banhado pela luz da presença de Deus e consciente de que está dentro dos seus planos, não poderá enganar-se em suas decisões e não ficará confuso. O Senhor sabia que devia ir a Betânia, mas não correria perigo, pois a hora das trevas ainda não havia chegado.

Desde que Jesus veio a nós, a morte se tornou mera sombra do que era e não deve ser temida mais do que o sono. Tivesse o Senhor estado ao lado de seu amigo enfermo e não teria resistido às

súplicas das irmãs; mas agora havia oportunidade para operar um milagre que produziria fé.

JOÃO 11.17-27

Jesus, a Ressurreição e a Vida. Jesus pode tardar, mas por fim chega. E mesmo enquanto parece estar demorando, ele está a par de cada suspiro, soluço e lágrima daqueles que sofrem; e, quando chega, faz mais do que pedimos ou imaginamos. Levanta, não o doente, mas o morto. Ele usa as trevas do túmulo como pano de fundo para projeção da glória da ressurreição. Ele transforma as lágrimas em jóias, como faz o sol com as gotas de orvalho. E no futuro os três não iriam querer que tivesse sido de outro modo. Eles reveriam tudo, como nós o faremos, tendo, do alto dos cumes da glória celestial, uma visão panorâmica de nossa vida, com brados de "Amém, Aleluia!" O termo "Amém" é uma expressão de aceitação reverente por parte da vontade; "Aleluia", um alegre tributo de louvor. Se morreremos antes da Segunda Vinda de Jesus, nós ainda viveremos; se estivermos vivos para vê-la, nós seremos, num momento, transformados à sua semelhança.

Notemos aquela majestosa consciência do "Eu sou" (v. 25). Ninguém jamais falou desse modo. É a coroa dos oito "Eu sou" desse Evangelho. Ele é imutavelmente o mesmo. Todos os que viveram ainda estão vivendo nele. E quando um dia você estiver ao lado da sepultura onde jazem enterradas suas mais queridas esperanças, continue afirmando ousadamente que ele é o Cristo, a expressão do amor de Deus.

JOÃO 11.28-35

A Compaixão de Jesus. Não é de admirar que as irmãs e amigos de Lázaro chorassem junto ao túmulo; mas, por que Jesus chorou? Ele sabia o que viera fazer. Viera com o propósito definido de transformar as lágrimas deles em alegria. Ele chorou por causa da fragilidade humana — por ver que a extensão da vida do homem é igual a um palmo e que seus anos são como "um breve pensamento". Ele chorou por compaixão pela fraqueza humana, porque perce-

beu que a cena de que participava era um exemplo de miríades de outras iguais. "Agitou-se", como diz o verso 33, quando testemunhou as evidências do impiedoso poder da morte. A morte entrou no mundo com o pecado do homem, e Jesus sentia toda a malignidade da usurpação praticada por Satanás. A anarquia que invadiu a vida humana abalou os fundamentos mais profundos de sua alma. A iniquidade sob a qual o homem sofria provocava nele uma ira que era sem pecado. Ele ainda caminha entre aqueles que choram perdidas de entes queridos, tocado pelo sentimento de sua tristeza humana; mas não derrama lágrimas por sentimento de fraqueza e, sim, por uma comoção nobre que se apressa a socorrê-los com uma suficiência divina. Alguém já comentou também que Jesus chorou porque estava chamando uma alma para retornar da região da glória e voltar a vestir as roupagens da mortalidade.

JOÃO 11.36-44

A Vitória Sobre a Morte. O Senhor tinha estado orando acerca dessa questão antes de chegar ao túmulo: "Pai, graças te dou porque me ouviste". Observe-se o verbo empregado no passado. Talvez tenha feito isso quando recebeu a primeira notícia da enfermidade de Lázaro. Ele tinha orado e tinha recebido a certeza de que sua oração fora respondida. Quando partiu para lá, atravessando o Jordão, já foi com a plena certeza de que Lázaro seria devolvido à vida. Ele tinha consciência também de uma vida de oração constante. Havia uma cooperação ininterrupta e constante entre ele e o Pai. Ele sempre fazia o que agradava a Deus, e Deus estava sempre lhe respondendo. Essa podia ser, também, nossa constante experiência. Cristo fez essa oração de modo que os que estavam por perto, ao verem seu efeito, compreendessem que só a oração pode operar grandes milagres, que se transformam nas credenciais de Cristo e de todos os que o amam e lhe obedecem. Seu povo, de modo semelhante, pode operar grandes milagres, como missionários, obreiros cristãos e filantropos.

JOÃO 11.45-57

O Inocente Pelo Culpa. Os amigos da família que vieram prantejar com os três mostraram boa disposição para com Jesus e creram; mas os que eram apenas espectadores apressaram-se em levar a notícia aos fariseus para inflamar o ódio deles. Os romanos temiam o poder que o sumo sacerdote adquiria pela permanência no ofício e, muitas vezes, o trocavam por outro. Daí a expressão “sumo sacerdote naquele ano”. Pode-se dizer que Caifás, com seu voto, escolheu e sacrificou sua vítima que, naquele ano memorável, traria a justiça eterna e faria cessar o sacrifício e a oferta de manjares. (Veja Daniel 9.24,27.)

Caifás confessava ter medo de que Jesus acabasse conquistando tal ascendência sobre o povo que o conduzisse a uma revolta contra Roma, o que mergulharia a nação num banho de sangue no qual toda ela pereceria. Por isso, recomendou que se consumasse a morte de Jesus. Mas, como o registra o evangelista, sem o saber, ele falou com sabedoria e verdade, pois a morte de Jesus está reunindo em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos — isto é, os pagãos que estavam vivendo de acordo com os conhecimentos que tinham, e como diz em João 10.16 — de modo que, dos dois, ele pudesse fazer um novo homem.

JOÃO 12.1-11

Um Perfumado Presente do Amor. O serviço de Marta nos faz recordar Lucas 10.41. Os evangelhos mais antigos (Mt 26; Mc 14) não mencionam o nome de Maria, provavelmente porque a família inteira poderia ter sofrido perseguições devido à sua profunda identificação com Jesus (veja versículo 10). Mas, quando esse Evangelho foi escrito, o trio amado já se reunira no lar celeste, junto a Deus.

O bálsamo de nardo não possuía nenhum valor especial a não ser refrescar e confortar, mas isso era suficiente para justificar o ato de Maria. Nem sempre devemos considerar o aspecto utilitário do serviço que prestamos. Há horas de santo êxtase quando nós como que sa-

ímos de dentro de nós mesmos na demonstração de nosso amor a Jesus, em maneiras que, para observadores frios e calculistas, parecem puro exagero. Em seu enlevo ante aquele a quem amava, Maria tem estimulado inúmeras pessoas a praticar atos semelhantes. Mas seu amor despertou o mal no coração de Judas, do mesmo modo como a encantadora luz solar do verão extrai veneno das águas estagnadas. Nosso Advogado sempre nos protegerá de nosso terrível acusador. Jesus interpretou a motivação de Maria. Ela sabia que seu Senhor seria crucificado e, como pensava que não haveria oportunidade para o amor efetuar os últimos ofícios, ela, de antemão, o ungiu para o sepultamento.

JOÃO 12.12-19

O Tributo da Multidão. Essa multidão de entusiastas adeptos de Cristo era principalmente da Galiléia. Eles já tinham chegado à cidade, mas, ouvindo da aproximação de Jesus, foram ao seu encontro e o acompanharam. Eles estavam orgulhosos de o tomarem como seu profeta, e sentiam-se profundamente tocados pelos maravilhosos milagres que ele operara entre eles. Foi uma antecipação, um lampejo da jubilosa explosão que haverá no momento em que ele será reconhecido como o Rei dos homens. A humildade da condição de Jesus deveria ter apaziguado a suspeita e o ódio de seus inimigos. O que tinham eles a temer de um Rei assim? Mas a alegria de seus seguidores enlouquecia seus adversários, que viam, com indistincta irritação, a espontânea lealdade que as multidões demonstravam a Jesus, em contraste com a obediência constrangida que prestavam às suas determinações e exigências. Outro aspecto dessa multidão era a alegria daqueles que haviam testemunhado a ressurreição de Lázaro.

O ciúme religioso é deplorável. Leva ao assassinio, se não pela cruz, por palavras. Torna amargo o coração, separa e divide os que deviam se amar, e impede a vinda do reino. A cura para o ódio e o ciúme está na entronização de Cristo, como rei em nosso coração.

JOÃO 12.20-29

Sacrifício — Uma Lei da Vida. Essas pessoas eram gregas mesmo; não judeus-gregos. O Oriente veio à manjedoura, o Ocidente, à cruz. Esses homens procuraram Filipe provavelmente por causa de seu nome grego. O anseio inarticulado do coração humano, venha do Oriente ou do Ocidente, é por Cristo.

O pedido desses representantes da civilização ocidental lembrava ao Senhor sua entronização como o Salvador e Senhor da humanidade; mas ele percebeu que os sonhos dos profetas só poderiam ser realizados, e a necessidade do mundo só seria atendida, por meio de sua morte e ressurreição. Não havia outro caminho para a glória senão o do Calvário e do túmulo. Para que seu amor pelos homens produzisse muito fruto, ele precisava cair no chão e morrer. A morte é o único caminho para ser o Salvador. A morte é a única cura para a solidão e o preço a ser pago pela frutificação.

Durante a vida devemos estar preparados para erigir altares nos quais sacrificaremos tudo o que impede que prestemos os mais nobres serviços aos nossos semelhantes. A alma que se atreve a viver desse modo encontra ribeiros fluindo de cada rocha ferida, e mel na carcassa de cada leão morto. O dia nasce da noite, a primavera, do inverno, as flores nascem do gelo, a alegria nasce da tristeza, a frutificação, da podadura, o monte das Oliveiras nasce do Getsêmani, a vida nasce da morte. Mas, através de tudo, nosso objetivo deve ser que o Pai seja glorificado.

JOÃO 12.30-41

A Crença Pode Tornar-se Impossível. A pergunta dos gregos levou o pensamento do Senhor para sua morte. Ele via, também, o batismo de sofrimento pelo qual seus seguidores devem passar. Para superar tudo isso que o perturbava, ele se refugiava no Pai, pedindo somente que tudo convergisse para a glória dele. Esse pedido foi logo respondido afirmativamente. Desse modo, Jesus foi levado a dar essa admirável interpretação dos acontecimentos que estavam ocorrendo, analisando-os do ponto de vista

do Céu. A época, não ele, é que estava sendo julgada. Ela é que estava diante dele para o veredicto, não ele diante dela. Caifás, Pilatos e os governadores da época estavam desfilarando diante do seu tribunal e sendo julgados como indignos. O príncipe deste mundo — Satanás — não Cristo, é que estava sendo expulso, embora pudesse transcorrer muito tempo antes que a sentença fosse executada plenamente. Embora eles não o reconhecessem, o dia da cruz constituía a crise da história da terra e do inferno, dos homens e dos demônios. Ficava, então, resolvida a questão da supremacia entre as trevas e a luz, entre o ódio e o amor, entre a morte e a vida. “Levantado” lembra 3.14. A cruz é o ímã divino, e nossa atitude para com ela mostra o que somos. Nos versos 35 e 36, encontramos a seqüência de passos que nos levam da transfiguração para a condição de filhos da luz; criamos na luz; andemos nela e nos tornaremos “filhos da luz”.

JOÃO 12.42-50

O Mandamento do Pai. O medo de ser expulso da sinagoga era muito real (Jo 9.22); e o jugo imposto sobre Israel pelos fariseus era esmagador. Somente uns poucos, como Nicodemos e José de Arimatéia, podiam suportá-lo. Tênhamos cuidado para que coloquemos a promoção da glória de Deus sempre acima de qualquer pensamento de autoproteção. Devemos “confessar” a Cristo se quisermos experimentar sua graça salvadora. (Veja Romanos 10.10.) Rejeitar Jesus para Israel era nada menos do que rejeitar o próprio Deus e sua Palavra. Um tal ato de rebelião não podia deixar de atrair sobre eles um julgamento sem precedentes.

Nos versículos 48 a 50 Jesus revela a importância de suas palavras. Elas serão o único critério para julgamento no dia do juízo. Ele aplicará a cada um de nós a regra estabelecida em seus ensinamentos, que eram, pura e simplesmente, o reflexo da mente do Pai. Em cada sentença ele agiu por mandato do Pai; assim, suas palavras tinham poder para despertar e regenerar seus ouvintes. Que efeito maravilhoso se produziria no mundo se todos os ministros de

Cristo proclamassem a mensagem que receberam!

JOÃO 13.1-11

Jesus Glorifica o Serviço Humilde. No templo, a bacia precedia o altar de bronze. Ela era conservada sempre cheia de água limpa para a lavagem constante dos sacerdotes (Êx 30.18-21; Lv 16.4). Não podemos ter comunhão com Cristo no Calvário nem no monte das Oliveiras, se não nos achegarmos com o coração purificado de uma consciência má e nosso corpo lavado com água limpa.

Os Evangelhos Sinóticos dizem que, ao seguirem para a festa, os discípulos se haviam entregue à contenda e ao orgulho. Era necessário que essas coisas fossem eliminadas, e o amor do Senhor mostrou-se adequado para a ocasião. Ele os amou até ao fim da sua vida e até ao fim de seu amor. Somente um amor assim podia ter transformado tais pessoas em santos e apóstolos.

Jesus “começou” uma obra que jamais terminou, e que continuará até que a Igreja de Deus, resgatada, esteja salva para não mais pecar. Quando pecamos, não precisamos começar nossa vida inteira de novo, bastando apenas voltar ao lugar onde interrompemos a linha de obediência, e recomeçar a partir dali.

JOÃO 13.12-20

O Exemplo do Mestre. Não obstante sua grande humildade, Jesus espera que nós o consideremos como Mestre e Senhor; é assim que o chamamos e tratamos? Devemos estar tão dispostos a obedecer-lhe como um soldado obedece a seus oficiais comandantes mesmo que a ordem interfira com seu conforto, conveniência ou segurança. Devemos também fazer uns pelos outros, dentro da nossa modesta limitação, o que ele fez por nós, assumindo a forma e o trabalho de um escravo, de modo a podermos remover, uns dos outros, quaisquer manchas que tenhamos contraído. Somente quando nós nos rebaixarmos à posição mais humilde e simples poderemos ajudar nosso irmão a alcançar uma vida mais pura e mais nobre. Vigiemo-nos mutuamente como quem deve prestar contas.

Que tristeza pesava constantemente

no coração do Salvador, sabendo que todo o seu amor e cuidado seriam repelidos por Judas, como uma rocha, num jardim florido, se recusa a ser sensível às estimulantes influências da primavera! “Levantar o calcanhar” — isto é, escoicear — é simbólico de malícia brutal. Essa traição, prevista por Cristo, transformou-se em arrimo para a fé dos discípulos. Quando o incidente ocorreu, como Cristo havia predito, eles perceberam que Jesus era tudo aquilo que declarara ser.

JOÃO 13.21-30

Bondade Para com o Traidor. No círculo dos doze, Judas era o representante daqueles que adotavam a idéia carnal do Messias, idéia essa que era diretamente oposta ao espírito que Jesus acabara de manifestar na lavagem dos pés. Se Judas não era capaz de humilhar-se e renunciar àquela idéia e àquele espírito, ele devia partir; e o Senhor deve ter experimentado uma profunda sensação de alívio ao vê-lo sair e até certo ponto, os outros também devem tê-lo sentido.

O povo do Oriente, em vez de sentar-se à mesa, costumava reclinar-se, sendo que cada conviva apoiava o braço esquerdo numa almofada de modo a amparar a cabeça, ficando o braço direito livre para comer. Desse modo a cabeça de cada um ficava perto do peito de seu companheiro da esquerda. Assim era a posição de João em relação ao Mestre na Última Ceia, o que lhe facilitou cochichar a pergunta do versículo 25. Durante a refeição pascal, o pai oferecia aos convidados pedaços de pão molhados numa calda de frutas, representando os frutos da Terra Prometida. Era um sinal de atenção especial e ali foi mais um apelo à consciência de Judas. Ele ainda poderia ter achado perdão. Mas, João, ao voltar para ele sua atenção, percebeu que algumas alterações se processavam em suas feições, indicativas de que o traidor tinha feito a oscilante balança inclinar-se para o lado de Satanás.

JOÃO 13.31-38

O Sinal e o Selo do Discipulado. Foi um alívio quando o traidor retirou-se. O Senhor agora podia falar livremente do

seu amor e da sua glória próxima, discorrendo mais demoradamente sobre os picos cheios de luz, mas sem revelar, ainda, nem mesmo a Pedro, o vale escuro que teria de atravessar antes, e nem as sombras que começavam a envolvê-lo. Pedro mostrava-se muito ansioso para estar com Jesus aonde quer que ele fosse. A vida sem Jesus parecia-lhe impossível.

Pedro contava com sua força de vontade para conservá-lo fiel a seu Mestre, mas descobriu que ela era inútil, como nós também descobrimos tantas vezes. Não nos gloriemos com base em nossa autoconfiança sobre o que faremos ou deixaremos de fazer, mas procuremos força no Senhor vivo. Como nos conhecemos pouco! Ainda chegaria o tempo em que esse espírito ardoroso seria capaz de cumprir o seu voto por meio do Espírito do Pentecoste (Jo 21.18; 2 Pe 1.14).

JOÃO 14.1-11

Jesus: o Caminho, a Verdade e a Vida. À medida que o fim se aproximava o Pai era o assunto predominante na conversa do Senhor. O céu era a casa de seu Pai, onde uma mansão preparada espera cada um de nós, perfeitamente adaptada às peculiaridades do nosso temperamento. O anseio do coração humano foi fielmente expresso por Filipe em seu pedido para ver o Pai; mas, nunca antes passara pela mente humana que a revelação suprema do divino pode estar nas coisas simples e nos lugares comuns da existência humana. Enquanto Filipe esperava que o Pai se mostrasse em relâmpagos e trovões bem como no esplendor do Sinai, deixava de perceber as manifestações diárias da vida com as quais ele vivia em contato constante. Ver Jesus era ver o Pai. Nada podia provar de forma melhor a necessidade do Espírito Santo, por meio de quem, tão somente, podemos conhecer o Senhor.

JOÃO 14.12-24

O Espírito da Verdade. Não há uma tradução adequada para a palavra *Paracleto*. Pode ser traduzida como “intérprete”, “consolador”, “advogado”, mas nenhuma delas satisfaz plenamente. No

grego significa “alguém que chamamos para estar ao nosso lado numa batalha ou num tribunal”. Sua vinda depende da oração de Cristo (“E eu rogarei ao Pai”) e da oração da Igreja (“vós pedi-reis”). O Espírito Santo deve ser uma pessoa, ou, senão não poderia ser comparado a Cristo como “outro”. O fato de que ele estará “em” nós é uma característica desta dispensação, e sua habitação traz consigo a do Pai e a do Filho.

“Faremos... morada”. No grego, essa palavra “morada” é a mesma que foi traduzida como “mansão” na primeira parte desse capítulo. Deus prepara uma mansão para aqueles que crêem em Cristo, e pede, como resposta, que façamos do nosso coração um quarto de hóspede onde ele possa habitar. Assim que ele entra num coração purificado que o ama, ele o ouve dizer: “Este é para sempre o lugar do meu repouso; aqui habitarei, pois o preferi” (Sl 132.14). “Meu Pai o amará.” Que ele ame o mundo é maravilhoso, mas que nos ame seria inacreditável, não fosse ele infinito e não soubéssemos que nos vê através de Jesus Cristo nosso Senhor.

JOÃO 14.25-31

O Presente de Paz de Cristo. O Senhor apresenta a base quádrupla de sua paz: (1) A visão do Pai. Ao longo desses admiráveis capítulos ele parece incapaz de falar de outra coisa. Se vivéssemos com o conhecimento e a consciência de Deus, nossa paz também seria como um rio. Envolvamo-nos nesse pensamento como um homem se envolve em sua capa num dia de tempestade. (2) Desligamento do mundo. Devemos libertar-nos das ambições do mundo, de seu medo e favor, de sua ganância e seu temor da pobreza. O mundo não deve ter atrações para nós. (3) Um amor que constrange, como no versículo 31. (4) Obediência à autoridade suprema de Deus. Quando colocamos o governo sobre os ombros dele, ele estabelece o reinado íntimo como Príncipe da Paz.

Que contraste com a paz do mundo, que consiste na ausência de circunstâncias desfavoráveis e na posse de bens materiais! Onde está o Espírito, aí repousa a paz de Deus. O mundo pode estar em armas, a morte pode ser imi-

nente, e o príncipe deste mundo pode tentar nos ferir, mas o coração que repousa na vontade de Deus está livre de alarmes e de medo. A paz que ele deixa é a do perdão; a paz que ele lega é a da sua própria habitação. “Levantai-vos, vamo-nos daqui!”

JOÃO 15.1-9

A Condição de Frutificação. A videira não é capaz de fazer o seu trabalho no mundo sem os ramos; eles se estendem distanciando-se da raiz, de modo a conduzir a força e doçura provenientes dela aos que estão fora do muro (Gn 49.22). Nós precisamos do Senhor Jesus, mas ele, também, precisa de nós. Sem nós ele não pode abençoar os homens como deseja. Que sublime pensamento há aqui: Jesus precisa de algo que posso ceder-lhe! Só podemos servir a Deus e ao homem se mantivermos uma união permanente com ele. Entreguemo-nos a ele para sermos podados pela Palavra, de modo que não venhamos a necessitar da podadura de dolorosas tristezas. Fala-se que, de cada grupo de cinco brotos da videira, três são cortados para que o restante possa atingir seu crescimento máximo. Quantos de nossos desejos pessoais têm de ser podados para produzirmos nosso melhor fruto.

Depois que, pela salvação, estamos verdadeiramente unidos a Cristo, o Cabeça da aliança, não podemos ser separados dele; mas pode acontecer que deixemos de permanecer nele no que diz respeito ao suprimento de graça e de poder para o ministério. Permanece em mim, diz a videira ao ramo; não permitas que as veias fiquem obstruídas, e eu farei com que a seiva pulse em ti. “Permanece em mim”, diz o Senhor, “e serei em ti força na tua fraqueza, amor em teu desamor, graça e beleza em tua fealdade.” “De mim se acha o teu fruto” (Os 14.8).

JOÃO 15.10-16

“*Tenho-vos Chamado Amigos*”. Precisamos avaliar o amor do Pai para com Jesus para podermos medir o seu amor para conosco. Recebemos mandamento para nos amarmos uns aos outros com este mesmo amor, mas sem uma capa-

ciação divina jamais poderemos cumprir esse mandamento do Mestre. Nosso amor só será como o dele, se estiver pronto a sacrificar-se até à morte. “Não servos”, mas “amigos”. O primeiro estágio é o de servo, que faz o que é ordenado, não porque compreende, mas porque não tem outra opção. A amizade envolve obediência de nossa parte; a parte de Jesus é tornar conhecidas as coisas profundas de Deus. Mesmo o Filho aprendeu obediência por meio das coisas que sofreu. É só por meio da obediência implícita que podemos gozar de uma intimidade mais profunda em nossa comunhão com ele, e, afinal, da filiação. Não há limite para aquilo que o Pai fará em favor daqueles que seu Filho chama de “amigos”.

JOÃO 15.17-27

Sofrendo por Amor de Jesus. Nós fomos designados para produzir fruto impercível, mas esse santo serviço que prestamos ao mundo nunca será apreciado. O mundo tem o seu próprio deus e a sua própria religião. O mundo odeia sem causa. Quanto mais semelhantes a Cristo nós somos, mais intimamente seremos identificados com seus sofrimentos. Não há limite para o ódio e para a perseguição a que o mundo desencadeará contra os que deixaram de lhe pertencer por causa de sua identificação com o Cristo crucificado. Mas mesmo em meio à tormenta, importa que nos alegremos; não deve haver afrouxamento do nosso amor, o qual derrotará o ódio da mesma forma como o sol, ao surgir amanhã, vencerá as trevas (vv. 26,27). Em todos esses séculos de cristianismos tem havido esse duplo testemunho do Espírito na Igreja. A voz da Igreja tem testemunhado em favor do Cristo vivo, não discutindo mas afirmando, e, a cada palavra de testemunho, o Espírito Santo tem apresentado a testemunha comprobatória. A apologética cristã é menos importante que o testemunho de vidas guiadas pelo Espírito.

JOÃO 16.1-11

A Obra do Espírito. Na vida cristã, quando perdemos, aí é que ganhamos.

Foi vantajoso para os discípulos que o Senhor se fosse, porque a presença do Espírito estava condicionada à sua ausência. O texto precisava ser completado para que o grande sermão pudesse ser pregado. A obra de Cristo precisava estar concluída para que o Espírito pudesse aplicá-la à humanidade. Cada fase da experiência humana se concentra naquele a quem o Espírito Santo nos revela. Seja convicção do pecado, fé, esperança, tudo começa e acaba em Jesus. O principal pecado de nossa época é a rejeição de Cristo, e é por causa dele que os homens são condenados. As declarações de Jesus a seu próprio respeito são comprovadas e sua justiça é firmada. Sua ressurreição e sua ascensão comprovaram que sua missão era divina. A cruz foi o cenário do julgamento de Satanás. Ali o príncipe deste mundo foi condenado e expulso. Seu poder está desfeito, embora ele ainda faça o máximo para intimidar os seguidores de Jesus e criar-lhes obstáculos.

O mundo vem a nós, em primeiro lugar, com suas fascinações e deleites. A seguir, ele vem com ameaças e torturas. Por trás dele está seu príncipe. Ele só subsiste, porém, por tolerância. Enfrentemo-lo como um inimigo demoralizado. Ele foi julgado e condenado. Vitória e liberdade esperam a Igreja; à espera do mundo, da carne e do diabo, está a derrota sem esperança — o poço do abismo e o lago de fogo. (Veja Judas 7.8.)

JOÃO 16.12-24

Olhando Além das Tristezas do Presente. Os discípulos estavam tremendamente fatigados pelos acontecimentos dos últimos dias, pela reversão de suas mais acalentadas esperanças e pela escuridão e tristeza crescentes da cruz que se aproximava. Sua natureza física, mente e afeições não podiam suportar mais. A tristeza encheu o coração deles, e por isso o Mestre não descreveu, com maiores detalhes, o vale de sombra que eles ainda teriam de atravessar. Comparando os Evangelhos com as Epístolas pode-se perceber quanta coisa o Senhor deixou de dizer. Tudo isso ficou para o ensino do Espírito, para ser co-

municado à Igreja por meio dos apóstolos. É assim que Cristo ainda trata conosco, permitindo que tenhamos provações de acordo com a nossa força e corrigindo-nos conforme nossa capacidade espiritual. Nós desejamos conhecer os planos secretos de Deus em relação a nós e àqueles que amamos. Aonde leva o caminho que estamos trilhando e que descai tão rápida e abruptamente? Quanto tempo ainda durará a luta entre a verdade que está no patíbulo e o erro no trono? Qual é a explicação do mistério do mal, da tristeza e da agonia do mundo? Jesus diz: “Meu filho, você não suportaria essa revelação agora. Confie em mim. Assim que você estiver em condições de compreender, eu lhe direi”. A cegueira e as limitações do tempo presente não são dignas de ser comparadas com a glória que se manifestará no tempo próprio de Deus. (Veja Romanos 8.18 e 2 Coríntios 4.17.)

JOÃO 16.25-33

Bom Ânimo Para as Horas de Provação. Deus ainda nos fala por meio de provérbios. Nós não poderíamos compreender ou receber a perfeita revelação de sua pessoa. Isto são apenas as orlas dos seus caminhos (Jó 26.14). Mas, dentro em pouco, quando o mistério total de sua vontade tiver sido revelado, nós o veremos face a face, e ele nos falará abertamente acerca das coisas que não compreendemos agora.

Existe uma estreita conexão entre a oração e a alegria. No meio de uma batalha, quando os soldados já estão exaustos, se o general se aproxima deles e lhes dirige palavras de ânimo garantindo-lhes que o ponto chave para a conquista da posição já foi tomado, eles lutarão com a inspiração da vitória. Assim também, nosso Líder e Comandante envia esse encorajamento aos que estão em linha de combate. Tenhamos sua paz sempre em nosso coração e conservemos o ânimo (1 Jo 5.4,5).

JOÃO 17.1-10

Jesus Ora Pelos Seus. Aqui, ouvimos Cristo orar em seu próprio “aposento”. Nessa maravilhosa oração, há um tom

de fé expectante, de firme confiança, como se ele soubesse que estava pedindo o que estava no coração e no pensamento de seu Pai. O Senhor fala como se já tivesse passado pela morte e estivesse fazendo sua súplica perante o trono de Deus. Ele está contente pela autoridade que possui só porque por ela pode conceder vida.

A dádiva do Pai a Jesus consistia dos homens que o seguiram, das palavras que falou, das obras que fez, do nome que teve. Quanto cuidado o Bom Pastor demonstrou para com os que lhe foram dados! Orou por eles, guardou-os, e confiou-os, como num testamento, aos cuidados do Pai. Embora não orasse diretamente pelo mundo, estava fazendo o máximo por ele, ao concentrar toda a sua solicitude naqueles que haviam de ser os mensageiros do seu evangelho.

O versículo 10 lembra Lucas 15.31. As próprias palavras que o pai disse ao irmão mais velho são usadas aqui pelo Senhor; e assim aprendemos que temos o mesmo privilégio de entrar na posse da herança de graça e poder que tinha o Senhor. Ele conquistou para nós, embora sejamos indignos, o privilégio de dizer: “Todas as tuas coisas são minhas”. Crêssemos nós assim e vivêssemos como filhos na casa do Pai, como nossa vida seria diferente!

JOÃO 17.11-17

No Mundo, mas Não do Mundo. O que é “o mundo”? A definição inspirada é dada em 1 João 2.16. Relacionando os três produtos do mundo, o apóstolo conclui: “Tudo que há no mundo... não procede do Pai”, isto é, não se origina nele, nem vem dele. Poderíamos inverter a proposição e dizer: “Tudo o que não emana do Pai, e que é inconsistente com o perfeito amor, a pureza e a verdade, é do mundo.”

O espírito do mundo permeia a sociedade. Todos os seus planos, objetivos e atividades pertencem à existência atual, que é passageira. “Debaixo do sol” é uma sugestão do Eclesiastes. O mundo sempre esteve em conflito com Cristo, porque o ensino dele contraria tudo quanto o mundo preza. Sua idéia de felicidade, seus métodos de

obter prazer e adquirir coisas, sua concepção de poder e o uso que faz dele, e sua atitude para com Deus, são muito diferentes dos de Deus, a diferença é tão grande como a distância que vai de um polo ao outro. Mas seu ódio aos seguidores de Cristo é bem aceito por eles, pois prova que estão na trilha do Mestre, e eles se sentem amplamente compensados em sua comunhão com ele.

JOÃO 17.18-26

A Comissão do Mestre. Lemos em João 10.36 que o Pai consagrou nosso Redentor para a grande obra por meio da qual ele aproximou de si os que estavam longe (Ef. 2.13). Que momento maravilhoso deve ter sido aquele em que Jesus foi separado para destruir as obras do diabo, produzir a salvação eterna e reunir numa só família os filhos dispersos de Deus! E nós fomos incluídos nesse ato. Portanto temos a obrigação de ter uma vida de consagração e dedicação à redenção do mundo.

A verdadeira unidade é espiritual. Quando permanecemos em Cristo, permanecemos uns nos outros. A unidade espiritual já existe mas os homens não a reconhecem. Se somos um com o Senhor, devemos ser um com todos que são membros do seu corpo místico. Em épocas diversas, houve variação na organização externa da Igreja, mas sempre houve a unidade de um só corpo, um só rebanho e um só templo. Não podemos criar essa unidade, mas podemos esforçar-nos para conservá-la, lembrando-a sempre, principalmente quando tratamos com irmãos na fé. Se somos unidos na terra, seremos unidos com ele para sempre.

JOÃO 18.1-11

Jesus Aceita Seu Sofrimento. O Senhor saiu da cidade, atravessou o ribeiro Cedrom e entrou no Getsêmani, não, porém, com a intenção de esconder-se, como o demonstra, claramente, o segundo versículo. Como foi bem característico dele receber o bando pessoalmente, dizer-lhes que o levassem dan-do assim aos discípulos oportunidade para escaparem! Não foi assim que ele

sempre agiu enfrentando o perigo, a tentação e a morte, de modo que a grande multidão que ele estava encaminhando à glória pudesse ser salva? Que humildade e majestade vemos manifestadas aqui ao mesmo tempo! A humildade — sujeitando-se a ser manietado; a majestade — mostrando-se capaz de usar o indizível nome de Deus “Eu Sou”.

“O cálice”, provavelmente, se referia à angústia imposta à sua santa natureza por ter sido contado com os transgressores e levado sobre si o pecado de muitos. Havia naquilo muita coisa que repugnava ao seu espírito, mas ele decidira fazer a vontade de Deus, embora a carne pudesse estremecer e acovardar-se. Tomemos sempre os cálices de dor e tristeza da vida diretamente da mão de Deus, não vendo Judas, mas o Pai.

José disse a seus irmãos que não tinham sido eles que o havia enviado ao Egito, mas Deus. Davi não consentiu que Simei fosse silenciado, porque sentia que Deus permitira que ele lançasse seu anátema sobre o rei. Aqui o Senhor repousa totalmente no Pai, que o amou antes que o mundo fosse criado.

JOÃO 18.12-18

O Medo Solapa a Lealdade. Evidentemente Jesus foi submetido a um interrogatório preliminar e secreto, enquanto o Sinédrio era convocado às pressas. O outro discípulo, com toda a certeza, era João. Pedro cometeu um engano ao lançar-se naquele vórtice do julgamento. Sua imprudência e curiosidade o levaram até lá. Enquanto o Mestre estava diante de um tribunal, Pedro estava diante de outro, mas como falhou clamorosamente! Apesar de toda a sua bravata, ele foi completamente envolvido — como acontecerá conosco, a não ser que aprendamos a lançar mão daquele poder que só é aperfeiçoado na fraqueza. A queda de Pedro foi devido a sua autoconfiança e falta de oração. Os que são fracós deveriam evitar de expor-se a situações perigosas, e a companhias, com as quais são suscetíveis de falhar. Não nos aqueçamos junto às fogueiras do mundo.

Três lições despontam da falha de

Pedro. (1) Não durmamos durante os preciosos momentos que o céu nos oferece antes de cada hora de provação, mas usemo-los para revestir-nos de toda a armadura de Deus, para que possamos resistir no dia mau. (2) Não nos vangloriemos de nossa própria força. Nas horas de conflito ter boas intenções só não basta. (3) Não nos lancemos montanha abaixo, a não ser que estejamos absolutamente certos de que Deus nos ordenou que o fizéssemos. De outra maneira, ele não encarregará os anjos de guardar-nos.

JOÃO 18.19-24

Jesus Diante de Seus Perseguidores. Anás era o sogro do sumo sacerdote. Por muitos anos ele usara as vestes de sumo sacerdote e, embora agora estivesse nominalmente aposentado de seu ofício, ainda continuava com as rédeas na mão. Ele era o fator mais influente nos círculos sacerdotais. Estava no vestibulo de seu palácio, esperando o regresso da expedição e pronto para iniciar imediatamente uma inquirição, com esperança de extrair de Jesus alguma coisa na qual pudesse basear seu processo contra ele. Mas o Senhor percebeu seu propósito astucioso e associou Anás ao exército de espíões que tinham sempre estado em seu rasto. Não havia ira no coração de Jesus. Ele simplesmente desejava demonstrar que suas palavras tinham sido absolutamente puras e verdadeiras; e que, embora estivesse sujeito a uma investigação minuciosa, Anás tinha tido que lançar mão dessa medida secreta para conseguir incriminá-lo. Jesus tentava fazer com que seus acusadores e juízes ouvissem sua consciência.

JOÃO 18.25-32

A Fraca Evasão de Pilatos. É possível que, no mesmo instante em que Pedro estava negando seu Senhor, Jesus estivesse sendo enviado de Anás a Caifás e, passando ali, lançou sobre o discípulo vacilante, um olhar que era misto de tristeza e amor e que calou fundo em seu coração. João não se alonga muito na descrição do julgamento perante Caifás, porque os outros evangelistas já o haviam narrado, mas segue

em frente e passa a falar minuciosamente da vacilação e da fraqueza de Pilatos. O procurador romano tentou a princípio, livrar-se da responsabilidade de decidir o processo. Recusou-se a aceitar que ele estava dentro de sua jurisdição, porque parecia mais associado a alguma controvérsia religiosa envolvendo conhecimentos técnicos que ele não possuía. Sugeriu, portanto, que os líderes judeus tratassem do assunto de acordo com suas próprias leis. Não havia nenhuma necessidade evidente para a lei romana interferir. Quando, entretanto, a intenção assassina dos sumos sacerdotes se revelou, tornou-se evidente que suas acusações contra Jesus eram de um caráter muito mais sério, e Pilatos se viu compelido a dar-lhes maior atenção. Como discerniu mal as momentosas decisões que seriam tomadas naquele dia!

JOÃO 18.33-40

O Rei da Verdade. Havia um tom irônico na pergunta de Pilatos. “Ó, pobre, maltratado, rejeitado, maltrapilho, abandonado por todos os amigos nesta hora de necessidade, és tu rei?” Ouvidos humanos jamais ouviram palavras mais majestosas do que as da réplica do Senhor. Mas, quando ele disse “O meu reino não é deste mundo”, não pretendia dizer que seu reino nada tem com este mundo, mas que não teve aqui a sua origem. Seu reino veio do céu para trazer a inspiração, os princípios e os métodos do céu a todas as esferas da atividade humana. A maior prova de que ele não se originou na terra foi sua recusa de empregar a força. Nós não recorreremos às armas, mas nos sacrificamos e sofreremos por sua preservação. O Senhor apressou-se em mostrar que seu reino está baseado na manifestação da verdade. Não existe alma humana, pura e sincera, que, ao ouvir Cristo falar, não reconheça que ele é Rei, o Rei da Verdade.

JOÃO 19.1-9

Jesus Suporta o Desprezo. Pilatos estava convencido da inocência do Senhor, e tentou vários expedientes para salvá-lo a vida; na verdade, fez tudo que podia, menos agir com absoluta justiça

e anular o processo. Se, imediata e firmemente, ele tivesse se recusado a ser cúmplice no ato injusto a cujo cometimento os judeus o estavam instigando, antes que eles pudessem inflamar ainda mais o sentimento popular, toda a questão ter-se-ia encerrado ali. Mas ele deixou passar o momento crucial, e cada hora que transcorria tornava ainda mais impossível recuperá-lo. A proposta de castigar Jesus; o esforço de induzir o povo a preferir Jesus a Barrabás; o açoitamento como um apelo à piedade deles — todos esses expedientes não conseguiram fazê-los mudar de disposição. O governador ficava cada vez mais medroso. “Donde és tu?” De nascimento humano ou mais que humano? O silêncio foi a resposta do Senhor. Fosse ele apenas da terra e nunca teria permitido a Pilatos supor que pudesse ser do céu.

JOÃO 19.10-17

A Rejeição do Rei. O orgulho de Pilatos foi ferido por aquele silêncio. Em sua resposta o Senhor se refere à responsabilidade parcial dos que participavam em sua condenação. Era como se ele dissesse: “Embora seja grande o seu pecado de abdicar de sua posição, ele é menor que o pecado dos que me entregaram ao seu poder.” Pilatos, então, se conscientizou do emaranhado maligno em que estava preso. Ele estava lidando com um assunto que esbarrava no invisível e no eterno, mas a ameaça de denunciá-lo a César trouxe-o subitamente de volta aos aspectos terrenos e humanos do caso. Com mal disfarçada irritação, ele adotou a fraseologia dos sacerdotes e disse: “Eis aqui o vosso rei!” Os judeus chegaram ao mais baixo nível de degradação quando, calcando sob os pés seu orgulho nacional, responderam: “Não temos rei, senão César!” Pilatos assinou os documentos necessários e se retirou para o seu palácio como se ele próprio tivesse sido condenado.

JOÃO 19.18-24

“(Eles) o Crucificaram.” Fora da cidade, mas perto de suas portas, à margem da

estrada principal, existia uma pequena elevação de forma cônica que, devido à sua semelhança com um crânio, era chamada em aramaico Gólgota e em latim Calvário. Assim como chamamos o cimo de uma montanha de cume, eles chamavam a elevação escavada de caveira. As três línguas em que estava escrita a inscrição representam a religião, o governo e a ciência. Notemos que cada um de nós está, inconscientemente, escrevendo seu veredicto a respeito de Jesus Cristo; e, uma vez escrito, não há como alterá-lo. Podemos ser perdoados, mas o passado não pode ser desfeito.

Os soldados ficavam com as roupas dos crucificados. Mas as roupas de Cristo eram tão pobres que não adiantava guardá-las inteiras, exceto a túnica interior, um presente de amor de alguém — bem pode ter sido sua mãe. Que contraste! Acima, na cruz, a evidência clara de que o amor executava o plano da eternidade; embaixo, o apelo à sorte feito por homens ignorantes e brutais.

JOÃO 19.25-30

A Última Preocupação de Jesus com o Bem dos Outros. O amor deu coragem a Maria para enfrentar a tragédia daquela cena. A espada, como predissera Simeão, estava traspassando sua alma (Lc 2.35). Jesus sabia como ela iria sentir-se só. Ele não tinha prata nem ouro, mas podia, ao menos, assegurar-lhe um lar e um terno cuidado. Como a cruz estava pouco elevada do chão, suas palavras eram facilmente ouvidas pelo pequeno grupo. Ele preferiu chamá-la de “mulher” em vez de “mãe” pois era possível que sua identificação com ela resultasse nalgum insulto contra ela.

É para esse trecho que a alma se volta quando oprimida pela consciência de culpa. O mundo despreocupado, que jamais conheceu o terror de uma consciência pecaminosa, foge dele como de uma tragédia de desgraça e de sangue, mas o pecador arrependido espreme dessa vindima o vinho da vida. Em pé perante a tua cruz, ó Filho de Deus, nós te adoramos com muito amor, ao testemunharmos tua ternura para com tua mãe, tua devoção às San-

tas Escrituras, e a grandeza do teu derradeiro grito de vitória. “Está consumado” — o plano de redenção do Salvador, a base de nossa salvação. O que nos resta fazer senão abrigar-nos na incisão feita em seu lado, e buscar a purificação da água e do sangue?

JOÃO 19.31-37

O Lado Lançado. Como os líderes judeus se mostravam meticulosos na preservação de cada detalhe do seu ritual! Lembremo-nos de que existe uma religiosidade que não é religião, mas falsificação.

João atesta solenemente o fato de que dele escorreram sangue e água. “Ele sabe que diz a verdade.” Esses elementos são mencionados outra vez em sua epístola (1 Jo 5.6,8). A ciência informa que a presença dos dois é evidência de que houve uma ruptura do coração, e que o Senhor literalmente morreu de ruptura do coração. Mas eles foram também — como alguns comentaristas gostam de lembrar — um símbolo da “dupla cura” que Jesus efetuou: sangue, para expiar; água, para purificar e limpar. É reconfortante saber que Jesus não veio só pela água! À medida que vamos nos conhecendo melhor, percebemos que somente o sangue pode atender às nossas necessidades. Ele inclinou a cabeça para que possamos levantar a nossa para saudar a manhã eterna.

JOÃO 19.38-42

Cuidados Inspirados Pelo Amor. Alguns discípulos secretos de Cristo demonstraram seu verdadeiro heroísmo e o transportaram para um túmulo no jardim. Tinha sido escrito que o Messias estaria com os ricos em sua morte (Is 53.9); essa profecia parecia de cumprimento improvável, até que José e Nicodemos se manifestaram, nas horas escuras da noite, dando uma demonstração de fé e reverência. O número dos amigos de Cristo no mundo é maior do que o que sabemos. Eles fazem parte dos corpos legislativos e juntas administrativas de empresas e os encontramos diariamente quando cuidamos de nossos afazeres. Embora não dêem sinais exteriores de amor ou lealdade, eles

estão tomando resoluções secretas em seu coração, e virá a hora em que as chamas de seu amor queimarão o alqueire que o esconde e eles se declararão ao lado do Senhor. Instemos com os que assim procedem, entretanto, para que não percam esses anos preciosos. Como José e Nicodemos perderam oportunidades preciosas de terem comunhão com Cristo, devido a essa longa demora!

Foi um sepultamento de rei. O amor levou o corpo; doces especiarias perfumaram o ar; um túmulo recém-aberto recebeu o precioso tesouro; e anjos montaram guarda. Lembremos de que, onde quer que a cruz de Jesus seja levantada — seja na alma, para a crucificação diária da carne, seja na vida, por meio do auto-sacrifício em favor de outros — inevitavelmente jardins florescerão.

JOÃO 20.1-10

O Testemunho do Túmulo Vazio. Ao considerar o relato da ressurreição feito por João, devemos recordar que em grande parte ele suplementa as outras narrativas. Como esse Evangelho foi escrito muito depois de os outros já estarem em circulação, a seleção dos incidentes registrados foi feita com propósitos espirituais. O objetivo de João ao narrá-la foi mostrar os vários exemplos de fé no Cristo ressurreto, sendo que cada um é típico e tem suas próprias lições.

É manhã, no domingo da Páscoa! Que desalento transparece na voz de Maria e que consternação em seu rosto! Que engano cometeu ela também, pois quem pode tirar o Senhor dos corações onde ele está entronizado? A palavra grega usada para descrever a disposição dos lençóis é notável. Ela dá idéia de que eles haviam caído juntos, como se aquele que eles cobriam tivesse, de repente, se retirado.

Quanto aqueles dois discípulos perderam! Tivessem eles esperado, poderiam ter visto o Senhor. Não nos afastemos com demasiada pressa dos mistérios do túmulo do Senhor; mas aprendamos que, de um lado, ele foi declarado Filho de Deus (Rm 1.4), e,

do outro, ficamos sabendo que a fé venceu até mesmo a morte (Jo 11.26).

JOÃO 20.11-18

A Alegria da Ressurreição. Maria chorava, mergulhada numa tristeza, desesperançada, sem a menor idéia de que Jesus havia ressuscitado, e deseja apenas de procurar descobrir o corpo do seu querido Mestre e Amigo. É pelo fato de entendermos pouco o sentido oculto dos eventos que estão acontecendo ao redor de nós, sob o controle de Deus, que choramos tão amargamente. O que supomos ter perdido, na verdade, está bem perto; e o que consideramos desastroso, faz parte de um processo planejado para iluminar nossa vida para sempre.

Em sua tristeza, Maria confundiu Jesus com o jardineiro, mas quem pode dizer que ela estava muito enganada? Certamente Jesus é o Zelador da Igreja, a qual pode perfeitamente ser comparada a um jardim. Naquele momento ele havia entrado ali para apanhar uma flor caída. Ela o reconheceu pela entonação de sua voz, pois a fala é sempre reveladora. Na ressurreição, nós também ouviremos tons que desde a infância não ouvimos. No versículo 17 as mulheres recebem a mais elevada autorização para atuarem como evangelizadoras. Elas devem anunciar as boas-novas de um amor que é mais forte do que a morte, e que passa pela morte sem sofrer diminuição ou mudança. Nossos amados estão esperando por nós no jardim do Paraíso. Nós os ouviremos e os veremos, e com eles estaremos para sempre.

JOÃO 20.19-25

O Cristo Ressurreto Traz Paz. Evidentemente nosso Senhor estava revestido do corpo espiritual do qual fala o apóstolo, não sujeito às leis que governam a vida física. Duas vezes proferiu a saudação: “Paz seja convosco”. Na primeira, acompanhou suas palavras com a indicação de suas feridas: “... lhes mostrou as mãos e o lado”. Era a paz do perdão, caindo em corações arrependidos como o orvalho goteja na grama ressequida. “Olhe para as feridas de Jesus!” gritava Staupitz a Lute-

ro, e, na verdade, não há outro sinal que possa dar alívio ao pecador arrependido. Essa é a paz do entardecer, quando deixamos o mundo com sua sujeira e preocupações, e precisamos que ele lave nossos pés e tranqüilize nosso coração.

Na segunda vez, a mensagem de paz foi acompanhada de uma ordem para se dirigirem ao mundo, da mesma forma como ele fora enviado pelo Pai, com a grande tarefa da evangelização. Em seguida soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo”, o qual, pouco depois, havia de descer como um vento forte e impetuoso. Não há outra maneira de remir o pecado senão por meio da pregação do evangelho de reconciliação, com o Espírito Santo acompanhando nossa mensagem. Essa é a paz da manhã, quando nos apresentamos ao nosso posto de dever ou de perigo.

JOÃO 20.26-31

Superando a Dúvida. Como foi grande a angústia de Tomé durante aquela semana, quando se via dividido entre a esperança e o medo, vendo no rosto dos outros uma luz da qual não podia participar! Por fim Jesus apareceu e atendeu à fraqueza daquele discípulo confuso, agindo de acordo com as condições que sua pobre fé impusera. Jesus estava disposto a ganhar essa pobre alma faminta para si mesmo e para a bem-aventurança.

É pouco provável que Tomé tenha aceitado a sugestão de Jesus para estender a mão e tocar nele, além de vê-lo. O fato de Cristo saber o que ele dissera e estar disposto a satisfazê-lo foi suficiente. Mas, como disse o Senhor, há bem-aventurança maior do que a que ele alcançara. Quando não há estrelas na amplidão da noite, e não ouvimos uma voz amiga em meio à solidão, crer é ficar bem junto do coração daquele que na cruz se uniu ao Pai na escuridão da meia-noite.

JOÃO 21.1-9

A Pesca Maravilhosa. Chega-se a ter a impressão de que os apóstolos pensavam que a irradiante visão de Cristo se fora para sempre; ou será que eles pen-

savam que o glorificariam melhor, e teriam mais probabilidade de encontrá-lo, se voltassem aos pontos de trabalho normal? Esse milagre corresponde, muito de perto, ao registrado em Lucas 5, e prova que os métodos do Senhor ressurreto não são diferentes dos de seu ministério terreno. Ele ainda se coloca na praia ao clarear da madrugada para confortar o coração dos obreiros desanimados, dizendo-lhes onde devem lançar a rede e dando-lhes a garantia do seu auxílio. Os olhos que amam como João amava, são os mais rápidos em constatar sua presença. Ele não se preocupa apenas com o nosso proveito, mas preocupa-se conosco pessoalmente; foi provisão para o nosso sustento e conforto — não somente o pão, mas peixe e fogo. Não é isso um retrato da morte do crente? O mergulho na corrente fria das águas que nos separam dele; a recepção na outra margem; a descoberta de que Cristo tinha previsto e preparado algo; e o banquete com o próprio Senhor que se cinge para servi-lo.

JOÃO 21.10-19

“Amas-me?” Jesus perguntou a Pedro três vezes acerca do seu amor, dando-lhe, as sim, oportunidade de cancelar sua tripla negação. Há duas palavras gregas para “amor”. Nas duas primeiras vezes, Jesus preferiu a de sentido superior, enquanto Pedro, em suas respostas, humildemente escolheu a de sentido inferior, até que, na terceira vez, o Senhor desceu ao nível de Pedro. Cristo previu o ódio e a oposição do mundo, e lembrou a Pedro e aos demais que a única maneira de combater e vencer era pelo amor ardente que eles tinham por ele. Só isso podia dar-lhes a necessária ternura e a delicadeza para guiar e alimentar o rebanho.

JOÃO 21.20-25

O Testemunho de um Seguidor Amado. Tendo avisado Pedro, o Senhor parece ter-se retirado, convidando Pedro a segui-lo — uma ordem que continha em si um significado mais profundo. João seguia alguns passos atrás. Ouvindo passos, Pedro se voltou e, dominado pela curiosidade, quis saber até que

ponto as futuras experiências de João e as suas coincidiram. Imediatamente, sem satisfazer sua curiosidade, o Senhor explicou que os planos para a vida dos seus servos são determinados por sua vontade — “Se eu quero”. É igualmente certo que seus arranjos para nós são ajustados cuidadosamente à nossa natureza, às nossas características es-

peciais, e aos serviços que somos mais capazes de prestar. Pedro seria o apóstolo dos provados e sofredores. João iria contemplar e proclamar a visão apocalíptica da Igreja Viva. O primeiro, contrariando sua disposição natural, escreveu a epístola da espera paciente; o outro pintou o triunfante advento do Filho de Deus.

O LIVRO DE **ATOS**

“Sereis Minhas Testemunhas.” (1.8.)



1. A IGREJA EM JERUSALÉM 1.1-8.3
A ascensão; o dia de Pentecoste; Pedro e João presos; Ananias e Safira; o martírio de Estêvão.
2. A IGREJA NA JUDÉIA E SAMARIA 8.4-11.18.
A pregação de Filipe; Simão, o mágico; o eunuco etíope; a conversão de Saulo; a visita de Pedro a Cornélio.
3. A IGREJA EM ANTIOQUIA 11.19-13.3.
Os discípulos pela primeira vez chamados cristãos; a obra de Barnabé; Pedro é liberto da prisão; a morte de Herodes.
4. AS TRÊS VIAGENS MISSIONÁRIAS DE PAULO 13.4-21.16
(1) Com Barnabé, partindo de Antioquia, ida à Ásia Menor e retorno.
(2) Com Silas, da Ásia Menor à Grécia, voltando a Antioquia, via Jerusalém. (3) Assistido por alguns discípulos, através da Ásia Menor e Grécia.
5. PAULO EM JERUSALÉM 21.17-26.32.
O discurso de Paulo ao povo; Paulo perante o Sinédrio; enviado a Cesaréia; perante Félix; perante Festo e Agripa.
6. PAULO ENVIADO A ROMA 27.1-28.31.
A viagem e o naufrágio; Malta; chegada a Roma; a residência ali, com a atividade missionária em continuidade.

INTRODUÇÃO

A autoria do evangelista Lucas é estabelecida fazendo-se uma comparação do prefácio de seu Evangelho (v. 3) com Atos 1.1. Lucas estava eminentemente qualificado para sua tarefa por uma longa e íntima associação com o apóstolo Paulo. O lugar e a hora do começo de sua feliz amizade estão marcados pela mudança do pronome em 16.10, de “eles” para “nós” e “nos”. Lucas permaneceu com Paulo até ao fim (2 Tm 4.11). Durante os longos períodos em que Paulo esteve preso, seu fiel amigo e médico teria tido extensa oportunidade para escrever tanto o Evangelho como este livro.

O livro de Atos é, sem dúvida, uma continuação da vida e do ministério do Redentor. Assim como o Evangelho nos diz o que ele “começou” a fazer e a ensinar, esse tratado continua a narrativa. Ali, ele atuou em um corpo mortal, na terra; aqui, no corpo de sua glória, do céu. O livro é também um comentário ao versículo 2. Não estamos especificamente informados quanto a que mandamentos foram dados pelo Senhor aos apóstolos, mas podemos inferi-los da organização da Igreja revelada nessas páginas.

A divisão da narrativa é indicada na enumeração dos círculos concêntricos que se alargam, conforme o versículo 8: Jerusalém, capítulos 1-7; Judéia e Samaria, 8-12; os confins da terra, 13 e seguintes, até ao fim do livro, que não tem uma conclusão formal, porque os Atos do Espírito Santo por meio da Igreja continuaram através dos séculos cristãos e ainda não estão concluídos. Há alguns capítulos notáveis a serem acrescentados ainda, pela pena dos escribas angélicos antes que o programa divino seja encerrado.

COMENTÁRIO

ATOS 1.1-4

Começando de Novo. Lucas informa Teófilo (nome que significa “alguém que ama a Deus”) que em seu Evangelho ele contou a história do que o Senhor “começou” a fazer e a ensinar. Evidentemente esse segundo livro é uma continuação de seus feitos e palavras. Devia intitular-se “Os Atos do Cristo que Ascendeu ao Céu”. O Evangelho relata o que Jesus fez por meio de um corpo mortal, e esse livro, o que ele fez por meio da Igreja, que é o seu corpo, “a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1.23). Aqui ficamos sabendo que o período que medeou entre a ressurreição e a ascensão foi de quarenta dias; que Jesus deu mandamentos, sem dúvida acerca da organização da Igreja; e que ele falou com os apóstolos a respeito do reino de Deus que estava para vir — aquela sociedade ideal que é o grande objetivo de Deus através dos tempos. Ele não seria estabelecido pela espada do soldado, mas pelo testemunho do evangelizador (v. 8).

Então, o Senhor se elevou diante dos olhos deles e entrou numa nuvem que o ocultou como que fechando uma cortina diante dele. E assim ele ingressou no céu (Hb 9.24), para fazer intercessão, para dirigir a marcha de sua Igreja e assentar-se à mão direita do Pai até que seus inimigos venham a tornar-se o estrado de seus pés.

ATOS 1.15-26

Preenchendo Uma Vaga. É possível que, ao procederem à eleição de um sucessor para Judas, os apóstolos estivessem obedecendo a determinações de Cristo. Havia temor na voz de Pedro ao referir-se ao traidor como aquele que guiou o bando que prendeu Cristo, embora fosse ele contado com os apóstolos e houvesse tido parte no seu ministério. Era como se Pedro estivesse sentindo que ele mesmo poderia ter sido o traidor. Ele e os demais tinham estado à beira do precipício ao qual Judas se lançara.

Evidentemente havia ali homens capazes e humildes que, embora não pertencessem à irmandade, tinham sido

acolhidos entre os apóstolos e tinham sido testemunhas da maravilhosa história que se desenrolara diante de seus olhos. Tinham, assim, condições de dar um testemunho ocular dos fatos. Que honra tinha sido a deles! E agora um deles era chamado a ocupar o lugar de Judas. Sua qualificação era a capacidade de dar testemunho da ressurreição (v. 22). Esse era o ponto importante do evangelho primitivo. Mas, não podemos nós todos dar testemunho da ressurreição? O que poderia explicar as cálidas ondas de fervor religioso que brotam em nosso coração gelado senão a ressurreição de Jesus?

ATOS 2.1-13

Falando em Línguas Estranhas. No templo, os sacerdotes estavam oferecendo os primeiros pães da nova colheita, celebrando a festa de Pentecoste, quando o Espírito Santo veio como as primícias de nossa herança. Subitamente veio um som que foi ouvido em toda a cidade. Não havia vento, mas ouviu-se o "som" de um vento impetuoso e forte. De repente, ao olharem uns para os outros, os discípulos viam na cabeça de cada um línguas como de fogo. E de repente, também, todos tiveram consciência de que estavam sendo atraídos para o Senhor, tendo um forte desejo de vê-lo glorificado e de um enorme aumento e intensificação de gozo e poder espirituais.

Quando, em seguida, a enorme multidão se reuniu para saber o significado do som, cada discípulo inspirado reuniu ao seu redor um pequeno grupo de ouvintes, ao qual discursou acerca de Jesus e da sua ressurreição; e os ouvintes ouviram em sua própria língua "as grandezas de Deus". O Espírito Santo usou a telepatia da mente e do coração, de modo que o orador transmitia seus pensamentos com linguagem tomada emprestada do vocabulário do seu ouvinte. Esse foi o sinal de que Babel fora desfeita.

ATOS 2.14-24

O Espírito Derramado. A exultante alegria dessas pessoas unidas pelo Espírito foi explicada por alguns como sendo um estado de embriaguez. Pe-

dro repudiou a acusação taxando-a de absurda, tendo em vista que o dia mal começara. Com uma prontidão inspirada pelo Espírito ele declarou ser aquilo um cumprimento parcial da profecia de Joel. "O que ocorre é o que foi dito" (v. 16). Ai de nós! Não temos condições de dizer o mesmo! O que ocorre *podia* ser o que foi dito; o que ocorre *será* o que foi dito — isso é tudo que podemos afirmar. Seremos capazes, algum dia, de dizer: "O que ocorre é o que foi dito"?

Na era pré-cristã, o Espírito era dado apenas aos fiéis mais proeminentes, mas, a partir do Pentecoste, filhos e filhas, velhos e moços, servos e criadas, participariam de seus dons gratuitos. Eles são para as pessoas da Igreja, para todos os que invocam o nome do Senhor, para os pequenos bem como para os grandes.

Notemos que Deus em seu desígnio e presciência não eliminou a culpa que recaía sobre os assassinos de Cristo. As mãos que o mataram eram "mãos de iníquos" (v. 23). Mas Deus honrou a Jesus ressuscitando-o, o que inverteu o julgamento dos homens e provou ser ele o Filho de Deus com poder (Rm 1.4).

ATOS 2.25-36

Senhor de Davi e Nosso. Quando consideramos os amplos resultados deste discurso, ficamos admirados com sua simplicidade. É quase, de ponta a ponta, uma corrente de citações apropriadas. Mas, o que é que a Palavra de Deus não pode fazer quando é manejada pelo poderoso Espírito? O próprio Senhor poderia ter entoadado consigo mesmo os versos 26 a 28, quando, degrau a degrau, desceu a escada da morte. Deus nunca nos deixará desesperados. Quanto mais baixo estivermos mais perto ele está. Mesmo nas maiores profundezas há caminhos que dão para a vida. Davi falava de algo que era mais profundo do que ele percebia (v. 30). Aqui está uma ilustração de 1 Pedro 1.11,12.

No versículo 33 vemos o cumprimento de João 14.16. Quase podemos ouvir o Pai perguntando que recompensa daria ao Filho por ter obedecido

até a morte, e o Senhor respondendo assim: "Pai, nada quero para mim mesmo, mas quero, somente, que eu possa receber, em minha pessoa divino-humana a mesma plenitude do Espírito Santo que eu tinha contigo antes que houvesse mundo". E agradeu ao Pai que a plenitude da Divindade nele habitasse corporalmente (Cl 2.9). Então, como ele estava unido com o homem por sua humanidade, foi capaz de comunicar-lhe a plenitude do Pentecoste.

ATOS 2.37-47

Dias Pentecostais. No grande apelo que Pedro fez ao arrependimento não abriu exceções. "Cada um de vós!" declarou ele. "Mas eu preguei os cravos nas mãos de Cristo." "Cada um de vós!" insiste ele. "Mas eu o feri no lado." "Cada um!" diz o apóstolo de novo. E, dessa multidão heterogênea, surgiu a Igreja primitiva. Notemos que não se exigia dos que se haviam afundado no pecado, que observassem um longo noviciado entre o perdão e o dom do Pentecoste. No versículo 38 os dois aparecem reunidos. Notemos, também, o versículo 39. Não somente os judeus, mas também os gentios que estão longe — mais ainda, tantos quantos Deus chamar, por meio de sua palavra e graça no íntimo, podem receber a plenitude do Espírito. Você já a recebeu?

Depois de instruídos pelos apóstolos esses novos crentes passaram a ter comunhão com eles, porque, quando nos unimos a Cristo, nos tornamos um com todos os que são dele. Eles ainda se reuniam no templo, ali permanecendo como uma grande multidão e vendo um novo significado nos antigos ritos. Seus lares e refeições diárias também assumiram um nível mais elevado; e cada dia eram acrescentados ao grupo aqueles que tinham experimentado o poder salvador de Cristo.

ATOS 3.1-10

Poder Para Erguer Outros. Pedro e João eram muito diferentes um do outro em idade, em dom, e em ponto de vista. Eles tinham sido rivais; agora andavam juntos. Esse incidente ocorreu às três horas da tarde. Ao subir os degraus do

templo provavelmente recordavam as muitas vezes em que o Mestre andara com eles. Mas aí perceberam, também, que ele ainda estava tão perto deles como antes; e, assim, se tornaram os meios de ligar este homem paralítico ao glorioso poder de Cristo para dar-lhe saúde. Como Jesus estava com eles, o homem curado pôde tornar-se o quarto do grupo.

A porta era formosa, mas não podia curar. Beleza e arte só não bastam; é preciso mais. Podemos não ter a prata da inteligência brilhante, nem o discurso de ouro de Crisóstomo, mas precisamos ver que temos alguma coisa a dar a um mundo paralisado e agonizante. Devemos andar entre os homens de tal modo que os levemos a ficar na expectativa de que temos algo a dar-lhes e, então, lhes demos Jesus. O coxo precisava de forças e esse é o dom divino do evangelho. "É o poder de Deus para a salvação." O Salvador nos torna capazes de andar e saltar nos caminhos de Deus.

ATOS 3.11-26

Procurando as Palavras. O sermão de Pedro foi proferido na colunata oriental do templo. É provável que esse nome tivesse sido derivado do fato de que originariamente o Pórtico de Salomão havia ocupado aquele lugar. O apóstolo argumentou que o evangelho que eles haviam recebido para pregar era simplesmente a "nata" das revelações transmitidas ao povo por meio dos profetas. Como foi extraordinária a mudança que se operou nesse homem pela força e iluminação que lhe foram comunicadas no Pentecoste! Por que não buscamos, nós também, plenitude semelhante?

Que humildade! Não foi por seu poder! Que destemor! Deus glorificara aquele que eles haviam matado! Que gloriosas concepções de Cristo — Autor da vida, santo e justo! Que paixão para com a ignorância dos judeus! Os tempos de restauração que estão para vir a este mundo conturbado dependem do arrependimento e restauração de Israel. O judeu recebeu a primeira oferta do evangelho, já que é o filho da aliança; as amplas provisões

dessa mensagem permanecem abertas a todos nós que, pela fé, nos tornamos herdeiros das promessas feitas a Abraão. Cristo começa sua obra de abençoar nossa alma fazendo-a afastar-se do caminho da iniquidade. “Converte-nos a ti, Senhor, e seremos convertidos”!

ATOS 4.1-12

O Nome que Está Acima de Todo Nome. Os saduceus são mencionados particularmente, porque eram os agnósticos da época e não criam no invisível e no eterno. Portanto, o fato da ressurreição de Jesus lhes era detestável. O capitão do templo, o chefe da guarda levítica, provavelmente fora nomeado por eles. Como o homem se mostra fraco quando se dispõe a lutar contra Deus! Tudo o que eles podiam fazer era prender os apóstolos, mas não podiam amarrar nem aprisionar o Espírito vivo nem calar o testemunho de um salvo, e, assim, o número dos discípulos continuava crescendo.

Pedro deve ter comparado essa com a última vez em que estivera naquele átrio. Nessa ocasião, ele confiara em sua própria força; agora, estava cheio do Espírito Santo para fazer uma grande e nobre confissão. O nome de Jesus representa sua gloriosa Pessoa. A doença só fora detida e a saúde restaurada porque o coxo alcançara uma união vital com o Cristo eternamente vivo. O nome de Jesus ressoa nesses capítulos como um doce refrão. Evidentemente ele estava vivo e se achava bem próximo senão seu poder e graça não poderiam ter fluído para fazer com que vidas áridas comessem a florescer como o jardim do Senhor.

ATOS 4.13-22

Homens Intrépidos Para Obedecer a Deus. Será que as pessoas percebem que existe alguma coisa em nós que não pode ser explicada a não ser que tenhamos estado com Jesus? Nossas companhias sempre nos influenciam. Um homem é conhecido pelos companheiros que tem. Nós adquirimos boas maneiras convivendo com pessoas de boas maneiras. Qual não será, então, o efeito que se verá em nós se vivermos so-

mente em convívio com Jesus! Nosso rosto brilhará refletindo de sua pureza e beleza; e a antiga oração será respondida: “Seja sobre nós a graça (beleza) do Senhor nosso Deus” (Sl 90.17).

As almas que ganhamos são nossos melhores argumentos. “... com eles o homem que fora curado” — seu rosto irradiava a luz de uma nova energia e esperança. Aquele fato anulava todos os sofismas desses líderes judeus. Era tão impossível deter os efeitos daquele milagre quanto ordenar ao sol que pare de brilhar. Observemos a exuberância da vida de Deus! “... pois nós não podemos deixar de falar” (v. 20). Assim que encontramos a verdade, não podemos, não conseguimos mais ficar calados; temos de falar. Como uma semente, ao brotar pode até arrebentar um muro, assim, também, quando o amor de Cristo nos constrange, mesmo que o mundo inteiro esteja em armas contra nós, sentimos que temos de dar testemunho do Senhor.

ATOS 4.23-35

Auxílio do Alto. O homem sempre procura o que lhe é igual. Judas foi ao seu próprio lugar, e os apóstolos procuraram seus próprios companheiros. A melhor resposta às ameaças é a oração. A única petição dos apóstolos era somente que Deus lhes desse intrepidez. Eles consideravam indigno orar por sua própria segurança; bastava-lhes que Jesus fosse glorificado.

Que nota de triunfo jubiloso havia na gloriosa oração feita por esse pequeno grupo ameaçado! Eles perceberam que estavam debaixo de uma proteção especial do Deus que criara o mundo, falara por meio dos profetas e era o Pai de Jesus. Eles pensavam que mais milagres de cura promoveriam sua causa; mas, embora não percebessem na ocasião, sua unidade, seu amor, sua esperança e sua disposição de compartilhar seus bens, tudo associado com sua conduta intrépida, eram os seus mais fortes argumentos. Observemos que, em sua visão das coisas, era a mão de Deus que estava sendo estendida para curar, embora as deles fossem o canal imediato daquelas operações benéficas. Eles haviam sido cheios an-

tes, mas foram cheios outra vez. É nosso privilégio pedir que sejamos cheios diversas vezes de modo a que seja reposto o que perdemos.

ATOS 4.36-5.11

Mentindo ao Espírito Santo. Toda disposição de contribuir generosa e liberalmente vem do Espírito de Deus. Um péssimo substituto dessa prática é organizar bazares, campanhas financeiras e jantares beneficentes. Quando uma igreja está cheia do Espírito Santo, seus bolsos são facilmente esvaziados diante da poderosa presença divina. Que o sol se levante, e os ribeiros congelados voltam a correr, transformando desertos em jardins.

Observemos o contraste entre Ananias e Barnabé. As mesmas expressões são aplicadas a cada um. O pecado de Ananias não foi reter parte do preço, mas em dizer que entregara tudo ao apóstolo. Ele desejava manter uma fachada de homem generoso e, ao mesmo tempo, ter dinheiro em mãos. Ao consagrar-nos a Deus não devemos reservar um cantinho para Satanás ou o egoísmo, pois logo teremos de conceder-lhes o direito de passagem, e estes eles poderão introduzir toda espécie de contrabando. Pedro não tinha dúvidas quanto ao fato de que o Espírito Santo era uma Pessoa. Não se pode mentir para uma influência! Observemos o emprego das palavras “Espírito Santo” e “Deus” alternadamente nos versículos 3 e 4.

ATOS 5.12-26

Liberto Para Testificar. Enquanto o Espírito Santo opera poderosamente dentro da Igreja, ele coopera com ela em suas operações externas acrescentando homens e mulheres ao Senhor. Ninguém deveria ser arrolado em uma igreja sem que antes já tivesse experimentado uma união viva com Jesus. Através da Igreja, como seu Corpo, o Salvador ressurreto opera milagres como os que são aqui narrados, enchendo o coração dos humildes de amor e alegria, e provocando um ódio ferrenho em seus inimigos.

O anjo do Senhor vem para abrir as portas da prisão. Você está sofrendo

uma dura provação para a qual não vê libertação? Está preso no calabouço da dúvida e do desespero? Está sendo duramente perseguido? Envolve-se na proteção divina! Cria que as portas se abrirão como que por mãos invisíveis. Nada pode obstar os propósitos de Deus. Lance mão da liberdade que Deus lhe dá para sair e falar a outros. O evangelho é uma mensagem para as pessoas. Preguemos às multidões famintas e necessitadas. Os filósofos, os cientistas, os sábios e prudentes da época podem zombar, mas as pessoas reconhecem a mensagem do evangelho assim que a ouvem. Demo-la a elas!

ATOS 5.27-42

A Loucura de Lutar Contra Deus. O sumo sacerdote e o seu grupo não podiam esquecer a imprecisão registrada em Mateus 27.25. Ela os perturbava. Vejamos a definição que Pedro faz da cruz como “o madeiro” comparando-a com Deuteronomio 21.23 e Gálatas 3.13; e também seu próprio uso da expressão em 1 Pedro 2.24. Observemos, no versículo 31, a seqüência divina — para ser Salvador Jesus deve ser príncipe. Ele não pode libertar os homens porque eles não observam essa ordem e procuram obter proveitos dela antes de ceder-lhe seus direitos. Cristo tem de ser nosso Senhor e Mestre, entronizado em nossa vida, se quisermos ser totalmente salvos. (Veja Romanos 10.9.) O arrependimento é uma dádiva dele para nós assim como o perdão. Observemos a referência ao testemunho do Espírito (v. 32). Nunca nos apresentemos no púlpito ou diante de uma classe sem estarmos primeiramente certos de que o que anunciamos é algo que ele pode endossar.

Gamaliel tinha sido professor de Paulo. Era muito astuto e mantinha uma atitude de neutralidade. Ele disse: “Esperemos e vejamos; a verdade vencerá”. Ele acreditava que aquele novo entusiasmo morreria se fosse ignorado. Sabia que o sopro do vento aviva o fogo. Mas ele viveu para ver que se enganara. Aprendamos o ensinamento do versículo 42: pregar que Cristo é Rei, não somente no templo, mas nos lares, também.

ATOS 6.1-15

Enfrentando a Murmuração Dentro da Igreja e a Perseguição Fora Dela. Os gregos aqui mencionados eram judeus que tinham vivido no estrangeiro e falavam a língua grega. Ela era vista como um anexo do judaísmo e as pessoas tinham de tornar-se judias para terem direito aos privilégios dela.

Que bela visão temos aqui da simplicidade e do fervor da Igreja Primitiva! A ministração diária de auxílio material; a escolha de homens piedosos para atenderem às questões seculares; a importância fundamental da oração e do ministério da Palavra; os apóstolos reconhecendo os direitos das pessoas — tudo é tão espiritual e tão de acordo com a era do Espírito Santo. É uma lástima que esse belo início da Igreja depois tenha ficado toldado por nuvens!

A Igreja deve dedicar a Deus aqueles que ela escolheu sob a direção do seu Espírito. Estêvão de um lado e Saulo do outro, foram os líderes de seus respectivos grupos. Vemos um indício do último na referência “aos da Cilícia” (v. 9). Os inimigos de Estêvão prevaleceram contra ele pela força bruta, mas foi ele o vencedor por meio do sangue do Cordeiro e da palavra de testemunho.

ATOS 7.1-13

A Defesa de Estêvão: os Primeiros Chamados de Deus. Há alguns traços nesta eloqüente apologia que merece atenção. Versículo 2: “O Deus da glória”. Esse capítulo começa e termina com glória. Veja o versículo 55. Observemos que Deus apareceu a Abraão em Ur, antes de ele ter ido para Harã obedecendo a uma ordem divina. É interessante notar essa distinção entre as diferentes aparições de Deus ao patriarca. Versículo 3: Muitas vezes temos de deixar nossa terra antes que Deus nos mostre outra. Versículo 6: As promessas de Deus aliviaram a penosa escravidão no Egito. Versículo 10: É Deus quem nos liberta de nossas aflições e nos concede o favor das pessoas.

A idéia central do discurso inteiro, a qual devemos manter sempre em mente à medida que o lemos, é que o

Povo Escolhido tinha sistematicamente rejeitado seus libertadores e profetas enviados por Deus e seguido seus próprios caminhos errôneos. A rejeição do Salvador foi um paralelo à de José por seus irmãos e à de Moisés pela nação. O povo de Israel tinha sido sempre teimoso e obstinado, e será que a história não poderia ser uma advertência para os que o ouviam a que não tomassem atitude semelhante para com Jesus de Nazaré? Não poderia Jesus ser uma grande bênção para aquela geração como José ou Moisés haviam sido para as suas? O paralelo se completará quando Jesus retornar em poder e glória.

ATOS 7.14-29

A Defesa de Estêvão: O Libertador. Ele diz aí que Moisés era “poderoso em palavras”, isto é, em eloqüência, bem como “em obras”. Isso confirma a afirmação do historiador judeu, Josefo, de que, nos primeiros tempos de suas atividades, agora perdido no esquecimento da história, Moisés comandou uma vitoriosa expedição egípcia contra a Etiópia. Ele se queixa ao Senhor, em Êxodo 4.10, de ser vagaroso no falar, mas isso se deve provavelmente ao prolongado desuso da fala no meio do silêncio e da solidão do deserto.

Está claro que, ferido pela visão daquela situação injusta, a princípio, a intenção de Moisés era só libertar seu povo. Já matara um egípcio e tentara interferir numa disputa entre seus irmãos. Deus teve de lançá-lo ao pó por meio de falhas e rejeição, de modo que ele pudesse tornar-se um vaso vazio e quebrantado. Deus não concede glória ao homem. O tesouro deve ser guardado em vaso de barro (2 Co 4.7). Só quando chegamos ao fim de nós mesmos é que chegamos ao começo de Deus. O mundo está para ver o que Deus pode fazer por meio daqueles que se esvaziam totalmente da autoconfiança, e se colocam nas mãos dele.

ATOS 7.30-46

A Defesa de Estêvão: a Desobediência no Deserto. O Anjo que apareceu na sarça ardente era o Anjo da presença de Deus, que salvou os israelitas, e os “to-

mou e os conduziu todos os dias da antigüidade”. (Veja Isaías 63.9.) Quem podia ser este a não ser o próprio Senhor? Só ele podia falar de si mesmo como “Eu sou”. Lembremo-nos de como Jesus citou o emprego do presente do verbo, para mostrar a evidência de que Abraão, Isaque e Jacó estavam todos vivos, embora já se tivessem passado séculos desde que o corpo deles havia sido depositado na caverna de Macpela. (Veja Lucas 20.38.) É muito proveitoso observar a referência à assistência do Anjo nos versículos 35 e 38. Ela nos faz lembrar Atos 11.21. Será que em nosso serviço para Deus sempre estivemos conscientes da mão cooperadora do Salvador?

O profeta mencionado no versículo 37 é, naturalmente, o Senhor, e o paralelo entre ele e Moisés ficou muito patente durante o ministério humano do Senhor — pela mansidão, pelo fato de terem sido enviados por Deus, pela obra que ambos realizaram, como o encaminamento da Lei do Sinai e das bem-aventuranças. Mas a diferença no ministério póstumo deles é enfatizada em Hebreus 3.1-6.

ATOS 7.47-60

A Gloriosa Morte de um Mártir. Palavras como essas não podiam ser perdoadas. A crescente irritação do auditório parece ter arrancado essas veementes demonstrações e ter apressado a cena final. Mas a tempestade que explodiu à volta daquela fiel testemunha e primeiro mártir de Cristo não podia perturbar sua serenidade. Seu coração estava firme, confiante em Deus (Sl 108.1). A paz de Deus defendia seu coração e mente. No momento em que seus inimigos se mostravam mais ferozes, a presença de Jesus, que se levantara de onde estava sentado para ficar de pé de maneira a animá-lo e dar-lhe as boas-vindas, era muito vital. E será sempre assim. Enquanto não tivermos enfrentado uma tempestade em companhia de Cristo, jamais conheceremos a inteireza do seu companheirismo.

Eles eram tão cuidadosos em não violar a santidade do templo, mas não tiveram cuidado em relação ao puro templo do corpo do jovem mártir. Es-

têvão, prestes a morrer, não esqueceu a oração do Senhor pelos que o crucificavam, e seguiu os passos do Mestre nisso também. No meio da chuva de pedras assassinas, ele dormiu como uma criança cansada no colo materno; e, a partir daí, sua paciência, sua brandura e sua força se tornaram como agulhões ferroando o coração de Saulo de Tarso.

ATOS 8.1-13

Os Frutos da Semente Espalhada. Evidentemente Estêvão era amado mesmo por pessoas de fora da Igreja, porque parece que os homens piedosos que lamentaram sua morte prematura e levaram seu pobre corpo para sepultamento eram judeus piedosos que tinham sido atraídos por seu caráter digno. Na perseguição furiosa que se seguiu, sob a liderança de Saulo, nem sexo nem idade eram poupados. De acordo com declaração posterior do arqui-perseguidor, os discípulos de Jesus foram arrastados perante os magistrados, lançados na prisão, expostos a torturas cruéis e constrangidos a blasfemar contra o seu santo nome. Durante aqueles dias terríveis, o futuro apóstolo presenciou muitas cenas que estavam destinadas a encher seu coração da mais dolorosa tristeza.

Essa perseguição foi dirigida no sentido de dispersar a Igreja que progredira muito e se sentia segura, e precisava ser lembrada da ordem do Senhor de ir a todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura. A luz deve ser difundida; o sal deve ser espalhado. Quantas vezes Deus tem de impelir-nos por meio da tribulação a fazer o que devíamos ter feito alegre e espontaneamente! Era impossível manter os diáconos no ofício de servir as mesas. Filipe precisou ir a Samaria, e aquela cidade acolheu o que Jerusalém recusara. Aqui passamos para o segundo círculo de Atos 1.8.

ATOS 8.14-25

Confirmando Novos Crentes. Simão atraía as pessoas a si; ele se fazia passar por homem de poder e mistério. O evangelho leva o nosso pensamento a fixar-se exclusivamente em Jesus. Nós o pregamos como Senhor e nos apresenta-

mos como servos por amor a ele. A fé exibida por Simão era espúria; ele cria acerca de Cristo, e não em Cristo. João foi enviado com Pedro para levar o fogo do Pentecoste à mesma localidade que, anteriormente, ele e seu irmão haviam pensado em destruir pedindo fogo do céu. (Veja Lucas 9.54.) Será que podemos nós aprender com isso que alguns são especialmente qualificados para levar aos outros o gozo da bênção pentecostal? Nesse serviço, Pedro usou o poder das chaves que o Mestre lhe confiara; e nós podemos proceder de igual modo quando induzimos outros a apropriar-se daquilo que há para eles em Cristo Jesus.

Simão percebeu quanto aumentaria sua influência se pudesse exercer os mesmos poderes dos apóstolos. Não tinha, porém, a menor idéia das condições espirituais indispensáveis para obtê-los. “Simonía” é o nome que se dá à prática de ganhar dinheiro por meio da religião (1 Tm 6.5). O “talvez” no versículo 22 não indica uma dúvida do lado de Deus, mas do lado de Simão — será que seu traçoeiro coração se enquadraria dentro das condições divinas?

ATOS 8.26-40

Ganhando um Viajante. Do grande avivamento de Samaria, Filipe foi levado ao deserto para ministrar a uma pessoa que estava em busca da verdade. Parece estranho que Deus o tivesse afastado de seu ativo e frutífero ministério em Samaria; mas, provavelmente, aquele curto isolamento seria necessário, tanto para sua alma como para seu corpo, após toda a tensão daquela vitoriosa campanha. Como esses homens cheios do Espírito Santo estavam seguros do impulso celestial! Toda a aparência sugeria que esse homem de Deus era necessário na cidade, mas a voz interior era o fator decisivo, e sua viagem foi programada de modo a pô-lo em contato com um homem que procurava o caminho para Cristo.

A Bíblia é excelente companheira de viagem. Leve-a em suas viagens. Leia-a como os outros lêem os jornais; não exclusivamente, mas corajosamente. Há muitos relatos de guerra que falam de balas que foram detidas por novos tes-

tamentos de bolso; é verdade também que muitos já desviaram desesperados ataques do diabo usando a Palavra de Deus escondida no coração, usando-a como couraça. Vivamos em contato com Deus e ele nos porá em contato com os perdidos. Essa conversão de um descendente de Cão era verdadeiro cumprimento de Isaías 56.3-8.

ATOS 9.1-9

Ganhando um Perseguidor. Um ano se passara desde 8.3. “O Caminho” se tornara a expressão aceita para definir a Igreja incipiente e sua apresentação da verdade (19.9; 22.4). O termo pode ser uma referência à forma de vida dos cristãos, bem como ao seu método de andar direito com Deus — não pelos atos da Lei, mas por sua fé em Cristo (Rm 10.5-10). Comparemos essa narrativa com 26.13 e seguintes, e com 22.6 e seguintes. Os companheiros de Saulo viram a luz e ouviram um barulho, mas não viram o Senhor nem perceberam o que fora dito.

Repare como o Senhor Jesus se identifica com os seus no sofrimento. Os sofrimentos deles são seus (v. 5). Feri-los é feri-lo. Os “aguilhões” são os ferrões da vara usada para tanger bois. Quanto mais o boi resiste mais profunda é a ferida. Mesmo no céu o Mestre ainda fala por parábolas. É evidente que já há algum tempo — talvez desde a morte de Estêvão — o perseguidor vinha lutando contra a persuasão. Quando Deus precisa de capitães para o seu exército, muitas vezes, ele vai buscá-los nas fileiras do inimigo. O principal perseguidor se tornou o principal líder da Igreja. A conversão de Saulo se deveu à intervenção pessoal do Cristo vivo. Foi a mão perfurada pelo cravo que o prendeu e o apreendeu.

ATOS 9.10-22

Olhos Abertos. Como é maravilhoso o modo como Deus faz uso de crentes preparados para participarem da obra da salvação! Teria sido fácil para o Senhor ressurreto ter completado, ele mesmo, o que começara; ou poderia ter posto em cena em Filipe ou um dos apóstolos. Mas em vez disso ele cha-

mou um homem relativamente obscuro para dar a Saulo os auxílios e conselhos de que ele necessitava. Procuremos nós também ter tal disposição que Jesus possa comissionar-nos para curar as feridas com as quais ele derruba ao chão os seus perseguidos.

Uma pequena vela pode ser usada para acender uma grande luz. Embora Ananias não fosse um grande homem, foi sobretudo um homem bom (22.12). Ele tinha suas dúvidas a respeito de Saulo, mas diante da ordem de Cristo, ele as colocou de lado. Evitemos entrincheirar-nos demais em nossos preconceitos. Ainda que continuemos fortes frente a todas as outras influências, mostremo-nos dóceis ao toque de Cristo. Quanto conforto o versículo 15 deve ter proporcionado a Paulo posteriormente! Talvez a parte mais agradável dos termos de sua comissão seja “para mim”. Foi um nobre ato de fé, da parte de Ananias, chamá-lo de “irmão”. Todavia, se o Mestre o aceitara, o discípulo não podia rejeitá-lo. Observe-mos que um novo convertido naqueles dias era logo convidado a buscar o dom pentecostal!

ATOS 9.23-31

Recebido Como Irmão. Aquele que se alimenta das Escrituras tem de ficar forte. O novo convertido começou, desde logo, a dar testemunho do Salvador. Nós não temos o direito de guardar só para nós os grandes tesouros que descobrimos, mas devemos imitar os leprosos de 2 Reis 7.9. Provavelmente, ele fez uma comparação entre as predições do Antigo Testamento e os fatos da vida do Senhor, e mostrou que a chave se ajustava perfeitamente à antiga fechadura e, dessa forma, provava sua autenticidade.

Os “muitos dias” do versículo 23, provavelmente, incluem os três anos passados na Arábia (Gl 1.17,18). Foi como se Paulo precisasse de tempo e solidão para pensar com calma. Podemos supor que ele tenha ido ao Sinai e, ali, na escola do silêncio, onde Moisés havia estudado antes dele, recebeu do Senhor Jesus aquilo que ele também estava encarregado de transmitir à Igreja. Da Arábia, voltou a Damasco;

então, aconteceu o que está nos versículos 24 e 25. Finalmente foi a Jerusalém, onde teve a oportunidade de comparar seus ensinamentos com os dos apóstolos (Gl 1.18-24). Teve uma visão que o induziu a sair de Jerusalém (22.17-21). Enquanto em Tarso, ele provavelmente fundou as igrejas da Cilícia (15.23,41).

ATOS 9.32-43

Força e Vida Através de Cristo. Pedro, agora, estava livre para uma visita de inspeção apostólica, da qual os dois incidentes aqui preservados constituem o único registro. Lida era um povoado situado na grande planície adjacente ao litoral. Os efeitos do milagre da cura de Enéias foram profundos. O primeiro resultado foi uma conversão geral da população rural. Todos se converteram ao Senhor. É provável que os moradores do povoado tenham sido preparados pela notícia do que tinha ocorrido, e uma simples fagulha foi suficiente para incendiar toda a região.

A pequena igreja de Jopé havia sofrido séria perda com a morte de uma de suas principais obreiras, uma mulher chamada Dorcas (vv. 36,37). A Bíblia refere-se a ela como “uma discípula”. Ela aprendera de Jesus Cristo a grande lição de que o amor de Deus resulta em servir aos outros, e se pôs a praticá-lo executando um trabalho feminino, despretencioso, cujo produto ela distribuía entre as mulheres pobres e desamparadas da cidade. A oração feita por Pedro na câmara mortuária foi atendida, e Dorcas foi devolvida às suas amigas. O Senhor colocou seu selo na obra por ela realizada e ela é vista como um exemplo para todas as mulheres crentes.

ATOS 10.1-16

Orientações Para Aqueles que Oram. Nesse ponto a Igreja deu início a uma nova caminhada, e o evangelho ultrapassou os muros do exclusivismo judaico e foi pregado, pela vez primeira, aos gentios autênticos. Cesaréia, construída por Herodes, o Grande, era praticamente uma cidade romana e sede oficial do governo romano na Judéia. Cornélio era um oficial de elevada posição e, ao que parece, por natureza, era de caráter nobre. Não apreciava muito as mitologias religiosas

nem a libertinagem prevalente em seu tempo, mas sentia-se atraído pela fé judaica, que era a única no mundo a sustentar concepções puras e imaculadas de Deus. Ele adotava algumas de suas práticas peculiares — as horas de oração, o jejum e a doação de esmolas.

Evidentemente, ele havia dedicado todo aquele dia memorável para um cuidadoso estudo do caminho da salvação e, quando o sol começava a declinar, um anjo transmitiu-lhe a instrução necessária sobre os passos que devia dar. Nesse ínterim, Deus estava preparando Pedro para guiar Cornélio à perfeita luz. No dia seguinte, quando os mensageiros de Cornélio se aproximavam de Jope, o apóstolo teve uma visão de um mundo redimido, do qual as restrições hebraicas tinham desaparecido, que descortinou para ele uma concepção nova e mais ampla do propósito de Deus.

ATOS 10.17-33

Um Judeu e um Gentio se Encontram. Deve-se observar cuidadosamente que a impressão mental produzida pela visão em Pedro foi corroborada pela chegada do grupo que chamava e perguntava por ele. Esse é o método invariável de Deus. Todos nós, quando tentamos dar um passo novo e importante na vida, recebemos o impulso do Espírito, a impressão ou visão do dever bem como a chamada ou apelo das circunstâncias externas.

Evidentemente Cornélio tinha reunido em seus alojamentos do quartel seus parentes e alguns amigos íntimos que, como ele, estavam ansiosos para descobrir a vontade de Deus. Eles ficaram esperando calmamente até que o grupo de Jope tivesse completado sua viagem de cerca de cinquenta quilômetros. Pedro tivera a precaução de levar consigo seis irmãos, já na expectativa, é claro, de que os acontecimentos daquele dia não somente dariam início a uma nova era, mas também seriam seriamente questionados.

A acolhida que Cornélio lhe dispensou foi muito significativa. Um romano de alta linhagem prostrar-se ante um evangelista judeu era um fato sem precedentes, embora revelasse a verdadei-

ra reverência e humildade da alma de Cornélio. Mas a nobre simplicidade da resposta de Pedro também foi uma revelação da verdadeira grandeza do apóstolo, e deveria ter, de forma bem clara, influenciado aqueles que se dizem seus sucessores.

ATOS 10.34-48

Os Gentios Recebem o Espírito Santo. O discurso com que Pedro respondeu à indagação do centurião foi, em grande parte, uma recapitulação dos grandes fatos da história do evangelho. O ministério de Jesus com o poder do Espírito Santo provavelmente já era conhecido de seus ouvintes. A história da crucificação era igualmente bem conhecida. Essas coisas não tinham acontecido num canto qualquer. Mas, a terceira divisão do discurso (vv. 39-41), na qual o apóstolo falou da ressurreição do Senhor e de sua aparição a testemunhas seletas, sendo ele uma delas, provavelmente continha muitas novidades espantosas. Notemos o convite implícito no versículo 43 dirigido a todos eles para crerem em Jesus para a remissão de pecados.

O Espírito Santo desceu sobre aqueles ouvintes assim como descera no dia de Pentecoste (v. 44). E deve ter havido entre aquelas pessoas a mesma manifestação e vibração que temos presenciado, embora de forma diferente, em modernas congregações, quando elas são movidas pelo vento celestial, à semelhança de uma seara movida ao sopro da brisa. Pedro nunca terminou seu sermão. Era como se o Espírito Santo tivesse posto o apóstolo de lado dizendo: "Você já falou bastante; deixe o resto comigo!"

ATOS 11.1-18

Seguindo um Caminho Plano. É muito curioso encontrar Pedro na defensiva, aqui. Nós sempre pensamos nele como um homem autoritário e decidido, um líder nato, cuja autoridade era absolutamente indiscutível. Mas aqui o vemos seriamente interpelado pela igreja-mãe e tendo que explicar a razão de sua ação sem precedente. Nesse ponto aparece claramente também os primeiros indícios da brecha que tempos de-

pois iria abrir-se na Igreja entre os judeus convertidos, que insistiam em que os gentios deviam tornar-se judeus antes de se tornarem cristãos, e os de ponto de vista mais liberal, que começavam a compreender que, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão valem coisa alguma, mas "o ser nova criatura" (Gl 6.15), e "a fé que atua pelo amor" (Gl 5.6). Foi essa divisão a causa da ferrenha perseguição que acompanhou Paulo a vida toda.

Mas a primeira decisão dos líderes da igreja de Jerusalém foi perfeita (v. 18). Os fatos os compeliram a dar um veredicto favorável à ação de Pedro. Eles confessaram tacitamente que o selo da aprovação divina tinha sido iniludivelmente aplicado ao ato dele, e que ele não tivera outra alternativa. Quando um homem vive em união com o Espírito de Deus, tudo que é tortuoso é retificado e os lugares escabrosos, aplanados (Is 40.4).

ATOS 11.19-30

Unindo Mais a Igreja. O desenvolvimento do plano de Deus fica mais desvendado nos eventos registrados nessa passagem, que descreve o mesmo fenômeno da conversão dos gentios mas em circunstâncias diferentes. Nesse caso, não foi um apóstolo o instrumento escolhido por Deus, mas alguns discípulos desconhecidos e não identificados que seguiram rumo ao norte, fugindo da perseguição e tinham chegado a Antioquia, uma cidade dominada pela busca dos prazeres. A mão do Senhor estava com eles, como, certamente, estivera com Pedro, e muitos convertidos foram acrescentados à igreja. Nesse caso, a igreja-mãe também se sentiu no dever de investigar, por isso "enviaram Barnabé" (v. 22).

Barnabé era um homem bom, e sendo profundamente espiritual logo reconheceu que aquele movimento era de Deus. Todos os sinais da verdadeira conversão estavam presentes. Ele viu a segura evidência da graça de Deus e exortou os novos convertidos a que se mantivessem firmes e constantes. O segredo da perseverança está na expressão "permanecessem no Senhor" (v. 23). Além de todos os outros belos

traços do caráter de Barnabé devemos acrescentar seu forte espírito de fraternidade que o levou a Tarso à procura de Saulo.

ATOS 12.1-12

Cadeias Abertas. Esse Herodes era neto de Herodes, o Grande. Ele desejava conquistar as boas graças dos judeus, embora fosse dissoluto, cruel e inescrupuloso. Como é maravilhoso que Deus tenha podido dispensar de seu trabalho um homem como Tiago, que tanto lhe custou preparar! Mas, sem dúvida outras tarefas mais elevadas o esperam.

O número total de soldados que guardavam Pedro era dezesseis, além dos guardas que já trabalhavam na prisão. Mas, um grupo em oração é mais forte do que as mais fortes precauções do poder humano.

Deus muitas vezes retarda sua resposta até quase os limites de nossa resistência; mas o sono de Pedro é típico de quem tem uma fé tranqüila, capaz de confiar absolutamente em Deus, seja para viver ou para morrer. Quando Deus nos manda levantar e obedecer, é isso que devemos fazer sem levar em conta os obstáculos que possam estar diante de nós. Nossa parte é nos pôr de pé e nos cingir; cabe a ele retirar as cadeias e abrir os portões de ferro. O que são portões de ferro para ele que abriu um caminho pelo mar Vermelho? O anjo nos guia sobrenaturalmente apenas enquanto estamos confusos e incapazes de nos orientar sozinhos. Tão logo estejamos em condições de avaliar um assunto, ele nos deixa para que façamos uso das faculdades com que Deus nos dotou.

ATOS 12.13-25

Uma Resposta que Foi Além da Fé. Evidentemente a mãe de Marcos era uma mulher de posses, já que sua casa era grande bastante para poder receber o povo que sentia ser a oração a chave que abriria a prisão de Pedro. A figura de Rode vem encantando todas as gerações. Ela é tão real e natural. Que bom seria se todas as criadas gostassem da reunião devocional, sendo bem recebidas nelas! O cristianismo introduziu um novo espírito no mundo.

Quantas vezes uma libertação que recebemos parece algo bom demais para ser verdade! Esses amigos de Pedro que estavam orando não acreditaram na criada, embora ela lhes dissesse que suas orações estavam sendo respondidas. Isso prova que, embora sua fé fosse bastante imperfeita, não impedira que sua petição fosse atendida. Mesmo quando não cremos, Deus permanece fiel; ele não pode negar-se a si mesmo (2 Tm 2.13). O Tiago mencionado no versículo 17 era o irmão do Senhor e, depois, foi o cabeça da igreja de Jerusalém (15.13). (Veja Tiago 1.1.)

Que contraste entre a libertação de Pedro e a morte de Herodes! Não tenhamos medo da censura dos homens, “porque a traça os roerá como a um vestido (Is 51.8). Durante esses acontecimentos, Paulo e Barnabé estavam em Jerusalém, e, anos depois, eles devem tê-los recordado muitas vezes. É provável que a recordação desse incidente inspirasse seu constante pedido de oração em seu favor (Ef 6.18-20).

ATOS 13.1-12

O Início de Uma Campanha Missionária. Esse é um dos mais importantes capítulos do Novo Testamento, marcando um novo início no ministério do evangelho, que, a partir daí, começa a alastrar-se até aos confins da terra (At 1.8). É provável que a igreja-mãe de Jerusalém fosse por demais conservadora para submeter-se ao impulso do Espírito Santo, que ordenava se partisse para a evangelização mundial, e que assim ele tenha se voltado para a igreja de Antioquia, que era mais sensível, mais suscetível à paixão pela humanidade visto que estava situada na divisa com o grande mundo pagão como um farol à beira de um mar bravio.

Essa importante reunião de oração tinha sido convocada para se conhecer a vontade do Senhor a respeito de futuros acontecimentos. Como os nomes indicam, os que a compunham eram, em maior número, cristãos hebreus. Notemos que o Espírito Santo fala com autoridade como Representante de Cristo (At 2.33). As missões modernas são trabalho dele e ele seleciona seus próprios agentes. Nós deveríamos procurar co-

operar com ele no sentido de descobrir e separar homens e mulheres escolhidos para seu trabalho.

ATOS 13.13-24

A Vinda do Salvador, de Acordo com a Promessa. Era muito natural que o grupo missionário navegasse rumo a Chipre, em parte porque, na direção do Ocidente, era o primeiro e mais próximo posto do grande mundo pagão, e em parte porque Barnabé era natural da ilha e tinha possuído uma propriedade ali que depois vendera para socorrer os irmãos necessitados da igreja (At 4.36,37).

Em cada nova cidade que visitavam, era costume dos apóstolos procurar primeiro a sinagoga judaica, caso houvesse uma no lugar. “... ao judeu primeiro, e também ao grego” (gentio), fora a determinação do Senhor (Rm 2.10). A viagem de Chipre ao continente transcorreu sem transtornos, mas a ida para a cidade interiorana de Antioquia da Pisídia foi muito perigosa (2 Co 11.26).

O versículo 16 mostra uma expressão muito empregada pelo apóstolo (21.40; 26.1). “... e vós outros que também temeis a Deus” era uma referência aos prosélitos gentios. O primeiro discurso continha os pensamentos básicos do ministério do apóstolo. Ele gostava de mostrar que o evangelho era a linda flor que brotara no velho tronco do judaísmo. E fosse qual fosse seu ponto de partida, ele sempre sabia chegar, por um caminho direto, a Jesus Cristo. Observemos como, em tudo o que diz, Paulo atribui todos os grandes acontecimentos e movimentos da história à direção e à atuação de Deus. Deus escolheu os patriarcas; Deus lhes deu um rei, Saul; Deus enviou um Salvador para Israel.

ATOS 13.25-37

Condenado Pelos Homens mas Ressuscitado por Deus. Para Paulo a ressurreição de Jesus foi sempre a pedra fundamental da fé. Ele tivera um cuidado todo especial em certificar-se da realidade daquele fato fundamental. Em 1 Coríntios 15 ele expõe longamente o testemunho que culmina com sua experiência pessoal, na qual firmava sua crença.

Fora-lhe permitido ver o Ungido e ouvir a palavra de sua boca. Ele cita Salmo 2.7, Isaías 55.3 e Salmo 16.10. Ele faz uma interpretação incomum da primeira dessas citações, ensinando ter ela sido cumprida na ressurreição de Cristo. Isso lança uma nova luz sobre a morte. Na verdade, não é morte e, sim, nascimento; não é um fim, e, sim, um começo. O Senhor foi o primogênito dentre os mortos. Nós dizemos que um crente morreu; os anjos dizem que ele nasceu.

Observemos aquela grande palavra acerca de Davi (v. 36). Ele serviu ao conselho ou propósito de Deus em sua própria geração. Esse deveria ser o supremo objetivo de nossa vida: realizar a vontade de Deus que para isso nos enviou ao mundo; não vencer na vida, nem ganhar dinheiro, nem agradar a nós mesmos.

ATOS 13.38-52

Os Judeus Rejeitam o Evangelho, os Gentios o Aceitam. A doutrina da justificação pela fé, tão intimamente associada ao trabalho de Paulo, é aqui enunciada pela primeira vez. Em Jesus há perdão. Os pecados passados daqueles que nele creem são totalmente eliminados, para nunca mais serem mencionados, nunca mais serem examinados em qualquer julgamento futuro. Nossa ficha fica tão limpa quanto a areia batida pelas ondas do mar. Não apenas somos perdoados, mas, também, justificados. Deus nos vê como se jamais tivéssemos pecado, e somos “justificados de todas as coisas”. É um fato do presente. Podemos não nos sentir justificados ou perdoados, mas se confiamos em Jesus, neste momento, nos achamos justificados de forma tão certa e plena como os próprios crentes que já estão no céu.

O orgulho dos judeus, bem como o ciúme que eles sentiam dos gentios que se ajuntavam ao rebanho, levava-os a tomar uma posição de antagonismo. Mas não conseguiriam mais eradicar a semente que tinha sido tão profusamente disseminada. Muitos creiam e, assim que experimentavam a salvação em Cristo, percebiam também que agora se achavam em harmonia com os propósitos eternos. É esse o sig-

nificado de “destinados” no versículo 48. Se os discípulos, que tinham oportunidades tão restritas, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo (v. 52), não devíamos nós possuir a mesma experiência?

ATOS 14.1-13

Reações Diversas Para com a Mensagem. De Antioquia os apóstolos se dirigiram a Icônio, a capital da Licaônia. É muito interessante observar a origem do sucesso deles: “O Senhor... confirmava a palavra da sua graça”. Não devemos esperar sucesso se o testemunho divino estiver ausente. Não existe nada mais vital que isso. O segredo de um serviço alegre e vitorioso é a consciência de que, em todo sermão e discurso há um co-operador invisível que está ouvindo cada frase e enfatizando, com sua decidida confirmação, cada declaração que engrandece a graça de Deus.

Listra estava situada num planalto, no meio duma região agreste e montanhosa. Entre seus ouvintes, Paulo viu um aleijado que tinha fé para ser curado (vv. 8,9). Que arguta percepção espiritual Deus dá àquele que vive em comunhão com ele! Havia ali uma antiga tradição que dizia que os deuses haviam visitado com frequência essa mesma região. Júpiter, o pai dos deuses, era a divindade padroeira de Listra. Assim sendo, havia realmente uma razão especial para a empolgação que tomou conta dessa gente simples e ignorante. O homem sempre deseja a comunicação entre o céu e a terra. Oh, que bom se nós tivéssemos essa mesma prontidão para reverenciar e adorar o Filho de Deus!

ATOS 14.14-28

Confirmando os Novos Crentes. No discurso de Paulo encontramos claros prenúncios dos primeiros capítulos da Epístola aos Romanos. Como a multidão é volúvel! Num momento, lealdade entusiástica; instantes depois, rejeição e decepção. Hoje, “Hosanas”; amanhã, “Seja crucificado”. “Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz” (Is 2.22).

Alguns supõem que o arrebatamento de Paulo citado em 2 Coríntios

12 tenha ocorrido por ocasião do seu apedrejamento em Listra. Deve ter sido muito penoso despertar de tal visão e encontrar-se com o corpo machucado e dolorido. Mas essa cena, sem dúvida, conquistou-lhe o amor e a devoção do jovem Timóteo bem como de sua mãe e avó. (Veja Atos 16.1,2.) Na visita seguinte de Paulo a Listra, esse filho, que ele havia gerado na dolorosa angústia daquela hora, havia de tornar-se seu dedicado assistente.

Apesar do tratamento que Paulo recebeu, voltou à cidade (v. 21). De volta às pedras? Nada podia deter seu ardoroso espírito desde que houvesse almas a serem ganhas, ou discípulos a serem confirmados na fé, para o Mestre (v. 22). Em toda parte esses intrépidos missionários encontravam o rastro manchado de sangue da cruz, mas eles aproveitaram ao máximo suas oportunidades. Isso só será possível a todos nós quando dermos condições a Deus para cooperar conosco como nosso colaborador e “abrir a porta”.

ATOS 15.1-11

Um Mesmo Caminho de Salvação Para Todos. Paulo e Barnabé estavam calmamente descansando em Antioquia após suas árduas lidas, quando essas pessoas de Jerusalém começaram, secretamente, a solapar suas influências. Elas sustentavam que para alguém sair do paganismo e chegar a Cristo teria de passar por Moisés. E afirmavam principalmente que os gentios tinham de tornar-se judeus submetendo-se ao rito inicial do judaísmo. Esse insidioso ensino perseguiu Paulo pela vida a fora, levando-o a formular muitos dos seus mais nobres argumentos e apelos presentes em suas epístolas. Podemos facilmente compreender a veemência com que ele protestava.

Por fim eles resolveram submeter a questão aos apóstolos e presbíteros em Jerusalém. A viagem para ali foi uma marcha triunfal. A história do selo que Deus apusera aos trabalhos dos dois missionários, não somente encheu de alegria o coração de todos, mas constituiu, também, uma resposta conclusiva aos mestres judaizantes que eram a causa de toda a perturbação. O pri-

meiro grande discurso nessa solene assembleia foi de Pedro, que citou sua própria experiência na casa de Cornélio para provar que Deus, pelo menos, não fazia diferença entre judeus e gentios. Notemos sua declaração de que o coração do crente é purificado ao receber o Espírito Santo (vv. 8,9).

ATOS 15.12-21

Uma Conclusão Baseada em Amor. Quando chegou a vez de Paulo e Barnabé falarem, eles se contentaram em enfatizar os sinais e maravilhas por meio das quais Deus havia colocado seu selo de aprovação nas palavras e método deles. Teria ele agido assim se tivessem seguido um caminho errado? Observemos as duas preposições que eles usaram ao descrever seu trabalho. Primeiro falaram do que tinha feito em cooperação “com” eles e, depois, o que ele tinha feito “por” meio deles (14.27; 15.4,12). Consideremos, também, aquela frase notável acerca de Deus dando testemunho (v. 8). (Veja também 14.3 e Hebreus 2.1-4.)

Tiago ocupava posição proeminente na igreja de Jerusalém, porque era o irmão do Senhor bem como um homem de notável santidade e espiritualidade. Ele deu ênfase ao programa divino, que se caminha para diante, começando no judeu e passando ao gentio, começando com a reconstrução do tabernáculo caído de Davi e passando aos demais homens, os quais iriam buscar o Senhor. A implicação estava em que, embora Jeová habitasse de maneira especial com seu povo escolhido, os gentios iriam procurá-lo diretamente e sem ter de ser incorporados aos judeus.

ATOS 15.22-41

“Confirmando as Igrejas”. Essa carta foi um nobre documento, bem adequado ao seu propósito imediato, mas não se aplica diretamente a nós, visto que as circunstâncias que a ditaram já, de longa data, não mais existem. Ela foi bem clara ao negar que o rito da circuncisão era necessário para a salvação. Também dava um valioso testemunho quanto ao caráter e ao trabalho dos dois grandes missionários cuja atuação tinha sido ob-

jeto de discussão. Denunciava ainda os falsos mestres cuja intromissão tinha perturbado a paz da Igreja, e estabelecia os princípios que tinham constado do discurso de Tiago. Notemos a associação do Espírito Santo com as pessoas que redigiram essa carta (v. 28). Aqui está uma prova convincente de que o Espírito Santo é uma Pessoa, que ele preside a Igreja, e que está disposto a ser nosso guia e mestre sempre que nos sentirmos confusos.

A leitura da carta e a ida de Judas e Silas, que com sua presença atestavam da importância que a igreja-mãe atribuía à questão em foco, trouxeram grande alívio aos crentes de Antioquia; seguiu-se, então, abençoada fase de ensino e pregação.

É desagradável constatar a contenda entre os dois líderes acerca de João Marcos, mas Deus encaminhou-a para o bem, e mais tarde Paulo pôde escrever a Timóteo: “Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério” (2 Tm 4.11).

ATOS 16.1-13

Conduzidos a Novos Campos. Paulo exercia extraordinária influência sobre os moços. Timóteo, Tito e Marcos traziam sua marca. Quando se insistia na circuncisão, como no capítulo anterior, ninguém se opunha mais decididamente do que Paulo; quando ela servia para evitar o preconceito judaico, ele se mostrava disposto a ceder, dado que, em si mesma, ela não tinha vantagem nem desvantagem. Da mesma forma como o apedrejamento de Estêvão fora o primeiro passo para a conversão de Paulo, assim também o seu próprio apedrejamento em Listra, na primeira visita à cidade, como já observamos, provavelmente influiu na de Timóteo.

Muitas vezes, nossa direção na estrada da vida será indicada pelo fato que as portas pelas quais poderíamos sair do caminho que seguimos estão bloqueadas e trancadas, de modo que não temos outra opção senão prosseguir em frente. Paulo foi barrado, primeiro à esquerda, de modo que não fosse à província da Ásia; depois, à direita, para que não fosse à Bitínia. Por fim, ele foi para Trôade, e ficou frente a frente com

o grande mar que se estendia entre ele e a Europa.

Ali ele teve uma visão que o impressionou muito. Viu um homem da Macedônia, em pé, numa atitude de súplica e dizendo: “Passa à Macedônia e ajuda-nos”. Notemos a expressão “concluindo” (v. 10). Muitas vezes, Deus nos deixa deduzir qual o rumo a seguir. Ele não desconsidera o grande dom da razão que nos concedeu.

ATOS 16.14-24

Recepcionados; Aprovados; Presos. Esse é um momento memorável, mas como é registrado discretamente! Não há nenhum alarde da chegada à Europa desse evangelho que depois iria transformá-la. A necessidade dele ali não é notada nem mencionada. Ele chegou como o raiar do dia.

As primeiras experiências de Paulo na Europa não foram promissoras. Na maior parte das cidades havia uma sinagoga judaica, mas, aqui, apenas um pequeno grupo de mulheres tementes a Deus, num local aprazível, à beira do rio. Que ninguém despreze o dia das coisas pequenas. Que contraste entre Lídia, que tinha vindo da Ásia Menor e empregava várias pessoas na sua tinturaria, e a pobre moça que estava possuía pelo demônio! Não obstante, cada uma delas reconheceu o ministério divino dos mensageiros recém-chegados. Que contraste, também, entre a aceitação gradual do coração de Lídia à revelação do Cristo ressuscitado, para quem ela se abriu como uma flor ao sol, e o repentino despertar do carcereiro!

Quando Cristo toca o bolso dos homens mundanos, provoca neles um imediato antagonismo. O mundo fica perturbado quando perde seus ganhos; os crentes ficam perturbados quando vêem a propriedade de Cristo ser maltratada! (Veja o versículo 18.)

ATOS 16.25-40

Salvação na Prisão. Como já vimos, algumas pessoas se convertem abrindo tranquilamente o coração a Deus; outras entre as convulsões da tempestade. O carcereiro pode ter recebido a primeira mensagem da salvação através das palavras da jovem possessa (v. 17).

Quando um coração está em paz com Cristo ele pode cantar na noite mais escura. Aqueles santos cânticos devem ter causado uma profunda impressão na consciência desse duro oficial romano, que tratara aqueles seus prisioneiros com severidade fora do comum (v. 24). “O cárcere interior!” Talvez alguns de nossos leitores já tenham estado em cárcere semelhante. Eles tinham se acabado e viram que seus pés estavam amarrados!

Mas Deus tem sua própria maneira de libertar os que lhe pertencem e nunca se esquece deles. Estás preso ao tronco? Então ora e canta louvores! Escolhe, por exemplo, o Salmo 103. Deus será o teu socorro bem presente. Ganharás teu carcereiro e te tornarás um monumento da misericórdia salvadora de Deus. Não há saída para quem reconhece seu pecado senão confiar na salvação efetuada sobre a cruz; ou, melhor ainda, confiar naquele que a efetuou.

Paulo tinha toda razão ao insistir nos seus direitos civis quando a oportunidade surgiu (v. 37). Isso facilitou as coisas para seus novos convertidos.

ATOS 17.1-12

A Perseguição Difunde a Verdade. Tessalônica: Sem pressa, Paulo vai passando pelas grandes cidades da Grécia. Estava disseminando sementes cuja colheita seria feita por outros. Seu único assunto era o Senhor ressuscitado, fosse entre os incultos ou os mais cultos (vv. 3, 31). Não há dúvida de que esse é o verdadeiro método de evangelização mundial — não argumentar, mas proclamar a gloriosa personalidade do Senhor ressurreto. Observemos a distinção feita no versículo 3 entre o nome humano, Jesus, e o nome real, Cristo. Como Jesus, o Senhor viveu, ministrou e morreu; como Cristo, ressuscitou dos mortos e, como tal, é o coroado Rei dos homens (v. 7). Por mais leis que sejam ao governo civil, nosso primeiro compromisso de fidelidade é a “um outro rei” (v. 7).

Beréia: A verdadeira nobreza consiste em estar aberto a qualquer nova verdade que Deus queira revelar-nos por meio de sua Palavra. A única prova da

verdade é a interpretação das Escrituras feita para um coração puro, pelo Espírito Santo; mas nós devemos examinar as Escrituras “diariamente” como faziam os bereanos. Não é de se admirar que muitos cressem. Se ao menos nosso povo amasse a Bíblia, satutando dela sua mente e ensinando-a a seus filhos, como seriam diferentes os resultados que acompanhariam a pregação do evangelho!

ATOS 17.13-21

Instigados Pela Idolatria. Desde o princípio, o evangelho foi batizado no fogo da perseguição. Ao chegar a Atenas, o apóstolo sentia solidão e tristeza inexprimíveis! Será que havia entrado em sua mente uma dúvida sobre se estava ou não no caminho certo? Se isso acontecesse, ele iria refutá-la imediatamente. Seu lema era esquecer as coisas que ficam para trás. Quando, sob a orientação de Deus, você tiver escolhido um caminho, creia firmemente que é o caminho certo, sejam quais forem as aparências em contrário.

Um objetivo dominava o apóstolo. “Uma coisa faço”, era o fio no qual enfiava as inúmeras contas de suas experiências. Perseguido e rejeitado hoje, eilo amanhã, em seu trabalho favorito. Como esse intenso zelo é diferente da frivolidade dos pretensos filósofos de Atenas! Os epicureus faziam da busca do prazer o principal objetivo da sua vida. Os estóicos, por outro lado, acreditavam na severa repressão da natureza. A Grécia inteira estava absorvida no cultivo da arte, da arquitetura, da eloquência e do brilho intelectual. Mas, aqui, como em toda parte, Paulo tinha apenas uma mensagem — Jesus e a ressurreição. Ah, que maravilha seria estarmos entregues “totalmente à palavra” (18.5), como ele estava, a ponto de nosso zelo compelir nossos ouvintes a nos darem total atenção!

ATOS 17.22-34

O Deus Único, Vivo e Verdadeiro. O pregador do evangelho precisa valer-se de quaisquer circunstâncias ao seu redor que possam ajudá-lo a prender a atenção dos que o ouvem. Ele deve partir de fatos que lhes são conhecidos e

conduzi-los às esferas de pensamento com as quais não estejam familiarizados. Paulo foi sábio em começar com aquele altar “ao Deus desconhecido”.

À volta deles erguiam-se os mais belos templos já erigidos pelo gênio humano, mas que não eram a casa de Deus. Ele procura o coração humilde e contrito, não somente do judeu, mas onde quer que o homem esteja, e em qualquer plano intelectual. Os homens, no mundo inteiro, são irmãos — “de um só fez toda raça humana”. A providência divina dispôs todas as coisas de forma a conduzir os homens a Deus. Se eles o buscaram, com reverência e desejo sincero, certamente o encontram. Todos os homens são geração dele, mas somente os que recebem o Filho de Deus em seu coração se tornam verdadeiramente seus filhos. O arrependimento é um ato da vontade e, portanto, pode ser comandado. Deus pode tolerar muita coisa que é danosa e má, porque ama o mundo e trata os homens de acordo com o conhecimento que possuem; e nós podemos alegrar-nos porque ele julgará a humanidade por meio de “um varão que destinou”.

ATOS 18.1-17

Um Grande Ministério Numa Grande Cidade. Diz-nos Paulo em 1 Coríntios 2.1-4 que entrou em Corinto com temor e tremor e não fez nenhum esforço para atrair ninguém por meio de sabedoria ou eloquência humana. Desde o princípio ele pregou “Cristo e este crucificado”.

Encontrando pessoas de sua mesma atividade profissional, descobriu amigos que lhe deram importante ajuda; nada em nossa vida pode ser atribuído ao acaso. Assentando-se ao lado deles para o trabalho ele os ganhou para Cristo. “Paulo se entregou totalmente à palavra” (v. 5). O coração do apóstolo era dominado por um anseio irreprimível. A Palavra de Deus era como um fogo em seus ossos. Aquela cidade pecaminosa tocava-o profundamente fazendo pulsar as cordas do seu coração. Assim também Jesus chorou sobre Jerusalém. Será que nós participamos dessa angústia pelas almas? Será que nossas mãos estão limpas do sangue

dos homens? Estamos preparados para sofrer a fim de salvar outros?

Gálio era um típico homem do mundo, culto, filosófico, preocupado apenas com assuntos ligados à lei e à ordem. Mas, quando estavam em debate questões de religião ele se mostrava inteiramente indiferente. Que tremendo contraste entre ele e Paulo!

ATOS 18.18-28

Novos Auxiliares no Evangelho. Em assuntos de menor importância, Paulo ainda se submetia aos costumes e ritos hebraicos (v. 18). Provavelmente estava desejoso de apaziguar seus oponentes judaizantes até onde fosse possível sem, contudo, ceder nos pontos vitais. Levou consigo a Éfeso seus novos amigos. Embora nenhum deles o percebesse, havia um importante trabalho à espera deles naquela grande cidade. Os planos de um apóstolo, bem como os de qualquer um de nós, devem ser submetidos à vontade divina. (Veja 1 Coríntios 4.19 e Tiago 4.15.)

Apolo possuía a eloquência do grego e o pendor religioso do judeu. Formado pela grande universidade de Alexandria, convertido ao evangelho, profundamente versado no Antigo Testamento, dotado de maravilhosa eloquência, ele foi um forte aliado das forças cristãs do seu tempo. Mas precisava ficar ciente da morte, da ressurreição e do poder celestial de Cristo, bem como experimentar o dom pentecostal. A tudo isso ele foi levado por Áquila e Priscila. Como é maravilhosa a santa sabedoria que o Espírito de Deus dá aos crentes simples e humildes, de modo a poderem transformar-se em mestres de homens que lhes são intelectualmente superiores!

ATOS 19.1-12

O Espírito Santo Operando em Éfeso. Paulo tinha plantado boa semente em Corinto, e Apolo, por sua vez, a tinha regado (1 Co 3.6). Muitos se tornaram seguidores devotos de Apolo. Isso, no entanto, não provocou o mínimo ciúme em Paulo. Ele e Apolo foram apenas instrumentos através dos quais Deus teve alegria em operar.

Nesse ínterim, Paulo tinha um mi-

nistério a realizar em Éfeso. Os doze homens mencionados só tinham conhecido a parcela da revelação divina que fora dada a João Batista. Eles tinham sentido a necessidade de arrependimento e ouvido que Cristo é o Cordeiro de Deus; mas eram ignorantes acerca de sua ressurreição e ascensão e do dom do Espírito Santo. Imediatamente Paulo viu nessa falha a origem da fragilidade deles. Parecia que ele dizia: “Se vocês tivessem recebido o batismo do Espírito Santo, abalariam esta cidade”.

Foi um gesto sábio da parte de Paulo transferir aqueles discípulos e o trabalho para uma sede própria, que logo se tornou famosa por toda a cidade e, na verdade, por toda a região adjacente. Pessoas que tinham vindo para prestar culto no altar de Diana entregaram-se a Cristo, e a fé cristã foi divulgada através da província, sendo Éfeso poderosamente sacudida.

ATOS 19.13-29

O Poder do Nome de Jesus. Onde o Espírito de Deus está agindo poderosamente, Satanás não está muito longe. Aqui os emissários do inimigo tiveram a ousadia de usar o nome de Jesus para ganhar alguns siclos a mais. Mas, separado do poder vivo do Espírito, esse nome é inútil. É terrível quando os próprios demônios zombam dos que simulam religião. “Mas vós, quem sois?” significava: “Vocês não são ninguém.” Os demônios conheciam Cristo como o Santo Filho de Deus e Paulo como seu representante, mas esses exorcistas judeus eram ociosos como o bronze que resoa. Pesados em balanças, eles juntos eram mais leves que a vaidade (Sl 62.9).

O resultado disso foi um poderoso avivamento. O nome do Senhor Jesus foi exaltado, e muitos que antes seguiam vãs superstições experimentaram uma profunda operação da graça de Deus que os levou a confessar seus pecados e receberam a purificação do seu coração e vida.

Tão intensa foi a obra de Deus naquela grande cidade de Éfeso que o comércio de talismãs e amuletos, vendidos nas imediações do templo, começou a cair. O número dos adoradores que iam ao templo de Diana também

tornou-se sensivelmente menor. Pessoas que vinham da região costeira estavam sempre indo ouvir o apóstolo que pregava o evangelho com irresistível poder. As almas regeneradas, por sua vez, levavam o evangelho a toda a parte.

ATOS 19.30-41

A Impiedade da Ganância Egoísta. O teatro de Éfeso ainda existe. Tive oportunidade de falar em seu majestoso recinto, talvez no mesmo ponto em que esse escrívão da cidade — o modelo da burocracia — discursou e acalmou a multidão enfurecida. Paulo desconhecia o que fosse o temor dos homens, e foi com dificuldade, que o impediram de expor sua vida a riscos devido ao seu desejo de tirar algum proveito da ocasião. É provável que, quando afirma que em Éfeso lutou com feras selvagens (1 Co 15.32), esteja-se referindo a esse incidente. Mas ele não seria bem-sucedido em face de tamanho tumulto. Sede valorosos, soldados cristãos, mas sede prudentes! Não saltem do pico da montanha a não ser que, de maneira clara, Deus o determine.

É bom termos essa cena em mente ao ler que o apóstolo fala sobre uma “paz que excede todo o entendimento”, que guarda o coração e a mente. Ele não levava a vida solitária de um recluso religioso; estava sempre lutando para abrir caminho por um mar tempestuoso. Mas é no transbordar das grandes águas que aprendemos o que o Senhor pode fazer. Morrer exteriormente, morrer para a estima humana, e, no entanto, continuar a viver (2 Co 4.16); o tesouro celestial ileso, mas o vaso de barro, rachado e quebrado (2 Co 4.7).

ATOS 20.1-12

Um Mensageiro da Verdade e da Vida. A segunda Epístola aos Coríntios deveria ser lida juntamente com os versículos introdutórios desse capítulo, pois revela o sentimento íntimo do apóstolo na ocasião. Parece que ele ficou menos impressionado com o iminente perigo do qual fora salvo e mais solícito em relação à condição da igreja de Corinto, à qual escrevera sua primeira epístola no início de seu ministério em Éfeso.

Em que pequeno espaço (v. 3) o evangelista comprime o relato do ministério de três meses na Grécia, onde ele visitou as cenas de sua memorável primeira viagem. Em poucas linhas, ele enumera os companheiros da viagem de volta e, antes que percebamos, já estamos, de novo, em Trôade, a caminho de Jerusalém.

Notemos aquela referência ao partir do pão no primeiro dia da semana (v. 7). Isso prova que a Igreja Primitiva estava adotando o primeiro dia da semana para sua refeição característica. E, como o elemento gentio ia-se tornando predominante, é fácil entender como inevitavelmente o domingo, aos poucos, ia substituindo o sábado como o dia de descanso. (Veja também Colossenses 2.16.)

ATOS 20.13-27

Uma Mensagem de Despedida. O navio tinha de parar em Mileto e Paulo mandou recado aos presbíteros de Éfeso, instando para que fossem vê-lo. Ele passou o dia em companhia deles e, antes de partir, pronunciou esse comovente e salutar discurso. Há muitas informações incidentais revelando a natureza do seu trabalho nessa grande cidade, do qual há pouca ou nenhuma menção no livro de Atos. Por exemplo, não estamos a par de suas lágrimas e provações por efeito da oposição dos judeus (v. 19), nem dos trabalhos de suas mãos calejadas (v. 34). Dificilmente nos aperceberemos de que seu ministério não foi simplesmente a pregação do evangelho, mas, também, a visitação de casa em casa (v. 20).

A palavra grega que nos versículos 20 e 27 é traduzida como “jamais deixando” e “jamais deixei” é uma expressão náutica que literalmente significa “jamais rizei as velas”. Era bastante natural que Paulo usasse uma expressão náutica que estava ouvindo todo dia. Mas observemos como esse apóstolo heróico deu pouco valor ao conforto e à vida, desde que, dessa forma, pudesse servir seu Mestre e aproveitar de forma plena todas as oportunidades. Como Paulo amava essa grande palavra “graça”! Ela foi seu tema perpétuo e, quando chegarmos a nos conhecer

melhor e a considerar como merecemos pouco as bênçãos de Deus, nós, também, teremos apenas um tema. Somos devedores à graça soberana de Deus e não temos com que pagar.

ATOS 20.28-38

Encomendados a Deus. Notemos essa admirável expressão “a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (v. 28). Isso indica de forma clara o ponto de vista de Paulo acerca da divindade do Senhor.

A predição do versículo 30 não demorou a cumprir-se (1 Tm 1.19,20). Nesse breve trecho ele menciona lágrimas três vezes: lágrimas de sofrimento (v. 19); de ansiedade pastoral (v. 31); e de afeição pessoal (v. 37).

O construtor foi retirado antes que o edifício estivesse concluído, mas ele sabia que Deus continuaria, através de outras mãos, a obra que ele havia começado (v. 32). Nós estamos na companhia dos herdeiros de Deus. Meditemos na palavra de sua graça, como co-herdeiros com Cristo e com todos os seus santos; entremos na posse de nossa herança. No versículo 35 temos a única palavra dita pelo Senhor, no Novo Testamento, que não está registrada nos evangelhos. A bem-aventurança se aplica tanto ao Senhor como a nós. Não pensemos que ele está cansado de nossos pedidos. Cada vez que pedimos alguma coisa, estamos aumentando sua bem-aventurança assim como a nossa.

ATOS 21.1-14

Pronto a Morrer por Seu Senhor. O navio costeou ao longo da Ásia Menor, avistou Chipre, navegou para o sul e, então, finalmente, chegou a Tiro. Os discípulos dali eram pobres e obscuros e tiveram certa dificuldade para encontrá-los; mas eram muito afetuosos. A comunidade inteira, incluindo as crianças — que nunca mais iriam esquecer-se do incidente — acompanharam Paulo ao seu navio. Quando se aproximavam do navio, ajoelharam-se na praia para orar e depois partiram.

A viagem de Ptolemaida (Acre) a Cesaréia acompanhava a orla da planície de Sarom, que, na época, achava-se

deslumbrante com as flores da primavera. Os dias que Paulo passou em Cesaréia foram os últimos e felizes dias de liberdade que ele haveria de gozar nos dois ou três anos que se seguiram. Que abençoada comunhão Paulo e Filipe devem ter tido! Ambos tinham conhecido Estêvão. Ágabo reuniu-se ao grupo, com profecias de que perigos o aguardavam, mas elas só serviram para pôr em relevo a admirável coragem do apóstolo. Sua decisão era inflexível. Uma invisível mão estava acenando; uma Voz, que só ele podia ouvir, estava chamando. Ele não tinha dúvida quanto ao propósito de Deus e prosseguiu em frente, embora não fosse insensível ao amor e à simpatia dos seus amigos.

ATOS 21.15-26

Unificando a Igreja. Mnasom era um velho discípulo. Ele conhecera a história dos primeiros dias da Igreja. Foi bom para Paulo gozar do convívio e cuidados desse bom homem durante aqueles dias tão cheios de problemas. Não obstante todos os esforços contrários dos elementos judaizantes na Igreja, o esplêndido trabalho do apóstolo foi apreciado em seu verdadeiro valor, e ele foi alegremente recebido pelos irmãos de Jerusalém. Notemos como ele tinha o cuidado de atribuir tudo a Deus. Paulo era apenas o instrumento por meio de quem o Todo-Poderoso operava a glória de Jesus (v. 19).

A ação aqui descrita, que foi vigorosamente recomendada pelos líderes da Igreja, parece divergir do que Paulo descreve com tanta clareza em sua Epístola aos Gálatas 2.3-5. Talvez tivesse sido melhor que ele tivesse permanecido em silenciosa obscuridade até que a festa acabasse. Mas devemos lembrar o intenso colorido que a proximidade do Templo dava à vida da igreja em Jerusalém, e o desejo de Paulo de ser orientado por homens como Tiago, em cujo julgamento ele tinha plena confiança. Além disso ele estava disposto a ceder em casos que não afetassem princípios. Ele cedia em tais questões por causa do amor cristão, de maneira que, de bom grado, se tornou um ju-

deu para os judeus, de modo a poder salvar os judeus (1 Co 9.20).

ATOS 21.27-40

Enfrentando Uma Multidão Intolerante. Quatro dias se passaram e com isso surgiu a esperança de que, à medida em que o número de peregrinos diminuía, Paulo pudesse passar despercebido até que cumprisse seu voto. Para cumprir o voto ele precisava viver com quatro mendigos em uma câmara do templo, pagar o valor correspondente a dezesseis animais sacrificiais bem como a adicional oferta de manjares para eles, e ficar com eles enquanto o sacerdote oferecia cordeiros e carneiros em favor deles.

Mas, quando as cerimônias já se aproximavam do final, ele foi reconhecido por judeus de Éfeso e de outras cidades da Ásia — talvez Alexandre, o latoeiro, fosse um deles — que lançaram um grito de ódio e horror. Eles tinham visto Trófimo, o efésio, andando com Paulo pelas ruas de Jerusalém, e supuseram que este o houvesse introduzido no recinto sagrado. A punição para esse crime era a morte. Por isso, agarraram-no e o arrastaram pela Porta Formosa, descendo os quinze degraus, com a intenção de matá-lo fora do templo. Esse tumulto chamou a atenção da guarnição romana no vizinho castelo de Antônia, e Lísias, com seus soldados abriram caminho através da multidão, resgataram Paulo livrando-o daqueles que tencionavam assassiná-lo, e o colocaram fora do alcance deles. Deus tinha ainda outro trabalho para o apóstolo realizar.

ATOS 22.1-16

Como Sua Vida Foi Mudada. Que sermão Paulo pregou! Seu púlpito — a escada que ia do templo para o Castelo de Antônia. Seu auditório — as multidões furiosas que lotavam o pátio abaixo dele, mas que se acalmaram ao ponto de ficar em silêncio quando o ouviram falar na venerável língua hebraica, que os romanos ao redor deles não entendiam. Seu texto — a intervenção real e pessoal do Cristo vivo para interromper seu movimento de perseguição, e convertê-lo a si. Ali es-

tava um fato que, para o apóstolo, era o maior de todos; isto é, que ele tinha visto Jesus Cristo, e esse encontro transformara sua vida. Algo que revolucionara sua vida não poderia ser insignificante. Seu zelo pelo velho pacto e sua perseguição à seita cristã constituíam garantia de sua predisposição anticristã. Ele não era pessoa superficial ou instável, capaz de mudar de posição por algo que não fosse uma revelação incontestável.

Devemos dar um passo de obediência de cada vez. Deus nos diz muitas coisas diretamente, mas gosta de usar servos como Ananias, que vivem em contato imediato com ele. Paulo nunca esqueceu aquela saudação: "Irmão". Sejamos muito cuidadosos ao lidar com novos convertidos; eles precisam do mais carinhoso e mais compreensivo tratamento ao se iniciarem em sua nova vida.

Nós somos escolhidos por Deus para três coisas: conhecer sua vontade; vê-lo; e ouvir sua voz (v. 14).

ATOS 22.17-30

Salvo Para Serviço Futuro. Aqui, o apóstolo acrescenta a história de sua conversão apresentada em Atos 9, um relato pormenorizado daquela memorável entrevista no templo, quando ele discutiu a conveniência da ordem do Senhor para que ele deixasse Jerusalém e aceitasse sua final e irrevogável comissão de ir aos gentios. É um grande privilégio podermos ouvir, por acaso, esse diálogo! Como é estreita e íntima a relação do discípulo com seu Senhor! Deus permitiu a Abraão, Moisés e Jeremias arrazoarem com ele. Ele não anula a nossa inteligência. Sua palavra é: "Vinde, pois, e arrazoemos". Mas existe um ponto além do qual não podemos ir, quando aceitamos sem discutir as instruções finais de nosso Capitão.

Paulo era cidadão romano, nascido livre. Mais de uma vez, reivindicara seus direitos como cidadão romano, como em Filipos. Há várias vantagens sociais e políticas das quais podemos tirar proveito em nosso serviço em prol do evangelho, mas elas não podem levar-nos muito longe, e, em úl-

tima análise, estaremos em melhor situação se caminharmos sobre as águas simplesmente porque Jesus diz: "Vem!"

ATOS 23.1-11

Desunindo Seus Perseguidores. O comportamento do juiz foi por demais indigno, mas o apodo de Paulo não se justifica. Os melhores homens são, quando muito, apenas homens. Paulo perdeu a calma por um insulto que o feriu fundo; mas nada podia ter sido mais elegante que a graça e a franqueza com que reconheceu seu erro. O modo hábil com que ele dividiu o conflito provavelmente salvou a situação. Se o grupo tivesse se mantido unido, Lísias teria, sem dúvida, entregado Paulo a eles para que o julgassem. Mas a explosão de ódios que se seguiu despertou no comandante séria preocupação pela segurança desse homem que tinha direitos de cidadão.

Como foi oportuna e preciosa a revelação do Salvador na noite seguinte! Estando Paulo mergulhado na solidão de sua cela e começando a pensar que talvez as predições de Ágabo e de outros estivessem prestes a cumprir-se, de repente, teve consciência da presença do Senhor. Não confiemos em nosso discernimento pessoal; deixemos que o Mestre defina nossa rota. Lembremo-nos de que nas horas mais escuras, bem como nas mais brilhantes, ele está ao nosso lado. Por isso receberemos "na quarta vigília da noite", revelações que tranquilizarão nosso coração aflito e nossa alma desesperada com a certeza de que não estamos sós.

ATOS 23.12-24

Assassinato Malogrado. O Senhor dissera a seu servo que ele era necessário em Roma, mas os conspiradores diziam que ele não deixaria Jerusalém. Há apenas uma conclusão quando ocorre tal choque — a Palavra de Deus deve prevalecer, para derrota dos que juraram não comer nem beber até que executassem seu plano contrário àquela palavra.

Esses altos eclesiásticos concordaram com a trama infame. O que não farão homens inescrupulosos sob a

capa da religião! Um detalhe agradável o fato de o oficial romano tomar o sobrinho de Paulo pela mão e o levar para um lado para ouvi-lo em particular. Com que orgulho o rapaz deve ter contado a história a sua mãe, após ter saído daqueles sinistros muros. Às nove horas daquela noite ouvia-se um tropel de cavalos produzido por setenta cavaleiros e duzentos soldados que percorriam as ruas caçadas de pedra com destino a Cesaréia. Paulo já começara sua viagem para Roma. Muitas vezes depois, quando lhe parecia que sua vida seria ceifada, ele deve ter descansado nas palavras do Mestre: "Assim importa que também o façam em Roma". Que bôia de salvamento era aquela promessa! E, se Deus o salvara da multidão em Jerusalém e lhe dera a amizade de Lísias, o que não faria por ele no futuro?

ATOS 23.25-35

Enviado a um Tribunal Romano. Antipátride ficava a cerca de sessenta e sete quilômetros de Jerusalém. A escolta e seu prisioneiro fizeram a marcha forçada em uma noite. No dia seguinte os legionários marchavam de volta a Jerusalém enquanto os cavaleiros prosseguiram rumo a Cesaréia, que ficava quarenta e um quilômetros mais adiante. O apóstolo, portanto, entrou em Cesaréia de uma maneira diferente daquela em que a tinha deixado (21. 16). Filipe e os outros cristãos devem ter ficado surpreendidos por ver como suas previsões se cumpriam depressa ao verem o grande missionário, de quem se haviam despedido com tantas lágrimas, cavalgando pelas ruas cercado de soldados.

Quando Félix leu a carta que Lísias enviara explicando o caso, entregou Paulo a um soldado para ser guardado em uma das salas de guarda do velho palácio que se constituía, agora, na imponente residência dos governadores da Judéia. Que misto de sensações devia encher o coração destemido do apóstolo à medida que ele percebia que, enquanto Roma o tinha em seu poder, todo o artifício de seus implacáveis inimigos não poderia fazer-lhe nenhum dano físico. Os salmos que

ele cantara em Filipos viriam à sua lembrança com maior força à medida que ele fortalecia sua alma em Deus.

ATOS 24.1-16

A Verdade Contra a Calúnia. Paulo estava sempre vigilante em busca de um raio de luz vindo dos céus sombrios. Ele encontrou uma razão para se sentir feliz naquela hora escura (v. 10). Portou-se com grande dignidade. Recordou que foi sempre embaixador de Deus, representando o tribunal do céu em meio aos perversos tribunais humanos. Quanto à acusação de sedição, desafiava seus adversários a prová-la. Ele salientou que, como a nação já estava dividida em fariseus e saduceus, dificilmente eles poderiam criticá-lo por pertencer a uma terceira seita — a dos nazarenos. Segundo o Caminho que eles chamavam seita ou "heresia" (v. 14), ele adorava a Deus, mas nunca provocara tumulto no templo ou na sinagoga. Ele sustentou que o objetivo de sua vida tinha sido conservar a consciência livre de erro para com Deus e os homens.

Em 23.1 ele faz uma declaração semelhante. Bom seria para nós se dedicássemos alguns minutos, no final de cada dia, para verificar se nossa consciência nos acusa de falhas no coração, pensamento ou conduta. O Espírito Santo assiste no tribunal da consciência. Nós nos livraríamos de muitas quedas se fôssemos mais cuidadosos na vigilância às pequenas falhas.

ATOS 24.17-27

Um Juiz Medroso e Mercenário. O caso estava interrompido. A declaração de fé apresentada por Paulo e a ausência de evidência comprobatória contradiziam frontalmente a única acusação contra ele. Félix não ousava declarar Paulo culpado, mas também não estava disposto a ofender o partido do sumo sacerdote; por isso adiou sua decisão. Enquanto isso, a detenção de Paulo não devia ser severa. Seus amigos podiam vê-lo livremente, e as longas horas eram amenizadas pelas visitas de Lucas e Aristarco, Filipe, o evangelista,

e outros membros da comunidade cristã local.

A princípio, o governador estava predisposto em favor de Paulo. Ele tinha algum conhecimento acerca das doutrinas da Igreja Primitiva (v. 22). Ele havia estudado o assunto como um sistema intelectual, e gostava de ter oportunidade de conversar com seu maior expoente. Mas, sua união ilícita com Drusila, cujo marido estava vivo, e sua esperança de receber suborno dos amigos de Paulo, o tornaram insensível aos apelos de Cristo. Paulo, por outro lado, parecia desligado de qualquer idéia a seu próprio respeito ou de que estava na dependência dos caprichos do governador, e usou a única oportunidade que teve para buscar a salvação desse líder fraco e ímpio. Foi em vão. Félix estava encajado num banco de lama e não se aproveitaria das marés crescentes da vida ao seu redor para se regenerar.

ATOS 25.1-12

Concedido o Apelo Para César. Como esses judeus deviam odiar Paulo, visto que, dois anos depois, ainda estavam sedentos do seu sangue! Teria sido um grande erro se o processo fosse transferido para Jerusalém, como pediam os judeus. Se Paulo tivesse sido levado para ali, eles teriam preparado muitas conspirações com o propósito de acabar com sua vida, principalmente se Festo se mostrasse tão acessível ao suborno como seu antecessor. Festo estava bastante disposto a fazer a vontade dos judeus concedendo-lhes tal transferência, e não havia maneira de impedi-lo senão valendo-se Paulo do seu direito de cidadão romano de ser julgado pelo próprio Imperador.

A apelação foi uma grande surpresa. O próprio Festo provavelmente ficou aborrecido. Não seria agradável para ele ter a sua autoridade suplantada na primeira oportunidade que tinha de presidir uma investigação pública. Mas, não havia dúvida de que o apelo era admissível, e, portanto, ele não tinha outra alternativa. De que forma estranha Deus estava cumprindo sua própria palavra: "Assim importa que também o façam em Roma!" Paulo

sempre desejara visitar a cidade imperial, para ali levar a mensagem da cruz, mas jamais pensara ir sob a salvaguarda de soldados romanos e às custas de Roma. Deus, "profundo conhecedor dos inescrutáveis mananciais de infalível habilidade", realiza seus propósitos.

ATOS 25.13-27

Buscando Acusações Contra o Prisioneiro. Observemos a diferença com que esses dois homens viam Jesus. Para um, ele era o objeto supremo de sua afeição e de sua vida; para o outro, um "certo morto chamado Jesus". Note-mos, também, que Paulo deixara clara sua crença de que Jesus estava vivo. Evidentemente o Cristo ressuscitado tinha sido a tônica da pregação de Paulo. Mesmo Festo, embora não aceitasse como verdadeiro o fato, chegara a compreender isso.

O auditório que ouviu o apóstolo no dia seguinte era o mais nobre e poderoso a que, até essa ocasião, ele tinha falado. Como o Senhor dissera a Ananias que Saulo tinha sido escolhido para levar seu nome perante os gentios e reis e os filhos de Israel, assim veio à suceder. (Veja 9.15.) Não há dúvida de que Paulo não se deixou influenciar pelas opiniões ou temor dos homens, pois tinha certeza de que o Senhor estava presente para fortalecê-lo de modo que, através dele, o evangelho pudesse ser plenamente conhecido. Encaremos cada circunstância de nossa experiência como o suporte no qual colocaremos a lâmpada do testemunho. É bom perguntar: "Até que ponto isso favorecerá os interesses do meu Senhor?"

ATOS 26.1-11

Paulo Tem Permissão de Falar em Seu Favor. Embora a defesa de Paulo perante Agripa seja, em substância, a mesma que ele apresentou na escadaria do castelo em Jerusalém, ela difere da outra pela extensa descrição da extraordinária mudança que se operara em sua vida em consequência da intervenção direta de Jesus Cristo. E nos trechos iniciais ele dá grande ênfase à sua decidida oposição à doutrina

Cristo como prova de que sua conversão era uma evidência real.

Estendendo a mão, o apóstolo começou manifestando sua satisfação pela oportunidade de apresentar seu caso perante o bisneto de Herodes, o Grande, cujo esmerado conhecimento de todos os assuntos da religião judaica o tornava extraordinariamente competente para tratar das matérias em debate. Ele perguntou por que seria tão difícil acreditar na ressurreição do Senhor, um fato comprovado. Admitiu que ele mesmo tinha resistido à evidência quando a ouvira pela primeira vez. Na verdade, se a aceitasse, tinha tudo a perder. Sua impetuosa perseguição dos cristãos provava, ao menos, ser ele uma testemunha imparcial. Assim pleiteava ele perante aquele grupo de altos e poderosos potentados. Que contraste entre as esplêndidas túnicas e refulgentes jóias daqueles homens e o pobre, alquebrado e algemado prisioneiro! Mas eles só são lembrados por causa dessa casual conexão com Paulo, enquanto Paulo vem influenciando as mais potentes mentes dos séculos subsequentes.

ATOS 26.12-21

Obediente à Sua Visão Celestial. Não existe em parte alguma nada que possa livrar-nos do fulgor e brilho das luzes terrenas melhor do que a visão do rosto de Jesus, que é mais brilhante que o sol ao meio-dia. Cada um de nós tem a oportunidade de captar uma visão desse rosto, algumas vezes refletido em um rosto humano, como Paulo viu primeiramente no semblante de Estêvão. Ele nos enfrenta quando andamos por caminhos proibidos, e nos intima a levantar-nos e seguir a verdadeira vida.

Versículo 16: O que já vimos é apenas uma parte da grande revelação. Ele nos mostrará outras coisas, e maiores do que estas. Versículo 17: Nós seremos libertados, assim como somos enviados. O Mestre se mantém responsável por nossa segurança enquanto estivermos engajados em seu trabalho. Versículo 18: Temos, aqui, uma antecipação de Colossenses 1.13,14.

Não devemos ser desobedientes às visões celestiais que Deus nos dá.

Quando Paulo, em seu sonho, viu o macedônio que acenava, seguiu direto rumo à Europa. Algumas vezes, ao obedecer, as primeiras aparências são desalentadoras, como quando os missionários, ao desembarcarem em Filipos, encontraram apenas algumas mulheres à beira de pequeno rio; mas os resultados finais justificarão o primeiro passo de fé.

ATOS 26.22-32

Convencendo Seus Inquisidores. Paulo estava em seu elemento. Estava transmitindo a reis e governadores o testemunho que era o objetivo constante de sua vida, quando, subitamente, foi interrompido por Festo que, ouvindo-o falar da ressurreição dos mortos, acusou Paulo de loucura. Paulo se dirigiu a ele com impecável respeito e em seguida voltou-se para Agripa em busca de apoio. Mas Agripa preferiu não se deixar apanhar na armadilha da discussão dessas profundas verdades religiosas. Com o desdém de um homem do mundo, ele sorria diante da veemência entusiástica desse homem que supunha que um rei abraçaria a fé num Messias crucificado. Foi como se ele dissesse: “Um pouco mais e você estará fazendo de mim — um cristão!”

Paulo imediatamente pegou no ar suas palavras. Com evidente sinceridade irrompeu com as palavras: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou [nesse ponto ele deve ter erguido as mãos algemadas], exceto estas cadeias”. Ele não era criminoso — o que seus juízes de bom grado reconheceram — e foram as ocorrências daquele dia, que, provavelmente, abaixo de Deus, salvaram a vida de Paulo, porque Nero dificilmente condenaria à morte um homem que fora declarado inocente por ouvintes como esses.

ATOS 27.1-13

Em Uma Viagem Perigosa. O verbo na primeira pessoa do plural indica que o bom médico, Lucas, se reunira ao grupo. Separado de Paulo pela prisão do apóstolo, agora o acompanhava no

navio a Roma. O centurião se mostrava indulgentemente bem disposto para com Paulo. Ele pode ter sido um dos que compunham a brilhante multidão que ouviu o último discurso de Paulo. Foi a grande misericórdia da Providência que colocou o apóstolo em contato com tal homem. Ele demonstrou excepcional bondade ao libertar Paulo sob condicional em Sidom, para que pudesse visitar seus amigos e, sem dúvida, suprir-se das provisões básicas para a tempestuosa e arriscada viagem em pleno inverno.

Os viajantes foram bastante afortunados ao acharem em Mirra um grande navio transportando trigo do Egito para Roma. Havia lugar para o centurião, seus soldados e os presos, bem como para outros que resolveram acompanhá-los. Já estavam no final de setembro e, talvez em Bons Portos, o apóstolo e alguns judeus cristãos a bordo tenham observado o grande Dia da Expição, o dia de jejum do calendário judaico. A época para navegação com barcos a vela estava chegando ao fim e Paulo aconselhou adiamento, mas suas palavras foram ignoradas. O homem que conhecia Deus era mais sábio que os homens que conheciam o mar.

ATOS 27.14-26

Salvado da Tripulação do Navio. A tripulação, estando muito exausta por efeito do trabalho duro e da alimentação escassa, mostrava-se mais disposta a ouvir o apóstolo quando ele tomou a frente com seu sábio conselho e suas palavras de encorajamento. Anteriormente, eles haviam ignorado seu conselho, mas, nessa segunda ocasião, mostraram-se sensatos em recebê-lo de bom grado.

Como a fé nos acalma! Podemos dormir profundamente no meio do rugido da tempestade, e sonhar com os anjos quando nosso coração está apoiado em Deus. Seus mensageiros podem abrir caminho por céus fechados e por tempestades as mais violentas, para socorrer aqueles que necessitam do seu auxílio. Que bela confissão essa: “Deus, de quem eu sou e a quem sirvo!” Podemos todos nos apropriar

dela? A primeira cláusula se aplica a todos nós. Nós pertencemos a Cristo pela criação e pela redenção. Mas será que nos reconhecemos como propriedade sua e nos colocamos inteiramente ao seu serviço?

Apesar de todo aquele alvoroço, Paulo pôde dar graças. Não permitamos que o bom hábito de dar graças antes das refeições desapareça de nossa vida e nosso lar. Magnífica também é a declaração: “Pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito”. Sim, sem essa confiança não há paz. E que seja assim, ó meu irmão, a sua felicidade!

ATOS 27.27-34

Segurança com Base na Obediência. Paulo aparece como uma nobre figura ali, de pé, na madrugada cinzenta, enquanto as pesadas ondas se quebram contra o navio. Parece que, pela força do caráter, ele se tornou o comandante de todos a bordo. Certamente os soldados e passageiros deviam a vida à sua sagacidade que o levou a perceber a intenção dos marinheiros de abandonarem o navio. Observemos que ele disse a Júlio “Vós não podereis salvar-vos”, não “nós”. O apóstolo sentia-se tão seguro em Deus que não tinha a menor sombra de dúvida quanto à sua preservação pessoal (v.24).

Uma vez mais ele os encorajou e instou com eles para se alimentarem. Ele mesmo deu o exemplo, dando graças a Deus na presença de todos. Que atitude corajosa, e como foi inspiradora! Todos começaram a sentir-se animados. Os homens podem dizer o que quiserem acerca da impraticabilidade dos ensinamentos de Cristo, mas basta que alguém passe a viver segundo esses ensinamentos, obedecendo-os de forma absoluta e confiando inteiramente em Cristo, e ele se torna corajoso como um leão. Com a ajuda de Deus podemos agir valentemente, porque ele esmaga nossos inimigos (Sl 60.12).

ATOS 27.35-44

Salvando Paulo Salvou-os Todos. Os marinheiros se esforçaram para conduzir o navio para a entrada de uma enseada que surgiu diante deles, mas ele

encalhou e ficou preso. Foi então que um novo e inesperado perigo se apresentou a Paulo e seus companheiros de prisão. Os soldados se dispunham a matá-los, para evitar que nadassem até à praia e fugissem; mas o centurião, talvez por gratidão para com o homem ao qual eles todos deviam suas vidas, impediu o gesto dos soldados e ordenou que cada um se esforçasse para, de algum modo, alcançar a terra.

E o grupo que se reuniu na praia naquele frio dia de novembro estava encharcado e a tremer. Graças a Deus, nossa condição, quando emergimos na praia da eternidade depois de atravessar as frígidas águas, será muito diferente dessa. E quando nos pusermos de pé na praia do mar de vidro, todos louvaremos aquele que, em segurança, nos trouxe ao lar.

ATOS 28.1-10

Bondade Ricamente Retribuída. É agradável ler acerca da bondade destes malteses. Em toda parte, na humanidade, há gestos bondosos e, muitas vezes, haverá pronto auxílio para os que realmente são necessitados.

Os acidentes não são castigos. O fato de a víbora haver-se prendido à mão de Paulo não era evidência da ira de Deus, mas aconteceu para proporcionar a essas pessoas de coração simples uma evidência que os levaria a apreciar o cuidado do Senhor para com os seus.

Como é variável a opinião humana, e como passa rapidamente de uma alta apreciação de nossos companheiros para uma depreciação deles, baseando-se somente nos aspectos favoráveis ou desfavoráveis de circunstâncias externas! Não julguemos pela aparência, mas pelo que é certo. Como Paulo se livrou da víbora, eles o acreditavam divino; se ele tivesse morrido, teriam pensado que era um criminoso. Afastemo-nos nós também das tentações. Não podemos impedir que uma víbora nos ataque mas não precisamos deixar que ela entre em nosso coração.

A infalível influência de Paulo para o bem mostra que bênção um cristão pode ser aonde quer que vá desde que viva no poder de Deus.

ATOS 28.11-20

Ainda Procurando Seus Patrícios. Paulo foi para Roma, como vimos, sob circunstâncias muito diferentes daquelas que ele, originalmente, pensara; mas apesar disso elas lhe proporcionaram a maior oportunidade de sua vida. As coisas que lhe aconteceram contribuíram para maior avanço do evangelho. De outro modo ele não poderia ter influenciado, ter tocado o coração de homens como o centurião, ou os membros da casa de César, ou Públio, ou o próprio Nero.

Foi muita bondade da parte de Júlio conceder um descanso de sete dias a Paulo na linda baía de Putéoli, aos pés do Vesúvio. As pequenas cidades de Pompéia e Herculano ainda não tinham sido soterradas. Que ensinamentos e que feliz convívio gozava agora a pequena igreja! A cerca de setenta quilômetros de Roma, na praça de Ápio, um grupo de cristãos esperava o apóstolo com saudações, e, dezesseis quilômetros mais adiante, nas Três Vendas, estava outro grupo. Se Paulo tinha agasalhado receios acerca dessa recepção, eles foram imediatamente dissipados. O apóstolo deu graças a Deus e recobrou o ânimo.

Como ele desejara ver a poderosa Roma! Era-lhe permitido, agora, morar em sua própria casa, acorrentado a um soldado. Em tais circunstâncias ele estava protegido do ódio e das conspirações dos judeus, que, em cada cidade, tinham posto em perigo sua vida e impedido seus trabalhos.

ATOS 28.21-31

Pregando na Capital do Mundo. Um dos primeiros cuidados de Paulo foi convocar os líderes da comunidade judaica, de modo que pudesse explicarlhes sua posição. Deixou claro que não tinha-se oposto ao seu povo ou o tivesse injuriado, e que estava sofrendo por causa de sua dedicação à “esperança de Israel”, uma clara referência a Cristo. Os judeus responderam cautelosamente, declarando que ainda não tinham recebido a acusação formal contra ele. Mas, como eles demonstravam desejo de obter mais informações, ele

lhes pediu que marcassem eles próprios um dia para virem entrevistar-se com ele. O que fizeram vindo muitos deles. Durante todo o dia ele lhes apresentou argumentos das Escrituras e o relato de sua experiência pessoal. Alguns se convenceram; o resto discordou. É provável que o debate, próximo do fim, se tornasse um tanto violento, e o apóstolo se sentisse com liberdade de citar Isaías 6.9,10.

Dáí em diante ele se voltou para os cristãos romanos, aos quais tinha já se dirigido em sua memorável epístola, em cujo último capítulo há uma lista de nomes daqueles que ele amava em Cristo. Eles vinham constantemente para confortá-lo em sua solidão e ouvir suas palavras enquanto Tíquico, Epafras e Epafrodito e outros traziam notícias, saudações e presentes das igrejas que ele fundara.

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS

A Revelação da "Justiça Pela Fé"



INTRODUÇÃO 1.1-15.

- a. Saudação 1.1-7.
- b. Mensagem pessoal 1.8-15.

TEMA: A REVELAÇÃO DA "JUSTIÇA PELA FÉ" 1.16,17.

1. A NECESSIDADE UNIVERSAL DA JUSTIÇA 1.18-3.20.

- a. Dos gentios 1.18-2.16.
- b. Dos judeus 2.17-3.20.

2. O DOM GRATUITO DA JUSTIÇA DIVINA 3.21-5.21.

- a. Concedida mediante a fé em Cristo 3.21-31.
- b. Prometida nos entendimentos de Deus com Abraão e Davi 4.
- c. Confirmada pela experiência cristã 5.1-11.
- d. A nova criação comparada com a velha 5.12-21.

3. A REPUTAÇÃO DAS OBJEÇÕES 6, 7.

- a. A salvação pela graça significa a derrota do pecado 6.1-14.
- b. A salvação pela graça importa numa obrigação maior que a imposta pela Lei 6.15-23.
- c. A salvação pela graça realiza o que a Lei apenas podia ordenar 7.

4. O MINISTÉRIO DO ESPÍRITO DA VIDA 8.1-39.

- a. Nenhuma condenação 8.1-17.
- b. Nenhuma humilhação 8.18-27.
- c. Nenhuma separação 8.28-39.

5. O PROPÓSITO DE DEUS PARA COM OS JUDEUS E OS GENTIOS 9-11.

- a. A apostasia dos judeus 9.1-11.12.
- b. O chamado dos gentios 11.13-24.
- c. A restauração dos judeus 11.25-36.

6. O CARÁTER E A CONDUTA DO CRISTÃO 12.1-15.13.

- a. O cristão como homem 12.
- b. O cristão como cidadão 13.
- c. O cristão como irmão 14.1-15.13.

7. MENSAGEM PESSOAL E SAUDAÇÕES 15.14-16.27.

- a. O programa missionário de Paulo 15.14-29.
- b. Sua comunhão com os romanos na oração 15.30-33.
- c. Saudações aos seus amigos da igreja de Roma 16.1-23.
- d. Bênção 16.25-27.

INTRODUÇÃO

Todos os críticos, com exceção de uma minoria insignificante, aceitam que essa carta, bem como as dirigidas aos coríntios e aos gálatas, foi escrita pelo apóstolo Paulo. Foi escrita em Corinto, durante os três meses que ele passou na Grécia (At 20,3), e antes de partir para sua última viagem a Jerusalém, a fim de levar as contribuições para os cristãos pobres dali (Rm 15,19-25).

Embora o apóstolo não conhecesse pessoalmente a maioria daqueles aos quais escrevia, a lista de mensagens pessoais no capítulo final é muito grande. Ele sentia, também, que pesava sobre ele a responsabilidade especial de instruí-los na verdade cristã. Nenhuma outra epístola tem tantas alusões à Lei de Deus, mas isso estava em harmonia com o método de pensamento que tinha afinidade com essa igreja cristã, situada como estava na poderosa cidade que estabeleceu os fundamentos da lei e da ordem para as gerações subseqüentes.

COMENTÁRIO

ROMANOS 1.1-12

O Ardente Desejo do Apóstolo. No início de sua maior epístola, Paulo se apresenta como um servo. Tal humildade o qualificava para ser o intermediário das maravilhosas revelações de Deus. Como deve ser grande o Mestre que é alvo da total devoção de um homem assim! Paulo foi “chamado” para ser um apóstolo; nós todos somos “chamados” por Jesus Cristo, e “chamados” para sermos santos (vv. 1,6,7). Notemos a referência enfática à dupla natureza de nosso Senhor (vv. 3,4).

Muito tempo antes de ver o rosto desses cristãos de Roma, ele já havia estado orando por eles. Já ganhara a batalha antes de entrar nela. Que nobreza por parte do apóstolo dizer que sua fé era fortalecida pela fé deles, como a deles pela sua (v.12). Há uma admirável mutualidade no serviço de Deus, Cada um de nós ajuda ou atrapalha. Ninguém é neutro.

É bastante evidente que a oração tinha muito valor para o apóstolo. Essa projetada viagem era objeto de súpli-

cas contínuas. Ele sabia que muitas coisas tinham de ser obtidas por meio da oração e que, sem ela, ficariam perdidas. Lembremos que nossas viagens também devem ser planejadas de acordo com a vontade de Deus (v. 10).

ROMANOS 1.13-23

O Único Poder Para Salvação. Nós devemos tudo ao Senhor, mas, desde que não podemos fazer nenhuma retribuição, ele nos fez seus legatários. Devemos pensar nos outros como quem tem algo a cobrar de nós por amor a Cristo. Ajudando-os, nós reembolsamos o Senhor. Mas, notemos a humildade do apóstolo — “quanto está em mim” (v. 15). Paulo não era indiferente às exigências da cultura intelectual. Ele havia sido cuidadosamente instruído nas literaturas hebraica e grega. O discípulo de Gamaliel apreciava a alta cultura do mundo romano que não deixava de ter valor; mas ele não estava envergonhado de pregar o evangelho em sua capital porque levava consigo a dinâmica divina. Era “o poder para a salvação”. O estóico, por exemplo, ti-

nha um elevado código ético, mas isso era ineficiente para substituir o poder propulsor do Pentecoste. A única condição é a fé — “de todo aquele que crê” (v. 16).

Todo homem nascido no mundo tem oportunidade de conhecer o certo e o errado conforme o testemunho íntimo de sua consciência, e de aprender alguma coisa acerca de Deus vendo suas obras. Os homens serão julgados por sua atitude para com essas duas fontes de conhecimento. Muitos “detêm a verdade” (v. 18). Eles, deliberadamente, se esforçam para sufocá-la.

ROMANOS 1.24-32

Os Grosseiros Pecados da Carne. Poucos homens conheciam como Paulo a profundidade da maldade humana. Com palavras terríveis, ele enumera os vários aspectos dela. A verdade deveria chegar ao coração humano procedendo da obra de Deus na natureza bem como da consciência; todavia, os homens baixam a persiana e fecham a cortina. Não é que eles não tenham conhecimento, mas é que se recusam a colocar Deus em seu conhecimento. Evitam pensar em Deus (Sl 10.4). Não querem erguer para ele o rosto alegremente, com confiança filial. Desse modo são envolvidos em densa escuridão que oculta deles a presença divina.

O passo seguinte em sua escalada descendente é a impureza; e, quando, deliberadamente, uma pessoa escolhe o caminho descendente, não existe nada que possa detê-la. Passa rapidamente de um degrau a outro, descendo em direção às trevas. Quando nosso coração se afasta da presença purificadora de Deus, torna-se refúgio de todo tipo de ave imunda e de réptil repugnante. Como é maravilhoso que, de material tão precário, Deus possa criar até santos!

ROMANOS 2.1-11

Deixe o Julgamento Para Deus. Nesse capítulo, o apóstolo volta a dirigir-se aos judeus. Seu propósito é provar que, embora eles possam considerar-se superiores aos gentios e capazes de julgá-los, podem, no entanto, estar sujeitos a um juízo mais severo porque, não

obstante terem maior conhecimento de Deus, cometem os mesmos pecados. Deus julgará os homens, não pelo que crêem, mas por suas obras. Os que são mais severos em condenar os outros muitas vezes cometem os mesmos pecados, embora, em seu caso, procurem achar alguma desculpa que atenuie suas falhas. Tiremos a trave que está em nosso olho, de modo que possamos ver claramente para tirar o argueiro de um irmão (Mt 7.5).

O silêncio de Deus não significa indiferença, mas o desejo de dar-nos outra oportunidade para o arrependimento. O Cordeiro está no meio do trono (Ap 5.6). Nossa redenção se opera por meio do seu precioso sangue, e só por meio dele; mas as recompensas futuras e o gozar a vida que Deus quer que tenhamos estão condicionados à nossa obediência. Glória, honra e paz estão ao nosso alcance se aceitarmos a reconciliação que nos é oferecida na pessoa de Cristo, que nos levará a uma união com Deus, e assim viveremos para fazer a vontade do Pai celestial.

ROMANOS 2.12-20

O Perscrutador de Todos os Corações. Em seguida, o apóstolo passa a mostrar que todos os homens, judeus ou gentios, serão julgados segundo o mesmo critério. Para o judeu, essa Lei fora escrita nas páginas do Antigo Testamento; mas, para os gentios, que não possuíam nem Moisés nem o Sinai, ela estava escrita nas tábuas do coração e era conhecida como “consciência”. A diferença entre as duas é comparável à que existe entre a hora do dia indicada pelo sol e a indicada pelo relógio que o homem carrega no seu bolso. É uma profunda e gloriosa verdade essa pela qual todos os homens estão sujeitos ao julgamento de Deus: ele gravou bem fundo, na alma de todo homem, sua santa Lei.

Como é claro o testemunho que a Escritura dá acerca do julgamento eterno! (Veja Atos 17.31.) Os segredos dos homens serão julgados (v. 16). Como deveríamos ser agradecidos porque aqueles que estão em Cristo não estarão sob condenação! Ele suportou, em nosso lugar, a maldição da trans-

gressão da Lei, e não se envergonha de nos chamar irmãos (Hb 2.11).

ROMANOS 2.21-29

Ele Requer Obediência Sincera. O judeu confiava na posição a ele conferida pelos privilégios e ritos do judaísmo, embora sua vida espiritual tenha como que se tornado ressequida dentro dessas exterioridades, como grãos secos que chocalham dentro de uma vagem. O argumento do apóstolo visa a demonstrar que a descrença e a frieza espiritual anulam todo e qualquer benefício que se possa obter de ritos exteriores, ao passo que uma fé humilde trará compensações por quaisquer desvantagens que possa ter aquele que é de origem e ambiente pagãos.

O judeu virá a ser como um gentio, a não ser que tenha fé, além dos ritos exteriores, enquanto os gentios virão a ser como o povo escolhido de Deus se apresentarem a santidade de alma e vida que foi estabelecida no rito inicial do judeu. (Veja Colossenses 2.11.) O mero rito exterior por si só não constitui base para filiação a Abraão; e o que nunca se submeteu a esses ritos mas, por meio da fé, eliminou toda impureza da carne e do espírito, tem direito a todas as promessas feitas a Abraão e ao seu descendente.

ROMANOS 3.1-8

Deus é Fiel Embora os Homens Sejam Infiéis. O povo judaico era possuidor de um grande tesouro, que lhe foi entregue para o benefício do mundo inteiro. Essa posição dos judeus, como mordomos da humanidade, lhes conferia privilégios muito especiais, mas também os expunha a severo castigo caso viessem a ser infiéis. Algumas dessas vantagens são apresentadas em 9.4,5. Mas nossas falhas não podem cancelar a fidelidade de Deus às promessas da aliança (2 Tm 2.13). Podemos contar sempre, confiantemente, com sua fidelidade aos seus compromissos, seja para com o indivíduo, seja para com a nação. É maravilhoso (v. 5) como o pecado humano se constituiu num caminho para a glória de Deus, fazendo surgir qualidades em seu amor que, de outro modo, teriam permanecido

desconhecidas; mas isso não justifica nossa pecaminosidade.

Se isso pudesse servir de desculpa, evidentemente Deus teria sido injusto ao punir o pecado como fez; e, se essa linha de argumentação fosse mantida, concluiríamos que seria certo praticar o mal, se o resultado fosse sempre bom. Aceitar isso implicaria em abrir a porta a toda espécie de abominação, e a simples menção desse fato a quem apresentasse aquele argumento deveria silenciá-lo e cobri-lo de vergonha.

ROMANOS 3.9-20

Todos, com Justiça, Estão sob Julgamento. Paulo apresenta várias citações — na sua maior parte da Septuaginta ou Versão Grega do Antigo Testamento — comprovando a total malignidade da condição humana. Elas se aplicam, em primeiro lugar, ao povo peculiar de Deus, os judeus; mas, se isso é verdade com relação a eles, como deve ser terrível a condição do grande mundo pagão! Toda boca se calará e o mundo todo será culpável diante de Deus (v. 19). Ele enumera vários órgãos do corpo humano e, em cada caso, faz uma terrível afirmação sobre a depravação congênita. Que necessidade de salvação! O que pode expiar tal pecado, ou purificar corações assim senão a graça redentora de Deus?

O termo “Lei”, aqui, obviamente é aplicado no sentido amplo abrangendo tanto a consciência como as Escrituras. É o ideal de Deus erguido diante de nosso rosto para mostrar-nos de onde caímos. O propósito de um espelho não é lavar o rosto, mas mostrar o quanto precisa ser lavado. Podemos recomendar às pessoas certo sabonete, e pode ser que ninguém o use; mas se lhes apontarmos uma sujeira que as desfigura, elas ficarão muitíssimo felizes em tirar proveito da capacidade de limpeza dele, que, antes desprezavam, e não queriam utilizar. A maneira de mostrar aos homens a sua necessidade espiritual é manter o padrão divino diante da sua consciência.

ROMANOS 3.21-31

Todos Justificados Gratuitamente Pela Graça. Da necessidade universal, volta-

se o apóstolo para a única solução, totalmente suficiente. A Lei e os profetas aludiram vagamente à justificação pela fé, mas não a revelaram. O modo de Deus operar a justificação é imputar justiça ao crente. Ele nos coloca nessa posição na lei, antes de, pela atuação do Espírito Santo, trazer-nos à condição de santidade. Um dia perfeito é atribuído à aurora; uma flor perfeita, à semente; um quadro concluído, ao toco esboço. Assim que confiamos em Jesus, Deus nos vê permanecendo nele e justificados perante a Lei; mas, diante de nós acha-se a grande obra de atingir sua perfeita semelhança, pela habitação do Espírito Santo em nós.

É pecado “carecer” (v. 23); e quem, entre nós, já realizou plenamente suas possibilidades de chegar à semelhança com Deus? (Veja versículo 24 e Gênesis 1.26,27.) Embora a justificação não nos custe nada, a não ser o sacrifício de nosso orgulho, a Cristo custou seu próprio sangue (v. 25). A base da propiciação, o propiciatório, era a tampa de ouro da arca, que o sumo sacerdote aspergia com sangue. (Veja Hebreus 9.5.) A fé não tem lugar para a jactância e a arrogância (v. 27). A Lei é mais honrada quando o Legislador, habitando em nós, a cumpre através de nós.

ROMANOS 4.1-8

A Bem-Aventura Segue a Fé. Neste Capítulo a doutrina da justificação pela fé é ilustrada com a vida de Abraão. É evidente que ele não foi justificado por causa de suas boas obras. Delas, nada se diz, embora ele tivesse atravessado o deserto por obediência à ordem divina. Não; ele “creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (v. 3). A vida de Deus na alma do homem é sempre a mesma em todos os tempos. A medida da revelação divina pode variar desde o crepúsculo, em Ur, até o brilho intenso em Patmos, mas a atitude da alma humana para com Deus deve ser sempre a mesma.

Desde os tempos mais antigos os homens foram justificados pela fé (Hb 11.4). A fé tem dois elementos invariáveis: atitude e receptividade; isto é, a posição certa para com Deus, e o poder de receber o pleno influxo da na-

tureza divina. Nós somos feitos “co-participantes da natureza divina” (2 Pe 1.4). Foi esse o caso do grande peregrino hebreu — o primeiro da linhagem dos peregrinos. Elevando-se acima do resto dos seus contemporâneos, ele viu antecipadamente o fulgor do dia de Cristo e se alegrou (Jo 8.56). Davi também canta louvores a Deus tendo como tema a mesma graça que justifica o pecador e o considera justo, não obstante suas iniquidades e pecados (Sl 32.1,2).

ROMANOS 4.9-15

A Bem-Aventura é Para Todos. No caso de Abraão está claro que ele foi justificado quando era ainda gentio. O símbolo inicial do judaísmo foi estampado sobre ele muito depois de haver ele crido em Deus. O apóstolo atribui grande importância a essa ordem de tempo: primeiro, a fé, depois, a obediência e, depois então, a circuncisão, que fez dele o pai e o fundador do povo judaico. A justificação lhe foi imputada no primeiro estágio — não na circuncisão, nem mesmo na obediência, mas no simples ato de crer em Deus, como vemos em Gênesis 15.6. Só no capítulo 17 é que ouvimos falar da circuncisão.

Está claro, então, que se nós, gentios, tivermos fé como Abraão, podemos reivindicar a mesma justificação, embora não tenhamos recebido nenhum rito exterior. E podemos, também, ser considerados filhos dele. Se soubermos captar o significado dos primeiros estágios da vida do patriarca, poderemos reivindicar as promessas feitas a ele quando ainda era incircunciso. Conte-as; elas são suas. Podemos, também, vir a ser herdeiros do mundo; e como somos descendentes dele, a humanidade inteira pode ser abençoada em nós também.

ROMANOS 4.16-25

Acompanhando Abraão na Fé em Deus. O versículo 19 diz que Abraão não enfraqueceu na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo, amortecido. Ele encarou sua incapacidade física, como que levando em conta todo o seu significado. Depois, olhou para a promessa; em seguida, confrontando uma

com a outra, concluiu, absoluta e confiantemente, que a Palavra de Deus devia prevalecer, embora fossem grandes e duras as dificuldades que encontraria no caminho. Ele estava plenamente persuadido de que o que Deus prometera era capaz de cumprir.

Recordemos, então, que, a partir do momento em que confiamos em Cristo — quaisquer que tenham sido nossas fraquezas e tentações — somos considerados justos à vista de Deus. E, mais ainda, podemos ser totalmente libertos do poder do pecado. Não olhemos para baixo remoendo nossas fraquezas! Não olhemos para trás, para o passado, junçado de falhas! Olhemos para cima, para o Cristo vivo! Todas as promessas de Deus são sim e amém em Cristo Jesus (2 Co 1.20).

ROMANOS 5.1-11

Grandes Bênçãos por Meio de Cristo. Estamos firmes na graça; voltados para a glória de Deus. Nossa posição é firme, embora independente de nossos sentimentos ou méritos. É nossa para sempre, pela nossa união com o Cristo vivo. Ela é a nossa garantia de ingresso no lar dos eleitos de Deus. Já ultrapassamos a entrada e recebemos, na antecâmara, a nova roupa branca. Mas, já dentro da casa, descobrimos que há vários andares ou escadas para subir. Estão marcadas com as palavras “não somente assim” e “muito mais”.

Começando na fé, a escada passa à paz (v. 1), e desta à esperança (v. 2); da esperança ao amor (v. 5); depois vai da reconciliação à salvação e à vida e à alegria em Deus (vv. 9-11), de modo que, faça ele o que fizer, ou seja ele como for, provoca sempre em nosso coração imediata admiração e assentimento. Paremos nesses sucessivos patamares da escalada da montanha para tomar fôlego e observar o panorama que se estende ao longe. Não nos contentemos em ficar ao pé da escada quando todos esses círculos de luz nos chamam para o alto. Ponderemos principalmente no versículo 10, onde o apóstolo faz distinção entre reconciliação e salvação. Que beleza de música ressoa nesta admirável frase: “Salvos pela sua vida”, pela vida que ele

vive por nós no céu e em nós, por meio do seu Espírito.

ROMANOS 5.12-21

A Morte por Meio de Adão; a Vida por Meio de Jesus Cristo. Essa é a passagem mais profunda e a mais fundamental de toda a epístola. Ela apresenta um vislumbre das coisas profundas de Deus (1 Co 2.10). Mas para captar todo o seu significado, precisamos lê-la vagarosa e atentamente, diversas vezes. Nesse comentário, não podemos nos aprofundar muito, ficando apenas à superfície do texto.

Aqui Deus revela que a humanidade se acha unificada, não somente em Adão, mas também em Cristo. O pecado de Adão afetou a condição de todos os homens. Mas pela graça e obediência de “um só homem”, Jesus Cristo, é garantida a todos os homens a oferta da dádiva gratuita. A culpa que recaiu sobre a raça humana pelo pecado de Adão, foi removida pela obediência do Filho do homem na cruz. Portanto ninguém é condenado por causa daquela primeira transgressão, nem é sentenciado por aquela primeira queda. Num certo sentido, todos são justificados; isto é, Deus vê a cada um de nós, não na base da culpa global da raça, e, sim, na individual. Nós não somos condenados por causa de Adão, mas seremos condenados se nos recusarmos a valer-nos da graça de Jesus Cristo. Tudo que a humanidade perdeu por causa do pecado é colocado ao nosso alcance. Mais ainda, nós podemos atingir maiores alturas que Adão, bastando, para isso, que recebamos a abundância da graça de Cristo.

ROMANOS 6.1-11

“Mortos Para o Pecado, mas Vivos Para Deus”. Não basta apenas entender, ainda que claramente, nossa posição em Cristo; precisamos tomar cuidado para que a doutrina resulte numa vida santa. Nada é mais prejudicial que aceitar uma verdade intelectualmente sem manifestá-la em nosso caráter. Muitos que se batem em defesa de detalhes de exatidão doutrinária, mostram-se negligentes em relação às exigências de Cristo com vistas a uma vida que ma-

nifeste o amor divino. Por isso, após a forte exposição doutrinária, o apóstolo agora se propõe a debater o modo de se ter uma vida santa. A obra que Cristo realizou *por nós* deve ser seguida por sua obra *em nós*, com a libertação do poder do pecado.

Todos os que crêm em Cristo são vistos por Deus incluídos em sua morte. Eles não fizeram expiação pelo pecado, mas morreram para uma vida egoística, para a satisfação pessoal, para a sujeição ao espírito do mundo, a cidadania na esfera terrena, e passaram, com Cristo, para uma vida de ressurreição em glória. Esse é o significado do rito do batismo. “Observe bem esse selo!” exclama o apóstolo. “Agora você está do outro lado da morte; pertence à ressurreição. Viva em união com o Senhor ressurreto.”

ROMANOS 6.12-23

“*O Pecado Não Terá Domínio Sobre Vós.*” Posicionados com Cristo no lado da vida, devemos oferecer a Deus, para seu uso, todo o nosso ser. Nós já deixamos para trás, pregado à cruz, o corpo do pecado (Cl 2.14), e, doravante, devemos tratar de fazer com que cada faculdade nossa se torne uma arma na grande guerra de Deus contra o mal. Deixemos que nossos membros sejam monopolizados por Deus de modo que não sobre nenhum espaço para o diabo (Ef 4.27).

Todos servimos a um poder superior, mas qual? O nosso verdadeiro dono e senhor, por mais que digamos o contrário, é indicado pela vida que levamos. Nós pertencemos àquele a quem obedecemos em momento de crise. Servindo o pecado, seremos levados à impureza, à iniquidade e à morte. Se servirmos a Deus seremos levados à justiça, e dessa à santificação, e dessa à vida eterna. Moldemos nossa vida pelos santos preceitos, como o metal se molda na fôrma (v. 17). Nossa recompensa será gozar no presente uma vida que é vida de fato.

ROMANOS 7.1-13

A Lei Revela o Pecado. Para deixar mais claro seu pensamento, o apóstolo introduz uma parábola tirada da vida do-

méstica. Diz ele que estamos casados com a Lei, que é nosso primeiro marido, e procuramos, através de nossa união com ela, frutificar para Deus. Cada convertido se esforça seriamente, no primeiro impulso da nova vida, para ser bom e produzir, por meio de esforço incessante, uma vida que seja agradável a Deus. Como Caím, trazemos o fruto da terra, arrancado do solo com o suor do rosto.

Mas logo, logo, nos sentimos desapontados com o resultado. Nosso laborioso cuidado sempre termina em fracasso. Os desejos pecaminosos são muito dominadores. Como dizia Lutero: “O velho Adão é muito forte para o jovem Melanchthon”. Então verificamos que a cruz pôs a morte entre nós e nosso penoso esforço. Descobrimos que o contrato de casamento que nos unia ao nosso primeiro marido, a Lei, foi dissolvido. Agora estamos livres para celebrar uma união matrimonial com o bendito Senhor, e ele, por meio do seu Espírito que em nós habita, opera em nós o que nós, com nossas próprias energias, não conseguimos produzir. Estamos unidos àquele que ressuscitou dentre os mortos, e agora produzimos fruto para Deus.

ROMANOS 7.14-25

O Conflito Interior. O apóstolo apresenta uma exposição mais extensa de sua experiência pessoal falando da sua incapacidade para perceber o ideal divino que lhe fora revelado como uma meta a ser alcançada. A vida não transcorre suavemente. Há esforço, tensão, fracasso, consciência de pecado, e o deslumbrante brilho da luz do sol em picos inacessíveis. Por que isso? É devido à falta de “poder para a salvação”. Não somos fortes o suficiente para obter a vitória. Somos fracos por causa da carne. Existe como que um vazamento através do qual nossos bons desejos se esvaem como a água escorre de um vaso rachado.

O ego constitui sempre a dificuldade. Antes de encontrarmos a Cristo, ou de sermos achados por ele, tentamos justificar-nos pelas obras; depois, tentamos santificar-nos por nós mesmos. Observemos como esses versícu-

los estão cheios de verbos na primeira pessoa do singular — eu — e como se faz pouca referência ao Espírito Santo. Como o cadáver de um criminoso, que era, naquela época de selvajeria, pendurado ao pescoço de um homem vivo, assim é, para nós, a carne com todas as suas más incitações. Mas esse princípio, uma experiência sombria que termina em vaidade, aflição, desapontamento e miséria, leva ao capítulo seguinte, que está saturado de poder pentecostal. Uma leve previsão disso já nos reanima, como o cheiro de terra firme reanima animais que adoecem em longas viagens marítimas; e nós agradecemos a Deus.

ROMANOS 8.1-9

Vida Nova no Espírito. Esse capítulo pode, acertadamente, ser chamado “o capítulo do Espírito Santo”. O apóstolo como que manteve esse grande tema num segundo plano até que tivesse preparado o terreno, mostrando-nos nossa incapacidade para atingir nossos ideais sem o reforço da energia divina. Aqui está a força motriz para movimentar a nossa maquinária! Aqui está o poder primaveril de gerar vida, que fará com que as sementes enterradas dentro de nós rebentem no jardim do Senhor! (Veja Isaías 61.10,11.)

Não há necessidade de viver em perpétua autocondenação. Como um passarinho, obedecendo às leis do vôo, é superior à força da gravidade que o atrai para baixo, assim também o coração, onde a vida de Jesus é aplicada e sustentada pelas incessantes comunicações do Espírito Santo, obtém a vitória sobre a perpétua pressão degeneradora do pecado. Não podemos fazer outra coisa senão odiar o espírito que crucificou o Senhor. O crente se considera morto para ele, mas vivo para cada impulso do Espírito Santo de Deus. Vida, paz e justiça habitam dentro do templo. Assim, produz-se em nós uma virtude mais perfeita que a que poderíamos ter conseguido com uma obediência externa ao código do Sinai.

ROMANOS 8.10-17

Filhos e Herdeiros de Deus. O Espírito, aqui, naturalmente é o Espírito Santo,

por meio de quem Cristo vive em nós. É maravilhoso pensar que, assim como a vida que pulsa no coração também bate no pulso, do mesmo modo a mesma vida que está em Cristo na glória está em nosso coração. Nossa principal tarefa é eliminar tudo que sirva de obstáculo à sua manifestação plena. É isso que o apóstolo pretende, ao condenar à morte as práticas, os estratagemas e os pendores desgovernados do corpo, que estão sempre querendo comodismo e auto-satisfação. Em nenhum estágio de nossa peregrinação terrena podemos dispensar o poder do Espírito de Deus para libertar-nos dos feitos do corpo.

Mas existe uma outra função do Espírito divino, que é ainda mais bendita (v. 14). Ele está desejando guiar-nos, impulsionar nossas ações, inspirar nossos propósitos e moldar nosso caráter. Quanto mais nos submetemos a ele, tanto mais profunda se tornará nossa consciência daquela relação filial com Deus que está expressa no clamor: “Aba, Pai”. Mas, notemos o maravilhoso clímax (v. 17). Se nos submetemos ao Espírito Santo, ele nos conduzirá aos tesouros divinos e nos dirá para nos apropriarmos dos infinitos recursos que estão guardados para nosso uso, não na vida futura, mas nesta.

ROMANOS 8.18-30

Aguardando a Redenção Completa. A criação geme para ser liberta da picada da serpente. Como uma jovem cativa ela suspira para ser liberta da maldição que o pecado fez cair sobre ela. Os santos gemem pela ressurreição do corpo e por sua plena entrada no pleno gozo da redenção. O Espírito também geme pela rápida consumação dos propósitos de Deus — a salvação dos perdidos, a unidade da Igreja, e o advento do reino do Pai. Seus anseios se expressam através das orações dos santos.

Meu irmão entristecido, reanime-se com o versículo 28! Todas as coisas “cooperam”; não há estagnação. Estão cooperando, como os dentes de duas engrenagens que giram em direções diferentes. Estão “cooperando para o bem”. A única condição para nós é o “amor”. Aqueles que amam a Deus, são

amados por ele, e todos os ventos sopram do quadrante do amor divino. Esse amor é um sinal seguro e uma prova de que foram chamados; e, se chamados, podem estar certos de que estão na escada rolante que os está levando para o alto, passando por sucessivos estágios até chegar à glória.

ROMANOS 8.31-39

Nada nos Separará do Amor de Cristo. Este é o fecho do arrazoado feito pelo apóstolo. Ele demonstra que os crentes são amados por Deus porque estão em Cristo; que o Senhor anteviu todas as necessidades deles e as atendeu; que a culpa deles foi cancelada e que Deus tomou providências para que tenham um caráter santo e vitorioso; que o Espírito Santo está neles e com eles para sempre; que o pecado está debaixo dos seus pés e o céu sobre suas cabeças — o que, então, eles podem temer?

Em seguida, ele passa a demonstrar que o amor de Deus não é afetado, nem mesmo pelas mais extremas mudanças de nossa condição — “nem morte, nem vida” (v. 38); que não é retirado de nós nem pela ação de outra ordem de seres — “nem anjos, nem principados, nem poderes”; que está universalmente presente em toda a criação. E, finalmente, afirma que esse amor está “em Cristo Jesus nosso Senhor”. Mas, para conhecê-lo e experimentá-lo, precisamos estar unidos ao Senhor Jesus por uma fé viva. Então seremos “mais do que vencedores”; isto é, não seremos apenas vitoriosos, mas tiraremos proveito das mesmas coisas que antes nos prejudicavam.

ROMANOS 9.1-13

Anseio Pela Salvação de Seus Compatriotas. Nossa consciência deveria estar continuamente sendo banhada na luz e no calor do Espírito Santo (v. 1), de modo que o testemunho interno pudesse ser mantido em sua integridade. Devemos amar o próximo como Moisés e Paulo amaram (v. 3), para podermos compreender Êxodo 32.32 e Gálatas 3.10. A nação hebraica foi alvo de um maravilhoso privilégio pela “adoção” como primogênita de Deus, por

ter a “glória” da shekinah, e por ser chamada para manter o testemunho do templo e seus “cultos” (v. 4). Mas esses privilégios foram concedidos, não para abençoar apenas a nação, mas toda a humanidade. É esse o significado da eleição. Há raças eleitas, nações eleitas, pessoas eleitas, para que possam partilhar o que receberam e comunicar a outros todas as bênçãos que lhes tenham sido confiadas.

É doloroso, mas temos de admitir, que uma proporção muito grande da raça hebraica perdeu os privilégios para os quais tinha sido habilitada, porque os viu apenas como meios de obter conforto e enriquecimento (v. 6). Essa foi a grande diferença entre Esaú e Jacó. Está claro que o *aborreci* do versículo 13 nada mais significa do que um repúdio relativo, como o de Mateus 6.24 e Lucas 14.26. Na natureza do Deus de amor não pode existir nenhuma animosidade pessoal excetuando-se o fato de que ele retira do infiel a plena manifestação e o fluxo de seu amor.

ROMANOS 9.14-24

A Justeza das Decisões de Deus. Deus deseja fazer o melhor para todo homem. Mas, como no caso de Esaú que, injustificadamente, vendeu seu direito de primogenitura, e de Faraó, que converteu todas as revelações de Deus em oportunidades para manifestar uma crescente resistência e mais forte revolta, o Pai celestial, algumas vezes, é compelido a rejeitar aqueles que poderiam ajudá-lo na execução de seus propósitos, e usar vasos inferiores feitos de barro comum. Na primeira parte do conflito com o orgulhoso monarca egípcio, diz a Bíblia que *ele* endureceu o seu coração, e, depois, que *Deus* o endureceu (Êx 8.15; 10.20). Para o intransigente, Deus se mostra intransigente; isto é, os meios que ele usa para amolecer o coração e salvar o indivíduo irão endurecê-lo, assim como o sol que derrete a cera também endurece o barro.

O mesmo poder que o povo escolhido pela sua descrença e obstinação frustrou e repeliu, ergueu-nos a nós, os gentios, que não possuíamos uma só das vantagens que ele tinha. E que

maravilhosa misericórdia Deus nos mostrou! “As riquezas da sua glória em vasos de misericórdia” (v. 23). Que forte argumento para todos nós, para que não resistamos à graça de Deus que insta conosco tão séria e continuamente! Deus pode transformar em santos até os piores homens. Providenciemos para que ele tenha total liberdade para isso.

ROMANOS 9.25-33

Tropeçando na Pedra de Tropeço. Houve uma notável transferência de privilégio espiritual, que passou do judeu para o crente gentio. Isso não se deveu a uma mudança da parte de Deus, mas a um defeito fatal do povo hebreu. O vaso foi danificado na mão do oleiro não por inabilidade do oleiro, mas por uma falha própria do barro. O povo escolhido tropeçou na lei da fé e rejeitou seu Messias. Os gentios, por outro lado, creram nele e, por isso, alcançaram a justificação. Deus não tem variação, “nem sombra de mudança” (Tg 1.17). Qualquer aparente mudança em seu comportamento é determinada por nossa atitude para com ele.

Jesus é uma pedra de tropeço para os cegos espirituais, mas todos que nele confiam e nele descansam não serão envergonhados. Deus estabeleceu o fundamento de nossa salvação nas profundezas das águas da morte e do julgamento. Na morte de Cristo, ele condenou o pecado na carne, e agora nós que somos edificados nele, como uma pedra é ajustada ao alicerce, permaneceremos firmes quando as últimas e grandes tempestades varrerem terra e mar.

ROMANOS 10.1-10

Rejeitando o Plano Divino Para a Salvação. Como o apóstolo amava sinceramente o seu povo! Todo o ódio que nutriam contra ele não podia extinguir a devoção intensa que ele alimentava por eles. Ele podia ser o “apóstolo aos gentios” mas era essencialmente um “israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim” (11.1). A razão por que rejeitavam o evangelho assentava-se em sua inveterada recusa de “sujeitar-se” (v. 3). Não é esse o problema

de todos nós? Não é que não possamos crer, mas não queremos submeter-nos ao caminho de justiça estabelecido por Deus, pois é muito humilhante para o nosso orgulho.

Se Deus ao menos consentisse que escalássemos as alturas ou mergulhásemos nas profundezas, que fizéssemos alguma coisa grandiosa ou algum enorme sacrifício, nós nos sentiríamos satisfeitos por ser salvos, e seu auxílio no processo não nos deixaria ressentidos. Mas é intolerável ao nosso coração orgulhoso reconhecer que nossos próprios esforços são inúteis, e que a fonte exclusiva da nossa salvação é a graça de Deus.

Notemos a distinção entre “justiça” e “salvação” (v. 10). Uma é objetiva; a outra, subjetiva. A primeira designa a nossa posição diante de Deus; a segunda, a santificação de nossa vida interior, a qual não depende somente da crença do coração, mas requer a confissão de que Jesus Cristo se tornou Senhor e Rei de toda a natureza.

ROMANOS 10.11-21

Necessitando de Mensageiros das Boas Novas. O povo escolhido agastou-se, não somente pela liberalidade da graça justificadora de Deus, mas porque não havia nenhuma diferença entre eles e os gentios no que dizia respeito à salvação. Certamente devia haver uma entrada especial para eles na vida eterna, separada da que era palmilhada pelos pés do mundo pagão vulgar! Não eram eles os filhos de Abraão, o amigo de Deus? Aqui o apóstolo se sentiu obrigado a contestá-los. Não, disse ele, não pode ser! Não há diferença entre judeu e grego. Todos pecaram, e o mesmo Senhor está sobre todos, rico para com todos os que o invocam, de qualquer nacionalidade.

Os convidados para os quais a festa das bodas foi preparada, recusaram-se a comparecer, e, portanto, foi decretado que os servos do grande Rei buscassem o evangelho a toda criatura, e percorressem as estradas e caminhos do mundo em busca de convidados. No restante do capítulo (v. 14 e seguintes), o apóstolo sustenta sua determinação de pregar o evangelho além dos

limites de seu próprio povo; e assim fazendo, estava agindo com base nas palavras de Deuteronômio 32.21; Deus provocaria seu ciúme por meio de um povo que não era nação como eles tinham provocado o seu por meio de *deuses que não eram deuses* (v. 19).

ROMANOS 11.1-12

Um Remanescente Salvo Pela Graça. Mesmo nos piores dias da apostasia dos hebreus sempre havia um remanescente eleito que não se desviava após outros deuses, como acontecera nos dias de Elias. Era um conforto para o fiel coração de Paulo crer que, no meio da oposição geral provocada pela pregação do evangelho, havia muitos partidários secretos da cruz que eram fiéis ao Messias e à sua mensagem. Não há como contar esses cristãos silenciosos, desconhecidos, santos. Eles são como as mais perfumadas flores silvestres, que somente são descobertas pela fragrância que exalam. Mas são reconhecidas por Deus a cuja graça e cuidado se deve tudo que há de bom nelas.

Os eleitos procuram e acham porque se curvam para procurar do modo predeterminado por Deus e de acordo com sua orientação. Mas, quando os homens repelem essas coisas, tornam-se endurecidos e dominados por um "espírito de entorpecimento" (v. 8). Quando a Escritura diz que Deus lhes dá esse espírito, quer dizer apenas que tal estado de insensibilidade é resultado de uma lei inevitável. Mas o apóstolo alimentava a secreta esperança de que a avidez com que os gentios estavam aceitando o evangelho teria, no mistério da Providência de Deus, o efeito de trazer o povo escolhido de volta àquele que seus pais crucificaram (v. 11).

ROMANOS 11.13-24

Outros Enxertados Pela Fé. Paulo nunca abandonou a esperança de que, por fim, Israel voltasse para Deus em Cristo. Ele cria que as promessas de Deus apontavam nessa direção e que, mesmo que passassem séculos essas infalíveis garantias seriam plenamente cumpridas. Notemos suas expressões: "quanto mais a sua plenitude" (v.12);

"que será o seu restabelecimento, senão vida dentre os mortos?" (v. 15); "pois Deus é poderoso para os enxertar de novo" (v. 23); "todo o Israel será salvo" (v. 26); "a fim de usar de misericórdia para com todos" (v. 32). Ele percebeu, entretanto, que Israel deve, temporariamente, afastar-se para dar lugar à formação da Igreja, na qual não há judeu nem grego; e que quando a Igreja tiver sido formada e reunida ao seu Senhor, então terá chegado a hora de ocorrer a incorporação de Israel.

Vamos estar atentos para que nós, os gentios, compreendamos nossa posição como uma permissão para participarmos "da raiz e da seiva da oliveira" (v. 17). Cristo era a raiz da árvore, e é de sua rica natureza que obtemos o viço e a seiva, a vida e a energia, o amor e graça das Escrituras e da herança das promessas dadas aos hebreus. Subamos e possuamos a terra!

ROMANOS 11.25-36

Que Deus Possa "Usar de Misericórdia Para com Todos". "Mistérios" são as razões e princípios do procedimento divino que estão ocultos à mente do homem comum, mas revelados aos filhos de Deus pelo Espírito, que perscruta as profundezas de Deus (1 Co 2.10). Nós não sabemos dizer a que distância estamos da borda, ou quando será que a plenitude dos gentios preencherá a medida pré-estabelecida. Isso pode estar muito mais perto do que supomos, e então, a porta será fechada, e a nação hebraica será enxertada na árvore para servir ao programa divino nos últimos estágios da história humana. Deus ainda os ama por causa de seus pais, e vem o dia quando ele perdoará e removerá todos os seus pecados.

Nós podemos compreender os atos de Deus só até certo ponto; existe um limite além do qual não podemos avançar; e quando mergulharmos o olhar no abismo profundo dos procedimentos divinos, devemos exclamar: "Ó profundidade" (v. 33). A origem, a manutenção e o termo final da criação, a Providência e a redenção são de Deus. A ele deve ser dada toda a glória! Em outras palavras, nós perceberemos que

toda essa questão do pecado, da redenção, e salvação, manifesta e revela a natureza de Deus, do mesmo modo como o prisma, ao decompor a luz solar, revela-a.

ROMANOS 12.1-8

Dedicação Pessoal e Uso dos Dons. O "pois" liga esse apelo prático ao conjunto do sublime argumento que atinge seu clímax no capítulo anterior. Morrer uma vez por Deus é mais fácil do que levar uma vida submissa. Mas o que mais agrada a Deus é a submissão diária, a vontade sacrificada e rendida a ele, amarrada com cordas no seu altar. Essa é a única atitude razoável que alguém pode assumir. Se Deus é tudo que nós professamos crer, ele merece receber de nós tudo o que somos. Mas o apóstolo nos adverte de que o mundo está sempre procurando amoldar-nos à sua vontade, e por isso necessitamos da graça renovadora do Espírito Santo para que possamos resistir à sua maléfica influência. Precisamos ser transformados — isto é, transfigurados — pela renovação de nossa mente. Agrademos a Deus, e assim teremos prazer em fazer sua vontade.

Notemos que ele diz no versículo 3 que Deus opera de acordo com a medida da nossa fé. Peçamos que essa medida seja "recalcada, transbordante" (Lc 6.38). À proporção que nos vamos unindo à Cabeça, tornamo-nos membros uns dos outros. Podemos não nos reconhecer uns aos outros, como um só corpo, nem sermos assim reconhecidos pelo mundo, mas à vista dele só existe um corpo (v. 5). Que cada um aprenda o que de melhor pode fazer e a isso consagre o melhor de si mesmo. Contribuir ou orientar corretamente são dons de Deus, tanto quanto ensinar.

ROMANOS 12.9-21

Vivendo Como Cristãos. Nessa parte o apóstolo mostra como o grande princípio da consagração afeta os detalhes da conduta. É por demais necessário insistir nesses pontos práticos. Geralmente, há conferências religiosas muito poderosas, onde se prega sobre uma vida submissa e transfigurada, e cren-

tes sensíveis são levados a fazer votos e a adotar o plano de vida ali apresentado; mas, quando voltam ao lugar comum, percebe-se que não há aproveitamento em seu modo de falar ou tom de voz ou atitude. Isso provoca vergonha e desprezo. Daí a grande sabedoria do ensino especial do apóstolo nesse capítulo e nos seguintes.

Deus nos dotou com fé, a faculdade receptiva, através da qual podemos receber suas bênçãos. Dedicuemo-nos às nossas tarefas comuns no poder do Espírito Santo, pensando de modo humilde e sóbrio a respeito de nós mesmos, de modo amoroso a respeito de nossos amigos e colegas e reverente a respeito de Deus. Nós somos inspirados a cumprir as obrigações de nossa posição, seja no contribuir, ou no ensinar o ignorante, seja em mostrar misericórdia ou em exercer autoridade, porque tudo é feito sob o olhar do grande Chefe da família.

ROMANOS 13.1-7

Pagando "a Todos o que lhes é Devido". O governo humano, assim como o relacionamento familiar, é uma instituição divina. Faz parte da ordem do mundo e está enraizado na concepção original da raça. Nunca foi intenção de Deus que vivêssemos como unidades individuais, mas, sim, como membros da família e do estado. É evidente, portanto, que a autoridade exercida pelo governo representa, falando de modo geral, um princípio divino. O conforto e o bem-estar da sociedade são obtidos melhor por essa forma do que por qualquer outra, e o reconhecimento desse princípio traz consigo o assentimento das nossas convicções intuitivas. Nós devemos "pagar a todos o que lhes é devido".

Mas é preciso reconhecer também que há limites além dos quais a autoridade imperial ou legislativa não pode ir. Diz a tradição que quando Nero conclamou o apóstolo Paulo a abandonar sua fé como condição para obter a liberdade, ele não hesitou em dizer que o Imperador estava-se introduzindo numa área sobre a qual não tinha direitos, e que ele devia obedecer a Deus e não ao homem.

ROMANOS 13.8-14

O Amor Cumpre a Lei. O único débito que nunca pode ser quitado é o do amor. Visto que jamais poderemos livrar-nos da dívida para com Deus, somos intimados a mostrar infundável amor para com o homem. Se amarmos, não iremos ferir ninguém; portanto, aquele que está sempre cuidando dos outros tanto quanto cuida de si mesmo, ou mais (sendo esse o ideal cristão), está cumprindo aquela antiga lei.

Nós nos parecemos com soldados que dormem em sua barraca enquanto a aurora vai avermelhando o céu. Dentro em pouco a corneta fará soar seu toque de alvorada. A longa noite do mundo está terminando, a alva está no céu, e nem toda a malignidade dos homens e demônios pode retardá-la nem mais uma hora. Dispamo-nos das vestes que condizem somente com as trevas, e vistamo-nos da armadura do dia! Que armadura é essa? Numa palavra, é Jesus Cristo — seu caráter e método, sua abnegação e pureza — de modo que assim que os homens nos vejam, involuntariamente se voltem para ele.

ROMANOS 14.1-12

Consideração Para com os Irmãos. A consciência fraca necessita de mais instruções. Ela é anêmica e precisa chegar ao cume da montanha, onde terá uma visão mais ampla e ar revigorante; mas, enquanto não chega, seu dono tem de ser orientado pela voz dela. Ninguém deve seguir um dado caminho meramente porque outros assim estão fazendo, a não ser que ele possa revelar a fé mais corajosa e a liberdade mais ampla que eles têm. Por meio do pensamento e da oração e do estudo da Palavra de Deus, a consciência se torna educada e fortalecida e pára de preocupar-se quanto a se deveríamos ou não ser vegetarianos, se deveríamos guardar os dias santos, ou adotar um método específico de observar o sábado. Algumas pessoas estão constantemente pensando e perguntando acerca de tais coisas, como se a sua salvação eterna dependesse dessas observâncias mínimas.

Tais pessoas teriam encontrado muito

pouca orientação por parte do apóstolo. Ele teria dito: “Viva da melhor maneira que souber e, a partir do momento em que tiver adotado um determinado método de vida, siga-o humildemente, até que o Espírito de Deus lhe mostre uma perspectiva mais ampla”. O princípio essencial para todos nós é viver e morrer para agradar ao Senhor. Ele é o nosso Senhor e a ele caberá distribuir as recompensas. Enquanto isso, não julguemos um ao outro, mas vivamos em amor, deixando que cada um realize o plano de sua própria vida conforme determinar o Senhor.

ROMANOS 14.13-23

Cedendo Direitos por Amor aos Outros. Devemos ser zelosos com a fé uns dos outros. A zombaria, a crítica descari-dosa ou fortes pressões de nossos argumentos e razões podem impedir que a vida divina se forme em naturezas mais fracas, induzindo-as a agir contrariamente às suas próprias convicções. Quem possui uma liberdade maior não deve alardeá-la nem instigar os outros a agir contra sua consciência. Podemos, naturalmente, de maneira comedida e amorosa, explicar por que não nos submetemos a escrúpulos sem valor. Podemos mostrar, como Paulo fez diversas vezes, que Cristo nos chamou para a liberdade; mas nós não devemos tentar fixar normas para a conduta de outrem. O santuário da alma não deve ser invadido. Só o Espírito pode pronunciar seus oráculos nele.

Deixemos cada discípulo aos cuidados do seu Senhor, cada planta aos do seu Jardineiro, cada filho aos do seu Pai. Em muitas coisas podemos permitir-nos mais liberdade do que outros se permitem a si mesmos; mas isso deve ser feito com sabedoria, e devemos recusar valer-nos disso quando aqueles que estão junto de nós podem correr perigo. Não precisamos nos preocupar com a crítica reprovadora do fariseu, mas, como faz o Bom Pastor com seu rebanho, precisamos acomodar o nosso passo ao dos cordeiros (Is 40.11).

ROMANOS 15.1-13

Seguir a Cristo Agradando aos Outros. Esse capítulo é notável por sua tripla desig-

nação de Deus: “o Deus de paciência e consolação” (v. 5); “o Deus da esperança” (v. 13); e “o Deus da paz” (v. 33). Nosso caráter pode ser deficiente nessas coisas, mas a plenitude de Deus está à nossa disposição. Não há escassez ou falta para aqueles a quem ele diz: “Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu”.

Devemos estar sempre atentos para ajudar os fracos, os sobrecarregados e os abatidos. Ajudemo-los a suportar seus fardos, ansiedades, medos e indagações — comunicando-lhes um pouco da nossa alegre esperança, nunca satisfazendo a nós mesmos, misericordiosos para com os outros, embora implacáveis quanto ao padrão e crítica que fazemos à nossa própria conduta, confortando-nos com a Palavra de Deus, de modo a sermos capazes de comunicar aos outros essas divinas consolações. Quando essas condições se tornam realidade, a vida se transforma num verdadeiro céu na terra. Mas precisamos satisfazer às exigências dos versículos 9 a 13, alegrando-nos no louvor e enchendo-nos de esperança. A vista do lado da terra pode ser escura e deprimente, mas abramos nossas janelas para Deus — assim a terra fica iluminada.

ROMANOS 15.14-21

Um Pregador que Achou Seu Próprio Campo. Quem julgasse superficialmente a vida do apóstolo no tempo a que ele se refere poderia ter suposto ser ele um mero viajante judeu, correndo de um lado para outro, sob circunstâncias de extrema pobreza e sem resultados especiais. Mas, de fato, ele estava lançando os fundamentos da comunidade cristã. Sua única ambição era apresentar os gentios a Deus como oferta queimada (veja o versículo 16). A frase aqui sugere o supremo sacrifício que nobremente se tornou realidade na firmeza de propósito daquelas igrejas que pouco depois, quando das perseguições de Nero, se tornariam holocaustos de mártires.

Tudo isso se deveu à atuação de Cristo por intermédio do apóstolo. Qualquer coisa que não tivesse sido operada através do poder do Cristo pre-

sente não merecia ser mencionada. A obra que realmente importava não era a que Paulo fazia para Cristo, mas o que Cristo realizava através do apóstolo. É notável como Paulo era criterioso ao estabelecer novos campos. Isso é característico das melhores e mais altas formas de trabalho. É pobre a igreja que se beneficia do trabalho de outros, mas não tem poder para conseguir convertidos do mundo!

ROMANOS 15.22-33

Desejoso de Prestar Serviço. O apóstolo sentia que era da vontade divina que ele visitasse Roma (1.10). Confiando, como fazia, na eficácia da oração, não é surpreendente encontrá-lo instando com seus amigos romanos para se unirem a ele no pedido, como nos versículos 30-32, para que seu caminho seja desimpedido. A oração não foi respondida exatamente como ele esperava. Ele estava longe de pensar que iria para lá como prisioneiro, algemado a um soldado, e às custas do Império Romano. Mesmo assim foi com alegria, e achou repouso e descanso no amado círculo de discípulos que relaciona no capítulo seguinte. Como conhecemos pouco essa luta em oração! Mas como nos sentimos perto dos amigos ausentes quando oramos desse modo: “que luteis juntamente comigo”!

“Pelo amor do Espírito” é uma expressão agradabilíssima. Ela dá testemunho quanto ao fato de que o Espírito Santo é uma Pessoa, visto que uma mera influência não pode amar. Ela mostra, também, que podemos receber sua presença em nós e sua orientação com toda confiança. Ele é o Espírito *Santo*, mas não precisamos esquivar-nos dele como se fosse um convidado solene. Isso também nos lembra o quanto ele pode ser entristecido. Não há tristeza mais pungente que a do amor.

ROMANOS 16.1-16

Um Interesse Pessoal Pelos Companheiros Cristãos. Aqui se abre uma janela pela qual divisamos o coração de Paulo. Evidentemente ele havia sido rejeitado pelos próprios parentes, embora, como o Senhor tinha prometido, tivesse cem

vezes mais, mães, irmãos e irmãs. Que contraste entre o espírito desse capítulo e o daquele em que se refere ao mero discutidor ou teólogo, estóico ou monge. Vemos, também, a cortesia, a pureza, a consideração e a ternura do relacionamento cristão.

Aí estão as mulheres — Febe, Priscila, Maria, Júnia, Pérside, Júlia e outras. O apóstolo percebeu o imenso auxílio que as santas mulheres podiam oferecer ao ministério do evangelho. E aí estão os homens: — velhos e moços, pais, irmãos e filhos. Belos títulos são dados com mão generosa embora estabelecendo diferenças — “protetora, cooperadores, amado, aprovado em Cristo, santos”. E como é bela a distinção “a estimada Pérside que também muito trabalhou no Senhor”. O beijo era o modo comum de saudação, mas importava haver uma nova santidade nele, como se Cristo estivesse de per-meio. Essa igreja de Roma era um modelo para outras igrejas. Será que podemos alcançar a mesma unidade espiritual que caracterizou as reuniões desses primeiros crentes?

ROMANOS 16.17-27

Receber os Ajudadores; Afastar-se dos Perturbadores. Aqueles que criam divisões

por causa de pontos obscuros de doutrina devem ser evitados, a fim de que não nos afastem dos princípios fundamentais. Precisamos possuir a sabedoria celestial e ser inocentes em relação ao mal. O puro, aquele cujo coração é como o de uma criança, é rápido no discernir entre o certo e o errado, por causa do bafo que o mal deixa em seu espelho cristalino.

No caso de cada crente, ainda que fraco e desamparado, Deus está comprometido a cumprir conosco a promessa de Gênesis 3.15. Ele não apenas nos ajudará a fazê-lo, mas o fará por nós. É uma combinação extraordinária; Deus contra o diabo e a paz “esmagadora”.

É provável que estes pós-escritos, do versículo 17 em diante, tenham sido escritos pessoalmente por Paulo. (Veja 1 Coríntios 16.21.) Nem todos somos, como eram Gaio e Erasto, homens eminentes e ricos, mas podemos, todos, assemelhar-nos a Quarto, “o irmão”. O mistério ou segredo com o qual se encerra a epístola se refere à redenção realizada por Jesus durante o seu ministério terreno (1 Tm 3.16). Mas isso não era coisa nova, visto que tinha estado na mente de Deus desde os tempos eternos (Ap 13.8).

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

*O Evangelho — o Poder de Deus
e a Sabedoria de Deus*



SAUDAÇÃO 1.1-3.

1. A VERDADEIRA E A FALSA SABEDORIA 1.4-6.20.
 - a. Agradecendo a graça concedida aos coríntios 1.4-9.
 - b. A causa das divisões na igreja e suas soluções 1.10-31.
 - c. A base do ministério de Paulo 2.
 - d. A função dos apóstolos 3.
 - e. Os trabalhos de Paulo 4.1-13.
 - f. Condições que exigem a presença de Paulo em Corinto 4.14-5.13.
 - g. Contraste entre a vida pagã e a cristã 6.
2. RESPOSTA ÀS INDAGAÇÕES DOS CORÍNTIOS 7-10.
 - a. A respeito do casamento 7.
 - b. A respeito das coisas sacrificadas aos ídolos 8,10.
(A liberdade apostólica) 9.
3. “UM CAMINHO SOBREMODO EXCELENTE” 11-16.
 - a. O comportamento das mulheres na igreja 11.1-16.
 - b. A celebração da ceia do Senhor 11.17-34.
 - c. A respeito dos dons espirituais 12.
 - d. O maior dom 13.
 - e. O dom de línguas 14.
 - f. A ressurreição 15.
 - g. A coleta para os santos 16.1-8.
 - h. Assuntos pessoais 16.9-18.

CONCLUSÃO 16.19-24.

INTRODUÇÃO

Corinto era uma cidade importante e rica. Tendo portos em dois mares, era um grande centro comercial. O cristianismo foi ali introduzido por Paulo em sua segunda viagem missionária. Seu persistente trabalho foi bem-sucedido, resultando numa igreja vigorosa. Mas, tendo de se afastar para outros campos de trabalho, sérias dificuldades surgiram entre os crentes. Alguns admitiam a imoralidade, as festas aos ídolos, processos nos tribunais pagãos e despudor entre as mulheres. Como Paulo recebesse em Éfeso comunicações a respeito dessas coisas, escreveu essa carta à Igreja de Corinto, “com muitas lágrimas” (2 Co 2.4). A carta foi escrita aí pelo ano 57 d.C. Vários aspectos de grande interesse são focalizados nessa epístola — notadamente o evangelho segundo a sabedoria de Deus, a supremacia do amor, e a doutrina da ressurreição.

COMENTÁRIO

1 CORÍNTIOS 1.1-11

Enriquecidos e Unidos em Cristo. Era agradável para a igreja em Corinto constatar que havia alguém dentre os seus membros que estava associado com o apóstolo em seu grande ministério. (Compare o versículo 1 com Atos 18.17.) Nós fomos santificados em Cristo segundo o propósito de Deus, mas importa que confirmemos nosso chamado vivendo santamente. Notemos a liberalidade de Paulo — para ele, bastava que um homem invocasse a Jesus como seu Senhor. Os que assim procediam ele podia receber como irmãos. Não existia nenhum traço de um sectarismo estreito em sua natureza.

Se quisermos viver a verdadeira vida, precisamos recorrer a Jesus Cristo. Nossas riquezas estão nele, à espera de que as reivindicuemos e as usemos. As insondáveis riquezas de Cristo estão à nossa disposição, mas é preciso que nos apropriemos delas e as ponhamos em uso. Começemos a viver como herdeiros de Deus. Temos a mensagem e o conhecimento através do Espírito

Santo. Mas nós os temos procurado em nós mesmos. Esse é o nosso erro! Devemos olhar para o alto antes de estender nossas mãos para o mundo. Deus nos chamou para estarmos lado a lado com seu Filho. Partilhamos das tristezas, sofrimentos e trabalhos dele pela conversão do mundo; e ele nos convida a participar de sua graça. O *inteiramente unidos* do versículo 10 traz a idéia de remendar uma roupa rasgada. O objetivo de Paulo nessa epístola era pôr fim à contenda que havia dividido a Igreja de Corinto.

1 CORÍNTIOS 1.12-25

A Cruz, o Poder Salvador de Deus. Apolo seguira diretamente de Éfeso para Corinto (At 19.1). Ali formou-se ao seu redor um grupo, atraído principalmente por sua eloquência e brilho intelectual. Cefas era Pedro, e, ao redor de seu nome se agrupavam os elementos mais conservadores. Cristo representava a glória prometida do Reino Messiânico. Paulo se sentiu por demais aflito ao ouvir dizer que havia uma quarta divisão na igreja que assumira

o nome dele. Ele dizia aos coríntios que, fosse o que fosse que seus mestres humanos tivessem feito por eles, só haviam-lhes dado os diversos aspectos da verdade ou pontos de vista a respeito dela. Mas tudo isso desaparecia em total insignificância quando colocado diante da morte de Cristo na cruz.

A “cruz” aqui diz respeito não somente à doutrina da expiação, mas também ao humilde ato de carregar a cruz na vida diária. Há muitos que usam uma cruz como enfeite na roupa, mas que não é evidência de um espírito compassivo, quebrantado e sacrificial. Todo mundo precisa de um calvário no coração. No grego, a expressão “ser salvo” é tanto um processo como uma experiência imediata. Que maravilha é ter a graça de conhecer a cruz, nunca se envergonhar dela, e pregar um Salvador crucificado com espírito humilde, crucificado!

1 CORÍNTIOS 1.26-2.5

A Glória de Deus na Fraqueza dos Homens. Assim como os filhos de Jessé passaram diante de Samuel, assim passam diante de Cristo as sucessivas multidões nas quais o mundo confia. Os sábios, os poderosos, os nobres, os grandes, as coisas que são! E o Rei diz: “Não foi a esses que eu escolhi!” Os guerreiros com os quais ele ganhará o mundo para si são os joões-ninguém, as pessoas que não contam na opinião do mundo. Não nos depreciemos a nós mesmos, mas demonstremos a ele; ele achará uma posição adequada para nós e tornará nossa vida digna de ser vivida. Observemos como Deus nos pôs em união com Cristo Jesus. Tudo de que precisamos para a vida e santidade estão nele; cabe a nós fazer o máximo que pudermos com nossa admirável posição e maravilhosas posses.

Paulo viajara a Corinto proveniente de Atenas, onde procurara ganhar os ouvintes por meio de um discurso elaborado e filosófico que melhor se ajustava às necessidades deles. Mas, quando entrou em Corinto, parece ter decidido deliberadamente que seu tema seria o Senhor crucificado, expresso na linguagem mais simples possível. Quando falamos a verdade reve-

lada em Jesus, o Espírito está sempre por perto para reforçar o nosso testemunho por meio de sua demonstração e poder.

1 CORÍNTIOS 2.6-16

A Sabedoria de Deus é Revelada Espiritualmente. Os experimentados são aqueles que se tornaram adultos e amadurecidos na experiência cristã. Eles necessitam de alimento forte. Para eles há benditas revelações das coisas ocultas de Deus, mistérios que nem os mais profundos pensadores deste mundo descobriram. As palavras do versículo 9 não devem ser aplicadas apenas ao céu; no primeiro plano, elas se aplicam a nós nesta vida mortal. Os olhos humanos, que já viram as coisas mais lindas da terra, e os ouvidos, que já ouviram os mais doces acordes da música humana, nunca experimentaram as profundezas de prazer experimentadas por aqueles que encontraram o amor de Deus em Cristo. Os que conhecem Cristo não devem se contentar com os meros rudimentos do evangelho, mas seguir avante para conhecer as coisas mais profundas que escapam aos que são apenas inteligentes, mas são reveladas aos que são realmente bons.

Há dois tipos de homens. Há o “espiritual”, cujo espírito é o templo e a morada do Espírito de Deus. Ele conhece os pensamentos de Deus, porque tem uma união viva com a Mente eterna. E há o “homem natural”, que possui meramente o intelecto e a consciência da humanidade comum.

1 CORÍNTIOS 3.1-9

A Prosperidade Vem de Deus. Em suas relações com seu semelhante, os seguidores de Cristo precisam conscientizar-se de suas obrigações como membros duma grande família, com um Deus comum a todos. Um homem pode “estar em Cristo”, verdadeiramente regenerado e perdoado de seus pecados passados, e ainda assim ser carnal, isto é, de acordo com Romanos 7.18, ele pode ser governado pelo *eu*. Os sinais dessa disposição interior estão estabelecidos aqui. Ele é um bebê que precisa ser alimentado com leite, em pequenas quantidades mas muitas vezes,

por ser incapaz de digerir alimento sólido. É um sectário, que vive menosprezando os que não pertencem à sua escola particular de pensamento. Ele se deixa contaminar pelo ciúme e pela contenda. Testemos nossa vida cristã por esses sintomas. Onde estamos nós? Se estamos cõscios de que o ego se entronizou em nós, e é nosso motivador dominante, não descansemos enquanto não colocarmos Cristo no lugar dele.

Não é fácil entender que o que planta e o que rega não são absolutamente nada, e que Deus é tudo. Pensemos acerca de nós mesmos apenas como instrumentos de Deus e, de modo humilde, como cooperadores dele. Esse é um pensamento mais salutar. Constantemente, quando engajados na tarefa de amansar o solo como faz o evangelista, ou em edificar um caráter como faz o pregador e o mestre, creditemos o sucesso ao poder do nosso grande Sócio. Ele deve entrar com o plano de ação e a diretriz; cabe a nós nos conformarmos inteiramente à sua vontade e direção.

1 CORÍNTIOS 3.10-23

Edificar Sobre Firme Fundamento. Somos chamados para contribuir com nossa parte nesse edifício constituído de salvos, que está sendo construído através dos tempos, para ser uma habitação de Deus por meio do Espírito (Ef 2.21,22). Mas, além disso, não podemos negligenciar a construção do nosso próprio caráter sobre o único fundamento, que é Jesus Cristo. Deus determinou que seja ele o fundamento de toda estrutura que subsistirá a todos os testes de fogo pelos quais teremos que passar. De qualquer modo, nós estamos sempre construindo, dia a dia. Tudo que fizermos ou dissermos é mais uma pedra, mais um tijolo. Cabe-nos decidir que tipo de material utilizaremos; se madeira, feno ou palha, ou, ainda, ouro, prata ou pedras preciosas.

Todas as coisas operam em favor do homem ou mulher que serve a Cristo. Mesmo uma vida muito humilde pode ser um elo da corrente de um ministério dourado que liga terra e céu. O Senhor foi constantemente apresentado

no Antigo Testamento como o Servo de Deus. Ele disse que descera à terra para fazer a vontade do Pai. “No meio de vós, eu sou como quem serve.” Quando nós o servimos como ele serve aos grandes propósitos de Deus, então tudo começa a operar em nosso favor. Os extremos da existência, da criação e da duração nos servem.

1 CORÍNTIOS 4.1-13

Despenseiros Responsáveis Perante Seu Senhor. De acordo com Mateus 13.51,52, os ministros ou mestres do evangelho de Deus são apenas despenseiros das coisas ocultas de Deus. Eles não deviam atrair a atenção dos outros sobre si mesmos nem sobre o modo como distribuem os bens do Senhor. Seu principal objetivo é ser fiéis à confiança neles depositada; engrandecer o Senhor e diminuir-se ao máximo. Paulo tinha consciência de que não havia violado a confiança do Senhor, mas mesmo assim não se sentiria satisfeito enquanto não ouvisse o veredicto dele acerca de sua missão. Observemos os quatro tribunais de apelação: nosso próprio julgamento, o julgamento do nosso semelhante, o tribunal humano e o de Cristo. O Senhor inverterá muitos dos julgamentos humanos, mas todos darão testemunho de que seu veredicto é totalmente justo.

Com palavras enérgicas, o apóstolo mostra como era grande a diferença entre a vida tranqüila que tinha a Igreja de Corinto, bem como sua busca da auto-satisfação, e as condições difíceis que ele e seus colaboradores muitas vezes enfrentavam. Muitos os viam como prisioneiros de guerra marchando na retaguarda do cortejo triunfal de um rei vitorioso, sendo conduzidos para a morte. Mas isso lhes importava pouco desde que Cristo fosse adorado, amado, glorificado e seu reino difundido.

1 CORÍNTIOS 4.14-21

Ensinando aos Convertidos os Caminhos de Cristo. A relação entre o apóstolo e seus convertidos era muito afetiva. Eles eram seus filhos. Talvez tivessem diversos instrutores e tutores, mas podiam ter apenas um pai; e, como pai, ele poderia precisar usar a vara. O

amor pode ser severo e punitivo. Poucando a vara estaremos prejudicando a criança. Não é o verdadeiro amor e, sim, o egoísmo que se abstém de reprimir e castigar quando se sabe que estão em jogo interesses eternos. Esse é um aspecto do amor de Deus que é suscetível de ser descuidado. Se não recebemos castigo, somos bastardos e não filhos. “Que filho há a quem o pai não corrige?” (Hb 12.7.)

O amado Timóteo foi enviado para trazer a igreja inífiel de volta a seu antigo amor e antiga fé. Ele estava bem capacitado para representar o apóstolo até que Paulo pudesse libertar-se de suas inúmeras tarefas em Éfeso. Note-mos que o reino de Deus vem em poder, não em palavra (v. 20). Não será essa a razão por que ele vem tão lentamente? Nós o encaramos como se ele viesse através do nosso muito falar, através da linguagem eloqüente e melosa. Mas não é assim. Ele vem pelo poder do Espírito Santo, e pela supremacia do Espírito Divino sobre todos os outros poderes espirituais. Deus, envia-nos mais desse grande dinamismo!

1 CORÍNTIOS 5

Removendo as Sementes do Mal. O pecado a que Paulo se refere nesse capítulo tinha sido tolerado pela Igreja de Corinto, e isso demonstrava que o padrão moral predominante estava baixo. Um homem se casara com a segunda esposa de seu pai — provavelmente o pai morrerá. Tal aliança não podia ser tolerada. Todo o corpo da igreja devia proferir uma condenação do pecado, agindo em harmonia com o Espírito Santo presente entre eles. “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (At 15.28).

Paulo compara a Igreja de Corinto aos filhos de Israel que, depois de aspergir o sangue, celebravam o banquete da alegria a portas fechadas — após fazer uma cuidadosa busca para descobrir se havia alguma partícula de fermento que tivesse escapado ao seu minucioso exame. De igual modo deveríamos eliminar de nossa vida, nossa casa e igreja tudo que possa entristecer nosso precioso Paráclito. Como Cristo foi morto por nós, devemos

alimentar-nos dele com festiva alegria. Nossos lombos devem estar cingidos como convém àqueles que estão prontos a partir para atender a um chamado repentino. Devemos estar sempre alerta para perceber o chamado para sairmos deste escuro mundo egípcio rumo ao mundo vindouro.

1 CORÍNTIOS 6.1-11

Solucionando Divergências Entre Irmãos. Obviamente o apóstolo era de opinião que o mais certo para um cristão seria sofrer a injustiça e o agravo do que recorrer à lei perante um tribunal pagão. Se seu conselho fosse seguido, uma infinidade de disputas teriam um desfecho mais feliz. No caso em que for necessário deter atos criminosos no interesse dos fracos e indefesos, então temos de apelar para a lei e para a polícia para que estas os protejam e cuidem do problema; mas quando só estão em jogo nossos interesses particulares, pessoais e individuais, procederíamos com mais sabedoria se submetêssemos nosso caso a arbitramento, ou sofrêssemos a perda pacientemente.

Quem são os herdeiros do reino do céu (vv. 9-11)? Mas não investiguemos sua vida passada. Há páginas em sua vida que melhor seria serem obliteradas e esquecidas; ou, se recordadas, deviam ser vistas apenas como pano de fundo para ressaltar a incomparável graça e o inigualável amor de Deus. Sim, essa graça será, para sempre, o nosso tema, quando nos lembrarmos das profundezas de onde ela nos ergueu e das alturas às quais ela nos elevou. Notemos que o Senhor Jesus e o Espírito Santo são mencionados juntos. É por meio do Espírito Santo que nós passamos a possuir a natureza do Senhor, que substitui nossa velha natureza má e nos capacita para viver a vida dele.

1 CORÍNTIOS 6.12-20

Conservando Santo Nosso Corpo. É interessante comparar o versículo 12 com 10.23. Nos dois versículos, há quatro cláusulas, três das quais são semelhantes, mas as últimas diferem. As duas leis que devem reger nossa vida em práticas nas quais temos dúvida são:

primeira, cessar de fazer alguma coisa que ameaça dominar-nos; e, segunda, o abster-se de algo que ameaça vir a ser uma pedra de tropeço para a vida espiritual de outrem.

Não basta estar vigilante contra a tentação; devemos estar tão cheios do Espírito do Salvador ressuscitado de modo que os desejos da carne não exerçam fascínio sobre nós. O poder que levantou do túmulo o corpo de Jesus, seguramente, é bastante forte para erguer o nosso da escravidão da corrupção, e trasladá-lo para o plano da ressurreição. Conservemo-nos unidos ao Senhor em um espírito, para que ele possa derramar sua energia viva em nossa natureza. Quando ele nos remiu, tomou a si, também, a missão de salvar-nos total e inteiramente — espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23). Confie-mos-lhe a guarda de nosso corpo. Consideremos o corpo como o átrio exterior de um templo, em cujo santuário habita o Espírito Santo; e como, no passado, a glória do Senhor enchia todo o templo, de modo igual, confiemos no Espírito de Santidade para tornarmos inteiramente santos e nos conservar assim.

1 CORÍNTIOS 7.1-14

Laços Matrimoniais. O apóstolo se dirige, em primeiro lugar, aos homens solteiros (v. 1). Em outro lugar ele fala reverentemente acerca do casamento (Ef 5.23). Proibir o casamento, em sua opinião, é um indício de apostasia (1 Tm 4.1-3). Suas recomendações aqui foram ocasionadas evidentemente, pelas circunstâncias especiais daquele tempo difícil e perigoso. A concepção mais sublime do matrimônio é o casamento de duas pessoas que encontraram afinidade uma na outra. O apóstolo está tratando aqui da única concepção de matrimônio cogitada por esses recém-convertidos do paganismo. Ele discute a questão primeiro no próprio nível deles, com a determinação de, no fim, levá-los a encarar o matrimônio do ponto de vista de Cristo. Muitas vezes, é bom renunciar a coisas lícitas, para que possamos nos submeter ao Espírito de Deus de forma mais completa.

Dirigindo-se aos casados (v. 10ss),

Paulo não está tratando da formação de laços matrimoniais; eles estão definidos em 2 Coríntios 6.14. Ele está definindo que curso de ação deve ser seguido quando um homem ou uma mulher se tornam cristãos, e seu cônjuge não se converte. Ele ensina que o cristão não deve separar-se, desde que o cônjuge descrente deseje continuar a viver junto.

1 CORÍNTIOS 7.15-24

Servindo a Deus em Nossa Vocação. Havia muita desordem em relação ao matrimônio, na igreja em Corinto. Em alguns setores havia um asceticismo antinatural; em outros, uma excessiva satisfação dos próprios desejos. Paulo se posiciona resolutamente contra essas tendências. Enquanto sustentava que o casamento devia ser contraído somente no Senhor, também ensinava que, nos casos em que havia sido consumado, não deveria ser dissolvido por iniciativa do cristão, embora o desejo do cônjuge descrente pudesse ser atendido. Os filhos, também, mesmo que um dos pais fosse pagão, poderiam ser considerados puros.

O apóstolo se refere tanto à profissão como à vida cristã como chamado divino (vv. 18-24). Todos nós somos chamados por Deus, quer trabalhemos em negócios ou numa profissão qualquer, tanto quanto um estudante o é para o ministério. É interessante notar que há homens que falam de seu negócio como seu “chamado”. Deus tem um propósito para cada um de nós e nos convida a cumpri-lo. A não ser que sejamos induzidos de uma forma toda especial a agir de outro modo, deveríamos, ao entrar na vida cristã, permanecer na mesma ocupação à qual nos dedicávamos anteriormente. A única diferença é que devemos permanecer nela com Deus (v. 24). Em todo serviço, por mais humilde que seja, devemos manter sempre os olhos em Cristo. Tudo pode ser feito nele, com ele, para ele.

1 CORÍNTIOS 7.25-40

Conselhos Para Uma Época Especial. A “virgem” aqui mencionada é, provavelmente, uma jovem que estava compro-

metida para casar-se, e a orientação é definida claramente como sendo apenas um conselho específico para essa época, quando a dissolução de todas as coisas parecia próxima. Parecia mais sábio não se casar já que tudo estava em transição, mas quem se casasse não estaria pecando, desde que fosse “somente no Senhor” (v. 39). Como peregrinos deveríamos possuir todas as coisas terrenas apenas de passagem (v. 30).

A alusão feita no versículo 31 diz respeito ao cenário variável de um teatro. O modo de ser da época é semelhante às cenas de um filme que estão sempre mudando, como um lampejo, perante a platéia, e não pode ser interrompido nem voltar atrás. Não há dúvida de que os solteiros deveriam ponderar cuidadosamente nas recomendações dos versículos 32 a 34, a primeira das quais é dirigida ao homem e a segunda, à mulher. Quando ambos são cristãos, entretanto, é certo que pode haver união no cuidado pelas coisas do Senhor, para que a grande causa do seu reino possa avançar e não ser travancada. Mas Paulo nesse capítulo, em harmonia com o ensino geral do Novo Testamento, enfatiza a absoluta importância de o casamento ser “somente no Senhor” (v. 19).

1 CORÍNTIOS 8

Consideração Pelas Fraquezas dos Outros. Era o costume do povo da época apresentar nos templos dedicados aos ídolos, o alimento que era vendido e comprado nos mercados públicos para que fosse abençoado. Em torno disso, surgiu então, uma séria questão: se o convertido cristão podia comer ou não tal alimento. Paulo adotou um ponto de vista liberal e sensato acerca da situação. Declarou que há somente um Deus e que um ídolo, no sentido absoluto, não passa de uma ficção. Portanto, o que os açougueiros pagãos poderiam ter feito com a carne antes de expô-la à venda não tinha nenhuma importância. Mas ao mesmo tempo, se um irmão mais fraco fosse realmente prejudicado em sua vida cristã por ver outro irmão comendo num templo pagão, isso seria razão suficiente para

que o mais forte se abstivesse daquela prática por amor do irmão mais fraco. Há muitas coisas que, no que nos diz respeito, poderíamos sentir-nos livres para praticar ou deixar outros praticarem, mas as quais devemos evitar se sua prática representar uma ameaça ao crescimento espiritual de outro irmão ou servir para desviá-lo do caminho certo.

1 CORÍNTIOS 9.1-15

Nossos Direitos e a Renúncia a Eles. A afirmação de Paulo de que era igual a Pedro e aos demais apóstolos foi violentamente discutida por seus inimigos de Corinto, porque, em vários aspectos, ele era diferente deles. Diferentemente de Pedro, não tinha esposa para sustentar; e trabalhava para se manter, em vez de ser sustentado pelas igrejas. Nesse capítulo, ele reivindica, em tons firmes, seus direitos nessa questão; mas mostra-se igualmente decidido ao declarar que se recusara a fazer uso desse direito, de modo a poder exercer influência sobre um círculo mais amplo de pessoas. Ele era soldado, vinhateiro e pastor, e poderia exigir sua remuneração. Mas preferia que ninguém viesse acusá-lo de interesseiro. Sabia que havia críticos zelosos a vigiar cada ação sua, procurando avaliar suas intenções secretas. Eram esses os homens que ele desejava ganhar, e por cuja causa renunciaria a seus legítimos direitos.

Que lição para todos nós, mas principalmente para os que são chamados para ser ministros do evangelho de Cristo! Precisamos estar acima de qualquer suspeita. Se fizermos ou permitirmos que seja feita alguma coisa que possa constituir-se num obstáculo para que outros aceitem a Cristo, devemos privar-nos dela, ainda que em si mesma ela seja correta, de modo a podermos ganhá-los para o nosso Salvador.

1 CORÍNTIOS 9.16-27

Escravo de Todos. O único objetivo de Paulo era “ganhar” as pessoas. Ele usa essa palavra repetidamente. Para ganhar mais um para o Senhor, ele se privaria de confortos, compensações e de um bem merecido repouso. Nunca

permitiria que alguém que compete para ganhar um prêmio terreno o suplantasse em seus sacrifícios por essa coroa de gozo. Ele chama a atenção para as renúncias, para o duro treinamento e a severa disciplina a que se sujeitam aqueles que participam de competições esportivas. Ninguém achava estranho que estes se sacrificassem tanto apenas pela chance de vencer; por que, então, deveria ser ele considerado extravagante, ele que procurava o firme galardão ganhando novos adeptos para a cruz do seu Senhor?

Ele diz que vivia constantemente receoso de se tornar um desqualificado. Não que tivesse medo de ser rejeitado por Deus; mas temia que Deus, que o usara tão maravilhosamente, cessasse de fazê-lo, e o rejeitasse, escolhendo alguém mais desprendido, mais flexível, mais livre de coisas que pudessem provocar preconceitos. Se Paulo estava tão ansioso para renunciar a seus direitos e a esmurrar seu corpo de modo a poder alcançar o prêmio de ganhar almas, a pergunta que podemos fazer é se, devido a nossas falhas nessas questões, Deus não será obrigado a lançar-nos no monte de refúgio!

1 CORÍNTIOS 10.1-10

Aprendamos com a História Bíblica. Paulo diz duas vezes que a história do êxodo foi escrita como um ensino para nós (vv. 6, 11). Convém, portanto, que estudemos a narrativa com a intenção sincera de obter todos os ensinamentos e orientações que ela pode oferecer-nos. A grande lição dela é a de que o ser humano falha até nas mais promissoras circunstâncias. Ali estavam pessoas que haviam sido arrebatadas de terríveis dificuldades e perigos, e achavam-se ligadas a Deus por sérias obrigações, mas que, na hora da tentação, falharam miseravelmente para com ele.

Consideremos os privilégios do povo escolhido. Foram guiados pela nuvem divina. O mar Vermelho, como uma sepultura, separava-os da terra da escravidão. Comiam diariamente do maná celestial e bebiam da água que jorrou da rocha. Mas todas essas coisas são tipos das bênçãos espirituais

que nos aguardam em Cristo. Seu túmulo separa-nos do mundo; ele nos dá sua orientação; nós nos alimentamos diariamente de sua vida e de seu socorro. Estejamos alerta para, ao contrário do que fez Israel, não permitirmos que Moabe lance sobre nós o encantamento da tolerância sexual, levando-nos, assim, a provocar o desagrado de Deus. Não tentemos o Senhor por meio da murmuração ou da incredulidade. Vivamos sempre de forma a nos mostrar dignos daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

1 CORÍNTIOS 10.11-22

Não Tenhais Comunhão com o Mal. A expressão “os fins dos séculos” significa o fim de uma grande era e o começo de outra. A dispensação judaica estava chegando ao fim, a era cristã começando. Que mensagem confortadora nos é dada no versículo 13! Como nosso Deus é fiel! O tentador precisa obter permissão antes de assaltar-nos (Lc 22.31,32). Nenhuma tentação é de fato novidade; e, se outros as venceram, também podemos fazê-lo (Hb 4.15). As pressões da tentação são sempre acompanhadas de uma reserva de graça correspondente, bastando que nossos olhos estejam abertos para percebê-la.

Abster-se das festas idolátricas era, não havia dúvida, o dever de todos os cristãos. Se participassem dos sacrifícios pagãos oferecidos aos demônios, eles se associavam com os demônios e seus seguidores, da mesma forma que nós, na ceia do Senhor, mostramos nossa unidade não somente com o Salvador, mas uns com os outros. Era claro, portanto, que os cristãos coríntios não podiam participar das festas idolátricas e da ceia do Senhor; isso seria incoerência. Que incentivo ele nos dá aqui para participarmos freqüente e reverentemente da ceia do Senhor! Por ela, proclamamos nossa união com ele e com seu povo e demonstramos aversão por tudo que é alheio ao seu espírito.

1 CORÍNTIOS 10.23-11.1

“Fazei Tudo Para a Glória de Deus.” Parece que nas instruções do apóstolo há

uma clara distinção entre banquetear-se em um templo dedicado a um ídolo, e a aceitação de um convite para jantar em uma casa particular, como nos versículos 25 e 27. O crente em Cristo sabia que um ídolo nada era em si mesmo, e o fato do alimento ter sido oferecido diante de um altar não o tornava melhor nem pior. Mas se o incrédulo pretendia usar o fato como um teste de fé, lembrando aos crentes que, ao partilharem de tal alimento, eram co-participantes nos ritos pagãos, então não havia outra saída senão recusar e abster-se.

Em toda refeição, em qualquer ato, devemos conduzir-nos de tal modo que possamos louvar e honrar sempre a Deus. Nossa satisfação pessoal por meio dessa dádiva divina que é o alimento e que constitui a essência de uma refeição cristã, deve estar sempre subordinada à nossa consideração para com os escrúpulos religiosos de outros: e devemos evitar fazer qualquer coisa que os escandalize e enfraqueça sua fé. Embora nosso conhecimento de Deus possa dar-nos uma liberdade mais ampla em relação à conduta pessoal, podemos colocar um limite a ela por consideração a outros, em nome do amor cristão.

1 CORÍNTIOS 11.2-10

Cobrinho a Cabeça. Ninguém é completo em si mesmo. O homem, sem Cristo, não está completo, como a mulher, sem o homem, não está completa. Assim como Deus é a cabeça da natureza de Jesus no seu aspecto humano, assim Jesus deve ser a cabeça do homem, e este, da mulher. Mas, em todos os casos essa chefia não implica em autoridade e governo, mas em comunicação de amor, sabedoria e força, sem o que não se pode entender o que é melhor. O fato de a mulher cobrir a cabeça comparado com o do homem manter a sua cabeça descoberta, é sinal e símbolo desta interdependência.

Mas é muito interessante notar que, enquanto o evangelho insiste claramente em que seja observada a ordem divina, eleva a mulher à posição de autêntica companheira do homem, e faz com que ela seja honrada e amada

como a glória do homem. Nem a sociedade, nem a família, nem a própria mulher podem ser felizes a não ser que ela seja colocada em sua verdadeira posição. De um lado, ela se sente completa no homem; do outro, ela é sua rainha e ele a serve com toda a gentileza, ternura e força.

1 CORÍNTIOS 11.11-22

União e Ordem no Culto Público. A "autoridade" na cabeça de uma mulher, no versículo 10, se refere, provavelmente, ao véu ou cobertura que a mulher grega passava a usar depois de casada como sinal de que ela se achava presa aos laços e deveres sagrados do matrimônio. Na opinião de Paulo, portanto, era indecoroso para a mulher casada cristã pôr isso de lado. Ele concordava com a total liberdade, bem como igualdade, do homem e da mulher em Cristo, contudo, apoiava os melhores costumes da época, a fim de que o evangelho não caísse em descrédito. As mulheres, portanto, deviam cobrir a cabeça nos cultos cristãos, como os anjos cobrem o rosto na presença de Deus.

O rosto descoberto do homem significa dar glória a Deus, mas o rosto coberto da mulher implica em que ela reconhece que sua glória vem do amor e cuidado de seu marido. Cada um é dependente do outro — o homem de Deus, e a mulher do seu esposo. Esses ensinamentos são um tanto estranhos ao pensamento moderno, mas devemos pelo menos notar que não havia assunto que fosse trivial demais — nem mesmo o penteado — que não merecesse ser submetido à orientação de Cristo e relacionado aos grandes princípios de que ele é Senhor e cabeça.

1 CORÍNTIOS 11.23-34

A Celebração da Ceia do Senhor. Havia muita desordem na Igreja de Corinto, porque o banquete do amor, que precedia a ceia, era cenário de tumulto e sociabilidade, de ostentações e rivalidades. Nesse banquete da igreja primitiva cada um trazia seu próprio alimento, que era reunido ao que os demais traziam e por todos igualmente partilhado; mas, em Corinto, cada fa-

mília ou grupo ficava com o seu, e, dessa forma, era feita grande distinção entre os ricos e os pobres. Isso causava muitas mágoas e era indigno de cristãos.

Notemos que o apóstolo recebeu as palavras da instituição da ceia por meio de uma revelação direta. A ceia tem por fim não somente comemorar o ato supremo do Calvário, mas, também, ajudar-nos espiritualmente a incorporar em nós a própria vida e a morte de Jesus, de maneira que possamos ser realmente crucificados com ele e, não obstante, continuar vivos. "Para o conhecer... e a comunhão dos seus sofrimentos" (Fp 3.10). Se não discernimos o corpo de Cristo — isto é, a Igreja — cuja unidade fica perturbada e obscurida quando há dissensão, tornamo-nos passíveis de condenação. Se nos julgarmos a nós mesmos, estaremos livres do julgamento e do castigo do Todo-Poderoso.

1 CORÍNTIOS 12.1-11

Distinguindo os Dons Espirituais. Como todo crente é herdeiro de Deus, tem a mesma quantidade de graça colocada em seu crédito no banco celestial, e dela pode sacar sempre que precisar. É o que ensina a parábola das minas. Cada servo recebeu a mesma quantia. Mas há grande diversidade nos dons que Deus nos concede. Alguns têm cinco talentos, outros dois e muitos apenas um. Nos versículos 8-11, há uma lista completa desses dons e é um conforto verificar que todos sempre recebem alguma coisa (vv. 7, 11).

Observemos que a distribuição é feita pelo Espírito Santo que age soberanamente como lhe apraz (v. 11). Ele não nos informa quando isso ocorre — talvez seja no momento de nossa regeneração ou adoção — mas é importante ter em mente que os dons espirituais, provavelmente corresponderão aos nossos dons naturais. Por isso o Senhor nos diz que ele é dado a cada um "segundo a sua própria capacidade" (Mt 25.15).

Prestemos atenção à alusão feita à Trindade Divina: "o Espírito é o mesmo" (v. 4); "o Senhor é o mesmo" (v.

5); "o mesmo Deus" (v. 6). O Espírito dirige, o Salvador é o canal de suprimento, e o Pai é a fonte de tudo.

1 CORÍNTIOS 12.12-19

Muitos Membros em um Só Corpo. O uso dos dons nunca deve ser ditado por ambições pessoais nem por desejos interesseiros. Assim como cada membro do corpo físico é unido à cabeça por duas séries de nervos — o aferente, que leva ao cérebro as mais leves impressões do sentido, e o eferente, que leva às extremidades as ordens que emanam da mente — assim é cada membro da Igreja, mesmo os mais fracos e mais distantes, ligado ao seu glorioso Senhor. A cabeça de um nadador pode estar num elemento — o ar — e seus membros podem estar noutro — a água. Mesmo assim a cabeça é capaz de controlar e coordenar os membros. Assim ocorre com o Cristo invisível e sua Igreja visível na terra. A ele cabe dirigir-nos e usar-nos. Nada temos com a obra que ele confia a outros, e devemos concentrar-nos naquilo que ele quer realizar por nosso intermédio. E mesmo que isso implique em cooperar com outros membros ou em prestá-lhes serviço ou implique em ocupar uma posição de obscuridade ou em inatividade temporária, devemos sentir-nos igualmente contentes. A ele compete fazer como quiser. Não há motivo para inveja ou ciúme, que devem dar lugar a uma comunhão amorosa e auxílio mútuo, e uma paz e descanso tranquilos que vêm do reconhecimento de que isso é o beneplácito do Criador.

1 CORÍNTIOS 12.20-31

Cada um Contribuindo com Sua Parte. A mão e o pé, evidentemente, necessitam um do outro; mas a mesma interdependência está presente nas partes mais fracas e mais humildes de nossa estrutura. Na verdade, tanto quanto parece, concedemos maior honra a elas, cobrindo-as com roupas ou ornamentos. Desse modo, as partes menos importantes de nossa natureza são niveladas às demais e compensadas.

O objetivo do apóstolo nessa passagem é reforçar a interdependência

dos crentes. Um dá aos outros aquilo que estes não possuem, e por sua vez recebe auxílio de cada um deles. A Igreja Cristã não é uma massa inerte constituída de meros aprendizes que aí estão para serem instruídos e governados autoritariamente por uma pequena fração de seus membros. É uma grande sociedade cooperativa em que um é por todos e todos por um, sendo que o objetivo é levar Cristo a cada "compartimento" de nosso ser e de nossa comunidade, assim como o sangue alimenta o corpo do homem. A palavra "solidariedade" expressa a interdependência e os interesses mútuos de homens e nações; nada podia descrever mais aptamente o ideal do apóstolo.

1 CORÍNTIOS 13

Amor, Essencial a Todos. Com que encantamento o copista do apóstolo deve ter levantado os olhos do papel assim que este irrompeu nesse primoroso poema sobre o amor! Seu espírito radiante captara um vislumbre do Salvador vivo. É como se Jesus estivesse posando para seu retrato nessas frases candentes; cada expressão dessas aplica-se perfeitamente a ele. Substitua a palavra "amor" pelo nome de Jesus, em todo o capítulo, e diga se não existe uma semelhança exata. Para Paulo, o "amor" representa uma forte, segura e santa auto-subordinação do nosso "eu" em favor dos outros, que começa na vontade e na ação e é, depois, coberta pela emoção, como uma nuvem no caminho do sol nascente. Mas, se alguém deseja o amor divino, deve recolhê-lo da maneira como faz a baía, que abre seu reservatório para receber a maré que sobe. Deus é amor e, se quisermos amar, temos de permanecer nele e ele em nós. O amor é melhor do que milagres, dons ou filantropia (vv. 1-3). É a fonte de tudo o que há de mais deleitoso na esfera moral (vv. 4-7). É melhor do que tudo, porque é eterno. Tudo o mais perecerá. Nossas maiores realizações não passarão de tagarelíce e brinquedos de crianças. Mas, quando estivermos em contato com a realidade das coisas, o amor será tudo em todos.

1 CORÍNTIOS 14.1-12

O Dom da Profecia. O verbo "profetizar" é usado aqui, com o mesmo sentido da maioria dos textos das Escrituras, não com o limitado conceito de predição do futuro, mas como uma palavra que procede de Deus. Havia uma forte tendência, em Corinto, para valorizar o dom de línguas; isto é, o emprego de linguagens que a congregação não entendia. O apóstolo censura isso, e diz que é muito melhor falar de modo a promover a edificação dos ouvintes. Na verdade, mostra que eles deviam evitar falar em línguas desconhecidas, a não ser que estivesse presente alguém que pudesse explicá-las e interpretá-las.

O dom de línguas foi um sinal especial concedido aos discípulos com o objetivo de persuadir os ouvintes da época, mas não era um acompanhamento indispensável da plenitude do Espírito Santo, e é, certamente, de valor inferior. Um simples clangor de uma trombeta, sem melodia ou modulação, nada transmite às fileiras de soldados que estão em alerta, esperando a ordem; e o mero som de uma língua desconhecida pode surpreender mas não transmite ensino algum. Não devemos sentir-nos satisfeitos por produzir um som; digamos alguma coisa. Uma das três diretrizes sugeridas no versículo 3 é procurar prestar serviço aos outros. Edificar é estabelecer alguém na verdade. A exortação é para os desanimados e abatidos. Consolar é estimular o crente a novas iniciativas.

1 CORÍNTIOS 14.13-25

O Entendimento Promove a Edificação. O apóstolo oferece aqui duas orientações práticas a fim de recolocar em seu devido lugar a compreensão da mensagem, e não a emissão de sons incoerentes que estavam confundindo a Igreja de Corinto.

A primeira era que o culto deveria ser conduzido de forma que a congregação toda pudesse compreender. Fazer orações ou dar graças às quais o auditório não pudesse dar sua anuência, emitir sons sem sentido, era inconsistente com a verdadeira natureza do culto cristão. Foi desse capítulo que os

Reformadores extraíram seus argumentos contra a prática de se conduzirem os cultos da Igreja em latim. A segunda era que a instrução era a parte mais importante do culto (v. 19). Nos versos finais dessa passagem, Paulo fala dos efeitos da profecia, isto é, da pregação, de forma enérgica e bela. Precisamos ter sempre em mente o incrédulo e o indouto. Se ele ouvir a solene voz de Deus falando à sua consciência através de lábios humanos, tocando-o profundamente, guiando-o ao arrependimento e à fé, mais depressa ele dará testemunho acerca da verdade que ouviu. Devemos procurar ter em nossos cultos o poder convencedor da Palavra de Deus, acompanhado do testemunho corroborador do Espírito atuando livremente.

1 CORÍNTIOS 14.26-40

A Ordem no Culto. De novo o apóstolo resume suas orientações em duas regras simples: (1) "Seja tudo feito para edificação"; isto é, para a edificação do caráter do indivíduo, e a preparação de cada membro como um tijolo ou uma pedra para a construção da Igreja. Daí a ênfase dada à profecia, à mensagem dada sob o impulso do Espírito de Deus. Todos os que tivessem esse dom teriam, certamente, uma oportunidade para usá-lo, porque, dessa forma, a Igreja inteira seria beneficiada e enriquecida. (2) "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem". "Com decência", de modo a não perturbar a dignidade e a gravidade dos serviços religiosos; "e ordem", não ao acaso e por impulso do momento, mas dentro dum plano e dum preparação prévia.

O ideal do apóstolo é o de que todos os cultos fossem caracterizados por uma calma e singela majestade, o que o distinguiria da agitação fanática e frenética. Por isso ele desencoraja a idéia de abandonar o uso do véu oriental (o distintivo da modéstia), de as mulheres falarem em público, e de os oradores interromperem-se uns aos outros. A tese de que os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas é uma verdade de aplicação universal. Ela condena todo impulso de caráter religioso

que não esteja sob o controle inteligente daquele que é seu portador.

1 CORÍNTIOS 15.1-11

O Evangelho: Cristo Morreu e Ressuscitou. Se o capítulo 13 é um salmo de amor, este capítulo é um salmo de esperança — uma esperança que não pode ser frustrada. É o mais memorável argumento que existe em defesa da ressurreição do corpo.

Notemos que a ressurreição não era, primeiramente, uma doutrina, mas um fato. Não é necessário prová-la, mas simplesmente dizer que Cristo ressurgiu e, portanto, todos ressurgiremos, porque Cristo é o Filho do homem. Outras religiões se baseiam em filosofia e metafísica, mas o túmulo vazio no jardim de José de Arimatéia é a chave de abóboda do evangelho. Se ela não puder ser sustentada, como o foi na Igreja Primitiva, a superestrutura desmorona como um aglomerado de nuvens. Mas ela pode ser sustentada. Há mais evidências em favor da ressurreição de Jesus do que de qualquer outro fato da história moderna. Da mesma forma que as pessoas podem recusar-se a crer na ressurreição do Senhor, podem fazê-lo em relação à batalha de Waterloo. O testemunho de Paulo é por demais importante, porque ele sabia tudo que os fariseus podiam alegar contra ela. Na verdade, ele próprio também havia feito oposição a ela. Notemos que as palavras "não eu" (v.10) também aparecem em 7.10 e Gálatas 2.20.

1 CORÍNTIOS 15.12-28

A Ressurreição de Cristo é Garantia da Nossa. O argumento aqui visa a mostrar, primeiro, que nossa ressurreição está intimamente ligada com a de Cristo. Nossa ressurreição é certa, porque ele, como o representante da humanidade, ressuscitou dentre os mortos, num corpo humano que, embora mais etéreo em sua textura, foi facilmente reconhecido por aqueles que o haviam conhecido antes. Maria reconheceu as bem conhecidas entonações da voz do seu Senhor. Tomé foi obrigado a crer, apesar de seus protestos em contrário. De fato, todos os amigos

do Senhor foram convencidos mesmo contra sua vontade. Eles receberam a notícia de que ele ressuscitara como sendo histórias sem fundamento. Portanto, diz o apóstolo, é muito mais fácil admitir que o homem ressuscitará do que enfrentar as dificuldades representadas por um Cristo ainda morto, uma fé vã, um vão evangelho e um falso testemunho de tantas testemunhas dignas de crédito.

Que explosão de música irrompe nos versículos 20 a 28! A primícia é o precursor e a “amostra” da colheita toda. Em Cristo a Igreja inteira é apresentada a Deus. Notemos a ordem divina no versículo 23: primeiro, Cristo; depois, os que lhe pertencem; por último, o fim, quando a morte será destruída, todos os inimigos vencidos, e o reino de um universo emancipado finalmente entregue pelo Mediador ao Pai.

1 CORÍNTIOS 15.29-41

O Corpo Atual, Semente de um Corpo Glorioso. A antevisão da ressurreição final ajudava os cristãos primitivos a suportar sofrimentos incríveis. Quando uma fileira tombava sob a perseguição, outra estava pronta para tomar o seu lugar; jovens crentes assumiam o nome dos mártires, de modo a perpetuar seu testemunho. Fora com essa esperança no coração que Paulo mesmo enfrentara, em Éfeso, o tumulto da multidão enfurecida (At 19). A crença na sublime anulação dos últimos efeitos do pecado era uma das principais feições do vitorioso poder do cristianismo.

Em toda semente existe o germe de um novo e belo fruto, mais elaborado, mas ainda assim idêntico. Portanto, em cada um de nós, existe alguma coisa que tem a capacidade e a potencialidade de gerar outro corpo, através do qual o espírito emancipado será capaz de expressar-se mais perfeitamente do que neste corpo atual que é composto de material menos refinado. Não é difícil crer nisso, depois de vermos a lagarta se transformar em borboleta. O mundo está cheio de coisas admiráveis e belas. A capacidade criadora de Deus se revela numa miríade de diferentes organismos. É por isso que a espiga

dourada do trigo é mais bonita que a pequena semente marrom lançada na terra lavrada; assim, é de sua vontade que o corpo a surgir supere o presente em glória.

1 CORÍNTIOS 15.42-58

A Vitória Sobre o Pecado e a Morte. A vida no outro lado será tão real e tão intensa quanto esta. Nós não nos dissolveremos numa névoa fina, nem esvoaçaremos como fantasmas incorpóreos. Cada um de nós será provido com um corpo como aquele que o Senhor tinha depois que ressuscitou dentre os mortos. Será um corpo espiritual, capaz de ir e vir obedecendo a um desejo ou a um pensamento; um corpo que será perfeitamente adaptado ao ambiente de seu mundo espiritual. O último Adão, o Senhor, realizará isso para nós. Mas nós devemos, nesse ínterim, fazer o melhor uso possível da disciplina da mortalidade, conservando nosso corpo puro e digno como templo e veículo do Espírito Santo até que venhamos a nascer no próximo estágio da existência.

Que triunfo ressoa nos quatro versículos finais! Gerações e gerações de cristãos já se posicionaram à volta dos restos mortais de seus entes queridos, pronunciando essas palavras de imortal esperança. O toque da trombeta reunirá os que já tiverem morrido e os santos ainda vivos na terra, formando um poderoso exército constituído por uma humanidade transfigurada e redimida. Oh dia feliz! Então, nós nos manifestaremos e seremos galardoados e glorificados com Cristo. Todos os mistérios serão solucionados, todas as perguntas respondidas! Mas enquanto não chega esse dia, abundemos sempre na obra do Senhor.

1 CORÍNTIOS 16.1-12

Beneficência Organizada. É interessante como o apóstolo consegue, após uma das mais sublimes demonstrações de eloquência sacra, tratar de um assunto tão terreno como a coleta. Mas, afinal de contas, não há incongruência. Os pensamentos que ele expressou com certeza provocariam uma resposta tangível, de atividade e dever cristãos, senão, em vez de ajudar, prejudicariam.

Nada é mais prejudicial à consciência cristã do que o clangor da trombeta que não resulta numa ação. Se o capítulo precedente não estimular a generosidade cristã, nada mais o fará.

Observemos a *ocasião* — “no primeiro dia da semana”, indicando a reverência com que os primitivos cristãos observavam aquele dia. O *método* — a separação definida para a obra de Deus de uma certa proporção da nossa renda. A *proporção* — na medida da prosperidade do contribuinte. Paulo não gostava de apelos veementes para levantamento de coletas e recomendava que contribuíssemos de acordo com um certo sistema, e não meramente obedecendo a um impulso.

Lembre-mos de que é Deus que abre amplas e eficientes portas diante de seus servos. É inútil forçá-las. Esperemos que o Senhor Jesus, que tem a chave de Davi, venha abri-las, porque, então, ninguém pode fechá-las. Nosso dever é estar preparados para entrar quando chegar o momento e a porta se abrir de par em par.

1 CORÍNTIOS 16.13-24

Exortações e Saudações. O apóstolo era cuidadoso no cultivo da amizade, um

dos inestimáveis dons de Deus; e ele era muito generoso, não somente ao fazer referência aos seus amigos, mas, também, no seu relacionamento com eles. Como Timóteo se mostrasse deficiente em forças, Paulo estava sempre procurando facilitar as coisas para ele; e, embora Apolo tivesse conquistado alguns dos seus convertidos, o apóstolo estava desejoso de que ele visitasse Corinto de novo. Também não se esqueceu da família onde colhera suas primícias. Sua solidão havia sido bastante confortada pela chegada da delegação coríntia. O amor humano é uma revelação do divino — um cântaro de barro que Deus enche com o tesouro celestial, um cálice contendo o vinho da vida.

Observemos a chama do intenso amor de Paulo por Cristo. Ele sentia que qualquer que falhasse em amá-lo devia ser anátema tanto na disposição como na alma, e seria amaldiçoado na vinda do Senhor, como uma árvore estéril plantada num pomar de árvores frutíferas, coroadas de flores ou carregadas de frutos. *Maranata!* — “Vem, nosso Senhor”. Ele consertará os males e coroará seus servos fiéis com honra e glória. Aleluia!

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS
CORÍNTIOS

A Glória do Ministério do Evangelho



SAUDAÇÃO 1.1,2.

1. UMA CARREIRA DE TRIUNFO EM CRISTO 1.3-7.16.
 - a. Ações de graça pelas boas-novas de Corinto 1.3-7.
 - b. O livramento de Paulo de uma aflição mortal 1.8-11.
 - c. Sua sinceridade em toda a sua conduta em relação aos coríntios 1.12-2.11
 - d. A apologia de sua autoridade 2.12-3.18.
 - e. O caráter do seu ministério 4.1-6.18.
 - f. Seu bom ânimo para com os coríntios 7.1-16.
2. A OFERTA PARA A IGREJA DE JERUSALÉM 8,9.
 - a. A liberalidade das igrejas macedônias 8.1-6.
 - b. "Completem a obra começada." 8.7-15.
 - c. Tito e os outros assistentes de Paulo 8.16-24.
 - d. O motivo da benevolência e sua recompensa 9.
3. A APOLOGIA FINAL DO APÓSTOLO 10-13.
 - a. Sua posição para com os coríntios 10.1-11.15.
 - b. Seus trabalhos, sofrimentos e experiência espiritual 11.16-12.13.
 - c. Anúncio de uma terceira visita 12.14-13.10.

CONCLUSÃO 13.11-14.

INTRODUÇÃO

Tito foi comissionado pelo apóstolo para ir de Éfeso a Corinto reforçar as instruções constantes da primeira epístola. (Veja 2 Coríntios 2.13; 7.6,13; 8.6.) Por alguma razão sua volta foi retardada, uma circunstância que resultou em grande ansiedade para Paulo. Nesse ínterim, o tumulto em Éfeso obrigou o apóstolo a deixar essa cidade, e foi esperar o amigo em Trôade. Não tendo Tito chegado, Paulo seguiu para a Macedônia, onde se encontraram.

No todo, o relatório era animador. A maior parte dos membros da Igreja de Corinto aceitara bem as instruções de Paulo e agira sob a influência delas. A maioria achava-se afetuosamente ligada a ele, embora uma facção ainda resistisse à sua autoridade, exigisse cartas de recomendação de Jerusalém, acusando-o de vacilação e se orgulhasse de sua pura descendência hebraica. Foi principalmente para essas pessoas que essa epístola foi preparada; mas nós devemos mostrar-nos agradecidos pelas críticas deles que obrigaram o apóstolo a escrevê-la. Essa carta é uma revelação inigualável de ternura, sacrifício pessoal e esperança vitoriosa.

COMENTÁRIO

2 CORÍNTIOS 1.1-11

Consolando em Meio à Aflição. Essa carta era uma circular, endereçada a todas as igrejas dispersas pela região. “Graça” era a saudação comum do ocidente, “Paz”, a do oriente. Aqui ambas se encontram. Toda a misericórdia que recebemos emana do coração do Pai, e nossa consolação vem do Consolador. Na próxima vez em que passarmos por tristezas e provações, observemos como Deus chega perto de nós; e prestemos atenção ao que ele diz. Tentemos captar seus métodos, descobrir seu segredo. Lembremo-nos de que estamos sendo confortados a fim de podermos confortar outros. Deus está-nos preparando para sermos, como Barnabé, um “filho de exortação”. Os proveitos que podemos tirar da provação são imensos, porque elas nos fornecem experiências pelas quais podemos auxiliar outros. Muitas vezes, Deus nos consola enviando um amigo (7.5-7).

Fosse por efeito da perseguição ou por motivo de grave enfermidade, Paulo andou perto da morte (v. 8). Seu

restabelecimento foi quase um milagre, mas ao longo de toda essa experiência sua confiança jamais vacilou. Tenhamos a ousadia de crer, como Paulo, que Deus livrou, livra e livrará (v. 10). Livramentos passados, presentes e futuros se fundem nesse belo versículo. O que ele fez, está fazendo agora e sempre fará. Lembremo-nos de que temos a sentença de morte em nós, e precisamos sair de nós mesmos e buscar a Deus, em quem somente encontramos o verdadeiro socorro. Em tais momentos podemos ser muito abençoados com a fé que nossos amigos possuem (v. 11).

2 CORÍNTIOS 1.12-22

Sincero Como Seu Mestre. Paulo dava grande importância ao testemunho de sua consciência. (Veja Atos 23.1 e 24.16.) Quando passarmos desta vida e penetrarmos na reveladora aurora da eternidade, será uma bênção se pudermos dizer o mesmo a nosso respeito.

Paulo pensara em visitar Corinto em sua viagem a Macedônia e, passar lá de novo, na volta; mas não realizou

esse desejo. Contudo estava preocupado em que seus amigos entendessem que a mudança não se deveria a uma vacilação de sua parte, visto que isso seria indigno da parte de alguém que sustentava as grandes verdades do evangelho.

Cristo é a confirmação que Deus dá às suas promessas. Todas elas foram seladas pelas palavras, sofrimentos e ressurreição do Senhor. Em Jesus, Deus diz: "Sim" a todos os desejos e orações do coração humano, e "Amém" ("verdadeiramente", "em verdade", "certamente") a todas as 10.000 promessas da Escritura. Aquele que descansa em Cristo coloca-se no ponto focal da certeza e da segurança. Nenhuma das boas promessas de Deus lhe será negada.

O versículo 21 oferece-nos grande conforto. *Só Deus pode dar-nos uma posição fixa e estabelecida.* Ele nos unge para o serviço; sela-nos com seu Espírito para dar-nos segurança, autenticação e semelhança com Cristo, e, dessa forma, nos dá o penhor e o antegozo do céu, como as uvas de Escol foram o penhor e o antegozo de Canaã.

2 CORÍNTIOS 1.23-2.11

Compassivo e Perdoador. Nessas palavras iniciais evidentemente Paulo se refere ao pecado mencionado em 1 Coríntios 5. Seu julgamento tinha sido duro e rigoroso, a Igreja de Corinto fizera o que ele dissera e o ofensor, em consequência, sofrera severamente. Mas o resultado havia sido mais que satisfatório. Ele se arrependera com grande quebrantamento de espírito. Na verdade, parecia que seria "consumido por excessiva tristeza" (v. 7).

O apóstolo desejava que os coríntios compreendessem que ele também deramara muitas lágrimas por causa desse episódio (v. 4). Possuía um temperamento afeiçoado e terno, pelo que relutava em infligir sofrimentos a outrem; mas, por outro lado, estava decidido a sustentar a verdade a qualquer preço. Obtemos aqui uma revelação adicional quanto ao coração de Deus. Seremos capazes de crer que, sempre que nos castiga, ele o faz com profunda pena? Ele castiga aqueles a quem ama; e

quem ele recebe, açoita. Mas sempre que o ofensor se arrepende plena e sinceramente, há o perdão. O pecador arrependido deve ser restaurado à comunhão da igreja e recebido com fraternal acolhida. O próprio Salvador fala através do perdão. É seu amor que nos comove, sua própria voz nos fala; mas se abrigarmos um espírito incompassivo estamos deixando uma porta aberta para Satanás.

2 CORÍNTIOS 2.12-3.6

A Fragrância do Conhecimento de Cristo. Nos versículos 14 a 16, Paulo se imagina participando do cortejo do Senhor que vai passando pelo mundo. Primeiro, ele é um prisioneiro do vitorioso séquito de Cristo; a seguir, é um dos turibulários esparzindo o forte perfume; depois, vê sua própria vida como sendo esse perfume. Como os cativos de um cortejo triunfal estariam divididos em dois grupos — o dos que estavam condenados a morrer e o dos que seriam preservados — assim, inevitavelmente, todos os que entram em contato com Cristo, diretamente pela pregação do evangelho ou indiretamente por meio da vida dos crentes, são levados a fazer uma opção que lhes será ou bênção ou maldição.

O apóstolo cita a hipótese de que lhe exijam cartas de recomendação e se recusa a concedê-las. "Não", replica, "a vida e o testemunho daqueles que ganhei para Deus são as credenciais de que preciso!" Todo crente deveria ser um folheto claramente escrito e legível, circulando para a glória de Deus. Os homens talvez não queiram ler as evidências em favor do cristianismo contidas em tratados eruditos, mas estão ávidos para ler-nos. *Só Deus pode capacitar-nos para não sermos desaprovados nesse minucioso exame.*

2 CORÍNTIOS 3.7-18

O Véu Sobre o Coração. Com uma rápida associação de idéias, Paulo passa do conceito das tábuas de carne do coração, onde Deus escreve seu novo nome, para o da lei inscrita nas antigas tábuas de pedra, bem como para o legislador, severo e velado. Ele argumenta que, se a glória que brilhou no

rostro de Moisés era tão bela, certamente a do evangelho deve ser, transcendentemente linda. Uma é transitória; a outra, permanente; uma é refletida; a outra, direta.

Não apenas Moisés estava com o rosto velado, mas o coração dos judeus também estava encoberto com uma grossa camada de preconceito. Eles não compreendiam a significação íntima do código levítico; e, quando a lei era lida, a ouviam sem discernimento espiritual. Mas assim que uma pessoa recebe a Cristo, compreende o sentido íntimo da Escritura. Que liberdade gozamos quando vivemos em Cristo! Somos livres para amar, servir, conhecer a Deus e ser iguais a ele. Vejamos o versículo 18. Em Cristo, podemos contemplar abertamente o rosto de Deus. Quanto mais o contemplamos, mais parecidos com ele ficamos. *Quanto mais nos esforçamos para refleti-lo fazendo o que ele deseja, inevitavelmente nos tornaremos semelhantes a ele.* Lembremos, porém, que devemos todas essas coisas à santa influência do Espírito. Ele é quem produz a vida de Cristo em nós.

2 CORÍNTIOS 4.1-6

A Glória de Deus Refletida em Cristo. O servo de Cristo jamais deve esquecer que já precisou de misericórdia e a obteve. Isso o sustentará em muitas circunstâncias difíceis, quando o coração e a carne falharem. Sua arma é a verdade, seu apelo à consciência. Outros podem competir com ele apresentando uma imaginação brilhante, entusiasmo ardente e poder intelectual, mas ele possui uma supremacia sem rival na esfera da consciência. Assim como Ricardo I da Inglaterra, aprisionado na masmorra de um castelo, reconheceu a voz e a canção que seu trovador entoava lá fora, uma cantiga que ambos conheciam, e a repetiu nota a nota, assim faz a consciência que desperta e responde à verdade que ela reconhece como a voz de Deus.

Então por que o evangelho falha? Não é por um defeito dele, nem por algum decreto arbitrário da parte de Deus, mas porque o deus deste mundo cegou os olhos do coração pela fasci-

nação das riquezas e do sucesso mundanos ou, talvez, pela camada ou crosta de maus hábitos que ele possui e impede que a luz da alva, raiando no mundo, penetre nessa vida em trevas.

2 CORÍNTIOS 4.7-18

A Vida Interior Triunfa Sobre a Aflição. Poucos homens foram mais conscientes de sua fraqueza do que o apóstolo. O vaso de barro se tornara muito trincado e arranhado, mas o tesouro celestial permanecia intato. Como no caso de Gideão, no momento em que se quebrou o cântaro, a tocha brilhou. Paulo confessa aqui que estava atribulado, perplexo, perseguido e abatido, trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, sendo perpetuamente entregue à morte. Mas de bom grado ele aceitava todas essas deficiências porque sabia que elas significavam maiores oportunidades de Jesus manifestar, por meio dele, seu poder de ressurreição. Com a decadência diária do homem exterior, ocorria a renovação do invisível e espiritual. É somente na proporção em que nós vamos assumindo os sofrimentos e a morte de Cristo que começamos a perceber como ele é em toda a sua plenitude, bem como o que ele pode ser ou fazer através de nós. Nosso único pensamento deve ser sempre glorificar a Cristo pela salvação de outros.

Notemos o contraste do versículo 17. A aflição é leve, mas a glória do futuro está carregada de radiosa bênção e plena de satisfação. Uma é transitória, a outra, eterna. Uma é o preço da outra, embora ambas sejam dádivas de Deus. O cometa que mais se distancia nas trevas do espaço é o que na volta mais se aproxima do sol.

2 CORÍNTIOS 5.1-10

"Habitar com o Senhor." A vida mortal é uma peregrinação e nosso corpo é um tabernáculo, leve, transitório, e que se desfaz facilmente; mas, o que importa isso, visto que há, à nossa espera, uma mansão preparada por Deus? Muitas vezes, neste véu de carne, gememos. Ele nos engaiola, prende-nos à terra, estorva-nos com suas necessidades, obstrui nossa visão e torna-se

o meio pelo qual somos tentados. Como seria bom se o nosso corpo físico pudesse ser transformado num corpo etéreo glorificado como o corpo ressurreto do Senhor! Seria agradável escapar à força da morte. Mas, não sendo, então, pela morte levaremos conosco a semente do corpo glorificado. Aquele que há de ser vivificado primeiro terá de morrer, mas Deus lhe dará um corpo como for do agrado divino.

O portão da morte pode parecer lúgubre visto do lado de cá; mas, do outro é de ouro reluzente e dá diretamente para a presença de Jesus. Nós desejamos vê-lo e estar com ele; e tal desejo é formado em nós pelo Espírito Santo; são as primícias do céu. Mas, lembremo-nos de que, exatamente do outro lado da porta está o tribunal de Cristo, onde ele julgará a nossa vida e nos concederá o galardão. Prepara-te, minha alma, para prestares contas dos teus talentos!

2 CORÍNTIOS 5.11-19

Constrangidos Pelo Amor de Cristo. Aos olhos de Paulo tinha pouca importância o que pensavam dele. Ele desejava agradecer somente ao seu supremo Senhor, vivesse ou morresse, fosse considerado frio e sóbrio ou ardoroso e impetuoso. Ele estava dominado pelo amor de Cristo. Isso poderia ser referência ao sentimento do amor de Cristo por sua indigna pessoa, ou à emoção que ardia em sua alma para com Cristo, ou, ainda, o próprio amor de Cristo que ele recebia em seu coração, como um pequenino riacho na praia recebe as oscilações da maré oceânica.

O apóstolo tinha chegado à conclusão e ao julgamento deliberados de que "todos" os que compreendem o que Cristo tinha feito por eles (e entre estes, ele), devem viver para ele com a mesma dedicação com que os outros vivem para si mesmos. Pela ressurreição de Cristo, um novo mundo se abre. Todas as coisas haviam se tornado novas. Vivamos em contato diário com esse mundo de fé e glória, recusando-nos a ser julgados pelos antigos padrões. Está claro que a reconciliação do mundo pode ser tão com-

pleta quanto o é o poder de Deus; mas compete a nós instar com os homens a que acatem e concordem com os planos divinos.

2 CORÍNTIOS 5.20-6.10

Embaixadores de Cristo. Da parte de Deus, a obra de reconciliação está completa. Tudo já está pronto e em condições de oferecer o perdão e a justificação àquele que, em atitude de arrependimento, os solicitar. Ele espera apenas que façamos para receber a nossa parte na obra expiatória do Calvário. Por mais numerosos que sejam nossos pecados, eles não são imputados a nós, porque foram imputados a Cristo. Deus quer que todos saibam disso e, assim, em todas as eras, envia embaixadores para anunciar aos homens essas condições e instar com eles para que as aceitem.

E sempre que Deus envia alguém para rogar aos homens coopera com ele. Quando a chuva cai sobre uma rocha, cai em vão. Não sejamos uma rocha, e, sim, uma terra fofa para receber a chuva da graça de Deus. Que nenhum de nós seja uma pedra de tropeço, com incoerências em nosso caráter; mas sejamos todos degraus e escadas de ascensão para outras pessoas.

As três belas séries de paradoxos nos versículos 4 a 10 merecem cuidadosa ponderação. Na primeira, ele relaciona seus sofrimentos em favor do evangelho; na segunda, sua conduta enquanto submetido a eles; na terceira, o contraste entre a aparência e a realidade, julgadas pelo tempo e pela eternidade, respectivamente. O estóico suporta as tristezas da vida cerrando os dentes; o cristão, com um sorriso. Alegremo-nos sempre, enriquecendo a muitos e possuindo tudo.

2 CORÍNTIOS 6.11-7.4

Separados de Toda Impureza. Os conversos de Paulo não apreciaram devidamente o amor do apóstolo porque sua receptividade, isto é, sua fé e amor, era muito limitada. Quantas vezes isso acontece também entre Cristo e nós! Desobstruamos o canal. Dilatai-vos! Abra bem sua boca e ele a encherá.

O melhor método para se fazer isso

é ser somente e sempre dele, bem como fazer tudo para ele. Não devemos oferecer-lhe somente uma parte de nosso coração e da nossa dedicação. Não devemos dividir nosso coração entre ele e os outros. Sempre que deixarmos a iniquidade, as trevas, Belial, e incrédulos compartilharem de nossa natureza, juntamente com o Espírito Santo, ele se retira. Não podemos permitir que fique nenhum ídolo oculto em algum canto do coração. Todo o nosso ser — o espírito (isto é, o Santo dos Santos), a alma (isto é, a sede de nossa individualidade), e o corpo — deve ser o templo do Eterno, que o governa da shekinah, entronizada na Arca da Aliança. Deus ainda anda no mundo na pessoa daqueles que o amam e estão inteiramente submissos ao domínio dele. Mesmo o indivíduo mais solitário logo descobre que ele é pai, mãe, irmão, irmã, tudo. Que incentivo à purificação, não somente da carne, mas do espírito! (Veja Hebreus 10.22.) O apóstolo conclui expressando seu profundo agradecimento pelo fato de os seus convertidos não terem interpretado mal a veemência de sua carta anterior.

2 CORÍNTIOS 7.5-16

O Efeito Positivo da Tristeza Segundo Deus. Depois de despachar sua primeira epístola, com as fortes palavras do capítulo 5 e de outros trechos, o terno coração de Paulo se deixara dominar pela ansiedade, preocupado em que a Igreja de Corinto se ressentisse de seus termos e ele perdesse a amizade deles. Mas, quando Tito se reuniu a ele na Macedônia, levando-lhe a certeza do profundo arrependimento deles e da sua inquebrantável afeição, ele se sentiu grandemente confortado e alegre. Sentia, também, que a tristeza deles era verdadeira e genuína, uma tristeza que não consistia de mera frustração ao ver que o pecado fora descoberto, nem de medo da punição, mas de um profundo ódio àquele pecado que entristecia o Santo Salvador e os tornava indignos do seu precioso sangue. E dessa tristeza eles não precisavam arrepender-se; essas lágrimas não precisavam ser enxugadas. A tristeza se-

gundo Deus aceita humildemente a correção, afasta o erro, e, com passadas certas, volta ao caminho da sagrada cruz.

Tito havia assimilado muito do espírito de Paulo. É interessante notar que, embora fosse companheiro e mensageiro do apóstolo, até o seu espírito podia estar necessitado de "recreação" (v. 13). Paulo se sentia satisfeito de que suas previsões tivessem se tornado realidade na reação de seus amigos de Corinto. Afate o coração de um verdadeiro pastor, cuja alma se acha inteiramente entrelaçada com os interesses de seu rebanho!

2 CORÍNTIOS 8.1-15

Estimulando a Liberalidade. Certamente o apelo em favor de uma generosa contribuição para a coleta que Paulo estava levantando para os crentes pobres de Jerusalém não podia ter sido solicitada mais terna e convincentemente do que ele o fez aqui. Ele começa mencionando a generosidade dos cristãos de Filipos, Tessalônica e Beréia, que eram muito pobres, podendo-se inferir daí que, sendo os coríntios mais ricos, fariam sacrifícios semelhantes. Ele cita o exemplo do Senhor Jesus, que se fez pobre para que eles pudessem ser enriquecidos. E esse mesmo Jesus, há dezoito séculos, vem tendo a alegria de enriquecer miríades de pessoas. Paulo lembra aos coríntios que eles tinham resolvido fazer essa oferta um ano antes. Por fim, esboça seu belo sonho de uma reciprocidade entre as duas igrejas, de modo que, sempre que uma delas tivesse necessidade de algo, a outra, em amor cristão acorresse a atendê-la.

Observemos, então, que a liberalidade cristã se origina na graça de Deus, proporciona bastante alegria àqueles que contribuem, não se estanca nem onde há pobreza, começa com a consagração pessoal do ofertante a Deus, e não espera ser solicitada, pois exige o privilégio de suprir as necessidades do Corpo de Cristo.

2 CORÍNTIOS 8.16-24

Procedendo "Honestamente" Perante o Senhor e Diante dos Homens. Aqueles que administram as ofertas entregues à

Igreja devem ser extremamente cuidadosos para que toda a sua vida financeira esteja sempre acima de qualquer suspeita. O apóstolo se absteve de manusear pessoalmente essas ofertas, de modo a evitar que alguém insinuasse estar ele se apropriando delas para seu uso pessoal. Mesmo quando não temos nada a acusar-nos perante o Senhor, deveríamos ter cuidado com as aparências diante dos homens; e tudo quanto nos é confiado deve ser administrado para a glória de Deus.

No presente caso, o apóstolo designou três irmãos para atender a este assunto: primeiro, Tito, seu companheiro e cooperador; em seguida, o irmão cujo louvor estava em todas as igrejas e que fora indicado para esse mesmo propósito; e, em terceiro, outro irmão, citado no versículo 22. Tito representava o apóstolo, e os outros representavam as próprias igrejas. Esses irmãos são distintamente mencionados como “glória de Cristo” (v. 23). Isso deve constituir-se um incentivo para aqueles que cuidam dos assuntos financeiros de nossas igrejas para que elas possam incrementar a glória de Cristo e participar de sua radiante beleza.

2 CORÍNTIOS 9.1-7

“*Deus Ama a quem Dá com Alegria.*” Evidentemente Paulo estava bastante ansioso com relação à coleta que seria levantada em Corinto para os crentes de Jerusalém, na ocasião sofrendo falta de alimentos. Ele tinha lançado a idéia, não meramente por causa de sua afeição ao seu próprio povo, mas para promover e estimular a unidade da Igreja de Cristo. Não podia haver maior evidência do poder transformador do evangelho do que o fato de ele anular as acentuadas diferenças entre oriente e ocidente, entre judeu e gentio, e tornar claro que Cristo é tudo em todos. Paulo faz mais do que rogar e apelar aos coríntios — lembra-lhes que confiava numa resposta positiva por parte deles. Nenhuma motivação é mais forte do que a consciência de que alguém a quem amamos e respeitamos espera de nós uma resposta digna.

Ele compara a oferta em dinheiro

a uma semente. O que era colocado na caixa de coleta sem dúvida alguma voltaria ao ofertante aumentado. Portanto, os cristãos não deveriam contribuir com relutância ou por necessidade, mas livre, espontânea e liberalmente, como o agricultor que não hesita em mergulhar a mão fundo em seus celeiros, certo de que cada partícula a mais de grão semeado voltará aumentado trinta vezes mais e, talvez, cem vezes mais. No futuro nós reencontraremos, em algum lugar, algum dia, cada moeda que demos de coração puro.

2 CORÍNTIOS 9.8-15

Enriquecidos Para Sermos Mais Liberais. Na realidade, não ficamos sem aquilo que damos; e Deus não permitirá que seus ofertantes passem fome. Notemos a abrangência do versículo 8. A graça de Deus é como um oceano em maré alta. Observemos a idéia de “totalidade” que aparece em várias expressões: “*toda graça, sempre, ampla suficiência, toda boa obra, abundar e superabundeis*”. Quando tivermos de semear, peçamos a Deus a semente. E depois de haver semeado, quando tivermos fome, peçamos a Deus o pão. Quando estivermos desanimados com os resultados, peçamos a Deus para aumentar a frutificação. Nossa função é lançar a semente — seja do evangelho ou de dinheiro — para fazê-la multiplicar-se, e assim colhemos uma safra de ações de graça a Deus e de amor por nós, que contribuimos. Mas quem poderá medir a gratidão e o amor devidos a Deus que nos deu o Presente que contém em si todas as outras dádivas? Será que já o aceitamos? E fazemos uso dele?

Lembre-mos de voltar o olhar para Deus em busca da nutrição espiritual e, principalmente, das sementes de pensamento, dinheiro, palavra ou ação. E deixemos o crescimento por conta dele. Mantenhamos tudo que Deus nos deu como um curador cuida da propriedade de outros. Administremos as boas dádivas de Deus de tal forma que os outros possam estar constantemente glorificando-o e louvando-o, pela demonstração que da-

mos da natureza básica do seu santo evangelho.

2 CORÍNTIOS 10.1-7

Poderoso com Armas Espirituais. Aqui Paulo faz sua defesa. Alguns que resistiam à sua autoridade falavam de forma depreciativa acerca do seu corpo doentio e de sua palavra nada eloquente. Por que deveriam eles submeter-se totalmente a tudo que ele dissesse? questionavam alguns. Outros davam a entender que ele era quase como um calculista, que visava a seus próprios interesses, e vivia de acordo com princípios mundanos (v. 2). É um grande conforto para aqueles que estão sendo assolados pela violenta tempestade da crítica adversa saber que esse grande santo passou pela mesma estrada. Companheiro, se você é mal compreendido e difamado tenha ânimo! É melhor entregar essas censuras ao Senhor. Ele o protegerá e o desagravará. “*Toda arma forjada contra ti, não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás*” (Is 54.17).

Em resposta, Paulo cita os frutos espirituais resultantes do seu ministério, e argumenta que eles atestam quanto à pureza e a espiritualidade dos seus métodos. Ele não poderia ter conseguido tão grande aproveitamento se sua motivação tivesse sido aquela que seus inimigos lhe atribuíam. Que lição o versículo 4 contém! Há armas no evangelho às quais nenhum argumento ou ação humana podem resistir; mas nós, muitas vezes, preferimos confiar nos métodos carnis e não nos valemos desse arsenal invencível.

2 CORÍNTIOS 10.8-18

Ultrapassando os Limites da Esfera de Influência. Até o mais fraco dos homens possui um maravilhoso poder quando dominado por um propósito único, e está cheio do conhecimento e do poder de Deus. Os fracos e desprezíveis são muitas vezes, os canais que Deus escolhe para fazer fluir, através deles, sua água viva. Qualquer criança poderia ter destruído o pincel de Rafael, mas, na mão do artista, pintou quadros imortais. De passagem, o apóstolo

lo adverte que alguns que o criticavam comportavam-se orgulhosamente, porque o padrão deles era muito baixo. Um homem com um metro e meio de altura, quando se compara com um anão, pensa que é alto! Comparemos sempre o que temos de pior com o que há de melhor nos outros, e nos conservaremos humildes.

Paulo estava sempre preocupado com os campos que estavam mais à frente e eram constituídos por vastas regiões ainda não conquistadas, que ele desejava poder arrolar como províncias do reino de Cristo. Esse é o supremo teste de um homem. É relativamente fácil construir sobre bases lançadas por outro obreiro cristão e conquistar os convertidos dele. Tal conduta é mesquinha e covarde. Abramos novos campos e assim estaremos mostrando de que material somos feitos. O apóstolo tinha todo o direito de fazer essas afirmações, mas ainda assim as fazia com a mansidão e a brandura de Cristo.

2 CORÍNTIOS 11.1-9

“*Zelo de Deus*”. Como amigo do Noivo, Paulo estava ansioso para levar a Igreja de Corinto ao seu Noivo. Mas alguns falsos mestres estavam perturbando a pureza e a simplicidade de sua fé, como, no Éden, Satanás pervertera Eva. Isso seria desculpável se esses falsos mestres tivessem dado aos convertidos outro salvador, um salvador melhor, ou ainda um maior Pentecoste; mas, desde que isso era impossível, ele estava decidido a manter sua posição, embora esses outros julgassem, na opinião deles próprios, que eram eminentes apóstolos. Paulo tinha consciência de que era “falso no falar”, do que, evidentemente, muitos estavam sempre lhe lembrando, mas estava igualmente consciente do conhecimento direto que Deus lhe havia comunicado.

Ele lhes recorda que não buscara sustento financeiro da parte deles, o que, em si mesmo, seria perfeitamente legítimo; mas nega totalmente inferência, forjada por seus inimigos, os quais insinuavam que, dessa forma, ele admitia sua inferioridade em rela-

ção aos outros servos da cruz. Ele responde a essa insinuação dizendo que se recusava expressamente a aceitar ofertas para não dar aos críticos o direito de afirmarem que estava evangelizando o mundo com o objetivo de ganhar dinheiro. O fato de eles fazerem insinuações tão levianas era prova de que não passavam de ministros de Satanás.

2 CORÍNTIOS 11.10-21

Constrangido a Silenciar os Jactanciosos. Em linguagem enérgica, que demonstra como ele fora profundamente ferido, o apóstolo compara consigo mesmo os falsos mestres, que estavam perturbando seus convertidos. Eles submetiam os discípulos deles a um cativo espiritual, exaltavam-se a si próprios e levavam uma vida regalada. Ele não hesitou em revelar o verdadeiro caráter deles bem como em apontá-los como ministros de Satanás. Satanás esconde seus feitos sob o disfarce de um anjo vestido de luz; e, como ele é, também são seus enviados. Como são os atos deles, assim será o fim deles.

No trecho seguinte (vv. 16-21), Paulo confessa sinceramente que suas palavras poderiam parecer estar em conflito com a humildade que Jesus ensinou, e poderiam ter o sabor de jactância e orgulho; mas, por amor à verdade, ele descia ao nível desses falsos mestres e adotava os mesmos métodos deles. Embora não pensasse em espoliar ou castigar os discípulos como esses intrusos faziam, estava disposto a enfrentar tais homens no próprio terreno deles. O provérbio diz “ao insensato responde segundo a sua estultícia”, e essa é uma descrição exata da defesa do apóstolo. Pelo menos uma coisa estava muito clara: suas intenções eram absolutamente puras e desinteressadas, e poderiam elevá-los a uma posição de heroísmo sem paralelo.

2 CORÍNTIOS 11.22-33

Superior no Trabalho e no Sofrimento. Já foi dito, e é verdade, que essa lista dá o retrato de uma vida que, até então, não tinha tido precedentes na história do mundo. É verdade que já tinha havido casos de semelhante abnegação

em momentos especiais ou por alguma causa especial. Mas esse tipo de abnegação envolvendo tais sacrifícios durante pelo menos quatorze anos em benefício da humanidade em geral, era, até àquele tempo, algo desconhecido. Em épocas posteriores é possível que alguns missionários e filantropos tenham igualado suas experiências; mas Paulo foi o primeiro a fazer tudo isso.

A biografia do apóstolo, narrada por Lucas, fica muito aquém da realidade dessa maravilhosa descrição. Dos fatos mencionados, apenas dois — o apedrejamento e um dos açoitamentos infligidos pelos romanos — são mencionados no livro dos Atos; do que concluímos que esse livro é, afinal, apenas um registro fragmentário, e que só conheceremos plenamente os esplêndidos feitos dos discípulos e dos apóstolos daquele primeiro período quando o próprio Cordeiro os ler em seu Livro. Mas, mesmo essa enumeração omite tudo que o apóstolo sofreu após a época em que escreveu a presente epístola, inclusive, naturalmente, as coisas que sofreu entre sua prisão e seu comparecimento perante Nero.

2 CORÍNTIOS 12.1-10

O Segredo da Força. “Um homem em Cristo” é uma sublime expressão. Só alcançamos nossa plena estatura quando estamos nele. Enquanto o verdadeiro homem não for formado em nós somos apenas fragmentos de homem. Naturalmente a presença de Jesus está sempre conosco, mas a manifestação dessa presença está reservada para ocasiões especiais, quando ela se torna particularmente necessária. Pensa-se que essa revelação suprema foi concomitante com o apedrejamento em Listra (At 14). Enquanto seu corpo era massacrado com pedradas, seu espírito estava no terceiro céu, isto é, no Paraíso. Que diferença entre ser baixado ao chão dentro de um cesto e ser arrebatado à glória! Como a alma que vive em Deus é indiferente ao escárnio dos homens!

Não sabemos o que era esse espinho ou estaca — se enfermidade dos olhos, ou elocução deficiente, ou al-

guma deformidade física — mas era para ele fonte de muito sofrimento e de muitas tentações. A princípio Paulo orara para que fosse removido, mas assim que constatou que a presença dele era condição para receber mais graça divina, não somente o aceitou como também se gloriava nessa fraqueza. Possamos nós crer que todas as deficiências que temos, nós as temos pela permissão de Deus para que percebamos tudo o que Jesus pode ser para nós nos momentos de tensão, e nos apropriarmos disso.

2 CORÍNTIOS 12.11-21

“Não Vou Atrás dos Vossos Bens, mas Procuvo a Vós Outros.” “A longa arrancada de sua veemente autodefesa agora chegou ao fim”, diz Dean Stanley. Aqui Paulo volta ao ponto de onde se desviou em 10.7, no qual afirmava sua intenção de reprimir a desobediência dos que ainda resistiam à sua autoridade em Corinto. “Agora”, diz ele, “minha insensatez passou. E a culpa de eu haver-me entregado a ela é vossa; não minha.” É um grande conforto o modo como o apóstolo enfatiza bastante a sua fraqueza! Em vez de se queixar dela, ele a usa como um argumento perante Cristo para obter mais graça, e como argumento perante seus convertidos a fim de demonstrar que os resultados que obtivera de seu trabalho lhe tinham sido concedidos por Deus para comprovar seu apostolado.

Paulo sentia que seu relacionamento paternal com essa igreja lhe dava o direito de repreender seus membros, como um pai repreende os filhos. Mas percebeu que eles não mostravam reciprocidade ao seu amor, provavelmente porque permitiam os erros enumerados nos versículos finais. Muitas vezes a frouxidão moral é a causa do declínio do amor ou da falta dele. Entre outras coisas, eles tinham chegado até a acusá-lo de ganhar dinheiro, se não diretamente, pelo menos através de Tito. Mas havia ainda coisas piores que precisavam ser acertadas (vv. 20,21). Seria bom que fôssemos humilhados até ao pó por causa dos pecados de nossos irmãos!

2 CORÍNTIOS 13.1-6

“Provai-vos a Vós Mesmos.” Uma vez mais Paulo se refere à acusação de que seu ministério era caracterizado pela fraqueza. Isso o magoava profundamente. Ele admitia que, na aparência pessoal e no falar, podia ser tudo que seus inimigos afirmavam, mas sustentava que a fraqueza não afetava em nada quando associada ao divino. Cristo não foi fraco quando foi crucificado? No entanto, por meio daquela cruz ele tem exercido seu poder salvador sobre miríades! Através da fraqueza da morte ele subiu para a mão direita do Pai e concedeu o dom pentecostal. Suponhamos, então, que o servo compartilhasse da fraqueza do seu Senhor. Não poderia o poder divino operar através de sua pobre e fraca natureza como se fosse através do próprio Senhor? Não fiquemos a nos preocupar com nossas fraquezas e limitações; não foi junto a uma simples sarça que o fogo divino se manifestou no deserto?

E prosseguindo, Paulo insta com os coríntios para que provem a si mesmos — isto é, que se testem — lembrando-lhes que, a não ser que estejam reprovados, o Senhor Jesus está, real e literalmente, habitando neles. Esse é o fato fundamental de uma vida santa. Quando abrimos o coração ele entra e se torna em nós a Vida de nossa vida e a Luz de nossa visão.

2 CORÍNTIOS 13.7-14

Como Ser Edificado. Ninguém pode, realmente, macular a verdade ou deter seu vitorioso avanço. Seria o mesmo que tentar deter o nascer do sol. Muitas vezes, ajudamos mais os outros com nossa fraqueza, porque, sendo fracos, colocamo-nos mais na dependência do Espírito de Deus. O mais nobre objetivo que se pode ter na vida é edificar outros às custas de um desgaste pessoal, com o sacrifício de nossas forças e de nossos recursos. O mundo está sempre pronto a destruir; e, na verdade, não é preciso muita habilidade para se derrubar alguém. Mas a obra divina é de edificação; nós temos a autoridade de Deus para isso.

A saudação final é muito tocante. "Aperfeiçoi-vos" (v. 11) na verdade, está dizendo "sede ajustados", "adequadamente unidos", "articulados". Deus deseja restaurar-nos como um hábil cirurgião restaura um membro deslocado. Deixemos que ele o faça; que o Confortador conforte; que o amor e a paz entrem em nossa vida com a Santa Pomba; e tomemos cuidado para que a atmosfera interior não impeça a

misericordiosa obra restauradora do Espírito de Deus.

Notemos a bênção tripla, que sustenta a doutrina da Trindade (v. 14). O amor do Pai é a origem de tudo; a graça do Senhor Jesus é o canal para tudo; enquanto a comunhão do Espírito Santo nos leva a participar dos objetivos e recursos de Deus. A saudação dos santos e a bênção divina constituem um fecho digno para essa nobre carta.

A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

A Liberdade do Evangelho e a Escravidão da Lei



SAUDAÇÃO 1.1-5.

1. A DEFESA DO APÓSTOLO 1.6-2.21.
 - a. A afronta à sua autoridade 1.6-10.
 - b. Seu chamado, dado por Deus 1.11-17.
 - c. Seu reconhecimento na Igreja 1.18-2.10.
 - d. Seu conflito com Cefas 2.11-21.
2. A DEFESA DO EVANGELHO 3-6.
 - a. A insensatez da reversão ao legalismo 3.1-5.
 - b. O exemplo de Abraão 3.6-29.
 - c. Comparação entre as duas alianças 4.
 - d. O conflito da carne e do Espírito 5.
 - e. A lei de Cristo 6.1-10.

CONCLUSÃO 6.11-18.

INTRODUÇÃO

A Galácia era uma província que ocupava uma posição central na Ásia Menor. Seu nome é derivado dos gauleses (uma tribo celta) que tinham vindo da Europa. Ali residiam muitos judeus atraídos pelas oportunidades comerciais. Paulo visitou a região em sua terceira viagem missionária (At 18.23). Seus convertidos, compostos de judeus e prosélitos, manifestaram muito entusiasmo e afeição a princípio; mas, logo depois que o apóstolo os deixou, caíram presa fácil dos judaizantes, que queriam tornar obrigatório para a Igreja Cristã o ritual de Moisés. Eles seguiam os passos de Paulo e tudo faziam para solapar sua influência.

O objetivo deles era duplo: primeiro, convencer os judeus convertidos que a autoridade de Paulo era inferior a de Pedro e de outros que representavam melhor o elemento conservador da Igreja; e, segundo, insistir com os gentios para que se submetessem aos ritos da lei cerimonial. Recebendo informação dessa invasão sofrida pela jovem igreja que ele tinha fundado, Paulo escreveu essa carta urgente aos Gálatas, em Éfeso, em 54 A. D., para reafirmar sua autoridade e insistir na total suficiência da obra redentora de Cristo.

COMENTÁRIO

GÁLATAS 1.1-10

Os Perigos de um Evangelho Pervertido. Observemos com que veemência o apóstolo insiste na autenticidade do seu chamado para o apostolado. Esse chamado viera diretamente de Cristo. “Nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo” (v. 1). Nós, os remidos, fomos desarraigados da era presente (v. 4), para a futura, que pode manifestar-se em breve. Ela está, agora, escondida, mas será revelada. A era que precedeu a queda de Jerusalém foi notoriamente corrupta. Falando dos judeus daquele tempo, Josefo diz que eles ultrapassaram Sodoma.

Os falsos mestres que seguiam os rastros de Paulo davam a entender que ele pregava apenas um lado do evangelho, deixando ainda muito espaço para as interpretações que eles faziam. Mas indignadamente o apóstolo repudiou o argumento deles (v. 8). Não, disse ele; não há outro evangelho senão o que vocês ouviram de meus lábios. Existem algumas perguntas solenes que todos nós precisamos responder: “Qual

foi o efeito do evangelho sobre a *minha* vida? Fui remido deste mundo que está acabando, e trasladado para aquele reino invisível e eterno do qual o meu Senhor é o centro e Príncipe? Estou vivendo de acordo com a vontade do meu Deus e Pai? (Veja o versículo 4.)

GÁLATAS 1.11-17

O Verdadeiro Evangelho, Uma Revelação. Quando alguém depreciar o ensino do apóstolo considerando-o meramente paulino, devemos recordar essas fortes declarações, nas quais ele atribui seu conhecimento do evangelho a uma revelação direta do Senhor. Ele recebeu do próprio Cristo aquilo que transmitiu à Igreja. (Veja Atos 1.2.) Era isso que conferia autoridade à sua mensagem.

Que enorme fascínio deve ter exercido sobre ele o monte Sinai, que, sem dúvida, foi o objeto de sua viagem à Arábia! Antes dele Moisés e Elias já tinham estado ali, na majestosa solidão do monte, aprendendo com Deus. Enquanto o apóstolo ali permaneceu, com ilimitada oportunidade para gozar de

comunhão com Deus, sua mente foi instruída para produzir seu grandioso conjunto de conceitos que distingue suas epístolas das outras, e faz a conexão do Novo Testamento com o Antigo. É maravilhoso quando Deus revela a um crente que seu Filho reside na alma dele. Não há dúvida de que, se somos realmente regenerados, Cristo está em cada um de nós. (Veja 2 Coríntios 13.5.) Mas parece que, em muitos casos, um véu esconde de nossa consciência esse abençoado fato. Então precisamos de um milagre da graça, semelhante ao que, na crucificação, rasgou em dois o véu do templo de alto a baixo (Mt 27.51).

GÁLATAS 1.18-24

Da Parte de Cristo, Não dos Homens. A primeira visita que Paulo fez a Pedro deve ter sido de profundo interesse para ele. Sem dúvida os dois repassaram juntos as santas cenas do ministério do Senhor, e Pedro deve ter narrado a história do Getsêmane e do Calvário, em todas as suas minúcias, que Paulo ouviu bebendo cada detalhe. E quantas perguntas ele não deve ter dirigido àquele que fora testemunha ocular daquela morte sagrada e do túmulo aberto! Paulo não ignorava esses fatos, mas desejava apreciá-los sob a nova luz da fé e do amor. A conversa que esses dois apóstolos devem ter tido nos dá uma pequena idéia do que podemos esperar quando o povo de Deus estiver reunido nas muitas moradas da casa do Pai.

A súbita conclusão dessa visita a Jerusalém é descrita em Atos 9.28-30. Sem demora Paulo teve de deixar a cidade e partir rumo a sua terra, a distante cidade de Tarso, onde passaria dois ou três anos até que o bom Barnabé viesse convocá-lo para auxiliar em Antioquia. (Veja Atos 11.25,26.) Provavelmente durante esse intervalo, o apóstolo começou a evangelizar as regiões mencionadas em 1.21. Estejamos atentos para que não recebamos *nós* nenhuma glória do homem, mas que os homens vejam Deus em nós e nós em Deus. Nada somos; ele é tudo, e a ele seja a glória (Sl 115.1).

GÁLATAS 2.1-10

Firmemente Posicionado ao Lado da Verdade. A grande controvérsia da carreira de Paulo foi a do rito inicial do judaísmo. Seu ministério teria sido relativamente calmo se ele se tivesse disposto a admitir que o cristianismo era uma seita do judaísmo, e que para alguém se tornar cristão tinha de tornar-se judeu. Sua tese era que o aspecto cerimonial da lei não se aplicava aos gentios convertidos; que eles tinham o direito de obter a salvação diretamente em Jesus Cristo, sem ter que percorrer a tortuosa rota do judaísmo. Quando alguém insistia que o rito externo era necessário, ele lhe resistia com toda a ardente veemência de sua natureza (vv. 3,11,12). Mas, quando seus oponentes se mostravam dispostos a admitir que a circuncisão não era essencial, ele a administrava a um homem de sangue judeu, fazendo uma concessão ao fraco e indouto (At 16.3).

Que abençoado encontro os quatro aqui mencionados devem ter tido! Tiago falaria da vida de Jesus em sua infância e juventude no lar de Nazaré; Pedro falaria de seu relacionamento com Cristo durante o ministério terreno do Senhor; João revelaria facetas da vida espiritual de Jesus, como fez depois no seu Evangelho; Paulo relataria a revelação do Cristo ressuscitado na estrada de Damasco. Notemos que se quisermos ser bem-sucedidos no ministério do evangelho, Deus tem que operar em nós e por nós. (Veja o versículo 8.)

GÁLATAS 2.11-21

Vivendo Pela Fé em Cristo. Evidentemente Pedro voltou atrás em relação à lição que aprendera com a clara revelação recebida em Atos 10 e à sua prática anterior, como se vê pelo versículo 12. O medo da ala conservadora da igreja-mãe fê-lo cair numa armadilha. Seu exemplo teve um efeito desastroso sobre os outros cristãos hebreus, que se orientavam pelos atos dele. Mas a repressão de Paulo trouxe Pedro de volta à sua prática anterior, mais adequada.

Paulo passa a demonstrar que a

morte de Cristo tirou-nos inteiramente da esfera da antiga Lei, com suas restrições e distinções entre limpo e impuro, judeu e gentio (vv. 15-19). Se o ponto de vista conservador estava certo e era errado comer na companhia dos gentios, então tudo o que Cristo fizera e ensinara fora em vão. Na verdade, ele se tornara um ministro do pecado (v. 17), porque havia ensinado seu povo a associar-se com os gentios. Mas tal sugestão obviamente era inconcebível e, portanto, Pedro estava errado em retirar-se da companhia dos gentios.

Então, o apóstolo faz a memorável confissão sobre o poder da cruz em sua própria vida (vv. 20,21). Ela se levantava entre ele e o passado. Seu ego estava pregado nela, e a nova vida que levava não mais provinha de vãos esforços para guardar a lei, mas da vida de Jesus que havia em seu interior, a fonte perene de João 4.14.

GÁLATAS 3.1-10

A Justiça Baseada na Fé. A grande tendência dos cristãos gálatas de crerem nas cerimônias ou na obediência à lei, somando-as à sua fé em Cristo, leva Paulo a fazer nesse capítulo uma demonstração magnífica da simplicidade e suficiência da fé.

A fé tinha sido o fundamento de sua vida cristã (vv. 1-5). Eles haviam obtido a paz com Deus mediante a fé. Pela fé também tinham recebido a plenitude do Espírito Santo. Assim como haviam começado, importava que terminassem!

E fora também a fé, o meio pelo qual Abraão tinha sido aceito por Deus (vv. 6-10). Desde o princípio, o evangelho da fé lhe havia sido anunciado pelo Espírito divino. Muito antes de ter-se tornado judeu por meio do rito de iniciação do judaísmo, crera humildemente na promessa de Deus, e com base nisso fora reconhecido justo. A fé simples foi a condição única que ele cumprira, e a promessa de que toda a carne seria abençoada através dele lhe fora dada quando ele ainda era um gentio crente. Certamente o que tinha sido suficiente para o pai dos crentes seria também para seus filhos! Que cada leitor tome cuidado para não crer meramente

no que se diz acerca de Cristo, mas crer nele, de modo que não esteja mais debaixo da maldição, mas dentro da bênção.

GÁLATAS 3.11-19

Herdeiros da Promessa. Nós não estamos sob o domínio da lei cerimonial, contida nos preceitos do Levítico. O Salvador a cumpriu totalmente. Quanto à maldição que é lançada contra todo aquele que transgredir o código moral declarado nos Dez Mandamentos, seja ele judeu ou gentio, o Salvador nos remiu dela, fazendo-se maldição por nós. Nada nos resta fazer, senão confiar em sua obra consumada e entrar na posse da mesma herança de bênção, como Deus revelou a Abraão em Gênesis 12.1-3.

A dispensação mosaica constituiu um parêntese no relacionamento de Deus com o homem. A intenção divina era produzir a convicção de pecado. Quando o ideal de Deus é colocado diante de nós, tornamo-nos conscientes de nossa deformação espiritual, de nossos pecados, e assim somos conduzidos a Cristo. Estejamos atentos para que nos sintamos verdadeiramente unidos a ele que é o anunciado descendente de Abraão; porque, se permanecermos nele, tornamo-nos herdeiros de toda a riqueza da promessa que está contida na antiga aliança, feita com o pai de todos os que crêem.

GÁLATAS 3.20-29

A Lei nos Conduz a Cristo. A lei mosaica não tinha por objetivo ser o código final da vida religiosa, mas preparar o solo do coração humano para receber Jesus Cristo em toda a plenitude de sua salvação. Ela foi a tutora do povo hebreu com o propósito de habilitá-los a se tornarem os mestres religiosos da humanidade. Portanto não podia tomar o lugar da grande aliança da graça, que se iniciara com Abraão antes mesmo de ele receber o rito da circuncisão, quando então ele representara *todos* os que crêem, judeus ou gentios. O engano dos homens com quem Paulo contendia era que consideravam permanente um sistema temporário, e de sentido parentético.

Para muitos indivíduos atualmente, como aconteceu aos hebreus, muitas vezes há um período em que a consciência é confrontada com as santas exigências da lei de Deus, que os homens não conseguem observar; mas, quando eles descobrem a plena graça de Deus em Cristo, já não sofrem mais na mão do "aio", mas tornam-se como filhos na casa do Pai. Revestem-se de Cristo, são aceitos no Amado, e compreendem que formam uma unidade com todos os que crêem. Todas as promessas feitas a Abraão são deles, e, como seus filhos espirituais buscaram o cumprimento delas.

GÁLATAS 4.1-11

Viver Como Filhos, Não Como Escravos. O apóstolo usa muitas vezes a palavra "rudimentos" (vv. 3,9; Cl 2,8,20). Apesar de a legislação mosaica ser em si mesma santa e elevada, Paulo se referia a ela como algo que pertencia a uma era já ultrapassada, e a um sistema antiquado, se fosse apresentada àquele que busca a salvação como uma condição básica para esta. O propósito integral de Deus, ao enviar seu Filho, era resgatar-nos do domínio da lei, para que pudéssemos gozar da liberdade e da alegria da casa do Pai. Não somos mais meninos de menor idade, ou escravos, mas filhos e, se filhos, então herdeiros de Deus.

Muitas vezes, alguns cristãos profanos revelam um sentimento de fracasso que infelizmente não se harmoniza com sua posição em Cristo. Não sejamos excessivamente ansiosos. Vivamos na casa do Pai com o coração constantemente livre. Lembremo-nos de que estamos debaixo do mesmo teto que Cristo, e temos o direito de valer-nos de toda sua graça e auxílio. Não rejeitemos nenhuma tarefa que Deus ponha diante de nós, mesmo que ela seja cansativa; e não nos perturbemos por causa de regulamentos maçantes ou irritações sem importância.

GÁLATAS 4.12-20

Tratamento Fiel e Dedicado. Como é grande nosso prejuízo quando nos permitimos desviar da simplicidade da fé para passar a confiar em cerimônias, ritos e numa rotina estabelecida! In-

vitavelmente isso nos conduz à escravidão. Portanto, não prestemos atenção ao que é exterior, mas procuremos ter Cristo dentro de nós, e, lá dentro, ele nos dará uma nova vida, da qual ele próprio é a energia e centro de interesse. Cada vez que nos submetemos a uma determinação do Espírito, temos mais dele, e menos do ego.

No versículo 15 talvez tenhamos um indício quanto à natureza do espinho na carne, de que Paulo fala. Essa referência tem levado muitos a supor que ele sofria de oftalmia aguda, ou inflamação dos olhos. Mas nada o desviava do trabalho em que ele empenhava todo o seu ser em favor dos convertidos (v. 19). Que bela analogia podemos estabelecer entre a formação de Cristo na alma e a formação de um pintinho dentro do ovo! A princípio o minúsculo ser é quase imperceptível no meio da massa viscosa na qual flutua; mas dia a dia essa matéria vai diminuindo enquanto a minúscula criatura em formação vai aumentando. Assim, também, na regeneração a vida de Cristo é implantada em nós, e depois irá aumentando até que a totalidade do ego pecaminoso se perca diante de sua Presença dominante.

GÁLATAS 4.21-31

"Filhos da Promessa". Nesta alegoria de Sara e Hagar, é importante notar que Paulo não está debatendo a questão do princípio do mal em nosso coração, mas da tentativa de se misturarem duas dispensações ou métodos de experiência religiosa — a lei e o evangelho.

Ele diz que a pobre jovem escrava, Hagar, que Abraão comprara para ser uma auxiliar pessoal de sua esposa, representa o monte Sinai, o monte da lei, na Arábia, de onde ela talvez fosse originária. Hagar representa também os judaizantes, cujo centro de atividade estava em Jerusalém, enquanto seus emissários seguiam atrás do apóstolo, insistindo em que seus convertidos se colocassem sob o velho cerimonialismo levítico. Paulo diz aos gálatas que eles devem optar entre uma servil observância de rituais exteriores e uma fé simples na obra realizada por Jesus. Ele os exorta a expulsarem Hagar e Is-

mael, os quais lembram a carne, e a se dedicarem a servir ao Espírito, o que representa liberdade, paz e alegria em Deus. Cuidemos para não nos entregarmos à subserviência às exterioridades; mas cultivemos uma viva sensibilidade ao Espírito Santo.

GÁLATAS 5.1-12

Retende Firmemente a Vossa Liberdade. Somos livres. O Filho nos libertou, e, verdadeiramente somos livres, embora não sejamos livres para desobedecer aos ditames e impulsos de nossa nova criatura. Estamos livres de pequenos preceitos, de regras e determinações sacerdotais, de tudo que restringe e impede nosso desenvolvimento espiritual; mas, ainda estamos sob a lei de Cristo que cuidará para que a justiça essencial da lei mosaica se cumpra em nós "que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8.4).

Se alguém guarda a lei mosaica como meio de se salvar, deve cumprí-la integralmente (v. 3). Quanto a Paulo — e ele se inclui aí pelo emprego do pronome "nós" (v. 5) — ele tinha uma firme confiança de que sua esperança não seria frustrada. Cristo está sempre nos chamando para o alto (v. 8). Mantenhamo-nos em guarda contra o fermento do falso ensino (v. 9). O apóstolo mostra como era absurdo supor que ele estivesse a favor da circuncisão, já que, se esse fosse o caso, a longa perseguição que sofreu a vida toda cessaria (v. 11). Eram esses versículos que Bunyan tinha em mente quando mostrou "Sábio-Segundo-o-Mundo", originário da cidade da "Conduta Carnal", esforçando-se para levar "Cristão" a abandonar o Caminho da Cruz e ir à casa de "Legalidade".

GÁLATAS 5.13-26

Produza o Fruto do Espírito. O fato de Cristo nos haver libertado da lei como meio de salvação não significa que nos libera da restrição moral, mas nos coloca sob uma lei superior, a lei do amor. Não observamos essa lei para sermos salvos; mas, estando salvos, nós a observamos por amor a Cristo. O poder que a nova vida possui advém da

habitação do Espírito Santo nela. Unamos nossa vida à dele, que está brotando em nosso interior. Vivamos no Espírito. Enquanto vivermos e andarmos no Espírito, estaremos seguros.

O Espírito Santo opera em nós certas influências que atuam contra os germes do pecado, da mesma forma como um desinfetante ataca as bactérias infecciosas. Se nos submetemos a essas influências e ficarmos cheios do Espírito de Jesus, seremos libertos do domínio do ego que o apóstolo chama de "a carne". A medida em que Jesus vai sendo formado em nós, a nova flor e o fruto da sua vida ressurreta aparecerão em nosso ser, enquanto as obras corruptas da carne reduzir-se-ão e desaparecerão.

GÁLATAS 6.1-10

Nossa Própria Carga e a dos Outros. O espírito do mundo se gozeja com o pecado do outro; o Espírito de Cristo nos induz a restaurar o pecador. Nosso primeiro pensamento nunca deve ser desforrar ou desprezar, nem afirmar nossa própria posição, mas, sim, ajudar o irmão caído a voltar à sua antiga posição no amor de Deus. A lembrança de nossas próprias tentações e falhas deveria tornar-nos compadecidos e ternos para com outros. Aqui o apóstolo não se refere a um pecado premeditado, mas àqueles que praticamos quando somos engodados e apanhados desprevenidos.

Esse santo trabalho de restauração deve ser feito pelos homens mais espirituais da igreja, que devem fazê-lo com grande bondade e humildade. É assim que levamos as cargas uns dos outros; mas existem algumas cargas que cada um terá de levar sozinho, tais como sua própria existência e sua prestação de contas a Deus.

A vida é uma sementeira. É a época em que preparamos a colheita celestial. O sulco aberto como que nos chama a semear; e a todo momento, de alguma forma, estamos espalhando sementes que, inevitavelmente, reencontraremos assim que elas derem fruto. Lembremo-nos, principalmente, de nossas obrigações para com os filhos de Deus.

GÁLATAS 6.11-18

Gloriando-nos Somente na Cruz. Geralmente Paulo ditava suas cartas, mas essa ele a escreveu de próprio punho. As letras eram grandes e claras (v. 11). Talvez isso fosse devido à sua enfermidade na vista, mencionada em 4.15. Mas o apóstolo se gloriava das cicatrizes que o sofrimento tinha deixado no seu corpo, porque elas lhe pareciam as marcas da sua feliz escravidão a Jesus (v. 17). Se os mestres judaizantes se gloriavam de sua marca, muito mais ele se gloriava das suas! A cruz o separara do mundo. Ele era indiferente tanto ao louvor quanto à reprovação

dele; suas ordens de marchar só as recebia de Cristo. É essa a terceira vez em sua epístola que Paulo cita a influência da cruz. (Veja 2.20; 5.24; 6.14. Compare o versículo 15 com 1 Coríntios 7.19.)

Notemos a amplitude da bênção do apóstolo (v. 16). Assim que somos uma nova criatura, criados à semelhança de Cristo, e passamos a andar de acordo com essa regra, logo percebemos que fomos introduzidos numa família de espíritos afins, que passaram pela mesma experiência radical, e que estamos unidos debaixo da mesma cobertura de paz e misericórdia. Esses constituem o Israel de Deus. (Veja 3.7.)

A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

“A Soberana Vocação de Deus em Cristo Jesus”



SAUDAÇÃO 1.1,2.

PRIMEIRA PARTE: CRIADOS EM CRISTO JESUS 1.3-3.21.

1. O LOUVOR DE SUA GLORIOSA GRAÇA 1.3-14.
 - a. A obra do Pai 1.3-6.
 - b. A obra do Filho 1.7-12.
 - c. A obra do Espírito 1.13,14.
2. A FÉ DOS EFÉSIOS 1.15-23.
 - a. Dando graças por sua presente fé 1.15.
 - b. Oração por seu pleno esclarecimento 1.16-23.
3. CONTRASTE ENTRE O PASSADO E O PRESENTE 2.
 - a. A maneira anterior de vida dos efésios 2.1-3.
 - b. Como eles foram redimidos 2.4-10.
 - c. O caráter anterior dos efésios 2.11,12.
 - d. Como eles foram transformados 2.13-22.
4. O MINISTÉRIO ESPECIAL DE PAULO 3.
 - a. Os gentios são co-herdeiros do evangelho 3.1-13.
 - b. Oração para que os efésios possam compreender seu privilégio 3.14-19.
 - c. Doxologia 3.20,21.

SEGUNDA PARTE: PARA BOAS OBRAS 4.1-6.20

1. O CRISTÃO NA IGREJA 4.1-16.
 - a. Uniformidade do caráter cristão 4.1-6.
 - b. Variedade do serviço cristão 4.7-12.
 - c. O apogeu do desenvolvimento cristão 4.13-16.
2. O CRISTÃO NO MUNDO 4.17-5.21.
 - a. A maneira pagã de viver não convém aos cristãos 4.17-24.
 - b. Pontos de contraste 4.25-32.
 - c. Vivendo na luz 5.1-14.
 - d. Vivendo no Senhor 5.15-21.
3. O CRISTÃO NO LAR 5.22-6.9.

Deveres das esposas, maridos, filhos, pais, servos, senhores 5.22-6.9.
4. O BOM COMBATE DA FÉ 6.10-20.
 - a. Toda a armadura de Deus 6.10-17.
 - b. A oração prevalente 6.18-20.

CONCLUSÃO 6.21-24.

INTRODUÇÃO

A primeira visita de Paulo a Éfeso está relatada em Atos 18.19-21. A obra ali iniciada nessa ocasião foi continuada por Apolo. Em sua segunda visita, Paulo permaneceu com eles três anos. Mais tarde, em viagem para Jerusalém, ele teve, em Mileto, uma emocionante entrevista com os presbíteros da Igreja de Éfeso. Essa epístola foi endereçada à igreja cerca de quatro anos depois, na fase inicial de sua detenção em Roma, e pouco depois escreveu a dos colossenses, com a qual essa muito se assemelha. Os fundamentos, rumos e destino da Igreja são os sublimes assuntos dos quais trata a epístola, e o estilo está bem de acordo com seu elevado caráter.

COMENTÁRIO

EFÉSIOS 1.1-14

Nossa Riqueza em Cristo. Essa carta tem sido chamada a “Epístola do em”, porque está repleta da preposição “em”. Os “santos” são gente de carne e osso como nós mesmos, e nós podemos ser santos. Essa palavra significa “separado”. Nós estamos em Cristo e ele está em nós, e qualquer virtude que porventura tenhamos se deve ao fato de lhe darmos lugar e liberdade para que ele opere em nós seus próprios ideais. Estar nas “regiões celestiais”, significa viver mais no plano espiritual e extrair nossa força do mundo invisível e eterno, que está concentrado no Senhor. Nós estamos nele no que diz respeito à justificação — isto é, ele é a fonte de uma vida santa e útil. A condição para termos uma vida abençoada é manter conscientemente essa unidade.

A fonte de tudo o que somos, temos e esperamos ser, no que diz respeito à salvação, é a vontade de Deus para nós; mas essa corrente flui para nós através do Senhor, e o fim para o qual se dirigem todas as coisas é a in-

tegração de tudo em Cristo. Assim como ele foi o Alfa, também será o Ômega. O selo do Espírito Santo é de valor incalculável, porque significa que recebemos a marca da semelhança com Cristo e, assim, somos conservados invioláveis em meio a todas as vicissitudes da vida. (Veja Ester 8.8 e João 6.27.)

EFÉSIOS 1.15-23

O que o Coração Pode Receber. É bom examinar detalhadamente os sucessivos elos dessa corrente de ouro quando estamos em nosso aposento, apropriando-nos deles um a um e nos perguntando se já recebemos o espírito de sabedoria e revelação para conhecer a Cristo, e se os olhos de nosso coração foram iluminados para sabermos qual é a esperança, a riqueza, a glória, e a grandeza de seu poder. À medida que nos rendermos à força do poder de Deus, ele nos levantará do túmulo do egoísmo e fará com que nos assentemos com Cristo nos lugares da vida e poder espirituais.

Notemos a ênfase com que Paulo afirma a supremacia da natureza de

Cristo (vv. 21,22). Isso é um salmo de ascensão (romagem). Nós até podemos visualizar suas pegadas, cada vez mais altas, enquanto todos os poderes do mal que dominam as trevas ficam abaixo dele. O Senhor está subindo e acha-se bem acima de todos, e, se reivindicarmos nossos direitos como membros do seu Corpo glorificado, também nos posicionaremos acima de todos os nossos adversários espirituais. É mais fácil atacar um inimigo quando estamos acima dele do que quando estamos abaixo. Notemos, também, que Cristo necessita da Igreja tanto quanto a cabeça necessita do corpo, porque é através da Igreja que ele se realiza. Peçamo-lhe que nos encha plenamente de toda a sua plenitude.

EFÉSIOS 2.1-10

O que a Graça Operou. Evidentemente os mortos podem andar; isto é, eles podem estar mortos para o mundo eterno mas vivos para este mundo, que está passando como um filme de cinema. A morte do espírito está muito ligada a um intenso interesse ativo pelo “curso deste mundo”. Por trás dos variantes cenários do mundo está o grande inimigo das almas. Como o Espírito de Deus opera naquele que é obediente, assim faz o espírito do mal naquele que é desobediente. Notemos esta trindade do mal: “o curso deste mundo”, “as inclinações de nossa carne”, e “o príncipe da potestade do ar”. Se é que desejamos salvar os homens, precisamos estar numa união viva com o invencível Espírito de Cristo.

Notemos, também, o tempo passado do verbo que fala da obra de Cristo (vv. 5,6) dando-lhe caráter definitivo. Segundo o propósito de Deus, fomos ressuscitados do túmulo do pecado e estamos assentados com o Senhor ressurreto, aceitos e triunfantes. Nós estávamos com Cristo quando ele jazia no túmulo e depois também, quando ressuscitou. No pensamento de Deus nós já estamos assentados sobre o trono com o Cristo glorificado; a pena é que não creiamos nisso, ou que ajamos como se não estivéssemos assentados com ele. Tudo isso é dom do amor de Deus, que não merecemos.

Por meio da graça fomos colocados nessa posição, e, pela graça, somos mantidos nela. Somos “feitura” de Deus; esse é o sentido da palavra grega aqui traduzida como “obra” (v. 10). Fomos criados para boas obras; elas foram planejadas para nós, e a nós apenas nos incumbe vivê-las.

EFÉSIOS 2.11-22

Reconciliados e Unidos Pela Cruz. O estado do não-convertido pode ser descrito por uma série de negações. Seria o mundo sem o sol; o lar sem amor; o estado sem liberdade! Os não-salvos não têm consciência de sua perda infinita; mas, se eles pudessem ver o que herdamos através de nossa união com Jesus, deixariam de se admirar de que não corramos com eles na busca do mesmo excesso de desregramentos. Não é preciso muita persuasão para que uma jovem se desfaça de suas bijuterias quando alguém lhe oferece jóias verdadeiras.

Não havia afinidade natural entre o judeu e o gentio. Isso ocorria em parte por causa da nacionalidade e gênio diversos; mas, além disso, a totalidade do código de costumes judaicos a respeito do uso de alimentos limpos e da poluição cerimonial impedia maior aproximação. Todas essas paredes de separação foram derrubadas por Cristo. Nele, a pedra angular, se juntavam duas paredes, que vinham de direções diferentes. Duas seções da humanidade — Oriente e Ocidente — se uniram uma à outra e, assim, criou-se uma nova unidade da humanidade.

Que elevado conceito é dado aqui acerca da Igreja e, num plano supremo, dos remidos, crescendo através dos tempos e se tornando o lugar da habitação de Deus! Notemos a Trindade; por meio de Jesus, o Pai Eterno vem para habitar no coração do homem, pelo Espírito.

EFÉSIOS 3.1-13

Os Gentios Participam das “Riquezas Insondáveis”. O termo que aqui é traduzido como “dispensação” deveria ser traduzido como “mordomia”. Nós somos depositários de Deus para com os homens. A cada um de nós é confiado

um aspecto especial da verdade que devemos entregar a outros seja pela força do nosso caráter, seja pelo ensino de nossos lábios. Foi dado a Paulo divulgar a grande verdade de que os gentios podiam entrar na Igreja de Deus em pé de igualdade com os judeus. Durante os primeiros estágios da instrução do homem nas coisas de Deus esse segredo fora mantido guardado; mas, com o advento do Filho do homem, as portas da Igreja tinham sido abertas a todos. O fato de Paulo insistir nessa verdade foi a principal causa do ódio e da oposição que tanto transtornaram sua vida. “Co-herdeiros”, membros do mesmo corpo e co-participantes! Essa verdade não era resultado de uma dedução lógica, mas tinha sido comunicada a Paulo por uma revelação direta, assim como outros dos seus ensinamentos. (Veja Gálatas 1.11ss.)

A história da Igreja — sua gênese, crescimento e desenvolvimento — é matéria de estudo angélico (v. 10). Na história da redenção são apresentados e ilustrados aspectos da natureza divina que não são revelados em nenhum outro lugar, e, por isso, as inteligências celestiais se voltam com profundo interesse para a história humana narrada do ponto de vista da Igreja de Cristo.

EFÉSIOS 3.14-21

O Maior de Todos os Desejos. O ponto central dessa oração está na cláusula que diz que Cristo pode fazer sua morada no coração do crente através da fé. As petições anteriores conduzem a essa. Notemos a atitude do apóstolo — de joelhos; sua petição a Deus — ele é o Pai de quem emana todo o amor que há na família; sua medida — a riqueza da gloriosa perfeição de Deus; o pré-requisito necessário para a habitação de Cristo — que o poder do Espírito penetre no mais íntimo de nosso ser. E depois, o resultado: o Cristo que habita em nós quer que sejamos arraigados e alicerçados em amor. Quando isso acontecer, nós compreenderemos seu amor; e, quando experimentarmos e conhecermos o amor de Cristo, seremos completamente cheios em nossa pequena medida assim como Deus o é em grande medida.

Conta-se que certa vez, quando um cirurgião estava sondando o peito de um velho soldado agonizante, que pertencia ao exército de Napoleão, à procura da bala fatal, o homem disse ao médico: “Se aprofundar mais o corte, encontrá o Imperador.” A fé abre a porta ao Espírito; o Espírito revela Cristo; Cristo enche o coração; o coração começa a compreender o amor; que é o meio pelo qual nos enchemos de Deus, porque Deus é amor. Pedir tudo isso pode parecer demais à nossa mente; mas o Deus que opera em nós com tal poder é capaz de fazer muito mais do que nós pedirmos, mais do que pensamos — infinitamente mais, muito, muito infinitamente mais.

EFÉSIOS 4.1-10

Preservando a “Unidade do Espírito”. Aqui Paulo recomenda humildade em presença da excelência de outrem; mansidão ao receber injúria; longanimidade ante a provocação; perdão para com os enganados e as falhas irritantes dos outros. Lembremo-nos de que a unidade da Igreja, como o Corpo de Cristo, já existe; cabe a nós mantê-la. Devemos evitar tudo que, por palavra ou ação, possa quebrá-la. A unidade é constituída de sete elos, mas, destes, o maior é a natureza de Deus, que é transcendente, “o qual é sobre todos”; penetrante, “age por meio de todos”; e imanente, “está em todos”. Todo crente tem alguma graça ou dom; façamos uso deles. De um modo geral, depois que alcançarmos a maturidade, será melhor nos concentrarmos naquilo que podemos fazer melhor.

Que magnífica concepção ele nos dá nos versículos 8 e 9 acerca do Cristo que subiu às alturas! O conceito original foi dado por Débora em seu belo cântico. Descendo o Tabor, após sua vigília matinal, ela convocou Baraque para levar cativo o inimigo que, por tanto tempo havia mantido a terra sob cativo. Mas, na ascensão de Jesus, uma extensa procissão de inimigos ainda mais poderosos foi levada cativa por ele. Entre eles estavam a morte, a sepultura, e o hades, a região dos mortos. É das mãos de Jesus que todos, até mesmo o rebelde, podem receber

dons. Não há profundidade à qual Jesus não desça para nos salvar, nem altura à qual ele não nos eleve!

EFÉSIOS 4.11-19

Edificando o Corpo de Cristo. Apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas são as dádivas do Cristo ressuscitado à sua Igreja. Não deveria haver rivalidade entre eles. Cada um tem seu próprio trabalho a executar, assim como cada engrenagem dum relógio tem sua função especial. Ninguém pode fazer o trabalho do outro, e nem deveria tentar fazê-lo. Os apóstolos lançaram os fundamentos da Cidade de Deus, e a obra de cada um é representada por uma pedra diferente. O pastor prepara o solo e lança a semente para a colheita que o evangelista ceifa; mas Deus distribuirá proporcionalmente entre eles a recompensa. O mestre é tão necessário quanto o evangelista, mas ninguém é tão essencial quanto Deus, que dá o crescimento. Sem isso todo o labor seria em vão.

Pelo versículo 12 aprendemos que o primeiro dever de todos esses agentes não é batizar, casar e sepultar os crentes, confortá-los e consolá-los e de algum modo conduzi-los ao céu, como os guias árabes conduzem turistas ao alto das pirâmides. O dever deles é “aperfeiçoar”, isto é, preparar os crentes para a obra do ministério, de modo que eles possam contribuir para a edificação da Igreja. Se um pastor faz toda a obra sozinho, está fracassando em seu objetivo. Todo mundo deve estar em ação — tirando pedras na pedreira, lavrando-as, ou colocando-as em seus lugares.

EFÉSIOS 4.20-32

Revestindo-nos do “Novo Homem”. O Senhor Jesus é o nosso compêndio, nosso mestre, a escola na qual nós aprendemos, e a lição objetiva na qual toda a verdade está encerrada. Mas a não ser que nós, definitivamente e para sempre, nos despojemos do velho homem — isto é, de nossas velhas maneiras e costumes na medida em que são contrários ao Espírito de Cristo — será tudo em vão. E Paulo nos exorta também, com igual decisão, a renovar

diariamente o nosso espírito bem como a conformar nossa vida exterior ao exemplo de Jesus. Mas nunca devemos nos esquecer de que essa última pode tornar-se uma casca seca, se não for energizada pela videira verdadeira. Se Cristo não estiver reinando sozinho em nosso interior, haverá muito pouco dele em nosso exterior. Mas o Espírito Santo cuidará disso, bastando que não o entristeçamos.

Que maravilhosa transformação se segue imediatamente! Verdade em vez de mentira, brandura em vez de ira, trabalho diligente em vez de roubo, palavra edificante em vez de torpe. Se todos os crentes vivessem assim, o mundo ficaria sabendo que o Filho de Deus já veio. Para alguém livrar-se da ira de Deus, não basta que creia; ele deve, diariamente, procurar obter tal semelhança com Jesus de modo a fazer com que as pessoas pensem no Senhor.

EFÉSIOS 5.1-12

“Andai Como Filhos da Luz.” Na verdade é uma soberana vocação imitar a Deus e andar em amor segundo o exemplo de Cristo; mas isso será impossível a menos que abramos o íntimo do nosso coração ao Espírito Santo. Não somente devemos sacrificá-nos pelos outros, mas também deve haver uma fragrância em tudo que fazemos. “Um aroma suave.” Notemos com atenção as ordenanças dos versículos 3 e 4, principalmente no que diz respeito à palavra. É pela nossa palavra que revelamos a verdadeira condição de nosso coração.

Devemos ser tão distintos do mundo quanto a luz é das trevas. Não deveria haver penumbra em nosso testemunho do Senhor, embora possa haver pontos obscuros em nossa compreensão da verdade. Devemos evitar tudo que for infrutífero, que possa fazer-nos corar se transcrito e lido para o mundo, tudo que seja discrepante da luz clara e forte que emana do trono de Deus. Temos de andar na luz do Senhor. Assim, nós mesmos nos tornaremos luminosos, como ocorre com alguns diamantes depois de expostos à luz do sol. Aqueles que amam as

trevas nos evitarão e nos odiarão; mas sua maneira de tratar-nos pode apenas constituir-se em motivo de incentivo para nós, enquanto Deus se nos torna cada vez mais precioso.

EFÉSIOS 5.13-21

“Remindo o Tempo.” Os primeiros versículos lembram Isaías 60. Desperta, ó tu alma cristã; levanta-te do pó e veste tuas belas roupagens! Mantém-te de pé no pico da montanha da oração e Cristo te fará brilhar assim como a manhã doura os alpes elevados! O filho de Deus deve pôr-se de pé em meio àqueles que ainda estão em seu túmulo, mortos em delitos e pecados. Com esses, ele não pode acumpliciar-se nem ter amizade. Isso exige esforço e custa alguma coisa? Cristo nos compensará sobejamente. Ele não falhará.

As oportunidades da vida passam fugazes; apropriemo-nos delas. Elas são muito valiosas, porque constituem a sementeira da eternidade. Na outra vida ceifaremos a colheita que tivermos plantado aqui. Crisóstomo, quando moço, ficou em silêncio vários dias seguidos para vencer o mau hábito de criticar. Mas o método do apóstolo é melhor. Deixemos o Espírito Santo entrar em nós. Enchamo-nos dele, e ele usará nosso coração e lábios para louvor e ações de graça. É dever nosso encher-nos do Espírito Santo tanto quanto o é não nos embriagarmos. Lembremo-nos “sempre” de dar graças “por tudo”. Gostemos ou não da embalagem, podemos ter certeza de que o conteúdo é o melhor que Deus podia fazer chegar às nossas mãos.

EFÉSIOS 5.22-33

O Amor do Marido e da Esposa. O apóstolo vinha instando conosco para que nos enchêssemos do Espírito, e agora passa a mostrar como devem agir, no lar, as pessoas cheias do Espírito. Ele vinha recomendando louvor e alegria, e agora insta em que nossa vida, e não apenas nossos lábios esteja harmonizada com a música.

Que sublime ideal de vida matrimonial temos aqui! Crisóstomo diz: “Gostarias que tua esposa te obede-

cesse como a Igreja obedece a Cristo? Cuida dela, então, como Cristo o faz em relação à Igreja.” Nossos relacionamentos terrenos são figuras e símbolos das realidades sagradas, e quanto mais introduzirmos na esfera do tempo a inspiração e a virtude das realidades eternas, mais transcendentais e belas as terrenas se tornam. O Senhor nos ensinou que o amor se caracteriza por uma renúncia total. Os homens do mundo sempre querem saber quanto amor podem conseguir; os filhos da eternidade, quanto podem dar; mas essa forma de dar implica em receber de volta com juros capitalizados. Notemos as frases acerca da alimentação e do cuidado. O membro do Corpo de Cristo que se acha ferido, ele sofre em ti e o alimenta; ele ama e o curará!

EFÉSIOS 6.1-12

Filhos e Pais; Servos e Senhores. Se nossa fé for autêntica, ela afetará todos os relacionamentos que temos com outros. O amor de Cristo precisa manifestar-se no quarto das crianças e na cozinha, na oficina e na câmara municipal. Mas notemos que os deveres são recíprocos. De nosso lado, precisamos dar; assim como esperamos que os outros do seu lado, nos dêem também.

O primeiro dever das crianças é a obediência. Elas precisam ser ensinadas a obedecer porque é justo, e a consciência delas dá testemunho em favor da justiça. Nunca supliquemos a uma criança a que faça o que é certo, nem a subornemos por meio de recompensas. Firmemos nossa autoridade naquele sentido básico de certo e errado, que é o alicerce da moral e assim que a supremacia disso ficar estabelecida será o esteio de toda a vida posterior da criança. Mas os pais ajudariam seus filhos eliminando a irritação ou a raiva de suas próprias palavras. Os escravos constituíam grande faixa da Igreja Primitiva. Eles deviam prestar uma obediência explícita a seus donos e deviam entender que Cristo via o serviço fiel que prestavam a eles, como sendo prestado ao próprio Senhor. Mas os senhores, por seu lado, deviam tratar os servos como quem

um dia será chamado a prestar contas ao grande Senhor de todos. O centro de toda a autoridade é Cristo, e ele pedirá contas do tratamento que dispensamos a cada servo que ele mandou para nossa casa.

EFÉSIOS 6.13-24

Quanto ao Mais, Sede Fortalecidos no Senhor. Muitos gostariam de ser fortes, mas falham porque se esquecem de que só podem ser efetivamente assim “no Senhor, e na força do seu poder”. Paulo tinha uma concepção muito clara das poderosas forças que arremetiam contra a Igreja. Aqui ele não está falando de tentações pessoais, mas das hostes de espíritos maus que estão no mundo. É provável que os vastos sistemas que se opõem ao evangelho —

as filosofias, templos e sacerdotes de falsas religiões; o comércio de bebidas alcoólicas, de impureza e males semelhantes — são diretamente promovidos e incrementados pela atuação de maus espíritos que se acham em armas contra Deus.

Se quisermos prevalecer contra o mal, precisamos ser puros e santos, e, principalmente, devemos dedicar-nos à oração. Para prevalecer nesta guerra precisamos usar diligentemente a arma de “toda oração”. O portador dessa carta foi Tíquico. Ele foi fiel até ao fim (At 20.4; 2 Tm 4.12). A epístola se encerra como começou, com amor imaculado, isto é, puro e eterno. Alford diz: “Essa é a única verdade digna de ser coroa e clímax dessa gloriosa epístola”.

A EPÍSTOLA AOS

FILIPENSES

Para Apresentar Todo Homem Perfeito em Cristo



SAUDAÇÃO 1.1,2.

1. A ATENÇÃO E O INTERESSE DE UM PASTOR PELO SEU POVO 1.3-11.
 - a. Agradecimento pela cooperação deles 1.3-5.
 - b. Confiança em que eles participem da mesma graça 1.6,7.
 - c. Oração pelo enriquecimento espiritual deles 1.8-11.
2. AS COMPENSAÇÕES DA PRISÃO DE PAULO 1.12-26.
 - a. O testemunho de suas cadeias para toda a guarda pretoriana 1.12,13.
 - b. Aumenta-se a intrepidez da comunidade na pregação de Cristo 1.14-18.
 - c. Sua esperança de maior utilidade após a libertação 1.19-26.
3. A VIDA QUE É DIGNA DO EVANGELHO DE CRISTO 1.27-2.30.
 - a. Uma vida de coragem em face do conflito 1.27-30.
 - b. Uma vida de boa vontade e utilidade 2.1-5.
 - c. Uma vida determinada pelo Espírito de Cristo 2.6-11.
 - d. Uma vida triunfante num mundo mau 2.12-18.
(Ilustrada pelos colaboradores de Paulo 2.19-30. Timóteo 2.19-24. Epafrodito 2.25-30.)
4. CONTRASTE ENTRE A JUSTIÇA HUMANA E A DIVINA 3.1-4.3.
 - a. Advertência contra os que se gloriam na carne 3.1-3.
 - b. A reivindicação pessoal de Paulo quanto à justiça legal 3.4-6.
 - c. Seu repúdio a tudo o mais que não seja a justiça de Cristo 3.7-16.
 - d. Advertência contra a mentalidade carnal 3.17-4.1.
(Mensagem pessoal a Evódia e a Síntique 4.2,3.)
5. AS EXORTAÇÕES FINAIS 4.4-9.
 - a. O lugar da oração 4.4-7.
 - b. A necessidade de pureza 4.8,9.
6. UMA MENSAGEM PESSOAL 4.10-19.
 - a. O donativo dos filipenses 4.10-14.
 - b. Sua assistência anterior 4.15-17.
 - c. A aceitação divina desse serviço 4.18,19.

CONCLUSÃO 4.20-23.

INTRODUÇÃO

A Igreja de Filipos parece ter sido uma das mais puras da era apostólica, e recebeu mais agradecimentos e elogios do apóstolo que qualquer outra.

A ocasião da epístola parece ter sido a volta de Epafrodito, que trouxera a Paulo um donativo dos seus amigos de Filipos, mas que caíra gravemente enfermo. Paulo era prisioneiro na própria casa que alugara, em Roma, e estava na expectativa de seu julgamento perante o imperador.

Nessa carta não há nada de caráter polêmico. A paz de Deus guarda a mente e o coração do apóstolo, e do seu coração flui uma torrente de profundo e terno amor. A esperança de estar vivo na vinda de Cristo ainda é sua estrela guia. Sua cidadania é no céu e tudo de que foi privado em relação a riquezas e alegria terrenas, é mais do que compensado pelo que ele obteve em Cristo.

COMENTÁRIO

FILIPENSES 1.1-11

Alegrai-vos no Crescimento; e Procurai Crescer. É tremendamente difícil condensar esta epístola, que é a mais terna e a mais pessoal de todas. Cada palavra merece consideração; cada parágrafo acha-se permeado de uma doçura sem fim. Nos versículos iniciais, ele ensina que podemos promover o evangelho, não apenas por meio de esforços diretos mas, auxiliando aqueles que, como os apóstolos, são dedicados à sua divulgação. Desde o princípio de seu relacionamento com essa igreja, ela nunca falhara em seus donativos de amor, que Paulo procurava compensar com orações em favor dela. Ele considerava os irmãos dali seus cooperadores, lutando contra o mesmo inimigo, no mesmo campo e participando da mesma graça.

A confiança do apóstolo em que tudo quanto Deus começa ele completa de forma perfeita (v. 6), é muito animadora. É disso que precisamos, embora devamos sempre lembrar que isso

está na dependência da fé e da oração. Cada uma das epístolas tem a sua "coleta"; sua oração abrangente oferecida no nome de Cristo. Essa primeira (vv. 9-11) é particularmente bela. O amor abundante resulta em aumento de conhecimento, e este em uma rápida identificação de coisas que são diferentes embora pareçam semelhantes, e isso, por sua vez, em libertação do pecado e do sentimento de culpa. E tudo resultará no fruto de uma vida santa, agradável a Jesus, que traz glória e louvor a Deus.

FILIPENSES 1.12-21

"O Viver é Cristo; e o Morrer é Lucro." Para Paulo, o que pudesse acontecer-lhe era relativamente sem importância, contanto que o evangelho progredisse, pois o progresso do evangelho significava maior glória para Jesus. Ele não se importava de suas cadeias, se por meio delas lhe fosse possível conseguir acesso a novas áreas, ainda não atingidas, para proclamar o Senhor. Ele po-

*"Coleta — Oração que na missa antecede a epístola" — Aurélio. (N. T.)

dia até mesmo aceitar calmamente a injeção e a porfia de alguns, desde que Jesus pudesse ser pregado àqueles que nunca tinham ouvido falar dele. Paulo achava-se preparado para viver ou morrer, para que Jesus pudesse ser engrandecido. Estava disposto a permanecer mais um pouco fora do céu se isso fosse mais proveitoso para a causa que ele amava. Seu principal argumento para conclamar seus convertidos a terem uma vida coerente era que o avanço do evangelho não deveria ser impedido. Parecia bom sofrer, desde que fosse no interesse de Cristo. Oh! Quem dera fôssemos capazes de experimentar semelhante desprendimento em favor dos grandes interesses do evangelho!

Esse parágrafo deixa claro que a morte não é um sono inconsciente. É “lucro”. É desamarar a alma do seu ancoradouro permitindo que ela navegue no imenso oceano do amor de Deus. A morte não interrompe nossa comunhão consciente com o Senhor. O momento de ausência aqui é o momento de presença lá. Morrer é “lucro”, portanto.

FILIPENSES 1.22-30

É um Privilégio Sofrer no Interesse de Cristo. Nosso “procedimento” — “Vivei... por modo digno” (v. 27) — é por demais importante. Seja no dia claro ou nas horas da escuridão ele deve ser digno do evangelho. Devemos demonstrar sempre uma postura e temperamento celestiais, como cidadãos daquela “cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”. Lady Powerscourt costumava dizer que morava no céu, mas todos os dias descia à terra por algumas horas, para fazer seu trabalho aqui, voltando ao lar à noite. Então, nossa roupa, nosso modo de falar e nossa conduta deveriam claramente denunciar-nos como estrangeiros e peregrinos que suportamos bem o desconforto da hospedaria ou as dificuldades do lugar de nossa estada.

Notemos a admirável expressão “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo” (v. 29). Essa é uma honra a mais, que o Senhor nos concede. O Rei nos dá a oportunidade de ficarmos presos ao tronco com ele,

de permanecermos no mesmo pelourinho, e de sermos crucificados no mesmo Calvário. Mas, aqueles que beberem do seu cálice participarão de seu trono. Quando a terra e o céu passarem, os que com ele sofreram serão seus assistentes e formarão sua guarda pessoal em um mundo onde todos o amarão e o honrarão.

FILIPENSES 2.1-11

Seguindo Seu Exemplo de Submissão. Em nenhum outro texto da Escritura — aliás, de toda a literatura — há uma passagem como essa, que compara extremos tão extraordinários. O apóstolo abre o dourado compasso de sua fé, colocando uma ponta dele no trono da glória divina e a outra na borda do abismo onde a cruz esteve plantada; em seguida, ele nos pede para avaliar a dimensão da descida do Filho de Deus quando ele veio até nós para socorrer-nos. Observemos os sete degraus: ele tinha a forma de Deus, isto é, na mesma medida em que foi servo, ele era Deus; “subsistindo em forma de Deus... assumindo a forma de servo”. Com toda a certeza ele era servo e igualmente Deus. Mas não tentou agarrar-se à sua condição divina, porque essa já lhe pertencia. Ele se esvaziou; isto é, recusou-se a tirar proveito dos seus atributos divinos, para que pudesse ensinar-nos o significado de ser totalmente dependentes do Pai. Como servo, ele obedeceu às leis que ele próprio havia criado. Ele se tornou homem — um homem humilde, que morreu na cruz. E foi sepultado. Mas o significado de sua descida foi o de sua ascensão, e, a todos os seus nomes ilustres, está agora acrescentado o de “Jesus-Salvador”. Esse homem deve ser o nosso modelo. Essa é a mente que devemos ter. Na proporção em que nos humilharmos e formos crucificados, em nossa escala menor, obteremos o poder de abençoar e resgatar os perdidos.

FILIPENSES 2.12-18

Luzeiros no Mundo. As sublimes visões que o apóstolo teve da glória do divino Redentor são sempre ligadas a exortações práticas. Nada façamos por partidarismo e vanglória. Tenhamos em

vista o que é dos outros, considerando cada um superiores a si mesmo. Demostremos exteriormente o que Deus está operando interiormente. Nosso coração é a oficina de Deus! Seu Espírito está nele, combatendo o egoísmo, o orgulho, a impureza e a vaidade, mas a nós compete confirmar, em palavras e atos, cada um dos santos impulsos dele. Estejamos atentos a cada um de seus movimentos em nossa alma; à medida que vamos nos submetendo ele se tornará mais claro e mais definido, vindo a ser corroborado pelas circunstâncias externas que Deus colocará em nossa vida. Mas exercitemos o temor e o tremor, como um aluno de um grande mestre se mostra ansiosamente atento a todos os pensamentos ou sugestões que o mestre venha a comunicar.

Dessa maneira nos transformaremos em um farol num mar cheio de rochas, a brilhar com infalível e benéfica beleza entre nossos companheiros. A luz é silenciosa, mas reveladora. Ela é dócil, mas é poderosa em seus efeitos. Quando o sol se põe, a luz se vai; mas pode ser mantida por meio de luminárias até que rompa a aurora. Enquanto brilharmos, estaremos sendo consumidos, mas o sacrifício não será em vão.

FILIPENSES 2.19-30

Honrando os Mensageiros Cristãos. Com muita nobreza, o apóstolo honrava os companheiros mais jovens que trabalhavam com ele. Refere-se a Timóteo como seu “filho”, e se alonga na apreciação da sinceridade do amoroso interesse de Timóteo em relação a cada um de seus convertidos. Fala de Epafrodito como seu “irmão, cooperador e companheiro de lutas”. E com que amor menciona a enfermidade e a cura do amigo, como se Deus lhe tivesse concedido um favor especial devolvendo-lhe esse amado companheiro da grande luta!

Vale a pena meditar sobre a observação de que Deus não soma tristeza e tristeza (v. 27). Ele ameniza o vento para a ovelha tosquiada. Ele adverte o acusador de que não toque na vida de Jó. Juntamente com o castigo, ele nos provê livramento. Enquanto ele está realizando a operação conserva o dedo

constantemente no pulso, e assim que o pulso enfraquece ele a interrompe. Não; ele não dá tristeza sobre tristeza! Observemos também a expressão “dar a própria vida” (v. 30). Essa era uma experiência comum naqueles grandes dias da sofredora Igreja de Cristo (At 15.26). Como é estranho observar os sacrifícios que homens e mulheres são capazes de fazer em tempos de guerra, quando um novo espírito está-se levantando no mundo e as pessoas arriscam tudo em prol da liberdade, da justiça e da pátria. Comparemos esse extravagante desperdício de sangue e de riquezas com o que já fizemos por Jesus.

FILIPENSES 3.1-12

Perdendo Tudo Para Conhecer a Cristo. É preceito sobre preceito, regra sobre regra. Os falsos mestres que seguiam os rastros de Paulo insistiam que os gentios se ajustassem rigorosamente com o judaísmo, com seus acréscimos rabínicos, como condição para serem salvos por Cristo. A resposta de Paulo era que ele tinha passado por todas as exigências do judaísmo, mas o achara totalmente inadequado e ineficiente para vencer o pecado de sua alma. Mas em Cristo ele encontrara tudo de que necessitava. O que antes representara lucro para ele agora não passava de lixo. Havia encontrado a pérola de grande valor, e sentia-se tão feliz que estava pronto a sacrificar tudo o mais para comprá-la e guardá-la, como o símbolo de uma completa vitória.

A essência do judaísmo não era exterior mas interior. A verdadeira circuncisão era a libertação do domínio do ego, e isso só se podia conseguir por meio da cruz de Cristo. O “verdadeiro israelita”, como Natanael, tinha três traços de caráter: sua adoração era espiritual, gloriava-se no crucificado e fora liberto da confiança no seu valor próprio. Peçamos ao Espírito Santo para ensinar-nos a conhecer Jesus na intimidade da comunhão pessoal com ele, a sentir a pulsação de sua vida ressurreta, a experimentar o poder de sua morte, e a compreender a totalidade do seu programa divino. Para conseguirmos isso nós podemos sentir-nos mais do que felizes por pisar em tudo de que nos orgulhamos.

FILIPENSES 3.13-21

Prosseguindo "Para o Prêmio". Quanto mais perto o crente se aproxima de uma vida perfeita, mais longe sente que dela está. Somente depois que ultrapassamos os contrafortes da montanha é que percebemos como seus picos são elevados. Mas não há necessidade de desânimo. Temos a eternidade toda diante de nós, o panorama da verdade, cada vez mais amplo, é a nossa inspiração, e o amoroso Espírito de Deus nos faz subir com asas como águia. O Salvador tinha um propósito definido quando nos "conquistou". E só ele conhecia todo o alcance desse propósito; esforcemo-nos para não fracassarmos na realização do ideal dele. A melhor maneira de fazermos isso é esquecer as falhas, os pecados e sucessos passados, e prosseguir para o alvo. E o prêmio não é o próprio Senhor? Lembremos sempre que a vocação de Deus é soberana. Isso nos ajudará quando parecer que dois deveres estão em conflito.

Em vez de julgarmos os outros, palmilhemos juntos o caminho da obediência. Aqueles que abandonam o caminho estreito e ainda professam ser salvos, são os piores inimigos da cruz, mais do que adversários reconhecidos. Nós somos cidadãos dos céus que todos os dias saímos de nossa pátria para passar algumas horas na terra. Aqui é nossa hospedaria; nosso verdadeiro lar é lá. De lá Jesus virá para completar a obra de salvação dando-nos um corpo como o seu.

FILIPENSES 4.1-9

Exortações Inspiradoras. Que coração forte e fiel o de Paulo! Embora pobre e desprezado, ele gozava alegrias e possuía coroas das quais nenhuma força hostil conseguiria despojá-lo. Ele vivia na atmosfera envolvente da eternidade, como nós também podemos viver. Com certeza essas duas mulheres cristãs não puderam resistir a tão afetuosa exortação; e todos os seus cooperadores devem ter-se sentido animados com o pensamento de que seu nome era amado por Cristo e havia sido escrito no livro de registro de nascimento dos renascidos.

Alegria e paz são os assuntos do parágrafo seguinte. Como era maravilhoso que essas pequeninas igrejas oprimidas estivessem bebendo de fontes das quais os príncipes e cidadãos da Grécia e de Roma nada sabiam. Observe-mos as condições. Devemos ser moderados em nossas pretensões e nobres em nossa conduta. Devemos sempre tirar proveito da presença do Senhor — ele está sempre perto. Devemos entregar todas as causas de ansiedade aos infinitos cuidados do Pai e deixá-las com ele. Devemos agradecer-lhe pelo passado e contar com ele no futuro. Enquanto estivermos em oração, a paz de Deus descera e ficará de sentinela à porta de nosso coração. Mas importa que possuamos o Deus da paz bem como a paz de Deus — tendo como condição única que busquemos decididamente tudo que é verdadeiro, justo, puro e amável.

FILIPENSES 4.10-23

"O Meu Deus Suprirá Todas as Vossas Necessidades." O apóstolo ficara satisfeito por receber os donativos de seus amigos, pois eram evidências da profunda espiritualidade deles. Aquilo era mais um fruto acrescentado ao crédito deles. De sua parte, ele tinha aprendido uma das maiores lições que existem — estar contente em qualquer situação em que se encontrasse. Esse é um segredo que só descobrimos quando passamos a ter uma vida sujeita à vontade de Deus. Sempre que alguém vive em Deus e tem no cumprimento da vontade divina o seu mais alto ideal, obtém absoluta certeza de que todas as coisas de que necessita lhe serão acrescentadas. Tudo é possível àqueles que obtêm sua força diária em Deus.

É maravilhoso ouvir Paulo dizer que tinha abundância (v. 18) apesar da prisão, das cadeias, da vida pobre que levava. Os grandes deste mundo teriam achado ridícula a idéia de que alguém, em tais condições, pudesse dizer que "tinha abundância". Mas eles jamais poderiam imaginar que Paulo vivia em outro hemisfério; e, com seu bendito conhecimento sobre o que Cristo pode fazer, ele afirmou que todas as nossas necessidades seriam supridas. A medida de Deus

é "segundo as riquezas de sua glória"; seu intermediário é Jesus Cristo. Notemos, pelo versículo 18, que toda dádiva que damos aos filhos de Deus, com intenções

puras, é aceitável a ele como sacrifício aprazível. A referência do versículo 22 mostra que Paulo estava sabendo aproveitar sua estada em Roma!

A EPÍSTOLA AOS
COLOSSENSES

“Cristo em Vós, a Esperança da Glória.” (1.27.)



SAUDAÇÃO 1.1,2.

1. A FÉ E A EXPERIÊNCIA DOS COLOSSENSES 1.3-2.5.
 - a. Dando graças a Deus pela fé dos colossenses 1.3-7.
 - b. Oração por seu crescimento em conhecimento e graça 1.8-11.
 - c. A preeminência de Cristo 1.12-20.
 - d. A experiência da redenção 1.21-23.
 - e. O ministério da redenção 1.24-2.5.

2. O CARÁTER E A CONDUTA DO CRISTÃO 2.6-4.17.
 - a. As falsas filosofias devem ser rejeitadas 2.6-15.
 - b. As falsas práticas devem ser evitadas 2.16-23.
 - c. Contraste entre a vida ressuscitada e a velha vida 3.1-4.
 - d. O escopo da obrigação cristã 3.5-4.6.
 - e. Assuntos pessoais 4.7-17.

CONCLUSÃO 4.18.

INTRODUÇÃO

Colossos era uma importante cidade da Ásia Menor, não muito distante de Laodicéia e Hierápolis. A igreja ali havia sido fundada por Epafras, talvez durante o tempo em que Paulo residiu em Éfeso. É evidente que o apóstolo não a tinha visitado pessoalmente (2.1), mas diante do relatório do seu amigo, estava profundamente interessado nela.

Esta epístola foi escrita quando Paulo já estava preso em Roma (1.24; 4.18) e, evidentemente, na mesma ocasião em que ele escreveu aos Efésios e a Filemon, porque as três cartas foram enviadas pelas mãos das mesmas pessoas, Tíquico e Onésimo (4.7,9; Ef 6.21,22). A Igreja estava sofrendo em consequência do ensino de uma falsa filosofia que era um misto de misticismo oriental com ritualismo judaico, e afastava os discípulos da fé simples em Cristo. O objetivo dessa epístola, portanto, é estabelecer a majestade e a glória da Pessoa e do caráter do Senhor.

COMENTÁRIO

COLOSSENSES 1.1-8

O Evangelho Produzindo Fruto. Os crentes são homens de fé, porque sua santidade é derivada de Cristo, mas são também fiéis e não comprometerão sua confiança. “Graça” é a saudação grega e “paz” a saudação hebraica. Podemos conseguir muito com aqueles que desejamos corrigir ou instruir se começarmos elogiando tudo o que merece ser louvado neles. Assim, o apóstolo se alegra nas evidências da trindade de graças cristãs: fé, esperança e amor. Suas orações continham muita intercessão. É espantosa a capacidade de realização desse homem extraordinário que, além de viajar, pregar, escrever e trabalhar para seu sustento, tinha tempo para orar tanto.

Há uma nota de triunfo em sua referência à recepção dada ao evangelho em todo o mundo. As espigas de trigo no alto das montanhas já começavam a balouçar, como se via no Líbano. Era como se a vitória já estivesse assegurada; se a Igreja tivesse possuído mais alguns homens como ele o mundo te-

ria sido poupado de algumas de suas amargas experiências. Notemos a humildade sincera do apóstolo colocando Epafras em pé de igualdade com ele como seu amado conservo na família de Deus.

COLOSSENSES 1.9-20

Nossos Manvilhosos Privilégios em Cristo. Eis aqui um trecho que podemos adequadamente incluir em nossas intercessões diárias por nós mesmos e por outros. Todos nós precisamos de um discernimento mais apurado da vontade de Deus, o que só se consegue através da sabedoria e do entendimento que o Espírito Santo comunica ao nosso espírito. Mas esse entendimento está condicionado, como vemos no versículo 10, a um comportamento diário que agrada a Deus e produz fruto em toda boa obra. À medida que vamos escalando a subida de um viver digno, a visão da natureza de Deus vai-se desdobrando diante de nós. Da mesma forma que o caráter e o conhecimento crescem, assim também crescerá a nossa força espiritual; mas notemos

que, muitas vezes, tal força é mais necessária para o paciente ato de levar a cruz (v. 11) do que para a realização de grandes façanhas.

Tendo em vista o fato de que estamos sendo preparados para receber uma herança de luz, deveríamos estar, de contínuo, entoando um hino de perenes ações de graça. Como é maravilhoso que nós, filhos da ignorância e das trevas, possamos habitar na luz eterna, através do amor eterno! E não basta receber o perdão dos pecados; precisamos ser amoldados à imagem do Filho, que é, ele próprio, a imagem do Pai (v. 15). Notemos a preeminência de Jesus: na criação (v. 16); na Igreja (v. 18); na ressurreição (v. 18); e no grande empreendimento da reconciliação e da restauração (v. 20). Seja ele preeminente em nós também!

COLOSSENSES 1.21-29

Trabalhando Para Aperfeiçoar a Igreja. Como Deus é maravilhoso! Seu plano de graça abrange o mundo em geral, mas ele pode concentrar a atenção em indivíduos tão indignos quanto nós. “Agora, porém, vos reconciliou.” E ele não abandonará seu trabalho enquanto não chegarmos à sua gloriosa presença sem mancha ou defeito ou coisa parecida. Mas, naturalmente, a aplicação de seu poder em nosso benefício está condicionada à firmeza de nossa fé.

Paulo bebeu intensamente do cálice do Senhor. Parecia que Jesus tinha consentido que ele participasse das tristezas do Getsêmani e do Calvário. Assim ele estava preparado para ser depositário de dois segredos, cuja revelação constituía sua alegria. Em Efésios 3 ele se diz comissionado para mostrar aos gentios que eles podiam tornar-se coherdeiros; e aqui (v. 27) revela que eles poderiam experimentar a habitação de Cristo neles. Quem está consciente de que Cristo habita nele conhece suas riquezas de poder, alegria e vitória. Sua esperança de glória não é ofuscada por nenhum tipo de medo, porque tem Cristo em seu coração e, portanto, tem o céu; daí se segue, naturalmente, que um dia seu coração estará com Cristo no céu. Cristo *em* nós é “a esperança da glória”. Notemos o interesse indivi-

dual com que o pastor cuida do seu rebanho, como é mostrado no uso repetido de “todo homem”.

COLOSSENSES 2.1-12

Confirmados em Sua Fé. Quem conhece a Cristo pode lançar mão dos tesouros de sabedoria e conhecimento. Essa pessoa os conhece, não pelo intelecto, mas pelo coração. São questões da experiência diária. O objetivo do apóstolo nesse capítulo é pôr seus convertidos em guarda contra os que poderiam afastá-los de uma fé simples em Jesus, bem como da confiança que tinham nele.

O primeiro ato da vida cristã é receber Cristo, e depois continuar recebendo-o a cada momento. Importa que o ato se transforme numa atitude. Absorvamos o amor e o poder de Jesus com quem respira. Aspiremos profundamente. Assim estaremos interiormente radicados nele e edificaremos sobre ele nosso caminhar e nosso comportamento exterior. Se temos Cristo, temos toda a plenitude de Deus. Como a escada de Jacó, ele nos liga com Deus. Que necessidade temos de seres celestiais, como os inventados pelos gnósticos, ou do rito da circuncisão, na qual os judeus insistiam tanto? Em Jesus temos tudo. Ele cumpriu a Lei, sob todos os aspectos, em nosso lugar. Pothamos as águas de uma total submissão e consagração entre nós e nosso passado, nossos pecados e o mundo, e ressuscitemos para a vida dele, poderosa vida com a glória da ressurreição.

COLOSSENSES 2.13-23

Evitando Erros. A repetição das preposições “em” e “com” enfatiza nossa íntima identificação com o Salvador. É assim que somos no plano de Deus; e assim deveríamos ser na experiência diária. Em união com ele afastamos, de uma vez para sempre, os pecados da carne, fomos sepultados em seu túmulo, passamos para o lado celestial da morte e estamos vivendo debaixo do céu azul da aceitação divina. A vitória do Senhor é, potencialmente, nossa. Foi ele quem a conquistou, mas nós participamos dos seus frutos. To-

davia, a fé deve apreender e confirmar essas bênçãos. A terra de Canaã, por direito, é nossa, mas temos que reivindicar cada centímetro dela pela fé. “A fé é uma afirmação e um ato, e ordena que a verdade eterna seja fato.”

Não devemos permitir que nossa vida espiritual se transforme num ritual exterior (vv. 16,17), nem consintamos que uma suposta mediação de anjos possa obscurecer a majestade suprema do Senhor (vv. 18,19). Nós, que morremos com Cristo, não devemos regular nossa vida pelas proibições da lei. Entremos numa comunhão mais íntima com Cristo e vivamos no lado positivo. Deveríamos gozar da liberdade de uma vida plena e da visão ampla que se tem nas montanhas. Não existe nada mais que possa prevalecer contra as práticas carnais.

COLOSSENSES 3.1-11

Buscando “as Coisas Lá do Alto”. Repitamos essa gloriosa verdade, que sem dúvida alguma, era o cerne do ensino de Paulo; nossa velha natureza foi pregada, em Cristo, na cruz e sepultada no túmulo, e nosso verdadeiro ego, pelo segundo Adão, entrou no novo mundo da ressurreição. Nós pertencemos ao mundo em cujo umbral Jesus disse: “Não me detenhas; porque ainda não subi...” Devemos guardar-nos contra o poluidor contato do mundo, do pecado e do velho ego. Nós estamos colocados entre dois mundos; todos os dois nos chamam. Rendamo-nos às influências que nos conduzem para o alto, e não àquelas que nos prendem a este mundo pecaminoso e vão. A nossa bênção eterna já começou; andemos nela.

Em Cristo nós afirmamos que já nos despimos “do velho homem”, isto é, dos hábitos de nossa vida anterior (v. 9). Agora, vivamos realmente assim, pelo poder do Espírito Santo. Nós professamos ter-nos revestido do Cristo ressuscitado (v. 10); agora revistamo-nos das vestes e dos hábitos do novo homem. Muitos cristãos assemelham-se a Lázaro despertado do seu sono mortal, mas ainda vestido de mortalha. Muitos poucos se revestem da radiosa beleza do Senhor ressurreto, que

é a herança comum de todos os que creem nele, seja qual for sua condição ou nacionalidade.

COLOSSENSES 3.12-17

Amor, Paz e Louvor. Aqui ele apresenta as peças do vestuário do cristão. Precisamos estar continuamente revendo essa lista para nos certificarmos se nenhuma delas está faltando em nossa vestimenta espiritual. Não precisamos viver sempre no aspecto negativo, isto é, procurando evitar o erro; o positivo tem claros direitos sobre nós. E a cada circunstância de provação ou tentação que nos sobrevenha, devemos avançar para enfrentá-la revestidos de Cristo. Como o Senhor agiu, assim devemos agir também. Devemos ser semelhantes a ele, pelos laços de família. Quando, à mesa do café da manhã, algum amigo manifesta um feio aspecto da antiga vida, devemos, com franqueza, instar com ele para voltar a seu quarto e vestir o que falta em seu vestuário espiritual. O amor é o cinto da vestimenta cristã.

Que a paz de Cristo domine nosso interior. Que a palavra de Cristo habite no recanto mais íntimo de nossa alma. Que haja entre nós um amor mútuo e sã alegria, haja um hino em nossa vida e graça em nosso coração. Tudo o que for errado se partirá em pedaços quando o nome de Jesus for pronunciado sobre ele. Pensar nele é a pedra de toque da provação bem como a garantia da vitória. Um coração agradecido conduz a um caráter vitorioso e atraente.

COLOSSENSES 3.18-4.1

Relações Familiares e Comerciais. Após esses vãos elevados ao que é eterno e divino, Paulo se volta para os deveres diários do lar e requer que nas mais simples relações domésticas o discípulo tenha sempre em mente o elevado padrão de Cristo. Nenhum ato da vida pode ficar de fora do sagrado círculo do seu eterno amor. Como a lua afeta as marés no mundo inteiro, mesmo nas menores reentrâncias da costa, assim o poder da ressurreição de Cristo deve ter influência sobre a conduta do servo e da criança.

É lindo observar as constantes referências do apóstolo aos escravos, que constituíam um importante elemento da Igreja Primitiva. Nesta, eles aprenderam que, em Cristo, todos eram livres e que, nele, senhor e escravo eram irmãos. Muitas vezes, um escravo fugia à noite, querendo livrar-se do seu penoso destino, mas depois retornava com novas concepções acerca de suas tarefas diárias, e se dedicava ao serviço fazendo-o para seu Senhor. Nenhum anjo dos que servem no elevado templo do céu pode prestar serviço mais definido ao Rei do que o que qualquer servo honesto e industrioso pode prestar diariamente a Jesus. Eis aí, na verdade, a dignidade do trabalho! E, senhores, lembrai-vos do vosso Senhor.

COLOSSENSES 4.2-9

Oração e Vida Diária. Precisamos orar mais. Nossa vida não pode manter o rumo em direção a Deus sem prolongados períodos de comunhão com ele através da Palavra. Isso é tão importante que precisamos estar em constante vigilância contra qualquer coisa que possa prejudicar nossa vida devocional. A intercessão, muitas vezes, pode abrir lábios congelados e fazer nossa alma se inflamar. "Suplicai ao mesmo tempo, também por nós." Se estamos de alguma forma impedidos de realizar serviço ativo, é certo que podemos orar por aqueles a quem foi confiado o mistério de Cristo; e os que foram convocados para o serviço ativo devem estar prontos para entrar assim que Deus abrir a porta (v. 3). As limitações da vida não são desculpa para a ociosidade (v. 4).

Não é fácil andar com sabedoria em relação àqueles que são de fora. Mas Deus nos ensinará a aproveitar — "aproveitai" (v. 5) — as oportunidades

realizando um bom serviço. Nossa palavra pode cintilar como sal e, como ele, purificar. Paulo ligava a si seus co-operadores pela alta estima que lhes dispensava. O amor tende a idealizar as pessoas. É provável que pensemos que alguns desses homens fossem gente bem comum, mas o apóstolo os via com as cores do seu coração. Ele fala de Onésimo, um escravo fugitivo, recentemente convertido, como "o fiel e amado irmão".

COLOSSENSES 4.10-18

Saudações Cristãs. Que nobre grupo se formara ao redor do apóstolo durante sua residência forçada em Roma! Aquele seu quarto alugado deve ter sido constantemente visitado por pessoas muito interessantes. Cada amigo era muito caro a esse valente homem de Deus, todos ansiosos para prestar-lhe algum serviço em amorosa dedicação. Aristarco havia estado com ele por ocasião do tumulto de Éfeso; Marcos estava-se esforçando para compensar sua antiga falta de coragem; Epafra, que era de Colossos, mostrava-se admirável na sua preocupação por seus amigos, bem como em sua intercessão por eles; Lucas, o médico amado, estava sempre pronto para tratar da malária ou de outras enfermidades que afligissem Paulo; e Demas, de quem talvez tivesse começado a ter suspeitas (2 Tm 4.10), estava ali também. Acredita-se que Arquipo fosse filho de Filemom, e principal presbítero de Laodiceia. Será que essa ordenança (v. 16) significa que a igreja ali já tivesse começado a ficar morna (Ap 3.15)? As palavras finais provavelmente foram escritas pelo próprio Paulo. A caligrafia desajeitada se explicava pelo peso dos grilhões em seus pulsos; todavia, seu coração estava cheio de amor e de alegria.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS Tessalonicenses

Edificando uns aos Outros



SAUDAÇÃO 1.1.

1. FUNDAÇÃO E CRESCIMENTO DA IGREJA TESSALONICENSE 1.2-3.13.
 - a. Frutos do evangelho em Tessalônica 1.2-10.
 - b. Os métodos missionários de Paulo 2.1-12.
 - c. Os resultados do seu trabalho 2.13-20.
 - d. A visita de Timóteo 3.1-10.
 - e. Bênção 3.11-13.
2. O MODO DE VIDA DO CRISTÃO 4.5.
 - a. A necessidade de pureza 4.1-8.
 - b. A necessidade de amor para com os irmãos 4.9-12.
 - c. A volta de Cristo 4.13-18.
 - d. Como estar preparado 5.1-8.
 - e. A vontade de Deus para com os cristãos 5.9-22.

CONCLUSÃO 5.23-28.

INTRODUÇÃO

Tessalônica situava-se no litoral e era centro de um grande movimento comercial, que partilhava com Corinto e Éfeso. É a Salônica de hoje. Ali havia uma grande colônia de judeus e uma sinagoga. O apóstolo visitou-a, como registra Atos 17.1-9. É provável que ele tenha remetido essa epístola de Corinto. (Compare 1 Tessalonicenses 1.1 e 3.1 com Atos 18.1-5.) É a mais antiga das epístolas e mais elementar que as outras. Um estudo interessante seria traçar a evolução do pensamento do apóstolo a partir dos seus ensinamentos mais rudimentares até os mais completos e profundos das epístolas às igrejas em Roma e Éfeso.

COMENTÁRIO

1 TESSALONICENSES 1.1-10

Imitadores e Exemplos. Esse capítulo é rico em ações de graça e, nele, o apóstolo apresenta os belos e promissores traços de caráter e conduta por meio dos quais os membros dessa comunidade cristã haviam conquistado a sua afeição. Notemos o grupo de virtudes que ele tanto gostava de mencionar: fé, esperança e amor. Ele ensina que devemos desejar que elas brotem no jardim de nossa alma e nos alegrem quando as vimos florescendo nos outros. Muitas vezes o evangelho chega somente em “palavra”; busquemos os outros três acompanhantes do versículo 5. Que bênção seria se a nossa igreja fosse tão cheia do Espírito de Cristo que os pastores não precisassem dizer nada! Perguntaram a um jovem: “Que pregação o levou a converter-se?” “Nenhuma”, respondeu ele, “apenas o modo de viver de minha Tia Mary”.

Há três passos memoráveis indicados nos versículos 9 e 10: converter-se a Deus, servi-lo como o Deus vivo e verdadeiro, esperar a vinda do Filho

do homem. A última frase assina a diretora dessa epístola. Ele aconselha a igreja a permanecer na expectativa, na janela da esperança. Atrás dela está a noite da qual foi ela libertada, e no seio da alvorada brilha a estrela da manhã.

1 TESSALONICENSES 2.1-12

O Fruto do Generoso Labor. Paulo pregava tendo na alma uma grande aflição por causa de seu intenso desejo pela salvação dos homens. Muitos notáveis servos de Deus têm compartilhado disso com ele; mas não atingiremos o grande objetivo de nosso ministério a não ser que as sementes que semeamos sejam regadas com orações e lágrimas. O apóstolo considerava o evangelho como um depósito sagrado que Deus lhe confiara, em benefício do homem (v. 4). Será que já nos demos conta de fato de que Cristo é o nosso administrador, a quem Deus confiou o nosso dom, de modo que somos os executores da sua herança para com nossos semelhantes, que terão sérias acusações a apresentar contra nós se nos apropriarmos daquilo que lhes é destinado? As pergun-

tas que nos faríamos e que poderiam despertar-nos são as seguintes: “O que pensa Deus do meu serviço? Será que ele está satisfeito?”

Paulo possuía, associadas à sua firme disposição, a doçura e o carinho de uma ama. Seu trabalho abnegado havia-lhe tirado o sono de que tanto necessitava, o que se constituía noutra prova de sinceridade e dedicação. Não havia mal nenhum em receber donativos, mas Paulo se mostrava por demais ansioso em evitar fazer algo que pudesse invalidar seu testemunho ou que fosse indigno do Senhor a quem ele servia. Eis aí um admirável exemplo para nós todos!

1 TESSALONICENSES 2.13-20

A Glória e a Alegria do Apóstolo. O obreiro cristão deve sempre esperar em Deus até que receba a mensagem. Há uma diferença essencial entre proferir um sermão ou discurso e entregar uma mensagem. A última é direta, cheia de ansiedade; queremos saber se foi compreendida; esperamos uma reação dos ouvintes. Uma mensagem evangélica “está operando em vós, os que credes”. E creio não ser preciso dizer que seu efeito supremo será colocar-nos em confronto com o espírito do mundo. O cristão deve estar previamente preparado para esse conflito.

O fato de esse sincero, forte e amoroso homem de Deus estar distante de seus convertidos se constituía num sofrimento para ele, embora fosse por “breve tempo”, e seu coração ansiava por voltar a estar com eles. Ele se apejava a eles mais tenazmente por haver sido expulso por seus irmãos judeus e porque estava na expectativa de uma grande colheita de alegria e glórias para o nome do Salvador. Seu único propósito parece ter sido acumular coroas de almas salvas, como as crianças fazem coroas de flores, para que pudesse depositá-las aos pés do Redentor. Satanás atrapalha, mas Jesus o socorre e lhe é benigno, abençoando-o.

1 TESSALONICENSES 3.1-13

Estimulando Ações de Graça e Intercessão. Algumas versões bíblicas trazem uma nota de rodapé sobre o versículo 2,

onde se diz que Timóteo é “colaborador de Deus”! Que maravilhosa expressão! E no entanto ela se aplica a todos os verdadeiros servos de Deus! Imaginemos como deve ter sido glorioso para um artista jovem receber permissão para trabalhar lado a lado com Miguel Ângelo! Paulo não deixava, de forma alguma, que seu conforto pessoal interferisse no seu trabalho em favor das jovens igrejas que fundara; sua única preocupação era que elas estivessem estabelecidas e fortalecidas em meio à tempestade de perseguição que as envolvia. Só existe um caminho para os seguidores de Jesus, e é um caminho de sangue.

Paulo era capaz de suportar qualquer coisa, até mesmo que as mais fortes ondas envolvessem seu coração, para que sua obra permanecesse. O que ele sofria era nada comparado com a alegria que tinha pela estabilidade de suas ovelhas. Do mesmo modo como trabalhava dia e noite em seu artesanato, orava dia e noite pelos crentes. Os pontos com os quais ia costurando o tecido da tenda eram acompanhados pelos santos fios de uma piedosa intercessão. Ele apenas desejava que Cristo fizesse uma estrada direta até eles e os conservasse fortes e isentos de culpa.

1 TESSALONICENSES 4.1-8

Exortação à Santificação. O primeiro parágrafo desse capítulo nos exorta à pureza, o segundo à diligência, o terceiro à expectativa da Segunda Vinda. Mas os três acham-se intimamente associados, porque, os que estão na expectativa da vinda do Senhor, instintivamente, andarão em pureza e diligência. O corpo é comparado a um vaso, e nós devemos conservá-lo limpo para o uso do Senhor, andando diariamente de modo a agradá-lo. Antes de Enoque ser trasladado obteve o testemunho de que tinha agradado a Deus (Hb 11.5). É vontade de Deus que sejamos santos; é esse o propósito da nossa redenção. Portanto devemos ser santos, e, se devemos, podemos, e, se precisamos, seremos. É para isso que Deus nos dá seu Espírito.

Ninguém deve insinuar-se entre um casal e furtar de qualquer um deles o

amor legítimo que devem dar um ao outro. O lar foi resgatado e exaltado por Cristo, e a igreja cristã deve continuar sendo sua guardiã, não apenas apresentando-lhe o ideal cristão, mas, também, revelando-lhe o poder divino do qual ele pode apropriar-se para sua proteção.

1 TESSALONICENSES 4.9-18

Unidos no Senhor, Aqui e na Outra Vida. Paulo sugere que o Mestre do amor é o próprio Deus. Outros podem ensinar as matérias mais elementares na escola da graça, mas a superior é reservada para o Mestre Supremo. Observemos a repetição da expressão “cada vez mais” (4.1,10). Comparemos com 3.12. A distribuição de gêneros para auxílio na Igreja Primitiva pode ter gerado abusos que ele pretendia corrigir com as determinações aqui apresentadas. É bom educarem-se as crianças de modo a que possam adquirir um meio de vida. Elas terão muito mais possibilidade de, ao crescer, tornarem-se pessoas nobres e úteis, se forem estimuladas a trabalhar para seu sustento. Façamos alguma coisa no mundo!

Esses discípulos previam para breve o retorno do Senhor e recebavam que os que haviam morrido antes estariam em pior situação do que eles. O apóstolo lhes recomenda que abandonem tais temores, porque aqueles que ficarem vivos até à vinda do Senhor não terão precedência sobre os outros que já morreram. Paulo lhes garante que os que haviam dormido estavam com Jesus, e que acompanhariam Jesus quando ele voltasse. Para os que precisassem ser ressuscitados, Jesus seria “a ressurreição”; para os que estavam vivos, ele seria “a vida”. Os que criam nele, embora tivessem morrido, recobriam a vida, e os que estivessem vivos até sua vinda nunca morreriam.

1 TESSALONICENSES 5.1-11

Preparados Para “o Dia do Senhor”. Para o apóstolo “o dia do Senhor” estava próximo. Ele esperava que isso acontecesse em seus dias, e, se nos lembrarmos de que as palavras do Senhor relativas a ele se cumpriram, em parte,

quando Jerusalém caiu, é fácil compreender que a expectativa de Paulo não era sem sentido.

A subitaneidade do Advento foi tema de reiteradas afirmações de Jesus. (Veja Mateus 24.38-44; Lucas 17.26-30.) O mundo passa os dias em descuidada indiferença (sono), ou em prazeres sensuais (embriaguez); mas os crentes são chamados a ser como um soldado, tanto no traje como na prontidão. Meditemos nesta admirável expressão do versículo 10: “em união com ele”. Ela significa que os cristãos atualmente vivos acham-se intimamente unidos com os que já morreram. O estado que chamamos morte, mas que o apóstolo chama de sono — pois a ressurreição do Senhor despojou-a do que ele possuía de apavorante — é tão pleno de vitalidade quanto a vida que vivemos aqui neste mundo. Nós “vivemos em união”, animados pelos mesmos propósitos — eles naquele lado e nós neste. Aqui ou lá, a vida somente é possível “com ele”. Quanto mais juntos dele estivermos, mais perto deles estaremos.

1 TESSALONICENSES 5.12-28

“Íntegros” na Sua Vinda. O restante do capítulo está cheio de breves sentenças de exortação, espécies de cabogramas de nosso Capitão Celestial, para seus soldados, os quais, como diz Paulo no parágrafo anterior, estão revestidos da couraça da fé e do amor. À medida em que nos esforçamos para pôr isso em prática, tornamo-nos conscientes de uma nova e divina energia penetrando em nossa natureza e revitalizando-a. É o Deus de paz que está em ação, cooperando com nossos modestos esforços e santificando-nos integralmente.

Todo crente tem um ministério para exercitar junto aos outros (v. 14). Aqui ele dá um esboço do crente ideal (vv. 16-22): cheio de alegria, constante em oração, dando graças em tudo, amando os irmãos com o inapagado fogo do Espírito Santo, disposto a ouvir qualquer voz que possa trazer-lhe uma mensagem divina, testando todos os eventos e declarações com um “solvente” divino, firme no bem e persistente contra o mal. É um padrão bem elevado e impossível de ser realizado, a não ser

pela presença do Espírito Santo em nós. Mas, quando o santuário interior está realmente rendido a ele, ele toma posse do templo inteiro, até mesmo

para o nosso bem-estar físico. Deus é fiel e jamais ficará em falta com aquele que decide ser exatamente como o Senhor quer que ele seja.

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS Tessalonicenses

A Segunda Vinda de Cristo



SAUDAÇÃO 1.1,2.

1. A INTEGRIDADE DA FÉ E DA VIDA DOS TESSALONICENSES 1.3-12.

2. O HOMEM DO PECADO E A VINDA DE CRISTO 2.1-12.

3. A ORAÇÃO PELOS TESSALONICENSES 2.13-17.

4. PEDIDOS DE ORAÇÃO AOS TESSALONICENSES 3.1-5.

5. O MODO DE VIDA DO CRISTÃO 3.6-15.

CONCLUSÃO 3.16-18.

INTRODUÇÃO

Essa segunda epístola provavelmente foi escrita pouco depois da primeira. Parece que o apóstolo ouviu dizer que alguns estavam agindo em seu nome e anunciando a vinda imediata do Senhor. Isso de tal modo agitou e perturbou os crentes de Tessalônica, que eles estavam negligenciando seu meio de subsistência. Escrevendo de Corinto, onde estava nessa ocasião, Paulo tentava acalmar aquele espírito de inquietação e chamar esses discípulos de volta aos seus deveres cotidianos.

COMENTÁRIO

2 TESSALONICENSES 1.1-12

Fiel Pela Fé num Deus Justo. Notemos os admiráveis dísticos desse capítulo. Graça e paz (v. 2); fé e amor (v. 3); constância e fé (v. 4); tribulação para os que atribulam, e alívio para os que são atribulados (vv. 6,7); não conhecem, não obedecem (v. 8); a face do Senhor, a glória do seu poder (v. 9); glorificado e admirado (v. 10); propósito de bondade e obra de fé (v. 11). Como imagens que se refletem sucessivamente em espelhos colocados um defronte do outro, essas palavras vão refletindo, de uma para a outra, as profundezas de seu sentido sagrado.

Que maravilhosa cena o futuro reserva aos crentes! Repouso para os cansados, palmas de vitória para os derrotados, glória para o nome e para a causa de Cristo e, acima de tudo, a revelação daquela amada presença com a qual temos estado sempre em contato. Mas, por outro lado, como é indescritivelmente medonho e terrível o destino dos que de forma obstinada rejeitam o amor de Deus!

A oração ao final do capítulo sempre foi altamente apreciada pelo povo de Deus. Só Deus pode torná-los dignos da soberana vocação que lhes coube. A idéia de Deus ser “glorificado” e “admirado” “nos seus santos” não é uma possibilidade remota, mas um evento que pode concretizar-se na hora presente; e o nome de Jesus pode ser engrandecido, hoje em dia, aqui na terra, em nós, como o será ao final, de forma mais perfeita. (Compare os versículos 10 e 12.)

2 TESSALONICENSES 2.1-12

Imperturbável Ante Rumores Ameaçadores. O apóstolo se dispõe a corrigir certas impressões errôneas que tinham perturbado a Igreja de Tessalônica. Notemos como ele fala reverentemente do Salvador. Por diversas vezes faz alusão a ele como o Senhor Jesus Cristo. É certo que ele voltará, e igualmente certo que seus santos serão reunidos a ele, assim como as gotas de água, evaporadas dos açudes e oceanos, vão formar as nuvens de radiante beleza em volta do sol.

Mas antes, deverá haver certos acontecimentos. Haverá uma grande apostasia e a revelação do "mistério da iniquidade", que, já naquele tempo, estava em ação. Primeiro, o homem do pecado; depois, o Filho do homem. Primeiro, aquele que se apresenta como Deus; depois, o Deus manifesto em carne. Primeiro, a revelação do pecado; depois, a revelação da salvação perfeita. Paulo parece ter-se inspirado em Daniel 11.36, para falar dessa pessoa que já foi identificada como Nero ou Calígula, como o judaísmo ou como a igreja papal, e como uma futura manifestação de ódio satânico contra a Igreja de Deus. Mas, seja qual for a forma que o anticristo possa assumir, a vinda de Jesus Cristo destruirá totalmente o seu poder. Estejamos prevenidos, atentos ao castigo que receberão aqueles que estiverem nessa grande apostasia, e alimentemos sempre o amor da verdade de Cristo, para que possamos ser salvos.

2 TESSALONICENSES 2.13-3.5

Confirmados e Guardados do Maligno. Esse trecho está cheio de palavras de conforto e inspiração. Os crentes em Cristo são os amados de Deus; a salvação deles nasce de seu amor eterno e de uma escolha dele. Seu propósito em relação a nós está sendo realizado em nosso caráter pelo Espírito Santo, que ministra a nós através da verdade. Nosso conforto é eterno e nossa esperança é infalível.

Nessa ocasião, Paulo estava pregando em Corinto, e pede que o evangelho "se propague" (3.1). Quando homens perversos e maus nos afligirem, voltemo-nos para o Senhor, que é fiel às suas promessas e aos seus santos. Quanto mais fortes forem os ataques de oposição e ódio, mais profunda-

mente devemos ficar firmados e radicados na verdade. O verbo "conduza" no versículo 5 pode ser traduzido por "abra um caminho direto em"; isto é, nós desejamos que nosso coração seja uma via de comunicação pela qual o amor de Deus e a constância do Senhor possam chegar até este mundo de pecado e medo. Associemos sempre a constância ao reino do Senhor, como em Apocalipse 1.9.

2 TESSALONICENSES 3.6-18

Apartados, Industrioso, Perseverantes. Após suas elevadas considerações sobre a volta de Cristo, o apóstolo passa agora aos prosaicos lugares comuns da labuta diária. E havia necessidade disso, pois com a expectativa de um retorno imediato de Cristo, as pessoas estavam desorganizando o curso comum da sua vida e obrigações. Estavam negligenciando a rotina comum das tarefas diárias, e alguns ociosos abusavam da generosidade cristã. Por causa desses, o apóstolo chama a atenção para o seu exemplo de trabalhar noite e dentro fazendo tarefas. (Veja 1 Tessalonicenses 2.9.) A melhor atitude para os que esperam o Senhor não é colar o rosto à vidraça da janela para aguardar a chegada de sua carruagem, mas executar seu trabalho com mãos hábeis e coração consagrado.

Notemos a saudação de despedida (v. 16) e creiamos que o Deus de paz está produzindo paz para nós, em todo o tempo, e por todos os modos. Até mesmo as tempestades estão empurrando nosso barco rumo ao porto e ali chegaremos levados na maré montante de sua misericórdia. Todo vento impulsiona o filho de Deus rumo ao lar, e provém do quadrante do amor de Deus. Todo mensageiro, seja qual for sua aparência externa, traz a saudação e a bênção de Deus.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

A Igreja e o Seu Ministério



SAUDAÇÃO 1.1,2.

1. O ENCARGO EM RELAÇÃO À IGREJA 1.3-3.16.
 - a. A necessidade de amor, fé e boa consciência 1.3-20.
 - b. A direção da oração pública 2.1-8.
 - c. O lugar das mulheres na igreja 2.9-15.
 - d. A designação dos bispos 3.1-7.
 - e. A designação dos diáconos 3.8-13.

EXORTAÇÃO 3.14-16

2. "UM BOM MINISTRO DE JESUS CRISTO" 4-6.
 - a. Seu ministério e ensino 4.
 - b. Seu comportamento em relação aos presbíteros e às viúvas 5.
 - c. Sua atitude para com a escravidão 6.1,2.
 - d. Características dos falsos mestres 6.3-10.
 - e. A vida pessoal do ministro 6.11-16.
 - f. Sua tarefa em relação ao rico 6.17-19.

CONCLUSÃO 6.20,21.

INTRODUÇÃO

Essa epístola foi escrita não muito depois de Paulo haver deixado Éfeso rumo à Macedônia; mas há uma certa polêmica acerca de quando isso ocorreu. Alguns sustentam que deve ter sido por ocasião do grande tumulto que obrigou o apóstolo a sair da cidade; e outros afirmam que foi aproximadamente na ocasião de sua segunda e última prisão em Roma.

A primeira vez que Timóteo é mencionado na Bíblia é uma referência ao fato de que vive em Listra (At 16.1). Sua mãe, Eunice, era judia (2 Tm 1.5); seu pai era grego. Desde pequeno ele recebera boa influência religiosa (2 Tm 3.14,15). Seus irmãos crentes falavam bem dele, e ele se tornou amigo íntimo e companheiro do apóstolo.

O objetivo da epístola era instruí-lo sobre como devia lidar com os falsos mestres, como conduzir o culto público, e a instar com ele para cultivar todas aquelas qualidades que melhor o qualificariam para o desempenho de seus importantes deveres.

COMENTÁRIO

1 TIMÓTEO 1.1-11

Uma Exortação Contra o Falatório Fútil. A relação entre Paulo e Timóteo constitui um exemplo daquelas belas amizades entre um homem mais velho e um jovem, em que um é o complemento do outro (1 Co 4.17; Fp 2.22). Timóteo era um rapaz de quinze anos de idade quando se converteu em Listra, e provavelmente estaria com trinta e cinco anos quando essa carta lhe foi enviada. Era entusiasta e dedicado, mas, por vezes, mostrou sinais de timidez, e o apóstolo cuidava dele com afetuosos interesses.

Nesse capítulo ele adverte o jovem ministro contra a heresia gnóstica, isto é, a heresia dos "conhecedores", que tinham a pretensão de oferecer revelações acerca dos anjos e de seu ministério, e a estabelecer uma ponte sobre a lacuna que há entre o homem e Deus por meio de toda uma série de imaginários seres misteriosos. Seus ensinamentos levavam os homens ao erro, começando pelo orgulho espiritual, até a sensualidade, pois consideravam o corpo inerente-

mente mau. Tudo isso era contrário à "sã" doutrina. Essa palavra é peculiar às epístolas pastorais (1 Tm 6.3; 2 Tm 1.13; 4.3; Tt 1.9; 2.1). Isso sugere que devemos submeter a um certo teste os vários mestres que cruzam nosso caminho. A pergunta a ser feita é a seguinte: as palavras deles promovem o bem da alma, e, acima de tudo, "o amor que procede de coração puro e de consciência boa"?

1 TIMÓTEO 1.12-20

Um Exemplo da Paciência de Cristo. O apóstolo irrompe em expressões de sinceros agradecimentos a Deus pela abundante graça que derrotara sua obstinação e cegueira no começo. Somente sua ignorância podia atenuar um pouco o ultraje e insulto a que ele havia dirigido a Cristo, que agora era o objeto amado de sua total submissão. Ele fora um blasfemo contra Cristo (At 26.9-11); um perseguidor da igreja de Deus (Gl 1.13); injuriador, insolente, cheio de orgulho arrogante. Ele sentia que havia sido o principal dos pecadores, porque pecara apesar de possuir mais conhe-

cimento e oportunidade do que outros. É somente quando nos encontramos com Deus que nos conhecemos a nós mesmos e nos arrependemos no pó e na cinza. Entretanto, o apóstolo se consolava com a idéia de que no futuro os piores pecadores poderiam reanimar-se e ter esperanças de salvação ao apreciarem o seu caso. Ele se constituía num exemplo da misericórdia divina, uma amostra do que Cristo era capaz de fazer num homem; era um desenho de silhueta a ser preenchido. Combate o bom combate contra o pecado. Quando os homens abandonam a fé e uma boa consciência, apunham seu piloto e naufragam. (Veja 2 Timóteo 2.17,18; 4.14,15.)

1 TIMÓTEO 2.1-15

Oração e Decência no Traje. O apóstolo insistia bastante na oração intercessória, pois a considerava muito importante. Ele emprega três palavras em relação à oração, pois há muitas maneiras de nos aproximarmos de Deus. É nosso dever orar por aqueles que se acham investidos de autoridade e procurar viver uma vida tranqüila e mansa com toda piedade e respeito. Era muito importante que os cristãos não fossem acusados de planos revolucionários ou de perturbações cívicas. Se tinham de sofrer que fosse somente por causa de sua fé. Um sentimento de solidariedade para com a humanidade deve levar-nos a expandir a abrangência de nossas súplicas. A raça inteira é uma só, por ser criação divina e ser resgatada por Cristo; portanto, nós somos um com todos os homens, e deveríamos expressar em oração os pecados e tristezas comuns da humanidade.

Os homens são convidados a fazer orações em público, cuidando para que as mãos que levantavam estivessem limpas, enquanto as mulheres se reunissem em silêncio conforme o costume oriental. Não há nada de revolucionário no ensino de Paulo. Nas questões menores, ele não se importava de acomodar-se aos usos de sua época, embora estivesse promulgando doutrinas que, mais tarde, revolucionariam a posição do sexo feminino na sociedade. O caminho indicado para a mu-

lher era, de modo geral, uma vida santa, no lar, gerando filhos e criando-os, o que a levaria à salvação através da fé no Santo que nasceu em Belém.

1 TIMÓTEO 3.1-7

Aptidão Para a Liderança Cristã. Um dos mais importantes deveres de Timóteo era tomar cuidado para que aqueles que tivessem cargos nas igrejas fossem irrepreensíveis. O estado de uma igreja cristã é, em grande parte, igual ao dos seus líderes. Como algumas versões sugerem numa nota de margem, o bispo da Igreja Primitiva era um supervisor ou presbítero. (Veja Atos 20.28.) O ministro de Deus deve ser irrepreensível não somente em seu relacionamento com o mundo, mas também exemplar em suas relações domésticas. Tal era a facilidade de divórcio entre os judeus que era muito comum um homem ter mais de uma ex-esposa. Mas por determinação de Paulo tal homem seria impedido de reter o cargo, a não ser que seu divórcio tivesse como causa o que está previsto em Mateus 19.9.

Observemos quantas vezes as idéias de seriedade, sobriedade e moderação ocorrem nesse capítulo. O efeito de um bom sermão ficará prejudicado se o pregador se sujeita a tolas leviandades ou a hábitos descomedidos. Moderação, serenidade, isenção de amor ao dinheiro, um lar bem organizado, filhos obedientes e reverentes — são esses os requisitos para que um homem possa aspirar à sagrada obra do ministério. E são essas as qualidades que os membros das igrejas deviam procurar nos candidatos para o púlpito, mais do que as da retórica, eloqüência ou aparência exterior.

1 TIMÓTEO 3.8-16

Qualificações dos Oficiais da Igreja. Os homens mais moços, aqui mencionados como diáconos, eram designados para tarefas secundárias, principalmente a assistência aos pobres (At 6). Embora seu serviço fosse menos importante, seu caráter deveria ser da mais alta qualidade. A força de uma igreja está tanto na espiritualidade dos que ocupam cargos secundários como na dos líderes. O zelador de uma igreja deveria ser um

homem de tão altos ideais quanto seu pastor principal. No que diz respeito à honra e glória de Cristo nada é comum ou impuro, nem trivial ou secundário. Na visão do profeta até mesmo as espevitadeiras do candeeiro eram de ouro.

As mulheres aqui mencionadas são diaconisas (Rm 16.). O Governador Bradford, descrevendo a igreja dos primeiros colonizadores americanos, fala o seguinte de uma diaconisa: "Ela honrava o seu lar, e era um ornamento para a igreja. Visitava com freqüência os enfermos e fracos, e levantava ofertas para eles. Era muito respeitada, sendo considerada uma mãe em Israel".

A igreja é a morada terrena de Deus. Ela levanta e sustém o estandarte da verdade entre os homens; por isso, é odiada. É muito importante que os cristãos dêem testemunho da verdade, tanto coletiva como individualmente. Os fatos acerca dos quais devemos dar testemunho são apresentados, no versículo 16, nas seis cláusulas de um antigo hino antifônico.

1 TIMÓTEO 4.1-8

Rejeita o Ensino Falso e Insensato. Temos aqui o ensino dado pelo apóstolo com relação aos últimos tempos, isto é, a condição em que se achará a humanidade quando esta era chegar ao fim. Apesar de tudo o que Cristo realizou, o predomínio do mal será enorme, não por causa de uma falha divina, mas porque a igreja deixou de funcionar como órgão através do qual o poder salvador de Jesus poderia chegar à humanidade. Os indícios são apresentados com grande clareza; demônios habitando nos homens e neles operando, o erro ensinado sob a enganosa aparência de profunda devoção religiosa, consciências cauterizadas, instintos naturais pervertidos e degenerados. Mas em vez de aceitar isso, devemos crer que o corpo todo, e todos os dons que são naturais e puros, devem ser apreciados e usados de acordo com três normas: (1) devemos aceitá-los e desfrutar deles com ações de graça ao Criador e Pai. (2) Eles devem ser aprovados pela Palavra de Deus. (3) Eles não devem interferir com nossa comunhão com Deus.

O ministro de Cristo deve alimentar-

se diariamente com as palavras da verdade cristã. Se ele não se alimentar do corpo e do sangue de Cristo, seu ensino logo se deteriorará (Jo 6). Além disso, ele deve exercitar-se na piedade com o mesmo cuidado com que o atleta está, continuamente, exercitando juntas e músculos de modo a manter-se flexível e ágil. Este é também o propósito de Deus nas provações e disciplina espirituais que nos envia.

1 TIMÓTEO 4.9-16

"Tem Cuidado de Ti Mesmo." Em todo serviço cristão devemos pôr nossa esperança no Deus vivo. Separado de Deus, nada tem valor. A oração implica em que todos os nossos dons e esforços constituem apenas uma pequena parte de nossa eficiência. Deus possui recursos infinitos, que deseja empregar em nossa existência humana, e dos quais não tiramos o proveito adequado. Portanto o obreiro cristão não deve apenas trabalhar e se esforçar, mas deve esperar no Deus vivo, cuja graça salvadora está ao dispor de nossa fé. A fé que as pessoas em geral exercitam resulta apenas na obtenção de coisas naturais; o sobrenatural só é alcançado por aqueles que, por meio da fé, já conseguiram um conhecimento mais profundo de Deus, e podem, portanto, fazer uso de alguns dos recursos divinos que permanecem escondidos para os príncipes deste mundo.

Para termos sucesso na obra de Deus, precisamos dedicar-nos inteiramente a ela. Timóteo recebera grandes dons em resposta a oração, mas importava que ele lhes dispensasse atenção, que os usasse, aticasse as brasas do fogo que fora ateadado por ocasião de sua ordenação. É interessante notar que nas ordenanças do apóstolo, ele não inclui nenhuma alusão ao serviço sacerdotal ou sacramental, mas aconselha firmeza de caráter (v.12); um estudo diligente (v.13); uma ortodoxia rigorosa (v.16); e um auto-exame diário da alma (v.16). Levemos a sério a bendita garantia da sentença final do capítulo.

1 TIMÓTEO 5.1-8

Tratamento Sábio a Moços e Velhos. O ministro do evangelho que introduz na

igreja o tom e o estilo da vida familiar é mais feliz (vv. 1,2). A atitude de filho ou irmão em relação a outros homens é muito apropriada. Mas ele deve conservar sempre o tom espiritual. É muito fácil descambar para a frivolidade e a familiaridade. Lembremos que no relacionamento com outros devemos orientar-nos pelas palavras: “com toda a pureza”.

A referência especial às viúvas evidencia uma prática da Igreja. Eles haviam tomado providências para cuidar das mulheres piedosas cujos maridos haviam morrido, as quais, em troca da assistência semanal que recebiam da igreja, haviam-se dedicado ao serviço cristão. O apóstolo indica a idade e as características das que poderiam ser inscritas. Contudo ele expõe claramente o ponto de vista, de que, sempre que possível, o melhor era que os filhos tomassem providências no sentido de sustentarem uma mãe idosa ou outros parentes de modo que não viessem a passar falta ou a depender do sustento dos fundos da igreja. O padrão da vida cristã exposto aqui merece ser bem estudado pelas mulheres cristãs; que elas meditem e orem a respeito dele, e sempre que for possível fazer o serviço da igreja sem remuneração ou recompensa, que elas o coloquem em segundo lugar em relação aos deveres do lar.

1 TIMÓTEO 5.9-16

A Importância do Trabalho Doméstico. A esfera de ação da mulher mais moça deve ser o lar. É o trabalho mais nobre, e sempre exige prioridade; contudo, mesmo durante os anos iniciais, quando a jovem ainda tem filhos pequenos, poderá ter oportunidades de oferecer hospitalidade a forasteiros, de servir aos filhos de Deus que necessitam de repouso e assistência, e de cooperar diligentemente em boas obras. Essas formas de serviço, executadas com amor e humildade, poderão tornar-se degraus para futuros serviços do mesmo tipo em fases posteriores da vida.

O apóstolo nada diz acerca do novo casamento em geral, mas simplesmente se refere ao fato que as mulheres mais novas que ficaram viúvas são suscetí-

veis de aceitarem a proposta para um segundo casamento e, assim, anularem seu “primeiro compromisso” por meio do qual se haviam comprometido com o serviço da igreja. A menos que haja grande vigilância, a prática de ir de casa em casa, aparentemente a serviço da igreja, pode degenerar em hábito de malediscência. Portanto, era mais prudente não colocar mulheres novas no rol de serviço da igreja. Se elas não se casassem de novo, poderiam, ao menos, trabalhar ajudando outras, também viúvas, mas de menor capacidade de ação. Não deve haver mãos ociosas.

1 TIMÓTEO 5.17-25

Supervisão: Imparcialidade e Amor. Um homem idoso devia ser sempre honrado, e se fosse chamado para dirigir a igreja, devia ser tratado com dobrada honra; mas ninguém deveria ser designado para aquele sagrado ofício apressadamente ou com parcialidade. Pureza, seriedade e abstinência do álcool eram os primeiros requisitos para um ministro cristão, naqueles dias como hoje. O versículo 23 deixa claro que os apóstolos e seus assistentes praticavam tal abstinência, ou não teria havido necessidade daquela recomendação especial a Timóteo.

Os versículos 17 e 18 deixam claro que a Igreja Primitiva foi orientada no sentido de sustentar seus ministros. O apóstolo cita as palavras do Senhor para fortalecer essa asserção (Mt 10.10; Lc 10.7). O caráter de um ministro não podia ser posto em dúvida levemente. Se alguém tivesse alguma coisa a dizer, devia apresentar sua queixa na presença de testemunhas, que pudessem testemunhar contra ele, caso a acusação não tivesse base e fosse falsa. Mas os erros que fossem do conhecimento público deviam receber uma repreensão pública, de modo a rebater qualquer dúvida de que estivesse havendo parcialidade. Entretanto, nenhum homem deveria ser chamado a ocupar a sagrada e difícil posição de presbítero a menos que fosse testado e aprovado. Para decidir quanto à capacidade de homens para o cargo, não devemos julgar tão somente pelas aparências (vv. 24,25).

1 TIMÓTEO 6.1-10

A Piedade é a Verdadeira Riqueza. O apóstolo apresenta princípios sobre o tratamento dos escravos que prestavam serviços às famílias daquele tempo. Se o escravo trabalhasse na casa de uma família não-cristã, devia honrar e glorificar a Cristo fazendo-se respeitador e obediente; se o amo era cristão e, portanto, um irmão no Senhor, o escravo deveria trabalhar atenciosamente e de boa vontade. Quando se trabalha por amor a Deus, o serviço não deve ser inferior ao que é prestado por temor dos homens.

Havia, na Igreja Primitiva, muitos falsos mestres, cujo principal objetivo era ganhar dinheiro. Eram pessoas orgulhosas e temperamentais, ciumentas e cheias de suspeitas; eram dadas a jogos de palavras e estavam sempre preocupadas com ninharias. A piedade realmente é fonte de grande lucro. Ela nos ensina a estar contentes com o que temos, e abre para nós tesouros de bênçãos que nem a riqueza de um Creso* poderia comprar-nos. É bom ter exatamente o necessário para nossa subsistência. Ter mais que isso gera ansiedade. Entreguemos a Deus a provisão de nossas necessidades. Ele assumiu o compromisso de dar-nos sustento e vestuário, incluindo-se neste último o abrigo. Não é o dinheiro, mas o amor ao dinheiro que abre as eclusas e comportas da alma, através das quais correm enchaoeiradas as destrutivas ondas da ambição que afoga os homens na destruição e na perdição. Lembremo-nos

* Creso — rei da Lídia, que viveu no século VI a. C. Foi considerado o soberano mais rico e poderoso de sua época. (N. E.)

de que nada podemos levar deste mundo, com exceção do nosso caráter.

1 TIMÓTEO 6.11-21

“Combate o Bom Combate da Fé.” Os pobres não precisam invejar os ricos. No balanço da eternidade a riqueza não faz a menor diferença. Ninguém pode comer mais que uma certa quantidade de alimento e usar mais que certa quantidade de roupa. Se temos o suficiente, por que invejar os outros? A verdadeira riqueza da vida está na autonegação e na generosidade. Como é diferente do ganancioso o homem de Deus que se desvia de tais coisas e segue após a justiça, que combate o bom combate contra o mundo, a carne e o diabo, e que nunca se esquiva de dar o bom testemunho. Se sofrermos aqui com Jesus, participaremos da glória de sua manifestação. Notemos a riqueza das qualidades que o apóstolo atribui a Jesus! Aí está a vida em sua origem, a luz em sua fonte, o poder e a autoridade em sua nascente original. Peçamos essas bênçãos a Deus e desfrutemos delas em nossa vida.

A exortação aos ricos é eminentemente sábia. Devemos depositar nossa esperança, não em obter coisas perecíveis, mas em Deus que tem prazer em dar-nos suas bênçãos e em ver seus filhos felizes. Devemos usar tudo o que temos de modo a podermos ser canais de comunicação de Deus para com outros. Aquilo que guardamos, perdemos; o que damos, guardamos. A vida, a verdadeira vida, só pode ser alcançada através da morte e da renúncia pessoal.

A SEGUNDA EPÍSTOLA A
TIMÓTEO
A Mensagem de Despedida do Apóstolo



SAUDAÇÃO 1.1.2.

1. DANDO GRAÇAS PELA FÉ DE TIMÓTEO 1.3-6.

2. A GLÓRIA DO EVANGELHO 1.7-14.
(Amigos falsos e verdadeiros 1.15-18.)

3. "BOM SOLDADO DE JESUS CRISTO" 2.1-13.

4. "COMO OBREIRO QUE NÃO TEM DE QUE SE ENVERGONHAR"
2.14-26.

5. TEMPOS DIFÍCEIS NOS ÚLTIMOS DIAS 3.

6. FINAL TRIUNFANTE DE UMA GRANDE CARREIRA 4.1-8.

7. INSTRUÇÕES PESSOAIS 4.9-13.

8. EXPERIÊNCIAS FINAIS 4.14-18.

9. SAUDAÇÕES AOS AMIGOS 4.19-21.

CONCLUSÃO 4.22.

INTRODUÇÃO

Essa é a última epístola do grande apóstolo que, evidentemente, estava esperando a sentença. Ele já tivera a audiência com César e fora liberto (4.16,17); mas não podia haver dúvida quanto à decisão final. Quando Paulo escreveu essas palavras, estava preso na masmorra Mamertina, exposto à gelada friagem de suas paredes úmidas, exalando pestilência, lembrando-lhe os sofrimentos de gerações e gerações de criminosos condenados. Havia um desejo cuja realização ele esperava ansiosamente. Desejava rever, uma vez mais, o querido amigo dos primeiros anos, que ele encaminhara a essa vida de duro sofrimento e cujo espírito parecia ter sido esmagado pelo rigor dessa mesma existência. Foi isso que levou Paulo a enviar-lhe essa segunda carta, cheia de conselhos e exortações caso Timóteo não pudesse vir, mas cheia, principalmente, do desejo de que ele viesse antes da chegada do inverno quando as viagens se tornavam difíceis (4.9,21). Não há o menor traço de desânimo nesse seu magnífico *canto de cisne**. Embora Paulo tivesse perdido todas as coisas, ganhara Cristo. "Glorioso apóstolo! Que bom seria se a voz de todo líder, ao tombar, irrompesse, qual toque de trombeta que fizesse vibrar o coração dos moços que arquejam no bom combate, e que nunca percam a esperança da vitória final!"

* Canto de Cisne — Última obra de um poeta ou compositor. (N. T.)

COMENTÁRIO

2 TIMÓTEO 1.1-11

"Que Reavives o Dom... que Há em Ti." Sozinho e enfrentando a morte, o apóstolo apegou-se à firme certeza da vontade de Deus. Se era a vontade divina que ele encerrasse sua missão naquela condição dura, sentia-se satisfeito de que assim fosse. Mas deseja ver, uma vez mais, seu amado filho na fé. Deseja atizar a brasa quase extinta do seu ardor, na qual ainda havia fogo e calor, mas não uma chama viva.

Ao que parece, o jovem evangelista se sentia desanimado frente às crescentes dificuldades da época e, por isso, Paulo se dispõe a reanimá-lo. Com esse objetivo em vista, ele menciona seu próprio exemplo (v. 3), sua ardente afeição (v. 4), a lembrança de entes queridos já falecidos (v. 5), os solenes votos por meio dos quais Timóteo assumira compromissos por ocasião de sua ordenação (v. 6), a dádiva divina de graça, poder e amor (v. 7), o propósito eterno que se realizara plenamente no advento de Jesus (v. 9), a clara luz que sua ressurreição lançara sobre a morte e a vida

futura (v. 10). Com certeza tal seqüência de argumentos deve ter sido irresistível! Os soldados de Deus precisam ser valentes e resolutos ao enfrentar a oposição do mundo. Uma vez que constatamos que os recursos de Deus estão à nossa disposição, seremos invulneráveis e irresistíveis.

2 TIMÓTEO 1.12-18

"Mantém o Padrão das Sãos Palavras." Como é notável a referência de Paulo ao seu duplo compromisso, como se tivesse havido uma troca de juramentos entre seu Senhor e ele! Paulo tinha confiado a Cristo, como um depósito sagrado, tudo o que dizia respeito ao seu bem-estar no tempo e na eternidade, e Cristo havia confiado a ele os interesses de seu reino, os quais, ele devia conservar inviolados, pela graça do Espírito Santo. É uma troca mútua que todos nós devíamos fazer. Demos tudo a Cristo, e ele se torna tudo para nós. Na proporção em que nos dermos a ele, nessa mesma proporção iremos descobrindo o que Jesus será para nós.

Alguns dos antigos amigos de Paulo

preferiram não se identificar com um preso — o ocupante da cela dos condenados. Não era coisa de somenos visitar aquele cujo nome o mundo daqueles dias detestava, e que pertencia à seita que fora acusada de incendiar Roma. Demas (4.10) e outros o abandonaram, mas o bom efésio Onesiforo, disposto a encontrá-lo, procurara-o em todas as prisões de Roma, e não estava envergonhado de suas algemas, nem se contentara com uma visita só. Ele “muitas vezes deu ânimo” ao seu amigo. Paulo envia mensagem a seus familiares (4.19). Talvez haja aí uma sutil indireta a Timóteo. Compare os versículos 8 e 16. Nunca nos esquivemos de assumir posição ao lado daqueles que são prisioneiros por amor a Cristo!

2 TIMÓTEO 2.1-9

“*Como Bom Soldado de Cristo Jesus.*” O soldado (vv. 1-4). A graça de Jesus pode atender a todas as nossas necessidades, mas nós precisamos beneficiar-nos dela. Não podemos esperar senão dificuldades, já que a vida é um campo de batalha. Nosso objetivo principal deveria ser agradar aquele que nos chamou para sermos seus soldados. Para que cheguemos a ser tudo quanto ele espera de nós, devemos evitar envolver-nos com as circunstâncias que nos rodeiam. Devemos sentir-nos semelhantes a uma guarnição militar aquartelada num certo lugar, que pode receber ordens de retirar-se dali a qualquer momento. Quanto menos embaraçados estivermos, tanto mais facilmente seremos capazes de cumprir o menor comando de nosso Grande Capitão. Que elevada honra é ser contado entre os soldados dele!

O atleta (v. 5). A vida é um anfiteatro, cheio de espectadores celestiais. É bem provável que nosso pior adversário se ache no nosso próprio coração. Para ganharmos a coroa precisamos observar as normas quanto a dietas, exercícios, pureza (1 Co 9.24-27). O lavrador (v. 6). Nós devemos estar trabalhando para Deus em sua vinha ou seara; mas também iremos participar dos frutos. É imperativo que nos alimentemos enquanto trabalhamos. Em todas essas posições devemos lembrar-nos de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mor-

tos. Devemos buscar energias no poder de sua ressurreição e, para conseguirmos isso, precisamos viver no lado celestial da cruz. “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.” (Gl 2.19,20.)

2 TIMÓTEO 2.10-18

Aprovado Penante Deus. O eleito (vv. 10-13). O apóstolo esboça as experiências do eleito. O eleito deve suportar tudo, sofrer e morrer com Cristo, para que, de sua submissão possa advir a vida mais verdadeira e mais rica (Jo 12.25). O único caminho para um sucesso duradouro é o da cruz e do túmulo de Cristo. Esse é o plano divino para os remidos; cada um deve trilhá-lo individualmente e com propósito firme. Mas não há dúvida quanto ao que virá depois de uma verdadeira vida. O mundo pode considerá-la um insucesso, mas Deus garante que, assim como o pêndulo oscila aqui, neste mundo de trevas, ela oscilará igualmente no futuro mundo de luz. Três coisas são impossíveis para Deus: morrer, mentir e falhar para com aquele que nele confia. Mesmo quando nós não podemos exercitar fé bastante, a promessa dele não pode ser frustrada no caso daqueles cuja fé é fraca e vacilante como a luz de um pavio fumegante.

O obreiro (vv. 14-18). Nossa única ansiedade deveria ser apresentar-nos diante de Deus, aprovados. Devemos seguir um curso reto na palavra da verdade. Nosso testemunho deveria assemelhar-se a um canal que não sofre desvios. Construamos em nossa vida algo que contribua permanentemente para o bem-estar do mundo, de modo que, ao final, o Senhor possa dizer-nos que está satisfeito.

2 TIMÓTEO 2.19-26

“*Utensílio Para Honra.*” Dois homens, citados no versículo 17, com seus ensinamentos tinham pervertido a fé a alguns; mas, em contraste com essa lamentável apostasia de parte de alguns, Paulo se apegava, com gratidão, aos firmes fundamentos em que a Igreja está edificada. Eles permanecem firmes porque se apóiam em fatos incontestáveis e trazem a autenticação da experiência cristã

através dos séculos. No passado, era costume colocarem-se inscrições em pedras fundamentais. Aqui aparecem duas, afixadas às pedras fundamentais da igreja: uma diz respeito a Deus e o crente, a outra ao crente e o mundo. Que privilégio ser conhecido por Deus! Que responsabilidade realizar um trabalho digno dele perante os homens!

Da casa, o apóstolo passa aos utensílios que estão dentro dela. Cada um de nós está colocado numa daquelas quatro prateleiras. Mas os que merecem ser honrados e que estão frequentemente nas mãos do Senhor não são, necessariamente, os utensílios de ouro, mas os que estão limpos, não importa o material de que são feitos. Para Deus, a limpeza tem mais valor do que o talento. Não nos mostremos ansiosos acerca de nosso serviço; estejamos prontos para que o Senhor nos use. Permaneçamos como uma taça de prata no receptáculo da fonte (v. 25). O arrependimento é um dom de Deus, mas há uma ressalva: “na expectativa”. Os homens estão embriagados com os tóxicos do mundo; precisam ser recuperados. Notemos que podemos libertar para Deus homens que o diabo já apanhou em sua armadilha.

2 TIMÓTEO 3.1-9

Uma Descrição Sombria dos Homens Maus. Os últimos dias da nossa era vão ser sombrios e dolorosos. A pecaminosa rejeição de Cristo atingirá um ponto crítico. Não nos deixemos iludir pela generalizada prática das várias formas de religião; isso pode andar de mãos dadas com a mais grosseira apostasia. Quando as mulheres se tornam conscientes de pecados contra Deus, contra a sociedade e contra si mesmas, ficam sujeitas à sedução de falsos mestres que prometem paz e toleram a impureza.

O joio e o trigo crescem juntos até à colheita. O diabo sempre se dispôs a imitar a obra de Deus: imita a Cidade Santa com Babilônia; o Filho do homem com o homem do pecado; a bênção divina com os frívolos prazeres mundanos. Foi assim que os mágicos egípcios reproduziram os milagres de Moisés apelando para truques manuais. Existe, então, um evangelho puro e uma en-

ganosa imitação dele. Esperemos as inevitáveis manifestações do propósito de Deus. O tempo mostrará o que é verdadeiro e o que é falso. Enquanto isso, examinemo-nos para ver se permanecemos na fé.

2 TIMÓTEO 3.10-17

Permanece Firme na Escritura Inspirada. O mundo hoje não tem mais amor a Cristo e aos cristãos do que tinha antigamente; e todos os que estão dispostos a viver uma vida piedosa serão levados à cruz, de uma ou de outra forma. O fato de estarmos livres de perseguição deveria deixar-nos com sérias dúvidas quanto a se estamos certos ou não. O espírito do evangelho está em absoluto antagonismo com o espírito do mundo. Mas, sejam quais forem as perdas e provações que os filhos de Deus sofram, é preciso que permaneçam nas verdades que aprenderam, e andem em pureza e constância irrepreensíveis. A conduta, o propósito e a paciência desse grande e santo apóstolo brilham diante de nós para nossa inspiração e direção; e teremos a mesma experiência que ele teve: não há tristeza da qual não sejamos libertos, depois que tivermos aprendido a lição que Deus desejava que aprendêssemos quando permitiu que essa provação nos sobreviesse.

Nas duras experiências da vida humana não existe apoio comparável ao da Escritura. A infinita diversidade da Escritura adapta-se aos diversos estados da alma humana. Seja qual for nossa necessidade, nela encontramos refrigério e socorro. Assim podemos levar uma vida plena, encontrando na Bíblia recursos para todas as nossas emergências. Nesse arsenal há armas tanto para ataque como para defesa; nessa farmacopéia há remédio e antídoto para todos os males.

2 TIMÓTEO 4.1-12

A Ordem Final do Vencedor. Até o fim, Paulo anunciou o aparecimento de Jesus, embora ele pudesse não vir a presenciá-lo; esse aparecimento tem por fim preceder e introduzir a vinda do reino. O mundo naquele tempo estava triste e enfermo, e o único remédio efi-

ciente que Paulo oferecia era a pregação do evangelho. Versículo 2: não nos limitemos a aproveitar as oportunidades; criemo-las também. Versículo 3: apressemos-nos; tais oportunidades estão passando. Notemos essa admirável expressão: “coceira nos ouvidos”, são ouvidos que se voltam para todo lado de onde possam receber algum alívio momentâneo. Versículo 5: sê sóbrio! “Cumpra cabalmente o teu ministério”; isto é, trabalha até o limite da tua capacidade.

Com que termos dolorosos Paulo se refere à sua morte próxima! Ele pensava no seu sangue prestes a ser derramado como uma libação (v. 6). Para ele chegara o momento de embarcar no bom navio que estava esperando ao largo para içar as velas ao pôr-do-sol, rumo ao seu porto de glória. Ele era um veterano que lutara valentemente e com sucesso — guardando a fé como, na história romana, os heróis guardavam a ponte. Mas ele estava perto de ser substituído. A coroa que ganharia ao fim da corrida já estava à vista. Sentia-se solitário — “somente Lucas está comigo”. Precisava receber edificação espiritual — “toma contigo a Marcos e traze-o”. Mas sua coragem era inquebrantável. Demas podia desertar, mas Cristo não falhou.

2 TIMÓTEO 4.13-22

“O Senhor me Assistiu.” O inverno estava-se aproximando e o apóstolo sentia falta de sua capa, em meio à umidade da prisão Mamertina. Evidentemente sua prisão por ordens de Nero fora tão súbita e apressada que não lhe fora permitido ir à sua morada pegá-la bem como outros objetos pessoais, como os livros, conforme a menção no versículo 13.

Ele fizera sua primeira apresentação perante Nero, e estava aguardando outro comparecimento para receber a sentença. Mas o Senhor estava com ele, e seu consolo era que ele havia proclamado o evangelho a ouvintes dentre os mais eminentes do mundo do seu tempo. Seu único pensamento era sempre que o evangelho deveria ser anunciado aos homens, estivessem eles dispostos a ouvir ou não. Conseguindo falar, não lhe importava o que isso pudesse custar-lhe pessoalmente. O “leão” pode ser referência a Nero ou a Satanás. (Veja Lucas 22.31 e 1 Pedro 5.8.) Do que diz o versículo 20, pode-se concluir que Paulo talvez não pudesse usar seus dons de curar simplesmente por uma questão de afeição e amizade, mas somente quando o progresso do evangelho assim o exigisse.

A EPÍSTOLA A TITO

A Obra do Ministério



SAUDAÇÃO 1.1-4.

1. O CARÁTER DE UM BISPO 1.5-10.
2. OS QUE PRECISAM DE REPREENSÃO 1.11-16.
3. ENSINANDO A IGREJA A DEDICAR-SE A BOAS OBRAS 2.
4. A MOTIVAÇÃO CRISTÃ 3.1-11.
5. ASSUNTOS PESSOAIS 3.12-14.

CONCLUSÃO 3.15.

INTRODUÇÃO

Sabemos muito pouco acerca de Tito. Embora não seja mencionado no livro de Atos, parece ter feito parte do pequeno e nobre grupo dos amigos e discípulos de Paulo, um dos mais amados, e de mais confiança do apóstolo. Por ser grego de nascimento, Paulo o levou consigo a Jerusalém na memorável visita mencionada em Gálatas 2.3. O laço que os unia era muito profundo (1.4). Paulo enviou Tito a Corinto três vezes, em missões especiais, por ocasião das agitações daquela conturbada igreja (2 Co 7 e 8). É mencionado pela última vez em relação à visita à Dalmácia, por ocasião da segunda prisão de Paulo (2 Tm 4.10).

Nessa epístola, o apóstolo orienta Tito sobre a correta organização das igrejas em Creta, cuja fundação podia ser creditada aos judeus cretenses, que teriam ouvido o sermão de Pedro por ocasião do Pentecoste. É evidente que Paulo visitara a ilha pessoalmente, mas se vira obrigado a entregar a consolidação da obra ao seu amigo (1.5). A epístola foi calorosamente admirada por Lutero que a ela assim se refere: "Essa epístola é curta, mas apresenta tão bem a essência da doutrina cristã, e é elaborada de forma tão magistral, que nela está tudo o que o cristão precisa conhecer e praticar."

COMENTÁRIO

TITO 1.1-9

Constitua Líderes Habilitados. Os eleitos de Deus são conhecidos por sua fé, e, sempre que ouvem a voz da verdade, que os leva a uma vida santa, eles a reconhecem e a aceitam. São, também, inspirados por uma grande esperança, e essa esperança nunca será frustrada porque está firmada na promessa e no juramento do Deus que não pode mentir (Hb 6.18). A promessa que Deus nos dá esteve em seu coração desde a eternidade, mas achava-se oculta até o evangelho ser proclamado no poder do Espírito Santo. A idéia que na eternidade era apenas um embrião se tornou realidade em Jesus e está revelada no evangelho. Notemos a freqüente repetição nessa epístola da expressão "Deus, nosso Salvador".

A organização dessas primeiras igrejas era muito importante. Os dirigentes devem ser homens espirituais e irrepreensíveis, que com uma vida santa, levam outros a apreciar o evangelho. Todos nós devíamos meditar nesses traços de um homem santo, e nos apro-

priar deles. Devemos todos firmar-nos na Palavra de Deus que miríades incontáveis já constataram ser verdadeira. Muitas são as vozes sedutoras nos dias atuais que nos convidam a abandonar a fé e relaxar na conduta.

Se todas as artimanhas que os homens urdem, grosseiras, assediam nossa fé com suas artes traiçoeiras, chamá-las-emos, por certo, de mentiras e vaidade, e, ao coração uniremos o evangelho, na verdade.

TITO 1.10-16

Reprove Aqueles Cujas Obras Negam Deus. Os mestres judaizantes, que insistiam em que os homens se fizessem judeus para que pudessem tornar-se cristãos, estavam sempre nos calcanhares de Paulo, visitando as igrejas dele e desviando seus convertidos da fé simples em Cristo. A motivação deles, em muitos casos, era o engrandecimento pessoal. Tito teria de combater tais homens ao máximo e repreendê-los severamente. Muitas vezes, aquele em quem

a graça divina já começou a operar, ao receber uma repreensão severa, volta-se para Deus. Quando o bem-estar da árvore estiver em perigo, o jardineiro não deve hesitar em usar a tesoura de podar.

Observemos como temos a capacidade de achar as coisas belas ou sombrias pela influência de nosso próprio temperamento. Vemos a vida e o mundo a partir de nosso ser interior, como que através de lentes coloridas. Oh, se pudéssemos possuir a natureza pura e imaculada que passa pelo mundo como um raio de sol, iluminando tudo mas não sendo contaminado por nada! A verdadeira prova de que alguém conhece a Deus é uma vida santa. As duas coisas agem e interagem. Quanto melhor conhecemos a Deus, tanto mais seremos semelhantes a ele. (Compare Salmo 111 e 112.) Quanto mais nos assemelharmos a Deus, melhor o conheceremos.

TITO 2.1-8

Um Padrão Para Idosos e Moços. O supremo teste de todo ensino e trabalho cristãos é produzirem eles caracteres sadios, não contaminados pela atmosfera nociva e carregada de germes que nos cerca. Nosso ensino deve ser são, bem como produzir saúde.

As estrofes do apóstolo são poucas mas primorosas. Em frases concisas ele acentua os principais traços do caráter cristão. O homem idoso deve ser forte, calmo, paciente, cheio de fé e amor. A mulher idosa deve ser santa, reverente, amada, honrada e as mulheres mais moças da mesma família ou igreja devem obedecer-lhe. Assim também deve ser com relação aos moços e moças. Que bela vida é esboçada aqui! Contra ela a língua do difamador terá de emudecer!

Mas, depois de tudo, esses ideais não podem ser alcançados sem a santidade pessoal do ministro e líder. A ele cabe proporcionar-lhe um padrão de boas obras. Ele não deve escolher a posição que irá adotar em relação a coisas que são discutíveis e duvidosas de acordo com suas predileções ou fantasias pessoais, mas levando em consideração o efeito que sua ação poderá

ter nos olhos que o estão vigiando atentamente.

TITO 2.9-15

Como Podemos "Ornar a Doutrina". Os servos mencionados nesse maravilhoso e inestimável parágrafo eram escravos domésticos, ocupados nos trabalhos mais humildes, mas aqui o apóstolo lhes diz que, até eles, tinham condições de "adornar" o evangelho como as jóias adornam o rosto de uma bela jovem. Tendo vidas santas podiam exibir e expor a beleza do evangelho. Quando agradamos a nossos superiores em tudo, isto é, até onde nos permita nossa lealdade a Cristo, estamos pregando Cristo a eles, e obtendo a aprovação do Senhor. A graça de Deus sempre ofereceu a salvação, mas em Jesus ela foi trazida à nossa porta. Em sua primeira vinda, ela teve o objetivo de nos ensinar; na segunda, ela nos trará glória. Será que já freqüentamos a escola da graça por tempo suficientemente longo para que nosso amado Mestre possa instruir-nos a respeito de como devemos viver? Deve ser "sensatamente" em relação a nós mesmos, "justamente" para com os outros, e "piadosamente" para com Deus. E nós não poderemos alcançar nenhum desses elementos a não ser que, resolutamente, rejeitemos a impiedade e os prazeres mundanos. Era esse o objetivo bem como o propósito de Jesus ao vir ao mundo para morrer por nós. Ele queria remir-nos de toda iniquidade, purificar-nos para si mesmo, e usar-nos em todos os tipos de boas obras. É muito importante saber se esse propósito supremo já se tornou realidade em nossa experiência. Se não, por quê não?

TITO 3.1-7

Correspondendo à Benignidade de Deus. Na epístola inteira, o apóstolo sempre insiste em boas obras. (Veja 2.7,14; 3.8,14.) A palavra "boas" poderia ser traduzida por "belas". Não precisamos realizar boas obras para sermos salvos, mas, estando salvos, devemos estar "prontos" a fazer toda boa obra, e cuidadosamente "praticar" boas obras (v. 8). Nessa última frase evidentemente

o apóstolo se refere aos negócios e profissões por meio das quais seus convertidos haviam de ganhar o pão de cada dia.

Que singular beleza há nessa alusão à manifestação da "benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor". Ambos se manifestaram na Pessoa de Jesus, cuja natureza humana, alternadamente, se ocultava e se revelava. O pleno esplendor do amor de Deus foi encoberto pelo véu de sua humanidade, mas o que ele revelou seria suficiente para iluminar a humanidade, se os olhos dos homens não estivessem cegos. Paulo fala do "lavar regenerador" (v. 5), porque a nova natureza, que recebemos quando nascemos de novo, está limpa e purifica a vida integralmente de dentro para fora. Esse é o resultado da renovação diária do Espírito Santo, que Deus está derramando ricamente em nosso coração. É essa a sua experiência? Não quer pedir a Deus uma porção cada vez maior? Você nasceu de novo; então, como herdeiro, tome posse da porção dupla que cabe ao primogênito (v. 7).

TITO 3.8-15

Mantendo as Boas Obras. Esse conselho para evitarmos controvérsias e discus-

sões é muito sábio. Tais métodos de divulgação da verdade produzem muito pouco benefício. Afinal de contas, o teste que o Senhor propõe é o único verdadeiro para se provar todos os ensinados em debate: qual é o fruto deles? "Pelos seus frutos os conhecereis." Cultivemos, portanto, a graça e a beleza, a retidão e a pureza de uma vida santa. Entreguemo-nos a Jesus para sermos inteiramente possuídos e usados por ele; e que nosso único objetivo seja buscar glória para ele e sucesso para o seu reino. Então nossa visão da verdade se tornará clara e correta, e a beleza de nossa vida terá o mais convincente efeito nos opositores. É melhor viver uma vida santa, do que ganhar uma discussão. A melhor prova de ortodoxia é uma vida como a de Cristo.

Paulo fora libertado após seu primeiro encarceramento e estava fazendo uma viagem através da Ásia Menor e da Macedônia, acompanhado por vários amigos. Pretendia passar o inverno em Nicópolis, no Epiro, e estava para enviar Ártemas ou Tíquico para substituir Tito em Creta, de modo que este pudesse ir reunir-se a ele, para ali passarem o inverno. Esses planos provavelmente foram cancelados por sua súbita prisão por instigação de Nero.

A EPÍSTOLA A
FILEMOM

Um Apelo em Favor de um Escravo Fugitivo



SAUDAÇÃO 1-3.

1. A ORAÇÃO DE PAULO POR SEU AMIGO 4-7.

2. A VOLTA DE ONÉSIMO 8-14.

3. A EXPLICAÇÃO PARA SUA AUSÊNCIA 15,16.

4. O ENDOSSO DE PAULO 17-20.

CONCLUSÃO 21-25.

INTRODUÇÃO

A Epístola de Paulo a Filemom é singular pelo aspecto de ser dirigida a um amigo pessoal e tratar de um assunto particular. Não há dúvida de que Paulo deve ter escrito muitas cartas pessoais como essa, mas só ela foi preservada.

Ao que parece, Filemom era um rico cidadão de Colossos. Sua conversão se operara através do apóstolo, e existiam fortes laços de amizade entre eles.

Paulo escreve em favor de um escravo ladrão e fugitivo. Filemom sofrera sérios prejuízos por causa da conduta irregular de seu servo Onésimo e poderia hesitar em confiar nele outra vez. Paulo sente que é dever do escravo regressar, e do seu amo, recebê-lo. Conseguira persuadir Onésimo a retornar, e, por meio dessa carta, procura conseguir-lhe acolhida na casa de seu amo. Onésimo regressa, não apenas como um homem arrependido, mas como um cristão. Paulo roga seja ele recebido como um irmão.

A epístola foi enviada de Roma, um local que naturalmente atraía todos os fugitivos, e está associada às epístolas aos efésios e aos colossenses.

COMENTÁRIO

FILEMOM 1.1-14

Um Apelo em Favor de um Escravo que Retorna. Onésimo conhecera o apóstolo anteriormente quando Paulo visitou a casa de seu amo Filemom, que parece ter sido um homem de certa importância. Sua casa era bastante grande para nela reunir-se uma igreja, bem como acomodar o apóstolo e seus companheiros de viagem por ocasião de sua visita à cidade. Áfia, sua esposa, também era cristã, e Arquipo, filho do casal, estava empenhado em algum tipo de serviço cristão relacionado com a incipiente comunidade cristã que eles estavam fundando. (Compare os versículos 1 e 2 com Colossenses 4.17.) É interessante observar a humildade do apóstolo ao associar essas pessoas obscuras consigo, apresentando-as como cooperadores.

Onésimo tinha sido um escravo fugitivo, que fora para Roma, e ali se convertera pelo ministério de Paulo — “que gerei entre algemas”. O escravo convertido se tornara muito amado e útil ao seu benfeitor (vv. 12 e 13). O apóstolo

agora o manda de volta ao seu antigo dono com essa carta, apelando para que ele seja recebido de novo na família de Filemom.

FILEMOM 1.15-25

Ser Recebido Como um Irmão. Os apelos do apóstolo em favor da restauração de Onésimo à sua antiga posição de confiança na casa de Filemom são muito tocantes. Ele sugere, em primeiro lugar, que pode ter havido um propósito divino em tudo aquilo, e que Deus permitira a fuga como um passo para a renovação plena da natureza do escravo. Como Filemom e Onésimo eram dois cristãos, seu relacionamento deveria sofrer uma transformação. “Na carne, Filemom tem um escravo que é irmão; no Senhor, Filemom tem um irmão que é escravo.” Então, no versículo 17 Paulo se identifica com Onésimo, e somos levados a lembrar do Senhor se identificando conosco, porque, como diz Lutero: “Todos nós somos Onésimos”. Mais adiante, no versículo 18, Paulo se propõe a assumir todas as

perdas que Onésimo tenha acarretado a Filemom, e assina a promissória pessoalmente, como o Senhor pagou o grande preço de resgate por nós. Por fim, no versículo 19, ele lembra sutilmente ao seu amigo que ele lhe de-

via muito mais que uma insignificante quantia em dinheiro; sua vida espiritual. Não nos parece que o Senhor se dirige a nós em termos semelhantes? Com toda a certeza nós devemos a ele a nossa vida!

A EPÍSTOLA AOS HEBREUS

A Nova e Superior Aliança



1. CRISTO, O PENHOR DA NOVA ALIANÇA 1.1-6.12.
 - a. Ele é um Redentor divino 1.14.
 - b. É superior aos anjos 1.5-14.
 - c. Ele executou a redenção por meio do sofrimento 2.
 - d. É maior que Moisés 3.1-4.13.
 - e. É um grande sumo sacerdote 4.14-5.10.
(Comentário do argumento e apelo direto aos leitores 5.11-6.12.)
 2. A RELAÇÃO DAS DUAS ALIANÇAS 6.13-10.39.
 - a. A promessa a Abraão 6.13-15.
 - b. O cumprimento dela em nós 6.16-20.
 - c. O sacerdócio inalterável 7.1-17.
 - d. Comparação entre as duas alianças 7.18-8.13.
 - e. As instituições da antiga aliança cumpridas na Pessoa e na obra de Cristo 9.1-10.18.
 - f. Os maiores privilégios e responsabilidades da nova aliança 10.19-39.
 3. A FÉ, O FATOR COMUM DAS DUAS ALIANÇAS 11,12.
 - a. As realizações da fé sob a antiga aliança 11.
 - b. Os chamamentos à fé sob a nova aliança 12.
 4. ADMOESTAÇÕES PRÁTICAS 13.1-21.
- CONCLUSÃO 13.22-25.

INTRODUÇÃO

Essa epístola, evidentemente, foi escrita quando o antigo predomínio hebraico estava-se apagando ante a crescente glória da Igreja Cristã. Talvez Jerusalém já tivesse caído ante as armas de Tito. Ela foi endereçada a cristãos hebreus instalados numa localidade definida. (Veja 13.23.) Não se sabe ao certo, quem é o escritor. Lutero achava que foi escrita por Apolo, e essa opinião teve vários defensores eruditos. Muitos, porém, a atribuem ao apóstolo Paulo, sendo essa a opinião dos antigos Pais da Igreja. O objetivo desse excelente tratado é aconselhar seus destinatários a suportarem as perseguições com calma, e renunciar, com contentamento, aos atrativos exteriores da adoração no templo, em favor das glórias transcendentais do cristianismo que ultrapassam as do ritual mosaico. Portanto o castigo para quem apostatasse seria muito terrível, já que as proclamações do cristianismo eram mais arrebatadoras.

COMENTÁRIO

HEBREUS 1

O Último e Supremo Mensageiro de Deus. O cristianismo é maior que a dispensação mosaica porque foi dado através do Filho, enquanto que a lei veio através dos anjos. (Veja Atos 7.53.) A mensagem do evangelho é discurso corrente; a da lei é dividida em sílabas.

A glória intrínseca do Filho (vv. 1-4). Jesus é o canal de criação, providência e redenção da humanidade. Ele é o raio da Divindade que foi mais longe, não sendo, porém, um entre muitos iguais, porque somente dele se pode afirmar que sua natureza tem a mesma dimensão que a de Deus, como um sinete tem o de sua matriz. Ele está no trono, não simplesmente por causa de sua natureza original, mas como recompensa por ter obedecido até à morte (Fp 2.9,10).

Sua superioridade em relação aos anjos (vv. 5-14). Essas citações merecem ser estudadas atentamente já que mostram o sentido mais profundo dos Salmos. Seu cumprimento deve ser procurado em Cristo, e, neles, ouvimos a voz de

Deus. Devemos agradecer sempre a Deus pelo ministério dos anjos. Note-mos que seu serviço para nós é uma liturgia de adoração a Deus; é esse o sentido pleno das palavras gregas.

HEBREUS 2.1-9

O Autor da Nossa Salvação. Desviar-se (vv. 1-4). Se não vigiarmos, as fortes correntes do mundo nos desviarão do nosso curso em direção ao porto da salvação de Deus; e os pecados que cometemos contra seu generoso amor são para ser mais temidos do que os cometidos debaixo da lei. "Negligenciar" é equivalente a "rejeitar". Note no versículo 4 como Deus coopera com seus mensageiros. (Veja João 15.27 e Atos 5.32.)

Jesus coroado (vv. 5-9). Como pode Jesus ser maior que os anjos? Ele fez pelo homem o que estes não podiam fazer. É por meio de sua morte que a humanidade pode ser elevada a uma posição suprema no universo do ser. O homem falhou na realização da sua *magna carta* original, dada em Gênesis 1.26; mas o propósito divino não podia ser frustrado e isso tornou obriga-

tórias a manjedoura, a cruz e a ascensão. Quando olhamos ao nosso redor, o Salmo 8 parece ridículo; quando olhamos para cima descobrimos que em Jesus o sonho do salmista está mais do que realizado. Os que são um com ele participarão de sua glória e honra.

HEBREUS 2.10-18

“Corvinha que... se Tornasse Semelhante aos Irmãos.” O emprego da palavra “Autor” faz lembrar Atos 3.15. Significa, literalmente, “iniciador”. A Igreja segue seu Cabeça, Jesus Cristo, em fila por um, passando por este mundo, em que conhece a cruz e a sepultura e indo até a glória. Mas, notemos que o próprio Deus está empenhado em salvar-nos e não pode perder um só. (Veja João 10.29.) Mas ele não é apenas nosso Cabeça; é nosso Irmão. Também nós nascemos de Deus. Ele está-nos santificando e estamos sendo santificados para um futuro maravilhoso (Jo 17.19). Seu amor é tão grande que ele não se envergonha de nós!

Nosso Irmão mais velho enfrentou nossos inimigos e conquistou libertação para todos os que creem. Resta ainda a morte, mas os dentes dela já foram arrancados e seu poder foi destruído. Não precisamos temer o que os homens chamam morte; para nós, é apenas como dormir. Ele nos segurou com tal firmeza que nunca nos largará (v. 17). Ele foi tentado para que pudesse ser capaz de socorrer-nos em nossas tentações. Sofreu para que pudesse, ao nosso lado, trilhar nossos escuros caminhos. Ele fez propiciação pelos nossos pecados e, como nosso misericordioso e fiel sumo sacerdote, defende a causa de nossa alma.

HEBREUS 3.1-11

Superior a Moisés. Detenhamo-nos nas palavras iniciais: “santos”, esse é o ideal de Deus a nosso respeito; “irmãos”, por efeito da nossa união com Cristo e com os outros por causa dele; “participantes da vocação celestial”, Deus está sempre nos chamando para o alto e para o céu. Jesus é “Apóstolo” porque vem da parte de Deus até nós; e, fala a Deus

por nós, como nosso “Sacerdote”. Como ele foi humilde e fiel em sua existência humana! Mas, originalmente, edificou o governo e a comunidade judaicas! Ele era e é superior a Moisés, assim como o arquiteto é superior ao contramestre, e o filho, ao servo.

Não basta iniciarmos a carreira cristã; devemos manter nossa confiança e esperança até ao fim. Esse era o ponto que precisava ser enfatizado para aqueles crentes perseguidos. Esses cristãos hebreus sentiam falta das espetaculares práticas cerimoniais de sua antiga fé, e estavam sofrendo severa perseguição e oposição. Mas não valia a pena perseverar para ser reconhecido como membro da família de Deus? Certamente, para eles e para nós, as experiências de Israel nos quarenta anos de peregrinação estão cheias de ensinamentos. Que aquele cemitério no deserto seja um aviso para nós.

HEBREUS 3.12-19

“Não Endureçais os Vossos Corações.” Existe o perigo de que uma familiaridade excessiva com as palavras de Deus gere em nós indiferença para com elas. A trilha pode vir a ficar endurecida pelos pés do semeador. A história das peregrinações do povo de Deus no deserto é para todos os tempos. Os homens ainda descreem e desobedecem; ainda duvidam de que Deus seja poderoso; ainda erram no coração e, por isso, deixam de entender com a cabeça; ainda vagueiam de um lado para outro com a alma cansada, e péis inquietos. Mas, se os que deixaram de crer nas palavras de Moisés foram encobertos pela areia, como não será o castigo daqueles que rejeitam as palavras de Cristo!

Como é maravilhoso o fato de que, apenas confiando, podemos ser participantes, do descanso, da vida, da glória e das riquezas do Senhor (v. 14)! Mas, precisamos dar ouvidos à voz interior, tranqüila e suave, que fala no Horebe do nosso coração (1 Rs 19.12). Obedeçamos-lhe e entraremos no descanso de Deus; rejeitemo-la, e com toda a certeza, seremos excluídos do descanso divino como eles foram impedidos de entrar em Canaã.

HEBREUS 4.1-10

O Descanso que Josué Não Podia Dar. A boa-nova do descanso de Canaã foi dada a Israel, mas ela de nada lhes adiantou, porque os ouvintes eram destituídos de fé. Eles perguntavam: será que Deus pode fazer isso? em vez de afirmar, Deus pode! Eles viam os inimigos como gigantes e a si mesmos como gafanhotos, porque deixaram Deus fora do quadro. Creiamos em Deus, e, então, seremos nós os gigantes e os inimigos, os gafanhotos.

A todos nós Cristo oferece um “descanso”, não apenas na outra vida, mas nesta. (Veja os versículos 3 e 11.) Ficaremos livres do peso do pecado, da preocupação e da angústia, do peso da ansiedade e da apreensão diárias. É o descanso que gozamos quando entregamos todas as preocupações a Cristo, e recebemos dele tudo de que precisamos. Você já passou por essa experiência? Quando desobedecemos não podemos crer; mas, quando cremos, certamente obedecemos. No versículo 10, o autor nos mostra o Senhor ressuscitado, que concluiu a obra da redenção e agora descansa, assim como Deus fez quando declarou que tudo que criara era “muito bom”. E quando nós também compreendemos o que ele quis dizer quando afirmou “Está consumado!”, também descansaremos.

HEBREUS 4.11-16

Entrar por Meio da Fé e Oração. Não há saída para a desobediência e a descrença, porque temos de enfrentar a onisciência de Deus. A idéia dada pelos versículos 12 e 13 é de uma vítima designada para sacrifício deitada de costas para que o gume afiado da faca possa penetrar nela com mais facilidade. A inspeção divina é ainda mais afiada. Em tudo que fazemos, sempre colocamos muito de nossa “alma”, isto é, de nossas opiniões e atividades. Deus faz distinção entre essas coisas, e as inspirações do seu Espírito que realmente são importantes e influentes. Somente o que é nascido do Espírito resistirá ao teste da eternidade!

Será que passaremos nessa inspeção? Será que ele não descobrirá em

nós aquele perverso coração de incredulidade? Não precisamos temer, porque nosso Sumo Sacerdote atravessou o véu que esconde o invisível e o eterno, e entrou na presença divina. “Misericórdia e graça para socorro em ocasião oportuna!” Essas atenderão às nossas supremas necessidades: misericórdia para os nossos pecados, graça para nossa fraqueza e fragilidade.

HEBREUS 5.1-10

Nosso Sumo Sacerdote Nomeado por Deus. Tendo de operar em favor dos homens, nosso Sumo Sacerdote deve ser homem, familiarizado com as condições humanas; e como tem a ver com Deus, deve ser nomeado por Deus. Será que algum de nós não está consciente de um constante desconhecimento e distanciamento de Deus? Todos nós sempre precisamos do sumo sacerdócio de Jesus.

Os sacerdotes da linhagem de Arão sempre precisavam fazer expiação por si mesmos, mas o Senhor Jesus não teve pecado. (Veja Levíticos 4.3.) O versículo 5 faz referência à ressurreição e ascensão de Cristo. (Veja Romanos 1.4 e Atos 13.33.) Sua obra sacerdotal tem início quando ele conclui a obra mediatorial na cruz. Somente o episódio do Getsêmani se encaixa na menção feita no versículo 7, pois ali parecia impossível ao corpo humano suportar a tensão de toda a sua angústia. Ele receava sucumbir antes de alcançar o Calvário. Ele teve de obedecer até à morte de maneira a aprender o que a obediência realmente significa. Assim, ele se tornou aperfeiçoado em sua humanidade; e, se apenas cremos e obedecemos, ele efetuará, para nós, uma perfeita libertação de todo mal. Não há pecado que seja forte demais, nem necessidade tão complexa que ele não possa enfrentar.

HEBREUS 5.11-6.8

Avançando Para o Amadurecimento Pleno. O professor tem de ajustar-se ao ritmo de seus alunos. Quanto nós perdemos por sermos alunos tão incapazes! O leite é alimento que já passou pela digestão de outrem. Há muitos crentes que não podem receber nutrição espi-

ritual diretamente da Palavra de Deus, mas têm de alimentar-se do que outros já tiraram dela e o transmitiram por meio de um sermão ou livro. Busquemos um relacionamento de primeira mão com as coisas de Deus. Nosso crescimento se dá por meio da alimentação e do exercício.

Nós precisamos edificar a partir dos princípios elementares, assim como um construtor constrói a casa a partir do alicerce; e quanto mais altas são as paredes, mais ele depende daquela base. O terceiro e o quarto princípios (v. 2) são os equivalentes judaicos do primeiro e do segundo (v. 1). Enquanto os homens constituírem a pisar o amor de Deus, não podem arrepender-se nem ser restaurados. A falha, como ocorre com o solo estéril, não é consequência de uma falha divina, mas do solo, que está endurecido e empedernido. Se somos infrutíferos isso se deve à dureza de nosso coração.

HEBREUS 6.9-20

“*A Esperança Proposta*”. A tônica dessa passagem é *perseverança paciente*. Não deveríamos buscar somente a fé, mas, também, os elementos que a acompanham. Não basta mostrarmos fé, esperança e amor, mas continuarmos a fazê-lo “até ao fim”. Notemos que as duas condições para que herdemos as promessas são fé e longanimidade.

Essas verdades são reforçadas pelo exemplo de Abraão. Ele creu em Deus e perseverou pacientemente. Nossas orações não se perdem, como navios no mar; eventualmente, elas chegarão ao porto, repletas dum carregamento de ouro. As promessas e juramentos de Deus constituem uma porta dupla na qual estão em segurança todos os que buscaram refúgio nela; são uma janela dupla que vedam todos os ruidos. Aqui ele faz alusão, ou às cidades de refúgio, ou a um navio que navega em segurança em meio a uma tempestade. A esperança é “segura” porque a âncora se fixou em solo seguro; “firme” porque seu cabo não se romperá pelo esforço; e “penetra” porque ela nos une ao invisível. Jesus levou nossa âncora para o porto interior e a lançou ali na água calma e tranqüila.

HEBREUS 7.1-10

Um Sacerdócio Superior ao de Arão. Provavelmente Melquisedeque era rei e sacerdote de Salém. A fumaça azul de seus sacrifícios se elevava, de manhã e à tarde, no monte. Em meio à turbulência daqueles dias tempestuosos o seu reinado era de paz. Como ele, Jesus vem ao nosso encontro quando estamos embalados pelo sucesso ou esgotados por algum grande esforço e, portanto, mais sujeitos a tentação. Notemos a ordem! Ela é invariável! Primeiro a justiça, depois a paz (Zc 9.9).

Os silêncios da Escritura são significativos. No caso desse antigo sacerdócio não há nenhuma menção de paternidade. Era uma questão relativamente sem importância. Assim também é com o Senhor. É verdade que ele não descende da família sacerdotal de Arão, mas isso não tem importância. A única coisa que nos importa notar é que Abraão pagou dívidas a Melquisedeque, confessando, assim, ser esse superior a si mesmo. De certa forma, Levi estava incluído no ato de seu avô, de modo que o sacerdócio hebreu que procedeu de Levi era confessadamente inferior ao de Melquisedeque. Se, então, Melquisedeque é um tipo de Cristo, temos aí a revelação de que o sacerdócio de Cristo é, evidente e eternamente, superior a todos os demais sacerdócios sejam eles quais forem.

HEBREUS 7.11-28

Nosso Intercessor: Suficiente e Eterno. Se, como vimos em nossa última leitura, o sacerdócio levítico tinha sido substituído, fica claro que a ordem inteira das coisas — isto é, a aliança mosaica sob a qual estes sacerdotes eram designados — também foi substituída. A lei do rito carnal — isto é, o rito exterior — extinguiu-se em favor de uma nova dispensação que toca no coração e no caráter do homem. Ela servira a um propósito temporário, mas nós estamos vivendo em uma ordem eterna, firme e permanente.

O sacerdócio do Senhor é imutável e indissolúvel. Seu sangue e sua justiça, sua mediação por nós, sua compassiva compreensão para conosco,

constituir-se-ão em alegria e conforto para nós pelos tempos eternos. Estaremos sempre relacionados com ele de uma maneira toda especial — somos os irmãos do Rei, a ovelha do Divino Pastor. Cada sacerdote da linhagem de Arão tinha de passar seu cargo a outro; mas o sacerdócio do Senhor nunca será transmitido a ninguém; e, portanto, até ao último período de tempo e até à mais remota exigência da circunstância, ele salvará e socorrerá a todos que se cheguem a ele. Nenhuma debilidade o enfraquece; nem mácula, nem pecado o incapacita. Do seu trono, acima dos céus, ele exerce seu ministério.

HEBREUS 8.1-13

O Mediador da Nova Aliança. “*Tal sumo sacerdote*” (vv. 1-6). Ele se assenta porque, no que diz respeito ao seu sacrifício, sua obra está concluída. Seu lugar é à destra de Deus — o trono do poder. Pela fé, também nós podemos servir no santuário interior. Antes de começar a edificar nossa vida, e enquanto a estivermos edificando, cuidemos para que nossos olhos estejam fixos no ideal e no padrão divinos.

“*Uma nova aliança*” (vv. 7-13). Ela é tão superior à primeira quanto o sacerdócio de Cristo é ao de Arão. Uma aliança é uma promessa, feita em condições de ser cumprida e confirmada por um sinal exterior, como o arco-íris ou a circuncisão ou a ceia do Senhor. A aliança sob a qual nós vivemos é entre Deus e Cristo, em benefício daqueles que lhe pertencem. Temos plenos direitos de pôr a mão em cada uma dessas oito provisões e exigir que cada uma se cumpra em nós. Não precisamos pedir a Deus que faça o que prometeu, mas, com humilde reverência, esperemos que ele o faça — principalmente quando bebemos do cálice da nova aliança à mesa do Senhor.

HEBREUS 9.1-10

Um Modo Imperfeito de Buscar a Comunhão com Deus. Com cuidadosa enumeração, ele cita cada peça do mobiliário do tabernáculo. Para cada uma existe um equivalente espiritual no templo invisível e espiritual ao qual pertence-

mos. O véu que isolava o Santo dos Santos e impedia a entrada de quem quer que fosse, salvo uma vez no ano, ensinava que a comunhão com Deus não estava totalmente aberta ao homem. A ignorância, a incredulidade, o despreparo do coração ainda constituem um pesado véu que separa o homem de Deus.

O altar do incenso aqui é associado ao santuário interior, porque ficava muito perto do véu. Seu correlativo celestial é visto em Apocalipse 8.4. A arca era um símbolo de Cristo: a madeira representava sua humanidade; o ouro, sua divindade. Ele contém em si o maná do mundo, e é a bela e famosa vara, sempre florescente, que deu fruto por meio de sua morte. Há uma porta na basílica de São Pedro, em Roma, através da qual o Papa passa somente uma vez no ano. Como devemos sentir-nos alegres porque as portas para oração permanecem abertas para nós dia e noite! Compare a tristeza de passagens como Salmo 51.34 e Miquéias 6.6 com a alegria de Efésios 1.3-10.

HEBREUS 9.11-20

O Sangue que Selou a Nova Aliança. Aqui o autor nos convida a pensar na obra sacerdotal de Cristo. O censário dela não é um edifício feito por mãos, neste mundo transitório, mas eterno e divino. Sua estada no Santo dos Santos não é breve e apressada, repetida anualmente, mas uma vez por todas, ele entra ali pela virtude do seu próprio sangue. Aquele sangue nos purifica, não apenas da culpa cerimonial, mas também da mancha moral e espiritual. Um testamento só tem validade depois que o testador morre; assim também a vontade do Pai eterno em relação a nós tornou-se válida por meio do sangue de Jesus.

Consideremos, então, “o Espírito eterno [ou inacabável]”. O que Jesus realizou na cruz foi a obra de Deus através do seu Espírito. A expiação não foi operada por uma vítima agonizante para apaziguar a ira de Deus, mas para mostrar Deus reconciliando o mundo consigo. A eterna cruz não pertence a uma época, mas se sobrepõe aos “destroços das eras”, e está tão próxima de

nós quanto estava da Igreja Primitiva. *O Cristo eterno*: saíamos de nós mesmos e entremos nele; deixemos as ansiedades da esfera do tempo e passemos para a liberdade e o êxtase da eternidade!

HEBREUS 9.21-28

O Único Sacrifício que Aniquila o Pecado. Aqui estão as três manifestações de Cristo: (1) Ele “se manifestou” no ponto culminante ou ponto de encontro de todas as eras — na confluência da primeira aliança com a segunda — para aniquilar o pecado da raça; e o fez para cada um de nós. Deus nos conclama a crer nisso e a tomar posse de nossa herança sem questioná-la nem tentar senti-la. A Bíblia ensina claramente que Deus não imputará aos homens suas transgressões a não ser que, por um repúdio deliberado, se coloquem fora da expiação de Cristo. Nosso único problema não é o pecado, mas a atitude que temos para com Cristo, aquele que tira nosso pecado. (Veja 2 Coríntios 5.19.)

(2) Ele “se manifesta” no céu por nós, como nosso Intercessor e Mediador, apresentando a Deus nossas orações misturadas ao precioso incenso de seu mérito, colocando-se como a base de nossas súplicas (Ap 8.3). (3) “Aparecerá” pela segunda vez. Nessa ocasião, ele não virá para tirar o pecado. Sua manifestação será “sem pecado”. Mas, a salvação será consumada, porque a própria criação participará da liberdade e da glória dos filhos de Deus (Rm 8.21).

HEBREUS 10.1-10

“*Eis Aqui Estou Para Fazer, ó Deus, a Tua Vontade.*” Quando um corpo celeste está em eclipse, pode ser examinado com mais precisão do que quando se acha com seu brilho total. Assim também em Levítico podemos descobrir detalhes da expiação efetuada por Jesus, que, de outro modo, não notaríamos. Vemos isso principalmente em Levítico 1-4.

As palavras-chave desse capítulo são “ano após ano” e “perpetuamente”, em confronto com a expressão de Hebreus

“uma vez por todas”. Repetição significa imperfeição. Aqueles que, no passado, ofereciam sacrifício jamais poderiam estar seguros de terem sido plenamente aceitos. Todo ano tinham de voltar a pisar o mesmo chão. Como são diferentes de nós, que ouvimos Jesus dizer: “Está consumado”.

O Espírito de inspiração nos revela o segredo da obra do Salvador em sua identificação voluntária com os propósitos divinos. Não foi tanto sua angústia interior, nem o derramamento do sangue, que tornaram possível nossa reconciliação com Deus, mas a sua súplica “Não se faça a minha vontade, e, sim, a tua”. Essa sua atitude lembra o antigo costume de se furar a orelha de um escravo que se decidia a nunca mais abandonar o serviço de seu amo. Salmo 40.6, conforme uma versão antiga: “Minhas orelhas furaste”.

HEBREUS 10.11-25

O Novo e Vivo Caminho Aberto Para Nós. Observemos o contraste entre o ficar de pé dos sacerdotes e o assentar-se do Sacerdote. O primeiro gesto indicava uma obra incompleta; o outro, um serviço terminado. Tudo o que precisava ser feito para que fôssemos completa e cabalmente libertos do pecado foi realizado quando Jesus voltou ao Pai. Cabe-nos fazer grandes pedidos e reivindicações. O banco está cheio; precisamos sacar.

É de grande benefício para o estudo do Antigo Testamento, notar que o escritor aqui, de forma explícita, atribui ao Espírito Santo as palavras faladas por um dos grandes profetas. Que conforto saber que Deus esquece nossos pecados quando os confessamos e os abandonamos!

O caminho da oração e da fé era “novo” porque o Senhor acabara de abri-lo, e “vivo”, porque somente os que estão vivos em Cristo podem trilhá-lo. O rasgamento do véu do templo simbolizou o fato de que agora temos uma visão plena de Deus proporcionada pelo Calvário. Mas devemos ser “sinceros”, crentes, confiantes em sua morte, e “puros” por meio de sua purificação (Jo 13.5-8).

HEBREUS 10.26-39

Cuidado com a Apostasia. Esse “viver deliberadamente em pecado” de que ele fala aqui não consiste em praticar atos isolados, mas em persistir num determinado curso de ação até que o próprio desejo de uma vida melhor enfraquece e morre.

Essas fortes advertências eram necessárias naqueles dias de furiosa perseguição. O autor faz três considerações insistindo com eles a que se mantivessem firmes na fé. (1) A punição certa para aqueles que rejeitassem as maiores dádivas de Deus, e que são muito mais ricas que qualquer bênção da aliança mosaica; (2) os sofrimentos já suportados por essas pessoas atribuladas, e cuja recompensa perderiam se voltassem atrás; (3) a vinda de Cristo, já próxima, o qual não deixaria de recompensar seus servos fiéis.

A seguir ele nos lembra que os justos — aqueles que foram aceitos no Amado — vivem; isto é, podem buscar no mundo invisível e eterno onde Jesus espera para socorrê-los e sustentá-los, todos os reforços espirituais e a paciência de que precisam.

HEBREUS 11.1-10

Os Triunfos da Fé a Partir de Abel Até Abraão. A fé é o nosso sexto sentido. Ela nos dá certeza das coisas invisíveis ou futuras, e que nós conhecemos apenas através da Palavra divina; a mesma certeza que temos das coisas que podemos ver e tocar. Quando nos sentimos conscientes da realidade dessas coisas, naturalmente as levamos em consideração em tudo que fazemos. Rothschild lançou as bases de sua fortuna porque recebeu, um dia antes de qualquer outra pessoa da Grã-Bretanha, a notícia de que esse país tinha ganhado a batalha de Waterloo. Esse fato levou-o a comprar todas as ações desvalorizadas, que tiveram uma alta extraordinária assim que a notícia foi amplamente divulgada. A fé faz isso para nós!

Noé construiu a arca porque creu que o dilúvio viria. Abraão deixou sua terra porque compreendeu que Canaã seria sua. Os peregrinos e mártires de

todos os tempos foram criticados por seus contemporâneos, que teriam agido semelhantemente se tivessem contemplado o invisível com fé. E Deus nunca falha para com os que crêem. Ele sempre dá testemunho com suas dádivas.

HEBREUS 11.11-22

Procurando Uma Pátria Superior. A fé tem um duplo poder; primeiro, o de tornar real o invisível; e, segundo, o de receber a graça e o poder de Deus no coração. Sara, pela fé, recebeu força para dar à luz Isaque. Por meio da fé podemos receber vigor físico e, também, o espiritual.

A vida de peregrinação só é possível àqueles que, de longe, avistam a cidade de Deus como que a acenar-lhes. Então, desarmam suas tendas e seguem o raio de luz. Pela fé, levam uma vida tão exemplar que Deus não se envergonha de ser reconhecido como Deus deles. Esses descobrirão, ainda nesta vida, que não foi em vão que confiaram nele, e que nem a metade lhes fora contada. Ao simples rumor de que descobriu-se um novo garrimpo, os homens vendem tudo o que têm em sua louca corrida. E quantos acabam desapontados! Mas nenhum dos que confiam em Deus ficará de mãos vazias.

Abraão tinha certeza absoluta de que Isaque voltaria com ele, ainda mesmo que o rapaz morresse vítima da faca. Ao separar-se de seus servos aos pés do Moriá, disse: “*Havendo adorado, voltaremos.*”. A voz de Deus já não havia declarado que Isaque seria seu herdeiro?

HEBREUS 11.23-31

Escolhendo o que se Vê ao Longe. A fé — nunca é demais afirmar isso — é a visão direta da alma. Ela não raciocina, não exige provas, não procura a corroboração de espias enviados na frente para explorar a terra. Ela é, para o mundo espiritual, o que os cinco sentidos são para o mundo que nos cerca. Chega a ser até mais do que isso; ela se constitui no nosso meio de obter auxílio do Invisível para prosseguir e realizar a nossa missão na vida.

Moisés “viu” aquele que é invisível,

recorreu a Deus com poderosa fé pela qual o considerava um ser mais real do que Faraó, e conseguiu sua divina cooperação. Primeiro, tomou conhecimento da vontade de Deus junto à sarça ardente, e depois dispôs-se a fazer a sua parte, confiando em que Deus faria a dele. Naturalmente isso o colocou em choque com o poderio de Faraó e do Egito, mas não chegou a temê-los. O Anjo destruidor não inspirou terror aos que se achavam protegidos pelo sangue. As águas se ajuntaram como paredes para deixá-los passar. Muralhas fortes ruíram. Tenhamos certeza de que estamos em harmonia com os propósitos de Deus e, em seguida, confiemos nele e nada temamos.

HEBREUS 11.32-40

O Nobre Exército dos Mártires. Uma fé vigorosa é compatível com visões as mais diversas da verdade divina. O conhecimento que Abel, Enoque ou Noé tinham da verdade divina era muito superficial; mas a fé com que eles se apegavam à pouca verdade a eles revelada era fortíssima, capaz de transformar vidas e abalar o mundo.

Essas pessoas eram de idades e temperamentos diversos — pastores, estadistas, primeiros ministros, salmistas, poetas, chefes tribais, profetas, mulheres mártires — mas são todas símbolos de fé. A variedade é extraordinária, mas a unidade é inegável. São muitas as contas do colar, mas existe apenas um fio dourado unindo-as todas. Suas provações e as circunstâncias de sua vida foram bastante diferentes, mas em todas as insígnias de vitória estava o lema da fé: “Deus é poderoso”. Não existe nenhum tipo de necessidade, provação, perseguição ou experiência para a qual a fé não seja a solução perfeita. Ela é a chave mestra que abre todas as portas de dificuldades. Ajustemos nossa situação a uma dessas cláusulas e, o que já aconteceu uma vez, acontecerá de novo.

HEBREUS 12.1-8

Corramos com Perseverança. Num certo quadro de Rafael há algumas nuvens que, se as examinarmos bem de perto,

veremos que são formadas de faces de pequenos querubins; e, os que já testemunharam de Deus e sofreram por ele, formam ao nosso redor uma nuvem de testemunhas tão grande como a dos abarrotados anfiteatros nos jogos olímpicos da antiguidade. Nós ainda estamos na arena; provavelmente cada golpe e cada suspiro que damos é visto e ouvido pela assembléia e pela igreja dos primogênitos. Que incentivo para nos desembaraçarmos de todos os “pesos”; isto é, de tudo que possa ser um obstáculo para nós, embora às vezes nem seja pecado. Mas, acima de tudo, devemos afastar de nós o pecado da incredulidade, e a melhor maneira de fazê-lo é olhar para Jesus.

Jesus iniciou e concluiu sua carreira terrena por meio da mesma fé — “a fé do Filho de Deus” — que cada um de seus filhos deve exercitar. A luz que ele avistava após a cruz como que o chamava e de tal modo ela o encantou que ele não considerou caro demais o preço a ser pago, desde que pudesse realizar as possibilidades que lhe eram propostas: uma Igreja eleita e um mundo transformado.

HEBREUS 12.9-17

Suportemos o Castigo; Busquemos a Santidade. Se somos filhos de Deus, não veremos o sofrimento como uma punição. Pode ser castigo, mas não a penalidade do pecado. Ele nos é ministrado por nosso Pai. Não olhemos para os elos intermediários da corrente, mas lembremo-nos de que, nos casos de Balaão e Jó, Satanás não pôde ir além do limite estabelecido pelo Pai. (Veja Números 22.31 e Jó 2.6.) O sofrimento é só por agora, para o presente; logo estará acabado. O objetivo é livrar-nos da escória; portanto, é muito útil; resultará em paz, justiça e verdadeira santidade. Olhemos para a frente e para o alto — a colheita será nossa recompensa.

Todos somos conclamados a vigiar os interesses uns dos outros e a eliminar o primeiro sinal de decomposição do fruto, para que ela não se propague. A pessoa corrupta contamina tudo que a cerca. Existem atos na vida que são irrevogáveis. Não po-

demos desfazê-los, mas podemos ser perdoados. Esaú recebeu tudo que este mundo podia oferecer e se tornou um príncipe, mas jamais recuperou sua liderança espiritual.

HEBREUS 12.18-29

Atentemos Para a Segunda Revelação de Deus. O Sinai foi abalado por um terremoto e ardia em chamas. Quem o tocasse, incorreria na pena de morte. Como é superior a herança cristã! Não é uma montanha solitária, mas uma cidade e uma comunidade de santos. Não é grupos de adoradores da terra de Canaã, mas hostes de anjos, espíritos dos justos aperfeiçoados, e nosso bendito Senhor em pessoa. Em lugar do sangue de animais, o sangue de Jesus; em lugar da velha aliança, a nova; em lugar da morte de Abel junto do seu altar, a morte do Salvador na cruz.

Notemos que o escritor não diz que *chegaremos*, mas que já *temos chegado* (v. 22). Em nossos momentos mais santos, somos parte daquela grande multidão a qual muitos de nossos queridos já se uniram. Ao nosso redor as mais estáveis estruturas estão sendo testadas e algumas estão desabando. Ao cair, mostram que sua função foi transitória. Mas, à medida que o andaime vai sendo retirado, surge a verdadeira edificação — a cidade de Deus.

HEBREUS 13.1-13

Santifica a Vida Diária. Pode ser que não gostemos de todos os irmãos, mas cada um deles possui alguma coisa que Cristo ama. Tentemos descobri-la, ou amá-los por amor de Cristo. Podemos amar as pessoas com a nossa mente, pensando coisas positivas a respeito delas, ou com nossa força, servindo-as, ainda que o coração se mostre um tanto relutante.

Devemos lembrar-nos sempre dos estrangeiros e dos presos, seja em nossas orações, ou em nosso ministério.

O amor dentro do relacionamento conjugal deve ser imaculado; precisamos também estar atentos contra a terrível cobiça pelo ouro. Por que haveríamos de estar sempre pensando em dinheiro quando Deus, com duas negativas, já prometeu nunca nos abandonar (v. 5)? Três vezes, ele nos recomenda que nos lembremos dos que têm cargos de liderança na igreja (vv. 7,17,24).

Estamos sendo convocados para uma santa cruzada. Não podemos perder tempo em ociosidade e comodismo quando o Senhor sofreu fora da porta! Juntemo-nos a ele, participando do seu vitupério. Será que a Igreja já não ficou na cidade tempo demais, enfraquecida pelas maneiras e lisonjas da sociedade?

HEBREUS 13.14-25

Louvor, Oração e Paz. Notemos que, embora os antigos sacrifícios tenham sido abolidos, há um que jamais poderá caducar — o “sacrifício de louvor”. Esse incenso deve continuar sempre a subir do altar do nosso coração. E, a ele, devemos acrescentar os sacrifícios da prática do bem e da distribuição de nossos bens.

O aperfeiçoamento de que fala o trecho final (v. 21), tem a ver com ajustamento, e sugere a re-articulação de um osso deslocado. É possível alguém estar no Corpo do qual Jesus é a Cabeça, e, mesmo assim, não ter contato com ele. Precisamos desse aperfeiçoamento, e isso é tarefa que Deus não confiará a anjo algum, por mais exaltado que seja. Ele mesmo o fará da maneira mais terna e suave possível, pois é o “Deus da paz”. Você duvida disso? Se ele levou o Pastor à glória, não será capaz de levar também a ovelha? Jamais descansemos enquanto não estivermos em viva união orgânica com Jesus, para que ele possa operar a sua vontade através de nós, para que nós nos alegremos e para que se apresse o dia da vinda do reino.

A EPÍSTOLA DE
TIAGO
A Medida de um Cristão



SAUDAÇÃO 1.1

1. O CARÁTER PROVADO 1.2-18.

2. OUVINDO E PRATICANDO 1.19-27.

3. A HIPOCRISIA DAS DISTINÇÕES DE CLASSE 2.1-13.

4. A EVIDÊNCIA DA VERDADEIRA FÉ 2.14-26.

5. A LÍNGUA INGOVERNÁVEL 3.

6. A GRAÇA DA HUMILDADE 4.

7. A MALDIÇÃO DA RIQUEZA MAL ADQUIRIDA 5.1-6.

8. A NECESSIDADE DE PACIÊNCIA E ORAÇÃO 5.7-20.

INTRODUÇÃO

O autor dessa epístola foi, provavelmente, o irmão do Senhor, mencionado com José, Simão e Judas e muitas vezes presente no livro dos Atos dos Apóstolos. (Veja Marcos 6.3; Atos 12.17; 15.13; 21.18.) Ele foi bispo ou dirigente da Igreja de Jerusalém, e essa carta provavelmente foi escrita naquela cidade. A ênfase que ele dá à proximidade da vinda do Senhor indica que foi escrita já perto do ano 70. A. D. A epístola pode ter sido escrita em hebraico, e foi dirigida aos hebreus da Igreja. Ela empresta grande ênfase ao sublime ideal de caráter que o cristianismo havia suscitado, e para cuja manutenção era necessária uma diligência constante de todos os cristãos professos.

COMENTÁRIO

TIAGO 1.1-11

Fé Inabalável. Essa epístola é marcada pelas austeras feições da igreja de Jerusalém, que se recusava a ser afetada por um contato mais amplo com o mundo gentio pelo qual a vida e os ensinamentos de Paulo foram tão fortemente influenciados. “Irmão de Jesus” era a designação que Tiago poderia ter usado, mas preferiu um título mais modesto, “servo”. Os escravos do Rei são nobres! Os tempos eram de duras provações. Todo crente tinha de enfrentar a ignomínia, o prejuízo e a morte devido ao seu testemunho de Cristo e de seu poder salvador. Mas Tiago anima essas pessoas oprimidas lembrando-lhes dos imensos lucros que receberiam e mais especificamente o da aquisição de paciência. Enquanto nossa paciência está sendo provada até ao seu limite máximo, Deus está cultivando nosso caráter dando-lhe uma beleza perfeita, de modo que não haja nenhum aspecto incompleto.

Existem três elementos indispensáveis que todos devemos possuir: (1) sa-

bedoria para agir e falar sabiamente na hora da provação; (2) uma fé firme que não se deixa levar pelas oscilantes ondas da dúvida; (3) humildade e contentamento diante da operação de Deus.

TIAGO 1.12-18

Deus Recompensa, Não Tenta. A palavra “provação” lembra os sofrimentos e testes, sem implicar necessariamente em incitamento à prática do mal. Mas, quando a provação envolve tentação, dor ou sofrimento, pela permissão de Deus, ou uma incitação direta para a prática do mal por sugestão de Satanás, os que se recusam a desviar-se de sua elevada busca de nobreza, atingem níveis de vida bastante elevados. Nas palavras dessa passagem, recebem a “coroa da vida”, aqui e depois.

Observemos a genealogia do pecado (v. 15). A cobiça é a mãe do pecado, e o pecado, quando amadurecido, é o pai da morte. Como é diferente a luz e a glória do lar e do reino do Pai em contraste com a escuridão desse quadro sombrio! Todas as coisas boas de nossa vida procedem da bondosa mão

de Deus. Ele não é instável nem mutável. Nem mesmo nosso pecado pode levá-lo a afastar-se. O sol ainda brilha sobre maus e bons, e a chuva desce sobre justos e injustos. (Veja Mateus 5.45.) Somos seus filhos; sejamos doces ao paladar como as uvas de Escol!

TIAGO 1.19-27

Praticantes, Não Apenas Ouvintes. Mantenhamos a boca fechada quando estivermos irados; se conservarmos as portas e janelas fechadas o fogo interior se apagará por si mesmo. No versículo 18 aprendemos que a palavra da verdade divina é o agente da regeneração; no versículo 21 é o meio de aprofundar a nossa consagração. Que bênção quando a Palavra de Deus é enxertada no tronco de nossa natureza selvagem!

O primeiro e único modo de dar caráter permanente aos santos ensinamentos é trasladando-os para o nosso viver cristão. Não basta que nos vejamos refletidos no espelho da Palavra de Deus; devemos “perseverar” nela, não como ouvintes que se esquecem, mas como praticantes que executam o que aprendem. Parece que muitos pensam que a bênção resulta do ouvir, e estão sempre interessados em assistir conferências. Não! A verdadeira bênção resulta do *praticar*. A essência de nossa fé cristã é a pureza, a alma com uma vestimenta imaculada, e a solícita assistência às viúvas e órfãos — mas essas coisas só são possíveis mediante a permanência de Cristo em nós por meio do Espírito Santo.

TIAGO 2.1-13

Evite o Servilismo aos Ricos. Esse pecado de se fazer distinção entre ricos e pobres na casa de Deus é tão freqüente hoje como sempre foi; e quando é praticado, o divino Espírito se ausenta. O amor de Deus é imparcial no que diz respeito a aparências exteriores. E, em sua Igreja, as únicas distinções que devem existir devem ser as da humildade, pureza e justiça.

“Bem-aventurados os humildes de espírito”, sejam eles ricos dos bens deste mundo ou não. Mas é mais fácil um pobre ser rico na fé e herdeiro do reino,

pois pode dar mais de sua atenção às coisas do Espírito.

A lei do amor deve ser suprema para nós. Por amor a Cristo devemos amar nossos semelhantes, como a nós mesmos, seja qual for sua posição ou condição econômica. Se falharmos nisso, mostramos que nunca penetramos no âmago da fé cristã. Um homem pode observar rigorosamente todas as leis de saúde; mas se inalar um pouquinho de gás venenoso pode morrer; assim, também, podemos ser exteriormente obedientes ao decálogo inteirinho, mas se transgredirmos a lei do amor isso invalidará tudo.

TIAGO 2.14-26

Obras, a Evidência da Fé. Aqui o apóstolo está-se referindo a uma fé que não resulta em transformação de vida. É a fé daquele que crê a respeito de Jesus Cristo, e que é distinta da de quem crê nele. Podemos crer a respeito dele como cremos a respeito de Lutero ou de Washington, mas essa fé não nos trará nenhum proveito, nem neste mundo, nem no outro. Ela não nos afetará em nada, assim como o mero desejo de que um mendigo que treme de frio e fome consiga abrigo e alimento também não tem valor para ele.

O verdadeiro teste da fé é a presença ou ausência de frutos em nossa vida e conduta, semelhante ao broto verde de uma semente viva. Tiago chama esses frutos de “obras”. Somos justificados pelas obras, porque elas provam que nossa fé é verdadeira. A fé verdadeira liga nossa alma ao Cristo vivo, produz profunda contrição e humildade, e uma conduta totalmente nova — como quando Abraão prontificouse a oferecer Isaque, e Raabe acolheu e ajudou os espias. Crer em Deus é ser amigo de Deus.

TIAGO 3.1-12

Refreie a Língua. É muito mais fácil ensinarmos a outros como eles devem ser, ou o que devem fazer do que obedecermos aos nossos próprios preceitos. Até mesmo as melhores pessoas tropeçam em muitos pontos; mas nossas falhas mais freqüentes são as da palavra. Se conseguíssemos controlar a língua,

dominaríamos toda a estrutura interior de nossa natureza. Recusando-nos a exprimir um pensamento estaremos matando esse pensamento. Deixemos Cristo refrear nossa boca e ele será capaz de modificar nosso corpo inteiro. Deixemos que ele coloque as mãos na cana do leme de nossa língua, e ele guiará nossa vida como ele deseja.

Uma simples farsa pode incendiar uma cidade. O grande incêndio de Chicago foi provocado por um lampião de querosene que estava num estábulo, e tombou. A língua é posta em chamas pelo inferno, e pode transmitir seu veneno à terra inteira. O homem não consegue dominar a língua, mas Cristo pode fazê-lo por ele. Jesus vai direto ao coração, porque, como ele disse, é nele que está o centro da maldade. (Veja Marcos 7.14,15; Salmo 51.10.)

TIAGO 3.13-18

Busque a Sabedoria do Alto. A verdadeira sabedoria não é filha do intelecto, mas do coração. Ela consiste não somente no que sabemos, mas, também, no que somos. É nesse sentido que ela é apresentada nos primeiros capítulos do livro de Provérbios e em Jó 28. Alguns que se dizem sábios têm inveja e sentimentos facciosos, desprezando os outros e acreditando que são superiores a eles. Tal espírito e disposição são de origem demoníaca.

Notemos esta excelente fieira de qualidades — como um colar de pérolas — que caracterizam a verdadeira sabedoria: primeiro, pura; depois pacífica — essa é a ordem de Deus — nunca a paz a qualquer preço. Primeiro um coração santo, depois um coração indulgente e tratável. Misericórdia e bons frutos vêm a seguir, “imparcial, sem fingimento”. E à medida que o crente amante da paz vai deixando cair as sementes de paz pelo mundo, elas vão produzindo colheitas de justiça. Aquelas que, em paz, semeiam paz, obterão uma colheita de justiça, o fruto da paz. Que primavera! Que outono!

TIAGO 4.1-10

“Chegai-vos a Deus.” O apóstolo volta a falar da “inveja amargurada e sentimento faccioso” do capítulo anterior

(3.14); e diz que esses males estão relacionados com a “cobiça”, isto é, ao desejo desordenado. Essa agitada guerra interior é a mãe — e por sinal muito fértil — de nossos insucessos em palavras e atos. Se orássemos mais e melhor, logo verificaríamos que esse fogo interior estava-se apagando.

No versículo 5 aprendemos que Deus colocou seu Espírito dentro de nós, e que ele anseia ter controle total de nosso coração. Ele é quem pode vencer o desejo desordenado, e ensinar-nos a orar. Deus quer mais de nós. Seu amor é insaciável, tendo grande anseio de possuir cada compartimento e cada cantinho de nossa vida interior, e está sempre desejoso de comunicar-nos mais graça.

Há quatro condições que precisamos atender para que Deus possa ter a posse total de nosso ser: (1) devemos sujeitar-nos à vontade dele (v. 7); (2) devemos chegar-nos a Deus (v. 8); (3) devemos purificar as mãos e limpar o coração (v. 8); (4) devemos humilhar-nos em sua presença (v. 10). Então Deus encherá nossa alma pois as comportas dela estão abertas para ele.

TIAGO 4.11-17

“Se o Senhor Quiser.” Quando falamos mal dos outros, estamos usurpando a posição daquele que é o único Legislador e Juiz do universo. Se o outro está-se esforçando para modelar sua vida pela Lei, falar mal dele é pôr em dúvida não apenas sua ação, mas também a Lei que ele está tentando observar. Voltemos o foco de luz para nós e façamos uma minuciosa auto-crítica. Ao mesmo tempo, sejamos misericordiosos para com todos os outros. Quando virmos outro fazendo algo errado, é bom sempre nos perguntarmos a nós mesmos se não haverá um mal semelhante oculto em nosso caráter. Quando virmos as faltas de alguém, falemos a ele e não dele.

Nós somos muito propensos a fazer planos sem buscar saber a vontade de Deus. A vida é tão transitória e breve que, se quisermos usufruí-la ao máximo, devemos pedir ao Espírito divino que tome as decisões por nós e nos

guie. Nossa única tarefa deve ser descobrir a vontade de Deus e cumpri-la. Se não estivermos dizendo constantemente "Se o Senhor quiser", pelo menos o sentimento que essa frase exprime deveria estar sempre em nós. "Seja feita a tua vontade", em mim como no céu!

TIAGO 5.1-11

Esperemos Pacientemente a Vinda do Senhor. Entre os ricos há muitos que estão usando seu dinheiro como um encargo sagrado. Não é contra esses que o apóstolo profere seus terríveis anátemas, mas contra aqueles que ganham dinheiro por meio da opressão e o monopolizam para seus fins egoístas. As riquezas que não são obtidas honestamente trazem sempre consigo uma maldição; e a ferrugem da riqueza não usada ou mal usada corrói, não somente o metal mas também a própria carne do avarento. À luz dessa passagem é errado usarmos egoisticamente um dinheiro que nos é confiado como depósito; tão errado quanto obtê-lo desonestamente.

Num certo sentido o Senhor está sempre entre nós. Mas ele virá outra vez, no final desta era. Então todos os erros serão corrigidos, e os oprimidos vingados. O que sabe esperar acabará recebendo tudo que espera; não julgemos o Senhor por sua obra inacabada. Sejamos pacientes até

que ele revele o modelo perfeito em glória. Esperemos "o fim" que o Senhor dará a essas coisas.

TIAGO 5.12-20

Oração Eficiente. Considerando o tribunal ao qual teremos de prestar contas de nossas palavras, bem faremos em empregar palavras muito simples e claras (Mt 5.34; 22.36,37).

Como então agiremos em uma determinada situação? O que o apóstolo diz é que devemos ser perfeitamente naturais. O que sofre deve orar; o que está alegre, cantar; o que está enfermo, confessar seus pecados e pedir oração intercessória. O óleo é o símbolo do Espírito Santo. O corpo é o templo do Espírito Santo, sendo ele solicitado a elevá-lo ao nível de inteireza espiritual que deseja dar-lhe. Quando ele pode inspirar-nos a oração que afirma e pede, não há dúvida de que o resultado será perfeita saúde. Mas aí está toda a diferença entre a telepatia humana e a cura divina, que é a resposta de Deus para nossa fé.

Elias chegou a ser o que foi por meio da fé e da oração. Por natureza, ele era sujeito aos mesmos temores e falhas que nós temos. Há duas razões pelas quais devemos empenhar-nos em converter os homens: (1) para que sejam salvos; (2) para que cesse sua influência maligna.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

A Comunhão do Sofrimento e da Glória de Cristo



SAUDAÇÃO 1.1,2.

1. O CONFLITO DA ESPERANÇA E DO SOFRIMENTO 1.3-12.
 - a. A esperança viva nascida da ressurreição de Cristo 1.3-5.
 - b. Provações e sofrimentos 1.6,7.
 - c. A esperança triunfa 1.8-12.
2. UM SACERDÓCIO REAL E UMA NAÇÃO SANTA 1.13-2.10.
 - a. O chamado à santidade 1.13-17.
 - b. A obra de redenção de Cristo 1.18-21.
 - c. A regeneração do crente 1.22-2.3.
 - d. A pedra que os edificadores rejeitaram 2.4-8.
 - e. O povo de Deus 2.9,10.
3. O EXEMPLO SEM PARALELO DE CRISTO 2.11-4.19.
 - a. As obrigações da vida cristã 2.11-20.
 - b. Os exemplos de Cristo 2.21-25.
(Sua impecabilidade.)
 - c. As obrigações da vida cristã 3.1-17.
(Paciência mútua entre mulheres e maridos, amor fraternal, compaixão, cortesia, vencendo o mal com o bem.)
 - d. O exemplo de Cristo 3.18-22.
(Seu sofrimento pelo pecado.)
 - e. As obrigações da vida cristã 4.
(Viver para Deus, vigiar, orar, praticar a hospitalidade, sofrer como um cristão.)
4. A DIREÇÃO DA IGREJA 5.1-9.
 - a. Deveres dos presbíteros 5.1-4.
 - b. Deveres dos moços 5.5-9.

CONCLUSÃO 5.10-14.

INTRODUÇÃO

Essa epístola foi primeiramente dirigida aos hebreus cristãos, embora ela não exclua os gentios que, por adoção e fé, se tornaram membros do verdadeiro Israel de Deus. Os países mencionados se situam numa linha do nordeste ao sudoeste da Ásia Menor. Como seria de se esperar, os parágrafos fulguram com o zelo abrasador e com o ardente amor de Pedro. Há, também, uma profunda disposição de paciência e desejo de animar os que estavam sofrendo. O “fogo ardente” (4.12) era a perseguição instigada pelo imperador Nero que desejava livrar-se da acusação de ter incendiado Roma. A data, portanto, é cerca de 65 A. D.

COMENTÁRIO

1 PEDRO 1.1-12

Nossa Incorruptível Herança. “Forasteiros da Dispersão”. Essa designação na verdade aplica-se a nós todos. Notemos a referência à Trindade feita no trecho de abertura. Nossa herança está preparada e guardada para nós, bem como nós para ela. Nós que cremos podemos contar com o poder protetor de Deus. Enquanto nosso espírito não se unir a um corpo aperfeiçoado, na presença de Cristo, nossa salvação estará incompleta.

A provação é múltipla. Todo crente verdadeiro passa por ela. Os melhores diamantes levam mais tempo para serem lapidados e polidos. Mas, depois de tudo, comparada com a eternidade diante de nós a provação é apenas efêmera, e necessária para todos. A esperança, do versículo 3, a fé do versículo 7 e o amor do versículo 8 se misturam na alegria indizível e cheia da glória que ainda está oculta.

Notemos que ele diz que os profetas, anjos e apóstolos achavam-se profundamente interessados na gloriosa

salvação que Deus proclamou à humanidade no evangelho, e por meio da qual fomos remidos.

1 PEDRO 1.13-25

Resgatado e Purificado. Sentimos que o apelo a uma vida santa se torna mais forte se considerarmos o grande preço da nossa redenção bem como a grande esperança que se abre diante de nós. Devemos cingir nosso entendimento para não acontecer que nossos desejos se deixem arrastar pelas coisas proibidas ou sejam maculados pela lama da estrada. Precisamos ser santos, como Deus é; e só podemos consegui-lo quando consentimos que Deus, por meio do seu Espírito Santo, se derrame em nossa natureza.

Não há temor como o que é gerado pelo amor. Não tememos a Deus com o temor do escravo ou do criminoso, mas com o do amor que nem admite a hipótese de causar sofrimento a quem amamos e que nos ama também. Quem pensaria em regressar ao Egito, sabendo que tal Cordeiro Pascal nos redimiu? Nossa redenção não foi uma

idéia posterior de Deus. Ela faz parte de um plano eterno; não nos deixemos enredar na armadilha da mera ambição terrena. Notemos a já conhecida associação de fé, esperança e amor (vv. 21,22). Mas essas graças só são inerentes aos que receberam o novo nascimento pelo Espírito através da Palavra.

1 PEDRO 2.1-10

Construindo Sobre a Preciosa Pedra Angular. É fácil abandonar a malícia, o dolo e as maledicências quando estamos constantemente nos alimentando do genuíno leite da verdade espiritual. Quem já experimentou a graça de Jesus, não vai querer provar o vinho de Sodoma. Bebamos, ó amados, comamos e bebamos fartamente da graça, para que possamos crescer, rejeitando as coisas pecaminosas e infantis.

A variação de metáforas do trecho seguinte é admirável. Quando tocamos a Pedra Viva nós vivemos, e nos unimos a outros que a estão tocando e, assim, o templo começa a se formar. Então nos tornamos um sacerdócio santo no templo, e, finalmente, os sacrifícios que são oferecidos dentro do seu recinto. Se para você Cristo não é a "Pedra que vive", será sua destruição.

Tudo o que Deus disse de seu antigo povo nós podemos realizar em Cristo e por meio dele. Compare o versículo 9 com Êxodo 19.6. Por isso estamos sempre elevando cânticos de louvor àquele que nos chamou para sua maravilhosa luz.

1 PEDRO 2.11-17

A Caminhada do Peregrino Cristão. O cristão, com seu pulso forte, deve sujeitar a si seus desejos. Não poderá extirpá-los, mas dirigi-los no rumo certo, conforme a Providência Divina apontar o caminho. Basicamente, nossos desejos governam nossas orações e nossa vida. Portanto devemos resguardá-los acima de tudo o mais, porque do coração procedem as fontes da vida. "Purifica, Senhor, os pensamentos do nosso coração pela inspiração do teu Espírito Santo, para que possamos amar-te perfeitamente." Deus não

deseja a extirpação de nenhum elemento de nossa natureza mas, sim, a consagração deles a ele. Não devemos permitir o erro, bem como não devemos permitir o abuso nem o exagero das coisas certas. O testemunho silencioso de uma vida santa ou de um lar bem organizado é de valor incalculável. Oh! Que as pessoas que estão em contato conosco, ao observar-nos passem a glorificar a Deus! (Veja o versículo 12.)

Embora não pertençamos a este mundo — estamos apenas passando por ele em direção ao nosso lar — devemos estar dispostos a nos conformar com as instituições e costumes do mundo que nos cerca, desde que, com isso, não firamos nossa consciência nem neguemos os direitos de Cristo.

1 PEDRO 2.18-25

Seguindo o Pastor da Nossa Alma. O argumento apresentado por Pedro a partir desse trecho parece ser o seguinte: já que fomos remidos, vivamos à altura do nosso chamado celestial, em nosso relacionamento com os irmãos crentes, com Deus e com o Estado (v. 17); com nossos patrões (v.18); com o marido (3.1); com a esposa (v. 7); com todos (v. 8).

Algumas das mais ternas palavras que encontramos nas epístolas são as que os autores dirigiram aos escravos domésticos, que constituíam uma parte muito importante da Igreja Primitiva. Os donos e donas de escravos tinham controle absoluto sobre eles, e podiam até executá-los sem a interferência do Estado. O apóstolo procura dar-lhes palavras de conforto, em meio aos inomináveis sofrimentos por que passavam. Eles deviam suportar seus sofrimentos paciente e humildemente, seguindo os passos do seu Senhor, certos de que ele os recompensaria.

Lembrem-se os empregados, de que foram designados para serem lâmpadas em lugares escuros de maneira que pela simplicidade e beleza de sua conduta, possam dar testemunho de Jesus. O caminho da cruz é o único e seguro para todos nós, se nos mantivermos em contato com o nosso Pastor e Protetor.

1 PEDRO 3.1-12

A Vida Familiar do Cristão. No capítulo anterior o apóstolo vinha instando com os pobres escravos de ricos senhores a submeterem-se pacientemente às injustiças, deixando a Deus o acerto das contas. Aqui ele se dirige às esposas de maridos descrentes, mostrando que uma conduta virtuosa, um gênio manso e calmo, uma boa disposição pessoal se constituem nos maiores argumentos em favor de nossa fé. O que somos é mais importante do que o que fazemos. Nossa vida é o nosso melhor sermão. Se tivéssemos, com o homem interior do coração, o mesmo cuidado que temos com o exterior, que admirável caráter produziríamos! Certa vez Massillon pregou acerca do tema do homem interior e do exterior perante Luiz XIV. Ao sair da igreja, o rei exclamou: "Conheço esses dois homens!"

Um ânimo igual convém a todos nós. Sejamos compadecidos para com as falhas dos outros, mesmo quando retribuem com o mal o bem que lhes fazemos, e insultam nossa bênção. Deus envia a chuva e o sol sem levar em conta o caráter dos beneficiários. Desse modo herdamos a bênção para a qual fomos chamados, e veremos dias felizes.

1 PEDRO 3.13-22

Seguindo a Cristo ao Sofrer a Injustiça. Consta que quem desejasse conquistar a amizade do arcebispo Cranmer para o resto da vida, teria que causar-lhe algum malefício. Com certeza, essas palavras do apóstolo devem ter criado muitos caracteres com essa mesma particularidade. Nosso único objetivo e propósito de vida deveria ser santificar a Cristo como Senhor; isto é, colocá-lo no trono. Que todas as nossas capacidades estejam em torno do Senhor, prontas a executar as ordens dele, como fazem os cortesãos de um grande soberano.

Mantenhamos uma boa consciência! Lembremo-nos de que temos de viver com nós mesmos! Uma boa consciência é nossa melhor companhia! Paulo se empenhava sempre em manter uma boa consciência, sem nenhuma ofensa

para com Deus e com os homens (At 23.1; 24.16). Isso é ainda mais necessário quando somos chamados a dar testemunho do Senhor. Não devemos ficar em silêncio quando devíamos falar, e quando falamos devemos fazê-lo de modo reverente, com simplicidade e calma.

Parece que o Senhor levou a boa nova da redenção ao mundo dos espíritos desencarnados. O apóstolo compara o batismo ao dilúvio, porque ele se interpõe entre o crente e sua antiga vida mundana assim como o dilúvio dos dias de Noé se interpôs entre o velho mundo e o novo que emergiu das suas águas.

1 PEDRO 4.1-11

A Nova Vida em Cristo. O apóstolo insta com os discípulos para romperem definitivamente com o pecado. Assim como o túmulo do Senhor jaz entre ele e a vida que ele levou antes da morte, assim também deveria haver um pronto rompimento entre nossa vida de crentes e nossa vida anterior no mundo, que era dominada por paixões desenfreadas. Algumas vezes Deus emprega o ácido da perseguição ou do sofrimento para corroer os laços que nos prendem ao passado. Aceitemos ambos com bom ânimo. A única condição para reinarmos com o Cristo entronizado é submeter-nos à cruz. Naturalmente, importa que morramos para os instintos animais, para os prazeres do mundo e para as tentações do diabo; mas também é muito importante que morramos para nosso egoísmo, esteja ele vestido de branco ou de preto!

Deus nos conchama a uma vida de oração. Mas, para cultivarmos o fervor na oração, devemos ser sóbrios e criteriosos (v. 7); amorosos (v. 8); e fiéis na mordomia de todos os dons que Deus nos confiou (v. 10). Cultivemos o firme hábito de tirar os olhos de nosso serviço, seja ele de que tipo for, e pedir a Deus a capacidade de fazê-lo para a glória dele (v. 11).

1 PEDRO 4.12-19

Sofrendo Como Cristãos. O apóstolo nos exorta a participar dos sofrimentos de nosso Salvador — não os da expiação,

mas os da sua autonegação diária, o ódio dos homens, a angústia de sua alma ante a obstinação e a oposição do mundo. O soldado que estiver mais perto de seu comandante, combatendo ao lado dele em meio ao fogo da batalha, está sujeito a receber o mesmo ataque que for dirigido ao seu capitão. Não é estranho! Estranho seria se assim não fosse, se nossos traços que são iguais aos do Senhor não atraíssem para nós o mesmo ódio que atraem para ele.

A salvação do justo é uma tarefa de enorme dificuldade. Requer onipotência. Será suficiente nada menos que a graça infinita do Pai, o sangue do Filho, e a paciência do Espírito Santo. Qual será o destino dos que os rejeitam? Será que comparecerão à ceia das bodas do Cordeiro? E, se não — aonde irão? Que beleza o versículo final! A entrega da alma, não somente ao Salvador, mas ao "Criador". Afinal de contas, aquele que nos criou pode compreender melhor, ajustar e satisfazer a natureza que ele mesmo nos deu!

1 PEDRO 5.1-7

Servindo um ao Outro. De acordo com essas palavras, Pedro, embora permanecesse a certa distância, deve ter sido testemunha ocular da morte do Salvador. Ele tem o cuidado de mencionar a "glória" no mesmo instante em que fala dos "sofrimentos", porque se suportarmos estes, compartilharemos daquela. As posições de liderança na Igreja naqueles dias envolviam sérios riscos, mas o apóstolo cria que pelo amor de Cristo, aqueles homens iriam assumir o lugar de pastores do rebanho de Deus, e usariam seu poder com bondade, humildade e santa coerência.

O termo "jovens" pode estar incluindo os diáconos, mas o "todos" (v. 5), se refere à totalidade dos membros. Eles deviam cingir-se de humildade, como um escravo se cingia com a to-

alha, para que pudessem servir-se mutuamente (Jo 13.4). Os que se humilham devido a uma profunda lealdade para com Deus, permanecem como rochas perante seus semelhantes. Lembremos de Lutero: "Nesse ponto, fico firme. Não posso agir de outro modo". Não podemos dizer: "Ninguém se incomoda com o que me acontece". Deus se incomoda, e cuida de nós com infinita ternura. Ele já cuidou antes mesmo de nos entregarmos aos seus cuidados! Deus está unido à nossa modesta vida por um terno respeito e interesse por nós.

1 PEDRO 5.8-14

Resistir ao Diabo. Lemos acerca do nosso adversário em Zacarias 3.1. O inimigo de Cristo deseja ferir o Pastor ferindo seu rebanho. A fome do leão que busca sua presa é um símbolo do insaciável desejo de nossos inimigos espirituais que querem nossa destruição. "Anda em derredor" — a tentação nunca nos ataca por muito tempo no mesmo ponto. Talvez a figura de um leão rugindo sugira uma intensificação da perseguição, o que fazia as pessoas tímidas tremerem. (Veja 2 Timóteo 4.17.)

Deus possui toda a graça para toda hora e necessidade (v. 10). Ele nos chama à sua eterna glória por meio de Cristo. É o caminho do sofrimento, e só esse caminho, que nos conduz ao mundo onde não há sofrimento, o qual dura apenas um pouco de tempo. "Aperfeiçoar", para que nada esteja faltando; "firmar", para que possamos não vacilar; "fortalecer", para que nos mantenhamos de pé e resistamos.

Silvano é Silas (v. 12). Ele era um homem em quem se podia confiar. O tema de Pedro era a graça. Assim começou, assim termina; e é da igreja que está na Babilônia, ou em Roma (Ap 14.8), onde ele e Marcos estavam morando e trabalhando, que ele envia essa mensagem de graça e amor e paz.

A SEGUNDA EPÍSTOLA DE

PEDRO

O Conflito e a Vitória da Fé



SAUDAÇÃO 1.1,2.

1. A FÉ IMPLANTADA 1.3-11.
 - a. Participantes da natureza divina 1.3-7.
 - b. A segurança do cristão 1.8-11.
2. A FÉ DESPERTADA 1.12-21.
 - a. O cultivo da memória cristã 1.12-15.
 - b. O duplo testemunho por Cristo 1.16-21.
3. ATAQUES À FÉ 2.
 - a. A invasão de incrédulos 2.1-3.
 - b. Lições dos castigos passados 2.4-10.
 - c. Escravos da corrupção 2.11-22.
4. A FÉ VITORIOSA 3.1-13.
 - a. A resposta aos escarnecedores 3.1-9.
 - b. Os novos céus e a nova terra 3.10-13.

CONCLUSÃO 3.14-18.

INTRODUÇÃO

Essa epístola foi dirigida às mesmas pessoas ou igrejas que a primeira (3.1). Mas há um intervalo de vários anos entre as duas, e o apóstolo, agora bem mais velho, estava esperando ser chamado para selar seu testemunho com seu sangue (1.14). Seu propósito ao fazer essa exortação pouco antes de morrer é alertar a comunidade cristã contra os perigos que estavam operando insidiosamente entre eles, e eram mais temíveis do que a perseguição de fora. Para isso, seu grande argumento é a vinda do Senhor, que já está próxima.

A autenticidade dessa epístola foi posta em dúvida; mas ela faz parte da lista dos livros canônicos proposta pelo Concílio de Cartago em 397 A. D. Existe uma identidade tão forte no uso de palavras entre estas duas epístolas, e o depoimento do autor como testemunha ocular da glória da transfiguração é tão inconfundível, que não precisamos alimentar qualquer dúvida quanto à justiça de sua inclusão entre as Escrituras aceitas. (Compare 1.16,17 com 1 Pedro 5.1.)

COMENTÁRIO

2 PEDRO 1.1-11

A Regra do Crescimento Cristão. A expressão básica desse trecho é “estas coisas” (vv. 8,9). A expressão “fé preciosa” do versículo 1 corresponde a “preciosas promessas” (v. 4). Notemos que Deus nos deu tudo de que precisamos para termos uma vida profundamente espiritual através do conhecimento de Jesus, mas que precisamos tirar proveito dele. As promessas são grandes e preciosas, mas precisamos nos apropriar delas e assimilá-las, se quisermos partilhar da natureza divina por meio delas. Nossa redenção foi conquistada por nosso Salvador, mas precisamos crescer constantemente e aumentar os elos de ouro já seguramente ligados pela fé.

Nos versículos 5 a 7, passa diante de nós um coral cujos membros estão de mãos dadas, cada um puxando o outro; ou, podemos usar outra analogia e dizer que cada graça aqui mencionada está contida na seguinte, como um conjunto de caixas chinesas. Ser deficiente nessas coisas é ser inativo e infrutífero (v. 8), e cego (v. 9). Nós

bem podemos desejar a entrada amplamente suprida (v. 11), não como navios alagados, mas como uma embarcação cujas velas estão todas desfraldadas — não aportando à praia celestial sem sermos esperados e como indesejáveis, mas recepcionados por aqueles que no passado ajudamos.

2 PEDRO 1.12-21

“Testemunhas Oculares de Sua Majestade”. Pedro jamais poderia esquecer o que o Mestre predissera acerca da morte do discípulo. (Veja João 21.18,19.) Oh! Que em nossa morte, seja ela como for, possamos glorificar a Deus! O cumprimento dessas palavras já ia-se fazendo visível aos olhos de Pedro, mas ele não estava com medo. Fala de sua ida para o lar com a palavra usada por Moisés e Elias quando falavam da “partida” que o Senhor haveria de realizar. (Compare o versículo 15 com Lucas 9.31.)

Foi então que toda a cena da transfiguração surgiu diante de sua memória. Era como se ele estivesse, de novo, no monte santo, contemplando a majestade do Senhor e ouvindo a voz do

Pai a testificar do Filho. Existem três provas infalíveis do cristianismo: (1) o testemunho dos apóstolos; (2) a luz das profecias cumpridas em Cristo; (3) o testemunho do Espírito Santo. Essas três ardem juntas na escura noite do presente, e nós podemos contar com elas até vermos o primeiro lampejar da aurora. Aí não precisaremos de nenhuma lâmpada, porque o Senhor Deus nos iluminará.

2 PEDRO 2.1-11

Destruição e Livramento. A Igreja Primitiva já estava ameaçada por heresias nela introduzidas por homens que só buscavam seu engrandecimento pessoal. Todos os apóstolos fazem advertências contra isso e indicam o caráter como o único e supremo teste de doutrina. O sentido das heresias é negar o Senhor que nos comprou como escravos no mercado do mundo. De todos os arrematadores ninguém fez lance mais alto do que ele.

Então ele cita muitos exemplos do passado para provar os terríveis castigos que devem sobrevir a esses falsos mestres. Os anjos que colocaram sua vontade pessoal em antagonismo à do seu Criador foram lançados ao *Tártaro* — uma palavra grega empregada somente nesse texto, no Novo Testamento. Aqueles que viveram antes do dilúvio, e os homens de Sodoma que desrespeitaram as leis de pureza e moderação, ditadas igualmente pela natureza e pela consciência, foram esmagados pela destruição. Mas, mesmo em meio a tais castigos, Deus separa seus Noés e seus Lóts, preserva-os e livra-os, e os conta entre suas jóias (Mt 3.17). Deus está com os olhos postos em nós e nos socorrerá.

2 PEDRO 2.12-22

O Escuro Caminho do Animalismo. A descrição desses falsos mestres é terrível! Eles são escravos de seus instintos irracionais. São corruptos e ignorantes. Destroem e serão destruídos. Eles se banqueteiavam regaladamente em pleno dia, em vez de levarem vidas abstinências e sóbrias. Para eles, até mesmo as festas da igreja eram oportunidade

para libertinagem. Seus olhos nunca se afastavam do pecado contra o qual o Senhor nos adverte em Mateus 5.28. Balaão é um excelente exemplo desse tipo de gente, dividido como estava entre a visão celestial do seu espírito e o apetite sensual de sua alma.

A vontade do homem, como no caso de Balaão, está sempre se equilibrando entre o seu conhecimento do bem e do mal e sua forte tendência para o mal. Só com o auxílio de Deus podemos corrigir isso. Nós, que estamos “prestes a fugir” (v. 18), das armadilhas deste mundo, devemos acautelar-nos para não sermos apanhados na malícia e nos laços do falso ensino, que podem arrastar-nos de volta para os males da vida mundana. Só podemos estar permanentemente seguros numa sincera união com o Senhor Jesus Cristo.

2 PEDRO 3.1-9

Uma Espera Paciente. Pedro não hesita em colocar seus mandamentos e os dos demais apóstolos de Jesus no mesmo nível “das palavras que anteriormente foram ditas pelos santos profetas”, e repete suas exortações por causa da intensidade da crise que ameaça a Igreja. Evidentemente havia um temor, não sem fundamento, de que ela viesse a afrouxar sua atitude de expectativa e acolher a filosofia materialística da época.

Naquela época, esses homens argumentavam com base na aparência das coisas e, principalmente, na lei de causa e efeito. Eles não se davam conta de que, de tempos em tempos, tinha ocorrido uma intervenção da vontade divina pessoal no curso da história, introduzindo leis superiores e detendo a sucessão normal dos acontecimentos; como, por exemplo, o dilúvio e os milagres da história do Antigo Testamento. Por que, então, o curso da natureza não poderá ser rompido pelo segundo advento, quando o Senhor reunirá seus santos ao seu redor e reinará gloriosamente? O que Deus já fez, pode fazer de novo! Há uma Pessoa e uma vontade por detrás do tênue véu da vida presente.

2 PEDRO 3.10-18

Viver em Santo Procedimento e Piedade. Como foi abrupta para o mundo a notícia da grande convulsão européia de 1914! Quem esperava uma explosão tão súbita da grande tempestade? Mudanças tão vastas na história da humanidade parecem indicar que estão chegando “novos céus e nova terra” como está mencionado no versículo 13. A condição do mundo atual é um aviso a cada um de nós para que sejamos santos, como as virgens em seus trajes puros, com as lâmpadas acesas e bem cheias de azeite. (Veja Mateus 25.1-13.)

É dessa maneira que podemos apressar a vinda do dia do Senhor. Não basta dizer: “Venha o teu reino”. Todos os dias, devemos afastar alguma pedra do seu caminho!

Em vinte e quatro horas Deus pode fazer o que todos os seus servos, dentro do país e no exterior, não poderiam realizar em mil anos. De acordo com a cronologia de Deus, foi na manhã de ontem que Jesus morreu. Vigiemos! A vinda de Cristo é certa, embora a hora não o seja. Se formos irrepreensíveis agora, seremos imaculados daqui a pouco. (Veja Judas 24.)

AS EPÍSTOLAS DE
JOÃO
O Amor Redentor de Deus em Cristo



INTRODUÇÃO 1.1-4.

1. O CARÁTER DE DEUS REVELADO EM CRISTO 1.5-2.6.

2. O NOVO MANDAMENTO 2.7-28.

3. NOSSA CONDIÇÃO DE FILHOS DE DEUS É TESTADA PELO AMOR
2.29-3.18.

4. A BASE DA SEGURANÇA 3.19-4.6.

5. "DEUS É AMOR" 4.7-21.

6. O TRIPLO TESTEMUNHO 5.1-12.

CONCLUSÃO 5.13-21.

Nota: Por causa de sua brevidade, não são incluídos resumos da 2.ª e 3.ª epístolas, separadamente.

INTRODUÇÃO

Além do Evangelho de João chegaram até nós três epístolas da pena do apóstolo amado. A primeira delas é a mais longa e a mais importante. Na forma parece mais um ensaio ou um tratado do que uma carta; não traz nem saudação nem assinatura. Mas, se não houvesse outra evidência, a semelhança de seu estilo e pensamento com os do quarto Evangelho definiriam a questão da autoria. Seja qual for que tenha sido escrito primeiro, a relação entre os dois escritos é perfeitamente clara e foi habilmente explicada pelo Bispo Westcott da seguinte forma: “O tema da epístola é: “O Cristo é Jesus”; o tema do Evangelho é: “Jesus é o Cristo”. A orientação da epístola para a vida prática também é muito clara. O apóstolo mostra que a comunhão com o Pai e com o Filho se consuma no amor aos irmãos.

A segunda e terceira epístolas são muito curtas, e mais particulares e pessoais do que doutrinárias. Foram chamadas por Jerônimo de “irmãs gêmeas”. Em estilo e espírito, elas se assemelham bastante à primeira. Contêm a mesma ênfase acerca do amor, da verdade e da obediência. Embora não tenhamos informação exata quanto à data delas, não temos dúvida de que se acham entre os últimos documentos do Novo Testamento.

COMENTÁRIO

1 JOÃO 1.1-10

Comunhão na Luz. Quando o apóstolo, já idoso, começou a escrever, voltou a viver suas primeiras experiências com o Salvador. Ouviu a voz, viu a Pessoa, tocou o próprio corpo em que a Divindade habitara. Era uma bênção grande demais para ser gozada apenas por ele, e João nos diz que podemos participar da mesma comunhão com o Pai e o Filho. Mas os que entram nela não podem trazer nenhuma impureza nem insinceridade. Nosso único objetivo deveria ser manter uma comunhão tão perfeita com Deus que nossa união com ele permaneça imaculada. Se ainda há pecados de ignorância, o sangue de Jesus continuará a removê-los. O sentido de “pecado” difere do de “pecados”, como a raiz é diferente do fruto. Deus não somente perdoa; mas também purifica. Ele é fiel às suas promessas e justo para com seu Filho. Note-mos os “ses” destes versículos e de 2.1; eles constituem um tratado sobre a vida abençoada.

1 JOÃO 2.1-11

Obedecendo ao Mandamento do Amor. Está claro que podemos evitar cometer pecados conscientes, com espírito de arrogância. Sempre seremos tentados, porque isso é inevitável nesta vida; mas, podemos ser inteiramente resguardados pelo Espírito que habita em nós. No entanto, se formos vencidos por uma tentação súbita, não nos desesperemos; nosso Advogado está sempre intercedendo por nós. A evidência de que temos uma experiência de salvação não é a lembrança de um momento arrebatador que vivemos, mas a consciência de que, por amor a ele, fazemos coisas que, de outro modo, não faríamos. Continuemos a praticá-las, pois é pelo caminho de uma obediência paciente que entraremos no Paraíso do perfeito amor. Nossa conduta visível é a melhor evidência, tanto para nós como para os outros, de que gozamos de uma união permanente com Jesus. A luz envolve o amor; e o amor envolve a luz. Amemos, e andaremos

na luz. Favoreçamos o ódio ou a animosidade e aí começamos a tatear em trevas.

1 JOÃO 2.12-17

Desejos Transitórios, Vida Permanente. Há gradações na experiência cristã — o filhinho, o pai, o moço. A característica do filhinho é uma feliz consciência do perdão; a do pai, um profundo conhecimento de Deus; do moço, a vitória sobre o maligno. Em todos eles há crescimento. O filhinho, através do perdão, também vem a conhecer o Pai; os pais podem crescer para um maior conhecimento de Deus; e, à medida que os moços se tornam mais fortes, tornam-se mais conscientes do Espírito de poder que neles habita.

Façamos distinção entre o mundo da natureza e o da aparência, que não passa de uma ilusão, de um sonho vão da imaginação e da jactância humanas. É a esfera dos sentidos comparada com a do espírito. É a soma de tudo o que a carne deseja, em que os olhos se deleitam e a alma se orgulha. O Pregador resume o mundo numa expressão: “debaixo do sol” (Ec 1.3). O mundo está passando como um filme cinematográfico, e o poder para gozá-lo também está desaparecendo. Somente aquilo que está enraizado em Deus permanece.

1 JOÃO 2.18-29

Lealdade à Verdade. O Santo é, com certeza, o Salvador ressuscitado, que subiu aos céus, de onde derrama o Espírito Santo como um óleo sagrado sobre os mansos e confiantes. Podemos dizer como o salmista: “Unges-me a cabeça com óleo”. Busquemos novas unções. “Derramas sobre mim o óleo fresco.” (Sl 92.10.) Todas as vezes que tentarmos fazer a obra de Deus, devemos ser capazes de dizer: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu”. A alma ungi-da compreende as coisas ocultas aos sábios e entendidos (v. 27).

Precisamos reter a Palavra de Cristo por meio de uma repetição e meditação constantes; somente assim seremos capazes de permanecer nele. Essa permanência significa não apenas que tra-

balharemos para Deus, mas que ele operará por nosso intermédio. O ramo que permanece na videira dá muito fruto, porque a energia da videira pode fluir livremente para operar sua vontade por meio dos seus canais. Quem leva uma vida de permanente comunhão com Cristo nunca será envergonhado, neste ou em outro mundo qualquer.

1 JOÃO 3.1-12

As Características dos Filhos de Deus. Esse capítulo começa com uma das espantosas proclamações da Escritura. A razão por que Deus nos teria feito seus filhos é incompreensível, a não ser que fosse para mostrar as riquezas de sua graça. (Veja Efésios 2.7.) Que somos filhos, não há dúvida, mas como isso é maravilhoso! No entanto, maravilhas maiores ainda nos esperam, porque haveremos de ser como Jesus, nosso Senhor. Ele é o modelo segundo o qual estamos sendo amoldados e, quando despertarmos do outro lado, seremos semelhantes a ele.

“Ele é puro”; esse é o veredito de alguém que viveu na mais íntima comunhão com ele. Nós não podemos pensar em Cristo, ou na eternidade que passaremos com ele, sem desejar pureza acima de tudo. Peçamos-lhe que ele se torne em nós a fonte da pureza! Se ele é objeto de um estudo constante de nossa parte, essa qualidade do seu caráter tornar-se-á nossa. Sob tais condições, é impossível cometermos pecados de arrogância. Ele destruirá as obras do diabo nos indivíduos e no universo. É nossa integridade e amor que provam que somos filhos de Deus. Esses são os sinais característicos daqueles que são propriedade de Deus.

1 JOÃO 3.13-24

Amar de Fato e de Verdade. O amor aos irmãos é um sinal de que pertencemos à família de Deus. Podemos não gostar de todos eles, todavia podemos amá-los. Se nós amamos, vivemos; e, se vivemos no sentido mais profundo, amaremos. Isto é, colocaremos os outros em primeiro lugar, e nosso interesse por eles terá a cor carmim do sacrifício. O amor não é medido pelas pala-

bras de nossos lábios nem pela emoção do coração, mas pela extensão do que faremos ou suportaremos.

O crente não pode afirmar nada de bom a respeito de si próprio; reconhece que é indigno e inconstante; mas Deus nos compreende e nos vê como podemos ser. Observemos no versículo 22 as duas condições para uma oração eficaz. Está claro também, pelo versículo 23, que os homens podem crer, se assim o desejarem. Deus está disposto a dar, aos que estiverem desejosos, tudo o que ele próprio ordena. Agostinho orava assim: “Dá o que ordenas, e ordena o que queres”.

1 JOÃO 4.1-11

A Prova do Amor de Deus. Naqueles dias, o intenso fermento da mente dos homens produzia muitos delírios e heresias que estavam cheios de tentações para os novos convertidos, e o apóstolo desejava que se fizessem testes para determinar qual a voz que falava da parte de Deus. A confissão de que Jesus Cristo era o Verbo encarnado, um espírito de amor e bondade, e a disposição de permanecer na doutrina dos apóstolos eram sinais de que o que falava fazia-o em nome de Cristo.

Queremos vencer o mundo? Deixemos Cristo entrar em nossa vida, e o mundo não terá mais nenhum encanto para nós. Só existe uma fonte de amor puro e divino, e onde quer que vejamos esse amor logo sabemos que seu possuidor achou a fonte dele em Deus. O amor de Deus é totalmente desinteressado. Ele ama os que não amam para levá-los a amar, removendo seus pecados e aperfeiçoando a união deles com ele.

1 JOÃO 4.12-21

O Teste de Nosso Amor. Se estivermos dispostos a ser canais através dos quais o amor de Deus possa ser comunicado a outros, não é preciso haver limite para o pleno fluxo dessa santa corrente. Com humildade, altruísmo e bondade ela poderá ser aperfeiçoada. Um vaso colocado debaixo de uma cascata fica cheio e transbordante.

Por meio de nosso Salvador, conhecemos o Pai que o enviou (v. 14). (Veja João 14.9.10.) A princípio, nós nos entregamos ao amor de Deus por meio da fé; depois o conhecemos. Afirmermos ousadamente que Deus é amor. O amor é a fragrância que emana do Paraíso. Se armarmos, o céu e a terra corresponderão a isso em termos de amor. Por meio de um amor forte, paciente, desinteressado, permaneceremos em contato ininterrupto com todas as pessoas puras, que amam — sejam quais forem e onde estiverem. Onde o amor foi crucificado, havia um jardim. Onde há amor, os desertos florescem como a rosa. Não tenhamos medo! Amemos sempre! Amemos continuamente! “Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (5.20). Mas um só pensamento de ódio ou animosidade fará com que nossa experiência de total felicidade se desvanesça.

1 JOÃO 5.1-12

A Vida Vitoriosa. A expressão “nascido” de Deus é constantemente mencionada nessa epístola. Essa palavra indica que, na regeneração, a natureza divina foi transmitida ao filho, e a primeira evidência dela é o amor. Esse amor não é um fraco sentimentalismo, mas uma forte e vigorosa reciprocidade às operações do amor divino.

A vida de Deus na alma também se manifesta através de nossa fé; e, como a fé é a substância do mundo invisível e eterno, ela vence o fascínio e a atração deste cenário transitório. Deixemos que nossa fé se envolva em torno do Senhor ressurreto e seremos afastados de tudo o mais. Jesus tem de ser tudo para nós, senão perderemos a coroa!

Precisamos, não somente da água do arrependimento, mas, também, do sangue da propiciação. Quando admitirmos esses dois em nossa vida, o Espírito Santo dará seu testemunho pessoal à nossa alma. Deus está sempre dando testemunho do Filho pela vida eterna que este dá aos que crêem, e que mantém neles. Para os que têm o Filho como seu hospéde permanente a eternidade começa aqui mesmo.

1 JOÃO 5.13-21

Peça de Acordo com Sua Vontade. Sabemos que temos a vida eterna. Sentimos a corda do presente em nossa mão levando-nos para diante, mas as pontas dela estão fora da nossa vista, no passado e no futuro. Também sabemos que Deus nos ouve quando obedecemos a todas as condições da verdadeira oração. Sabemos, além do mais, que podemos tornar-nos um meio através do qual a vida de Deus pode comunicar-se a outros. Assim, até a criança mais humilde pode ter poder com Deus e com os homens.

O Unigênito guarda os nascidos. O mal não pode tocá-los, assim como nenhuma praga poderia chegar à sarça ardente do deserto tomada pelo fogo celestial. Quem voltaria ao mundo? Leiamos e gravemos no coração esses quatro itens de conhecimento positivo; mas cuidado para que não aconteça que algo que é perfeitamente lícito e natural em si mesmo se transforme num ídolo. O amor, o conhecimento, a permanência e a vitória — são essas as linhas mestras dessa admirável carta.

2 JOÃO 1-13

Andando na Verdade. Essa primorosa carta, modelo de correspondência do mundo antigo, foi escrita provavelmente quando o apóstolo estava hospedado em casa dos sobrinhos da senhora a quem ele se dirige. A epístola gira em torno das duas palavras — “amor” e “verdade” — que eram os pólos de sua vida. Quando Cristo está em nós, não somente somos verdadeiros no pensamento e na palavra, mas também reconhecemos a verdade em qualquer situação. Não há nada que limite a visão daquele que é sincero e

que ama a verdade. Sejamos verdadeiros e cheios de amor, e assim teremos uma rica herança de graça, misericórdia e paz. A melhor demonstração de amor é a obediência. O versículo 8 revela a ansiedade do pastor. Se avançarmos sem Cristo, não temos Deus (v. 9). Lembremo-nos de que o amor pode ser severo (v. 10).

A carta revela o poder, a pureza e o amor da Igreja Primitiva. Ponhamos em nossas cartas pensamentos que as tornarão dignas de ser recebidas e conservadas.

3 JOÃO 1-14

A Alegria do Apóstolo. De novo encontramos as palavras “amor” e “verdade”. Limpidez de palavra e de vida é condição essencial para a saúde da alma. Não seria bom se pudéssemos expressar o desejo do versículo a todos os nossos amigos, porque, se o corpo deles tivesse de corresponder às condições de sua alma, eles, subitamente, adoeceriam. Conta uma antiga lenda que certos espelhos ficavam embaçados quando se aproximava deles alguém que não vivia de acordo com a verdade (v. 4).

O cristão deve sempre agir de modo digno de Deus, principalmente para com os estrangeiros (vv. 5,6). “Por causa do Nome” (v. 7) — como filhos, precisamos conservar a honra da família. Tal hospitalidade nos torna cooperadores da verdade. O versículo 10 lembra o episódio dos Boanerges (Mc 3.17). O triplo testemunho acerca de Demétrio deveria gerar em nós o desejo de imitar seu caráter. O que será quando a imprecisa comunicação terrena se transformar na conversa face a face da eternidade (v. 14)?

A EPÍSTOLA DE

JUDAS

“Batalhar Diligentemente Pela Fé.” (v.3)



SAUDAÇÃO 1,2.

1. ADVERTÊNCIA CONTRA OS TRAIADORES 3,4.

2. A DEPRAVAÇÃO E A DESTRUIÇÃO DOS ÍMPIOS 5-16.

3. A FÉ E A ESPERANÇA DO CRISTÃO 17-22.

CONCLUSÃO 24,25.

INTRODUÇÃO

O Tiago mencionado no versículo 1, temos quase certeza, é o irmão do Senhor, o conhecido e amplamente aceito líder da igreja de Jerusalém, bem como o escritor da epístola que traz o seu nome. Portanto Judas também era irmão do Senhor (veja Mateus 13.55; Marcos 6.3). Esses dois, provavelmente, estiveram com os apóstolos depois da ascensão e, por fim, passaram a participar dos esforços evangelísticos. (Veja Atos 1.14; 1 Coríntios 9.5.)

Não possuímos informações precisas a respeito dele, mas Eusébio afirma que, quando Domiciano determinou que toda a descendência de Davi fosse exterminada, “alguns dos hereges delataram os descendentes de Judas, que segundo a carne era irmão do Salvador, porque eram da família de Davi e, como tal, eram também aparentados com Cristo”. Pelas subseqüentes informações do historiador, parece que essas pessoas deram bom testemunho perante seus perseguidores.

Provavelmente a epístola foi endereçada às igrejas da região que fica a leste da Judéia, onde Judas tinha trabalhado, e é possível que tenha sido escrita por perto do ano 66 A. D. Há notáveis semelhanças entre essa epístola e a 2.^a de Pedro, indicando que houve muita comunicação entre os dois escritores quando estavam preocupados com os falsos mestres da época e com o baixo nível da moral predominante.

COMENTÁRIO

JUDAS 1-11

“*Batalhardes Diligentemente Pela Fé.*” “Guardado”, ou um termo equivalente, é a palavra predominante nessa epístola. Ela ocorre nos versículos 1,6,13, 21,24. Muitas doutrinas e práticas malignas estavam invadindo a Igreja. Certas pessoas, que citavam a misericórdia de Deus como desculpa para a imoralidade e praticamente repudiavam os ensinamentos do Senhor Jesus, haviam se introduzido nela dissimuladamente.

Em contraste com esses estavam os discípulos aos quais Judas se dirige e que consideravam o Senhor Jesus como seu amado “Soberano” (no grego, “déspota”). Eles eram guardados para ele, como os outros eram mantidos em algemas. Guardemo-nos nós, também, no amor de Deus (v. 21). É muito mais fácil viver coerentemente nas horas de tempestade do que nas horas de calma.

Tenhamos cuidado para não abandonarmos nossa fé original. Consideremos o destino dos anjos decaídos, de Sodoma e Gomorra, de Caim e Ba-

laão, de Coré e de outros. Vigiem e oremos e batalhem “diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (v. 3), levando-a por todo o mundo, assim como o pequeno grupo de peregrinos dos dias de Esdras levou para a pátria os objetos sagrados. (Veja Esdras 8.28.)

JUDAS 12-25

Guardai-vos do Contato com os Ímpios. Quantas armadilhas e laços nos cercam! Quantos, que pareciam ter possibilidades iguais ou melhores do que as nossas, já caíram! Houve anjos que não guardaram seu estado original; Adão, embora criado em pureza, caiu; Caim foi rejeitado; Balaão, que via com olhos abertos, foi morto; Coré, que chegara a portar o incensário cheio de fogo santo, foi lançado ao abismo! Como podemos nós permanecer? Não! Tenhamos bom ânimo! Ele “é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar... imaculados” (v. 24).

Na sucessão de terríveis metáforas nos versículos 12 e 13, notemos que, em cada caso, há um potencial que não

se realiza, uma aparência sem realidade. E essa é a condição de grande parte dos que professam ser cristãos hoje. E, como predisse Enoque, de tempos em tempos, o castigo do Senhor sobrevém a todos os que são assim.

As quatro excelentes admoestações dos versículos 20 e 21 são dignas de

ponderação. Guardemo-nos no amor de Deus. Edifiquemos nosso caráter conforme a semelhança de Cristo. Oremos no Espírito Santo; conservemos abertas as janelas da esperança. Cristo é poderoso para guardar e, quando afinal ele nos apresentar ao Pai, verificaremos o quanto lhe devemos.

O LIVRO DO APOCALIPSE

A Consumação Final



INTRODUÇÃO 1.

1. AS MENSAGENS ÀS SETE IGREJAS 2,3.
2. O PERÍODO DE LUTAS E SOFRIMENTOS 4-7.
 - a. O trono no céu 4.
 - b. O livro com sete selos 5.
 - c. A abertura dos sete selos 6.
 - d. Os 144.000 são selados 7.
3. O CONFLITO MESSIÂNICO 8-14.
 - a. Os sete anjos com trombetas 8-11.
 - b. A mulher e o dragão 12.
 - c. As duas bestas 13.
 - d. As proclamações celestiais 14.
4. A VITÓRIA MESSIÂNICA 15-20.
 - a. O cântico de Moisés e do Cordeiro 15.
 - b. As sete taças da cólera 16.
 - c. A queda de Babilônia 17,1-19,10.
 - d. O julgamento final 19,11-20,15.
5. O REINO MESSIÂNICO 21,1-22,5.

CONCLUSÃO 22,6-21.

INTRODUÇÃO

O livro do Apocalipse completa o cânon sagrado. Ele apresenta em vívidas figuras as lutas e os sofrimentos que precederão a manifestação de “novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (2 Pe 3.13). Os desvendamentos do futuro que ele contém foram revelados ao apóstolo amado na ilha de Patmos, para onde tinha ele sido banido pelo imperador Domiciano em 94 ou 95 A. D. Os seguidores de Cristo naqueles dias estavam expostos a severos sofrimentos, e nada podia ser mais apropriado para essa circunstância do que esse livro, que está cheio de consolação para os que estão empenhados nas batalhas do Senhor. A vitória pode demorar um pouco mas virá.

Esse livro é muito valioso, para todos os crentes, porque apresenta a vida do Senhor após a morte, onde ele atua como Sacerdote, e está-se preparando para assumir o governo, como Rei. Sua temporária sujeição à morte, e sua vitória sobre ela, sua onipotência e domínio universal, sua aceitação da adoração que seus santos apóstolos rejeitam — são esses os pensamentos transmitidos em ricas e notáveis figuras literárias.

Embora muitos detalhes do livro sejam de difícil interpretação, seus principais ensinamentos são perfeitamente claros e alguns de seus capítulos se alinham entre os maiores de toda a Escritura.

COMENTÁRIO

APOCALIPSE 1.1-8

A Revelação de Jesus Cristo. Em sua condição de mediador, o Senhor recebe do Pai a grande visão panorâmica do futuro, que ele conhecia desde a fundação do mundo, e a transmite a seus servos, para que eles, por sua vez, possam transmiti-la aos homens. Não omitamos a bem-aventurança especial que está ligada a quem fizer um estudo e análise desse livro maravilhoso.

As sete igrejas representam a única Igreja em sete fases diferentes e, possivelmente, em estágios sucessivos de sua história; as cartas a elas dirigidas são, portanto, universalmente aplicáveis. Notemos a augusta referência à Santíssima Trindade — o eterno Pai, o sétuplo Espírito, e o Senhor. O Senhor deu um fiel testemunho até a morte; a morte dele foi seu nascimento para a vida ressuscitada, como a nossa pode ser. Todos os reis são vassallos de Cristo.

Como é maravilhoso o que diz o versículo seguinte, que ele nos ama, e não somente nos lavou mas, também,

nos libertou. “Ele anula o poder do pecado cancelado.” Jesus vem muitas vezes com as nuvens. Podemos não compreender seu modo de agir conosco, todavia aquelas nuvens, com sua luz, são de ouro. E assim também ele virá no fim. Sendo o Alfa, ele é o início de tudo, mas sempre que inicia algo atinge todo o seu objetivo, como nosso Ômega.

APOCALIPSE 1.9-20

Do Senhor Vivo, Para as Igrejas. A tribulação e a perseverança de Jesus são condições essenciais de seu reino. Não podemos gozar das divinas energias da segunda a não ser que estejamos dispostos a participar na primeira. Não deveria haver dia do Senhor sem uma definida asserção nossa de que estamos “no Espírito”; e, se estivermos “no Espírito”, todo dia é dia do Senhor. As sete igrejas são diferentes entre si, pelas suas várias características, mas em sua luz harmonizada são uma só. Vemos aqui uma diversidade, dentro de uma unidade. Na cruz, Jesus estava “no meio”; e onde dois ou três estão reu-

nidos ele está “no meio”; ele é o Cordeiro que está “no meio do trono”; mas também está “no meio” da vida coletiva da Igreja em seu ministério e em sua luta na terra.

A manifestação de sua glória pode atordoar-nos, pela nossa condição de seres mortais, mas o toque de sua mão ferida reanima a alma. A palavra de ânimo que ele mais repete é: “Não temas”. Temos aqui a vida em seu triplo aspecto! Em sua fonte original, primeira e última. Em seu triunfo sobre a morte — “estive morto”. Em seu reino eterno — “estou vivo pelos séculos dos séculos”. As coisas que João tinha visto (“as cousas que viste”), provavelmente são as que estão descritas nesse capítulo; as causas “que são”, nos capítulos 2 e 3, e as coisas que “hão de acontecer”, no restante do livro (v. 19).

APOCALIPSE 2.1-7

Volta ao Teu Primeiro Amor. Cada uma dessas cartas é constituída de três partes: (1) a introdução, apontando um aspecto da visão narrada no capítulo precedente apropriada ao problema da igreja à qual a carta é dirigida; (2) uma descrição da condição dessa igreja; (3) uma promessa para o vencedor, na qual se menciona uma das sucessivas revelações de Deus no Antigo Testamento, começando com a árvore da vida, e depois o maná, a conquista de Canaã, a glória do templo e o reinado de Salomão.

Podemos estar realizando intensa atividade pela causa do Redentor e, mesmo assim, estarmos ameaçados de que nosso candeeiro seja removido. Podemos estar realizando muitas obras, ou estar fazendo oposição a homens maus e a falsos mestres; podemos ser perseverantemente ortodoxos, e não nos acovardarmos no dia da provação; e, no entanto, se não tivermos amor, nada pode compensar a falta dele. Essa queixa de que perdemos nosso primeiro amor aplica-se a nós? A efusão da emoção pode ter diminuído com os anos, mas será que foi substituída por uma profunda, avassaladora e dominante devoção ao Senhor? É prerrogativa do Espírito derramar abundantemente o seu amor em nosso coração

e ensinar-nos a amá-lo. Mas nenhum de nós pode adquirir esse amor sem alimentar-se perpetuamente da árvore da vida, que é símbolo do próprio Senhor (Gn 2.9; Ap 22.2,14,19).

APOCALIPSE 2.8-11

“Sê Fiel Até à Morte.” Essa epístola adquire novo interesse e significado se a relacionarmos com “o bendito Policarpo”, que muito provavelmente era o anjo ou principal pastor da igreja de Esmirna. Ele fora discípulo de João. Ireneu, que viveu uma geração depois, conta que em sua infância ouvira dos lábios de Policarpo o que João lhe falara sobre a Pessoa do Senhor, de suas palavras e de seu ministério terreno.

Como deve ter sido doce para ele o conforto dessa epístola na cena final de sua vida, quando aos oitenta e seis anos de idade, foi condenado à morte na fogueira! Notemos como cada linha dessa carta contém uma mensagem para ele, bem como para todos os que são chamados a seguir-lhe os passos. O Salvador lhe lembrava que, após o sofrimento desta curta vida, aguardava-o uma coroa, que premiaria amplamente sua fidelidade.

Que música ressoa nessas inspiradoras palavras! Mesmo a coroa de glória de Pedro ou a coroa de justiça de Paulo parecem perder um pouco de seu fulgor, em confronto com essa “coroa da vida”. Essa lembrança deve ter ajudado Policarpo, preso à estaca, dizer: “Dou-te muitas graças porque me trouxe-te a esta hora, de modo a poder participar do cálice de Cristo, para a ressurreição da vida eterna, através da operação do Espírito Santo”.

APOCALIPSE 2.12-17

Acautela-te dos Maus Mestres. Notemos o elogio do Senhor à igreja de Pérgamo (de onde deriva a palavra “pergaminhão”). Ele reconhece os perigos e dificuldades peculiares a essa igreja: “onde está o trono de Satanás”. Foi muito meritório conservarem o nome de Cristo sob tais circunstâncias. Conservar o nome dele é ser-lhe leal em todas as circunstâncias. Não negar a fé, é conservar os fatos e as doutrinas essenciais do cristianismo primitivo, sem ser afe-

tado nem pelas lisonjas nem pelas ameaças do mundo.

Para relembrar a doutrina de Balaão, temos de voltar a Números 22-24, e depois a 25.1 e 31.16. Balaão não conseguiu amaldiçoar o povo de Deus, e embora tivesse perdido prestígio e dinheiro por causa disso, recuperou-os quando aconselhou Balaque a corromper a moral de Israel e, desse modo, romper a união do povo com Jeová. Os nicolaítas, evidentemente, eram mestres que promulgavam doutrinas semelhantes, e estavam dispostos a acolher em sua rica e orgulhosa cidade a ortodoxia doutrinária desde que a ela se associasse a frouxidão moral. Mas Cristo não pode, nem por um só momento, tolerar tal mistura. Sua espada julgadora defenderá a pureza de sua Igreja.

APOCALIPSE 2.18-29

“Conservai... Até que eu Venha.” Notemos que Jesus não hesita em apropriar-se do sublime título, “o Filho de Deus”. Seus olhos penetram nos segredos mais profundos, e sua vinda vai deixando atrás de si um rastro de pureza como fogo. Ele reconhece as inúmeras qualidades positivas de sua igreja de Tiatira, mas acusa-a de não haver levantado nenhum protesto contra Jezebel. Na realidade, ela permitira a promulgação do destrutivo erro, com conseqüências bem desastrosas.

Ao que parece essa Jezabel ensinava que, no sistema pagão dos povos vizinhos, havia profundas filosofias, e o resultado foi que os servos de Cristo estavam sendo induzidos à cumplicidade com a corrupção exterior do paganismo. Estava-se fazendo uma clara tentativa para enxertar no cristianismo os mistérios das trevas, que se achavam em direto antagonismo com a pureza dos ensinamentos de Cristo.

Notemos o contraste entre as obras que *ela* incita e “as minhas obras” (vv. 22 e 26). Os santos que forem leais a Cristo participarão com ele do seu reino, mas, melhor do que tudo é que virão a possuir a “estrela da manhã”; isto é, acham-se juntamente com seu Senhor no limiar de um novo tempo. O dia já clareou e a estrela da alva já nasceu no coração deles (2 Pe 1.19).

APOCALIPSE 3.1-6

“Consolida o Resto.” Nas mensagens às outras igrejas, o Senhor sempre começa com algum elogio, mas aqui não há uma só palavra nesse sentido. A descrição *dele* mostra-o na plenitude de sua gloriosa natureza, mas *essa igreja* está cheia de obras inacabadas. Que frase admirável e como é verdadeira! Nós começamos e não terminamos, contornamos as beiradas mas não penetramos no íntimo, somos superficiais e incompletos. Como são poucos os que podem dizer como o Mestre: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer”; e de quão poucos se pode dizer, como Paulo fez em relação ao Batista: “Ao completar João a sua carreira”. (At 13.25.)

Existem quatro evidências de vida espiritual. Numa igreja viva há crescimento, compaixão, unidade e amor; e o Senhor não encontrou nenhuma delas em Sardes e amargamente lamentou sua ausência. Qual a utilidade da figueira para minorar a fome dele, se, embora cheia de folhas, não tinha um só fruto? No meio de todo esse formalismo decepcionante havia poucas pessoas que realizavam a obra e não contaminavam suas vestiduras. Isso aí não lembra um pouco a transfiguração? No monte santo, a veste simples de Jesus refulgiu de luz; assim também a pureza interior do santo se irradia e glorifica seus mais simples atos. A santidade que amamos nesta vida será recompensada com vestiduras brancas, com o reconhecimento de Cristo, e a cidadania celestial.

APOCALIPSE 3.7-13

Que Ninguém Tome a Tua Coroa. Diante dos que têm pouca força, o Senhor coloca uma larga porta aberta. Pode ser que não sejamos capazes de abrir a porta, mas podemos entrar por ela em nome do Senhor. E depois que ele a abrir, nem toda a oposição que tivermos de enfrentar conseguirá fechá-la; e, se ele fechar a porta contra seus adversários, será em vão que empregarão toda a sua habilidade e força para atacar seu exterior. Deixemos Cristo fechar a porta da nossa mente contra pensa-

mentos tentadores que poderiam desviar-nos de nosso compromisso de fidelidade. Os amados de Cristo podem ser severamente perseguidos, mas ele os guardará na hora da provação. Eles não perderão sua coroa, mas se tornarão componentes permanentes e importantes do templo eterno. Já observamos muitas vezes a força e a estabilidade de uma coluna numa igreja velha. Gerações e gerações passam por ela, da infância à velhice, e ela continua inabalável. É assim também que os santos de Cristo permanecerão.

É maravilhoso o que Cristo pode fazer de nossa pobre vida, desde que nos submetamos a ele. Alguém disse o seguinte, a respeito de um estadista recentemente falecido: "Ele foi um belo exemplo de como um grande homem pode fazer de sua vida uma grande vida". Mas Cristo pode engrandecer muito mais uma vida, que antes era um simples bloco de pedra, mas que agora traz uma inscrição gravada com a mística caligrafia dele!

APOCALIPSE 3.14-22

"*Eis que Estou à Porta e Bato.*" É melhor ser frio do que morno, porque ser morno significa que tudo que o amor de Deus pode fazer pela alma só produziu um resultado medíocre, ao passo que, se formos frios, isso quer dizer que nossa alma ainda não foi provada. O evangelho tem mais chance de tocar aqueles que são abertamente profanos e descrentes do que os que foram criados sob sua influência e ainda não se abriram para ele. O mal do homem é que, geralmente, ele não se conhece e não quer conhecer-se; e é igualmente ignorante das ricas reservas de bênçãos que Cristo está pronto a dar-lhe. Às vezes pensamos que abundamos em dom e graça, quando, aos olhos de Cristo, somos pobres miseráveis. Entretanto, neste momento ele está à porta, trazendo abundantes dádivas do céu. Deixe-o entrar, ou, ao menos, destrave a tranca da vontade, para que ele possa empurrar a porta e entrar. Não nos preocupemos com a pobreza da casa; ele cuidará disso, e a limpará, guardará e a enriquecerá. Não tentemos providen-

ciar a ceia; ele nos trará sua própria carne e sangue.

Pensemos na última bem-aventurança, que promete a todos os crentes que se eles participarem com ele em seu secular conflito contra o mal do mundo, também participarão de seu governo e poder, que com ele utilizarão para o soerguimento e bênção da humanidade. Com uma total e sempre renovada entrega pessoal a Cristo, deixaremos entrar em nosso coração a realeza e o poder de Cristo.

APOCALIPSE 4.1-11

"*Armado no Céu um Trono.*" A visão do Senhor no céu serviu para introduzir as sete cartas às igrejas; assim também as visões desse capítulo e do próximo introduzem os sete selos. Não há uma forma para o Ser Divino. Deus é Espírito, e só podemos ter uma idéia de sua glória por meio de imagens apropriadas. Seu ser provocar a emoções em nosso espírito, semelhantes àquelas que esses objetos provocam em nossa mente. O jaspé com seu brilho translúcido, o sardônio ou cornalina com seu vermelho de fogo, a esmeralda com sua beleza repousante são apresentadas para descrever algo que é indescritível. O trono sugere autoridade e poder soberanos. O culto dos anciãos reflete o culto de Israel e da Igreja (21.12,14); o trovão, a solene santidade de Deus; as sete lâmpadas, a pureza examinadora e purificadora do seu Espírito; o mar de vidro, o mistério de seus caminhos; os quatro seres viventes, a adoração da criação.

Aqui está o hino da criação (v. 11). Originalmente todas as coisas faziam a vontade de Deus, e se a criação agora está sujeita à vaidade, algum dia será liberta para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus, e a vontade de Deus será feita tanto na terra como no céu.

APOCALIPSE 5.1-8

O Livro com Sete Selos. Esse "livro" é um rolo de papiro ou pergaminho, escrito em ambos os lados para evitar acréscimos não autorizados. É provável que seu conteúdo seja o relato dos sucessivos passos que serão dados para conquistar o império do mundo para

Cristo. Em outras palavras, ele descreve os sucessivos estágios da vinda do reino de Deus. À medida que os selos são abertos, certos fenômenos ocorrem que, em parte, revelam os mistérios ocultos no livro, mas o todo está na mão do Cordeiro de Deus. Só ele conhece o conteúdo; só ele preside a marcha dos acontecimentos. Não devemos chorar porque o futuro é desconhecido. "Nós conhecemos Jesus, e ele está no trono." Devemos confiar nosso próprio futuro a Cristo sem temor e sem lágrimas provocadas por pressentimentos. É no Cordeiro, que derramou seu sangue para nos redimir, que devemos confiar para determinar e aperfeiçoar aquilo que nos diz respeito.

Que contrastes se apresentaram! O apóstolo esperava um leão, e eis um Cordeiro; Um que tinha vencido, e em vez disso, Um que tinha a aparência de ter sido morto; Um que tinha a majestade de um rei, e em lugar dele, o símbolo da humildade. Mas no Cordeiro estavam os sete chifres, símbolos do poder perfeito; sete olhos indicando perfeita sabedoria, e sete espíritos enviados por toda a terra, denotando onipresença. Que adoração se poderia dar a ele, esse misto de Redentor e Criador?

APOCALIPSE 5.9-14

O Único Digno de Abri-lo. Jesus é digno de desenrolar o rolo místico da história, porque amou e ama a nossa raça como nenhum outro jamais o fez; e ele é igualmente digno de abrir cada nova fase de nossa vida. Ele fala, profeticamente, através do salmista: "No rolo do livro está escrito a meu respeito". Não precisamos ter medo dessas mãos feridas. Se somos propriedade sua, por ele adquirida, ele proverá tudo para nós. Se, no seu entender, somos sacerdotes e reis, podemos confiar em que ele planejará nossa vida de modo a que exerçamos essas sagradas funções da melhor maneira possível.

Notemos como o cântico dos remidos vai passando de uns para outros, estendendo-se mais e mais. Começa com o pequeno grupo que está ao re-

dor do trono; a seguir estende-se aos anjos em suas miríades; daí, vai avançando em círculos concêntricos até que suas ondas chegam aos mais distantes pontos do espaço, e depois reverbera de volta aos seres vivos e aos anciãos. O céu está cheio do aspecto sacrificial da morte de nosso Salvador. Os seres celestiais falam de si mesmos como um povo comprado por ele, situando-se mais próximos de Cristo do que os anjos.

APOCALIPSE 6.1-8

Os Quatro Cavaleiros. Os selos representam os acontecimentos que antecedem a vinda do reino. A abertura do primeiro selo é seguida do apelo de um dos seres viventes ao glorioso Senhor para apressar seu advento. Vem, glorioso Redentor, e realiza a maravilhosa consumação que tua noiva está esperando. O cavalo branco representa o avanço vitorioso do evangelho; o vermelho, a guerra com seu derramamento de sangue; o preto, a escassez e a carência; o amarelo ou pálido, a peste e a morte. (Compare com Ezequiel 14.21 e Mateus 24.6-14.) "Assim, o bem e o mal dão vários sinais de sua aproximação, e aquele que os vir não sobreviverá. Os ouvidos da fé, com calma e reverente alegria, vão contando-os como se fossem sinos de minuto* à noite."

Muitas interpretações têm sido dadas para essas e para as outras afirmações obscuras desse livro. Não entraremos nessas questões, mas apresentaremos as principais lições espirituais que são geralmente aceitas. Ninguém pode negar que há um tesouro "enterrado" aqui; e com suas contínuas escavações desse terreno, no intuito de descobri-lo, a Igreja tem-se enriquecido grandemente.

APOCALIPSE 6.9-17

"*A Ira do Cordeiro.*" As figuras aí empregadas são muito grandiosas; mas, na realidade, não podemos pensar que os mártires desajassem ser vingados, a não ser em amor e graça. A mais ele-

*"Sino de minuto é o badalar de um sino que soa com intervalos de um minuto, como para dar notícia de uma morte" — Webster. (N. T.)

vada concepção de vingança que eles poderiam ter era que seus perseguidores fossem perdoados no Pentecostes do avivamento. A admirável ordem que receberam para que repousassem, cada um revestido com sua vestidura branca, até que se complete o rol total de mártires, sugere que cada época deve ter seus casos de pessoas que não amaram a vida mesmo em face da morte, porque amavam muito mais o Senhor. Nós, também, temos nossa quota de sofrimentos diariamente, pois viver sempre por Jesus debaixo de uma contínua oposição e escárnio pode ser mais difícil que morrer por ele.

Os versículos 9 e 10 estão relacionados com Mateus 24.6,7; os versículos 12 e 17 com Mateus 24.29,30. É provável que essas palavras se refiram, não ao juízo final, mas às revolucionárias mudanças que sempre acompanham o final de uma era e o início de outra. (Veja Hebreus 12.26,27.)

APOCALIPSE 7.1-10

A Multidão Diante do Trono. Antes de enviar duras punições, Deus faz preparativos para segurança do seu povo. (Veja Gênesis 7.1; 19.16; Êxodo 12.13; Ezequiel 9.3-5; Mateus 24.15,16.) Que concepção majestosa é essa, e como é confortador o pensamento de que os ventos são controlados por anjos, e que as tempestades que varrem a terra e o céu devem obedecer à ordem do amor eterno! As pessoas que pertencem a Deus nem sempre são poupadas da provação, mas são guardadas em segurança em meio a ela. Somos "selados" quando a semelhança divina é estampada em nosso caráter (Ef 1.13). Os que têm essa semelhança também gozam do penhor do céu em seu coração (2 Co 1.21,22).

A definição do número de pessoas seladas indica a perfeição e a grandeza desse primeiro feixe de primícias de almas. Se o primeiro feixe é tão cheio e pesado, como não será a colheita toda? (Veja 14.4.) Em número, superam a contagem humana; representam todos os países debaixo do céu; não apresentam mácula no caráter; são vitoriosos em seu conflito com o mal; atribuem toda a glória ao Cordeiro como

resultado da agonia de sua alma. A tribo de Dã é omitida, mas talvez reapareça em 21.12. Será que isso significa que alguns serão salvos como tições puxados do fogo pela graça de Deus?

APOCALIPSE 7.11-17

A Jubilosa Adoração da Multidão Vestida de Branco. Nenhuma nação tem o monopólio dos santos. Nenhuma tribo está sem representação. Nenhuma língua é tão rude que seus filhos não possam aprender a linguagem do céu. A teologia do céu atribui a origem da salvação a Deus através de Jesus, que é seu mediador. As palmas simbolizam vitória, e as vestiduras brancas a pureza transfiguradora. "Suas vestes resplandecem de brancura." (Lc 9.29.) Assim se falou do Cristo transfigurado. Notemos a sétupla doxologia! A visão dos salvos provocará uma nova alegria nas hostes angélicas, mas ainda muito mais no coração de Cristo!

Quando nos achamos diante de um mistério inexplicável, como é confortador poder dizer com perfeita fé: "Tu o sabes". A tribulação, resulte ela de nossas aflições particulares ou de alguma grande perseguição, fica para trás para sempre. Nunca devemos esquecer, no entanto, que não somos salvos pelos *nostros* sofrimentos, mas pelos *dele*. A bem-aventurança do céu consiste em gozar da presença total de Deus, na adoração contínua, e na segurança que teremos por Deus estender seu tabernáculo sobre nós. Essa bela descrição da vida futura consiste, em grande parte, de negativas, porque o positivo se constitui num desafio à língua humana. Não haverá provação dura, nem medo, nem carência, nem fim, porque o Cordeiro conduzirá o nosso progresso eterno, e iremos aprofundar-nos cada vez mais no céu.

APOCALIPSE 8.1-13

O Incenso das Orações dos Santos. O sétimo selo compreende as sete trombetas. Que forte contraste essa pausa deve ter criado, comparada com os jubilosos hinos da grande multidão! Dizem que no templo judaico, os instrumentos musicais e o cântico ressoavam durante a oferta dos sacrifícios, que ocupava a

primeira parte do culto; mas, na oferta do incenso, era observado um solene silêncio (Sl 62.1). As pessoas oravam silenciosamente por ocasião do incenso. Que vislumbre se oferece aqui da intercessão de nosso Sumo Sacerdote! A fumaça do incenso de seu grande mérito se eleva juntamente com as orações dos santos. Oremos sempre, irmãos, mesmo que nossa voz seja fraca, e nossos esforços para servir a Deus estejam mesclados com imperfeições. O incenso da intercessão de Cristo tem perfume suficiente para que até nós sejamos aceitáveis.

As quatro primeiras trombetas indicam a devastação dos objetos naturais. A silensiosa criação e mesmo a própria terra sofrem por causa do pecado do homem. Pensemos nos cavalos feridos nas batalhas, morrendo em longa agonia; nos extensos campos, antes verdejantes, que agora transformam-se em desertos; do solo que é obrigado a produzir os ingredientes do envenenamento e da intoxicação. Pobre Terra Mãe! Goethe disse que tinha a impressão de ouvi-la suspirar, como uma prisioneira ansiosa por sua libertação.

APOCALIPSE 9.1-11

"Subiu Fumaça do Poço." Esse capítulo nos recorda o profeta Joel que, usando a imagem de um enxame de gafanhotos, retratou a próxima invasão de nações hostis. Não é nosso propósito determinar se esses guerreiros simbolizavam as hordas bárbaras que varreram o Império Romano antes de sua queda, ou se eles representam os sarracenos, cujo aparecimento tem muito em comum com os detalhes dessa visão. O ponto que nos diz respeito particularmente, é que só escaparam os que tinham recebido o selo de Deus. No Egito, o anjo destruidor passou de largo sobre as casas, em cujas vergas havia o sangue.

Mas há inimigos espirituais, contra cuja invasão precisamos procurar a selagem do Espírito de Deus. "E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Ef 4.30). Aquele que está assinalado com o selo real acha-se sob proteção

especial; e quando a tentação nos assalta podemos apelar confiantemente para aquela divina proteção, que nos cercará como um escudo impenetrável. "O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra." (Sl 34.7.) Nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os maus espíritos nos lugares celestiais, e somente o socorro espiritual pode assegurar-nos imunidade contra o espiritual.

APOCALIPSE 9.12-21

Apesar de Tudo, Eles Não se Arrependeram. "O rio Eufrates" possivelmente representa nações e hordas de homens daquela região. Um grande número de expositores sustenta que nesses versículos se prediz a invasão da Europa pelos turcos, que assolaram e tomaram os lugares sagrados da fé judaica. Naquele tempo, a Igreja estava minada pela idolatria. O culto das imagens tinha-se tornado quase universal, e a consequência invariável desse declínio dos nobres ideais das dispensações judaica e cristã era o materialismo, a sensualidade e a ganância do sacerdócio. Por outro lado, os turcos eram ferozes iconoclastas, e seu avanço por toda parte era marcado pela demolição dos símbolos cristãos.

Os demônios fazem maquinações para serem adorados sob as éfígies da idolatria, e seus templos estão cheios de assassínios, feitiçarias, fornicação e roubos. Há uma perpétua controvérsia entre o espírito da verdade e esses malignos; e tal conflito deve continuar, não somente na Igreja, mas também no coração do homem, até que tudo que se opõe ao reino do Espírito seja destruído, e todo pensamento seja levado cativo à obediência de Cristo (2 Co 10.5). Amado leitor, essa supremacia do Espírito já está assegurada em sua vida!

APOCALIPSE 10.1-11

O Anjo com o Livrinho. Se um dos anjos de Deus é tão forte e glorioso, como não deve ser o Senhor dos anjos! Pelo esplendor de seu séquito podemos avaliar a riqueza do Príncipe. Como essa descrição do livrinho se aplica com exatidão à palavra da cruz, isto é, à mensagem do evangelho! Coisas são ditas

aos santos que, como diz Paulo, nenhuma língua pode referir. Elas estão seladas para os incrédulos, mas abertas para os filhos de Deus. Notemos a magnífica descrição do sempiterno Deus, o Criador, o revelador do mistério de seus feitos (vv. 6,7). (Veja também 1 Coríntios 2.12.)

O evangelho também, em sua primeira concepção, é carregado de doçura e de leite. A sensação de paz com Deus, da consciência dos pecados perdoados e de que somos aceitos no Amado são como a música do céu ou o orvalho do Paraíso. Mas depois a cruz corta fundo no nosso egoísmo, ao carregarmos em nós mesmos a sentença de morte. Aprendemos que precisamos ser crucificados com Cristo se quisermos gozar das alegrias de sua ressurreição; e assim a Palavra de Deus que é mais afiada que qualquer espada de dois gumes, penetra cada vez mais fundo, fazendo divisão até entre alma e espírito, juntas e medula. O Senhor jamais ocultou isso daqueles que procuraram ser arrolados como seus seguidores; mas existe uma bênção nesse amargor, como se fontes de água doce brotassem do meio da água salgada do mar.

APOCALIPSE 11.1-13

As “*Duas Testemunhas*”. Não podemos, nesse breve comentário, indicar as várias interpretações dadas a esse capítulo, mas há alguns princípios gerais nele subentendidos, que se aplicam a qualquer época.

(1) Durante as épocas mais sombrias, sempre houve homens que se levantaram para testemunhar contra a corrupção prevalente em seu tempo, e principalmente contra a corrupção da igreja apóstata. Seus opositores se esforçaram para silenciar sua voz e denegrir seu caráter, mas Deus sempre os honrou e lhes deu vida em meio à morte. (2) Sempre que os inimigos da verdade se consideraram triunfantes, o testemunho do evangelho se reaviva. Poucos anos antes de Lutero aparecer, foi cunhada uma medalha para comemorar a extinção das chamadas heresias. (3) Um testemunho assim, sugerido pela comparação desse texto, com

a visão de Zacarias, vem do próprio coração de Cristo. Ele é a raiz da linhagem dos mártires; seu Espírito é o fôlego vital de suas testemunhas. Por todas essas eras comumente chamados cristãos, embora, de um modo geral, tenham sido não-cristãos, houve uma contínua sucessão de pessoas puras e nobres que se mantiveram fiéis a Jesus Cristo mesmo até à morte. Ousemos ficar ao lado delas e do Senhor, para que ele não tenha que envergonhar-se de nós em sua vinda.

APOCALIPSE 11.14-12.6

“*Ele Reinará Pelos Séculos dos Séculos.*” Mesmo agora o reino pertence a Cristo, mas está oculto, assim como ele está. Um dia, irá manifestar-se. Davi já era o rei de Israel, o ungido, havia algum tempo, mas Saul ainda estava sentado no trono, até que chegasse a hora predestinada quando as tribos de Israel iriam fazer de Davi o seu monarca escolhido. Isso, com certeza, é um tipo do que um dia se tornará evidente para toda a criação. O reino do mundo virá a ser, inteira e permanentemente, de Cristo. O sofrimento e a tristeza fugirão, como os pássaros de mau agouro vão embora com o clarear do dia. A guerra cessará em todas as partes do mundo. A humanidade, feliz, andará na luz da vida, e a longa noite e as dores de parto da natureza terminarão. Pode ser que cada grande era da história humana termine com uma cena de julgamento; ou é possível também que essas séries de visões sejam simultâneas, dando uma visão da ordem terrena de diversos pontos de observação.

Que conforto temos nessa visão da arca da aliança de Deus, que se acha no santuário interior! Ele é leal a nós. Sua palavra não pode mudar, nem ele recuará em seu compromisso de destruir nossos inimigos, para anular a devastação que eles causaram, e executar o seu propósito original na criação do homem.

APOCALIPSE 12.7-17

Satanás Lançado Fora do Céu. O espírito do mal procura destruir cada manifestação do bem em nosso mundo. Assim que Maria deu à luz ao Senhor, Hero-

des procurou destruí-lo, e isso acontece em todas as épocas. Mas o cuidado de Deus está sempre por perto para proteger os que lhe pertencem. Ele tem lugares preparados, onde esconde os que nele confiam. Ele os guarda no lugar secreto do seu pavilhão, a salvo do conflito dos homens.

O pecado trouxe o conflito, não somente para a nossa terra, mas para o universo inteiro; mas ele foi expulso dos lugares celestiais, e o último ponto está em nossa terra. Só existe um meio para a vitória. Nós só venceremos se nos escudarmos no sangue de Cristo e empunharmos a Palavra de Deus como nossa arma. Assim como as trevas não podem resistir à luz, também o mal não pode existir ao testemunho da Igreja e do filho de Deus, desde que nos preocupemos mais com a glória de Cristo do que com a nossa própria vida. Até ao fim deve haver guerra entre a semente da mulher e o dragão, e um ferirá o outro. Mas o resultado final é certo. Assim como Satanás foi lançado fora do céu, também será lançado fora da terra, e Cristo verá o penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito.

APOCALIPSE 13.1-18

A Besta e os Seus Adoradores. Os chifres simbolizam poder; as cabeças, inteligência; e a besta, um reino terreno. O dragão deve representar Satanás, que operou suas maiores realizações através de potentados e organizações terrenas. É através do poder terreno que o ódio do inferno vem sendo lançado contra os santos. Que conforto trazer que a duração de tal poder está limitada a quarenta e dois meses simbólicos; isto é 1.260 dias (ou anos). Se você está enfrentando ódio e perseguição, coragem! pois seu nome está escrito no livro da vida do Cordeiro (v. 8). Essa é a grande compensação que temos em meio à mais violenta oposição.

A besta que se levanta da terra (vv. 11-18) pode representar as perseguições da Roma papal em contraste com os da Roma pagã nos versículos anteriores. Ou então esse símbolo pode representar algum dos modernos estratégias por meio dos quais o diabo afasta

de Deus o coração dos homens, tais como as semi-religiosas escolas de domínio da mente humana, ou os costumes do comércio moderno (v. 17). Mas seja o que for, a lição importante para todos nós é que o filho de Deus está sempre em conflito com o espírito de sua época.

APOCALIPSE 14.1-8

Os Adoradores do Cordeiro. Os bem-aventurados com os quais se abre esse capítulo são somente o feixe de primícias da grande seara. Pensemos nisso! Se um só feixe consiste de 144.000, qual será o número total dos salvos? As características a eles atribuídas podem ser realizadas por nós aqui, no presente. Devemos trazer o nome — isto é, a natureza e o caráter de Jesus — estampado em nosso rosto; devemos ser puros de coração e de vida, e devemos ir aonde ele vai. Se vai ao Getsêmani, devemos acompanhá-lo; se ao Calvário, devemos tomar nossa cruz e ir até lá; se ao céu, estaremos com ele ali também. Pensam alguns que esse feixe de primícias representa as crianças que morreram na infância e se tornaram a escolta do Salvador e seus assistentes íntimos. Isso pode ser verdade, mas o mais provável é que se refira aos que têm um coração como o das crianças.

Depois ele vê anjos fortes saindo dos portais celestiais, numa procissão majestosa, um depois do outro, com suas sublimes proclamações. Observe-mos a expressão “um evangelho eterno” (v. 6). Em outras palavras, o evangelho da graça de Deus não é um expediente qualquer criado à última hora para consertar um plano que não teria dado certo, não; ele é tão antigo quanto a eternidade e traz aos homens a alegria, a paz e a esperança eternas.

APOCALIPSE 14.9-20

O Lagar da Ira de Deus. Não podemos compreender o tormento dos que são descritos nos versículos 9-12, a não ser que seja o remorso por terem rejeitado o amor do Cordeiro de Deus. Nem mesmo Cristo pode salvar uma alma de sua autocondenação. Notemos a ên-

fase do versículo 13. A voz que pronuncia a bem-aventurança dos mortos vem “do céu”. A ênfase está na expressão “desde agora”. Na passagem de um lado para outro não há pausa, não há uma existência obscura ou sombria, nem a cessação do pensamento. “Desde agora”, isto é, desde o momento da sua morte, os que morrem no Senhor são bem-aventurados; e essa proclamação é endossada pelo “sim” do Espírito. É grande coisa ter essa confirmação para as nossas palavras, se pregamos ou ensinamos. O que mais poderia melhor autenticá-las do que a profunda confirmação da Palavra de Deus que ele faz ao nosso coração ou à Igreja? (Veja Atos 5.32 e Hebreus 2.4.)

Essa cena da colheita representa os avivamentos que, de vez em quando, têm visitado o mundo, e que ocorrerão também nos últimos dias da presente dispensação. Somente depois que for feita a colheita é que começará a vindima de tribulação e ira. A qual dessas colheitas pertencemos nós?

APOCALIPSE 15.1-8

O Cântico de Moisés e o do Cordeiro. As imagens da magnífica cena com que esse capítulo se inicia talvez tenham sido tomadas emprestadas da destruição de Faraó no mar Vermelho que, no momento em que as belas linhas de uma aurora oriental iluminavam suas águas, parecia um mar de vidro mesclado de fogo. Assim, ao lado do mar de cristal do tempo, de cuja superfície foram removidos todos os sinais de tempestade, e no qual a manhã eterna estará rompendo, nós que, pela graça de Deus somos vencedores, celebraremos a vitória final de Deus. Cantaremos um hino por meio do qual hebreus e cristãos, isto é, os filhos da antiga e os da nova dispensação, os que viram obscuramente, num espelho, e os que viram face a face, se rejubilarão juntos.

Um dia veremos a justiça de tudo o que Deus fez (v. 4). Todos os seus caminhos são justos e verdadeiros, quer o sentido humano perceba isso ou não. Ousemos afirmar isso mesmo agora. Pensemos bem nesse grande nome — “Rei das nações” (v. 3). Só ele é santo;

nós precisamos da perfeita purificação e da justiça que ele nos dá, para que nos atrevamos a permanecer em sua presença. Após essa visão radiosa, contemplamos com tristeza o destino do mundo ímpio que rejeita Cristo. (Veja versículos 5 a 8.)

APOCALIPSE 16.1-9

O Castigo Pelo Derramamento do Sangue dos Santos. Causa-nos espanto saber que os mesmos anjos, que se alegram por um pecador que se arrepende, aplicam esses terríveis castigos. É muito chocante ouvi-los aprovando abertamente as pragas que deterioram a terra, o mar, as fontes e o sol. O anjo das águas afirma que Deus julgou retamente, e do altar, debaixo do qual estão as almas dos mártires, vem uma voz que concorda.

Nossa indulgente era repele tais concepções dos castigos divinos, mas é provável que nossos padrões estejam enfraquecidos e deformados por nosso contato diário com o que é terreno e humano. O amor de Deus não é indulgente e efeminado, mas forte, vigoroso e justo. Somente quando alcançarmos a terra de luz e glória é que compreenderemos verdadeiramente como é horrível o pecado e como é obstinada a apostasia humana. Então, também nós seremos capazes de repetir as solenes palavras de endosso do versículo 7: “Certamente, ó Senhor Deus, Todopoderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos”.

APOCALIPSE 16.10-12

“A Peleja do Grande Dia do Deus Todo-Poderoso.” Todos esses castigos evidentemente se referem à destruição das grandes organizações de falsidade e apostasia que se estabeleceram contra a verdade e a pureza de Deus. O dragão, a besta e o falso profeta constituem o arremedo da Trindade divina, elaborado pelo diabo. O dragão, ao delegar autoridade, corresponde a Deus o Pai; a besta, como o Senhor, está coroada com diademas (Ap 13.1; 19.12); o falso profeta chama a atenção para a besta, como faz o Espírito Santo em relação a Cristo.

O mistério da iniquidade fará um

derradeiro esforço para conseguir o império do mundo, procurando efetivar seu propósito por meio de uma aliança humana. Quando essa aliança tiver alcançado o auge do seu atrevimento, a vinda do Filho de Deus está próxima; daí a necessidade de vigilância e pureza (v. 15). Armagedom é a montanha de Megido, na planície de Esdralom. (Veja Joel 3.2,12,14; também Zacarias 12.11.) A grande cidade simboliza a igreja apóstata, ou que professa ser cristã. A verdadeira Noiva está fora desses castigos, esperando a manifestação do seu Senhor.

APOCALIPSE 17.1-18

Destruição da Grande Cidade Mundial. Essa mulher vestida de escarlata representa a tola tentativa feita em todos os tempos de se falsificar a verdadeira Igreja do Deus vivo. O homem não gosta da religião da cruz, da fé, da auto-negação, e em todas as épocas sempre surge algum falso sistema do qual esses elementos objeccionáveis são eliminados. Não há dúvida de que houve um desses falsos sistemas sucessivamente na Babilônia, em Jerusalém, em Roma, em Londres, em Nova Iorque e outros grandes centros. A sociedade lhes sorri, a riqueza os adorna, o poder humano se une com eles, e em todos os tempos eles se embriagam com o sangue dos mártires.

Entre essa tosca caricatura da igreja e a Igreja autêntica tem havido um eterno conflito. Mas a vitória final permaneceu sempre com o Cordeiro, e se apenas nos colocarmos ao lado dele como os “chamados, eleitos e fiéis” do versículo 14, também seremos mais do que vencedores. No fim, o prestígio e o poder humanos não prevalecerão no conflito contra o piorioso Salvador. E, ao final, os próprios poderes do mundo se voltarão contra a igreja apóstata e adúltera (v. 16). Saíamos dela; separemo-nos!

APOCALIPSE 18.1-13

“Os Seus Pecados se Acumularam Até ao Céu.” Nós já vimos que a mulher de escarlata representa a falsa religião da inteligência e da forma humanas. Ela é contraditória em todos os tempos.

Não existe uma cidade, aldeia ou vila onde ela não atue, procurando desviar os homens de Cristo. O mal é que muitas pessoas realmente espirituais também são iludidas por ela. Nisso elas se assemelham a Obadias, que escondeu os profetas numa caverna e os alimentou, mas estava aliado com Acabe. Para tais indivíduos, que estão tentando manter-se em contato com a Noiva e com a igreja apóstata, a intimação do versículo 4 tem um profundo significado.

Foi unânime o veredicto dos reformadores de que a grande cidade aqui descrita (v. 10) representaria Roma, como a sede da grande apostasia. Se for esse o caso, a mercadoria aqui descrita não se refere ao comércio literal, mas aos prazeres carnis que muitas vezes os falsos sistemas permitem e fomentam, com o objetivo de ganhar a adesão do mundo e dos impuros.

APOCALIPSE 18.14-24

“Calda Como Uma Pedra Dentro do Mar.” Esse trecho descreve a completa desolação que se seguirá quando os juízos de Deus tiverem concluído sua missão para com os que são infiéis, e são cristãos apenas de lábios. Não ousamos dizer o quanto estamos perto do seu cumprimento. Muitas vezes parece que estamos vivendo os últimos dias, “os tempos dos gentios”, e muito perto do cumprimento de tudo o que está escrito nesse livro. É comentário geral que todos os valores religiosos estão sendo alterados. As organizações eclesíásticas, como tais, dão sinais de que estão perdendo sua autoridade sobre as vastas massas do povo, enquanto o coração do homem continua a clamar ansiosamente pelo Deus vivo. A única coisa que podemos fazer é obedecer à ordem do Senhor de vigiar, e tudo fazer para sermos achados, por ele, em paz e mantendo-nos pacientemente em nosso posto. Nesse ínterim, os acontecimentos no distante oriente dão mostras de que as folhas da figueira estão brotando. (Veja Mateus 24.32.)

APOCALIPSE 19.1-10

O Quádruplo Aleluia. Um dia ouviremos esses quatro “aleluias” (vv. 1,3,4,6).

Seus ecos chegarão aos limites do universo. Eles não serão inspirados por vingança nem por sentimento de represália, mas serão exultantes pela convicção de que Deus demonstrou e provou que o bem pode vencer o erro; a verdade vence a falsidade; e o amor, o ódio. Uma de nossas principais expectativas quando pensamos no futuro é que o caráter e o governo de Deus no universo serão amplamente desagravados.

Contemporâneas com a queda de Babilônia serão as bodas do Cordeiro. Antes de ele assumir, com seus santos, a tarefa de governar o mundo, a união de supremo amor se consumirá, e a ceia das bodas estará cheia de convidados. Notemos no versículo 10 que os anjos são nossos conservos. Eles nos tratam como companheiros com a condição de que jamais nos esquivemos de manter o testemunho de Jesus.

APOCALIPSE 19.11-21

“*Rei dos Reis e Senhor dos Senhores.*” Eis aqui uma sublime visão de Cristo, quando ele vem para julgar a besta, isto é, o poder mundial que sempre se coloca em antagonismo aos princípios do reino de Deus. Devemos distinguir entre este castigo e o juízo final. Este precede o reinado milenar; o outro vem depois dele. (Compare com Mateus 24.27,29,37,39.) O sangue de que seu manto está tinto não é o dele mesmo, mas de seus adversários. (Veja Isaias 63.2.) Aqui, por fim, está cumprida a palavra do Salmo 2.9.

Notemos os atributos de Cristo: ele é “Fiel”, porque nos defenderá até ao fim. Ele é “Verdadeiro”, nunca fazendo menos do que prometeu; sempre mais. Ele é puro como a chama. Também tem “muitos” reinos e é “o Verbo de Deus”, isto é, a declaração final e a revelação completa do Altíssimo. Sigamo-lo! Mas, para segui-lo, precisamos assemelhar-nos a ele. Suas vestiduras são naturalmente brancas, mas nós devemos lavar as nossas, para que possamos ter direito à árvore da vida e a entrar na cidade de Deus. (Compare com o Salmo 110.) Será essa também a ocasião à qual o Senhor se referiu em Ma-

teus 13.41. O redemoinho de Deus espalhará a palha.

APOCALIPSE 20.1-6

O *Reiro Milenar*. No capítulo precedente, vimos a besta e o falso profeta recebendo sua punição no lago de fogo. Nesse, o diabo, a morte e o inferno têm um destino semelhante. A imagem, evidentemente, é extraída da terrível tragédia que deixou tão profunda impressão no mundo antigo. (Veja Gênesis 14.10; 19.24; Judas 7.) A última referência é muito interessante, porque ali a sorte das cidades da planície é citada como um exemplo do fogo eterno. Estejamos preparados para participarmos da primeira ressurreição! Que nossos lombos estejam cingidos e nossa lâmpada em ordem, para que possamos ser achados, por Cristo, em paz, no nosso posto e nos preparemos para entrar com ele na festa nupcial. Essa consideração é mais importante, mais crítica do que muitos cristãos pensam. Em comunhão com o Senhor, o povo de Deus deve procurar exercer, sobre os afazeres dos homens, num sentido positivo, a mesma influência que os dominadores das trevas, num sentido ímpio, agora exercem. Graças a Deus — cada dia que passa traz para mais perto de nós essa bem-aventurança.

APOCALIPSE 20.7-15

Diante do Grande Trono Branco. Gogue e Magogue nos levam de volta a Gênesis 10.2. (Veja também Ezequiel 38 e 39.) Parece que essa aliança de nações do norte contra a cidade querida, Jerusalém, será comandada por Satanás, e, de uma vez por todas, esmagada por um ato direto de Deus.

O juízo final é descrito nos versículos 11 a 15. O povo de Deus não comparecerá perante esse tribunal. Toda a raça humana será julgada, com exceção daqueles cujos nomes estão no livro da vida (Jo 5.24). (Veja Êxodo 32.32; Daniel 12.1; Filipenses 4.3 e Apocalipse 21.27.) A morte e o além entregaram os que neles estavam. Que maravilhosa platéia! O trono é “grande”, por causa dos destinos a serem decididos; e “branco” por causa da imaculada pureza do Juiz, que não será outro senão

o Senhor. (Veja João 5.22; Atos 17.31.) Nesses livros certamente estão incluídos a consciência humana (Rm 2.15,16); a Palavra de Deus (Jo 12.48); e as tábuas da memória (Lc 16.25).

APOCALIPSE 21.1-8

“*Novo Céu e Nova Terra*”. Aqui está uma visão da nova criação. É a “restauração de todas as coisas” à qual Pedro se refere em Atos 3.21, e a libertação da criação do cativeiro da corrupção que Paulo prediz em Romanos 8.21. Não há palavras que possam dar uma descrição fiel do que será esse universo, e, mesmo o escritor inspirado se vê forçado a limitar-se a expressões negativas. Ele só consegue mencionar vários elementos causadores de terror e medo, dizendo: “Isso não existirá mais, nem aquilo, nem o outro, tudo que constituiu o terrível fruto do pecado humano”. Uma grande bênção positiva será que algo que foi dado a Israel como símbolo, ali se constituirá numa perpétua experiência da família humana. Comparemos o versículo 3 com Êxodo 25.8. Cuidemos para que, aqui no presente o Senhor Jesus seja o Alfa e o Ômega, o A e o Z de nossa vida. Dessa forma, mesmo nesta existência mortal, podemos começar a experimentar a vida dos redimidos. Podemos herdar todas essas coisas agora, e conhecer a intimidade prevista no versículo 7. Mas temos de “vencer”. Observemos que “os covardes”, isto é, os medrosos, que recuam diante da oposição, são mencionados juntamente com os abomináveis e assassinos.

APOCALIPSE 21.9-27

“*A Santa Cidade*.” A “nova Jerusalém” é a Igreja redimida unida a seu Senhor para governar o mundo inteiro. Essa cidade é, obviamente, a sede do governo imperial. Nessa bendita condição os santos governarão a terra como os poderes das trevas a governam agora. Gozaremos da comunhão dos bons e dos grandes de todos os tempos. Em um sentido literal seremos concidadãos dos santos. Todas as épocas e dispensações se fundirão ali. Veremos anjos nas portas; veremos os nomes das doze

tribos e dos doze apóstolos gravados em letras indelévels para indicar a junção das duas dispensações; as pedras preciosas, diferentes umas das outras para simbolizar a variedade de seu caráter e função, mas todas se mesclando à luz do Cordeiro no trono.

As multidões, felizes, passam pelas portas num êxtase sem fim. As portas, que dão para os quatro pontos cardeais, permanecem sempre abertas; mas ninguém deseja sair, a não ser quando encarregado de alguma missão pelo Rei. Toda a glória e toda a honra do mundo estão reunidas dentro daquelas muralhas, porque Jesus reinará sobre todos os aspectos da vida humana. Na cidade da luz e do amor eternos, haverá espaço para toda beleza, toda arte e toda cultura.

APOCALIPSE 22.1-9

“*O Rio da Água da Vida*.” Os cinco primeiros versículos desse capítulo, obviamente, pertencem ao capítulo precedente, do qual não deveriam ter sido separados. O rio da vida que flui perenemente, prova que a vida inteira dos bem-aventurados procede da vida de Deus, presente no Cordeiro entronizado e comunicado a eles através do Espírito Santo. No Éden, existia uma árvore da vida; na nova Jerusalém há uma árvore em perene frutificação, não mais barrada por uma espada flamejante, mas sempre acessível a todos na praça principal, de modo que todos podem colher seus frutos. Observemos a tripla descrição dos santos: eles servem, contemplam sua face e têm o nome dele na frente (vv. 3,4). Não há noite, com sua escuridão; e nesse deleitoso serviço o descanso não é necessário; não há luz artificial, bastando a luz natural e original; o poder dominante nunca cessa, porque eles reinarão para sempre e sempre.

Quando as visões se acabam, João recebe a garantia de que tudo quanto ele ouviu e viu é realidade e verdade. Parece que o próprio Senhor lhe deu a certeza de que seu advento, se daria muito em breve; e quem pode dizer que essa garantia falhou, se medimos a rápida passagem do tempo com os anos da mão direita do Altíssimo?

APOCALIPSE 22.10-21

"Vem, Senhor Jesus." A palavra "continue" é citada quatro vezes, indicando a permanência do caráter. O galardão aqui mencionado é a recompensa que será dada aos mordomos de Cristo pelo seu fiel serviço a ele, como em Mateus 25.21. Pela quarta vez, aquele que iniciou o livro e o encerra refere-se a si mesmo como o Alfa e o ômega (1.8, 11;21.6). Em versões antigas, lia-se que o caminho para a árvore da vida estava aberto para os que guardassem os mandamentos, mas é mais confortador ler em edições mais atualizadas que tal privilégio é reservado para "os que lavam as suas vestiduras". Notemos a combi-

nação dos vários títulos de Cristo: Senhor de Davi e geração de Davi; a estrela da manhã e sol do céu; o que vem, e cuja volta iminente a criação inteira espera; e a água da vida, da qual quem quiser pode beber. O apelo do versículo 17 é dirigido ao Senhor, pedindo-lhe para apressar-se a vir, e tem sua resposta no versículo 20. Mas, quem dirá se aquele pedido, mais cedo do que pensamos, pode ser respondido por uma transformação espiritual das coisas visíveis e temporais, de modo que, sem interrupção, num piscar de olhos, o véu da matéria seja rasgado e toda a glória iminente do invisível e eterno desponte! Estejamos vigilantes!